This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 490447

1817
ARTES VERITAS SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LX

PARTE I

(1° E 2° TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
93, RUA DOS INVALIDOS, 93

1897

21.394

MISSÃO ESPECIAL

DO

General argentino D. Bartolomeo Mitre ao Brazil em 1872.

NEGOCIAÇÃO CONFIDENCIAL

(Leitura do conselheiro Manoel Francisco Correia no Instituto Historico)

O illustre general Mitre chegou ao Rio de Janeiro no dia 6 de Julho de 1872, e no dia 8 escreveo ao então ministro dos negocios estrangeiros, o cidadão que aprezenta ao Instituto Historico esta memoria, pedindo uma conferencia, que se verificou no dia 9.

D'ella o Sr. general deo conhecimento a seo governo n'esta confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 9 de Julho de 1872. A S. Ex. o Sr. ministro das relações exteriores da Republica Argentina. *

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex., que, como lhe preveni na minha anterior confidencial, dirigi-me ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros do Imperio, annunciando por nota verbal minha chegada a esta côrte, e pedindo uma conferencia para saudal-o particularmente, com o fim de conhecer as dispozições em que se achava este governo. O Sr. ministro respondeo-me immediatamente, convidando-me para hoje, ás 11 horas, no ministerio dos negocios estrangeiros.

---

* D. Carlos Tejedor, que dirigira ao Brazil uma nota agressiva, perturbadora das relações dos dois Estados.

A conferencia teve lugar á hora indicada, e o Sr. ministro recebeo-me muito amigavelmente; e havendo-lhe dito que tinha prazer em tornar a vizital-o, posto que em diverso caracter e com outros fins, replicou-me, infelizmente não tão bem como da outra vez.

A isto respondi, que do mesmo modo quanto a mim, e talvez, sob melhores auspicios quanto ao meo paiz e governo, de cuja opinião e politica acreditava ser genuino reprezentante ao aceitar uma missão de paz e amizade no sentido da união e dos grandes interesses de ambos os paizes. Disse-me, que, a julgar por certos factos, não parecia que assim fosse. Respondi, que os factos provavam eloquentemente, que a boa politica de paz e amizade tinha raizes na vontade nacional, porquanto nem os homens nem os governos teriam podido realizar e manter uma politica contra as rezistencias que, com razão ou sem ella, aqui se suppunha existir contra a alliança e o Brazil, * e que o facto de ser eu enviado para reprezentar a politica que sempre havia sustentado, contando com a confiança do meo governo e a opinião do meo paiz, que me havia encarregado da solução das questões pendentes que nos agitavam, provava, que essa politica tinha vida e predominava nos conselhos e nos sentimentos.

O Sr. ministro falou-me então na publicação das notas, dizendo-me que tinha visto em uma annotação feita pela *Nacion* á circular brazileira ao corpo diplomatico, que era elle accuzado de ter sido o primeiro a publicar as notas, facto que negou, explicando-o do seguinte modo: que até então a discussão não tinha acrimonia; que, tendo-lhe communicado o Sr. Magalhães ** o pensamento do governo argentino de conservar ainda em rezerva os documentos, já lhe havia mandado dizer, que essa rezerva tinha seos limites por cauza da abertura do parlamento,

---

* O Brazil se havia alliado com as Republicas Argentina e Oriental do Uruguay para combater o dictador do Paraguay D. Francisco Solano Lopez, que a todos offendera.

** Dr. Domingos Jozé Gonçalves Magalhães, depois Visconde de Araguaia, então enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil na Republica Argentina.

não só porque tinha por dever dar-lhe contas, como porque, tomando as camaras a iniciativa no negocio por meio de interpellações, poderia isso dar em rezultado a publicidade com mais inconvenientes, levando talvez o governo brazileiro mais longe do que dezejasse. Que a ultima nota do Sr. Tejedor chegou precizamente no momento da crize parlamentar, sobre a qual exprimio-se com diffuzão, entrando em algumas considerações de politica interna, que a nossa intimidade autorizava n'aquella occazião. Falou-me em seguida, repetindo algumas generalidades, sobre o direito de tratar em separado, * o que importava quebra da alliança, desde que podiamos fazer o mesmo; que o Brazil nada havia estipulado em contrario ao nosso direito; estudando entretanto muito suas palavras sobre

---

* As delongas, que não deixavam de ser intencionaes, em concorrer a Republica Argentina para a concluzão em commum do tratado definitivo de paz, no que não oppuzera obstaculo a Republica Oriental do Uruguay, determinaram o governo imperial a enviar em missão especial ás Republicas Argentina, do Uruguay e do Paraguay, o senador pela provincia da Bahia, Barão de Cotegipe (João Mauricio Wanderley), declarando eu então ao reprezentante da Republica Argentina: « Vae o Barão de Cotegipe, mas é a primeira e a ultima missão especial que mandarei ao Rio da Prata. »

O Barão reconheceo, em negociação com o Sr. Quintana, reprezentante argentino, o propozito de delonga, provavelmente para obtenção de certas concessões; e pedio permissão para negociar separadamente com o Paraguay.

Pareceo-me, que convinha mais ao Brazil o risco da negociação separada, contra a qual se poderia allegar o tratado de alliança, do que eternizar a questão quando eram sómente forças brazileiras que occupavam Assumpção, com grande dispendio, e sem que o Brazil tivesse a minima pretenção a conquista de qualquer ordem.

Levada a questão á conferencia ministerial, o prezidente do conselho senador Visconde do Rio-Branco (Jozé Maria da Silva Paranhos) perguntou qual a minha opinião. Respondi, que, si S. Ex. e os collegas não se oppuzessem, eu concederia a autorização. O Visconde do Rio-Branco, votando no mesmo sentido, observou: « no desempenho da missão ora confiada ao Cotegipe, pedi-a, e si a tivesse obtido, não havia sido acoimado de *pasteleiro diplomatico.* »

A Sra. D. Izabel, Princeza Regente, concordou: o Barão negociou separadamente; e era a essa incandescente questão que o general alludia.

Um incidente. Convidei o Barão de Cotegipe para esta missão no theatro lyrico, no intervallo de um para outro acto da opera. Observou-me: « pois este lugar é proprio para negocio de tal ordem? » Respondi: « todo o lugar é proprio para promover o bem publico. » O Barão retorquio: « vou pensar, e dar-lhe-hei a resposta amanhan. »

este ponto, pareceo-me, com o conhecimento que tenho das pessoas, que eram eco das opiniões que hoje professa o Sr. Paranhos, * quanto a considerar a alliança limitada aos fins da guerra, vendo unicamente nos ajustes definitivos os meios de pôr-lhe termo de uma forma qualquer, como se havia posto fim á propria guerra.

Minha resposta foi dirigida tanto ao meo interlocutor, como ao personagem, que me parecia falar pela boca do Sr. Correia. Disse-lhe, que não vinha fazer o processo dos actos nem das opiniões de quem quer que fosse; que professava opiniões diametralmente oppostas, como elle sabia. não á vista dos argumentos que podiam escurecer momentaneamente o texto claro dos compromissos internacionaes, mas em prezença do sentido recto e genuino dos tratados de alliança e protocollos complementares que deviam ser, em todo o tempo, o ponto de partida, assim como suas consequencias logicas deviam ser o nosso ponto objectivo; que portanto minhas convicções tinham sido inspirados n'essas fontes, a fim, não de discutir, porém de fazer politica, tendo em vista os factos posteriores que se deram; que o governo argentino não pretendia annullal-os, mas harmonizal-os com o plano geral da alliança, quanto aos seos rezultados definitivos.

Que n'esse espirito pratico e elevado tinha sido concebido o plano da minha missão, e que o proprio ministro das relações exteriores da Republica Argentina declarára francamente em conselho, que a discussão por meio das notas de governo a governo não fazia sinão complicar a questão, e que por isso era eu nomeado e havia aceitado.

Que, á minha chegada, soube da resposta d'este governo, sobre a qual deixei de emittir meo juizo, dizendo-lhe entretanto, que ella liquidava a conta das notas, como a imprensa de ambos os paizes havia liquidado a sua. Que portanto era o tempo de trasladar a discussão para os actos diplomaticos a fim de produzir rezultados que aclarassem a situação e pacificassem os espiritos, restabelecendo as cordiaes relações e sem admittir a

* O prezidente do conselho de ministros.

hipothese de uma guerra entre dois povos que haviam combatido durante cinco annos pela paz d'estes paizes, e tinham seos mortos enterrados em santa fraternidade, acrescentei, que considerava a idéa da guerra como uma immoralidade, que nos cobriria de opprobrio perante o mundo, degradando-nos como nações civilizadas.

Esta mesma perturbação accidental em que nos achavamos era um verdadeiro escandalo que não devia prolongar-se por mais tempo, procurando-se de commum acordo uma solução igualmente decoroza e conveniente para ambos.

O Sr. ministro, que até então manifestára certa rezerva, ou antes certa irrezolução por pizar em um terreno que não conhecia, quiz exploral-o, dizendo-me que, si eu estava autorizado para responder a nota ou para propor alguma coiza, nos poderiamos entender.

Então declarei-lhe, que a minha opinião era, que a ultima nota seria provavelmente a sua, segundo o que me manifestára o meo governo, a resposta a ella seria referir-se ao que eu fizesse ou dissesse, e n'esse sentido havia eu escripto confidencialmente para Buenos-Aires, quando aqui tive conhecimento da sobredita nota. Que portanto me considerava habilitado a ser recebido e occupar-me desde logo com o objecto de minha missão especial.

A resposta do Sr. ministro foi mais expansiva que as anteriores, entrando em algumas explicações sobre o alcance de sua ultima nota, dizendo que, por sua parte, se havia limitado ao estrictamente necessario, evitando tocar na ingrata recordação de Ituzaingo, que, com justo motivo, excitára a animozidade do Brazil, fazendo algumas alluzões a conceitos que poderiam parecer offensivos.

A minha resposta foi franca e ao mesmo tempo satisfatoria, dizendo-lhe que, reconhecendo precizamente esta intenção por parte do gabinete do Brazil, o meo governo havia encarado esta questão como um assumpto que deveria ser tratado tranquillamente entre homens de estado; que a questão das notas e das pretendidas offensas, ou satisfações reciprocas a que pudessem dar lugar, já estava felizmente terminada, e que me era agradavel poder dizer-lhe que nas minhas instruções se previa o cazo de

enxergar o Brazil alguma offensa em nossa ultima nota, autorizando-me ellas a declarar que a intenção do governo argentino nunca tinha sido offender o povo nem o governo brazileiro, declaração que eu não teria escrupulo em fazer por escripto. Que a referencia a Ituzaingo não tinha siquer uma intenção offensiva, e que, assim como S. Ex. me havia declarado, elle m'o havia dito antes, que a de Caseros tivera por unico objecto ennobrecer mais nossa alliança, a recordação de que algum dia tivessemos estado em guerra por questões, que eram triste herança da metropole, não teve nem podia ter outro fim sinão significar que essa guerra não nos pôde impedir de realizar allianças e actos politicos generozos de que a Republica Argentina jamais se esqueceria, e que esperava, como era previsto nas instruções, que seria essa a politica constante do prezente e do futuro.

Considerando-me sufficientemente compenetrado das dispozições em que se acha este governo, dei por terminada a conferencia, dizendo-lhe que brevemente passaria nota pedindo ser recebido no meo caracter diplomatico, e annunciei-lhe, que o faria no dia seguinte.

O Sr. ministro disse-me que, si lh'a enviasse hoje, amanhan mesmo levaria á prezença do Imperador, e me responderia immediatamente, perguntando-me si pronunciaria algum discurso por occazião da recepção; ao que respondi, que enviaria copia d'elle, como é de estilo.

Hoje mesmo passei a nota indicada, e espero poder, pelo proximo correio, dar conta a V. Ex. da minha recepção.

A opinião publica d'este paiz está tranquilla, assim como a sua imprensa; todos anhelam um acordo amigavel entre os dois paizes, o que confirma, cada vez mais, a idéa que emitti na minha anterior * de que o governo do Brazil tambem o dezeja, segundo se deduz da conferencia de que acabo de dar conhecimento a V. Ex. Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre.*»

---

* Não tive noticia d'esta confidencial. As que aqui se encontram foram extrahidas do relatorio do ministro das relações exteriores da Republica Argentina.

Assim como o Sr. general Mitre tinha de communicar confidencialmente ao seo governo o que occorria, eu devia proceder do mesmo modo para com os meos collegas de gabinete, e para com o augusto chefe do Estado. Por isso escrevia tambem o que se dava nas conferencias immediatamente depois que ellas se realizavam.

Esses escriptos foram coordenados em um livro pelo zelozo director geral interino da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, conselheiro Alexandre Affonso de Carvalho.

A cada uma das communicações do general Mitre acompanhará o que foi correspondentemente por mim escripto.

Em prezença de uma e de outra expozição, o Instituto formará seo juizo, e conhecerá a verdade no que possa por ventura interessar á historia a negociação confidencial de que me occupo.

A negociação publica de que se lhe seguio foi encarregada pelo governo do Brazil ao habil e competente senador e conselheiro d'estado Jozé Antonio Pimenta Bueno, Marquez de S. Vicente; e é bastante conhecida.

Eis a parte do livro a que fiz referencia, correspondente á transcripta confidencial do general Mitre:

«O Sr. general disse-me, que se aprezentava em uma missão de paz, e cheio da melhor vontade de arranjar diplomaticamente, no pé da mais perfeita amizade, as questões entre os dois governos: que, si as notas do Sr. Tejedor não tivessem sido respondidas, elle estava autorizado para declarar ao governo imperial officialmente, que não devia ver a menor offensa n'essas notas, que não havia a menor intenção de fazel-a; que devemos considerar a questão, por meio de notas, terminada, dando por feito o que se achava feito, aceitando tudo como está, desde o tratado de alliança até aos de Assumpção, e a ultima discussão, procurando em conferencia solução pratica para as questões, de modo que a amizade entre os dois Estados se renove a bem não só do prezente, sinão do futuro, pois que seria um opprobrio que duas nações, que juntas se cobriram de tanta gloria, agora fossem gladiar uma contra outra.

Que elle tem as mais amplas faculdades; que, póde dizer, reprezenta a opinião unanime do seo paiz, do governo, do povo: todos querem a paz e a harmonia. Seo embarque congregou todo o povo; S. Ex. só disse: é este o exercito de paz com que quero pelejar.

Observando-lhe eu que antes de tudo careciamos de dar resposta ás ultimas notas, disse, que ella seria no sentido de dar por finda a discussão de governo a governo, e de passarem os negocios para o seo reprezentante no Rio de Janeiro.

Mas é precizo, ponderei eu, que essa resposta attenue a impressão desagradavel cauzada pela correspondencia anterior.

Ficou de mandar-me a nota, pedindo dia e hora para seo recebimento, e copia de seo discurso, que será o mais pacifico e amigavel.

Disse-lhe do meo lado, a receber seos cumprimentos, que começaram mui bem nossas relações particulares, que eu muito apreciava, e sentia, que se déssem os motivos sabidos para não começarem da mesma fórma as relações politicas.

Observou elle, que faria o possivel para que não houvesse separação entre umas e outras.

Disse-lhe mais, que não se podia deixar de responder, como se respondeo, á nota do Sr. Tejedor; mas que tendo o congresso argentino intervindo na questão, as camaras brazileiras, se estivessem reunidas, approvando como, em sua maioria ao menos, approvavam a politica externa, discutiriam tambem a questão; e as coizas podiam ir muito adiante. Que por isso fez bem a *Nacion* * em não applaudir o congresso; mas que, attendendo a tudo isto e á linguagem da imprensa, eu era agradavelmente sorpreendido com a noticia de que o governo e povo se uniam em torno de sua missão para indicarem seo pendor a favor da paz e da amizade ao Brazil.

Disse-lhe, que a nota havia offendido a susceptibilidade popular, fazendo referencia a Ituzaingo, á qual,

---

* Folha do general Mitre.

como vio, de propozito a nota brazileira não deo resposta alguma. Si désse, no sentido unico em que podia ser, podia apparecer alguma manifestação, que não seria favoravel ao fim de sua missão.

Respondeo, que, si não estivesse a nota respondida, mesmo sobre Ituzaingo daria explicações convenientes.

Acrescentei, que não via motivo sufficiente para a celeuma que se levantou na Republica Argentina a propozito do que occorreo em Assumpção, pozição que o Sr. Quintana tornou forçada.

A Republica Argentina podia fazer o que o Brazil fez, negociando do mesmo modo com o Paraguay.

Falei ainda em que não podia deixar de publicar os documentos no relatorio, sabida como era a existencia do protesto e da reclamação argentina ; aproveitando a occazião para dar resposta a uma observação da *Nacion*, que tornava o governo brazileiro responsavel pela discussão publica. »

Como vê o Instituto, os pontos principaes da conferencia são referidos de modo similhante, sendo sómente para sentir que o general Mitre não tivesse dado a importancia que o governo imperial dava á necessidade de attenuar o governo argentino, em sua resposta, a desagradavel impressão que nos havia cauzado a nota de 27 de Abril. Mas, em outra confidencial, o illustre plenipotenciario exprime-se de modo que justifica as palavras que sobre este ponto escrevi.

Na sua primeira confidencial, como em outras, o Sr. general, dando mais uma prova da finura que lhe reconheço, penetra em minhas intenções ; mas, além do risco que ha sempre que se pretende devassar o segredo da consciencia, devo observar, que muita vez parece vacillação, timidez, irrezolução, o que é procedimento imposto pelo dever nas circunstancias em que se acha um alto funccionario, conscio da grande responsabilidade que sobre elle peza, e cujos actos vão reflectir sobre sua patria, a qual só deve ser arrastada aos dolorozos sacrificios que a guerra impõe em conjunturas extremas, quando de outra fórma não podem ser resalvados seos direitos e sua honra.

Faço esta observação para de uma vez dizer o que me cumpre acerca dos pontos em que o plenipotenciario argentino trata de minhas intenções.

Em uma das confidenciaes S. Ex. diz, que mostrei-me impressionado com suas reflexões, a que oppuz uma contestação pouco preciza, e sem encadeamento logico. Não me cabe avaliar a procedencia d'esta observação. Notarei sómente, que o Sr. general, referindo uma conferencia com o prezidente do conselho Visconde do Rio-Branco, amestrado diplomata, diz tambem, que S. Ex. ficára impressionado com a manifestação que elle fizera em termos categoricos, e não se havia animado a insistir em um ponto de que se occupára, e em declarar que era essa a ultima palavra do governo imperial.

Observa o Sr. general, que, em certo ponto, vio em minhas palavras o éco das do prezidente do conselho. Não se enganou; mas si quizesse exprimir-se com mais exactidão deveria dizer que n'ellas vio o éco, não d'este ou daquelle ministro, mas de todo o gabinete, pois que eu repetia a opinião uniforme de todos os ministros.

Refere tambem S. Ex., que fiz observações acerca da politica interna, autorizadas por nossas relações. Assim foi, embora eu não as escrevesse, por ser isso ociozo em escripto destinado a ser lido a meos collegas. O mesmo não se dava em relação ao plenipotenciario argentino. Sabe o Instituto, que não raras vezes as occurrencias da politica interna influem nos acontecimentos diplomaticos.

O cazo foi que a nota agressiva do Sr. Tejedor me veio ás mãos no momento em que eu me dirigia para o paço de S. Christovão, onde o ministerio ia propor a Sua Magestade o Sr. D. Pedro II a dissolução da camara dos deputados, * na qual não tinha o precizo apoio,

---

* O meo voto foi pela dissolução, que o Imperador concedeo.

Terminada a luta que entre os conservadores se travára por motivo da lei da libertação dos filhos da mulher escrava, deram-se vagas no ministerio. Pretendeo este reunir de novo o partido e extinguir a dissidencia, dando entrada no gabinete a um dos membros mais moderados da facção contraria áquella lei, o Sr. conselheiro Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, ex-ministro, e deputado pela

em consequencia de haver proposto o projecto, convertido na lei de 28 de Setembro de 1871, que secára a fonte da escravidão, declarando livres os filhos de mulher escrava, passo agigantado para a libertação total que a lei de 13 de Maio de 1889 consummou, não vacillando jámais o meo voto quanto a essas e outras providencias tendentes a abolição da nefasta instituição, tão prejudicial á raça oppressora como opprimida.

Tem-se pretendido, que o apoio que a familia imperial deo a essas medidas contribuio poderozamente para o estabelecimento da Republica. Entretanto a Republica vangloria-se da extinção da escravidão: o dia 13 de Maio foi declarado de festa nacional.

Mas, assim sendo, nenhuma dinastia teve mais afortunada terminação, no meio dos applauzos da humanidade. Nem é menos glorioza a sua mortalha que a d'aquelle almirante que envolveo-se, perdida a batalha, na bandeira da patria, e com ella precipitou-se no seio das ondas.

Entregue como me foi a extensa nota argentina, em momento tão apurado da politica interna, quando

---

provincia da Bahia. Como eu entretinha com elle relações mui particulares, o prezidente do conselho confiou-nos o encargo de falar-lhe autorizando-me para declarar que com elle entravam a coparticipar na administração os nossos amigos divergentes, aos quaes elle reprezentaria, podendo retirar-se do ministerio se verificasse, que tal não era o propozito. Não se tratava com effeito de enfraquecer a dissidencia. Apezar das minhas instancias, o conselheiro Taques, tendo ouvido a seos companheiros, não acquiesceo. Depois d'isto, tratando-se da dissolução da camara dos deputados, o meo voto era fatal. A luta que ia dar-se nas urnas não podia ser evitada, e não aprezentava caracter ameaçador.

Não procedi da mesma sorte quando em 1889 o ministerio conservador, prezidido pelo senador por Pernambuco conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, propoz a dissolução da camara do mesmo partido, que igualmente se scindira depois da lei de 13 de Maio. No conselho d'estado opinei em sentido contrario. A luta que se teria de travar affigurava-se-me de consequencias desastrozas, estando de um lado só a fracção dominante do partido conservador, e do outro a fracção dissidente e os partidos liberal e republicano, elementos que em tal momento politico, eu tinha por conveniente não colligar em uma oppozição commun.

A camara veio a ser dissolvida pouco depois; mas por um ministerio liberal, o ultimo da monarchia, prezidido pelo senador por Minas-Geraes o conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro-Preto.

frequentes eram as conferencias ministeriaes, não se offereceo opportunidade para apressar a traducção que logo mandei fazer, de sorte que, ao occupar-se de novo o governo com aquella nota, algum tempo havia decorrido ; e forçozo foi responder da fórma, que é conhecida. Fica dest'arte explicado porque não se pôde mais considerar a questão, extremamente grave, de ser a nota devolvida, como depois alguns entenderam, que se devera ter feito. E assim foi melhor, como os successos posteriores demonstraram.

A confidencial seguinte é n'estes termos :

« Confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 17 de Julho de 1872.

A' S. Ex. o Sr. ministro das relações exteriores da Republica Argentina. Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex., que, no dia 12 do corrente, vespera de minha recepção, fiz uma vizita particular ao Sr. Visconde do Rio-Branco, prezidente do conselho de ministros, correspondendo assim á saudação particular que me dirigio á minha chegada.

Nossa conversação se prolongou por duas horas e meia, sendo o assumpto d'ella as questões pendentes entre ambos os paizes, em ton animado, porém amigavel e confidencial.

O Sr. Visconde do Rio-Branco disse-me, que o Sr. ministro dos negocios estrangeiros havia dado conta detalhada a S. M. o Imperador da conferencia que tivemos (a qual já communiquei a V. Ex.), achando-se prezentes os ministros do Imperio. Que estava hoje compenetrado do espirito amigavel do governo argentino, e que via na minha escolha uma prova d'isso ; que no interesse porém do exito dos acordos, devia assignalar algumas difficuldades, fazer algumas confidencias e aprezentar-me queixas que deviam ficar entre ambos.

As difficuldades que assignalou o Sr. Rio-Branco podem reduzir-se ás seguintes: 1.ª a necessidade ou conveniencia de uma resposta por parte do governo argentino á ultima nota brazileira, para restabelecer de todo a boa harmonia; 2.ª a participação que a Bolivia podia e devia ter como ribeirinho nos ajustes sobre a navegação commun

do alto Paraguay; 3.ª as questões de limites com a Bolivia, resalvadas pelas notas reversaes; 4.ª a falta de reprezentação do Estado Oriental na questão que se ventilava.

Com este motivo entrou o Sr. Visconde do Rio-Branco em varios pormenores e confidencias interessantes, que não consigno aqui, porque, havendo-me dito que ficavam entre nós, julgo dever omittil-as, não sendo por outro lado essenciaes ás questões pendentes.

As difficuldades enunciadas pelo Sr. Rio-Branco contestei detidamente: 1.°, que a prolongação da discussão por nota era o que se havia procurado evitar com a missão especial, e que isso era complicar o que se aprezentava facil, conveniente e decorozo para ambos; 2.° que a participação da Bolivia nos ajustes de navegação a que se referia não me parecia estar incluida nas estipulações da alliança, nem no quadro de nossas negociações; que em todo cazo porém seria ella uma consequencia do nosso acordo, e não uma difficuldade prévia que se tivesse de remover; 3.°, que as pretenções da Bolivia, que a nota do Brazil fazia chegarem até á embocadura do Bermejo, não passavam da margem septentrional do Pilcomayo, segundo se via do folheto recentemente publicado pelo Sr. Aguirre; o Sr. Rio-Branco disse-me, que esse trabalho publicava-se actualmente na *Nação*, diario ministerial officiozo, a que se diz não ser estranho o ministerio *; acrescentando eu que em todo o cazo era questão que se tinha de rezolver entre a Bolivia e a Republica Argentina, como limitrofes; 4.°, que a falta de reprezentação do Estado Oriental não era obstaculo; que, pelo contrario, facilitava o acordo, havendo na alliança precedentes sobre este modo de proceder, estipulando-se que o acordo lhe seja opportunamente submettido, contando-se com sua aceitação em sentido pacifico e amigavel.

No correr da conversação tive occazião de dizer ao Sr. Visconde do Rio-Branco, que a minha missão era tão

---

* Fazia parte da redacção o filho do prezidente do conselho, o Sr. Barão do Rio Branco, que com tanto brilho reprezentou o Brazil perante o prezidente dos Estados Unidos da America do Norte, Grover Cleveland, arbitro na questão do territorio das Missões.

séria quanto amigavel, e que, quando se procurava directamente os meios de chegarmos a um acordo a respeito das pequenas difficuldades que me assignalava, as quaes provavam que não existiam outras de importancia, ver-se-ia n'estas difficuldades pretextos para prolongar uma situação que, mantendo a inquietação, nos desacreditava dentro e fóra do paiz, e que era indecorozo e até um escandalo que ella se prolongasse por mais tempo do que o necessario para nos entendermos amigavelmente; no que conveio o Sr. Rio-Branco, concordando, ao terminar a conferencia, em que a situação devia definir-se quanto antes n'esse sentido, removendo-se com reciproca boa vontade qualquer difficuldade.

No dia 14 (o subsequente á minha recepção), ao fazer ao ministro dos negocios dos estrangeiros a vizita do estilo em sua caza, tratei de verificar o espirito de certas insinuações do Sr. Rio-Branco, e convenci-me de que a primeira difficuldade por elle apontada tinha por fim obter que em nossa resposta se désse uma especie de satisfação ao incidente da nota; o que repelli vigorozamente, dizendo ao ministro que era procurar *midi á quatre heures*, tornando ao terreno das difficuldades de que felizmente iamos saindo, e que, si me levassem a elle, diria o que não queria nem tinham ainda ouvido, respondendo até aos epigrammas de sua ultima nota; e esboçando a largos traços uma especie de contra-memorandum, que me parece ter impressionado bastante ao Sr. ministro, terminei por declarar que não estava longe de aceitar qualquer fórmula ou expediente, que, restabelecendo a antiga cordialidade, facilitasse o acordo ulterior.

Conviemos, como eu já havia convindo com o Sr. Visconde do Rio-Branco, que, não obstante haver annunciado confidencialmente qual seria a resposta do governo argentino á nota brazileira, estando pendente essa resposta, devia esperar que ella fosse recebida para proceder-se depois officialmente. Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre.*

Nada me cabe dizer sobre a primeira parte da confidencial referente a uma conferencia entre o general e o prezidente do conselho.

Eis o que escrevi sobre a segunda parte:

«O Sr. general, vindo á minha caza, disse-me, que havia estado na vespera com o Sr. Visconde do Rio-Branco, e ficára certo de que deviamos esperar pela resposta do Sr. Tejedor para o começo das negociações; tendo sabido pelo mesmo Sr. Visconde, que de sua primeira conferencia comigo haviam sido inteiramente informados S. M. o Imperador e meos collegas. A isto observei que era dever meo fazel-o, e que necessitavamos, sem duvida, esperar a resposta do governo argentino para vermos o que cumpre fazer.

Informou-me, que essa resposta seria, como na primeira conferencia me dissera, que passava a questão a ser tratada por seo plenipotenciario n'esta côrte.

Ponderei ainda, que convinha tambem attenuar a parte que se podia ter por offensiva em a nota de 27 de Abril, e recordei, que, na primeira conferencia, S. Ex. me assegurára que, si a nota não estivesse respondida, elle estava autorizado para declarar que da parte do seo governo não havia a menor intenção de offensa.

Confirmou, que assim faria, mas que agora, depois da resposta, essa attenção devia ser reciproca, pois que tambem o governo imperial déra motivo de queixa ao argentino.

Observei, que a nossa resposta ficou, n'esta parte, muito aquem da nota argentina, e que uma coiza é responder e outra provocar. Redarguio, que podia dizer-se que a provocação era nossa, desde a pouco amigavel circular de 3 de Fevereiro, * onde se dizia, que o Paraguay com razão ligava importancia á questão de limites do lado do Chaco; que depois, esquecendo-nos de que a Republica Argentina começára a auxiliar a guerra contra o Paraguay com 20.000 homens, fizemos reparo em que retirasse parte de suas forças para garantir a ordem interna, quando o fizera ainda a bem da alliança.

---

* Todos os documentos a que se faz referencia encontram-se nos relatorios do ministerio dos negocios estrangeiros.

Disse-lhe em resposta, que, a meo ver, era em verdade com razão que o Paraguay ligava importancia áquella questão de limites, pois que a occupação da Villa Occidental era para elle uma inquietação permanente; que, assim se exprimindo, o governo imperial manifestava uma opinião, que podia ser qualificada de um tanto expressiva, mas que de nenhuma forma era offensiva, nem prejudicava em coiza alguma o direito que para essa occupação allega ter a Republica Argentina; que na propria circular podia ainda menos enxergar-se offensa, quando não se descobre outro meio mais moderado e conciliador para protestar contra a grita de toda a imprensa argentina, que accuzava o Brazil de haver violado o tratado de alliança, e o aprezentava perante as nações como tendo tido procedimento menos digno. Era precizo pôr as coizas em seus devidos termos, e ao pé da accuzação collocar a defeza.

A não pretender-se que o governo imperial devia cruzar os braços em prezença de tão graves accuzações, dezejava eu saber que meio mais inconveniente podia empregar do que aquelle de que lançou a mão.

Acrescentei, que, na apreciação da questão de offensa, havia uma circunstancia deciziva a favor do Brazil.

Conhecidas no Imperio e nas Republicas Argentina, do Uruguay e do Paraguay a circular de 3 de Fevereiro e as notas de 21 e 22 de Março, nenhuma voz se levantou na imprensa ou em outra parte accuzando-as de offensivas ao governo argentino; mas que, pelo contrario, assim que foram publicadas as notas do Sr. Tejedor de 27 de Abril, foi a imprensa argentina a primeira que as considerou taes; no que foi acompanhada pela brazileira e outras.

Ainda com referencia á circular disse o Sr. general que havia que notar que fosse ella prezente aos governos das Republicas que, durante a guerra, se mostraram tão contrarias á alliança; era isso falar do alliado em prezença do adversario. Respondi, que a apreciação era inexacta; não se fazia exprobação alguma ao alliado; explicavam-se actos do governo imperial; fazia-se ouvir a defeza, e esta devia chegar a toda parte onde chegára a

accuzação. Si d'esta havia noticia na Bolivia e no Perú, justo era que lá chegasse a contestação do governo imperial.

Queixou-se ainda o general de que se estivessem tratando separadamente com o Paraguay sem notificação directa ao governo argentino, como alliado; não julgando que o Sr. Barão de Cotegipe devesse limitar-se á declaração, que fizera na ultima conferencia de Assumpção. Notei, que S. Ex. ligava demaziada importancia a uma formalidade, que aliás era escuzada depois de tão solemne declaração, e que em nada alterava a situação.

« Observou mais o Sr. general, que devia terminar a discussão por notas e memoranduns que com memoranduns e notas se respondesse, e que deviamos entrar no caminho das soluções praticas, sendo que, si não as encontrassemos, nem por isso deixariamos de continuar amigos.

Disse-lhe, que, para rezolvermos isto, careciamos ver as respostas de seo governo, que S. Ex. concordou em aguardar.»

Da confidencial de 17 de Julho vê-se, que o general Mitre já se compenetrava do alcance que o governo imperial ligava á resposta argentina, no sentido de attenuar a desagradavel impressão da nota de 27 de Abril ; e querendo ver si d'isso desistiamos, esboçou, como S. Ex. diz, uma especie de contra-memoranduns, cuja substancia se conhece pelo que escrevi.

A leitura que acabo de fazer deve ter convencido ao Instituto de que não havia nada que receiar quanto ao descredito que podia trazer-nos o contra-memorandum, si viesse a ser escripto.

Versa sobre assumpto de grande interesse a seguinte: Confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 27 de Julho de 1872.

A' S. Ex. o Sr. Ministro das relações exteriores da Republica Argentina. Sr. Ministro. Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. que, hoje pela manhan, recebi uma vizita particular do Sr. ministro dos negocios estrangeiros, por motivo de minha enfermidade, quando ainda não havia chegado ás minhas mãos a nota de V. Ex. de 15 do corrente, accuzando o recebimento das ultimas d'este governo.

A's 7 horas da noite recebi uma segunda vizita do mesmo Sr. ministro, que, para dar-me uma prova de sua boa vontade e espirito amigavel, segundo me declarou, vinha conferenciar commigo acerca da resposta que acabava de chegar ás suas mãos e patentear-me suas impressões antes de dar-lhe seguimento.

O Sr. ministro dos negocios estrangeiros disse-me então, que a resposta do governo argentino não facilitava a translação da questão para o terreno dos factos, antes a complicava por deixar pendente o que se referia á impressão que cauzára a nota argentina, cujos conceitos eram reiteirados e de certo modo aggravados em todas e em cada uma de suas partes, referindo-se secamente aos direitos da Republica e á alliança, sem uma fraze siquer que correspondesse ao espirito amigavel da nota brazileira e ao sentimento que segundo parece, aconselhára a minha missão especial.

Respondi ao Sr. ministro, que o governo brazileiro no proprio facto de replicar, sem formular nenhuma accuzação ou queixa sobre o tom ou fórma da nota argentina, punha fóra de questão, que ella pudesse ser offensiva; o que lhe constava não haver estado na mente do governo argentino, não tendo mesmo cabimento em uma expozição de factos e discussão de doutrinas em que, sustentando-se o direito proprio, não se offendia nem o decoro, nem o direito alheio.

O Sr. ministro replicou-me, que o governo brazileiro, no interesse das boas relações compromettidas pela excitação publica, havia procurado não formular exigencia alguma que alimentasse a opinião agitada, limitando-se a fazer sentir a impressão que a nota argentina lhe cauzara, facilitando assim ao governo argentino os meios de rezolver espontaneamente a questão de fórma, pendente de governo a governo; insistindo em que a simples accuzação de recebimento sem correctivo algum do passado e sem nenhuma palavra relativamente ao futuro que facilitasse entrar desde logo no fundo da questão, collocava o governo brazileiro em uma pozição difficil, como já fôra mui difficil sua pozição, quando respondeo á nossa nota nos termos em que o fez, tratando de acompanhar a

opinião de seo paiz até onde era prudente, porém evitando exacerbal-a; procedimeto que esperava houvesse sido apreciado e retribuido pelo governo argentino.

Respondi ao Sr. ministro, que a fórma entre homens intelligentes e de boa vontade, tinha por objecto entenderem-se quanto ao fundo das coizas, e que me parecia que a difficuldade de fórma que elle assignalava podia levar-nos á verdadeira complicação que receava. Que a nota do governo argentino não era uma resposta, mas uma simples accuzação do recebimento e ao mesmo tempo uma nova credencial, que me habilitava para dar a resposta pendente em nome do meo governo. Que o que de menos se encontrava, isto é, uma fraze mais ou menos significativa que preenchesse o objecto dezejado, podia eu supprir em uma nota que passasse, mantendo as doutrinas sustentadas pelo governo argentino; sustentando simplesmente, sem entrar em novas discussões, que o tratado conjunto ou simultaneo era de direito, sem por isto prescindir dos factos que com elle pudessem harmonizar-se, formulando em termos genericos uma coiza que me collocasse em terreno mais pratico do que a fraze que se achava de menos para nos podermos occupar desde logo do fundo da questão sem maior perda de tempo. Que para isso havia sido acreditado em missão especial e que o que eu dissesse, como o declarou o governo argentino, seria como dito por elle e devia bastar, evitando-se assim novas complicações de fórma que nos afastavam do fim que todos deviamos dezejar e dezejavamos, tanto mais quanto o governo brazileiro, em sua nota, a unica especie de exigencia que formulou de uma maneira indirecta foi que necessitava saber quaes eram as exigencias do governo argentino, isto é, o que eu estava encarregado de declarar no espirito mais amigavel.

O Sr. ministro disse-me, que, abundando n'esse mesmo espirito, queria facilitar o andamento dos trabalhos da missão especial, deixando liquidada a questão de fòrma de governo a governo, para entrar na do fundo. Que o que eu indicava era entrar já na de fundo. Que a discussão directa de governo a governo fôra iniciada pelo argentino, prescindindo dos meios diplomaticos que tem menos alcance.

Que portanto para encerrar esta discussão, sem mesmo leval-a adiante, dando-a por esgotada de parte a parte, cabia ao governo argentino dizer alguma coiza que restabelecesse de todo a cordialidade, e permittisse que nos occupassemos dos meios de chegar a um acordo perfeito.

Interpellado por mim o Sr. ministro sobre qual seria mais ou menos o teor da fraze que entendia faltar, disse-me vagamente, talvez para não dar ás suas palavras caracter de exigencia, que poderia dizer-se pouco mais ou menos, o que eu teria dito no cazo de que a nossa nota não houvesse sido respondida quando cheguei. .

Que o governo argentino, para não falar de nação a nação (*sic*), havia deplorado ou sentia a situação que se creára por effeito das notas, e a impressão manifestada pelo governo do Brazil, não tendo havido da sua parte a intenção de offensa, inimizade ou coiza similhante ; emfim alguma coiza que salvasse a difficuldade de fórma que considerava séria, mesmo antes de consultar a seos collegas, e que dezejava pudesse ser regulada amigavel e confidencialmente, sem dar á nota andamento official.

Comprehendendo que no fundo o Sr. ministro tinha alguma razão, e vendo no passo que dava uma prova de sua bôa vontade, insisti comtudo em que aceitasse o que já eu lhe havia proposto, isto é, dirigir-lhe uma nota supprindo o que se encontrava de menos ; ao que me respondeo, que em sua opinião isso não rezolvia a difficuldade, entrando em outras considerações que me convenceram de sua boa fé e espirito amigavel.

Por ultimo conviemos particularmente nos seguintes pontos : 1.° manter rezervada a resposta de V. Ex. na suppozição de não ter sido publicada em Buenos-Aires ; 2.° dar conhecimento ao meo governo d'esta conferencia confidencial, submettendo á sua decizão o meio indicado pelo Sr. ministro e a modificação proposta por mim ; 3.° consultar entretanto seos collegas a respeito da modificação por mim proposta, no intuito de evitar novas complicações de mera fórma ; 4.° ficar entretanto a nota na pasta do Sr. ministro como não passada, até que o governo argentino rezolvesse o negocio ou se encontrasse

com mais vagar um meio digno e amigavel de rezolver a difficuldade assignalada pelo Sr. ministro.

Esta não é a formula, mas o rezumo das concluzões a que chegámos.

A' vista do exposto, fico á espera do que V. Ex. me communicar sobre o assumpto, sem prejuizo de insistir em que se adopte o meio por mim proposto; o qual não vejo que tenha muita probabilidade de ser aceito, salvo si eu disser em nome do meo governo mais que elle proprio diria.

Eis a razão porque me offereci espontaneamente para dar conhecimento a V. Ex. d'esta conferencia, declarando que o meo governo não acharia inconveniente em acrescentar em sua nota algum conceito que preenchesse o fim dezejado, si em tempo houvesse sido prevenido d'isso, e que provavelmente não o teria tambem agora, porém que deixava livre sua acção para optar ou pelo acrescimo á nota do conceito que se encontrava de menos, ou pelo meio que eu havia proposto; acrescentando que ao mesmo tempo lhe daria minha opinião, sem dizer qual seria. Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre.*

A confissão que se faz n'esta confidencial de que o ministro dos negocios estrangeiros tinha alguma razão para proceder como procedia, é tão honroza para o Brazil como para o illustre plenipotenciario. Acrescentou este, que estava prompto a satisfazer ás minhas observações, considerando a nota de 15 de Julho como nova credencial, e que entendia, que o seo governo não acharia inconveniente em acrescentar á sua nota algum conceito que preenchesse o fim dezejado, si d'isso houvesse sido em tempo prevenido, e que provavelmente tambem ainda agora o não descobriria. Não podia o governo brazileiro aspirar a uma mais expressiva justificação do seo procedimento.

Bastaria esta confidencial; mas, para nada faltar ao juizo do Instituto, vou dar-lhe tambem conhecimento do que escrevi.

« Disse ao Sr. general, que não reparasse em outra vizita minha no mesmo dia, pois que havia recebido e trazia comigo a resposta do Sr. Tejedor ás ultimas notas. Communicou-me S. Ex., que, logo depois que eu o

deixára, havia tambem recebido cópia d'essa nota, que era como me declarára, e podia permittir, que começassemos a tratar dos assumptos da sua missão.

Observei, que, pelo contrario, essa nota retardava o desempenho da missão que lhe fôra confiada. Si S. Ex. attendesse a que o Sr. Tejedor referia-se a uma rezolução do governo argentino tomada *antes de receber as notas de 20 e 21 de Junho*, e a que em sua resposta não falava sinão na defeza dos direitos da Republica e nos interesses *bem entendidos* da alliança, sem que ella contenha uma só palavra que attenue a desagradavel impressão que nos cauzou a nota de 27 de Abril, a qual em nossa resposta manifestamos, dizendo que essa nota continha certas observações que não podiam parecer offensas intencionaes ao amor proprio e a dignidade do Brazil ; não podia notar a estranheza que a resposta me cauzava, pois que, como ella estava concebida, excitava maior reparo que a nota de 27 de Abril. Respondendo a esta nota, o governo imperial ponderou, que hezitava no modo de consideral-a ; e entretanto nenhuma explicação ! Confirmavam-se d'este modo as observações contra as quaes reclamamos, e ficava de pé toda a nota de 27 de Abril.

Assim como estava, a resposta não podia ser considerada satisfatoria ; e pois teria o governo imperial de proceder de conformidade com este juizo, no cazo de já ter sido publicada a referida resposta, si os meos collegas, a quem ia ouvir, tivessem a mesma impressão que eu estava manifestando como apreciação individual.

Informou V. Ex., que a resposta não estava publicada, que elle não a publicaria, nem o governo argentino. Que as folhas de Buenos-Aires deram noticia de que se havia respondido, mas que ninguem sabia em que termos.

Disse, que apreciava esta informação, pois que me permittia lembrar-lhe a conveniencia de escrever ao seo governo para substituir por outra a nota que me dirigio, modificando-a como fosse conveniente no sentido das observações, que, segundo minha maneira de encarar o assumpto, eu estava fazendo como demonstração de apreço a S. Ex., reprezentante da Republica Argentina, e do dezejo de evitar maiores complicações entre os dois Estados.

Até saber da rezolução do seo governo, eu conservaria a nota em rezerva.

Agradeceo-me S. Ex. a attenção, mas ponderou, que nada havia em a nota brazileira de 20 de Junho que fizesse crer que a resposta do governo argentino deve ter a parte a que eu me referia.

Observei, que esperava que S. Ex. não me notasse como culpa o não haver formulado a questão de modo que não parecesse exigencia, deixando desembaraçado o caminho para que o seo governo se saisse bem da difficuldade que elle proprio creára. Que não era facil responder á nota de 27 de Abril, desde que, por um lado, era de imperioza necessidade resalvar a dignidade do Imperio, e por outro, convinha proceder de modo que não se provocasse manifestações, estando o povo tão abalado com o modo desuzado porque entendera o ministro das relações exteriores da Republica dever dirigir-se ao governo imperial em 27 de Abril.

Mostrou-se S. Ex. sensivel a este amigavel procedimento, e disse-me, que, partindo no dia seguinte em vapor para o Rio da Prata, ia escrever ao ministro das relações exteriores, dando-lhe conta do que entre nós occorrera, e manifestando o seo juizo sobre o cazo ; mas que a nota parecia satisfatoria quando dizia que a questão podia ter a solução em um ajuste amigavel. A isto repliquei, que ahi se tratava da questão em si, de que só nos podiamos occupar depois de terminada satisfatoriamente a discussão de governo a governo.

Julgou dever então S. Ex. sugerir outro alvitre, que em seo entender, tinha a vantagem de ganhar tempo, adiantar trabalho, e evitar talvez complicações.

Era o de considerar-se a resposta do governo argentino como ainda uma nova credencial *ad hoc* para dar elle as explicações dezejadas, que não julgava contrariar á dignidade da republica.

Respondi, que não me julgava autorizado para por mim só rezolver sobre sua proposta, mas que, no meo modo de ver, devia S. Ex. fixar suas idéas no meio por mim indicado, pois que, não se podendo imputar ao governo imperial o ter-se travado entre os dois governos uma

discussão directa, e portanto mais grave e solemne, e sim ao governo argentino, que não deo successor ao general Paunero, e que dispensou o concurso da legação imperial em Buenos-Aires, onde aliás temos um reprezentante da maior categoria, devia a missão de S. Ex. começar depois que estivesse convenientemente encerrada a discussão de governo a governo por parte do ministro das relações exteriores da Republica, qualquer que fosse a consideração que merecesse o seo reprezentante n'esta côrte.

Pedio-me S. Ex., que sujeitasse sua proposta á apreciação de meos collegas, para que o governo imperial deliberasse sobre ella.

Respondi, que sem duvida o faria, mas sem prejuizo da communicação que S. Ex. me dissera, ia dirigir a seo governo pelo vapor que estava a partir para o Rio da Prata, pois que a minha opinião era a que lhe acabava de manifestar. Acrescentei, que a inesperada resposta do Sr. Tejedor em vez de facilitar, como aliás devia, a missão de S. Ex., reprezentante tão qualificado da Republica, não podia deixar de embaraçal-a; sendo que S. Ex. havia sido recebido antes de vir a resposta do Sr. Tejedor, por se entender que ella confirmaria o pensamento que se julgava haver prezidido á nomeação; o que não aconteceo.

Affirmou-me S. Ex., que ia logo escrever, e eu fiquei de dar de tudo conhecimento a meos collegas, a cuja apreciação sujeitaria a proposta de S. Ex.»

Depois d'estas graves occurrencias era meo dever convidar o plenipotenciario argentino para uma conferencia em que lhe désse a opinião do governo brazileiro, pois que até aquelle momento não estava inteirado sinão da opinião do ministro dos negocios estrangeiros. Foi o que fiz, convidando-o para a de 31 de Julho, da qual deo S. Ex. conhecimento ao seo governo n'esta

« Confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 31 de Julho de 1872.

A' S. Ex. o Sr. Ministro das relações exteriores da Republica Argentina.

Sr. ministro. Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex., que fui convidado hoje pelo Sr. ministro

dos negocios estrangeiros para uma conferencia, a qual teve lugar ao meio-dia na respectiva secretaria.

S. Ex. disse na ultima conferencia que tivera comigo em minha caza, * só me havia manifestado sua opinião particular, deixando que a reflexão modificasse a primeira impressão, si isto fosse conveniente.

Que posteriormente havia communicado ao governo brazileiro a ultima resposta argentina, e o alvitre por mim proposto, e que julgava um dever amigavel dar-me conhecimento, confidencialmente, do rezultado d'esse passo.

Que as mesmas impressões que antes me manifestara se haviam tambem manifestado em conselho de ministros, prevalecendo a opinião que enunciára, pelas mesmas e outras considerações.

Que, sem desconhecer de fórma alguma a alta reprezentação do ministro argentino, pelo contrario reconhecendo-a e dando-lhe seo verdadeiro valor (pois sem a minha prezença aqui este passo confidencial e amigavel não podia ter lugar), o governo brazileiro pensava, que a discussão de governo a governo devia terminar digna e amigavelmente com algumas explicações e palavras cordiaes, vindas directamente do governo argentino. Que depois da impressão que a nota de 27 de Abril cauzou aqui, o governo brazileiro limitou-se a insinuar, que ella continha conceitos que *pareciam ter a intenção de offender*, afim de dar ao governo argentino occazião de dissipar toda duvida a este respeito, com algumas explicações francas e amigaveis. Que a ultima nota do nosso governo só tratava dos direitos da Republica e dos interesses da alliança, sem illudir, nem indirectamente, ao ponto que mantém pendente a questão de fórma, e que o impedia até hoje de entrar como dezejava, na questão de fundo que estou encarregado de ajustar. Que portanto nossa ultima resposta tão seca e tão limitada, não correspondia á significação que elles davam á minha missão, nem aos sentimentos que acreditavam nutrir o governo argentino;

---

* O Sr. general rezidia no Hotel de Estrangeiros.

pelo que, como me dissera, a opinião do governo brazileiro era a mesma, que particularmente me manifestára em nossa ultima conferencia.

Agradeci sua communicação, dizendo-lhe que em consequencia do que haviamos concordado particularmente em nossa ultima conferencia, tinha escripto confidencial e rezervadamente ao meo governo, inteirando-o de tudo, e rezumindo os quatro pontos a respeito dos quaes nos achavamos de acordo (e que lhe repeti textualmente, como os formulei em minha anterior confidencial, ficando elle sciente). Insisti no ultimo ponto que deixa completa liberdade de acção ao meo governo para rezolver sobre o assumpto, ainda quando, acrescentei eu, em minha opinião particular, não haveria inconveniente em acceder ao dezejo amigavel do governo do Brazil. N'esta occazião deplorei o tempo que se perdia com este incidente, no que conveio o Sr. ministro, protestando a maior boa vontade para nos occuparmos quanto antes da questão de fundo.

Por ultimo disse, que me constituia no dever de communicar confidencialmente ao meo governo o teor d'esta conferencia, como o faço por esta, esperando as novas instrucções que V. Ex. se dignar dar-me a este respeito.

Tenho a honra de saudar o Sr. ministro com a minha mais alta consideração. *Bartolomé Mitre.* »

O general repete a declaração de que, em sua opinião não havia inconveniente em acceder ao dezejo amigavel do governo do Brazil.

Sobre esta conferencia escrevi:

« O Sr. general appareceo, a convite meo, na secretaria dos negocios estrangeiros no dia 31, ao meio dia, e explicando o motivo d'esse convite, disse-lhe que devia praticar o acto complementar da attenção que entendera dever ter para com S. Ex. no dia 26, logo depois de receber a resposta do Sr. Tejedor, communicando-lhe que a rezolução do governo imperial era a que eu lhe havia manifestado como opinião individual, entendendo-se que o desempenho da missão de S. Ex. devia começar depois de terminada a discussão de governo a governo; o que só podia ter lugar modificada a

nota do Sr. Tejedor, sobre a qual já officialmente me teria pronunciado, si não fôra a circunstancia de estar S. Ex. reconhecido em seo caracter publico, permittindo essa circunstancia ao governo imperial uzar do meio que estava empregando para a solução do importante ponto que nos occupava.

Agradeceo S. Ex. a communicação, dizendo-me que effectivamente escrevera ao seo governo no dia 26, e que sentia não ter trazido o despacho no qual referia a nossa conferencia e o tom amigavel d'ella, em que não se havia tratado de uma exigencia. Que as coizas ficavam pois como n'aquella conferencia; que ia escrever novamente ao seo governo dando-lhe noticia da minha nova communicação; que esperava, que esta questão « de fórma » terminaria satisfatoriamente; e que só lamentava o tempo que ainda se tinha de perder para o andamento dos negocios. Observei-lhe, que não era d'isso culpado. »

Não tendo recebido communicação alguma do plenipotenciario argentino até o dia 25 de Agosto, dirigi-me a S. Ex. pedindo-lhe o favor de uma conferencia, que realizou-se no dia seguinte, ás 2 horas da tarde.

O general deo d'ella conhecimento ao governo argentino na confidencial de 27 do mesmo mez, cujo assumpto é digno de consideração.

« Confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 27 de Agosto de 1872.

A' S. Ex. o Sr. Ministro das relações exteriores da Republica Dr. D. Carlos Tejedor.

Sr. Ministro. Tenho a honra de levar ao reconhecimento de V. Ex. que, convidado pelo Sr. ministro dos negocios estrangeiros para uma conferencia, teve ella lugar hontem, ás 2 horas da tarde, na respectiva secretaria.

O Sr. ministro disse-me, que havia um mez que tiveramos a primeira conferencia a respeito do incidente da ultima nota do governo argentino, na qual conviemos particularmente em considerar como não recebida aquella nota, e que dezejava saber si podia communicar-lhe alguma coiza sobre o assumpto.

Tendo dito ao Sr. ministro, que, si a pergunta importava em reparo pela demora da resposta, não a aceitava,

apressou-se elle em declarar que de nenhuma maneira era essa a sua intenção, mas sim e unicamente si devia dar andamento á nota suspensa ou esperar mais algum tempo.

Disse-lhe então, que nada tinha a communicar-lhe a tal respeito, e que portanto as coizas deviam ficar no estado em que se achavam até que o governo argentino, com plena liberdade de acção, rezolvesse definitivamente o que devia fazer com relação á suscitada questão de fórma, da qual se occupava.

Com isto teria terminado a conferencia, si eu não julgasse conveniente aproveitar a opportunidade para preparar o terreno no sentido de uma negativa do governo argentino a pedido do do Brazil, explicando a opinião que com tal motivo havia antecipado, a fim de ficar habilitado a proceder segundo as ultimas instrucções que recebesse; fazendo sentir de passagem a gravidade das consequencias que podiam provir de insistir o Brazil na questão de fórma.

Disse então ao Sr. ministro o que quazi textualmente vou repetir. Que já que haviamos tocado n'este ponto, julgava dever falar-lhe com toda a fanqueza, dando-lhe mais algumas informações e submettendo-lhe algumas considerações sérias, a fim de que meditasse maduramente sobre o assumpto. Que já na conferencia a que elle se havia referido lhe manifestei, que a difficuldade de fórma que surgira podia levar-nos a uma verdadeira complicação, que o governo do Brazil devia recear e querer evitar. Que, como eu previra, o governo argentino encontrava difficuldade em acceder ao dezejo do do Brazil, por quanto não achava a pretenção motivada pelos antecedentes, nem considerava necessaria a sua rezolução para entrarmos desde já na negociação da questão de fundo. Que o governo argentino entendia, que tal questão de fórma nem fôra insinuada na ultima nota brazileira, nem tinha apparecido nas diversas conferencias que haviamos tido, e que não só carecia de antecedentes como tambem, longe de nascer logicamente da natureza das coizas, achava-se em contradição com a logica, e que insistir n'ella seria fazer o contrario d'aquillo que os reciprocos interesses aconselhavam. Que, por minha parte,

considerando fundadas estas razões, mantinha a opinião que particularmente havia manifestado, sem comprometter a do meo governo, a saber, que, não obstante não ser justificada tal pretenção, não via grande inconveniente em que se accedesse a ella, ainda quando não fosse sinão para tranquillizar uma susceptibilidade tão amigavelmente manifestada, desde que deixava ao governo argentino a espontaneidade do acto pelo que diz respeito á forma e ao alcance que podia ter.

O Sr. ministro, com sorpreza minha, aceitou a palavra *susceptibilidade*, bem que hipoteticamente, o que mostrava que a questão de fórma não era tão grave para elles, e que por detrás d'ella se occultava a disconfiança ou a pouca boa vontade; pelo que julguei conveniente dizer-lhe mais alguma coiza: fiz-lhe ver, que nos achavamos preparados para toda eventualidade, que tinhamos estabelecido o nosso plano e tomado nossa rezolução, e que os acontecimentos não nos sorprenderiam em cazo algum.

Continuando, disse ao Sr. ministro, que a questão de fórma, tal como se aprezentava, parecia mostrar da parte do Brazil falta de boa vontade em occupar-se da questão de fundo, que era a unica séria e que a todos interessava rezolver promptamente em honra e proveito de ambos os paizes; que si o Brazil tinha n'esta solução verdadeiro interesse e puzesse de sua parte um pouco de boa vontade, a questão de fórma não podia ser nunca um obstaculo para chegarmos a um perfeito acordo, tanto mais quanto nas idéas geraes, que haviamos trocado sobre o assumpto, pareciamos estar de acordo.

Que portanto, si a negociação se demorasse ou se interrompesse por insistir o governo do Brazil em uma simples questão da fórma, que não era de caracter grave, appareceria elle como procurando um pretesto, ainda quando tal não fosse sua intenção, para protelar a solução de importantes negocios da alliança, que hoje se acham pendentes. Que sem querer admittir similhante intenção, acreditava eu, que o governo do Brazil não havia considerado a questão sob o ponto de vista de sua responsabilidade moral e de sua conveniencia. Que por honra e

dever seo devia facilitar a solução das questões, que tinham originado os tratados negociados em separado por elle em Assumpção; o que além de ser de honra e dever, tambem era de conveniencia, porque, si não aproveitasse esta ultima opportunidade para assim o fazer, expunha sua politica ás incertezas do futuro sem eximir-se das complicações das questões de fundo, que necessariamente teriam de renovar-se no terreno do direito internacional.

Que pelo que nos dizia respeito, dezejando a paz, a boa amizade e a manutenção da alliança, estavamos rezolvidos a guardar estes bens e a fazer todo o possivel para fecundal-os, e que n'este propozito esperavamos liquidar as nossas questões pendentes com todos os nossos limitrofes, esperando que as que tinhamos com o Brazil não ficassem entregues ao acazo.

Que com o nosso vizinho e alliado, o Estado Oriental, mantinhamos as mais cordiaes relações, e que longe de termos questão alguma pendente com elle, haviamos sido bastante felizes para ajudal-o a consolidar sua paz interna, entrando de novo na vida constitucional.

Que com o Chile estavamos tratando nossas questões de limites, que se rezolveriam promptamente ou se adiariam, segundo se julgasse opportuno, sem que em cazo algum se interrompesse a boa amizade entre ambos os paizes ligados no passado por sacrificios communs, e no prezente pelas simpathias de origem e pelos interesses materiaes, de que o telegrafo transandino era prova palpavel.

Que a Bolivia nos enviara um ministro diplomatico para tratar amigavelmente em Buenos-Aires de nossas questões de limites, as quaes nada tinham que ver com as estipulações da alliança, e que o Sr. Reyes Cardona aceitára esta missão no espirito mais amigavel, conhecendo as favoraveis dispozições do povo e do governo argentino para com a Bolivia, as quaes se encontravam em um discurso sobre limites que pronunciei no senado, constando-me que minhas palavras influiram no animo do ministro boliviano, que actualmente devia estar compenetrado da boa fé e boa vontade do governo argentino.

Que em relação ao Paraguay, fieis aos nossos compromissos e ao modo porque haviamos entendido e cumprido o tratado de alliança tanto na guerra como na paz, não tinhamos querido imitar o exemplo do Brazil, indo procurar em Assumpção uma solução antes de nos entendermos com os nossos alliados, e que, só no cazo de que isso não fosse possivel, iriamos tratar com o Paraguay; o que poderiamos fazer talvez com mais vantagem e generozidade do que fizera o Brazil; ficando assim em paz e amizade com todos os nossos vizinhos, ainda quando o Brazil não se entendesse comnosco e nos negasse o auxilio e garantia, que nos devia em virtude do tratado de alliança, pelo facto de não occupar-se da questão de fundo por uma mera questão de fórma, que, como tinha dito, carecia até de antecedentes, não nascia logicamente da natureza do assumpto, e até carecia de caracteres graves que pudessem obstar á solução de tão serios negocios em que o prezente e o futuro de varias nações se achavam compromettidos.

Que suppondo sempre possivel o cazo de não julgar o meo governo dever acceder ao dezejo manifestado pelo do Brazil na questão de fórma suscitada, não obstante a minha opinião de que não haveria inconveniente em satisfazel-o, ainda quando fosse comomera susceptibidade, deviamos ver desde já até ondepoderia levar-nos tal questão.

Que si isso succedesse e o governo do Brazil insistisse na questão de fórma como condição *sine qua non* para occupar-se da questão de fundo, ver-me-ia então forçado a levar para o terreno official a questão de fórma, fazendo constar quanto se passára confidencialmente desde a minha chegada ao Rio de Janeiro, e que, si o governo do Brazil continuasse a insistir, eu me veria no cazo de dar por terminada a minha missão, e retirando em paz, ficariamos em liberdade para proceder segundo nos conviesse, ficando o tratado de alliança roto de facto quanto aos deveres do Brazil para comnosco, e este com a responsabilidade perante o mundo, de parecer não ter querido entender-se com o meo governo.

Que provavelmente trataríamos então com o Paraguay, fieis sempre aos compromissos do tratado de

alliança e aos protocollos de Buenos-Aires, e que, ainda quando não ajustassemos desde logo as questões de fundo, que hoje estavam pendentes com o Brazil, haviam de apparecer no terreno do direito internacional, pois que, como nação soberana, como limitrofes do Paraguay e do Brazil, como signatarios do tratado de alliança e dos protocollos que o commentam e completam, não podiamos prescindir d'ellas em prezença da imperioza necessidade e da mutua conveniencia, e que então a questão de fórma, que hoje se suscita, não seria obstaculo para tratar-se d'ellas, posto que isto teria lugar em tal eventualidade sem as reciprocas vantagens, sem a tranquillidade e os grandes rezultados que hoje alcançaria uma intelligencia cordial, previdente no sentido da politica internacional, e benevola no sentido da boa amizade entre estes paizes.

O Sr. ministro Correia, vizivelmente impressionado, disse, que me ouvira com a profunda attenção que a importancia do assumpto merecia; porém sua resposta pouco preciza e sem encadeiamento logico provou-me, que vacillava um tanto na rezolução de levar a questão de fórma até suas ultimas consequencias.

Disse-me em resposta o Sr. Correia, que essa questão de fórma fôra iniciada desde as primeiras conferencias e que, si não foi então formulada, era porque só o podia ser á vista do teor da resposta do governo argentino, que aguardavamos.

Que, em prezença da ultima resposta argentina (que estava suspensa) a questão de fórma tinha surgido e havia sido formulada.

Interrompi ao Sr. ministro para observar-lhe, que, posto dissessemos a cada momento « questão de fórma », ella na realidade nem tinha propriamente surgido, nem havia sido formulada de nenhuma maneira, mesmo confidencialmente, existindo simplesmente um dezejo manifestado por modo amigavel pelo governo do Brazil, o qual nós outros podiamos fazer constar ou não, desde que, tendo-se salvado a liberdade de acção e a espontaneidade do meo governo, ficava a fórma e o alcance a seo arbitrio, no que conveio o Sr. ministro dizendo que com effeito não fôra formulada; o que simplificava mais o incidente.

O Sr. ministro continuou insistindo sobre varios topicos que formavam o assumpto de nossas anteriores conferencias sem abrir horizonte novo, e sem figurar rezolutamente o cazo de interrupção das negociações por cauza da insistencia na questão de fórma, limitando-se a dizer-me em concluzão, collocando-se hipotetica mente em tal extremidade, que, si tal succedesse, a responsabilidade não seria do Brazil, e que o mundo faria justiça em todo cazo á sua lealdade e bom procedimento.

Repliquei ao Sr. ministro, que não se equivocasse, que o Brazil assumiria a responsabilidade moral perante o mundo; porque, sem pôr em duvida a lealdade de suas intenções, todos acreditariam ver um pretesto, no que elle via uma razão para não rezolver questões de interesse vital para todos, muito mais desde que, tratando-se de uma nota em que se faz referencia ao que eu pudesse dizer, se impossibilitasse por este modo todo acordo, quando ainda não falei; o que provaria, que de nossa parte estivera a boa vontade e o sincero dezejo de entendermo-nos, esgotando todos os meios para o conseguir.

Que este paralello seria ainda mais notavel considerando-se que a questão de fórma, que se fez nascer de uma nota que nada diz, e pelo que ella deixa de dizer, se acha em contrapozição a um facto grave qual o ajuste dos tratados de Assumpção pelo Brazil separadamente, sem participação dos alliados e com damno directo d'elles; contendo demais estipulações contrarias aos protocollos de Buenos-Aires, taes como a occupação indefinida do Paraguay por forças brazileiras, sendo esta uma das questões a que antes me referira, e que teriamos de tratar depois no terreno do direito internacional: o que tudo poria mais em evidencia a respectiva pozição. Que não só sob este aspecto havia considerado a questão, como debaixo do duplo ponto de vista do dever e da conveniencia do Brazil. Que o dever nascia dos compromissos internacionaes. Que a conveniencia era commun, porém que não interessava menos ao Brazil do que a nós o aproveitar esta ultima opportunidade que se aprezentava para regularizar nossa situação internacional, pois do contrario, sentindo muito que pudessemos ajustar as nossas questões

com todos os vizinhos, excepto o Brazil, lhe repetia, que retirar-me-ia levando e deixando a paz, ficando porém ao Brazil a responsabilidade da falta de um acordo, que a previzão politica e os mutuos interesses aconselham.

Como verá V. Ex., tudo isto foi dito na previzão de que o governo argentino insista em sua anterior rezolução (a que todavia não dei seguimento) de não acceder ao dezejo manifestado pelo do Brazil de dirigir a nota de que se trata no sentido indicado.

Si assim fôr, estou habilitado desde já para rezolver este incidente com mais vantagem, podendo fazer pressão moral antes de chegar a extremidade. Si V. Ex., tendo em conta as considerações expostas em minha anterior confidencial, se prestar a fazer o aditamento á nota, fica seo alcance limitado a uma mera susceptibilidade amigavelmente manifestada, que se satisfez espontaneamente, desde que não depende de previo acordo, nem eu aceitarei mais discussão sobre os seos termos. Em todo cazo, servirá tudo isto para fazel-os comprehender que conhecemos bem a situação, que sabemos o que queremos e para onde vamos, e que podemos ajustar nossas questões exteriores e salvar nossa paz com o Brazil, como dezejamos, e sem o Brazil, deixando-lhe a responsabilidade.

Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre.*»

O meo pensamento, referido n'esta confidencial, será mais claramente conhecido pelo que escrevi.

Quanto a julgar o illustre plenipotenciario argentino, que era de pouca importancia a questão de fórma, não ha n'isso que a admirar; mas o Instituto comprehende, que assim não era para o Brazil.

Não duvido, que me tivesse mostrado impressionado com as palavras do Sr. general; mas, convém notar, na propria confidencial lê-se, que eu respondera, que a questão de fórma havia sido iniciada desde as primeiras conferencias.

Passo a dar conhecimento ao Instituto do que foi por mim escripto.

«Disse ao Sr. general, que, completando-se então um mez depois que eu recebera a nota do Sr. Tejedor de 15 de Julho, e que expuzera a S. Ex. os motivos pelos quaes

essa nota nos havia desagradavelmente impressionado, ficando S. Ex. de escrever no dia seguinte ao seo governo no sentido de se lhe fazer a modificação, que me parecia necessaria, não devia cauzar reparo a S. Ex. o dezejar eu saber, depois d'esse prazo, qual a rezolução do seo governo.

Respondeo, que, sem embargo de não ter ainda decorrido tempo para cauzar reparo, pois que a resposta do governo imperial á nota argentina foi dada com intervallo de 60 dias, dir-me-ia, que a questão conservava-se pendente como no primeiro dia, não podendo elle ainda transmittir-me a final deliberação do seo governo.

Observei, que a primeira reflexão de S. Ex. envolvia uma confuzão, que eu me apressava e desfazer: não se tratava da resposta do governo argentino ao do Brazil. Si assim fosse, eu não notaria a demora, não só porque, como já o governo brazileiro o dissera em nota, não ha prazos fataes para a correspondencia entre governos, como porque reconhecia a necessidade de bem pezar a gravidade da materia e a de attender a outros assumptos que diariamente apparecem á consideração do governo.

Tratava-se de rezolver acerca de uma questão que a a nota de 15 de Julho fez surgir, de um ponto determinado; o que é muito differente, sobretudo attendendo-se a que essa nota ficou em minhas mãos pela circunstancia de estar S. Ex. aqui, e poder-se ainda empregar-se o meio conciliatorio que heviamos empregado. Como porém S. Ex. me declarara, que ainda não estava habilitado para dizer-me a final decizão do seo governo, e que deviamos considerar pendente a questão, esperariamos ainda, pois que não queremos a precipitação, tanto que só depois de um mez de silencio eu o havia convidado para a prezente conferencia, tendo-me aliás dito S. Ex. que no dia 27 de Julho escreveria ao seo governo, e que no principio d'este mez poderia estar aqui a resposta.

A resposta veio com effeito, disse-me S. Ex., e já que a occazião se offerecia acrescentaria mais algumas palavras para as quaes chamava minha especial attenção, si bem que não fossem propriamente da conferencia.

O tempo tem sido despendido em correspondencia entre S. Ex. e o seo governo, que encontra difficuldades no cazo, como S. Ex. me havia logo prevenido que podia acontecer. Considerando que a questão de fórma não fôra enunciada, nem se deduzia logicamente da natureza das coizas, e agora apparecia com a força de obstar a discussão da questão de fundo, podia ver-se no embaraço creado um pretesto para não tratar d'esta ultima, ficando ao governo brazileiro a responsabilidade moral perante o mundo de deixar indecizas as questões, inutilizando os esforços empregados em sentido contrario pelo governo argentino, e obrigando-o a tratar seos negocios com o Paraguay, a Bolivia e o Chile.

Com este, ou os arranjariam amigavelmente, ou os adiariam, deixando que os interesses materiaes liguem mais e mais os dois Estados. Com a Bolivia tratariam com o seo reprezentante, que está em Buenos-Aires, homem distinto, animado dos melhores dezejos, e que já lhe havia escripto dizendo que o discurso moderado de S. Ex. no senado argentino lhe déra esperança de satisfatorio acôrdo. Com o Paraguay entender-se-iam com o Sr. Loizaga. Mas que não o dezejavam fazer sem primeiramente tratar com o Brazil, o qual, quanto mais poderozo se reputava, tanto mais devia não promover difficuldades. Só depois de perdida a esperança de entender-se com o Imperio trataria o governo argentino pela fórma indicada. N'esse cazo S. Ex. tinha de dar por finda a sua missão, trazendo então a publico tudo que tem occorrido em nossas conferencias, ficando a alliança rota de facto, e as relações dos dois governos no pé que dahi rezultaria, embora não com prejuizo da paz.

Disse-lhe, que o havia escutado com a maior attenção, como devia, e que, no cazo figurado por S. Ex., cabia averiguar a qual dos governos tocava a responsabilidade dos factos assignalados. Começava eu por notar, que o governo argentino apegava-se á circunstancia de não ter sido formulada a questão de fórma em a nota de 20 de Junho, mas que sobre isto já havia eu observado, que não esperava que se nos fizesse culpa de termos deixado livre o caminho para o governo argentino sair-se bem da difficuldade, que

creára com a nota de 27 de Abril. Não aprezentamos pozitivamente a questão de fórma, mas ponderando que em a nota de 27 de Abril havia observações que podiam parecer offensas intencionaes ao amor proprio e á dignidade do Brazil, deixamos ver claramente, que não eramos insensiveis ao que se lia n'essa nota, que no Brazil, na propria Republica Argentina, e nos paizes estrangeiros se considerava offensivo, e ficou patente,que o governo argentino devia dissipar essa impressão, si não fôra seo intento o que se lhe podia attribuir.

Inclinando-se ao sentimento manifestado pelo prezidente da Republica em sua mensagem e ao que parecera dictar a missão confiada a S. Ex., o governo imperial não fechou o caminho para solução satisfatoria. Mas á vista da difficuldade em modificar a nota de 15 de Julho, concebida em termos que punham inteiramente de lado as nossas respostas de Junho, modificação que a S. Ex. parecia que se podia fazer, e ainda n'esse sentido entretinha correspondencia com o seo governo ; á vista d'essa difficuldade, com que não deviamos contar, eu era forçado a crer que a impressão que recebera ao ler a dita nota, e logo communicara a S. Ex., impressão compartilhada por meos collegas assim que d'ella tiveram conhecimento, não era precipitada nem a expressão de uma susceptibilidade,que, ainda quando como tal considerada, não julgava devesse ser desattendida.

Pelo contrario, a reluctancia em acceder á modificação esperada, e que me determinára a conservar em meo poder, do modo por que estava, a nota de 10 de Julho, vinha revelar com quanto fundamento ligavamos importancia á questão de fórma, justamente a que motivava a paralização da questão de fundo.

A' observação de S. Ex. de que o procedimento do governo brazileiro podia ser visto no mundo como um pretesto para adiar as questões de fundo, eu respondia, que ella ficava sem força desde que se considerava, que esse procedimento não provinha de um juizo prévio, de uma rezolução preestabelecida do mesmo governo. Foi uma consequencia logica, imperioza, da nota de 15 de Julho. Não podendo o governo brazileiro saber em que termos,

de que modo, contestaria o governo argentino as notas de 20 e 21 de Junho, como de antemão estabeleceria sobre essa resposta um juizo, ou assentaria uma rezolução? Foi a nota de 15 de Julho que trouxe a difficuldade, fortalecida pela hezitação em não removel-a; não foi o governo brazileiro que a creou. Reconheceo-a, sim, e assignalou-a; e os factos posteriores o vão ainda mais justificando. A responsabilidade das consequencias tem de pezar, no juizo do mundo, sobre quem praticou o acto: sobre o governo argentino, e não sobre o brazileiro.

Quanto a tratar a Republica Argentina com a Bolivia e com o Chile, nada tinha que observar.

Quanto á missão do Sr. Loizaga, não podia deixar de notar, que achava difficuldade em concilial-a com a de S. Ex. Sendo identico o assumpto, uma devia parar emquanto a outra trabalhasse.

O governo da Republica Argentina póde tratar com o do Paraguay, como fez o do Brazil. E quanto a fazel-o só depois de não poder entender-se com o Brazil, questão é esta que se prende á principal, e a circunstancia de tratar posteriormente permitte sempre allegar, que se o faz forçadamente; mas em substancia o direito de que uzará a Republica Argentina é o de que uzou o Brazil.

Mas concluindo e precizando as idéas, eu ficava certo de que não devia considerar ainda como recebida a nota de 15 de Julho para o ulterior procedimento do governo imperial, e devia esperar mais um pouco a noticia da decizão do governo argentino. Em quinze dias, disse-me S. Ex., transmittirei essa decizão. »

Os obstaculos do governo argentino, a que fazia referencia o general Mitre, estão expostos na confidencial do ministro das relações exteriores, dirigida ao mesmo general em 10 de Agosto, a qual é assim concebida :

« Confidencial. Ministerio das relações exteriores. Buenos-Aires 10 de Agosto de 1872. A' S. Ex. o Sr. General D. Bartolomé Mitre.

Sr. ministro. No dia 9 do corrente recebi as duas communicações confidenciaes de V. Ex. datadas de 26 e 31 de Julho.

Depois de varios officios de V. Ex. annunciando o rezultado satisfatorio de suas conferencias particulares com o prezidente do conselho e com o ministro dos negocios estrangeiros, o governo argentino não esperava pela questão de fórma, que obriga V. Ex. a pedir instrucções.

Recorrendo aos antecedentes não se encontra pendente essa questão de fórma de governo a governo, a qual, segundo o ultimo officio de 26, alludio o Sr. ministro dos negocios estrangeiros do Imperio. Ella não se acha formulada, nem siquer indicada em as notas brazileiras de que se accuzou o recebimento. Não o foi tão pouco, pelo menos de modo sério, em nenhuma das conferencias de que V. Ex. deo-me conhecimento.

Em officio confidencial de 17 de Julho V. Ex. referio-se a ella, como uma das difficuldades aprezentadas pelo prezidente do conselho. Porém simplesmente com o caracter « de confidencias e queixas que deviam ficar entre ambos » e tendo V. Ex. respondido « que a prolongação da discussão por notas era o que se havia procurado evitar com a missão especial », não disse, que o prezidente do conselho houvesse insistido.

No mesmo officio refere V. Ex. outra conferencia que teve com o ministro dos negocios estrangeiros, declarando que percebera então, que a primeira difficuldade assignalada pelo prezidente do conselho « tinha por fim obter que em nossa resposta se désse uma especie de satisfação ao incidente da nota. » V. Ex. repellio energicamente similhante pretenção, dizendo ao ministro « que isso era procurar *midi à quatre heures*, tornando ao terreno das difficuldades de que felizmente iamos saindo, e que si fosse levado a elle diria o que não queria, nem tinham ainda ouvido », sem acrescentar que o ministro insistisse em sua pretenção; longe d'isso, na primeira conferencia do dia 9, antes da recepção official, o mesmo Sr. ministro perguntou a V. Ex., si estava autorizado para responder á nota ou fazer alguma proposta, dizendo V. Ex. em resposta que a sua opinião era « que a ultima nota seria provavelmente a sua, pois que a resposta do governo argentino seria referir-se ao que V. Ex. fizesse ou dissesse. V. Ex. acrescentou: « que felizmente a questão das notas e das

pretendidas offensas ou satisfações reciprocas a que podiam dar lugar já estava terminada, sendo-lhe todavia agradavel poder dizer, que em suas instruções se previa o cazo de enxergar o Brazil alguma offensa em nossa ultima nota », sem que estas palavras suscitassem tambem a questão de fórma, nem impedissem a recepção em seo caracter diplomatico, que V. Ex. annunciou ao terminar a conferencia.

A questão pois de fórma aprezentada como apparece nos ultimos officios de V. Ex. devia surpreender ao governo argentino, que não póde aceitar a solução que n'elles se indica, por mais que dezeje abundar em sentimentos amigaveis. Essa solução estaria em contradição com as instruções dadas a V. Ex., que dizem categoricamente : « si com o mesmo fim de obter ou facilitar o rezultado da negociação fôr necessario dar por não passadas as ultimas notas, fica igualmente autorizado o Sr. ministro para fazel-o, comtanto que a declaração compreenda as notas brazileiras a que ellas respondem, e que o acto importe sómente a mutua rezolução de afastal-as com espirito amigavel, para facilitar a negociação, tendo prezente que a primeira publicação d'estes documentos foi iniciada pelo governo brazileiro ».

Essa solução estaria além d'isso em contradição não só com os antecedentes d'esse negocio, como acaba de ver-se, mas tambem com o proprio pedido de V. Ex. constante do seo officio de 7 de Julho, e respostas dadas por este ministerio em 15, 19 e 25 de Julho. No dia 15 disse-se a V. Ex., que se havia concordado na resposta conforme o dezejava V. Ex., limitando-a a uma accuzação de recebimento.

Na de 19 o abaixo assignado disse textualmente : que, estando todas as palavras de V. Ex. conformes com a letra e espirito de suas instruções, obtiveram a completa approvação do governo argentino, entendendo-se sempre que qualquer satisfação ou declaração, tendente a dar por não trocadas as notas passadas, deveria ser reciproca.

Na de 25 o abaixo assignado exprimio-se assim : « O governo vio com satisfação a atitude assumida por V. Ex. n'essas conferencias. Não admittindo o governo

argentino que em sua nota de 27 de Abril houvesse offendido o governo brazileiro com a franca defeza dos direitos da alliança, qualquer satisfação sómente da sua parte seria inaceitavel. Tal é o testo expresso das instrucções, e tal foi tambem sempre o terreno em que nos collocamos nas diversas conversações que tivemos antes da partida de V. Ex. Além d'isso já disse ter chegado ás mãos de V. Ex. a resposta ás ultimas notas brazileiras, de acordo em tudo com este propozito, e com o de deixar a sua legação a mais ampla liberdade no debate.

Passando agora d'estes antecedentes ao fundo da questão, a pretenção do ministro brazileiro não parece mais fundada. A solução que V. Ex. offereceo é a unica que conciliaria a dignidade dos dois governos e dos respectivos povos, porque ella permittira, na resposta que se désse, corresponder aos sentimentos amigaveis que V. Ex. manifestasse em nome do governo argentino, precedendo acôrdo acerca dos termos de uma e outra nota; emquanto que o aditamento, que o ministro brazileiro indicou se fizesse á accuzação do recebimento, ficaria sem resposta, e portanto como satisfação excluziva do governo argentino, que certamente não se recuzaria a isso, si se considerasse culpado, mas que repelle decididamente, porque julga, como V. Ex., que as recriminações iniciadas pelo governo brazileiro, foram reciprocas. Si a nota argentina mencionou Ituzaingo, a nota brazileira recorda Cazeros. Si a nota argentina poz em duvida os direitos territoriaes do Brazil, a nota brazileira declarou razoavel a recuza do Paraguay em reconhecer os limites argentinos fixados no tratado do 1° de Maio. E si todavia alguma differença se pudesse achar nas palavras, quanto maior não se encontraria nos factos praticados pelo Brazil! Não foi uma offensa tratar separadamente? Não o foi tambem prescindir das estipulações de Buenos-Aires para continuar a occupação militar? Não existe ella na recuza de entregar a ilha do Atajo?

Acreditando sempre que o meio proposto por V. Ex. é aceitavel e deve ser aceito, o governo argentino não oppõe difficuldade a que V. Ex. dissipe, pela fórma que lhe pareça mais conveniente, a duvida acerca de

conceitos a que allude a nota brazileira, que, segundo ella, pareciam conter intenção offensiva, sobre a baze porém do alludido prévio acordo. O governo argentino nutre sincero dezejo de manter boas relações com o Imperio, continuando na paz a obra que juntos empreenderam durante a guerra do Paraguay.

Poderá tambem V. Ex., si fôr necessario, lêr ao ministro dos negocios estrangeiros do Imperio os trexos d'este despacho que julgar conveniente. Deos guarde a V. Ex. *C. Tejedor.* »

Dispenso-me de fazer aqui considerações, que seriam cabiveis para deixar ao general Mitre o attestar, em sua resposta ao ministro da Republica, que a politica brazileira estava longe de chocar o milindre de seo patriotismo ; o que bem mostra a justiça com que por parte do Brazil se defendia.

Quando, n'essa resposta, o general trata do movel de nossas acções equivocou-se, digo-o para adoçar a palavra, chegando a falar em má fé, expressões que não deviam escapar á sua penna cortez, hipothese que não lhe era licito formular ainda dirigindo-se ao seo governo !

O governo brazileiro queria sincera e rezolutamente, que não pairasse na opinião d'este e de outros paizes a duvida sobre si haviamos sido intencionalmente offendidos. Logo que esta duvida se dissipou, entramos com a mesma boa fé na solução das questões de fundo, como os factos se encarregam de demonstrar.

Tal é a resposta do general Mitre :

« Confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 19 de Agosto de 1872. Sr. ministro. Tive hontem a honra de receber a confidencial de V. Ex. datada de 10 do corrente, em resposta ás minhas de 26 e 31 de Julho, relativas á questão de fórma que obstava a que se entrasse na negociação das questões de fundo, que motivaram a minha missão especial junto d'este governo.

Antes de proceder no sentido em que me indica a referida confidencial de V. Ex., devo submetter-lhe algumas considerações sobre o assumpto, e pedir a V. Ex.

novas e precizas instruções para o cazo provavel, e não previsto na alludida confidencial, da ruptura de toda negociação antes de ser iniciada ; eventualidade que não deve encontrar a missão argentina sem uma rezolução fixa, que, em todo cazo, possa impedir este infausto successo.

Conseguintemente julguei conveniente não alterar o estado actual de coizas, mantendo-me em silencio para com este governo emquanto chega a nova resposta de V. Ex., que calcúlo não poderá demorar-se quinze dias contados d'esta data, podendo entretanto fazer uma viagem a Petropolis, a qual me é aconselhada pelo meo medico em attenção ao estado de minha saude. Procedendo assim obro no sentido das minhas instruções, que me autorizam a escolher melhor opportunidade das negociações, e tambem a não inicial-as, si assim o julgasse prudente. Considerando por outra parte, que sómente por quinze dias deixaria de entabolar a questão de fórma, da qual devia occupar-me agora, e que no fim d'elles poderia encontrar-me em prezença de uma situação que exigissem as novas e precizas instruções, que por esta peço, e me são tão indispensaveis para fazer pressão, como para sobre o que devo fazer, espero, que a minha conducta n'esta circunstancia merecerá a approvação do supremo governo.

Passando a occupar-me da nota confidencial de V. Ex. de 10 de Agosto, a que respondo, permittir-me-á manifestar-lhe que a questão de fórma a que allude, com quanto o tenha sorprendido, suppondo uma boa dispozição que na realidade não existia sinão até certo ponto, não devia achar a V. Ex. inteiramente desprevenido, á vista dos antecedentes geraes da situação e dos antecedentes particulares que communiquei a V. Ex. nos meos officios anteriores.

Desde a primeira conferencia com o ministro dos negocios estrangeiros do Imperio no dia 9 de Julho (cinco dias antes da minha recepção), esta questão se dezenhou porém de fórma tão vaga que não dando-lhe maior importancia, não a consignei na minha confidencial d'essa data, esperando estar de posse de melhores dados para

fazel-o. Na primeira conferencia que tive com o Sr. Paranhos, prezidente do conselho de ministros, no dia 12 de Julho (vespera da minha recepção e da qual dei conta na minha confidencial de 15) já esta questão appareceo formulada, não como uma queixa, mas como difficuldade que era conveniente remover.

Na conferencia particular que tive com o Sr. ministro dos negocios estrangeiros a 14 de Julho, dia subsequente ao da minha recepção, tive occazião de convencer-me, como manifestei na sobredita confidencial de 15 de Julho, que o objecto da difficuldade apontada pelo Sr. Paranhos, era procurar uma especie de satisfação indirecta a respeito do incidente da nota, e si a rebati vigorozamente, como V. Ex. se ha de lembrar, foi porque comprehendi perfeitamente, que era necessario afastal-a como um obstaculo para a negociação de que eu estava encarregado.

Como estas eram meras conferencias de exploração, a discussão não se fixava sobre pontos determinados, guardando cada um a sua opinião, sem compromettel-a alem do que era estrictamente necessario, ficando sómente definido um ponto: que era esperar a resposta que désse o governo argentino á ultima nota do Brasil antes de abrir a negociação sobre a questão pendente, cabendo aqui acrescentar, o que antes não disse por não ser de importancia, que em todas estas conferencias os ministros brazileiros implicitamente se rezervaram o direito de proceder conforme o teor da resposta do nosso governo; o que (escuzo dizer) devia esperar-se da prudencia com que aqui se dirigem estes negocios.

A nota, contendo a resposta de V. Ex. de Julho, chegou aqui apenas no dia 26, com a circunstancia de ser endereçada directamente ao governo brazileiro, * enviando-me V. Ex. copia d'ella; por isso não pude explorar previamente o effeito que ella produzio, nem procurar remover confidencialmente qualquer difficuldade a que pudesse dar lugar. O que porém é certo é que, em prezença

* Nunca quiz fazer referencia a este facto para não azedar as relações entre o Sr. Mitre e o Sr. Tejedor.

d'aquella nota, formulou-se claramente a questão de fórma, primeiramente confidencial e amigavelmente por parte do ministro dos negocios estrangeiros na segunda vizita que me fez no dia 26, e por ultimo na conferencia para que fui convidado no dia 31 de Julho, da qual confidencialmente dei conta no meo officio da mesma data, em que submetti ao conhecimento do superior governo o que particularmente haviamos convencionado, e pedi a esse respeito novas instruções por não estar o cazo previsto nas que me servem de guia; e sobretudo porque d'este passo dependia serem ou não iniciadas as negociações.

Na resposta confidencial, que, com data de 10 de Agosto, V. Ex. deo aos meos officios confidenciaes de 26 e 31 de Julho, disse-me que o governo argentino não podia aceitar a questão sobre a forma aprezentada pelo Sr. ministro dos negocios estrangeiros do Imperio, isto é, como questão de mera fórma para terminar o debate de governo a governo, antes de tratar-se do objecto de minha missão, nem aceitar por consequencia o meio amigavel, confidencialmente proposto por elle, que consistia em acrescentar-se á declaração do recebimento das notas algumas palavras, que, importando um acto espontaneo, restabelecesse a cordialidade das relações alteradas pelo incidente das notas trocadas; admittindo todavia o alvitre proposto por mim, e não aceito por este governo, « de dissipar as duvidas relativas a conceitos, a que allude a ultima nota brazileira, os quaes pareciam, no entender da mesma nota, envolver intenção offensiva, sobre a baze do acordo prévio relativamente aos termos das notas que com tal motivo se trocassem. » o que equivalia a que esta legação fizesse, em nome do governo argentino, ainda mais do que aquillo que o governo brazileiro solicitava do nosso, que era a adição de uma simples fraze de cortezia e de bôa amizade.

Quando propuz esse meio foi para economizar o tempo, que eu deplorava se perdesse tão esterilmente; porém não havendo sido aceito na primeira conferencia particular, e tendo sido indirectamente repellido de uma maneira quazi official na segunda que sobre este assumpto tive com o ministro dos negocios estrangeiros, não pôde occultar-se a V. Ex., que é provavel seja formalmente repellida, si eu

a propuzer, e que então mallograda a prévia negociação sobre a questão de fórma, que ficará pendente, terei necessariamente de provocar a discussão sobre a questão de fundo, sendo possivel que cheguemos a um rompimento antes ainda de iniciar negociação alguma, si persistirem aqui nos seos propozitos explicitamente declarados.

Si o governo argentino se tivesse servido acrescentar á nota as palavras que julgasse convenientes, ainda quando ellas não satisfizessem totalmente as aspirações d'este governo, minha pozição prezentemente seria mais vantajoza para fazel-a aceitar na fórma em que viesse, porquanto, limitando-me a entregal-a sem prévia consulta, daria por satisfeitos os seos dezejos, e desde logo pediria uma conferencia formal para começar a tratar dos objectos da minha missão, fazendo isso por meio de uma nota official em que recapitulasse brevemente tudo quanto se tem passado confidencialmente (fazendo menção do ultimo incidente sobre a questão de fórma, si julgasse conveniente), e então ou chegariamos immediatamente a occupar-nos da questão de fundo, ou, si o governo brazileiro se negasse a isso, ficaria manifesta a sua má vontade, evidenciando-se que a negociação não ia adiante por culpa do mesmo governo.

No estado porém em que se acham as coizas, bem compreenderá V. Ex. que a minha missão, difficil em si, e tambem pela falsa pozição que eu assumiria sobre assumpto em que comprometti uma opinião antecipada, complicando-se com uma questão de fórma que talvez possa tornar impossivel todo acordo, viria servir assim aos propozitos da politica actual do gabinete brazileiro, o qual dezejaria deixar as coizas no *statu quo*, procrastinando indefinidamente a questão de fórma, e desculpando-se perante nós, perante nacionaes e estrangeiros, com essa questão de mera fórma, ficando elle senhor da situação e nós sem alliança verdadeira, sem ajustes com o Paraguay, e sem acordo com os alliados.

Quando disse ao ministro dos negocios estrangeiros do Imperio, conforme expuz na minha confidencial de 31 de Julho, «que, deixando completa liberdade ao meo governo no assumpto, era minha opinião particular que

não havia inconveniente em acudir ao dezejo amigavel do governo brazileiro,» acreditei, que não ia além do espirito e da letra das minhas instruções, que me autorizavam a dar por não passadas as notas trocadas; o que (ainda sobre a baze de reciprocidade) importava a mutua ilimi-nação ou as reciprocas explicações sobre alguns pontos d'essas notas. Por isso pensei, que uma simples fraze amigavel, pedida confidencial e amigavelmente, deixando o seo alcance e a sua fórma á espontaneidade do governo argentino, era muito menos do que eu estava autorizado a fazer, e quando, ao deixar franca liberdade de acção ao meo governo para imprimir no acto o sello da espontanei-dade me limitava não obstante a manifestar simplesmente a minha opinião particular para tirar-lhe todo o caracter de impozição, não me persuadi, que o governo pudesse, nem mesmo indirectamente, desaprovar o meo procedimento.

Hoje, collocado no cazo de sustentar officialmente o contrario do que manifestei confidencial e particularmente, a attitude do governo argentino tem duplo alcance, é uma negativa official a um dezejo manifestado confidencial-mente pelo governo brazileiro, e uma desaprovação perante este da opinião por mim antecipada.

Esta consideração, que de passagem aponto, não in-fluiria absolutamente no meo animo, si considerasse, que a negociação teria de adiantar-se por este caminho; porém pensando o contrario, e por motivos que considero conclu-dentes, é do meo dever submetter a V. Ex. algumas con-sideraçoes, que espero se servirá levar ao conhecimento de S. Ex. o Sr. prezidente da Republica, para que sejam devi-damente pezadas antes de tomar-se rezolução definitiva.

A questão de fórma, que começou por insinuação e acabou por ser claramente formulada, prova pouca dispo-zição da parte do governo do Brazil para entrar na ques-tão de fundo, porque é claro que, si de sua parte houvesse boa vontade, * não teria sido obstaculo para entrar em negociações.

---

* O Sr. general tinha, a meo ver, solidos motivos para não duvidar d'essa bôa vontade. O que não devia o governo brazileiro era negociar sob a pressão de uma offensa internacional, ou deixar de reagir contra esta.

A verdade é que não interessa ao Brazil, ou pelo menos creio, que não lhe interessa, liquidar as questões pendentes sobre a alliança, e que procurará e aproveitará todo incidente que se lhe aprezente para frustar a negociação, e quanto mais remota estiver a questão de fundo, tanto melhor ficarão preenchidas as suas vistas.

A questão de fórma, que se promoveo, satisfaz em parte a esse propozito, digo em parte, porque penso, que tambem concorre o dezejo de salvar-se perante a opinião publica brazileira da accuzação de frouxidão, que se lhe faz por haver respondido á nossa nota nos termos em que o fez. *

O movel d'esta conducta está patente.

Desde que o Brazil conseguio, pelos tratados ajustados separadamente com o Paraguay, o que procurava pela alliança, ainda mais acredita, que nosso concurso lhe é inutil e dá menos apreço á nossa garantia.

Interessado o Brazil na paz, que assegura a execução dos seos tratados com o Paraguay, não dezeja a guerra; e não a temendo de nossa parte, está tranquillo por esse lado.

N'estas circunstancias, interessado o Brazil em que a Republica Argentina não regularize sua situação com o Paraguay, * encontra por este caminho o meio de não ajudar-nos e de não tornar effectiva sua garantia com relação ao tratado da alliança, o qual, não obstante invocar-se em principio, está roto de facto, ficando nós em uma pozição precaria para com os nossos limitrofes, e elle á espera dos acontecimentos que possam favorecer esses intuitos.

A vista do exposto, penso, que dar importancia á questão de fórma tão amigavelmente aprezentada, e complicar esta questão convertendo-a em preliminar official da negociação de fundo, é, sinão impossibilitar o exito da missão, collocal-a ao menos em condições summamente desvantajozas, ao que se deve acrescentar, que seria

---

* Já tratei da opinião manifestada de que a nota devia ser devolvida, ou retirada, como o Sr. general refere em uma confidencial, que fôra dado em conferencia com o prezidente do conselho.

* Injusta apreciação.

servir ás vistas d'este governo, si é que procede de má fé, pois que pela mesma razão insistiria na questão de fórma, que póde fazer obstar tudo.

Não obstante o expendido, estou disposto a proceder de conformidade com a ultima confidencial de V. Ex.; prevendo porém o cazo de que por este meio cheguemos a algum extremo, necessito antes de tudo (tanto para fazer pressão como para regular meo procedimento), que V. Ex. me habilite com instruções precizas sobre os pontos que passo a expor:

1.° Si o governo brazileiro insistir na questão de fórma, devo comprometter a discussão official sobre este ponto, que até hoje não passa de um acto puramente amigavel e confidencial?

2.° Si não fôr possivel entendermo-nos sobre a questão de fórma, posso fazer pressão declarando que será isto motivo para romper, ou para não iniciar a negociação especial de que estou encarregado?

3.° Si definitivamente, e depois de fazer constar officialmente todos os incidentes anteriores, se aprezentar como obstaculo á negociação de fundo o não ajustar-se a questão de fórma, devo considerar rota toda negociação e dar por terminada a minha missão?

Sobre os pontos indicados espero as ultimas instruções de V. Ex., escusando dizer que em todo cazo não pouparei esforços para que as coizas não cheguem a esta extremidade, propondo ou aceitando alvitres, que, salvando o reciproco decoro e a reciproca conveniencia, nos aproximem do acordo que a todos interessa, e que persisto em acreditar antecipadamente aceito, posto que não ambicionado por este governo, uma vez que não deixemos pretestos que nos afastem d'elle. Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre.*

A S. Ex. o Sr. Ministro das relações exteriores da Republica Argentina.»

O Instituto vê confirmado tudo quanto escrevi acerca da questão de fórma, a qual foi aprezentada desde a primeira conferencia com o plenipotenciario argentino. Vê tambem confirmada a declaração de que o general Mitre não julgava, que devesse ser desattendida a reclamação

brazileira, chegando a manifestar algum queixume pela insistencia por parte do governo argentino em não attender á amigavel solução confidencialmente tratada.

Estava o governo brazileiro á espera da ultima decizão do governo argentino, quando o general pedio-me a conferencia, que realizou-se em 10 de Setembro, da qual dá conhecimento ao seo governo em confidencial do dia seguinte n'estes termos:

«Confidencial. Legação Argentina no Brazil. Rio de Janeiro 11 de Setembro de 1872.

Sr. Ministro. Tenho a honra de accuzar o recebimento da confidencial de V. Ex., datada de 26 do proximo passado, contendo as necessarias instruções que solicitei a 19 do mesmo mez a respeito da questão de fórma e seos rezultados, acerca da qual consultei a V. Ex., tendo recebido ao mesmo tempo a nota modificada sobre que essa questão versava e a minuta da resposta á mesma.

Perfeitamente de acordo com V. Ex. em que o governo argentino não deve satisfação ao Imperio do Brazil, tanto porque a energica defeza dos nossos direitos correspondia a factos que a atacavam e que todavia não têm tido satisfação por parte do Imperio, como porque, dado o cazo de que o governo argentino devesse ou podesse estar disposto a dar alguma explicação sobre o incidente das notas, tal questão prévia de fórma tinha desapparecido depois da ultima resposta do Brazil e de todos os actos posteriores. E' por isso,que na conferencia que tive com o ministro dos negocios estrangeiros do Imperio, de que dei conhecimento em confidencial de 27 do proximo passado, fiz valer estas e outras razões para aprezentar do modo mais conveniente possivel a questão de fórma promovida por este governo como um novo *pretesto* para não entrar desde logo na questão de fundo, servindo-me da mesma palavra e qualificando similhante procedimento de falta de boa vontade, ou seja *má vontade* para liquidar nossas questões pendentes, com tudo mais que se me offereceo dizer, sem que minhas observações fundamentaes fossem abaladas, ficando portanto vantajozamente habilitado para cumprir as instruções do meo governo.

Isto, ainda no cazo de uma negativa absoluta, não obstante a opinião que particularmente emitti de que não haveria inconveniente em adicionar á nota uma fraze amigavel, ainda quando não fosse sinão para satisfazer um dezejo tão amigavelmente manifestado, desde que sem exigencia alguma se deixava seo alcance e sua fórma ao governo argentino, com a vantagem de restabelecer desde logo por este meio as boas relações, entrando immediatamente na negociação da questão de fundo sem embaraço algum.*

Si a rezolução de V. Ex. tivesse sido fazer simplesmente á nota o aditamente que houvesse julgado conveniente, essa nota já teria sido aceita (ainda quando não differisse muito da anterior) e eu estaria agora occupando-me sériamente dos fins da minha missão. Tendo vindo porém com condições, ella prolonga indefinidamente a questão de fórma, obstando as negociações, e dando ao gabinete do Brazil novo pretesto para prolongar esse incidente, que, em ultima analize, póde ser cauza do mallogro da missão, embora eu persista em crer que alguma coiza se póde fazer ; e para chegar a bom termo empregarei todos os esforços.

Disposto a cumprir, de todo modo, as instruções do governo, quaesquer que fossem, como anteriormente communiquei, dei cumprimento a ellas com a modificação que mencionarei mais adiante, posto não sejam ellas precizas para o cazo de que este governo não aceite a troca das notas que V. Ex. propõe ; cazo em que seria necessario dar andamento á anterior nota suspensa, ficando a negociação interrompida de facto, emquanto se ajustasse o incidente de governo a governo, si este governo persistisse na questão de fórma, como questão *sine qua non* para ir adiante; o que até agora não está claro, inclinando-me a crer que talvez não persista em tal rezolução depois das considerações que lhe tenho manifestado.

Entre os inconvenientes que me creavam as mesmas instruções com relação á nota modificada, assignalarei

---

* Assim sendo, não podia o general falar no periodo anterior em pretesto e má vontade.

Não faria eu reparo, si dissesse pundonor.

alguns simplesmente para que ellas sejam completadas, habilitando-me para todos os cazos occurrentes.

Em primeiro lugar a nota modificada pouco differia da nota anterior no fundo e na fórma, e satisfazia apenas indirectamente o dezejo manifestado. Segundo, em vez de satisfazer o dezejo manifestado por este governo, continha duas novas exigencias, as quaes eram: entrar immediatamente na questão de fundo, trasladando a discussão para os actos diplomaticos, e a condição expressa de uma resposta nos mesmos termos, satisfazendo-se aquella exigencia officialmente formulada. Terceiro, pedia-se resposta ao que na mesma nota se qualificava de simples accuzação de recebimento; o que nas relações officiaes ou confidenciaes não é de estilo, posto que, pela singularidade do cazo, como V. Ex. diz, pudesse ser este um meio para trocar palavras amigaveis desde que houvesse boa vontade para isto. Quarto, prescrevia de antemão a fórma e o alcance da resposta, quando por parte do governo brazileiro se deixára á espontaneidade do nosso governo a fórma e o alcance do aditamento, o qual teria aceito, qualquer que elle fosse, como manifestei antes.

Não obstante o que precede, dispuz-me immediatamente a cumprir as ultimas instrucções de V. Ex., e em consequencia, em data de 9 do corrente, pedi ao ministro dos negocios estrangeiros uma *conferencia confidencial para tratar do assumpto pendente*; tendo feito assim para corresponder ao procedimento d'este governo, que não tinha querido formular officialmente seo dezejo, e porque transferir desde já a questão para o terreno official nos collocava a ambos em terreno escorregadio, que poderia arrastar-nos além do que dezejavamos.

A conferencia realizou-se em 10 do corrente, ás 10 1/2 da manhan, no ministerio dos negocios estrangeiros.

Como introdução, disse ao Sr. Correia, que, considerando deciziva esta conferencia, tinha pedido, que ella fosse confidencial para dar tempo e liberdade á reflexão, e poder falar com mais franqueza e ao mesmo tempo com mais cordialidade. Que deplorando que, tendo entre mãos tão graves interesses, nos achassemos paralizados por uma nova questão de fórma, que alguma boa vontade por

parte do Brazil haveria evitado ou podia remover, eu não podia nem devia ver n'ella sinão um obstaculo artificial (testual) para começar a tratar com seriedade da questão de fundo. Que a tal questão de fórma era insustentavel, porque não nascia logicamente de nenhum antecedente, e tambem porque, quando tivesse sido possivel ou tivesse existido alguma vez, teria desapparecido por actos espontaneos do Brasil e por actos internacionaes de que já não era dado prescindir.

Que depois das palavras proferidas pelo Imperador do Brazil e pelo Prezidente da Republica Argentina perante os respectivos parlamentos e á face do mundo, depois dos termos de minha credencial, em que se faz menção, nas palavras mais amigaveis, dos serviços que eu tinha podido prestar á alliança, e dos discursos trocados no acto da minha recepção publica, em que o imperador assegurou á minha missão termo honrozo e feliz para ambos os paizes, tal questão não existia, e que, si houvesse existido alguma vez, a teria eliminado o facto de responder o governo brazileiro á nossa ultima nota, sem insinual-a siquer, provando assim que o que pôde ser questão então, não o era nem podia ser hoje ; acrescentando que, dado ainda que houvesse offensa nos termos da correspondencia reciproca, minha missão e permanencia no Rio de Janeiro era a maior satisfação que podiam dezejar, além de que, como lhe havia dito, tinha instrucções para dar e receber reciprocamente as explicações que pudessem ser necessarias a respeito de conceitos que passassem além das intenções benevolas de ambos os governos.

Que a esse respeito podia invocar a opinião autorizada do Sr. Visconde do Rio-Branco, prezidente do conselho de ministros, o qual, na conferencia particular que precedeo á minha recepção official, me declarára, que a questão da retirada da ultima nota argentina foi assumpto de rezolução tomada em conselho de ministros do Brazil, tendo prevalecido a opinião de que não tinha lugar a exigencia da alludida retirada, desde que, sendo uma expozição de doutrina e uma defeza dos direitos, que acreditavamos ter, em termos mais ou menos consequentes, si tivesse havido verdadeira offensa, a simples retirada

da nota não a annullava, uma vez que ella fôra publicada pelo governo argentino; e existindo similhante offensa, era indispensavel exigir a satisfação a que désse lugar; pelo que se concordára em responder á nossa nota nos termos em que se fez, ficando desde logo eliminada a questão de fórma, que hoje se promove.

Que além d'isso, pelo facto de haver eu sido recebido no caracter de enviado em missão especial, tinha-se aceitado sem condições os termos da confidencial, que me autorizava a tratar da questão de fundo, ainda pendente depois de dous mezes de minha rezidencia aqui, embaraçado por uma questão de fórma que não tem razão de ser e não póde obstar a que se preencham os fins para que fui acreditado e recebido. Que si se queria fazer nascer tal questão de fórma da discussão que houvera de governo a governo, suppondo na ultima nota brazileira rezervas que não appareciam no seo contesto, menos consistente era ainda a pretenção, desde que essa discussão foi originada por factos da parte do Brazil, que, offendendo o nosso direito e até a nossa soberania, estavam entretanto sem satisfação.

Que, longe de devermos satisfação alguma ao Brazil por isto, elle é que nol-a devia, porquanto o facto de tratar separadamente com o Paraguay, além de ser contrario aos protocollos de Buenos-Aires, importava em interpretar por si e perante si os tratados, que só os alliados de commun acôrdo podiam e deviam interpretar, sobretudo quando se tratava de recolher os frutos de esforços e sacrificios communs.

Que este procedimento tinha sido aggravado fazendo-se misterio de tal acto, sem dar-nos d'elle nenhum conhecimento e ajustando clauzulas abertamente contrarias aos tratados de alliança e aos protocollos de Buenos-Aires, cujas estipulações tinham sido esquecidas, como acontecia com a occupação militar indefinida por parte do Brazil, como o reconheceo o proprio Barão de Cotegipe na carta que publicou, na qual trata de explicar esta violencia pela singularidade da situação do Brazil.

Que além d'isso a nossa primeira nota, em que se annunciava o protesto, foi resposta a um acto offensivo por

parte do Brazil, do qual se nos deo um simples conhecimento por meio do ministro brazileiro rezidente em Buenos-Aires, quando já era facto consummado, não deixando-nos outro alvitre, sinão o de dirigirmo-nos directamente ao governo do Brazil para reclamar, como fizemos, sem que tal passo importasse crear ou promover uma questão que já existia.

Que, como eu o tinha dito em outra occazião ao Sr. ministro dos negocios estrangeiros (na conferencia de 14 de Julho, da qual dei conhecimento omittindo esta circunstancia) a primeira resposta do governo do Brazil a essa justa reclamação fôra alguma coiza mais que offensiva, pois que havia sido menos amigavel, não só pelo facto de não nos abrir o caminho conciliatorio que n'essa nota propunhamos, como tambem porque chegava até a dar razão ao Paraguay em sua rezistencia ao estipulado nos tratados de alliança; o que se aggravava com o facto da resposta a respeito da ilha do Cerrito, que affectava nossa soberania territorial.

Que, isto não obstante, não fizemos effectivo o nosso protesto, e nos limitamos a uma expozição de doutrina e a uma defeza de nossos direitos, que, qualquer que fosse sua evidencia, era provocada por actos e palavras pouco amigaveis, tendo ficado pendente a discussão com a ultima nota do Brazil, na qual, fosse qual fosse o juizo que sobre ella tivesse, teria visto, tanto o meo governo como eu, um acto amigavel que fazia estranhar tanto mais a questão de fórma que hoje se promovia artificialmente, apparecendo como um pretesto mais que como uma razão, que, sem pôr em duvida a sua boa fé, assim seria qualificado pelo mundo imparcial.

Que, pelo que nos toca, ninguem poderia desconhecer nossa moderação e o muito dezejo de chegar a um acordo, salvando em todo o cazo a paz e as boas relações entre ambos os paizes, e que, si o Brazil, por não temer por isto a guerra de nossa parte, acreditava ter assegurado melhor os rezultados da alliança e nos tratados em separado com o Paraguay, sem necessitar de nós, pensava, que se equivocavam, por que nós, sem carecer precizamente de acordo commun, posto que o anhelassemos como melhor para

todos, o procuravamos com sinceridade em honra e em beneficio commun para não deixar uma situação indefinida, que, sem ser a guerra nem o rompimento das boas relações, comprometteria ou tornaria duvidozos ou menos fecundos os beneficios da paz, que uma politica internacional previdente póde assegurar para o prezente e o futuro.

Que, apezar de ser o governo argentino o mais interessado em manter uma discussão que nascia de factos estranhos que offendiam nosso direito, dava o bom exemplo de não continual-a, procurando transferir para o terreno dos actos serios da diplomacia uma correspondencia directa que podia aggravar a situação, levando cada paiz além do que queria e convinha.

Que a nota anterior (a suspensa) respondia a estes propozitos, referindo-se, pelo que toca ao mais, ao que eu fizesse ou dissesse como reprezentante do governo argentino, tendo ido por minha parte até offerecer-me para dar todas as explicações necessarias sobre os conceitos que pudessem parecer offensivos, ainda que em realidade o não fossem desde que não estava em nossa intenção, ficando bem entendido que taes explicações seriam reciprocas, como convinha, no que tambem podia apoiar-me na opinião do Sr. Visconde do Rio-Branco, que, ao indicar-me como uma difficuldade a falta de resposta da ultima nota brazileira em termos satisfatorios, me disse, que a nota argentina de 27 de Abril podia dar lugar a algumas explicações, assim como a nota brazileira de 22 de Março talvez pudesse tambem reclamar algumas.

Que iniciada, ainda que amigavel e confidencialmente, a questão de fórma, como eu o previa e annunciára, o governo argentino tinha tido difficuldade em acceder ao dezejo do governo brazileiro, não obstante abundar nos mais benevolos sentimentos, por quanto tal questão era, além de infundada, extemporanea, e não estava revestida de caracteres serios, rezervando-me o expôr ulteriormente as razões em que o meo governo fundou esta negativa.

Que, não obstante, o governo argentino, deferindo ás minhas observações, se prestava agora a modificar sua nota anterior suspensa, eliminando algumas palavras que poderiam ser interpretadas de modo contrario aos seos

sentimentos, adicionando-lhe outras que, sem constituirem uma satisfação que não devia, importavam uma abertura formal nos termos os mais amigaveis.

Que este procedimento tinha sobre o indicado pelo Sr. ministro dos negocios estrangeiros a vantagem de, em vez de reabrir a discussão sobre conceitos e incidentes que felizmente haviam passado, pôr dignamente termo ás reciprocas recriminações, e dando por encerrada a discussão, permittia a troca de boas palavras no sentido de um acordo. Que tal adição era e devia ser condicional pela especialidade do cazo, pois, desde que o governo brazileiro dezejava alguma coiza mais que uma simples accuzação de recebimento, cabia-lhe corresponder a seo amigo e alliado n'esta nova faze da questão, não importando por outra parte tal resposta sinão declarar, que participava dos mesmos sentimentos manifestados pelo governo argentino. Que alem d'isto o governo argentino não necessitava por esta resposta, por quanto até agora, não obstante conhecer-se aproximadamente quaes eram nossas exigencias, que não iam além do racional e do decorozo para ambos os paizes e para todos os alliados, incluzive o proprio Paraguay, até hoje o governo brazileiro nem official nem confidencialmente tinha feito conhecer quaes eram as bazes sobre as quaes estava disposto a rezolver decididamente as questões pendentes.

Que para nos prestarmos a rezolver a questão de fórma, que tinha surgido, mostrando-nos n'esta parte deferentes, necessitavamos saber, si o Brazil estava realmente disposto a rezolver as questões que nos dividiam, pois que não valia a pena ajustar questões de mera fórma, sem razão de ser, si depois d'isto haviamos de encontrar novas difficuldades ao iniciar a questão de fundo, e que o penhor de que assim não seria, ainda mesmo sem pôr em duvida a boa fé do governo brazileiro, era uma resposta que correspondesse á nossa abertura e a nossos sentimentos amigaveis officialmente manifestados. Que tal era prezentemente a situação respectiva ,que os successos nos tinham creado logicamente que podia rezumir-se n'este dilemma: ou ajuste da questão de fórma com a condição de dar-nos segurança de ajustar a questão de fundo, ou

insistencia em nossa nota anterior, deixando ao Brazil a responsabilidade do seo procedimento, ou, o que é o mesmo, troca reciproca de palavras amigaveis que nos aproximasse de um acordo, antes de chegar ao escandalo de prolongar sem razão uma situação que podia e devia ter um termo mutuamente satisfatorio e honrozo; o que importava necessariamente uma resposta á nossa nota modificada e adicionada para chegar a este rezultado.

Depois d'esta extensa expozição em que me estendi sobre outras considerações, que omitto por não serem essenciaes, e que durou uma hora, sem que o Sr. ministro dos negocios estrangeiros me interrompesse uma só vez; li-lhe integralmente a nota de V. Ex. de 10 de Agosto, em que fundava sua primeira negativa a acceder ao dezejo manifestado pelo gabinete do Brazil, declarando depois d'isto que, não obstante o fundamento de suas razões, o governo argentino, attendendo ás minhas observações, bazeadas em outra ordem de idéas, se tinha prestado a satisfazer aquelle dezejo, modificando e adicionando sua nota nos termos de que ia dar-lhe leitura, porém com a condição de que essa nota fosse correspondida com uma resposta analoga. Então li-lhe a parte da nota de V. Ex., que se refere á questão de fórma promovida, e á condição expressa antes indicada; depois d'isto li copia da nota modificada, e como simples apontamento, a fórma da resposta, que V. Ex. juntou á sua referida nota de 26 de Agosto, dizendo-lhe que era simplesmente um projecto, no qual não se fazia sinão repetir nossas proprias palavras e sentimentos, parecendo-me que devia corresponder assim ao seo amigavel procedimento, tanto porque tinham deixado á nossa espontaneidade a fórma e o alcance do aditamento, como porque, aprezentado o projecto como objecto de discussão, nós creavamos, sem o poder evitar, o novo embaraço de pôr outra vez em discussão a fórma de nossa nota modificada.

O Sr. ministro Correia permaneceo em silencio por longo espaço de tempo, lendo a copia da nota modificada e o projecto de resposta que puz em suas mãos, mostrando-se pouco satisfeito da sua leitura, depois do que me disse: Que eu tinha feito, sob meo ponto de vista, e

em defeza do que considerava direitos do meo paiz, uma extensa expozição, que importava uma accuzação ao procedimento do governo brazileiro, a qual exigia por sua parte uma refutação; ao que observei, que, como elle havia dito, não era sinão uma simples expozição de factos para motivar e justificar nossa attitude em prezença da questão prévia que nos suscitava, sem pretender entrar em discussão sobre os diversos topicos que ella comprehendia; em virtude do que o Sr. ministro teve a bem não insistir sobre este ponto, no qual me parece não se considerava forte, como se deduz do que disse depois.

O Sr. ministro Correia continuando, depois de repetir-me o que já em outra occazião me dissera, que a questão de fórma havia surgido em preenzça da ultima resposta argentina (a suspensa), e que não fôra formulada na ultima resposta brazileira para deixar á espontaneidade do governo argentino a opportunidade de corresponder á manifestação da sua resposta, disse-me: que o governo brazlieiro devia estranhar, que, quando sem formular exigencia alguma, deixando a fórma e o alcance ao arbitrio do governo argentino, se limitára a manifestar, confidencial e amigavelmente, o dezejo de que se incluisse em nossa resposta algumas frazes, que attennuassèm ao menos o effeito que a nota argentina de 27 de Abril cauzára no Brazil, nos termos que elle julgasse mais convenientes, tinha mais razão para crêr, que a má vontade, que, com tanta insistencia, se attribuia ao governo brazileiro, existia antes da parte do governo argentino.

Que a resposta modificada, differindo pouco dos termos da anterior, não ratificava, nem reaggravava os termos da nota de 27 de Abril, que podiam crêr-se intencionalmente offensivos: porém que vinha acompanhada de uma nova exigencia, a qual era de entrar-se desde logo na questão de fundo, com a condição, além d'isso, de uma resposta. Objectei então ao Sr. ministro Correia, que a parte condicional, que era inherente á modificação da resposta suspensa, não era uma nova exigencia, mas uma consequencia logica do desenvolvimento da questão de fórma, tal como elles a haviam estabelecido, a meo modo de ver artificialmente, e que apparecia como mero pretesto,

para não tratar seriamente das nossas questões de fundo, si o Brazil pudesse ter difficuldade em dizer-nos, que participava de nossos dezejos e esperanças de chegar a acordo sobre o assumpto.

Que si, como elle me dizia, o governo brazileiro dezejava tal ajuste, não via, que difficuldade pudesse haver em manifestal-o nos termos que julgasse mais conveniente; podendo dar lugar a pôr-se em duvida a sua boa vontade esta negativa a um acto tão simples e conveniente para o restabelecimento das boas relações; ao que devia acrescentar-se o antecedente de que já tinha feito menção, a saber: que até agora o governo do Brazil não nos havia manifestado a sua boa dispozição para rezolver as nossas questões pendentes por cauza dos tratados celebrados em separado em Assumpção, guardando completa rezerva até a respeito das bazes sobre as quaes poderiamos iniciar a negociação de que eu estava encarregado, em quanto que por minha parte, embora não tivesse formulado bazes, havia abundado em franqueza, declarando que, incumbido de uma missão de paz e amizade, não vinha reagir contra os factos que tinham sido consummados sem o nosso concurso, e sim simplesmente aproximal-os quanto fosse possivel dás estipulações do tratado do 1.° de Maio e protocollos complementares de Buenos-Aires, de que se tinha prescindido tanto na negociação em separado do Brazil, como nas proprias estipulações dos tratados de Assumpção, começando por interpretar e executar por si e perante si, segundo essa interpretação, os tratados de alliança, e acabando pelo misterio que se fez de similhante procedimento em relação aos alliados, em cujo prejuizo vinha a redundar aquelle procedimento.

O Sr. ministro Correia replicou, que o misterio da negociação, a que eu alludira, era uma circunstancia accidental, visto que nos protocollos ajustados pelo negociador se estipulava a participação aos alliados, tendo-se, no mais, ajustado tudo de conformidade com os compromissos do tratado de alliança.

A este respeito observei ao Sr. ministro, que o proprio Barão de Cotegipe, negociador dos tratados de Assumpção, reconhecera em sua carta, que foi publicada,

que elles continham clauzulas contrarias ao tratado de alliança e especialmente aos protocollos de Buenos-Aires no que se referia á occupação militar indefenida do Paraguay por tropas brazileiras (sem mencionar o protectorado de facto que isto importava), o que elle explicava e justificava, a seo ver, com o facto de ter-se visto obrigado, segundo dizia, a tratar separadamente, considerando isto como um facto transitorio, que um acordo commun devia fazer cessar, sem que por isso se insinuasse nenhuma questão de fórma para poder-se chegar a esse acordo ; longe d'isto, afastou-se todo obstaculo d'esse genero em um espirito que, cumpria um dever em declarar, considerava elevado e de boa politica.

Com este motivo interpellei ao Sr. ministro, si o governo brazileiro aceitava, como baze para uma negociação sobre nossas questões pendentes, as que o Barão de Cotegipe havia communicado ao ministro das relações exteriores da Republica Argentina.

O Sr. ministro dos negocios estrangeiros respondeo-me, sem vacillar, que sim, e que, si a isso limitavam-se nossas pretenções, por parte do governo brazileiro não havia difficuldade.

Tendo eu observado que, ao falar de bazes, S. Ex. as tomava simplesmente como um ponto de partida para entrar em negociações, e que me referia ás bazes taes quaes tinham sido formuladas em nossa ultima nota, cuja exactidão havia publicamente reconhecido o proprio Barão de Cotegipe, o Sr. ministro me respondeo immediatamente, que assim considerava essas bazes e que se referia a ellas taes como tinham sido redigidas pelo Sr. Tejedor.

Depois de trocar algumas idéas sobre esses topicos, declarei ao Sr. ministro, que era para deplorar, que, estando quazi de acordo no fundo, e tão proximo a nos entendermos, alcançando o rezultado honrozo e feliz para ambos os paizes que o Imperador augurara á minha missão, seria dolorozo, e até vergonhozo, que a negociação não se iniciasse por uma mera questão de fórma, que, o repetia, podia ser considerada como um pretesto filho de má vontade, ficando assim esterilizada a boa dispozição que agora me manifestava.

Tendo feito o Sr. ministro algumas observações sobre a anterior nota (a suspensa), e a ultima modificada com a condição de uma resposta, mostrou-se pouco satisfeito, insinuando que por tal modo não parecia possivel que chegassemos a um acordo.

Observei ao Sr. ministro, que reflectisse tranquillamente na situação que uma rezolução de sua parte em similhante sentido podia crear, pois que, si não aceitava a nota modificada com a condição de corresponder a este acto amigavel, eu me veria forçado a declarar, que se désse andamento á nota suspensa, e então, si insistisse na questão de fórma, veria ella a ser condição *sine qua non* para entrar na questão de fundo; o que seria pouco digno de uma nação como o Brazil, e pouco serio em prezença dos graves interesses de que se tratava, emquanto que ficaria manifesto o nosso sincero dezejo de chegar por todos os meios possiveis a um ajuste, para o qual não haviamos omittido esforços, vindo até procural-o molestamente aqui no Rio de Janeiro, dando assim o primeiro passo e não poupando esforços para chegar a um rezultado.

O Sr. ministro disse-me, que em tal cazo, isto é, de dar andamento á nota suspensa, elle ver-se-ia na necessidade de dirigir-se directamente ao governo argentino, manifestando os motivos pelos quaes tal nota não era satisfatoria.

Pareceo-me inutil observar ao Sr. ministro, que similhante procedimento seria irregular, tratando-se de uma accuzação de recebimento que nada dizia, e em que se referia ao que eu fizesse ou dissesse para dar e receber as explicações necessarias, que por esse modo se esquivavam de receber, limitando-me a dizer-lhe que, dado tal cazo, ver-me-ia na necessidade de fazer constar officialmente quanto confidencialmente se tinha passado entre nós, e que então ao pedido que fizesse para entrar a occupar-me dos assumptos da missão especial, em que fôra recebido, teria o governo do Brazil de declarar, que não honrava as minhas credenciaes depois de tel-as aceito; o que não me parecia regular, e acreditava por isso mesmo, que não chegariamos a tal extremo.

N'este estado da conferencia, e tendo-se ella prolongado por espaço de duas horas, propuz ao Sr. ministro : ou que a suspendessemos para renoval-a depois que elle houvesse meditado detidamente sobre o assumpto, ou me convidasse para uma nova depois que, pela gravidade do caso e de suas consequencias, tivesse consultado a opinião do gabinete, deixando-lhe para este fim copia da nota modificada e do projecto de resposta, com a condição de serem devolvidos, cazo não chegassemos a acordo.

O Sr. ministro aceitou este alvitre, declarando-me que, pela gravidade do cazo, consultaria a opinião do gabinete, não tomando sobre si só a responsabilidade.

Disse-lhe então, que, disposto a fazer tudo que de mim dependesse para evitar uma desintelligencia e chegar a um acordo, pretendia ter uma entrevista com o Sr. Visconde do Rio-Branco, idéa que o Sr. Correia approvou, dizendo-me que o voto do prezidente do conselho de ministros não só era preponderante nos conselhos do governo, como porque S. Ex. era um homem publico, que deveria ser consultado sobre a materia, ainda quando não fosse ministro, ainda quando o partido a que elle pertence não estivesse no poder.

Com o que terminou nossa conferencia, tendo no mesmo dia solicitado por escripto uma entrevista particular com o Sr. Visconde do Rio-Branco, que me respondeo convidando-me para amanhan, e manifestando-me o muito dezejo que tinha de que ella se realizasse. Do seo rezultado darei conhecimento a V. Ex. em officio separado. Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre*. »

Tenho a satisfação de confirmar perante o Instituto as palavras que me ouvio o general Mitre com referencia ao então prezidente do conselho, de saudoza memoria, e á sua competencia nas questões de que nos occupavamos. Ellas não estão assim escriptas nas minhas notas, porque tinham de ser lidas na prezença de S. Ex., e eu não dezejava, que se pudesse ver n'ellas um simples comprimento.

N'esta confidencial o general renova seo queixume por não ter logo o governo argentino annuido á sua opinião, que continuava a julgar a mais acertada, e era aliás conforme á do governo do Brazil.

Diz S. Ex., que se podia ver no procedimento do governo brazileiro um pretesto para não entrar logo na questão de fundo, duvidando que se ligasse toda a importancia á questão chamada de fórma, duvida que não devia ter desde que é elle proprio quem reconhece a prudencia com que no Imperio eram tratados os assumptos d'esta ordem. A demora do Sr. Tejedor em attender patenteia quão justificada era a insistencia do Brazil no empenho de não consentir na suspeita de haver sido propozitalmente offendido. A procedencia das increpações feitas pelo plenipotenciario argentino a actos do governo brazileiro teria de ser apreciada ao tratar-se da questão de fundo.

Diz ainda S. Ex. que n'esta conferencia perguntou-me si o governo brazileiro estaria prompto a aceitar as bazes formuladas pelo Sr. Tejedor, quando esteve em Buenos-Aires o Barão de Cotegipe, e que eu respondi sem vacillar. Esta parte não consta das notas que escrevi pela razão de que meos collegas estavam bem certos sobre este ponto, que já havia sido tratado em a nota de 20 de Junho.

Eis o que escrevi sobre esta conferencia :

« O Sr. general fez uma extensa expozição dos acontecimentos, e leo, sem mostrar-me, o despacho, em que o Sr. Tejedor dá as razões pelas quaes julga não dever attender á questão de fórma, não aprezentada anteriormente, e mostra-se resentido, primeiro por se ter declarado razoavel a reluctancia do Paraguay na questão do Chaco ; e segundo por se ter tratado separadamente com o Paraguay, de fórma que, a haver substituição da nota, deve haver resposta por parte do governo imperial.

Leo-me os termos da substituição da nota ; e meramente como uma indicação para o governo imperial apreciar, disse em que termos podia ser a resposta do mesmo governo.

Li attentamente o projecto da nota que se me apresentou para bem aquilatar as differenças da anterior. Disse depois a S. Ex. :

Que não me parecia necessario acompanhal-o na apreciação historica que havia feito, e que tambem por nossa parte já tem sido feita, pois que não tinha isso

immediata ligação com o assumpto principal da nossa conferencia.

Que tambem não voltaria ao objecto de que tratára na anterior conferencia, e que fôra reproduzido, por já ter dito quanto bastava para justificar a opinião, em que permanecia, de que a responsabilidade dos successos posteriores não pezava sobre o Brazil. Si eu tivesse duvida a este respeito, como essa responsabilidade era grande, reconsideraria a materia.

Tratando especialmente do assumpto que estava difficultando as relações dos dois Estados, cumpria-me assignalar a nova face que se lhe quer dar, tornando condicional a substituição das notas que dependera da resposta para a qual S. Ex. entregou-me um projecto, que eu recebia como documento historico e para que meos collegas tivessem conhecimento do assumpto para final decizão.

Apreciando o projecto da nota que tem de ser enviada em substituição, via sómente, que se confundia o procedimento dos dois governos, como si o governo brazileiro tivesse escripto alguma nota similhante á de 27 de Abril.

Que, a meo ver, não havia n'este procedimento sómente a falta da boa vontade, que o Sr. general tem notado por parte do Brazil, mas muito má vontade; pois que não se explica a difficuldade opposta em satisfazer ao governo imperial, a não ser que o governo argentino tenha visto no procedimento do brazileiro um acto menos conforme á sua dignidade, uma humilhação. S. Ex. porém bem via, que similhante idéa não podia haver, desde que o Brazil não manifestou sinão o dezejo de que se escrevesse na resposta palavras, a arbitrio do governo argentino, que desfizessem a má impressão cauzada pela nota de 27 de Abril.

Ora, sendo a arbitrio do governo argentino, não ha duvida de que serão conformes á sua dignidade; restava pois, que a resposta fosse tambem satisfatoria para o Brazil. E' este sómente o ponto, e tão difficil tem sido! Não ha intento de humilhação, que o governo brazileiro, que não o supportaria por sua parte, não manifesta mesmo para com os Estados menos poderozos.

Assim pois, eu achava que notar no alvitre proposto; mas era questão muito grave, e como ao deixar S. Ex. tinha de ir conferenciar com meos collegas, de tudo os inteiraria.

Disse-me então S. Ex., que, si não fosse possivel acordo, teria de expor tudo o que ha occorrido, conforme anteriormente me declarara.

Respondi, que, n'esse cazo, quem teria de pronunciar-se primeiramente era eu, expondo, por parte do governo imperial, os motivos porque não considerava admissivel a nota do Sr. Tejedor de 15 de Julho. Era este, e não podia deixar de ser, o primeiro passo.

Ponderando que se tratava de um grave assumpto, manifestou S. Ex. dezejo de ter uma entrevista com o Sr. prezidente do conselho.

Disse-lhe, que, além de sua pozição como prezidente do conselho de ministros, o Sr. Visconde do Rio-Branco era tão conhecedor das nossas questões com a Republica Argentina que eu não podia deixar de apreciar a entrevista, que o Sr. general dezejava, tanto mais quanto podia ter muito alcance a solução d'este negocio.

O Sr. general ficou de escrever para tal fim ao Sr. Visconde.

Propoz então o Sr. Mitre, que ficasse adiada a conferencia, ou que eu lhe marcasse outra depois que lhe pudesse dar a decizão do governo imperial.»

Depois de tratar do assumpto com meos collegas, e de ter o Sr. general Mitre a entrevista que dezejava com o prezidente do conselho, convidei-o para uma conferencia no dia 17.

D'essa conferencia o plenipotenciario argentino deo conta ao seo governo em confidencial de 19:

« Confidencial. Legação Argentina. Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1872.

Sr. Ministro. Como annunciei a V. Ex. em minha confidencial de 12, depois da conferencia que tive com o Sr. prezidente do conselho de ministros do Imperio, esperei, que a proposta que elle me havia feito n'aquella occazião me fosse formalmente renovada pelo Sr. ministro dos negocios estrangeiros, sem dar para esse fim o menor passo.

O Sr. ministro convidou-me depois de alguns dias para uma conferencia, que teve lugar no dia 17 no respectivo ministerio, desculpando-se por não me haver convidado mais cedo em consequencia do estado de sua saude.

Depois d'isto renovou a proposta, que me havia feito o Sr. prezidente do conselho, e fôra por mim aceita *ad referendum*, recordando os termos da minha conferencia de 12. O ministro entregou-me os projectos de notas, que em original a esta acompanham sob as letras A e B; com o que, tendo eu dito que responderia logo que os estudasse, deo-se por terminada a conferencia.

No dia 18 communiquei confidencialmente ao Sr. ministro o projecto de resposta por nossa parte, que junto sob a letra C, enviando-lhe tambem uma emenda ao projecto da nota brazileira, limitando a expressão e o alcance do paragrafo segundo, que começa : « O abaixo assignado, & ».

No mesmo dia á tarde fui convidado para uma nova conferencia, que realizou-se no dia 19, e n'ella o Sr. ministro disse-me, que a minha redação fôra aceita em conselho de ministros, assim como a emenda por mim proposta, com excepção de uma modificação de fraze e troca de palavras. Depois de uma ligeira discussão conveio-se na emenda, cujos termos se acham indicados em uma parte do annexo A.

Em seguida o Sr. ministro declarou-me, que, si eu estivesse autorizado para regular definitivamente este incidente, poderiamos já tratar da questão de fundo; porém que, ficando ella pendente, *ad referendum*, o governo imperiral não poderia entrar na negociação, não obstante estar disposto a ouvir, pela fórma que eu julgar conveniente, tudo quanto eu lhe quizer dizer sobre o particular.

N'este estado de coizas espero a rezolução definitiva de V. Ex. acerca do incidente, para dal-o por difinitivamente terminado e poder occupar-me seriamente do objecto da minha missão, si o governo se servir approvar o meo procedimento.

E' minha opinião, que o governo argentino deve aceitar esta solução, que, além de ser reciprocamente

satisfatoria e digna, nos dá a segurança de nos podermos occupar desde já da questão de fundo, partindo de bazes conhecidos que promettem uma ajuste honrozo e feliz. Si antes, insistindo o Brazil na questão de fórma, tal qual a aprezentára, podiamos estar autorizados a romper ou suspender a negociação, assumindo ella grave responsabilidade perante o mundo imparcial, hoje que o Brazil nos faz uma nova proposta conciliatoria, em que tudo fica regulado pela troca reciproca de palavras amigaveis, que não importam sinão a confirmação do que já foi dito, e em que até se salva a objecção de V. Ex. de que na discussão de governo a governo a nossa ultima palavra não ficasse sem resposta, a responsabilidade que dahi rezultasse seria mais nossa do que d'elles; sobretudo quando a ultima palavra do Brazil é uma abertura formal para tratar; e são conhecidas as bazes sobre que está disposto a fazel-o. Deos guarde a V. Ex. *Bartolomé Mitre.* »

Como se vê, o plenipotenciario argentino entregou-me o projecto da nota que devia substituir a de 15 de Julho, e bem assim a indicação da resposta que lhe parecia dever ser dado pelo governo imperial, indicação que recebi como documento historico, e para que os meos collegas tivesse pleno conhecimento do assumpto para final decizão.

Vou dar conhecimento ao Instituto do que escrevi sobre a conferencia do dia 17:

«Disse ao Sr. general, que na ultima conferencia havia eu exposto os motivos porque me parecia, que o seo projecto de nota e resposta não podiam ser aceitos em sua integridade, que por isso lhe offerecia outros projectos conforme com o pensamento geral de manutenção da alliança e das boas relações entre os dois Estados.

Pedia para isso a attenção de S. Ex. para os ditos projectos, e como era importante a materia, S. Ex. podia ficar com elles e dar-me sua resposta no dia seguinte ás 11 horas. S. Ex. aceitou os projectos; disse-me, que estimava o prazo que lhe concedia; que, por minhas palavras, se persuadia de estarem os projectos de acordo com o que expuzera na conferencia com o Sr. prezidente do conselho, isto é, a baze da reciprocidade; que estimaria poder aceitar

os projectos *ad referendum*, para então entrar na materia principal ainda que confidencialmente, como até agora tem tratado dos assumptos de que nos temos occupado. »

No dia seguinte o general enviou-me confidencialmente outras copias para que tambem com ellas nos occupassemos na proxima conferencia, que realizou-se no dia 19, e sobre a qual escrevi:

« Disse ao Sr. general, que, como prova do empenho do Brazil em sustentar suas anteriores declarações, ia darlhe a agradavel noticia de que aceitava inteiramente o seo projecto de nota por parte do governo argentino.

Quanto a minha resposta, julgava, que, depois de tal aceitação, devia com effeito soffrer alguma modificação no topico a que S. Ex. se referia. Por isso eu indicava uma que salvava algum inconveniente de redação.

S. Ex. aceitou a redação proposta, dizendo que agora esperava, que não houvesse mais duvida, por parte do seo governo, quanto a esta questão de fórma.

Observei eu então, que, não podendo S. Ex. apezar de ser um ministro altamente caracterizado e munido de amplos poderes, como se declarava no projecto de nota do governo argentino, aceitar definitivamente esse projecto, mas sómente *ad referendum*, ficavamos ainda em uma situação provizoria, e que portanto não podiamos entrar em negociação desde já; mas que, estando S. Ex. aqui acreditado em alto caracter diplomatico, não tinha eu duvida em ouvir quaesquer declarações que S. Ex. entendesse conveniente fazer.

Respondeo S. Ex., que compenetrava-se da minha observação; que ia escrever ao seo governo no dia 22, e que esperava ter solução satisfatoria nos primeiros dias do proximo mez. »

A resposta do governo argentino foi no sentido de approvar o acto do seo plenipotenciario; e a nota do ministro das relações exteriores da Republica de 25 de Setembro, e a minha de 2 de Outubro em resposta, redigidas de conformidade com os projectos approvados, estão publicadas no relatorio, que aprezentei na primeira sessão da legislatura que corria.

Seguio-se a negociação publica, confiada ao zelo e aos talentos do Marquez de S. Vicente.*

O Instituto conhece o que occorreo n'essa negociação; e inteirado agora de tudo quanto a precedeo, póde fórmar seo juizo sobre esta parte da nossa historia diplomatica. Confio, que nem o Instituto, nem o paiz, exprobarão ao ministro dos negocios estrangeiros o não haver procurado salvar os justos reclamos da opinião nacional e promover o melhor serviço de sua patria.

D'esta narrativa uma verdade resalta: que, estremecidas as relações internacionaes, a negociação confidencial muito póde contribuir ou para a paz ou para guerra.

MANOEL FRANCISCO CORREIA

---

* Convenci-me, no exercicio do cargo de ministro dos negocios estrangeiros, de que este deve evitar quanto possivel entrar directamente nas negociações de caracter publico, permitta-se-me assim qualifical-as. O plenipotenciario, si as coizas não correm á feição, tem o inapreciavel recurso de appellar para a falta de instrucções. Ganha tempo para a reflexão; mune-se da opinião do seo governo, e fica em condição de proseguir sem vexame, e do modo mais conveniente. O ministro, que é quem dá as instrucções, fica em taes circunstancias em outros embaraços; e só com muito tacto e não vulgar sagacidade póde ladear a difficuldade sem collocar-se em situação angustioza, si não de relativa inferioridade.

DESCRIPÇÃO GEOGRAFICA ABREVIADA

DA

CAPITANIA DO CEARA'

PELO

Coronel de engenheiros Antonio Jozé da Silva Paulet

Contém a capitania uma só comarca, que se estende em longitude pela costa na linha de E. S. E. ao O. N. O. 160 leguas, contadas do modo vulgar, e segundo a carta hidrografica de Tufinho de 1810, pelo meridiano de Cadiz em 110 leguas desde 31° 30'' até 33°, e segundo a Columbia prima desde 37°, 15'' até 41° 30''.

Confina pelo N. com o mar, pelo S. com a capitania de Piauhi e comarca do sertão de Pernambuco, pelo E. com a capitania da Parahiba e Rio-Grande, e do lado do O. com a do Piauhi. A extensão da comarca e o numero de suas villas faz parecer, que ella é de muita consideração, porém examinada acha-se de pouca importancia em relação á sua extensão e quantidade de villas.

Ha na comarca 17 villas, começando de E. para O.

A' beira mar se encontra a villa de Santa-Cruz do Aracati, São-Jozé de Ribamar do Aquiraz, Mecejana, Fortaleza, Arronxes, Soure. Daqui caminhando ao S. O. se vae á villa do Sobral; descendo á beira mar se encontra a Villa de Granja; cortando ao S. se vae a Villa-Viçoza, e Villa-Nova de El-Rei; dahi caminhando a E. está a villa de Campo-maior; ao S. d'esta e de São-João do Principe para E. S. E. a villa do Crato; no mesmo rumo a de

Santo-Antonio do Jardim; descendo pelo rio Salgado a rumo de N. se vae á villa do Icó, e no mesmo rumo á villa de São-Bernardo, e d'ella ao O. Monte-mór o Novo.

D'estas são de indios cinco, Mecejana, Arronxes, Soure, Villa-Viçoza e Monte-mór, que só tem de villa o nome. Villa-Nova de El-Rei e São-João do Principe são insignificantes e vão a acabar. Em nenhuma das villas da comarca ha hospital, caza de Mizericordia ou instituto algum de caridade. A lavoura e a criação de gados é donde provém a mantença dos habitantes.

A primeira consiste em mandioca, milho, arroz, feijão e algodão.

Apezar das muitas cordilheiras, que circulam, atravessam e se ramificam pela capitania, e das quaes se deviam esperar muitas nascentes nas fraldas das serras, não ha rios caudaes. A serra, que circunda a capitania, denominada Serra-Grande, desde a Timonha ao O. da Granja até a villa do Jardim, tem grandes nascentes, mas estas pendem para a capitania do Piauhi, e vão formar o grande rio Parnahiba.

N'esta capitania ha o rio Jaguaribe, que vae fazer foz no Aracati; nasce acima de São-João do Principe, e vem unir-se com o rio Salgado, que nasce na serra do Araripe, uma legua acima do Crato, a baixo do Icó. Traz um curso de mais de 90 leguas; corria em outro tempo, ainda que pobre, até a villa do Aracati; depois da sêca dos trez annos até 1792, chamada vulgarmente a sêca grande, entrou a chegar até 40 leguas no verão, hoje não passa de 15, e vae diminuindo em proporção que suas aguas têm sido divertidas no Crato por augmento de cultura: nasce do coito, que no interior d'este paiz, o mais abundante por suas vertentes, buscaram os habitantes dos sertões flagelados de continuas sêcas, e os criminozos das capitanias confinantes, pelo mal entendido sistema de distrito, que faz julgar aqui os homens de diferentes comarcas como de nações estranhas.

O rio Acaracú, que nasce junto da mesma Serra-Grande, em termo de Villa-Nova de El-Rei, e que passa pela do Sobral e vae fazer barra no mar, 20 leguas distante d'esta villa, séca ordinariamente em Agosto.

Não ha fontes e os povos bebem de poços, ou cacimbas cavadas nos leitos dos riaxos, e em outros lugares. E' por isso muito penozo viajar no verão; não se conhecem estalagens em todo este paiz, e os viajantes ordinariamente se agazalham no mato.

Nos mezes de Dezembro e Janeiro é mui mesquinho o pasto, e muitos annos o não ha, e a falta de agua é extrema; taes são as estradas de Campo-maior para o Sobral, onde se encontram aguas insuportaveis por salinas, e essas mui escassas.

N'estes mezes não ha carne nas villas ainda as mais abundantes de gados, como Sobral, Campo-maior e Icó; os gados emigram 10 e 20 leguas ás vezes, em demanda de agua, só ficam aquelles que por sua magreza não podem caminhar, e morrem.

As matas são todas de arvores pouco ramozas, como carnaúbas, sabiás e juremas, que apenas dão caibro, e só nas serras se encontram algumas arvores, como cedro, páos de arco, rabuge, gonçalo-alves, e outros; e por isso estando toda a superficie do terreno exposta ao grande calor, o pasto fica torrado, quebradiço, e o vento que sopra tempestuozamente o leva.

Da falta de nascentes provem a dependencia absoluta da chuva, de que se fazem açudes para a bebida da gente e do gado. Não se compreende a marcha da Natureza n'este paiz; aparecem ordinariamente as primeiras chuvas em Janeiro, que pouco duram; no equinocio de Março começa o inverno, e nos fins de Maio, em regra, é findo e não chove, quando o sol está na maxima distancia.

Outros annos chove despropozitadamente, e as chuvas, que se alargam, fazem apodrecer os pastos, que faltam no verão.

Nos invernos regulares produz abundantemente os frutos do paiz, mas é mui raro encontral-os.

Os frutos não saem para exportação e nem mesmo servem ao mercado interior de uns para outros povos da capitania por ficarem a grandes distancias, como a villa do Crato, a mais produtiva por suas vertentes, que dista mais de 90 legoas da do Aracati, na beira mar; a serra da Uraburetama, 30 leguas da villa da Fortaleza, e

lugares similhantes, e por isso despendioza condução em relação ao valor do genero. Consomem-se pois os frutos no terreno de sua produção e se desperdiçam por se não poderem rezervar sem corrupção, de uns para outros annos, como sucede ao milho, feijão e ao mesmo arrôz.

As serras produzem algumas frutas; o uzo da hortaliça ainda no inverno é desconhecido. Não ha peixe no interior do paiz; falta a carne, como disse, no verão, e os pobres que não podem fazer provimento de carne sêca, padecem mizerias. A mesma farinha não é de abundancia em todas as villas.

O terreno propriamente conhecido com o nome de Ceará, que compreende desde o lugar do Cascavel, termo da villa do Aquiraz, até a villa de Soure, a serra da Meruoca no termo do Sobral, as vizinhanças da villa do Crato têm abundancia de farinha; nas mais villas é escassa e suprem-se das immediações, mal e cara. Os terrenos da villa da Fortaleza, Aracati, Icó, Monte-mór, e serra da Uruburetama, que é dividida para o termo da villa da Fortaleza e Sobral produzem algodão, mas as safras não correspondem ao trabalho e extensão de cada plantação; a prova é, que se não encontram lavradores, que possuam vinte mil cruzados em bens seos, havendo apenas um no termo de Arronxes, chamado Albano da Costa dos Anjos.

Ha lavouras de cana no termo da villa do Crato, mas muito pouco assucar; surtem-se os povos de Pernambuco, e as canas do paiz são desmanxadas, em pequenas engenhocas, em rapaduras, que com farinha servem ao sustento do povo, e que o prefere com gosto a outro alimento.

A pluralidade dos habitantes da-se á criação dos gados, e em taes fazendas não ha plantações, não só porque seriam necessarias grandes cercas para as defender dos gados, mas tambem porque a aridez do terreno mal as admite, á excepção das serras, que já indiquei, e de alguns lugares pantanozos, tudo mais é inculto.

Esta falta é geral e só pelas margens do Jaguaribe até ao Icó ha algumas plantações de melancias, melões e

aboboras, nos lugares que o rio alaga e deixa nateiros chamados vazantes.

Exagera-se estas plantações como grande fertilidade e abundancia do paiz; é apenas fraco remedio á pobreza, e serve para entreter ociozos, que não buscam trabalho regular, satisfeitos com o fraco alimento, que dahi lhes provém, quatro mezes cada anno, não havendo sêca.

O gado é a maior parte armentario, algum cavallar, cabrum e lanar e pouco cerdozo; pelo que as villas mais populozas surtem-se de toucinho da villa de Santos, vindo de Pernambuco.

Não se encontra na capitania uma fazenda, que produza annualmente 1.000 bezerros; as maiores, e muito raras, são de 400 e as ha até de 30

Servem taes predios de valhacouto a vadios, que a titulo de criação de gados vivem sendo damninhos, e ladrões nas fazendas vizinhas.

O unico ramo de industria é o curtimento de sóla e pelicas, que se trabalha em todos os sertões; servem-se dos couros das rezes que matam, e dos couros que vão comprar ás terras do Piauhi; o curtimento porém é grosseiramente feito pelos poços dos riaxos. Esta mesma marcha é frequentemente interrompida pelas continuas sêcas, que flagellam este paiz; os annos escassos de chuvas, além de muitas cauzas moraes, têm precipitado este paiz na ultima mizeria.

A nova face, que a população e a cultura têm dado ao terreno; o mal entendido sistema em agricultura de derrubar todas as matas para semearem novos terrenos, aonde ha lavouras, o abuzo de lançar por terra as arvores só para colher os favos de mel, que as abelhas n'ellas fabricam, tem dissipado muitos principios de humidade e acarretado uma quazi não interrompida serie de annos sêcos.

Desde 1808 que passei á capitania de Pernambuco, tem havido nos paizes, que demoram entre o rio de São-Francisco e o da Parnahiba, sempre mais intensa n'esta capitania do Ceará e Parahiba, uma sêca em 1809 e 1810, outra em 1814. Muitas fazendas ficaram inteiramente dezertas de gados, principalmente nas villas de São-João

do Principe, Icó e Campo-maior de Quixeramobim. Este anno ha outra mais ou menos rigoroza em uma ou outra villa. Em algumas já não existe gado, porque a gente se tem retirado para outros lugares, e o gado para as serras e sitios paludozos. Em tal extremo os habitantes do sertão morrem á mingua por falta total de mantimentos, e até dos meios de os ir buscar aos portos de mar, donde sempre os ha, vindo de Pernambuco; faltam animaes de transporte, e em taes apertos tem se visto sustentar os povos de couros sêcos, que ficavam de outros annos; na falta de farinha ralam quantas raizes encontram, e a maior parte venenozas, e algumas que os levam á morte em breves dias.

Na espantoza sêca de 1790 e 1791 e 1792, vio-se trocar um meio de sóla por uma bolaxa.

E' espectaculo lastimozo em taes annos encontrar pelas estradas a poucos passos corpos mortos de pessoas, que do interior fogem para a beira mar; retirada em que perecem em caminho exhaustos de forças, pela falta de mantimentos.

Ha na capitania producções mineralogicas. O ouro encontra-se nos riaxos, que fazem as cabeceiras na Serra-Grande desde a Timonha até a serra de Araripe, que passa junto do Crato e da villa de Santo-Antonio do Jardim, chamado este recinto Cariris-novos; nas vertentes do rio Salgado, desde o monte chamado Dourado até ao lugar que se diz Boqueirão, 12 leguas distante, conhecido pelo nome de Lavras da Mangabeira, aonde se encontram algumas excavações e desmontes, que demonstram trabalhos de mineiros, aparecem por baixo do cascalho algumas particulas de ouro em pó, em folhetas ou em granitos, junto com o esmeril preto.

Consta-me, que no tempo das aguas alguns moradores mizeraveis faiscam algum ouro, mas em tão pouca quantidade que de todo custa a ajuntar-se alguma oitava, segundo me informam. Encontra-se em Villa-Nova de El-Rei, no riaxo do Juré; no Curumatan tambem se encontra em folhetas, e d'este vi obra de meia oitava, mui desmaiado e impuro, e mais dificultozamente se encontra. Quero persuadir-me, que este metal é aqui acidentalmente

trazido de envolta com as terras das serras superiores pelas alluviões, na formação de terceira ordem de montanhas de transição, e parece, que as matrizes devem existir na concatenação das cordilheiras da Serra-Grande, que divide a capitania.

A ignoracia fez persuadir, em outro tempo, que havia minas de prata em o lugar Ubajára na Serra-Grande, do lado do E., ao S. do Acarape. Deo este boato motivo a que em 1750 se remetessem da corte mineiros debaixo da inspecção de um intendente; zero foi o rezultado, e ainda hoje o povo tenáz propaga a existencia d'este metal. O mais que se encontra são alguns veios de sulfato de cobre em branco de uma pedra rija de côr cinzenta, mais ou menos escura. Desde a Biapina até Villa-Nova de El-Rei se encontram estas camadas, com os vestigios do mesmo sulfato, correndo na direcção do O., e me informam, que até a villa de Campo-maior, na capitania de Oeiras. Ahi dizem-me, que aparece o metal branco, de que os habitantes fazem alguns estribos; vi o metal, é rijo, mui compacto e ductil. O ferro é mais vulgar, de melhor ou peior qualidade. O das lavras da Mangabeira, nas margens do rio Salgado, no sitio do Boqueirão, é excelente. Encontra-se tambem na villa de Campo-maior de Quexeramobim, nas immediações do rio Xoró, termo Aquiraz, na serra de Baturité, termo da villa de Montemór o Novo, pelas serras do Acaracú e Cruaiú. O do Boqueirão é o mais valiozo pela abundancia e pureza local, e circunstancias de ser aproveitado.

E' oxidado, puro e acha-se em peças avulsas de diferentes grandezas (plombagine, grafites, e ferro carburetado), encontra-se em pequenos pedaços, pelo rio do Cruaiú e Acaracú fragmentos, que se destacam das montanhas vizinhas.

Dizem-me, que em uma das descidas da Serra-Grande, chamada a ladeira da Mina, se encontra, mas não tive ainda ocazião de examinar. Nas montanhas secundarias e de transição se encontram muitas veias de cristaes montanos, rupestres, de diversas grandezas, formando veeiros em betas de tauá (argila); outras vezes em bancos de *hornblend* e de granito, constitutivos da

organização de montanha, entrelaçados ás vezes com veios metalicos de sulfato de ferro e de cobre, produtos de pouca monta.

Os cristaes porém, que se encontram em uma das montanhas do Tauá, meia legua ao S. O. da villa de São-João do Principe, são de consideração. Encontram-se em grandes e pequenas massas, agregadas ou destacadas, coradas pelo oxido de ferro em diferentes graos de oxidação; o que faz com que sejam amarelos, vermelhos ou rôxos; verdadeiras ametistas. São dignos de estimação pela sua muita rijeza, igualdade de côr, mas raras em pureza: aparecem agregações curiozas, e algumas de enorme grandeza têm sido distraidas pelos habitantes para as separarem por meio do fogo.

Encontram-se petrificações nas serras do Cariri, do lado do N. e do lado da villa de Santo-Antonio do Jardim; são mui vulgares os vazos petrificados de peixes, de anfibios em pedras destacadas de natureza calcarea, que contem no interior o animal petrificado, com a perfeita configuração de todas as suas partes, e substancia musculoza interna, convertida em cristaes de espato romboidal. Acham-se despersas pela superficie do terreno, e debaixo da terra a pouca profundidade. O uzo de fazerem com ellas cal, as vae extinguindo.

Encontram-se saes, como nitreiras no Tiju-suoca, margens do Curú; na Tatajuba, termo de Campo-maior; na Biapina, no distrito de Pindobas; no Crato, aonde fazem polvora pelas serras em taxos, de maneira que d'ella se surtem. No termo de São-João do Principe, no lugar Cajueiro, se encontra uma mina de pedra-hume (alumen) e simultaneamente nitrato nativo; os habitantes se servem para curtimento de pelicas e grosseiras camurças. A falta de aguas porém faz inuteis a maior parte d'estes produtos, e as suas localidades, principalmente as que estão no interior dos sertões, não sendo admissiveis os trabalhos em grande.

E' concluzão, que esta capitania está sempre nascente, que a população não póde fazer progressos vantajozos, pelas emigrações continuas, ocurencia de sêcas, padecimento de molestias dahi provindas; o que tudo

definha a especie, que devia augmentar-se rapidamente, em relação da fecundidade e da propagação, que se antecipa aos doze annos nas mulheres, e o beneficio da salubridade do ar na maior parte das villas. Devem entrar em linha de conta a preguiça, o prejuizo de não servir homem forro, ainda que seja preto, a facilidade de se manter de furto de gados, a frequencia dos crimes de morte, que perde logo dois homens, o morto e o agressor, que ordinariamente escapa não só pela fugida e dificuldade de se apanhar nos longos matos, mas pela indiferença com que os habitantes olham para o crime de morte, e a prontidão com que acoitam e dão passagem aos criminozos.

Discripção em particular das villas

ARACATI

Fica a E. da villa da Fortaleza, situada á margem do rio Jaguaribe, aonde já entra o mar em uma espaçoza vargem, 3 leguas distante da costa. E' a mais opulenta da capitania, de mais população dentro da villa, e aonde se acham cazas de sobrado; o que é devido a ser o ponto de embarque das producções dos algodões e sólas do seo termo, da villa das Russas ou de São-Bernardo, Campomaior, Icó e de todo o Jaguaribe, e da villa de Montemór o Novo, em parte. Consequentemente é o porto de desembarque dos generos, que de Pernambuco vêm para este lado da capitania.

O porto é mui mesquinho, por bancos de areia movediça : entram n'elle sumacas, e só nas conjunções das luas ; a sahida é mais dificultoza, por ser necessario combinar precizamente certos dias depois dos dois periodos da lua com o terral a uma determinada hora, circunstancias que as vezes faltam, e fazem a demora de um, dois e trez mezes, depois dos barcos carregados. Augmentou-se esta villa rapidamente em relação ás outras, mas acabou-se o motivo.

A villa do Icó, Campo-maior, e São-João do Principe surtiam-se do Aracati, hoje os negociantes do Icó surtem-se de Pernambuco, e fazem com o Crato e São-João do Principe o que dantes fazia o Aracati.

Tem uma só freguezia, que é mais extensa do que o termo. Contém 6.033 habitantes. O termo pelo N. tem 3 leguas, confina com o mar; pelo S. tem 4, confina com o da villa de São-Bernardo, para E. tem 20 leguas, e confina com o rio Mossoró, e para O. não tem terreno, porque a diviza é o rio. Tem uma caza da camara e cadeia, a melhor da capitania. O patrimonio da camara anda por 500$000 annuaes; são taes as dependencias forenses que não dão para sustentar um advogado. Ha dois rabulas, que mal alinhavam um requerimento; é um alfaiate, outro tem uma pequena venda. Tem um mestre de primeiras letras, a quem se não paga, e o não tem de grammatica pela mesma razão.

Tem para o S. uma pequena povoação chamada Giqui com uma insignificante capella, outra chamada Catinga do Goes, do mesmo lote.

Tem para E. algumas situações de pouca monta, como Retiro e Caiçara; e assim continúa até a barra do Mossoró muito pouco habitada, por serem areias safias e muito aridas por falta de agua. A estrada geral é a de E. para o Rio-Grande, Parahiba e Pernambuco: além do rio tem a que vae ao O. para a villa do Aquiraz, villa da Fortaleza, Monte-mór e outras villas; para o S. tem a estrada geral de Jaguaribe. Dista do Aquiraz 23 leguas, 30 da Fortaleza, 58 do Icó, do Rio-Grande 70, da Parahiba 124, de Pernambuco 150. Para O. 90 ao Sobral, 118 a Granja e 205 ao Maranhão.

AQUIRAZ

Esta villa é a mais antiga, com o nome de São-Jozé de Ribamar do Aquiraz, é a cabeça da comarca. A agricultura é mandioca, milho e algum feijão, que se consome na villa da Fortaleza e na do Aracati; produz algodão, mas em pouca quantidade.

Está inteiramente arruinada e sem commercio; as cazas da villa e do lugar do Aquiraz, produzem de decima vinte e tantos mil réis. Não tem caza de camara nem cadeia; começou-se uma, que existe nas primeiras paredes, ha muitos annos e por falta de rendimentos da camara não tem continuado por não ter patrimonio. Ha pelo termo 28 engenhocas de fazer rapaduras, mas é necessario advertir, que taes fabricas nada são; algumas nem um escravo tem, um taxo, dois tambores ao tempo, ou debaixo de uma palhoça é todo o trem. O termo tem 28 leguas de N. ao S., e de largo tem em umas partes 10, em outras 16 até 23. Contem uma só freguezia com 10,511 habitantes, incluindo na freguezia uma aldeia de Indios, denominada Monte-mór o Velho, e o lugar do Cascavel, 7 leguas do Aquiraz. Confina pelo N. com o mar, pelo S. com o Monte-mór o Novo e Campo-maior, do lado de E. com o Aracati e São-Bernardo, e pelo O. com o Mecejana e Fortaleza.

As principaes estradas são as que conduzem á villa da Fortaleza, 7 leguas distante, a do Aracati 23, que sem atravessar o rio conduz para as vargens do mesmo Jaguaribe; e outras de communicação para Campo-maior, subindo pelo rio Xoró e Pirangi.

Seria util mudar a cabeça da comarca para a villa da Fortaleza, capital da capitaina, e a cabeça do termo para o lugar do Cascavel, que é hoje mais habitado e promete augmentos.

MECEJANA

Esta villa é de Indios, fica 3 leguas a E. da Fortaleza; tem 1 legua em quadro do termo, e 6 destinadas para plantações dos Indios. Tem 1.889 habitantes, e entre elles alguns brancos. Ha uma caza de camara e cadeia, alguma plantação, e os Indios se empregam pela maior parte em servir aos habitantes da villa da Fortaleza. Os negocios forenses são taes, que o escrivão serve quazi por favor, não tira provizão do governo, porque os emolumentos não lhe dão para pagar, e serve com o provimento do ouvidor.

Tem a villa 59 cazas, 17 por acabar sem portas, 15 arruinadas, 7 de homens brancos e 17 em estado de habitação, todas insignificantes. Tem freguezia privativa. Parece, que seria melhor extinguir a denominação de villa e unir a povoação á villa da Fortaleza.

FORTALEZA

Esta villa é a capital da capitania; assento do governo com um batalhão de tropas regulares, um juiz de fóra, que é auditor da tropa e juiz da alfandega. Ha uma caza de camara arruinada; não tem cadeia, e servem-se as autoridades civis de uma cadeia militar; o que dá motivo a uma infinidade de contradições e etiquetas, que se não podem emendar, em muito detrimento da expedição das dependencias criminaes.

A villa é pobre, seo commercio de pouco vulto, ainda que o porto é sofrivel, apezar de ser uma enseada, mas como só as immediações do termo até a serra da Uruburetama, parte do termo do Aquiraz, e parte do termo da villa de Monte-mór o Novo se surtem da Fortaleza, o commercio é muito menor do que o do Aracati. Não ha uma só caza de sobrado, e as terreas são muito inferiores. O sólo é de areia solta, o tijolo, cal e madeiras são caros, e tudo concorre para ser mui dispendioza a edificação.

O termo tem na maior extensão quazi 40 leguas ao poente da Uruburetama. Esta serra é interessante pela lavoura de algodões, que tem chamado para ali muitos traficantes, e augmentado a população, que se divide em duas povoações, Santa-Cruz, do termo da Fortaleza, e São Jozé, do Sobral. Assim como me parece, que seria util extinguir as trez villas de Indios, Mecejana, Arronxes e Soure, encravadas no termo da villa da Fortaleza, e a a ella tão proximas, acho, que seria proveitozo crear uma villa n'esta serra, dando-lhe as duas povoações, com parte da villa da Fortaleza e do Sobral, porque no inverno fica incomunicavel com a Fortaleza, e tem muita população, e da melhor das vizinhanças. Tem tambem

a serra de Maranguape, 5 leguas da Fortaleza, que produz legumes e algodão. Contém uma só freguezia, com 12.000 habitantes.

Tem 5 lugares, Maranguape, de que falei, São-Francisco das Chagas, na ribeira do Canindé, 30 leguas para o S. da villa, com uma boa igreja talvez a melhor da capitania; Santa-Cruz, na serra da Uruburetama, 32 leguas para o poente com capella, Trahirí, lugarejo com capella, e Siupé, lugarejo com capella.

Confina pelo N. com o mar, pelo S. com o Sobral e Campo-maior, nas cabeceiras do rio Gruahíras, a E. com Mecejana e Aquiraz, e a O. com o Sobral.

A estrada geral é para Pernambuco pela beira mar, a do poente vae a Soure, segue pelas fraldas da Uruburetama, para o Sobral, Granja e Parnahiba, e vae ao Maranhão, e d'estas duas se toma para as parciaes da capitania. Ha uma, que ha pouco se aperfeiçoou para o interior, e vae a Monte-mór e Campo-maior.

Dista esta villa legua e meia de Arronxes, 3 de Mecejana, 7 do Aquiraz, 30 do Aracati, 100 do Rio-Grande, 154 da Parahiba e 180 de Pernambuco. Para o poente 3 de Soure, 60 do Sobral, 86 da Granja e 175 do Maranhão. Para a Villa-Viçoza 86, Villa-Nova de El-Rei 74. A Monte-mór o Novo 25, a Campo-Maior 55, á villa de São-Bernardo 40, ao Icó 80, ao Crato 106, á villa de Santo-Antonio do Jardim 110 e á villa de São-João do Principe 95.

ARRONXES

Esta villa está situada legua e meia ao S. da Fortaleza; tem 1 legua em quadro, é habitada por Indios, que tem a faculdade de plantarem na serra de Maranguape, 5 leguas distante. Compõe-se de 1.080 Indios, e 693 extra-naturaes; o que faz o total de 1.773 habitantes. Tem caza de camara e cadeia, sem patrimonio; o escrivão corre a sorte do de Mecejana, porque o fôro é igual. Tem freguezia privativa.

A villa está arruinada, tem 25 cazas, 13 de Indios, e 12 de extra-naturaes, e só 13 cazas estão em estado de habitação, posto que em todas hajam moradores. Seria melhor unil-a á villa da Fortaleza.

SOURE

A O. da villa da Fortaleza, 3 leguas, demora esta villa, com uma legua em quadro, e 1.050 moradores. Ha caza da camara e cadeia, e nenhum patrimonio. Tem freguezia privativa. Contém 73 cazas, 44 sem portas nem janellas, arruinadas, e 3 por acabar.

O escrivão e o fôro estão nas mesmas circunstancias das duas antecedentes, e a villa seria melhor extinguil-a. Ha na villa muita falta de agua.

SOBRAL

Esta villa fica 60 leguas ao poente da villa da Fortaleza. Tem uma caza de camara e uma cadeia por acabar. O conselho tem de renda annualmente 400$000. Tem 51 leguas que fazem o seo comprimento. Confina pelo S. com a Tajatuba, no termo de Campo-maior, cabeceira do riaxo Gruahiras, e pelo N. com o mar, aonde faz barra o rio Acaracú. Sua largura é de 38 leguas, começando a E. no rio Mundaú, termo da villa da Fortaleza, ao poente no sitio Gavião, termo da Granja, na serra do Gavião.

Encerra trez freguezias, a de São-Bento da Amontada, a do Sobral e a de Almofala, que é de Indios. Contém o termo 17.000 habitantes. Ha o lugar de Santa-Quiteria, 20 leguas do Sobral, com uma boa igreja, tem o lugarejo da serra da Meruóca com uma capella, o da Lapa com capella, o da Barra do Acaracú com capella, a povoação de Almofala, e a de São-Jozé na serra da Uruburetama, de que já falei. Nas duas serras de Meruóca e Uruburetama ha muitas engenhocas de rapaduras; montam

a 88, mas tão insignificantes que as maiores fazem até 3.000 rapaduras de libra e libra e meia.

O commercio de exportação reduz-se a 70.000 meios de sóla, que annualmente se navegam para Pernambuco; o mais é gado. Não produz algodão; aonde se colhe, que a villa não é da importancia, que se lhe pretende dar; o que confirma o produto annualmente da decima, que monta a 130$000. Ha na villa uma unica caza de sobrado.

O termo é pobre e mal povoado, e por isso os traficantes são de pequenos fundos, sendo suficientes trez viagens de uma sumaca cada anno para fazer o comercio d'esta villa, de Villa-Viçoza e Villa-Nova de El-Rei.

Tem a estrada, que vae para a Fortaleza, larga e plana, ao N. da serra da Uruburetama, e outra que vae pela mesma serra. Tem uma no interior para Campomaior, e segue para Pernambuco, é muito incommoda, por máos caminhos e deshabitada; ha falta de pastos, e de aguas quazi insuportaveis, por salinas. Tem a da Granja, e continuação do Maranhão. A que vae para a capitania do Piauhi segue por Santa-Quiteria ou por Villa-Viçoza, segundo o ponto em que se quer entrar.

Dista 60 leguas da villa da Fortaleza, 60 de Campomaior, 26 da Granja por bom caminho, e 22 pela serra da Meruóca, e 28 a Villa-Viçoza, e 16 a Villa-Nova de El-Rei.

GRANJA

A 86 leguas ao O. da Fortaleza e 26 da do Sobral, fica esta villa, situada uma legua distante do mar; tem um porto que faz a fóz do rio Camucim. Tem uma freguezia, e não tem lugares; tanto a villa como o termo é pouco povoado. Tem trez capellas, no Pará, no Ibuassú e no Olho d'agoa, em sitios pouco habitados. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem o conselho patrimonio, nem objecto de que se faça.

O commercio é muito pequeno; o de exportação é sóla, que anda, como o de Sobral, por 60.000 meios; duas viagens annuaes de uma sumaca faz a condução. Contém

todo o termo 3.910 habitantes. Tem de extensão 30 leguas, começando pelo N. na barra do Camucim, até as fraldas da serra da Biapina ao S., e de largura 45, desde as extremas do Sobral no Gavião a E. até a barra do Iguassú, onde confina com o termo da Parnahiba, comarca e capitania do Piauhi.

As estradas principaes são, a do Sobral, que continúa para a Fortaleza; outra para a Parnahiba, 30 leguas distante, e continúa para o Maranhão, alem das que se dirigem para a Villa-Viçoza, Villa-Nova de El-Rei, e dahi para Piauhi.

VILLA-VIÇOZA REAL

A 16 leguas do S. O. da villa da Granja, sobre a serra da Ibiapaba, fica a Villa-Viçoza, habitada por Indios e alguns extra-naturaes. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem patrimonio o conselho, e nem se póde imaginar principios de que provenha, porque não tem commercio algum. Os homens plantam mandioca e legumes para se manterem, e nunca passarão avante, porque não ha pontos de consumo. A Granja tem poucos habitantes, Sobral provê-se da serra da Meruóca. O terreno da villa é muito producente, ameno e temperado, goza excelente aguas, ainda que não tem riaxos.

A villa tem 148 cazas, das quaes 123 são cobertas de palha; a maior parte estão arruinadas, contém 9.170 habitantes, divididos em duas direções; uma está na villa e outra no lugar de São-Pedro de Biapina, 12 leguas distante. Formam ambos os lugares uma freguezia, bem paramentada, por ter sido ahi um hospicio dos jezuitas.

Contém o termo 24 leguas de latitude desde a ladeira do Uruóca ao N., termo da Granja, até ao riaxo Imussú a S., termo de Villa-Nova; de longitude tem 6 leguas, mais ou menos, segundo a configuração da serra, confinando do lado de O., segundo a discrição das agoas, com o termo da villa do Campo-maior, da capitania do Piauhi.

Tem a serra quatro descidas e estradas principaes. Ao N. tem a do Tubarão, a mais praticavel, uma legua

distante da villa ; a da Uruóca 6 leguas distante ; ambas estas ladeiras são estradas para a Granja ; a do Acarape, que vae para o Sobral, 4 leguas distante da villa, e a do Taipú, junto a São-Pedro de Biapina, que dá estrada para a Granja e Sobral. Os negocios forenses n'esta villa, e o escrivão, pouca diferença tem das outras villas de Indios.

Dista do Sobral 26 leguas, da Granja 16, da Villa-Nova de El-Rei 24, da Fortaleza 86.

VILLA-NOVA DE EL-REI

Esta villa ao S.O. da Fortaleza está situada no plano da Serra-Grande, 25 leguas para dentro ao S. da villa da Granja. E' pobrissima, e ainda que o termo é extenso, é muito despovoado. Não tem caza de camara nem cadeia, e nem o conselho patrimonio ; e nem de que se possa fazer. Contém 48 cazas de taipa, e arruinadas ; a maior parte, sem se terem acabado ; as paredes são de barro, sem emboço de cal, e por fóra caiadas com uma dissolução de tabatinga (argila). Não ha cal na serra, nem barro, nem telha ; e como as subidas da serra são muito dificultozas, é muito cara uma e outra couza, o que, unido á pobreza dos habitantes, dificulta a edificação.

Não tem artigo algum de comercio, á excepção de muito pouca sóla que se leva para o Sobral. Milho e mandioca são as producções do paiz ; valem pouco por não ter ponto de consumo ; assim mesmo nos sertões é mais cara a fazenda do que devia ser, e a cauza é porque só se planta na serra, e por poucas possibilidades cada um planta para se alimentar ; e os dos sertões padecem. N'elles se ocupa os homens em criar gados ; as sêcas os tem acabado, e o que ha pouco valor tem, pela distancia a Pernambuco, aonde vão encontrar mercado.

A villa está quazi sempre deshabitada, principalmente no inverno, que os moradores descem para o sertão, aonde tem suas cazas e familias, e vêem á serra no verão plantar e colher. Não é possivel obrigar os juizes territoriaes a habitar na villa, aonde ha poucos

negocios, unico motivo que leva alguem á villa, a não ser dependencia com o paroco.

Ha uma freguezia, que é São-Gonçalo, na serra dos Côcos, 16 leguas distante da villa; porém o paroco habita n'esta, aonde ha uma igreja começada, muito indecente, e parte coberta de palha.

A população do termo é de 6.736 almas. Tem de extensão 47 leguas, começando do N. no riaxo do Imussú, 4 leguas distante da villa, aonde divide o termo com Villa-Viçoza, acaba ao S. na fazenda Espirito-Santo, termo da villa de Santo-Antonio de Campo-maior de Quixeramobim. Tem de longitude 47 leguas a E. desde a fazenda da Jacoca, que a divide do Sobral, e ao O. na Capivara, que divide com o termo de Campo-maior da comarca do Piauhi.

Tem a villa e termo a estrada, que vae para o Sobral, pela ladeira da Caponga ; outra para a Granja, para a villa de São João do Principe, Cratiús e Piauhi, chamada a ladeira da Mina ; outra para a villa da Parnahiba, outra para Marvão, capitania de Piauhi ; outra para o Campo-maior, da mesma capitania, e ultimamente a estrada de Villa-Viçoza. São as ladeiras muito ingremes, e algumas cheias dos mais terriveis principios.

Dista do Sobral 14 leguas, de Villa-Viçoza 24, 70 de Campo-maior de Quixeramobim, 60 de São-João do Principe, e da Fortaleza 74.

VILLA DO CAMPO-MAIOR

De Santo-Antonio de Quixeramobim, 55 leguas ao S. da Fortaleza está situada esta villa á margem do rio, que lhe deo o nome de Quixeramobim na lingua brazilica. Não tem caza de camara nem cadeia, e nem patrimonio para se fazer. Não tem objecto de commercio sinão alguma sóla; e mui pouca agricultura ha no termo, porque as serras são muito sêcas. A criação dos gados é o trafico geral, e n'esta villa é aonde elles se nutrem melhor, e são mais saborozos, e dahi veio o nome de Quixeramobim á ribeira, que quer dizer vaca gorda.

As sêcas continuas tem assolado este paiz; e a d'este anno é tão extrema que, a não chover em Dezembro, acabará a raça do gado, e será precizo conduzil-o de outra parte para começar a povoar as fazendas; o que não é novo n'esta capitania.

O termo tem de latitude 40 leguas, e de longitude 36. A villa é de pouca monta. Contém villa e termo uma freguezia e quatro capellas filiaes, quazi sempre sem capellães por poucos moradores. Tem 5.600 almas.

A estrada para Pernambuco é a geral, que vem do Sobral, e vae pelo Rio-Grande e Parahiba; tem as outras de communicação para todas as villas da comarca. Dista da villa do Icó 40 leguas, 38 a São João do Principe, do Aracati 50, 30 a Monte-mór, mas a estrada do Icó é mais extensa do que a estimativa que lhe dão.

VILLA DE SÃO-JOÃO DO PRINCIPE

A 95 leguas ao S. da Fortaleza está a villa de São-João do Principe, e em terreno tão alto que quazi se não póde perceber a elevação da Serra-Grande, sendo que na proximidade d'esta villa é que ella faz a diviza paraa capitania do Piauhi, pela corrente das aguas chamado o lugar da Balança.

De 55 cazas de telha van, muito baixas e arruinadas, se compõe a villa. Não tem caza de camara, nem cadeia, falta patrimonio ao conselho, e não ha meios de o fazer. O commercio é gados e os sertões criam excelentemente, e é este o que tem mais cavalar. Estão muito atrazados pelas sêcas; a do anno passado foi até fatal, parcial felizmente, porém este anno na calamidade geral é aonde chuveo mais.

Motivos particulares crearam esta villa em 1802 sem faculdade de Vossa Magestade. Os mesmos motivos fizeram que ella fosse erecta n'este lugar chamado Tauá, no extremo do termo habitação de Jozé Alves Feitoza, em quem recahio o posto de capitão-mór da villa.

Esta escolha tem sido talvez mais funesta aos povos de que as sêcas; tudo ali se move a seo arbitrio, e bastará

dizer-se que tendo a villa tido 8 escrivães desde a sua criação, todos têm sahido fugindo, uns pelos crimes que elle lhes imputa, outros por evadirem-se ás pancadas que lhes estão eminentes, prizões arbitrarias e crimes falsamente arguidos por testimunhas de sua facção, tem sido as suas armas manejadas a caprixo da sua vontade, alem dos mandatos de crimes tão ordinarios n'estes paizes.

Confina o termo pelo N. com Campo-maior, 10 leguas e meia na insignificante povoação chamada Maria Pereira, pelo S., com a capitania do Piauhi, 5 leguas distante, a leste com o terreno do Crato na Vargem da Vaca, donde se segue a estrada para o rio de São Francisco, na comarca do sertão de Pernambuco e Bahia, pelo O, com o termo de Villa-Nova de El-Rei.

Tem 7.082 habitantes, em duas freguezias, de Arneirós, e a de São-Mateus, ambas longe da villa. Tem 5 situações impropriamente ditas povoações.

Arneirós a beira do Jaguaribe, com matriz e 23 cazas, 14 leguas distante da villa. A Cruz tem 16 cazas e uma capella, 19 leguas da villa, á margem do rio; Flores 5 leguas, com capella e 6 cazas; Maria-Pereira á margem da ribeira do Banabuiú com 6 cazas e uma capella.

Arneirós devia ser o assento da villa: está a beira do rio, tem matriz, é mais no centro do termo, e passa por ella a estrada geral, que vae para o Icó e Aracati, e que continúa do Icó para Pernambuco: tem a que vae para Piauhi, e ali passa.

Dista esta villa da Fortaleza 95 leguas, e 60 de Villa Nova de El-Rei.

VILLA DO CRATO

Esta villa a S. E. da Fortaleza, é a mais produtiva por estar situada nas fraldas da Serra-Grande, ahi denominada Araripe, aonde ha muitas vertentes, mais ou menos abundantes. Já indiquei o pouco consumo dos generos pelas distancias.

Nos annos sêcos seria muito socorro aos outros povos, em quanto algum escasso pasto deixasse lugar de se

transitar, mas a incerteza do anno faz que se plante o necessario, e quando se conhece a necessidade é tarde; por este motivo tendo acodido este anno os povos d'esta capitania e da Parahiba a fornecerem-se de farinha, ella está a 12 patacas o alqueire, e já custa a achal-a.

Tem muitas engenhocas de rapaduras pela encosta e pé da serra, e no plano á margem das nascentes, principalmente a Batateira, que é a mais caudal. Apezar de serem os quintaes da villa regados por duas levadas d'agua, ha muito pouca hortaliça e arvores de fruto, por desmazelo dos moradores. São continuas as questões d'agua, porque cada morador acha necessario para si uma nascente; o que me tem dado um trabalho insano de quinze dias, para estabeecer com a camara registos proporcionaveis; o que lhes parece impraticavel. Este abuzo faz com que moradores de 3 leguas distantes da villa não tenham agua para beber, nem os seos gados, em um anno de sêca.

Contém o termo uma freguezia e parte da de São-Mateus. Ha n'esta 11.740 habitantes, entrando os da villa de Santo-Antonio do Jardim com duas freguezias, de que ainda não ha rezenha, por ser a divizão feita este anno. A matriz tem uma capella filial no Brejo-Grande, 8 leguas a O. da villa.

Não tem caza de camara; tem uma cadeia principiada. A camara tem de renda annual 400$000. A divizão do termo com a villa do Jardim foi mal projetada, pelo informante, pela freguezia, porque segue-se que legua e meia, duas e trez distantes do Crato, pelo quadrante do S. e de E. é ja termo da villa nova do Jardim.

Extrema pelo S. com a serra, mas não se sabe aonde, porque na criação se espaçou até a assentada da serra; como porém ella é inteiramente deshabitada por sêca, e só nas circunvizinhanças da villa andam gados, que descem a beber nas fraldas, não se tem assignalado o lugar da divizão, e contam o termo até ao fundo da serra, uma legua da villa; continúa porém a explanada da serra por 8 leguas de uma estrada que tem no fim de uma ladeira do Inxú, lugarejo, termo da villa de Pajaú, comarca do sertão de Pernambuco.

Confina tambem ahi com catingas da capitania do Piauhi; pelo N. extrema na Fazenda-nova, 4 leguas da villa, com o termo da villa de Santo-Antonio do Jardim. De E. a legua e meia, 2 e 3 com a mesma villa, e do O. na fazenda chamada a Estrema, do termo da villa de São-João do Principe, 24 leguas distante.

São as principaes estradas, a que desce pelo rio Salgado até ao Icó, e continua pelas vargens de Jaguaribe, rumo do N.; pelo S. tem a estrada que transpondo a serra vae para o rio de São-Francisco, sertões de Pernambuco e Bahia, e outra para Piauhi. Para E. tem a que se dirige á capitania da Parahiba e Pernambuco, e para O. a de São-João do Principe, Sobral, Parnahiba e Maranhão, e outros lugares.

Dista da Fortaleza 106 leguas, do Icó 26, 54 de São-João do Principe, 60 pela estrada da ribeira do Cariú.

SANTO-ANTONIO DO JARDIM

Esta villa ao S. E. da Fortaleza foi erecta este anno; está incluida em um vale da Serra-Grande. Tem duas vertentes principaes, e n'ellas colocadas muitas engenhocas de rapaduras; produz bem os frutos do paiz, mas não algodão pelos muitos nevoeiros.

Não tem por ora caza de camara e as mais oficinas do conselho, e este terá de patrimonio 350$000 de renda, que é admissivel de augmento. Os generos são rapadura e gados, e tem um engenho que faz annualmente 100.000 rapaduras.

Contém o termo duas freguezias, a da Missão-velha e a da villa. Aquella é uma povoação antiga, missão dos jezuitas, tem capellas filiaes, Missão-nova, mal alinhada; Barbalha, lugarejo; Milagres, lugarejo com uma boa capella. A freguezia é muito pequena, porque o projecto da divizão foi mal calculado, tem um nixo a onde se diz missa, com um capellão nas Porteiras de fóra, 12 leguas da villa.

Tem o termo de latitute 25 leguas e de longitude 31. Confina pelo N. com a fazenda da Caiçara, termo do

Icó, 18 leguas distante, e pelo S. com o sitio chamado Queimadas de El-Rei, onde divide a comarca do sertão de Pernambuco, de E. com a fazenda dos Pilões, da comarca da Parahiba, 22 leguas distante da villa, e pelo O. com engenho do Mello, 9 leguas e meia, termo do Crato.

Tem a estrada para o sertão de Pernambuco, rio São-Francisco e dahi para a Bahia, a do Piauhi, a que vem para o Crato e outra que vae para o Icó. Não vão a ella carros pela dificuldade de poderem passar a serra que a circunda, e só deixa franco o lado do E.

ICÓ

A' margem do rio Salgado ao S. E. da Fortaleza, 3 leguas acima da união do Salgado com o Jaguaribe, está a villa do Icó, no fim de uma vargem situada entre cordilheiras, que se vão elevando e alargando de N. para N. E. até além da villa de São-Bernardo.

Este termo é o mais povoado e civilizado da comarca e a villa de muito commercio, em proporção das mais villas, como indiquei, pela produção dos gados nas duas margens do Jaguaribe, bem que as sêcas têm tornado dezertas muitas fazendas pela plantação do algodão, compradores de sóla, que ahi vão dar dos termos vizinhos; e mais seria o seo commercio, si as serras não fossem tão faltas de nascentes; o que obriga os habitantes a carregarem agua para beberem de uma legua e mais.

Contém o termo 15.887 almas, em 3 freguezias e parte de duas.

A freguezia da villa, a de São-Vicente das Lavras da Mangabeira com uma povoação 10 leguas distante da villa; a do Riaxo do sangue com uma povoação chamada o Frade; o lugarejo de São-Mateus, parte da freguezia d'este nome e do termo, o lugarejo de Umari com uma capella filial das Lavras e uma pequena parte da freguezia dos Páos dos Ferros, termo da Villa Nova da Princeza, capitania do Rio-Grande.

Tem o termo de latitude 40 leguas até a barra do riaxo Junqueiro; do lado do N. diviza com a villa de

São-Bernardo, e até a Caiçara ao S., aonde faz a diviza um riaxo.

De E. pela queda das aguas para esta capitania ou para a da Parahiba e Rio-Grande, e do S. com o termo de Campo-maior e de São-João do Principe.

As estradas geraes são as das vargens do Jaguaribe até a villa de São-Bernardo e a do Aracati, e a do Icó para o Crato. Dezemboca n'esta villa a estrada, que vem do Piauhi e de São-João do Principe para Pernambuco, e passa na povoação do Umari, além das mais que d'estas duas se ramificam para as mais da capitania.

Dista do Aracati 58 leguas, e seguindo outros 60; de São-João do Principe 40, de Campo-maior 40, e da Fortaleza 80.

VILLA DE SÃO-BERNARDO

A 10 leguas ao S. do Aracati fica esta villa, junto ao rio Juguaribe, e na continuação das suas vargens. Os povos se mantêm da cultura do algodão, que a duas safras não produz ; na de 1815 por muito inverno, e este anno por sêca.

Outro ramo é a criação de gados, e este é geral, e do curtimento de sóla e pelicas, por ser este o termo aonde se cria mais gado lanar.

A proximidade da villa do Aracati faz com que a villa se não tenha augmentado desde a sua criação em 1801, sem licença de V. M. Nao tem caza de camara nem cadeia, e nem o conselho patrimonio. Os negocios forenses são taes que não admitem um rabula. Ha no termo 11.300 habitantes; tem uma povoação e mui pequena dependente da freguezia do Aracati, e outra dependente da freguezia dos Páos dos Ferros. Tem um lugarejo e capella no Taboleiro da Areia; São-João com capella, tem 4 cazas; a capella do Livramento, só tem a caza do capellão ; o lugarejo do Quixossó, com uma capella filial dos Páos dos Ferros ; a povoação de Santos Cosme e Damião, com capella na serra d'este nome, tambem filial aos Páos dos Ferros.

Tem o termo 24 leguas de latitude, e 41 de longitude ; extrema pelo N. com o Aracati, pelo S. com o Icó, de E. com o termo da villa do Porto-Alegre, e ao O. com Campo-maior. Dista do Aracati 10 leguas, 48 ao Icó, e 50, segundo outros, 40 a Campo-maior e 40 a Fortaleza.

MONTE-MÓR O NOVO

Na serra de Baturité ao S. da Fortaleza está situada esta villa, erecta para Indios congregados de outros lugares, e hoje quazi toda habitada de extra-naturaes, nome que se dá a todo o que não é indio. Não tem caza de camara, nem cadeia, nem o conselho patrimonio.

A agricultura é de legumes, que se vendem em pequena quantidade para a villa da Fortaleza, algodão e cana. O algodão d'este termo passa pelo melhor da capitania. A cana é reduzida a rapaduras, que se extrae para o sertão de Campo-maior e Canindé, termo da Fortaleza, em engenhocas, mais pobres do que as do Cariri.

Tem o termo 20 leguas de latitude e 14 de longitude, em duas freguezias, a da villa, que é propria dos Indios, e tem de limites 2 leguas e parte da freguezia do Aquiraz. Tem a povoação das Itans com uma capella filial do Aquiraz, 10 leguas da villa.

A villa tem 84 cazas muito arruinadas, muitas cobertas de palha, e muito insignificantes.

Confina pelo N. com o Aquiraz e Fortaleza, pelo S. com Campo-maior, a E. com São-Bernardo, e ao O. com a Fortaleza. As estradas principaes são a da Fortaleza, a do Aracati, a de Campo-maior, a que vae para o Canindé, e continúa para o Sobral e para Villa-Nova de El-Rei. Dista do Aracati 38 leguas, 30 do Campo-maior, e 25 da Fortaleza, no inverno 30 por estrada mais longa.

*
* *

Taes são as villas d'esta capitania e comarca, que se pinta de uma riqueza ponderavel, ou porque os naturaes não viram outra com que façam relação, ou porque os

homens, naturalmente dados ao maravilhozo, querem sempre achar o grande, no terreno em que habitam por estabelecimento, ou em que são empregados.

Um agregado de cauzas fizicas dificultam o adiantamento d'este terreno, que circunstancias moraes estorvam poderem ser minoradas, que tarde se emendarão, dada a pessima educação popular que recebem, pouco amor ao luxo bem entendido, nenhum horror ao crime, com que tanto se tem familiarizado, que é ponto de honra e caprixo defender e acoitar o homicida, além de outros motivos que seria molesto repetir.

Ainda que ao meo particular interesse convém, que a comarca se não divida, como homem publico empregado por Vossa Magestade em real serviço, direi, que será a beneficio dos povos a divizão d'esta comarca, não porque seja dificultoza corrigil-a pela quantidade de suas villas; muito maior numero tem as centraes do reino de Portugal, de outra consideração em população e riqueza e são corrigidas, mas porque n'esta comarca grande parte do tempo se consome em enfadonhas jornadas por estradas de villas; aonde é necessario levar absolutamente tudo o que não é carne de vaca e farinha, como sucede mais ou menos em todas, á excepção da Fortaleza, Aracati e Icó, faltando o tempo para continuar a correição, pela entrada do inverno, no qual é necessario estacionar em alguma villa, ou quando a extrema sêca faz impraticavel a viagem.

Mas como é do interesse publico, que os magistrados tenham para sua necessaria manutenção a bem da commodidade dos povos, e mais equilibrada distribuição em população e meios, no cazo da divizão, parece que o projecto seria mais racionavel verificado em sentido longitudinal, e não em latitude. Uma comarca de beira mar, compreendendo Aracati, São-Bernardo, Monte-mór, Aquiraz, Fortaleza, Sobral e Granja, suprimidas as trez villas de Indios, Mecejana, Arronxes e Soure; outra comarca do sertão, compreendendo Icó, Santo-Antonio do Jardim, Crato, São-João do Principe, Villa-Nova de El-Rei, Villa-Viçoza Real e Campo-Maior, a primeira teria por cabeça de comarca a Fortaleza, e a segunda, Campo-maior.

O termo do Aracati está muito defeituozo, porque o morador do lado do O., á margem do rio, estando um quarto de legua distante, tem de ir tratar dependencias do fôro á villa do Aquiraz, 23 leguas distante. O estado d'esta villa nem duração promete, quanto mais augmento; parece pois, que os povos ganhavam em se extinguir esta villa e estender o termo da Fortaleza até ao lugar do Cascavel, 14 leguas distante, que tanto fica tendo de estensão a Fortaleza para este lado do E. Do Cascavel em diante unido ao Aracati, que fica a 16 leguas do poente. O acrescimo da villa da Fortaleza, na aquizição d'este territorio e das trez leguas quadradas que formam as trez villas de Indios, seria diminuido na serra da Uruburetama com a junção dos dois lugares de Santa-Cruz e São-Jozé desanexados da Fortaleza e do Sobral.

Ali ha commercio pelos algodões e necessidade de pronta admissão da justiça, que se retarda pelas distancias das duas villas e no inverno pela dificuldade de passar o Curú para a Fortaleza, que seria a extrema do lado do E., e o Aracati-assù para o Sobral, que seria a outra diviza do lado O., sendo a serra e o intermedio dos dois rios o mais habitado do termo.

*
* *

Nota. Esta memoria ou descripção geografica da capitania do Ceará foi dirigida ao rei de Portugal, como se colhe de algumas passagens d'ella, e parece ser redigida por funcionario publico incumbido do exame da divizão territorial para melhor administração da justiça. Ella traz o nome de um engenheiro militar como autor.

E' para notar, que a letra das palavras «pelo coronel e engenheiro Antonio Jozé da Silva Paulet» acrescentadas ao titulo *Descripção geografica da capitania do Ceará*, que se lêm no frontespicio do manuscrito, não é de caracter igual ao da letra do mesmo titulo e do corpo da memoria, evidenciando-se serem escritas em época recente, ao passo que o manuscrito mostra ser antigo.

O original foi graciozamente oferecido á Bibliotheca do Ceará pelo Sr. Augusto de Carvalho, que assegura a sua autenticidade.

Vide: *Memoria sobre a capitania do Ceará*, por Luiz Barba Alardo de Menezes. *Rev. Trim.* de 1871, parte 1ª, pag. 255 (tom. 34).

A publicação d'esta memoria ate agora inedita pode com vantagem prestar-se a qualquer estudo comparativo do estado prezente do Ceará com o seo estado em principios do seculo actual.

Rio 5 de Setembro de 1896. *T. Alencar Araripe.*

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO EM PERNAMBUCO EM 1817

PELO

Doutor Francisco Muniz Tavares

PREFACIO

A historia é a experiencia das nações, e a conselheira mais sabia dos reis: aquelle, que bem a escreve, presta mui relevante serviço; dezejava prestal-o; eis a razão d'esta obra.

Emprehendendo-a, não desconheci o risco, a que expunha-me. Patentear os feitos de um povo generozo, mas mal dirigido, commemorar desgraças apontando individualmente seos autores, é tarefa desgostoza. O amor proprio ofendido engendra o odio, o odio convida a perseguição e a calumnia.

Todavia qualquer que seja o perigo, a verdade não deve ocultar-se, quando é exigida: nós a devemos a nós mesmos, aos nossos compatriotas, a todos os cidadãos do universo. Sobre este ponto unico desafio a mordacidade, quanto ao mais reclamo indulgencia. Narrarei o que vi, e o que pessoas de summa probidade referiram-me; falo em prezença de contemporaneos, estes decidirão.

A revolução de Pernambuco em 1817, bem que mui pouco durasse, fará sempre época nos annaes do Brazil: tempo virá talvez, em que o dia seis de Março, no qual

ella foi efeituada, será para todos os Brazileiros um dia de festa nacional. Pernambuco já tinha-se assás illustrado na sanguinolenta luta, que por longo decurso de annos, desprovido de meios, abandonado a si só, valerozamente sustentára contra uma das mais poderozas nações maritimas da Europa, defendendo a sua honra, o seo territorio, a despeito das reiteradas ordens do timido *Bragança*.

Então por circunstancias peculiares não soube obter mais do que a admiração, e o respeito dos tirannos ; com a revolução indicada conquistou imprescriptivel direito a veneração dos amigos sinceros da liberdade. Estes não poderão esquecer jámais que foi essa provincia, quem primeiro deo o signal ao Brazil de ter chegado o momento tanto suspirado de entrar no gozo dos bens immensos, que a cubiça portugueza no espaço de trez seculos extorquia e foi ella, quem aprezentou-lhe a grande carta da emancipação civil e politica, e mostrou com o exemplo a maneira de possuil-a. Desgraçadamente não foi seguida, sucumbio ; mas não pereceo o germe plantado, e regado com o sangue dos seos martires : em tempo oportuno frutificou e não deixará de crescer com vigor.

Não foi só a divergencia das provincias brazileiras, quem malogrou os nobres esforços dos Pernambucanos ; foram tambem varios erros d'aquelles, que puzeram-se á sua frente: taes erros são do dominio da historia ; é indispensavel divulgal-os para lição da posteridade ; o mal não cura-se sem ser conhecido. Que a lição aproveite, é o meo fervorozo voto ; nenhuma outra coiza pretendo. Quando o cidadão paga o tributo devido á patria, sente prazer, e não orgulho, adquire o titulo de honesto, não de generozo ; a generozidade é que tem o privilegio excluzivo de commandar o reconhecimento.

Exporei com religiozo escrupulo as sevicias praticadas contra os infelizes patriotas Pernambucanos : assim a humanidade ultrajada será vingada com a execração dos barbaros, que as ordenaram e dos vis, que as executaram.

CAPITULO I

Estado politico e moral de Pernambuco em 1817

O antigo regimen colonial tinha desaparecido do continente brazileiro. A invazão dos Francezes em Portugal obrigando o Sr. D. João VI, sua familia e côrte a fugir precipitadamente, e a procurar abrigo na hospitaleira terra da *Santa-Cruz*, produzio esse maximo bem. Estabelecendo-se no Rio de Janeiro, sem esperança do regressar á abandonada metropole, dezejando remunerar os Inglezes, a quem muito devia, e que muito o importunavam, aquelle rei publicou, em 1808; o memoravel decreto, que franqueava á todas as nações amigas os portos até então cerrados das suas denominadas colonias.

Pernambuco foi solicito em aproveitar-se das vantagens que se lhe ofereciam. Sua situação topografica, fertilidade de sólo, amenidade de clima e genio emprehendedor de seos habitantes, não necessitavam outro incentivo. Seo porto via-se diariamente coberto de vazos estrangeiros, que traziam as obras das suas manufacturas e moeda de ouro e prata, sem agio, para trocar pelos produtos do paiz em valor e quantidade superiores aos que importavam. O commercio interno igualmente prosperava, a abundancia crescia, e com ella a população. Vasto e fecundo terreno, ocupado por densas florestas virgens, aos golpes do machado, era reduzido á cultivação, produzindo com uzura assucar, algodão e outros generos notaveis. Principiava-se, bem que lentamente, e sem direcção analoga, por falta de engenheiros, a abrir novas estradas, e tornar menos impraticaveis, as que já existiam; construiam-se algumas pequenas pontes; por toda a parte edificavam-se alojamentos commodos; vestidos decentes sem demaziado luxo adornavam os individuos de ambos os sexos.

Governava a provincia Caetano Pinto de Miranda Montenegro, varão probo, illuminado e prudente. A monarchia portugueza havia degenerado da sua primitiva

fórma: o poder de fazer as leis, e de as executar, rezidia ali na mesma pessoa, e por consequencia nenhuma segurança restava ao corpo social; a lei era a vontade do soberano, doutrina, que ensinava-se nas escolas, e que os factos comprovavam. Os capitães-generaes, governadores das capitanias do Brazil, reprezentantes do supremo imperante, não reconheciam limites na sua autoridade: d'esta porém não abuzava o mencionado Caetano Pinto. Bem diferente dos seos antecessores, elle sabia respeitar os direitos do cidadão, não se intrometia nos processos judiciaes; os tribunaes obravam com plena liberdade.

A vara da justiça estava mui bem collocada. O ouvidor e corregedor de Olinda, era o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, magistrado integerrimo, e de conhecimentos não vulgares. O do Recife era Francisco Affonso Ferreira, Pernambucano, incapaz de commeter violencia, e muito menos de roubar, ou atropellar os seos concidadãos. Demais os recursos contra os juizes no cazo de prevaricação, já não eram tão dificeis: no Rio de Janeiro tinha sido creado o tribunal do dezembargo do paço, para onde as apellações davam lugar a reparação da injustiça, si algum poderozo cortezão não protegia o delinquente. A divizão das extensas comarcas e a erecção das villas nos territorios mais povoados, concorriam a poupar a classe obreira dias, que d'antes perdiam-se em jornadas sem fruto.

A instrução publica acanhada em todo o Brazil por assim convir á politica dos dominadores, por uma combinação rara difundia-se em Pernambuco com gloria, e utilidade geral. Esta provincia tinha tido a ventura de possuir na qualidade de bispo e governador civil, D. Jozé Joaquim de Azeredo Coutinho, o qual apenas elevado a tão respeitavel dignidade deliberou extirpar a ignorancia dos seos diocezanos, tendo por axioma incontrastavel que quanto mais sabio é o homem, menos sujeito a vicios ou delictos comparece. A' força de repetidas instancias pôde obter da rainha, a Sra. D. Maria I, a entrega e posse do dezerto collegio dos jezuitas, em Olinda, para ahi fundar um seminario.

Douto e virtuozo prelado, Brazileiro de nascimento e de coração, seos pensamentos não circunscreviam-se ao estreito circulo das idéas rançozas; com penetração havia escolhido professores eximios, que comsigo trouxe de Portugal. Sua grande capacidade scientifica o excitava a promover quando não todas as sciencias por não ser favorecido de muitos meios pecuniarios, ao menos aquellas que se requerem para a boa educação do clero. Elle abrio o seo seminario com as aulas de lingua latina, grega e franceza, rhetorica, poetica, geografia, chronologia e historia universal, dezenho, logica, metafizica, e etica, matematicas puras, historia natural, sagrada e ecleziastica, teologia dogmatica e moral, e canto-chão, aos quaes estudos prezidia com zelo indefesso.

A mocidade pernambucana não podia deixar de illustrar-se dirigida por tão zelozo reitor. Sahiam d'aquelle seminario não só instruidos, e exemplares pastores, que formavam as delicias das ovelhas, das quaes se encarregavam, como tambem jovens habeis a empregos. Nas principaes villas fundavam-se escolas preliminares pagas pelo erario; a classe pobre entrava na participação das luzes.

Não havia biblioteca publica, necessidade absoluta de paiz civilizado; conservavam-se alguns livros, mas pouco escolhidos e aferrolhados no interior dos conventos, onde nenhum profano ouzava penetrar. O padre João Ribeiro Pessoa, coadjuvado por seos amigos, já começava a formar uma particular na sua habitação, que a todos era aberta: não abundava ainda em volumes, eram porém de preço inestimavel pelas materias que continham.

Descendentes dos Portuguezes os Brazileiros universalmente professavam a religião catolica apostolica romana: o culto externo era praticado em Pernambuco com devoção e explendor em decorozos santuarios erectos pela piedade dos fieis. Não eram abraçadas as opiniões religiozas dos innovadores; os bons costumes retinham ainda a sua benefica influencia apezar da corrupção do seculo: crimes atrozes, que denotam excesso de depravação, eram rarissimos, não conhecia-se o assassinio, ou

roubo nas estradas, o pobre viajante, como o mercador opulento, caminhava seguro por toda a provincia; e para tão apreciaveis vantagens não contribuiam os esforços de vigilantes rondas, ou de assalariados espiões. A tropa de 1.ª linha consistia em um regimento de infanteria e outro de artilharia, ambos incompletos: os chefes eram dois Portuguezes, que com máos olhos viam, que a maioria da oficialidade era já pernambucana. Achavam-se organizados outros regimentos de milicianos brancos, pretos e pardos forros, os quaes constituiriam uma força respeitavel, si tivessem disciplina e instrução.

Não obstante a reluctancia vergonhoza de sordidos parocos, algumas das maiores parochias do bispado dividiam-se, e divididas, eram elevadas á classe de perpetuas. Assim o ensino da doutrina christan tanto recommendado e desgraçadamente negligenciado por quazi todos os curas d'almas do Brazil, como a administração dos sacramentos, podia por-se em uzo com menor incommodo, e maior edificação dos parochianos.

Os elementos aristocraticos eram quazi imperceptiveis: trez ou quatro cazas em vão aspiravam a homenagem por velha tradição. A aristocracia nominal subsiste de privilegios, nenhum Pernambucano, nenhum Brazileiro, era privilegiado; nem o monarca sentado no trono do Rio de Janeiro havia conferido pompozos titulos de alta nobreza, nem fortunas colossaes existiam; si alguma surgia, abaixava-se logo por força da lei em vigor respectivamente á sucessão, a qual ordenando partilha igual de herança entre os filhos de ambos os sexos, vinha a bazear a igualdade de direitos, e por consequencia a democracia.

E' de observar, que a posse de um bem gera o dezejo de outros o espirito humano no progresso do melhoramento é illimitado: fraco para tudo executar é ao menos forte na sua concepção. As vantagens apontadas eram como uma gota d'agua lançada no immenso Oceano; ellas descobriam os tezouros, que o paiz podia recolher entregue a si mesmo, ou debaixo do influxo de melhor sistema. Além d'isso sentiam todos o dissabor de ver roubada grande porção do fruto d'essas mesmas vantagens pelas

novas e pezadas contribuições, a que a industria em geral veio a ser sujeita para saciar a fome de uma côrte mendicante.

A agricultura, que devia ser a mais favorecida como vehiculo principal da riqueza brazileira, era pelo contrario a mais sobrecarregada. Ao gravissimo tributo do dizimo, do qual o governo portuguez tinha-se assenhoreado desde o principio da descoberta do Brazil com excluzão absoluta dos serventuarios da igreja, reuniram-se outros tributos igualmente intoleraveis, porque recahiam sobre as producções e não atendiam ao custozo dispendio da mão de obra. A decima foi imposta sem proporção aos ricos e pobres proprietarios de predios urbanos, entretanto que o lamaçal nas ruas perdurava sempre com detrimento da saude publica, e os habitantes do Recife bebiam agua immunda transportada em limozas canôas.

Inventaram-se as sizas e novos direitos nas transações ordinarias. O commercio interno não era menos onerado: os grandes e pequenos traficantes de venda ou loja, eram forçados a pagar cada anno doze mil e oitocentos réis, quando a renda liquida do insignificante trafico de alguns, deduzidas as despezas, a pouco mais montavam do quantitativo exigido. Muito menores gravames impostos por esse modo arbitrario haviam já impellido as colonias inglezas a renegarem a proteção que a denominada mãe patria obstinava-se a querer conceder-lhes.

CAPITULO II

Origem da revolução

Crescia o Brazil, e maior rivalidade desenvolvia contra os Portuguezes; estes, naturalmente orgulhozos, escudados com a força material, reputavam-se unicos senhores do paiz, que os acolhia e elevava; nascer Brazileiro era um titulo de inferioridade. O ministerio portuguez em vez de desarraigar com a justiça imparcial a nascente discordia, a fomentava, crendo que só a divizão dos animos poderia perpetuar o seo dominio.

Em todas as provincias o descontentamento e as queixas eram iguaes. Em Minas-Geraes e São-Paulo tinham arrebentado outr'ora serios tumultos, os quaes sufocados com violencia no começo, enfraqueceram a força dos sublevados e corroboraram a dos seos implacaveis adversarios. A mesmissima sorte coube a Pernambuco em 1710. Os moradores de Olinda, quazi todos Pernambucanos, cançados de sofrer a parcialidade odioza do governador, que então os regia, recorreram ás armas, e protestaram que não consentiriam jámais a erecção do Recife em villa, suspeitando com fundamento que, sendo ali o ninho dos Portuguezes, um d'estes seria promovido ao posto de capitão-mór. O rancor os transportou ao criminozo excesso de tentarem contra a vida do mesmo governador, que por acazo póde escapar a dois tiros contra elle descarregados por alguns dos mais furiozos, postados de emboscada na rua das Aguas-verdes.

Varios mezes durou a rezistencia sem reciproca vantagem. Os insurgidos não haviam cessado de respeitar a autoridade real; eram a vertigem do partido e não o sincero amor da liberdade quem os guiava. Com a mudança do odiado governador e a publicação de perdão em nome do rei, foram depostas as armas e a tirania seguio o seo trilho batido. O perdão era um d'esses laços ocultos de que valem-se na obscuridade os principes fracos e immoraes, para atarem os imbecis que n'elles confiam. Os cabeças da revolta, quando menos esperavam, foram embarcados para Lisboa e encerrados no Limoeiro, onde em pouco tempo finalizaram os seos dias.

Sobreviveo um por nome Leonardo Bezerra, homem de temperamento forte e coutumaz. Depois de treze annos de prizão teve licença de voltar para o Brazil, mas, não para Pernambuco, lugar do seo nascimento. Elle fixou-se na Bahia, donde escrevia aos seos partidarios : «Não corteis um só *quiri* das matas, tratae de poupal-os para em tempo oportuno quebrarem-se nas costas dos marinheiros.» Epiteto aplicado por escarneo aos naturaes de Portugal.

Cevando-se esse odio com a persistencia da cauza que o originava, cedo ou tarde deveriam reproduzir-se iguaes ou mais violentos efeitos, a enfermidade não podia curar-se

sem remedio energico, e d'este genero nenhum outro aprezentava-se á excepção da independencia do corpo maltratado. Já os Estados-Unidos a haviam obtido e as colonias espanholas a disputavam com esperança de bom sucesso. O Brazil estimulado por exemplos de tanta magnitude e com a consciencia da propria força, era impossivel que permanecesse na inacção.

Atrahida pelos incentivos democraticos, sem o ouropel da monarchia, a parte da America emancipada havia adoptado na sua organização social o governo republicano. A glorioza fortuna que gozavam em particular os Estados-Unidos, a sua segurança e ordem legal, indicavam aos Brazileiros a preferencia d'aquelle governo; os Pernambucanos, que anhelavam o melhoramento da patria, o admitiam unanimes.

Ainda não bem versados no estudo da politica, elles imaginavam, que qualquer instituição caracterizada util, era aplicavel a todos os povos, sem se lembrarem que com facilidade póde-se transplantar a lei, mas não o espirito da nação; não pensavam, que no Brazil existia um trono, e ocupado por um rei naturalmente bom, circunstancia que muito diversificava a pozição respectiva.

Entre os amantes de republica figuravam alguns mações ou pedreiros livres. Esta sociedade secreta respeitada por ser misterioza e condemnada cegamente como tal, diz-se que em tempo assás remoto fôra instituida com o louvavel fim de confraternizar os homens e excital-os a pratica das virtudes moraes, concedendo aos seos membros plena garantia de pensar, oferecendo mutua communicação de idéas e socorros, facilitando a correspondencia por todos os lugares e exigindo inviolavel segredo do seo procedimento. a concepção do projecto, que ali é julgado vantajozo, prosegue com perseverança o seo curso. Nenhuma instituição aprezentando melhores vantagens ao trabalho da regeneração nacional, aquelles mações principiaram em 1809 a organizar cada um na cidade do seo domicilio varias lojas, e erigiram o *Grande Oriente* ou governo supremo da sociedade, na Bahia, rezidencia do maior numero dos socios, que tinham sido iniciados e elevados aos altos gráos na Europa.

O temor de comprometimento, e a crassa ignorancia restringia a acquizição de adeptos em todas as provincias, fóra a de Pernambuco, que já em 1816 contava debaixo da direção de uma *Grande Loja Provincial* quatro lojas regulares compostas de pessoas distintas por sciencia e virtudes. A tolerancia de Caetano Pinto concorria para esse extraordinario progresso : os maçons, como si a lei de sangue, que os proscrevia, tivesse sido abrogada, congregavam-se quazi em publico, banqueteavam-se frequentemente, e em seos banquetes ouviam-se brindes acompanhados de expressões, que revelavam generozos designios.

Isto bastou para chocar os Portuguezes sempre desconfiados e ciozos ; elles denegriam tudo quanto ali praticava-se, e inventavam contos desarrazoados, que o odio do partido acolhia com favor. Os Pernambucanos sizudos afligiam-se e calavam-se, a multidão sussurrava : com a calumnia não convive o espirito de moderação. Na festa de N. Senhora da Estança, festa celebrada todos os annos em commemoração da derrota dos Olandezes n'aquelle lugar, vio-se pela primeira vez um preto oficial do regimento denominado dos Henriques bater um Portuguez, que ouzava soltar palavras injuriozas contra os Brazileiros.

O capitão-general pouca ou nenhuma atenção prestava aos intrigantes, e si algum procurava indispol-o falando das lojas maçonicas, respondia : *Si se divertem, nada poderão fazer*. Veio porém o cazo da Estança alarmal-o : desde então a desconfiança o subjugou, a fidelidade dos oficiaes brazileiros pareceo-lhe duvidoza, temeo, que o contagio não passasse á tropa, e para prevenil-o mandou publicar a seguinte ordem do dia :

« O Illm. e Exm. Sr. general constando-lhe no dia 1 do corrente que n'esta villa entre os nascidos em Portugal e nascidos no Brazil, ha prezentemente alguns partidos fomentados talvez por homens malvados com a louca esperança de tirarem alguma vantagem das desgraças alheias sem se lembrarem que todos somos Portuguezes, todos vassalos do mesmo soberano, todos concidadãos do mesmo reino unido, e que n'esta feliz união

igualando e ligando com os mesmos laços sociaes os de um e outro continente, só deve dividir e separar aos que fomentam tão perniciozas rivalidades. Dezejando S. Excellencia que sentimentos e idéas tão erradas e tão fóra de tempo, não contaminem a tropa, manda recommendar aos senhores officiaes e a todos que tem a honra de servir debaixo das bandeiras de Sua Magestade Fidelissima, que, guardando a subordinação estabelecida pelas leis militares, vivam entre si na melhor harmonia e amizade, não tratem, nem tenham sociedade com estes homens empestados, que pretendem enganal-os com falsas sugestões, e que se persuadam sem a menor hezitação, que o lugar em que cada um nasce, não lhe dá merecimento algum, sendo o amor e fidelidade ao soberano, o patriotismo e observancia das leis, o exacto cumprimento do que devem a Deos, a si mesmos e aos outros, os talentos e conhecimentos, as nobres qualidades que distinguem os homens, embora nascessem elles na Europa, na America, na Africa ou Azia. Ordena outrosim, que esta se dê por cópia e seja lida nas companhias, até que fiquem todos inteirados das verdades, que n'ella se contém. »

E' deploravel a situação de um empregado publico em tempo de agitação popular; muitas vezes agrava o mal, quando crê remedial-o. Os animos aguçaram-se, a rivalidade despertou-se ainda mais com aquella ordem do dia; não discorria-se do seo autor sinão com desprezo: os Portuguezes o acuzavam como fraco e indolente: os Brazileiros o consideravam injusto.

Um ilhéo obscuro, vulgarmente apellidado *Carvalhinho*, com o pretesto de subtrair-se aos perigos, que elle e os seos apaniguados arteiramente forjavam, vae á caza do doutor Jozé da Cruz Ferreira, nomeado ouvidor da comarca do Sertão, afêa-lhe o estado em que se achavam os Portuguezes rezidentes na provincia, e denuncia-lhe, que tudo partia de conspiração tramada pelos Brazileiros contra o legitimo soberano com o fim de empossarem-se das propriedades d'aquelles desvalidos, unicos fieis vassalos, com quem Sua Magestade podia contar; recordou-lhe o facto recente da Estança, como amostra dos atentados que seriam brevemente perpetrados, e

concluio afirmando serem os chefes da conspiração o padre João Ribeiro Pessoa, Domingos Jozé Martins, Antonio Gonçalves da Cruz e alguns oficiaes dos regimentos da 1.ª linha.

Aquelle ouvidor naturalmente timido e pouco circunspecto, bem que Brazileiro, prestou fé implicita ao denunciante, aceitou a denuncia e aprezentou-a ao governador, o qual temendo sobrecarregar-se inteiramente da responsabilidade de qualquer medida que passasse a adoptar, convocou á conselho os oficiaes generaes portuguezes, que estavam no Recife. Este procedimento era acertado, e talvez calmaria a borrasca, si as pessoas convocadas não fossem as que mais odiavam os Pernambucanos. O brigadeiro Jozé Peres Campello, homem honrado, e que pelo seo caracter conciliador, imparcialidade e conhecimento pratico, poderia sugerir algum expediente util, foi excluido, porque era natural de Pernambuco.

Essa excluzão reprovada pela politica e bom senso, dava indicio claro do espirito de animozidade, que dominava: quando as paixões falam, a razão emmudece, e a prudencia, elemento essencial das deliberações, não comparece. A denuncia foi considerada veridica por todo o conselho, e ordenada por consequencia a prizão dos paizanos denunciados: a de trez capitães de artilharia, Domingos Teotonio Pessoa de Mello, Jozé de Barros Lima e Pedro da Silva Pedrozo; a do tenente secretario do mesmo corpo Jozé Mariano de Albuquerque Cavalcanti e a do ajudante de infantaria Manoel de Souza Teixeira.

Os chefes dos dois regimentos pagos assistiam ao conselho, e foram elles que especificaram os oficiaes suspeitos. A precipitação que prezidio áquella deliberação, acompanhou a execução. Os individuos, que deviam ser prezos, gozavam de estima, e os militares em particular eram bem vistos dos seos camaradas. Si em qualquer tempo prizões de tal natureza demandam grande cautela, muito maior deve ser empregada quando os animos estão já irritados. Foi esta falta quem acelerou o rompimento geral.

CAPITULO III

Insurreição no quartel do Recife. Morte do commandante da artilharia e do ajudante d'ordens do governo. Fugida do capitão general para a fortaleza do Brum. Soltura dos prezos da cadêia e das Cinco-Pontas.

Designados os individuos que deviam ser prezos, foram encarregados os commandantes dos corpos de fazer prender os que eram militares, e o marechal Jozé Roberto os paizanos, todos em um tempo prefixo. O brigadeiro Salazar, que commandava o regimento de infanteria, para bem desempenhar a sua commissão, disse ao ajudante do mesmo regimento, João do Rego Dantas, que á uma hora da tarde fosse com o outro ajudante Manoel de Souza á fortaleza das Cinco-Pontas, e que ahi ambos esperassem as ordens que lhes seriam transmitidas : o que foi executado sem que nenhum dos dois soubesse si tratava-se de prizão.

Não obrou porém d'esta maneira o brigadeiro Manoel Joaquim Barboza, chefe da artilharia. Portuguez orgulhozo, altivo, violento e severo, persuadia-se, que nenhum dos seos subalternos se arriscaria a desobedecer-lhe em face. Com esta prezumpção mandou avizar aos oficiaes do seo regimento, que na hora indicada se aprezentassem no quartel. Alguns d'esses, bem que não deixassem de desconfiar de tão intempestiva convocação, e receassem que contra as suas pessoas se commetesse acto violento, decidiram-se a comparecer, não querendo dar com a auzencia maior motivo de suspeita.

Quando todos reuniram-se, começou o chefe a falar com ton insolente da agitação da provincia, e declarou, que era no seo regimento que se aninhavam os principaes agitadores. O capitão Domingos Teotonio, crendo-se ofendido, respondeo que elle chefe, e não os seos oficiaes, era reprehensivel por ter-se bandeado com o partido portuguez opressor dos Brazileiros. E' o que acontece ao superior, que desce da altura do seo posto para medir-se no terreno

com os inferiores. O Barboza coberto de vergonha não retorquio, voltou-se ao capitão Antonio Jozé Victoriano, e ordenou-lhe, que immediatamente conduzisse á prizão da fortaleza das Cinco-Pontas o temerario, que ouzava insultal-o: foi obedecido sem hezitação.

Saindo do quartel, o prizioneiro entrou em furor e gritava pelas ruas por onde passava: *Traição, traição*. N'aquella hora o povo estava reconcentrado nas suas habitações; os gritos não foram ouvidos, o capitão que o acompanhava, o moderou e pôde recolhel-o no lugar destinado.

A intimação da mesma voz de prizão a Jozé de Barros Lima rematou a obra d'aquelle chefe imprudente, que não tinha ainda finalizado a palavra, quando vio o intimado erguer-se com a velocidade do raio, desembainhar a espada e acommetel-o. Em vão procurou elle defender-se; assaltado contemporaneamente por Jozé Mariano d' Albuquerque Cavalcanti, genro do agressor, com repetidas estocadas sucumbio.

Muitos Pernambucanos bem que assás zelozos da liberdade, não deixaram de desaprovar em particular a conducta do Jozé Mariano; a ingratidão é um oprobrio. Todos sabiam, que o assassinado, apezar dos seos defeitos, o havia subtrahido á inopia por compaixão, promovendo-o ao posto que ocupava no regimento; e mais murmuraram vendo-o por espaço de trez dias passeiar com a pantalona manxada no sangue do seo bemfeitor, reputando heroismo o que os povos civilizados denominam *barbaridade*.

Entre tantos officiaes prezentes não houve um só que se opuzesse á perpetração do delicto; os que eram Brazileiros, machinalmente desembainharam as espadas, e como si fossem feridos por um golpe apopletico, permaneceram inertes espectadores. Dois Portuguezes, um que era sobrinho do morto, o capitão Jozé Luiz, temendo igual sorte, saltou pela janela e escondeo-se; outro, por nome Luiz Deodato, fugio deixando a barretina e espada. Passando de carreira pelo corpo da guarda do mesmo quartel, allucinado mandou tocar rebate, e em vez de pôr-se á frente dos soldados, continuou a correr até o palacio do governador.

Ahi entrando, narra com a exageração que o medo incute, o facto de que tinha sido testimunha. O governador lizongeando-se de poder ainda abafar o incendio, expede o seo ajudante d'ordens de semana, o tenente-coronel Alexandre Thomaz, um dos Portuguezes mais desprezivel pelo seo caracter perverso e genio intrigante, ordenando-lhe que fosse reunir a tropa que encontrasse no quartel, e com ella se apoderasse dos officiaes revoltados.

Partio o ajudante d'ordens seguido por um sargento. Entretanto o rebate que o fugitivo Deodato havia excitado, chamou os dois homicidas com o capitão Pedrozo a dispôr os soldados. Sem manifestar-lhes o acontecido, e sómente indicando-lhes o perigo da patria, os arranjaram em batalha, e distribuiram polvora e bala. Chega n'este momento fatal o Alexandre Thomaz, quer falar e não póde; o Pedrozo, apenas o reconhece, brada: « Camaradas! Eis o inimigo de Pernambuco, a cauza das nossas desgraças, fogo. » No instante é obedecido; o mizero cae por terra traspassado de balas.

O governador ouvio os tiros, e sabendo que tinham sido descarregados contra o seo enviado, embarcou-se sem demora com a sua familia e foi encerrar-se na fortaleza do Brum, fortaleza bem provida de petrexos de guerra, e que por sua situação local domina parte do Recife.

A confuzão e desordem crescia, continuava o rebate, os sinos das igrejas o acompanhavam com lugubre son, o povo espavorido, os Portuguezes amedrontados procuravam azilo a bordo das embarcações surtas no porto; os soldados recolhiam-se ao quartel, e ahi estimulados pelos oficiaes dispunham-se a combater em favor da liberdade, que se lhes prometia. Os milicianos corriam incertos, uns vinham incorporar-se com a tropa da 1.ª linha, outros dirigiam-se ao campo do Erario, onde cazualmente encontraram o marechal Jozé Roberto, que uzando da sua autoridade como inspector, os detinha, armava e preparava-se a repellir qualquer agressão, emquanto não recebia as ordens do capitão general.

Um joven tenente de artilharia, por nome Antonio Henrique, bem que não tomasse parte no assassinio do seo

chefe que o detestava, não ficou descontente de vel-o perecer, e desde aquelle instante a sua alma ardente, qual incendiado vulcão, começou a vomitar impetuozamente a materia que em seo seio continha. Ao Pedrozo elle reprezenta, que fóra do quartel viviam os inimigos, e que afrontal-os e debellal-os sem perda de tempo era um dever imperiozo. A' frente de poucos soldados armados, e precedidos por duas peças de campanha, ambos encaminharam-se ao largo da Cadêia, para onde parecia guial-os o presentimento de poder ser util a alguma desgraçada victima do despotismo: o presentimento verificou-se.

N'aquelle lugar foi visto e fuzilado um certo Diogo, traficante portuguez, que acabava de deixar a Domingos Jozé Martins no mais estreito segredo d'aquella cadêia. O Antonio Henrique, a cuja voz os soldados haviam obedecido, ali entra, livra o prizioneiro, precipita-se em seos braços e o colloca no meio da tropa.

Não satisfeito com esse procedimento, do qual a violencia e arbitrariedade é sempre reprovada pelo cidadão adorador da lei, e que sómente torna-se menos culpavel quando praticado no ardor da colera produzida a nosso pezar pela opressão injusta de um objecto amado; sim, ainda não satisfeito, elle redobra a violencia obrigando o carcereiro a abrir as portas dos carceres a todos os facinorozos, a quem a justiça vingadora da sociedade ofendida rezervava a bem merecida punição, confundindo em tal modo o livramento do reputado amigo da Patria com os seos nefandos inimigos.

Passou além o desvario: os facinorozos soltos receberam armas no quartel. Com um principio tão monstruozo quem poderia agoirar um fim prospero? Dezejava-se a reforma das instituições sociaes, e commetia-se claramente o maior dos abuzos, o abuzo da força brutal; pretendia-se um sistema regular de governo, e quebrava-se já a mola principal que o sustenta; queria-se uma republica, e dava-se liberdade e proteção a scelerados, quando a baze solida das republicas é a virtude em supremo gráo.

A soltura dos dois prezos, que estavam na fortaleza nas Cinco-Pontas, interessava ao progresso da revolta: esta

empreza porém era mais dificil. Commandava ali o sargento-mór Manoel Soares, o qual informado do acontecido ouvindo o rebate, immediatamente mandou fechar o portão e pôz-se alerta com a guarnição. Si forçar uma fortaleza prevenida não é negocio de um momento para tropas aguerridas e bem municiadas, muito menos para insurgidos sem disciplina, nem ordem, e a quem falta o necessario: meios capciozos eram os unicos que mais promptamente podiam aproveitar; a estes recorreo-se.

O alferes de infanteria Angelo de Barros partio voluntariamente do quartel com um destacamento, aproximou-se áquella fortaleza e mandou annunciar ao commandante, que elle vinha por ordem superior reforçar a guarnição. O suspeitozo Soares respondeo, que não o receberia e que se avançasse faria fogo. O alferes desconcertado retrocedeo prudentemente ao quartel, onde contando o seo máo sucesso, o capitão Manoel d'Azevedo ofereceo-se a substituil-o, e chegando á fortaleza pedio, que se lhe facultasse o ingresso a bem do serviço. Visto sem escolta, o pedido não foi recuzado.

Com a serenidade d'animo, que impõe aos fracos, o Azevedo fala ao commandante, protesta-lhe a mais sincera amizade, e assevera, que só esta era, quem o induzia a avizal-o que, sinão entregava-lhe já e já os dois oficiaes prezos, a sua vida correria eminente risco, pois que toda a tropa os reclamava disposta a vir livral-os por força. Aquelle commandante, que até então parecia atender aos deveres do seo cargo, deixou-se inopinadamente illudir, e querendo diminuir a sua responsabilidade, teve a impudencia de exigir do fingido amigo um recibo com declaração de ter-lhe consignado os dois prezos por mandado verbal do governador da provincia a elle Azevedo communicado: o que feito sem hezitação, todos sahiram triunfantes, e foram aplaudidos com o maior entuziasmo.

CAPITULO IV

Os prezos soltos da cadêia espalham-se pelas ruas. Seos atentados.— A ponte do Recife e o campo do Erario são atacados e tomados pelos patriotas. Capitulação do governador.

Os réos de policia, a quem o delirio do momento havia libertado, não entraram nas fileiras dos soldados pernambucanos : encanecidos na dissolução eram capazes de suportar o mais ligeiro freio. Recebendo as armas no quartel, espalharam-se pelo bairro de S. Antonio quaes bestas ferozes sedentas de sangue ; aos execrandos gritos de *mata marinheiro* o infeliz, que desgarrado encontravam, era desapiedadamente morto. O estrago seria immenso, si por fortuna o terror não tivesse obrigado a cerrar em tempo todas as cazas, e si o receio de novo encarceramento não tivesse excitado aquelles perversos a fugir para o campo, donde poucos dias depois pela repetição de iguaes crimes foram arrancados, e de novo remetidos ao mesmo carcere, que dantes haviam ocupado. Lição mestra para os panegeristas de illimitada filantropia : a prostituição de costumes exclue qualquer acção meritoria.

Entretanto alguns dos Portuguezes mais corajozos, capitaneados por um trabalhador do estaleiro ajuntavam-se da outra banda do Recife. Bem que nenhuma ordem tivessem recebido do capitão general, o qual persistia irrezoluto na mencionada fortaleza do Brum, todavia aguilhoados pelos sentimentos da propria conservação, intencionavam ali fortificar-se, e para este fim havendo collocado no Arco da Conceição duas peças de artilharia, que tiraram de bordo de um navio, principiavam a destruir a ponte, que une os dois bairros. O tenente Antonio Henrique, que ainda achava-se postado no largo da cadêia, informado vôa sem perda de tempo ao lugar do perigo, os soldados o seguem fervorozos. Do arco de Santo Antonio elle observa a multidão, que queria disputar-lhe o passo, manda carregar de metralha a peça, que trazia : dois tiros bem dirigidos bastam ; os Portuguezes dispersam-se, deixam as duas

peças, trez mortos e varios feridos ; não tratam sinão de salvar-se : uns lançam-se ao mar, e a nado ganham as embarcações, que estavam ancoradas, outros refugiaram-se no convento da Madre de Deos.

A victoria custaria muito mais caro, si o governador da provincia, aproveitando-se da dispozição d'aquella gente, houvesse destacado em reforço ao ponto batido algum dos seos officiaes com parte da guarnição da fortaleza, onde estava : o dever e a honra assim o exigiam ; ou conserva se com decôro um cargo aceitado, ou cede-se espontaneamente a quem toca de direito ; a violencia que intenta prival-o, força a repulsa energica. Em vez de tomar aquella simples medida, Caetano Pinto contra a expectação geral tomou outra diametralmente oposta : mandou retirar as guardas da alfandega, e do forte do Bom Jezus, abandonando sem consideração as propriedades dos particulares aos desatinos do primeiro ocupante, e só com o fim aparente de engrossar o corpo de defensores da sua pessoa.

O intrepido Antonio Henrique proseguio com rapidez a sua marcha, e apoderou-se do bairro de S. Pedro Gonçalves sem nenhum outro obstaculo. Reinava a solidão por toda a parte ; innocentes e culpados tremiam da vingança de soldados provocados : estes porém mostraram-se vervadeiros Pernambucanos ; ufanos da victoria não a manxaram com o desenfreio ; obedientes ao chefe que os guiava souberam respeitar o azilo sagrado do cidadão inerme ; nenhuma caza foi violada, e a alfandega abandonada encontrou em cada um d'elles seguro e fiel guarda. Mil louvores aos bravos, que assim se distinguem : são estes os actos que immortalizam o homem, e que o escritor publico deve gloriar-se de transmitil-os á posteridade como modelos de imitação.

Contemporaneamente reprezentava-se na Boa-Vista outra scena de igual interesse : o tenente de infanteria Francisco Antonio de Sá Barreto, a quem o acrizolado patriotismo, que tanto o caracterizava, havia precipitado no quartel, chamando a si alguns soldados, encaminhou-se a aquelle lugar para excitar os habitantes á revolta e fortificar a obra começada. Ao seo ingresso nada se opõe a

guarda que ali se achava, fraterniza, e unanime entoava vivas á Patria, quando inopinadamente compareceo um furiozo Portuguez por sobrenome Madeira, capitão de milicias, que, com a espada empunhada, ouzava desafiar a tropa, e ao desafio unia o insulto, valendo-se dos epitetos injuriozos com que a ralé portugueza mimozeava os Brazileiros. Os soldados irritados apontam as armas para punil-o, mas o Sá Barreto julgando efeito de embriaguez ou excesso de demencia o extranho procedimento d'aquelle miliciano, com vivacidade os reprime, e aconselha a repetir os vivas. Inutilmente esperou, a insolencia redobrando, faltou a paciencia, e um tiro desgarrado impôz eterno silencio ao loquaz temerario.

Eram quatro horas da tarde, e ainda permanecia no campo do erario o marechal Jozé Roberto á testa dos milicianos, que ali pararam. N'aquelle campo nem havia disciplina nem munição de guerra; o marechal tinha requizitado á fortaleza do Brum, donde tambem esperava as instruções que o guiassem : com a sua prezença lizonjeava-se de salvar ao menos os cofres nacionaes, que n'aquelle lugar estavam depozitados. Era indubitavel que um ponto de tanta importancia não tardaria a ser atacado; poucos minutos depois assim sucedeo.

A tropa, que achava-se no quartel, disposta da melhor maneira, que as circunstancias permitiam, debaixo do commando de Domingos Teotonio, marchou por detraz do muro do convento de S. Francisco, ao mesmo tempo que o Pedrozo com os soldados da sua facção partia do largo da cadêia: ambos fizeram alto nas extremidades d'aquelle muro; traziam arvorada uma bandeira branca em vez da real, e tinham comsigo quatro peças de campanha. No meio da tropa via-se Domingos Jozé Martins armado de um bacamarte, estimulando a todos com fraze adaptada.

Si aquelles dois commandantes avançassem, certamente correria com profuzão o sangue humano: era critica a situação dos milicianos; os soldados patriotas dezejavam bater-se, a victoria lhes era facil: mas por um assás louvavel espirito de moderação preferindo o exito obscuro de amigavel conciliação ao estrondo de passageira gloria em

combate desigual, Domingos Teotonio consentio, que o capitão Manoel d'Azevedo fosse parlamentar com o marechal, que cortezmente o acolheo, e reconhecendo a sua falsa pozição, perdida a esperança do socorro requerido ao capitão general, e assegurado com palavra de honra que a sua pessoa, e a de todos, que o seguiram, seriam respeitadas, deixou o campo, e foi acompanhado por um oficial á fortaleza do Brum, como havia pedido.

Não cauzou tanta admiração a cega confiança do marechal em seos reconhecidos inimigos pessoaes, e no momento adversario do governo, que elle procurava defender, quanto a religioza observancia, que esses mostraram. Não houve um só abjecto soldado, que proferisse o mais leve insulto. Os milicianos passaram com as suas armas para a tropa de 1ª. linha, por quem foram afavelmente recebidos, a alegria sucedeo ao temor até então predominante; a cauza da liberdade illustrou-se, cresceo o numero dos seos adherentes.

Era já um grande passo na carreira da revolução a posse não disputada do tezouro nacional, que por uma fortuita combinação achou-se mais rico do que se cria; continha a revelante somma de seiscentos contos de réis, que muito serviam na ocazião. Tudo porém não estava ainda feito: o governador dominava na principal fortaleza, onde uma guarnição numeroza dirigida por oficiaes generaes devotamente o defendia; tinha provizão de guerra, a de boca não lhe faltaria: o povo da cidade explicou-se em favor da tropa; o do campo, que é ordinariamente mais arreigado aos principios da obediencia passiva, não excitava a mesma confiança, podia correr em defeza da autoridade, que dizia-se legitima. Assenhorear-se d'essa fortaleza, e das pessoas, que ali estavam, era o golpe decizivo da sorte de toda a provincia.

D'este modo pensavam os oficiaes comprometidos: tratava-se de concertar os meios do ataque, e a oportunidade do dia e hora. Para este fim convidaram os cidadãos, nos quaes confiavam encontrar rectidão de juizo, e com elles reuniram-se de noite na caza da guarda do Erario. O padre João Ribeiro Pessoa, o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, Jacome Bezerra, vigario de

S. Pedro Gonçalves, Filipe Neri Ferreira, e Antonio Gonçalves da Cruz, foram os convidados: todos unanimemente opinaram, que ao amanhecer do dia se atacasse a mencionada fortaleza, se proclamasse ao povo a justiça da insurrreição, e que immediatamente marchasse para a cidade de Olinda o tenente Jozé Mariano, e o capitão de artilharia Amaro Francisco de Moura com uma patrulha de trinta homens para impedir qualquer tentativa de socorro, que dali podesse vir ao governador.

Nenhum intervallo meteo-se entre a execução e a deliberação. Partio o destacamento e entrou naquella cidade sem encontrar pessoa alguma: já no dia antecedente a guarnição tinha-se retirado por ordem de Caetano Pinto, e os habitantes amedrontados não ouzavam sair dos seos escondrijos. Tocou-se a rebate, e ninguem comparecia. Finalmente mostrou-se em publico o deão da catedral, Bernardo Luiz Ferreira Portugal; e ou fosse receio de máo tratamento, ou amor de Patria, desde então prestou quantos serviços lhe foram requeridos; á sua voz a coragem renasceo, e a cidade tomou o antigo aspecto.

Na mesma hora movia-se para o Brum toda a tropa disponivel em numero de oitocentos homens comprehendidos os milicianos: commandava o capitão Domingos Teotonio, a quem os seos camaradas haviam cedido as honras da primazia. Era grande o fervor, e só este podia fazer esquecer o perigo. Em verdade o assalto d'aquella fortaleza além de inutil devia ser mortifero, um sitio em regra era o melhor meio de a reduzir; o valor desfalece com a fome: mas a lentidão companheira de tal operação podia arrastar novos e maiores perigos, deixando aos interessados dos abuzos tempo de aproveitar-se da inconstancia popular. A razão e a humanidade aconselhavam sizuda circunspecção, as circunstancias foram favoraveis.

Conhecia-se o caracter pacifico do governador, e a sua incapacidade militar; estando porém rodeado de oficiaes, que não ignoravam arte da guerra, oficiaes generaes, obrigados a defender a propria honra e vida, podia dar-se obstinada rezistencia. Por esta consideração Domingos Teotonio postou a sua tropa detráz da igreja do

Pilar, a melhor pozição, que a localidade oferecia, e antes de atacar conveio em recorrer ao artificio das negociações. Um homem habil n'este oficio encontrou-se no advogado Jozé Luiz de Mendonça, o qual partio para a fortaleza precedido da bandeira branca em signal de paz.

Introduzido á prezença do governador principiou com destreza a abalal-o, declarando que a vontade da provincia era unanime em sacudir o jugo portuguez; que dos lugares circumvizinhos, e ainda mesmo do interior marchavam já as milicias e ordenanças contra elle; que força mui numeroza estava postada não longe, rezolvida a apoderar-se da fortaleza á todo o custo, o que si se verificasse, e o exito fosse feliz, como devia-se esperar de um povo anciozo de liberdade, nenhum receberia quartel; que a necessidade commandava capitular quanto antes, e para isto elle vinha oferecer o seo valimento e ascendencia sobre os insurgidos, para que a capitulação fosse satisfatoria a ambas as partes.

A imaginação engrossa os fantasmas, a fraqueza acredita sem constrangimento, o que se afasta da sua limitada esfera: Caetano Pinto julgou, que a celeridade da revolta provinha de plano combinado em todo o Brazil, e que a sua perda era certa: mas um resto de pundonor o detinha ainda a decidir por si só. Elle foi mendigar conselho d'aquelles mesmos, que dantes o haviam impellido a tão dura condição; e esses mizeraveis insolentes na prosperidade, como vis e baixos na adversidade, o aconselharam a concluir qualquer pacto, com tanto que as suas pessoas fossem salvas. A consciencia do mal os acabrunhava.

N'esse teor teve resposta verbal o Jozé Luiz de Mendonça, que exultando correo a participar a fausta nova aos seos constituintes, e não tardou á voltar com o seguinte *ultimatum*.

«Os patriotas sabem apreciar as qualidades pacificas de Sua Excellencia, que movido por máos conselhos nos queria submergir em todas as desgraças. Nós pelo mesmo respeito a Sua Excellencia daremos segurança a todos os individuos, que o acompanharam, e debaixo da nossa palavra prometemos, que tanto a sua pessoa como essas

outras serão salvas de todos os riscos, e perigos com as condições seguintes:

«1.ª Que a tropa do paiz, que se ache na fortaleza do Brum, saia com as armas para unir-se ao corpo, que se postar em certa distancia da mesma fortaleza, no termo de uma hora depois da recepção d'esta.

«2.ª Que um corpo de tropas patrioticas entrará sucessivamente na dita fortaleza para tomar posse d'ella em nome da Patria, e este corpo irá encarregado da proteção da pessoa de Sua Excellencia, e d'aquelles que lhe forem adherentes, ou o quizerem acompanhar.

«3.ª Que os patriotas lhe apromptarão o mais breve possivel para o seo transporte para o Rio de Janeiro uma embarcação de suficiente capacidade, na qual Sua Excellencia será obrigado a embarcar com as pessoas de sua companhia.

« Não sendo admitidas por Sua Excellencia estas trez condições, os patriotas declaram, que não responderão mais pelas consequencias ainda mesmo as que tocarem na segurança pessoal de Sua Excellencia, sua familia e companhia, protestando não admitir negociação em diferentes termos.

« A resposta ha de ser dada dentro d'aquelle mesmo prazo de uma hora, que se prescreveo para a sahida da tropa do paiz, que se acha na fortaleza. Dado no campo do *Patriotismo* aos 7 de Março de 1817. *Domingos Teotonio Jorge*. O padre *João Ribeiro Pessoa*. *Domingos Jozé Martins*.»

Aprezentado este *ultimatum*, o governador reunio em conselho os officiaes generaes, que estavam prezentes e ordenou-lhes, que atentamente examinassem cada uma das condições e lhe declarassem por escrito as suas opiniões. Mera formalidade; os animos estavam preparados a receber como alto favor condições ainda mais ultrajantes. Eis o que decidio o conselho:

« Aos 7 de Março de 1817, sendo propostas em conselho de guerra as propozições dos senhores officiaes, que estão á testa da revolução d'esta capitania, assentaram uniformemente o Sr. marechal Jozé Roberto Pereira da Silva, o Sr. brigadeiro Gonçalo Marinho de

Castro, o Sr. brigadeiro Luiz Antonio Salazar Moscozo e o Sr. brigadeiro Jozé Peres Campello, que não podiam deixar de admitir-se as ditas propozições, por não haverem nem braços para a defeza da fortaleza, nem munição de boca e de guerra, não podendo ter outro exito qualquer tentativa de rezistencia sinão derramar-se sangue inutilmente; e conformando-me eu com este parecer, mandei lavrar este termo, que todos assignaram com declaração porém, que as familias d'aquelles oficiaes, que me acompanharem, serão illezas emquanto as suas pessoas e propriedades. *Caetano Pinto de Miranda Montenegro.* Seguiam as assignaturas dos oficiaes supra.»

A covardia inventa pretestos para escapar do oprobio, que lhe é inseparavel: a analize porém dos pretestos inventados bem depressa a descobre. Não haviam braços para a defeza da fortaleza (diziam os defensores do trono portuguez) quando mais de cento e cincoenta soldados de 1.ª linha estavam promptos ali a obedecer por amor da disciplina aos superiores, que os commandavam: impudentemente ouzavam afirmar, que lhes faltavam munições de boca e de guerra, quando nenhum individuo ignorava, que aquella fortaleza servia de depozito de armas e n'ella guardava-se toda a polvora da provincia: seria verdadeira a asserção da inutilidade de qualquer tentativa de defeza, não pelos motivos allegados, mas sómente pela firmeza do povo, si dezejava ser livre.

CAPITULO V

Officiaes e soldados tiram das barretinas as armas reaes. Os cavalleiros das ordens militares desprezam as suas insignias Eleição do governo provizorio. Seos primeiros actos. Estabelecimento de tipografia.

Ratificada de ambas as partes a capitulação, abriram-se as portas da fortaleza, e todos os soldados, que ahi se achavam, vieram de bom grado reunir-se com os patriotas, pelos quaes foi rendida a guarnição. Ficaram

sem violencia na mesma fortaleza o governador com a sua familia, os oficiaes generaes, que haviam assignado a capitulação (exceptuado o brigadeiro Jozé Peres Campelo, que não recuzou seguir o incerto destino da sua patria) e trez oficiaes portuguezes de patente inferior. Jámais povo ou tropa, em iguaes circunstancias, mostrou tanta moderação na victoria : ao odio sucedeo a compaixão, nos vencidos não divizou-se sinão desgraçados em abandono aos remorsos ; a desgraça foi respeitada.

No excesso do prazer todos mutuamente se abraçavam e em boa ordem retiraram se de novo ao campo do erario. A moderação praticada com as pessoas não foi a mesma em respeito ás coizas, quando estas a requeriam muito mais. A prosperidade imprevista allucina os homens de pouca experiencia : obtida sem custo a primeira vantagem, elles facilmente se persuadem, que basta empreender para conseguir. Esta erronea persuasão estimulando a ouzadia, faz banir a reflexão, e com ella a necessaria cautela, ou uma bem entendida rezerva. Daqui nasce a ruina das melhores cauzas : porque em geral a extrema irreflectida temeridade no tempo feliz converte-se em pusillanimidade, quando o revez sobrevem.

Logo que publicou-se a capitulação, os officiaes influentes querendo indicar a méta preciza da revolução, sem economizarem os prejuizos do vulgo, nem consultarem a vontade da provincia, com desprezo arrancaram das suas barretinas as armas reaes ; os outros imitaram e a tropa toda seguio espontanea o exemplo dado. Coube igual desprezo ás insignias das ordens militares : desprezando-as, pretendiam os cavalleiros inculcar amor de igualdade e odio ao monarca, que a muitos não havia doado sinão depois de reiteradas suplicas.

Davam-se tão arriscados passos no regresso ao mencionado campo do erario : foi ahi que os reputados chefes da revolução receberam as maiores congratulações e homenagens. Individuos de todas as classes indiferentes no conflicto, compareceram então com alegre fronte a saudar os victoriozos ; atiravam ao ar os seos chapéos e

consumiam os pulmões com altos gritos de aparente jubilo. Entre todos sobresahiam o capitão-mór de Olinda Francisco de Paula Cavalcanti e o seo irmão Luiz Francisco, coronel de milicias. Rezidiam estes em seos engenhos não longe da cidade ocupados nos trabalhos campestres; suas opiniões liberaes não eram ocultas, já por ellas haviam sofrido longa prizão alguns annos antes. A noticia foi-lhe communicada vagamente por varios camponezes, que aterrados fugiram do Recife; e isto bastou para que de improvizo abandonassem a vida tranquilla que gozavam, e viessem com gente armada defender a patria, que criam em perigo.

Entretanto ao excessivo jubilo juntava-se geral confuzão: não sabia-se em quem rezidia a autoridade, tudo estava em suspensão. Para pôr termo a um tal estado sempre nocivo ao bem publico, o Domingos Jozé Martins fez abrir as portas do erario, onde o povo penetrando com a lizongeira esperança de ser ao menos expectador da escolha do novo governante, do qual dependeriam os seos destinos, foi repellido pelo mesmo Martins, que ainda armado, depois de chamar algumas pessoas, que bem lhe aprouve, com ellas fechou-se em uma das salas d'aquelle edificio. Passados poucos minutos, appareceo o seguinte bando, que foi lido pelas ruas a ton de caixa:

« Nós abaixo assignados, prezentes para votarmos na nomeação de um governo provizorio para cuidar na cauza da Patria, declarámos á face de Deos, que temos votado e nomeado os cinco patriotas seguintes: da parte do ecleziastico o patriota João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro; da parte militar o patriota capitão Domingos Teotonio Jorge Martins Pessoa; da parte da magistratura o patriota Jozé Luiz de Mendonça; da parte da agricultura o patriota coronel Manoel Corrêa de Araujo, e da parte do commercio o patriota Domingos Jozé Martins; e ao mesmo tempo todos firmamos esta nomeação e juramos de obedecer a este governo em todas as suas deliberações e ordens. Dado na caza do eraric ás doze horas do dia 7 de Março de 1817. E eu Maximiano Francisco Duarte o escrevi. Luiz Francisco de Paula Cavalcanti. Jozé Ignacio Ribeiro de Abreo Lima.

Joaquim Ramos de Almeida. Francisco de Brito Bezerra Cavalcanti d'Albuquerque. Joaquim Jozé Vaz Salgado. Antonio Joaquim Ferreira de S. Paio. Francisco de Paula Cavalcanti. Filipe Neri Ferreira. Joaquim d'Annunciação Siqueira. Thomaz Ferreira Villanova. Jozé Maria de Vasconcellos Bourbon. Francisco de Paula Cavalcanti Junior. Thomaz Jozé Alves de Siqueira. João d'Albuquerque Maranhão. João Marinho Falcão.

Foram só esses os individuos que tomaram parte na eleição; a irregularidade era manifesta; em um estado, que aspira a ser livre. os governantes devem ser eleitos ou pelo povo ou pelos seos reprezentantes munidos de poder especial; o procedimento contrario degenera em tirania, que cedo ou tarde é esmagada. Ocorrem porém na marcha variavel dos acontecimentos circunstancias tão imperiozas, que forçam o homem mais escrupulozo a curvar-se por um momento e saltar por cima dos principios da sua convicção; a salvação da patria em extremo perigo atravessa a ordem dos processos legaes. Por ventura aquella escolha havendo recahido sobre pessoas de distinto merecimento, agradou em geral, e o humilde titulo de provizorio, que o governo adoptou, indicando renovação formal em tempo oportuno, fez perdoar a sua origem.

Convinha falar ao povo, explicar os motivos da revolução, e apontar as vantagens, que d'ella viriam; é esta a marcha primaria dos novos governos; o de Pernambuco a seguio, publicando esta proclamação:

« Habitantes de Pernambuco! A Providencia Divina, que pelos inexcrutaveis designios sabe extrair das trevas a luz mais viva, e pela sua infinita bondade não permite a existencia do mal sinão porque sabe tirar d'elle maior bem e a felicidade, consentio, que alguns espiritos indiscretos e inadvertidos, de que grandes incendios se podem originar de uma pequena faisca, principiassem a espalhar algumas sementes de um mal entendido ciume e rivalidade entre os filhos do Brazil e de Portugal, habitantes d'esta capital, desde a época em que os encadeamentos dos sucessos da Europa entraram a dar ao continente do Brazil aquella consideração, de que era digno, e para o

que não concorreram, nem podiam concorrer os Brazileiros. Porquanto, que culpa tiveram estes de que o principe de Portugal, sacudido da sua capital pelos ventos impetuozos de uma invazão inimiga, saindo faminto de entre os seos Luzitanos, viesse achar abrigo no franco e generozo continente do Brazil, e matar a fome e a sede na altura de Pernambuco pela quazi divina providencia, e liberalidade dos seos habitantes! Que culpa tiveram os Brazileiros de que o mesmo principe regente, sensivel á gratidão, quizesse honrar a terra, que o acolhera, com a sua rezidencia e estabelecimento da sua côrte, eleval-a á categoria de reino! Aquellas sementes de discordia desgraçadamente frutificaram em um paiz, que a natureza amiga dotou de uma fertilidade illimitada e geral. Longe de serem extirpadas por uma mão habil, que tinha para isso todo o poder, e sufocal-as na sua origem, foram nutridas por mutuas indiscrições dos Brazileiros e Europeos: mas nunca cresceram á ponto de se não poderem extinguir, si houvesse um espirito conciliador, que se abalançasse á esta empreza, que não era ardua. Mas o espirito do despotismo e do máo conselho, recorreo ás medidas mais violentas e perfidas que podia excogitar o demonio da perseguição. Recorreo-se ao meio tirano de perder patriotas honrados e benemeritos da patria, de fazel-a ensopar nas lagrimas de mizeras familias, que subsistiam do trabalho e socorros dos seos chefes, e cuja perda arrastava comsigo irrezistivelmente a sua total ruina. A natureza, o valor, a vista espantadora da desgraça, a defeza natural, reagio contra a tirania e a injustiça. A tropa inteira se supoz envolvida na ruina de algum dos seos oficiaes; o grito da defeza foi geral; e elle resoou em todos os angulos da povoação de Santo-Antonio, o povo se tornou soldado, e protector dos soldados, porque eram Brazileiros como elles. Os despotas aterrados pelo inesperado espectaculo, e ainda mais aterrados pela propria consciencia, que ainda no seio dos impios levanta o seo tribunal, dicta os seos juizos e crava os seos punhaes, desampararam o lugar, donde haviam feito sair as ordens homicidas. Habitantes de Pernambuco, crêde, até se haviam tomado contra os vossos

compatriotas meios de assassinar indignos da honra e da humanidade. Os patriotas no fim de duas horas acharam-se sem chefe, sem governador: era precizo precaver as desordens da anarchia no meio de uma povoação agitada e de um povo revoltado. Tudo se fez em um instante; tudo foi obra da prudencia e do patriotismo. Pernambucanos, estae tranquillos, aparecei na capital, o povo está contente, já não ha distinção entre Brazileiros e Europeos, todos se conhecem irmãos, descendentes da mesma origem, habitantes do mesmo paiz, professores da mesma religião. Um governo provizorio illuminado e escolhido entre todas as ordens do estado, prezide a vossa felicidade; confiae no seo zelo e no seo patriotismo. A Providencia, que dirigio a obra, a levará ao termo. Vós vereis consolidar-se a vossa fortuna, vós sereis livres do pezo de enormes tributos, que gravam sobre vós; o vosso e nosso paiz, subirá ao ponto de grandeza, que ha muito o espera, e vós colhereis o fruto dos trabalhos e do zelo dos vossos cidadãos. Ajudae-os com os vossos conselhos, elles serão ouvidos; com os vossos braços, a Patria espera por elles; com a vossa aplicação á agricultura, uma nação rica é uma nação poderoza. A Patria é a nossa mãe commun, vós sois seos filhos, sois descendentes dos valorozos Luzos, sois Portuguezes, sois Americanos, sois Brazileiros, sois Pernambucanos. »

O governo provizorio confirmou Jozé Carlos Mairink no posto de secretario, que ocupava na decahida administração; e como os negocios do estado deviam augmentar, dividio as atribuições d'aquelle para facilidade do expediente, e nomeou outro secretario, que foi o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, autor da proclamação, que acabámos de transcrever, e com a qual elle retratou fielmente o seo dôce caracter e consummada prudencia: aborria os movimentos precipitados, dezejava a revolução, não a provocava, queria uma republica, mas quando os meios de a sustentar se proporcionassem á dificuldade da empreza. Não se esquecia da antipatia dos Portuguezes contra os Brazileiros; mas reflectindo que a Patria precizava de braços, e que com uma violenta expulsão muito se perderia em capitaes, imaginando vencer a dureza

com a generozidade, de propozito tratou de acarinhal-os. Cria-se, que todos os membros do governo assignando e fazendo publicar um tal escrito, partilhassem iguaes sentimentos; bem depressa desvaneceo-se esta crença.

Para melhor fixar o sistema, que devia seguir-se, e precizar mais claramente, o que em abstracto a proclamação havia indicado, Jozé Luiz de Mendonça em uma das primeiras sessões propoz aos seos collegas, que muito convinha á segurança da cauza arvorar de novo a bandeira real, e que remetendo-se para o Rio de Janeiro o governador Caetano Pinto, se remetesse conjuntamente ao rei um submisso memorial,* expondo os justos motivos, que haviam forçado os Pernambucanos a ultrapassar os limites da obediencia, e rogando-lhe o allivio de alguns dos duros impostos, que afligiam a provincia, e melhores leis que reprimissem a arbitrariedade do poder dos capitães-generaes. Concluia, que em todo o cazo lhe parecia utilissimo protestar-se por ora fidelidade ao monarca; o que não impedia a instrução e armamento do povo. Elle assim opinava, não porque preferisse o governo monarchico ao republicano, mas por estar convencido que era um salto mortal a mudança instantanea da escravidão á liberdade.

Domingos Joze Martins ouvindo este parecer, que a sessão secreta permitia, e não podendo refutal-o com as armas da razão, levantou-se em silencio e foi procurar fóra da sala o capitão Pedrozo, a quem narrou o que acabava de ouvir, mal interpretando o senso das palavras e denunciando o preopinante seo collega como traidor á patria. Esse capitão desprovido de juizo prudencial, facilissimo aos acessos da colera, corre furiozamente com a espada nua contra o pretendido traidor, a quem de certo privaria da vida, si os demais membros do governo não se interpozessem. Principio máo, presago de pessimo fim.

O Mendonça, que desgraçadamente não contava entre as suas virtudes a coragem, difundio-se em humildes desculpas, e querendo ganhar a perdida confiança, deo á luz no dia seguinte a um escrito que intitulou *Precizo*.

---

* Vide o depoimento de Antonio Carlos.

Nós o copiámos para facilitar a expozição dos factos praticados nos trez primeiros dias da revolução.

« Depois de tanto abuzar da nossa paciencia por um sistema de administração combinado acinte para sustentar as vaidades de uma côrte insolente sobre toda a sorte de opressão de nossos legitimos direitos, restava calumniar agora a nossa honra com o negro labéo de traidores aos nossos amigos, parentes e compatriotas naturaes de Portugal; e era esta porventura a derradeira peça, que faltava de se pôr a machina politica do insidiozo governo extinto de Pernambuco.

« Começou o perfido por illaquear a nossa singeleza, proclamando publicamente a 5 d'este mez que era amigo sincero dos Pernambucanos, que tinha repartido o seo coração com elles, escrevendo estes enganos com a mesma penna com que acabava de encher no segredo do seo gabinete listas de proscritos, que tinha de entregar nas mãos do algoz. Brazileiros de todas as classes, a mocidade de mais espirito do paiz, os officiaes mais bravos das tropas pagas, em uma palavra, os filhos da Patria de maior esperança, e mais distinto merecimento pessoal.

« Amanheceo emfim o dia 6, em que as enxovias haviam de ser atulhadas de tantos patriotas honrados, e suas familias alagadas de dôr e de lagrimas: convoca o maldito um conselho de officiaes de guerra, todos invejozos da nossa gloria; e depois de ter assignado com elles a atroz condemnação d'aquellas innocentes victimas, despacha dali mesmo os que lhe pareceram mais capazes de lhe dar execução. Uns correm aos quarteis militares, outros ás cazas particulares, fervem prizões por toda a parte, e já as cadeias começam a abrir-se para ir engolindo um por um dos nossos bons compatriotas.

« Aqui porém mostraram os nossos como tinham capacidade para saber conhecer que a desobediencia tem todo o preço de heroismo em certos cazos, e é quando com ella se salva a cauza da patria. Um bravo capitão deo o signal do dever de todos, fazendo descer aos infernos o principal agente da injustissima execução: corre-se ás armas, e poucas horas d'aquelle mesmo dia foram todo o tempo de começar e acabar tão ditoza revolução, que

mais pareceo festejo de paz que tumulto de guerra, signal evidente de ter sido tudo obra da Providencia, e beneficio da benção do Todo Poderozo.

« O ex-general tinha-se recolhido á fortaleza do Brum, e aonde supunha achar uma praça de defeza, achou a prizão da sua pessoa e dos seos. Recorreo a propozições pacificas, que acabaram n'um *conclusum*, com que foi obrigado a conformar-se no dia 7 pelas 6 horas da manhan. Desde logo foi restabelecida toda a ordem publica, não se ouviram mais outras vozes que de aclamações geraes dignas do dia, em que um immenso povo entrava na posse dos seos legitimos direitos sociaes. Foi consequencia d'isto não ter havido até agora siquer um só disturbio, nem motivo qualquer de queixa.

« A 8 se installou o governo provizorio composto de cinco patriotas, tirados das diferentes classes, o qual governo tem sido permanente sempre em suas sessões. O seo primeiro cuidado foi desabuzar os nossos compatriotas de Portugal dos medos e desconfianças com que os tinham inquietado os partidistas da tirania, recebendo a todos com abraços e osculos, segurando suas familias, pessoas e propriedades, de toda a sorte de injuria, fazendo-os continuar em seo commercio, trafegos e ocupações, com maior liberdade que dantes, proclamando emfim por um bando os sentimentos do governo e do povo, e não haver mais daqui por diante diferença entre nós de Brazileiros a Europeos, mas deverem todos ser tidos em conta de uma só e a mesma herança, que é a prosperidade geral de toda esta provincia.

« A 9 tudo se achava no mesmo espirito de concordia e pacificação geral, sem o povo se resentir de outra novidade que das bondades do governo todo aplicado a promover a segurança interior e exterior, por medidas acertadas, buscando esclarecer a sua marcha com dividir as materias de maior importancia por commissões compostas das pessoas de maior capacidade, conhecida por cada um d'elles, com que tem obtido ao mesmo tempo popularizar as suas deliberações o mais possivel.

« N'aquelle mesmo dia o governo foi permanente até a meia noite para continuar diversos despachos, que hoje

apareceram, sendo dos mais importantes fazer entrar os funcionarios publicos nas suas ocupações como dantes, sem tirar ninguem do seo oficio, proscrever as formulas do tratamento até agora uzadas sem admitir nenhuma outra que a de *vós* mesmo com elle governo, abolir certos impostos modernos de manifesta injustiça e opressão para o povo sem vantagem nenhuma da nação. E tal é o nosso estado politico e civil até hoje, 10 de Março de 1817. Viva a Patria, vivam os patriotas e acabe para sempre a tirania real. »

N'essa época Pernambuco não gozava do inapreciavel tezouro da tipografia: um negociante inglez alguns mezes antes tinha mandado vir da Europa uma bem pequena, que jazia inutil no fundo de um armazem pelas dificuldades do exercicio. A revolução deo-lhe vida, e o seo primeiro fruto foi aquelle *Precizo*, fruto avidamente devorado pela privação de alimento mais nutritivo. Com elle recuperou o Mendonça ao pé dos seos collegas e das pessoas influentes a perdida opinião de patriota. Havia exagerado alguns factos e era este o maior merito da obra; a exageração agrada ás cabeças escaldadas. Não apareceram jámais essas listas de proscritos; o seo numero era limitado aos que já no principio foram apontados, e estes mais por odio dos Portuguezes que por maldade do ex-general. E' provavel, que outras prizões progressivamente se fariam: encetada a carreira da tirania, os passos precipitam-se de roldão. Todavia da probabilidade á certeza a distancia não é curta.

O tratamento de *vós* não foi a lembrança mais feliz do novo governo: a igualdade em prezença da lei é a baze da prosperidade de um estado; em prezença das pessoas é o germen da anarchia e dissolução social. O povo fixa nas exterioridades particular atenção: os Francezes na efervescencia da sua revolução, ainda mal avaliadores dos prejuizos humanos, adoptaram o tratamento de *tu*; não tardaram porém a suprimil-o sem deixarem de ser livres. Os governantes de Pernambuco, qualquer que fosse o seo patriotismo, não superariam o do immortal Washington; e entretanto a historia nos

certifica, que elle não quiz abrir uma carta, que lhe dirigiam, por não conter na sobscrita o titulo de Excellencia, que lhe competia.

CAPITULO VI

Continuação dos actos do governo provizorio. O movimento da capital communica-se a todas as villas da provincia. A do Itamaracá distingue-se com a prizão do juiz de fóra de Goiana. O ouvidor Jozé da Cruz Ferreira é prezo na sua fugida.

Havendo o descrito *Precizo* acenado pessoas, que esclareciam a marcha do novo governo, convém publicar os seos nomes: o dezembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o Dr. Antonio de Moraes, o Dr. Jozé Pereira Caldas, o deão Bernardo Luiz Ferreira Portugal e o negociante Gervazio Pires Ferreira foram, que tiveram aquella honra, e eram considerados como conselheiros, bem que não tivessem recebido por escrito o titulo respectivo. Chamados pela vontade particular dos governantes dois dias depois da capitulação, promptamente obedeceram, e mostraram-se no começo assás zelozos da parte, que lhes tocava. O redactor do *Precizo* não exagerou, quando disse, que eram pessoas da maior capacidade. Pernambuco não continha então outras de maior saber, e é por esta razão que menos desculpaveis se tornam os erros, que foram commetidos no decurso da revolução.

Em verdade custa a crer, que homens dotados de bom senso não vissem o precipicio em que a Patria tinha cahido, ainda aos mais simplices não podia escapar a previzão dos arrancos, que o despotismo do Rio de Janeiro daria clara e ocultamente para entrar na posse dos seos pretendidos direitos. A provincia, como já dissemos, não contava sinão dois regimentos incompletos de primeira linha e milicias quazi desarmadas e sem instrução. Por todas as villas e povoações circumvizinhas o grito da independencia e da liberdade havia retumbado; o povo despertado saudou-o com transporte de verdadeiro entuziasmo,

de Iguarassú, Pao d'Alho e Limoeiro marchou immediatamente avultado numero de ordenanças debaixo do commando dos seos capitães-móres, anciozos de participar da gloria combatendo; reter essa gente e quanta mais fosse possivel, para formar novos batalhões destros e aguerridos, era sem contradição o primeiro e o mais importante dever dos que achavam-se á testa do governo. A estrella adversa de Pernambuco influio diversamente.

Todos esses excellentes cidadãos chegando a Olinda foram despedidos: o deão da catedral, encarregado de tal commissão, a desempenhou arengando n'estes termos:

« Valerozos Pernambucanos, caros patriotas! O governo provizorio e todos os homens honrados e virtuozos, cheios de um jubilo que nunca sentiram, vos dão os devidos agradecimentos pelo heroismo, com que, deixando repentinamente vossas mulheres, vossos filhos, vossas cazas, vossos trabalhos campestres, viestes denodados socorrer a mãe Patria, aos vossos innocentes irmãos ameaçados por um bando de malvados. Os infames tiranos, cheios de crimes e de vergonha têm desaparecido; as capitaes gozam de profunda paz e harmonia, já não ha diferença de Pernambucanos a Europeos, todos somos irmãos; a Patria, pois não preciza agora dos vossos valerozos braços para a sustentação da grande cauza da liberdade. Voltae, honrados patriotas, ao seio de vossas familias, abraçae com ternura vossas virtuozas espozas e filhos, trabalhae como homens livres, e vossos trabalhos serão de hoje em diante abençoados; no momento em que a Patria precizar da vossa bravura ella vos chamará, e conta de certo, que o valor pondo azas em vossos pés, cobrireis em um instante estes mesmos felizes lugares que ora pizaes. »

As milicias e ordenanças que marchavam da villa de Santo-Antão tiveram ordem de retroceder, sem que se lhes demonstrasse signal de gratidão.

Alguns dirão, que seria crueldade alistar na tropa de linha homens cazados, como era o maior numero d'aquelles; a Patria em perigo reconhece sómente a grande familia; para salval-a não se deve poupar sacrificios, cada cidadão é soldado. Além de que não havia constrangimento, elles voluntariamente tinham vindo oferecer os seos serviços;

o alistamento os obrigava á adestrar-se no manejo do honrozo oficio, que procuravam; lizongear-se, que no extremo aperto tornariam a comparecer, é não contar com a volubilidade da multidão, é ignorar que a guerra em nenhum paiz se faz com braços inexpertos.

Explica-se tão grave erro pela falsa idéa, que os governantes e conselheiros admitiram, deslumbrados pelo ardor com que a tropa e o povo do Recife se insurgira, e ufanos ainda mais pela cobardia do governador e seos oficiaes generaes, sabendo a tendencia universal do Brazil á mesma cauza, persuadiram-se aquelles patriotas, que era chegada a hora, em que o rei de Portugal julgar-se-ia muito feliz em poder partir são e salvo para o seo antigo reino. Uma só idéa falsa desordena os planos mais bem combinados.

Negligenciava-se o recrutamento e punha-se o maior esmero em augmentar o soldo da tropa sem consideração ao estado das finanças, que viria a ser precario, e augmentava-se de um modo parcial e impolitico. O decreto a este respeito era assim concebido:

« O Governo Provizorio de Pernambuco, tendo em consideração o pouco soldo, com que se gratificavam os nobres trabalhos dos que defendem a Patria, dando por ella o sangue e a vida, e atendendo aos relevantes serviços que fez a tropa pernambucana no dia critico, em que teve de debellar o despotismo e a perseguição, que ia lavrar sobre um povo generozo e innocente, tem decretado e decreta o seguinte:

Art. 1. Vencerão de soldo mensal: o coronel de infantaria 80$, tenente-coronel 65$, major 50$, capitão 35$, tenente 25$, alferes 18$, sargento vencerá por dia 180 réis, furriel 200 reis, cabo 160 réis e soldado 100 réis.

Art. 2. O coronel de caçadores terá por mez 90$, tenente-coronel 70$, sargento-mór 60$, capitão 42$, tenente 30$, alferes 24$, sargento terá por dia 320 réis, furriel 240 réis, cabo 200 réis e soldado 120 réis.

Art. 3. O coronel de artilheria terá por mez 100$, tenente-coronel 80$, sargento-mór 70$, capitão 50$, tenente 35$, 2° tenente 30$, sargento terá por dia

360 réis, furriel 320 réis, cabo 240 réis e soldado 140 réis.

Os cirurgiões-móres e capellães serão considerados na graduação de capitães ligeiros. Os ajudantes, secretarios e quarteis-mestres serão graduados em tenentes ligeiros. Os tambores-móres em sargentos; os tambores terão por dia 160 réis. A muzica terá uma gratificação mensal de 50$ sobre o soldo do soldado infante.

Todos terão o pão que actualmente tinham.

Art. 4. Haverá unicamente duas classes de officiaes generaes: 1.ª de general em chefe; 2.ª de general de divizão. O general em chefe terá de soldo mensal 300$ e o general de divizão 200$000.

Os corpos de cavallaria, que se houverem de estabelecer terão o mesmo soldo que vencerem os corpos de caçadores.

Os ajudantes, majores, coroneis de artilharia, e caçadores, generaes de divizão, general em chefe, terão cavallo, para cujo sustento terão 400 réis diarios. Os majores, ajudantes, tambores móres, e pifanos dos corpos milicianos terão o mesmo soldo, que tem os corpos de infanteria. Dado na caza do Governo Provizorio aos 8 de Março de 1817. »

Contemporaneamente appareceo uma mostruoza promoção de oficiaes. Jozé de Barros Lima, e Domingos Teotonio saltaram de capitão ao posto de coroneis de artilharia: ao primeiro confiou-se o commando do regimento d'aquella arma. O Pedrozo foi igualmente promovido de capitão a coronel commandante do regimento de infanteria: o tenente secretario Jozé Marianno passou a sargento mór de artilharia, daqual arma, como de oficio militar, era inteiramente hospede, o segundo tenente Antonio Henrique teve a patente de capitão, e aos restantes officiaes não coube sinão, um gráo de acesso. Onde entra a parcialidade, sae o descontentamento: este, produto da inveja e do amor proprio xocado, é um mal pestifero, quando bem fundado, e muito mais damnozo em um governo não consolidado.

O decreto, e a promoção desagradou á maioria dos oficiaes e soldados; d'estes os que pertenciam á infantaria,

diziam não serem de peior condição, nem haverem menos trabalhado, para que lhes tocasse menor soldo. Os oficiaes que reputavam-se lezados, consentiam a murmuração para crearem embaraços, desmentindo de tal arte o patriotismo tão apregoado. Não se atendia ao augmento excessivo do soldo, procurava-se unicamente cevar o interesse peculiar. O governo informado do que se passava, corrigio logo o decreto estabelecendo paga igual para todos os soldados em conformidade ao que tinha sido estipulado para os de artilharia : aos oficiaes em geral deo esperanças de nova promoção, e assim diminuio por um pouco o máo humor.

O liberalismo está sempre na razão directa da instrução. O clero secular e regular de Pernambuco não era ignorante ; daqui nasceo a cordialidade, com que abraçou a nova ordem de coizas, e a firmeza, com que a sustentou até o fim. Trez conegos, que governavam o bispado, foram os primeiros a congratularem-se com os fieis, ensinando-lhes em edificante pastoral o perfeito acordo, que reina entre a religião de Jezus Christo e a bem entendida liberdade. O padre Luiz Jozé de Albuquerque, vigario da freguezia de Santo-Antonio do Recife, era um d'aquelles Pernambucanos, que ha muitos annos suspirava pela redempção do Brazil ; esta apareceo, e o seo contentamento não podendo limitar-se aos signaes communs , excogitou a pompa religioza analoga a sua profissão. Determinou cantar no terceiro dia da revolução um solemne *Te-Deum* em acção de graças, e para maior lustre á festividade convidou os cinco membros do governo, os quaes conhecendo quanto o povo sabe apreciar similhantes funções, de boa vontade annuiram.

O que o luxo das decorações ecleziasticas aprezenta de mais sumptuozo, não foi poupado, concorrendo largamente para a despeza a Irmandade do Sacramento quazi toda composta de Portuguezes. No adro da egreja, onde já achava-se postada parte da tropa de linha, o mencionado vigario guiado sem duvida pelo antigo habito das adulações, que os idolos do dia costumavam arrogantemente exigir, estava tambem ali postada á frente de seo clero, com um rico pallio, debaixo do qual pretendia conduzir ao altar como objecto divino os novos governadores.

O padre João Ribeiro percebeo a baixeza da acção, e sem consultar os rodeios da denominada conveniencia, dirigindo-se ao paroco e assistentes, recordou-lhes, que segundo o antigo rito catolico o pallio devia ser excluzivamente rezervado ao Deos Sacramentado, o recuzou, mostrando os outros membros do governo aprovar a lição dada.

A franqueza d'este procedimento agradou ao povo, e aos mesmos clerigos: resoaram em gloria da Patria, e dos governadores clamorozos vivas, que finalizaram sómente com a intoação do himno ambroziano. Um panegirico recitado pelo padre mestre Miguel Joaquim arrematou a função. O auditorio ficou penetrado da unção evangelica, com que aquelle sabio ecleziastico orou; Brazileiros e Portuguezes não podiam conter as lagrimas, juravam todos mutua concordia. Na oração não apareceram nem violentos improperios contra a monarchia, nem exagerados elogios á republica: descrevendo os dons naturaes, com que o Altissimo dignou-se enriquecer o solo pernambucano, presagia o orador a perda de tantas riquezas, e a serie innumeravel de calamidades, si não persistisse sincera união entre todos o habitantes, e si a união não fosse cimentada na obediencia ás autoridades constituidas. Iguaes festividades foram celebradas espontaneamente pelas demais parochias á proporção que desenvolvia-se o espirito publico.

O vigario da villa de Itamaracá, Pedro de Souza Tenorio, distinguia-se de diversa maneira. Essa villa forte pela sua pozição, situada em uma espaçoza e amenissima ilha, séde primitiva dos primitivos descobridores e colonos de Pernambuco, com um porto defendido por não pequena fortaleza guarnecida competentemente de artilheiros, podia vir a ser um ponto favoravel de rezistencia, si com diligencia não fosse assegurado. O commandante bem que Pernambucano, era estrangeiro aos patriotas; os sentimentos da guarnição ainda incertos, e muito devia-se temer, si o Portuguez Jozé Alexandre, então juiz de fóra de Goiana, valendo-se da ascendencia do seo cargo, empreendesse a defeza dos velhos prejuizos.

O governo provizorio conhecia a boa dispozição do Tenorio; apenas eleito, escreveo-lhe requerendo os serviços,

que a Patria demandava, e recommendou-lhe particular vigilancia sobre o juiz de fóra, que cazualmente achou-se em caza do mesmo vigario, quando este recebia a carta : lendo-a, destramente começou a falar da revolução afim de melhor penetrar as intenções do recommendado, o qual espaventado nada respondeo, e com sofreguidão retirou-se. O Tenorio não o perdeo de vista, e sabendo que tinha ido á fortaleza, suspeitou organização de trama, e decidio-se a rompel-a quanto antes.

Esquecido da humilde profissão, que exercitava, em vez do breviario empunhou a espada ; ao escurecer do dia ajuntou e armou do melhor modo que pôde, aquelles dos seos freguezes, com os quaes contava ; rogou a um seo amigo Jeronimo de Albuquerque Maranhão, que viesse ajudal-o instantaneamente. Aquelle veio com os seos escravos, e ambos encaminharam-se á fortaleza com toda xusma, postaram-se em longa distancia, e mandaram adiante um mensageiro para reduzir o commandante.

Não era má a escolha do mensageiro, era o padre Ignacio de Almeida Fortuna, capelão da mesma fortaleza : tendo porém este emprego, bem que por um lado muito servisse para ter facil acesso, era por outro prejudicial, atento o pouco respeito, com que geralmente são tratados os pequenos mercenarios da igreja. Assim vio-se, que apezar de não encontrar impedimento algum em communicar com a pessoa, a quem era enviado, elle nada pôde obter, declarando-se-lhe formalmente que só se trataria com o mesmo paroco, e que para este fim viesse, e seria recebido de bom grado na fortaleza.

Parecia mais acertado rejeitar um tal convite ; o risco era vizivel ; o chefe de ardua empreza não deve jamais expor-se cegamente, a sua vida não lhe pertence, é propriedade dos individuos, que lhe são associados, a sua perda póde arrastar a ruina d'estas, e da mesma empreza. Não deve tambem dar indicio de fraqueza ; esta produz os mesmissimos damnos com o ferrete da ignominia em acrescimo ; mas entre a fraqueza e a temeridade é, que tem assento a coragem.

Voltou o Fortuna, e a sua narração foi ouvida como um agoiro feliz. O paroco confiado na dignidade do seo

ministerio té então respeitado com servilismo, não atendeo ao perigo, voou á fortaleza só e armado ocultamente de duas pistolas, prevenindo ao Albuquerque que si dentro de duas horas não visse ali içada a bandeira branca, tratasse de o livrar. Tanto tempo não intermediou a aparição d'aquelle signal, que foi acompanhado com salvas de artilharia. O commandante pertencia á numerozissima caterva dos mediocres nascidos para serem commandados, e incapazes de obrar acção estrondoza ou em relação ao bem ou ao mal: a guarnição era pernambucana, os Pernambucanos no momento não faziam sinão um voto, liberdade, e independencia da Patria.

O juiz de fóra, que n'aquella hora retirado á sua caza excogitava melhor modo ou de fugir, ou de incendiar o paiz para mais adiantar a sua carreira honorifica, ouvio os tiros, e não sabendo o motivo, confiado na bonhomia do commandante da fortaleza, para ahi correo precipitadamente. Já aquelle commandante estava reduzido á nullidade, era o Tenorio quem commandava, e foi quem sahio-lhe ao encontro, dizendo que a sua autoridade havia cessado, que era prezo de estado, e como tal o fez recolher em um quarto debaixo de chave, em quanto não o remeteo para a cadêa do Recife.

Tão relevante serviço não ficou sem premio: o governo chamou para o pé de si o afoito patriota, dandolhe o cargo de ajudante-secretario, cargo, que elle plenamente exercitou, visto que o secretario Jozé Carlos Mairink por falta de saude não trabalhava.

Sorte igual á do juiz de fóra teve o ouvidor Jozé da Cruz Ferreira, do qual ao principio falamos. Este mizero magistrado, logo que declarou-se a revolta no quartel, sentindo a acuzação da consciencia, embarcou-se em uma jangada com intenção de refugiar-se no Ceará. A fortuna disposta por então a vingar os innocentes Pernambucanos não o favoreceo, ventos contrarios o obrigaram depois de muita fadiga a arribar á praia de Maria-Farinha, onde morto de fome, e crendo não ser observado, desembarcou, e entrou na cabana de um pescador. N'aquelle lugar achava-se um certo Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, amante apaixonado da nova ordem de coizas: informado

da chegada de um incognito, apressou-se a examinal-o, e reconhecendo-o deo-lhe a voz de prizão. O mal aventurado fugitivo, cheio de vergonha e de remorsos, lançou-se-lhe aos braços, e com lagrimas o suplicava a não entregal-o ao furor popular, repezentando que a sua vida perigava, e que com generozidade a salvasse. O Joaquim Manoel commoveo-se, e bem que declarasse não poder soltal-o por assim requerer o interesse publico, afiançou-lhe todavia, que o conduziria elle mesmo á capital de maneira que não fosse percebido, e que se empenharia a fazer menos doloroza a sua sorte, o que com efeito executou.

CAPITULO VII

A revolução estende-se á Parahiba e Rio-Grande do Norte. Creação de novo governo n'estas duas provincias. Factos mais notaveis ali praticados.

A Parahiba regida quazi sempre por despotas crueis e insensatos, parecia condemnada a completa obscuridade : as suas excellentes producções agricolas, a segurança, e commodidade dos seos portos, não a enriqueciam, a sua industria era assás mesquinha ; Pernambuco absorvia o seo limitado commercio, os generos todos de exportação eram para ali transferidos com enorme despeza afim de poderem ser vendidos, ou trocados por aquelles, de que a provincia necessitava. Os jovens, cujos paes possuiam alguns bens de fortuna, eram os unicos, que vinham mendigar no seminario de Olinda a instrução primaria : felismente dotados de espirito aproveitavam, e de retorno ao paiz natal levavam comsigo sementes de liberalismo, e não deixavam de cultivar as relações de amizade, que haviam contrahido com os patriotas pernambucanos.

Achava-se essa provincia entregue á direção de um governo interino, quando sucedeo a revolução em Pernambuco. Segundo a lei em vigor compunha-se aquelle governo de trez membros ; o ouvidor da comarca

André Alves da Silva, o tenente-coronel ajudante de ordens Francisco Jozé da Silveira, e o mais velho dos vereadores da camara da cidade. Não podia oferecer-se circunstancia mais propicia para o rapido desenvolvimento do sistema dezejado. O poder executivo sem unidade é fraco, as suas operações são lentas, o bem e o mal, que d'elle deriva, participa da falta de promptidão. Acrescia ainda outra circunstancia de maior entidade: um dos membros d'aquelle governo, o Silveira, era um respeitavel Mineiro, que havia herdado dos seos progenitores o odio ao despotismo; cidadão virtuozo anhelava com os bons Brazileiros a regeneração politica. O ouvidor Alves era tambem Brazileiro, mas degenerado; suas extorsões e injustiças o tornavam execravel: sem talento, sem valor, nem ao menos sabia fazer-se temer. O vereador da camara era um ente nullo.

No dia 8 de Março já por ali corria a noticia do sucesso do Recife: um rumor surdo, precursor de eminente borrasca começou logo a ouvir-se entre os habitantes; tacitos observavam-se, procurando descobrir na configuração dos semblantes as impressões do coração: estas denotavam amor da boa cauza. O Silveira internamente gozava; prudente esperava saber que direcção tomaria a população do interior, e desconfiado dos seos dois collegas, não queria arriscar movimento extemporaneo. Convinha-lhe sobre tudo assegurar-se dos sentimentos do commandante da pouca tropa de linha, o tenente-coronel Estevão Jozé Carneiro, que muita influencia exercia; um colloquio amigavel revelou-lhe ser aquelle um optimo Pernambucano; ambos entretanto foram de acordo em contemporizar, até que o espirito publico se desenvolvesse claramente, para o que facilitariam meios passivos e jámais de coação.

Para gloria da Parahiba não teve lugar a meditada contemporização. No interior da provincia retumbou improvizo o grito da independencia e liberdade; a povoação de Itabaiana teve a primazia, uma circunstancia particular ocazionou esta honra: era ahi, e na sua vizinhança, que habitava a mór parte dos jovens educados em Pernambuco, entre os quaes apontava-se

um Manoel Clemente Cavalcanti, que a juizo claro reunia coragem decidida. Cheio de entuziasmo, e muito mais de ambição, ao primeiro indicio de Pernambuco elle vôou á caza de seos amigos, aconselhou-os a aproveitarem-se do tempo, e a mostrarem-se emulos dos libertadores da Patria. Foram todos concordes; mas lembraram-lhe, que elle tinha um pae, de cuja vontade pendia em certo modo o destino do paiz, e quão dificil seria ganhal-o, elle mesmo ajuizaria, devendo bem conhecer os defeitos do seo caracter.

Era esse homem ignorantissimo e feroz; capitão de ordenança do distrito, regia como pachá, todos o temiam. E' este o caracter, que mais se amolga com o governo despotico; chamal-o a um outro é arredal-o da sua esfera e pretender milagres. Tal pretenção porém não é inteiramente desarrazoada; aparecem tambem de quando em quando prodigios na ordem politica; a religião só não gloria-se de ver de repente metamorfozeado por seo influxo divino o escandalozo pecador em austero exemplar de santidade: o amor da patria tem imperio não menor sobre os corações ainda mais perversos; e si estes em boa fé escutam por um instante a voz intima, que lhes fala, a conversão realiza-se.

O Manoel Clemente, apezar de reconhecer o pezo da objecção, não desanimou: sabia, que são mui fortes os laços do sangue, afoutamente procurou o pae. Debaixo da aparencia de humildade filial deixou perceber a linguagem do homem convencido; João Luiz Freire, cidadão veneravel, o apoiou com a força, que dá a virtude sobre o vicio. O altivo capitão prestou-lhe a atenção, aprovou a empreza, e quiz elle mesmo dirigil-a. Nem desmentio jámais a sua adhezão, permaneceo sempre firme não obstante a variação dos homens e dos cazos: seo nome merece especial menção, era João Baptista Rego.

A bandeira branca, simbolo da insurreição, foi içada com estrondozos vivas da multidão, que não ficou ocioza, pois que o Rego, vendo-a armada com as espingardas de caça, unicas armas, de que se podiam valer, mandou destribuir-lhes á sua custa polvora e bala competente: e

reforçado pelo capitão André Dias de Figueiredo, o qual excitado tambem pelo Manoel Clemente tinha vindo com a gente do seo commando, rezolveo marchar para a capital. Na sua marcha elle encontrava por todos os lugares, por onde passava, o povo armado com os principaes proprietarios em frente, que de boa vontade o seguiam. Na villa do Pilar fizeram alto para melhor preparem-se ao combate, si os da cidade intentassem disputar-lhes o passo. Precaução bem entendida, mas inutil, á vista do caracter das pessoas, que então governavam.

Quando aos habitantes da cidade divulgaram-se os feitos de Itabaiana, envergonhados de terem sido precedidos por aquelles, que reputavam menos adiantados, não se contiveram mais, de publico apregoavam os seos sentimentos patrioticos. O ouvidor Alves, a quem a consciencia do passado não deixava esperança de reconciliação, na impotencia de extinguir o fogo, que via proximo a acender-se, fugio cubrindo-se com os vestidos de sertanejo para não ser descoberto, e teve a fortuna de chegar salvo á fazenda da Cauán pertencente a um certo padre Luiz Jozé, que acostumado a proteger os desvalidos não recuzou recebel-o e ocultal-o. O Silveira, vendo o momento oportuno, declarou-se, a tropa com a respectiva oficialidade e commandante o intimou, as bandeiras reaes desappareceram e proclamou-se a liberdade e independencia sem efuzão de uma só gôta de sangue.

A participação d'este cazo foi immediatamente communicada pelo mesmo Silveira aos patriotas, que estavam na villa do Pilar, exprimindo-lhes o dezejo que se apresassem a entrar na cidade para assistirem á eleição de um novo governo, como era de justiça. Coincidia este avizo com os calculos, que o Rego e a sua gente formavam; a marcha foi proseguida sem retardo, e no dia 13 de Março elles se aprezentaram ali, e foram acolhidos com abraços fraternaes. A cordialidade manifestada de uma e outra parte encantava, a Parahiba não testimunhou jámais um dia tão festivo; a suspeita, que costuma apoquentar as expansões do animo, tinha sido desterrada, substituia triunfante a sinceridade; o bello sexo

mesmo, despindo a natural timidez, mostrou-se em seo maior esplendor tomando parte em tanto jubilo.

Emquanto a tropa e povo entregava-se ás distrações, que as circunstancias permitiam, o Rego, e os seos principaes adherentes, entraram na caza destinada para a reunião dos que deviam eleger o novo governo. Cada um pelos seos serviços e reprezentação, julgava-se chamado a exercer um tal acto, e sem duvida a razão o ordenava, e a politica em particular recommendava: porém quiz o máo fado, que o exemplo do Recife fosse imitado debaixo de fórma ainda mais odioza. O Silveira fez inconsideradamente arbitraria selecção d'aquelles individuos, chamando alguns filhos de familia, e excluindo os paes d'estes, que ahi se achavam prezentes, os quaes estupefactos viram aquelles encerrarem-se em uma sala, donde sahindo depois de breve tempo, publicaram haver nomeado governadores da provincia o mencionado Silveira, Estevão Jozé Carneiro, o padre Antonio Pereira, Amaro Gomes Coitinho, e Ignacio de Albuquerque Maranhão. Votaram n'esta eleição além dos cinco nomeados, João Luiz Freire, Jozé da Cruz Gouvêa, Jozé Peregrino de Carvalho, Manoel Clemente Cavalcanti, e Jozé Bezerra Pessoa: os paes dos trez ultimos, assim como o do padre Antonio Pereira, membro do governo, tinham sido excluidos da votação.

Era pura a intenção do Silveira; mas aquelle procedimento não era sensato. Pensou talvez, que obra santa não podia ser confiada a mãos profanas, e não se lembrou, que no santuario da justiça todos devem penetrar: defeito de entendimento, que assás patentea o atrazamento das idéas d'aquelle tempo. Ignorava-se, que nas republicas bem constituidas o direito de votar é inherente á cada um cidadão, e que si a lei o restringe privando os proletarios e criminozos, é com o louvavel fim de estimular os homens ao trabalho, economia, e virtudes. A praticada excluzão muito desagradou; o amor proprio dos excluidos desabafou em queixas; o povo, juiz severo das acções mal reguladas, murmurou, e examinando a razão do facto, descobrio, que eram pedreiros livres os indicados eleitores: pernicioza descoberta,

quando estupidamente acreditava-se ser essa classe de gente o flagello de Christo.

Daqui proveio o frio acolhimento dos eleitos, os quaes não obstante poderiam ter feito a fortuna do paiz, si penetrados do interesse da segurança, concertassem a fortaleza do porto, armassem o litoral, e recrutassem braços para se oporem a qualquer invazão interna, ou externa. Não cumpriram com este dever, e só apressaram-se a arremedar servilmente o governo de Pernambuco na monstruoza promoção de oficiaes sem soldados. O coronel de milicias Amaro Gomes teve o posto de brigadeiro com o respectivo soldo; o joven Jozé Peregrino passou de tenente-ajudante a tenente-coronel; outros tiveram dois postos de acesso.

Empossados da autoridade os novos governadores, dirigiram aos de Pernambuco nota oficial do que havia sucedido, e assegurando que unidos em sentimentos unir-se-iam em esforços para fazer prosperar a cauza commun brazileira. Salvas das fortalezas, repiques de sinos de todas as igrejas annunciaram tão fausta noticia ao povo do Recife, o qual exultando de prazer esperava receber outras de igual natureza. A esperança era mais viva, porque contavam de certo com a revolução do Rio-Grande do Norte.

Governava essa provincia Jozé Ignacio Borges: natural de Pernambuco, amigo intimo do padre João Ribeiro, pensando como este em materia politica: suspeito ao partido portuguez tanto por aquella amizade, quanto pela frequencia, com que vizitava as cazas dos Pernambucanos distintos por sentimentos filantropos; instruido nos votos dos patriotas brazileiros, e approvando-os; sem as vantagens de uma educação scientifica regular, mas possuindo naturalmente agudeza de entendimento para perceber a utilidade da realização d'aquelles votos, sem herança de nome, nem de fortuna, trabalhando com assiduidade para adquirir uma e outra; parecia o homem feito para as revoluções. Dest'arte todos pensavam, todos lizongeavam-se, e nenhum considerou, que o velho revolucionario já não era um cabo de esquadra de artilharia, era um tenente-coronel, cavalheiro

da Ordem de Christo, e governador de uma provincia: sua ambição achava-se já satisfeita em parte, e em parte quazi segura de maior progresso; o lucro que o governo democratico podia oferecer-lhe, era incerto, e exigia sacrificios, que repugnam com o egoismo. Si a gloria é tezouro inapreciavel para os espiritos sublimes, é falsa moeda para quem só aprecia objectos materiaes. A experiencia ainda não tinha ensinado aos Pernambucanos distinguirem as varias côres do fingido patriotismo; nas grandes commoções é que se recebe similhante lição e ella foi dada magistralmente.

Com a confiança da amizade os membros do governo de Pernambuco escreveram a aquelle governador, avizando-o que era chegada a occazião de mostrar sem rebuço a liberdade dos seos sentimentos; que a Patria reclamava dos seos filhos os maiores serviços, e que nenhum mais do que elle os podia prestar pelo elevado posto, que ocupava. Ha certos individuos, que anciozos de promover o bem, não promovem sinão o mal; outros com intenção pozitiva de fazer o mal, fazem o bem: não é a vontade, que os atraiçãa, é a irrezolução, a falta de energia. A carta confidencial foi entregue: a pessoa a quem era dirigida, e que a recebeo, ou devia corresponder á boa fé, que os seos amigos e patricios lhe manifestavam, ou tomar medidas decizivas para se lhes opor: no primeiro cazo pagava a divida sacrosanta, que havia contrahido; no segundo consultava o seo individual interesse, e livrava o Rio-Grande dos embates da fortuna, que o desleixo acarreta. O Borges nem uma nem outra coiza fez.

Sabia, que na provincia tinha muita influencia o nome dos Albuquerques Maranhão, nome illustre pela nobreza dos seos antepassados, e mais illustre por virtudes civicas; estava certo, que o oraculo da familia d'esse nome era o coronel de milicias André de Albuquerque, poderozo pela sua riqueza, amado e respeitado pela boa conducta. O governador Borges, antes de apostatar, rezolveo observar a vereda, que seguiria aquelle perigozo rival: allicial-o, fazel-o, si fosse possivel, seo partidario, ou reduzil-o a omnimoda impotencia, era quanto lhe convinha. Obrou

coherentemente entregando-se a esse pensamento; precipitou-se, quando tratou de pol-o em pratica.

A razão dictava, que para chegar ao fim proposto, o meio mais seguro era convidar a pessoa suspeita a vir á capital; e no cazo de recuza por algum pretesto plauzivel, si julgasse util procural-o em sua propria caza, não deveria desprezar um cortejo militar, que impuzesse e o garantisse de traição; mas o nosso governador guiado por principios, que em tempo de calma alguns apellidariam moderados, e que em outras circunstancias são condemnados como partos da infatuação e cegueira, abandonou a capital sem deixar instruções para o cazo de imprevista desordem, e acompanhado sómente por um criado encaminhou-se para o engenho Cunhahú, rezidencia do coronel. A fortuna parecia ainda conspirada em seo favor; o homem tão ardentemente procurado tinha ido para a villa de Goianinha.

Corridas tantas leguas em vão, e com tanta responsabilidade, era bem natural, que viesse a reflexão apagar a imprudencia, e que a retirada fosse muito mais solicita; não aconteceo assim: o contumaz governador partio sem pauza para a mencionada villa. Ahi chegando foi desmontar na caza do mesmo coronel, o qual o recebeo com a afabilidade e respeito, que a civilização ensina; jantaram juntos e retiraram-se ao depois a uma camara, onde estiveram fechados por algum tempo. Finalizado o colloquio, o hospede montou a cavallo, e de novo tomou a estrada da capital sem mostrar descontentamento.

E' de advertir que os membros do governo de Pernambuco fazendo summo apreço d'aquelle coronel, lhe haviam escrito, quando escreviam ao Borges. A carta, que muito o lizongeava, o decidio a abraçar o partido republicano; e como na villa de Goianinha é que rezidia o maior numero dos soldados e officiaes do seo regimento, a sua prezença tornava-se ali indispensavel, pois que, passando frequentes revistas, entrava mais facilmente no espirito do soldado, os instruia e dispunha. Seguia este plano, bem que não o julgasse suficiente: ou fosse por timidez de caracter, ou por desconfiança da má vontade do povo, elle apenas soube, que a Parahiba tinha-se insurgido,

ocultamente requereo aos membros do novo governo algum socorro de gente escolhida para proceder com maior segurança, e anciozo esperava, quando foi honrado com a referida vizita.

Era seo confidente e gozava de illimitada ascendencia o vigario d'aquella villa Antonio de Albuquerque Montenegro, patriota exaltado. A aparição inesperada do governador o alarmou; curiozo de saber o secreto colloquio foi procurar o coronel, que sinceramente confessou-lhe os subterfugios, com que o Borges intentava arrastal-o á defeza da monarchia. O vigario acezo de furor increpa-lhe a cobardia de não haver prendido o sedutor, e acrescenta: «Já que não aproveitastes a ocazião favoravel, não vos resta outra alternativa sinão seguil-o no momento com escolta fiel e prendel-o, onde o encontrardes, ou sujeitar-vos a fazer com o vosso cadaver a escada da sua fortuna: e vos direi, que si este ultimo cazo sucedesse, a Patria vilipendiada terá em eterna execração a vossa memoria.»

O bom André não ouzou replicar; a força da exhortação dissipou-lhe a perplexidade, obedeceo, e chamando os soldados e oficiaes, em quem mais confiava, com elles a gran galope correo em busca da preza, que lhe escapava: a encontrou no engenho Belém; era alta noite, quando ali chegou, pôz a caza em cerco, e ao amanhecer do dia, abrindo-se as portas, entrou com dois dos seos officiaes, aproximou-se ao governador, e deo-lhe a voz de prizão. Foi então, que o incauto prizioneiro reconheceo o desacerto da sua conducta; era forçozo resignar-se á sorte, não murmurou, não commeteo baixeza com humildes rogativas, nem tambem sofreo tratamento vil.

Com este ouzado procedimento fazia-se a revolução no Rio-Grande do Norte: mas fazer, dirigir, e sustentar uma revolução, não é a mesma coiza; para fazel-a bastará a rezolução d'um individuo, para dirigil-a ao fim proposto é indispensavel o concurso de muitos; a mediocridade póde arriscar os primeiros passos, para o perfeito complemento da obra requer-se genio. Desgraçadamente o nosso homem não pertencia a essa classe privilegiada; os destinos da provincia estavam depozitados em suas

mãos, e elle não percebia a importancia: impellido a dar o grande golpe, achava-se desvairado sem saber que estrada deveria seguir. Para augmento da incerteza o povo permanecia inerte expectador; em cazos taes a inercia é agouro sinistro.

Não se póde asserir o que faria André d'Albuquerque, si o novo governo da Parahiba com desuzada rapidez não lhe enviasse cincoenta soldados da primeira linha commandados pelo tenente-coronel Jozé Peregrino, e duas peças de artilharia ligeira. A força não consiste no numero: esses poucos soldados valiam mais do que um exercito de escravos; o commandante, que os guiava, joven em idade, era maduro de entendimento; os trez officiaes subalternos que estavam debaixo das suas ordens não lhe cediam em patriotismo e valor. O capitão-mór da cidade da Parahiba, João de Albuquerque Maranhão, que, dezejando ser util á sua patria e parentes, associou-se a esta expedição como voluntario, era homem de caracter firme. Jozé Peregrino, prevendo a urgencia do serviço, que d'elle se requeria, acelerou a sua marcha; foi directamente a Goianinha, lugar destinado para o concurso das operações, que deviam seguir-se, e avizado do que tinha acontecido, sem hezitar partio para o engenho Belém. No dia subsequente á prizão elle ali se aprezentou. Com este auxilio o coriteo da revolução, e os que por devoção ou respeito o haviam acompanhado, receberam nova vida. O primeiro pensamento foi desembaraçar-se da guarda do governador, fardo, que assás pezava: o capitão-mór da Parahiba foi rogado a conduzir a Pernambuco o prizioneiro sem perda de tempo; commissão que esse desempenhou pacificamente.

A apatia manifestada no interior da provincia era igual á da capital: nenhum simptoma de prazer ou desprazer inculcava a dispozição do povo apezar da notoriedade dos cazos das duas provincias limitrofes. A guarnição composta de cem homens de infanteria com oficialidade correspondente, padecia a mesmissima enfermidade; sem director que os guiasse, sem ao menos um cidadão esclarecido, que lhes apontasse as vantagens do governo livre, a cura era ardua, mas não desesperada; nos peitos americanos

é innato o amor da independencia e liberdade, em uns esse amor transborda com impetuozidade, em outros desenvolve-se lentamente : si os habitantes do Rio-Grande não mostravam-se ardentes sectarios das novas idéas, tambem não corriam ás armas para defenderem a tirania, que viam atacada. E' já melhorado o escravo, que não beija os ferros.

André de Albuquerque, lançando mão d'essa mesma apatia, e confiado no reforço parahibano, marchou para a capital. As portas lhe foram abertas francamente no dia 19 de Março : o capitão Antonio Germano Cavalcanti sahio-lhe ao encontro com a companhia que commandava, para oferecer-lhe os seos serviços, repetindo vivas á religião e á Patria, no que o povo não deixou de misturar-se. Foi creada logo uma junta provizoria ; a vontade do Albuquerque, combinada com a do Jozé Peregrino, decidio a escolha dos membros. Eram estes : o vigario da cidade Feliciano Jozé Dornellas, o coronel de milicias Joaquim Jozé do Rego Barros, o já mencionado capitão Antonio Germano, e outro capitão miliciano Antonio da Rocha Bezerra : pessoas probas, de alguma ascendencia, mas indolentes por caracter, de mui pouco saber, e arraigadas aos velhos uzos. O Andre de Albuquerque, escolhendo-as, e comprometendo-as, lizongeou-se, que as faria adherentes á revolução, e excitaria maior confiança no povo, ao mesmo tempo que, havendo rezervado para si o governo das armas, podia pôr em obra os recursos, que esta pozição lhe dava.

Os nomeados não recuzaram a nomeação ; o poder agrada ; nem foram aplaudidos nem vituperados ; dirigiram-se em corpo á matriz, onde renderam-se acções de graças ao Todo Poderozo, e foi esta a maior acção com que se assignalaram no curto espaço de tempo em que figuraram. As insignias da realeza desapareceram por ordem particular do novo governador das armas. A Parahiba e Pernambuco receberam communicação oficial das novidades ocorridas.

Quando estas patentearam-se em Pernambuco, o prazer não foi completo : a cauza da Patria triunfava, mas um dos seos filhos, em quem muito se confiava, a tinha

renegado. Os Pernambucanos ainda não experimentados nas vicissitudes politicas, custavam a compreender, que um homem como o Borges fosse capaz de trair tão fundadas esperanças. Os seos amigos na impossibilidade de o defenderem, limitavam-se a pranteal-o. Elle dezejando furtar-se aos olhos de um povo, que eria irritado, pedio ao commandante da escolta, que o acompanhava, o favor de entrar de noite no Recife : duvidava injustamente da generozidade d'aquelle povo. Foi satisfeito em seo pedido; entrou de noite, encontrou silenciozo desprezo, e ficou na fortaleza das Cinco-Pontas debaixo de chave.

CAPITULO VIII

O padre Jozé Martiniano de Alencar e Miguel Joaquim Cezar são enviados secretamente ao Ceará, e o padre Jozé Ignacio Ribeiro de Abreo Lima, aliás Roma, á Bahia. Exito infeliz d'estas duas commissões.

O rapido progresso da revolução nos lugares já indicados não era suficiente a apagar o fervor dos patriotas de Pernambuco ; suas vistas extendiam-se ao bem ser de todo o Brazil. Elles ajuizavam, que as provincias do norte mais distantes do sopro empestado da côrte seriam as mais solicitas em responder ao grito da liberdade, e que as do sul seguiriam em tempo o mesmissimo destino ; e si por defeito de energia ou por outro motivo persistissem immoveis, as do norte confederadas nada tinham que temer. Tal era a baze do plano, para cuja execução convinha apressar o movimento na Bahia e Ceará, dois pontos da maior importancia.

Dois ecleziasticos foram enviados como agentes secretos a essas duas provincias : para o Ceará ofereceo-se um joven subdiacono chamado Jozé Martiniano de Alencar, que principiava a frequentar no seminario de Olinda o curso de rhetorica. A sua oferta foi aceita por ser elle natural da villa do Crato, e extremozamente amado pelo paroco d'essa villa ; os parocos do sertão tinham grande influencia. Capitão-mór da mesma villa era um certo Filgueiras,

malfeitor cruel, * a quem os supersticiozos sertanejos reverenciavam, dando-lhe o irrizorio titulo de mandingueiro, titulo devido á impunidade da sua vida infame : a sua caza era um covil de cabras facinorozos, lestos em commeter todo o genero de atentados ao mais leve aceno do analogo chefe, que os alimentava e protegia. Os patriotas governadores de Pernambuco tiveram a simplicidade de crêr, que, ganhando-se um tal individuo, ganhava se a provincia inteira do Ceará ; e que para ganhal-o bastaria a vontade d'aquelle paroco, o qual não podia deixar de ceder aos conselhos ou rogativas do seo predilecto. Para coadjuval o no governo provizorio agregou-lhe um certo Miguel Joaquim Cezar, moço que parecia prudente, e que dizia ter algumas relações nos sertões d'aquella provincia. A ambos foram dadas por escrito as instruções, que copiámos:

« Irão os patriotas fazendo a sua viagem com toda a paz, politica e cautela, obrando por este modo quando

---

* Injusta e procedente de erroneas informações é esta qualificação dada ao capitão-mor Jozé Pereira Filgueiras, que na verdade gozou de grande influencia e real prestigio no Ceará. Não podia ser malefico e cruel quem aliás distinguia-se por animo bondozo e complacente.

Na epoca da independencia nacional tornou-se benemerito, prestando revelante serviço á cauza patriotica, já concorrendo para a proclamação da emancipação nacional na provincia do Ceará, e já indo pessoalmente em auxilio do Piauhi e Maranhão, onde o influxo portuguez embaraçava o progresso do movimento emancipador.

Elle e outros patriotas cearenses marcharam com forças militares para Caxias, onde estava fortificado o governador das armas do Piauhi João Jozé da Cunha Fidié, contrario á cauza do Brazil. Vencido o campeão luzitano, immediata foi a proclamação da independencia brazileira nas duas sobreditas provincias.

Em 1824 defendeo a cauza da liberdade do Brazil, sustentando o movimento democratico operado no norte do imperio.

Por seos serviços á Patria o capitão-mor Jozé Pereira Filgueiras mereceo do governo de D. Pedro I honras e louvores; e por seo falescimento o governo regencial em 1833 conferio a sua viuva e filha uma pensão pecuniaria, que foi aprovada em 1831 pelo poder legislativo.

Quem tanto fez por seo paiz, e tanto mereceo do governo nacional, não podia ser um malfeitor cruel.

Sobre a expedição do Ceará em favor do Piauhi e Maranhão, veja-se a *Revista Trimensal* de 1885, tomo 48, part. 1, pag. 235, onde se lerá quanto praticou a dita expedição sob o commando do governador das armas José Pereira Filgueiras, acompanhado do delegado do governo do Ceará, o vogal Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, cujos serviços foram tambem reconhecidos pelo governo regencial em 1833.

T. Alencar Araripe.

tratarem com povos por onde passarem; e si os acharem dispostos para a boa cauza, procurarão acender ainda mais o seo patriotismo, mostrando-lhes as antigas opressões e os bens que nos virão de não sermos mais governados por ladrões, que vêm de fóra xupar a nossa substancia. E si acharem os povos em uma total ignorancia e abatimento, procurarão dar-lhes algumas idéas a favor da cauza e inflammal-os; porém si acharem algum tenaz partidista da tirania, não entrarão com elle em discussões; bastá, que os fiquem conhecendo. Assim irão em direitura até se avistarem com o vigario do Pombal, do qual haverão noticias do estado da comarca do Ceará, tanto do seo interior como beira-mar, e terão noticia do padre Luiz Jozé. Si este se tiver declarado pela boa cauza, irão ter com elle e dali partirá o patriota B. * pelas cabeceiras do rio do Peixe ao seo destino, ficando com o padre Luiz Jozé o patriota A. para dahi escrever cartas e mandar papel aos seos amigos do Icó. Estas cartas devem ser persuasivas sem darem a entender, que as pessoas para quem foram dirigidas, querem a liberdade, para as não comprometer. Chegando ao Pombal, si houver certeza de que o padre Luiz Jozé não é pela Patria, dahi seguirão o mesmo destino; e si parecer melhor, ambos irão para o Crato por cima. Revolucionado o Crato e o Icó, mandarão logo a Pernambuco avizo para lhe ir socorro, e estas villas podem com cartas e proclamações fazer que se levantem Aracati e Sobral, e mesmo sem socorro de Pernambuco poderão atacar a villa da Fortaleza, e destruir o tiranno. O padre *João Ribeiro Pessoa. Domingos Jozé Martins.*

Munidos tambem de cartas de recommendação, puzeram-se todos dois em caminho. O teatro, onde o Alencar podia reprezentar, era a sua villa natal; para ahi proseguio, separando-se logo do seo companheiro, que ficou inerte na fazenda do padre Luiz Jozé. Chegando á caza paterna, elle contou misteriozamente os factos das provincias revoltadas, exaltando-os e valendo-se dos meios

---

* O patriota B. era o Jozé Martiniano de Alencar; e o patriota A. era o Miguel Joaquim Cezar.

adequados para induzir o bom padre a favorecel-o no trabalho de catechizar o temivel capitão-mór. Foi porém tudo em vão; a pusillanimidade excedia a predileção. Aquelle paroco, que mal entendia o seo breviario, e não conhecia outro objecto de culto sinão o seo Deos e o seo rei, tremeo ouvindo a narração, e pensando unicamente na salvação do amigo, que já cria perdido, o suplicou a dezistir da empreza. A sua voz não foi escutada; o emissario rezolveo tentar a fortuna por si só, e foi procurar o homem, do qual parecia depender o destino do Ceará.

Por acazo o encontrou com um carmelita, frei Francisco de Santa Mariana Pessoa, a quem vinha recommendado, e assestou a sua fraca bateria contra a grossa muralha. Bem que reforçado pelo frade, que tomou parte activa no combate, não pôde fazer a menor brexa; recorreo ao poderozo encanto das honras e recompensas destinadas aos libertadores da Patria; na dura orelha do Filgueiras não penetrava o doce son do vocabulo *libertador*; velho mandão, julgava, que as distinções honorificas eram o apanagio excluzivo da prostituição. Depois de longo silencio originado do desprezo e não da meditação dignou-se responder, que a empreza era pouco segura, e que por consequencia não a apoiaria. Si não apoia (replicou o emissario), ao menos queira ter a bondade de não obstar a livre manifestação do povo. Não me oporei: (certificou o lobo esfaimado para saciar-se no sangue da maior quantidade de innocentes ovelhas).

Um homem atilado procederia em circunstancias taes com a maxima cautela; a repugnancia vizivel do reputado arbitro da provincia, o seo perverso caracter, ensinavam a desconfiança; mas um collegial é ordinariamente credulo; aquelle não sahia da regra commun; facilmente persuadio-se, que com a promessa dada era senhor do campo de batalha; contente a participou a um seo irmão e a outros amigos, com os quaes concertou o modo de revolucionar a villa.

Gemia o paroco com o presentimento de futura ruina. O proximo dia santo, em que elle devia celebrar, foi o dia marcado para a solemnidade da festa patriotica. Congregaram-se na igreja os fieis: no fim da missa o

Alencar, revestido da batina e roquete, subio ao pulpito, e leo o já mencionado *Precizo* do Mendonça. Os que tomavam parte no concerto, responderam em altas vozes aos *vivas* com que rematava aquelle escrito; os demais bateram palmas, todos retiraram-se ao adro da igreja, arvoraram uma bandeira branca, e em signal de alegria disparavam as clavinas que traziam. Continuavam a tripudiar, quando um annuncio intempestivo veio perturbal-os; o Filgueiras não estava longe da villa com numerozo sequito dos seos apaniguados.

Ninguem esperava a importuna vizita d'aquelle individuo; a memoria dos seos iniquos feitos fundamentava os receios. A mór parte dos improvizados patriotas começou a retirar-se cabisbaixo aos escondrijos das suas habitações. Debalde procurava o Alencar dissipar-lhes a timidez, assegurando que, si fosse verdadeira a vinda do homem annunciado, seria para testimunhar a publica alegria, que por sua expressa tolerancia manifestava-se: poucos deixaram-se persuadir, e com simplicidade pueril entoaram vivas á Patria, apenas compareceo o famozo chefe da quadrilha, que não tardou a provar a refinação da sua malicia. Com um simples aceno elle impoz silencio, fez arrancar a bandeira arvorada, e mandou, que se gritasse: *Viva El-Rei*. Todos humildemente obedeceram, e não obstante os facinorozos agarraram o Alencar, e trez dos seos principaes adherentes, os conduziram á cadeia, donde com pezada corrente ao pescoço foram arrastados de prizão em prizão até a capital, sofrendo tribulações e injurias por toda a viagem. O bom vigario, o frade carmelita, a pobre mãe do mesmo Alencar e outros não escaparam ao furor do monstro pouco tempo depois.

Assim finalizou o movimento do Crato; as demais villas não deram signal de vida. Governava o Ceará Manoel Ignacio de Sampaio; a sua actividade redobrou-se com a noticia da vizinha conflagração. Apezar de conhecer evidentemente, que nada tinha a receiar dos infelizes Cearenses, seo espirito era sempre agitado, como são os que não obram rectamente. Um pequeno traficante da capital, só por ser Pernambucano, era na sua opinião um subdito tão perigozo, quanto o ouvidor da comarca João

Antonio Rodrigues de Carvalho, por ter tido relações de amizade com Domingos Jozé Martins: a ambos fez prender e transportar aos carceres de Lisboa. Não tendo a sua dispozição força suficiente para marchar contra as provincias insurgidas, contentou-se de segurar a que governava, exercitando os seos poucos soldados, prescrevendo ordens severas a todos os capitães-móres, e desfigurando com as mais negras côres os actos praticados em Pernambuco.

A commissão destinada para a Bahia aprezentava muito maiores dificuldades; requeria-se por conseguinte na pessoa para ella nomeada dotes muito mais relevantes, isto é, desprezo da vida, patriotismo ardente e entendimento sagaz: taes dotes possuia o padre Jozé Ignacio Ribeiro, por antonomazia Roma. Empregando-o n'aquella commissão, duplicada utilidade rezultava: afastava-se de Pernambuco um cidadão inquieto e ambiciozo, e se lhe collocava em uma carreira, onde si a fortuna o favorecesse, a sua ambição satisfazia-se sem prejuizo, a revolução ganhava, e a nova ordem de coizas consolidava-se; no cazo de adversidade lucrava-se sempre, perdendo-se um objecto de desconfiança.

Raciocinavam d'esta maneira os governadores provizorios, raciocinio desgraçadamente commun aos governos novos: aquelles, que no principio de uma revolta são elevados aos primeiros cargos, crêem, que sem o seo auxilio a machina politica não pode caminhar, reputam o commando propriedade peculiar, e o receio de se verem despojados os induz a uzar de medidas de precaução, que imprimem algumas vezes o cunho da má fé.

Não era custozo atrair a vontade de um homem d'aquella tempera; com grande prazer aceitou a commissão, e logo tratou de a executar. Mas ou fosse indiscrição dos commitentes ou do commissario, certo é que elle achava-se ainda no Recife, e já não havia pessoa, que ignorasse o seo destino. Era tanta a incuria, com que se tratavam os negocios de estado, que não obstante a divulgação do segredo, divulgação, que necessariamente devia ou inutilizar ou retardar a empreza, esta nem foi abandonada, nem ao menos desmentida, e o que mais

sorpreendeo, foi a marcha que o emissario adoptou antes de chegar ao lugar da sua missão.

A comarca das Alagoas em 1817 fazia parte de Pernambuco; o seo augmento em população e riqueza, a sua grande distancia da capital da provincia, a cujo governo era inteiramente sujeita, e sobre tudo suspeita de sedição da escravatura, tinham induzido o capitão general Caetano Pinto a destacar para ali uma companhia do regimento de infanteria com a respectiva oficialidade, e um commandante militar, que de perto velasse na manutenção da ordem, e decidisse aquelles cazos, que demandassem prompta solução. Esse commandante era Antonio Jozé Victoriano, Pernambucano, tenente-coronel de artilharia, oficial probo, e não hospede dos conhecimentos da sua arma. Um fugitivo de Pernambuco tinha-lhe narrado em termos vagos a revolução do Recife, e esta narração o tornou irrezoluto. N'este estado o encontrou o Padre Roma.

Nem foi oculta, como todos supunham, e o proprio interesse reclamava, a partida d'esse padre; o seo entuziasmo não lhe permitia a consideração do perigo, que corria; assignalar-se era o que elle com sofreguidão procurava. O territorio das Alagoas não devia jazer na indiferença: limitrofe da Bahia, a sua insurreição facilitava a propagação das idéas republicanas, e assegurava a fronteira mais fraca de Pernambuco por ser a mais abandonada. Convinha porém ou esperar espontanea adhezão dos Alagoenses, ou enviar-lhes um agente particular, e jamais aquelle destinado para a Bahia; a perda do tempo consumido em um lugar redundava em prejuizo do outro.

Coherente com os seos principios, e as instruções recebidas, que eram em substancia as mesmas dadas ao Alencar com diferença de pessoas e lugares, o Roma decidio-se a partir para as Alagoas, e seguio o caminho por terra, Em todas as villas, por onde passava, não ocultava o seo caracter, nem o fim, que se propunha; aos parocos e aos demais sacerdotes aconselhava, que se valessem do seo santo ministerio para instruir os fieis no odio á monarchia, com fogozos discursos estimulava as

autoridades municipaes, e aos cidadãos mais conspicuos, a manifestarem sentimentos patrioticos; ao povo animava com a lizongeira esperança de não pagarem mais impostos ou tributos: na villa de Serinhaen elle mesmo apareceo no pulpito, pregando as vantagens da revolução.

Dest'arte procedendo chegou á villa das Alagoas, e dirigio-se sem rebuço á caza do commandante Antonio Jozé Victoriano, que benignamente o recebeo, e o alojou. O coração d'esse commandante era optimo; dispol-o a bem da cauza republicana foi materia de um momento. Do espirito dos soldados não se duvidava, desconfiava-se dos dois oficiaes, que os commandavam, porque eram pessimos Portuguezes: os malvados porém sabem disfarçar a perfidia com o manto da honestidade, e apregoar-se filhos da Patria para poderem a salvamento executar o parricidio, que meditam. Aquelles dois oficiaes suspeitando a dispozição dos soldados, transformaram-se de repente em patriotas, procuraram rivalizar em zelo, e foram os primeiros a entoar canticos á liberdade, e a rasgar a bandeira real.

O Roma exultando de ver realizada felizmente uma parte da sua commissão, mais intrepido mostra-se. Passou trez dias n'aquella villa, e não foram dias de ocio. Retrocedeo a Maceió, onde fretou uma balsa, na qual embarcou-se para a Bahia com um seo pequeno filho, que o acompanhava: o dezejo de chegar mais velozmente o induzio a partir por mar, como desde o principio deveria ter feito.

Uma das embarcações, que no primeiro dia da insurreição no Recife acolheo os Portuguezes, temendo ser assaltada ou impedida, fez-se immediatamente á vela em direitura á Bahia, transportando os que n'ella se haviam refugiado. Os passageiros, logo que ali desembarcaram, aprezentaram-se ao Conde dos Arcos, governador da provincia. Por elles informado do estado, em que ficava Pernambuco, bem que a informação recebida não fosse clara e preciza, provindo de homens, que pouco tinham visto, todavia em sua extremoza anciedade aquelle governador começou a preparar-se não só para rezistir á torrente que o ameaçava, como para a dissipar completamente, si fosse possivel.

Novos emigrados portuguezes vieram adiantar-lhe as noticias já dadas, especificar os acontecimentos, e denunciar a vinda proxima do mencionado Roma, o qual (diziam elles) contava com grande numero de sequazes Bahianos. Não era falso, que existissem na Bahia Brazileiros de principios republicanos, e que vissem com pezar a dominação ainda conservada pelo rei de Portugal; mas nem o seo numero era grande, como se supunha, nem a energia dos caracteres individuaes correspondia aos dezejos nutridos. Uns, empregados em diferentes repartições, e ocupando postos vantajozos nas milicias, seriam promptos a insurgir-se, si nenhum risco temessem, outros molles proprietarios, serviriam sómente para fazer éco a qualquer intrepido venturozo.

O Conde dos Arcos bem os conhecia, e nem ignorava os nomes dos que pertenciam á sociedade maçonica; podia, valendo-se da lei de sangue, que estava em vigor, anniquillal-os: mas dotado de sagacidade não deixava de perceber, que medidas rigorozas inoportunas augmentam o mal em vez de diminuil-o. Vigilante policia sobre os passos de cada um foi, quanto no principio adoptou, fazendo saber a todos em particular que assim obrava por commizeração, a qual cessaria ao menor simptoma de conducta equivoca, e que esta arrastaria a perda inevitavel de suas pessoas, familia e bens. Assegurou-se da fidelidade da tropa, mimozeando-a com elogios; por todo o litoral contiguo á capital destacou patrulhas, para que examinassem cuidadozamente as pessoas que ahi abordassem; e fazendo dar os signaes distintivos do Roma, ordenou, que apenas comparecesse, o prendessem. Em falta de embarcação de guerra, armou com a maior presteza aquellas de commercio mais adaptadas afim de irem bloquear o porto do Recife.

Em quanto assim preparava-se a garrotear a nascente liberdade de Pernambuco, não descuidou-se de fazer espalhar a seguinte proclamação, contando dividir os animos:

« Pernambucanos honrados, que detestaes os crimes de vossos indignos patriotas! Por familias fugidas ao poder insuportavel dos rebeldes consta, que o teatro, onde

brilhara a fidelidade de Fernandes Vieira, Henrique Dias, e outros, cujos nomes a historia tem escrito na mesma linha dos heroes, está mudado em covil de monstros infieis e revoltados ! ! E porque vossos fingidos chefes até vos mentiram, quando commeteram a horrenda perfidia de desacreditar os habitantes d'esta capitania, de que tenho honra de ser o governador e o amigo, é o meo primeiro dever assegurar vos, que a diviza dos Bahianos é « fidelidade ao mais querido dos reis » e que cada soldado da Bahia será um *Scipião* ao vosso lado, assim que tiver ordem para vingar a afronta perpetrada contra o soberano, que em seo coração adoram, cuja mão sempre liberal e bemfazeja tiveram a honra de beijar em seo paiz natal primeiro que os outros vassalos do Brazil, e de quem todos temos recebido tantas provas de generozidade e de amor. Bahia 21 de Março de 1817. *Conde de Arcos.*»

Esta linguagem parecerá moderada em confrontação de outras producções, que o mesmo governador ouzou publicar, quando presentio a instabilidade da cauza abraçada por Pernambuco, e sobre tudo quando confirmou-se na opinião deshonroza, que formava do caracter do povo da provincia, sobre a qual imperava. Já os Pernambucanos principiavam a conceber igual opinião, remetendo clandestinamente á Bahia esta proclamação :

« Denodados patriotas bahianos, já sabeis o rezultado do faustissimo dia 6 de Março ; já o sabeis, e ainda hezitaes ! ! Será possivel, caros irmãos, que as insulsas ameaças e vans bravatas do futil general, que vos governa, vos façam recuar do caminho da honra, que intrepidamente trilhaveis ? Nós não o cremos : vosso caracter, vossas virtudes são assás notorias. Bahianos, os vossos interesses são estrictamente ligados com os de Pernambuco, com os do Brazil inteiro. O grande interesse da independencia e liberdade é, quem nos convida ; para obtel-o nenhum sacrificio deve custar. Unamo-nos em um só corpo, e os despotas tremerão : unidos teremos força, a força é o unico idolo, que os tiranos respeitam ; separados, a mão de ferro, que até hoje tem pezado sobre nós, mais desapiedada se mostrará. Viva a união ! Viva a independencia e liberdade do Brazil ! »

Cegamente navegava o Roma, prezumindo encontrar nos Bahianos a mesma dispozição liberal, que havia observado por todos os lugares, por onde passára. Elle tinha sempre ouvido falar com reverencia das personagens, que trabalhavam ali na regeneração do Brazil, e pouco ou nenhum apreço fazia do Conde dos Arcos, que mais dedicava-se aos passatempos feminis, do que aos negocios de estado. A balsa, em que embarcou-se, distinguia-se, como todas as outras de Pernambuco, pela fórma da vela: este distintivo em tal ocazião o atraiçoava, qualquer que aparecesse no litoral da Bahia, não podia deixar de excitar suspeita, e ser sujeita á rigoroza busca. Outra circunstancia particular concorreo a fixar ainda mais a atenção: a patrulha collocada na barra da Itapoan vio bordejar aquella balsa na tarde do dia 26 de Março, hezitando em aproximar-se á terra. A esta vista os soldados puzeram-se alerta, e ao escurecer da noite, quando aquella dava fundo, elles a invadiram, apoderaram-se dos individuos, que ahi encontraram, e os levaram á cadeia da cidade.

Conheceo-se logo ser um dos prezos o Roma; os emigrados, que correram a vizital-o, alegremente testificavam ser aquelle o mesmissimo enviado de Pernambuco. Essa inesperada prizão fez tremer os Bahianos, que diziam-se dantes amigos da republica, julgando que fossem apreendidas algumas cartas, que os comprometessem: ignoravam, que o infeliz enviado no momento, em que vio a patrulha, teve bastante prezença de espirito e caridade para lançar ao mar todos os papeis, que trazia.

Preocupados de terror aquelles liberaes em vez de concertarem um rompimento instantaneo, que, subtraindo o paiz ao nefando jugo, livrasse tambem a victima, que ia ao sacrificio; pelo contrario, os que eram empregados civis e militares, lançaram-se aos pés do Conde dos Arcos, afiançando-lhes extremoza devoção ao *mais querido dos reis*, e os que nenhum emprego exercitavam, e possuiam cazas de campo, para ahi mudos voltaram, e quêdos permaneceram.

O astuto governador deleitava-se com tanta cobardia: era vizivel a indiferença do povo, a qual dava-lhe

azo a obrar impunemente. Sem esperar as ordens do ministerio do Rio de Janeiro, de moto proprio elle erigio o horrido tribunal militar, onde innocentes e culpados não recebem jamais outra sentença sinão a de morte em consequencia da postergação das leis e fórmas judiciaes. Perante este tribunal, prezidido pelo mesmo Conde dos Arcos, compareceo algemado o pretendido réo; a sua coragem realçou-se á medida do perigo. Elle principiou protestando contra a incompetencia do tribunal, que se arrogava o direito de julgal-o; declarou o seo nome e patria; e interrogado sobre o motivo da sua vinda á Bahia, declarou sem faltar a verdade, que vinha tratar do livramento de um de seos filhos capitão de artilharia, que por delicto de rezistencia á justiça fôra remetido prezo de Pernambuco para aquella cidade pouco tempo antes da revolução. Instado que declarasse si conhecia as pessoas da Bahia, para quem trazia cartas, e a razão, porque as lançara ao mar, como depunham os soldados, que o prenderam, respondeo negando o facto para inteira confuzão de alguns militares ali prezentes como seos juizes, dos quaes a consciencia não devia estar tranquilla.

Era de nenhum valor a negativa, com que o desgraçado se escudava; os Portuguezes emigrados o acuzavam como um dos principaes revolucionarios de Pernambuco, aprezentando em testimunho a lista dos nomes dos eleitores do governo provizorio, na qual o acuzado figurava. Menor indicio é mais que suficiente para conduzir ao ultimo suplicio, quem é julgado em commissão militar: os votos portanto foram concordes sobre a pena capital.

O Roma ouvio a sentença sem mudar de côr; encarando com fronte altiva os ferozes algozes, pareceo annunciar-lhes em ton profetico, que bem cedo seria vingado. Transferido ao oratorio da cadêia, recebeo com edificação exemplar os socorros da religião. Trez dias não eram passados depois da sua fatal chegada, e já elle não existia! Com seguro passo, sem pronunciar queixas contra pessoa alguma, communicando familiarmente com os ecleziasticos que o rodeavam, caminhou para o campo de Sant'Anna, onde chegando, rogou aos soldados, apontando-lhes o peito,

que lhe poupassem as agonias da morte. Os Bahianos viram como morre o homem livre; a lição devia ficar-lhes impressa.

CAPITULO IX

O governador Caetano Pinto e sua familia são remetidos para o Rio de Janeiro. Seo destino n'aquella cidade e bem assim dos que o conduziram. Rezolução do governo provizorio sobre os naturaes de Portugal. Antonio Gonçalves da Cruz é mandado em commissão aos Estados-Unidos, e o capitão Jozé de Barros Falcão á ilha de Fernando. Um certo Kesner, negociante inglez, parte para Londres levando despachos e credenciaes do novo governo de Pernambuco para Hipolito Jozé da Costa, Brazileiro, que ali rezidia. O consul de Inglaterra em Pernambuco requer ao mesmo governo de Pernambuco a faculdade para continuar a exercer as funções do seo cargo, o que sem impedimento obteve. Um novo laço e bandeira nacional é adoptado.

Os assignantes da capitulação do Brum haviam previsto, que a detenção de um homem na mesma provincia, que por muitos annos governara com doçura, seria impolitica e perigoza, pois que podia a sua prezença despertar velhas simpatias, excitar a commizeração, afecto innato nos peitos brazileiros, quando trata-se de inimigo prostrado, e favorecer talvez o seo livramento com grave damno da cauza publica. Foi portanto o artigo 3.° d'aquella capitulação fielmente executado.

Pensavam todos, que navio estrangeiro seria destinado para aquelle transporte: no porto existiam alguns, dos quaes os capitães voluntariamente se encarregariam de desempenhar com lealdade a commissão, que se lhes désse sem comprometimento. Embarcação de propriedade pernambucana, além da perda do capital por dever supor-se embargo do governo do Rio de Janeiro, quando ahi désse fundo, corria muito maior risco, isto é, a privação da liberdade de toda a tripolação por ser considerada como envolvida no crime atróz de alta traição.

Parece incrivel, que não ocorresse tão obvia consideração aos membros do governo provizorio; elles mandaram,

que com celeridade se aparelhasse uma sumaca de Pernambuco, e que fosse confiada a dois jovens patriotas, prohibindo-lhes rigorozamente de entrar em outro porto que não fosse o do Rio de Janeiro, onde deixariam desembarcar o governador prizioneiro. Este com um filho, um capellão e um criado, cinco dias depois da capitulação sahio da fortaleza, acompanhado por um só oficial, e embarcou-se de dia na destinada sumaca com o respeito devido á desgraça. Seo embarque não excitou nem lagrimas, nem escarneo.

Os dois referidos mancebos, ambicionando o serviço da Patria, aceitaram o encargo alegremente. Velejaram com vento fresco, e em poucos dias avistaram a barra do Rio de Janeiro. Foi particularmente n'esta ocazião que deram prova ou de destemido caracter, ou de alienação mental: os seos compatriotas haviam proscrito a bandeira real, elles reputaram uma indignidade arvoral-a, bem que a este respeito o governo nenhuma ordem lhes tivesse dado, e entraram n'aquelle porto com a bandeira branca provizoriamente adoptada. Em vão da fortaleza de Santa Cruz, que reconheceo a embarcação, se lhes intimou, que a abaixassem, elles proseguiam até que um tiro de peça com bala os obrigou a ceder e dar fundo ao pé da mesma fortaleza.

Immediatamente rondas em escaleres em torno áquella embarcação impediram-lhe a communicação com a terra; mas tão estrondozo tinha sido o facto, que em um instante voou de boca em boca. Já a noticia da revolução de Pernambuco tinha sido ali divulgada por um mercante de Maceió, que, não sabendo dar a razão da novidade, fôra reputado impostor e como suspeito encarcerado: ora desenganaram-se todos, e em uns o terror difundio-se, outros conceberam esperanças de melhor porvir, e em geral suscitaram-se confuzão e receio. O malfadado Caetano Pinto e sua familia foi recolhido á prizão da ilha das Cobras, sem que se lhe permitisse a graça de falar ao menos a um dos ministros de estado, como requeria. Os dois mancebos, que dirigiram a embarcação, tambem o acompanharam á mesma ilha, onde foram muito mais maltratados.

Na fortaleza do Brum tinham ficado encerrados desde o dia da capitulação os marechaes Jozé Roberto Pereira

e Gonçalo Marinho de Castro, o brigadeiro commandante do regimento de infanteria Luiz Antonio Salazar com um dos seos filhos, capitão do mesmo regimento, e o sargento-mór de artilheria Victoriano Jozé Marinho, dispostos a partilhar a sorte do governador prizioneiro. A justiça exigia, que a permissão concedida a esse de sair da provincia abrangesse as demais pessoas do seo sequito; o artigo 3.° da capitulação não oferecia duvida a este respeito; mas o governo provizorio crêo acertado retel-os como reprezalia a qualquer atentado do ministerio do Rio de Janeiro contra as pessoas dos Pernambucanos, que ali se achavam. Embarcado o governador, todos aquelles prezos foram transferidos para a fortaleza das Cinco-Pontas e guardados com sentinella á vista. A fortuna é caprixoza: doeram-se então aquelles individuos de não se lhes permitir acompanhar o governador, como pretendiam; pouco tempo depois consideraram essa mesma negativa como um alto favor. Si tivessem partido, receberiam sem duvida no Rio de Janeiro tratamento igual ao do infeliz a quem haviam precipitado; permanecendo prezos em Pernambuco, poderam proclamar-se martires da realeza e d'esta obter exuberantes mercês.

O mesmo sentimento preventivo deo origem ao seguinte decreto:

« Sendo muito conforme ás regras de prudencia, principalmente no estado actual das coizas, o não permitir-se indistintamente a sahida de braços e fundos que debilitem a cauza da Patria, e convindo manter garantia solida contra as invazões que a côrte do Rio de Janeiro haja de fazer ás pessoas e bens dos patriotas d'este estado, que se acham nos dominios da dita côrte, ou n'elles tiverem fundos, decreta o Governo Provizorio e tem decretado:

1.° Nenhum habitante d'este estado poderá d'elle sair sem permissão do governo, a cuja discreção fica o permitir, ou não a dita sahida.

2.° A permissão será suplicada pela secretaria do governo, e uma vez concedida, requerer-se-á pela do expediente o precizo despacho, observando as fórmas legaes.

3.° A todos, que sem ordem se auzentarem, sequestrar-se-ão todos os bens, que possuirem, os quaes

serão inventariados, e entregues á commissão, que o governo nomear para a sua administração.

4.º Os rendimentos dos ditos bens durante o sequestro, si não voltarem dentro de um anno, serão applicados para a defeza do estado, e com elles entrará a commissão para o erario na fórma das mais rendas publicas.

5.º Os patriotas, a quem o governo nomear para a predita commissão, a exercitarão, em quanto se não ordenar o contrario.

6.º Toda a propriedade do governo portuguez, que se averiguar existir n'este estado, é igualmente embargada para a segurança da propriedade dos nossos patriotas, que haja de ser embargada pelo governo portuguez.

7.º Para se vir no conhecimento das ditas propriedades, se receberão na contadoria do erario as declarações juradas dos patriotas, em cujo poder se acharem, com a comminação da pena do tresdobro contra os que ocultarem a verdade, metade para o denunciante, e metade para o fisco do estado.

8.º As declarações deverão ser feitas no prazo de 15 dias depois da publicação d'este, findos os quaes não servirão mais para relevar a pena incursa.

9.º As denuncias serão recebidas na secretaria do expediente, e para a sua devida verificação seguir-se-ão os meios de direito.

10. O embargo durará sómente emquanto o governo portuguez não mostrar, que adopta medidas de liberdade e boa fé, izentando de restrições as propriedades dos nossos patriotas.

11. A administração das propriedades embargadas aos vassalos portuguezes, e a aplicação dos seos rendimentos serão determinados na fórma dos artigos 3 e 4 do prezente decreto.

12. Os rendimentos provenientes de interesses, que os vassallos portuguezes possam ter em navios, não são compreendidos no artigo 4, por ficarem pertencendo em beneficio da navegação a seos proprietarios. »

Este decreto patenteia a confuzão do poder: no vago das frazes percebe-se, que elle tinha por fim não só obrigar os Portuguezes emigrados a voltarem para as suas

rezidencias, como forçar á permanencia os que ainda continuavam a rezidir. Medida injusta e impolitica; os emigrados pela sua cobardia eram merecedores de desprezo, e não de odio, a sua acquizição pouco interessava, ou para melhor dizer, não devia ser procurada; e os seos bens legitimamente possuidos não podiam ser-lhes extorquidos sem violação do direito sagrado de propriedade: os que permaneciam na provincia, si por convicção haviam abraçado a cauza patriotica, não se auzentariam, e si fizessem o contrario, davam indicio de sentimento ou timido ou hostil: retel-os por força era querer nutrir inimigos internos, que são muito mais perigozos, do que os externos.

Daqui proveio a opinião, que os Portuguezes descontentes conceberam, e surdamente propagavam, que o governo provizorio intencionava assassinal-os, e empossar-se das suas riquezas, opinião, que a uns inflamava, a outros aterrava, e em ambos os cazos era assás damnoza. Os patriotas tarde desenganaram-se, que a gente de Portugal era intratavel; a conducta generozissima, que com elles tinha sido praticada, não valia; em continuos remorsos não podiam crêr n'aquillo, de que eram incapazes, desconfiavam da mesma generozidade; e vendo destruido o antigo senhorio, procuravam com a dezerção furtar-se ao que chamavam humilhação. Franquear passaporte a todos, que o requeressem, e velar com cuidado sobre aquelles, que não se retirassem, era o expediente mais justo e seguro, que a politica aconselhava.

Um povo insurgido, que ambiciona figurar como nação soberana e independente, trata de ser reconhecido como tal pelas demais nações já constituidas: o reconhecimento sancionando a insurreição, presta consideração e força ao governo, faz menos atrevidas as facções intestinas, e dá lugar a esperar auxilio e proteção contra a injusta agressão. Seja porém qual fôr o motivo da insurreição, o povo, que a ella recorre, lizongear-se-á em vão de obter o dezejado reconhecimento, si por esforços energicos e repetidos não se mostrar digno. As nações, como os individuos sensatos, não entram em especulações, onde ha risco de perda, e nenhum lucro.

Pernambuco illudia-se, quando na combinação dos seos planos contava com o apoio decizivo d'aquelles governos, que professavam maximas liberaes, principalmente o dos Estados Unidos da America do Norte. O espirito d'esta nação é mercantil ; os mercantes são avaros; o seo governo é tanto livre, quanto prudente ; cordialmente saudará os oprimidos, que esmagam os opressores, porque está certo, que mais ganhará no commercio. Porém durante a luta, si esta não é disputada com igual valor da parte dos oprimidos, seguirá o trilho das outras nações ; o temor do comprometimento o tornará surdo, e nem auxilio algum oferecerá directamente, tendo muito menos liberdade do que os monarcas absolutos na aplicação dos dinheiros publicos.

Por essa illuzão foi despachado immediatamente para os Estados-Unidos um agente diplomatico na qualidade de encarregado de negocios : a escolha recahio em Antonio Gonçalves da Cruz. Este Pernambucano tinha viajado na Europa, e possuia consideravel fortuua; a sua caza era o receptaculo dos Brazileiros mais conspicuos atrahidos pela sua afabilidade e maneira livre de pensar. Os Portuguezes sómente por esta razão o detestavam, e como um dos maiores revolucionarios o apontavam. Crescendo o ciume, e continuando a maledicencia, elle não prevendo um futuro menos dolorozo, e dezejando subtrair-se em tempo á perseguição, havia vendido poucosdias antes da revolução todos os seos bens, requerido e obtido passaporte para Nova-York, onde pretendia fixar-se. Apezar d'esta prudente conducta, o governo deposto tinha ordenado a sua prizão.

Ora, em vez de partir como simples particular partio com o caracter publico ; o acompanharam os votos dos seos concidadãos pelo bom exito da missão. Além do objecto primario, de que tinha sido incumbido, isto é, o reconhecimento formal da nova republica, o governo provizorio em suas instruções lhe prescrevia, que empenhasse alguns officiaes francezes emigrados a virem servir em Pernambuco, comprasse armamento e petrexos de guerra, de que muito se necessitava, e que fizesse quanto antes transportar tudo ao porto do Recife ou a algum outro das

provincias limitrófes no cazo de bloqueio; e para que mais expeditamente efectuasse a commissão, deo-lhe trinta contos de réis.

Contemporaneamente embarcava-se para a Inglaterra um certo Kesner, negociante inglez estabelecido no Recife; era honesto o seo caracter, suas idéas ajustadas. Os membros do governo provizorio o respeitavam e rezolveram fazel-o portador de despachos para Hipolito Jozé da Costa, Brazileiro, que ha muito annos rezidia em Londres, e que consagrava a sua vida ao melhoramento da especie humana, illuminando-a com os seos escritos scientificos. Domingos Jozé Martins ali o conheceo, e não deixava jámais de consultal-o e participar-lhe o andamento do Brazil. Os patriotas governadores escreveram-lhe para que aceitasse o cargo, que elles lhe ofereciam, de ministro pienipotenciario da republica junto a Sua Magestade Britannica, e que por consequencia advogasse a cauza da insurreição e dispuzesse a nação ingleza e o seo governo a favorecel-a.

Um facto inesperado pareceo lizonjear os patriotas a esse respeito. João Lempriere, consul da mesma nação ingleza em Pernambuco, veio espontaneamente cinco dias depois da revolução requerer ao governo provizorio a faculdade de continuar no exercicio de suas funções. A resposta foi-lhe communicada n'estes termos:

« O governo provizorio vos participa, que fica certo da genuidade dos titulos, que hoje lhe aprezentastes, em virtude dos quaes servieis o emprego de consul da nação britannica n'este estado, outr'ora capitania, e vos annuncia, que podeis continuar da mesma fórma e maneira com que o exercieis perante o extinto governo, uma vez que tenhaes o devido cumpra-se; para o que nos remetereis os ditos titulos em officio vosso. Caza do governo 11 de Março de 1817. Sr. João Lempriere. Miguel Joaquim de Almeida Castro. » Com igual promptidão o mencionado consul solicitou e obteve o exigido *cumpra-se*.

Um consul devendo ocupar-se sómente em promover e defender o commercio da sua nação, e em falta de agente diplomatico reclamar a proteção legal das pessoas e propriedades d'aquelles dos seos compatriotas, que transitam

ou rezidem no lugar, onde elle é reconhecido, podia o Lempriere continuar a exercer esses deveres tacitamente, sem que dahi rezultasse vantagem ou desvantagem á cauza patriotica. A sua pressa em requerer o *exequatur* de um titulo que já possuia, e que ninguem lhe disputava, sem esperar as ordens do seo governo, foi inconsiderada. Requerer presupõe faculdade de conceder; quem goza d'esta faculdade ampla em materia civel e politica, é livre e independente, atributos que com o acto apontado esse consul parecia reconhecer no governo provizorio.

O embaixador portuguez, que então achava-se em Londres, mais reforçou as suas declamações contra a chamada voragem revolucionaria e pediô ao governo inglez publica satisfação da ofensa, que dizia haver recebido seo amo com o procedimento d'aquelle empregado. O ministerio de Lord Castlereagh facilmente prestava-se aos orgãos do despotismo. Demais a revolução malogrou-se, a republica desapareceo, quando menos esperava-se, e o Lempriere foi demitido.

Outra commissão de importancia foi ordenada n'aquelle tempo. A ilha de Fernando, bem que insignificante pela sua pequenez e aridez do seo solo, não deixou de merecer sempre a atenção do governo portuguez por ser um ponto, que possuido por nação estrangeira podia tornar-se perigoza á segurança do litoral do Brazil. Produzindo escassamente os generos de primeira necessidade, não convidou desde o principio da sua descoberta o estabelecimento de colonos; foi ao depois por ordem soberana vedado o ingresso ali ao sexo feminino, e excluzivamente ficou rezervada para o lugar de desterro dos deliquentes processados e d'aquelles que tinham a desgraça de incorrer no odio dos capitães-generaes de Pernambuco, os quaes sobre ella exerciam a sua jurisdição. Nenhuma embarcação podia abordal-a; o temor da fuga dos degredados requeria esta severidade. Era fortificada e provida dos petrexos de guerra necessarios para repellir um ataque improvizo: a sua guarnição compunha-se de cem artilheiros com trez oficiaes; o mais graduado, que de ordinario era capitão, tomava o commando geral temporario. Cada anno essa guarnição era rendida por um numero

igual de soldados enviados dos regimentos de Pernambuco. A quantidade dos degradados variava; elles ocupavam-se na cultura da pouca terra.

Pela revolução ficava toda aquella gente exposta aos caprixos do ministerio do Rio de Janeiro, e tambem á fome, si a seo respeito não se tomasse prompta rezolução, pois que com a guarnição annual eram remetidos os alimentos correspondentes. A Republica necessitava de braços, e nenhuns mais devotos seriam do que esses que iam ser salvos por um acto particular de zelo. Consequentemente dois grandes barcos foram aparelhados com a maior brevidade, que o tempo permitia, e o capitão Jozé de Barros Falcão teve ordem de embarcar-se em um d'elles e dirigir-se áquella ilha, onde apenas abordasse, devia proclamar livre passagem a toda a guarnição e praças, transportar comsigo quanto coubesse nas embarcações e o resto inutilizar inteiramente. O capitão Barros Falcão não sabia recuzar-se ao serviço, partio immediatamente. O exito d'esta commissão como das duas antecedentes, em seo competente lugar será referido.

A precipitação havendo abatido de um golpe todos os signaes da realeza, os quaes abstractamente nada influem sobre a essencia das coizas, era natural, que outros caracteristicos os substituissem. A pretenção á soberania demandava nova bandeira e novo laço nacional; assim foi decretado. Eram azul e branco as côres tanto do laço, quanto da bandeira: esta dividida horizontalmente em duas partes iguaes pelas duas mencionadas cores, continha no meio da parte branca uma cruz vermelha, indicando ser o Brazil consagrado a aquelle preciozo estigma da humana redempção, na outra parte aparecia recamado o Sol em todo o seo esplendor, como constantemente mostra-se na região equatorial, e rodeado de trez estrellas, simbolo das provincias já insurgidas.

Apromptadas as bandeiras necessarias, foi determinado o dia para a benção, e consignação aos respectivos regimentos. Era o dia 21 de Março, e foi o campo do erario o lugar escolhido para a solemnidade d'este acto religiozo politico. Ali ás 8 horas da manhan achava-se

já desfilada toda a tropa de primeira linha e milicias, com a muzica em frente, que por intervallos fazia-se ouvir: no centro do campo tinha sido erecto um decorozo altar, sobre o qual collocaram-se as bandeiras. O altar estava voltado ao oriente; o Sol, reflectindo sobre elle os seos luminozos raios, parecia ensinar aos circunstantes a recorrer ao verdadeiro Sol de justiça, donde provém o unico seguro auxilio. Ao pé do altar com devota compostura estava o deão da catedral revestido dos paramentos sagrados, e assistido pelo clero da parochia de Santo Antonio em sobrepeliz; do lado do Evangelho compareciam os cinco membros do governo provizorio com a camara do Recife; a multidão do povo ocupava o resto da superficie.

Recitadas as preces, que o ritual romano prescreve para aquella cerimonia, o deão alçou uma das bandeiras, e dirigindo-se aos soldados falou-lhes d'este modo:

« In hoc signo vinces. O nosso Pae, que está nos Céos, creou livres todos os homens; o espirito das trevas introduzio gaz infernal na alma dos malvados: estes ligaram os braços dos seos irmãos, armaram-se de azorrague, e chamaram-se principes absolutos. Desde então a creatura não pôde mais erguer as mãos ao firmamento para suplicar o Creador, a sua face contristada abaixou-se á terra, chorou. O scelerado manifestou desde o principio a reprovada sua origem, e abertamente mostrou, que era filho de Satanaz; reunindo a hipocrizia á iniquidade, ocultou debaixo de uma corôa a marca de Caim impressa sobre a sua fronte, ungio com o santo crisma os seos cabellos, e disse: *Eu venho da parte de Deos.* Blasfemia! O Senhor falou a Samuel: Esta será a razão do rei: *se apoderará dos vossos filhos e filhas, dos vossos campos, das vossas lavoiras;* e acrescentou: *Um dia vós gritareis por cauza do vosso rei, e eu não vos ouvirei, porque o tendes eleito.* Os escravos voluntarios pezam ao mundo e a Deos. Nós não elegeremos principe, nós o combateremos, o perseguiremos até que entre no inferno, donde o antigo inimigo do genero humano o extrahio. Si as provincias d'este vasto continente vos abandonarem (o que o Omnipotente não permita), será

inteira a vossa gloria; inteira a infamia dos cobardes, que vos abandonaram, e quando nos inexcrutaveis arcanos da Providencia fosse decretado, que sucumbissemos, será esplendido o nosso sepulcro, por que ultimos cedemos, porque sós ouzamos rezistir.

« In hoc signo vinces! Do alto gritou a voz de Constantino Imperador, e lhe foi mostrada a cruz resplandecente nos céos como documento de victoria. In hoc signo vinces! Exclamo eu tambem, aprezentando-vos este sacrosanto estandarte, e confiando-o nas vossas mãos: seguio-o; elle vos conduzirá ao caminho da honra, da independencia e da liberdade. Não vos excitarei a ser valerozos, vós já o sois, o mundo vos conhece; duas coizas sómente vos recommendo, *disciplina e união*: a disciplina é origem dos grandes feitos; a união é a fonte de todos os bens, e o vehiculo excluzivo da força dos estados.»

Finalizando este discurso, que deixou a mais profunda impressão, elle entregou as bandeiras ao governador das armas, o qual conjuntamente com os outros membros do governo por entre festivos vivas da multidão foi consignar uma a cada um dos chefes dos regimentos, que ahi se achavam; e estes com os oficiaes, e soldados juravam não as abandonar jamais. Com facilidade quazi todos juram, raramente um ou outro mantem o juramento; os vinculos sagrados se despedaçam com imprudencia, calamidade de todas as idades, que, devendo excitar as lagrimas, move o rizo.

CAPITULO X

Procedimento desinteressado do governo provizorio. Seo cuidado em extirpar alguns dos abuzos mais notaveis na administração das rendas publicas. Projecta crear um corpo de cavallaria. Compra as armas, que alguns logistas do Recife convidados lhe aprezentaram. Põe em melhor estado as fortificações, que existiam no litoral, e faz armar uma pequena esquadra.

Aos membros do governo provizorio não faltavam os bons dezejos em respeito ao melhoramento economico administrativo do estado de Pernambuco; sinceros e leaes,

tendiam as suas vistas a aquelle fim, abominavam o nojento egoismo. Arbitros das rendas publicas, religiozamente as administravam, como si devessem dar conta ao mais escrupulozo contribuinte; chamados ao governo, nenhum exigio retribuição pecuniaria, mui contentes da inapreciavel recompensa, que a estima universal concede aos benemeritos da patria. Nem mesmo lançaram mão da avultada somma, que outr'ora legalmente recebiam os capitães generaes, a quem haviam sucedido: ninguem podia disputar-lhe essa gratificação; mas a delicadeza, que acompanha as almas desinteressadas, a repudiava; á excepção de um só, quazi todos pouca fortuna possuiam, e não cubiçavam augmental-a, ambicionavam sim elevar o estado ao maior auge de prosperidade possivel. A intendencia e alfandega, canaes infectos da malversação pelo seo desarranjado sistema, e muito mais pela immoralidade de muitos de seos empregados, mereceram-lhes particular atenção: fizeram reformas parciaes, e trabalhavam em um plano geral, que o tempo não permitio publicar-se.

A forte somma dos graves impostos, dos quaes o commercio e a agricultura eram sobrecarregados, desaparecia continuamente da provincia: o governo portuguez do Rio de Janeiro, que os havia decretado, a dissipava sem a minima utilidade; com a revolução cessou esse flagelo. Entre os impostos alguns tinham sido especialmente destinados para a manutenção de uma denominada junta do commercio erigida n'aquella côrte: elles eram arrecadados nas alfandegas de cada ums das provincias do Brazil por commissão privada, e dahi passavam ao mencionado destino. E' fóra de propozito entrar na analize da instituição d'aquella junta; bastará dizer, que o commercio não recebia d'ella sinão empecilhos, e nem Pernambuco devia continuar a sustental-a. Assim julgou o governo provizorio emitindo a seguinte ordem:

« Considerando os patriotas governadores provizorios do estado de Pernambuco que debaixo da administração da meza da inspecção se acham diversos rendimentos provenientes de impozições sobre este estado, aplicados a despezas particulares da junta do commercio da corte do Rio de Janeiro por alvará de 15 de Julho de

1809 com tanta ofensa dos direitos d'este estado, ordenam á mesma meza da inspecção, em quanto não se determinar o meio mais apropriado para a sua arrecadação, haja de fazer entrar immediatamente no erario d'este estado com a quantia, que se achar existente, e proceder pela mesma fórma mensalmente com as que se houverem de receber pela sua repartição. A mesma meza da inspecção o tenha assim entendido e faça executar. »

Muitos dezejavam a abolição total d'aquella arrecadação por haver cessado o fim odiozo, para o qual fôra creada: mas o tempo das convulsões politicas não é o tempo do alivio dos impostos; crescem as despezas, e as rendas diminuem. Um imposto por mais injusto que seja, uma vez estabelecido, e pago por algum tempo, perdura sem alteração; os governantes praticos sabem muito bem, que o povo é mais propenso a pagar um velho injusto imposto do que um outro novo menos detrimentozo. Si as finanças de um paiz permitem a extinção de um gravame, não se deve pensar em substituir nem mesmo levemente para não dar lugar a murmurações desarrazoadas.

Foi em consequencia d'este duro principio, que o governo provizorio deixou permanecer em grande parte um dos enormes pezos, que ha muitos annos acabrunhava a classe pouco favorecida dos agricultores. A propriedade territorial permanece improdutiva, si outros capitaes não vêm em seo socorro; as melhores terras tornam-se infrutiferas, quando os seos proprietarios ou rendeiros não avançam o numerario precizo para fazel-as valer. Era facilima a concessão de grandes porções de terras no Brazil sem que fossem ricos os individuos, a quem se concediam: os produtos naturalmente eram fracos, e a utilidade mesquinha. Alguns capitalistas em Portugal, calculando sobre a fertilidade dos terrenos do Brazil, e sobre a pobreza dos seos possuidores, formaram com a aprovação do Marquez de Pombal uma associação, a que deram o nome de companhia, destinada a emprestar dinheiro a aquelles proprietarios, que necessitassem, com o modico juro de cinco por cento, mas no mesmo tempo com o onus insuportavel de não poderem os individuos, que recebiam o emprestimo, vender os seos produtos sinão aos

delegados da companhia, os quaes livres de concorrentes impunham o preço, que melhor lhes convinha. O pobre em geral a tudo se sacrifica; com a allucinação do melhoramento não examina a razão do don oferecido. Quazi todos os proprietarios de bens ruraes em Pernambuco aceitaram a oferta, e bem que a produção crescesse, os lucros eram sempre diminutos. Em poucos annos a negligencia dos devedores, a degradação do preço dos generos reunida a outras calamidades, a que é sujeita a agricultura, chegou a tal ponto que nem os juros do dinheiro emprestado podiam ser pagos. A divida em tal modo fazia-se muito maior, e com ella a mizeria do agricultor.

A inopia dos produtores formava a rapida fortuna dos privilegiados compradores.

Do extremo do mal surgio o bem; as vozes dos aflictos retumbaram ao pé do trono, e ahi mesmo seriam sufocadas, si muitos negociantes de Portugal excluidos do avultado ganho da companhia não as apoiassem. O governo de Lisboa passou a dar um remedio, mas do genero d'aquelles que impedem a morte, deixando enlanguecer o corpo : a companhia foi dissolvida por ordem régia, e o monopolio de poucos tornou-se o monopolio de muitos, pois que os Portuguezes eram os unicos concurrentes ao mercado do Brazil : o preço dos generos, que elles importavam era sempre exorbitante, e o que davam pelos exportados não equivalia ás despezas da produção. A divida permanecia, os juros respectivos continuavam a augmentar de tal sorte, que os devedores nem ao menos sabiam precizamente a importancia total das suas dividas.

Para as liquidar e exigir o pagamento, a extinta companhia havia estabelecido em Pernambuco uma administração particular ; os membros, que a compunham, eram os mais interessados em perpetuar as dividas contrahidas para não secar-se a fonte do sordido ganho, que d'ellas lhes provinha. Podia-se dizer, que eram elles os legitimos senhores das terras dos devedores, aos quaes deixavam as fadigas do trabalho, e para si rezervavam os frutos : o pagamento dos juros era muito mais onerozo,

quando forçado pelos meios judiciaes. O decreto, que por extenso transcrevemos, concedia não pequena vantagem.

« Considerando os patriotas governadores provizorios que entre as tristes consequencias do sistema regulamentario em economia publica da côrte do Rio de Janeiro é uma d'ellas a opressão da agricultura d'este estado de Pernambuco pelo monopolio da denominada companhia de Pernambuco, e o pezo dos juros acumulados ; e considerando outro sim que a sua complicada administração além de inutil é pezada pelas suas grandes despezas, e que estando a sua cobrança, prelevadas estas, já agregadas ao erario, convence mais claramente a inutilidade de uma administração separada, muito principalmente nos termos, em que se acha de uma absoluta liquidação, e querendo ao mesmo tempo dar quanto antes aos lavradores d'este vasto continente a prova mais deciziva das suas medidas liberaes, não perdendo de vista com tudo os meios de suprir a necessidade publica na prezente crize, decreta, e decretado tem :

1.° A administração dos fundos da extinta companhia de Pernambuco será agregada ao erario d'este estado.

2.° Todo o lavrador, que no prazo de dous annos pagar mensalmente o capital das suas dividas á mesma extinta companhia, fica ipso facto desobrigado do pagamento dos juros vencidos.

3.° Os empregados na extinta administração serão aproveitados nos departamentos, que novamente se devem crear em utilidade publica.

4.° O patriota Gervazio Pires Ferreira fica encarregado da execução d'este nosso decreto, propondo-nos á vista do estado da administração os melhoramentos economicos, de que ella é susceptivel. »

Com este decreto mostravam-se os governadores provizorios bem diferentes de alguns reformadores imprudentes, que confundindo o empregado probo com o prevaricador, não fazem sinão augmentar o numero dos desgraçados promptos a decepar a mão, que os fere. Agentes de uma administração privada, e que não podiam ser considerados funcionarios publicos, foram todavia

respeitados, visto que nenhum delicto haviam commetido; a promessa de um outro emprego não tornava mizeravel a sua sorte, e impunha silencio ao natural dissabor.

Sobrevindo a calma, começou o governo provizorio a reflectir, que sem força suficiente nenhum estado se sustenta ou faz-se respeitar. O fervor popular seguia o seo curso ordinario, isto é, resfriava-se depois de acezo; os meios indispensaveis para a manutenção de tropa eram limitados, e muito mais viriam a ser com a estagnação do commercio, e o desvio dos braços empregados na agricultura. Não existia em toda a provincia corpo de cavallaria pago; as circunstancias commandavam a sua creação por ser necessaria na organização militar. Para efectual-a não restava sinão um apello ao patriotismo dos ricos; a este recorreo-se, e para mais o aguilhoar foram asseguradas distinções honorificas no corpo, que se crearia. Eis o decreto em propozito.

« Convindo muito a defeza do estado crear um corpo de cavallaria, e não permitindo as circunstancias actuaes que as rendas publicas bastem a todas as suas exigencias, e atendendo ao entuziasmo, que o povo pernambucano tem desenvolvido, o governo provizorio, depois de ouvir pessoas doutas entendidas na materia, e zelozas do bem publico, decreta, e decretado tem:

1.° E' permitido a todo patriota levantar com permissão do governo companhias de soldados a cavallo.

2.° Aquelle que a levantar fardada, montada e armada a sua custa, terá o posto de capitão, e as honras respectivas, e o direito de nomear os oficiaes subalternos, e inferiores da dita companhia, e o direito de preferencia nas promoções em igualdade de circunstancias. »

Os homens mais favorecidos da fortuna não são commumente os mais dispostos a sacrificios voluntarios: satisfeitos dos prazeres, que a riqueza atrae e fomenta, reduzem-se á inercia; a sombra do perigo os aterra, e si este arranca-lhes alguma acção generoza, é pelo temor de perder a totalidade do gozo em que vivem: Pernambuco teve a prova d'esta dura verdade. Em tempo de paz muitos disputariam a honra, que liberalmente se lhes oferecia; n'esta ocazião que a Patria tanto necessitava,

nenhum só se aprezentou. Domingos Jozé Martins foi o unico, que tentou a formação de uma companhia para pôr á sua testa um irmão, a quem amava; e nem esta mesma companhia organizou-se bem, faltava um instructor perito.

Fez o governo provizorio outra tentativa não menos infeliz. Precizou-se de armamento: a paz, que a longos annos reinava no Brazil, tinha concorrido para a negligencia dos preparativos de guerra. Esperava-se, que viesse dos Estados-Unidos, ou que as outras nações commerciantes, com o engôdo do lucro, importassem quanto ocorresse n'aquelle genero; mas a necessidade urgia; procurava-se com a força do trabalho e de industria utilizar as velhas armas; o rezultado era insuficiente. Existiam algumas em venda nos armazens dos mercantes, que eram todos Portuguezes: os governadores, que bem os conheciam, emitiram a seguinte declaração:

« Patriotas pernambucanos! O governo provizorio vos adverte, que tudo não está feito com a feliz revolução efectuada por vossos esforços, e com a ajuda da bemfazeja Providencia; muito mais resta a fazer. O golpe assustou os nossos inimigos, mas não os destruio: qualquer vento do dezerto póde trazer a este paiz novo bando de arrazadores gafanhotos. Cumpre estarmos promptos a exterminal-os. Faltam munições e armas aos braços de muitos valentes patriotas, e elles existem em nosso territorio. O governo julgou do seo dever convidar os patriotas, que as possuem, a que as vendam pelo preço, que a justiça dicta. O governo está certo, que não abuzareis das circunstancias actuaes, pretendendo preços exorbitantes; elle conhece os vossos sentimentos, vos faz justiça, repouza na vossa generozidade. Concorrei pois ao quartel general a aprezentar as vossas minutas, que serão com exactidão satisfeitas á boca do cofre. »

Náo é possivel declarar em termos mais moderados uma vontade imperioza: a convicção do justo, o respeito da propriedade, o dezejo da salvação da patria, eram tão manifestos, que parece indubitavel a satisfação cordial do annunciado convite; n'este via-se uma bonhomia desuzada da parte dos governantes, e foi talvez essa,

quem acelerou a sua queda. Por uma extravagancia inexplicavel a plebe em geral reputa fraqueza a doçura ou de linguagem ou de acção, que a autoridade constituida patentêa na ocazião do perigo, e pelo contrario o ton forte e energico é considerado parte de espirito impavido, o qual domina sempre, incutindo temor.

Por confissão propria dos governadores conheceram os Portuguezes, que o edificio da revolução bambaleava, e que os arrazadores gafanhotos viriam destruir o paiz. Desde aquelle momento previram, que, si rezervassem os meios de cooperação para a destruição prezumida, augmentariam em fortuna: n'esta previzão exultaram, mais insolentes e intrataveis se mostraram. As armas, de que dispunham em commercio, eram clavinas, bacamartes, pistolas, e estoques: para tropa regular taes armas não eram adaptadas; para armar o povo em o genero de defeza acommodado ás circunstancias do paiz eram uteis, e n'este sentido é que a sua acquizição convinha: mas os que as vendiam, recebendo o convite, as fizeram desaparecer instantaneamente do mercado, e por um refinamento de malicia e de impudencia, reclamaram preço excessivo pelas poucas, que aprezentaram. O governo pagou-as, e reconheceo o máo animo sem punil-o.

O vasto litoral de Pernambuco oferecendo varios pontos faceis de desembarque, o governo provizorio não só cuidou em melhorar os pontos já fortificados, e que o desleixo dos capitães generaes havia deixado arruinar, como tratou de erigir baterias nas praias das Candêas, e Páo-Amarello, encarregando estas obras ao major de artilharia Ignacio Antonio de Barros Falcão, que fez o melhor que pôde. Não poucos navios de guerra requeriam-se para maior defeza da costa: n'este ramo, como em todos os outros de publica segurança, divizava-se a incuria da administração portugueza. Bem que as florestas do Brazil dessem em abundancia as melhores madeiras de construção, a marinha intitulada real tinha cahido em um aniquillamento vergonhozo. Os velhos vazos de guerra apodreciam nas aguas do Rio de Janeiro, sem que novos se construissem; era raro ver-se um ou dois

ainda de mediana grandeza nos portos das de mais provincias.

N'este estado jazia Pernambuco: sómente um pequeno brigue e duas barcas canhoneiras desarmadas ahi cazualmente estavam ancoradas. A construção de embarcações demanda tempo não pouco; restava lançar mão de algumas do commercio mais adaptadas ao armamento; o que fez o governo provizorio, escolhendo entre as que se achavam no porto uma mais nova, e de maior grandeza, denominada Carvalho 5.°: o dono exigia pela venda trinta e dois contos de réis, e aquelle governo não recuzou da pagal-os á vista, sacrificando o interesse da fazende publica á avareza de particulares desleaes. Com brevidade foi armada, assim como o brigue e as duas barcas, e foi essa toda a frota, que se pôde apromptar.

Outro motivo não menos forte paralizava aquelle armamento. No Rio de Janeiro existia sem emprego um numero desproporcionado de oficiaes de marinha, e em Pernambuco havia carestia d'esta gente; nem ao menos se encontrava um experto marujo, ao qual se podesse confiar o commando, e não bastava a esperteza, requeria-se um patriotismo a toda prova, que dissipasse a mais leve suspeita de traição. Em tal conjentura vio-se obrigado o governo a eleger commandante da pequena frota um homem, que havia passado toda a sua vida nos trabalhos da agricultura; .era este o coronel de milicias Luiz Francisco de Paula Cavalcanti, que aceitou o emprego, mais não teve ocazião de realizar a confiança manifestada.

CAPITULO XI

Varios barcos carregados de farinha entram no porto do Recife, o qual logo depois é bloqueado pe'as embarcações de guerra mandadas pelo governador da Bahia. Contra-revolução das villas das Alagôas, para onde o governo provizorio tinha expedido um reforço. Combate do Porto de Pedras. Fuga dos patriotas.

Desde o principio da sublevação das Alagôas o commandante d'este distrito observando indiferença nos habitantes, privado de força para reprimir qualquer

tentativa de desordem, e nem podendo mesmo dispôr com segurança dos poucos soldados, que estavam ali destacados por acharem-se á sua testa dois oficiaes portuguezes, que nenhum penhor de sinceridade offereciam, prevendo com muito fundamento que, si a Bahia não fizesse cauza commum com Pernambuco, os primeiros golpes que d'essa provincia partissem contra elle seriam vibrados em razão da situação local, não cessava de reclamar instantemente ao governo provizorio auxilio de gente e munições de guerra. Enviar o auxilio reclamado era um dever absoluto: si os Bahianos sentiam patriotismo, si dezejavam ser livres, mais solicitamente obrariam, vendo na fronteira uma força respeitavel que os protegesse no cazo de imprevisto revez; e si sentimentos contrarios os preocupassem, não tentariam agressão violenta contra Pernambuco sem o concurso de meios dispendiozos, que o seo estado economico militar não comportava.

E' de advertir, que o governo provizorio desde o principio da sua instalação tinha determinado fazer marchar para este mesmo lugar das Alagôas alguns soldados com provizões de guerra, dos quaes sabia, que muito necessitava: mas faltou a presteza da execução. O lizonjeiro e sempre firme pensamento, que a Bahia se insurgiria quanto antes em favor da cauza commun, a incerteza do lugar, que o governo do Rio de Janeiro escolheria para os arremessos da sua raiva, produzia a lentidão, que foi a cauza primaria do desmantelamento do edificio, que se erigia.

A entrada quazi sucessiva no porto do Recife de onze barcos carregados de farinha de mandioca vinda das costas da Bahia, pareceo um signal certo da boa dispozição d'aquelles habitantes, ao mesmo tempo que indicava um favor especial da Divina Providencia por achar-se então toda a provincia de Pernambuco em grande penuria d'esse indispensavel alimento, que negligentes agricultores não pensam jámais em rezerval-o no tempo da abundancia, nem o governo em estimular a sua plantação e melhoramento progressivo.

Pouco durou a illuzão: espalhou-se um sussurro relativamente ao Roma; dizia-se haver elle tido um fim

tragico, e que um jangadeiro, que ninguem havia visto nem conhecido, dera aquella noticia: oculto presentimento forçava a prestar-lhe fé; as noticias tristes quazi sempre se verificam. A anciedade fez dar maior impulso á expedição das Alagôas; Jozé Mariano d'Albuquerque Cavalcanti, que figurou no primeiro dia da revolução, foi nomeado governador militar e civil d'aquelle distrito, em vez de Antonio Jozé Victoriano, que era considerado como patriota sem intrepidez.

Eram chamados tambem os dois oficiaes portuguezes; outros brazileiros já distintos por suas acções iam substituil-os: sessenta soldados de infanteria e vinte de artilharia, com quatro peças de campanha, deviam marchar para reunirem-se com os que já ali estavam destacados. Demais o chefe nomeado era incumbido de recrutar a gente que podesse, para o que se lhe consignava armamento suficiente; e tudo passava a embarcar-se na pequena frota, para que mais velozmente chegasse ao seo destino: medida acertada, não só pelo fim proposto como pela maior segurança e importancia da empreza, entrando em conta o exercicio da marinha sem afastar-se do litoral da provincia, que devia proteger.

Os petrexos de guerra estavam já embarcados e fixado o dia seguinte para a partida da expedição, quando no horizonte se divizaram varias velas: eram uma corveta, um brigue e uma escuna armados e pavoneados com a bandeira portugueza. Soube-se logo, que eram mandados da Bahia pelo Conde dos Arcos a bloquear os portos de Pernambuco. Esse governador, observando o terror panico que se apoderou dos Bahianos depois da prizão e morte do Roma, não tendo inimigo interno que temer, reconcentrou todos os seos esforços. Sem esperar as instruções do governo do Rio de Janeiro, a quem havia participado o acontecido, fez trabalhar o arsenal de dia e de noite no aparelho dos indicados navios, que violentamente extorquira n'aquella ocazião aos seos proprietarios, não existindo na Bahia, como não existia em Pernambuco, navio algum de guerra; e apenas foram promptos, os fez sair dando ordem ao commandante de bloquear o porto do Recife rigorozamente e cauzar o maior mal possivel.

Com este inesperado obstaculo transtornava-se o plano combinado em favor das Alagôas; não porque a força que se aprezentava para o bloqueio fosse mui superior á de Pernambuco, mas porque esta não tinha um commandante intrepido e experimentado com boa gente. Ver e retirar-se para debaixo das baterias dos fortes do porto, foi um só acto da esquadrilha, que o governo provizorio com tanta despeza e solicitude havia preparado. Qual fosse a consternação da cidade, vendo-se privada do grande recurso commercial, é facil conjecturar.

Sabida a dispozição hostil da Bahia, o socorro ás Alagôas ainda mais urgia; desde então era forçozo envial-o por terra, não podendo nem mesmo as jangadas navegar livremente, pois que cruzava sempre em torno da costa uma das embarcações inimigas e lhes dava a caça. Tudo foi de novo desembarcado, e o Jozé Mariano teve ordem de marchar sem dilação ao seo destino com o destacamento que lhe tinha sido confiado, e parte da bagagem que podesse transportar, recommendando-se-lhe em particular de vivificar o espirito publico e de incorporar á expedição aquelles individuos que voluntariamente se oferecessem. Agregou-se-lhe sem titulo ostensivo o coronel Luiz Francisco de Paula, que ora havia cessado de ocupar o posto de chefe de esquadra, porque se supôz, que tivesse alguma influencia sobre as povoações por onde a tropa devia passar.

A cauza patriotica podia ainda progredir; Pernambuco por si só era capaz de disputar com as forças da Bahia, não mais bem disciplinadas do que as suas; Jozé Mariano podia triunfar na empreza, si o seo valor correspondesse á confiança que se lhe manifestava. Elle partio e desgraçadamente deixou entrever desde os primeiros passos, que não era o homem do momento. Marcha acelerada para desconcertar os calculos dos realistas e prevenir a sua reunião, era certamente necessarissima; elle pelo contrario caminhava com a lentidão do patibulo.

Bem diverso procédia o Conde dos Arcos: incansavel em seos meios de ofensa, quando fazia bloquear o porto do Recife, solicitava a remessa da armada, que devia invadir por terra Pernambuco. Porém como estava persuadido,

que a sua gente não bastaria ao fim proposto, si fossem concordes os animos dos Pernambucanos, procurou primeiro dividil-os, aliciando-os com louvores e ameaças; mandou ocultos emissarios, os quaes, profuzamente espalhando copias da proclamação já transcrita, conseguiram mais do que esperavam. A villa do Penedo foi a primeira a abaixar-se. A antiga rivalidade d'esta villa com outra denominada Villa-Nova, que jaz sobre a margem oposta do rio São-Francisco, onde aquella do Penedo é situada, foi a cauza principal da contra-revolução.

Informados da marcha dos soldados da Bahia, os habitantes da Villa-Nova começaram a apreender e roubar todas as canôas da sua rival, pretestando fidelidade ao monarca e ameaçando exterminio geral com a força, que diziam estar proxima a chegar. Tinha o Penedo dois regimentos de milicias, um de brancos e outro de pardos, commandados por oficiaes superiores extrahidos da tropa da primeira linha do Recife: mas, como todos os outros, sem disciplina, sem armas, e sobretudo ignorantes das vantagens de um governo livre, pouca opozição podiam oferecer. O coronel do regimento dos brancos havia pedido em tempo oportuno socorro ao commandante geral das Alagôas, e na expectação sostinha a vacillação do povo: a pessoa a quem pedia-se o socorro, vivendo na mesma angustia, era impossibilitada a prestal-o.

Entretanto o Conde dos Arcos fez distribuir pelos seos agentes esta nova proclamação, que trazia em frente o seo nome, D. Marcos de Noronha:

« Pernambucanos leaes a El-Rei Nosso Senhor, cujo numero ja sei que é, como todos esperavamos, mui consideravel: outra vez é meo sacratissimo dever espalhar entre vós verdades, que atraiçoadamente vos escondem esses chefes *ridiculos*, que tão ternamente vos abraçam. Temem-vos e têm razão; porque os Pernambucanos fieis foram sempre temidos; e por isso em quanto vos consideram justamente espaventados com o horrorozo acontecimento, pretendem com aleivozia a mais execranda aproveitar esse momento de aterrar-vos com ameaças da proteção do governo dos Estados-Unidos e outras nações. A facilidade, com que todos os homens em taes circunstancias

podem ser fascinados, obriga-me a gritar-vos, que aquelle governo tem dado muitas provas de perspicacia ante o mundo todo, para que seja licito suspeitar, que ha de proteger o mais vil dos crimes perpetrado por meia duzia de *bandidos*, que nasceram na escuridade e indigencia, donde não deveriam jamais sair sinãopor força dos delictos, que acabam de commeter, e por que n'este escrito não tem lugar outros argumentos fortissimos de politica, eu vos asseguro debaixo da minha palavra de honra, que os Estados-Unidos e todas as mais nações do Universo desprezam o patriota Martins, e seos *infames* collegas, quanto elles são despreziveis, e de certo não empregarão os seos soldados em favorecer horrorozos crimes: os meos soldados, sim, esses é que brevemente ahi irão, porque assim é necessario, para que os patriotas governadores provizorios expiem, como todos os famozos chefes de revoluções, seos enormes delictos.»

E' com epitetos injuriozos, que se defende a chamada cauza da legitimidade, prova bastante da sua extrema fraqueza. O proclamador insultando com tão baixa linguagem, fazia recair sobre si todo o pezo do oprobrio, com o qual pretendia denegrir a reputação de homens, que sem gloriarem-se de descender de antigos Barões pela mor parte execrados pelo desenfreio das suas ignominiozas paixões, e sem nadarem em riquezas roubadas ao suor do industriozo lavrador, aprezentavam um coração puro, uma vida irreprehensivel, unico illustre brazão, que constitue a verdadeira nobreza.

A estolida multidão mais inclinada á maledicencia do que aos louvores, não rejeitou com o devido desprezo aquelle mizeravel parto da céga enfatuação. A camara da villa do Penedo com o seo capitão-mor, e os oficiaes de regimentos creram, que gozariam os frutos da paz, si de novo fosse arvorada a bandeira portugueza. Incautos, não previam os graves damnos, que tanto a elles, quanto a toda a provincia acarretavam! Arvoraram aquella bandeira com demonstrações de jubilo mais solemnes, do que quando a abateram. Não tardaram porém a receber justo premio: a villa rival muito mais ufana enviou dois dos seos oficiaes, para que exigissem como garantia a prizão

immediata do capitão-mor, coronel, e sargento mor do regimento dos brancos, reputados os principaes cabeças da revolta; e aquella mesma camara curvou o collo, satisfez a arrogante exigencia, e remeteo os prezos á sua rival, a qual acorrentando-os os fez transportar ás prizões da Bahia.

O rumor d'esta desgraça voou ás demais villas circumvizinhas, e chegou repentinamente á capital das Alagoas, onde não dominavam as virtudes patrioticas. Antonio Jozé Victoriano ouvio, e tremeo; a sua situação pareceo-lhe desesperada, tratou de fugir: um soldado, seo intimo confidente, foi em segredo procurar uma balsa, e na escuridão da noite ambos embarcaram-se com direção ao Recife.

Na manhan seguinte descoberta a fuga, os soldados do destacamento com reprehensivel insobordinação, sem consultarem a vontade dos seos superiores, arrombaram a caixa, onde estava guardada a bandeira portugueza, e aos gritos de viva El Rei Nosso Senhor a mostraram em publico com aplauzo dos dois oficiaes, que correram a sancionar a insubordinação. Todavia foi notavel, que n'esta rapida variação não se manifestassem os indignos tratamentos, que de ordinario um partido a outro prodigaliza; todos considerando-se criminozos por terem adherido ás sugestões do Roma, uns aos outros disfarçavam. Nem mesmo perseguiram o Antonio Jozé Victoriano em sua fugida; faziam-lhe justiça atribuindo á extrema debilidade de espirito os actos que ultimamente havia praticado.

Estendia-se assim a contra revolução no sul de Pernambuco, e Jozé Mariano, crendo-se em segurança perfeita, nem apressava a sua marcha, nem procurava engrossar o pequeno corpo, que guiava: o coronel Luiz Francisco, seo agregado, superando-o em muitas qualidades moraes, não o superava em actividade; um só illustre cidadão da villa do Cabo, o capitão Luiz Jozé Lins Caldas com dois dos seos filhos, Thomaz Lins Caldas e Francisco da Rocha Paes Barreto, foi quem no caminho ofereceo-se a seguir o destino da expedição, a qual antes de entrar no territorio das Alagoas já ouvia falar vagamente da contra

revolução: no Porto de Pedras confirmou-se a noticia, e soube-se, que o destacamento da tropa de primeira linha e parte das milicias d'aquelle distrito, guiada pelo capitão Manoel Duarte Coelho, vinham ao encontro decididos a combater.

O Jozé Mariano manifestou logo vontade de retroceder: mas os oficiaes, que o acompanhavam, reprezentaram-lhe, que a força contraria ainda não era conhecida, e nem podia ser tal a precipitar uma retirada, a qual alem de indecoroza promoveria muito mais a alienação dos animos duvidozos; mostraram-lhe, que o posto, que ocupavam, era importantissimo por ser em frente defendido por um rio bastantemente largo, que os realistas não ouzariam vadear sem serem esmagados pela metralha da artilharia; de um lado por servir de barreira o mar; do outro, e na retaguarda, por conservar-se a povoação ainda fiel á cauza da Patria. Estas razões eram sem replica; o chefe pareceo adherir, todos dispuzeram-se firmes a esperar o inimigo, e no mesmo tempo foi expedido um correio ao governo provizorio com informação circunstanciada do estado das coizas, para que provesse, como mais sabiamente entendesse.

Ninguem duvidava, que, si algum combatimento sucedesse, seria em vantagem dos republicanos: por quanto além das razões já expostas, os realistas não tinham tido ainda tempo de recolher materiaes de guerra, nem haviam recebido socorro algum externo; o destacamento das Alagôas não era superior ao que ora de Pernambuco marchava, e a impericia militar do capitão Manoel Duarte era tão notoria, que dizia-se, que nem ouzaria empenhar-se; diversamente verificou-se. Elle não tardou a aprezentar-se em linha de batalha com a sua gente, fazendo retumbar o campo com estrondozos gritos de viva El-Rei. O rio Porto de Pedras dividia os dois partidos; um em frente de outro estava postado. Os patriotas, vendo os realistas, começaram immediatamente a saudal os com repetidas descargas de artilharia; aquelles responderam com os tiros de uma peça de campanha, que traziam: parecia, que de ambas as partes não houvesse intenção de ofensa, as balas passavam todas muito acima das

cabeças dos combatentes, e iam perder-se na extensão das terras.

Esse mizerando jogo durava já quatro horas sem outro rezultado que a perda de polvora e bala, quando no campo republicano um gritou: «Somos perdidos; nos cercam por todos os lados». Foi n'este perigozo momento que faltou o animo inteiramente á Jozé Mariano. Vozes similhantes, decidindo muitas vezes da sorte dos combates, são justamente prohibidas pelo regulamento com pena capital, e si por desgraça algum as repete, é em tal ocazião que o general commandante deve desenvolver maior firmeza de caracter e agudeza de engenho.

A voz repetida mais aterrou o chefe do que aos soldados; elle não examinou o fundamento do alarme, não o cohibio com a severidade devida, e apezar de ver que os soldados contra o costume uzual em tal cazo não se tinham debandado, mandou tocar a retirada. Foi obedecido, e tudo ainda salvo seria, si essa retirada fosse feita com as precauções, que a arte ensina.

Para este fim o bom senso recomendava a maior vigilancia para preservar a tropa de qualquer sorpreza, obrigando-a a marchar sempre em columna serrada, e assim caminhando ocupar algum lugar proximo ao litoral, onde fortificado podesse esperar o reforço, que o governo provizorio não deixaria de enviar-lhe. O homem aterrado não reputa-se seguro no proprio seio dos seos mais intimos amigos, vê perigo, onde está a sua salvação, e em busca d'esta correndo sem discernimento não encontra sinão ignominia.

Era quazi noite, quando a tropa começou a retirada; os fantasmas engrossam nas trevas; aos ouvidos do Jozé Mariano soava sempre aquella voz fatal: « Somos cercados por todos os lados». Caminhou pela costa meia legua em profundo silencio, e parou. Em quanto recolhia os soldados nas cazas dispersas dos pescadores, ordenava a estes, que apromptassem as suas jangadas para a ocurrencia de negocio importante. Segundo o seo modo de pensar a maior importancia do negocio consistia na salvação da sua pessoa. Em vez de ficar em terra para velar na manutenção da disciplina, foi abrigar-se em uma das jangadas junto com o

coronel Luiz Francisco, e um certo Manoel de Carvalho, negociante promovido então ao posto de sargento de artilharia por haver empunhado a espada no dia da revolução do Recife. Ali mesmo o seo espirito não estava tranquillo: sem importar-se com a sorte de tantos desgraçados que ficavam em desamparo, quando crêo não ser espreitado, fez-se á vela com os dois referidos companheiros, e veio desembarcar na praia das Candeias.

Ao amanhecer do dia os soldados viram-se sem chefe; desesperados o amaldiçoavam: mas á nenhum ocorreo o vil pensamento de bandear-se com os inimigos da cauza, que haviam abraçado. O capitão Sá Barreto, conservando o sangue frio tanto necessario em similhantes circunstancias, falou-lhes, e teve a fortuna de ser ouvido; disse-lhes, que a vontade do chefe era, que todos se embarcassem, assim indicando o preparativo das jangadas. Efectuava do melhor modo possivel esta operação, quando os realistas informados da desordem, que reinava, de novo compareceram. A confuzão foi então extrema: os soldados que já se achavam embarcados, não escutando mais as vozes do capitão, que os commandava, obrigaram os jangadeiros a partir immediatamente; os que estavam ainda em terra, dispersaram-se, e foram quazi todos prezos. A artilharia, parte da bagagem e do armamento, foi abandonada com vergonha.

CAPITULO XII

O vice-almirante Rodrigo Lobo vem do Rio de Janeiro com uma esquadra reforçar o bloqueio de Pernambuco. Restabelecimento do governo monarchico no Rio-Grande do Norte. O coronel André de Albuquerque Maranhão é ali trucidado. Alguns patriotas d'aquella provincia instalam sem feliz sucesso um novo governo republicano na Serra do Martins.

Não tinha-se jámais sentido na corte do Rio de Janeiro tanto alarme, quanto suscitou a inesperada prezença do capitão general Caetano Pinto; parecia uma cidade ameaçada de proximo assalto por implacavel guerreiro.

A colera, o terror, a desesperação, descobria-se vizivelmente nos semblantes dos cortezãos e empregados publicos, em quanto um doce raio de esperança aquecia os peitos dos cidadãos honestos. O monarca partilhava a commun condição; não podia tolerar, que algum dos seos reputados vassallos ouzasse perturbar a sua natural inercia, cria-se amado, porque era um bom homem, persuadia-se, que todo o Brazil prosperava pela continua prodigalidade, com que elle distribuia titulos, decorações e empregos, sem entrar no exame das qualidades moraes dos individuos, a quem favorecia. Nas monarchias absolutas os reis não são reprehensiveis sómente pelos males, que pessoalmente cauzam, são odiados tambem por aquelles que os seos ministros fazem. O Sr. D. João VI tinha as virtudes de um simples particular, estas não bastam para constituir um bom rei. O vicio de sua administração não estava posto em um despotismo violento, que a doçura dos costumes do seculo reprova, e torna quazi impraticavel; a delapidação das finanças do estado, a incuria dos elementos, que geram a prosperidade individual, a distribuição irregular das recompensas, a impunidade dos delictos nas classes superiores, o manejo dos negocios publicos por pessoas ou decrepitas ou ignorantes, eram os motivos principaes da decadencia de Portugal, e do desgosto do Brazil.

Nos grandes perigos desenvolvem-se grandes esforços; a natureza reivendica os seos direitos. O principe indolente, que sente a forte convulsão do seo trono; o avido ministro suspeitozo da perda do invejado cargo, que lhe produz riquezas, distinções e prazeres; o enfatuado nobre, que não sabe apreciar a existencia sem a conservação dos seos antigos privilegios; o celibatario fanatico, que faz consistir a essencia da religião na pratica miuda das cerimonias, e que prevê a anniquilação dos bens temporaes, que desfruta improdutivamente, todos os interessados na perpetuação dos abuzos estreitam mais e mais n'aquella ocazião o laço, com que jaz ligada a massa do povo, e não poupam fadiga para desarmar os valerozos que os ameaçam. O mesmo Senhor D. João VI, que não sahia do seo palacio da Boa-Vista sinão para

vir assistir na capela real ás solemnidades do culto, pondo o seo maior esmero em pesquizar, si os monsenhores, conegos e capellães eram pontuaes na recitação da psalmodia, ora com maravilha universal dirigia os seos passos ao arsenal da marinha para apressar com a sua prezença o armamento dos vazos de guerra, que destinava contra Pernambuco.

Por sua ordem um recrutamento forçado veio engrossar os corpos militares, os quaes se disciplinavam para serem embarcados, e irem combater os Pernambucanos. O temor e a esperança creavam ofertas de pessoas e de bens: a policia punha em motu os artificios secretos, que a immoralidade inventou: trez cidadãos, que só eram criminozos pelas suas virtudes, e pelo seo nascimento em Pernambuco, foram por suspeita encerrados em dura prizão; outros, que tinham a mesma patria, é que ali cazualmente se achavam, eram a cada instante ameaçados de igual sorte.

Em quanto não se ultimava todo o aparelho da expedição, na qual trabalhava-se de dia e de noite, o vice-almirante Rodrigo Lobo teve ordem de partir immediatamente com a fragata *Thetis*, duas corvetas e uma escuna, que foram as primeiras a apromptarem-se. Não conduzia comsigo tropa de desembarque: esta devia ser transportada com o grosso da expedição, que se aparelhava. Ignorava-se ainda no Rio de Janeiro o zelo infatigavel do Conde dos Arcos: aquellas embarcações eram destinadas a pôr em bloqueio os portos da provincia dita rebelde, que já aquelle governador por sua autoridade privada havia feito bloquear. O ministerio não considerou superficialmente a natureza do cazo, que se lhe aprezentava: a dispozição do Brazil não podia ser diversa da dispozição da America em geral, que elle bem conhecia; não lizongeava-se, que Pernambuco recebesse novamente o jugo sem ser violentado por força superior depois de muitos dezastres, que exhaurissem inteiramente os seos meios de defeza.

A 2 de Abril partiram aquellas embarcações, e com vento prospero chegaram em poucos dias á vista do Recife. Rodrigo Lobo não esperava encontrar ahi os vazos

de guerra, que já bloqueavam o porto: a sua alta patente, as suas instrucções directas do ministerio, lhe davam a primazia do commando; ella foi reconhecida, e todos puzeram-se á sua dispozição sem contraste. O novo commandante principiou a executar o plano que lhe fôra prescrito, destacando as embarcações mais ligeiras, das quaes podia servir-se, por todo o litoral desde as Alagôas até o Rio-Grande do Norte, e fazendo espalhar a seguinte proclamação fabricada nas oficinas do Rio de Janeiro:

« Aos habitantes de Pernambuco.

Não podia deixar de produzir tanta extranheza como magoa no animo de El-Rei Nosso Senhor o ver que uma provincia do Brazil, onde tantos homens valerozos e honrados se illustraram por feitos gloriozos para expulsar um inimigo poderozo e restaurar os direitos da corôa portugueza, seja agora o teatro, onde individuos indignos do nome portuguez perpetraram uma rebelião atroz, ouzando depois de excitarem a desordem popular derribar o poder reprezentativo de S. Magestade na expulsão do governador, que os regia, e erigir um governo facciozo. Sua Magestade está comtudo persuadido de que a maior parte dos Pernambucanos conserva a honra e lealdade, que herdaram dos seos avós, e de que sempre deram provas ao mesmo augusto Senhor; e outrosim não duvida, que o inesperado e facinorozo rompimento de uma revolta podesse momentaneamente reprimir o efeito d'aquelles mesmos sentimentos. Penaliza portanto o piedozo coração de S. Magestade o ser obrigado a vexar os seos vassalos, procurando os meios de sujeitar os rebeldes, o que não póde evitar-se, mandando o mesmo augusto Senhor, como na realidade me ordenou, que eu bloqueasse com as forças, que poz á minha dispozição, os portos de Pernambuco. Além d'isto é do decoro e dever de S. Magestade empregar todas as outras forças, que a Providencia depozitou em sua autoridade para destruir com a maior brevidade possivel o germen de uma guerra civil, cuja idéa por si só consterna o espirito do Nosso Soberano, e ha de tal maneira horrorizado todos os seos fieis vassalos, a quem tem chegado a noticia d'esta manxa na fidelidade nacional ainda não vista na monarchia portugueza, que

todos têm feito com patriotismo exemplar ofertas e sacrificios de suas pessoas e cabedaes para auxiliarem aquellas dispozições, que S. Magestade tiver a bem de ordenar com aquelle fim: mas o mesmo Senhor espera, que os seos bons vassalos da capitania de Pernambuco farão da sua parte todos os esforços para evitarem tão excessivas calamidades. A bordo da fragata *Thetis*. *Rodrigo Jozé Ferreira Lobo*.

Este Lobo era portuguez bem conhecido pela sua cobardia e traição na guerra do Rossillon, a qual mereceo-lhe a degradação do posto militar, que ocupava: o tribunal o havia julgado com justiça, e a relaxada côrte o rehabilitou, e fez-lhe a distinta mercê do commando do bloqueio de Pernambuco. Uma pequena força maritima dirigida por um homem intrepido bastaria para o afugentar: faltava este homem, e os olhos dos patriotas volveram-se sobre a defeza, com que a natureza quiz proteger a capital de Pernambuco contra os insultos, que lhe podessem vir da parte do mar.

A extensa muralha de pedra, que circunda todo e litoral d'aquella provincia, ao mesmo tempo que reprime a impetuozidade das ondas, e obsta as irrupções constantes do mar contra a terra, obriga os navios de alto bordo a estarem em tanta distancia, que a mais grossa artilheria não póde tocar com suas balas nenhum edificio da cidade. O bombardeamento, si emprehendido, é inutil, e nem o bloqueio póde ser rigorozo sem grande quantidade de vazos de guerra; porque em varios pontos da costa encontram-se ancoradouros seguros, onde, no impedimento do ingresso no porto ao Recife, podem embarcações grandes e pequenas descarregar as suas mercadorias, e exportar as do paiz sem embaraço. Além d'isto a mesma citada defeza natural da costa acresce as desvantagens e perigos aos navios destinados ao bloqueio, forçando-os a estarem em continua vigilancia para não virem arrebentar-se sobre as pedras e baixos.

Relativamente a essa parte os Pernambucanos pouco deviam temer: no cazo de desembarque de tropas já haviam previsto, fortificando do melhor modo possivel varios lugares accessiveis, e todos sabem, que poucos soldados

bastam para impedir e repulsar tentativas de tal natureza, as quaes ainda quando prosperam não decidem a conquista de um paiz como o Brazil. E' porém necessario presupôr do lado do povo cooperação eficaz na repulsa; si esta falta, a Patria é perdida sem remedio. Rodrigo Lobo e o Conde dos Arcos, com a profuzão das suas proclamações, não poderam fazer brexa nos animos dos habitantes do Recife, Olinda, e villas adjacentes; foram porém felizes os seos sucessos em outros lugares mais distantes. Já vio se, como cahio as Alagôas, ora manxa muito mais negra vae nodoar as paginas d'esta historia.

Instituido o governo provizorio no Rio-Grande do Norte, nenhuma mudança consentanea ao estado de coizas ali apareceo; a marcha seguida pelos membros d'aquelle governo estava em proporção com as suas fracas luzes. André de Albuquerque, arrimado á força da Parahiba, que conservava inalteravel o espirito republicano, tentava insinuar as vantagens da revolução: não favorecido pelos seos indolentes collegas, ou para melhor dizer, contrariado por elles em segredo, adormecia. E' este um dos grandes vicios da divizão do poder executivo; a traição é mais segura em seos funestos rezultados por serem muito mais lentos os meios de repressão.

Outro mal não menos consideravel engrossava a culta contrariedade: aquelle mesmo Albuquerque não sabia aproveitar-se da sua brilhante pozição para dar o impulso de vida aos automatos, que giravam-lhe em torno. Pouco provisto de dotes naturaes, tinha ao menos abundancia de fortuna, e d'esta não uzava por ser mesquinho. As honras e riquezas atraem o odio e a inveja; o vulgo, que parece desprezal-as, luta de continuo para as possuir; é necessario ceder-lhe oportunamente uma parte em certas circunstancias para não perder-se o todo. André d'Albuquerque ignorava esta maxima: tinha muitos inimigos gratuitos, e não possuia um amigo sincero. O que mais admira é, que elle conhecia a sua critica situação, e nenhum remedio julgava apto a salval-a sinão a permanencia dos soldados da Parahiba.

A pobreza do erario do Rio-Grande do Norte não permitia o augmento de novos soldados pagos; as suas

rendas mal chegavam no tempo de paz para as despezas ordinarias. Devia suprir o verdadeiro patriotismo, era n'esta ocazião, que o promotor da revolta d'aquella provincia podia empregar os seos cabedaes. Na qualidade de governador das armas elle tinha a seo commando toda a força militar, era seo interesse ganhar-lhe a afeição sem relaxar a disciplina ; e como coronel de um dos melhores regimentos de cavallaria miliciana, podia d'elle escolher uma companhia fiel, que paga da sua bolsa defenderia em particular a sua pessoa, e augmentaria os meios de defeza da cidade ; convinha-lhe reformar os velhos e ineptos oficiaes e soldados, e crear outros de reconhecida fé.

Passados alguns dias em ocio, o Jozé Peregrino declarou, que em conformidade das instruções, que havia recebido, era obrigado a voltar com a sua tropa á Parahiba. Em vão André d'Albuquerque rogou-lhe, que se demorasse ainda : aquelle commandante, não querendo tomar sobre si tanta responsabilidade, rezolutamente subtrahio-se, e no dia 28 de Abril pôz-se em marcha. Estava pouco longe da cidade do Natal, e já ahi desenrolava-se a bandeira portugueza. Nenhuma força interna ou externa invadia a provincia, e nem mesmo a ameaçava ; a nova ordem de coizas, si nenhum bem havia produzido, tambem mal algum havia cauzado ; o governo estabelecido depois da revolução não tinha-se feito notar sinão pela sua nullidade, e entretanto a massa dos habitantes insurgia-se, gritando uniforme contra qualquer que intentasse impedir o seo lanço em favor do seo rei. Tanto póde a força dos velhos uzos !

Nem se póde asserir, que a cauza ocazional d'aquella variação de sentimentos fosse a previdencia de castigo severo ou a esperança de premio : consummada a revolução, não foram dirigidas suplicas ao monarca, nem ouviram-se denuncias dos factos individuaes. A povoação do Rio-Grande, adoptando machinalmente a regeneração, que se lhe oferecia, machinalmente a rejeitára ; o que quazi sempre se observa nos actos irreflectidos da multidão. Como a mór parte dos Brazileiros, elles ainda não percebiam a que fim directo tendiam os principios proclamados : no momento não saborearam fruto deliciozo ; e só

viam no seo compatriota, autor da mudança, excesso de ambição de poder; imaginavam, que elle uzurpava direitos que só competia ao soberano, e era este aos seos olhos um crime imperdoavel; suspeitaram, que a tropa da provincia limitrofe tinha vindo expressamente para impor-lhes um fardo, que parecia-lhes de immenso pezo, porque imposto: assim logo que esta retirou-se, a imaginação rescaldada efectuou o seo delirio.

Os soldados ouviram o nome do rei, que o povo em altas vozes pronunciava, e a este nome despertaram-se os sentimentos de veneração e terror: correram ás armas, e o seo commandante, o mesmo Antonio Germano, membro do governo provizorio, voando ao quartel, em vez de reprimil-os, os confortou, manifestando iguaes sentimentos.

Um só individuo era geralmente considerado criminozo, era o infeliz André d'Albuquerque: todos encaminharam-se de tropel á sua caza. Nenhuma alma bemfazeja arriscou-se a dar-lhe avizo secreto do que se passava, para que ao menos se podesse evadir; o povo e tropa o surpreenderam no leito, e com ton ameaçador perguntaram-lhe: «Quem vive?» Estupefacto, elle respondeo humildemente: «Viva el-rei». Não obstante esta resposta intimaram-lhe a prizão. Obedecia sem articular palavra, quando um infame Portuguez, oficial de milicias, com execranda cobardia o apunhalou. Ainda semi-vivo o transportaram á cadêia, o carregaram de ferros, e ali em poucas horas expirou em total abandono: o seo corpo desfigurado, envolvido em uma esteira, foi lançado no cemiterio. A sua habitação, assim como a da sua respeitavel mãe, que não sobreviveo um só dia a tanta dôr, foram saqueadas. Outras cazas dos seos parentes mais ricos da provincia sofreram igual calamidade. De certo não merece tal sorte quem como André d'Albuquerque sacrifica por amor da patria os commodos de uma vida honroza e tranquilla: os seos compatriotas contrahiram grande divida com elle; a equidade e a justiça commandam, que seja paga sem dilação.

A camara da capital atendendo a auzencia forçada do governador Borges, e querendo obviar o progresso da desordem, tratou de pôr em vigor a lei, que providenciava

em taes cazos: uma junta governativa composta de trez membros foi instituida, e regeo placidamente, como em tempo sereno; não entrou no exame das opiniões, porque sabia, que não existiam, nem procedeo á prizões, reputando sómente criminozo o infeliz, que desapiedadamente haviam trucidado.

Alguns zelozos patriotas, que habitavam no interior da provincia em um lugar denominado *Serra do Martins*, não desesperando ainda da cauza da patria, erigiram ali um novo governo provizorio, que suprisse o decahido na capital, e servisse de centro de reunião para aquelles que os realistas intentassem acabrunhar. O governo de Pernambuco aprovou aquella rezolução, quando lhe foi communicada, e recommendou, que a proseguissem sem desmaio. O encadeamento dos revezes da fortuna, e sobre tudo o frio acolhimento do povo a tornou ineficaz. Aquelle novo governo desappareceo como o relampago, a provincia não resentio com elle os estragos da guerra civil, e os seos membros, vendo-se sem a proteção que esperavam, por si mesmos dispersaram-se.

CAPITULO XIII

O governo provizorio de Pernambuco expede inutilmente socorro á Jozé Mariano para sufocar a insurreição das Alagoas, que cada vez mais se estendia. A Parahiba segue o mesmo destino do Rio-Grande do Norte. Jozé de Barros Falcão de volta da ilha de Fernando, desembarcando na Bahia da Traição, é prezo, e a sua gente se debanda.

O brilhante horizonte de Pernambuco rapidamente ofuscava-se, negras nuvens o circundavam por todas as partes, ardia o brandão da discordia, a furia da intriga soprava sem pauza o seo alito pestifero, no sul e norte da provincia não via-se mais aquella uniformidade de pensar, que ao principio excitava universal admiração, e confortava os patriotas na perseverança dos seos planos a cooperação mutua, espontanea, e firme de todas as classes da sociedade, ancora unica de salvação no perigo, sensivelmente diminuia; grande catastrofe parecia

imminente, e todavia os governadores provizorios não desanimavam. Ao recebimento do oficio de Jozé Mariano, quedava conta da sublevação das Alagôas, e instantemente pedia socorro, elles no instante providenciaram, ordenando ao capitão João do Rego Dantas, que sem perda de tempo marchasse com oitenta homens da primeira linha, e se reunisse ao mencionado chefe, ao qual escreveram estimulando-o a abafar por todos os meios a nascente divizão d'aquelle territorio.

Já antecedentemente se disse, que esse mesmo Jozé Mariano fugira por mar, abandonando toda a expedição. A consequencia de tão vil procedimento foi a exaltação dos realistas, e a prostração dos republicanos; desde então a revolta no sul de Pernambuco extendeo-se com tanta rapidez, que quando o capitão Dantas passava pela freguezia de Ipojuca, dez leguas distante do Recife, já não encontrava nos habitantes acolhimento benigno, nenhum dezejava tomar parte em seos trabalhos apezar de lizongeiras promessas. Elle ali veio saber o dezastre sofrido no Porto de Pedras, e reconheceo a inutilidade da sua marcha com tão pequena força por entre uma povoação hostil. Si as circunstancias não lhe permitiam avançar, a honra o inhibia de retrogradar: assim fez, fortificando-se ao pé da costa em um ponto chamado Barra-Grande menos sujeito a emboscadas ou surpreza. Informou o governo, do que havia feito e observado, e requereo ás ordens necessarias.

Quando a sua informação chegou ao Recife, ahi chegava tambem inesperadamente o Jozé Mariano, que aprezentando-se aos membros do governo, foi por elles tratado sem a marca de reprovação merecida: o publico ignorava a sua justificação, e agoirou mal d'este procedimento. As noticias tristes sucediam-se umas ás outras, e eram tão replicadas e improvizas que desconcertavam todos os projectos. Soube-se contemporaneamente, que a Parahiba havia aceitado de novo o sacudido jugo, acontecimento que por uma particular circunstancia acabou de arruinar Pernambuco.

Tinha sido extravagante e impolitico o modo, com que se fez a eleição do governo provizorio d'aquella

provincia; o orgulho individual foi ofendido, o resentimento era natural: são bem raros os corações generozos, que no altar da patria deponham a vingança. Voltando desgostozos para as suas cazas a mór parte dos oficiaes milicianos e de ordenanças, que para ali haviam marchado, alguns mais astutos e perversos, espreitavam o momento favoravel de desfazerem-se de um governo, para a creação do qual tinha-lhes sido negado o concurso, e que diziam não corresponder ás esperanças concebidas. Ignoravam, que o grande bem não póde comparecer, sinão quando todo o estado é perfeitamente recomposto, e que para recompol-o são indispensaveis sacrificios, que exigidos arrancam lamentos d'aquelles mesmos que com mais sofreguidão ambicionam gozar. Illudida em tal modo pela perversidade dos malignos e pela propria ignorancia, a multidão irreflectida combate o bem, que apetece, e desvairada passa a dezejar o que dantes odiava. Ordinariamente ella é punida pela sua inconstancia; o retorno á antiga condição é sempre acompanhado de novos tormentos.

Por ordem do commandante do bloqueio do Recife cruzava um brigue de guerra no litoral d'aquella provincia espalhando proclamações, e damnificando o pequeno commercio. Era já ali notoria a revolta das Alagoas, e do Rio-Grande do Norte, e prezumia-se com fundamento a angustia, em que se achava o governo de Pernambuco, o qual, lutando pela sua conservação, seria inhabil a prestar auxilio aos seos vizinhos. Os amigos da cauza republicana gemiam, os inimigos exultavam; para estes a ocazião era propicia, a victoria devia seguir o maior numero.

O primeiro, que ouzou arvorar o emblema da contra-revolução, foi um mulato por sobrenome Bastos, proprietario de uma engenhoca no distrito da villa do Pilar. Esse individuo e seos filhos eram da xusma dos valentões, gente dissoluta, com quem a canalha fraterniza; á sua voz, que annunciava estrago e sangue, correram todos aquelles que preferem a rapina ás custozas fadigas do trabalho regular: poucos para empreenderem um ataque contra a capital, eram muitos para destruirem os cazaes izolados, interceptarem as communicações, e turbarem o livre exercicio das autoridades locaes. O capitão

de ordenanças André Dias de Figuereido, habitante do mesmo distrito, cidadão, em quem permanecia puro o amor da Patria, e que por sua reconhecida intrepidez era capaz de opôr-se áquella facção, estava gravemente enfermo : todavia não podendo obrar em pessoa, chamou dois dos seos filhos não menos do que elle corajozos patriotas, e lhes ordenou, que armassem a gente de seo partido, e abatessem os facinorozos; o que felizmente assim sucedeo depois de alguma rezistencia, na qual foram mortos dois do partido do Bastos, e os demais afugentados.

Mas a revolta não se limitava a este ponto só da provincia ; em outros muitos ella de improvizo arrebentou. Um velho Portuguez por nome João Alves, senhor do engenho Pacatuba, de mãos dadas com outro rico proprietario o coronel de milicias Matias da Gama, teve a arte de reduzir á sua vontade os animos de quazi toda a povoação do interior. Proclamada. por elles a autoridade real, o plano, que logo concertaram, foi de impedir a passagem do gado, e dos outros generos de alimento, não só para a capital da Parahiba, como para Pernambuco o que já os governadores do Ceará e Rio-Grande tinham posto em rigoroza observancia. Era este o acto mais damnozo de hostilidade, pois que reduzia á maxima penuria os habitantes do Recife e de Olinda ; e tanto era o zelo manifestado na execução d'aquella prohibição, que já a fome fazia-se assás sentir. Os patriotas de Itabaiana tentaram reivindicar a sua primitiva influencia ; o povo alarmado não os acreditava mais, e pelas insinuações perfidas dos adversarios da cauza republicana passou a odial-os, de sorte que para evitarem a morte, elles viram-se forçados a escapar para as fronteiras de Pernambuco.

O governo provizorio da Parahiba, que não contava com tanta volubilidade, creo, que a Patria seria perdida, si não desse um golpe vigorozo. Era esta uma necessidade doloroza, mas não um procedimento reprehensivel : si a individuos bem ou mal intencionados fosse permitido transtornar impunemente um sistema qualquer de governo adoptado pela maioria da nação, valendo-se para este fim não só de escritos sediciozos, como da força material,

seria chimerico o principio social, vacilante a constituição dos estados, inutil a promulgação das leis. Póde cada um pensar, como lhe apraz, admitir a teoria, que mais se confaz ao seo entendimento; não póde porém, nem deve violentar os demais a seguil-o. O republicano, que exige a crença da sua opinião como infalivel, é tão despotico quanto o realista fanatico, que pretende serem os reis emanações da divindade : ambos pecam como violadores da bem entendida liberdade.

Continuava o socego na cidade a despeito do incendio, que a rodeava ; todos pareciam aprovar a rezolução do governo. O coronel Amaro Gomes Coutinho teve o commando da expedição, a qual devia atacar primeiramente o João Alves no seo proprio engenho, si ahi o encontrasse, e forçal-o assim a pagar com o damno da sua propriedade os males, que cauzava. A aparencia da tranquillidade da capital fez dispor de todos os soldados da primeira linha, que não eram muitos em numero. Elles não tinham ainda caminhado duas leguas, quando a plebe da cidade entregue a si mesma, furioza comparece nas ruas, gritando : *Viva-El Rei, morram os patriotas* ; corre ao palacio, onde os governadores faziam as suas sessões, nenhum respeito a contém. entra principalmente, examina todos os escondrijos, e não descobrindo a preza dezejada, que por fortuna tinha-se evadido, passa a saciar a furia com a destruição dos objectos, que encontra. Os milicianos aprezentaram-se armados, e bem que adherissem aos gritos proferidos, envergonharam-se ao menos de favorecer a licença, e impediram o ataque das cazas, que julgavam-se comprometidas. A municipalidade constituindo-se regente em nome do soberano de Portugal e do Brazil, tratou de pôr a cidade em defeza contra o Amaro Gomes, que não estava mui distante, e que supunha-se retrocederia com a força, da qual dispunha.

Um abismo chama outro abismo ; o máo exemplo é tão contagiozo quanto a peste. Os soldados, que, quando partiram da cidade, pareciam marchar de bom animo ao combate dos adversarios do governo republicano, ora ouvindo a narração do que ali ultimamente havia acontecido, aplaudiam, e davam indicio manifesto de insubordinação.

O coronel, que os commandava, vendo-se na impossibilidade de executar o seo dever, e receando ser immolado ao frenezi de homens, que dispunham-se a renegar a Patria, fugio immediatamente disfarçado em habito de franciscano, que caritativamente obteve de um bom frade. Nem este artificio lhe valeo: descoberta a fuga mais insolente tornou-se a soldadesca, e alguns d'esses mesmos mizeraveis seguindo á pista o fugitivo, o encontraram, e tiveram a cobardia de o ligar com cordas e entregal-o aos realistas.

Assim João Alves e comitiva venciam sem combater; as portas da cidade lhes foram abertas, entraram soberbos, e principiavam a abuzar dos frutos da facil victoria, quando veio inquietar-lhes a noticia, que Jozé Peregrino acelerando a sua marcha do Rio-Grande, achava-se já proximo ameaçando entrar por força com a sua gente, e vingar-se dos atentados commetidos. Era esta a intenção d'esse bravo official; vendo atraiçoada a cauza, que adorava, no excesso da sua dôr havia jurado, ou salval-a, ou morrer gloriozo. Nutriam os mesmos sentimentos os trez officiaes, e os poucos soldados, que seguiam, e o amavam: pela estrada os inimigos desapareciam á sua vista; na cidade dominava a confuzão; soldados indisciplinados, milicianos ignorantes, que, mais obravam por illuzão que por convicção, eram fraca barreira. Uma sombra de esperança parecia ainda restar aos bons republicanos; esta desvaneceo-se por uma combinação rara na historia.

Os chefes realistas desconfiavam da sua propria força, e por consequencia evitavam pôr-se a dura prova. Cobrindo essa desconfiança com o manto da clemencia, e horror do espargimento de sangue, enviaram o cidadão Augusto Xavier de Carvalho, pae do referido Jozé Peregrino, para que com a influencia paterna o induzisse a abraçar a cauza monarchica, assegurando-lhe com repetidas protestações que nem elle, nem os seos companheiros de armas seriam inquietados, e que todos seriam recebidos como irmãos e amigos. As entranhas de um pae amorozo, qualquer que seja a sua opinião politica, fortemente palpitam á vista do perigo, em que a exaltação do entendimento

figura exposto o filho amado. O Xavier de Carvalho aceitou a commissão penoza, e para dar-lhe particular importancia aos olhos da multidão, em vez de partir com o ramo de oliveira, tomou em seos braços uma imagem de Christo. Não pensava o desgraçado, que, tratando de esquivar o prezente perigo, servia de instrumento indirecto do suplicio, que a má fé ocultamente preparava para elle mesmo, e para os mais virtuozos prtriotas.

A paixão vivamente sentida torna eloquente o homem mais vulgar : a commoção, que o parlamentario manifestava, infundia dobrado interesse nas suas palavras; os sentimentos liberaes, que professava, contrastavam com as expressões servis, que elle cria-se obrigado a valer-se para persuadir, e adoçar o furor acezo nos peitos dos que o escutavam; a negligencia de sua autoridade dava-lhe n'esta ocazião maior esplendor. Jozé Peregrino depois de ouvil-o atentamente, respondeo :

« E' possivel, Senhor, que com a experiencia dos annos não tenhaes adquirido o conhecimento dos homens ! Por qual motivo vos deixastes seduzir ! Como podeis acreditar as promessas de monstros, que acabam de postergar as mais sacrosantas leis da natureza ! Como não reconheceis que o maior perigo do vosso filho consiste unicamente em depôr as armas, que a Patria lhe confiou, e que ora reclama imperiozamente que as maneje em seo socorro ! Vós, que deverieis ser o primeiro em guiar os meos passos na estrada da honra, e confortar-me na espinhoza carreira, em que me acho; vós, que deverieis alçar a vossa respeitavel voz para desenganar nossos illudidos compatriotas, sois vós, que vindes propôr-me a minha propria infamia ! Não é claro, que os nossos inimigos, enviando-vos, confessam a sua ignobil fraqueza, e atestam a superioridade da brava gente, que tenho a fortuna de commandar ? Oh! meo bom pae, retrocedei a vossa caza, ide annunciar aos vossos commitentes (eu vos rogo), declarae-lhes francamente, que o vosso filho é digno de vós, e não sabe transigir com seos deveres; que elle, e os seos camaradas perecerão com a Patria, si o fado adverso tem decretado, que ella pereça. »

Viva a Patria! Entoavam concordes officiaes e soldados. O mizerando Xavier de Carvalho emmudeceo

por algum tempo, as lagrimas banhavam o seo rugozo semblante, a voz da razão, o sentimento da honra falava-lhe internamente, a preocupação do perigo o allucinava. Não podendo responder ás acertadas reflexões, que acabava de ouvir, como si estivesse fóra de si, prosta-se de joelhos aos pés do filho, e com soluços e gemidos o suplica a dezistir da empreza não por seo amor, mas pelo do Redemptor, cuja imagem lhe aprezentava, concluindo que a efuzão de sangue brazileiro por Brazileiro era sempre um delicto, e ora mais inutil, atenta a cegueira popular.

Quem conhece a debilidade do coração humano, distinguirá o gráo de impressão, que cauzou aquelle acto humilhante : Jozé Peregrino fazia os maiores esforços para reprirmir-se; todos tinham n'elle fixos os olhos, e esperavam submissos a final decizão. A constancia desmaiou, a piedade filial venceo : o pae abraça o filho com ternura, e leva á cidade o suspirado avizo de paz. Pouco depois ali entrou a tropa, que com o seo chefe e oficiaes não desfarçava a tristeza, apezar de serem recebidos com grandes demonstrações de alegria.

Aos novos governadores aquella tristeza servio de pretesto para apressarem a execução do iniquo projecto, que desde o principio haviam concebido : mandaram arrancar de suas cazas, onde viviam retirados e encarcerar na fortaleza do Cabedelo, o Jozé Peregrino e os trez oficiaes, que o tinham acompanhado no Rio-Grande; o ciume, e o temor agravava todos os dias a dureza da prizão. A mesmissima sorte coube ao fervorozo parlamentario, que tarde arrependia-se de quanto havia feito: seo crime era ser pae do temido patriota. A perseguição descobrio em seos escondrijos todos os que tinham alguma bôa qualidade moral, e os acorrentou ; não faltaram despreziveis denunciantes. Um só dos membros do extinto governo provizorio, Estevão Jozé Carneiro, teve a fortuna de escapar, embarcando-se para Inglaterra depois de ter vivido errante por algum tempo nas matas do seo engenho.

Tudo conjurava contra os patriotas. O capitão Barros Falcão, chegando á ilha de Fernando, e publicando o

objecto da sua commissão, foi considerado como um anjo tutelar; oficiaes, soldados e degradados, criam sonhar; nenhum esperava tanta graça, foi indescrivel a sofreguidão, com que todos procuravam embarcar-se e destruir o que não podiam transportar. Finalizado o embarque, foram unanimemente dirigidos aos céos votos cordiaes pela prosperidade da viagem. Mas os céos foram surdos, ventos contrarios prolongaram os dias da penoza navegação. Depois de muito lutar a primeira terra, que se avistou, foi a Bahia da Traição ao norte da Parahiba.

Aquella terra pareceo um favor particular da Providencia, pois que ahi podiam as embarcações entrar e fundear livremente; o que de certo não fariam, si tivesse chegado ao porto de Recife já bloqueado. Os trezentos homens n'ellas embarcados quazi todos militares, provistos de armamento sufficiente, prestariam, si fossem bem dirigidos, não pequeno serviço á desventurada Parahiba. Tudo dependia da prudencia e vigilancia do capitão que os commandava, elle não ignorava, que muitos dos degradados era gente sem principios de honra e a guarnição anhelava desembarcar para rever a Patria, parentes e amigos, avistando a terraou não devia ancorar antes de ser informado do estado das coizas, ou ancorando desembarcar logo todos com ordem.

Sucede ó contrario; elle tão sofrego, como os demais, foi o primeiro a saltar em terra com um só oficial declarando que ia examinar o que ocorria para o bom exito da expedição, e que entretanto nenhum se arriscasse a desembarcar sem a sua permissão. Desembarcando recebeo carta de Jozé Peregrino, na qual narrava-lhe o estado da provincia e a sua triste pozição; o capitão Barros Falcão contra o senso commun, em vez de chamar a si toda a gente, que estava ainda a bordo apezar do grande descontentamento, e correr com ella em auxilio d'aquelle patriota, tomou a deliberação de ir encontral-o só para combinar o que fosse mais acertado. Em quanto elle caminhava, todos os que estavam nas embarcações, as abandonam; a morte se lhes antolhou menos horrida do que o suplicio de viverem em um estreito barco ao pé da terra.

Da consciencia do mal nasce o temor, e os soldados previram, que a desobediencia ás ordens do commandante não podia ficar sem castigo; os degradados recearam, que, si comparecessem como fugitivos, seriam outra vez entregues nas mãos da justiça; desembarcados, cada um julgou-se autorizado a seguir os seos caprixos, não trataram sinão de salvar-se por diversas varedas afim de chegarem illezos ás suas cazas em Pernambuco. Jozé Peregrino havia cedido, e o mizero Barros, que o procurava, achou-o na prizão da mesma fortaleza, onde o meteram por ordem do governo existente, o qual apoderou-se do que vinha nas embarcações, e muito congratulou-se de ter afugentado sem trabalho o corpo, que parecia ameaçal-o. Alguns dos dezertores, que foram encontrados, tiveram a cadeia da cidade por azilo e ahi pagaram a pena da desobediencia.

A commissão dada ao Antonio Gonçalves não teve melhor sucesso; este encarregado não foi aceito pelo governo dos Estados-Unidos; comprou em particular algum armamento e o enviou a Pernambuco juntamente com trez oficiaes francezes. Quando este socorro chegou republica tinha já cessado de existir e o governo portuguez lançou mão de tudo. O Hipolito em Londres nada pôde fazer pela mesma rapidez com que desapareceo a autoridade, que o havia delegado.

CAPITULO XIV

A tropa da Bahia entra no territorio de Pernambuco. Augustias do governo provizorio e seos esforços a bem da cauza patriotica.

O Conde dos Arcos não tardou em fazer marchar a tropa da Bahia contra Pernambuco, como vanglorioza-mente annunciava na sua proclamação. O numero total dos seos denominados *Scipiões* não excedia oitocentos, comprehendidas todas as armas; Joaquim de Mello Cogominho de Lacerda, marechal de campo, natural de

Portugal, era o commandante em chefe; ignorava-se a sua bravura, porque em nenhuma acção militar tinha-se distinguido, seos principios politicos passavam por moderados, seo caracter era honesto. Em caminho elle augmentou a sua força com o regimento de milicias de Sergipe d'el-Rei, segundo as instruções que lhe foram prescritas. Marchava lentamente, e sem querer dava tempo aos patriotas de se proverem dos meios de defeza; esperava encontrar forte rezistencia, como depois confessou, e não negligenciava as devidas precauções.

Assim procedendo, conformava-se á opinião geral: ninguem diria, que uma revolução principiada com tão felizes auspicios, e que rapidamente se estendera em trez vastas provincias, ameaçando propagar-se em todo o Brazil, finalizasse com igual celeridade por si mesma. O marechal Mello, que segundo a voz publica pertencia ao *Grande Oriente Maçonico* da Bahia, provavelmente sabia a dispozição liberal da massa pensante dos Brazileiros, nem de certo poderia contar com a inteira submissão dos seos oficiaes e soldados, si o don da independencia e liberdade fosse assegurado pela constancia inabalavel d'aquelles, que o ofereciam. Sendo elle um dos que recuaram á vista do perigo, a que julgaram-se expostos com a prizão do desgraçado Roma, obrigado a obedecer ao despota, que regia a Bahia, tratava de comportar-se de maneira a não desgostar um ou outro partido.

No primeiro dia do mez de Maio foi, que elle chegou á Villa-Nova, onde terminaria a sua marcha, sinão tivessem tido lugar os acontecimentos já referidos. Poucas peças de artilharia sobre as margens do caudalozo rio São-Francisco bastavam para impedir a passagem de qualquer força ainda muito maior do que essa que agora se aprezentava. Aquelle rio, antiga divizão da provincia de Pernambuco, em tempo nenhum é vadeavel, nem tinha ponte, que facilitasse a passagem; frageis canoas, unico meio de transporte ali em uzo, arriscando-se a aproximar-se, seriam submergidas sem fadiga. D'esta dificuldade estava tão persuadida a tropa da Bahia, que não podia crer aos seos olhos vendo do lugar, onde estava

postada, a illuminação geral feita na villa fronteira em signal de festejo dà sua vinda ; o commandante em chefe, bem que já instruido do quanto havia ocorrido, desconfiava ainda, e atribuia o que via á astucia de guerra. E uma deputação numeroza dos principaes habitantes de Penedo veio reiterar-lhe os protestos de fidelidade, solicital-o a passar com toda a sua gente, oferecendo-se elles mesmos em refens, si assim exigisse.

Com tão irrefragaveis testimunhos desvaneceram-se as suspeitas ; a passagem foi efectuada no meio dos aplauzos da população, que para mais corroborar o que os seos deputados haviam asserido, suplicava como favor a permissão de incorporar-se com a tropa bahiana. O marechal Mello mostrou-se benigno, concedendo por graça o que com a força intencionava obter. Nem diverso podia ser o seo procedimento : devendo marchar em paiz inimigo, a prudencia ensinava-lhe a assegurar a sua rectaguarda com a diminuição do numero d'aquelles que a poderiam inquietar, e ao mesmo tempo engrossava o seo pequeno exercito : porquanto visse ora todos prostrados aos seos pés, não deixava de recordar-se da volubilidade manifestada em tão pouco tempo, e essa era, quem mais recommendava-lhe séria precaução. Elle ahi plantou o quartel general, e permaneceo por alguns dias, obrando com uma certa doçura, que conciliava os animos, e menos pezada fazia a invazão.

E' prezumivel, que não fosse essa a vontade do Conde dos Arcos, o qual muito mais se erguia a proporção que os habitantes do sul e do norte de Pernambuco se curvavam : serve de documento a proclamação, que por sua ordem foi espalhada nos lugares revoltados ; ella merece ser registrada pela sua monstruozidade ; era n'estes termos :

« Habitantes de Pernambuco ! Marcham para a comarca das Alagoas bandeiras portuguezas e soldados bahianos para as içarem em toda a extensão d'essa capitania. Todo o habitante de Pernambuco, que as não seguir rapidamente, e não marchar junto a ellas, será *fuzilado*. As forças navaes ora á vista, em bloqueio do porto, têm ordem para *arrazar* a cidade, e *passar tudo a espada*, si

immediatamente não forem instauradas as leis de S. M. Fidelissima, El-Rei Nosso Senhor. Nenhuma negociação será atendida, sem que preceda como preliminar a entrega dos chefes da revolta á bordo, ou a certeza da sua morte, ficando na intelligencia de que *a todos é licito atirar-lhes a espingarda como a bandidos. Conde dos Arcos.* »

Um governo, cujo reprezentante patentêa tão execrandos sentimentos, e que tem a impudencia de ordenar, que se ponham em pratica, por este só acto legitima a revolta; obedecer-lhe seria um delicto. Essa proclamação produziria o efeito oposto, ao que o seo detestavel autor esperava, si o governo provizorio de Pernambuco em vez do ocultal-a a fizesse imprimir sem commento: ella serviria a fortificar os animos d'aquelles, em quem os principios do justo não fossem apagados.

Um grande erro dos directores da revolução tinha sido a negligencia do primeiro dever dos governos livres, isto é, a reunião dos escolhidos do povo em corpo constituinte e legislativo; o interesse de todos deve ser tratado por todos. Bem que a pessima educação portugueza não habilitasse os Brazileiros ao desenvolvimento rapido da sciencia politica, todavia na urgencia das circunstancias bastava seguir o metodo abraçado pelos Estados-Unidos da America. O novo governo de Pernambuco, logo que foi nomeado, estava na rigoroza obrigação de publicar um regulamento provizorio, que marcasse o modo das eleições dos deputados, o numero d'estes, o tempo das eleições e do ajuntamento dos eleitos com indicação do respectivo lugar, convidando as outras provincias a concorrerem contemporaneamente com os membros correspondentes á sua população. Formado este congresso, si estreitaria uma liga federal e com esta a communidade de meios de defeza e de melhoramento social, decidida a fórma de governo que fosse julgada mais adaptada. A confiança do povo em seos reprezentantes, quando marcham lealmente, é illimitada, e em geral uma tal confiança faz milagres.

Em vez d'esse regulamento o governo provizorio e seo conselho ocuparam-se em um projecto de constituição, que denominaram *lei organica*. Longo tempo consumio-se

n'este trabalho, de maneira que quando foi aprezentado, já era mui diversa a face dos negocios pela variação das provincias limitrofes. Este projecto, que não foi impresso, abolia a pluralidade de individuos no poder executivo, o qual devia ser temporario, e eleito pela massa dos eleitores. O poder legislativo tinha igual limitação de tempo, e o judiciario, bem que electivo, era inamovivel. Consagrava a liberdade de pensar ainda mesmo em materia religioza, e declarava serem todos os homens iguaes em direitos. A cada uma das camaras da provincia foi enviado um exemplar do projecto com ordem de convocarem os homens notaveis dos seos distritos, para que livremente o discutissem, e remetessem as suas observações por escrito, aprovando ou desaprovando qualquer dos artigos. Este modo de tratar um objecto de tanta gravidade era irregular, izolava os interesses reciprocos divergindo as opiniões, e não oferecia aquella unidade que constitue a maxima força da lei.

Para cumulo de desgraça os adversarios da cauza liberal valeram-se do mesmo projecto para mais desvairarem a publica opinião. Na discussão a que se havia procedido nas camaras de algumas villas os artigos, que marcavam a liberdade de culto e igualdade de direitos, haviam provocado vivissima opozição por serem mal interpretados. A lei não autorizava a abjuração da fé catolica, prevenia os horrores do fanatismo com o principio salutar da tolerancia religioza. Ora valendo-se da tendencia dos devotos, clamavam os perversos com estudada hipocrizia, que o intento dos patriotas era destruir a religião e dar liberdade aos escravos para despojarem os senhores do avultado capital que n'aquelles possuiam.

A acuzação era grave, e as aparencias davam-lhe o aspecto de bem fundada; o homem não transige facilmente com os seos interesses materiaes, e muito menos com os espirituaes; o governo, qualquer que seja, os deve respeitar para não precipitar a sua queda. Mas os acuzadores esqueciam, que o governo patriotico não tinha imposto a sua obra como perfeita, nem exigira involuntaria aceitação; pelo contrario queria ser informado dos seos defeitos, e si a pluralidade das camaras fosse uniforme em

rejeitar qualquer dos artigos propostos, sem duvida seria respeitada a sua vontade. Nem mesmo a conducta individual dos autores do mencionado projecto dava lugar á suspeita concebida quanto á crença religioza: elles cumpriam externamente com as obrigações commandadas pela igreja, em cujo seio tinham nascido; do interno dos seos corações ninguem podia ser juiz, á excepção d'Aquelle que tudo vê e escuta as entranhas. A defeza estava na citação dos factos; estes falavam mais alto do que todas as vozes reconcentradas dos maledicos.

O governo provizorio pareceo assim pensar: mas como nunca havia divulgado os seos sentimentos respectivamente á liberdade dos escravos, e a acuzação sobre este ponto não era menos forte, julgou oportuno manifestal-os com clareza na seguinte proclamação:

« Patriotas Pernambucanos! A suspeita tem-se insinuado nos proprietarios ruraes: elles crêem, que a benefica tendencia da prezente liberal revolução tem por fim a emancipação indistinta dos homens de côr e escravos. O governo lhes perdôa uma suspeita, que o honra. Nutridos em sentimentos generozos não podem jámais acreditar, que os homens, por mais ou menos tostados, degenerassem do original tipo de igualdade: mas está igualmente convencido, que a baze de toda a sociedade regular é a inviolabilidade de qualquer especie de propriedade. Impellido d'estas duas forças opostas, dezeja uma emancipação, que não permita mais lavrar entre elles o cancro da escravidão, mas dezeja-a lenta, regular e legal. O governo não engana ninguem, o coração se lhe sangra ao ver tão longinqua uma época tão interessante; mas não a quer prepostera. Patriotas, vossas propriedades, ainda as mais opugnantes ao ideal da justiça, serão sagradas; o governo porá meios de diminuir o mal, não o fará cessar pela força. Crêde na palavra do governo, ella é inviolavel, ella é santa. »

O verdadeiro filantropo deve regozijar-se com a leitura d'esta proclamação. Quantos principios luminozos expressos em tão poucas frazes! A maldição lançada contra o horrido trafico da carne humana aparece forçada a conciliar-se com o respeito devido á propriedade. Como

filozofos escudados na razão desafiavam os factores e conselheiros da degradação de homens, com quem a natureza divertio-se variando-lhes a côr como varía as fizionomias; na qualidade de politicos vinculados pela dura lei da necessidade, cediam, preconizando o momento venturozo em que uma conveniente indemnização viria acalentar o avido proprietario, poupar á humanidade os gemidos e ao traficante imprevista perda. O coração sincero d'aquelles patriotas não valeo-se de subterfugios no annuncio da verdade; com toda a solemnidade proclamou, que em ceder fazia o maximo dos sacrificios; que sofria, contemplando ainda remota a época da omnimada regeneração dos infelizes filhos do Pae universal. Bastava este acto do governo provizorio para perdoar-lhe os seos erros.

Em boa fé quem poderá negar, que a escravatura é o mais terrivel dos flagellos, que martirizam o Brazil, retardam a sua civilização, corrompe os costumes, o degrada e empobrece? Consultem os proprietarios ruraes com maduro exame os seos interesses, e saberão, que o vistozo lucro de suas terras é todos os annos sepultado na mesma terra, sem lhes deixar outra indemnização sinão os gemidos dos desgraçados, a quem elles, ou seos feitores, por uma economia mal entendida, privaram do alimento e vestidura necessaria, dilaceraram as carnes e apressaram a morte. Os paes de familia lancem os olhos sobre o interior de suas cazas, e si ainda conservam os sentimentos de honra bazeados na san moral, de certo não poderão conter as lagrimas, vendo a depravação que ali reina, o contagio que se vae inoculando com o leite em seos tenros filhos, contagio que jámais será extinto emquanto durar a escravidão dos homens de côr. A escravidão é um monstro, que entorpece e perverte os corações mais puros. Aos reprezentantes da nação brazileira toca agora decidir si é chegado o suspirado momento, que aquelles governadores provizorios em sua sabedoria previram, e com a legalidade por esses recommendada, apaguem a nodoa, que nos deixam os primeiros deshumanos colonos do nosso solo.

O tempó instava, as circunstancias agravavam-se, e o governo patriotico passava as noites em vigilia, meditando sobre os recursos que ainda lhe restavam. Tantas

traições, tanta inconstancia dos habitantes das provincias circumvizinhas, penalizavam, mas não davam a temer igual degradação da parte dos de Pernambuco. A lembrança de terem sido estes os principaes motores da regeneração politica, o fervor manifestado nos primeiros dias, parecia-lhe dever ainda repetir harmonidzo son, si fosse excitado. Despacharam oficios aos capitães-móres e commandantes das villas fieis, estimulando-os a mostrarem-se merecedores da palma rezervada aos cidadãos, que consagram vida e bens á felicidade da Patria, e determinaram crear corpos de guerrilhas. Na guerra contra os Olandezes, quando os Pernambucanos eram abandonados do rei e da nação por quem combatiam, estes corpos haviam servido de summa utilidade, e os Espanhoes, seguindo o mesmo uzo, experimentaram deciziva vantagem contra os exercitos aguerridos da França. A localidade de Pernambuco, suas densas florestas, suas montanhas, sua vasta extensão, oferece continuo recurso áquella milicia, que não necessita um longo estudo de tactica para aterrar inimigos mais habeis e escapar salva da perseguição do maior numero: o exercicio da caça é já uma escola, donde saem formados os soldados d'esses batalhões volantes. Tratou-se de pol-os em actividade com a pressa que a necessidade forçava.

Mas sem escolha não deve ser permitido o commando de tal milicia: autorizados á agressão, acostumados a frequentes emboscadas, divididos em pequenos corpos, podem facilmente degenerar em abominaveis salteadores, si o acrizolado amor da Patria os não dirige. N'este cazo o governo provizorio lembrou-se de nomes, que excluiam a mais leve sombra de suspeita. Os ecleziasticos da provincia desde o principio da revolução haviam desenvolvido um caracter mui superior aos prejuizos da sua corporação, dando bom exemplo de principios liberaes; os acontecimentos infaustos, que posteriormente seguiram-se, não lhes resfriavam o ardor. O padre Antonio de Souto Maior, o padre João Gomes de Lima, frei João Loureiro, guardião do convento dos franciscanos do Recife, distinguiram-se entre os demais pelo seo espirito marcial e ascendencia sobre a multidão. Entre os seculares um certo

Pedro Ivo, senhor do engenho Piedade, Francisco de Carvalho Paes de Andrade, igualmente senhor de engenho, e João Alves Leite, rico proprietario da villa do Ourubá, eram apontados como patriotas capazes de mover a inercia dos habitantes do campo. Sobre esses fixou o governo a primeira prova do seo novo sistema de defeza, concedendo á cada um a patente de capitão de guerrilha, e entregando-lhes armas, para que as distribuissem ás pessoas de sua confiança, que formassem as companhias.

Tratou-se da leva de gente para completar os dois regimentos de primeira linha desfalcados pelas expedições parciaes. A vida do soldado não é em geral a mais dezejavel, e a ella mostravam-se os Brazileiros particularmente adversos em razão da dureza do tratamento, mesquinhez do soldo, nenhum estimulo de gloria, e pouca esperança de promoção aos altos postos. O governo portuguez, que não admitio jamais a conscripção, apezar de ser reconhecida vantajoza pela justa distribuição do pezo, armava-se de cordas e correntes contra os pobres camponezes, ou os vadios da cidade, para formar os seos regimentos. A um governo livre não convinham esses instrumentos da tirania, e sem elles desgraçadamente languia o recrutamento, quando fazia-se indispensavel, que se armasse o maior numero dos braços.

O governo provizorio coherente com as suas idéas de filantropia crêo poder remediar ao inconveniente indicado, e começar o melhoramento da degradada raça dos escravos prometendo alforria a quaesquer d'esses, que viessem voluntariamente alistar-se como soldados. Facto admiravel, digno de meditação! Frustrou-se esta mesma não pouco perigoza medida! Da cidade sómente alguns se aprezentaram; do campo nem um! O egoismo e a degeneração manisfestavam-se a um tempo; egoismo da parte dos senhores, que reclamavam com estrondo; degeneração da parte dos escravos, pois que mostravam-se indiferentes á maior dadiva, que se lhes podia oferecer. Uns e outros foram atendidos, segundo a justiça requeria; o pagamento foi assegurado aos senhores, e não se constrangeram os escravos.

CAPITULO XV

O capitão-mór Francisco de Paula Cavalcante vae commandar a expedição destinada contra os lugares insurgidos no sul da provincia. Combate de Utinga. Crueldade do coronel Pedrozo.

O capitão Manoel Duarte, apezar da facilidade com que obteve a dispersão dos republicanos no passageiro encontro do Porto de Pedras, não se arriscou a traspassar o limite das Alagoas com a pouca gente, que o seguia ; mas teve bastante sagacidade para tirar o melhor partido da victoria. De acôrdo com o commandante do bloqueio do Recife não cessou de desacreditar a cauza contraria, e com o descredito fortificava os animos dos que abertamente a tinham renunciado, estimulava os inermes, e reduzia em silencio os poucos patriotas, que restavam. Com efeito, depois da fuga do Jozé Mariano, a contra-revolução extendeo-se das Alagoas ás villas da comarca do Recife com tal velocidade, que o capitão João do Rego Dantas izolado na sua pozição, ameaçado por todos os lados, corria risco de sucumbir, ou fazer deshonroza retirada, si eficazes providencias não fossem tomadas.

Ao perigo material, a que esse capitão estava exposto, ajuntou-se outro, que para rexassal-o não basta a força das baionetas, requer-se firmeza de caracter, probidade intacta; veio assaltal-o a sedução com o engôdo das honras, e a segurança da preservação de males eminentes. Figurava na contra-revolução de algumas das villas da comarca do Recife o capitão de milicias Barrozo, sogro do mencionado Rego Dantas : velho Portuguez, emprehendedor, não pobre, sujeitou-se como os demais á nova ordem de coizas, e seria bom republicano, si a fortuna sorrisse aos Brazileiros. A variação das Alagoas, o triunfo dos variados, o bloqueio, o decidio a pugnar pelo partido reputado mais seguro; amava o genro, porque não podia detestal-o, julgou-o perdido, e interessava-se em salval-o.

Elle em segredo correspondia-se com Rodrigo Lobo, do qual recebeo a permissão de enviar ao genro um mensageiro com carta sua, e de outros amigos, descrevendo o estado lamentavel dos patriotas, e advertindo-o a salvar-se quanto antes com a gente, que commandava, para vir empregar os seos serviços a bem da monarchia, assegurando-lhe (si assim procedesse) a vida, e mesmo larga recompensa, e que diversamente obrando, não só arruinaria a si, como a sua innocente espoza e filhos. As cartas foram entregues; o honrado cidadão deo esta breve resposta: « *Prefiro a morte com todos os seos horrores á manxa indelevel de traidor á Patria. O sentimento de familia, bem que altissimo, perde todo o seo valor, quando é posto em contacto com o dever patriotico, a salvação da Patria.* » Por compaixão deixou partir o mensageiro, para que levasse a resposta dada, a quem o havia enviado.

De tão penoza situação veio livral-o o capitão mór Francisco de Paula Cavalcanti. Era da maior importancia a escolha de um chefe para a nova expedição contra as Alagôas. Em Pernambuco não existiam oficiaes generaes, que conhecessem por pratica a arte de guerra; aquelle capitão mór não tinha instrução militar, mas era dotado de bom senso e de coragem. Além d'isto, havendo occupado por alguns annos o posto de commandante do distrito do Cabo, onde tinha-se feito respeitar e temer pela severidade, com que punira os delinquentes, o governo provizorio crêo não poder encontrar pessoa mais do que elle capaz de desempenhar aquella dificil commissão; o nomeou general de divizão com o commando da força, que devia marchar. A nomeação foi aceita pelo nomeado, e aplaudida pelos patriotas.

Pouca gente foi posta á sua dispozição; além da que estava com o Rego Dantas, partio do Recife o capitão Antonio Jozé Victoriano com uma companhia de infantaria, e trinta artilheiros destinados ao manejo de duas peças de campanha e de um obuz, que formavam todo o trem. Conduzia tambem comsigo os pretos recentemente alistados, que mais de embaraço que de utilidade serviam. O nomeado general era autorizado a exigir e forçar, si fosse necessario, os commandantes de milicias e ordenanças a

apromptarem os seos soldados, e a pôrem-se debaixo das suas ordens.

Foi no Engenho-velho do Cabo, que essa tropa expedida do Recife reunio-se; para ali encaminhou-se tambem o chefe acompanhado por dois religiozos carmelitas, frei Joaquim do Amor Divino, e frei Jozé Maria Brainer, ambos excelentes patriotas, sobresaindo o primeiro ao segundo pelos seos conhecimentos em literatura, e particularmente em matematica, requizito, que o habilitava a exercer o posto de conselheiro, entretanto que o Brainer servia de secretario e capelão.

Entrando no commando, o novo chefe não consumio o tempo em ocio, todos os dias fazia exercitar a tropa, expedia ordens aos oficiaes de milicias e ordenanças, para que viessem sem demora com os seos soldados armados; e reconhecendo o perigo da pozição do Rego Dantas, ordenou-lhe, que na melhor ordem possivel se retirasse para o mesmo lugar do Engenho-velho; o que foi habilmente executado. Mas tinha já passado o prestigio pessoal, efeito commun das revoluções: o antigo capitão commandante do Cabo, a cuja voz tremiam os habitantes, ora general de divizão, com quatrocentos homens destros no manejo das armas, força não indiferente n'aquella época, era desobedecido com escarneo, ouzando alguns dos milicianos, a quem elle ordenava que se aprezentassem, disputar-lhe a origem da autoridade, e desafial-o. O Paula não era homem, que deixasse impune tanta temeridade: posta em ordem a sua tropa, que contava alguns nobres voluntarios a cavallo, e o vigario, e coadjutor da mesma villa do Cabo, João Cavalcanti e Venancio Henrique de Rezende, ambos armados marcharam no silencio da noite sem dar a perceber o ponto precizo do ataque, que intentava.

Sabia elle, que o engenho Utinga era o foco dos realistas; o senhor d'este engenho, era um dos que lhe haviam respondido em ton insolente. Atacando-o improvizamente, não só era possivel castigal-o, como sorprender reunidos os seos principaes adherentes. Si felizmente conseguisse esse intento, a opinião decahida podia ainda realçar-se, e a marcha para as Alagôas seria menos embaraçada. Era este o plano combinado; do segredo

dependia o bom exito. Não dormiam porém os realistas, o nome do Paula os punha em continua vigilia, redobravam os esforços, e queriam vender cara a victoria.

Quando a tropa republicana aproximou-se ás terras do mencionado engenho, foi, que advinhou o lugar, onde primeiro devia bater-se; era optimo o seo espirito, e anhelava provar o valor do inimigo. Para ali penetrar era necessario passar por um desfiladeiro profundo; a obscuridade da noite tornava muito mais medonho aquelle passo. Ahi tinham os realistas posto por precaução uma guarda avançada, para que, retardando com vivo fogo os republicanos, désse tempo a tomar as medidas oportunas. A maior parte da tropa sem temor, nem desconfiança, tinha já entrado no desfiladeiro, quando de repente lhe sobreveio uma descarga cerrada: ella não marchava com a regularidade dos exercitos disciplinados, e por incuria, ou ignorancia, a artilharia, que devia marchar em frente, achava-se no centro, e por consequencia impossibilitada a manobrar. No momento foi extrema a confuzão, o perigo naturalmente figurou-se muito maior do que era: os feridos não ocultavam a dôr, a cavallaria, que marchava na vanguarda, procurava retroceder, uns impelliam os outros descarregando tiros inuteis sobre o ponto, donde partiraa descarga.

Ouvida a voz firme do chefe, cada um permaneceo no seo posto; a artilharia, remediado o inconveniente da situação, pôde esclarecer a estrada, o fogo contrario cessou, e os republicanos sem perda de tempo passaram o precipicio. Pelo caminho encontraram dois negros, que corriam: reputados espias, ou parte da emboscada, foram immediatamente fuzilados. Entraram no engenho sem outra rezistencia; era um dezerto: o estrondo dos tiros, e a sua direção, havia indicado aos moradores a aproximação do perigo, do qual não tardaram de esquivar-se, fugindo para os bosques vizinhos. Na caza do proprietario viam-se ainda sobre a meza as iguarias, que n'aquella hora a sua gente saboreava. Toda a noite se esteve em armas por suspeita de nova cilada.

Ao amanhecer do dia foram distribuidas varias patrulhas afim de descobrirem os escondrijos do inimigo, ou

informarem-se da estrada, que houvesse seguido. Nenhuma noticia pozitiva se soube; as cazas estavam todas abandonadas prova clara da má dispozição dos habitantes. O Paula aquartelou ahi a sua tropa, esperando que as circunstancias o instruiriam. Um commandante experimentado adoptaria diverso procedimento: poucas leguas se interpõem entre Utinga e o Engenho-velho do Cabo: os soldados não podiam ter sofrido grande fadiga, poucas horas de repouzo bastavam; prolongar mais tempo era o mesmo que prolongar ao partido contrario os meios de rezistencia, e fazer-lhe crer que se temia encontral-o. A velocidade da marcha de um exercito com as precauções da arte denota impavidez, desarranja os calculos do inimigo, e não deixa de aterral-o.

Entretanto o senhor do engenho Utinga, salvando-se, foi despertar os da sua facção. O já mencionado Barrozo, Joaquim Aurelio de Carvalho, Joaquim Pedro Barreto e outros viram, que não havia tempo a perder, ou deviam fugir e recorrer á protecção da força da Bahia, que sabiam estar em caminho, ou prevenir os patriotas assaltando-os, quando menos esperassem. Reflectiam porém, que era assaz arriscado cada um n'estes dois expedientes: si fugiam, suas propriedades passariam a ser ocupadas, e destruidas sem mizericordia pelo chefe, que os perseguia; si assaltavam, não podiam contar com a victoria em razão da falta de instrução dos que militavam em seo favor. Rodrigo Lobo, que fomentava a guerra civil, porque muito lhe convinha, não cessava de aguilhoal-os, escrevendo ser reprehensivel que elles com a retirada abandonassem as suas possessões nas mãos de um adversario, que mostrava incapacidade com a irrezolução das suas operações, e fraqueza com a apatia, a que se entregava; oferecia-lhes quanto podessem dezejar dos navios, que elle commandava.

A oferta foi aceita, e a agressão rezolvida. Os republicanos tinham principiado a campanha com oculta manobra, os realistas procuraram imital-os como um meio menos perigozo, e mais adaptado á indole da sua gente. Os edificios do engenho Utinga, collocados em uma pequena varzea rodeada de montes, prestavam-se á

emboscada, e o desmazelo da tropa ali aquartellada prometia segurança de bom exito. O general Paula á vista das informações, que lhe foram dadas pelas patrulhas destacadas, lizongeou-se, que o seo nome só havia tanto aterrado o inimigo, que jámais ouzaria atacal-o. Cega prezumpção que bem caro lhe custaria, si o acazo não tivesse vindo promptamente em seo auxilio.

Não tinham os realistas um commandante em chefe, cada um dos principaes senhores de engenho em Ipojuca dirigia aquella porção de homens, que havia podido arrastar em seo sequito: no cazo actual reuniram-se todos sem depozitar a autoridade em um só, mas eram concordes em executar o plano combinado, o qual consistia em extenderem-se em cerco pelo lugar, onde achavam-se os republicanos, e ocultos por detraz dos montes durante o dia, descerem de noite, e fazerem sem risco carnificina geral. O numero reunido ascendia a seiscentos; já tinham superado a maior dificuldade entrando nas terras do Utinga sem serem percebidos; tinham tido tempo de destribuirem-se conforme o plano, e esperavam impacientes as trevas da noite para o remate da obra.

N'aquelle mesmo dia o capitão, que commandava os artilheiros republicanos, desconfiando que as balas não fossem de calibre adaptado a obuz, para provar, e fazer o devido exercicio, mandou carregal-o, e disparou alguns tiros. Os realistas ouvindo-os, creram ser descobertos; alvoroçados começaram a tocar rebate, e em vez de fugirem, deixaram-se ver nas alturas dos montes, anciozos do combate.

Tão inopinada aparição não desanimou os patriotas, todos em um instante correram ás armas, e puzeram-se em ordem de batalha. Era summamente vantajoza a pozição dos realistas, pois que dominava todo o campo contrario, e si tivessem artilharia, ou fossem bem dirigidos, o exterminio dos republicanos seria certo. O furor, que os preoccupava, e que sempre mizeravelmente domina nas guerras civis, não lhes deixou perceber a vantagem, que possuiam; em desordem precipitaram-se dos montes, e vieram atacar na planicie. Não traziam arvorado o estandarte real portuguez, era a bandeira do rozario, que

girava entre elles, testimunho autentico do fanatismo religiozo, que se lhes tinha inspirado.

Precedia á multidão um bobo devoto, que em outras circunstancias moveria o rizo: mal vestido como a mór parte dos seos camaradas, trazia pendente ao pescoço um grosso patiguá; na mão esquerda empunhava a imagem de um Santo, na direita uma d'essas armas, a que dão o nome de faca d'arrasto; saltava como um energumeno, gritava desesperado, vomitando imprecações e blasfemias contra os patriotas. Imaginava o pobre louco, que o seo ridiculo talisman o perservaria da morte; o desengano não foi tardio: um soldado patriota ajustou tão exactamente o seo tiro, que o reduzio immovel sobre o terreno. O empenho tornou-se geral, era extremoza a ambição de vencer, combatia-se corpo a corpo sem ordem alguma, a artilharia tinha-se calado, o campo estava juncado de cadaveres, não dava-se quartel de parte a parte. O combate durava já cinco horas indecizo, quando finalmente os realistas, em cujas fileiras era muito maior o estrago, percebendo que lhes faltava a polvora, começaram a retirar-se na mesmissima desordem.

Assim surgia a obra iniqua do servilismo, o sangue pernambucano era por Pernambucanos derramado; qualquer que fosse o exito de um ou outro partido, a Patria e a liberdade deveriam por longo tempo gemer. O Paula não permitio, que a sua gente corresse após dos fugitivos, fez cessar o fogo e permaneceo ainda dois dias no campo da batalha. Não se combinava essa inacção com a actividade do seo temperamento. Nenhuma outra ocazião mais propicia podia elle esperar para abater o orgulho dos desvairados e animar os vacillantes patriotas: avançando com a confiança que a victoria inspira, era muito provavel, que os realistas, a quem tocou a dura lição, não se dispuzessem mais a fazer-lhe frente, e talvez o temor da destruição das suas propriedades lhes suscitaria conselhos pacificos. O peior foi, que elle, depois de incendiar a fabrica de Utinga, retrogradou ao mesmo Engenho-velho do Cabo, donde havia partido.

Si fóra do Recife a cauza liberal não prosperava, dentro não podia-se viver contente: um facto atroz ahi

praticado veio ainda mais contristar a todos em geral. O governo provizorio distinguia-se pelos seos principios de moderação e de justiça, baze da felicidade social; diferente dos demais governos em iguaes circunstancias, não recorreo ao improbo expediente do terror, desprezava a vil caterva dos espiões e denunciantes: o virtuozo patriota era a abrigo das suspeitas, e o realista, que continha-se nos deveres de homem honesto, não era inquietado. Si os inimigos declarados do povo pernambucano, os quaes com os seos excessos haviam ocazionado o rompimento no dia 6 de Março, tinham sido prezos, como a segurança do estado requeria, eram tratados na prizão com aquelle respeito que a humanidade recommenda, e em prova de maxima indulgencia elles iam partir livremente para os Estados-Unidos da America, como haviam pedido, si o bloqueio não tivesse chegado tão aceleradamente. Os promotores da licença com o nome emprestado de zeladores da liberdade, ageis em combater com a lingua, e ocultar a espada na occazião do perigo, pregadores dos direitos do homem, a quem insultam a cada passo com violencia, e que só querem a tolerancia para as suas opiniões, declamavam contra esse nunca assás louvado sistema, que os governantes seguiam. As suas declamações foram acolhidas pelo frenetico Pedrozo.

Em uma tarde fóra do costume ouvio-se tocar a chamada apressadamente no quartel do Recife; cada um começou a suspeitar infausto acontecimento. Posto em armas o regimento de infantaria, esperava em silencio a ordem de marchar. Não se divizava na cidade signal algum de tumulto; o que acrescia a publica anciedade: esta dissipou-se, quando vio-se sair da cadêia e ser conduzido algemado ao mesmo quartel um pifaro, que dizia-se ter vindo do Cabo como dezertor. O mencionado Pedrozo, degradando o seo honrozo posto, ou para melhor dizer, patenteando desarranjo cerebral, sahio de encontro ao mizeravel, e em voz que denotava abnegação de sentimento moral, annunciou-lhe a *sentença de morte* n'estes termos: *Prepara-te para morrer*: *eis ali o capellão* (apontando-o), *confessa-te*. Doe narrar facto tão vituperozo, e si narra-se, é para que se aprenda, que em todos os tempos

comparecem espiritos atrabiliarios, que ainda com as melhores intenções denigrem os objectos em que tocam. O delicto porém de um individuo, por mais barbaro que seja, não é imputavel á massa da nação, a qual, si pela força das circunstancias, como então sucedeo, não o pôde condemnar, ao menos cordialmente o execrou.

O infeliz prezo, que não estava preparado para similhante golpe, e a quem nenhum interrogatorio tinha sido feito antes, atonito obedeceo, e cumprindo o acto religiozo que se lhe impunha, marchou no meio do regimento para o campo do Erario, onde, por ordem do mesmo Pedrozo, foram destinados seis soldados para o fuzilarem. Estes, depois de o ligarem a uma grossa estaca, titubeando entre o dever da humanidade e da disciplina, não fixam bem os seos tiros, trez vezes são compellidos a repetil-os, sem que o duro padecimento da victima podesse cessar. Cessou o fogo, e o padecente foi ainda semi-vivo arrastado á cadêia, na qual expirou passadas algumas horas de penoza agonia.

Os governadores afirmaram confidencialmente aos seos amigos, que não souberam a perpetração d'este atentado, sinão quando já estava consummado, e que, horrorizados e temendo pela propria segurança, chamaram á sua prezença o chefe assassino, que não recuzou comparecer. Procuraram com as expressões da benevolencia advertil-o da enormidade do delicto e das funestas consequencias que d'elle rezultariam. A sua resposta foi, que as revoluções sustentam-se de *sangue*; que não se arrependia do que havia feito, e continuaria a obrar da mesma maneira por ser assim necessario á prosperidade da cauza republicana; que a pessoa fuzilada era um dezertor, e os dezertores em tempo de guerra não mereciam outra pena.» Sofisma odiozo, parto de cabeça desarranjada e de coração pervertido: os dezertores em tempo de guerra incorrem em pena capital, a salvação da patria commanda esse rigor; mas como a todos os outros criminozos não se lhes póde recuzar a defeza natural e muito menos rescindir o acto, que comprova a validez da acuzação. Si as formulas do processo regular são n'este cazo postergadas, conserva-se todavia o simulacro por meio de um conselho de

guerra, o qual, ouvidas as testimunhas e convencido o réo, definitivamente sentenceia. Era ainda mais horrivel a propozição: *ser o sangue alimento excluzivo das revoluções.* Si assim fosse, os corações generozos jámais bateriam, ouvindo os gemidos da opressão: si para o melhoramento do genero humano fosse indispensavel a efuzão do humano sangue, o lucro seria nullo, a tentativa sempre criminoza. As revoluções, que necessitam d'esse alimento, são as que guiam a tirania. Tremam os fautores de taes doutrinas; o sangue reclama sangue; cahirão elles mesmos cedo ou tarde victimas odiadas.

A impudencia, que afronta a autoridade constituida, si não é reprimida, avança no curso da iniquidade. O insensato, que atreveo-se a fazer o panegirico da sua reprovada conducta, não podia deixar de continual-a. Não eram passados muitos dias, e os habitantes do Recife testimunharam a mesma atrocidade reprezentada com variada scena.

Achavam-se em prizão outros trez soldados dos dezertores, um dos quaes era Portuguez. No dia 4 de Maio ás 2 horas da tarde ouvio-se de novo o apressado toque de chamada no quartel, para onde foram conduzidos os trez dezertores a ouvirem por ordem do mesmo Pedrozo a sentença de morte, a que este por si só os condemnava sem outro formulario que o epizodio referido no antecedente assassinio.

O dezertor portuguez, antes de cumprir com exigida confissão sacramental, declarou, que tinha a communicar a elle Pedrozo um segredo de importancia. Aquelle chefe ou por desprezo ou incuria não prestou-lhe atenção, em tal modo a fortuna o preserevava da punição condigna ao seo procedimento: parecia, que sinão patriotica solicitude, ao menos a curiozidade o deveria estimular a receber o pretendido segredo de um quazi moribundo, o qual vendo-se desprezado, começou em alta voz a amaldiçoar o juiz, que tão arbitrariamente o privava da vida, e mostrando uma navalha, disse: « Eu a trazia para dar-te a morte. Oh! Pedrozo. E já que frusta-se o meo intento, vou poupar aos meos camaradas o trabalho de matar-me. » Immediatamente a passou com impeto na

garganta, e expirou. O horror redobrou-se no animo de todos, excepto no de Pedrozo, que sem desconcertar-se mandou tocar marcha funebre, e deixando no mesmo lugar o ensanguentado cadaver, caminhou com as outras duas victimas ao referido campo do Erario, onde finalizaram os seos dias com repetidas descargas de mosquetaria.

Do exposto percebe-se claramente, em que agonia achava-se a recemnascida liberdade; póde-se dizer, que ella já não existia, nem existia governo; aquelles que ainda denominavam-se governadores, apregoavam com a sua ignominioza condescendencia á escravidão, a que estavam reduzidos como o mais infimo dos subditos. A força tinha passado para as mãos d'aquelle militar, e é o abuzo da força, quem faz os escravos.

CAPITULO XVI

As vilas de Santo-Antão, Páo do Alho e Tracunhem declaram-se em favor da monarchia. Do Recife são enviados diversos destacamentos contra ellas sem nenhum sucesso. Domingos Jozé Martins parte com alguns soldados em reforço do general Paula. Em uma emboscada é feito prizioneiro com a maior parte da gente pelos realistas. Combate do Trapixe de Ipojuca. Dispersão da tropa do Paula.

E' impeto de leão o impeto popular: a habilidade do politico consiste em saber aproveital-o e dirigir no momento sem deixal-o resfriar; porque sendo a inconstancia connexa com a natureza humana, o que em um dado tempo é reputado util, pouco depois evita-se como damnozo. E' demais necessario manter o entuziasmo por meio de alguma acção relevante, que, despertando o valor, assegure a confiança suscitada. As primeiras impressões são as mais perduraveis.

O leitor lembrar-se-á do que dissemos no principio relativamente á cordialidade, com que a povoação de Pernambuco e das provincias limitrofes abraçou a cauza da liberdade, e com quanta negligencia foram tratados os que correram a defendel-a. Na primeira prova d'armas, que se ofereceo, e que podia oportunamente

servir de realce, a acção foi deshonroza, e de mao agoiro a acção de Porto de Pedras. Além d'isto, dependendo os Brazileiros de uma nação sujeita ao governo absoluto, e tratados ainda mais duramente do que os seos paes, pela reputada inferioridade de colonos, a consecução da liberdade demandava grande trabalho e tempo.

Não cauzará por tanto maravilha a facilidade, com que aquellas mesmas povoações mudavam de sentimento. Todas as villas da provincia de Pernambuco, á excepção das do Cabo, Iguarassú, Itamaracá e Goiana, poucas leguas distantes do Recife, havendo de novo abraçado voluntariamente a cauza real, não restava aos verdadeiros patriotas outra alternativa sinão ou seguir o maior numero, ou recorrer á desesperação e á morte: felizes, si ao menos tivessem morrido com gloria no campo da batalha. Coragem não lhes faltou, faltou espirito de sabedoria.

Parece, que o governo provizorio ignorava, que si na economia social a divizão do trabalho facilita e augmenta a produção, na economia militar a divizão, ou separação da força, gera fraqueza e incapacidade de obrar com vantagem. Em vez de formar um só exercito dos regimentos, que mostravam-se sempre fieis e fazel-os marchar para onde fosse maior o perigo, elle espalhou pequenos corpos por varios pontos, retendo no Recife os melhores soldados sem urgente motivo; porquanto a segurança da capital não os requeria; os navios, que bloqueavam o porto, não tinham gente de desembarque; as fortalezas estavam guarnecidas de tropa suficiente para refrear os descontentes, e podia-se repouzar no zelo dos commandantes ali collocados. Nem era pouca a força comparativa acantonada no Recife: tinham sido completados os dois regimentos de infantaria e de artilharia, que possuia um bem provido parque. Existiam seis regimentos milicianos, dois de homens brancos, dois de pardos e dois de pretos forros; os soldados d'estes quatro ultimos não eram menos devotos da cauza da Patria do que os seos respectivos coroneis e oficiaes. Os dois de milicianos brancos estavam quazi vazios por serem compostos de grande numero de Portuguezes, os quaes ou haviam fugido, ou

tinham-se escondido : mas contavam ainda soldados e oficiaes brazileiros, de sorte que o total da força podia ser avaliado a quatro mil homens munidos de competente armamento.

Já vio-se qual fôra o rezultado da primeira operação do general Paula ; ora, o governo provizorio decidio fazer outras duas expedições, uma contra a villa de Santo-Antão e outra contra as villas do Páo do Alho e Tracunhen. Para que tudo fosse coherente, a escolha dos chefes recahio sobre individuos, que já não podiam inspirar confiança. Contra a villa de Santo-Antão foi destinado o coronel Luiz Francisco de Paula e contra a do Páo do Alho Jozé Mariano de Albuquerque Cavalcanti. A memoria do procedimento d'estes dois individuos na expedição das Alagôas era ainda mui fresca : o chefe, que no preludio da sua campanha é infeliz por defeito de habilidade ou de valor, decae na publica opinião, e sem esta nenhum passo é seguro, os actos mais innocentes são desfigurados.

A opozição das villas limitava-se em arvorar de novo a bandeira portugueza ; não ouzavam atacar, nem mesmo procuravam armar-se, manifestavam a sua hostilidade na suspensão da communicação com a capital, no que ambos os partidos vinham a sofrer. Era bem dura a obrigação de expedir contra ellas força armada ; esta as impellia a valerem-se dos meios, que a natureza aconselha, quando trata-se de defeza. Ao annuncio das duas projectadas expedições a villa de Santo-Antão armava-se, convidando os habitantes do interior a virem em seo socorro ; Páo do Alho e Tracunhen faziam cauza commun e preparavam-se á rezistencia.

No meio d'estes preparativos partiam do Recife os dois chefes nomeados, cada um levava comsigo uma peça de artilharia ligeira e alguns soldados exercitados n'esta arma. Perseverava ainda o governo provizorio em crêr, que os habitantes do campo, onde a contra revolução não tinha-se estendido, viriam com a persuasão e a autoridade d'aquelles chefes formar um corpo suficiente para bater villas, que pareciam desprovidas de tudo ; não reflectiam, que a desconfiança e o receio dominavam por todas as partes. O coronel Luiz Francisco, apezar dos

seos esforços, não pôde atrair a si sinão poucos milicianos da sua dependencia e a guerrilha mal organizada de Francisco de Carvalho. No mesmo tempo elle recebia avizo certo, que os moradores do Bonito tinham corrido em defeza dos de Santo-Antão, onde intrepidamente o esperavam. Circunspecto em todos os seos actos, não se apressava a entrar em liça com forças desiguaes, marchava com excessiva cautela e finalmente parou no engenho Morenos, quazi metade do caminho entre o Recife e Santo-Antão, lizongeando-se que si, a sua prezença não desarmasse os realistas d'aquelle distrito, tambem não os animaria a aproximarem-se da capital, na qual podia refugiar-se, si o perigo crescesse.

Nem diversa era a fortuna de Jozé Mariano. A villa de Iguarassú permanecia no estado apatico que a nenhum partido utiliza, ou para melhor dizer é a todos nocivo; porquanto deve-se ser ou amigo ou inimigo descoberto; o homem indiferente é ordinariamente um homem vil, a vileza é sempre prejudicial. Quando em um estado ha divizão de opiniões, é necessario escolher uma e adoptal-a em boa fé: si na adopção ha erro, a indulgencia o desculpa: merece compaixão a torpeza intellectual, condemna-se a perversidade de coração.

Aquella villa é situada na estrada, que conduz a Páo do Alho; Jozé Mariano ali permaneceo com o intento de prover-se de gente e explorar o andamento das villas que devia bater. O capitão-mór Francisco Xavier Cavalcanti Lins, que cordialmente havia abraçado o partido republicano, e o seguia com inabalavel constancia, unio-se-lhe, e esmerava-se na execução das suas ordens: mas pouco obtinha; dos capitães de ordenanças, que lhe eram sujeitos, sómente dois compareceram com alguns soldados. O coronel do regimento da mesma villa, Christovão de Olanda Cavalcanti, começou a tergiversar; sua conducta fazendo-se suspeita, Jozé Mariano o mandou prender e o remeteo immediatamente para o Recife.

Não obstante este e outros actos arbitrarios, aquelle chefe nada lucrava: os realistas não o temiam, aos patriotas nenhuma consideração inspirava. O capitão Pedro Ivo veio reforçal-o com a sua guerrilha, que não era numeroza.

Bem dezejava o Jozé Mariano não avançar; as noticias, que lhe eram communicadas respectivamente aos lugares, por onde devia passar, o desanimavam, a sua força disponivel era assás desproporcionada á empreza: mas o governo provizorio, á quem interessava a defecção de tantos inimigos, que por todos os lados o ameaçavam, não atendia ás razões allegadas, ordenava que marchasse, e pozesse em obra, quanto a sagacidade humana costuma sugerir em tempo dificil. Obedeceo, e caminhou lentamente para o Páo do Alho.

Informados de sua marcha, os realistas dispuzeram-se á defeza: uns postaram-se dentro do bosque proximo á villa, pela frente do qual devia-se passar; outros fortificaram-se nas cazas da mesma villa para disputarem a sua posse, si os primeiros não tivessem a fortuna de impedir o proseguimento da marcha. Parece, que os chefes patriotos não conheciam a utilidade dos exploradores, caminhavam sem as devidas precauções, e por isto facilmente cahiam nas emboscadas. Quando a tropa republicana atravessava o mencionado bosque, um violento fogo dali partio contra ella, e continuou com tanto vigor, que a obrigou a retrogradar. Passado o involuntario acto de sorpreza, os soldados exhortados por seos oficiaes coordenaram-se, e com poucos tiros de peça de artilharia, que traziam, desalojaram do perigozo recondito os assaltadôres.

O abandono d'aquelle posto dava a supôr aos patriotas, que nenhuma outra rezistencia encontrariam, sofregos precipitaram-se sobre a villa: uma fuzilada dirigida das janellas das cazas, fazendo cair por terra muitos dos que mais ao pé se achavam, os desenganou. Não obstante o fogo que sempre continuava, elles persistiam em querer ocupar a villa; já alguns penetravam no interior das cazas, fazendo não pequeno estrago, quando Jozé Mariano mandou tocar a retirada, e sem outra molestia voltou para a mesma pozição de Iguarassù.

Emquanto os dois chefes das duas novas expedições mal correspondiam ás vistas do governo provizorio, um dos membros d'este mesmo governo, Domingos Jozé Martins, obtinha de seos collegas a permissão de marchar

com alguma tropa á fim de reforçar, e animar áquella, que estava debaixo do commando do general Paula. A ambição de gloria, como qualquer outra paixão, deve reconhecer uma baze: póde o homem empreender, quanto imagina; si dotes pessoaes, si uma educação adaptada, si as circunstancias do momento não favorecerem, a empreza não prosperará. A arte da guerra é arte dificil, a coragem, o valor de um soldado brilhará em qualquer ocazião: mas essa mesma coragem não bastará a um commandante superior, si não é acompanhada de prudencia e instrução.

Domingos Jozé Martins era um simples negociante, desde a sua infancia nenhuma outra profissão havia seguido; não era despido de talento, amava a gloria, e procurava distinguir-se; a estrada, que ora seguia, não era feita para o illustrar. Elle e seos collegas não reflectiam, que, marchando um dos membros do poder executivo, a sua dignidade pessoal excluia a sujeição ás ordens de outro chefe; e verificando este cazo, privava-se do commando o Paula, cujo amor proprio ofendido embaraçaria ainda mais a situação penoza da provincia; e si para contental-o fosse dividido entre ambos o commando supremo da mesma força, o mal seria peior, porque do conflicto de jurisdição necessariamente rezulta a anarchia.

Elle partio do Recife com a guerrilha do padre Antonio de Souto, guerrilha composta de boa gente, mas pouca. Com a sua prezença a tropa do Paula electrizou-se, o modo afavel do Martins a todos cativava; prodigalizou-se-lhe grande deferencia; o que deo motivo de ciume ao outro chefe. Ambos perceberam, que não podiam permanecer unidos, e antes que a discordia viesse romper em publico a necessaria harmonia, concordou cada um em seguir estrada diversa em busca do inimigo. O Paula cedeo politicamente ao seo rival alguns dos soldados de cavallaria, que lhe eram pouco afeiçoados, dando-lhes por commandante um dos seos filhos o capitão Jozé Francisco de Paula. O Martins de boa vontade os recebeo, e com a guerrilha, que havia conduzido, tomou a estrada do litoral, entretanto que o outro chefe dirigia-se pelo interior do paiz.

A distancia, que separava uma da outra divizão, não era curta; aquelles dois conductores manobravam independentemente sem nenhum projecto combinado; em cazo de ataque dificilmente podiam prestar-se mutuo socorro: erro imperdoavel, que nenhuma razão plauzivel desculpa. O marechal Cogominho já tinha entrado com o seo exercito na villa de Serinhaen, e os republicanos os criam ainda no territorio das Alagôas, prova evidente ou de summo desleixo da parte d'estes, ou de acerba hostilidade de toda a população. Quando caminha-se ao acazo, o acazo é quem decide; raro em favor, quazi sempre detrimentozo ao mizero, que a elle se entrega.

Aquelle marechal não havia encontrado o mais leve obstaculo na sua marcha; pelos lugares, por onde passava, era recebido sem signaes de descontentamento; a sua conducta benigna para com os mesmos, que tinham-se implicado na revolução, a disciplina observada pelos seos soldados, concorriam mais que tudo para assegurar-lhe o passo tranquillo. Elle soube por uma das suas espias, que não longe caminhava pelo litoral um corpo insignificante de republicanos, era o do Martins. Sem perda de tempo destacou o capitão Antonio dos Santos, ordenando-lhe que, com a sua companhia dos pardos da villa do Penedo e os caboclos de Atalaia, fosse explorar a força d'aquelle corpo, o atacasse e perseguisse, si visse não ser-lhe superior em numero.

O capitão, seguindo veredas ocultas, avizinhou-se sem ser presentido, e por entre as arvores percebeo, que a preza estava segura: vio separada involuntariamente a pequena tropa; os soldados de pé tinham já atravessado o rio Merepe por uma pinguela, e os que estavam a cavallo esperavam da margem oposta o refluxo da maré para poderem passar; estes mesmos estavam desmontados; uns jaziam por terra, outros divertiam-se; os oficiaes não velavam. Assaltar e vencer, foi para elle negocio de um minuto. O padre Souto, que a ninguem cedia em valor, e não tinha deixado as suas armas, deo ainda alguns tiros, que não se perderam. Era só e devia seguir a torrente. Os republicanos nem tempo tiveram de armar-se, puzeram-se em debandada; o chefe entrou n'este numero.

Os caboclos, que observaram o terror, com maior coragem saltaram fóra do bosque e encarniçados proseguiram a caça; não poupavam a vida dos que tinham o infortunio de cair-lhes nas mãos; o filho do general Paula, joven de optimas esperanças, atravessando a cavallo o rio, que separava o lugar da carnificina, recebeo um tiro, que o precipitou morto, e n'este mesmo estado foi mutilado por aquelles selvagens. Continuando a caça, os pardos do Penedo descobriram em uma cabana o infeliz Martins, o mencionado padre Souto e dois cunhados do morgado do Cabo, fizeram-lhe mercê da vida, mas não dos tormentos; garroteados e escarnecidos, foram levados á prezença do marechal Cogominho, que os tratou com bondade, e os fez recolher a bordo de uma das embarcações, que bloqueavam o porto do Recife.

O general Paula pouco mais instruido pela experiencia, bem que não julgasse estarem tão perto as tropas da Bahia, errava de engenho em engenho sem afastar-se do distrito de Ipojuca, guardando aquellas medidas de cautela, que o cazo requeria. Elle ignorava ainda a triste sorte do Martins, quando na tarde do dia 13 de Maio vio comparecer nas terras do engenho Trapixe de Ipojuca, onde intentava pernoitar, a vanguarda do exercito realista. Espontaneo grito de alegria foi ouvido por todas as fileiras dos republicanos, cada um dirigio-se ao posto, que lhe foi assignado, e foram os primeiros a romper o fogo da artilharia, que não era bem correspondido pela parte contraria. Esta em vão procurava ganhar terreno avançando, por varias vezes foi forçada a recuar, os mais ouzados pagavam caro a ouzadia. Com a noite cessou o fogo de ambos os lados, ficando os respectivos corpos na pozição que ocupavam.

Durante o combate o Paula teve ocazião de avaliar a grande desproporção do numero entre as duas partes combatentes; elle contava pouco mais de 300 homens; a força realista era mais que quadruplicada. O engenho Trapixe não estava fortificado, e si o inimigo tivesse mostrado maior coragem avançando, provavelmente teria se decidido a victoria em seo favor. O que o entuziasmo e o valor tinha obstado n'aquelle dia, não o poderia fazer

com certeza no seguinte; o marechal, conhecida a desproporção, comportar-se-ia diferentemente. Tentar de salvar sem desdouro a gente, que lhe fôra confiada, foi o principal cuidado que o dominou. Para proceder em regra elle convocou no instante a conselho os oficiaes, expoz-lhes com clareza quanto pensava, e pedio, que cada um manifestasse sem rezerva o seo parecer. Todos opinaram, que a retirada era urgente.

O chefe, vendo que não havia tempo a perder, ordenou, que a bagagem pezada fosse destruida, aos officiaes recommendou, que exigissem dos seos soldados o mais rigorozo silencio, e que seguissem via oposta a aquella, onde estava postado o inimigo. Quando trata-se de retirada, o valor sofre, o homem forte sente a seo pezar alteração de energia; á hora fixada, que era a meia-noite, começaram os corpos a desfilar na maneira prescrita.

O general Cogominho, supondo a força patriotica maior do que era, havia tomado aquellas precauções, que a arte da guerra ensina para preservar-se de um golpe de mão: de distancia em distancia fez collocar prezidios com sentinellas avançadas, que mutuamente se correspondiam. Uma d'essas, que estava na porteira do engenho, por onde a tropa republicana pretendia passar, vendo-a de longe, perguntou: Quem vive? A vacillação da resposta e o grande numero de individuos que se encaminhavam, alarmando-a, descarregou a espingarda, segundo as instruções, que havia recebido. O tiro foi logo repetido de um em outro posto, e o frequente son das caixas pôz alerta todo o campo realista. Os prezidios destacados correram ao lugar do qual tinha partido o primeiro tiro, e começaram a fazer fogo. A tropa republicana em vez de avançar em columna cerrada, debandou-se, julgando cada um poder descobrir outra estrada mais remota, e por ella escapar. Em vão lhes gritava o Paula commandando firmeza, os soldados atonitos pareciam não ouvil-o. A confuzão era excessiva, a noite não permitia distinguir o amigo do inimigo, um afastava-se do outro entranhando-se nos bosques, e para mais ligeiro escaparem, muitos lançavam por terra as armas. O Paula, vendo tudo perdido sem remedio, tratou de salvar-se confiado na

velocidade do seo cavallo: elle salvou-se, poucos dos seos tiveram a mesma fortuna.

CAPITULO XVII

O governo provizorio trata de capitular com o commandante do bloqueio, que não aceita a capitulação. Domingos Teotonio, creado dictador, sem esperar a concluzão da nova negociação, que com o mesmo commandante havia entabolado, retira-se do Recife, levando comsigo toda a guarnição e os coíres publicos.

Em tanto alvoroço o general realista não se moveo; prudentemente pôz em armas toda a sua tropa, pensando ser atacado. Amanheceo o dia, e elle vio com pasmo os signaes irrefragaveis do um exercito, quando debanda-se depois de uma derrota total: as munições de guerra, viveres, peças de artilharia, fuzis, bandeiras, e a caixa militar com algum dinheiro, tudo foi achado em abandono. Os bosques e cazas circunvizinhas, foram por sua ordem diligentemente esquadrinhadas, e ahi prezos muitos, que haviam procurado refugio.

Apezar d'essa inesperada vantagem, aquelle chefe ainda não se lizongeava de possuir toda a provincia; temia, que a capital, onde supunha reconcentrada força respeitavel, oferecesse grande opozição, e o obrigasse a retroceder; o que assim acontecendo, tornar-se-ia precaria a sua situação. Qualquer outro ajuizaria da mesma maneira, si se atende aos meios de defeza, de que ainda os patriotas dispunham. As cazas em uma capital transformam-se em baluartes, quando os habitantes estão decididos a defendel-as; as mesmas pedras, as telhas, são armas ofensivas. As cidades de Olinda e Recife não são pequenas, a sua povoação é correspondente, as suas quatro fortalezas com guarnições proporcionadas, o rio, que atravessa a segunda d'essas cidades, dois regimentos de 1.ª linha quazi completos não contando os milicianos, pareciam dever zombar da força, que o Cogominho commandava. Mas falham os calculos humanos; são tão variaveis as combinações, que o juizo mais atilado não póde

inteiramente abrangel-as. Entrou o Paula no Recife, e com elle o acrescimo da aflição.

Tão bem entraram alguns dos seos soldados desgarrados. O aspecto d'esses infelizes movia compaixão; pallidos os semblantes, os pés estropeados, as vestes despedaçadas, sem falar convenciam, que tudo tinha-se perdido. O governo provizorio estava reduzido a dois membros, o padre João Ribeiro e Domingos Teotonio; do Martins já contamos a sorte; os outros dois viviam retirados em suas cazas pretestando molestia, como a pretestavam trez dos conselheiros, o Moraes, o deão de Olinda, e Gervazio Pires. Os que restavam, concordaram em recorrer á uma capitulação sem se lembrarem, que os realistas reputam sempre rebeldes os subditos, que se insurgem contra o rei, e com elles não tratam, nem guardam a fé jurada, si não quando reconhecem a superioridade de força. Um homem de confiança, e que fosse bem aceito ao commandante do bloqueio, era indispensavel para o bom exito da negociação: creo-se achar este homem no ouvidor Cruz Ferreira. As portas do carcere lhe foram abertas n'esta ocazião, e elle teve ordem de aprezentar-se no palacio da Soledade, rezidencia do governo.

Um magistrado brazileiro devoto da cauza monarchica, que com precipitação reprehensivel havia denunciado os patriotas pernambucanos, ser agora escolhido para negociar o livramento dos mesmos patriotas, denotava explicitamente a calamidade publica. Elle aprezentou-se, foi consultado sobre a missão, que se lhe destinava, aprovou-a, e ofereceo-se a executal-a com a lealdade, que a confiança lhe impunha. O caracter perverso do individuo, com quem as circunstancias forçavam a capitular, teve tambem grande parte na escolha do indicado agente. Um republicano, que tomasse sobre seos hombros aquelle encargo, apezar da inviolabilidade sempre praticada com os parlamentarios, arriscava-se a ser prezo, e talvez enforcado sem processo pelo mesmo, com quem ia tratar; era esta a opinião concebida respectivamente a Rodrigo Lobo. Si a este dirigiam-se com preferencia ao marechal Cogominho, era porque supunha-se, que, havendo

partido directamente da côrte, poderia ter recebido amplas instrucções aplicaveis ao cazo actual. Novo erro fatal: a conducta do primeiro era assás notoria, e quazi nenhuma segurança oferecia ; a do segundo pelo que se então obrava, parecia dar esperanças de melhor acommodamento, si fosse possivel conceber esperanças.

Deo-se ao agente nomeado a nota, que devia apresentar ao mencionado Rodrigo Lobo ; ella era redigida n'estes termos :

« Os patriotas á testa do partido da independencia entregarão ao commandante do bloqueio por parte de S. Magestade Fidelissima os cofres publicos, munições, e mais efeitos pertencentes outr'ora á coroa, no estado em que actualmente se acharem. A villa do Recife, Santo-Antonio, e Boa-Vista, não sofrerão damno algum pelo partido independente. Os prizioneiros, que se acham por ordem das autoridades actuaes em razão das suas opiniões politicas, serão relaxados da prizão. S. Magestade Fidelissima concederá amnistia geral á todos os implicados na prezente revolução, e haverá perfeito esquecimento de todos os actos praticados até hoje, como si nunca tivessem existido, e ninguem poderá ser por elles perseguido. Será permitido a qualquer, que se quizer retirar d'este porto, o fazel-o com sua familia, dando-se-lhe o devido passaporte, e podendo dispôr livremente de todos os bens, que possuem, quer de raiz, quer moveis. Para verificação e entrega, que deve fazer o partido independente, mandará o bloqueio um commissario seo, que a vista dos respectivos livros dos cofres será entregue do que existir. Feita a entrega, levantará o commandante o bloqueio, a fim de deixar passar o vazo ou vazos neutros, que levarem os que se quizerem retirar. Deverá o commandante do bloqueio expedir em continente ordem ao commandante do exercito de S. Magestade Fidelissima, para que não avance contra esta praça, em quanto se não ultimar a prezente negociação. Domingos Teotonio Jorge, governador das armas. Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque, general de divizão. O padre João Ribeiro Pessoa, governador provizorio. Manoel Joaquim Pereira Caldas, conselheiro. Miguel Joaquim

de Almeida Castro, secretario do interior. Pedro de Souza Tenorio, secretario ajudante.»

Partio o Cruz Ferreira com o signal uzual de parlamentario, as fortalezas tiveram ordem de o deixar passar livremente, e os habitantes do Recife ficaram no estado do anciedade, produto do temor e da esperança. Elle abordou a fragata *Thetis*, o commandante Rodrigo Lobo o recebeo com indiferença, informou-se do motivo da sua vinda, leo a referida nota, e respondeo: *Submissão sem condições*. A tão duro procedimento o parlamentario fingio não atender; representou-lhe, que os patriotas não tinham sido batidos, que existiam ainda em suas mãos poderozos meios de defeza, e que arrastados á desesperação poderiam commeter actos violentos; apontou-lhe, quaes seriam esses actos, e quaes as vantagens que sobre o animo em geral dos Pernambucanos ganharia a clemencia real.

O homem vil é arrogante; o favor ou honras concedidas sem merito ensoberbecem. Rodrigo Lobo, sentindo-se chamado a decidir da sorte dos infelizes cidadãos, que pouco antes o desprezavão, incapaz de imaginar a sublimidade da virtude no sacrificio do resentimento individual, reputando-se já senhor absoluto de toda a provincia, porque os seos governadores se humilhavam a pedir-lhe condições pacificas, manifestou por escrito os sentimentos, de que era susceptivel. Eis a sua resposta:

«Eu tenho em meo favor a razão, a lei e a força armada tanto terrestre como maritima, para poder entrar no Recife com a espada na mão afim de castigar muito á minha vontade a todo e qualquer patriota, ou infiel vassallo, que são *sinonimos*, por terem atropelado o sagrado das leis de El-Rei Nosso Senhor: portanto, eu não posso admitir condições indignas, como as que se me propõem, e só sim mandando á terra um ou mais oficiaes e tropas, para tomar o commando das fortalezas, retirando-se as suas guarnições, e entrando aquelles, que eu eleger, e da mesma fórma as embarcações armadas, arvorando-se logo as reaes bandeiras em toda parte, salvando as ditas fortalezas, e gritando-se *sete* vezes: Viva El-Rei Nosso Senhor, e toda a familia real, e os

corpos militares em armas dando trez descargas, e no fim d'ellas dando os mesmos vivas, a que deverá responder a minha esquadra, então saltar eu em terra a tomar o governo de toda a capitania, ficando em custodia os membros do governo provizorio, os chefes dos corpos, e commandantes das fortalezas, até que Sua Magestade haja por bem determinar da sua conducta sobre a revolta acontecida em Pernambuco (devendo eu segurar debaixo da minha palavra a todos os senhores referidos, que pedirei ao nosso amavel soberano a segurança das snas vidas) devendo eu mandar por terra um oficial participar ao general das tropas, que marche até entrar no Recife, e devendo retirar-se o *povo*, que a mim parecer, para as suas habitações, e quando eu saltar em terra, estar no cáes a nobreza, o corpo do commercio, com as autoridades civis e militares, para gritar-se em voz alta: «Viva El-Rei Nosso Senhor, e toda a familia real,» e dali marcharmos para darmos as devidas graças ao Deos dos exercitos por tão feliz restauração de tornar essa capitania aos seos limites, e sagrado das leis, com que somos regidos pelo melhor dos soberanos, e depois recolher-me á caza da habitação dos governadores, aonde estará a guarda, que me pertence como capitão-general, e continuarei dali por diante a *felicidade* dos povos e fieis vassallos de El-Rei Nosso Senhor. A bordo da fragata *Thetis* surta em franquia defronte de Pernambuco aos 18 de Maio de 1817. *Rodrigo Jozé Ferreira Lobo.*»

Convencido da inutilidade dos seos esforços, o infeliz negociador aceitou essa resposta, e a entregou aos que o haviam expedido. O povo não a soube tal qual; sómente o Pedrozo e os de mais chefes dos regimentos referiram em parada a suas respectivas tropas, que o reprezentante do rei de Portugal exigia do pretendido crime de rebelião o quinto dos soldados para serem immediatamente fuzilados, e a prizão dos governadores, e de toda a oficialidade para serem ao depois mortos. Nunca foi maior o horror; todos clamavam, que queriam antes sepultar-se debaixo das ruinas da cidade desmantelada, do que renderem-se ao desapiedado carnifice.

Julgaram tambem os assignantes da repudiada capitulação, que fazia-se absolutamente necessario nas actuaes circunstancias o sacrificio temporario dos direitos individuaes, e por consequencia cederam todo o poder ao já governador das armas Domingos Teotonio com a autoridade de dictador, diante do qual todas as leis se calam. Sacrificio penozo, que todavia não arrancaria lamento, si com elle a Patria fosse salva. O bem primario das nações é a existencia; continuando esta em vigor, não deixam de vir os outros bens com o tempo e paciencia.

Si os Romanos em extremo perigo creavam por um curto periodo aquelle monstruozo magistrado, só tinham em vista habilital-o a servir-se de todos os recursos possiveis para dissipar promptamente a cauza do mal. Era o exercito por aquelle guiado, e favorecido quazi sempre pela victoria, quem salvava a Patria. O dictador creado em Pernambuco não pensou, que era aquella ultima ancora que lhe restava; nenhum armamento, nenhuma nova fortificação, nenhum ataque intentou: seo primeiro cuidado foi dirigir-se outra vez ao mesmo Rodrigo Lobo por intermedio do pouco feliz Cruz Ferreira.

Quando a guerra vem a ser uma necessidade, mendigar recursos pacificos é, da parte d'aquelle que mendiga, documento provavel de fraqueza, que patente mais anima o adversario. Nem o ton arrogante, si assumido pelo recorrente, o izenta de nodoa: tanto maiores são as ameaças, tanto menos atenção merecem; conhece-se, que ellas são repetidas para mascarar o defeito de virtude. O varão forte obra, aprezenta factos, não palavras. A nova proposta transmitida era assim concebida:

«Eu abaixo assignado, governador civil e militar do partido da independencia em Pernambuco pela dissolução do governo provizorio, em resposta ás condições referidas pelo commandante das forças navaes de S. Magestade Fidelissima estacionadas defronte de Pernambuco, respondo, que são irreceptiveis no todo as ditas condições, como declararam o povo e o exercito juntos para esse efeito. Agradeço ao dito commandante a palavra, que dá de segurança de vida aos membros do governo provizorio, que não pediram, nem aceitam, e declaro, que

tomo a Deos por testimunha, de que elle é responsavel por todos os horrores que se vão praticar. Amanhan 19 do corrente, assim que não chegar resposta do dito commandante até o meio dia, serão passados á espada todos os prezos tanto oficiaes generaes no serviço de S. Magestade Fidelissima, como os mais prizioneiros por opiniões realistas. O Recife, Santo-Antonio e Boa-Vista serão arrazados e incendiados ; todos os Europeos de nascimento serão mortos. Estas promessas serão executadas apezar da repugnancia, que tenho em uzar de medidas de rigor. O governo de Pernambuco, que ora eu só reprezento, creio, tem dado sobejas provas da sua generozidade, salvando os seos mais encarniçados inimigos, como melhor póde dizer o mesmo agente empregado n'esta missão. Este é o meo *ultimatum*, si o commandante do bloqueio não acordar as justas condições oferecidas, e apontadas hontem. Quartel do governo civil e das armas 18 de Maio de 1817. O Governador *Domingos Teotonio Jorge.* »

A maneira de pensar do signatario d'esse *ultimatum*, seo bom caracter, a doçura do seo temperamento, opunham-se absolutamente á realização das sanguinarias ameaças ali enunciadas; e ainda que por acesso de delirio pretendesse realizal-as, não encontraria Pernambucanos, que lhe obedecessem. Entre povos civilizados não aparecem jamais similhantes barbaridades : si os innocentes fossem responsaveis pelos males dos criminozos, si os inimigos desarmados houvessem de sofrer a pena dos que caem no combate, si uma cidade fiel aos principios de justiça, que espontaneamente havia proclamado, fosse reduzida em cinzas por aquelles mesmos, que deviam ter o maximo interesse em conserval-a, dir-se-ia, que a moralidade tinha desaparecido da terra.

Suposto o conteúdo d'aquelle *ultimatum* como um estratagema inventado para aterrar o chefe inimigo, e obrigal-o a dobrar-se ás justas condições, que se lhe requeriam, cauzará grandissima maravilha sabendo-se que o individuo, que o excogitou, nem ao menos teve a paciencia de esperar o rezultado. Foi na noite do dia 18 de Maio, que o Cruz Ferreira partio para o bloqueio a tentar

nova fortuna, e n'essa mesma noite rezolveo o dictador abandonar os bairros do Recife e Boa-Vista intactos nas mãos dos realistas, e sem tocar um cabello dos que havia ameaçado. Os homens sensatos não souberam explicar tanta extravagancia: viam, que o exercito da Bahia ainda estava distante da cidade sete leguas, o bloqueio era impotente, os mencionados bairros, como a cidade de Olinda não davam o minimo simptoma em favor da monarchia, toda a guarnição parecia firme. « Si nenhuma fé merecia a pessoa, com quem se negociava (diziam elles) para que se lhe expedia pela segunda vez um agente? Porque avançar ameaças, que a razão e a humanidade reprovavam, e que não se tinha tido jamais intenção de executar, e de nem ao menos esperar, si intimidariam ou não?»

Na manhan do dia 19 todos os soldados estavam em armas nos quarteis com moxila ás costas, e os arnezes de viagem. Um grande numero de carros com os cofres do erario, e os petrexos de guerra, encaminhava-se ao palacio da Soledade, onde já ha muitos dias rezidia o governo; via-se todo este movimento, e ignorava-se o motivo precizo; a anciedade dos moradores do Recife era indescriptivel, o rumor das ameaças annunciadas ao commandante do bloqueio havia transpirado. Os prezos por opinião politica criam firmemente ser aquelle o ultimo dia de vida, que se lhes concedia, com as mãos juntas imploravam o auxilio da Mizericordia Divina.

Era passada a hora estabelecida no *ultimatum*, e nenhuma resposta chegava do bloqueio: a tardança confirmou ainda mais a rezolução já tomada. Os regimentos tiveram ordem de concentrarem-se no lugar da Soledade, e o general Paula recebeo instruções secretas, para que no dia seguinte metendo-se á testa dos destacamentos das fortalezas, destruidas as munições, e encravadas as peças, marchasse na retaguarda do exercito patriotico, que retirava-se. A's quatro horas da tarde d'esse mesmo dia 19 começaram a desfilar os soldados para a cidade de Olinda precedidos pela escolta, que protegia os carros já indicados.

Divizava-se por toda a parte o silencio da morte; a paixão violenta torna o homem estupido; marchavam

todos incertos, nenhum ponto determinado tinha sido escocolhido para fortificação e defeza: caminhava-se para o norte da provincia talvez pela consideração da fidelidade das duas principaes villas, Iguarassú e Goiana, na primeira das quaes achava-se ainda Jozé Mariano com a sua pouca gente. O dictador marchava a cavallo em frente das tropas com dois ajudantes de campo; dos membros do dissolvido governo provizorio via-se sómente o padre João Ribeiro Pessoa, que caminhava a pé com um saco ás costas e uma espingarda ao hombro; de perto com o mesmo trem o seguia o padre Pedro de Souza Tenorio. Dos conselheiros o dezembargador Antonio Carlos foi o unico, que rezolveo-se a acompanhar os que se retiravam, determinado a expor a vida pela cauza, que com predileção abraçara. Os demais tinham-se ocultado em suas cazas, uns esperando com estoicismo as afrontas e a morte, outros meditando engenhozo subterfurgio para evital-a. Ao escurecer da noite chegaram todos no engenho Paulista, não mui distante de Olinda, e ali aquartelaram.

N'aquella mesma hora desembarcava no Recife o Cruz Ferreira: foi forçada a sua tardança, elle tinha encontrado inalteravel dureza em Rodrigo Lobo, o qual debaixo do véo das ameaças percebeo a fraqueza do ameaçador, e isto bastou para que mais intratavel se mostrasse. Jogava uma cartada segura: si os bairros ameaçados fossem arrazados, eram os Brazileiros, que mais padeciam, era talvez este o seo voto. Pouco tambem lhe importava, que fossem mortos os prizioneiros apezar da identidade da Patria e de sentimentos, elle os considerava indignos, porque transigiram no dia 6 de Março. Si nenhuma das ameaças se realizasse e a cidade se rendesse, como presupunha, o seo zelo e firmeza receberia do monarca recompensa maior. Com esta dispozição todos os argumentos do agente deviam ser sem pezo, e sómente depois de inuteis esforços foi-lhe dada por escrito esta insignificante resposta:

« Tendo-me sido aprezentada a determinação em que diz estar o governador ora existente no Recife, tenho a participar-lhe, que em nada me atemorizam as suas ameaças; porém rogado pelo fiel vassalo de Sua Magestade,

o dezembargador Jozé da Cruz Ferreira, nomeado ouvidor da comarca do Sertão, convenho em que haja um armisticio até que o dito Sr. dezembargador possa chegar ao Rio de Janeiro a rogar a Sua Magestade, que perdôe aos rebeldes, que atropellaram o sagrado das suas sabias leis, pois que não é possivel, que um vassalo esteja autorizado para perdoar tão atrozes delictos, e *nem é meo modo de pensar*: portanto póde o governo apromptar uma das embarcações, que tem o porto para o sobredito dezembargador ir orar a El-Rei Nosso Senhor por todo o povo do Recife. Esta embarcação sahirá em lastro, que seja bastante para reger a vela, e logo que sair para a esquadra, eu lhe porei um commandante e parte da guarnição, trazendo aquella, com que sair, os mantimentos para a viagem, e pelo que pertence ao exercito de terra, não posso embaraçar, que elle se aproxime ao Recife, pois que obra debaixo de outras ordens; e o mais que posso fazer é o participar-lhe esta minha determinação, que não duvido, aceite. Comtudo não fico pelo rezultado; e cazo o governador com sua familia se queira retirar á côrte do Rio de Janeiro, convenho, que o faça, e lhe asseguro desde já a sua vida, comtanto que não haja a menor vingança com os desgraçados em prizão, e eu tome o commando da capitania, como já disse.»

Daqui vê-se claramente, que o dictador nada perdeo em não esperar pela decizão do seo *ultimatum*, e muito mais evidente aparece, quando foi elle irreflectido em envial-o. Aquella resposta era um afrontozo escarneo, um insulto digno da pessoa, que o proferia. Em ambigua fraze envolvia a sua negra perfidia, sem rebuço manifestava a ambição de commandar a capitania. O portador muito maravilhou-se de não encontrar a pessoa que o tinha expedido, mas não contristou-se.

CAPITULO XVIII

A autoridade real é proclamada no Recife sem opozição. Soltura dos prezos das Cinco-Pontas. Rodrigo Lobo desembarca e toma posse do governo da provincia. O marechal Cogominho ocupa a cidade com a sua tropa. Suicidio do padre João Ribeiro. Barbaridade commetida contra o seo cadaver depois de já sepultado. Dispersão dos republicanos, dos quaes muitos são prezos e embarcados para a Bahia.

Não dormiram n'aquella noite os Portuguezes; a retirada do governador com quazi toda a tropa os incitava a empreender descobertos o que ha muito tempo no recinto de suas cazas meditavam. O contentamento que sentiam era tanto mais forte, quanto menos esperado. A desaparição de um perigo, que cremos imminente, exalta a alma no mesmo grão de proporção em que jazia abatida; uma sensação extremoza não sucede a outra sem desconcerto.

Na madrugada do dia 20 de Maio os bairros de Recife formigavam de gente sem nome e sem patria intitulados realistas, pela mór parte desarmados; traziam arvorada a bandeira portugueza e furiozamente gritavam: Viva El-Rei Nosso Senhor e a sua real familia. A' vista d'esta scena mais excitava a compaixão do que o odio; parecia, que aquelles mizeraveis enfastiados da vida dezejavam a morte. As tropas disponiveis tinham-se retirado, mas não estavam mui longe da cidade; as fortalezas conservaram a mesmissima guarnição de soldados patriotas; qualquer provocação os autorizaria a commeter os estragos, que anteriormente se temiam, e nem o partido, qual então se aprezentava nas ruas, podia impor-lhes temor, um tiro de metralha o faria desaparecer instantaneamente.

Si assim não aconteceo, póde-se atribuir a cauza a profundo abatimento e não a vergonhozo conluio; porquanto os commandantes das fortalezas e as respectivas guarnições desprezavam cordialmente a xusma, que ora alçava a cabeça, para abaixarem-se a tramar com ella o damno

da Patria. E' claro, que faltou-lhes a devida coragem, e sem vontade coroaram com venturozo sucesso a revoltante ouzadia.

O estrondo dos gritos despertou o general Paula, que immediatamente mostrou-se em publico, mas não tal qual os patriotas o supunham; retirando-se do Recife esperavam, que elle fielmente executasse as instrucções, que lhe tinham sido dadas, e que antecedentemente referimos; contavam com a força das guarnições, que reunidas formariam um corpo de rezerva capaz de defender a retaguarda dos corpos, que já marchavam, e d'esta maneira proteger a retirada para qualquer ponto que melhor conviesse.

Parece, que aquelle general reflectio sobre a consequencia do procedimento de Domingos Teotonio, a futilidade do seo plano e a nullidade de esperança no abandono total do Recife; persuadio-se, que a sua vida e de toda a sua familia não poderia escapar ao exterminio, si persistisse nos sentimentos republicanos; lizongeou-se, que um assignalado serviço, qual era o de entregar a praça intacta ao delegado do rei, si não lhe désse um titulo á recompensa, concorreria ao menos para perdoar-lhe os actos já praticados.

Nas revoluções os factos marcham mais rapidos do que as idéas, os Portuguezes impacientes preveniram a obra d'aquelle general, e dest'arte diminuiram o seo maior merito. Aprezentando-se na rua, quando passava a multidão, e uniformizando-se aos seos gritos, o Paula ficou confundido, pois que era a mesma multidão, quem no momento imperava e quem primeiro havia dado o impulso. Todavia elle crê, que sempre ganharia abraçando os seos crueis inimigos, os quaes sentindo-se ainda fracos o toleraram e aplaudiram. Ufanos e vangloriozos encaminharam-se com elle á fortaleza das Cinco-Pontas, onde estavam ainda as personagens, que muito lhes interessava soltar; mas já bem diversa mostrava-se para com esses a fortuna, o empestado sorrizo da lizonja começava a circundal-os; o novo commandante da fortaleza, o coronel Luiz Francisco de Paula, logo que tomou o commando, tinha ido vizital-os em ton amigavel, deixou-lhes abertas

as portas dos carceres, prometendo que na manhan se guinte os deixaria sair livremente.

Preparava-se a cumprir o que havia prometido, quando foi avizado por uma sentinella, que multidão de gente armada dirigia-se á fortaleza com a bandeira portugueza arvorada. Certificando-se do facto, mandou immediatamente abrir o portão e facultar a todos o ingresso na fortaleza, içando com salvas de artilharia a mesma bandeira, que aquelles traziam. Os prizioneiros sahiram em triunfo, e foram rogados a tomar as redeas do governo da provincia.

Ao signal dado pela fortaleza das Cinco-Pontas correspondeo sem demora a do Brum, pouco depois a do Buraco; a do Mar e a do Bom Jezus seguiram o mesmo exemplo. Nenhuma rezistio; as salvas, na ocazião que içava-se a bandeira portugueza, indicavam aparentemente satisfação. Mas exceptuados os Portuguezes, que giravam em tumulto pelas ruas, não se encontravam ahi nem mesmo pretos; a mór parte das cazas estava cerrada; dos Brazileiros uns não ouzavam comparecer, outros tinham ido para o campo, temendo o excesso da violencia, que previam dever suceder.

Dos prizioneiros, que n'aquella ocazião foram soltos, o mais graduado em patente, que era o marechal Jozé Roberto, encarregou-se provizoriamente do governo. Os seos receios, como os dos seos compatriotas, não haviam cessado inteiramente; os bairros todos da cidade proclamavam a autoridade real, mas não possuiam os elementos suficientes para a segurança, e nem os Portuguezes confiavam nas guarnições das fortalezas, que ora em favor d'elles se mostravam; a tropa republicana, que tinha-se retirado, estava ainda no engenho Paulista, e supunha-se, que, informada do que se passava, desesperada retrocedesse e se vingasse.

Com a maior diligencia expedio o novo governador dois mensageiros, um ao commandante do bloqueio e outro ao general do exercito em terra; a ambos narrava o milagre da restauração sem omitir os inconvenientes, que rezultariam do retardo da força indispensavel para a continuação do milagre, ao primeiro, por estar mais

proximo ao Recife, recommendava em particular a vir tomar posse do governo em nome de Sua Magestade Fidelissima.

Exultou Rodrigo Lobo com o recebimento d'essa faustissima nova; sem fadiga tocava a meta do seo ardente dezejo; no instante haveria desembarcado, si não desconfiasse da mesma facilidade da coiza. Era tão extraordinario o procedimento do partido republicano, que qualquer outro de caracter menos timido que aquelle vice-almirante, não poderia deixar de suspeitar, e por conseguinte acautelar-se. Elle enviou alguns dos seos oficiaes de marinha e exigio como condição essencial do seo desembarque, que a esse fosse entregue o commando das fortalezas; primeiro galardão oferecido á volubilidade.

Submissos obedeceram os commandantes, e reputaram-se felizes em não serem logo encarcerados ali mesmo. Os oficiaes de marinha empossados desfizeram-se das guarnições brazileiras, desarmando os soldados e licenciando-os. A rendel-os entraram os Portuguezes, bem que ignorantes do serviço militar: eram porém da raça predilecta, apregoavam-se verdadeiros realistas, e com este titulo a preferencia era indisputavel.

Executada a condição requerida, desembarcou o Lobo a sua gente compunha-se da maruja dos navios, que bloqueiavam o porto. Ao desembarque vieram recebel-o festivos os prizioneiros, que tinham sido soltos; dos Pernambucanos distintos nenhum compareceo. Foi conduzido á rezidencia dos capitães generaes, e começou a expedir ordens para a segurança da sua pessoa e da cidade.

Persistiam sempre as cicunstancias expendidas pelo marechal Jozé Roberto, o temor não se desvanecia: as tropas da Bahia achavam-se ainda sete leguas distante do Recife, e sabia-se, que os soldados fieis estavam na mesma pozição do engenho Paulista. Novo avizo foi enviado ao Cogominho, para que solicitasse a sua vinda, da qual dizia-se depender a consolidação da boa ordem. Vãos receios! temor futil! A republica havia perecido, e com ella o espirito patriotico.

Era a primeira vez, depois de uma longa série de annos, que os oficiaes e soldados de Pernambuco deixavam

as suas cazas, mulheres e filhos; e deixavam todos estes sacrosantos penhores com a triste certeza, que cahiriam nas mãos de inimigo não generozo; partiam não para conquistar gloria em batalha arranjada, mas para subtrair-se ás perseguições d'aquelle mesmo inimigo. Esta lembrança os acabrunhava, iam em busca de um ponto, onde reconcentrados podessem esperar sorte menos dura: este ponto porém era tão duvidozo, dependia de tantos concursos favoraveis, que já não era possivel esperar.

Todavia os animos pareciam dispostos a tentar as vicissitudes da fortuna; a esperança é o ultimo bem, que se perde. Passou-se a noite n'este combate moral: no dia seguinte preparavam-se a continuar á viagem, quando foi ouvida a detonação de tiros de peças, que vinham da parte do Recife. Nova diversidade de pensamentos: uns criam, que os realistas festejavam a retirada das guarnições, outros julgavam ser um ataque por aquelles emprehendido contra as fortalezas; uns dezejavam voltar para ajudarem os seos camaradas; outros opunham-se, dizendo que na duvida o acto mais razoavel seria permatecer em armas, emquanto não chegava informação circunstanciada, á vista da qual se tomariam as medidas mais oportunas. Esta opinião prevaleceo.

Voam as noticias desagradaveis, souberam bem depressa os patriotas o que não dezejavam saber, a voluntaria cessão das fortalezas, e as mais circunstancias, que haviam ocorrido. Um raio cahido de improvizo aos pés do solitario viajante não o deixa mais atonito, do que ficaram os mizeros, que escutaram o relatorio d'aquelle cazo. Em todo o campo não sentio-se o alvoroço, que a realidade inesperada de grande infortunio naturalmente suscita; chefes, oficiaes e soldados, sem proferirem palavra, entraram nos seos alojamentos.

Domingos Teotonio e outros oficiaes mais comprometidos perceberam todo o horror da situação, em que se achavam; aquelle ultimo procedimento das guarnições do Recife veio acrescer-lhes muito mais a desconfiança. Ajuntaram-se em conselho, e nada poderam combinar: a agitação do animo entorpece a faculdade intellectual.

Para qualquer lado, que giravam os olhos, não viam sinão perigo dificil de superar-se, concordavam as suspeitas, que os soldados, que ora os rodeavam, não tardariam a abandonal-os, e que, talvez para justificarem-se, não duvidariam garoteal-os, e entregal-os nas mãos dos delegados do rei. E' o que acontece ao homem, a quem a constante adversidade persegue: tudo vê em negras cores, considera, que já não existe sobre a terra um ente, que da sua sorte se condôa.

D'esta idéa fixa deduziam, que o unico meio de salvação era a oculta e immediata fugida: mas ponderaram, que este meio aprezentava grande embaraço; unidos não podiam caminhar, porque mais facil seria a descoberta, e nulla a defeza em razão do pequeno numero comparado com aquelle que os perseguiria; divididos havia alguma probabilidade de poder sinão todos ao menos um ou outro evitar a perseguição. A probabilidade antolha-se como certeza nos cazos desesperados. Elles por tanto rezolveram subtrair-se quanto antes á prezença dos soldados, e cada um em trajes desconhecidos seguir a vereda, que mais adaptada parecesse.

O padre João Ribeiro assistia imperturbavel a essa sessão, procurando inspirar a aquelles amigos a calma da sua alma bem formada. Abandonando a cidade com a tropa, não foi a sua intenção evitar a crueldade dos realistas; vinha tomar parte nos perigos a que via exposto tantos cidadãos benemeritos, e no mesmo tempo confortal-os. Quando ouvio a rezolução da fugida vergonhoza, e certificou-se, que era abraçada, perdido o resto de esperança, que até então nutria de ver mais tarde a republica triunfante, enfastiado dos homens, desgostoso da existencia, determinou finalizal-a. Comsigo trazia uma porção de veneno; a este recorreo sem efeito: parece, que a Providencia comprazia-se em manter tão precioza vida, e que fôra compellida a ceder na luta do homem renitente; elle lançou mão de uma corda, e ligando-a ao pescoço, expirou.

Emquanto o mais sincero dos republicanos furtava-se de tal modo ao medonho porvir, que justamente havia concebido em respeito á dilaceração da Patria, os outros

no ardor da salvação individual aproveitavam as trevas da noite para escaparem sem ser presentidos. Domingos Teotonio, Jozé de Barros Lima, Pedrozo, Antonio Henrique e o padre Tenorio, deixaram juntos a caza do engenho Paulista, e pouco depois separaram-se.

Na manhan seguinte descoberta a fuga, rompeo o tumulto: os soldados quebravam as armas, destruiam as munições de guerra, e iam arrebentar os cofres e apoderar-se do dinheiro nacional, que os fugitivos escrupulozamente haviam respeitado, si o capitão Manoel de Azevedo não lhes fazia sentir o oprobrio indelevel, que recahiria sobre os Pernambucanos, si similhante atentado fosse posto em execução. Debandaram-se todos juntamente com a oficialidade, e sómente alguns, doceis ao conselho d'aquelle capitão, escoltaram os mesmos cofres ao Recife, onde entrando os depozitaram intactos nas mãos da competente autoridade.

Daqui começa a série lacrimoza dos nefandos actos de barbaridade praticados contra os infelizes patriotas de Pernambuco. Entrava no Recife o marechal Cogominho com toda a sua tropa, quando appareceo ali a escolta, que acompanhava os cofres, e trazia a importante noticia da debandada total dos seos camaradas. *Sangue, sangue*, foi a palavra de guerra, que desde aquelle instante repetiram em alta voz os defensores da monarchia absoluta; elles que até então não reputavam-se seguros dentro das muralhas das fortalezas, ora corriam ao abandonado campo do engenho Paulista a recolher os despojos, e prender os soldados patriotas, que encontrassem desgarrados.

Além d'esta tarefa outra assás vil e indigna emprehenderam. O proprietario daquelle engenho, logo que a tropa republicana auzentou-se, fez sepultar o corpo do infeliz padre João Ribeiro na capella do mesmo engenho. N'este sacrosanto azilo da morte não foi respeitado o morto: aquelles esfaimados tigres, não podendo beber-lhe o sangue já exhausto, lançaram-se sobre o cadaver para devorar-lhe a carne, e carne podre; e desenterraram, o mutilaram, separaram a cabeça do tronco, e com ella entraram exultantes no Recife. Depois de passarem pelas

ruas mostrando-a com escarneo, a depozitaram no pelourinho por ordem de Rodrigo Lobo.

Tanto odio contra um cidadão, que em todo o decurso da sua vida não havia cessado de dar clarissimo exemplo de moderação; tanta barbaridade contra um ecleziastico, que, si não possuia as virtudes do estado monacal, distinguia-se pela rigoroza observancia dos deveres religiozos e civis, e que constituido em um posto, onde podia fazer grande mal, não fez sinão o bem, que a sua consciencia lhe dictava sem diferençar partido ou raça, é inexplicavel, e confirma a triste verdade: que os homens mais virtuozos são ordinariamente os mais maltratados n'esta vida.

As prizões foram a ordem do dia: o primeiro prezo foi o general Paula, que com cega confiança continuava a rezidir publicamente na cidade; seguiram os demais, que ahi se achavam, esmerando-se os zelozos aguazis em apoderar-se logo dos que mais tinham-se dado a conhecer pelo seo patriotismo, ou cargo. Os ultrajes eram inseparaveis das prizões: contra o venerando ancião, pastor da egreja de S. Pedro Gonçalves, Jacome Bezerra, alçaram mãos sacrilegas.

Quando o governo do Rio de Janeiro expedio Rodrigo Lobo a bloquear os portos de Pernambuco, não podia lizongear-se, que o movimento revolucionario operado com tanto impeto n'aquella provincia fosse quazi instantaneamente detido, e facilitasse sem contraste o desembarque do seo reprezentante. N'este suposto, instruindo-o a commeter hostilidades, e a semear a divizão, não o havia autorizado a erigir tribunal, que sentenciasse os réos. Muito menos podia o Cogominho, sendo delegado de autoridade subalterna. Os carceres das Cinco-Pontas estavam já cheios de patriotas; a necessidade de local para recolhimento de outros recomendava ao novo governante, que d'aquelles se desfizesse: elle os embarcou para a Bahia na corveta *Carrasco*.

Os realistas doiam-se do roubo, que se lhes fazia com a remessa d'aquellas victimas á distante carnificina, onde era-lhes vedado o prazer de assistir a agonia dos moribundos condemnados. Alguns dos mais impudentes

foram a bordo d'aquella embarcação manifestar tão barbaro sentimento em prezença dos desgraçados, que ahi jaziam. Jozé Luiz de Mendonça recebeo n'esse ultimo momento irrefragavel prova da ingratidão de taes amigos; elle, que com desvelo os havia protegido, foi entre os demais prezos, quem maiores vilipendios suportou. Os Pernambucanos recordar-se-ão sempre com horror de um Portuguez, que n'aquella ocazião sobrepujou em infamia; seo nome não merece a honra da publicação.

Segunda vez entulham-se os carceres, e de repente despejaram-se com outra remessa para a mesma cidade da Bahia. A tirania refinava em tormentos. Embarcaram-se os primeiros prezos seguidos simplesmente por uma escolta de soldados bahianos: os segundos, antes de sahirem da prizão, foram atados com cordas nos braços por expressa vontade de Rodrigo Lobo. O Pedrozo e Jozé Mariano tinham sido agarrados na fuga, e transportados á cadêia do Recife. O dezembargador Antonio Carlos, ou por aversão ao esconderijo, ou por desconfiança da fidelidade da pessoa, em cuja caza abrigara-se, voluntariamente tinha ido recolher-se a cadêia de Iguarassú, donde o remeteram para a fortaleza das Cinco-Pontas. A estes trez individuos conjuntamente com o padre mestre frei Joaquim Caneca, contra os quaes a raiva dos realistas era mais aceza, em vez das cordas coube a distinção de pezada corrente de ferro ao pescoço.

Com a cabeça descoberta aquelles quatro individuos precediam a marcha dos outros, que em fila caminhavam rodeados por um forte destacamento; a muzica militar os acompanhava afim de convidar com o seo son todas as classes da povoação a serem testimunhas da lugubre procissão. O pranto das espozas, dos filhos, dos parentes d'esses prezos, era o canto de gloria, que ouviram com deleite os promotores do espectaculo.

Depois de correrem assim as principaes ruas do Recife, chegaram ao brigue *Mercurio* destinado para transportal-os. N'esta embarcação estava ainda rezervado para aquelles patriotas durissimo tratamento. Foram todos encerrados no fundo do porão: grilhões aos pés substituiram as cordas, que nos braços traziam; uma

gargalheira, atando estreitamente o pescoço de cada um com as duas pontas cravadas no pavimento, obrigava todos a permanecerem deitados sem outro leito fóra das alcatroadas taboas do mesmo porão. Trez sentinellas armadas de baioneta e xibata, velavam continuamente, prohibindo não só a communicação da palavra como o desafogo dos gemidos. A sêde augmentada pela qualidade do alimento salgado, que era excluzivamente subministrado, não podia ser saciada sinão por uma só medida d'agua em todo o dia; como si aquellas sentinellas não bastassem para a rigoroza vigilancia, de hora em hora vinha um inspector, que diligentemente examinava, si os ferros tinham sido limados. O somno, refrigerio dos aflictos, era de tal modo disputado por aquelles deshumanos algozes. Leitor, aprende como são tratados os vassalos de um rei absoluto!

CAPITULO XIX

Desembarque dos prezos na Bahia. Trez dentre estes são ali fuzilados por sentença da commissão militar. Sevicias praticadas na prizão. Luiz do Rego Barreto mandado do Rio de Janeiro com tropa toma posse do governo de Pernambuco. Caracter d'este governador. Seo modo de governar.

Os ventos commoveram-se á vista de tanto padecimento, sopraram bonançozos contra os votos dos padecentes que prefeririam uma furioza borrasca para os submergir na profundidade dos abismos. A morte é cordialmente apetecida, quando a vida é um continuo martyrio. Depois de quatro dias de navegação ancorava no porto da Bahia o brigue *Mercurio*, sem que finalizassem os tormentos dos prizioneiros, que foram n'elle transportados. Com breve viagem tinha já chegado no mesmo porto a corveta *Carrasco*, pela qual souberam os Bahianos o complemento da desgraça de Pernambuco, e souberam com prazer ao menos exterior. Ribombaram as fortalezas com salvas, fizeram-se fogos d'artificio, á noite todas as cazas da cidade foram illuminadas, o nome do Conde dos Arcos voava de boca em boca, era aclamado o salvador

da monarchia, as maiores honras que o rei e vassalos podiam conferir-lhe julgavam-se inferiores ao seo incomparavel merito. Os prezos não desembarcaram de dia, como a gentalha dezejava, mas sim depois da meia noite, e ainda a essa hora muitos d'aquella féze giravam para os insultar, cantando em alta voz :

Bahia é cidade,
Pernambuco é grota,
Viva Conde d'Arcos,
Morra o patriota.

Antes do desembarque foram todos acorrentados, á excepção de Domingos Jozé Martins, que tinha vindo na mesma embarcação, Jozé Luiz de Mendonça, o padre mestre Miguel Joaquim de Almeida Castro, o doutor Caldas e o deão de Olinda, que algemados caminhavam separados, indicando de antemão a sorte que sobre elles já se havia lançado. Estava em armas toda a guarnição da cidade, e parte marchou com tóxas acezas para conduzir os desembarcados á cadêia, onde entrando pareceo-lhes entrar no inferno, e que todas as legiões de demonios preparavam-se para recebel-os. A luz opaca de um velho candieiro, que apenas mostrava o ingresso d'aquella medonha caverna, reflectindo sobre os diversos objectos em roda, prestava-lhes mais lugubre aspecto ; o estrondo das portas ferradas, que abriam-se e fechavam-se ao mesmo tempo, o rumor das correntes que preparavam-se como mais pezadas para troca das que foram trazidas de bordo da embarcação ; os gemidos mandados da enxovia pelos escravos ahi detidos e que todos os dias eram barbaramente açoitados ; o empestado fedor da nojenta cloaca amalgamado com o fumo que exhalavam os cornos em que trabalhavam alguns dos velhos encarcerados mais diligentes ; tudo concorria para alterar a imaginação já assás debilitada pelos actos violentos anteriormente praticados.

Os mizeros Pernambucanos volviam os olhos procurando encontrar um semblante que désse ligeiro signal de compaixão, e não descobriam sinão serpentes revestidas

de carne humana: o carcereiro Antonio Jozé Corrêa com o seo ajudante e dois negros exercitados nas funções de algozes os recebia, vomitando com os licôres de que sempre se embriagava, injurias que o mais vil arreeiro envergonhar-se-ia de repetir. *Eu sou Portuguez, sou o governador d'este castello* (dizia elle entre outras muitas sandices) *e quero ser o carrasco para enforcar hoje mesmo a vós todos, infames rebeldes.* Pronunciava taes ditos, esgrimindo uma espada desembainhada.

Os cinco prezos que vieram separados, separados ficaram em um quarto da mesma cadêia até o amanhecer do dia, tempo em que foram levados ao palacio do capitão general, onde achavam-se congregados os membros da commissão militar. Nenhum d'elles esperava salvar a vida, e não obstante, como o estimulo da defeza não abandona jámais o homem emquanto respira, cada um tratou de minorar a gravidade do delicto, protestando não terem sido conspiradores; que acharam-se envolvidos nos vortices da revolução pela força irrezistivel das circunstancias. Domingos Jozé Martins defendia-se allegando em testimunho da verdade, que asseria, a submissão, com que havia obedecido á ordem de prizão no dia em que as tropas revoltaram-se e vieram soltal-o; o Dr. Caldas e o deão de Olinda, além das razões dadas pelos demais, escogitaram outra, que felizmente lhes veio ao pensamento. O primeiro dizia ser evidente, que os Pernambucanos insurgiram-se para livrarem-se dos Portuguezes, a quem sempre odiaram, e que, sendo elle natural de Portugal, não podia ter tomado parte voluntaria na insurreição; e si chamado a servir como conselheiro não recuzou, foi acto forçado de temor. O segundo referia como prova clara da sua inalteravel adhezão ao governo monarchico a dispozição da sua ultima vontade expressa em testamento legal feito no tempo da proclamada republica, instituindo herdeiro universal de todos os seos bens o rei de Portugal e do Brazil.

Concluido o vão formulario uzado n'aquelle tribunal, passaram os réos outra vez á cadêia. Poucos minutos depois compareceo o juiz relator, e leo a sentença, a qual condemnava á morte natural com infamia todos cinco, suspensa

a execução nas pessoas do Caldas e do deão, que, atenta a especioza razão allegada e o pezo dos annos que já os curvava, eram recommendados á clemencia soberana. Introduzidos no oratorio, os trez infelizes passaram a noite entre os espasmos da morte; a religião só elevando-lhes o espirito aos céos, dava-lhes o conforto, que a terra recuzava. Na manhan do dia seguinte, revestidos de alva com corda ao pescoço, algemados, pés descalços, a cabeça descoberta, no meio de uma escolta de soldados caminharam tranquillos ao Campo da Polvora, onde, apenas expiraram, a homicida soldadesca entoou os prescritos vivas ao rei, em cujo nome commetiam-se os assassinios. Ao sair da cadêia o Martins, voltando-se aos soldados, lhes disse: Vinde executar as ordens do vosso sultão; eu morro pela liberd... A mão de um frade, tapando-lhe a boca, não deixou acabar a palavra.

Quando no porto da Bahia deo fundo o brigue *Mercurio*, os desapiedados guardas communicaram essas noticias aos prezos, que ali vinham, augurando-lhes igual sorte. Cada um assim pensou, e especialmente os quatro, que antes de embarcarem-se em Pernambuco tinham sido com distinção mais oprobrioza assignalados: um d'entre estes, o dezembargador Antonio Carlos, sem perder a coragem, que lhe era congenita, voltou-se ao autor d'esta historia, que lhe estava ao lado, e disse-lhe: « Amigo, os meos dias são contados; tomae este relogio d'ouro: vós talvez tornareis á vossa patria. Quando realizar-se essa fortuna, que cordialmente vos dezejo, tratae de remetel-o a meo irmão o coronel Martim Francisco, dizendo-lhe que é tudo quanto me resta; que elle o receba e conserve como penhor do extremozo amor, que lhe consagro. » A hora do desembarque e a condução dos prezos á cadêia foi conforme ao que antecedentemente tinha-se praticado com os primeiros desembarcados.

A maior sala d'aquella cadêia estava já cheia, e ainda que não estivesse, não deveria servir para as novas victimas: era uma consolação abraçar os companheiros de infortunio; o calculo da tirania se opunha. A sala do oratorio, angusta para tantos individuos, foi julgada larguissima pelo carcereiro, que a todos ahi amontoou, trocando-lhe

as correntes que traziam por outras mais pezadas, com as quaes os ligou ao pavimento, onde permaneceram quazi immoveis por alguns dias. Parecia ouvir-se ainda a voz dos trez padecentes, que pouco antes n'esse mesmo hediondo recinto tinham-se preparado a bem morrer; o sota-carcereiro apontava com escarneo o lugar onde para aquelles foram postos trez leitos, e contava, que o padre-mestre Miguel Joaquim rejeitou o que lhe tocava, preferindo repouzar sobre os degráos do altar para melhor chorar os seos pecados.

Muito mais duro tratamento foi rezervado ao Pedrozo, Jozé Mariano e Antonio Carlos: estes, logo que chegaram á cadêia, foram separados e metidos cada um em estreito segredo, um verdadeiro sepulcro, no qual não se penetrava sem luz em todo o decurso do dia; e como si não bastasse um tal suplicio para os privar da vida lentamente, os despiram dos vestidos que sobre o corpo traziam, e inteiramente nús ali os deixaram com grilhões aos pés e correntes ao pescoço. Aquella separação augmentou a consternação dos demais companheiros, que creram como certo serem os trez separados conduzidos immediatamente ao patibulo. Tudo era envolvido em misterio, tudo terror.

Finalmente, depois de alguns dias, penetrou um escasso raio de luz. O Antonio Carlos, percebendo o vil caracter do guarda, em cujas mãos a sorte o tinha feito cair, prometeo-lhe dar o relogio já depozitado, si lhe restituisse a roupa, da qual tinha sido despido. Aceita a promessa e executada a condição, veio o recebedor exigir do depozitario o don prometido, dignando-se annunciar-lhe que os trez separados viviam, e nem era provavel, que tão cedo morressem.

Outras revelações, outros commodos seriam comprados a pezo de ouro, si os encarcerados o possuissem: via-se claramente, que a exaltada lealdade do carcereiro e dos seos satellites não saberia rezistir ao incentivo da corrupção: elles bem que tivessem passado revista ás bolsas dos Pernambucanos, fingindo examinar si n'ellas existiam instrumentos de ferro e apoderado o pouco dinheiro que acharam, impudentemente inquiriam, si traziam oculta

alguma outra somma. Enganados n'esta esperança, trataram de ressarcir-se á custa do alimento que subministravam. O capitão-general da provincia havia estabelecido, que da fazenda publica fossem dados para a despeza diaria de cada um dos prezos de estado duzentos réis, somma que reunida bastava para conveniente sustento. Entretanto o carcereiro incumbido da administração d'este ramo uma só vez no dia fazia distribuir aos desgraçados limitada porção de carne, quazi sempre putrefacta, envolvida em pouca farinha. Traziam este alimento negros escravos acorrentados, semi-nús, com o corpo ulcerado e vertendo ainda sangue por continuos açoites. O leitor desculpar-me-á, si desço a taes particularidades; o horror que ainda sinto não me detem a penna.

Quando os prezos embarcaram-se em Pernambuco, as suas familias enviaram ás respectivas embarcações bahús com roupa, para que lhes fossem entregues. Não se lhes communicou jamais a noticia de tal remessa ; a crueldade por um refinamento inaudito reteve na alfandega aquelles bahús. Por este motivo viam-se tantos respeitaveis cidadãos privados não só do ordinario alimento, como de uma simples camiza para mudar a immunda e esfarrapada, que apenas cobria-lhes os descarnados ossos. A barba e as unhas cresciam com a poeira, porque faltava a agua necessaria, e tocar em navalha, tezoura, faca, ou garfo, era delicto imperdoavel. Nojentos vermes devoravam a pelle d'aquelles mumias viventes ; a morte começou dezimal-os ; e si alguns sobreviveram, deve-se atribuir á graça inefavel da omnipotencia divina.

Lamentar-se era indicio de rebelião ; um bom velho digno de atenção por muitos titulos, o tenente coronel de milicias Pirá, porque um dia impacientado queixou-se, foi arrastado a um dos horriveis segredos, onde expirou. Não permitia-se a pratica dos actos religiozos nem aos mesmos moribundos, os quaes no instante, em que exhalavam o ultimo suspiro, eram transportados ao cemiterio dos escravos, e ahi enterrados.

Entre os facinorozos remetidos de Portugal aos carceres do Brazil para passarem ao depois á costa d'Africa em execução de sentença, o carcereiro escolheo dois dos

que se achavam na sua cadêia mais cobertos de crimes, e os postou nas duas salas, onde estavam encerrados os patriotas, para que os espiassem, reprimissem, e denunciassem. Assim homens de illibada conducta eram entregues a direção de scelerados, que a sociedade justamente havia rejeitado do seo seio. O modo, com que desempenhavam o encargo confiado, conformava-se em tudo ao proprio caracter. A insolencia, a impudencia, eram os menores vicios d'aquelles guardas.

De tanta mizeria nenhum Bahiano mostrou-se compadecido nem ao menos indirectamente; temiam o alito dos infelizes, como si fossem empestados, negavam a amizade, sufocavam os mais suaveis movimentos do coração, para não excitarem a desconfiança. Mas para honra da humanidade veio o fragil sexo com nobre coragem confundir o denominado fórte: virgens bahianas, segregadas do mundo por amor da perfeição evangelica, sem pretenção aos estudados elogios dos aduladores, sem outra esperança de recompensa além da satisfação do bem praticado, apenas ouviram no fundo dos seos venerandos claustros os gemidos dos afflictos, não hezitaram em requerer ao Conde dos Arcos permissão de dividir com os pobres famintos a porção de pão, que lhes tocaua. A virtude em supremo grao força ao respeito o homem mais viciozo. Aquelle governador não soube rezistir-lhes, a obra de mizericordia foi executada, d'ella gozaram dois irmãos do defunto Martins, Joaquim e Francisco, Jozé Alexandre Ferreira, o Morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto, e seos dois cunhados, e tambem dois religiozos carmelitas frei Joaquim do Amôr Divino, e frei Jozé Maria Brainer.

Uma freira do convento da Soledade beneficava os dois primeiros, que lhe eram conjuntos por parentesco; as senhoras D. Roza e D. Candida pertencentes ao convento do Desterro, socorriam os restantes. De bôa vontade todas prestariam o mesmo caritativo oficio, si podessem dispôr de iguaes meios: mas si estes faltavam, superabundavam o espirito de devoção, unanimes não cessavam de alçar os braços aos céos, suplicando a conservação da precioza vida de tantos Brazileiros, que, si

haviam pecado, fôra por defeito de entendimento e não por maldade de coração. O amor da Patria as abrazava, eram puros os votos, o soberano doador da liberdade devia comprazer-se em ouvil-os.

O quadro, que contemporaneamente expunha-se á vista em Pernambuco, não era menos espantozo: era quadro de sangue, de mizeria, e de vilipendio. No principio narrei a impressão gravissima, que a inesperada noticia da revolução produzida na côrte do Rio de Janeiro, e que ahi passando-se da inveterada inercia á infatigavel actividade, foram expedidos como por encanto os vazos de guerra para o bloqueio dos portos de Pernambuco, emquanto outros aparelhavam-se para o transporte das tropas de embarque. Na xusma dos pretendentes, que vinham continuamente de Portugal solicitar empregos n'aquella côrte, figurava um militar por nome Luiz do Rego Barreto, que na ultima guerra da Peninsula contra a França havia mostrado coragem sem discernimento, e no tropel das promoções tinha sido elevado ao posto de brigadeiro. A sua ambição não estava ainda satisfeita. Este oficial tinha-se cazado com a filha de um valido do Sr. D. João VI; com tal proteção tudo era facil; a ocazião não podia ser-lhe mais propicia, a fama de bravo o apontava adaptado para exterminar os Perpambucanos: o rei portuguez o acolheo como seo braço direito, o elegeo governador e capitão general de Pernambuco, autorizando-o na qualidade de *alter ego* a pôr-se á testa da expedição já prompta e com ella commeter impune todos os atentados.

Dois batalhões de infantaria, um esquadrão de cavallaria, parte do regimento de artilharia com um correspondente parque, foram postos á dispozição do novo capitão-general. O governo do Rio de Janeiro conhecendo a insuficiencia d'essa força para subjugar a pretendida rebelião, obrigava o chefe da expedição a tocar primeiro na Bahia para ahi receber do Conde dos Arcos o maior reforço possivel, e concertar o plano de campanha. Tratava aquelle governo de esmagar no momento os Pernambucanos com armas brazileiras, entretanto que de Portugal fazia vir com a maior celeridade todas as tropas

disponiveis para acabrunhar os Brazileiros em geral, como pouco depois executou, pondo nas principaes provincias guarnições d'aquella gente reputada *fiel*. A justiça do Altissimo sempre recta havia decretado, que em devido tempo a Bahia resentisse mais intensamente o efeito immediato d'aquelle iniquo projecto.

Quando no porto d'essa provincia deo fundo a corveta *Carrasco*, já achavam-se ahi ancorados os navios da expedição do Rio; o chefe, que a commandava, não cria o que ouvia; para convencer-se correo á mencionada embarcação. Desgraçadamente não era um sonho: divizou os infelizes acorrentados, e em sua raiva susurrou o terrivel vocabulo *traidores*; com gesto desconcertado, e vesgo modo de olhar, dava a perceber a dor, que sofria em ver sobre a sua meza no banquete, que intencionava dar aos seos dignos satellites, as cabeças d'aquellas victimas; invejou a fortuna do Conde dos Arcos. Para não ser inteiramente privado da apetecida iguaria, elle fez-se á vela para Pernambuco no dia seguinte, deixando o esquadrão de cavallaria, que ora tornava-se inutil.

Em 29 de Junho do mesmo anno 1817 desembarcou Luiz do Rego Barreto no Recife; com a sua vinda augmentou-se o terror, afecção vil, que mais degrada o homem, fazendo pensar que com repetidas baixezas póde melhorar a triste condição. Foi recebido com jubilo e recompensou com o escarneo. Por sua ordem foram logo sequestrados todos os bens dos prezos, dos quaes as innocentes espozas e filhos ficaram igualmente expostos aos horrores da mendicidade. A commissão militar pôz-se em permanencia. O azilo do Antonio Henrique foi descoberto; tinha sido o mais fervorozo dos republicanos, devia ser o primeiro immolado. Na prezença d'aquelle tribunal elle não mudou de côr, não defendeo-se, gloriou-se dos seos feitos, confessou claramente os seos principios, e desafiou a morte. A sua intrepidez espaventou os juizes; a sua constancia, e serenidade no cadafalso enterneceo o mesmo algoz, preto encanecido no ludibriozo oficio: antes de estreitar a corda ao pescoço, pedia ao padecente mil perdões; aquelle amorozamente o abraçava, e penetrado de entuziasmo exclamava pela ultima vez: *Viva a Patria*. A sua cabeça

mutilada foi exposta na ponte do Recife, e ahi consumida pelo tempo.

Na semana seguinte outras trez victimas foram conduzidas ao mesmissimo suplicio: eram o padre Pedro de Souza Tenorio, Jozé de Barros Lima, e Domingos Teotonio; todos trez tinham sido atraiçoados em seos escondrijos. A lealdade é rarissima na perseguição. O Tenorio, prevendo que lhe seria impossivel afrontar com heroismo a morte ignominioza, que se lhe preparava rezolveo suicidar-se. Não podendo por falta de meio violento executar essa rezolução, obstinou-se em rejeitar os alimentos, preferindo assim muito mais doloroza morte. A rigida abstinencia produzio febre, esta o sustentou. Luiz do Rego informado apressou a commissão, perante a qual obrigou o enfermo a comparecer em estado cadaverico. Este estado, produzindo debilidade mental, o fez saltar a barreira da defeza natural; elle disse:

« Ser injusta a parcialidade, com que o tratavam, pois, que si merecia a pena de morte por ter sido ajudante do secretario do governo provizorio Jozé Carlos Mairink, que pena merecia o mesmo secretario? Entretanto achava-se este solto, e exercitando o emprego que antes e depois da revolução ocupára; a prizão do juiz de fóra de Goiana ter-lhe sido commandada, e coadjuvada por todo o povo da sua parochia, a quem esse juiz tinha-se tornado insuportavel. »

Os outros dois prezos defendiam-se do melhor modo, que podiam: nenhuma desculpa era valida; a sentença de morte por mão do algoz estava já lavrada, antes que elles comparecessem; a sofreram sem imitar o inflexivel Antonio Henrique. Sómente o Domingos Teotonio do alto da forca pronunciou com acento dolorozo estas palavras:

« Meos patricios, a morte não me aterra, aterra-me a incerteza do juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra idade, elle é vosso; não o abandoneis, ensinae-lhe o caminho da virtude e da honra. »

Ia continuar ainda a falar, quando o carrasco o sufocou. Depois de mortos, as suas cabeças e mãos foram distribuidas em varios lugares, suspensas em altos postes, e patentes ao publico em estado de putrefação. Itamaracá

vio a do seo infeliz paroco, que depois de morto foi ligado á cauda de um cavallo, e arrastado pelas ruas do Recife. Eram os amigos do trono e do altar, que commetiam tanta impiedade.

A provincia da Parahiba tinha sido a primeira, que seguio o impulso patriotico de Pernambuco; sobre ella não podia o reprezentante do rei de Portugal deixar de descarregar promptamente a mão de ferro. Por sua ordem foram conduzidos ao Recife os mais illustres patriotas, que ali já estavam encarcerados. Em poucos dias cessaram de viver o coronel Amaro Gomes Coutinho, o cavalleiro Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, o padre Antonio Pereira, os tenentes-coroneis Silveira e Jozé Peregrino de Carvalho, todos condemnados á forca com mutilação da cabeça e mãos para a barbara expozição nas estradas d'aquella provincia. O ultimo d'estes padecentes contava apenas vinte annos de idade: a sua infancia, o posto subalterno, que exercitou na revolução, a sua conducta moral sem reprehensão, moveriam os membros de outro qualquer tribunal ao menos a recommendal-o á clemencia do soberano. Mas a mocidade virtuoza é quem mais inquieta os tiranos; aquelle joven dava de si optimas esperanças, a sua existencia devia parecer perigoza. Seo mizero pae, que tinha sido tambem transportado ás prizões do Recife, o vio partir para a forca, e pôde ainda sobreviver á dôr e aos remorsos.

Da commissão militar passavam os juizes á sala do jantar, que Luiz do Rego lhes oferecia, e todos ahi procuravam comprimir nos licores, que copiozamente bebiam, o grito incessante da consciencia. A noite elles dedicavam aos assaltos de cazas honestas, onde o pudor virginal e a fidelidade conjugal eram postos em dura prova. A extorsão dos dinheiros particulares a titulo de proteção era um commercio rezervado aos agentes subalternos d'aquelle governador, sempre criminozo; porque si não commandava o delicto, o permitia.

Por ordem vinda do Rio de Janeiro foi suspendida a carnificina para ser manejada por juizes togados, os quaes procrastinando os tormentos déssem a aparencia de justiça. O ministerio nomeou uma alçada composta de quatro

membros, dois dezembargadores do paço e dois da caza da supliçação, todos quatro Portuguezes ; o mais velho e o mais surdo ás vozes da piedade, um certo Bernardo Teixeira, era o prezidente.

Não agradou ao arbitro das vidas dos Pernambucanos aquella inesperada suspensão do exercicio, que mais ambicionava : para não cessal-o inteiramente ordenava de quando em quando, que fossem açoitados na grade da cadêia os mesquinhos patriotas de côr. Até então este degradante castigo não tinha sido inflicto sinão aos pobres escravos ; ora os forros o suportavam. Um preto, alferes de milicias, com patente confirmada pelo rei, sofreo o indicado castigo, falsamente imputado de ter proferido algumas palavras mais soltas contra a raça privilegiada, que no tempo da revolução o adulava. Tremiam os brancos, que não eram Portuguezes de nascimento : aos caprixos do despota qual se julgaria seguro ? A mizeria a todos iguala ; no codigo dos selvagens os vencidos são escravos.

E' facil na prosperidade esquecer o passado, e não inquietar-se do futuro ; triste condição dos mortaes, debaixo da qual envolve-se o grande arcano da immensa sabedoria. Luiz do Rego, pensando exterminar o espirito patriotico, muito mais o fortificava. Na conformidade das instruções do governo do Rio de Janeiro elle procurou um novo genero de dôr a Pernambuco : os soldados de 1ª linha, que militaram em tempo do governo provizorio, quando menos pensaram, foram desterrados para Montevidéo ; afim de os substituir creou aquelle governador varios batalhões de todas as armas, e para preenchel-os não poupava á viuva o filho unico, á pobre orfan o amparo do carinhozo irmão, e ao espozo, que não podia ser alistado na 1ª linha, obrigava a entrar nas milicias, onde, com continuo exercicio e serviço, bem poucas horas restavam-lhe a empregar para a manutenção da familia. Dedicado com frenezi á arte militar, pretendia Luiz do Rego reduzir a provincia que governava a uma praça d'armas, e assim adestrava involuntariamente vigorozos jovens, para que um dia reivindicassem com maior energia e melhor ventura os perdidos direitos. No momento todos sofriam, mas era um sofrimento, que presagiava gloria.

CAPITULO XX

A alçada tem a devassa aberta em Pernambuco por espaço de dois annos. E' finalmente obrigada a partir para a Bahia com a multidão dos prezos que ha muito tempo retinha em carcere. Seo modo de obrar depois que chegou n'aquella cidade. Conducta exemplar dos Pernambucanos na cadêia. Alguns são soltos por perdão particular. Revolução da Bahia em favor da constituição proclamada em Portugal. Soltura geral dos prezos de estado, á excepção de Jozé Mariano e Pedrozo, que são condemnados pela Relação a degredo perpetuo para um dos prezidios da Azia.

As commissões especiaes em materia civil e criminal são creaturas dos governos despoticos, são a anarchia do poder judicial : subtraindo os réos aos tribunaes competentes, estabelecem por principio a injustiça. Para prova bastará o exame do que praticou em Pernambuco a alçada enviada do Rio de Janeiro para sindicar e julgar os intitulados criminozos de leza-magestade.

Ella desembarcou no Recife logo depois do aniquilamento da Republica ; achou o silencio do sepulcro, os carceres cheios, os antigos soldados transportados como em desterro á outra provincia remota, o sólo fumegando ainda de sangue humano, a cadêia da Bahia apinhada de Pernambucanos ; e como si se tivesse uzado summa indulgencia, abrio a devassa com o firme propozito de despovoar totalmente Pernambuco dos individuos, que tinham tido a fortuna de ahi nascer ; e era este o maximo dos crimes. Um numero fixo de testimunhas era excluzivamente chamado a jurar, nenhuma em favor, todas contra ; testimunhas universaes depunham constantemente, como si tudo tivessem visto e ouvido. Eram Portuguezes e o inveterado rancor saciavam com infamia. Claudino Jozé Carrilho e Antonio de Albuquerque estavam em frente dos sevandijas, que assim se prostituiam.

Para ser criminozo não requeria-se o delicto commetido, bastava a intenção, a indiferença, o sentimento pacifico do cidadão timido, qualquer palavra ambigua, o vinculo da amizade ou parentesco com algum reputado

delinquente. Em qual agitação se achassem os animos é facil conjecturar. Tremiam, e de raiva, aquelles mesmos Pernambucanos, que haviam prestado grandes serviços á monarchia. A lei contra o crime de rebelião não marcando outra pena sinão a de morte, todos os prezos já a consideravam imposta sobre as suas cabeças.

A jurisdição da alçada extendia-se pelas provincias limitrofes, d'estas recolheo exuberante cópia de victimas, entre as quaes contavam-se os ineptos membros do governo provizorio do Rio - Grande do Norte. Ignorava-se, si a sentença seria lavrada em Pernambuco ou na Bahia, envolvendo os primeiros desventurados que ali existiam.

Estava já para finalizar o segundo anno do inquizitorial oficio, e a alçada sempre continuava sem rezolver-se a concluil-o; parecia ser o plano do governo do Rio de Janeiro agravar contra Pernambuco o pezo dos tormentos com estudada dilação. O brigadeiro Jozé Peres Campello e Jozé Carlos Mairink, bem que abertamente protegidos por Luiz do Rego, foram tambem prezos; o orgulho e a ambição d'esse general sofreram. A autoridade de Bernardo Teixeira rivalizava com o seo poder; a tirania estava dividida entre aquelles dois varões e cada um apetecia o exercicio absoluto e excluzivo; d'este conflicto proveio uma sombra de bem.

O governador ouzou reprezentar ao Sr. D. João VI, que era antipolitica a conducta do mencionado Teixeira, pois que nem decidia-se depois de tanto tempo de exame a castigar os réos, nem a tranquilizar os innocentes: *a herva nociva* (dizia elle) *tinha já sido arrancada do solo pernambucano, convinha portanto deixar crescer a que prometia beneficio.* O ministerio indecizo transmitio a reprezentação ao mesmo individuo n'ella maltratado, para que respondesse. O velho togado sem desconcertar-se uzou da sonora voz: *Salvação da monarchia e exterminio dos rebeldes:* e afirmava, que só o tempo podia mostrar a intrincada ramificação dos inimigos do trono, pelo qual elle consumia o resto dos seos dias.

Ficou portanto a reprezentação sem efeito. Luiz do Rego conhecia a fraqueza dos agentes, com quem tratava, reputava-se um ente necessario. A falta de deliberação e

de resposta, muito mais moveo a instar, avançando a dizer que si a alçada permanecia em Pernambuco, elle não responderia pela tranquilidade publica; pretesto commun de que valem-se os intrigantes para a consecução dos seos designios ocultos. Finalmente Bernardo Teixeira recebeo ordem peremptoria para que fechasse a devassa no estado, em que se achasse, soltasse aquelles prezos contra os quaes nenhuma testimunha houvesse jurado, e os demais, embarcados immediatamente para a Bahia, fossem ahi por elle examinados e recebessem a sentença final.

Esta ordem foi executada sem replica; foram poucos os soltos e entre estes uma donzella, a Sra. D. Anna de Almeida Castro, irman do padre mestre Miguel Joaquim, donzella admiravel, sofreo a injusta prizão com inabalavel constancia; as suas raras virtudes tinham promovido a suspeita e a perseguição; os assassinos não poderam consummar o vilipendio; não haviam perjurado. Outra senhora, mãe do emissario do Ceará o Jozé Martiniano de Alencar, foi menos feliz. Depois de cruel padecimento na cadêia d'aquella provincia, transportada á de Pernambuco, foi ainda constrangida a embarcar-se para a Bahia, onde foi recolhida em uma das fortalezas. As pessoas mais caras ao seo coração estavam com ella igualmente prezas e com o seo exemplo aprendiam heroica rezignação.

O dia em que partio a alçada, foi um dia de prazer e de amargura; eram quatro algozes de menos, que desapareciam de Pernambuco, mas levavam comsigo objectos mui preciozos. Arrancar do seo paiz natal prezumidos deliquentes e acarretal-os para outra provincia afim de serem ahi julgados, é uma atrocidade, é por si só um castigo severo, e faz supor com fundamento, que a autoridade, que assim commanda, não dezeja descobrir sinão réos para deleitar-se na aplicação das penas, por quanto em tal modo priva a defeza; as testimunhas, que hão jurado contra, não podem ser confrontadas, nem contrariadas, nenhuma aprezenta-se em favor; as mesmas despezas do processa muito mais custozas não contando as que se fazem para o sustento da vida. Esta consideração, que naturalmente ocorria á mente dos prezos, muito os acabrunhava e punha em desesperação as suas familias.

Entretanto, ou fosse a prolongação do tempo, que ordinariamente move a piedade em favor dos réos, ou a referida rivalidade entre Luiz do Rego e Bernardo Teixeira, certo, é que não foi renovado com estes ultimos prezos o modo ignominiozo praticado com os primeiros, quando embarcaram-se, e nem dentro das embarcações receberam máo tratamento; a cada um permitio-se levar comsigo a roupa e dinheiro, que julgasse necessario. Foi tambem diferente o tratamento, quando desembarcaram na Bahia. Entraram de noite na mesma cadêia, onde estavam os outros seos compatriotas, sem suportar os ferros; sofreram o incommodo inevitavel da estreiteza do lugar com a sua inseparavel immundicia, incommodo logo minorado pela separação dos mais pobres, que, transferidos á enxovia, viveram misturados com os réos de policia e os negros escravos.

D'esta época datou o melhoramento da condição dos infelizes, que haviam sobrevivido na Bahia aos rigores e privações já descritas. Das mãos dos que então chegaram, receberam pela primeira vez cartas de sua familia, don que mais apeteciam por ser na auzencia a mais doce consolação do homem sensivel; receberam vestidos e socorros pecuniarios, que lhes remetiam.

O carcereiro colligio d'aquella modificação de rigor no desembarque e de recepção nos socorros, que os seos superiores estavam dispostos a alguma indulgencia, e como a sua lei impia não adorava outro Deos sinão o ouro, calculou o modo de roubal-o, mudando de sistema. Com avultado ganho começou a conceder o uzo de papel, penna, tinta e livros, que os encarcerados por seo meio compram. Fenomeno rarissimo! A habitação das trevas transformou-se em azilo de luz! A maior sala d'aquella cadêia assimilhava-se á sala de um liceo; ali moços e velhos com edificante assiduidade consagravam o dia inteiro á aplicação literaria; o maior numero entregava-se ao estudo das linguas, outros dedicavam-se ás matematicas e alguns á filozofia racional e moral, mutuamente communicando uns aos outros os seos conhecimentos. Reinava entre todos a mais perfeita harmonia, mais virtuoza conducta não se podia imaginar; ella assás

claro provava, que aquelles que a praticavam eram dignos de melhor sorte.

Por fortuna especial o Conde dos Arcos cessou de governar a Bahia; o seo posto foi ocupado pelo Conde de Palma, Portuguez sensato e bom. Os prezos não se abaixaram a enviar-lhe reclamação sobre objecto qualquer, assim como não o haviam enviado ao seo antecessor, nem no tempo da maior augustia estenderam a mão mendigando o pão; lutavam com a morte sem proferir um gemido. O horrivel tratamento, que haviam sofrido e ainda em parte sofriam mais pela perversidade dos guardas do que por arte da autoridade, era um facto notorio, do qual foi informado o novo governador pelas pessoas, que o rodeavam. Pouco energico no seo modo de obrar, em vez de castigar o ladrão da fazenda publica e o malfeitor do genero humano, limitou-se unicamente a prival-o da subministração dos alimentos, confiando-a a um capitão do regimento de artilharia d'aquella cidade, Manoel de S. Boaventura Ferraz, que dignamente a desempenhou.

A alçada não alterava a sua lenta marcha, parecia querer eternizar o seo oficio; a pingue somma decretada á cada um dos membros, que a compunham durante o tempo da extraordinaria commissão, concorria de mãos dadas com a encarniçada dureza do prezidente a prolongar o exito do informe processo. A's onze horas do dia, que não era de festa, vinha á cadêia aquelle prezidente com o dezembargador Jozé Caetano de Paiva, que lhe servia de escrivão; chamava a sua prezença um dos prezos e interrogava miudamente sobre a revolução em geral, procurando saber, com subterfugios, qual fôra o seo procedimento n'aquella época, sem indicar-lhe jámais os artigos precizos da acuzação e nem o que contra elle haviam deposto as testimunhas e quaes tinham sido estas. Consumia assim uma ou duas horas e retirava-se. No dia seguinte o mesmo réo era de novo chamado para rectificar o que havia dito, não dando-se-lhe ulterior esclarecimento para a defeza.

Entrava o quarto anno de prizão, e os prezos ignoravam ainda a decizão da sua sorte. Um d'esses, o padre

Luiz Jozé da Cauhan, lembrou-se, que na côrte do Rio de Janeiro vivia com reputação o dezembargador João Severiano Maciel da Costa, seo intimo amigo. Era bem diversa a pozição actual de ambos: um respirava as delicias da côrte, o outro as mizerias do calabouço, donde quem recorre, não colhe ordinariamente sinão a vergonha da humilhação. Mas o padre sentindo-se forte em sua consciencia, que não o acuzava de delicto algum contra o rei ou a nação, determinou escrever a aquelle dezembargador enviando-lhe uma suplica, para que se dignasse aprezental-a a Sua Magestade, e por elle intercedesse. O amigo provou ser do numero rarissimo dos leaes: um mez depois da remessa da suplica veio o decreto de perdão para o suplicante.

Outros prezos, principalmente aquelles que pouco ou nada haviam figurado na revolução, imitaram o exemplo dado, e no temor de comprometer aquelle a quem se dirigissem, escreveram directamente ao mesmo ministro dos negocios do reino Thomaz Antonio Villa-Nova, rogando-lhe de lançar os olhos sobre desgraçados, que já haviam suportado tantas penas. Esta rezolução assimilhava-se a de um enfermo desenganado, que cerrando os olhos engole o medicamento, em cuja virtude nem elle nem o medico, que o aconselha, põem grande confiança; como esse cazualmente opera, assim aquella operou. Cada mez expedia o referido ministro ordem de soltura para um ou outro, como graça particular do soberano.

Não cessaria ainda o exercicio da alçada, e sangue pernambucano seria novamente derramado, si um inesperado acontecimento politico não viesse mudar a face inteira da monarchia portugueza. Esta ha muitos annos ameaçava ruina: as suas leis em desharmonia com a civilização do seculo exigiam reforma, uma administração imbecil as tornava mais odiozas. O trono estava collocado no Brazil, e bem que os Portuguezes fossem os mais favorecidos nos empregos de consideração e lucro, não podiam viver contentes; Portugal tinha cessado de possuir o monopolio do commercio colonial, e desprovido de industria manufactureira e agricola, sofria os graves incommodos da pobreza.

Quazi contemporaneamente á revolução de Pernambuco um illustre cidadão portuguez, o general Gomes Freire, tentava em segredo o melhoramento da sua patria. Denunciado e perseguido por certo estrangeiro, seo rival em armas, expirou com outros no cadafalso. Patriotas mais felizes poderam em 1820 executar a sua obra, alçando com intrepidez o grito da liberdade na cidade do Porto, donde com prodigioza celeridade foi repetido por todo o reino. Em nome do Sr. D. João VI crearam uma nova regencia, a qual immediatamente convocou as côrtes como autoridade legitima para empreender as reformas necessarias e promulgar uma constituição bazeada sobre artigos liberaes dados pela mesma regencia antes da convocação, e sem exame solemnemente jurados.

Prezentiam os insurgentes portuguezes, que ao engôdo da liberdade o Brazil voluntariamente correria a fazer cauza commun, e a revolução superaria os obstaculos internos e externos. N'essa ocazião tudo lhe prometeram com a tacita restrição de nada cumprirem, quando a necessidade cessasse; e pela primeira vez deram a denominação de irmãos aos habitantes do ultramar, prodigalizando-lhes exagerados elogios. Não foram porém estes que decidiram os Brazileiros; o orgão era suspeito, e só aos insensatos podia seduzir; decidiram as circunstancias do momento. As baionetas, que de Portugal tinham vindo para extirpar a liberdade do Brazil, voltaram-se de repente em favor d'essa liberdade, que ora no ninho paterno aclamava-se; e os Bahianos irreflexamente precipitaram-se, coadjuvando-as na depozição do governador da capitania, e installando no dia 10 de Fevereiro de 1821 uma junta provizoria debaixo da dependencia da nova regencia de Lisboa.

A justiça altamente reclamava a indemnização dos graves damnos, que haviam sofrido e continuavam a soffrer os patriotas de Pernambuco encarcerados n'aquella provincia: todos os corações bem formados descobriam-se já em seo favor. A cauza, pela qual tanto padeciam, era a cauza da humanidade; elles haviam aspirado a um governo livre, como então os Bahianos: mas com a liberdade dezejavam a independencia, persuadidos que uma

sem outra não bem se sustenta. A junta, creatura portugueza, balançava entre a simpatia de uns e o odio de outros, a ambos ella temia. Para sair do embaraço com algum decoro ostentou imparcialidade; o tribunal da Relação teve ordem para proceder como de direito, e solicitar a concluzão da sentença tanto procrastinada.

Muitos criam, que com a nova ordem de coizas vinha connexa a immediata soltura dos prezos de estado: o mesmo Bernardo Teixeira, receando que assim acontecesse, abandonou logo o seo posto, e furtivamente partio para o Rio de Janeiro. Todavia congratularam-se os Pernambucanos; a medida adoptada era-lhes honroza em substancia, e nem a junta podia obrar de outra fórma sem postergar as leis da justiça, ou uzurpar um direito soberano perdoando. Os vicios do processo eram evidentes; a Relação, examinando-o, em poucas sessões os reconheceo, pronunciou a nullidade, e deo mandado de soltura a todos os prezos, que n'elle eram envolvidos, exceptuados Jozé Marianno e Pedrozo.

Estes dois militares, além do crime de rebelião, eram acuzados tambem de homicidio voluntario nas pessoas de dois oficiaes superiores. O tribunal da Relação julgou, que não era justo incluir na generalidade da soltura homens, sobre os quaes pezava a gravidade de delicto especial universalmente execrado; os rezervou para um exame particular. As testimunhas eram coherentes na depozição, a confissão dos réos as corroborava; não lhes pôde valer a bem trabalhada defeza, que, aprezentaram, nem a proteção de alguns amigos, que, reprovando o crime, compadeciam o criminozo. Declarados réos de homicidio com circunstancias atenuantes, foram condemnados a degredo perpetuo para um dos prezidios portuguezes na Azia.

Assim finalizou depois de quatro annos completos o famozo processo da alçada; mas não finalizaram os males de Pernambuco.

CAPITULO XXI

Luiz do Rego finge aprovar as bazes da constituição de Portugal. Faz proceder á eleição dos deputados da provincia, e os expede ás côrtes d'aquelle reino. Atentado commetido contra sua pessoa, em consequencia do qual são prezos alguns jovens pernambucanos, e outros, que tinham sahido da cadêia da Bahia. Sem processo são todos remetidos para Lisboa, onde foram immediatamente soltos, e voltaram á sua patria.

Chegava finalmente ao Brazil a época memoravel, na qual os mais exaltados antagonistas da liberdade, que por innumeraveis factos haviam mostrado não aninharem em seos peitos aquella precioza qualidade, unica capaz de elevar o espirito humano ; sim, o Brazil vio no principio do anno de 1821 os Portuguezes de todas as classes, que ahi rezidiam, desde o herdeiro do trono até o infimo taverneiro, pronunciarem ufanos o nome de constituição liberal, que não entendiam, e dizerem-se seos defensores. Era liberdade vestida a portugueza, e tanto bastava para os namorar ; era liberdade para a raça privilegiada, que contava não perder o antigo dominio, ou para melhor dizer, firmissimamente cria, que ao simulacro d'aquella divindade viriam pios devotos da terra de Santa-Cruz oferecer dadivas muito mais copiozas, que enriquecessem a denominada mãe-patria.

Luiz do Rego não ficou atraz dos improvizados liberaes ; a elle urgia mais que a nenhum fingir-se tal. Os seos protectores no Rio de Janeiro, decaindo pela força irrezistivel da revolução, e o novo poder desconfiando dos velhos empregados, d'elle em particular se desembaraçaria pelas suas relações, e parentesco com um dos mais favorecidos validos do rei. Além de que a sua irrequieta consciencia trazia-lhe frequentemente á memoria os actos despoticos e a conducta immoral, que em seo governo havia praticado : elle não ignorava que a provincia o odiava ; as reclamações, ou vias de facto, da parte dos ofendidos, podiam ser aceitas ou approvadas.

Colligado secretamente com os seos principaes camaradas, instrumentos da sua depravação, sem consultar

nenhum dos naturaes do paiz, sem mesmo esperar as ordens do Rio de Janeiro, donde ainda não sabia qual seria a intenção ; ao simples convite da insurgida regencia de Lisboa elle ali proclamou as bazes da futura constituição, que aquella remetia-lhe, e sem perda de tempo fez proceder á escolha de eleitores em todas as parochias de Pernambuco, os reunio debaixo da sua prezidencia para nomearem os sete deputados, que a mesma regencia dizia-lhe, que fossem enviados a aquelle reino para, de acordo com os demais deputados, trabalharem na regeneração politica de toda a monarchia.

Os Pernambucanos, ou porque não simpatizassem com a nova fórma de liberdade, que se lhes oferecia, ou porque receassem oculta cilada, certo é, que persistiram em completa indiferença, nenhum signal de alegria patentearam, deixaram obrar o reconhecido despota. Circunspecção bem entendida, si considera-se, que era exercitada sem baixeza e com reflexão, que resplandeceo, quando tratou-se da eleição dos deputados.

Os eleitores pela mór parte Pernambucanos não deixaram-se influir pelos conselhos dos Portuguezes, nem intimidaram-se com os acenos do prezidente ; depozitaram na urna os nomes de cidadãos, que não eram, nem podiam ser favorecedores do despotismo, fosse qual fosse o véo, com que se cobrisse.

Illudido na esperança da escolha, Luiz do Rego recorreo a outro estratagema, do qual esperava melhor rezultado por ser o mais sedutor, o *bom tratamento e afabilidade para com os eleitos*. Prezumia, que das informações d'estes, quando entrassem no exercicio das suas funções, dependeria provavelmente o exito de plano, que havia imaginado, isto é, passar por um zelozo liberal prompto a defender com as armas na mão, si necessario fosse, a constituição, e perpetuar-se assim no governo da provincia.

Desde então foram melifluas as suas expressões, gentis as suas maneiras, os actos da administração adoçados, quazi reformados os seos costumes; francamente declarava, que os seos erros não deviam ser atribuidos sinão ao ministerio, ao qual havia tido a desgraça de servir ; que era, e seria sempre constitucional, e que ha

muito tempo anhelava a reforma dos abuzos. Si era, ou não sincera essa linguagem, os factos posteriores revelarão. Para mais corroborar os seos ditos ordenava, que para a decente e segura viagem dos deputados á Lisboa se aparelhasse uma corveta de guerra, que estava surta no porto, velava para que o aparelho não sofresse demora, e que não faltassem os mantimentos e os commodos da vida: tanta sofreguidão mostrou em expedil-os que foram aquelles os primeiros deputados do Brazil, que aprezentaram-se nas côrtes de Portugal.

Partiam esses para o seo destino, quando o maior numero dos Pernambucanos soltos das prizões da Bahia revia os suspirados lares. Partiam aquelles com o louvavel intento de cicatrizarem as chagas abertas no coração da Patria; estes chegavam com a esperança de repouzo á sombra de um mais recto governo, e dispostos ao trabalho afim de resarcirem as consideraveis perdas, que as suas cazas e familias haviam suportado. Com quanto prazer fossem acolhidos pelos seos compatriotas, é desnecessario dizer, todos sentiam compaixão dos innumeraveis padecimentos; o merito pessoal dos individuos, e a uniformidade de pensar, era assás conhecida, para que deixassem de ser apreciados.

Pacificamente retirados, elles confiavam no patriotismo dos reprezentantes do Brazil, e esperavam, que o tempo, as decizões das côrtes ensinassem a melhor estrada, por onde deveriam caminhar. Nenhum podia encarar com bons olhos o lobo, que tanto estrago havia feito ao paiz, bem que ora aparecesse transformado em mansa ovelha; odiavam Luiz do Rego, mas não conjuravam, os sentimentos de moderação os retinham.

De trez irmãos da familia Souto-Maior, que tinham estado prezos na Bahia, dois tiveram a fortuna de voltar á sua caza em Tijucupapo, morrendo o mais velho d'esses trez, que era o padre Antonio, capitão de guerrilha, na cadêia entre os horrores da mizeria. Eram de temperamento escaldado estes dois individuos; criam, que o capitão-mór da villa, onde rezidiam, fôra quem por velha inimizade os havia arruinado; contra elle vociferavam em publico, mostravam-se sequiozos de vingança, e não

poupavam ameaças de morte. Loquacidade pueril, prevenindo o inimigo, o aconselhava a estar em guarda, e exarcebava o odio. Aconteceo ser um dos dois ameaçadores assassinado inopinadamente, sem que podesse proferir palavra : aquelle que restava, por nome João, atribuio o assassinio a seo pretendido perseguidor, ou ao irmão d'este, que era paroco da villa, e que maior impavidez ostentava. Fixo n'este pensamento apressou a vingança. O paroco foi a primeira victima do seo furor ; com um tiro de bacamarte o extendeo por terra sem vida, e temendo ser prezo ou morto, fugio para o Recife, e ahi escondeo-se.

Saltada a barreira da justiça e da razão, vencida pela primeira vez a natural aversão ao crime, e si de cazo pensado o homem tem a desgraça de manxar as suas mãos no sangue do seo similhante, a perturbação mental não se extingue jámais, o mizero vae precipitar-se de abismo em abismo, e não póde deixar de ter um fim desastrozo. No seo escondrijo é que aquelle joven meditou assassinar Luiz do Rego : não procurou conselho, nem apoio de pessoa alguma, decidio executar por si só quanto meditava. Si motivo politico entrava de algum modo na combinação do seo execravel projecto, outros motivos mais fortes misturavam-se ; o estado precario de existencia, o dezejo de adquirir fama, e talvez melhoramento de fortuna, si o exito fosse feliz. Esta asserção comprova-se pelo confronto da época, em que foi meditado e executado o segundo atentado : o primeiro contra o paroco precedeo em breve intervallo o commetido contra o capitão-general.

Foi em uma noite do mezde Agosto de 1821, que o assassino embrulhado em um capote, debaixo do qual ocultava o instrumento de morte, postou-se no meio da ponte da Boa-Vista. Sabia, que era aquelle o caminho, por onde Luiz do Rego devia passar, quando retirava-se á caza, em que habitava, e sabia, que este general, entregando-se aos prazeres, retirava-se tarde sem guarda ; esperava, que, consummado o delicto, poderia n'aquella hora subtrair-se salvo, e não ser conhecido. E' este o calculo, que fazem os delinquentes : a idéa da impunidade aprezenta-se-lhes facil, e os anima ; não lembram-se, que, si por

acazo escapam á vigilancia do mundo, não escaparão á de um Deos, que tudo vê, e que em sua recta justiça lhes aplicará a punição condigna.

Antes da meia-noite passou Luiz do Rego pelo mencionado lugar, trez oficiaes o acompanhavam. O Souto pôz a mira no individuo, que procurava, disparou o bacamarte, e o ferio no hombro e braço direito. A dor e a surpreza obrigou o ferido e seos companheiros a voltarem-se da parte, donde tinha vindo o tiro, descobriram um, que corria, gritaram, e pozeram-se em seo seguimento. O assassino na anciedade do livramento tomou o partido mais perigozo: deixa o capote, precipita-se da ponte e a nado trata de salvar-se. Um canoeiro, que n'aquelle tempo por ali navegava, ouvindo os gritos, que do alto da mesma ponte repetiam-se contra o mizeravel, que não longe da canôa nadava, tão desapiedadamente o bateo com a vara, que o afogou de repente.

Toda a cidade alvoroçou-se, os soldados influidos pelos chefes, e oficiaes amigos do assassinado, apromptavam-se a vingar com novos delictos o delicto perpetrado; e segundo o uzo commun narrava-se o facto em diversos modos, e em ton exagerado. Dizia-se, que uma vasta conspiração tinha sido tramada não só contra a pessoa de Luiz do Rego, como contra todos os seos adherentes, os quaes mortos, um governo republicano seria installado. A suspeita recahia sobre os Pernambucanos em geral; mas os que tinham voltado da Bahia, eram em particular estigmatizados como a alma da conjuração. Os cirurgiões chamados a vizitar as feridas do paciente declararam, que não havia perigo, e prometeram perfeita cura. Esta declaração mitigou um pouco a exacerbação dos supostos liberaes portuguezes; não dissipou-lhes porém a suspeita concebida; o mesmo Luiz do Rego a partilhava com ferocidade. No dia seguinte foi achado n'agua o cadaver do afogado, e reconhecido como um dos patriotas de 1817, contra estes muito mais confirmou-se o rancor.

Não descuidou-se o ferido de commandar ao chefes dos batalhões, que mantivessem inalteravel a disciplina da tropa, e que fizessem prender immediatamente aquelles patriotas, que no Recife se encontrassem, e os que com

elles tinham-se mostrado mais afaveis, ou os haviam frequentado. O zelo da execução correspondeo á vontade do mandatario: não foi diminuto o numero dos prezos, e maior seria, si muitos já não se tivessem auzentado. A prizão na cadêia ou nas fortalezas não foi julgada oportuna para os guardar: ou entrasse o espirito de desconfiança sobre a pretendida conspiração ou vontade expressa de infligir mais acerbo tormento, todos os que foram agarrados n'aquella ocazião foram directamente conduzidos ao porão de um velho navio, que estava ancorado fóra da barra.

Não contentou se aquelle governador com este acto arbitrario, que renovava o odiozo do governo despotico; escolheo dentre os prezos os mais conspicuos, os fez passar de um a outro navio, e com pouco mantimento os obrigou a partir para Lisbôa, ordenando ao capitão de entregal-os ali ao poder judicial.

Contra esses individuos Luiz do Rego não tinha mandado proceder a devassa: a pressa, com que d'elles procurava desembaraçar-se, ocazionou-lhe a perda de um tal recurso, que é assás facil á autoridade obtel-o em favor, quando o seo partido domina; nem mesmo formou corpo de delicto, contentou-se de escrever ás côrtes, de quem acarinhava a omnipotencia, narrando o facto sucedido, e recordando os serviços, que havia prestado em Pernambuco á cauza liberal portugueza; que os Pernambucanos mal o retribuiam por não dezejarem outro governo sinão o republicano, do qual eram corifeos os patriotas, que elle remetia, e a quem a voz publica acuzava como complices e instigadores do crime contra a sua pessoa commetido. Ao ministerio oficiou, lamentando a sua situação em consequencia do mesmo espirito já indicado; pedia instruções, e protestava-se verdadeiro constitucional.

O restabelecimento da sua saude foi rapido, e longa a viagem dos infelizes, que elle proscrevia. O navio fazia agua continuamente, o pouco mantimento estava quazi consumido, e nem de outro podiam prover-se, arribando a algum porto pela prohibição formal intimada ao capitão. Esta desagradavel privação tornava ainda mais lacrimoza

a existencia de homens naturalmente magoados pela forçada separação de suas familias, injusto desterro da Patria, e incerto porvir em terra estranha habitada por uma nação sempre considerada pouco amiga. Finalmente descobrio-se o porto commandado, e a sua vista não alegrou os mizeros aflictos; preoccupados das tristes idéas que haviam concebido, não criam terminada a serie dos males. Deo fundo a embarcação, e elles ficaram ahi encerrados, esperando as ordens da autoridade, que prescrevesse o desembarque, e destinasse o lugar onde deveriam ser recolhidos.

Abrio-se a sala das côrtes, entraram os deputados de Pernambuco, ignorando não só os acontecimentos da sua provincia, como a remessa dos seos compatriotas proscritos, e muito menos que elles ja se achavam ancorados no Tejo. O secretario das côrtes, depois de lida e aprovada a acta da sessão do dia antecedente, deo conta dos oficios, que lhe eram dirigidos para serem prezentes á consideração do corpo legislativo: um d'esses (disse o secretario) é de Luiz do Rego, que dá parte do horrivel atentado commetido contra a sua pessoa á traição, e declara ficar a provincia de Pernambuco em estado inquieto, que para obviar maiores males elle enviava prezos os mais perigozos inimigos da ordem publica, e sobre os quaes recahia forte suspeita de connivencia no crime afim de proclamarem novamente a republica.

Alguns dos deputados portuguezes espaventados pediram a leitura do oficio por inteiro; elle foi lido, e na sua concluzão seguio-se um profundo silencio, que convidava a reflectir sobre as idéas diversas, que a gravidade do cazo inesperado suscitava. Nos deputados de Pernambuco estavam fixos os olhos não só de todos os membros das côrtes, como do povo, que achava-se nas galerias; elles pareciam intimar uma explicação categorica. O autor d'esta historia sentio o seo dever, alçou-se, pedio a palavra e orou da maneira seguinte:

« Sr. prezidente, no dia mesmo em que tive a honra de tomar assento n'este augusto recinto, depondo respeitos humanos, e pensando unicamente no desempenho do cargo, que tinha-me sido confiado, reprezentei, que convinha

prover sem demora as precizões da interessante provincia de Pernambuco; disse, que uma nova machina não se podia bem mover com velhas rodas; repeti, o que todo o mundo sabe: que Luiz do Rego Barreto avezado a exercitar com furor o regimen despotico, havendo no inteiro curso da sua vida, e em particular no governo, que ainda ocupa, dado mui evidentes provas do seo aferro á abominada monarchia absoluta, era quazi impossivel, que cordialmente abraçasse o sistema liberal, que prostrava o seo orgulho insensato, e destruia os ambiciozos planos, que em sua ligeira cabeça havia concebido. Acrescentei, que elle dizia-se ora constitucional para cobrir com essa capa a deformidade das suas acções; boa fé não o guiava. A minha voz felismente foi ouvida, as côrtes recommendaram ao governo a immediata remoção d'aquelle general; o governo adherio. Oxalá que aquella rezolução tivesse chegado ao seo destino dois mezes antes! A minha muito amada Patria não traria hoje novo luto. Luiz do Rego ainda impudentemente protesta ser constitucional! Vós vedes, illustres deputados, a singular confirmação da sua constitucionalidade: um desesperado, que talvez teria motivo de desafrontar-se de injuria privada, tenta assassinal-o, e eis que toda a provincia é indistintamente calumniada e perseguida, os melhores Pernambucanos garroteados sem nenhuma fórma de processo; e não é tudo, são forçados a abandonar as suas propriedades, a deixar na mizeria as suas familias, a atravessar o Oceano em algemas sem que se lhes aponte legalmente o delicto! Estão já ancorados no porto d'esta capital! Vós acabaes de ser informados. E' constitucional Luiz do Rego? Monstro! Que maior atentado podia commeter contra Deos e os homens? Elle vos insulta, Senhores, pretendendo associar-vos á sua igneminoza conducta; insulta os poderes constituidos, ouzando enviar-lhes as victimas do seo caprixo, da sua tirania. Não temaes, que Pernambuco arvore o estandarte da rebelião contra as sabias reformas, que para o bem geral da humanidade intentaes fazer, vos engana o tirauno, crê, que com esta vaga acuzação vos incutirá terror. Conheço a fundo os sentimentos dos meos honrados compatriotas; elles, só

querem um governo liberal: um tal governo é garantido com a constituição, que vae se organizar, e que anciozamente todos esperam. Toca a este respeitavel congresso reparar a injustiça, ou mais propriamente falando, vingar a injuria feita ás leis. Sejam postos immediatamente em liberdade os mizeros pacientes, que á vós por meo orgão recorrem, e sejam reconstituidos a sua patria á custa do tezouro nacional, pois que obrigal-os ao pagamento das despezas de uma tão longa viagem seria impor-lhes pezada multa, que de certo não merecem. Tome-se estricta conta ao despota, quando voltar, e renove-se a ordem para o seo solicito regresso. Si assim obrardes, Senhores, unireis mais e mais os Brazileiros á cauza, que tão heroicamente haveis proclamado: a justiça é a unica solida baze dos governos. »

Sucedeo a esta fala o mesmissimo silencio: nenhum outro deputado pedindo a palavra, o prezidente recommendou ao orador, que aprezentasse por escrito a indicação, que acabava de fazer: o que sendo executado no momento, foi lida na mesma sessão, posta a votos, e unanimemente aprovada para ser remetida ao poder executivo.

A revolução portugueza estava no começo, a sua consolidação era duvidoza: apoiando-se a arbitrariedade manifesta, os Brazileiros se espantariam. O rei D. João VI, constrangido a abandonar o Brazil, com astuta politica deixou ahi munido de plena faculdade o seo filho o primogenito o Senhor D. Pedro de Alcantara, principe bem intencionado e amante de gloria: nos braços d'este, que de certo não os rejeitaria, podiam lançar-se os Brazileiros illudidos em suas esperanças; e sem a irrupção violenta da democracia constituir um estado independente; o que assás contrariava as vistas dos promotores d'aquella revolução. Foi esta a cauza da unanimidade dos votos: não era ainda tempo de arrancar a mascara da impostura.

O poder legislativo constituinte absorvia então o executivo; as decizões das côrtes, bem que em materia incompetente, eram respeitadas cegamente. O ministro da justiça com solicitude extraordinaria transmitio ao chanceller da Relação a ordem recebida, e esse nem

permitio, que fossem recolhidos á cadeia os prezos recommendados, os fez desembarcar livres. Depois de alguns dias de repouzo embarcaram-se, e voltaram sem despeza particular ao seio de suas familias, e dahi em diante não deixaram de velar os interesses da Patria, pela qual tanto haviam padecido.

INDICE

PAGS.

PREFACIO 103

CAPITULO I — Estado moral e politico de Pernambuco em 1817. 105

CAPITULO II — Origem da revolução 109

CAPITULO III — Insurreição no quartel do Recife. Morte do brigadeiro commandante de artilharia Manoel Joaquim Barboza, e do ajudante de ordens do governo Alexandre Thomaz. Fugida do capitão-general para a fortaleza do Brum. Soltura dos prezos da cadêia e das Cinco Pontas 115

CAPITULO IV — Os criminozos soltos da cadêia espalham-se armados pelas ruas. Seos atentados. A ponte do Recife e o campo do Erario são atacados e tomados pelos patriotas. Capitulação do governador 120

CAPITULO V — Os oficiaes e soldados tiram das barretinas as armas reaes. Os cavalleiros das ordens militares desprezam as suas insignias. Eleição do governo provisorio. Seos primeiros actos. Estabelecimento da tipografia 127

CAPITULO VI — Continuação dos actos do governo provisorio. O movimento da capital communica-se a todas as villas da provincia. A de Itamaracá distingue-se com a prizão do juiz de fóra de Goiana. O ouvidor Jozé da Cruz Ferreira é prezo na sua fugida 137

CAPITULO VII — A revolução estende-se á Parahiba e Rio-Grande do Norte. Eleição de novo governo n'estas duas provincias. Factos mais notaveis ahi praticados 145

CAPITULO VIII — O padre Jozé Martiniano de Alencar é enviado secretamente ao Ceará, e o padre Jozé Ignacio Ribeiro Roma á Bahia. Rezultado infeliz d'essas duas commissões 156

CAPITULO IX — O governador Caetano Pinto e sua familia são remetidos para o Rio de Janeiro. Seo desembarque e destino n'aquella cidade, e bem assim dos que o conduziam. Rezolução do governo provisorio sobre os demais prezos que achavam-se na fortaleza do Brum, e respectivamente aos naturaes de Portugal. Antonio Gonçalves da Cruz é mandado em commissão para os Estados-Unidos, e o capitão Jozé de Barros Falcão para a ilha de Fernando. Um negociante inglez, por nome Kesner, parte para Londres levando despachos e credenciaes do novo governo para Hipolito Jozé da Costa, Brazileiro que ali rezidia. O consul de Inglaterra em Pernambuco requer ao governo provizorio a faculdade para continuar a exercer as funções, o que sem impedimento obteve. Um novo laço e bandeira nacional é adoptado 168

PAGS.

CAPITULO X — Procedimento desinteressado do governo provizorio. Seo cuidado em extirpar alguns abuzos mais notaveis na administração das rendas publicas Projecta crear um corpo de cavallaria. Compra as armas que os logistas do Recife convidados lhe aprezentam. Põe em melhor estado as fortificações que existiam no litoral, e fez aparelhar uma pequena esquadra..... 178

CAPITULO XI — Varios barcos carregados de farinha entram no porto do Recife, e o qual logo depois é bloqueado pelas embarcações de guerra mandadas pelo governador da Bahia. Contra-revolução das villas das Alagôas, para onde o governo provizorio tinha expedido um reforço. Combate de Porto de Pedras. Fuga dos Patriotas..... 186

CAPITULO XII — O vice-almirante Rodrigo Lobo vem do Rio de Janeiro com uma esquadra reforçar o bloqueio de Pernambuco. Restabelecimento do governo monarchico no Rio-Grande do Norte. O coronel André d'Albuquerque Maranhão é ahi trucidado. Alguns patriotas d'aquella provincia installam sem feliz sucesso um novo governo provizorio republicano na Serra do Martins..... 195

CAPITULO XIII — O governo provizorio de Pernambuco expede inutilmente o socorro pedido por Jozé Mariano para sufocar a insurreição das Alagôas, que cada vez mais se estendia. A provincia da Parahiba segue o mesmo destino da do Rio-Grande. Falcão, de volta da Ilha de Fernando, desembarcando na Bahia da Traição, é prezo e a sua gente se dispersa..... 203

CAPITULO XIV — A tropa da Bahia entra no territorio de Pernambuco. Angustias do governo provizorio e seos esforços a bem da cauza patriotica..... 212

CAPITULO XV — O capitão-mór Francisco de Paula Cavalcanti vae commandar a expedição destinada contra os lugares insurgidos ao sul da provincia. Combate de Utinga. Derrota dos realistas. Crueldades do coronel Pedrozo..... 221

CAPITULO XVI — As villas de Santo-Antão, Páo do Alho e Tracunhen declararam-se em favor da monarchia. Do Recife zão enviados diversos destacamentos contra ellas sem nenhum sucesso. Domingos Jozé Martins parte com alguns soldados em reforço do Paula. Em uma emboscada é feito prizioneiro com a maior parte da sua gente pelos realistas. Combate do Trapixe de Ipojuca. Dispersão da tropa do Paula..... 231

CAPITULO XVII — O governo provizorio trata de capitular com o commandante do bloqueio, que não aceita a capitulação. Domingos Teotonio, creado dictador, sem esperar a conclusão de nova negociação, que com o mesmo commandante havia entabolado, retira-se do Recife com toda a guarnição, levando conjuntamente os cofres publicos..... 240

CAPITULO XVIII — A autoridade real é proclamada no Recife sem opozição. Soltura dos prezos das Cinco Pontas. Rodrigo Lobo desembarca e toma posse do governo da provincia. O marechal Cogominho ocupa a cidade com a sua tropa. Suicidio do padre João Ribeiro. — Barbaridade commetida contra o seo cadaver. — Dispersão dos republicanos, dos quaes muitos são prezos e embarcados para a Bahia..... 250

PAGS.

CAPITULO XIX — Dezembarque dos prezos na Bahia. Trez dentre esses são ali fuzilados por sentença da commissão militar. Sevicias praticadas na prizão. Luiz do Rego Barreto mandado do Rio de Janeiro com tropa, toma posse do governo de Pernambuco. Caracter d'esse governador e seo modo de governar..... 259

CAPITULO XX — A alçada expedida do Rio de Janeiro a Pernambuco tem ahi a devassa aberta dois annos. E' finalmente obrigada a partir para a Bahia conduzindo comsigo uma multidão de prezos, que já ha muito tempo retinha em carcere. Seo modo de obrar depois que chegou n'aquella cidade. Conducta exemplar dos Pernambucanos na cadêia. Alguns são soltos por perdão particular. Revolução da Bahia em favor da Constituição proclamada em Portugal. Soltura geral dos prezos, á excepção de Jozé Mariano e Pedrozo, que são condemnados pela Relação a degredo perpetuo para um dos prezidios d'Asia..... 271

CAPITULO XXI — Luiz do Rego finge aprovar o sistema constitucional de Portugal. Faz proceder á eleição dos deputados da provincia, e os expede ás côrtes daquelle reino. Attentado commetido contra a pessoa daquelle Governador. Por tal motivo são prezos alguns jovens pernambucanos e varios dos que tinham sahido da cadêia da Bahia. São remetidos sem processo para Lisboa, onde immediatamente foram soltos e voltaram á sua patria..... 279

Este trabalho historico do padre Francisco Moniz Tavares foi publicado no Recife em 1840, tirando-se mui limitada edição, que logo exgotou-se.

O autor foi testimunha prezencial dos acontecimentos, que escreveo, aprezentando depoimento conscienciozo e leal. Coparticipante da democratica revolução de 1817, foi victima da reação monarchica, que elle aprecia com rigor magoado pelos sofrimentos proprios, e pelos sofrimentos de seos companheiros, procurando sempre ser imparcial e verdadeiro.

A sua expozição constitue um documento digno de consulta no estudo da memoravel revolução pernambucana, a respeito da qual, alem dos documentos officiaes contemporaneos, pouco temos consignado por escrito; por isso tal expozição é de alto valor; e podendo-se dizer que é memoria inedita pela raridade de sua aparição, não será pequeno serviço prestado á historia patria conserval-a nas paginas da Revista Trimensal: razão pela qual a commissão de redação aqui a consigna.

T. Alencar Araripe.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

DO CHEFE DE DIVIZÃO

Augusto Vencesláo da Silva Lisboa*

Este distincto oficial da nossa armada ha pouco roubado ao paiz, que servio com tanto zelo e abnegação, nasceo em Lisboa a 8 de Novembro de 1803.

Era filho legitimo de Jozé Vencesláo da Silva Lisboa e D. Gertrudes Carlota Moreira Lisboa, já falecidos.

Quando deo-se a invazão franceza em Portugal, emigrou para a Bahia a familia de Augusto Vencesláo, que contava então apenas a idade de 6 annos.

No trajecto para o Brazil teve, tão criança ainda, de dar uma cópia dos sentimentos, que depois, em toda sua vida, ennobreceram sua alma: o navio em que vinha fôra perseguido e tomado por um cruzeiro francez, de cuja luta rezultou ser ferido Augusto Vencesláo por um estilhaço de projectil, sendo tambem seo pae posto a ferros, como os demais passageiros, apezar de não tomar parte na peleja; então a extremoza criança não mais quiz separar-se do autor de seos dias, máo grado quantas promessas e caricias fazia-lhe o commandante do navio vencedor, de maneira que este, commovido, acabou por mandar soltar o prizioneiro.

Na Bahia frequentou Augusto Vencesláo as aulas de estudos preparatorios até 1819, quando seguio para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na Academia de Marinha.

---

* Extrahido do *Diario da Bahia* de 30 de Janeiro de 1877

Por avizo de 2 de Setembro de 1820 assentou praça de aspirante á guarda-marinha em 11 do mesmo mez e anno; mas havendo assistido assiduamente, como paizano, ás diversas aulas do curso, foi-lhe concedido contar antiguidade desde o anno anterior.

Durante o seo periodo academico distinguio-se sempre o moço aspirante por sua esclarecida intelligencia, comprovada aplicação e exemplar procedimento.

Promovido á guarda-marinha em 1821, n'esta qualidade embarcou na corveta *Maria da Gloria*, de que era commandante o capitão de mar e guerra Diogo Jorge de Brito, passando depois para o brigue *Reino-Unido*.

Promovido a 2.° tenente por decreto de 6 de Outubro de 1822, regressou á corveta *Maria da Gloria*, então commandada pelo capitão-tenente D. Francisco de Souza Coutinho; e ao ser este navio desarmado, foi transferido para a fragata *Real Carolina* (depois denominada *Paraguassú)*, donde passou para o commando da escuna *Catharina* em 2 de Abril de 1823.

Pouco tempo depois foi a sua saude afectada gravemente e teve o briozo commandante de ser destacado para a fragata *Piranga* até que se restabelecesse.

A 9 de Julho d'esse mesmo anno, quazi que sahido apenas do leito da enfermidade, confiaram-lhe o commando da brulote *Luiza*, donde passou a servir na fragata *Nicteroy*, até que a 26 de Agosto foi commandar a preza portugueza hiate *Alegria*, cuja guarnição, tendo se revoltado em alto mar, conduzio-o forçadamente, depois de ferido, ao porto de Viana, em Portugal, onde ficou prizioneiro.

Fazia então o valente oficial parte da esquadra commandada pelo almirante Lord Cockrane, na guerra da independencia do Brazil.

As privações que sofreo como prizioneiro em Portugal fizeram com que o nosso ministro de negocios estrangeiros baixasse o seguinte oficio: « Tendo sido prezente á Sua Magestade o Imperador a portaria que dirigio o ministro e secretario de estado dos negocios da marinha, em data de 10 do corrente mez, remetendo o oficio que tinha recebido do 2.° tenente da armada nacional Augusto Vencesláo

da Silva Lisboa, o qual, achando-se de guarnição a bordo da fragata *Nicteroy*, e sendo encarregado de trazer para esta côrte o hiate portuguez *Alegria*, que a mesma fragata tinha aprezado, foi obrigado, em consequencia da revolta que fez a tripolação do dito hiate, mudando-lhe o rumo de viagem, a seguir para Portugal, onde chegando, foi prezo a bordo da náo *São Sebastião*, dando-se-lhe apenas uma mizeravel ração de porão; Sua Magestade o Imperador profundamente magoado com este dezastrozo acontecimento, e querendo, quanto está de sua parte, melhorar a sorte d'este digno oficial brazileiro, determinou aos seos agentes em Inglaterra, que não só lhe fornecessem todos os socorros necessarios, afim de que não sofra a menor falta, mas tambem interpuzessem os seos bons oficios para que possa ser quanto antes restituido ao serviço brazileiro; o que manda pela secretaria de estado dos negocios estrangeiros participar ao dito ministro em resposta a sua portaria. *Luiz Jozé de Carvalho e Mello.* »

Por decreto de 9 de Agosto de 1824 foi promovido a 1° tenente e aprezentou-se na côrte do Rio de Janeiro, de volta de Portugal, em 16 de Outubro d'esse anno.

Tornou a embarcar como oficial na fragata *Nicteroy*, passando depois para a náo *Pedro I*, e teve em seguida o commando das escunas *Providencia* e *Liberdade do Sul:* n'esta ultima commissão assistio ao combate, que teve lugar no Rio da Prata a 9 de Fevereiro de 1827, e praticou um rasgo de verdadeiro heroismo, lançando fogo ao navio de seo commando para não ser aproveitado pelo inimigo; mas teve a desdita de cair prizioneiro e foi conduzido a Guatiguaixim, donde pôde salvar-se para Montevidéo, sendo ahi de novo prezo, violencia que suportou até que, por ocazião da troca de prizioneiros, readquirio a liberdade em 16 de Outubro de 1828.

Logo no dia seguinte foi nomeado oficial da corveta *Maria Izabel*, e pouco depois da corveta *Carioca*.

O finado Barão do Rio da Prata, de saudoza memoria, informando um requerimento do 1°. tenente Augusto Vencesláo da Silva Lisboa, assim exprimio-se: « Illm. e Exm. Sr. Demorei a informação, que V. Ex. mandou que eu désse sobre o requerimento do 1° tenente Augusto

Vencesláo da Silva Lisboa, por avizo de 11 de Fevereiro proximo, porque, tendo vislumbres de ser verdade o que elle refere, era negocio mui grave, e me obrigava a buscar certeza; e tendo esta de vir de lugar remoto, indispensavel se fazia a tardança.

Agora posso assegurar a V. Ex., que o suplicante foi um dos que melhor se conduziram no ataque feito em Dezembro de 1826 no Uruguay contra as forças inimigas, commandadas por Brown, que foi obrigado a retirar-se.

Em 8 de Fevereiro de 1827 não entrou em acção por encalhar a sua escuna, que demandava mais agua do que qualquer das outras embarcações d'aquella divizão; em o dia seguinte pela mesma razão não pôde chegar ao lugar do combate, e consta-me haver manobrado para conseguir aproximar-se; retirando-se depois de ver mallogrados os esforços das trez que sustentaram o fogo, queimou a sua escuna, evitando assim que com ella os inimigos augmentassem de força; exemplo que poucos deram. Rio de Janeiro 20 de Março de 1829. Illm. e Exm. Sr. Miguel de Souza Mello Alvim. *Barão do Rio da Prata.*»

Por avizo de 31 de Janeiro de 1830 foi nomeado commandante da náo *Pedro I*, passando em Dezembro do mesmo anno a commandar o paquete *Imperial Pedro*, donde desembarcou por mostra de desarmamento em 20 de Dezembro de 1832.

Quatro mezes depois, a 20 de Abril de 1833, foi nomeado commandante do paquete *Jacuipe*, tendo em seguida, a seo pedido, passado a commandar a barca de vapor *Correio Brazileiro*.

Creado o lugar de estereometra da alfandega d'esta provincia, muitos dos seos amigos instaram com elle para que se inscrevesse para o concurso, que então houve, cabendo-lhe ver os seos talentos remunerados com a nomeação que conferio-lhe o decreto de 14 de Setembro de 1835; mas o illustre oficial, não querendo prejudicar sua carreira militar, solicitou exoneração do dito emprego, depois de havel-o exercido por algum tempo com intelligencia, zelo e inexcedivel probidade.

Foi então promovido a capitão-tenente em 1836, e no anno seguinte, a 14 de Outubro, nomeado ajudante da inspecção do arsenal de marinha da Bahia.

Em 19 de Novembro d'aquelle mesmo anno o prezidente da provincia nomeou-o para commandar a barca n. 1, commissão que deixou logo a 28 de Dezembro seguinte, afim de continuar no seo emprego de ajudante da inspecção.

Em 14 de Fevereiro de 1838 uma portaria do prezidente incumbio-o da intendencia interina da marinha existente em Itaparica, da qual se exonerou em 17 de Março d'esse mesmo anno, por se ter aprezentado para reassumir este emprego o intendente Pedro Ferreira de Oliveira.

Em diversas outras ocaziões exerceo interinamente o cargo de intendente.

No decurso do anno de 1840 coube-lhe reger por escolha do governo a cadeira de geometria aplicada ás artes e oficios, e ainda em 6 de Julho de 1847 foi nomeado lente da de mechanica e geometria.

Em 1849 foi promovido a capitão de fragata.

Escolhido em 20 de Fevereiro de 1850 para o lugar de capitão do porto da provincia das Alagôas, seguio a exercer aquelle emprego, no qual mostrou-se na altura do seo incontestavel merecimento; e ao voltar, em 1853, á Bahia, para reassumir o cargo, que de novo lhe fôra confiado, de ajudante de inspector do arsenal, recebeo dos habitantes d'aquella provincia as mais significativas provas de estima, respeito e consideração.

Afinal foi em 1858 distinguido com a nomeação de capitão do porto da Bahia e em 1859 promovido a capitão de mar e guerra graduado, obtendo em 1860 a efectividade d'este posto.

Em 1866, em cumprimento do avizo-circular do ministro da marinha de 18 de Setembro d'aquelle anno, reformou-se no posto de chefe de divizão.

Foi forçado a adoptar similhante alvitre, aliás bastante penozo para elle. porque os seos incommodos de saude, mais do que sua já avançada idade, impediam-lhe de comparecer ao teatro das operações de guerra do Paraguay.

No cargo porém que exercia e exerceo dignamente até a sua morte, muito concorreo para que o numero de voluntarios para a marinha fosse tão elevado.

Era condecorado com o oficialato da imperial ordem da Roza e com os habitos de Aviz e da Independencia.

Por muitas vezes foi honrado com o sufragio de seos comparochianos; pertencia a diversas sociedades scienticos, literarias, e de beneficencia, e ocupou por mais de uma vez o cargo de prezidente da *Sociedade dos Veteranos da Independencia*.

Atacado ultimamente de uma traiçoeira molestia, que só poucos dias antes de sua morte aprezentou simptomas de faltal gravidade, exhalou o ultimo suspiro, rodeado d'aquelles aos quaes era tão caro, no dia 1.° de Janeiro d'este anno (1877).

O finado era geralmente bemquisto.

Como cidadão, como chefe de familia, como funcionario publico, sempre foi um tipo de virtudes, um modelo digno de ser imitado.

A imprensa d'esta capital (Bahia) e bem assim diversos orgãos de publicidade, quer da côrte do imperio, quer de outras provincias, lamentaram profundamente a perda de uma das poucas reliquias dos tempos gloriozos da nossa emancipação politica.

Foi cazado com D. Innocencia Jozé de Aguiar Lisboa, falecida em 28 de Março de 1870.

Deixa trez filhos:

O Dr. Augusto Vencesláo da Silva Lisboa, medico do exercito, empregado na fortaleza de S. João, no Rio de Janeiro; D. Adelaide Lisboa da Costa Lima, espoza do capitão-tenente João Moreira da Costa Lima; o Dr. Frederico Augusto da Silva Lisboa, medico e um dos proprietarios da *Imprensa Economica*.

O chefe de divizão Augusto Vencesláo da Silva Lisboa morreo pobre, mas lega a sua familia um nome honrado e merecedor da veneração publica.

Nota sob a obra «Pequenos na terra, grandes no céo»

Rio das Velhas, Macaúbas 14 de Dezembro de 1896. Ao Sr. Barão Homem de Mello. Atendendo a sua precioza missiva lhe envio no papel incluzo a noticia sobre a obra «Pequenos na terra, grandes no Céo», e sobre o nascimento, entrada para o recolhimento e morte da Irman Germana. A obra foi dedicada ao capitão-mór Paulo Rodrigues Durão, mas não foi escrita por elle, sim porém, por Frei Apollinario. Na segunda parte vem um prologo, onde o escritor fala dos grandes serviços prestados pelo capitão-mór á ordem franciscana e á religião em Minas e procura mostrar a nobreza de prosapia do dito Paulo Rodrigues Durão.

Tenho no prelo uma obra sobre varias personagens e instituições; n'ella trato da Irman Germana. Não me esquecerei de oferecer ao amigo Sr. Barão um exemplar.

Dar-me-á grande prazer sua vinda aqui. Quando possa realizal-a, peça-me condução no Rio das Velhas; mandarei animaes, e ha de dignar se receber nossa hospedagem no nosso humilde presbiterio aqui. Digne-se dispôr do amigo. Padre *Joaquim Silverio de Souza.*

« Pequenos na terra, grandes no Céo ». Memorias historicas dos religiozos da Ordem Serafica, que do humilde estado de leigos subiram ao mais alto grão de perfeição. Dedicada ao Sr. Paulo Rodrigues Durão, Sargento-Mór das Ordenanças do distrito do Matodentro por Sua Magestade, Guarda-Mòr das repartições das terras mineraes no distrito das Catas Altas e Inficionado. E escritas por Fr. Apollinario

da Conceição, Religioso Leigo da Provincia da Immaculada Conceição de Nossa Senhora do Rio de Janeiro do Instituto Capuxo e natural da cidade de Lisboa Occidental. Lisboa Occidental, Na Officina da Muzica debaixo da proteção dos Patriarcas São Domingos e S. Francisco. MDCCXXXV. Com todas as licenças necessarias.

Irman Germana nasceo a 2 de Fevereiro de 1781, entrou para o recolhimento de Macaúbas a 17 de Setembro de 1843; faleceo a 14 de Janeiro de 1856.

TESTAMENTO E CERTIDÃO DE OBITO

DE

Paulo Rodrigues Durão, pae de frei Jozé de Santa Rita Durão, autor do poema Caramurú

Padre Antonio Gonçalves Machado, Vigario d'esta freguezia de Nossa Senhora de Nazareth e Santa Rita Durão, etc.

TESTAMENTO DE PAULO RODRIGUES DURÃO

Em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho, Espirito-Santo, trez pessoas distintas e um só Deos verdadeiro. Saibam quantos este instrumento virem como no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1743, aos 4 dias do mez de Maio, no Engenho de Nossa Senhora Santa Anna, eu Paulo Rodrigues Durão, estando em meo perfeito juizo e entendimento que Nosso Senhor me deo, e com minhas molestias de que me estou curando, temendo-me da morte, e dezejando pôr minha alma no caminho da salvação, por não saber o quando Nosso Senhor me ha dé chamar, e o que de mim quer fazer, e quando será servido levar-me para si: Faço este testamento na fórma seguinte: Primeiramente encommendo a minha alma a SS. Trindade, que a creou, e rogo ao Eterno Pae, que pela morte de seo Unigenito Filho a queira receber; e a Virgem Maria Senhora Nossa, ao Santo do meo nome, ao Senhor São Jozé e Senhora Sant'Anna, com quem tenho especial devoção, e a todos os Santos e Santas da

côrte do Céo; rogo sejam meos intercessores, quando a minha alma d'este mundo partir, peço que vá gozar da bemaventurança, para qual foi creada, porque como verdadeiro christão protesto de viver e morrer na santa fé catholica e querer tudo o que quer e crê a Santa Madre Egreja Romana, em cuja fé espero salvar a minha alma. Rogo a Donna Anna Garcez de Moraes, minha mulher em primeiro lugar, e em segundo ao meo genro Francisco Velozo de Miranda, e em terceiro e quarto aos meos sobrinhos Jozé Rodrigues Durão e o capitão João Favaxo queiram por servir a Deos, ser os meos testamenteiros, para que os concedo todos os poderes e direitos necessarios, e os constituo por meos procuradores e administradores de meos bens quanto em direito posso sem que seja necessario satisfação alguma. Ordeno, que meo corpo seja sepultado na matriz d'esta minha freguezia de Nossa Senhora de Nazareth do Inficionado, na sepultura que me tocar, como Provedor que fui da Irmandade do SS. Sacramento. E será o meo corpo amortalhado no habito de São Francisco, falecido que seja, e havendo lugar de chamar quatro sacerdotes acompanharão o meo corpo d'esta caza em que moro, e da outra em que se depozitará no arraial do Inficionado para a matriz, acompanhado das Irmandades de que sou Irmão, e sacerdotes na fórma que declarei ser levado á matriz. Aos sacerdotes que acompanharem meo corpo ao arraial se lhes dará a esmola devida. Meo corpo será acompanhado da caza do arraial em que for depozitado para a Egreja pelo meo Revd. vigario e mais sacerdotes, cujo numero deixo a eleição dos meos testamenteiros, e todos dirão missa de corpo prezente por minha alma, e não podendo ser no dia em que falecer seja no dia seguinte: deixo e ordeno que se faça um oficio de corpo prezente por minha alma, a que assistirá o meo Revd. vigario e com desaseis sacerdotes. Ordeno, que logo depois de meo falecimento se digam na dita egreja em que hei de ser sepultado pelo Revd. vigario e sacerdotes da freguezia cincoenta missas, etc. Declaro, que sou natural da villa de Evora, cultes de Alcobaça, filho legitimo de Luiz Rodrigues e sua mulher Catharina Francisca, ja falecidos. Declaro, que sou cazado com Dona Anna Garcez

de Moraes por carta de ametade. Declaro, que de entre ambos temos tido quatro filhos: um que faleceo no Reino por nome Paulo, outro por nome Jozé, que se acha religiozo de Santo Agostinho e se chama por nome Frei Jozé de Santa Rita, outro filho por nome de Joaquim ainda menor, e uma filha por nome Dona Maria Thereza, que se acha cazada com Francisco Velozo de Miranda. Declaro, que para entrar o dito meo filho Jozé na Religião dos eremitas de Santo Agostinho, se fez contrato com a dita Religião de se dar esta das legitimas que lhe podiam tocar por minha morte e de minha mulher, recebendo oito centos mil réis, que com efeito logo recebeo, e com obrigação mais de entregar a Religião o capital para uma tença para o dito meo filho de setenta mil réis em quanto vivo com que a Religião lhe assistirá, ficando por sua morte á Religião, logrando o capital, e desobrigada da tença. Ordeno, que no cazo que antes do meo falecimento se não houver remetido o capital para esta Religião, meos testamenteiros remeterão logo na forma do dito contrato, que se fez por escritura. Declaro mais etc. Padre *Antonio Gonçalves Machado.*

Padre Antonio Gonçalves Machado, vigario encommendado d'esta freguezia de Nossa Senhora de Nazareth.

Certifico, que, revendo os livros de assentos de obitos d'esta freguezia de Nossa Senhora de Nazareth, no livro 2° e folhas 4ª, encontrei o assento do teor seguinte: Aos 9 dias do mez de Novembro de 1743, na capella-mór d'esta matriz de Nossa Senhora de Nazareth do Inficionado, denominada capella-mór d'ella, se deo sepultura a Paulo Rodrigues Durão, sargento-mór d'esta freguezia. Recebeo por decurso de sua doença repetidas vezes os Santos Sacramentos da Penitencia, Communhão e Extrema-Uncção; e ultimo termo de sua vida, se lhe repetio a de Extrema-Uncção, por ter estado melhor antecedentemente; foi por mim na sua capella encommendado com assistencia de mais quatro sacerdotes e com outros muitos acompanhado para esta matriz, aonde se lhe fez um officio de corpo prezente de vinte e um sacerdotes, que todos lhe disseram missa de corpo prezente. Deixou em seo testamento, que se lhe fizesse mais outro officio e mais outros

sacrificios, os quaes constam do dito se testamento, quez foi copiado n'este mesmo livro (ás folhas 200), de que fio este assento que firmo e supramente lavrei. Inficionado, dia, mez e éra, ut supra. O vigario, Luiz Jaimes de Magalhães Couto. E' o que continha no referido assento que fielmente copiei a letra. *In fide parochi.* Matriz da freguezia de Nossa Senhora de Nazareth, e hoje Santa Rita Durão, 2 de Fevereiro de 1896. O vigario *Antonio Gonçalves Machado.*

VIAGEM

DO

Imperador D. Pedro I a Minas-Geraes em 1830 e 1831

Damos hoje na *Revista* a descripção completa e respectivo itinerario da viagem do Imperador D. Pedro I, e da Imperatriz Amelia, transcrita do *Diario Fluminense* de 30 de Dezembro de 1830, a 12 de Março de 1831, pag. 228.

E' um documento preciozo para ajuizar com justeza a situação real das couzas nos derradeiros dias do 1.° reinado.

Referindo-se a este acontecimento diz o grave historiador João Armitage em sua Historia do Brazil, pag. 288:

—

Na provincia de Minas-Geraes, uma das mais importantes e populozas do Imperio, o descontentamento tinha-se augmentado ainda mais do que no Rio de Janeiro.

O Imperador determinou-se a vizitar aquella provincia, afim de reprimir com a sua prezença o desenvolvimento do grito de federação, e de obter a reeleição do deputado Maia, que elle havia nomeado ministro do Imperio.

. . . . . .

O Imperador esperava, que o entuziasmo, que a sua prezença n'esta provincia havia de cauzar, e a cooperação

dos seos habitantes, lhe dariam meios para ainda subjugar o partido liberal ; mas, a este respeito, laborava em erro.

Nas cidades e villas, onde todos os joelhos se haviam curvado, quando passára em 1822, de onde seo nome, poucos annos antes, só era pronunciado com reverencia, celebravam-se exequias funebres em honra do assassinado Badaró, mesmo debaixo das vistas da imperial comitiva. Em diversas ocaziões as autoridades municipaes lhe dirigiram discursos congratulatorios ; mas eram demaziadamente pompozos e elaborados na sua frazeologia, para serem tidos por sinceros : e ainda mesmo que o Imperador por um momento os julgasse como taes, o rezultado das eleições o deveria logo desenganar « visto que foram baldados todos os esforços feitos para a reeleição de Maia. »

—

Reprovando a politica imperial, a provincia de Minas deixou de reeleger o ministro do Imperio, o eminente jurisconsulto Jozé Antonio da Silva Maia : mas sempre austera em seos costumes politicos, salvou a deferencia devida ao chefe do Estado e sua familia, a quem recebeo como hospede e como hospede tratou.

A narrativa do escritor cortezão do tempo tem inestimavel valor pela cor local e pela fizionomia dos tempos, que de tão distanciados de nós parecem pertencer a uma outra época. São particularmente interessantes as noticias, que n'esse itinerario encontramos sobre as pessoas do tempo e sobre as localidades, cidades e villas vizitadas pelo Imperador.

O estilo do chronista oficial do tempo é o mesmo de todo documento d'esta especie, apreciando-se ahi a impagavel candura do reporter imperial.

Como modelo no genero pode citar-se o seguinte trexo da narrativa :

« Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia de hontem, e estão de saude : parece, que a divina Providencia se acha particularmente ocupada de vigiar sobre Suas Augustas Pessoas. »

O escritor aliás resgata esta innocente ingenuidade com as descripções tão pitorescas, que nos dá das scenas do tempo.

Rio 24 de Março de 1897.

BARÃO HOMEM DE MELLO.

—

DIARIO FLUMINENSE DE 30 DE DEZEMBRO DE 1830

Hontem, 29 do corrente, Suas Magestades Imperiaes embarcaram no caes de S. Christovão, pelas 8 horas da manhan, para o porto da Estrella, sendo acompanhados desde o paço da Bôa-Vista até o lugar do embarque por muitas pessoas, que se haviam ajuntado para lhes beijarem as mãos n'esta despedida. Os Exms. ministros e algumas pessoas mais os seguiram ainda no mar no escaler do ministro da marinha até que Sua Magestade o Imperador houve por bem de os dispensar, mandando que se retirassem.

Lista das pessoas que embarcaram para a viagem á Minas-Geraes:

Sua Magestade o Imperador, Sua Magestade a Imperatriz, Baroneza de Stuomfeder, camarista Luiz Pinto Guedes, veador Lazaro Jozé Gonçalves, particular de Sua Magestade a Imperatriz, Francisco Dietz, Maria Stab, Tremisson, Nani, Jozé Maria Lobo, reposteiro; Dr. Tavares, capellão conego Camello, e mais cinco criados particulares, a uxaria e mantearia.

Tambem acompanhou a Suas Magestades Imperiaes o Exm. Sr. ministro do Imperio.

DIARIO FLUMIMENSE DE 31 DE DEZEMBRO DE 1830

Suas Magestades Imperiaes e toda a sua comitiva chegaram bem á fabrica da polvora pelas 3 horas e 20 minutos da tarde do dia 29, em que embarcaram para a viagem de Minas.

DIA 30 DE DEZEMBRO DE 1830

Fazenda da Fabrica da Polvora

Suas Magestades Imperiaes, tendo passado bem a noite, partiram para a fazenda do Corrêa pelas 6 horas da manhan.

DIA 31 DE DEZEMBRO DE 1830

Na fazenda do Corrêa

Suas Magestades Imperiaes, depois de uma jornada trabalhoza por cauza do máo estado dos caminhos, chegaram hontem pelas 11 horas e 20 minutos da manhan á fazenda do Corrêa, onde pernoitaram e amanheceram hoje sem incommodo.

DIA 1 DE JANEIRO DE 1831

Na fazenda do Corrêa

Suas Magestades Imperiaes passaram o dia de hontem n'esta fazenda, amanheceram hoje bem e partiram depois das 7 horas.

DIA 4 DE JANEIRO DE 1831

No registo da Parahibuna

Suas Magestades Imperiaes hontem adiantaram apenas o pequeno espaço de legua e meia: chegaram felizmente a este registro ás 8 horas e 3 quartos da manhan.

Sua Magestade Imperial aproveitou todo o tempo em averiguações e providencias a bem dos povos e dos interesses nacionaes. Seguio-se a jornada hoje ás 5 horas e meia da manhan.

—

Venceo-se pouco em caminho, pois que a marcha foi apenas de legua e meia. mas aproveitou-se o tempo, porque Sua Magestade Imperial ocupou-se immediatamente de um miudo exame a respeito do que era precizo providenciar-se a bem dos povos rezidentes n'estas margens do

Parahiba, e dos que transitam pela frequentadissima estrada de Minas, que muito clamam pelo seo melhoramento, e por maior facilidade na passagem d'este rio, onde se cobram rendas nacionaes.

Apenas soube Sua Magestade Imperial, que a igreja matriz se achava em lamentavel estado, vizitou-a pessoalmente, deixando logo na mão do vigario a esmola de 100$ para ajuda da sua reedificação, á qual se prestam todos os parochianos, e agora muito mais, seguindo o exemplo do seo religiozo chefe, que sem limitar-se á oferta de que falámos, prometeo coadjuvar quanto podesse a reparação do templo, louvando o zelo dos parochianos que haviam prometido esmolar para este fim na ocazião em que vinham beijar-lhe a mão.

Averiguando o estado da administração do registro tanto por meio de informações dos seos empregados como pela inspecção dos livros e assentos, que servem para o lançamento do que é relativo á arrecadação do rendimento das passagens; e certificado do deleixo e falta de metodo com que tudo ali se fazia, ordenou, além de outras couzas, um formulario para a escrituração, que mandou desde logo observar interinamente, emquanto pelo Thezouro Nacional se não observasse outra couza.

Pela investigação, que se fez, conheceo-se, que o administrador do registro não só tinha empregado no serviço cinco escravos seos, mas além d'isto lhes abonava o jornal de 640 réis diariamente, sem aprovação para mais de 480 réis. Terminou este abuzo por ordem de Sua Magestade Imperial, despediram os escravos, e foram substituidos logo por homens livres, e sem o excesso dos 160 réis, que redundavam indevidamente em proveito do administrador.

A *Aurora*, que por duas vezes tem beliscado na viagem de Sua Magestade Imperial a Minas, ora dando a entender que vae comprar amigos com titulos e commendas, como si os Mineiros se vendam ou sejam inimigos do Imperador; e ora querendo axincalhar a ida do Exm. ministro do Imperio, como para recommendar-se ás eleições de deputados, que vagou pela sua nomeação ao ministerio, vá marcando esses beneficios da viagem de

Suas Magestades Imperiaes á provincia de Minas, emquanto lhe não respondemos á pergunta, que nos faz sobre os sete ministros de estado, que só ella póde descobrir no estado actual da nossa administração.

Ao somarmos as contas dos beneficios publicos no fim d'esta viagem, e sem conceder esse incremento de ministerio, provaremos em rezultado quanto são, ou malignos, ou faltos de juizo, os que têm estranhado e até mesmo envenenado a vizita, que Suas Magestades Imperiaes emprehenderam fazer á provincia de Minas-Geraes.

Os vivas agradecidos dos briozos Mineiros hão de sobrepujar as gritarias e manhozas censuras da *Aurora* e papeluxos, porque tanto confiamos no zelo incansavel do bem publico, que levou Suas Magestades Imperiaes a esta respeitavel provincia, desprezando os incommodos da jornada, como no caracter briozo e verdadeiramente constitucional dos Mineiros, que souberam responder com amor sincero, e agradecimentos não fingidos, a esta prova de predileção, que merece o Nosso Augusto Chefe. Demos tempo ao tempo, e saberemos quem escreve de boa fé sobre as viagens de Suas Magestades Imperiaes a provincia de Minas-Geraes.

DIA 5 DE JANEIRO DE 1831

No quartel da Parahibuna

Suas Magestades Imperiaes estiveram no quartel da Parahibuna desde ás 10 horas da manhan de hontem, até ás 6 1/2 da manhan de hoje, em que seguiram a sua jornada. Sua Magestade o Imperador, examinando o estado actual da administração do registro teve o gosto de poder louvar o bom serviço dos empregados e particularmente do escrivão, que lhe aprezentou a respectiva escrituração em boa ordem e exactamente em dia.

DIA 5 DE JANEIRO DE 1831

Ás 7 horas da tarde na fazenda do Guarda-Mór

Acham-se Suas Magestades Imperiaes na fazenda do Guarda-Mór, a trez leguas e meia distante do Parahibuna,

onde chegaram ás 10 horas da manhan, vencidos sem perigos os máos passos do caminho. Estão de saude e têm determinado ficar n'esta fazenda o dia seguinte por cauza do máo tempo.

DIA 2 DE JANEIRO DE 1831

Na fazenda do Secretario

Suas Magestades Imperiaes, com uma marcha de quatro leguas, chegaram á fazenda do Secretario, sem mais incommodo, que alguma mortificação cauzada pelo máo caminho, ás 11 horas e trez quartos, pernoitaram aqui, e amanheceram bem ; sahiram ás 6 1/2 horas.

ADVERTENCIA

Esta noticia foi recebida depois das que já se publicaram, por isso não vae segundo a ordem do tempo, e sim para conhecimento dos que amam saber com exactidão as jornadas de Suas Magestades Imperiaes desde que sahiram para a provincia de Minas-Geraes.

DIA 6 DE JANEIRO DE 1831

Fazenda do Guarda-mór

Suas Magestades Imperiaes amanheceram com perfeita saude e passaram o dia n'essa fazenda.

DIA 7 DE JANEIRO DE 1831

Fazenda do Guarda-mór

Suas Magestades Imperiaes amanheceram bem, e para continuar a jornada partiram ás 5 horas da manhan.

DIA 10 DE JANEIRO DE 1831

Fazenda do Chapéo d'Uvas

Suas Magestades Imperiaes, tendo caminhado quatro leguas e meia, chegaram hontem ao Chapéo d'Uvas pelas

9 horas e trez quartos da manhan ; passaram bem o resto do dia e a noite, e partiram ás 6 horas da manhan de hoje.

DIA 11 DE JANEIRO DE 1831

Rocinha de João Gomes

Suas Magestades Imperiaes apearam-se hontem ás 10 horas e um quarto da manhan na rocinha de João Gomes, á distancia de duas leguas e meia do lugar donde sahiram, e não foram mais adiante por falta de commodo em parte onde podesse chegar a comitiva. Passaram bem, e partiram hoje ás 6 horas da manhan.

DIA 12 DE JANEIRO DE 1831

No Registro—Velho

Suas Magestades Imperiaes, com uma comprida marcha de oito leguas e meia, chegaram hontem a caza do Rev. Manoel Rodrigues, pelas 7 horas e um quarto da tarde, em boa dispozição. Passaram bem a noite e têm determinado demorar-se aqui até o dia 17.

DIA 13 DE JANEIRO DE 1831

No Registro-Velho

Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia de hontem. O Rev. Manoel Rodrigues tem se esmerado para que nada falte ás suas commodidades. Os membros reunidos da camara municipal da muito nobre e sempre leal villa de Barbacena, o juiz de paz e mais pessoas graves vieram felicitar a Suas Magestades Imperiaes pela sua chegada, e ter a honra de beijar-lhes as mãos, e os mesmos augustos Senhores, recebendo a todos com a sua natural e costumada benignidade, acolheram com particular consideração o corpo municipal.

PROVIDENCIAS TOMADAS NA JORNADA

Atendendo Sua Magestade Imperial ao incalculavel prejuizo, que, com perdas de fazendas e perigo de vida,

rezulta da falta da ponte, que houvera sobre o Rio-Morto na fazenda do Corrêa, e estradas de Minas-Geraes, e á urgentissima necessidade de promptamente se construir outra, ou no mesmo lugar da que se destruio, ou n'aquelle que mais commodo e conveniente se achar, para facilitar e segurar o transito das muitas tropas e viandantes, que giram d'esta para aquella provincia: Ordena á camara municipal da villa de S. Pedro de Cantagallo, que sem perda de tempo dê todas as providencias, que são de suas atribuições sobre a referida ponte, procedendo immediatamente as diligencias ordenadas pelo seo regimento e pela lei de 29 de Agosto de 1828; e dando parte de tudo o que fizer, e das duvidas e obstaculos que se lhe oferecem pela secretaria de estado dos negocios do Imperio.

Fazenda do Corrêa 30 de Dezembro de 1830. *Jozé Antonio da Silva Maia.*

PARA O DR. JOÃO FERNANDES TAVARES

Dezejando Sua Magestade Imperial, que na sua jornada á provincia de Minas-Geraes, a que o conduz o amor de seos subditos, aproveitem todos, quanto fôr possivel, os beneficos efeitos da sua paternal solicitude; e atendendo a que, apezar das providencias legislativas, e do governo, ainda se tem retardado o beneficio da vacina n'esta e na sobredita provincia, com prejuizo grave da saude publica: Ordena ao Dr. João Fernandes Tavares, medico de sua imperial camara, em actual serviço na referida jornada, que administre publicamente a vacina em todas as cidades e villas que o mesmo Senhor houver, por bem vizitar, fazendo constar aos povos os lugares e os dias em que tiver de administral-a, e entendendo-se para esse fim com as respectivas camaras municipaes. Fazenda do Secretario 2 de Janeiro de 1830. *Jozé Antonio da Silva Maia.*

PARA O CONEGO ALBERTO DA CUNHA BARBOZA

Illm. Senhor. Sua Magestade Imperial, a quem tem sido prezentes, no decurso d'esta sua jornada, os repetidos

queixumes dos tropeiros e viandantes, que actualmente privados da ponte, que houvera sobre o Rio-Morto na fazenda de V. S., se têm visto na necessidade de exporem aos eminentes e graves riscos de uma perigoza passsagem, suas fazendas e vidas, dezejando prover de remedio a tão grandes males, que pezam sobre os seos subditos, e que não puderam remediar-se com a necessaria brevidade por meio da execução das ordens já expedidas á camara municipal da villa de Cantagallo, me ordena lhe participe, que será muito do seo imperial agrado, que V. S. franqueie a passagem pela sua fazenda, em o lugar e pelo modo mais commodo a todos os tropeiros e viandantes emquanto se não fizer a nova ponte a cargo da sobredita camara; o que espera do seo assaz reconhecido patriotismo. Deos guarde a V. S. Fazenda do Governo 2 de Janeiro de 1831. *Jozé Antonio da Silva Maia*. Sr. Alberto da Cunha Barboza.

PARA O PROVEDOR DO REGISTRO DA PARAHIBA

Manda Sua Magestade Imperial ao provedor do registro da Parahiba, que de hoje em diante faça escrever no livro da receita do rendimento das passagens dos rios Parahiba e Parahibuna as verbas relativas, da maneira que mostra o formulario junto assignado pelo ministro e secretario de estado dos negocios do Imperio, emquanto outra couza se não determinar; e mais lhe ordena, que, desempenhando os deveres do seo emprego, cumpra e faça cumprir exactamente as leis, e ordens relativas a esta arrecadação, evitados os defeitos e desmazelos, que n'ella tem havido até agora, debaixo da mais restricta responsabilidade. Registro da Parahiba 3 de Janeiro de 1831. *Jozé Antonio da Silva Maia*.

PARA O MESMO PROVEDOR

Sua Magestade Imperial, certificado de que se não tem cuidado na conservação da ponte do rio Parahibuna, na estrada de Minas-Geraes, com o zelo qne cumpria para segurar a sua mais longa duração, ordena ao provedor do

registro da Parahiba, a cujo cargo está a referida ponte, empregue toda a necessaria vigilancia e diligencia para que bem se conserve, mandando já dar-lhe a pintura de que preciza, e fazendo-a repetir periodicamente, como convêm. Parahibuna 4 de Janeiro de 1831. *Jozé Antonio da Silva Maia.*

RIO DE JANEIRO

Depois das noticias da jornada de Suas Magestades Imperiaes, que hontem publicaram, receberam-se mais as que agora damos, e que enchem a falta de dois dias, que se nota na ordem das jornadas.

DIA 8 DE JANEIRO DE 1831

No lugar da Boiada

Chegaram Suas Magestades Imperiaes, com uma marcha demorada por cauza do máo tempo e caminho, pelas 9 horas á fazenda da viuva do Medeiros. Tinham determinado passar ahi o resto do dia; mas o dezejo, que tem Sua Magestade Imperial de adiantar a jornada, auxiliado com a frescura do tempo, o fez rezolver a continuar; e saindo os mesmos Senhores ás 11 horas, chegaram a Boiada ás 2 1/4 da tarde, tendo-se caminhado nas duas o espaço de quatro leguas. Amanheceram hoje com saude e sahiram ás 5 horas e 3/4.

DIA 9 DE JANEIRO

Na fazenda de Manoel Vidal

Suas Magestades Imperiaes, tendo feito muito commodamente uma marcha de trez leguas, chegaram á fazenda de Manoel Vidal, em que se alojaram do modo possivel. Passaram bem a noite e sahiram hoje ás 5 da manhan.

DIA 14 DE JANEIRO DE 1831

No Registro-Velho

Passaram Suas Magestades Imperiaes o dia de hontem no Registro Velho, onde continuaram a receber

os votos de respeito e de amor dos habitantes da villa de Barbacena e seo termo, que tiveram a honra de beijar suas augustas mãos. Sua Magestade o Imperador, que se divertio uma parte da manhan na caça, teve de noite uma leve indispozição de saude, que ainda hoje o incommoda; mas que se espera lhe não impedirá o fazer a sua entrada publica na villa pelo meio-dia como tem destinado.

DIA 15 DE JANEIRO DE 1831

No Registro-Velho

Melhorado Sua Magestade o Imperador do ligeiro incommodo, que tivera, acompanhado de Sua Magestade a Imperatriz, e seguido dos que tiveram a honra de vir em seo serviço n'esta jornada, sahio do Registro-Velho ás 11 horas da manhan, em grande uniforme, com a guarda de uma companhia de cavallaria de segunda linha, e fez a sua entrada na villa pelo meio-dia entre as mais pronunciadas demonstrações de jubilo e de respeito dos moradores, e dos que de fóra concorreram a tomar parte em tão brilhante acto. Dirigindo-se Suas Magestades Imperiaes á igreja matriz, ahi foram recebidos debaixo do palio, cujas varas ostentavam os membros da camara municipal: beijaram devotamente o crucifixo, que lhes aprezentou o vigario da freguezia depois do asperges, e na tribuna, que lhes estava destinada na capela-mór, ao lado do Evangelho, assistiram ao *Te-Deum* entoado pelo conego Camello, seo capelão. Terminado este religiozo acto, foram os mesmos Senhores debaixo do palio pelas ruas da villa até a caza dos Armondes, onde descansaram e foram servidos de um magnifico jantar. Voltaram de tarde para o Registro—Velho, e passaram bem a noite.

DIA 16 DE JANEIRO DE 1831

No Registro-Velho

Hontem depois das 8 horas da manhan, Suas Magestades Imperiaes sahiram em passeio do Registro-Velho á villa de Barbacena, foram encontrados a meio caminho pelos membros da camara municipal, o juiz ordinario e

dos orfãos; entraram na villa por entre os vivas e mais signaes de jubilo, amor e respeito iguaes ao do dia antecedente. Ouviram missa na igreja matriz, e dirigindo-se depois á chacara de Sua Alteza Imperial, recolheram-se a descançar em caza do reverendo vigario Antonio Marques de S. Paio, onde se dignaram jantar. Sua Magestade o Imperador deo audiencia a todos os seos subditos, que a elle recorreram, de palavra ou por escrito, e deferia-lhes com benignadade e justiça. Socorreo os pobres com avultadas esmolas, dadas por sua propria mão, e por intermedio do vigario, a quem encarregou de repartil-as pelos necessitados. Voltando para o Registro-Velho, chegaram sem incommodo ás 7 1/2 horas da tarde e passaram bem a noite.

DIA 17 DE JANEIRO DE 1831

No Barrozo, em caminho de São-João d'El-Rei

Fizeram hontem Suas Magestades Imperiaes a grande marcha de mais de cinco leguas; mas chegaram sem incommodo ao lugar denominado Barrozo, e á fazenda de Jozé Francisco Pires, onde pouzaram. Outra vez vieram os membros da camara municipal de Barbacena com o reverendo vigario e outras muitas pessoas esperar as Suas Magestades Imperiaes a meio caminho do Registro-Velho para aquella villa; e todos tiveram a honra de acompanhar suas augustas pessoas até muito além da mesma villa pela estrada, que segue a São-João d'El-Rei. Passaram bem a noite e partiram ás 5 horas da manhan.

DIA 17 DE JANEIRO DE 1831

No Registro-Velho

Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia de hontem, igualmente amanheceram hoje; e para seguirem a jornada, em direção á villa de São-João d'El-Rei, partiram ás 5 horas e trez quartos da manhan.

Semper honos, nomenque tuum, laudes que manebunt. *Virgilio.*

Senhor. O municipio d'esta villa animado, d'aquelles sentimentos que o tem sempre caracterizado, e que devem

inflammar os corações de todos os verdadeiros Brazileiros, felicita a Vossa Magestade Imperial e Sua Augusta Consorte. Expôr a Vossa Magestade Imperial a satisfação, o prazer, que a chegada de Vossa Magestade Imperial a este termo infunde no mais vivo d'alma a todos os seos habitantes, excede, Augusto Senhor, o poder de toda a expressão. E de que sorte, Augusto Senhor, podia ser animado um povo, cuja ventura, cuja existencia politica Vossa Magestade Imperial tem com paternal desvelo promovido!... O trono de Vossa Magestade Imperial alicerçado como é em nossos corações ha de disputar duração com a eternidade, e mostrar aos seculos por vir, que é só no amor dos povos, que os bons imperantes bazeam seos tronos.

Digne-se pois Vossa Magestade Imperial e sua mui Augusta Consorte acolher os protestos da mais sincera adhezão dos povos d'este termo ás augustas pessoas de Vossas Magestades Imperiaes, e os votos que continuamente fazem pela prosperidade e saude do Augusto Imperador e Defensor Perpetuo do Brazil.

Villa de São-Jozé em 18 de Janeiro de 1831. *João Antonio de Campos. Gervazio Ferreira de Alvim. Severiano Eulogio Ribeiro de Rezende. Matheus Fortunato de Mendonça. Jozé Esteves de S. Francisco. Manoel Pereira dos Santos Viana. Antonio Jozé Moreira.*

DIA 19 DE JANEIRO DE 1831

Na villa de São-Jozé

A's 10 horas e trez quartos da manhan de hontem chegaram Suas Magestades Imperiaes á ponte de Cuiabá, na proximidade da villa de São-Jozé, vindo já acompanhados do ouvidor da comarca, de grande numero de oficiaes militares da segunda linha, tanto d'esta villa como da do São-João d'El-Rei, e de uma companhia de cavallaria da segunda linha, para servir-lhes de guarda, que as tinham ido esperar a mais de meia legua. Ahi descançaram Suas Magestades Imperiaes na caza do cobrador dos direitos da passagem, e se prepararam para fazer a sua entrada, a qual se verificou depois do meio-dia, por entre uma

innumeravel multidão de pessoas de todas as classes, sexos e idades, que incessantemente repetiam vivas a Suas Magestades Imperiaes e Constitucionaes, a Sua Magestade a Imperatriz, á imperial familia, á religião, á constituição, o que tambem fez um corpo de tropa de infantaria da segunda linha, que se achava formada em uma praça da villa, commandada pelo seo major.

Dirigidos os passos á igreja matriz entraram n'ella Suas Magestades Imperiaes debaixo do palio, levado pelos membros da camara municipal, e assistiram ao *Te-Deum* debaixo do docel, que lhes estava destinado na capela-mór ao lado do Evangelho. Findo este acto religiozo, que se celebrou com a pompa talvez superior ao que podia esperar-se, foram Suas Magestades Imperiaes conduzidos debaixo do mesmo palio até a caza da rezidencia do reverendo vigario, que estava decentemente preparada para sua pouzada.

Immediatamente Suas Magestades Imperiaes se dignaram receber o cortejo da camara municipal, que pelo seo prezidente lhes fez as felicitações, a que Sua Magestade o Imperador houve por bem responder: Agradeço muito os sentimentos que acaba de patentear-me a camara municipal d'esta villa de São-Jozé, e deram a beijar suas augustas mãos, tanto aos membros da camara, como a todas as mais pessoas que as tinham acompanhado, e que se aprezentaram para esse fim.

Em todo o dia os repiques de sino, os fogos do ar e os vivas, que continuamente se repetiam diante das janelas da caza em que estavam Suas Magestades Imperiaes não deixavam duvidas da sinceridade dos sentimentos dos moradores da villa; e á noite acresceo a illuminação geral e uma banda de muzica, que depois de ter tocado e cantado o himno nacional na prezença de Suas Magestades Imperiaes, dando-se nos intervalos vivas a Suas Magestades Imperiaes e Constitucionaes, a quem nos deo a independencia, a religião, aos povos brazileiros, seguio com o mesmo festejo e alegria pelas ruas da villa, Sua Magestade o Imperador deo audiencia a todas as pessoas, que tiveram alguma couza a requerer-lhe. Fez distribuir pelos necessitados avultadas esmolas, e recebeo

felicitações que a camara municipal de São-João d'El-Rei lhe enviou com uma deputação de dois de seos membros.

Passaram Suas Magestades Imperiaes bem a noite, e hoje partiram para a villa de São-João d'El-Rei pelas 9 horas da manhan, acompanhadas de um grande numero de pessoas.

Senhor. A Camara Municipal da villa de São-Jozé do Rio das Mortes, com o maior respeito e submissão, se aprezenta a Vossa Magestade Imperial para lhe tributar a mais sincera homenagem.

A camara se dirige ao omnipotente Deos do Universo e com os votos mais fervorozos lhe suplica queira felicitar a Vossa Magestade Imperial e toda a Familia Imperial, concedendo-lhes em abundancia os bens mais preciozos e saudaveis até o feliz complemento dos dezejos de Vossa Magestade Imperial; este é o maior desvello que acompanha esta municipalidade, pois conhece, que a felicidade não só d'esta provincia, como de todo o Imperio Brazileiro, consiste na posse em que estamos de Vossa Magestade Imperial como nosso Imperador, verdadeiro constitucional e perpetuo defensor, e d'esta felicidade tem este municipio uma avantajada porção pela adhezão que com gosto tributa a Vossa Magestade Imperial; e si o impossivel, Senhor, nos veda de podermos comparecer pessoalmente para rendermos a Vossa Magestade Imperial aquella humilhação que tão justamente lhe é devida, nós o fazemos pela pessoa do capitão Matheus Furtado de Mendonça, um dos membros d'esta corporação, a quem enviamos, para de viva voz, em nosso nome e de todos os povos d'este termo, aprezentar os nossos verdadeiros sentimentos de veneração e obediencia. Digne-se pois Vossa Magestade Imperial aceitar os nossos dezejos, assim como as nossas vantagens; o que com razão esperamos, confiados na benigna e alta proteção de Vossa Magestade Imperial; e por este bem que tanto apetecemos, o Grande Distribuidor dos bens eternos lhe queira prosperar a saude e vida, como nós apetecemos para o complemento dos dezejos d'esta população e de todo o Imperio.

Villa de São-Jozé, em sessão ordinaria de 13 de Janeiro de 1831. *João Antonio de Campos. Gervazio Ferreira de*

Alvim. Antonio Jozé Moreira. Severino Eulogio Ribeiro de Rezende. Matheus Furtado de Mendonça. Manoel Pereira dos Santos Viana. Jozé Esteves de S. Francisco.

Senhor. Certificado da dezejada vinda de Vossa Magestade Imperial a esta villa, onde por graça de Vossa Magestade Imperial occupo o lugar de juiz de fóra da mesma e seo termo, como de intendente do ouro d'esta comarca do Rio das Mortes, não posso deixar de levar á augusta prezença de Vossa Magestade minhas felicitações, e em nome do povo d'esta villa e termo, pela feliz vinda de Vossa Magestade e da Augusta Consorte. Sim, Senhor, nós todos conhecemos a grandeza dos beneficios, que devemos a Vossa Magestade, como o sermos independentes, e o sermos uma Nação livre, governada por leis sabias e justas, executadas por um monarca, que é o codigo dos outros monarcas do mundo, e por isso retribuindo com igualdade, temos oferecido corações livres e fieis sob o que está firmado o trono constitucional de Vossa Magestade, que jamais será abalado : nem maior gloria póde caber a um monarca, do que imperar sob corações livres. A minha provincia é feliz, porque tem merecido vêr a Vossa Magestade por duas vezes, prova tambem de que Vossa Magestade a tem tambem na devida consideração ; e por isso disputava sempre com todas as outras do Imperio acerca do amor, respeito, gratidão, e reconhecimento, que todos devem a Vossa Magestade, sendo sempre exemplar em observar e sustentar a fórma do governo constitucional, que Vossa Magestade tão liberalmente nos outorgou. O momento de Vossa Magestade parece tardio, para a prezença de Vossa Magestade satisfazer nossos corações na expansão de alegria, que nos espera, e que já se diviza nos semblantes de todos: no emtanto porém queira Vossa Magestade aceitar nossas congratulações, e homenagens dos corações dos honrados habitantes d'esta villa e termo.

Deos guarde a Vossa Magestade Imperial por muitos e dilatados annos, como é mister ao Brazil. Villa de São-João d'El-Rei 14 de Janeiro de 1831. *Francisco de Paula Monteiro de Barros*, Juiz de fóra.

DIA 20 DE JANEIRO DE 1831

Na villa de São-João d'El-Rei

Hontem as 10 horas e meia da manhan entraram Suas Magestades Imperiaes n'esta villa de São-João d'El-Rei acompanhados, em muito boa ordem, de um piquete de primeira linha do destacamento da mesma villa, de uma companhia da imperial guarda de honra, de um esquadrão da cavallaria da segunda linha, do ouvidor da comarca, do juiz de fóra, e de um grande numero de empregados militares e civis e de mais pessoas distintas, que as tinham esperado em diversos pontos. Eram excessivos os signaes de publico regozijo em toda parte e em todas as pessoas. Passaram Suas Magestades Imperiaes pelo primeiro arco, formado de folhagens e flôres, saudados por vivas cheios de entuziasmo, e aproximando-se do segundo, na entrada da rua Intendencia, tiveram de apear-se, posto que a grande distancia da matriz, para serem a ella levados debaixo do palio, com que ahi se achavam os membros da camara municipal, precedendo o reverendo vigario, e muitos sacerdotes, que cantavam o *Benedictus*.

Na igreja debaixo do docel, na capela-mór, assistiram ao *Te-Deum*, que entoou o reverendo conego João Camello e foi cantado alternadamente por cantochão, e uma mui boa muzica; e sendo depois conduzidos, tambem com palio, á caza de João Damasceno Machado, destinada e ricamente preparada para sua apozentadoria, ahi se dignaram dar beija-mão aos membros da camara municipal, aos magistrados e aos ecleziasticos, militares e todas as mais pessoas, que concorreram a ter essa honra. Acabada esta cerimonia, Sua Magestade o Imperador despedio toda a tropa, declarando aos chefes, que não precizava de guarda alguma, porque muito guardado e seguro se considerava entre os seos subditos. Continuaram por todo o dia e noite as demonstrações de alegria, e contentamento nos repiques, nos fogos, no grande concurso de gente defronte da caza, nas luminarias, nas muzicas, nos himnos e nos vivas a Suas Magestades

Imperiaes e Constitucionaes, á Religião, á Constituição, á Familia Imperial.

Sua Magestade o Imperador informado de que os seos moços de estribeira, contra as suas expressas ordens, haviam extorquido algumas quantias dos donos das cazas em que se tinham hospedado, houve-os por indignos do seo serviço e os fez despedir.

Suas Magestades Imperiaes passaram bem a noite.

ODE

a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro I, por ocasião da jornada que em companhia da Imperatriz, sua augusta espoza, fez á provincia de Minas-Geraes no principio do anno de 1831. Oferecida aos mesmos Augustos Senhores por Francisco Freire de Carvalho, Portuguez, emigrado, outr'ora professor de historia e antiguidades na Universidade de Coimbra, com actual residencia na villa de São-João del-Rei, em a provincia de Minas:

Instar veris enim vultus ubi tuus
Affulsit populo, gratior it dies,
Et soles melius nitent.
HORAT. *Lib.* IV. *Od.* 5.

Vio-vos já uma vez ardente e irado
Esta vossa provincia, outr'ora illuza
Em seos vãos presupostos,
Quando, em vez de estender á Vós seos braços,
A Vós, que a Liberdade lhe outorgaveis,
Os pulsos ofertava
A' escravidão, que ao longe lhe acenava.

Triste Brazil ! Si então surdo aos dictames
De um mui feliz, sagaz presentimento,
Não annuisse aos votos
De alguns dos filhos seos, brazões da Patria,
Que, antevendo um porvir medonho, infausto,
Lhe abriram com prudencia
O alicerce da nobre Independencia.

Qual geme Portugal, gemêra em ferros
Durissimos; tiranicos, sangrentos,
Talvez inda hoje a terra
Que um Cabral descobrio, fôra um teatro
De desgraças fataes, de horrendos crimes:
Nem fôra n'esta idade
Da luza azilo honrada Liberdade.

Mas qual outro Vos vê hoje em seo seio
Aparecer sereno, e meigo, e afavel,
De Minas a provincia!
Já dos direitos seos no gozo inteiro,
Lucido astro esmaltado entre os mais astros
Do brazilico imperio!
Nova estrella do antartico hemisferio.

Qual marcha pelo etereo firmamento,
De fulgidos planetas rodeado,
O magestozo Febo,
Luz, e vida, e calor dando aos mais orbes:
Iguaes influxos espargis na Terra,
Co'a luminoza Delia,
Vossa espoza gentil, mimoza Amelia.

Da primavera as tépidas bafagens
E os graciozos, matizados dias,
Eis com vosco descendem
Das moradas do Eden, e entre nós soltam
Nova colheita de cheirozas flores;
Um Sol mais claro, e puro
Resplandece do pólo oposto ao Arcturo.

Volve comvosco a paz, volve a alegria
Sobre estes povos placidos, contentes,
Ao ver dentro em seos lares
De sua Independencia o Autor Primeiro,
O quazi numen, que rompeo seos ferros,
Que espontaneo lhe oferta
O codigo sublime, que os liberta,

O codigo sublime, onde exarados
Da Liberdade os dogmas se encontram,
Nos justos seos limites
Sabiamente contidos, puros dogmas,
Porque pugna a razão, e só malvistos
Pelo inhumano Egoismo,
Pelo orgulhozo, cego Despotismo,

Oh! que nobre lição d'alta virtude,
De illustrado pensar destes do Globo
Aos cruentos tiranos,
Quando, da opinião cedendo á força,
De Vós despistes pretenções não justas
A bem do vosso povo,
Do ditozo Brazil Licurgo novo!

Quando abdicastes espontaneo e alegre
Direitos, que a opressão roubara aos povos,
Das mãos da Natureza,
Das mãos do Creador livres saindo;
E só contidos na servil tutella,
Emquanto não lhe abria
Os olhos perspicaz filozofia.

Nas paginas gentis da humana historia,
Sim, vosso nome brilhará radiante
Da grata humanidade
Entre os raros, heroicos bemfeitores;
E do Olimpo obtereis o assento eterno
Na voz de immortaes himnos
A par de Aurelios, Titos e Antoninos.

DIA 21 DE JANEIRO DE 1831

Na villa de São-João d'El-Rei

Suas Magestades Imperiaes estão de saude. Hontem depois das 9 horas da manhan se aprezentou o capitão

João Evangelista de Souza Guerra, com uma companhia de cavallaria de linha, mandada pelo commandante das armas da provincia para guarda de Suas Magestades Imperiaes na continuação da sua jornada, e Sua Magestade o Imperador houve por bem ordenar-lhe, que se retirasse, por não precizar de guarda, considerando-se bem guardado e seguro entre seos leaes subditos. O mesmo Senhor foi depois vizitar o hospital da Santa Caza da Mizericordia, acompanhado do seo medico, e nada ahi ficou, que não examinasse mui escrupuloza e miudamente, informando-se das precizões que ainda n'elle ha, e que o moveram a conceder-lhe a extração de duas loterias de dez contos de réis, visto não ocorrerem outros meios de augmentar-lhe os reditos, que tão util e piedozamente se aplicam em socorrer a humanidade. Vizitou tambem a caza da intendencia, onde vio e averiguou quanto pertence a esta repartição.

Ao meio dia recebeo a camara municipal, que pelo seo prezidente lhe dirigio uma felicitação, a que se dignou a responder: Agradeço á camara municipal da villa de São João-d'El-Rei a felicitação, que acaba-me de fazer, e muito folgo de que a mesma camara busque rivalizar em sentimentos de fidelidade, amor á Constituição e á minha Imperial Pessoa, com as camaras municipaes de Barbacena e São-Jozé.

Pelas 5 horas da tarde admitio á sua prezença os empregados da direção e administração da companhia ingleza de mineração, que se acha estabelecida na proximidade d'esta villa, que haviam solicitado essa honra: e seguidamente ouvio os votos de amor, veneração e respeito do bispo diocezano, que lhe foram expressados pelo conego João Paulo Barboza, e o padre-mestre frei Manoel do Espirito Santo, enviados para esse fim. Pelo decurso do dia repetiram-se os repiques, os fogos, os vivas e o grande concurso do povo defronte das janelas, para ter o gosto de ver a Suas Magestades Imperiaes: e á noite houve luminarias. Suas Magestades Imperiaes têm feito avultadas esmolas, que reparte, ou pessoalmente ou por meio de seos creados.

DIA 22 DE JANEIRO DE 1831

Na villa de São-João d'El-Rei

Suas Magestades Imperiaes continuam a passar bem.

Hontem de manhan, depois de um pequeno passeio á chacara do commendador João Baptista Machado, vizitaram as lavras da sociedade ingleza, cujos serviços se achavam ainda muito em começo.

Sua Magestade o Imperador, alem das muitas pessoas que só se dirijiram a ter a honra de beijar-lhe a mão, ouvio grande numero, que lhe aprezentou requerimentos, de palavra ou por escrito, dando os deferimentos e providencias que a justiça e circunstancia permitiam Recebeo as felicitações que por escrito lhe foram enviadas das camaras municipaes de Tamanduá e Baependi: tanto o mesmo Augusto Senhor, como Sua Magestade a Imperatriz, não cessaram de repartir esmolas.

Os signaes de alegria e de amor nos moradores d'esta villa, e nos muitos que concorreram de fóra, não tiveram diferença dos do dia antecedente; acrescendo que, ás 9 horas da noite, se aprezentou ante as janelas do paço uma boa muzica, seguida do acompanhamento de numeraveis pessoas e precedida por dois meninos, que, vestidos com gosto e riqueza, cantaram o himno nacional a que respondiam todos os assistentes. Nos intervallos se deram, por direção do juiz de fóra, os vivas a Suas Magestades Imperiaes e Constitucionaes, á familia imperial. ao principe imperial, a Sra. D. Maria da Gloria, á Constituição, á Assembléa Legislativa, ao exemplo dos monarcas do mundo, que, conhecendo os direitos dos povos, nos deo uma constituição liberal, ao povo brazileiro, ao povo mineiro, aos habitantes de São-João d'El-Rei. O mesmo juiz de fóra protestou em alta voz a Sua Magestade Imperial, que o povo de São-João d'El-Rei lhe consagra os corações gratos e livres, e lhe tributa o mais decidido amor e lealdade. Terminando tudo por uma ode, que recitou o reverendo padre Manoel Joaquim. Sahiram Suas Magestades Imperiaes de São João d'El-Rei hoje ás 5 horas e meia da manhan.

Senhor. Constando a esta camara municipal da villa de São Bento de Tamanduá assim dos periodicos como viajores regressados proximamente da capital do Imperio, que Vossa Magestade Imperial e Constitucional, acompanhado de sua augusta espoza e nossa adorada Imperatriz, havia deixado aquella côrte no dia 29 do mez passado, com o intuito de honrar pela segunda vez esta provincia com a sua augusta prezença, e em direção para esta comarca, e que no dia 15 do corrente teria lugar a entrada de Vossa Magestade Imperial na villa de São-João d'El-Rei, noticia esta sobre maneira venturoza e a que já mais serão indiferentes os Mineiros, que adoram na augusta pessoa de Vossa Magestade Imperial aquelle principe magnanimo, que outr'ora vizitando-os pela primeira vez brindou-os com o documento preciozo e sublime maxima de que a bem regrada liberdade tornava-se credora não só do seo amor, mas ainda da sua adoração e que primeiro á despeito dos maiores perigos, rompendo os mais ternos laços da natureza, soltou o poderozo grito da independencia e regeneração politica d'este abençoado continente, mediante o sagrado codigo, solemnemente jurado, cuja religioza observancia constitue todos os desvelos de Vossa Magestade Imperial, a camara, orgão fiel dos briozos sentimentos do povo, que reprezenta, trahiria sem contradita o mais sagrado dos seos deveres, si presuroza não viesse significar na augusta prezença de Vossa Magestade Imperial o vivo interesse e sincero jubilo de que se acha possuido todo o termo da sobredita villa por tão fausto motivo. A camara, Imperial, Senhor, em extremo gloria-se de poder assegurar na augusta prezença de Vossa Magestade Imperial, que o povo vive tranquillo, á sombra da arvore constitucional, que viceja a despeito dos espinhos que a ainda a cercam e cujos preciozos frutos já começa a saborear, tornando-se por consequencia ella e Vossa Magestade Imperial, de dia em dia, objectos excluzivos do seo culto e adoração. Deos guarde a Vossa Magestade Imperial e Constitucional, como é mister ao Imperio. Villa do Tamanduá em sessão ordinaria de 15 de Janeiro de 1831. *João Quintino de Oliveira. Antonio Affonso Lamonier. João Antonio*

Corrêa. Luiz Mariano de Moraes. Francisco Ferreira Lemos.

—

Senhor. A' augusta prezença de Vossa Magestade Imperial vem a Camara Municipal, da villa de Santa Maria de Baependi, manifestar seo extremado jubilo e contentamento pela feliz chegada de Vossa Magestade Imperial e sua augusta espoza a esta provincia e muito se lizongea, quando contempla a summa satisfação, que ocupara o magnanimo coração de Vossa Magestade Imperial, no momento em que se convencendo da firmeza de caracter e verdadeira constitucionalidade dos bons Mineiros, reconhecer a inexistencia de partidos demagogicos que por vezes os inimigos do Brazil têm pretendido ouzadamente atribuir-nos. Não, Senhor, os Brazileiros, os Mineiros, os Baependianos só querem, só sustentam, só adoram o sistema monarchico-hereditario constitucional reprezentativo, debaixo das fórmas taes quaes juraram em 25 de Março de 1824.

A par d'estes sentimentos a camara suplica ao Supremo Arbitro do Universo a prolongação dos preciozos dias de Vossa Magestade Imperial, que tanto tem autenticado sua adhesão e zelo pelo melifluo sistema, que felizmente rege, e regerá sempre o Brazil.

Praza aos céos deferir-nos como havemos mister.

Villa de Santa Maria de Baependi em sessão extraordinaria de 11 de Janeiro de 1831. De Vossa Magestade Imperial obedientes e fieis subditos. *Antonio Gomes Nogueira. Domiciano Jozé Monteiro de Noronha. Antonio Jozé de Carvalho. Francisco Marcellino de Castro. Antonio Jozé Pacheco Pena.*

DIA 23 DE JANEIRO DE 1831

Na fazenda de Caxoeirinha

Eram 10 horas da manhan, quando chegaram Suas Magestades Imperiaes a esta fazenda do coronel Geraldo Ribeiro de Rezende, com o grande acompanhamento de mais de 30 pessoas a cavallo, que lhes sahiram ao encontro em diversos pontos, vindos do arraial de Prados, e

suas circumvizinhanças ; quando Sua Magestade o Imperador já tinha dispensado de proseguirem em acompanhal-o, a guarda militar da imperial guarda de honra, e de cavallaria de segunda linha, e as pessoas das diferentes classes, que concorreram na ocazião da partida da villa de São-João d'El-Rei. Passaram bem a noite, e partiram as 5 horas da manhan de hoje.

DIA 24 DE JANEIRO DE 1831

No arraial da Lagoa-Dourada

A's 8 horas e meia da manhan de hontem chegaram Suas Magestades Imperiaes a este arraial, que apenas dista duas leguas da fazenda da Caxoeirinha, donde sahiram, por não haver commoda pouzada a distancia mais conveniente para adiantamento da jornada. Vieram com um grande acompanhamento de pessoas a cavallo, que lhes foram ao encontro a mais de meia legua ; e por todo o decurso do dia foi continuada e numeroza a concurrencia dos moradores do arraial e de fóra, que dezejavam ter o prazer de ver a Suas Magestades Imperiaes, e beijar-lhes a mão ; havendo entre elles muitos necessitados, por quem os mesmos Senhores mandaram repartir esmolas. Passaram bem a noite, e partiram ás 5 horas da manhan.

DIA 25 DE JANEIRO DE 1831

Na fazenda dos Olhos d'Agua

Chegaram Suas Magestades Imperiaes felizmente a esta fazenda ás 9 horas e meia da manhan, com uma marcha de mais de trez leguas ; e ahi foram recebidos com todas as demonstrações de amor, respeito e alegria, tendo sido esperados a grande distancia pelo proprietario da fazenda, e muitos seos parentes e vizinhos. Passaram o resto do dia e noite sem incommodo, e partiram antes de 5 horas da manhan.

DIA 26 DE JANEIRO DE 1831

Em Sassuhi

Com pouco mais de quatro horas de uma marcha seguida, mas suave, chegaram Suas Magestades Imperiaes

a este lugar ás 9 horas e um quarto da manhan, com um grande acompanhamento de pessoas que lhe tinham ido ao encontro.

Por entre a multidão, que repetia alegres vivas, se dirigiram á capela a fazer oração, e se encaminharam depois para a caza proxima, que lhes estava mui decentemente preparada. Foi grande o concurso dos povos por todo o dia, amiudando os vivas, e á noite houve illuminação na capela, na caza em que estavam Suas Magestades Imperiaes, e em algumas dos principaes habitantes do arraial. Passsaram bem a noite, e partiram ás 5 horas da manhan.

No dia 26 de Janeiro sahiram Suas Magestades Imperiaes do arraial de Sassuhi pelas 5 horas da manhan, e pelas 8 chegaram ao collegio de Matozinho de Congonhas do Campo, onde foram recebidos com vivo entuziasmo, não só dos habitantes do collegio, mais ainda de innumeraveis pessoas de todas as classes, que concorreram a testimunhar a Suas Magestades os seos respeitos e homenagens. Arcos triunfaes, aparato de ruas, reduzidas a fórma de verdejantes jardins, e dispostas no maior asseio e elegancia, tudo estava disposto para a passagem de Suas Magestades; no que foi notavel, e fixou a admiração dos imperiaes viajantes uma fortaleza ou praça regular, debaixo da qual estava armado um salão, onde Suas Magestades tinham de praticar a primeira ceremonia da entrada, e onde os esperava a camara do distrito e todo o clero. Era a praça construida em fórma octogona, regular, armada de guritas, bastiões, sentinelas, canhões, e no meio da explanada se elevava um castello de fórma mourisca, no centro da qual estava arvorada um grande mastro, e para os lados sahiam outros mais pequenos collocados em linhas diagonal. Logo que Suas Magestades appareceram á vista da praça á distancia de um quarto de legua, immediatamente se arvorou a bandeira nacional no mastro grande, e se firmou com grande tiro de bomba, que imitava o de canhão: immediatamente correram para os lados por oito pequenos mastros (já ditos) multidão de galhardetes, ou bandeiras de diferentes cores, que aprezentava a vista mais pitoresca. Tanto a bandeira nacional

como as outras sempre estiveram içadas emquanto Suas Magestades se demoraram no collegio. Chegando Suas Magestades Imperiaes á porta da praça se apearam; e no meio dos illustres camaristas de Queluz foram conduzidos ao meio do salão, onde ajoelhadas em dois ricos coxins, praticaram a ceremonia religioza de oscular a cruz, e receberam agua benta, que lhes ministrou o superior do collegio revestido do pluvial. Immediatamente os mesmos camaristas lhe aprezentaram o palio e principiou a mais luzida, e pompoza procissão, em que entravam não só os sacerdotes da freguezia, mas ainda o numerozo collegio aqui fundado, logo as girandolas de fogos, repiques de sinos, immensidade de fogo do ar, e uma salva imperial de cento e um tiros (imitantes ao de canhão), no meio de continuados e altos vivas, do immenso povo, que ao mesmo tempo espalhavam flores sobre Suas Magestades, e isto pelo meio de um jardim continuado, tornava esse acto o mais luzido e entuziasmado, que esta terra tem visto.

Apenas Suas Magestades chegaram ao grande portico, que estava levantado no principio da escadaria do santuario, sobre cujo portico estavam collocadas as armas do Imperio, rematando no emblema da fama, se dirigiam ao templo, onde tendo subido ao trono, assistiram ao *Te-Deum*, executado por uma boa orchestra de muzica, findo o qual, se recolheram á sua caza, que o collegio lhes preparou: e se seguio immediatamente o beija-mão na sala de respeito, debaixo do docel. Depois d'isto mostrou Sua Magestade o maior interesse na observação e vizita, com que honrou aquelle collegio. Foi assistir ao refeitorio dos collegiaes. Vizitou o armazem dos viveres, informou-se das aulas e ordem dos estudos, como do adiantamento e progresso dos estudantes, em que mostrou satisfação. A tarde vizitou as obras do collegio, jardim e a parte do santuario, que não tinha visto, e logo que se recolheo dignou-se assistir aos engraçados festejos de danças e muzicas, com que o arraial o obzequiou; o que entreteve Suas Magestades parte da tarde, ouvindo-se n'este tempo repetidos e entuziasmados vivas d'aquelle immenso povo, em cujas acções se divizava uma admiravel candura e patriotismo o mais decidido.

Depois d'isto recebeo Sua Magestade Imperial uma deputação da camara da cidade de Mariana, e logo recebeo outra, que o collegio lhe enviava, composta de 24 collegiaes, que foram convidar a Suas Magestades a vir assistir no collegio ao obzequio, com que os alumnos poetas quizeram expressar a grande honra e satisfação, que lhes rezultava d'esta imperial vizita. Chegando Suas, Magestades ao grande salão do collegio, que estava ornado do melhor possivel, e subindo ao trono, e logo que os seos creados e o ministro de estado tomaram seos competentes lugares, principiou-se o acto por um discurso, que o superior do collegio dirigio á Sua Magestade Imperial, e logo continuaram os poetas recitando as obras de que estavam prevenidos, tocando a muzica nos intervallos. Em tudo isto mostrou Sua Magestade a maior satisfação, chegando a tanto o seo regozijo, que se dignou de dar tambem o mote de « Viva a Patria, o Povo, a Lei, » e sendo logo glozado por um poeta do collegio, não pôde Sua Magestade conter a satisfação de que estava transportado, assegurando publicamente ao collegio de que ia mandar imprimir todas as obras, que tinham recitado: como tambem mandou, que se ordenasse uma relação mais circunstanciada, desde o ponto em que avistou o collegio, onde principiou o regozijo da immensa multidão, que o esperava, até o momento de seguir sua viagem.

O collegio recebeo com o maior acatamento e respeito a honra, que Sua Magestade n'isto lhe fazia. Antes de partir Sua Magestade mandou dar para a matriz d'esta freguezia uma esmola, e mandou repartir aos pobres certa quantia que toda fez entregar ao vigario da freguezia. Passaram Suas Magestades Imperiaes bem a noite, e partiram ás 5 horas da manhan do dia 27.

DIA 29 DE JANEIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia de hontem e estão de saude: *parece, que a Divina Providencia se acha particularmente ocupada de vigiar sobre suas augustas pessoas*. Foi grande e continuado o

concurso dos cidadãos, que de Ouro-Preto vieram ter a honra de beijar-lhes a mão; sendo entre elles o prezidente, o commandante das armas, o Exm. bispo, alguns membros do conselho geral, e outros membros da camara municipal, Jozé Pedro de Carvalho, Joaquim Jozé Fernandes de Oliveira Cata-Preta e Tristão Francisco Pereira de Andrade, que em nome d'ella fizeram a expozição dos seos sentimentos de fidelidade e sincera veneração, que Sua Magestade o Imperador houve por bem agradecer-lhes. Sua Magestade o Imperador vizitou a coudelaria, e principiou a dar as providencias necessarias para a perfeição e progresso de tão util estabelecimento.

Senhor. A Camara Municipal da leal cidade de Mariana, tendo sido informada da lizongeira noticia do feliz ingresso de Vossa Magestade Imperial n'esta provincia, envia uma deputação de seo seio para felicitar, e beijar respeitozamente em seo nome, e do povo que reprezenta, a imperial mão de Vossa Magestade, e render ao mesmo tempo os tributos de suas devidas homenagens e respeito, apressando-se cuidadozamente em dar um testimunho publico das demonstrações sinceras do mais vivo entuziasmo e prazer de que se acha possuido a camara, por se dignar Vossa Magestade honrar pela segunda vez aos Mineiros com a augusta excelsa Imperatriz do Brazil, o mais seguro penhor das esperanças da futura sucessão do trono. Orgão dos mais puros sentimentos da camara e povo, tenho a honra de pôr na augusta prezença de Vossa Magestade Imperial os votos e reiterados protestos da mais reverente submissão, fidelidade e adhezão, que a mesma camara, o povo marianense tributa á sagrada pessoa de Vossa Magestade, e a sua augusta consorte a Imperatriz do Brazil. Senhor, sendo a obediencia, fidelidade e amor dos povos, as bazes mais inabalaveis que em todos os tempos tem firmado os imperios, não é desigual o bem entendido entuziasmo e firmeza do generozo povo mineiro ao de outras provincias, que têm sustentado o heroico impulso, que elevou a Vossa Magestade ao rico trono do Brazil, já bazeados nos corações de seos fieis Mineiros por estas mesmas virtudes de fidelidade, adhezão e amor em que sempre se distinguiram para com seos

monarcas. Digne-se pois a aceitar Vossa Magestade, e acolher benigno estes cordiaes sentimentos da camara e povo marianense. 20 de Janeiro de 1831. Os enviados da camara. *Jozé Justino Gomes Pereira. Joaquim Jozé Campos.*

Sua Magestade o Imperador houve por bem responder: Agradeço muito a camara municipal da cidade de Mariana os sentimentos que acabam de manifestar; e louvo particularmente os dois membros, que se prestaram a ser deputados d'ella.

Senhor. Enviado pela Camara Municipal da imperial cidade de Ouro-Preto, para em seo nome felicitarmos a Vossa Magestade Imperial pela feliz e prospera jornada, que Vossa Magestade Imperial, acompanhado da augusta Imperatriz do Brazil, se dignou fazer a esta provincia, nós sentimos o mais vivo transporte de jubilo ao aproximarmo-nos á augusta prezença de Vossa Magestade Imperial, como orgãos d'essa corporação a que pertencemos.

Reconhecendo, Senhor, as vantagens que têm colhido os estados das viagens de seos monarcas, quando interessados pela prosperidade de seos subditos, buscaram por si mesmo conhecer suas necessidades, para em prompto as remediarem, qual não deve ser a nossa satisfação pela jornada de Vossa Magestade Imperial, monarca o mais solicito pelo bem e prosperidade dos Brazileiros, subditos tão fieis a Vossa Magestade Imperial? Sim, Senhor, si outros monarcas prejudicados por antigos habitos, olhando com indiferença para seos subditos, como creaturas de uma diversa natureza, todavia, observando de perto as suas precisões, de prompto as remediavam, quanto mais devemos esperar de Vossa Magestade Imperial, que, elevado ao trono do Brazil por unanime aclamação dos povos, tem sabido manter com firmeza a Constituição, dom o mais preciozo, que ofereceo aos Brazileiros, e que nós aceitamos com a efuzão da mais pura alegria, juramos todos guardar e observar; qual Mineiro de coração verdadeiramente brazileiro se não promete um quadro de venturas, um desenvolvimento feliz em todas as fontes de grandeza publica de que é susceptivel esta

a mais populoza provincia do Imperio, mediante a inspecção ocular e reflectida solicitude de Vossa Magestade Imperial? Os bens que a provincia e ao Imperio devem emanar de tão honroza jornada, estão em toda a claridade. A augusta prezença de Vossa Magestade Imperial n'esta provincia ha de chamar os Mineiros todos á um centro de paz, de união, e de concordia (e que maior ventura!) pela convicção intima que ella produzirá geralmente de que Vossa Magestade Imperial só quer o sistema de governo, com que tem regido o Brazil, e com que aceitou a corôa que espontaneamente lhe ofereceram os Brazileiros, e de que desprezará com nobre altivez quaesquer loucos projectos de ambiciozos hipocritas, quando pretenderem fazer a mais leve alteração em nosso pacto fundamental da constituição do Imperio. Ao retirarmo-nos, Senhor, da augusta prezença de Vossa Magestade Imperial, tendo desempenhado a honroza commissão, de que fomos encarregados, e renovando os protestos de fidelidade e sincera veneração, que em nome da camara municipal de Ouro-Preto, tributamos a Vossa Magestade Imperial, permita-nos Vossa Magestade Imperial, que tenhamos a honra de beijar a augusta mão do immortal fundador do primeiro Imperio do novo mundo, e da sua augusta consorte.

Os vereadores: *Jozé Pedro de Carvalho. Joaquim Fernandes de Oliveira Cata-Preta. Tristão Francisco Pereira de Andrada.*

Sua Magestade o Imperador foi servido responder: «Agradeço á Camara Municipal da imperial cidade de Ouro-Preto os seos sentimentos.»

DIA 30 DE JANEIRO DE 1831

No Paço da Caxoeira

Suas Magestades Imperiaes estão no gozo de perfeita saude. Continuaram hontem os cortejos de muitas pessoas vindas da imperial cidade de Ouro-Preto; e foi grande a concurrencia de pobres, á quem Suas Magestades Imperiaes se dignaram socorrer.

DIA 31 DE JANEIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

Suas Magestades Imperiaes estão de saude.

Hontem receberam o cortejo do comman ante do batalhão n. 11, e grande parte de seos oficiaes; bem como de outros muitos cidadãos, os quaes se dignaram dar a mão a beijar. Tambem se aprezentou a Sua Magestade o prezidente nomeado para esta provincia, que hontem mesmo partio para a capital.

DIA 1 DE FEVEREIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia antecedente e continnaram a receber com afabilidade as respeitozas e cordiaes felicitações dos seos subditos, que concorreram a beijar as augustas mãos.

Hoje Sua Magestade o Imperador amanheceo sentindo um pequeno incommodo, que o obrigou a ficar recolhido, e medicou-se.

DIA 2 DE FEVEREIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

O incommodo de Sua Magestade o Imperador foi passageiro, cedendo promptamente ao remedio, de sorte que hontem mesmo, de tarde, por se achar aliviado, deixou o quarto, em que de manhan se conservara, e veio á sala com Sua Magestade a Imperatriz dar a mão a beijar aos oficiaes do regimento de cavallaria de primeira linha, e a outras muitas pessoas que estavam no paço; pois que o concurso é continuado e numerozo. Hoje Sua Magestade o Imperador está completamente restabelecido.

As noticias recebidas por este correio de Minas continuam a assegurar-nos, que Suas Magestades Imperiaes têm sido recebidas com grande entuziasmo pelos povos de diversas villas e arraiaes, por onde tem passado.

A villa de Sabará sobre tudo distinguio-se nos festejos e cordiaes vivas, que lhe deram por todo tempo em que estiveram em meio de seos habitantes.

Emquanto não damos circunstanciadamente as noticias da sua viagem desde a sua fazenda da Caxoeira até o arraial do Camargo, em que se achavam, aproximando-se da cidade de Mariana, publicámos os versos, que appareceram na villa do Sabará, por motivo da sua vizita, deferida desde 1822, e nos seguintes numeros tomaremos a ordem das noticias oficiaes a este respeito, como até agora temos praticado.

As seguintes poezias foram recitadas no teatro da villa de Sabará, na ocazião de o honrar Suas Magestades Imperiaes com a sua prezença; e outras liam-se nos arcos por onde fez a sua entrada.

SONETO

Á SUA MAGESTADE O IMPERADOR

Como vae a tua fama tão brilhante
Junto aos astros seos voos estendendo!
Como as velozes plumas desprendendo,
Sobre os ares se eleva fulgurante!

Essa embocando tuba resonante
Teo nome, teos louvores vae tangendo;
Brazil, o mundo, os orbes percorrendo,
Te aclama em toda parte triunfante.

Que resta, ó Grande Pedro, á tua gloria?
Já tens ganhado o amor do mundo inteiro,
Já certa tens dos seculos a victoria!

Sim, lá tens o vindouro justiceiro,
Que te dará no templo da Memoria,
Entre os grandes heróes, lugar primeiro.

SONETO

Baralha oh! Lethes, em teo bojo escuro
Escaços nomes, que hoje a fama odeia;
Vastos nomes porém, que ella careia,
Acata, oh! Lethes com respeito puro.

Na tuba sôa mais, que em bronze duro,
De Tito o nome com prazer se esteia;
Julio Cezar ainda nos rodeia
De torpe oblivião sempre seguro.

Si altos nomes já mais são esquecidos,
O de Pedro e de pae idolatrado
Serão pelos vindouros repetidos:

Pois emquanto existir plectro dourado,
E a virtude tiver favorecido,
No Sabará, Senhor, serás cantado.

SONETO

De vinte e dois no anno prometeste,
Que honrar o Sabará inda verias;
Bem que passaram-se annos, mezes, dias,
Da promessa já nunca te esqueceste:

Si a cumpril-a, Senhor, emfim vieste
Dos temporaes sofrendo tiranos,
O Sabará retumba em alegrias
Com tantas honras, que hoje lhe fizeste;

Do Brazil se ha de ler inda na historia
Este excesso d'amor, que deve já
Ser gravado no templo da Memoria.

Si a promessa, Senhor, cumprida está,
Quanto gosto, prazer, ventura e gloria,
Enchem os corações do Sabará!

——

LIRA A SUA MAGESTADE A IMPERATRIZ

Submissos beijamos
A mão bemfeitora,
Aceita, Senhora,
Amelia gentil,
Os votos de Minas,
De todo o Brazil,
Ao lado do espozo,
Nosso Imperador,
O mais firme amor
Em ambos se veja,
Que toda a Nação
Do par tenha inveja.
Os vossos Mineiros,
A quem tanto honraes,
Têm brio, e tem mais
Fiel adhezão
Aos bons Imperantes,
E ao bem da Nação.
Embora os traidores
Maquinem ruinas,
Os povos de Minas
Perjuros não são;
Adoram e beijam
A Constituição.
Esta heroica filha
Da grande bondade
Fez que a liberdade
A campo sahio;
Então duros ferros
Brazil sacudio.
Pois si hoje gozamos
Mais altas venturas,
Leis sabias, leis puras
A' ella o devemos;
Aos ferros antigos
Jámais tornaremos.

Si os dias já brilham
Com mais bella aurora,
Si a sorte melhora,
Todo este favor,
Todo o bem devemos
Ao Imperador.
Fieis Sabarenses
Hoje agradecidos,
Em um corpo unidos,
Aos céos graças dão
Por ver da promessa
A realização.

——

JUNTO Á IMPERIAL COROA

DISTICO

Esta corôa, Monarca sem segundo,
Para vós rezervava o Novo Mundo.

Em vós se veem brilhar altos destinos
Dos Titos, Adrianos e Antoninos.

PIRAMIDES

Amor, Fidelidade e Gratidão
Formam em Sabará doce união.

A Pedro, á Amelia, á Constituição
Os Sabarenses dão seo coração.

Terreno Jove, apoio do Brazil,
Um só teo "Fico" te dá glorias mil.

D'esses heróes, que a Historia nos aponta,
Tão grandes feitos de nenhum nos conta.

——

SONETOS

1.º

Sabará sempre firme na esperança
De vêr realizar-se o prometido,
Tão grande gosto havia concebido,
Que jámais escapou-lhe da lembrança.

Foi promessa de toda segurança
Filha de um coração enternecido;
Graças ao Céo, que a temos conseguido
Na grande honra e prazer, que hoje alcança.

Si pois por alto extremo de bondade,
Sem receiar dos tempos o rigor,
Vem adoçar a nossa anciedade,

A villa fidelissima, Senhor,
Novos protestos faz de fidelidade,
Renova os votos do mais puro amor.

2.º

Não são as inscripções que vês gravadas,
Ou na pedra, ou no bronze; é a piedade,
A que póde medir a heroicidade
Das acções mais brilhantes e avultadas.

Aquellas são do tempo superadas,
Esta tem duração em toda idade;
Aquellas são o estimulo da vaidade,
Esta só tem por timbre acções sagradas.

Não são aquellas, não, Monarca augusto,
As que fazem os teos feitos mais lustrozos,
Inda que no cinzel se empenhe o custo.

Esta sim, que por seculos ditozos,
Sem que da emulação a assombre o susto,
Mostrou sempre os heróes mais gloriozos.

(Do arco fronteiro ao paço).

DIA 3 DE FEVEREIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

Não ha novidade. Suas Magestades Imperiaes estão de perfeita saude.

DIAS 4 E 5 DE FEVEREIRO DE 1831

Suas Magestades Imperiaes acham-se no gozo de boa saude.

DIA 7 DE FEVEREIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

Suas Magestades Imperiaes estão de saude. Hoje, antes das 5 horas da manhan, sahiram d'este paço, encaminhando-se á villa do Sabará.

DIA 8 DE FEVEREIRO DE 1831

No arraial do Rio das Pedras

Eram quazi 10 horas da manhan, quando Suas Magestades Imperiaes entraram n'este arraial acompanhados pelo ouvidor da comarca, pelo juiz de fóra do Sabará, e por mais algumas pessoas que tinham ido esperal-os no Gravato, onde é a diviza da comarca. A sua chegada, que muito antes fôra annunciada por grande numero de fogos do ar, foi aplaudida por muitos e repetidos vivas dos moradores do arraial, dos do morro de São-Vicente e da vizinhança, que enchiam as ruas, foram debaixo do palio á igreja matriz, e depois que n'ella se cantou o *Te-Deum*, da mesma fórma se dirigiam a caza do reverendo vigario, que estava preparada para seo alojamento.

Em caminho haviam Suas Magestades Imperiaes passado pelo arraial de Santo Antonio da Caza-Branca, cujos moradores, pela espera que lhes fizeram, pelos fogos, pelos vivas e por todas as outras demonstrações sem equivoco, patentearam os seos sentimentos de amor e de veneração.

Sua Magestade o Imperador passou a noite algum tanto incommodado, e por isso foi hoje mais tarde a partida, que se verificou depois das 6 horas da manhan.

DIA 9 DE FEVEREIRO DE 1831

No arraial de Santo Antonio do Rio-acima

A's 10 horas e meia entraram hontem Suas Magestades Imperiaes no arraial de Santo Antonio do Rio-acima, seguidos dos commandantes dos corpos de cavallaria e infantaria de milicias do Sabará, que tinham ido ao seo encontro, e de muitas pessoas d'este arraial e vizinhanças.

O reverendo vigario, com os clerigos da freguezia e pessoas mais distintas, receberam a Suas Magestades Imperiaes debaixo do palio para irem á igreja matriz, e cantando o *Te-Deum*, as conduziram á caza destinada para passarem o dia, sendo tudo acompanhado de repetidos vivas e fogos do ar, com grande concurso de pessoas. A' noite illuminaram-se muito bem todas as cazas.

Suas Magestades Imperiaes passaram sem incommodo e sahiram ás 5 horas da manhan.

DIA 10 DE FEVEREIRO DE 1831

No Morro-Velho, perto do arraial de Congonhas de Sabará

Depois das 9 horas da manhan de hontem se apearam Suas Magestades Imperiaes na entrada do arraial de Congonhas, onde os esperavam o reverendo paroco com os sacerdotes da sua freguezia, e as pessoas mais distintas, que sustentavam o palio, debaixo do qual foram Suas Magestades conduzidas á igreja matriz por entre o immenso povo que ocupava a rua e não cessava de dar vivas. Cantou-se o *Te-Deum* com uma sofrivel muzica, e acabado este acto religiozo, seguiram Suas Magestades Imperiaes o caminho até á caza do inglez G. F. Lion, actual proprietario das lavras do Morro-Velho, que muito antes lhes tinha oferecido a hospedagem. Aqui foram Suas Magestades mui polidamente servidos de quanto era precizo para seo commodo, e receberam uma deputação da camara municipal da villa de Sabará, composta do coronel Pedro

Gomes Nogueira e capitão-mór Ignacio Antonio Cezar, a qual lhe dirigio um discurso, a que Sua Magestade o Imperador se dignou responder, que agradecia muito os sentimentos da referida camara.

De noite houve um grande concurso de gente vinda do arraial, acompanhado do juiz de paz, com uma banda de muzica, ao som da qual se cantou por longo espaço de tempo o himno nacional, com muitos vivas nos intervallos. Passaram bem Suas Magestades, e partiram hoje para a villa de Sabará depois das 8 horas da manhan.

DIA 11 DE FEVEREIRO DE 1831

Na fidelissima villa de Sabará

Era meio-dia, quando Suas Magestades Imperiaes se apearam no fim da Ponte-Grande, á entrada d'esta villa, onde já se tinha feito constar a sua aproximação pelos signaes dos telegrafos e pela salva de artilharia, dada em uma bem figurada fortaleza, que estava collocada no morro fronteiro á caza destinada para servir de paço imperial.

Acompanhavam a Suas Magestades Imperiaes uma companhia da imperial guarda de honra, dois esquadrões de cavallaria de segunda linha e grande numero de pessoas que quizeram ter esta honra, adiantando-se a gozarem de sua augusta prezença. Sendo recebidos os mesmos Senhores debaixo do palio, que era sustentado pelos membros da camara municipal, a poucos passos fizeram uma parada, onde estava o primeiro arco, que como servia de portico para entrada da villa, beijaram devotamente o crucifixo, e ouviram a fala, que lhes dirigio o prezidente, e a que Sua Magestade o Imperador se dignou responder: Eu me lizongeo e aceito os votos de fidelidade e amor que á minha imperial pessoa e á constituição do Imperio tão cordialmente tributam a camara e o povo da fidelissima villa de Sabará, e conto que os fidelissimos habitantes d'esta comarca, unidos a mim e a todos os mais Brazileiros honrados e verdadeiramente constitucionaes, me ajudarão sempre a sustentar a constituição, que eu lhes

ofereci, que o Brazil aceitou, e que todos juramos, defendendo-a dos ataques que a sua integridade ouza tão claramente fazer o partido desorganizador.

Seguio-se o himno nacional cantado por um menino vestido e ornado em fórma de anjo, a que responderam em côro todos os assistentes, acompanhados de uma bôa muzica; e dados muitos vivas a Sua Magestade Imperial, a Sua Magestade a Imperatriz, á religião catolica apostolica romana e á constituição no Imperio, caminhou a procissão, que era formada de longas alas de cidadãos e de ecleziasticos, que entoavam os *Benedictus*, por diferentes ruas e passando por baixo de mais trez arcos de diversas architecturas até a capela dos terceiros do Carmo, na qual se desempenharam todas as ceremonias ecleziasticas com magnificencia e devoção.

Terminado este acto religiozo, foram Suas Magestades Imperiaes conduzidas e acompanhadas da mesma fórma ao paço, que se achou com os arranjos precizos para o commodo de suas imperiaes pessoas, preparados todos com muita decencia, tendo á porta uma guarda do batalhão de infantaria de segunda linha.

Tanto que Suas Magestades Imperiaes entraram no paço, na sala do trono deram beija-mão aos membros da camara municipal e a todos os cidadãos, ecleziasticos, seculares e militares, que concorreram para esse fim, e que todos foram acolhidos com benignidade, Os vivas, os repiques e os fogos foram continuados por todo o dia e noite, a fortaleza esteve embandeirada e deo salvas na occazião do beija-mão e ao pôr do sol; ao anoitecer toda a villa se illuminou com profuzão e as bandas de muzica não cessaram. Suas Magestades passaram bem.

DIA 12 DE FEVEREIRO DE 1831

Na fidelissima villa de Sabará

Amanheceo felizmente o dia de hontem, e Suas Magestades Imperiaes, que tem perfeita saude, passaram com prazer todo o resto d'elle, participando da excessiva alegria que se diviza em todos os Sabarenses, e estes mafestavam por quantos modos poderiam imaginar-se. Foram

pela manhan vizitar a caza da intendencia, que Sua Magestade o Imperador gostou de achar no bom arranjo, que permite a pouca capacidade do velho e pequeno edificio, e ahi assistiram á fundição de algumas barras de ouro da companhia do Congo-Soco. Receberam o deputado enviado pela camara municipal da villa de Pitangui com a felicitação, que Sua Magestade o Imperador se dignou agradecer, e deram a mão a beijar a muitas pessoas que pelo decurso do dia concorreram a procurar esta honra.

De noite foram Suas Magestades Imperiaes com todas as pessoas, que as acompanham, para seo imperial serviço, ao teatro, qne estava decentemente ornado, e em que se reprezentou uma tragedia e um entremez, sinão com perfeição, com mais desempenho do que era de esperar: e tanto antes da abertura da scena, como nos intervallos dos actos da peça, se alternaram as sinfonias, as obras poeticas e os vivas á sua Magestade Imperial, a Sua Magestade a Imperatriz, á familia imperial, á constituição do Imperio, como se jurou, sem alteração, á Assembléa Geral Legislativa, aos Mineiros, e aos Sabarenses, respirando em tudo o amor e respeito ás augustas pessoas de Suas Magestades Imperiaes e o geral regozijo dos povos, que quazi não podiam acreditar-se no gozo de tanta ventura. Passaram bem a noite e partiram hoje para o Caeté ás 6 horas da manhan.

DIA 13 DE FEVEREIRO DE 1831

Na villa de Caeté

Hontem Suas Magestades Imperiaes, depois de haverem despedido as guardas militares dos corpos da imperial guarda de honra, e do regimento de cavallaria de 2ª linha, seguiram o caminho pela estrada do Caeté até a fazenda de Mocambas, pertencente á sociedade ingleza de Oxenford & C., onde se dignaram aceitar o almoço, que o director no dia antecedente lhes tinha ido oferecer. Demoraram-se ahi por mais de 3 horas, prezenciando as demonstrações do gosto que cauzava a sua imperial vizita, e do respeito tributado a suas augustas pessoas e

continuando depois a marcha chegaram pelas 2 horas da tarde a esta villa, de cuja entrada foram Suas Magestades Imperiaes conduzidas debaixo do palio á igreja matriz, em que se cantou o *Te-Deum* com uma bem dirigida muzica, e depois ao paço da camara municipal, que o Barão de Catas-Altas tinha preparado de maneira que a grandeza e o bom gosto se disputava a preferencia. Immediatamente admitiram a sua imperial prezença os membros da camara municipal e todas as mais pessoas, que quizeram ter a honra de beijar-lhes a mão. Os repiques, os fogos, e os vivas do grande concurso diante do paço, de dia e de noite, deram provas de que os Caeteenses não apreciavam menos que os outros Mineiros a vizita de Suas Magestades Imperiaes. Suas Magestades passaram bem a noite.

DIA 14 DE FEVEREIRO DE 1831

Na villa de Caeté

Suas Magestades Imperiaes estão de saude, passaram com satisfação o dia de hontem, em que os Caeteenses se esmeraram, todos os modos ao seo alcance, para lhes fazerem patente os sentimentos de adhezão e amor as suas augustas pessoas. Partiram para o Gongo-Soco hoje ás 10 horas e meia da manhã.

DIA 15 DE FEVEREIRO DE 1831

Na fazenda do Gongo-Soco

Hontem chegaram Suas Magestades Imperiaes á fazenda do Gongo-Soco, pertencente a primeira sociedade ingleza de mineração, que n'esta provincia se estabeleceo, quando já tinham dado 10 horas, porque os mesmos Senhores se haviam demorado a ver o engenho de Luiz Soares de Gouvêa, que se acha na proximidade do caminho, por onde passaram.

Entraram aqui, já acompanhados do director, e principaes empregados, por entre as mui extensas alas, que

formavam os ocupados na mineração e mais trabalhos da fazenda, os quaes saudaram suas augustas pessoas com continuados vivas, cheios de entuziasmo. Perto da capella estava o reverendo vigario da freguezia de São João do Morro-Grande acompanhado de alguns sacerdotes, e de muitas pessoas da fazenda e de fóra, que conduziram Suas Magestades Imperiaes debaixo do palio, a assistir o *Te-Deum*, e depois até a caza em que foram hospedados e em que rezolveram ficar o dia seguinte para terem occazião de prezenciar os trabalhos da mineração, que se suspenderam para que o feriado aos trabalhadores fosse mais uma demonstração do quanto se avaliava a imperial vizita. Passaram bem a noite.

Senhor. A Camara Municipal de Sabará, vendo aproximar-se a entrada de Vossa Magestade Imperial e de Sua Magestade a Imperatriz n'aquella villa, nomeou esta deputação para com antecedencia render a Vossa Magestade Imperial seo reconhecimento e adhezão, e felicital-o pela prosperidade de sua jornada, que é mais uma prova decidida da protecção do céo. A deputação pois, interprete dos votos da camara, se lizongea de poder annunciar tambem a Vossa Magestade Imperial, que o povo do seo municipio, fiel aos principios consentaneos ao sistema do governo monarchico reprezentativo, sente o maior jubilo pela honroza vizita, com a qual Vossa Magestade Imperial justifica o apreço, que faz dos Sabarenses.

A camara conhece, que a dezejada satisfação d'esta promessa foi retardada por acontecimentos, que atrahiram a atenção de Vossa Magestade Imperial, acontecimentos que marcando a época mais preponderante na historia do Brazil regenerado, suscitam de xofre uma multidão de idéas para se terem encomios á firmeza e coragem de Vossa Magestade Imperial em beneficio commun dos Brazileiros, e daqui se conhece, que o poder e a força da Nação dependem essencialmente da unanimidade de sentimentos da associação politica, e da segurança do trono constitucional.

Os signaes de regozijo com que Vossa Magestade Imperial ha de ser ali recebido, ainda que não conforme á grandeza do assumpto, mas como permitem os recursos

do lugar, são expressões mais fortes do que tudo quanto se poderia agora dizer.

Digne-se, Senhor, aceitar a sincera demonstração de respeito e veneração, com que a camara de Sabará, pelo orgão de dois dos seos membros, sauda a Vossa Magestade Imperial, congratulando-se pelo espirito generozo, que por tão digno motivo patenteam os seos concidadãos, consequencia necessaria da recordação dos heroicos feitos, que immortalizam o nome augusto do fundador do Imperio, e defensor da independencia e liberdade do Brazil, objecto da particular solicitude de Vossa Magestade Imperial.

Gongonhas de Sabará 9 de Fevereiro de 1831. *Ignacio Antonio Cezar. Pedro Gomes Nogueira.*

Sua Magestade o Imperador houve por bem responder: Agradeço muito os sentimentos da Camara Municipal da fidelissima villa de Sabará.

Senhor. A Camara Municipal da villa e termo de Pitangui, reconhecendo com ternura a generozidade e grandeza d'alma com que Vossa Magestade Imperial e Constitucional, afrontando os incommodos inherentes á estação, dignou-se segunda vez honrar a provincia de Minas com a inapreciavel prezença de Vossa Magestade Imperial e Constitucional, inebriada de prazer pela aproximação de Vossa Magestade Imperial e Constitucional á capital de sua comarca, ancioza para aprezentar a Vossa Magestade Imperial e Constitucional as suas puras e sinceras felicitações ; arranca, Senhor, do seo seio o vigario da vara Jozé Julio de Araujo Vianna, que interprete dos seos sentimentos e do briozo povo d'este municipio exprimirá em parafraze o seo entuziasmo e alegria por tão distinta como assignalada mercê, e por ella e em nome do mesmo povo protestará á Vossa Magestade Imperial e Constitucional os mais puros votos de fidelidade, obediencia e adhezão á augusta pessoa de Vossa Magestade Imperial e Constitucional. Digne-se pois Vossa Magestade Imperial e Constitucional acolhel-o benignamente. Deos guarde a Vossa Magestade Imperial e Constitucional por innumeros annos. Villa de Pitangui, em sessão ordinaria de

13 de Janeiro de 1831. *Joaquim Jozé Fernandes. Martinho Alvares da Silva. Miguel Gomes Duarte. Francisco Severino da Silva. Jozé Julio Cezar da Fonseca Bueno. Jozé Julio de Araujo Viana. Honorio Fidelis de Souza Coelho.*

Senhor. — A Camara Municipal da villa de Pitangui, transportada de jubilo, e reconhecedora por intima convicção dos innumeraveis beneficios que o Brazil deve a Vossa Magestade Imperial, envia-me deputado seo, para que com mais profundo respeito felicite em seo nome a Vossa Magestade Imperial e a Serenissima Senhora Dona Amelia Augusta Eugenia, pela prospera jornada, que pela provincia de Minas se dignaram fazer, honrando com suas inestimaveis prezenças este briozo e liberal povo mineiro, que tantas provas tem dado de firme adhezão ao sistema jurado e a imperial pessoa do monarca excelso, que impera constitucionalmente no Novo Mundo. Um povo, Senhor, não póde com mais fortuna trilhar o caminho da prosperidade, do que sendo vizitado por aquelle, que de um só golpe póde remover todos os obstaculos, que impecem sua grandeza social. Os males desvanecem-se de improvizo, e os bens se consolidam, quando um principe filozofo, descendo do alto do seo trono, penetra a cabana do pobre e ahi depozita uma citara, que suavize os males do seo animo, escuta compassivo os gemidos das victimas da prepotencia, e lhes ministra um balsamo salutar, que cicatrize as suas chagas: e arredando de si o genio da mordaz intriga e da lizonja, afaga com meiga voz a verdade, ainda que dura, e ouve atento os conselhos da sabedoria. E qual outra a bussola, que tem orientado a Vossa Magestade Imperial nas viagens feitas pelas provincias do Imperio? O Brazil inteiro, Imperial Senhor, conhece tanto, que Vossa Magestade Imperial era o unico sustentaculo de sua prosperidade no porvir, que no mesmo momento, em que o proclamou a face do mundo civilizado sua emancipação politica, rompendo os vinculos que a trezentos annos o prendiam á uma metropole madrasta e egoista, levantou um trono firmado sobre os corações dos seos filhos, e sobre elle collocou a Vossa Magestade Imperial,

unico principe caracterizado amigo do seo povo. E Vossa Magesta de Imperial, subindo rizonho ao trono, a que não a espada, nem o canhão, mas o amor e a gratidão franqueou o passo, que de beneficios não tem prodigalizado á Nação, que tão espontaneamente o aclamou seo chefe supremo? Com efeito, Senhor, quando os corações proclamam os soberanos, os soberanos devem contar de certo com a felicidade do seo governo, porque tambem contam de certo com a segurança dos corações. Ah! quanto é doce imperar, como Vossa Magestade, sobre corações amigos... si alguma couza tem de suave o pezo desmarcado da dignidade imperial eu creio, que é a lembrança d'este pensamento. E poderia a Camara Municipal da villa de Pitangui deixar de render n'esta ocazião tão venturoza as mais sinceras demonstrações de amor, gratidão e respeito a um principe, que ella vê com pasmo sentado na galeria dos Imperantes acima dos Pedros Primeiros da Russia, dos Gustavos da Suecia e dos Henriques Quartos da França? A' um principe, que ella reconhece credor de todas as homenagens e de mil corôas civicas? Não, Senhor, ella tributa, ella protesta a Vossa Magestade Imperial e a Constituição, a mais firme adhezão e irresistivel aferro.

Queiram pois os céos dilatar por innumeros annos a vida precioza de Vossa Magestade Imperial (já que lhe não podemos imprimir o cunho da immortalidade) para ventura do povo brazileiro, e modelo de todos os monarcas do mundo. Taes são, Senhor, os votos da Camara Municipal da villa de Pitangui, que eu, orgão d'ella, nada mais faço que parafrazear. Digne-se Vossa Magestade, acolhel-os benignamente, pois são filhos, não de uma vil afagadora lizonja, mas de corações, que se prezam de verdadeiramente brazileiros e verdadeiramente amigos de Vossa Magestade Imperial, Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. Permita, Imperial Senhor, que eu beije a mão de Vossa Magestade Imperial e da augusta Consorte, em quem o Brazil tem collocado as suas mais lizongeiras esperanças.

Sabará 11 de Fevereiro de 1831. *Jozé Julio de Araujo Viana.* Sua Magestade o Imperador se dignou

responder : Agradeço os sentimentos da Camara Municipal da villa de Pitangui.

Senhor. A Camara d'esta fidelissima villa, possuida dos sentimentos de um profundo respeito, vem aqui render o tributo de obediencia, submissão e acatamento, devido a augusta pessoa de Vossa Magestade Imperial, que, dignando-se honrar pela segunda vez o solo mineiro a despeito de tão penozos sacrificios, tem penhorado para sempre os corações agradecidos d'este povo venturozo, e dado ao Brazil inteiro um testimunho irrefragavel do quanto Vossa Magestade Imperial se disvela pelo bem ser e felicidade da Nação, que tem a fortuna de possuir tão generozo e magnanimo chefe. Orgão dos fidelissimos Sabarenses, a Camara Municipal não acha termos com que possa manifestar a Vossa Magestade Imperial e sua augusta espoza,a gratidão e reconhecimento d'este povo,por tão honroza vizita. Sim, Senhor, as extremozas e lizongeiras expressões, com que Vossa Magestade Imperial em sua carta régia de 20 de Abril de 1822, se dignou falar á camara e povo d'esta comarca parecendo menos um principe, que se dirigia a seos subditos, do que um pae, que se apartava de seos caros filhos, ficaram vivamente gravadas, como em caracteres indeleveis, nos corações dos Sabarenses, que tendo sempre diante dos olhos aquelle eterno monumento de sua gloria, anciozos anhelavam pelo feliz momento de vêr verificada a augusta promessa ; e hoje completam as suas esperanças, exultando de prazer e de jubilo, que se enchem de uma nobre ufania por terem a ventura de receber em seo seio, e contemplar de perto seo idolatrado monarca. O Sabará, Senhor, primeiro deixará de existir do que por um só momento se esquecerá dos extraordinarios beneficios, que o Brazil deve á augusta pessoa de Vossa Magestade Imperial, os quaes comquanto grandes e dignos do maior reconhecimento, nada mais são que sombra do magestozo quadro, em que brilham realçados a generozidade e grandeza d'alma com que Vossa Magestade Imperial deo-lhe a sabia e liberal constituição, que idolatramos, e tem desempenhado o gloriozo titulo de Defensor Perpetuo, já quebrando com denodado valor os vergonhozos ferros de vil

escravidão, já salvando-a por vezes dos horrores da anarchia, ou seja repellindo os insidiozos tramas do sempre abominavel despotismo, ou seja rebatendo as vans tentativas da funesta demagogia.

Os céos pois, Senhor, conservem por dilatados annos a precioza vida de Vossa Magestade Imperial, para que marchando, como vae, á frente do sistema jurado, possa ver em seos dias o complemento da grande obra, que recebendo das beneficas mãos de Vossa Imperial seos primeiros fundamentos, elevará o preclaro nome de Vossa Magestade Imperial ao templo da immortalidade. A camara, Senhor, protesta e afiança, que taes são os sinceros e puros sentimentos d'este povo, que, consagrando á Vossa Magestade Imperial o mais acrizolado amor, conservará eternamente em sua lembrança a memoria d'este fausto dia, em que recebe de Vossa Magestade Imperial a mais distinta prova do seo paternal afecto. Fidelissima villa do Sabará em 10 de Fevereiro de 1831. *Manoel de Araujo da Cunha*, prezidente.

Estes versos foram lidos no arco da Ponte-Grande á entrada da Villa do Sabará :

A's madidas madeixas cinge flores,
Ergue já de prazer o collo undozo.
A Pedro canta, oh ! Rio, mil louvores ;
Emquanto Nicteroy chora saudozo.

Trajae ricos vestidos, ninfas bellas,
De grinalda vos sirva sacro emblema
Amelia, Imperador, dezoito estrellas,
Columnas são do Imperio, e do sistema.

Da vida a Fonte eterna vos conserve
Inda mais que a Nestor os largos dias :
Quebre Cloto o cutello, e nos rezerve
Amelia e Pedro, nossas alegrias.

DIA 16 DE FEVEREIRO DE 1831

Na fazenda do Congo-Sôco

Suas Magestades Imperiaes passaram bem o dia de hontem n'esta fazenda ; e ocuparam a maior parte da

manhan em assistir aos diferentes trabalhos da mineração, em que se empregam um grande numero de pessoas nacionaes e estrangeiras, e muitos escravos com varias machinas e engenhos de vantajozos efeitos. O director, os mais empregados da companhia e todos os moradores dentro da fazenda, se esmeraram em mostrar-se obzequiozos e reconhecidos a Suas Magestades Imperiaes pela sua vizita.

Sahiram hoje em direção ao Brumado pelas 6 horas da manhan.

DIA 17 DE FEVEREIRO DE 1831

No arraial do Brumado

Entraram hontem Suas Magestades Imperiaes n'este arraial pelas 10 horas da manhan, tendo passado pelo de São João do Morro-Grande, em que se demoraram, sem que deixassem por isso de receber dos moradores d'elle todas as demonstrações de amor e de respeito.

Foram aqui recebidos estes Senhores pelo reverendo paroco da freguezia de Santa Barbara, com alguns ecleziasticos e pessoas distintas do lugar, e suas vizinhanças, que lhes fizeram as mesmas honras, com que os tem recebido as outras povoações; havendo muito asseio, decencia e boa ordem, assim na capela, como no acompanhamento, desde a entrada do arraial até esta, e ahi até á caza do reverendo padre Sebastião Jozé de Carvalho Pena, que anteriormente tinha pedido as Suas Magestades Imperiaes a graça de lhe aceitarem a hospedagem.

Os povos do Brumado de dia e de noite mostraram por todos os modos que não são menos amantes que os outros Mineiros, de Suas Magestades Imperiaes.

Nada faltou para o commodo de suas augustas pessoas: passaram bem e sahiram hoje antes das 6 horas da manhan.

DIA 18 DE FEVEREIRO DE 1831

Na serra de Nossa Senhora Mãe dos Homens

Chegaram Suas Magestades Imperiaes depois das dez horas da manhan ao Imperial Seminario de Nossa

Senhora Mãe dos Homens, sem mais incommodo que a fadiga da jornada na subida da serra. O superior, os mais padres, os estudantes, e alguns cidadãos da vizinhança, que esperavam a Suas Magestades Imperiaes na proximidade do templo, as conduziram a elle debaixo do palio, para assistirem ao *Te-Deum*, que se cantou alternadamente por canto chão, e excellente muzica, e tanto antes como depois d'este acto, os fogos, os repiques, e os continuados vivas no grande concurso, indicavam o geral regozijo.

Logo que Suas Magestades Imperiaes entraram para o apozento, que no seminario lhes estava destinado, dignaram-se dar beija-mão aos seminaristas, e a todas as mais pessoas que quizeram ter essa honra, incluidas as de sua comitiva, por ser o dia dos annos da serenissima senhora princeza D. Paula. No decurso do dia Suas Magestades Imperiaes vizitaram todo o seminario : e de noite assistiram ao debate literario de umas concluzões de filozofia defendidas por trez estudantes do mesmo seminario e a respeito de varias obras poeticas, que lhes dedicaram. Tudo no seminario interior e exteriormente estava ornado com asseio e gosto. Passaram bem a noite e partiram depois das 7 horas da manhan.

DIA 19 DE FEVEREIRO DE 1831

No arraial de Catas-Altas.

Eram quazi 11 horas da manhan, quando Suas Magestades Imperiaes entraram no arraial de Catas-Altas, onde, praticando-se no seo recebimento, quanto permitiam as circunstancias do lugar, as mesmas solemnidades uzadas nos mais. Foram commodamente hospedadas na caza do Rev. vigario e mui festejadas com os alegres e respeitozos vivas dos moradores e com os mais signaes de regozijo e amor. Amanheceram hoje de perfeita saude e seguiram a jornada depois das 6 horas.

DIA 20 DE FEVEREIRO DE 1831

Na fazenda do coronel Machado, perto do arraial de Camargos

Suas Magestades Imperiaes que sahiram hontem de Catas-Altas, tendo passado por varios arraiaes, em

caminho, e descançado no do Inficionado, onde assistiram ao *Te-Deum* na igreja-matriz, e almoçaram depois em caza do juiz de paz, que no dia antecedente tinha solicitado essa honra, chegaram a esta fazenda perto das 2 horas da tarde. Em toda a marcha foram Suas Magestades Imperiaes acompanhadas de muitas pessoas, militares, seculares e ecleziasticos, que vieram ao seo encontro e receberam os vivas e mais demonstrações de alegria e afecto dos povos. Passaram bem o resto do dia e noite, e sahiram hoje para a cidade de Marianna depois das 8 horas.

DIA 21 DE FEVEREIRO DE 1831

Na cidade de Mariana

Hontem ás 10 horas e meia chegaram Suas Magestades Imperiaes a esta cidade, em grande uniforme, com um luzido acompanhamento de pessoas de todas as classes. Na entrada estava o palio, cujas varas seguravam os membros da camara municipal e achava-se o Revm. bispo com o seo cabido e mais clero, algumas irmandades e um mui grande concurso de povo. Depois que Suas Magestades Imperiaes ouviram a fala, que ahi lhes dirigio o prezidente da camara municipal e beijaram o crucifixo, dados muitos vivas á religião catolica apostolica romana, á Sua Magestade o Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil, á Sua Magestade a Imperatriz, á imperial familia e á constituição, tal qual se jurou.

Encaminharam-se á catedral, onde, oficiando o Revm. bispo, se cantou o *Te-Deum* e se rezaram todas as mais orações do costume. Findo o acto religiozo, foram debaixo do palio até ao paço episcopal, em que se hospedaram, repetindo-se por todo caminho os vivas mencionados. Deram beija-mão ao cabido, ao clero, aos membros da camara municipal, a grande numero de oficiaes militares da primeira e segunda linha e á todas as mais pessoas que concorreram logo depois da sua chegada; e de tarde o prezidente da provincia e conselheiros da

prezidencia, que vieram de Ouro-Preto para felicitar a Suas Magestades Imperiaes e terem a honra de beijar-lhes a mão.

De noite illuminou-se toda a cidade, uma boa muzica defronte da janela do paço tocou algumas peças escolhidas e acompanhou os himnos, que se cantaram com notavel entuziasmo, havendo nos intervallos a leitura de algumas obras poeticas, com o que Suas Magestades Imperiaes gostozamente se entretiveram. O Exm. bispo tambem aprezentou á Sua Magestade Imperial uma fala em escrito, que o mesmo Senhor aceitou.

DIA 22 DE FEVEREIRO DE 1831

Na cidade de Mariana

Suas Magestades Imperiaes estão de saude. Passaram bem o dia de hontem n'esta cidade, em que continuadamente concorreram muitas pessoas a ter o prazer de vel-as e a honra de beijar-lhes a mão. Mandaram repartir esmolas pelos pobres, e dando Sua Magestade o Imperador audiencia a todos os que a pediram. Deferio-lhes com a sua benignidade e justiça, bem conhecidas. Sahiram hoje para a cidade de Ouro-Preto, pelas 8 horas da manhan, com um numerozo acompanhamento, além do esquadrão de cavallaria de primeira linha, que lhes servia de guarda.

DIA 23 DE FEVEREIRO DE 1831

Na cidade imperial de Ouro-Preto

Vio hontem, pela segunda vez, a capital da provincia de Minas-Geraes a Sua Magestade o Imperador, honrando-a com a sua augusta prezença.

Ainda não eram 10 horas da manhan, quando da cidade se começou a gozar da agradavel vista de Suas Magestades Imperiaes, que para ella se encaminhavam e do seo grande e mui luzido acompanhamento; mas teve de demorar-se a entrada, porque os mesmos Senhores, que aliás poderiam seguir o mais breve e directo caminho das

Lages, dignaram-se tomar o incommodo de estender a marcha pelos suburbios, afim de entrarem por outro lado, passarem pelas ruas principaes e por baixo dos arcos triunfaes, que as corporações do commercio, dos empregados publicos e dos militares lhes tinham levantado, e deram por mais tempo e ao maior numero de seos subditos o prazer, que todos anhelavam.

Entraram pois Suas Magestades Imperiaes pela parte da praia de Ouro-Preto, em grande uniforme, á frente do acompanhamento de cavalleiros da guarda militar e de immensidade de pessoas a pé, e apearam-se no começo da rua do Rozario, onde esperavam os membros da camara municipal com o palio, o Rev. vigario de Ouro-Preto, com grande numero de ecleziasticos e uma boa porção de cidadãos em alas. Foram dahi transitando a grande extensão de diferentes ruas á capella de Nossa Senhora do Carmo, por entre o muito povo que repetia os vivas á religião catolica apostolica romana, á Sua Magestade o Imperador constitucional, á Sua Magestade a Imperatriz, á imperial familia, á constituição jurada, á sua religioza observancia, á paz da patria, á nação brazileira, á assembléa geral legislativa, etc. As janelas estavam vistozamente ornadas e guarnecidas de senhoras, que nos semblantes e nos trajes mostravam claramente a alegria de que se achavam possuidas; de quazi todas as janelas se lançavam flôres e vivas; em algumas se cantavam himnos.

Celebrada a ceremonia religioza na sobredita capela, se encaminharam Suas Magestades Imperiaes para o palacio, debaixo do palio conduzido pelos membros da camara municipal: e quando já estavam na proximidade do portão, Sua Magestade o Imperador, chegando-se ao parapeito do fortim, que se acha em frente, de maneira que era visto e ouvido pela tropa e pelo povo, que enchia a praça, leo uma proclamação, a que todos prestaram a mais decidida e respeitoza atenção.

O mesmo Senhor deo, depois da leitura, trez vivas á Constituição, que foram aplaudidos com o devido entuziasmo, e seguidos de outros muitos no sentido dos acima mencionados.

Tendo subido, immediatamente Suas Magestades Imperiaes se dignaram dar beija-mão aos membros da camara municipal, cujo prezidente recitou um discurso de congratulação, a que Sua Magestade o Imperador houve por bem responder: Agradeço muito á camara municipal, aos membros do conselho da prezidencia, ao prezidente da provincia, commandante das armas, chefes, oficiaes e cadetes dos corpos militares da primeira e segunda linha, ecleziasticos, empregados publicos e mais pessoas que concorreram.

Não cessaram em todo decurso do dia os fogos, os repiques, as muzicas e mais signaes de publico regozijo, e de noite estando toda a cidade illuminada, tocaram as muzicas dos regimentos, acompanhando diversos himnos, e repetiram-se os vivas por muito tempo.

Senhor. A Igreja Marianense acha-se hoje revestida de jucundidade e de gloria com a augusta prezença de Vossa Magestade Imperial e de Sua Magestade a augusta Imperatriz.

Ella respira ar livre, vendo desaparecer dos semblantes do pastor e das ovelhas a tristeza e amargura, em que tem jazido pela prepotencia dos fabricadores de Babel, que pretendem subplantar a religião e a constituição, que Vossa Magestade Imperial nos deo, e nós jurámos para substituir-lhe o republicanismo ou a federação, e fazer-nos a todos prejuizos. Não é esta a vez primeira, que Vossa Magestade Imperial vizita esta provincia de Minas-Geraes por um tal motivo. Ella desafiou a piedade de Vossa Magestade Imperial no anno de 1822, quando necessitavamos de mão forte, que nos salvasse da horrivel tempestade, que nos ameaçava o perjurio, mas sendo então salvos da borrasca, acommodaram-se por algum tempo os ventos da desordem, e da perturbação entre os religiozos e honrados Mineiros, para soprarem agora com mais violencia e fazer-nos sucumbir.

Graças porém á Providencia, que renovou no paternal coração de Vossa Magestade Imperial aquelles santos sentimentos primeiros, para ver pessoalmente as aflicções dos seos subditos, e livral-os da sua tribulação. Sim, Imperial Senhor, os honrados Mineiros em torno de Vossa

Magestade Imperial declaram altamente, que só querem religião, Imperador e Constituição, e nada de federalismo.

Por isso suplicamos as providencias, que se necessitam, para sermos livres dos que perturbam a paz e a tranquillidade. Rogamos pois ao céo, que nos conceda este bem, e a Vossa Magestade Imperial, que nos defenda dos inimigos da Constituição para servirmos ao Senhor e a Vossa Magestade Imperial em obediencia ás leis da Igreja e do Imperio, sem haver quem se atreva a perturbar estes nossos sinceros votos. Viva portanto a nossa santa religião catolica apostolica romana, viva Vossa Magestade Imperial e Constitucional com a constituição que nos deo e nós juramos, viva Vossa Magestade a Imperatriz, viva toda dinastia imperial. Frei *Jozé da Santissima Trindade*, Bispo de Marianna.

Senhor. A Camara Municipal d'esta leal cidade de Mariana vem incorporada repetir os mesmos sentimentos de respeito, fidelidade, adhezão e amor que pelos seos deputados teve a honra de levar á augusta prezença de Vossa Magestade Imperial, e da sua augusta consorte a Imperatriz do Brazil.

A camara felicitando a Vossa Magestade Imperial pela feliz jornada, que tem feito pelas diferentes villas d'esta provincia, exulta de prazer, e sente a mais grata sensação pela incomparavel ventura de possuir Vossas Magestades Imperiaes no recinto d'esta cidade; e agora permitam Vossas Magestades Imperiaes, que a camara e o povo marianense expressem pelo prezidente d'ella os sentimentos de seos leaes e patrioticos corações. Viva o Senhor D. Pedro I, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, viva a sua augusta espoza a Senhora D. Amelia Imperatriz do Brazil, viva a imperial familia, viva a religião, viva a constituição tal qual jurámos. *Fortunato Rafael Archanjo da Fonseca. Jozé Justino Gomes Pereira. Joaquim Coelho de Oliveira Duarte. Ignacio Jozé Rodrigues Duarte. Manoel Francisco da Silva Costa. Manoel Jozé de Carvalho. Jozé Ferreira de Oliveira. Joaquim Jozé Campos.*

Senhor. E' em transporte de um jubilo divinal, que a Camara Municipal d'esta imperial cidade de Ouro-Preto

se encaminha á prezença augusta de Vossa Magestade Imperial e Constitucional, para ter a honra de felicitar a Vossa Vagestade Imperial pela prospera jornada, que tanta ventura promete á rica e vasta provincia de Minas, e congratula-se pela honroza vizita, que Vossa Magestade Imperial se dignou fazer a este municipio. Quantos bens, Senhor, podemos esperar da viagem de um monarca constitucional, que, desprezando os atractivos da velha Europa, preferio reger um povo livre e americano? Um principe, que, no verdor dos seos annos, chamou um a um ao centro as provincias dissidentes do brazilico imperio, que rompeo os vinculos coloniaes, que por trezentos annos passaram sobre os pulsos dos Brazileiros; que á frente da Reprezentação Nacional proclamou a soberania do povo, verdade desconhecida pelos monarcas do antigo continente; um principe, que soube unir em doces e eternos laços o sceptro e a liberdade, o povo e o seo chefe; um principe, que não contente de haver libertado esta porção americana da propotencia européa, salvou a Luzitania da ambição dos perfidos tiranos, dando-lhe uma carta liberal em que se firmam os mais sagrados direitos do cidadão portuguez; um principe filozofo, que, tendo sabido afugentar do solo brazileiro o demagogismo e o absolutismo, assegura aos povos do seo imperio incalculaveis beneficios. O jubilo, Senhor, se tem apoderado dos corações de todos os membros d'esta camara, desde a época venturoza, em que teve a satisfatoria noticia do projecto, que Vossa Magestade Imperial concebeo de vizitar o povo mineiro.

A prezença de um principe, que não só tem rivalizado, mas excedido aos Titos, aos Aurelios, e aos Trajanos, derrama as mais lizongeiras esperanças nos nossos corações. Minas, esta provincia de tanto pezo na balança politica do Brazil, vizitada por Vossa Magestade Imperial constitucional, tem de aprezentar o rizonho painel, debuxado pelo genio da agricultura e da industria. Como parte da provincia mineira, o municipio do Ouro-Preto sente o mais vivo prazer na contemplação de tantas venturas, que a prezença de Vossa Magestade Imperial promete aos Mineiros.

Possam os nossos votos realizar-se, dilatando os céos os preciozos dias de Vossa Magestade Imperial, que permitirá, que esta camara em signal de seo reconhecimento beije a augusta mão de Vossa Magestade Imperial e da excelsa espoza, objecto do conjugal amor de Vossa Magestade Imperial, e manancial fecundo de mil bens, que o Brazil um dia colherá. *Antonio Ribeiro Fernandes Forbes. Joaquim Jozé Fernandes de Oliveira Cata-Preta. Agostinho Jozé Ferreira. Manoel Soares do Couto. Joaquim Jozé da Silva Brandão. Jozé Pedro de Carvalho. Tristão Francisco Pereira de Andrada.*

DIA 24 DE FEVEREIRO DE 1831

Na imperial cidade de Ouro-Preto

Hontem estiveram Suas Magestades Imperiaes n'esta cidade com satisfação. Sua Magestade o Imperador assistio ao exercicio de fogo, que fez o batalhão de caçadores na praça de palacio: vizitou a intendencia, os quarteis e o hospital. Acolheo as reprezentações e requerimentos de muitos cidadãos e deo a mão a beijar ao grande numero, que no decurso do dia procurou essa honra. O mesmo Senhor e Sua Magestade a Imperatriz fizeram avultadas esmolas, e por todos os modos se aprezentaram merecedores do amor dos seos subditos. Passaram bem a noite e subiram para a Caxoeira ás 5 e trez quartos da manhan.

DIA 25 DE FEVEREIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

A's 10 horas e meia da manhán de hontem chegaram Suas Magestades Imperiaes á este paço, de perfeita saude, acompanhando-as o commandante das armas da provincia, e outras muitas pessoas da cidade, e tambem do arraial da Caxoeira.

Estão de saude.

DIA 26 DE FEVEREIRO DE 1831

No paço da Caxoeira

Suas Magestades Imperiaes descançaram hontem n'este paço, para dar tempo a alguns preparos de jornada. Estão de saude, e sahiram hoje ás 5 horas da manhan.

DIA 27 DE FEVEREIRO DE 1831

No arraial de Ouro-Branco

Hontem fizeram Suas Magestades Imperiaes uma marcha de quazi cinco leguas, desde a Caxoeira até este arraial, onde chegaram depois das 11 horas da manhan, tendo-se demorado pouco mais de meia hora no Alto do Morro. As melhores pessoas do arraial e suas vizinhanças foram esperar Suas Magestades Imperiaes a grande distancia, exceptuadas sómente as que foram precizas para pegarem nas varas do palio, e fazerem as ceremonias do recebimento. Depois que os mesmos Senhores fizeram oração na igreja-matriz, foram conduzidos debaixo do palio á caza do reverendo vigario, onde se hospedaram. Passaram bem, e partiram hoje antes das 5 horas.

DIA 28 DE FEVEREIRDO DE 1831

Na villa de Queluz

Suas Magestades Imperiaes chegaram hontem a esta villa depois das 9 horas da manhan com um grande acompanhamento dos que tinham ido ao seo encontro. Foram recebidos da mesma maneira que em todas as outras partes, dada a devida atenção ás circunstancias da sua pequena população e poucas possibilidades.

Estão de saude, e sahiram depois das 4 horas da manhan.

Senhor. A Camara d'esta villa pelos cidadãos do termo dá parabens a Vossa Magestade pela felicidade de sua volta. Todos nos congratulámos por esta vizita, com que Vossa Magestade tem honrado esta provincia e a subditos, que o amam.

A Camara beija as mãos á Vossa Magestade, e confessando a maior adhezão á sua imperial pessoa, afirma de novo o seo amor, a sua fidelidade, e a sua firmeza nos sentimentos constitucionaes. Real villa de Queluz 27 de Fevereiro de 1831. *Jozé Ignacio Gomes Barboza. Manoel Pinto Brandão. João Lopes Teixeira Franco. Antonio de Souza Moreira. Antonio Joaquim de Souza Pena. Antonio Ribeiro Andrada. João da Mata Fernandes.*

—

Hontem* pelas 3 horas da manhan, Suas Magestades Imperiaes se recolheram ao paço da imperial quinta da Boa-Vista, em perfeita saude. Voltando da vizita que havia feito á provincia de Minas-Geraes.

MINAS GERAES

A' plauzivel entrada de Suas Magestades Imperiaes na leal cidade de Mariana em o dia 20 de Fevereiro de 1831

Parabens, Mariana, tu, contente,
De mirto e rozas tens cingida a fronte,
Parabens, ás estrellas te levanta,
Mariana feliz a gloria canta.
Em jubilos de amor ardente exulta,
Chegou o grande heróe, que só consulta
O justo e bem commun; a luz brilhante
De seo genio, celeste e vigilante
Um clarão fuzilando ás monarchias
Ao mundo traz os preciozos dias:
De Baviera tens a linda estrella,
Que nos torna a manhan rizonha e bella.

Sinto pular o coração no peito
Para tanta alegria vazo estreito.
Amor da Patria, que o prazer imprimes
Nas almas generozas e sublimes,
Desce dos céos, a lingua me desata,
Me esforça o genio, a mente me dilata:

* Dia 11 de Março de 1831.

Possa eu mostrar em puras frazes de ouro
Ao Brazil implumado, que tezouro
De graças e venturas ora veio
Entornar-se no seo tão vasto seio:
De certo seos annaes se abrilhantaram
Quando as verdes bandeiras tremularam.

Salve! benigno heróe, Pedro Primeiro
Do Brazil, que anteponho ao mundo inteiro;
Salve Amelia, ó feliz, alta heroina,
De Pedro, nosso bem, consorte dina;
Vem, ó diva, ah! sim, vem entre rozadas
E brancas nuvens de ouro recamadas.
Ditozos cidadãos, honesta gente
De louros immortaes adorna a frente:
Assoma o quadro de mimozas côres,
A esperança renasce e brotam flores,
Vêde Ceres, Pomona, e grata Flora,
Como derramam os seos dons agora,

Vêde os troncos e ramos carregados;
Debandada, sem ninho e fugitiva
Já não teme ao açor a pomba esquiva,
A serpe venenoza não levanta
O colo; nem ofender póde a planta
Do pastor, que no centro da floresta
A somno solto dorme longa sésta;
O tigre, mais cruel sanguinolento...
Mas onde me arrebata o pensamento?
Resurge do sepulcro a liberdade,
Acabrunhada foge a crueldade,
O crime baqueou, gemeo de espanto,

Das leis, das santas leis nos cobre o manto;
Baixa do Olimpo a candida verdade
Em nuvem transparente, e a probidade
Vem ao seo lado, vem a paz dourada
Da justiça e razão acompanhada:
As nove irmans já vem do sacro Pindo,

Os himnos mais sonoros repetindo.
Os Camillos, os Brutos, os Catões,
Fabios, Decios, Marcellos, Scipiões
De odoriferas flores vão cobrindo
A estrada, por onde vae seguindo
Probo, recto, augusto venerando,
O chefe do poder e alto mando,
Que recompensa aos bons, que aos maos castiga,
E ante quem treme o erro, e pasma a intriga,
Que as culpas prezas, sim, calcula e sonda,
Qual pena ao negro crime corresponda;
Que os seculos renova tão beneficos
Dos grandes Titos, Marcos, Antoninos,
Trajanos dignos da brilhante sorte,
Em quem poder não tem a mão da morte:
Tal a Pedro immortal ora contemplo,
De heroismo e virtude vivo exemplo.

Excelso Imperador, eu te saudo,
Por ti florece a lei, florece tudo,
Iris de paz e de bonança és nume,
Teo nome toca já da gloria o cume;
Mais cingido ao teo mando do que a éra
Ao tronco, manter juro a lei, que gera
Justas verdades, que aos mortaes adornam,
E sobre os corações prazer entornam;
A Constituição, que se diviza
Em teo coração puro, te eterniza;
Dos livros do futuro em dôce rima
Voarás das estrellas muito acima.

Isto que Lizia, terra inculta chama,
E' civil, tudo tem para quem ama;
Em cada Brazileiro tens Mavorte,
Tens horôe, tens soldado altivo e forte,
Queimando aromas, erigindo altares
Em honra dos teos dotes singulares;
Do Brazil, que vaidozo os pés te beija,

És defensor; és protector da igreja:
Estas raras virtudes são lembradas
Nos instantes de gosto e decoradas
Por sabio ministerio, que propende
A' fortuna geral, e nos defende
Da esfinge da criminoza guerra,
Que os males de Pandora desencerra.

E tu, nascente Imperio, ennobrecido
De prestantes heróes, enriquecido
De impavidas falanges respeitaveis,
E congresso de sabios memoraveis,
Dos Gregos e Romanos valorozos
Não tens inveja; genios portentozos,
Suplantando o terrivel despotismo,
Derrocaram o tumido egoismo.
Eis faustozo Imperio, rende culto
A teo libertador, ergue-lhe um busto
De respeito, e de amor constante e puro,
Que triunfe do esquecimento escuro.

Cem vezes, vezes mil por toda a parte
Reine Apollo e Minerva, e d'esta arte
Vingue a paz, doce paz de gloria cheia,
Brinque Amor, que refaz a nossa idéa;
Seo faxo luminozo reverbere
Em todo mundo: viva e prospere
A religião santa por Deos dada:
Seja sempre dos povos adorada,
A prole imperial, a prole augusta,
Que tem de Themis a balança justa.

O nume, que seos dias sempre doura,
Despoje a Parca da fatal tezoura,
Em diamante, que o tempo não consome,
Ou cedro, seja escrito o claro nome
Do joven immortal Pedro Primeiro,
Que os ferros arrancou do cativeiro,
Que as sombras dissipou da tirania,

E nos deo novo Sol, e novo dia.
De jaspe fino n'um Pedro sagrado
Com letras de ouro seja emfim gravado;
Bem haja ao semi-deos, o defensor
Perpetuo do Brazil; restaurador
Da liberdade, o pae da Patria, digo,
Pedro o Grande. Ah! sim basta o caro abrigo
Da Nação, que por elle, agradecida,
Determina de dar a propria vida.
Illustres corajozos Brazileiros,
Ao ferro, ao fogo, á morte sobranceiros,
De clima em clima o vosso nome vôa,
Sois de Pedro sem par leaes a c'rôa,
Celebrae este dia de mil graças,
E vivas, que resoam pelas praças,
Entoando em fervor alegres himnos,
Do governo feliz tributos dinos

E Tu, Heróe, que tens virtudes raras,
E do vasto Brazil a sorte aclaras,
E's nume tutellar, és firme escora,
E Argos do bem do povo, que te adora;
Cheio de nome e de esplendor, esmaltas
O sceptro imperial, e o trono exaltas
Do lindo continente, auribordado,
Que tens com tanta gloria sustentado,
Graças, oh! Pedro, oh! Amelia, oh! Patria, oh! Povo,
Oh! Justiça, oh! Razão, oh! Mundo Novo,
Do nosso imperio as filhas da Memoria
Aos tardos netos contarão a historia.

POR MANOEL DE JEZUS HORTENCIANO XAVIER

HIMNO A' VINDA DE SUAS MAGESTADES IMPERIAES

Vem, oh! Pedro, vem Amelia
O nosso paiz honrar,
As tuas altas virtudes
Vem mil corações roubar

Estrib.

Viva Pedro, viva Amelia,
Duas almas singulares ;
Os seos dotes soberanos
Já resoam pelos ares.

Vem, par sagrado, descança
No regaço dos Mineiros,
Que do fundo do seo peito
Rendem cultos verdadeiros.

Estrib.

Viva Pedro, viva Amelia, etc.

Salve, oh! divinal Amelia,
Digna de sonora rima ;
Amor levará teo nome
Das estrellas muito acima.

Estrib.

Viva Pedro, viva Amelia, etc.

Salve ó Nume, tu que reges
A brazileira nação ;
Iris da paz, tu ganhaste
De Minas o coração.

Estrib.

Viva Pedro, viva Amelia, etc.

Entre aplauzos, entre vivas
Todo o povo com razão,
Ajoelhando a teos pés,
Que fiel beija-te a mão.

Estrib.

Viva Pedro, viva Amelia, etc.

INSCRIPÇÕES DE VARIOS ARCOS

Quiz o Céo fazer feliz
De Minas o grato povo,
Mandando que Pedro Augusto
O vizitasse de novo.

Si o rico Brazil fulgura
Em copia de luz brilhante,
Ao sabio influxo se deve
De Pedro nosso Imperante

Ao monarca do Brazil
Ergue Minas um padrão;
Um só Mineiro não ha
Que lhe negue o coração.

Amaltéa a copia entorna
No Brazil afortunado,
Onde o sceptro do monarca
E' de rozas matizado.

Dedicado á feliz e venturoza chegada de Suas Magestades Imperiaes a esta imperial cidade de Ouro-Preto, em o sempre memoravel dia 22 de Fevereiro de 1881.

Sim, oh! mortaes! por elle mesmo o juro:
O seo gloriozo nome
O Tempo, que a si proprio se consome,
Respeitará no seculo futuro.

ELPINO NONACRIENSE.

Bem que o pluviozo Orion sacuda as pennas,
Desfeito em mil torrentes,
Que alaguem campos, e em ribeiros plenos
Vedem transito ás gentes;
Tudo o Genio suplanta, vence e doma,
Por mais que o adusto tempo errice a coma.

Do vil ocio nos braços recostado
Heróe, que aspira a fama,
Não passa os dias sobre inerte estrado:
O brio, que a alma inflamma
Novos Alcides, gera invictos, fortes,
Que audazes calcam as adversas sortes.

No grande Pedro do Brazil esteio,
O seo nome, e esperança,
Exemplos temos; o qual sem receio,
Afoito se abalança
Vencer estradas, estação, ruinas,
Anciozo de chegar ás auras mineiras,
Trazendo ao lado a encantadora Amelia,
Que é em geral conceito,
Gentil na terra, qual nos céos é Delia,
Vem do tempo a despeito
Um trono erguer nos corações mineiros,
Subditos fieis, amigos verdadeiros.

O Prazer sacudindo as fulgas azas
De monte em monte vôa;
De Ouro-Preto nas praças e nas cazas,
De Pedro o nome entôa;
De Pedro, heróe excelso, augusto, invicto,
No Brazil novo Aurelio, ou novo Tito

Filozofo no solio resplendente,
Qual Platão o dezeja,
Sabia Constituição outorga á gente,
Que o céo quer que elle reja,
Subindo da Gloria ao sumptuozo templo,
Para ser á Nação e aos reis de exemplo.

Do infame absolutismo vis cadêias
Pedro as faz em pedaços;
Em vão pois, oh! Brazil, em vão receias,
Qu'inda oprima teos braços
Monarca liberal, que o povo afaga,
O monstro odeia, e atroz cerviz lhe esmaga,

A' concordia votado, e á paz divina:
O sceptro fulgente
Sómente empunha, e para o bem destina,
D'este Imperio nascente,
D'este amado Brazil, por quem ufano
Não quiz ser rei do reino luzitano.

Avido de afeições, de amor, de estima,
Prudente e circunspecto,
A náo do estado com destreza opima,
E Portugal afecto
De parceis, e caxopos a desvia,
E augusto Palinuro ao porto a guia.

Eis Mineiros, é este, é este o nume,
Que vos ama e protege,
Que da Patria os destinos ergue ao cume
Da fortuna, que rege.
Si gratos sois, ah! apressae os passos,
E correi a jurar-lhe eternos laços.

Por MANUEL JOAQUIM RIBEIRO.

Himno á plauzivel vinda de Suas Magestades Imperiaes a esta cidade de Ouro-Preto, oferecido aos mesmos augustos Senhores, por Antonio Jozé Peixoto, coronel do 5º regimento de cavallaria ligeira da 2ª linha do exercito.

1º

Vizitar a Minas vem
Os chefes da monarchia:
Mineiros, ide acolhel-os
Em transportes de alegria

Estribilho
Em alvos, fulgentes himnos
Aplaudi ledos Mineiros
A vizita honroza e augusta
Dos monarcas brazileiros.

2°

Nas aureas, extensas Minas
Doce jubilo fulgura,
Porque os nossos imperantes
Lhe vem trazer a ventura.

Em alvos etc.

3°

Mineiros, por honra tanta
Sejam vossas oblações
Ir ofertar reverentes
Vossos leaes corações.

Em alvos etc.

4°

Nossa augusta imperatriz
Vem luzir qual astro em Minas,
Vem fazer, que admiremos
As suas graças divinas

Em alvos etc.

5°

Ao lado do immortal Pedro
Amelia, que é nossa gloria,
Virá deixar entre nós
Viva e saudoza memoria

Em alvos etc.

Esta imperial vizita
Si Minas leda a festeja,
Por ella tambem conhece,
Que o céo nos ama e bafeja.

Em alvos etc.

7°

A brava tropa mineira,
Ardendo em chammas d'amor,
Protesta eterna adhezão
Ao seo grande imperador.

Em alvos etc.

8°

Protesta e jura manter
Fé pura e lealdade aceza,
E como leões valentes
Morrer em sua defeza.

Em alvos etc.

Todos os povos tambem
Protestam da mesma sorte,
Aos seos altos soberanos
Serem leaes té a morte.

FIM

A' Sua Magestade o Imperador por ocazião da sua chegada a esta capital, tendo proclamado aos Mineiros

SONETO

Pela cauza a mais justa e mais sagrada,
A' prol do nobre povo brazileiro,
Fostes legislador, fostes guerreiro,
Dando-lhe a independencia dezejada,

Si hoje o vil demagogo insano brada
Da impunidade á sombra, astuto e arteiro,
Qual te cumpre, ergue as mãos e justiceiro
N'uma a constituição, e n'outra a espada,

Energico vigor vae merecer-te,
Monarca do Brazil, por toda a parte
Immortal nome, que alta gloria veste,

Hão de os povos do globo respeitar-te,
Os planistas democratas temer-te,
E os Brazileiros bons idolatrar-te.

Por PEDRO ALEXANDRE CAVROÉ.

Pede-se-nos a publicação do seguinte artigo ou discripção do festejo á Suas Magestades Imperiaes, vizitando o collegio do Caraça, em Minas-Geraes.

No dia 17 de Fevereiro pelas 6 horas da manhan, sahiram Suas Magestades do arraial do Brumado, e dirigiram-se ao collegio do Caraça; este faustissimo dia 17 de Fevereiro, dia natalicio da Sra. D. Paula Mariana, terceira filha de Sua Magestade Imperial, foi destinado para a chegada de Suas Magestades Imperiaes ao Caraça.

Duas leguas distante do collegio, o superior do mesmo com um companheiro congregado foram ao encontro de Suas Magestades Imperiaes, a quem beijaram as mãos, e desde então até Suas Magestades se avizinharem do collegio subiam com algum intervallo fogos ao ar intermediados com o estampido de grandes bombas; logo ao subir da serra estava uma aceiada cadeirinha, e seis moços, que não serviram, porque o caminho oferecia commodo para cavalgadura e liteira. No alto se achava preparada uma caza de campanha com todo o aparato necessario para refresco, de que se servio a comitiva de Suas Magestades Imperiaes.

Apenas Suas Magestades Imperiaes se avizinhavam para mais perto, e foram vistos (eram então 10 horas) um tiro de bomba, cujo estampido imitava ao de canhão, deo o signal; os sinos começaram a repicar, a muzica rompeo o himno nacional executado com o melhor primor;

uma fortaleza elevada sobre um rochedo, guarnecida de peças e artilheiros fingidos em massa volumoza, levantou ao mastro grande a bandeira imperial, e aos quatro pequenos, que sahiam dos angulos em linha obliqua, galhardetes de varias côres, e na mesma se principiou a salva imperial de cento e um tiros entre muitos fogos e girandolas, que de continuo subiam ao ar; as montanhas, fazendo repetir seos sons dos astros, pareciam, que se alegravam tambem com a vinda de Suas Magestades Imperiaes ao seo recinto.

Duzentos passos distante do edificio, no fim de uma ladeira, que ocupava toda a extensão, se achava um aceiado pavilhão, sustentado por quatro columnas com gosto ornadas, que servio para a primeira cerimonia do costume; sobre o pavimento ricamente alcatifado estão duas almofadas para Suas Magestades Imperiaes se ajoelharem. Em um dos lados fronteiros á estrada se via um pompozo arco elevado por duas columnas, que rematavam dois lindos quadros, em um dos quaes se lia em letras grandes: «A' face de Pedro e Amelia», e em outro: « Os serranos hoje exultam »; no meio se elevava outro de maior grandeza e adorno, e n'elle se lia: *Veni, Domine, visitare nos in pace, ut lætemus coram te corde perfecto.* Da parte oposta aprezentava o arco a mesma vista com a diferença unica de se ler no quadro do meio: *Erumpant montes jucumditatem, et colles justitiam.* Este arco estava guarnecido de bôas dispozições de festões de flores artificiaes, e brilhava tanto quanto o lugar oferecia de natural a sua pozição.

Junto á elle se apearam Suas Magestades Imperiaes, e então o superior do collegio levantou por trez vezes os vivas a Suas Magestades Imperiaes e Constitucionaes, os quaes foram repetidos pelo immenso povo de todos os sexos e idades, que de partes diversas tinham ali concorrido para terem o prazer de ver Suas Magestades Imperiaes. O superior do collegio de pluvial rico entre dois meninos com dalmaticas (bordadas com gosto moderno, que atrahiram a atenção de Suas Magestades Imperiaes) recebendo de um ministro o crucifixo, o deo a beijar a Suas Magestades Imperiaes debaixo do mesmo pavilhão; n'este

tempo quatro meninos dos collegiaes de boas vozes cantaram os seguintes versos :

I

Vinde nosso bem,
Vinde nosso amor,
Vinde nosso pae,
Nosso Imperador.

II

Vinde nosso bem,
Vinde hoje feliz,
Vinde nossa mãe,
Nossa Imperatriz.

III

Nos nossos alegres peitos,
Brotou n'este dia,
Orvalhando prazer,
A flôr d'alegria.

Desde esse lugar até o alto da ladeira, que findava na extremidade do grande pateo fronteiro ao edificio, se estendia uma vistoza procissão de cento e quarenta collegiaes, e corpo da congregação de sobrepelizes, com cruz alçada por um ministro sacro na frente, e por uma rua formada de arcos de flôres, e ramalhetes, de plantas privativas do lugar, entoando o cantico *Benedictus*, alternado pela muzica ; debaixo do palio, cujas varas pegavam os paramentados de dalmaticas e pluviaes, iam Suas Magestades Imperiaes entre mil demonstrações de festejo e alegria.

Na entrada do pateo estava levantado um magnifico arco, emblema do amor dos serranos para com Suas Magestades Imperiaes, e era firmado em duas columnas precizamente vestidas, sobre que estavam dois quadros, em que se lia de uma parte : *Em amor de Pedro e Amelia*, e de outra : *Corações serranos ordem*. Na parte superior de cada um dos ditos se elevava um bem formado coração

ardendo, tendo sobre si a corôa imperial; no meio se via um quadro maior e bem ornado em que se lia em letras grandes:

Sobre reinos os triunfos
De um triunfo são brazões,
Triunfar é dois triunfos
Sobre ternos corações.

E na parte oposta:

Com leve pincel amor
Traçou estas expressões:
Triunfar é dois triunfos
Sobre ternos corações.

Sobre este quadro estava firmada uma açafata de flôres naturaes, que se espalharam sobre Suas Magestades Imperiaes, elevada entre plumas, laçadas de fitas, e festões de flôres artificiaes, tendo embaixo um grande coração da maneira já mencionada; na parte oposta se via tudo o mesmo, com a diferença da inscripção já notada.

No topo das escadarias e extremidade do pateo anterior ao frontespicio do templo estavam collocados outros mais ricos quadros, em um dos quaes se lia: *Amor*, em outro: *Fidelidade*. Sobre elles dois genios elevavam nas mãos uma eltifse, em que estavam um *P* e *A* entrelaçados; no meio dois genios maiores, com grande asseio vestidos seguravam as armas do Imperio, e sobre tudo isto sahiam flôres artificiaes com a formatura quazi de um simicirculo; o que tudo fazia uma vista digna de expectação.

Suas Magestades Imperiaes, depois de receberem agua benta da mão do superior do collegio, e entrados, adoraram o Sacramento, e recolheram-se para debaixo de um grande e pompozo docel, vestido de seda da India; ahi assistiram ao *Tantum ergo* ao expor-se o Santissimo Sacramento á porta do sacrario, e ao *Te-Deum* entoado

pelo superior do collegio, cuja muzica foi tambem executada, que mereceo especial agrado de Suas Magestades Imperiaes. Concluidas as orações do costume e encerrado o Santissimo Sacramento, recolheram-se Suas Magestades Imperiaes á sua caza preparada com todo o commodo e asseio, e ornato possivel. Sua Magestade o Imperador dirigio-se a observar a caza dos viveres, cozinha, botica e refeitorio, que particularmente lhe agradou, e ultimamente ao collegio, onde assistio ao ensaio que se fazia da poezia, com que se pretendia honrar a vinda de Suas Magestades Imperiaes e solemnizar o grande dia 17 de Fevereiro.

Sua Magestade Imperial ahi chegando ordenou continuasse o dito ensaio, como se não estivesse prezente, e se entreteve com os collegiaes por muito tempo de uma maneira afavel e jovial propria do seo grande coração.

Retirou-se ao meio-dia a vestir-se para dar solemne beija-mão, e os da sua comitiva se vestiram igualmente de gala, e á 1 hora deo beija-mão aos de sua comitiva, congregação e collegio; ao mesmo tempo que tocava uma bôa muzica, subiam fogos ao ar, as girandolas e o estrondo de grandes bombas faziam um son de entuziasmo e alegria; findo o beija-mão o superior do collegio levantou vivas á Suas Magestades Imperiaes, á Sra. D. Paula Mariana, á dinastia imperial, que foram repetidos pela multidão do povo, que se achava na sala immediata á do doce.

Por ordem de Sua Magestade Imperial se preparou primeiramente para os collegiaes o refeitorio para o jantar, para onde se dirigiram Suas Magestades Imperiaes, e ahi observaram as iguarias e tudo mais, conversando com os collegiaes; á primeira saude levantou o superior do collegio vivas á Suas Magestades Imperiaes e Constitucionaes, á Sra. D. Paula Mariana e á dinastia imperial, repetidos pelos prezentes; a muzica em um coreto ajudava a alegria do acto, trez poetas fizeram em versos saude á Suas Magestades Imperiaes, e o restante foi um continuo transporte de satisfação e alegria.

Suas Magestades Imperiaes jantaram pouco depois no mesmo refeitorio, e o superior deo então os mesmos

vivas com intervallo, sendo o ultimo já na meza do dôce, que foram respondidos pelos circunstantes.

Suas Magestades Imperiaes tendo jantado sahiram com o superior do collegio a passeio, e a ver a quinta e arvoredos proprios do paiz, da Europa e do lugar. Dirigiram-se por ultimo ao recreio dos collegiaes, onde Suas Magestades Imperiaes se entretiveram com elles, jogando a bola. Concluido o recreio, recolheram-se para assistir ás concluzões de filozofia racional; para o que o professor tinha ofertado á Suas Magestades Imperiaes dois asseiados exemplares das tezes. Estas tiveram lugar no refeitorio, por ser espaçozo, e todo elle se achava illuminado; os lampeões de quatro luzes, que se sucediam na distancia de dois braços, e castiçaes com vellas sobre a meza, na distancia de braça, formavam um luzido clarão; então se deitava muito fogo artificial e uma alegre muzica annunciava a proximidade do acto. Suas Magestades Imperiaes tomaram assento debaixo de um rico docel, Sua Magestade o Imperador mandou assentar o professor, e defendentes Gabriel de Medeiros Gomes, João Evangelista de Negreiros Saião Lobato, João Jacinto de Mendonça, convidou aos Srs. Dr. Tavares e Rvmo. vigario Belchior, que tambem tomaram assento, para arguirem; depois de uma eloquente oração latina, recitada por um dos defendentes, cuja traducção foi por outro recitada, e comprimentos do costume, foram propostas pelos illustres arguentes objeções, que foram respondidas pelos meninos (tinham 15 para 16 annos de idade) de uma maneira proporcionada á sua idade, mas que satisfez a expectação do auditorio e a Sua Magestade o Imperador, de quem mereceram elogio; por ultimo recitou o professor uma oração, agradecendo á Suas Magestades a honra que lhes acabavam de fazer, e assim se terminou um acto honrozo para o collegio.

Immediatamente depois de uma afectuoza oração recitada pelo superior do collegio, em que fazia recordar as virtudes de Suas Magestades Imperiaes e sua proteção para com o collegio, seguio-se o acto poetico, que foi executado com desembaraço, algumas obras foram feitas em dialogo de duas, trez ou mais pessoas; todas se dirigiam

a solemnizar a vinda de Suas Magestades Imperiaes, e o grande dia 17 de Fevereiro, e testimunhar a alegria do collegio pela chegada de Suas Magestades Imperiaes. O fogo poetico se vio então mais acezo e vivo, quando a face do busto de Sua Magestade o Imperador se achou em iguaes circunstancias; e meninos de 7 annos, repetindo nos intervallos algumas quadras á Suas Magestades Imperiaes, tornavam o acto mais aprazivel.

Acabando este solemne acto, Suas Magestades Imperiaes se recolheram; porém Sua Magestade, sabendo que havia uma linda illuminação, sahio a vel-a. Esta illuminação estava erguida no frontespicio do templo; era toda transparente, formando diversos emblemas; em um céo todo estrellado estavam do lado direito bem afigurados um sol e uma corôa, tendo aquelle em sua circunferencia as letras «As vontades por Imperio» e esta as seguintes: «São por corôas louvores» e do lado esquerdo um coração e uma lua, tendo aquelle em circunferencia as letras «Por trono são louvores» e esta as seguintes «São por sceptro só amores»; no centro se lia o seguinte epigramma triacrostico:

As muzas hoje a Pedro alegres prende M
Maria com Amelia em rozea c'ro A
Entre os astros aos Deozes vão a pa R
Luzindo em explendo R o céo se r I
Imperam no aureo tr ono em diva glori A
Amelia junto a Pedro a par Maria.

Sobre tudo isto levantavam-se dois genios sustentando as armas do Imperio, embaixo das quaes se viam entre bem traçadas rozas e ramos um A. P. M. que significavam Amelia, Pedro e Maria; toda a mais frente estava igualmente illuminada, aprezentando ao immenso povo um quadro o mais galante, e que atrahio a sua atenção por grande espaço da noite; n'este tempo tocava embaixo das arcadas anteriores ás portas do templo uma mui bem acórde muzica, entre uma multidão de diversos fogos,

que formava a scena mais brilhante; d'esta maneira findou o grande e faustissimo dia 17 de Fevereiro no Caraça.

Na manhan seguinte Suas Magestades Imperiaes partiram pelas 6 horas para o arraial de Catas-Altas; todos os collegiaes a pé foram acompanhar a Suas Magestades Imperiaes, objectos de seo amor, e então das saudades; era couza aprazivel ver meninos de pequena idade vencerem sua natural fraqueza para ter o gosto de gozarem ainda alguns momentos da prezença de Suas Magestades Imperiaes; conversavam com elles de um modo tão afavel que cada vez mais augmentavam-lhes as saudades; na distancia de meia legua Suas Magestades Imperiaes deram-lhes beija-mão e se despediram; mas elles permaneceram no mesmo lugar até que Suas Magestades Imperiaes se perderam de suas vistas, e em todo esse tempo saudavam com os lenços as Suas Magestades Imperiaes, que com toda essa comitiva se dignavam responder com uma igual saudação.

O superior do collegio porém seguio Suas Magestades Imperiaes até o arraial. Os céos abençoem e prolonguem os dias de tão grande Imperante.

Trez cidadãos benemeritos da Republica

O povo brazileiro começa a tributar o devido preito á memoria de trez dos mais eminentes varões, que contribuiram de modo eficaz e decizivo para o estabelecimento das instituições republicanas no Brazil.

E' simptoma de idéas grandes e generozas as manifestações populares de gratidão aos cidadãos, que bem mereceram da Patria, prestando-lhe serviços relevantes; e o povo brazileiro tem sempre mostrado nobreza de sentimentos, dando apreço e valor aos patriotas prestimozos.

Os grandes factos sociaes têm os seos eróes, e a estes é justo consagrar onras, que os recommendem á posteridade.

As estatuas, em que o bronze e o marmore perpetuam a imagem d'esses eróes é um dos meios mais adequados de sagrar a memoria dos bons cidadãos. Os tempos antigos e os modernos não divergem n'este ponto: a antiguidade erguia estatuas aos seos guerreiros notaveis, e aos bemfeitores da umanidade; a civilização odierna segue a mesma pratica.

Acompanhando taes idéas civilizadoras, nós os Brazileiros não fugimos ao dever de povo culto, e procuramos venerar o merito relevante dos nossos compatriotas.

A instituição republicana em nossa terra natal foi inquestionavelmente assignalado progresso, que nos deve conduzir ao auge da grandeza; e benemerentes são portanto os Brazileiros, que por actos importantes concorreram para essa obra de melhoramento politico e de dignidade.

Assim os altos poderes nacionaes já mandaram erigir estatuas ao marechal Manoel Deodoro da Fonseca, ao

general Benjamin Constant Botelho de Magalhães, e os estados de São Paulo e Rio-Grande do Sul decretaram iguaes monumentos nas respectivas capitaes em onra ao marechal Floriano Peixoto, cujos funeraes o Congresso Nacional mandou fazer a expensas dos cofres publicos, devendo-lhe ainda o tributo da estatua, que mais tarde pagará.

Si os poderes da União ainda não determinaram o levantamento de uma estatua na capital federal ao marechal Floriano Peixoto, essa deficiencia vae sendo suprida pelo voto popular, que já abrio para isso publica subscripção, que será auxiliada pelo concurso dos estados, como já fez o do Ceará, votando quota para o monumento.

Estes actos são de certo justas omenagens de glorificação aos trez illustres Brazileiros, já falecidos, cujo concurso na proclamação da Republica brazileira no dia 15 de Novembro de 1889 foi valiozissimo e decizivo.

Manoel Deodoro foi o braço potente, que, no momento supremo da crize monarchica, deo a necessaria força para a consumação do feito gloriozo, reprezentando o patriotismo do exercito nacional, que por intermedio do seo distintissimo xefe manifestava-se em prol da cauza da Patria. Sem a decidida vontade do inclito marechal a Republica se não faria n'esse dia memoravel, e a consagração do voto nacional teria adiamento.

Benjamin Constant foi o prestante doutrinador emerito, que predispoz a mocidade das classes militares para o grande evento da Republica, incutindo no animo de toda ella os generozos principios da democracia. Esse preparo utilissimo frutificou e contribuio assás para o dezejado triunfo.

Floriano Peixoto foi o genio da firmeza e do valor, que debelou a insurreição inopinada contra a existencia da nascente Republica, ameaçada pela restauração da monarchia, condemnada e abolida pelo espirito nacional. A importancia culminante d'este serviço devido á tenacidade patriotica de tão preclaro cidadão bem aquilatada foi com a designação de *Marechal de Ferro* ideada pelo instinto popular, que jamais se illude na apreciação dos factos e dos homens.

O valor patriotico d'estes trez egregios cidadãos bem póde rezumir-se nos seguintes rapidos conceitos: Manoel Deodoro proclamou a Republica; Benjamin Constant a doutrinou; Floriano Peixoto a consolidou.

Estas manifestações de gratidão nacional constituem expressão verdadeira do patriotismo dos Brazileiros e dos seos sentimentos republicanos.

Sabemos, que animos aferrados a idéas monarchicas inculcam a crença de que a Republica de 15 de Novembro de 1889 foi um acto de surpreza para o espirito publico, e de violencia para a maioria da Nação.

Similhante opinião porèm só poderia originar-se de falsa apreciação dos factos da nossa historia, ou da ignorancia d'elles, no propozito de desacreditar a cauza democratica recentemente triunfante.

A's monarchias européas agradava o erro por serem os seos principios antagonicos ao sistema politico agora inaugurado no Brazil; portanto convinha-lhes dar curso ao pensamento de Brazileiros descontentes e contrariados pela nova ordem social do torrão patrio, e apregoar no velho mundo o anti-republicanismo do Brazil, e a consequente violencia do acto de 15 de Novembro.

A Europa buscou nos primeiros dias do movimento convencer e convencer-se, que a revolução de 15 de Novembro de 1889 consistia apenas em um motim de quarteis, em uma sedição militar, em uma impozição violenta feita ao povo brazileiro por surpreza da força armada.

Basta porém ligeiro exame retrospectivo dos acontecimentos da nossa istoria para reconhecer n'essa revolução a consagração formal das aspirações nacionaes, sempre reveladas e proclamadas desde os tempos coloniaes.

Eramos colonia, e cedo começamos a lutar pela independencia da Patria e pela Republica.

Tivemos em 1710 o movimento de Pernambuco, entre cujos agitadores um cidadão pernambucano concretizou o sentimento popular na seguinte memorabilissima fraze, nobre e digna de verdadeiro civismo: « Não queremos o rei de Portugal; nós sabemos governar-nos ».

Em 1789 os patriotas de Minas congregaram-se para decretar a independencia nacional sob os auspicios do

sistema republicano, sagrando o seo patriotismo com o sofrimento dos carceres e das algemas, e depois com o sangue derramado no patibulo e o desterro para as terras agrestes das costas d'Africa, em prezidios portuguezes.

No anno de 1817 o civismo brazileiro fez a revolução de 6 de Março, levantando o pendão republicano. Novamente o sangue do martirio, os carceres e os grilhões sagraram os sentimentos democraticos dos Brazileiros. As commissões militares fizeram o seo mister, condemnando os patriotas e mandando-os fuzilar.

Logo após em 1824 o sentimento vivaz da democracia nos corações dos nossos patricios, a despeito dos castigos crueis da tirania real, ergueo-se em Pernambuco, Parahiba, Rio-Grande do Norte e Ceará para bradar pela liberdade nacional, proclamando a *Confederação do Equador*, que formou-se pela constituição de governos locaes electivos n'essas quatro provincias, na esperança de verem unido n'essa audaz empreza o Brazil inteiro. Suplantado o movimento tão auspiciozamente começado, o patibulo funcionou, e os algozes exercitaram o seo oficio sob as ordens da realeza bragantina.

Não param n'estes movimentos politicos as tentativas revolucionarias para a supressão do governo monarchico na patria brazileira e estabelecimento do regimen liberal.

Em 1835 efectuou-se no Rio-Grande do Sul a revolução, que constituio a Republica rio-grandense, ou Republica de Piratinin; na Bahia apareceo em 1837 o movimento popular, que, sob a denominação de *sabinada*, erigio governo republicano; e em 1848 em Pernambuco o movimento revolucionario denominado *revolução praieira*, denunciou, na sua ultima faze, intuitos republicanos, apregoados no manifesto de um dos seos principaes e mais ardentes xefes dirigido a todos os povos do mundo. Esse documento subsiste, e si não teve ulterior consequencia, foi isso devido ao pronto aniquilamento da agitação revolucionaria pelas armas imperiaes.

Na epoca da nossa emancipação politica transpirou o pensamento republicano, cauzando sustos á realeza; e em 1831, por ocazião da abdicação do nosso primeiro

imperador, as idéas democraticas agitaram-se com vigor, xegando-se em 1832 a tentar a formação de uma convenção nacional para decretar o projecto já redigido de uma constituição republicana, e aceito pelos personagens politicos mais notaveis e influentes da camara dos deputados, onde por instantes esteve essa idéa vencedora.

Confrontados pois os factos historicos da nossa terra, vemos, que o espirito republicano por actos de indisputavel energia e vigor surgio sob os reis portuguezes da antiga metropole em 1710 e 1789; surgio sob o rei portuguez rezidente no Brazil em 1817; surgio sob o primeiro imperador em 1824; surgio emfim sob o segundo imperante em 1835, 1837 e 1848.

Sendo pois assim, como negar no coração da Patria o sentimento intimo da liberdade na aspiração republicana?

Ora, desde os tempos coloniaes até os nossos dias, levantava-se com intermitencia sempre acelerada o pensamento democratico, e afrontava a realeza, desprezando os tormentos crueis, com que as leis barbaras do sistema monarchico puniam os patriotas, encerrando-os em carceres infectos, supliciando-os no patibulo e mutilando seos corpos para expor em altos postes as cabeças das victimas como espectaculo só digno da crueza dos despotas, que o destinavam a exemplificar e incutir pavor, como si o terror podesse jamais dominar as almas nobres, e suprimir a dignidade do cidadão.

Nada d'isso porem intimidava os patriotas brazileiros, nem arrancava dos seos corações o dezejo de nobilitar a Patria com o governo verdadeiramente digno e nacional. No animo dos patriotas permanecia o voto constante pela Republica, que cintilava n'alma brazileira como em céo de esperanças, aliás somente realizadas em 15 de Novembro de 1889.

E tanto mais notavel era a insistencia d'essa idéa, quando reflectimos, que nós os Brazileiros, descendentes e colonos dos Portuguezes, eramos educados nas maximas ferrenhas da monarchia absoluta, que Portugal sempre acatou.

Na Europa monarchica nem sempre a republica foi extranha aos diversos paizes, surgindo ora ali, ora acolá, embora na maior parte d'elles não permanecesse a innovação.

A Inglaterra teve a republica de Oliveiro Cromwell; a Italia teve na idade média as suas republicas florecentes e bem equilibradas por activo commercio; a Suissa constituio-se republica, ainda oje tão proficuamente conservada; a Alemanha possuio as suas cidades anseaticas de fórma electiva; o reino electivo da Polonia, equivalente a republica, subsistio por algum tempo; a França fez-se republicana em 1789, firmando posteriormente a republica depois de sucessivas convulsões restauradoras da monarchia; Roma, não ha meio seculo, expulsando o papa, vio em seos muros proclamada a republica, embora fugaz; a Espanha em nossos dias ensaiou a republica, que agora agita os seos elementos de vida, amedrontando o regio soberano; Portugal porém nunca admitio em seo territorio normas de republicanismo.

Os Portuguezes têem-se sublevado algumas vezes contra a autoridade real, mas para derribar um rei e levantar outro: jamais o impeto revolucionario os incitou a experimentar o regimen democratico.

Era portanto natural admitir, que os Brazileiros erdassem taes sentimentos, e seguissem as idéas politicas dos seos avoengos. A grandeza e magestade da natureza americana tal não consente, e nos inspira mais alevantadas idéas de acôrdo com a sublimidade das nossas montanhas, extensão dos nossos rios, e amenidade do nosso clima.

O habitante do Brazil, vivendo n'esse meio esplendido, e contemplando espectaculo tão magestozo, não pode receber impressões mesquinhas e deprimentes, que toleram o regimem do privilegio, onde o accidente fortuito do nascimento estabelece direito para um ente privilegiado governar cidadãos, a quem só a razão e a capacidade devem dirigir.

Si na Europa cauzou surpreza o facto de 15 de Novembro de 1889, que fundou a Republica do Brazil, não será motivo para duvidar do consenso universal dos Brazileiros na aceitação do facto. A voluntariedade

comprova-se por acontecimentos antecedentes e por sucessos subsequentes.

A Republica brazileira permanece, fortifica-se e consubstancia-se com a alma d'essa grande Nação, que desde já procura exprimir os seos votos intimos, exhibindo documentos do seo apreço e gratidão para com os benemeritos cooperadores do patriotico feito de 15 de Novembro, aos quaes nobremente galardôa.

Julgamos pois util reunir os documentos importantes, que vão aparecendo, relativos ás demonstrações de gratidão aos trez eminentes patriotas, cujos nomes em principio mencionamos ; por isso aqui damos alguns xegados ao nosso alcance.

Rio 4 de Junho de 1889.

T. Alencar Araripe.

Estatua do marechal Manoel Deodoro da Fonseca

O Vice-Prezidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Faço saber, que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte rezolução :

Art. 1. Será erigida no Campo da Republica, n'esta capital, uma estatua do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, reprezentando-o no momento em que proclamou a Republica.

Paragrafo unico. O governo abrirá concurso publico, no paiz e no estrangeiro, para o projecto d'essa estatua, podendo para esse fim despender até a somma de 30:000$000.

Art. 2. Será levantado, no cemiterio de S. Francisco Xavier, o monumento em que se guardarão suas cinzas, si a isto annuir sua familia.

Art. 3. Fica o poder executivo autorizado a despender a quantia necessaria para ocorrer ás despezas ordenadas na prezente lei; revogadas as dispozições em contrario.

Capital Federal 3 de Agosto de 1894, 6.° da Republica. FLORIANO PEIXOTO. *Cassiano do Nascimento.*

O projecto d'este decreto foi aprezentado no primeiro congresso legislativo em sessão de 25 de Agosto de 1892.

Memoria do primeiro Prezidente da Republica do Brazil, Marechal Manoel Deodoro da Fonseca

SEPULTURA

Sobre a sepultura do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca existente no cemiterio do Cajú, n'esta cidade do Rio Janeiro, foi collocada no dia 26 de Outubro de 1892 uma lapide de marmore preto com elevação da mesma côr.

Em sentido transversal vê-se a palavra DEODORO em letras de prata, e em baixo a seguinte inscripção: « *Non desiit, extat, et semper manebit.*

(Vide o *Jornal do Commercio* de 28 de Outubro 1892)

Estatua de Benjamin Constant Botelho de Magalhães

DECRETO

O generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do governo provizorio:

Considerando os muitos e extraordinarios serviços, que em sua vida prestou ao paiz o eminente cidadão e patriota general de brigada Benjamin Constant Botelho de Magalhães;

Considerando que esses assignalados serviços, quer concernentes á cauza da dispozição do ensino e da melhoria da educação nacional, quer referentes á propaganda

da grandioza reforma politica, que trouxe a reconstituição do paiz, sob a forma republicana, quer finalmente relativos á ordem administrativa pela reorganização patriotica e criteriozamente emprehendida dos diversos ramos de serviços, que sob sua illustre e solicita direção teve aquelle grande cidadão, ao passo que d'elle são glorias e lustre, constituem preciozo patrimonio nacional por elle creado ;

Considerando o geral apreço e entranhada estima de que o paiz inteiro por isso se tornou credor ;

E tendo em vista as manifestações que n'este sentido foram hoje feitas pelo Congresso Nacional :

Rezolve, apressando-se em converter em acto os votos do mesmo congresso e do paiz, expedir o seguinte decreto :

Art. 1. Será erigida na praça da Republica a estatua do cidadão Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Art. 2. Passar-se-á a denominar « Instituto Benjamin Constant » o Instituto dos meninos cegos d'esta capital.

Art. 3. Será, em honra do mesmo illustre Brazileiro, cunhada uma medalha commemorativa de seos ingentes serviços, a qual se distribuirá aos membros no Congresso Nacional, do poder executivo, da alta magistratura e a todos os estabecimentos publicos de instrução, do exercito e armada, bem como aos membros d'estas duas grandes classes.

Art. 4. Será erigido no cemiterio, onde foi o eminente cidadão inhumado, um mauzoleo, em que se recolherão suas preciozas cinzas.

O ministro e secretario dos negocios do interior assim o fará executar.

Sala das sessões do governo provizorio dos Estados Unidos do Brazil 24 de Janeiro de 1891, 3.° da Republica

MANOEL DEODORO DA FONSECA. *Barão de Lucena. João Barbalho Uchoa Cavalcante. Tristão de Alencar Araripe. Fortunato Foster Vidal. Antonio Nicoláo Falcão da Frota.*

Assentamento da pedra fundamental da estatua do general Benjamin Constant Botelho de Magalhães

Teve lugar ante-hontem (18 Outubro 1894), á 1 hora da tarde, conforme estava annunciada, a cerimonia oficial do assentamento da pedra fnndamental sobre que se vae erigir, por decretação do Congresso Constituinte, o grande monumento em homenagem á memoria do insigne fundador da Republica Brazileira, o grande cidadão general de brigada Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

A'quella hora, grande era a afluencia de povo, que ali se aglomerava para assistir a solemnidade do acto; notavam-se reprezentantes de todas as classes sociaes.

Ao son do himno nacional, compareceram os Srs. ministros da fazenda, marinha e guerra, o primeiro dos quaes proferio uma allocução, durante a qual justificou a auzencia do chefe do estado, por motivos alheios á sua vontade, e convidou em seguida as pessoas prezentes a assignarem o auto, que deveria ser encerrado na urna, contido na pedra fundamental.

Firmado esse documento, com a assignatura da maior parte das pessoas que ali se achavam prezentes, foi elle encerrado na dita urna, juntamente com os seguintes:

« Um exemplar (*fac-simile*) da Constituição da Republica; um exemplar impresso do decreto do governo provizorio que instituio honras e homenagens á memoria de Benjamin Constant; um exemplar impresso da acta da 39ª sessão do Congresso Constituinte, realizada a 24 de Janeiro de 1891, em homenagem ao mesmo cidadão; um exemplar do *Himno da proclamação da Republica*, os jornaes do dia, uma collecção das moedas nacionaes em circulação e o seguinte auto em pergaminho, com o emblema da Republica.

« A' memoria de Benjamin Constant Botelho de Magalhães consagra a gratidão dos Brazileiros esta estatua. »

« Por decreto n. 1.320, de 24 de Janeiro de 1891, o governo provizorio dos Estados-Unidos do Brazil, associando-se ás manifestações do Congresso Constituinte, em sessão da mesma data, rezolveo, que se erigisse este monumento ao eminente cidadão, em publico testimunho das suas virtudes civicas e do reconhecimento dos extraordinarios serviços que em sua vida prestou á Patria, não só preparando, pela propaganda do ensino, o advento das instituições republicanas, mas tambem collaborando decizivamente na proclamação e organização da Republica.

« A pedra fundamental do monumento projectado e executado pelo artista brazileiro Rodolfo Bernardelli, foi aqui lançada na prezença do Sr. marechal Floriano Peixoto, Vice-prezidente da Republica, dos ministros de estado, dos reprezentantes do congresso nacional e poder judiciario, da municipalidade e povo, aos 18 dias do mez de Outubro de 1894, 6.° da Republica. »

A familia do illustre Brazileiro, que se achava prezente, fez entrega ao Sr. Ministro do Interior, Dr. Cassiano do Nascimento, de um retrato do seo digno chefe.

Por ocazião do Sr. Ministro do interior lançar a primeira pá de cimento sobre a pedra, foi executado de novo o himno nacional por diversas bandas militares, e o parque de artilheria, que estava postado na praça, deo uma salva de 21 tiros. (*Diario Of. de 20 Outubro 1894*).

Funeraes do Marechal Floriano Peixoto

O Prezidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil :

Associando-se ao pezar que aflige a Nação Brazileira pelo falecimento do benemerito Marechal Floriano Peixoto, que, como chefe do estado, prestou á Republica serviços inolvidaveis ;

E querendo render publica homenagem de respeito e veneração á memoria de tão eminente cidadão;

Decreta :

Art. 1. Os funeraes do Marechal Floriano Peixoto serão feitos á custa da Republica.

Art. 2. O governo abrirá oportunamente o necessario credito, submetendo-o á aprovação do Congresso Nacional.

Capital Federal 1 de Junho de 1895, 7.° da Republica.

PRUDENTE JOZÉ DE MORAES BARROS. *Antonio Gonçalves Ferreira. Carlos Augusto de Carvalho. Eliziario Jozé Barboza. Bernardo Vasques. Antonio Olinto dos Santos Pires. Francisco de Paulo Rodrigues Alves.*

Estatua do Marechal Floriano Peixoto

DECRETO

O Dr. Bernardino de Campos, Prezidente do Estado de São-Paulo:

Faço saber, que o Congresso Legislativo decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Art. 1. Fica o governo autorizado a mandar erigir na praça da Republica da capital do estado um monumento para perpetuar a memoria do Marechal Floriano Peixoto.

Art. 2. Para execução da prezente lei será aberto concurso artistico e contratada a realização do monumento com quem, a juizo do governo, aprezentar melhor projecto.

Art. 3. Para os gastos com o concurso fica o governo autorizado a despender até a quantia de cinco contos de réis, e a abrir o respectivo credito, podendo premiar o projecto preferido.

Art. 4. Revogam-se ás dispozições em contrario.

O secretario de estado dos negocios do interior assim o faço executar.

Palacio do governo do Estado de São-Paulo 12 de Agosto de 1895.

BERNARDINO DE CAMPOS. *João Alvares Rubião Junior.*

INDICE

DAS

Materias contidas no Tomo LX da « Revista Trimensal »

PARTE PRIMEIRA

PAGS.

Missão especial do general D. Bartholomeu Mitre ao Brazil em 1872. Negociação confidencial. 5

Descripção geographica abreviada da capitania do Ceará pelo coronel de engenheiros Antonio José da Silva Paulet..... 75

Historia da Revolução em Pernambuco em 1817, pelo Dr. Francisco Muniz Tavares..... 103

Traços Biographicos do chefe de divisão Augusto Venceslão da Silva Lisboa.... 293

Notas sobre a obra « Pequenos na terra, grandes no céo »... 299

Testamento e certidão de obito de Paulo Rodrigues Durão, pai do frei José de Santa Rita Durão, autor do poema Caramurú. 301

Viagem do imperador D. Pedro I a Minas-Geraes em 1830 e 1831..... 305

Tres cidadãos benemeritos da Republica..... 385

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LX

PARTE II

(3° E 4° TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
93, RUA DOS INVALIDOS, 93

1897

A REPUBLICA E A FEDERAÇÃO NO BRAZIL

ACONTECIMENTOS NA BAHIA

MEMORIA

Lida no Instituto Historico e Geographico Brazileiro

PELO SOCIO CORRESPONDENTE

Dr. Aristides A. Milton

A evolução social é uma lei hoje reconhecida e confessada por todos os espiritos cultos, assim como um facto verificado pela historia da humanidade inteira.

Si o homem — de anno em anno — realisa a expansão de sua actividade nos dominios do pensamento, os povos tambem — dia a dia — conquistam maior numero de victorias e mais trophéos nas lutas da liberdade.

A natureza está completa, desde o ultimo dia da creação, pois que perfeita e acabada sahio ella das mãos omnipotentes de Deus. Com o correr dos tempos, porém, é que se vai descortinando a melhor parte das maravilhas que a natureza encerra, conhecendo os moldes em que foi vasada, apercebendo o rhythmo em que se embala, descobrindo emfim os segredos guardados em seu vasto e opulento seio.

Desde a musica ideal das espheras até á germinação mysteriosa das flôres; começando pelas entranhas feracissimas da terra, e acabando pelos abysmos profundos do

mar; submettendo-se, ainda vivo, ás luminosas projecções dos raios X, e, quando já morto, servindo nos amphitheatros para os estudos do escalpello impiedoso: o homem tem procurado, por todos os modos e sempre, apoderar-se dos arcanos, que sua intelligencia perspicaz apercebe e seu coração presago adivinha no scenario grandioso, que seus olhos descortinam.

Dahi jorram, e jorrarão ainda, como caudaes abundantes, todos esses inventos que os annaes da sciencia registram, como outras tantas modalidades do progresso, que sem descansar avança, e cujo termino a ninguem é dado ao menos presentir.

O vapor, transportando aos pontos mais afastados do globo os productos da industria, e servindo ás permutas que constituem o commercio dos povos; o telescopio nos approximando de mundos ignotos, e promettendo revelar mais para adiante prodigios, que occultam-se por ora ás nossas investigações; a electricidade revelando-se, de instante a instante, a primeira e mais poderosa força do mundo physico; eis ahi outros tantos descobrimentos, que não estão fóra da natureza, por certo, mas precisavam sahir a lume, afim de serem proveitosamente utilisados.

E' assim com as instituições sociaes tambem.

Procura-se, por meio dellas, o bem-estar e a gloria dos povos. E' certo que — desde o principio — está delineado o caminho, que nos ha de conduzir a esse objectivo honrosissimo. Falta-nos, entretanto, acertar com elle.

O germen da idéa salvadora foi lançado pela Providencia numa cellula do nosso cerebro. Resta apenas que o tempo indique a opportunidade para ella despertar, desenvolver-se, e se impôr.

E da mesma sorte porque, no mundo physico, as leis que o regem só muito espaçadamente vão sendo conhecidas; na politica, tambem, por estagios e gráos é que se poderá chegar á adaptação do systema de governo, que mais se approxime da justiça e da verdade.

As nações que, ultimamente, têm variado de regimen governamental, obedeceram á preoccupação de melhor garantir os direitos individuaes, nivelar os cidadãos

perante a lei, e dividir com egualdade os onus e proventos, que a patria costuma derramar entre seus filhos.

Primeiro, a monarchia absoluta, que pesou sobre os Estados, qual pavoroso castigo do céo. No rei se resumia a nação. Dos subditos alguns eram senhores, até o momento em que assim aprazia ao soberano. Todos os mais não passavam de escravos, fadados á vergonha, á ignominia e á morte.

Então, se tinha como dogma o que Jacob 1° consubstanciara nestas palavras: si o que critica os actos de Deus commette aleivosia e sacrilegio, o subdito que discute o que faz um rei, desde a altura de sua grandeza, é réu de desacato.

E' admiravel, porém, parece mesmo impossivel — que um povo qualquer, por menos altivo e brioso que fosse, pudesse supportar tanto desprezo e soffrer tamanha abjecção!

Em todo caso, a hora das reivindicações bateu, por entre as pompas festivaes da liberdade. A grande revolução franceza, a despeito de excessos bem dispensaveis que commetteu, soube vingar a humanidade ultrajada pelas affrontas, que cuspiram-lhe seculos de opprobrio e de terror.

A monarchia constitucional então teve seu tempo, que prolonga-se até hoje, mercê do preconceito que avassala a opinião na Europa antiquada.

Adoçados os costumes, mais bem comprehendida a verdadeira origem do poder, acatada até certo ponto a soberania popular, estabeleceu-se e firmou-se essa conciliação, algum tanto engenhosa, entre as duas escolas antagonicas, essa alliança, um tanto suspeita, entre as duas forças rivaes.

O rei continuou sendo a encarnação do principio da autoridade, o representante excelso da ordem, o symbolo da tradição, o élo do passado.

De sua parte, o povo se aproveitando do voto e da imprensa como de duas valvulas possantes, e de duas forças irresistiveis para desabafar suas queixas e para impor seu querer, participava assim do governo e assegurava simultaneamente a efficacia de suas liberdades.

Era o futuro que se avizinhava.

Neste equilibrio e nesta harmonia consistio, durante alguns annos, a mais nobre aspiração das massas, iniquamente atrophiadas, e residio a mais doce esperança que de longe as fortificava.

A civilisação, no emtanto, foi progredindo em sua gloriosa jornada, e dentro em pouco as cerebrações mais felizes reconheciam, e proclamavam — que a monarchia, qualquer que fosse a sua fórma, já não era capaz de satisfazer ás exigencias da época, nem de supportar as novas fulgurações do direito.

Porquanto, o privilegio contra o qual os povos se insurgiram, quando o absolutismo dominava, era ainda o que estava imperando, muito embora modificado nos seus effeitos nocivos e restringido em sua latitude funesta.

Dahi nasceu a idéa do governo republicano moderno, isto é, daquelle em que todos os poderes procedem do povo, seja directa, seja indirectamente; e cujo chefe, sempre temporario, póde sair de qualquer classe social, por escolha da maioria da nação.

Sufficientemente explicado e brilhantemente defendido, o novo systema de governo installou-se victoriosamente no mundo de Colombo.

E quando na Europa a quasi totalidade das nações, que a povoam, aspira ainda apropriar-se desse progresso, que «publicistas inspirados conceberam para povos felizes executar», aqui na America elle domina incontestado e só como typo da egualdade civica, e lábaro da fraternidade e da paz.

Bard e P. Robiquet, estudando a Constituição franceza, escreveram: a monarchia absoluta tem um soberano — o rei; a monarchia constitucional tem dois — o rei e o povo; a republica tem um só — o povo.

A republica unitaria, porém, não bastaria para encher o vazio, que sentiam em deredor de si nações educadas na escola da liberdade.

Foi por isto que o regimen republicano federativo offereceu-se, á guisa de solução inevitavel, e conseguio desde logo os applausos e conquistou as adhesões de muitos homens de talento e coração.

E republica federativa, como Hamilton a define, é a reunião de sociedades differentes, ou a associação de dois ou mais Estados, debaixo de um só governo; si bem que a extensão e as modificações deste, assim como os objectos submettidos á sua autoridade, são cousas puramente arbitrarias.

« Emquanto a organização particular de cada um dos Estados federados não fôr destruida, até quando ella existir por leis constitucionaes para todos os assumptos da administração local, embora com subordinação absoluta á autoridade geral da União, persiste, tanto em theoria como na pratica, uma associação de Estados, ou uma federação. »

Teremos ahi, segundo se exprime Mac-Culloch, um governo de poderes enumerados.

Assim constituio-se o colosso dos Estados Unidos do norte, a cujo organismo robusto e singular lord Salisbury acaba de render a merecida homenagem, servindo-se da phrase *federação européa*, com referencia aos governos federativos, cuja autoridade e decisão invoca, sem receio de consagrar em um discurso solemne, como *L'Indépendance Belge* observou, a concepção chimerica de um grande poeta, o sonho de todos os espiritos generosos do nosso tempo.

Entre nós, a revolução de 15 de novembro de 1889 teve como consequencia e remate a proclamação da republica federativa no Brazil.

Será curioso, pois, estudar á luz da imparcialidade alguns factos, que precederam a esse notavel evento, para verificar si elle não passou de um mero producto do acaso, ou si, ao contrario, foi o fructo de uma evangelização anterior e fecunda, o resultado de aspirações antigas e bem accentuadas.

Assim, quaes foram as tentativas feitas com esse escôpo? Que successos nossa Historia, porventura, denuncia como antecedentes do movimento de que o marechal Deodoro da Fonseca foi feito chefe? Em que logar, e por que modos manifestou-se a idéa, cuja consagração final o paiz testemunhou naquelle dia?

Passarei tudo isto em resenha, satisfazendo o programma que me impuz.

Durante o dominio portuguez, e ainda depois da independencia, houve no Brazil algumas revoluções com caracter francamente republicano.

Em 1710, por exemplo, a revolução dos *Mascates* teve por alvo inaugurar um governo republicano, á semelhança do de Veneza, conforme confessou o proprio chefe que a delineara, Bernardo Vieira de Mello, quando compareceu á reunião effectuada a 10 de novembro pelo senado e nobreza de Olinda.

Em 1789, frustrou-se a *Inconfidencia mineira* de que foi arauto Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*, a quem a posteridade sagrou proto-martyr da liberdade brazileira.

Os revolucionarios de então visavam principalmente a independencia nacional, pois era esta a idéa acariciada pelo apostolado dos estudantes de Coimbra, donde sahiram os doze, que mais agiram e mais se comprometteram por amor della. *Libertas quæ sera tamen.*

Mas, á parte essa feição geral do tentamen, força é convir que o *Tiradentes* trabalhava pela republica, muito embora, como pondera R. Southey (*History of Brazil*, cap. 43), não estendesse elle os seus planos além da capitania de Minas Geraes; ou porque lhe parecesse assás vasto esse territorio para constituir uma poderosa republica, ou porque teria sido demasiadamente perigoso formar conspiração mais extensa : além de esperar elle — que o triumpho alli induziria outras provincias a arvorar o estandarte da revolta, podendo depois formar-se uma *republica federativa*.

Em 1798, na Bahia, João de Deus do Nascimento, alfaiate, trinta e quatro officiaes da tropa de linha, muitos ecclesiasticos e alguns soldados de milicias prepararam para o dia 28 de agosto o inicio de uma revolução *republicana*. A bandeira que elles agitavam trazia esta legenda: *liberdade, egualdade, fraternidade*. Mas, ao respectivo governador foi delatada a conspiração por tres infelizes traidores.

De maneira que os patriotas estavam presos antes de rebentar o movimento que, portanto, fracassou.

Sentenciados pela Relação competente, pagaram elles com a vida a sua temeridade, sendo acompanhados neste

martyrio augusto pelo liberto Manoel Faustino, que contava apenas 18 annos, e já se inflammava, como bem poucos de sua edade, no *amor sagrado da patria*.

Dezoito annos depois, em 1817, estalava no Recife, de Pernambuco, uma outra revolução, cujo chefe principal, segundo affirma Varnhagen (*Historia do Brazil*, tom., 2, pag. 382), foi Domingos José Martins.

Como lábaro, erguera elle a idéa republicana, que esforçadamente defendeu, até quando resgatou tamanha ousadia no cadafalso, armado para tragal-o na Bahia, a terra de seu berço e de seus amores tambem. *

A revolução de 1824, a que servio de theatro maior a provincia, hoje Estado de Pernambuco, teve por effeito a *Confederação do Equador*, proclamada a 24 de julho, por Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Os seus intuitos acham-se expressos no *manifesto*, lançado aos brazileiros em 2 do citado mez. Nesse documento, Manoel de Carvalho dizia : « Eia, pois, tratemos de constituir-nos de um modo analogo ás luzes do seculo em que vivemos ; o *systema americano deve ser identico ; desprezemos as instituições olygarchicas, só cabiveis na encanecida Europa.* »

E assim continuava elle : « Segui, brazileiros, o exemplo dos bravos habitantes da zona torrida (?), vossos irmãos, vossos amigos, vossos compatriotas ; imitai os valentes de seis provincias do norte, que vão estabelecer seu governo, debaixo de melhor de todos os systemas representativos.

Um centro, em logar escolhido pelos votos dos nossos representantes, dará vitalidade e movimento a todo o nosso grande corpo social. Cada Estado terá seu respectivo centro, e cada um destes centros, formando um annel de grande cadêa, nos tornará invenciveis.

Brazileiros ! Pequenas consequencias só devem estorvar pequenas almas. O momento é este. Salvemos a honra, a patria, a liberdade, soltando o grito festivo : viva a Confederação do Equador ! »

Não ha negal-o. Estavam ahi delineadas as grandes linhas do governo federativo, e adoptadas as bases do

* Vide nota no fim.

systema que, tendo fructificado na America do Norte, Manoel de Carvalho desejava que fosse identico em todo o continente novo.

E si é verdade — que os redactores da Constituição dos Estados-Unidos lograram a fortuna de levar ao cabo essa organização a que Gladstone chamou de *obra mais portentosa, que jámais de um só esforço sahio do cerebro humano*, é certo tambem que, na antiguidade, existiram confederações, mais ou menos prosperas e celebres, dentre as quaes é justo salientar, por mais livres, a republica de Lycia e a liga dos Acheus.

Como quer que fosse, Manoel de Carvalho chegou a esboçar seu projecto de lei institucional para as provincias federadas; concepção aliás a que um folicularío da época chamou de *producção extravagante*; plano, que foi qualificado de *machina infernal* (ANALYSE DO PROJECTO — *Rio de Janeiro* — Imprensa Nacional, 1824.)

Era a esse tempo que a camara municipal de Campo-Maior, no Ceará, reunida em sessão extraordinaria, declarava *excluidos do throno o imperador e sua dynastia, por ter sido dissolvida a assembléa constituinte* (Constancio *Historia do Brazil.* -- *Typhis Pernambucano*, n. 19, de 27 de maio de 1824.)

Cumpre reconhecer, entretanto, que a camara de Campo-Maior não indicava quem poderia substituir ao soberano, que ella dava assim por desthronado; nem tão pouco se queria que ruisse com a casa de Bragança a monarchia no Brazil.

Pela ordem chronologica, deveria fallar eu agora da *Federação do Guanaes*, acontecimento de que os historiadores não se têm até hoje occupado, e que no emtanto merece ser conhecido e registrado. E mesmo para realisar tal intuito, e preencher semelhante lacuna, foi que me deliberei a lançar estas linhas, á maneira de subsidio para quem quizer algum dia escrever a nossa Historia com imparcialidade, minudencia e correcção. Reservarei, todavia, para o fim desta memoria a narração daquelle successo, tão eloquente quanto olvidado; e relembrarei antes algumas datas memoraveis, que têm intima relação com o assumpto, que me está servindo de argumento.

Assim, no Rio Grande do Sul, correndo o anno de 1835 o coronel Bento Gonçalves da Silva proclamou a republica de Piratinim. Releva, entretanto, accentuar que, no *seu manifesto* esse cidadão affirmava que a revolta fôra consequencia inevitavel de uma má e odiosa administração, e que os revolucionarios não tinham outro objectivo, nem se propunham a outros fins, que restaurar o imperio da lei, afastando de si um administrador inepto e faccioso, «*sustentando o throno do joven monarcha e a integridade do imperio.*»

Sabe-se, porém, que ao depois a indole dessa revolução mudou, graças a varias circumstancias occurrentes, entre as quaes não foram menos importantes a vizinhança das republicas do Prata, a fraqueza do governo imperial, a inesperada procrastinação da luta e alguns triumphos que os revoltosos alcançaram no começo da campanha.

Resultou d'ahi que, encorajados, estes tentassem cunhar moeda, desenhassem uma bandeira para seu uso e, o que mais é, procurassem concluir com Fructuoso Rivera, presidente da Banda Oriental, um tratado de alliança e amizade.

Mas, Bento Gonçalves não cogitara jámais de governo federativo.

Esta idéa apenas lhe póde ser imputada, si considerarmol-o solidario com David Canavarro que, installando em Laguna, pelo anno de 1837, o *governo catharinense*, concitava o povo a formar uma *nação republicana emancipada, que pelos laços de uma federação politica marchasse de accôrdo e harmonia com a republica rio-grandense do sul.*

A *Sabinada*, que ensanguentou a Bahia em fins de 1837, pretendia plantar o regimen republicano, é facto; mas temporariamente, a saber — até que d. Pedro II, attingindo á maioridade constitucional, assumisse o exercicio de suas funcções magestaticas.

A contar desse ultimo anno, nenhum outro movimento armado, dentre quantos os fastos nacionaes encerram, visou quer o estabelecimento da republica, quer a adopção do systema federativo entre nós.

As agitações que durante a *minoridade* foram constatadas em varias provincias, como por exemplo Pará,

Maranhão, Ceará, Goyaz e Matto-Grosso, não passaram de verdadeiras sedições.

Pelo que respeita ás revoluções de 1842, em S. Paulo e Minas Geraes, e á de 1848, em Pernambuco, tiveram todas tres bem limitados horizontes, não affectando, por conseguinte, a fórma de governo que a esse tempo dominava no Brazil.

Parece-me conveniente recordar agora o que tentou-se obter do parlamento, em prol da idéa federativa, mesmo dentro da monarchia então vigente.

Isto concorrerá para provar — que, pelo menos, a federação, longe de ter sido uma solução inopinada, um recurso imprevisto, um mero expediente de occasião, como alhures assoalharam; preoccupava, ao contrario, desde muito tempo alguns espiritos illuminados, e synthetizava as esperanças de muitos corações patrioticos.

E senão vejamos.

A 27 de maio de 1831, o deputado Antonio Ferreira França, com outros mais, propunha — *que o governo do Brazil fosse federal.*

A 8 de junho do mesmo anno, a commissão especial, incumbida de indicar a modificação dos artigos constitucionaes que lhe parecessem dignos de reforma, alvitrou que se votasse o seguinte: « O imperio do Brazil é a associação politica de todos os brazileiros e *suas provincias federadas* por esta Constituição. »

Nesse parecer assignaram F. de Paula Souza, José Cesario de Miranda Ribeiro e Francisco de Souza Paraiso.

Em 1831, occorreu mais ainda.

A 4 de agosto, o deputado Henrique de Rezende requereu — « que si, a juizo da legislatura, então proxima, parecesse util e necessario, a Constituição fosse reformada no sentido federal. »

Em 1832, quando o ministro da justiça—padre Diogo Antonio Feijó, cujo governo estava sériamente ameaçado, solicitára a exoneração do tutor de sua magestade, providencia que a camara dos deputados lhe concedeu, mas o senado lhe recusou, se quiz inaugurar — entre nós — a Republica. Varios chefes politicos assim o tinham

deliberado, n'uma reunião effectuada na chacara da Floresta, á rua da Ajuda, desta capital.

O projecto, constituindo aquella camara em assembléa nacional para votar a reforma, só não foi convertido em lei por causa da nova attitude assumida por Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, que o combateu calorosamente, quando aliás havia promettido cingir-se a votar contra elle. Em todo o caso, o projecto sob n. 102, relativo á reforma constitucional, votado pela camara dos deputados, mas emendado pelo senado, dispunha assim: o governo do imperio do Brazil é uma monarchia federativa.

Veio o anno de 1835. Alves Branco externou, no seu relatorio de ministro, estes conceitos immorredouros « e sempre foi de minha opinião que o imperio precisava ampliar em sua Constituição o *elemento federativo*, que nella haviam admittido seus illustres redactores; mas nunca foi de minha intenção que o governo geral ficasse destituido da influencia e forças necessarias para manter a União. »

Melhor não diria, com certeza, o mais enthusiasta idolatra do regimen, que está presentemente em vigor. E nem se deve esquecer a referencia, feita á Constituição do imperio, pois ella demonstra — que a idéa de federação se tinha já insinuado no animo de muitos estadistas, desde os primeiros annos da monarchia.

Si, por acaso, deu-se um eclipse, e a idéa por algum tempo dormitou, não foi senão para resurgir mais tarde, aventada por outros homens politicos de merecimento incontestavel.

Assim, a 14 de setembro de 1885, o deputado Joaquim Nabuco e mais trinta e sete collegas seus apresentavam projecto de lei, mandando — que os eleitores da legislatura seguinte conferissem poderes especiaes aos seus representantes para reformar os artigos da Constituição, que fossem oppostos ao principio federativo.

E, tres annos passados, em agosto de 1888, o alludido deputado offerecia á camara outro projecto, encerrando no bojo a mesma idéa.

Simultaneamente, o ex-deputado Ruy Barbosa, que foi depois um dos organizadores da republica, pronunciava

na Bahia discurso tão significativo, que o barão de Cotegipe, de veneranda memoria, reputou conveniente invocar para elle a maior attenção do senado.

E o que sobresaltára tanto ao eminente chefe conservador para o forçar a esse grito de alarma?

Precisamente as palavras, com que aquelle notavel orador annunciava o proximo advento da federação:

« De todos os pontos de nossas fronteiras, do norte e sul, os ventos nos trazem as idéas vivificadoras de nossa rehabilitação: a liberdade religiosa, a regularisação da legislação em todos os seus ramos, a diffusão do ensino, a universalidade do voto, a desenfeudação da propriedade, *a federação dos Estados Unidos do Brazil.* »

E a grande massa do povo bahiano, então reunida para ouvir ao seu facundo conterraneo, cobrio-lhe as palavras com estrepitosos e prolongados applausos.

A 11 de junho de 1889, era ainda o deputado Joaquim Nabuco quem concitava o visconde de Ouro Preto a se inspirar no proprio patriotismo, afim de que não fosse o ministerio, que este organizára, o derradeiro da monarchia.

Tanta era a convicção partilhada por alguns, de não ser possivel por muito tempo mais amparar o throno, si o privilegio que elle consubstanciava não fizesse novas concessões ás exigencias do progresso e aos impulsos da liberdade.

E relativamente á organização do gabinete daquelle chefe liberal, occorreu um episodio, que não póde ser posto á margem.

O conselheiro José Antonio Saraiva, primeiro que fôra chamado para substituir no governo ao conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, expoz — que opportunamente havia communicado ao imperador *achar-se um pouco adiantado. Porquanto, inclinava-se para o voto em separado, offerecido no* congresso liberal, *e que adoptava francamente as idéas federalistas; não lhe achando elle inconvenientes, mas antes descobrindo-lhe vantagens.*

E o illustre politico do imperio acrescentou que — *da resposta de sua magestade concluira que este lhe não oppôria o menor embaraço.*

Confirmou este seu conceito o conselheiro Saraiva, no Congresso constituinte, a 24 de dezembro de 1890, quando affirmou — *que o ex-soberano havia de fazer a federação, muito embora ficasse convencido de que depois della viria a Republica*.

Terminou o seu discurso o senador bahiano, assegurando — *que faria um ultimo esforço pela federação, e, assim que esta estivesse acabada elle daria por finda a sua missão*.

De modo que, muitos homens politicos do imperio não se eximiam de dar, por meio de palavra e dos actos, corpo e vigor ao pensamento, que anteriormente os revolucionarios tinham querido plantar e desenvolver á força das armas.

Que mais é preciso para se comprehender — que a proclamação da republica federativa, no Brazil, não foi uma surpreza que causasse assombro, nem tão pouco um simples producto do acaso implacavel e cégo?

Os antecedentes de nossa Historia, que ficam ahi consignados, bastam para responder a quem quer que timbre em se conservar estranho a quanto se passa em torno de si mesmo.

Nem será necessario para convencel-o levar em conta o trabalho dos clubs e da imprensa; o despeito das classes, que tinham sido prejudicadas com a lei do elemento servil; os pleitos eleitoraes, em que os republicanos haviam já se batido, conseguindo mandar á camara dos deputados representantes seus; o enthusiasmo, com que um chefe conservador da estatura de Belisario de Souza convidava, em junho de 1889, os seus co-religionarios a se afastarem dos arraiaes monarchistas.

E, sobretudo, não se faz mister acordar os echos daquelle estridente *viva* á republica, erguido quasi na mesma occasião pelo padre João Manoel, dentro do recinto da camara de que era deputado, e durante uma das sessões mais solemnes de que ha memoria no paiz.

Azada é a occasião para occupar-me eu da *Federação do Guanaes*, tentativa de certo temeraria e bem depressa malograda, mas digna de ficar perpetuada; já como recordação historica de valor incontestavel, já como prova de

que a idéa federativa tomara tanto corpo entre nós, ao ponto de insinuar-se pelo interior do paiz, cincoenta e sete annos antes que, triumphando definitivamente, fosse burilada na legislação de nossa patria.

A cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia, é uma das mais antigas do Brazil; e possue titulos de benemerencia, que constituem-lhe um glorioso brazão.

A propria lei, desde muito, concedeu-lhe o foral de heroica. Duas vezes tem ella servido de capital do territorio, em que se acha encravada; na guerra da independencia em 1822, quando foi séde do governo provisorio, e na *revolução do Sabino*, em 1837, sendo a residencia do presidente da provincia, receioso e foragido.

Foi lá tambem que d. Pedro viu-se, primeiro, acclamado principe regente do Brazil; e aprisionou-se um navio de guerra portuguez quando, em 1822 ainda, bombardeára a praça para impedir — que se festejasse aquelle feito, tão intimamente ligado aliás á campanha de nossa emancipação politica.

Pois bem.

Na Cachoeira, egualmente, encontrou fervorosos adeptos o regimen federativo, tendo sido proclamado, em 1832, por um pugilo de patriotas que tinham já tentado, em outubro do anno anterior, levar avante a mesma idéa; mas o não lograram, porque em ambas as occasiões foram derrotados pelas forças legaes.

A contar de fevereiro desse anno, começaram a circular em Cachoeira e circumvizinhanças, *avulsos* em que era convidado o povo a insurgir-se contra a ordem de cousas existente, por não ser a que mais convinha á indole e aos interesses da nação brazileira. O convite não trazia assignatura.

O facto, comtudo, causou surpreza e sensação; tanto que o tenente Luiz Ferreira da Rocha, profundamente impressionado por elle, reunio — a 16 do dito mez — a Camara Municipal de que era presidente, e requereu, então, que se officiasse ao juiz de paz da villa, bem como ao da fronteira povoação de S. Felix, lembrando-lhes a necessidade de se manter o socego publico, conforme a lei lhes incumbia.

Approvado unanimemente esse alvitre, foram sem demora expedidos minuciosos officios ás duas autoridades indicadas; mas, como providenciaram ellas no caso, ninguem póde com segurança referir.

A verdade é que, no dia 19 de fevereiro, entre as 5 e 6 horas da tarde, o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, á frente de um numeroso grupo de homens armados, entrou na Cachoeira, espalhando o susto e o terror no seio da população alvoroçada.

Foi aquartelar no convento do Carmo, com toda aquella gente.

Dentro em pouco, a cidade, então villa, ficou deserta.

O respectivo juiz de paz Antonio Fernandes Pereira, por antonomasia *Chéchéu*, retirou-se apressadamente para a freguezia de S. Gonçalo dos Campos, onde combinou com João Pedreira do Couto Ferraz, que ahi era tambem juiz de paz, os meios de repellir os *revolucionarios audazes*.

Convém saber-se — que Guanaes havia convidado a esse ultimo cidadão para auxilial-o na execução de seu plano.

Longe, porém, de acceder a tal desejo, o prestimoso João Pedreira reunio para cima de 150 pessoas, que fez marchar com destino á villa de Santo Amaro, onde se esperava que dentro em pouco rebentaria movimento egual.

E como se temesse um assalto á povoação da Feira de Sant'Anna, para lá partio, sem demora, o coronel Joaquim José Bacellar e Castro, commandando um troço, formado pelos mais ricos proprietarios do logar, convocados por aquella autoridade.

A 20 de fevereiro, o capitão Guanaes, que era vereador da camara municipal, assumio a presidencia desta; e, tendo convidado supplentes para completarem o numero legal, fez sessão, cuja principal occurrencia consta do trecho a seguir, que copio da acta respectiva:

« Disse o sr. presidente — que convocou esta camara extraordinaria, em razão de se achar muito povo e tropa armados na praça desta villa, em reunião, afim de poder esta dicta camara conhecer delles o que pretendiam. Depois do que, sendo reunidos na sala das sessões varios

cidadãos armados, por Domingos Guedes Cabral foram lidos os seguintes artigos:

«Em nome de Deus, Todo Poderoso, que nos creou livres e nos poz independentes para sermos felizes, o povo da heroica villa da Cachoeira, seu termo, e outras villas e logares e partes dos sertões, contando mais de 200.000 habitantes, reconhecendo a patria em perigo e querendo salval-a, têm proclamado, como de facto proclamam, o governo federal e a federação desta valorosa provincia da Bahia, visto que os habitantes da nossa capital e outros logares se acham opprimidos pelo presente governo da provincia, pelos portuguezes seus sequazes, pelo partido ruinoso do Rio de Janeiro, proclamando desde já a dicta federação imperial com absoluta união de todo o Brazil federal, com aquelle mesmo direito que tiveram os fluminenses de expellir ao ex-tyranno d. Pedro I, o povo usa de seu direito natural, como verdadeiro soberano, na crise em que se acha; e, á vista do abysmo que o ameaça, não quer esperar por delongas e formularios, que devem ser perniciosos na presença das intrigas e tramoias dos aristocratas e egoistas. E para salvação geral determina o seguinte:

«Art. 1.° Que esta revolução seja toda justa e santa, e seus autores e executores respeitados como benemeritos salvadores da patria. Seus actos ficam todos legalisados.

2.° Que o presidente actual tem cessado de o ser, e está privado de toda autoridade, egualmente o commandante das armas; e do mesmo modo será privado do emprego outra qualquer autoridade, ou pessoa que se oppuzer á federação, e ao que determinamos.

3.° Que sejam, desde já, soltos todos os presos pela tentativa da acclamação federal de 28 de outubro do anno proximo passado; e quaesquer outros, antigos ou modernos, por motivos politicos, sem attenção aos processos, que ficam nullos desde já.

4.° Que fique de todo morta a lei da liberdade de imprensa, até que a assembléa provincial faça outra só contra offensas particulares, e nunca haverá censura prévia.

5.° Que fiquem extinctas para sempre as prisões em navios ou presigangas, e a que existe será queimada, em logar aonde o povo possa ver para satisfação publica.

6.° O presidente, que fôr eleito, usará de todos os meios para bem fortificar esta provincia da Bahia, com presteza; e tomará medidas para que continúe a abundancia dos viveres e a do commercio, e se extinga a moeda de cobre falsa.

7.° Que fiquem extinctas as leis de excepções, e que os juizes de paz só se regulem, por agora, pela sua primeira lei fundamental; e não ataquem os direitos e garantias dos cidadãos, nem de dia nem de noite, nem em casa nem na rua, pela idéa de leis preventivas. Tudo mais fica a cargo da assembléa provincial, que reformará o Codigo Penal, como nos convém, abrandando as penas.

8.° Que esta provincia da Bahia não admittirá nada do Rio de Janeiro senão como federal; salvo os pagamentos da sua quota da divida publica. Todavia, esta provincia fica em perfeita paz com seus irmãos fluminenses, que se portarem como amigos, assim como com os de todas as provincias, ás quaes chama para a federação e pede se reunam para a solidez do governo geral e força da nação brazileira; para o que haverá assembléa geral do imperio, como ao depois se dirá.

9.° Fica proclamado na provincia da Bahia o governo federativo, para que esta provincia nos seus negocios internos e peculiares se governe independente de outro qualquer, fazendo, porém, alliança com todas as outras, bem como obedecendo ao chefe principal da federação nos negocios geraes da nação, e marcados pela assembléa provincial.

10. Fica proclamado um governo provisorio, que presida a provincia, até que pelos collegios eleitoraes seja eleito um presidente, que deve governar por tempo determinado, e na fórma marcada por lei da assembléa provincial.

11. Fica proclamado um inspector, que governará interinamente as armas da provincia, até que o presidente eleito pelos collegios nomeie o que deve ser effectivo, com lei regulamentar da assembléa provincial.

12. Haverá na provincia uma assembléa constituinte legislativa provincial, que será composta de 21 membros ou deputados, para marcar os limites da independencia da provincia, suas relações com o chefe principal da federação, reformar todas as leis, que se oppuzerem ao governo federativo, interesses peculiares da provincia, e fazer outras que fôrem convenientes, não só aos limites das differentes autoridades, mas tambem á segurança e prosperidade da provincia.

13. O governo provisorio da provincia expedirá, quanto antes, ordens para se eleger o presidente effectivo da provincia, os deputados da assembléa provincial, conselho do governo, camaras municipaes e juizes de paz, regulando-se para isto interinamente pela legislação antecedente ao systema federativo, e marcará o dia da installação da assembléa, por esta vez sómente.

14. Fica desde já extincto o conselho da provincia, visto ser este substituido pela assembléa provincial.

15. O governo provisorio apresentará quanto antes um *manifesto* ás provincias do imperio, expondo-lhes os motivos que tem esta para adoptar o governo federativo; e convidando-as para que façam causa commum na presente mudança.

16. O povo da provincia quer reforma immediatamente na administração publica, especialmente no poder judiciario, installando-se um tribunal de jurados, no crime dentro de 30 dias, e no civel com a possivel brevidade; diminuindo-se o numero dos desembargadores, e demittindo-se todos os mais empregados que fôrem desaffectos ao governo federal.

17. O povo quer — que nenhum portuguez exista armado, e nem goze do fôro de cidadão brazileiro activo; e que os solteiros sejam immediatamente deportados para fóra do Brazil, á excepção daquelles que se quizerem empregar na lavoura, ou que tenham estabelecimento por seus bens ou industria. E todos, por conseguinte, serão demittidos de todo e qualquer emprego civil e militar, á excepção daquelles que tiverem feito serviços relevantes á nação brazileira, porque estes devem ser reformados com seus competentes ordenados ou soldos.

18. O povo quer que sejam tambem deportados aquelles portuguezes que, ainda sendo casados, fôrem reconhecidos inimigos do Brazil, desde sua independencia.

19. Serão tambem demittidos todos os empregados conhecidamente inimigos do systema liberal federal do Brazil, sendo préviamente presos e processados.

20. Será immediatamente creado um corpo de tropa regular na provincia, sendo o seu numero accommodado ás possibilidades da provincia; e esta tropa, novamente creada, será composta de cidadãos de boa moral, e paga com soldo conveniente que será arbitrado pela assembléa provincial, assim como a fórma do recrutamento.

21. Todos os estrangeiros de qualquer nação que sejam serão admittidos a negociar na provincia, á excepção dos portuguezes que de novo vierem, salvo trazendo estabelecimento de importancia; como tambem se admittirá algum sabio, com a condição que, tanto este como aquelles, sejam conhecidamente muito liberaes.

22. Ficarão vedadas todas as pensões graciosas, concedidas por mercê ordinaria de d. João VI. e do ex-imperador Pedro I, a brazileiros passivos, com prejuizo da fazenda nacional, cujas mercês só poderão ser concedidas pela assembléa provincial a brazileiros activos, e que tenham feito serviços relevantissimos á patria, mas nunca a portuguezes, nossos inimigos emperrados e oppostos á nossa felicidade.

23. O ex-imperador, tyranno do Brazil, será fuzilado em qualquer parte desta provincia, si acaso apparecer; e a mesma pena terão os que o pretenderem admittir e defender.

24. O povo da provincia da Bahia, e grande parte da capital, aqui reunido na sempre heroica villa da Cachoeira, protesta não largar as armas, sem que primeiramente sejam cumpridos os artigos acima referidos, devendo os mesmos artigos serem lançados na acta, que se fizer da acclamação da federação; pois como arbitro soberano de suas liberdades legaes assim o tem determinado, e quer a reunião federal. No campo da honra, na heroica villa da Cachoeira, em 20 de fevereiro de 1832. »

Submettido o assumpto á discussão, o vereador Alvim propoz que se convocasse um conselho de cidadãos do municipio, afim de resolverem sobre os artigos offerecidos por Domingos Guedes Cabral. E assim se deliberou.

Mas, a tropa e o povo, que estavam na praça da camara, pediram que fosse organizado immediatamente um governo provisorio de cinco membros ; o que se resolveu, sendo nomeados para compol-o o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, o desembargador Joaquim José Ribeiro de Magalhães, o capitão Manoel da Paixão Bacellar e Castro, o capitão Manoel Ferraz da Motta Pedreira, e Augusto Ricardo Ferreira da Camara.

Ao mesmo tempo, a camara nomeou para inspector commandante das forças ao coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão.

Simultaneamente, ella mandou que o alferes João Xavier de Miranda entrasse no exercicio do cargo de juiz de paz, visto se ter ausentado o capitão Francisco Antonio Fernandes Pereira, achar-se doente José Ribeiro Pereira Guimarães, e não estarem na villa os outros supplentes.

A' sessão da camara, em que taes occurrencias tiveram logar, compareceram os vereadores capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, José Caetano Alvim, José Bernardino de Magalhães, João Vicente Sapucaia, Antonio Gonçalves Rocha de Queiroz Marinho e João Xavier de Miranda.

No dia 21 de fevereiro, tendo a camara se reunido de novo, extraordinariamente, officiou aos juizes de paz afim de não impedirem elles o *livre transito de viveres* para a villa ; declarando-se coacta, logo em seguida.

Até ao dia 23, os revolucionarios entretanto estiveram de posse de todas as posições. Nesse dia, porém, os mais abastados lavradores do reconcavo, tendo-se ajuntado, resolveram crear uma *caixa militar da lavoura* para auxiliar os defensores da legalidade, que já subiam ácerca de 2.500, graças aos esforços empregados pelos juizes de paz de S. Gonçalo dos Campos, Belém, Cruz das Almas. Affligidos e Feira de Sant'Anna.

O coronel Rodrigo Brandão, que não aceitara o cargo de inspector-commandante da força, para que tinha sido

nomeado pela camara, coadjuvou francamente os partidarios da autoridade legal, e assumiu mesmo o commando das tropas do governo, visto como o tenente-coronel Joaquim José Velloso, a quem elle convidara para esse posto, só chegou no dia immediato ao da acção decisiva.

Com uma presteza inaudita, foram guarnecidos todos os pontos mais importantes do rio Paraguassú, desde a Varginha até ao Coqueiro.

O governo da provincia, tendo tido sciencia dos acontecimentos que se estavam dando, nomeou commandante das forças ao barão de Pirajá, que tambem não achou-se a tempo de poder agir. Porquanto, em a noite de 23 para 24, a villa foi cercada pelos amigos da ordem que, tanto em S. Felix, como no Capoeirussú, sustentaram com os revolucionarios nutrido fogo, durante algumas horas, em que foram feridos varios combatentes.

Na Varginha, entrechocaram-se tambem dois grupos hostis, cabendo a victoria aos legalistas, mas havendo baixas de um e de outro lado.

Entretanto, pelas 7 horas da manhã de 24, o coronel Rodrigo Brandão penetrou na villa. Os sinos das egrejas repicaram, foram queimadas muitas duzias de foguetes, e acclamações de regosijo estrugiram nas ruas principaes. Grande porção de munições de guerra foi encontrada no convento do Carmo.

Guanaes e muitos dos seus partidarios foram presos, o resto fugio.

No dia seguinte, 25, a camara reuniu-se outra vez, mas então já com a maioria de seus membros effectivos, e ladeada pelos cidadãos mais notaveis da Cachoeira e seus arredores.

Estiveram presentes os vereadores tenente Luiz Ferreira da Rocha, presidente, capitão João Borges Ferraz, Francisco Caetano da Silveira e Souza, capitão José Antonio de Souza Lopes e alferes João Xavier de Miranda: e os supplentes José de Oliveira Lopes e coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão.

Aberta a sessão, o presidente fez ver — que havia convocado a camara, afim de tomar esta, de accôrdo com

os proprietarios, lavradores e commandantes da força armada a ella reunidos, todas as providencias para repellir a facção, que havia occupado a villa, e manter a tranquillidade publica. E bem assim para declarar de nenhum effeito o attentado, commettido em os dias 20 e seguintes; e nullas as actas, que o intruso presidente Guanaes Mineiro mandara lavrar com manifesta violação da lei, pois lhe não tinha sido transferido regularmente o exercicio da presidencia.

A indicação, que nesse sentido o presidente effectivo apresentou, foi approvada unanimemente; e ao mesmo tempo ficou resolvido—que aquellas actas não podessem prejudicar á pessoa alguma nellas assignada, pois que todas o tinham feito coagidas pelas armas: convindo até que fossem cerradas e lacradas.

A camara mandou tambem extrahir as certidões, necessarias para se formar culpa aos delinquentes.

E no dia 26 fez cantar, na egreja-matriz da villa, um solemne *Te-Deum*, em acção de graças por ter a Providencia divina livrado o povo cachoeirano da guerra civil, a que estivera exposto, desde o dia 19 até ao dia 23.

Houve parada militar e descarga de fuzilaria, depois dos *vivas*, que foram levantados e enthusiasticamente correspondidos pela multidão satisfeita.

Instaurado o processo crime contra os responsaveis pelo movimento revolucionario, foram pronunciados a *prisão, livramento e remessa*—o capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, juiz de paz de S. Felix, Vicente Ferreira Monte Brexa (pernambucano), F. Rocha (conhecido pelo diminuitivo de *Rochinha*), alferes Lucio de tal (*sic*), Francisco de Assis Freire, Alexandre Ferreira Lima, alferes ou tenente (*sic*) Lima, Francisco Periquito, Luiz Onofre C. de Carvalho, capitão Bernardino da Silva L. de Albuquerque (pernambucano), Pedro Alexandrino Marinheiro, Antonio José do Patrocinio (pernambucano), Ignacio Malagueta e mais alguns outros.

A pronuncia foi sustentada pelo ouvidor do crime, na Bahia,— dr. Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas, e por despacho de 7 de maio de 1832, isto é, do mesmo dia em que os autos lhe tinham sido conclusos!

A regencia do imperio, em 3, 8 e 9 de março do anno citado, expediu *avisos*, com relação aos factos que tenho narrado. E no de 8 louvou não só ao presidente da provincia, mas tambem aos juizes de paz e outras autoridades, *que tinham coadjuvado aquelle funccionario a suffocar o partido anarchico.*

Releva consignar — que os melhores auxiliares de Guanaes Mineiro foram os cabeças da revolta de 28 de outubro do anno anterior, *feita pelo atrevimento de uns poucos de homens perdidos, que cuidavam com a canalha preencher seus horriveis fins*, para repetir as expressões de que usou o presidente da provincia — desembargador Honorato José de Barros Paim, num officio dirigido ao ministerio do imperio em 16 de novembro.

Parece, comtudo, que o capitão Guanaes Mineiro estava realmente compenetrado da necessidade de se installar o governo federativo no Brazil.

Pois que, a despeito de achar-se preso e ser tenazmente perseguido, não cessou jámais de trabalhar pela realisação de seu bello ideal.

Assim foi que, a 27 de abril de 1833, conseguiu elle revoltar a guarnição do Forte do Mar, na Bahia, onde fôra recolhido por consequencia do crime praticado em Cachoeira.

E depois de haver prendido o commandante daquella praça de guerra, capitão Joaquim Antonio da Silva Carvalhal, proclamou mais uma vez a *federação*, levantando logo após uma bandeira azul celeste e branca para significar — alegria e paz.

Foram seus auxiliares o tenente Alexandre Ferreira do Carmo Sicupira e o 2° tenente Daniel Gomes de Freitas.

Os presos assim revoltados eram 80, e 35 as praças da referida guarnição, as quaes conseguiram apprehender alguns barcos, de viagem para o reconcavo.

Ao presidente da provincia dirigiram-se os revoltosos nos termos a seguir :

« Illm. e exm. sr. presidente em conselho.— A guarnição da Fortaleza do Mar, que tem proclamado a federação, cujos artigos vão ser apresentados em conselho,

protesta a v. ex. perante a nação e o imperador senhor d. Pedro II, por toda e qualquer hostilidade que mais se succeda, emquanto elles não fôrem discutidos. E assevera que si esse governo não attender aos males a que expõe a provincia com a sua obstinação, ella, esgotando valorosamente todas as suas forças, fará reconhecer qual o espirito que a anima, por amor da liberdade. Outrosim, a guarnição tem o prazer de communicar a v. ex. — que a acclamação da federação lhe causou tão excessivo jubilo, que a moveu a içar no mastro uma bandeira branca e azul, que significa paz e alegria.

E este acto não prova mudança do pavilhão nacional, nem na fórma actual do governo, e sim reforma; porque nas provincias federadas das nações estrangeiras conserva-se e faz nação uma só bandeira. Deus guarde a v. ex. Fortaleza do Mar, 27 de abril de 1833.—Illm. exm. sr. presidente em conselho. — *Bernardo Miguel Guanaes Mineiro*, capitão. — *Alexandre Ferreira do Carmo Sucupira*, tenente. — *David Gomes de Freitas*, 2º tenente.

Antes de expedir este officio, os revoltosos fizeram diversos tiros para terra; sendo nessa occasião morto o porteiro do Arsenal de Marinha e feridos gravemente dois outros homens que ali se achavam.

No emtanto, já do largo da Sé, já da corveta *Regeneração*, grossa artilheria disparava contra os revoltosos, dos quaes um morreu e seis sairam feridos.

Tendo sobrevindo a noite, as hostilidades cessaram.

No outro dia, certo juiz de paz, servindo-se de uma buzina, intimou aos ditos revoltosos que se rendessem, ao que elles não attenderam, respondendo aliás — *que queriam a federação*.

Nesse momento, o presidente da provincia, ouvido o seu conselho, deliberou-se a empregar toda a força de terra e mar para conter os desobedientes.

Ao mesmo tempo, alguns edificios da cidade eram damnificados pelas balas do *Forte*.

Na Intendencia de Marinha, foram logo montadas varias peças por ordem do governo. E o batalhão 3º de infanteria ficou postado em frente á Sé.

No dia 28, pela manhã, foi derribada a bandeira dos federalistas por uma bala, que partira da corveta *Regeneração*.

Naturalmente, pelos estragos irreparaveis que soffreram durante o canhoneio, os revoltosos, depois de terem levantado uma bandeira toda branca, disseram—pela buzina—que desejavam tratar com o governo.

Foi-lhes, então, respondido que antes de tudo arvorassem a bandeira imperial, descarregassem as peças, abrissem o portão, e depositassem as armas na rampa do *Forte*.

Mas, como não aceitassem elles as condições impostas, o governo deu ordem para continuar o fogo.

A's 2 horas da tarde, porém, pediram do *Forte* uma bandeira imperial, pretextando não tel-a, apezar de estarem resolvidos a içal-a.

O governo, não tendo acreditado na sinceridade dessa declaração, mandou amiudar mais ainda o bombardeio. Forçados pelas circumstancias, os revoltosos ergueram, finalmente, a bandeira imperial; mas não quizeram depôr as armas.

Era noite. Por uma canoa, que conseguiu approximar-se do *Forte*, os revoltosos receberam de terra uma carta, instando para que resistissem por mais dois dias, tempo sufficiente para romper dentro da capital uma formidavel conspiração, que lhes garantiria o successo.

O governo, entretanto, estava alerta.

Ao despontar do dia 29, já se achavam preparados para investir contra o portão do *Forte*—um brigue com quatro peças, e uma canhoneira tambem.

Haviam sido reforçadas convenientemente as baterias da Intendencia de Marinha, e da Sé. Na praça do Commercio, estavam assestados alguns canhões.

A's 7 horas da manhã, foi lida em voz bem alta, perto do *Forte*, uma intimação do presidente da provincia aos revoltosos para que se elles rendessem. Como, porém, a medida nenhum effeito produzisse, aquella autoridade mandou, cerca de 11 horas, *recompor o fogo*. E por espaço de duas horas elle foi valentemente sustentado.

Entrementes, o brigue e a canhoneira começaram a escalar o portão do *Forte*, do qual se foram pouco e pouco approximando lanchões tripolados por gente armada.

Diante desta attitude decisiva, os revoltosos, por meio de gritos e brados, confessaram-se vencidos; e pediram que se fosse tomar conta do *Forte*.

Cessando, então, de todo o fogo, um official de linha dirigiu-se para ali, sem demora; e ao chegar obrigou os soldados a conduzirem o armamento para a rampa do mesmo *Forte*, e os presos a se recolherem de novo aos calabouços.

O official, comtudo, não consentiu mais que os lanchões atracassem; querendo assim evitar excessos e represalias, que poderiam causar o derramamento de sangue, *quando aliás a necessidade já o não exigia*.

Pouco depois, todos os presos, á excepção de onze que, aproveitando-se da confusão que reinava, tinham fugido, foram transferidos para a *Presiganga*; de onde, aliás, ha pouco haviam sahido, talvez *por demasia de humanidade*, na phrase do dr. Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, que morreu visconde de Mont-Serrat, e era então presidente da Bahia.

No poder de um daquelles prezos encontrou-se a cópia dos *Artigos da Federação*, que elles tencionavam dirigir ao governo, com um officio apropriado, e que eram, salvo pequenas modificações, os mesmos que acima deixei trasladados.

Cumpre aqui registrar—que os tres chefes da revolta do *Forte* estavam já pronunciados em juizo criminal, por motivo de conspirações anteriores.

E que, terminada a luta, verificou-se ter a corveta *Regeneração* soffrido um rombo ao lume d'agua, e achar-se com alguns cabos cortados.

Quanto ao *Forte do Mar*, ficou bastante arruinado.

Durante dous dias, o commercio da capital esteve todo fechado, e por muito tempo o preço dos generos alimenticios conservou-se em alta.

A 30 de abril, comtudo, o presidente da provincia communicava á regencia—que a população tinha voltado

aos seus trabalhos ordinarios, e a capital encontrava-se em perfeita tranquilidade, felizmente.

O capitão Bernardo Miguel Guanaes Mineiro, chefe do movimento federalista effectuado em 1832 na cidade da Cachoeira, bem como da revolta que manifestou-se, em 1833, no *Forte do Mar*, da Bahia, falleceu á 14 de fevereiro de 1847. E finou-se sem ter tido a satisfação de vêr triumphar o principio por que se batera e se sacrificára, com alguma imprudencia é verdade, mas com grande enthusiasmo e maxima franqueza tambem.

Tinha a fatalidade reservado para outros a fortuna e a gloria, que escaparam caprichosas áquelle obscuro cidadão.

No dia 15 de novembro de 1889, o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, collocando-se á frente da força armada, proclamou, no campo de Sant'Anna, desta capital, a Republica Federativa dos Estados Unidos do Brazil.

E foi esta a fórma de governo, que a nação definitivamente aceitou, votando por intermedio de seus representantes a Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

A federação, assim, não se amoldou ao typo fundido pelos revolucionarios da Cachoeira e revoltosos do *Forte do Mar*, da Bahia. Ella veio mais completa e perfeita, irmanada com a republica, corporificando as duas idéas progressistas e liberaes, e conseguintemente trajando roupagens mais simples e attrahentes, envergando armadura mais leve e popular.

E o acontecimento teve sua natural repercussão na Bahia, e a sua influencia se fez sentir na Cachoeira, acordando os écos do passado, como que para render um preito de reconhecimento e saudade aos batalhadores de 1832 e 33, personificados em Guanaes.

A 17 de novembro do citado anno de 1889, estando reunidos diversos cidadãos no forte de S. Pedro, na Bahia, foi ahi proclamada a Republica Federativa do Brazil pelo dr. Virgilio Climaco Damasio e coronel Frederico C. Buys.

No dia seguinte, o dr. Virgilio Damasio assumio o governo, na qualidade de vice-governador, por não têl-o

feito o governador nomeado pela dictadura — dr. Manoel Victorino Pereira.

A's primeiras noticias da revolução, que tinha sorprendido a propria cidade do Rio de Janeiro, houve alguma hesitação por parte da população bahiana.

Desde, porém, que a interrupção do telegrapho cessou, e a verdade inteira foi conhecida, as adhesões ao novo regimen não fizeram-se esperar.

A imprensa neutra aconselhára a prompta aceitação do facto consummado, e os chefes dos dois partidos monarchistas, depois de terem celebrado uma reunião, inspiraram á *Gazeta* e ao *Diario da Bahia*, orgãos dos conservadores e dos liberaes, aquella mesma attitude.

O dr. José Luiz de Almeida Couto, derradeiro presidente da provincia da Bahia, por nomeação do governo imperial, aceitou por egual as novas instituições que alvoreciam.

Na cidade da Cachoeira, foram logo conhecidos — por telegramma — todos esses importantissimos eventos.

A respectiva camara municipal se reunio no dia 20 de novembro, e então — por voto unanime de seus membros — acclamou a Republica Federativa do Brazil, prestando todos os vereadores, autoridades, e mais pessoas presentes, a promessa de fidelidade ao novo regimen.

Depois de haver sido desfraldada, na janella central do edificio, a bandeira do Estado da Bahia, a camara mandou distribuir entre seus municipes uma proclamação, referente á solemnidade que acabava de ter logar.

Compareceram a essa sessão os vereadores — barão de Belém, presidente, Rosalvo de Menezes Fraga, Antonio Ferreira de Carvalho Mascarenhas, José Augusto Peixoto, Manoel Alves Mascarenhas, Sabino Santiago da Motta e advogado José Almachio Ribeiro Guimarães.

De todas as occurrencias foi lavrada uma acta circumstanciada, em que assignaram 92 cidadãos, começando pelo presidente da camara e terminando pelo autor desta memoria.

E's ahi como a idéa republicana evoluio, eis como o regimen federativo chegou a implantar-se no Brazil.

Forçoso é convir que, para fazer uma vencer e para consolidar o outro, nem sempre têm sido incruentas as lutas feridas em differentes pontos do paiz. Mas, afim de se firmar outr'ora a monarchia constitucional, ellas deram-se tambem.

Rebeldias tenazes, agitações revolucionarias, dissidencias formaes, mesmo *deposições* escandalosas, tudo isso a Historia nos recorda como difficuldades tremendas com que teve de arcar o systema do governo, agora extincto; o qual—desde 1822 até 1848—esteve exposto a toda sorte de eventualidades e perigos.

O patriotismo positivamente exige que, recalcando no peito quaesquer maguas, que por acaso o punjam, e pondo-se superior aos interesses individuaes, todo brazileiro agora cerque as novas instituições do maior prestigio e do mais desinteressado amor.

No momento actual, nenhum serviço mais assignalado se poderá prestar a esta patria.

E todos fiquemos bem certos de que não ha de ser o derradeiro, na ordem politica e de natureza institucional. Ainda não está proferida a ultima palavra.

No regaço immenso do futuro dormem muitos acontecimentos emocionantes, que o dia de amanhã talvez traga á flôr da Historia para a sua solemne consagração.

Novos regimens, e outros systemas de governo poderão vir substituir aos actuaes.

E' perenne a obra santa da civilisação, como são interminos os horizontes azues da liberdade.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1897.*

ARISTIDES A. MILTON.

* Sobre o lugar do nascimento de Domingos Jozé Martins, intitulado em 1817 «Principe da Liberdade», convem notar, que o autor dos «Martinos Pernambucanos», o padre Joaquim Dias Martins, diz, á pag. 25.., o seguinte:—Domingos Jozé Martins... nasceo na capitania do Espirito Santo, donde sahio em tenra idade para buscar na Bahia esfera propriamente dita ás agitações do seo coração presago.

T. ALENCAR ARARIPE.

A IRMANDADE DO SANTISSIMO SACRAMENTO

DA

Freguezia de Nossa Senhora da Candelaria

E O

Emprestimo decretado pelo Alvará de 13 de Março de 1797

No seculo XVIII, dois actos legislativos, visando fins differentes, produziam rezultado semelhante, que era a reducção da renda das corporações religiosas, em consequencia da alienação obrigatoria de seus bens immoveis; e se estas providencias fossem estrictamente executadas, trariam a ruina de muitos institutos, especialmente as que se referem ao emprestimo decretado pelo governo portuguez.

E as irmandades do Santissimo Sacramento que obtiveram isenção, não incorrendo na dispozição geral, quanto á lei de 4 de Julho de 1768, viram impugnadas pelo juiz de capellas desta cidade as dispozições do alvará de 20 de Julho de 1793 pelo art. 7.° do alvará de 13 de Março de 1797, que se refere ao emprestimo, como veremos do estudo que vamos fazer; de modo a infringir a regra de direito, que a lei geral não revoga a especial, salvo si nomeadamente a ella se refere. Ainda mais, sendo o acto de D. Maria I, um verdadeiro privilegio em favor das irmandades do Santissimo Sacramento, era precizo outro acto legislativo para revogal-o, porque o juiz não tinha competencia para o fazer por seu decreto judicial.

Lido em sessão de 15 de Maio de 1897 ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Dr. Jozé Bernardes de Castro era juiz e provedor de capellas desta cidade, ha um seculo, e na prestação de contas da irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria, relativas ao anno de 1798, lançou no seu livro quinto de receita e despeza, (1) approvando-as, um provimento mandando que este instituto vendesse, em hasta publica, todos os seus predios para recolher o producto ao cofre do emprestimo.

Para explicarmos o procedimento da irmandade e a razão da lei, que a izentou da norma estabelecida pelo marquez de Pombal, precizamos remontar ao tempo do reinado de D. Jozé I, para conhecermos a vontade poderosa do grande ministro, decretando leis com o fim especial de ferir os jezuitas, embora disfarçadas muitas vezes, com a utilidade publica e o interesse do Estado.

O marquez de Pombal, no seu odio aos jezuitas, promulgou a lei de 4 de Julho de 1768, que declarava nullas todas as consolidações de dominio directo e util dos bens pertencentes ás egrejas, ordens e mosteiros e, em geral, a quaesquer corporações de mão morta, derogando todas as dispozições em contrario, como si dellas se fizesse literal e especifica menção, sem embargo tambem das opiniões em contrario dos doutores que são, diz o preambulo da lei, sediciosas e perturbadoras do socego publico e eram declaradas abolidas e proscriptas.

No anno seguinte, veiu o alvará de 12 de Maio de 1769 interpretar e declarar a lei sobre a fórma e modo de se fazerem os emprazamentos dos prazos das corporações a que se refere a prohibição de adquirir immoveis. (2)

A promulgação da lei, como declara a exposição de motivos, fez-se em virtude de officio do procurador da corôa e consulta da Meza do Dezembargo do Paço sobre a nullidade das acquizições pelas corporações de mão morta, que eram cohonestadas com a autoridade de escriptores que deduziram as suas doutrinas dos sediciozos papeis dos intitulados jezuitas.

---

(1) Liv. cit. fls. 65 e seg.

(2) Vide tambem o alvará de 1.º de Junho de 1787, cap. 6.º

O nobre marquez providenciava na lei, declarando, neste ponto, proscriptas essas opiniões subversivas que iam ferir o seu amor proprio e amparar os direitos das corporações denominadas de mão morta. Era um meio facil de refutar doutrinas.

Mas não era só na lei de 4 de Julho que o marquez assim se oppunha aos jurisconsultos; promulgou tambem a lei de 18 de Agosto de 1769, chamada da boa razão, e ahi, no § 13, determinou que as glosas e opiniões de Accursio e Bartholo — não possam ser allegadas nem seguidas na pratica dos julgadores. (1)

A execução da lei e do alvará pelo Dezembargo do Paço, trouxe como consequencia necessaria mandar este tribunal fazer sequestros nos bens das ordens religiozas, egrejas e irmandades, que os não cumpriam.

E sendo n'aquelle tempo a principal fonte de renda os bens immoveis adquiridos, e, na sua maxima parte, legados por pessoas piedozas e compassivas, a ordem do Dezembargo do Paço cauzou os maiores prejuizos aos patrimonios de todos os institutos religiozos.

Estes actos juridicos provocavam reprezentações das irmandades; e especialmente as do Santissimo Sacramento requerendo, perante o governo, que os seus bens ficassem izentos das dispozições da lei de 4 de Julho e assim foi deferido pela Meza do Dezembargo do Paço, em virtude da provizão expedida a 13 de Fevereiro de 1770.

Mas a cobiça excitada pelos muitos bens das corporações religiozas e aguçada pela acquizição, a preço baixo, de grande quantidade de predios urbanos e rusticos, continuou com zelo pharizaico a denunciar as irmandades do Santissimo Sacramento; e os tribunaes, com ignorancia ou sem ella, a fazerem sequestros, pelo que novas supplicas subiram ao governo e foram attendidas, pela rainha D. Maria I, no alvará de 20 de Julho de 1793.

Convém conhecer as dispozições d'este alvará, porque n'elle se amparoua irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria, afim de não

(1) Vide cit. lei § 7º — Corrêa Telles — Commentario critico á lei da boa razão, pags. 18 e 81.

ser desbaratado o seu patrimonio, que é, com pouca differença, o que possue actualmente.

Dispõe o alvará, que havendo estabelecido as leis de 4 de Julho de 1768 e 12 de Maio de 1769 as providencias, que pareceram mais saudaveis para cohibir e acautelar nos corpos de mão morta de toda e qualquer retenção e acquizição de bens immoveis (bens fundos e dominios) contrarios ás Ordenações e ao seu verdadeiro espirito e incompativeis com o interesse publico e nacional, exceptuou d'esta regra geral os bens das irmandades do Santissimo Sacramento.

Declarou o alvará, que as administrações d'estas irmandades devem ficar livres e os seus bens e rendimentos immunes, «para supprir as despezas com o culto do mesmo Senhor e se empregarem em outras pias funcções do seu ministerio a que eram destinadas.»

Continúa o alvará:

«E porque esta benigna declaração e interpretação da lei não chegou a ter a sua perfeita e devida observancia, aceitando-se denuncias e passando-se alvarás de mercê, para, em consequencia dos mesmos, se tratar e disputar no juizo da Corôa da sua justiça; talvez na intelligencia de se fazer necessaria, e como indispensavel uma rezolução superior mais pozitiva e solemne, que lhe prestasse toda a força e autoridade: «Hei por bem e em confirmação da provizão expedida pela Meza do Dezembargo do Paço, na data de 13 de Fevereiro de 1770, na conformidade da resposta á requizição do Procurador da Corôa, que as confrarias do Santissimo Sacramento, necessarias para a decencia do culto do Senhor, sejam exceptuadas da sancção das leis, que prohibem em geral debaixo da pena de commisso a retenção e administração dos bens immoveis, capellas e juros reaes em confraria, e em consequencia ordeno, que, nem se admittam denuncias d'esses bens das confrarias do Santissimo, nem por ellas se expeçam alvarás de mercê, e que fiquem sem effeito as denuncias e alvarás, que se tiverem expedido.

Derogava a legislação em contrario.»

Esta dispozição legal foi a baze da defeza da Mez administrativa de 1799—1800, oppondo-se ás ordens do

conde de Rezende executadas pelo juiz provedor Dr. Jozé Bernardes de Castro, no seu provimento exarado nas contas de 1798 a 1799 (1) e tambem do edital de 3 de Setembro de 1799 ahi transcripto, em que se acha inserto o officio do vice-rei, de 28 de Agosto do mesmo anno, com as instrucções para venda dos bens das corporações de mão morta, mandando que o seu liquido producto fosse recolhido ao cofre do emprestimo aberto nesta capitania, no mesmo dia ou no seguinte, e não só o producto das alienações como tambem os dinheiros estagnados, diz o provimento, repetindo o alvará, nos cofres das corporações religiosas.

Estudemos este emprestimo e os meios de que se servio a nossa irmandade para não cumprir a sentença do Dr. Castro apezar da pressão que exerceu.

O decreto de 29 de Outubro de 1796, determina que se lance o emprestimo de dez milhões de cruzados (4.000 contos).

Este decreto expõe claramente as razões do acto; havia deficit, porque as despezas do Estado excediam á receita, estando atrazados os pagamentos e era preciso occorrer com prompta e opportuna providencia.

E' certo, que as ordens religiozas tinham offerecido as contribuições eccleziasticas com que podiam concorrer; não chegavam porém para solver as difficuldades e na preciza medida; por isso rezolveu o governo lançar um emprestimo de dez milhões de cruzados, juro de cinco por cento, em apolices do valor de 100$000 até 1:000$000, correndo como letra de cambio, com os seus endossos, sendo recebidas como «dinheiro»; e nas repartições publicas seriam tambem aceitas em pagamento de divida; os credores do estado podiam receber os seus creditos em apolices, condição segunda; aos primitivos portadores de cada apolice, que entrassem com dinheiro effectivo, seria mais abonado um por cento, por quinze annos, condição terceira; os que tomassem quarenta ou mais e não quizessem as annuidades erão attendidos com gratificações de honra, que seriam dadas a quem procedia « com zelo e amor do real serviço. »

(1) Liv. V da Rec. e Desp. da Irmandade, fls. 65 e seg.

As annuidades eram pagas em semestres, nos mezes de Março e Setembro.

Estas condições foram publicadas em editaes impressos, affixados em todas as cidades e villas do reino.

Apezar d'este engodo o emprestimo não teve bom exito, os economistas d'aquellas éras não conheciam ainda os processos rapidos das commissões e outros meios empregados, comquanto estivessem bastante adiantados nas providencias apontadas e que foram consideravelmente melhoradas no alvará de 13 de Março de 1797, que ampliou o emprestimo a doze milhões de cruzados (4.800 contos), e afim de obter meios para o cobrir, lançou mão dos bens das corporações de mão morta, sendo o proprio vice-rei, Conde de Rezende, que, na qualidade de provedor da Santa Caza da Mizericordia, applicou o alvará a este benemerito instituto, como ficou demonstrado no excellente trabalho que se está publicando no *Jornal do Commercio*.

O alvará offerecia mais vantagens aos tomadores: levava em conta as quantias recebidas no primeiro emprestimo; elevava o juro a 6 °/₀, art. 1.° ; reduzia as apolices até ao minimo de 50$000, art. 2.°; os juros seriam pagos por anno, por semestres ou em quarteis, a arbitrio dos prestamistas, art. 4.° ; izenção de sequestros, penhoras, ainda que fossem do fisco, salvo fraude, ou simulação, art. 5.°; estendia estas regalias aos estrangeiros, mesmo em cazo de guerra com as suas respectivas nações, art. 6.°; eram as apolices tambem recebidas como —dinheiro effectivo, —art. 10; devia sempre haver em cofre o numerario necessario para o pagamento dos juros de um semestre como garantia dos credores, art. 13.

Mas a providencia principal, a que devia fazer cobrir o emprestimo no reino de Portugal e nas suas colonias, estava no art. 7.°, o que demonstra bem claramente, que apezar d'este bello prospecto, como hoje diriamos, não tinha tomadores, sinão forçados, como haviam de ser as corporações de mão-morta e os dinheiros dos orphãos e testamentarias.

Vejamos a providencia do art. 7.°:

« Que todos os administradores dos cofres dos Orphãos, Reziduos, Capellas, Testamentarias ou de outros

quaesquer dinheiros estagnados, possam da mesma sorte entrar com os cabedaes, que assim administrarem para o referido emprestimo e haver assim as competentes apolices a beneficio d'aquelles a quem os mesmos cabedaes pertencerem; e que bem assim possam adquiril-os e possuil-os os corpos de mão-morta, sem embargo de se reputarem com a natureza de bens immoveis, ficando-lhes para este fim permittido vender os de que tiverem consolidados os dominios e que são obrigados a aforar na fórma das minhas leis, e ainda os patrimoniaes, de que poderão, e deverão vender muitos com utilidade propria, em beneficio da causa publica: para o que lhes concede todas as faculdades necessarias, derogando para este effeito sómente todas as dispozições em contrario. »

Em virtude d'esta dispozição foi á nossa irmandade ordenado, que vendesse todos os seus bens e os das repartições do Côro e Caridade, e como não désse a Meza administrativa immediato cumprimento á sentença, o juiz provedor, Dr. Castro, por avizo ao provedor da irmandade Jozé Ferreira Pires (1), mandou convocal-a para uma sessão com a sua assistencia, afim de tratar d'este assumpto.

Essa sessão durou dois dias, 19 e 20 de Março de 1800, de que se lavrou acta (termo como então se dizia). (2)

Congregados todos os funccionarios, estando prezente o Dr. provedor de capellas, devia ter havido grandes discussões, porque, não se pôde tratar em uma sessão de materia de tanta importancia para o vice-rei e autoridades.

A acta nos dirá como foi digna e nobre a resposta da Meza administrativa.

Cumpridas as formalidades da abertura da sessão, « logo pelo dito ministro foi perguntado o motivo porque

---

(1) Jozé Ferreira Pires era negociante estabelecido na rua de S. Pedro. Entrou para o nosso instituto em 30 de Junho de 1761. Serviu de definidor em 1766—67, thezoureiro do Côro em 1786—87, escrivão em 1794—95 e finalmente de provedor em 1799 a 1800. Faleceo em 1807. Liv. V dos Termos da admissão de irmãos fl. 276 v.— L. II de Eleições.

(2) Liv. III dos Termos da Irmandade, fl. 10.

a Meza não tinha rezolvido ainda a venda dos bens de raiz tanto da Irmandade, Côro e Caridade, na fórma declarada no provimento e edital, lançados no livro das Contas da Irmandade ; dizendo que exigia esta resposta da Meza para dar ao officio do Illmo. e Exmo. Sr. Conde Vice-Rei, de 14 do corrente, trasladado nos Livros da Provedoria; pelo qual ordenava-lhe désse a razão da falta de cumprimento da real vontade a este respeito declarada em carta de 28 de Agosto do anno passado, inserida no respectivo edital. »

« E pela mesma Meza foi uniformemente respondido que da sua intenção não é, nem fôra em tempo algum, rezistir á real vontade, por cuja execução protestam e já teriam posto em pratica si lhes não obstasse a falta de decizão de requerimentos dirigidos ao Real Throno, pois se persuadiram, que os constituia na preciza necessidade de requererem e supplicarem alguma declaração, o privilegio concedido a esta Irmandade pelo alvará de 20 de Julho de 1793 (mil setecentos e noventa e trez annos), pelo que se assentou em responder por carta ao Dr. Provedor ».

A esta deliberação nada oppoz a autoridade e parecia ter accedido a que se esperasse o despacho do governo sobre a questão ; mas não succedeu assim.

A 24 reunia-se outra vez a Meza administrativa, por ordem do juiz provedor, e em sessão declarou, que não obstante a rezolução tomada a 20, podia a Meza administrativa deliberar sobre a venda dos bens pelos motivos expostos no provimento dado.

O provedor da irmandade, Pires, aprezentou a questão á Meza administrativa, auzentando-se neste acto o juiz e ella votou a rezolução, determinando a venda dos predios.

Regressando o juiz ao consistorio louvou muito o acto.

Tinha a Meza administrativa revogado a sua decisão anterior, desistindo do seu intento pela pressão da autoridade, mas ainda voltaria a reconsiderar a materia em nova sessão.

Estava porém satisfeita a vontade do vice-rei e do juiz. Fizeram-se, repetidas praças para a venda dos predios, observado o edital, mas não appareciam licitantes,

só houve lançamento, diz o termo de 19 de Maio. nas cazas ns. 8 e 9 da relação com o lance de dez mil réis sobre a avaliação. (1)

Não podemos hoje saber, que cazas eram essas de ns. 8 e 9, porque não se venderam, visto não constar dos livros da irmandade e repartições do Côro e Caridade a entrada de dinheiro por essa proveniencia.

No emtanto continuavam as praças, como se vê do termo 25 de Agosto, sem rezultado algum, apezar das repetidas instancias da autoridade, como declarou o provedor da irmandade, ter sido chamado á caza do juiz, para dar a razão de se não effectuarem as vendas.

Não se descuidava porém a Meza administrativa de manter o seu direito reconhecido por lei, e emquanto fazia as praças, enviava um requerimento ao principe regente D. João, para que fosse mantida a conservação dos bens do nosso patrimonio, em vista da lei em inteiro vigor, que permittia, como vimos, que as irmandades do Santissimo Sacramento possuissem bens immoveis.

Esta rezolução era unanimemente tomada na sessão de 19 de Maio, e a Meza administrativa encarregou pessoa douta de fazer o requerimento e o escrivão Elias Antonio Lopes (2) foi incumbido de o enviar para Lisboa ao seu

---

(1) Liv. III dos Termos da Irmandade, fl. 11.

(2) Elias Antonio Lopes entrou para a nossa irmandade em 23 de Outubro de 1793.

Foi eleito logo thezoureiro da irmandade servindo no anno de 1793 a 1791, escrivão em 1799 a 1800 e provedor em 1803 a 1804. Era commerciante e tinha seu estabelecimento na rua Direita (1.ª de Março). Energico e activo, na sua provedoria, promoveu o andamento dos negocios da irmandade e especialmente das obras da egreja, mandando-as continuar, e enviando para Lisboa um requerimento pedindo ao regente D. João uma loteria annual, emquanto durasem as obras, e se este pedido fosse satisfeito, ha muitos annos estaria concluida a egreja. Fez para este fim, todas as despezas com procurador e agentes, em Lisboa, o que lhe mereceu muitos louvores na sessão de 31 de Maio de 1804. O requerimento com os documentos que o instruem acha-se transcripto no livro terceiro dos Termos f. 57 usque f. 62 v. Mandou concluir as torres da egreja, conforme o risco enviado a D. João, porquanto a deliberação da Meza administrativa de 1802—1803, tomada na provedoria de João Serqueira da Costa, alterou sem constar de acta, a planta do engenheiro Francisco João Rocio, verdadeiro attentado artistico, porque, as torres tinham dois andares com varandas e ficaram como ora as vemos. Melhorou e beneficiou todos os predios Mas o serviço inestimavel d'este benemerito funccionario foi a oppozição á venda dos

procurador com ordem, n'essa cidade para ali assistir com todo o dinheiro que fosse precizo para o bom exito. (1)

Não conhecemos o despacho d'esta supplica, por nada mais constar sobre as praças dos predios depois de 25 de Agosto de 1800.

Prezumimos, que tivesse deferimento o requerimento patrocinado por Elias Antonio Lopes.

Mas a solução encontra-se no decreto de 16 de Setembro de 1817, que mandou ficar sem effeito todas as denuncias e litigios, dispensadas as leis de amortização. (2)

As difficuldades com que lutavam as corporações, obrigadas a vender seus bens, tem explicação no máo estado economico e financeiro da cidade pela baixa de alugueis dos predios, attenta a sua população, e carestia de generos alimenticios.

---

predios do patrimonio, como se deduz das actas. Lopes não compareceu á sessão de 24 de Março de 1800, em que se rezolvera a venda—unica sessão a que faltou em todo o tempo em que serviu, promptificando-se logo na sessão de 19 de Maio e offerecendo-se para fazer todas as despezas afim de mandar o requerimento ao governo, pedindo garantia para os direitos da irmandade. Requereu tambem ao vice-rei D. Fernando Jozé de Portugal, que foi posteriormente Marquez de Aguiar, quando era ministro de estado, contra a falta de contribuição dos povos para o Hospital dos Lazaros e contra os damnificadores das aguas do Maracanan, que serviam ao Hospital desde o tempo do conde da Cunha.

Era abastado, foi o generozo doador da quinta da Boa Vista a D. João VI, em S. Christovão, onde foi o paço imperial e hoje o Muzeu Nacional; e tinha grande consideração social. Foi condecorado com a commenda de Christo e official da caza real, foi deputado da junta dos juros e provedor dos seguros. Panorama n.° 143.—Pag. 295.—Vol. 3.° Serie, 2.° 1844.

No Almanak Historico, Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. do Braz. vol. 21, pag. 96, vem o nome deste benemerito entre os officiaes de fortaleza com o posto de capitão e negociante d'esta praça, pags. 96 e 168.

Liv. V dos Termos de admissão de Irmãos, fl. 276 v., liv. II de Eleições—liv: III dos Termos da Irmandade fls. 38, 39, 10 e 41 v., 42, 43, e 51 a 65. Vide Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia da Candelaria e suas repartições, Côro, Caridade e Hospital dos Lazaros, vol. 1.° pag. 113 e seg.

O cargo de escrivão, que se conservou na irmandade até 1879, equivalia ao de secretario actual.

(1) Liv. III dos Termos da Irmandade fl. 43.

(2) Coll. Nabuco. No Archivo historico da V. Ord. 3.ª de N. S. do Carmo do Sur. Serzedelo encontra-se este decreto, pag. 571.

Com effeito, do Almanak historico de Antonio Duarte Nunes, que se acha publicado na Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, se vê, que esta capital, em 1799, tinha a população de 43.376 habitantes, sendo 14.986 escravos, o que reduz a população livre a 28.390, classificada assim:

Brancos	19.578
Pardos	4.227
Pretos	4.585
Escravos	14.986
	43.376
Deduzindo a população escrava	14.986
Temos	28.390
E por freguezias:	
Sé	11.487
Santa Rita	12.397
Candelaria	9.488
S. Jozé	8.796
Conventos	1.208
	43.376

Ora, é evidente, que sendo as corporações de mão-morta, já n'essa época, possuidoras de grande quantidade de predios, a offerta em praça d'esses immoveis, só por esse facto, faria baixar o valor real da propriedade, quanto mais sendo aggravada a situação economica da cidade por outras cauzas.

O rezultado foi o descalabro para os que se viram obrigados e constrangidos judicialmente a vender; o que succederia á irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria, si não fosse o alvará de 20 de Julho de 1793 e mais que tudo, a falta de compradores, porque o juiz não quiz attender, e a irmandade teve de ceder para cumprir ordens illegaes, voltando, é certo, a reclamar e pugnar pelo seu direito.

E para se conhecer a que ponto chegariamos, vemos, em outro trabalho, apontar a proveniencia e outros esclarecimentos sobre os predios da Irmandade, Côro e Caridade, não falando nós do Hospital dos Lazaros, porque d'elles não tratou o provimento, e n'aquella época ainda esta repartição possuia muito poucos.

Mais tarde, nos ultimos annos da regencia, mandou o governo vender os d'esta repartição, em 1839, produzindo a quantia de 98:619$000, empregada em apolices que n'esse tempo custavam 700$000.

Desde esse anno o Hospital dos Lazaros ficou só com as partes dos predios de legados perpetuos (1) e actualmente possue dois tambem da mesma procedencia.

F. B. Marques Pinheiro.

---

(1) Vide o nosso trabalho "Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria e suas repartições, Côro, Caridade e Hospital dos Lazaros" Vol. II, pag. 167.

A REVOLUÇÃO DA BAHIA DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837

E O

Dr. Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira

Trabalho lido na sessão do Instituto de 6 de Dezembro de 1896

Um facto, Sr. Prezidente, levou-me a escrever com este titulo duas memorias, que tive a honra de ler n'este Intituto e foram publicadas em nossa Revista.

Magoava-me, que, sempre que se tratasse d'esse movimento politico, se cobrisse de baldões ignominiozos, de doestos infamantes o sabio professor da Escola de Medicina da Bahia, medico sempre caridozo e compassivo, o cidadão prestante, honesto e rico de virtudes.

Foi isso tambem o que fez um collega nosso, então 1.° secretario do Instituto, sem aduzir á suas asserções a mais ligeira prova. Seu trabalho acabava de ser impresso, e devendo ter lugar a 7 de Novembro a primeira sessão do Instituto, aqui aprezentei a primeira das minhas memorias.

O meu illustrado collega, tinha julgado conveniente referir-se tambem, tratando da revolução bahiana, a um facto triste, lamentozo, a que o Dr. Sabino foi compellido de momento, como o seria todo homem de bem, todo homem de honra : o assassinato perpetrado na pessoa do alferes Jozé Joaquim Ribeiro Moreira.

Questões de familia, questões de honra, aliás originadas de desaffeições politicas, serviram de motivo para continuos insultos e insolencias atiradas ao Dr. Sabino, quer na imprensa, quer nas praças e lojas que frequentava, por um homem que sempre foi conhecido, até na velhice, por sua lingua ferina, provocadora, e isso com insistencia tal, que um dia o surprehendeu sua victima n'essa triste missão e obrigou-o a calar-se.

Este facto levou aquelle alferes, irmão do agressor da honra do Dr. Sabino, a munir-se de um instrumento aviltante e com este na praça mais publica, a praça do palacio do governo, a feril-o um dia, em que o sabio medico, acabando seus trabalhos na Escola de Medicina se dirigia pacificamente ao exercicio de sua clinica e a outros negocios.

Tenho á vista um documento, extrahido do Archivo publico da cidade da Bahia, pelo qual se verifica, que o alferes Ribeiro Moreira, não só provocava publicamente o Dr. Sabino, como lhe fazia emboscadas, ao passo que este se empenhava com seus amigos, e com as autoridades legaes para que se não realizasse a agressão jurada.

Com este documento se prova á toda evidencia, que o Dr. Sabino ao receber a injuria não « *foi armar-se para na praça publica ferir mortalmente* » seu agressor, como escreveo meu destinto collega; o que importaria ausencia de brio.

Não, elle procurou desviar-se de seu agressor, quando este tomou-lhe a frente, e quando injuriado, o ferio no mesmo instante com um bisturi do pequeno estojo de cirurgia, que trazia sempre na algibeira.

Eis o documento:

Ao Publico. — « Prezo hontem, e indigitado como assassino do alferes Jozé Joaquim Ribeiro Moreira, precizo é, que o publico não só d'esta provincia, como das mais do Imperio, e até do mundo inteiro, se instrua de todas as circunstancias, que precederam, e acompanharam minha prizão, bem como dos motivos d'ella.

Havendo falecido minha espoza, no dia 5 de Outubro passado, em consequencia de um tetano, que sobreveio

a uma fractura de braço, procedida de uma queda, aproveitaram-se d'esse funesto acontecimento, para mim sempre dolorozo, os meus inimigos, inimigos sómente por oppozição de opiniões politicas, pois que jamais dei cauza a algum para outra origem de inimizade, para assoalharem, que eu havia assassinado minha mulher.

Vicente Ribeiro Moreira, verdadeiro redactor e proprietario do « *Jornal do Commercio* », irmão d'aquelle, estando a esse tempo em forte polemica comigo, como redactor do *Investigador*, incumbio-se principalmente de assassinar a minha honra e reputação, espalhando por todas as partes, que eu fôra assassino de minha mulher, e ajuntando as idéas de adulterio. Isto referido pelo dito Vicente Ribeiro Moreira, até a pessoas que me viessem contar de propozito, me revoltou a ponto que encontrando-o no dia 31 do mesmo Outubro, na rua direita da Mizericordia, ahi tivemos uma desordem, da qual sahio o dito Vicente Ribeiro, de peior n'ella.

Por este acto se enfureceram sobre-maneira seus irmãos o supradito Jozé Joaquim Ribeiro Moreira, e Francisco Vicente Ribeiro Moreira, e desde então se descomediram em ameaças já publicas, já em diversos lugares, fazendo-me esperas á noite, e as vezes pelas vizinhanças de minha caza, outras pelos lugares mais distantes, por onde costumo transitar. Innumeros avizos dos meus amigos me recommendavam cautéla, até que, prevendo algum desastrozo acontecimento, puz todos os meios a meu alcance para distrair os Moreiras de taes intenções.

No dia 3 do corrente, logo pela manhan muito cedo, dirigi-me por uma carta ao Sr. Dr. Joaquim de Souza Velho, cunhado do que se diz por mim assassinado, fazendo-lhe ver com as expressões as mais tocantes, que elle devia arredar seu cunhado de tão más intenções, e que seu projecto não trazia por consequencia sinão a perdição de dois pais de familia : o que elle devia evitar com toda a solicitude. *

* Tambem officiei ao commandante geral dos Permanentes, o Sr. Sande.

Não tive resposta da tal carta; o que mostra bem as intenções de vingança propria e particular, que tinha toda a familia de Moreiras, e seus afins, a meu respeito, além de que é publico e bem sabido, que todos os parentes de Vicente Ribeiro Moreira lhe aconselhavam, que não deveria proseguir em acto judiciario contra mim, e sim que deveria soffrer o mesmo que elle de mim soffrera; e tanto isto é verdade, que até o dia 7, em que houve o desgraçado acontecimento, não tinha Vicente Ribeiro Moreira proseguido na acção iniciada.

Além da medida preventiva de que acabo de falar, fui pessoalmente ao Sr. juiz de paz Ignacio Manoel da Porciuncula, ao qual, mostrando os avizos por escrito que tinha recebido, requeri verbalmente se dirigisse ao Sr. Firmiano Joaquim de Souza Velho, sogro do falecido, e o convencesse de que devia influir o mais possivel sobre seu genro, para o dissuadir de tão criminozo, quam perigozo projecto.

Não obstante todas estas cautélas amigaveis, no mesmo dia 3 de Novembro, en que dei os passos referidos, pela 1 hora da tarde, estando em á janella de minha caza, fui publicamente ameaçado, e desafiado por Jozé Joaquim Ribeiro Moreira, que vindo em um cavallo ruço desmontou-se d'elle, e com um chicote na mão me chamava, e dizia, que me havia de dar com elle.

Da minha caza não sahi; e cuidei logo em recorrer aos meios legaes, queixando-me e requerendo ao Sr. juiz de paz do 1° distrito da Sé contra o meu ameaçador, fundando-me nos art. 207 e 208 do Codigo Criminal. Foi dado, pelos denunciados, de suspeito o Sr. Ignacio Manoel da Porciuncula, que aceitou a suspeição, e por esse motivo no mesmo dia 7, pela manhan muito cedo, fiz novos requerimentos e os levei pessoalmente ao supplente o Sr. Antonio Gomes Villaça, em cujo poder devem existir: tal era a minha intenção de praticar actos criminozos!!

Sahindo da caza do Sr. Villaça, com quem não falei por estar ainda dormindo, e por isso entreguei os requerimentos a uma sua domestica, fui para o Hospital da Mizericordia, no Collegio; fiz o meu curativo, e acabado

dirigi-me para a Escola de Medicina, por ser n'esse dia examinador de physiologia. Acabado os exames pelas 9 1/2 da manhan, pouco mais ou menos, dirigi-me á caza do meu amigo o Sr. J. M. dos Santos, e dahi á secretaria do palacio do governo, a falar sobre negocio particular com o secretario, ò Sr. Antonio Joaquim Alvares do Amaral; não o encontrei na secretaria, e deixando o meu recado ao Sr. official maior Bernardo Luiz da Costa Carneiro, tornava para a minha caza pela Praça, quando da porta da Camara Municipal dirigio-se a mim furiozamente Jozé Joaquim Ribeiro Moreira, que ia em companhia do Sr. Francisco Jorge, escrivão que foi da Igreja, e mais outro individuo, e voltando-se para mim diz-me: — *Estimo encontral-o aqui, patife, para dar-lhe com este chicote; lembra-se o que fez a meu mano?* Ao que eu lhe respondi, que não me insultasse, e isso repeti por mais vezes; ao que tornou o meu aggressor, por me ver metter a mão na algibeira da sobrecasaca: — *Traz pistola?* e vendo que eu tirára o estojo da minha profissão, partio para mim, e desfeixou-me uma chicotada, apezar de ter eu recuado dois ou trez passos. N'esse acto perdi a razão, por um insulto tão agravante, já pela premeditação, já pela publicidade, e só a recobrei, quando me vi prezo e levado á cadêa sem que tenha a menor consciencia do que fiz ou não.

Eis o procedimento e todas as circunstancias de um facto, que para a sua veracidade e motivos não é precizo mais do que recorrer-se aos numeros 44 e 45 do *Jornal do Commercio*, os quaes acham-se já, de mais dias, denunciados por mim perante o Sr. juiz de paz do 2.° distrito da Sé, Lucio Pereira de Azevedo, e o n. 46 do mesmo.*

Não imploro mizericordia; não sei, si matei alguem; porque foi idéa, que sempre horrorizou-me.

Não tenho crime, como tantas vezes repetiram os Moreiras, salvo si foi sempre seguir os principios da Liberdade e Humanidade.

---

* Devo falar tambem na notavel circunstancia de haver o agressor Jozé Joaquim Ribeiro Moreira feito testamento de vespera, e havendo dito que os sinos deviam dobrar por um dos dois, o que foi-me annunciado com antecipação, e ter deixado um ou dois contos de réis a seu irmão V. R. M. para me perseguir.

Tambem não tenho, que receiar hoje o dinheiro de que blazonava, e em que talvez confie a familia Moreira; e qualquer que seja a minha sorte sofre-la-ei resignado, certificando porém ao publico, que não foram as questões politicas, pela liberdade de imprensa, o que essencialmente produzio meus desastres: minhas asserções destruindo as doutrinas do *Jornal do Commercio*, eram dirigidas sómente ao partido restaurador collectivamente, e si se reflectir bem nos numeros ultimos, por mim redigidos, conhecer-se-á esta verdade. E finalmente o que é verdade, e que jamais negarei é, que prefiro a morte á deshonra. Bahia e cadeias publicas, 8 de Novembro de 1833. *Francisco Sabino Alvares da Rocha Vieira.*»

Eis a expozição fidelissima do facto de que rezultára a morte do alferes Ribeiro Moreira, e a que fôra involuntariamente arrastado o Dr. Sabino, depois de fazer tudo quanto era humanamente possivel para evital-o.

E' a fiel expozição da verdade, que por ninguem foi contestada, nem pelos seus inimigos politicos.

Nem este facto trouxe a menor quebra á popularidade, estima, veneração, que lhe dedicou sempre a classe mais san da sociedade bahiana; — popularidade, estima e veneração, que lhe deram a elevada pozição, que occupou com o movimento politico effectuado quatro annos mais tarde, contados dia a dia, o qual até tomou seu nome; — popularidade, estima e veneração emfim, que elle soube angariar e nutrir sempre no seu longo exilio em Goiaz e ainda depois em Mato-Grosso, onde faleceu em 1847.

Essa expozição foi escrita logo apoz a consumação do facto e impressa em avulso no dia seguinte, 8 de Novembro de 1833 na typographia do *Diario da Bahia*, rua do Tijólo, caza n. 34.

Como devia succeder, o Dr. Sabino foi ao jury, e por esse tribunal foi unanimemente absolvido.

SACRAMENTO BLAKE.

MEMORIA HISTORICO-BIOGRAPHICA

DO ILLUSTRE BRAZILEIRO

Doutor José Francisco Leal

Lente cathedratico e fundador de novas cadeiras de Medicina na Universidade de Coimbra, chamado pelo Marquez de Pombal, por occasião das reformas que fez no ensino da Universidade.

Nos tempos em que florescem as nações, assim nas sciencias e lettras como nas artes e nos primores da industria, não é assumpto para admiração, nem estranheza para mencionar-se o apparecimento de varões illustres nas conquistas da intelligencia alcançando esplendidas victorias nas variadas e multiplices provincias do saber. Não é de admirar por tanto, que nos periodos assombrosos do apparecimento das obras primas da intelligencia, venham a lume esses homens prodigiosos, que ennobrecem a humanidade; esses astros radiosos, que foram surgindo das trevas illuminando a terra, desfazendo nevoeiros, despertando e mostrando o bom caminho aos retardios e formando constellações esplendentes, que em sua revolução perpetua, reluziram em cyclos magestosos desde o céo da Grecia de Pericles, passando pelo céo de Roma de Augusto e o da Italia de Lourenço de Medicis até o da França de Luiz XIV. Tempos são esses de salvo conducto litterario, de bons exemplos para seguir, de correr o pareo, justar competencias e de sobrelevar-se; ou pelo menos, de irmanar-se em vantagens e primasias. Que distancia infinita vai do forasteiro dubio e irresoluto caminhando sobre algares, por carreiro escabroso e matagaes escuros e cerrados, ao romeiro deliberado viajando por

estrada larga e desimpedida, á luz do sol no meridiano, em peregrinação aos atheneos e ás academias; onde vai investigar os mysterios da sciencia, que se desvenda aos perseverantes; um vai ás tontas apalpando as incertezas do desconhecido, o outro vai ao certo caminhando por estrada correntia, inundada de luz ao alvo previsto, que lhe é á um tempo pharol para dirigir a peregrinação e incentivo para reduplicar os esforços da vontade.

Ia o seculo XVIII aproximando-se ao termo da primeira metade de sua carreira, era o anno de 1744. A' cidade do Rio de Janeiro bem pouco era o que lhe promettiam as estreitezas das condições em que se achava. Seus passos eram ainda vacillantes; balbuciava as primeiras alavras de suas esperanças em germen; suas noções, eus intentos, suas alegrias, suas tristezas podem ser tom das como as velleidades e desejos por vezes destemper dos e contradictorios da puericia. Era a ave implumando apenas e erguendo-se do ninho para ensaiar seus primeiro vôos ainda trepidentes.

Reinava em Portugal el-Rei D. João V, que succedera a seu pai D. Pedro II, e subindo ao throno aos 17 annos de edade, governara de 1706 a 1750.

O Rio de Janeiro não lograva ainda as prerogativas e o privilegio de séde do vice-reinado do Brazil, que só lh'o fora outorgado por munificencia d'el-rei D. José em carta regia de 27 de Janeiro de 1763, sendo transferida a séde do governo da Bahia para esta capitania, e sendo o primeiro titulado vice-rei D. Antonio Alvares da Cunha, conde da Cunha, que tomara posse do alto posto á que fôra elevado, em 16 de Outubro de 1763. Governava ainda a colonia do Rio de Janeiro o benemerito varão Gomes Freire de Andrade, sargento-mór de batalha, nomeado conde de Bobadella em 1758.

Tomou conta das redeas do governo este zeloso e honradissimo fidalgo em 26 de Julho de 1733, com a patente de primeiro capitão-general, sendo ao mesmo tempo encarregado do governo das capitanias de Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catharina, fallecendo em 1° de Janeiro de 1763. Pelo delongado espaço de 30 annos governara o venerando administrador estas

capitanias e com tão sensatas e concertadas medidas, que merecera o respeito, affecto e admiração dos contemporaneos e a commemoração sempre honrosa e justa, que até hoje lhe rendem os posteros.

Esta nossa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro jazia indolente e adormecida no seu leito de dimensões, ainda muito acanhadas. No periodo á que nos referimos, o benemerito capitão-general fazia construir o famoso e admiravel aqueducto da Carioca. erguia-se o convento de Santa Thereza; os lazaros, que andavam de envolta com a população foram recolhidos á pequenas casas no bairro de São Christovão. Ainda se não havia fundado o tribunal da relação que, só o foi em Fevereiro de 1751; concluiam-se as fortificações da Ilha das Cobras e o forte do Morro da Conceição, e construia ainda o incansavel governador no então Largo do Carmo, a casa para residencia dos governadores, a mesma que, em 1808 no meio dos maiores folguedos e alegrias do povo, hospedou em seu recinto, a familia real, a mesma que foi palacio imperial. Se estreitos eram os limites da primitiva cidade colonial, não menos espessas eram as trevas que cingiam e ennuviavam os entendimentos á mingua de fontes d'onde dimanassem preceitos para o adestramento de disciplina.

O pouco que se ensaiava então para alumiar os homens de boa vontade, era como clarão ephemero das auroras boreaes, ou como meteoros, que fulgem e fogem. Aos jesuitas deve-se o alvorecer das lettras nas terras virgens de Santa Cruz; foram estes benemeritos paladinos da cruzada das lettras os primeiros e unicos que, então trouxeram a semente para a cultura do espirito. De seus primeiros Institutos de instrucção superior na Bahia em 1543 e Piratininga, São Paulo, em 1554, é que sairam os primitivos litteratos e poetas do Brazil.

Frei Vicente do Salvador, o padre Domingos Barbosa, os irmãos Martinho e Salvador de Mesquita, o padre Manoel de Moraes e outros foram os primeiros, que pregoaram ao mundo, que naquelle paiz da zona torrida, julgado outr'ora inhabitavel, havia salamandras mais ardentes que o fogo em que viviam e que por isso eram

estuosas nas producções do pensamento e do sentimento. As escolas dos jesuitas, unicos focos de luz daquelles tempos e que, receberam em seu seio e illuminaram as intelligencias dos notaveis brazileiros Claudio Manoel da Costa, nascido em Minas em 1729, Ignacio José d'Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro em 1744, Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga, nascido em Minas em 1749, José Basilio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão, ambos tambem nascidos em Minas, o primeiro em 1740 e o segundo em 1736; e este nobilissimo mister das lettras, sciencias, esta sementeira fructuosa para as intelligencias dos poucos, porém celebres e afamados brazileiros mencionados só se destruiu e desappareceu, quando no dia 3 de Março de 1759 foram os jesuitas presos, os seus bens confiscados e elles remettidos para Lisboa.

Cumpre dizer-se que, o sabio, zeloso e incansavel prelado, 3º bispo desta diocese, D. Frei Antonio de Guadalupe, que tomara posse da cadeira episcopal em 2 de Agosto de 1725, havia fundado o seminario de S. José, e que, por provisão de 8 de Junho de 1739, fundara o collegio dos meninos orphãos de São Pedro, dando origem essa instituição em 1766 aos seminaristas de São Joaquim.

Não nos pareceu distanciado de assumpto o lançar esta vista d'olhos, ainda que, muito a correr, sobre as condições assim materiaes, como intellectuaes em que se achava a cidade colonial ao tempo a que nos referimos; além de procurarmos mostrar pelas deficiencias e atrazamento de então a energia da vontade e os esforços contra impedimentos empregados pelo nosso protogonista para alcançar os fins que tinha em mente; entendemos que, os actores não podiam apparecer em scena senão no theatro de seu tempo e com as decorações que lhes fossem de molde. N'esta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia 2 de Dezembro de 1744, nasceu José Francisco Leal; foram seus pais Francisco Corrêa Leal e D. Antonia Thereza de Sant'Anna, ambos naturaes desta mesma cidade. Não vinham seus avoengos das classes mais elevadas na

gerarchia social; porém da classe média, honrada e muito distincta pela pratica de grandes virtudes. Uns servindo a patria nas armas, derramaram seu sangue na nova conquista, outros exerceram empregos publicos; todos com aquella rigidez de caracter patriarchal dos tempos idos, e todos elles alcançaram longevidade mais ou menos adiantada. De entre todos só Francisco Corrêa se inclinou e seguiu a carreira das lettras e era reputado um dos maiores homens do seu tempo, no Brazil.* Teve por consorte uma senhora oriunda de uma das mais distinctas familias da colonia, possuindo em supremo gráo todos os dotes, que sobrelevam a verdadeira esposa, a mãi de familia e a mulher providencialmente caridosa, que sabe suavisar as angustias e enxugar as lagrimas aos maltratados da sorte e victimas da desventura. Viveram estes conjuges uma longa vida de amor, de paz e de tranquillidade até que a Deus aprouve chamal-os á sua Santa Gloria, em idade avançada, e como a casa dos pais é escola dos filhos, não podiam os exemplos tão edificantes do virtuoso casal deixar de formar o coração e os costumes da prole, que tão desveladamente amavam.

Estes extremosos pais educaram a José Francisco Leal no meio do exercicio das mais esplendidas virtudes com que se foi elle identificando, já pela propria indole, já pelos incessantes exemplos que o cercavam. Tão cedo lhe madrugara o natural talento e tão antecipadamente lhe foi dado o ensino das escolas, que aos 9 annos de idade já dava lições de lingua latina aos estudantes, seus companheiros, de 20 e mais annos de idade.

---

* Francisco Corrêa Leal famoso medico nesta cidade do Rio de Janeiro e d'ella natural, foi educado nas escolas dos jesuitas; mostrando sempre grande talento para as lettras.

Partiu para Coimbra, onde estudou medicina. Estudava de uma maneira assombrosa; negando-se a sahir e só o fazia para ir ás aulas, ou para cumprir os deveres da religião.

Regressou finalmente á patria, praticando a medicina por muitos annos. Achando-se porém viuvo alguns annos antes de sua morte, ordenou-se presbytero e terminou seus dias com mais de oitenta annos; foi um dos maiores homens de seu tempo no Brazil.

Da noticia que precede ás suas *Instituições de Pharmacia para uso dos seus discipulos na Universidade de Coimbra* vemos o seguinte: «Não tendo mais que 9 annos de idade, era tanta a multidão dos estudantes, que se aproveitavam das suas lições antes de entrarem para as aulas, que o sentavam em um lugar bastante alto para que todos em roda podessem ouvir á vontade as suas claras e judiciosas explicações».

Aos 11 annos de idade sabendo já perfeitamente o latim, entrou para o curso de philosophia, no collegio dos jesuitas, que n'aquelles tempos, só elles, ensinavam quasi todas as disciplinas. Tormentoso foi ao nosso estudante todo esse periodo, parecia elle até destituido de comprehensão facil; eram-lhe inaccessiveis o caminho e o fim d'aquella philosophia, e abstruso seu ensino. Reinava a doutrina dos escolasticos; refertavam competencias o *nominalismo*, o *realismo* e o *conceptismo*. No espaço de tres annos aprendia-se então, logica, physica e metaphysica; tratava a logica dos *Universaes*, *signaes*, *arte syllogistica*, *etc*. Estudava-se a physica por um tratado do padre Soares, que consistia em cinco causas: *material*, *formal*, *occasional*, *exemplar e final*. Tratava a metaphysica do *ente* e *das suas propriedades*, *unidade*, *bondade*, *verdade*, dos celebres *gráos metaphisicos*, *precisões objectivas etc*. Este machinismo enredado onde iam travados fios aristotelico-averroistas ia mal avindo com um espirito arguto e uma razão, que se atirava para horizontes largos e luminosos.

O pai do nosso estudante, que era sophista consummado, feito e afeito ás veredas tortuosas d'aquelles labyrinthos e que por isso entrava sempre vantajosamente em certames litterarios com os mais afamados mestres da *companhia*, começou á olhar de través e com agastamento, o pobre mancebo que se não adiantava, nem dava boa razão de si n'aquellas enredadas disciplinas e por isso desanimava e enchia-se de amargura, tendo para si, que o filho era estreito de intelligencia e apoucado da percepção, o que lhe dava grande magua e o punha em desalento.

Finalmente, depois de muito mourejar n'aquelle empenho e de porfiar pelo praso de tres annos saíu com alguns conhecimentos daquellas abstrusas doutrinas.

Tinha o pai determinado envial-o para Coimbra afim de continuar em seus estudos; porém desanimado dizia que, quem não comprehendia aquella philosophia bem mostrava não ter capacidade para estudos maiores e por isso determinou fazel-o entrar em uma das communidades religiosas da cidade. Quantas vezes pequenos incidentes determinam o teor de uma vida inteira! Aconteceu que por esse tempo se resolvesse á ir para a Universidade de Coimbra o mais intimo e sincero amigo do joven estudante a quem elle sempre respeitou e presou com o maior affecto; presando-se ambos com a mais sincera cordialidade não só pela educação como pelos laços de parentesco, que os unia; essa amisade persistio inalterada pela união d'aquellas almas candidas, desde que se entenderam até o ultimo momento da vida.*

Não podemos deixar de transcrever aqui, as proprias palavras deste amigo exemplar; que, diz elle: « deseja ainda hoje eternizal-o, a ser possivel, passando aos vindouros o seu respeitavel nome, mas a quem a intensa dôr e saudade ainda mal consentem correr a penna para lhe traçar este breve e verdadeiro elogio ». A este amigo pois, acompanhou o joven José Francisco Leal, deixando resolutamente a patria, seus adorados pais, os amigos e parentes; tal era o desejo ardente de satisfazer a sêde de saber, de entregar-se a todas as lettras.

Chegando a Lisboa a 3 de Agosto de 1763, não se demorou na côrte; correu para Coimbra. Como se lhe mallograram esperanças! Viu burlados todos os seus intentos! Aquelle alcaçar portentoso e afamado, berço litterario de tantos varões famosos do qual, com justiça tanto se

---

* Este amigo, tantas vezes trazido a terreiro no correr da *Noticia*, não lhe apparece nunca o nome, presumo que seria Francisco Luiz Leal, professor publico de philosophia em Lisboa e que vem subscripto na *Noticia* e na Obra do autor. Innocencio da Silva o dá como parente do Dr. Leal.

ufanavam Portugal e o Brazil estava em um periodo deploravel da mais calamitosa decadencia.

Se foge da colonia a uma philosophia avêssa á luz de sua intelligencia, vai encontrar na metropole uma Universidade, cujos estragos eram patentes, ainda á mais perfunctoria observação; achava-se sem aulas, sem mestres, destituida de todos os elementos para um ensino methodico. Procura estudar medicina, não encontra quem o dirija neste proposito; tendo n'alma a intuição da ordem, do methodo e da regularidade em todas as coisas, busca anciosamente por toda parte quem o illumine e instrua, não encontra o que avidamente deseja.

Cumpre dizer, que por esses tempos iam-se accumulando elementos para reformações salutares. Espiritos discretamente innovadores e de seguro criterio iam sahindo da rotina cega e consuetudiaria e procurando rasgar horizontes vastos e luminosos para descoberta de novos mundos litterarios e de derrota mais segura em mar sem escolhos para viagem mais certeira á portos de salvamento.

Ainda bem que, naquelles tempos bruxoleava a luz da verdade começando a illuminar cerebros de pensadores acendrados; ainda a vaidade estolida e parva não havia alheado as intelligencias para fazer naufragar as especulações sensatas em terras de barbaros e desalmados. Tinha vindo á luz em 1727, o primeiro volume do *Theatro Critico* do padre Jeronymo Feijó, que levantara temporal desfeito de imprecações em grita, porque se insurgira e alçara pregão oontra as doutrinas e praticas costumeiras das escolas de Hespanha. Em 1747 appareceu em Portugal o *Verdadeiro Methodo de Estudar* do padre Luiz Antonio Verney, em fórma de cartas propondo e ensinando a reforma dos estudos com admiravel lucidez e verdade; feriu-se a lucta bravia e sem tregoas nos arraiaes dos estacionarios emperrados e nos entrincheiramentos dos reformadores previdentes e providentes; e as grandes reformas do marquez de Pombal em 1770 foram vasadas nos moldes de Verney; os padres da Congregação do Oratorio puzeram em pratica algumas das idéas do judicioso reformador; o *Novo Methodo* do padre

Antonio Pereira deu nova direcção ao estudo do latim. Estas e outras reformações abriram avenidas largas para os templos das lettras e das sciencias e acendiam grande numero de luzes em seus recintos. O livro do padre Verney andava a esse tempo de mão em mão, como uma nova bussola guiando a náu que ia de pannos enfunados singrando á porto de salvamento.

O nosso compatriota abre e folhea o livro e lá entre si resolve, que fosse elle o seu mestre e guia, emquanto se lhe deparassem outros que melhor o fossem.

Procura mestres para as linguas italiana, franceza e ingleza e apezar da estreiteza de seus recursos toma para sua casa dois homens, um francez e outro inglez com os quaes praticava; estudando simultaneamente a lingua grega.

Instruido nestas linguas entra no estudo de medicina, e ainda guiado pelo livro de Verney na parte em que trata desta sciencia e em que aconselha ao medico uma sã philosophia, estuda a logica, applica-se á physica e obtem quanto é possivel obter dos livros sem mestres e sem instrumentos. Sentiu a necessidade do estudo das mathematicas; estuda arithmetica, geometria e trigonometria; querendo porém entrar no estudo da algebra, não encontra em Coimbra quem lhe aplainasse as difficuldades, muito ao envez encontra quem lhe obstrua as avenidas. Inculcam-lhe um individuo que era tido como perito daquelle ramo; procura medianeiros, achega-se ao inculcado mestre, e este que devia abrir-lhe o caminho e alumial-o, facilitando-lhe os passos para o accesso, fez-se pregoeiro de impedimentos, desacoroçoando o pretendente, e este recúa e desiste de entrar na vereda desejada; applica-se á chimica e materia medica, mais com esforço proprio, que com alheio auxilio; passa ao estudo de anatomia; as dissecações faziam-se em um carneiro ao arbitrio do lente! Vendo o joven estudante, que pelos antigos estatutos concediam-se aos estudantes de medicina um, ou dois cadaveres em cada inverno, quiz obter a execução desta lei academica, foi porém, mal recebido e ameaçado por haver feito tal reclamação. Enfastiado de tantas contrariedades e querendo mesmo fazer esquecer a pretendida imprudencia,

partiu para Lisboa, onde se demorou por quasi dois annos, fazendo dalli as matriculas, formalidade que bastava então, para chegar ao doutoramento. Havia então no hospital de S. José em Lisboa uma cadeira de anatomia, mandada instituir por el-rei D. José; o nosso joven compatritoa sempre avido de saber, frequenta essa cadeira; vendo porém, que a osteologia era ensinada o melhor possivel, mas que pouco aproveitamento vinha do ensino dos outros ramos desta sciencia, que muito desmedrada ia; voltou-se para aquelle valioso refugio, que tanto lhe valia, o prestimoso livro do padre Verney. O *Novo Methodo de Estudar* era-lhe a um tempo clave para o tom desejado e amparo contra os desfallecimentos do animo.

Por entre estas syrtes e por mares procellosos navegou o nosso Jason em busca do vello de oiro, lutou com o dragão em combate mal ferido, triumphou obtendo como premio de sua admiravel perseverança a laurea de doutor em medicina pela universidade de Coimbra; passando todavia entre seus mestres e seus condiscipulos por uma intelligencia mediana; pois tinha, para elles, o vezo de haver-se com grande parcimonia no uso da palavra, posto que, pensador profundo fosse, isto é, pensava muito e fallava pouco; ao envez do que está nos habitos das gerações novas. Concluindo o seu curso na Universidade, volta o Dr. Leal para Lisboa; acha ahi remessas de dinheiro enviado do Brazil, por seu pai, que lhe ordenava voltasse á patria; mas debalde lhe foi essa intimação paterna; despresa as grandes vantagens, que lhe offerece seu paiz natal, cerra os ouvidos ás ternas expressões de sua virtuosa mãi e não attende aos conselhos de um pae, que o convida. Resolve-se a aproveitar aquelle dinheiro que lhe fôra enviado, para ir passar dois annos em Montpellier, porque, dizia elle: com estes meus fracos conhecimentos medicos, nem tenho valor para apparecer a meu pai, nem devo encarregar-me da vida dos homens; d'aquillo me priva a vergonha e disto a honra e a religião. Grande Deos! que nobreza de caracter! que pureza de sentimentos! que sinceridade heroica na franqueza d'aquellas phrases! Quem hoje, no meio de tantas vaidades jactanciosas, de tantas presumpções descabidas, viria assim sem resguardo

trazer a descoberto um pregão depressor de sua capacidade scientifica? Procura o joven medico o seu intimo amigo o Dr. Wade, a quem muito estimava, e communica-lhe o intento que lhe andava á mourejar na mente. Esta resolução foi o santelmo que, lhe appareceu entre as incertezas e obscuridades da vida; quantas vezes pequenos incidentes que mesmo parecem desprovidos de importancia determinam e decidem da vida inteira do homem! Tal resultado surdio daquelle projecto, delle partio uma nova e luminosa phase para a vida do nosso illustre compatriota. Aconselha o sabio medico inglez a que procurasse o marquez de Pombal, que então se occupava com a maior efficacia na grande reforma da Universidade de Coimbra. Busca o Dr. Leal opportunidade e accesso para dirigir-se ao poderoso ministro del-rei D. José e communica-lhe fielmente o seu projecto, o ministro attende com a maior benignidade e aconselha-o que se passe á Vienna d'Austria, onde então florescia a medicina, pelo influxo e direcção do sabio Vanswieten, que fôra discipulo e successor do grande Boerhaave, o notavel reformador da medicina: prometteu-lhe as mais efficazes recommendações, tanto para o sabio mestre como para o embaixador de Portugal, residente em Vienna e para outras pessoas altamente collocadas.

Munido pois, o nosso medico, de tão valiosas recommendações resolve se a partir para Allemanha; mas entrava como importante fundamento de contrariedade nos seus calculos a medida dos subsidios com que podia contar para tal commettimento; o dinheiro que possuia apenas lhe daria para a viagem de Montpellier e para pequena demora; mas para a delonga da viagem d'Allemanha era-lhe mais que muito insufficiente, e o que mais era, a estada de alguns annos n'aquella capital. Apezar de todos estes impedimentos, sua resolução está tomada; nada o prende, quaesquer que possam ser as contingencias do seu futuro destino; confiando no sincero e constante affecto de seu amigo e fiel companheiro de seus trabalhos, que em Lisboa ficava; foi-se por ahi além de foz em fóra porfiando em sua dilatada viagem para Allemanha. De Lisboa chegou á Malaga, passa a Genova e vai seguindo o

seu roteiro, fazendo sempre o seu diario e por todas as terras em que toca vai procurando e ouvindo os sabios e valiosos conselhos dos maiores e afamados homens de seu tempo; entre outros, tratou e ouvio em anatomia, com o maior aproveitamento o celebre Morgagni, illustre professor de Padua, que tivera por mestre o afamado Valsava que, por seu turno fôra discipulo de Malpigni. Chegando a Vienna d'Austria procura o embaixador portuguez, este recebe-o com grande afago e melhor acolhimento, convida-o para sua casa e convivencia, e poucos dias depois apresenta-o aos sabios professores Vanswieten, de Haen e a outros e sendo de todos bem recebido, principia a frequentar as aulas, como se nunca houvera aprendido cousa alguma.

A botanica, a chimica, e anatomia são seus estudos de predilecção; a estas disciplinas applica todos os seus desvelos; frequenta o celebre hospital do doutor de Haen, ouve suas lições com maximo aproveitameuto, e a vista de seus raros e admiraveis talentos e da candura e amabilidade de seu caracter é extremamente amado de seus mestres, de seus condiscipulos e das pessoas com quem convivia. E'-lhe da maior vantagem e aproveitamento a amizade do grande mestre Vanswieten, que lhe refutava com razões concludentes todas as objecções, resolvendo-lhe todas as duvidas, e fazendo-lhe a luz em tudo, que na sciencia lhe parecesse obscuro; sendo-lhe já uma grande ventura ter a gloria de ouvir as lições deste sabio interprete do afamado Boerhaave. Pela sua vastissima capacidade, pela proficuidade de seus estudos previos e pelo methodo, ordem e clareza com que aquelles grandes mestres elucidavam os mais enredados segredos das sciencias, achava-se elle em estado de investigar e aprender muito, em tempo relativamente breve.

No decurso de cinco annos, estava, escrevia elle para Portugal, *habil para ensinar em qualquer dos ramos da medicina*.

Por este tempo dava el-rei D. José principio á grande e admiravel obra da reforma da Universidade de Coimbra.

Manda o marquez de Pombal ao amigo do nosso medico, que ficára em Lisboa, como já se disse, que o

convide para ornamento da faculdade medica da Universidade. E' o nosso compatriota avisado e parte immediatamente em obediencia á aquella vontade com tamanha munificencia manifestada. Chega a Lisboa ao tempo em que o marquez tinha já partido para Coimbra deixando ao imminentissimo Cardeal da Cunha a incumbencia de envial-o para alli, onde apenas entrado este distincto e amabilissimo professor, busca sem demora o poderoso ministro, que perante innumeraveis pessoas o recebe dizendo-lhe: *acha vossa mercê livre e desbastado o campo da medicina, derribados e vencidos todos os inimigos domesticos, poderá seguramente transplantar os fecundos conhecimentos adquiridos dos maiores homens da Europa.* Recebe então, com alguns outros, o capello de doutor, gratuitamente e é logo encarregado do ensino de *materia medica e pharmacia*, cadeira nova na faculdade, que o nosso illustre compatriota foi crear e ensinar pela primeira vez, a alguns annos mais tarde ensinou simultaneamente *physiologia*, disciplina em que se mostrou consummado; exercendo estes nobres encargos até a sua morte, sempre respeitado e admirado por seu grande engenho e excepcionaes aptidões. Seus incessantes estudos, fadigas litterarias e compleição debil foram-lhe insensivel e progressivamente arruinando a saude, de sorte que, nos dezesete annos, durante os quaes exerceu as honrosas funcções do magisterio padeceu sempre em maior, ou menor gráo e a despeito das cautelas e recursos medicos empregados para seu restabelecimento, os males, que lhe solapavam a existencia caminhavam com maligna tenacidade. Suas enfermidades recrudesciam, e vê-se o estado a que chegou o illustre mestre, pelo teor da carta que, de Coimbra escreveu elle a seu amigo em Lisboa: *Meu estimavel amigo* * *A minha obstrucção não é certamente residente na minha melancholica imaginação, como v. m. suppõe; mas sim no meu figado; é verdade que ella se não fae patente á mão dos apalpadores, e eu viveria mais desconsolado se já tivesse chegado á este triste estado; porém os simptomas e encommodos, que eu padeço assás m'o dão á conjecturas com*

* Vae fielmente copiada.

bastante probabilidade; espero porem na bondade de Deos, que ainda se possa remediar pelo methodo com que vou indo. Tenho ás vezes ataques de hypocondria, que até me aborrece a presença das gentes, e me é precisa toda a reflexão e força para deixar a solidão e ir buscar a sociedade. Ando summamente sensivel e por qualquer coisa estouro com toda a familia, de que muito me arrependo. Ora parece-me que, vou melhor, o que é, poucas vezes, ora julgo que estou com febre lenta, ora, que a obstrucção cresce, ora, que a perda de sangue das hemorroides será a causa de minha ruina; assim como é effeito da obstrucção. Em uma palavra, trabalha a minha alma sempre inconstante nas suas idéas; mas sempre teimosa em augurios funestos; com que, meu amigo, eis aqui uma historia fiel do estado d'alma e do meu corpo. Sou... etc., etc. Pouco a pouco se foi arruinando a preciosa existencia deste fluminense illustre, que em tempos ainda tão nebulosos, foi levar com tamanho esplendor o nome de seu torrão natal a tantos e a tão remotos paizes d'além mar. No dia 6 de Agosto de 1785 o sabio e respeitavel mestre, o instituidor de novas cadeiras da sciencia medica, na afamada Universidade de Coimbra; foi accomettido repentinamente de uma paralysia parcial tolhendo-o de todo o movimento do lado direito e privando-o simultaneamente da falla.

Solicitos e desvelados correram á sua cabeceira, os seus sabios collegas e amigos, professores da Universidade. Os recursos tão assidua e opportunamente empregados salvaram-no da morte; sendo de parecer os seus medicos que o illustre enfermo devia submetter-se aos banhos das *Caldas*.

Aquelle fiel amigo de quem se tem fallado por mais de uma vez no correr desta *Memoria Biographica*, acompanhou-o para a Villa de Caldas para onde, muito a custo foi transportado. Que tormentos e afflicções para aquelle sincero amigo, que não tinha ao menos o gozo daquella agradavel conversação, que fizera sempre o encanto de sua vida! Por espaço de tres mezes viveu elle na sua companhia privado de lhe fallar e ouvir as suas respostas.

O enfermo achava-se com um braço immovel, ao peito, um pé de rastos e a cabeça cahida a um lado!

tendo sido outr'ora de presença summamente gentil. As lagrimas sahiam-lhe em borbotões pelos olhos fóra; mas era necessario occultal-as para não desanimar o infeliz; o conversar seria utilissimo recreio; mas como? se elle não podia responder! e quasi sempre finalisavam estes dois fieis amigos os seus esforços, banhados em lagrimas. Seu estado em vez do allivio que se esperava aggravava-se sensivelmente; volta o enfermo para Coimbra, aparta-se o amigo; volta passado um mez; a novidade da visita inesperada, traz ao enfermo uma melhora ephemera, durante a qual parece que se reanima e vivifica; esperança phantastica parece alentar-lhe as forças do animo; quer mudar de clima; determinar ao amigo, que lhe procure casas no melhor sitio de Lisboa. Todo aquelle clarão era transitorio como a passagem d'um meteoro luminoso a fulgurar em céo de noite caliginosa. Ao dia seguinte desencadeou-se a tempestade, que tinha de dar em terra com aquelle gigante da intelligencia, que Deos havia bem fadado para dar lustre e gloria á colonia brazilica ainda tão na aurora de sua vida. No dia 3 de Janeiro de 1786, pelas 3 horas da tarde, depois de haver pedido e recebido todos os sacramentos, e nos braços de um sabio, justo e honrado religioso, entregou seu espirito ao Creador, tendo de idade 41 annos. Este ultimo golpe recebeu-o o nosso illustre compatriota com a serenidade do justo e com a mesma grandeza d'alma com que arrostara os revezes da fortuna que por vezes o haviam maltratado. Acabou finalmente como um verdadeiro catholico, de cujos sentimentos fôra sua alma sempre profundamente penetrada.

A infausta noticia encheu de luto e de consternação a toda a corporação academica, aos pobres, a quem elle curava desveladamente de suas enfermidades, e com quem repartia liberalmente sua bolsa, prantearam com amargura a morte de seu bemfeitor, pois viam desapparecer suas esperanças; os estudantes lamentavam sua infelicidade por extinguir-se a luz, que os illuminava e finalmente, os professores, que viam destruido o ornamento de sua corporação.

Por suas avultadas despezas e por suas excessivas liberalidades morreu em estado de pobreza. Seus credores

foram inexoraveis; nem lhes despertou o espirito de caridade, o desamparo em que ficava sua pobre familia e uma filhinha de 6 annos de idade, que ficara orphã.* Manda a justiça e o dever, que se renda preito e homenagem á memoria de quem, por suas virtudes e pela santidade de seu coração o merece, a senhora D. Maria I sabendo do infausto passamento do afamado medico e insigne lente da Universidade e commiserando-se do infortunio e desamparo da infeliz familia veio em seu soccorro como uma providencia viva, redimindo-a da miseria e da quasi mendicidade em que a má sorte a tinha lançado, remunerando com uma pensão os serviços, fadigas e trabalhos do illustre chefe daquella desditosa familia.

O Dr. José Francisco Leal, lente de physiologia, materia medica e de instituições medico-cirurgicas, da Universidade de Coimbra, era de raro talento e de vastos conhecimentos scientificos e litterarios. Vamos aqui apresentar como prova do que valia este distincto brazileiro, as attestações que, ao sahir de Vienna d'Austria para Lisboa lhe passaram os sabios e honrados mestres da medicina, cujos nomes são ainda hoje respeitados e dignos de veneração como oraculos de seu tempo. As attestações, que são em latim e aqui por nós traduzidas para vernaculo, são as seguintes: A do probo e sabio Doutor de Haen diz « Attesto que o distinctissimo e muito douto Sr. Leal, doutor em medicina, em todas as minhas classes e exercicios praticos, tanto em assiduidade como em solicitude foi sempre de irreprehensivel exactidão, e não só nos rudimentos d'arte, como em todos os cursos de medicina, foi um exemplar de attenção e diligencia. No espaço de annos que tivemos de intimidade demonstrou constantemente thesouros de erudição e de conhecimentos medicos, de modo tal que, a inclita Faculdade póde gloriar-se por haver possuido em seu seio varão tão illustrado. Dado em Vienna d'Austria em 6 de Julho de 1772.—*A. de Haen* ».

---

* Por sua morte deixou o Dr. Leal uma filha de nome D. Catharina Leal, tendo então 6 annos de idade.

Segunda: «Eu abaixo assignado attesto que o Sr. José Leal por todo tempo que, entre nós habitou, não só frequentou com a maior assiduidade as minhas aulas de chimica, mineralogia e botanica com o maior aproveitamento e tudo isto não só nas horas da obrigação escolar, como nas suas horas vagas, com infatigavel diligencia e o maior cuidado visitava o horto botanico para adquirir profundo conhecimento das plantas e raizes medicinaes. Em seus costumes foi sempre da maior honestidade e polidez e por isso goza de grande estima, e havendo entre nós intimidade e trato familiar não houve nunca sombra do menor aggravo. Dado em Vienna, no 5º dia de Julho de 1772».

Nicolaus Josephus Jacquim, S. C, R. & do conselho de S. M. Actual professor de chimica e botanica».

Terceiro : « Attesto que, o muito distincto José Francisco Leal, braziliense, não só nas minhas aulas, como nas aulas de todos os outros professores, por todo tempo que viveu entre nós foi sempre da maior exactidão no cumprimento de seus deveres e sempre notavel já pela lição dos melhores autores, já pela pureza de seus costumes e por isso foi sempre querido de todos nós, consagrando-lhe eu o mais entranhado affecto.

Dado em Vienna d'Austria, em 3 de Julho de 1772.

Henricus Joan. Nepomuc., conselheiro de S. M. e professor publico de duas cadeiras de medicina».

Era o nosso compatriota versadissimo nas linguas: italiana, franceza, ingleza e allemã, as quaes fallava e escrevia com tal perfeição como se vernaculas lhe fossem e tinha em seu conhecimento tanta perspicacia que notava momentaneamente se os naturaes desses paizes eram, ou não correctos na pureza. Fallava e escrevia o latim com admiravel facilidade ; amava a poesia ; porém sua predilecção era pela musica ; a rabeca era seu instrumento favorito, cultivando na Allemanha com os grandes mestres uma delicadeza e gosto, que encantavam. Longe de ensoberbecer-se com os conhecimentos e

prendas que possuia, era lhano, desaffectado e simples em suas maneiras e costumes.

Enunciava-se com a maior clareza explicando com simplicidade o que de mais difficil se apresentasse na sciencia. A graça, a elegancia e o aceio eram qualidades instinctivas do nosso illustre conterraneo. Fazia-se desejado e querido nas sociedades; era chão e singelo na conversação commum, fecundo e vehemente quando explanava os pontos das doutrinas scientificas. Era excessivamente esmoler, condoendo-se sempre dos soffrimentos da humanidade. Tinha emulos e alguns antagonistas, como soem ter sempre os homens notaveis, mas elle não soube nunca tomar uma vingança; ao contrario, tratava-os com tal benevolencia e afago que, por vezes fazia conversos pelo arrependimento; daquelles que, por inveja lhes haviam sido adversarios. Foi o nosso insigne e preclaro compatriota, de uma tenacidade admiravel em seu intento, de um heroismo assombroso lutando contra os impedimentos e contrariedades que se lhe oppunham aos designios, foi de uma illustração consummada e applaudido pelos homens mais notaveis de seu tempo; e ainda como se tudo lhe não bastara para a sua gloria e de seu torrão natal, era de uma caridade pasmosa e de inteiro desapêgo para as grandezas humanas, como elle mesmo o manifestava em frazes suas escriptas. Não podemos deixar de mencionar aqui o nome e os feitos do sabio e honrado medico portuguez o Dr. Manoel Joaquim Henrique de Paiva.* Este insigne medico e

---

* Dr. Manoel Joaquim Henriques de Paiva—Fidalgo da casa real, cavalleiro professo na Ordem de Christo, doutor em medicina pela Universidade de Coimbra, e na mesma, lente na faculdade de philosophia, com exercicio da cadeira de pharmacia em Lisboa, medico da Camara Real, deputado da Real junta do proto-medicato, censor regio da meza do desembargo do paço, socio da academia real das sciencias de Lisboa, da de Stockolmo, da de Madrid, da de Harlem ,etc. Nasceu em Castello Branco á 23 de Dezembro de 1752. Foi tido como um dos medicos mais intelligentes de seu tempo. Foi preso e destituido de todas as suas honras e exautorado de todos os cargos que exercia e das honras de que gosava por suspeito de affeiçoado ao governo francez que invadira Portugal sob o commando de Junot. Veio estabelecer sua residencia na Bahia, onde falleceu em 1819. Foi reintegrado de todas as suas honras e prerogativas por decreto de

distincto litterato; além do grande numero de obras originaes, que nos deixou e de muitas outras alheias, que trasladou a vernaculo, foi quem salvou do esquecimento o nome, os feitos e a gloria do nosso compatriota, que teria desapparecido com a tradicção verbal de seus contemporaneos; foi elle, que fez imprimir e publicar a obra do nosso illustre conterraneo * impressa em Lisboa em 1792. E' pois, de rigorosa justiça e de sincera gratidão trazer á publico o nome do insigne e generoso pregoeiro de uma de nossas glorias nacionaes.

Capital Federal, 22 de Outubro de 1896.

J. M. VELHO DA SILVA

D. João VI, de 6 de Fevereiro de 1818. Deixou grande numero de obras importantes originaes, impressas e muitas obras alheias impressas, que elle ordenou, corrigio e fez imprimir.

* A obra do Dr. Leal tem o titulo seguinte: *Instituições, ou Elementos de Pharmacia, extrahidos dos de Baumé e reduzidos á novo methodo pelo Dr. José Francisco Leal, lente de materia medica e de Instituições medico-cirurgicas na Universidade de Coimbra, para uso das suas preleções academicas, e em beneficio dos alumnos de medicina e pharmacia da mesma Universidade, illustradas e acrescentadas com a vida do sobredito professor e publicadas por Manoel Joaquim Henriques de Paiva, Medico em Lisboa.*

LISBOA

Na officina de Antonio Gomes. Anno M. D. CCXCII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o exame dos Livros.

ESTRANGEIROS

ILLUSTRES NO BRAZIL

DR. LUIZ COUTY

ESBOÇO BIOGRAPHICO

PELO

Visconde de Taunay

Infelizmente para as sciencias, infelizmente para o Brazil e para a sua patria, a França, bem curta foi a preciosa existencia que é motivo deste brevissimo esboço biographico, antes singela enumeração de factos a symbolisarem outras tantas victorias do talento e do trabalho, do que apreciação philosophica e exacta de uma vida tão limitada em seu percurso, quanto admiravelmente preenchida em todas as suas phases rapidas e brilhantes.

Talvez mesmo seja caso de concisão.

Um dos mais notaveis e uteis estrangeiros que, chegados a este paiz americano, a elle dedicaram as melhores forças do corpo e as mais calorosas energias da alma, bastará, de certo, a simples relação do que pôde fazer, aqui e na Europa, Luiz Couty, para de prompto dar a conhecer o seu immenso valor moral, a grandeza das espheras abrangidas pelo seu espirito, a possança indagadora da sua intelligencia e o muito que o mundo delle devêra esperar, si a morte lhe não tivesse logo tolhido o passo.

Difficil será, com effeito, encontrar-se quem, nos mais variados circulos do entendimento humano e em tão apertado prazo, mais tenha produzido, mais investigado, mais conseguido. Na vigorosa phrase de um dos seus biographos, o Dr. d'Arsonval, parece que a natureza, receiosa de vêr por elle desvendados muitos dos seus segredos, se apressou em aniquilal-o !

I

Nasceu o Dr. Luiz Couty em Nantiat, perto da cidade de Limoges, departamento do Alto Vienna (França) a 13 de Janeiro de 1854. Oriundo de familia pouco abastada mas respeitavel, fez com applauso os seus estudos secundarios em Dorat, recebendo a carta de bacharel em lettras no anno de 1871, aos dezesete annos, apenas, de idade. Um anno depois, em 1872, formou-se bacharel em sciencias e, após notabilissimo concurso, conseguiu o logar de assistente interno do hospital de Limoges.

Pouco tempo lá se demorou, pois em 1873 eil-o já em Pariz, a portentosa capital, empenhado de corpo e alma na lucta pela vida. Apresenta-se candidato a uma das vagas do hospital do Val de Grâce e, recemchegado da provincia sem protectores e nem sequer simples conhecidos, é, entre quatrocentos candidatos, collocado em sexto lugar ! Em seguida, occupa diversos cargos de melindrosa clinica em outros estabelecimentos e, em 1875, sustenta these de doutor, a qual foi, a um tempo, corôada pela Faculdade de Medicina de Pariz, pela Sociedade de Cirurgia e pela Academia de Medicina.

Que radiosa estréa de carreira ! Raros a terão tido igual nos annaes da sciencia.

Enthusiasta do grande Claude Bernard e discipulo predilecto do eminente Vulpian, cujos passos fôra seguindo de perto e de cuja estima particular justamente se gloriava, Couty, na posição nova que conquistara a poder de enormes esforços e sacrificios, achou-se, d'entre em breve, em opposição aberta a um chefe seu, o director do

hospital de Saint-Martin, adversario declarado da escola experimental e que não perdia ensejo de manifestar feroz e odiento antagonismo ás idéas e investigações do subordinado, que ousadamente se alistára entre os mais adiantados combatentes dessa nova escola.

Em duas occasiões, bem a claro se accentuou aquelle rancor; uma, negando ao joven medico licença para ir assistir aos ultimos momentos e ao enterro do velho e adorado pai, em Nantiat—ferrenha e injustificavel prohibição, que o prejudicado soube vencer com a maior hombridade e pondo em jogo todos os impetos da sua indignação—outra, buscando, a todo o transe, impedir que fosse pleitear a cadeira de professor adjunto da Faculdade de Medicina de Pariz. Allegava não o achar sufficientemente preparado para tão tremenda prova e, em vesperas do concurso, destacou-o para Bourbon-les-Bains.

Couty recalcitrou. Exigiu a sua demissão, não lh'a deram ; protestou e, só depois de muitas passadas e reclamações, obteve justiça e dispensa daquella intempestiva e acintosa commissão. Desmascarou então com vehemencia a guerra que soffria e confundiu os seus gratuitos detractores pela incontrastavel proficiencia, que á saciedade demonstrou em prelecções publicas e decisivas.

Foi classificado em primeiro lugar !

Triumphára, de certo ; mas quantos odios não suscitára contra si, quantas prevenções e invejas !...

Nesse tempo, em Junho de 1878, o sabio e venerando Vulpian recebera do Senhor D. Pedro II, Imperador do Brazil, incumbencia de escolher quem, no seu conceito, estivesse mais no caso de bem reger a cadeira de lente de biologia applicada na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro.

Não podia o abalisado mestre esquecer o destemido luctador, cujos rapidos progressos fôra com vivo interesse acoroçoando, dirigindo e applaudindo sempre.

Propõe o lugar a Luiz Couty. Este o aceita com reconhecimento e enthusiasmo ; pede, sem vacillar, demissão de adjunto á Faculdade de Medicina de Pariz ; dá um pulo á aldêa natal; abraça a mãi e as irmãs ; chega a Bordeaux ; embarca num dos vapores transatlanticos e

parte para a America, alvoroçado de esperanças e immensos planos, como que a conquistar terras virgens e necessarias á completa expansão do seu genio e da sua gloria.

II

Recebido com certa prevenção no Rio de Janeiro, atirou-se Luiz Couty sem demora ao trabalho e alcançou logo assignalado posto no seio da sociedade fluminense tornando-se saliente pela facilidade da palavra e firmeza de conhecimentos technicos.

Modesto sem timidez, desenvolvendo actividade e usando de dicção incisiva e fórmas originaes e attrahentes, fez repetidas conferencias publicas sobre assumptos da sua especialidade ; chamou a si a attenção dos mais conceituados e populares medicos do paiz e, sahindo do circulo que parecia prendel-o pela natureza dos estudos, tão arduos quanto exclusivistas e absorventes, não tardou a encarar de frente os problemas sociaes do Brazil que, pela sua complexidade e importancia, lhe impressionaram mais fortemente o espirito, avido de arcar com difficuldades correspondentes ás multiplas e valiosas forças de acção.

Como que de proposito, ajudava essas tendencias a materia que lhe cumpria ensinar, pois ministrava largo campo á explanação de concatenadas theses, quer no sentido méramente scientifico, abstracto e de investigação experimental, quer no da applicação immediata ás necessidades e aspirações do organismo social.

E, de facto, nada lhe podia quadrar melhor, com os elementos de que já dispunha e manejava como provecto operario, do que o estudo da vida em todas as suas manifestações e consequencias.

A um tempo, esquadrinhava Luiz Couty, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, os menores segredos da conformação da massa encephalica de muitas dezenas de animaes, desde os anthromorphos até aos reptis inferiores, como, em artigos na imprensa diaria, ou em brochuras e folhetos, acompanhava e apreciava com agudeza os factos

variadissimos da sociedade organizada, as suas conveniencias moraes e materiaes, os seus destinos, emfim tudo quanto representa as mais elevadas funcções e a mais ampla conquista do cerebro humano.

E, exactamente naquelle periodo, a nação brazileira entrava numa phase perigosa e febricitante, vendo-se, do modo mais imperioso, a braços com o problema da transmutação do trabalho e da abolição da escravidão, cuja solução não se apresentava facil nem serena ao espirito publico.

Manejava Couty o bisturi de atilado experimentalista e meditava nas mais sérias elocubrações do philosopho e do economista.

Só deixava o laboratorio pelo gabinete; e se desprendia e levantava os olhos do facto analytico, depois de tel-o aprofundado com assombrosa perspicuidade por entre os meandros da acautelada e mysteriosa natureza, era para contemplar em synthese o mundo moral e nelle continuar a desenvolver todas as observações biologicas, sujeitando-as aos factores novos que emanam do valor e da perfectibilidade pensante do homem.

Nas suas viagens pelas provincias do Rio Grande do Sul e de S. Paulo, pôde Luiz Couty devidamente encarar as duas mais graves questões que então se agitavam no Brazil — escravidão e immigração. Colhendo minuciosos dados, já estatisticos, já de simples informações, não raro tanto mais exactos, preciosos e significativos, quanto a origem era humilde, pois buscava sempre e de preferencia interrogar homens do sertão e escravos, descreveu o arguto sabio a situação do paiz com toda a justeza e imparcialidade, ferindo os pontos delicados; mostrou as exagerações, não só daquelles que exigiam progressos repentinos, como dos emperrados e teimosos; fez justiça a quem a merecia, ora dando razão ao fazendeiro, ora o censurando; collocou-se acima das paixões do momento; sustentou sem temor nem acrimonia polemicas; propoz soluções e systemas de transformação, e isto tudo com uma facilidade, uma rapidez de comprehensão, por meio de combinações positivamente estupendas e que enchiam de crescente admiração quantos mais de perto lhe acompanhavam os surtos e planos de futuro.

Salientavam-se, entre estes, dois energicos batalhadores na grande scena da vida — Goffredo Taunay e Silva Telles * — espiritos preparados para receberem as lições e os conselhos de Luiz Couty, que por seu turno pôde com orgulho applaudir uma notavel invenção desses jovens engenheiros brazileiros, até hoje mal apreciada, mas que deveria ter sido aproveitada como importantissimo auxiliar e propulsor do trabalho livre e nacional.**

Era de vêr-se a união intima, toda repassada de gozos scientificos, em palestras interminaveis, daquelles tres amigos, tres luctadores indefessos... E o chefe, cedo, bem cedo, devia cahir para sempre!

Aliás, no meio das incessantes preoccupações do irrequieto espirito, na anciosa febre que o impulsionava cégamente para exagerados esforços intellectuaes, em sua superioridade de homem que sabia quanto já valia, era o trato de Luiz Couty mais possivel ameno, cordial, meigo, a lhe angariar por toda a parte promptas sympathias e sinceras affeições.

III

Em serviço do governo e no desempenho de uma commissão, voltou elle uma vez á Europa e, em Pariz, teve occasião de defender o Imperio americano de accusações, tanto mais graves e dolorosas, quanto eram feitas por pessoas dignas de todo o respeito pela lealdade das convicções anti-escravagistas, notoriamente o senador Schoelcher. O ardor, a fé, a espontaneidade e proficiencia, com que Couty sem demora acudiu em prol do Brazil, mostraram bem que pelo coração já se sentia ligado a uma patria nova, quasi tão estremecida como aquella em que nascêra e que tanto sabia honrar.

---

* Drs. Luiz Goffredo d'Escragnolle Taunay e Augusto Carlos da Silva Telles, engenheiros formados na Escola Polytechnica.

** O seccador de café Taunay—Telles.

Em todas as fazendas em que foi montada essa machina, uns dez annos já passados, prestou e ainda presta excellentes serviços (1897) — *Nota do A.*

E, com effeito, nada excedia os arroubos e eloquente enthusiasmo com que, nos momentos de expansão e a prognosticar-lhe grandioso futuro, fallava desta terra e do porvir que a esperava, uma vez desprendida das pêas que lhe constrangiam o incremento e adoptadas as medidas largas e generosas, que a nossa evolução natural já ia aceitando, embora com lentidão impacientante para quem quizéra marchar um tanto mais rapida e desassombradamente.

Desnecessarias, porém, as convulsões sociaes, as viravoltas radicaes politicas, sempre aleatorias e conturbadoras, a parada brusca na sua marcha gradativa e ascensional, amparada pelo regimen monarchico que tinhamos, tão bello e dignificador quanto seguro e bem ponderado, e que tanto a havia protegido dos azares da sorte e feito progredir.

« No Brazil,* dizia elle em 1884, o caminho é facil e o terreno está muito bem preparado para se alcançarem rapidos progressos. Que é preciso á bem do triumpho? Querer, querer de continuo e sem impaciencia, querer com decisão e tenacidade, querer o todo e os detalhes e sobretudo não se deixar estorvar e deter pelos vãos preconceitos que o nativismo resume todos em si, embora os revista de mil formas diversas.

« Se se quizer, o Brazil ha de evoluir sem luctas violentas nem revoluções, ficando sempre o mesmo Brazil; transformar-se-á por ser mais povoado, mais activo, mais forte e, daqui a trinta e oito annos, poderá celebrar o centenario da sua independencia, mostrando ao mundo um paiz sabia e lentamente organisado, aberto a todas as raças de homens, unido, cheio de patriotismo e para o qual os principios de liberdade, igualdade e solidariedade não foram palavras ôcas sem applicação pratica. »

No dia 19 de Novembro de 1883 se fundára no Rio de Janeiro a *Sociedade Central de Immigração*, mais ou menos nos moldes do vasto e fecundo programma de Luiz Couty. Tambem quantos incitamentos não lhe merecia

---

* *O Brazil Novo* (22 de Maio de 1884).

aquella inolvidavel Associação, que tanto trabalhou desde o dia da sua sessão primordial até começos de 1890?!

E sejam estas linhas, incluidas no escorço biographico de um grande pensador sinceramente devotado ao Brazil, saudosa homenagem a esse valente grupo de homens a que a posteridade saberá fazer justiça e em que tive a honra de collaborar ao lado dos prestigiosos e inesqueciveis Beaurepaire Rohan e Wenceslau Guimarães, já partidos deste mundo, * do philanthropico André Rebouças, o nobilissimo exilado voluntario de Funchal, dos tão prestimosos Carlos Raynsford, David de Sanson, Saturnino Gomes, Ferreira de Araujo, H. Gruber, Octavio Haupt, a nos esforçarmos todos, na mais ingente e enthusiastica propaganda, em prol da immigração européa, do casamento civil, secularisação dos cemiterios, liberdade de cultos, grande naturalisação, lei de terras, leis Torrens e do *homestead*, revogação do Rescripto von der Heydt e dos contractos de locação de serviços, attendendo, ainda mais, a um sem numero de medidas complementares e, ao mesmo tempo, impulsionando a extincção da escravidão e repellindo com a maxima energia a introducção de chins e *culis*, como elemento ethnico mau, pernicioso, inassimilavel.

Que campanha tremenda e gloriosa! Que batalhar de todos os dias e instantes!

Na sustentação daquellas idéas, na propagação de principios tão justos, sensatos, quasi intuitivos, contavamos, em primeiro lugar, com Luiz Couty, e jamais a sua penna ardente e operosissima nos regateou auxilio prompto e efficaz.

Quanto esforço, porém, em tudo isso!

E' que não basta proclamarem-se verdades, para que os outros as aceitem. Levantam-se logo teimosas resistencias, de todos os lados surgem tropeços, alguns naturaes e desculpaveis, outros absolutamente absurdos e inesperados, mas todos capazes de gastar as organisações mais robustas e mais adequadas a renhidos combates.

---

* O Visconde de Beaurepaire Rohan falleceu a 10 de Julho de 1891. Nascêra a 12 de Maio de 1812, no Rio de Janeiro.
Wenceslau Guimarães falleceu a 14 de Novembro de 1890.

Como já dissemos, no problema vital para os destinos do Brazil — a transformação do trabalho — concentrára elle toda a attenção; dahi, essa esplendida serie de artigos que posteriormente reunio em volume — *Le Brésil en 1884* — livro cheio de apreciações geniaes, observações agudissimas, conselhos amadurecidos, livro impressionista quanto possivel, mas de alcance legitimamente scientifico ; e tudo num estylo limpido, convincente e com despreoccupação completa da fórma, o que, de certo, lhe incute mais um encanto e traz curiosas sorprezas ao leitor, preso áquellas paginas palpitantes de vida e de interesse, escriptas dia a dia e, para assim dizer, sobre a perna.

Tudo isto, porém, não se prega impunemente. Luiz Couty teve dolorosa experiencia; mas não era dos que com facilidade se dobram e desanimam. De encontro a grandes obices, centuplicadas as forças, não descansava emquanto os não derrocava. Assim, na constituição de uma sociedade commanditaria para costear o *Messager du Brésil* e fundar a *Revue de France et du Brésil*, que deviam dar o devido elasterio á propugnação de todas as theses uteis ao desenvolvimento da immigração e da gradual extincção do elemento escravo, considerado instrumento de trabalho deficiente e nocivo.

Em fins de Julho daquelle anno de 1884, viu elle quasi plenamente realizados os seus desejos; mas já então sentia certos symptomas que o inquietavam: debilidade physica quasi insuperavel, oppressões, exigencias do corpo ao repouso, a lhe empecerem a comburente e vertiginosa actividade intellectual, que esta lhe não consentia tregoas.

Era a natureza que reagia contra o trabalho exhaustivo e instantes avisos dava ao espirito soffrego só de caminhar, caminhar sempre para diante e quanto mais depressa possivel.

No seu rosto expressivo, em que outr'ora se estampavam as vivas côres da saude e da mocidade, já se liam os signaes de fundo alquebramento e prenuncios de grandes devastações internas.

Nem por isto, porém, julgava Couty dever tomar por conta propria algum descanso. Calculava tel-o a bordo na

viagem transatlantica, que pretendia fazer para Europa em meiados do mez de Novembro, afim de apresentar á familia a bella e adorada mulher, que unira á sua sorte em fins do anno de 1883.

Basta dizer-se que, affectado de uma pneumonia, quasi diariamente descia da Tijuca, onde estava nos ultimos tempos residindo, para vir á typographia do *Messager du Brésil* escrever artigos e corrigir provas!

Tambem, quando cahio prostrado no leito, não houve sciencia de medicos, não houve angustias e dedicação de esposa e amigos, que o salvassem e, ás dez horas e quarenta e cinco minutos da noite de 22 de Novembro de 1884, depois de breve agonia, soltou o ultimo suspiro.

As suas derradeiras palavras foram: *Allons, c'est bien fini!* proferidas com a convicção e serenidade do profissional, que lavra sentença fatal e irrevogavel e se inclina perante mais uma victoria da morte!

E, de facto, até aos extremos instantes de vida ainda prescrevia medicamentos para si e com os dedos já hirtos e frios procurava no quasi extincto pulso seguir os progressos da destruição naquelle organismo, que tanto se agitara e tanto resistira.

E não tinha senão pouco mais de trinta annos de idade!

IV

Eis, em pallido e desalinhado resumo, a existencia de Luiz Couty.*

---

* Por occasião do seu fallecimento, não faltaram manifestações do mais acerbo pezar. A imprensa toda do Rio de Janeiro, em sentidissimas phrases, lamentou a desapparição de tão illustre pensador, salientando-se a eloquente pagina que, em editorial da *Gazeta de Noticias*, escreveu o Dr. Ferreira de Araujo. Em Pariz, causou a sua morte profunda impressão, sendo motivo de triste menção em todas publicações scientificas, que dedicaram longos elogios biographicos ao imperterrito lidador, de repente cahido no ardor do grande combate em prol da sciencia.

Aberta uma subscripção na *Gazeta de Noticias* para o tumulo desse leal amigo do Brazil, sepultado no cemiterio de S. João Baptista a 23 de Novembro de 1884, depressa se attingio á somma necessaria para compra, não só da concessão perpetua do carneiro

Do mesmo modo, porém, que o nosso espirito só de prompto apprehende os resultados e estragos de sangrentas batalhas ou de demorados sitios, vendo em synthetico quadro estatistico o numero de mortos e feridos ou de projectis arremessados contra a praça investida, assim tambem agora pasmará o leitor, deixando correr os olhos pela estupenda relação de trabalhos scientificos e sociologicos que, além de innumeros artigos na imprensa diaria, sahiram da penna de tão extraordinario ente, marcados todos elles com o cunho de uma intelligencia excepcional e consagrada exclusivamente á indagação da verdade e aos grandiosos problemas, que em todos tempos impressionaram os homens mais eminentes na historia da humanidade.

A lista das publicações do Dr. Couty é a seguinte:

1.º — NA SOCIEDADE DE BIOLOGIA DE PARIZ

1876 — Estudos experimentaes sobre a entrada do ar nas veias.— Acção dos anesthesicos no elemento peripherico nervoso. —Acção da parada encephalica nas funcções circulatorias. —Relações do encephalo com o systema sympathico.— Myelite aguda das corneas anteriores.—Purpura hemorrhagica. — Perturbações vaso-motoras e thermicas por compressão da medulla.—Papel trophico das radiculas posteriores medullares.—Temperatura das partes periphericas nas molestias febris.

1877 — Asphyxia por lesão do systema sympathico.—Acção de bolhas gazosas do sangue na circulação capillar. — Tumor do pedunculo esquerdo do cerebro.—Hemianesthesia mesocephalica.—Influencia da excitação dos sentidos no coração e

---

n. 832, como de uma formosa pedra marmore, em que foi gravada a seguinte e commovente inscripção :

Este modesto canto da immensa terra brazileira
pertence
para todo sempre ao
doutor
LUIZ COUTY
doado
por muitos dos seus admiradores e amigos
como prova de saudade e gratidão
ao joven e illustre sabio tão
cedo roubado ao Brazil e
á
França
sua patria

Nasceu aos 13 de Janeiro de 1854
Falleceu
aos 22 de Novembro de 1884

nos vasos. — Modificações cardio-vasculares produzidas pelas excitações sensoriaes e emocionaes. (Estes dois trabalhos em commum com o preclaro Charpentier, sendo o ultimo publicado pela Academia das Sciencias de Pariz.)

1878 — Acção physiologica do mate.

1880 — Observações sobre a pretendida zona motriz do cerebro. — Excitabilidade mecanica do involucro do craneo.—Curarisação progressiva; effeitos da excitação muscular pela acção do curare.

1881 — Perturbações motoras por lesão no cerebro do macaco e do cão. — Perturbações sensitivas e intellectuaes dependentes de lesões e experimentaes no cerebro do cão e do macaco. — Effeitos das lesões e excitações corticaes do cerebro. — Acção do veneno das cobras.

1882 — Caracteres communs do veneno das cobras e sapos. — Zona motriz do cerebro dos papagaios.

1883 — Acção dos alcools na excitabilidade do cerebro. — Estado do pneumogastro denominado esgotamento. — Primeiro periodo de strychinisação. — Influencia do frio prolongado (com o Dr. Guimarães). — Influencia do café na nutrição (com o Dr. Guimarães).— Acção do café na composição do sangue.

1884 — Algumas funcções medullares no cão.

2.ª — NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE PARIZ

1878 — Investigações sobre a temperatura nas febres. — Investigações sobre a acção physiologica do mate.

1879 — A não excitabilidade do involucro pardo do cerebro. — A acção do veneno do Bothrops jararacussú (com o Dr. Lacerda). — Um curare novo, extrahido da planta *Strychnos triplinervia*. — Origem das propriedades toxicas do curare dos indios. — Comparação da acção de diversos curares nos musculos lisos e estriados (com o Dr. Lacerda). — Caso num musculo liso.

1880 — Algumas condições da excitabilidade cortical do cerebro. — Fórma e séde dos movimentos produzidos pela excitação cortical do cerebro.— A difficuldade de absorpção e effeitos locaes do veneno do Bothrops (com o Dr. Lacerda). — As reacções na zona chamada motriz nos animaes paralysados pelo curare.

1881 — Natureza inflammatoria das lesões causadas pelo veneno do Bothrops.—Natureza das perturbações produzidas pelas lesões corticaes do cerebro.—Mecanismo das perturbações provenientes de lesões corticaes. — Acção do mate nos gazes do sangue (com o Dr. d'Arsonval). — Mecanismo das perturbações motoras derivadas de excitações ou lesões das circumvoluções cerebraes.

1882 — Analogia dos effeitos das lesões centraes e corticaes do cerebro.— Acção do permanganato de potassio contra os accidentes do veneno da jararaca.—Acção convulsiva do curare. —Analogia e differenças do curare e da strychnina em relação á acção physiologica.

1883 Origem medullar das paralysias consecutivas a lesões cerebraes.—Bilateralidade dos movimentos de origem cerebral em varias especies. — Cruzamento dos movimentos de

origem cerebral.— Estudo dos nervos sensitivos na intoxicação curarica.— Excitabilidade na superficie das partes fundas do cerebro.

1884— Distribuição physiologica de duas classes de movimentos.— O mecanismo medullar das paralysias de origem cerebral.— Acção do café na composição do sangue e as trocas de nutrição (com Guimarães e Niobey).

3.° — NOS ARCHIVOS DE PHYSIOLOGIA

1876— Estudo sobre a influencia do encephalo nos musculos da vida organica e especialmente nos orgãos cardio-vasculares.

1877— Pesquizas experimentaes sobre os gazes livres intra-arteriaes. — Investigações sobre os effeitos cardio-vasculares das excitações dos sentidos.

1879— Seis experiencias de excitação do involucro pardo do cerebro nos macacos.

1880— Indicações sobre a temperatura peripherica e as condições de variabilidade. — Curare, sua origem, acção, natureza, emprego (com o Dr. Lacerda).

1881— As lesões do cerebro.

1883— O cerebro motor.

1884— Ainda o cerebro motor.

4.° — NA GAZETA DE MEDICINA E CIRURGIA

1876— Purpura de origem nervosa.

1877— Um caso de tumor que destruira o pedunculo cerebelloso inferior.— A hemianesthesia mesocephalica.

1878— Perturbações sensitivas de origem mesocephalica.

5.° — NA REVISTA SCIENTIFICA

1881— A criação do gado na America do Sul.— Um alimento novo.— O mate.— O consumo da carne e conservas.

1882— O café.

1883— O curare.

6.° — LIVROS, BROCHURAS, PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

These de doutoramento.— Investigações experimentaes acerca da entrada do ar nas veias. (1875.— Paris.— G. Masson).

These de concurso na Faculdade de Medicina. — Terminação dos nervos na pelle. (1878.— Paris.— G. Masson).

Relatorio sobre uma primeira excursão á zona cafeeira de S. Paulo. (Rio de Janeiro. — 1879).

Os estudos experimentaes no Brazil. («Revista Brazileira».— 1879).

O mate e as carnes conservadas. (Rio de Janeiro. — 1880. — 242 pags).

Lição inaugural do curso de Biologia. (Rio. — 1880).

A machina de seccar café, systema Taunay-Telles. (1881.— Rio).

A escravidão no Brazil. (Paris.— 1881).

A propaganda, na Europa, do café e carne secca (com os Drs. Taunay e Telles.— 1882. — Rio de Janeiro.)

Biologia industrial.— O Café. (Rio. — 1883. — 176 pags.)

A febre amarella.— Estudos de hygiene social. (Rio.— 1883).

O Brazil em 1884. (Rio. — 1884. — 416 pags).

O café, sua cultura, preparo, permutas e usos. (Rio.— 1884).

Ao todo, sem contar infindos artigos diarios, 92 trabalhos scientificos, muitos dos quaes excitaram a admiração de homens da estatura de Brown-Sequard, Vulpian, Charpentier e d'Arsonval, estes dois ultimos seus amigos e companheiros, que tomaram o honroso compromisso de publicar em volume a parte mais importante de toda a obra de Luiz Couty.

Era, aliás, a grande ambição do illustre experimentalista encerrar e concretisar todas as suas observações e pesquizas num livro sobre o cerebro e o systema nervoso, essa chave do organismo physico, humano e consequentemente social.

Do plano geral déra já Couty idéa, a 15 de Março de 1884, ao seu amigo Charpentier nos seguintes termos:

« Por mim, está tudo prompto. Primeiro jacto — 500 paginas da minha lettra, que darão 800 de impressão. — Eis o que faço. Após uma lição de *vulgarisação*, que constitue o primeiro capitulo, entro no assumpto pelo estudo dos movimentos suppostos cerebraes e, nostres capitulos posteriores, mostro como elles se produzem, bem como suas perturbações por meio do bulbo e da medulla. »

E depois de indicar a natureza das sensações *conscientes e inconscientes*, analysa as funcções psychicas, que estuda methodica e progressivamente.

« Percepções e idéas. Séde cerebral. Fórmas conscientes, dependendo da associação do mesocephalo. — Natureza *emocional* e em seguida *social* da idéa e, a este respeito, a *linguagem*. — Formação da idéa.

« (A) — A hereditariedade, o instincto.

« (B) — A *educação* pessoal ou *adquirida*. Os factores physico-chimicos (*coma*). — Os factores biologicos (*somno*). — Os factores sociologicos (*loucura*). — Desenvolvimento cerebral. — Resultantes: a personabilidade, sua constituição e papel. — Variações da personalidade; *alcoolismo*, *hysteria*, *paixões*. — O modo de proceder; escolha dos motivos ideativos ou sensitivos; *liberdade*.

« (C) — Associação das personalidades: *sociologia*.

« O plano é vasto, dizia Couty com sobranceria, mas indispensavel é comprehendel-o assim, para sahir dos pontos de vista restrictos, dos horizontes acanhados, das

concepções mal definidas, emfim da balburdia, em que gyram hoje todas essas questões.

« Tentarei mostrar, de encontro a Darwin, Spencer, Bain e tantos outros, que as leis biologicas não explicam os factos psychicos e sociaes. A' selecção natural contraporei a individualisação, a inversa da especie, e mostrarei que a selecção sexual desapparece ante as mil fórmas da associação, mal se desenvolvam um tanto as funcções do cerebro.

« Acima dos factos psycho-chimicos e biologicos, admitto terceira classe de factos, materiaes — está entendido — os *psychicos*, que coincidem com a *acção associada* de diversos orgãos, ou partes de orgãos nervosos centraes; e aos outros orgãos biologicos hereditarios opponho o *systema* cerebral, cujas funcções dependem da educação.»

V

Muitos projectos de elucidação scientifica ficaram assim inconclusos, ou simplesmente esboçados. De subito se embebeu nas trevas da morte o olhar que investigava já longe e ia descobrindo résteas de luz para si e para quantos, chegados mais tarde, se atirem ardentes ás grandes conquistas da verdade.

Não importa!

O progresso é filho primogenito da lucta.

Se, no assalto da temerosa cidadella, cahiu quem tomára o primeiro degráo da escada, subam outros; e mais tarde, os felizes, os corôados dos louros da victoria saibam erguer um hymno de amor e gratidão áquelles que deram de barato a vida com todas as suas commodidades e egoismos e na encarniçada pugna succumbiram á bem de todos e para honra da humanidade.

Nesse dia, o nome de Luiz Couty de certo não será esquecido, lamentando a sciencia, no contemplar frio e sereno das cousas, que com elle se houvesse realisado a flébil e meiga sentença de Pindaro: Felizes os que morrem moços!

BIOGRAPHIA

DE

brazileiros illustres nas armas, sciencias, lettras, etc.

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

DADOS BIOGRAPHICOS COLLIGIDOS

PELO

Visconde de Taunay *

1802 — A 30 de Janeiro nasceo em S. Malô (França) Augusto João Manoel Leverger, filho legitimo e primogenito de Mathurino Leverger e Regina (Reine) Combes.

1819 — A 1° de Maio partio com o seu pae para a America do Sul, onde abraçou a carreira maritima.

1820 — Immediato da escuna franceza *Angelica*, embarcou, nesse caracter, no paquete *General Lecór*, em que fez varias viagens de cabotagem, podendo assim estudar cuidadosamente a hydrographia do Rio da Prata.

1821 — A 30 de Abril perdeu a extremosa mãi, que ficara em França. Continuou a navegar nos rios Paraná e Uruguay e estuario do Prata.

1822 — Falleceu-lhe o pae em Buenos Aires.

1823 — Todo o anno em Buenos Aires, procurando liquidar os poucos haveres paternos, o que não conseguio.

* A biographia desenvolvida desse benemerito servidor está prompta para ser dada á estampa. (*Nota do Autor*).

1824 — Tornou a bordo do *General Lecór*, onde ainda esteve varios mezes. Pedio afinal ser admittido no serviço da Armada brazileira, o que lhe foi permittido em virtude do aviso de 11 de Novembro, com praça de 2° tenente em commissão, embarcando na fragata *Nicteroy*.

1825 — Promovido a 2° tenente effectivo por decreto de 26 de Abril. Destacou da *Nicteroy* para a náo *Pedro Primeiro* a 26 de Agosto, regressando áquella fragata a 17 de Setembro.

1826 — Foi passado para a fragata *Thetis*, a 15 de Novembro.

1827 — A 19 de Abril foi para a fragata *Principe Imperial*. — A 12 de Outubro teve promoção de 1° tenente pelo commandante-chefe da esquadra no Rio da Prata, em virtude dos actos de bravura e distincção especial em repetidos encontros. Passou para a fragata *Piranga* a 8 de Novembro e a 21 voltou á fragata *Principe Imperial*. — Confirmada a promoção, teve, a 13 de Dezembro, o commando da bombardeira *Dezenove de Outubro*.

1828 —Representou brilhante papel no renhido combate da Ponta de Lara a 16 de Junho, merecendo ser condecorado com a ordem do Cruzeiro por decreto de 18 de Julho. — Distinguio-se tambem muito na acção do Salado a 30 de Agosto. — A 8 de Setembro passou a commandar a corveta *General Dorrego*.

1829 — Desembarcou daquelle navio no Rio de Janeiro. — Foi nomeado, a 15 de Outubro, commandante das canhoneiras empregadas no rio Paraguay e ao serviço da provincia de Matto Grosso.

1830 — Em Novembro chegou, pela linha fluvial dos rios Tieté, Paraná, Pardo, de um lado, e Camapoan, Coxim, Taquary, Paraguay e affluentes, do outro, a Cuyabá, onde, mezes depois, aproveitando os muitos lazeres, abrio uma aula gratuita de mathematicas elementares.

1831 — Por aviso de 1° de Dezembro se declarou que continuasse no exercicio do seu posto, visto haver collaborado activamente nas luctas do Rio da Prata.

1834 — Partio em Março de Cuyabá e apresentou-se ao Quartel General da Marinha a 29 de Setembro.

1835 — Por aviso de 30 de Janeiro teve um anno de licença. — Nomeado para embarcar na fragata *Campista* a 4 de Abril, foi revogada a ordem em vista da licença em cujo goso se achava, como consta do aviso de 13 daquelle mez.

1836 — Apresentou-se em 30 de Janeiro, concluida a licença. Por aviso de 14 de Abril teve prorogação dessa licença por mais seis mezes, sem vencimentos. Reformado no posto de 1° tenente sem soldo, já por não ter tempo para a reforma, já por ser estrangeiro não naturalizado.

1837 — Novamente chamado ao serviço activo, foi, por aviso de 6 de Julho, nomeado commandante das canhoneiras de Matto Grosso, ficando, por decreto de 6 daquelle mez, sem effeito a reforma que lhe fôra dada, devendo contar-se-lhe antiguidade da data do posto. Por aviso de 7 do mesmo mez foi declarado, que não só era encarregado da flotilha fluvial, como da exploração do rio de Paraguay e outros daquella provincia. — Promovido, em 7 de Setembro, a capitão-tenente, por decreto de 15 desse mez, mandou-se-lhe contar antiguidade deste posto desde 22 de Outubro de 1836, data da anterior reforma.

1838 a 1840 — Desceu e explorou os rios Cuyabá, S. Lourenço e Paraguay. Fez duas viagens á fronteira do Sul.

1841 — Por decreto de 14 de Junho, foi nomeado consul geral do Imperio na Republica do Paraguay, ficando dispensado da commissão que exercia em Cuyabá. Condecorado com a Ordem da Rosa por decreto de 18 de Julho.

1842 — Em Abril partio para Assumpção, mas vio-se obrigado a regressar, porquanto as autoridades paraguayas não o deixaram passar além do forte Olympo. — Por decreto de 23 de Julho, teve promoção de capitão de fragata. — Pelo aviso de 25 de Agosto teve classificação na 1ª classe dos officiaes da Armada.

1843 — Foi, por decreto de 20 de Maio, exonerado do lugar de consul geral. — A 25 de Outubro casou-se, em Cuyabá, com D. Ignez de Almeida Leite,

viuva de Benedicto Leite. — Teve ordem de seguir até Assumpção a cumprimentar o presidente do Paraguay D. Carlos Antonio Lopez.

1844 — Apresentou-se em Fevereiro, de volta a Cuyabá, seguindo para o Rio de Janeiro, chamado pelo aviso de 27 de Janeiro. A sua apresentação ao quartel general da marinha foi a 5 de Outubro.—Por aviso de 11 de Novembro, teve, pela terceira vez, ordem de regressar á provincia de Matto-Grosso a desempenhar as funcções, de que estivera encarregado. —A 13 daquelle mez prestou juramento de cidadão brazileiro, apresentando a sua carta de naturalisação a 25. — Por decreto de 2 de Dezembro foi condecorado com o officialato da Imperial Ordem da Rosa.

1845 — Partio, a 1 de Janeiro, para Cuyabá, onde chegou nos primeiros dias de Abril, tendo seguido viagem terrestre pela provincia de S. Paulo.

1846 — Recebeu, em começos deste anno, ordem de ir estacionar em Assumpção com duas canhoneiras á disposição do ministro brazileiro Pimenta Bueno. Explorou então o rio Paraguay até á confluencia com o Paraná.

1847 e **1848** — Completou os seus estudos hydrographicos relativos ao Alto Paraguay.

1849 e **1850** — Acompanhou os dois presidentes successivos Joaquim José de Oliveira e João José da Costa Pimentel nas digressões que fizeram ás fronteiras da Bolivia e do Paraguay, percorrendo, nessa ultima, parte do districto de Miranda.

1851 — Entrou, a 11 de Fevereiro, no exercicio de presidente da provincia de Matto Grosso, cargo para o qual fôra nomeado por decreto de 7 de Outubro de 1850. Recebeu a noticia dessa nomeação, quando se achava no forte de Coimbra.

1852 — Por aviso de 26 de Janeiro, communicou-lhe o governo Imperial haver sido nomeado tambem commandante das armas da provincia.—Por decreto de 3 de Março, foi promovido a capitão de mar e guerra.—Exonerado a 16 de Novembro do commando das armas, declarou-se, a 3 de Dezembro, essa exoneração sem effeito,

1854—Foi, por decreto de 2 de Dezembro, promovido a chefe de divisão (contra-almirante).

1855—Sahio de Cuyabá, a 1 de Fevereiro, com destino ao forte de Coimbra e á fronteira da provincia, afim de apoiar, á frente das forças da provincia de Matto Grosso, a demonstração militar feita pelo chefe de divisão Pedro Ferreira de Oliveira contra o governo do Paraguay.

1856—De 14 de Fevereiro de 1855 até 10 de Novembro do anno seguinte conservou-se estacionado naquelle presidio de Coimbra, vigiando e protegendo a fronteira. Em fins deste anno voltou a Cuyabá.

1857—A 1 de Abril passou a administração publica ao vice-presidente Albano de Souza Osorio, que tivera nomeação desse cargo desde 31 de Março de 1843. Augusto Leverger administrou, dessa vez, Matto Grosso por espaço de seis annos, um mez e dezoito dias.—Por decreto de 6 de Junho, nomeado commendador da Ordem de S. Bento de Aviz.— Exonerado, por carta Imperial de 5 de Setembro, do cargo de presidente de Matto Grosso, e nomeado, a 22 daquelle mez, 1° vice-presidente.

1858—Foi reformado, conforme pedira, no posto de chefe de esquadra (vice-almirante) graduado, a 26 de Maio, tendo, por aviso de 1 de Outubro, licença para fixar residencia em Matto Grosso.

1859-1862—Passou vida tranquilla no seio da familia, occupado sempre com os seus grandes trabalhos ou hydrographicos, relativos aos rios da provincia, ou concernentes ás fronteiras.

1863—Como 1° vice-presidente teve que assumir, a 12 de Março, a administração por causa da partida do presidente Herculano Ferreira Penna. Entregou-a, a 15 de Julho, ao 16° presidente da provincia Alexandre Manoel Albino de Carvalho.

1864—Instado pelo governo Imperial partio, em Outubro, de Cuyabá a explorar o districto de Miranda até á fronteira do Apa. Em Dezembro estava de volta, obrigado a interromper aquella exploração pela entrada da estação das aguas fóra das habituaes previsões, o que foi providencial, porquanto, do contrario teria, nos ultimos dias de Dezembro sido uma das primeiras victimas da

invasão paraguaya. Correu, aliás, esta noticia no Rio de Janeiro, sobresaltando o governo e quantos apreciavam devidamente tão illustre servidor do Estado.

1865—Em vista da violação do territorio brazileiro salteado por numerosas forças inimigas e da subida dos vapores paraguayos pelo rio Paraguay, ameaçando a capital Cuyabá, que se possuio de terror panico, Leverger apresentou-se ao presidente Albino de Carvalho a 20 de Janeiro para ir fazer frente ao inimigo, impedindo-lhe o passo no Melgaço, á beira do rio Cuyabá. Foi o serviço de maior relevancia prestado pelo benemerito cidadão, o ponto culminante da sua proveitosissima carreira. Incalculaveis, na verdade, os effeitos de pavor, que se apoderára de toda a população: abandono da capital, sua occupação pelo inimigo, fugida de milhares de familias para os mattos e sertões, perda de um sem numero de vidas, desbarato enorme de bens materiaes, além da vergonha de toda a nação. Naquelle momento, foi Augusto Leverger o antemural de Cuyabá e de todo o Brazil.—No dia 21 de Janeiro, sem se ter despedido da familia, chegou ao Melgaço á frente de um primeiro destacamento de 300 praças, elevado depois a cerca de 1.000 e, ás pressas, levantou fortificações passageiras, que os paraguayos não ousaram vir atacar. Em fins de Março, passado o perigo das consequencias do terror e mortal desalento, voltou, doente de febres, a Cuyabá, onde foi recebido como salvador da patria, no meio das mais delirantes acclamações. —Por decreto de 7 de Julho deu-lhe o governo Imperial o titulo de barão de Melgaço com grandeza.—A 6 de Agosto teve, como 1° vice-presidente que assumir a administração da provincia, sendo nomeado presidente por carta Imperial de 2 de Outubro.

1866—Já em exercicio, prestou juramento e tomou posse do cargo a 13 de Fevereiro.—Em Março adoeceu-lhe gravemente a mulher.—A 1 de Maio passou a presidencia ao 2° vice-presidente Albano de Souza Osorio.—A 30 desse mez de Maio falleceu a estremecida esposa.—Em Julho, acommettida a cidade por horrivel epidemia de variola, prestou admiraveis serviços, dando proficuos exemplos de sangue frio e actividade.

1868 — Por decreto de 25 de Julho se vio, pela terceira vez, nomeado presidente de Matto Grosso.

1869 — Tomou conta da administração a 26 de Maio.

1870 — Passou a direcção da provincia a 10 de Fevereiro ao 2.° vice-presidente Luiz da Silva Prado. Teve exoneração do cargo por decreto de 31 de Maio, nomeado, em seu lugar, o coronel Dr. Francisco Antonio Raposo, depois barão de Caruarú.

Desde então, completamente retirado da vida publica, aliás já com a idade de 68 annos, viveu cercado sempre da mais alta consideração do governo e de todos os brazileiros, do amor da familia e do reconhecimento e veneração de todo o Matto Grosso.

1880 — A 4 de Janeiro escrevia á irmã, que ainda hoje existe, freira n'um convento do Sul da França, * as seguintes palavras: « Entro neste anno sob auspicios pouco favoraveis. Ha cinco dias soffro bastante, e a minha fraqueza augmenta. »

A 14 desse mez de Janeiro exhalou o ultimo suspiro, contando de idade 78 annos, menos 16 dias.

Ao inclyto Augusto Leverger, barão de Melgaço, cabe perfeitamente o alevantado appellido de Ricardo Franco do Brazil-Imperio, do mesmo modo que áquelle eminente militar é applicavel o de Augusto Leverger dos Tempos coloniaes.

Ambos se valem pelo conjuncto de qualidades scientificas, civicas e guerreiras, honestidade, habitos de trabalho, superioridade de vistas, desinteresse, modestia, pundonor e profundeza de conhecimentos technicos.

Está a desafiar a penna de um Plutarco o estudo parallelo e comparativo da vida desses dous bellos typos de homens, que consagraram a existencia inteira e laboriosissima á grande zona mattogrossense e ao serviço e dignidade da Patria.

---

* Nascida em 1812, tem para cima de 85 annos (1897).

A INDEPENDENCIA DO BRAZIL

Grandiozos acontecimentos encheram o periodo historico de 1822.

Realizou-se o dia do *Fico*, em que D. Pedro, desobedecendo ao governo do rei, permaneceo no Brazil, porque os Brazileiros, que almejavam a independencia, fizeram grande oppozição a sua partida para Portugal. Foi esse o prologo da revolução da independencia, e lançado á frente d'essa revolução entuziasmou-se D. Pedro pelo seo rezultado, e conseguio libertar um povo, e crear uma nação. Provocou aquelle acto a sedição militar das tropas portuguezas no Rio de Janeiro, que passou rapida, não ouzando os soldados europeos combater. Tambem sem travar luta teve de regressar a esquadra luzitana, que apareceo com aspecto hostil na barra do Rio de Janeiro. As desordens imminentes, que surgiram em Minas-Geraes desapareceram subitamente logo que o principe apareceo n'esse territorio, de onde voltou seguido de aclamações e de bençãos.

As medidas hostis tomadas pelas côrtes de Lisboa contra o Brazil levaram o povo a offerecer ao principe regente o titulo de defensor perpetuo do Brazil, que elle aceitou.

Convocou D. Pedro um conselho de procuradores das provincias, e logo após uma assembléa constituinte e legislativa. Declarou inimigas todas as tropas, que de Portugal ou de qualquer outra nação fossem enviadas ao Brazil

sem previo consentimento seo. Reunio em conselho os procuradores geraes das provincias, e ordenou, que lei alguma promulgada pelas côrtes portuguezas fosse no Brazil obedecida sem o seo cumpra-se. Em eloquente manifesto dirigio-se aos governos e nações amigas expondo a situação do novo estado, aprezentando seos portos abertos ao commercio de todas as nações e offerecendo-se a estabelecer e cultivar relações diplomaticas.

Mandou á Bahia o brigadeiro Pedro Labatut para bater as tropas luzitanas de Ignacio Luiz Madeira de Mello, e tambem enviou uma esquadrilha para bloquear a cidade.

Existindo lutas de partido em São-Paulo partio para lá, e com a sua prezença operou o mesmo milagre, que realizára em Minas; destruio as intrigas, aplacou os odios e plantou a reconciliação. Estando na planicie do Ipiranga bradou « Independencia ou Morte » e esse grito foi o despertar gloriozo de um povo. Similhante acontecimento deo-nos patria, instituições livres e os elementos de prosperidade.

Mas como surgio essa grandioza idéa da emancipação politica do Brazil, qual o autor do pensamento emancipador, qual o braço herculeo que pôde realizal-o?

Surgio essa idéa no animo de todos os Brazileiros, e operou-se acceleradamente, por que era o voto popular. Não foram os homens, que guiavam os factos, mas foram os factos que correram adiante dos homens. A libertação do Brazil foi obra mais da natureza do que dos seos filhos. Foi consequencia da sua virilidade, pezando na balança politica os erros e injustiças das côrtes portuguezas e a retirada de D. João VI para apressal-a.

Concorreo muito para esse notavel acontecimento a revolução republicana de Pernambuco em 1817. Si a principio pareceo ella servir sómente para augmentar o kalendario dos martires da patria, vio-se, que na verdade preparou os animos do povo. Si foram victimados os patriotas Brazileiros, que levantaram n'aquella data o pavilhão da liberdade, não morreo com elles a sua idéa; a revolução não cessou, persistio no coração do Brazil mais forte, mais valente, mais irritada pela compressão e

mais cheia de vigor e vida. Em 1822 estavam os espiritos preparados para soltar o grito da independencia, que repercutio em todos os pontos da terra de Santa-Cruz desde que as côrtes de Lisboa, para melhor opprimir e enfraquecer o paiz, trataram de dividil-o, e pondo em pratica o axioma—Divide et impera—erigiram as côrtes em principio politico a desunião de todas as autoridades de cada provincia.

Era facil de ver, que o Brazil, em vez de constituido com as prerogativas de reino, e acostumado a ver emanarem de si as ordens para os diversos pontos da monarchia, não se sujeitaria a voltar á condição de colonia. Além d'isso chegára ao Brazil a época em que comprehendia, que podia viver só. Irrompia o pensamento emancipador por todos os póros da nova sociedade, e era conhecida e evidente a vontade do povo para realizar a sua independencia. E por si só o Brazil a faria.

Conhecia D. Pedro o voto popular, manifestado francamente desde que a idéa do regresso de D. João VI á Europa foi sancionada pela sua efectiva retirada do Brazil.

Hezitou o principe a principio anticipar-se, arrastado pelo amor filial e dezejozo de ser herdeiro de todos os estados de seo pae ; porém a conducta violenta das côrtes, as solicitações dos Brazileiros, a ambição de adquirir a gloria de ser chefe de um povo novo, e o seo ardor e entuziasmo de moço levaram-no a espozar a cauza da patria adoptiva.

Soube destruir a oppozição do general Jorge d'Avilez no Rio de Janeiro; soube repelir o general Madeira de Mello, que abrio rezistencia na Bahia com vigor e persistencia, e vio Montevidéo, então territorio brazileiro, ocupado pela força inimiga. Faltavam a D. Pedro meios para aprezentar grande exercito, e fazer avultadas despezas, mas o paiz ergueo-se e surgiram legiões com a presteza que em antigas eras ambicionava Pompeo.

Colocado á frente do governo, dispondo da força militar e do thezouro publico, foi o auxilio de D. Pedro de grande importancia para a libertação do Brazil. Deo-lhe um centro de poder, grande força moral e recursos

materiaes indispensáveis. Cooperou muito a sua adhezão para o feliz desenlace e tornou-se o mais poderozo elemento do triunfo. Sem o seo braço e apoio a independencia se realizaria; porém si elle a impugnasse, desde logo não caminharia o projecto tão facilmente, e viriam males e lutas, transformando-se em recursos contrarios os proprios recursos postos em favor d'essa mesma cauza.

Pela sua pozição especial não podia D. Pedro permanecer neutro na luta; e o seo voto, que muito podia ajudar a emancipação politica do paiz, tambem muito podia embaraçal-a, si fosse contrario a esse movimento politico. Vê-se pois, que relevante foi o serviço, que elle prestou abraçando á cauza do Brazil, e pela sua gerarchia, prestigio e pozição social tornou-se ponto culminante n'essa cauza e o primeiro chefe do partido nacional. Na luta da independencia ninguem com justiça e verdade póde negar, que é saliente e imponente a figura do regente do Brazil.

« No Brazil, diz o conselheiro Alencar Araripe, ninguem tinha nem mais nem tanto poder como elle, por tanto ninguem prestou maior nem igual serviço ao que elle prestou á cauza emancipadora.»

Facil é tambem provar a importancia de Jozé Bonifacio de Andrada Silva na obra da independencia nacional. Chamado ao ministerio, procurou atrair a si o principe e os Brazileiros, que podiam por sua pozição e conhecimentos secundal-o na dupla tarefa de constituir a nação e rezistir a Portugal. Homem de mais reputação publica da época, soube guiar o principe, afastar as suas hezitações, oriental-o das circunstancias do novo paiz, e leval-o até ao caminho do Ipiranga. Deo importancia e poder á cauza nacional, augmentou a confiança publica, e pelo seo saber, prestigio e tino politico concorreo muito para a libertação da patria. A historia de sua vida é a historia da independencia do Brazil. Si não teve a iniciativa do movimento nacional operado em São-Paulo para a estada de D. Pedro no Brazil, foi elle quem redigio e influio para que chegasse ao principe a reprezentação de 24 de Dezembro, que tanto cooperou para aquelle facto politico. Expedio ordens e providencias a prol da

independencia, e é o seo vulto um dos mais proeminentes d'essa cruzada nobre e elevada chamada emancipação politica.

Conspicuo papel reprezentou Jozé Clemente Pereira nos acontecimentos, que abriram o caminho, que devia levar o paiz á liberdade. Colocado á frente da população portugueza, que queria a independencia do Brazil, arrastou comsigo o voto de muitos dos seos compatriotas, e por isso foi assás importante a sua adhezão ao partido brazileiro. Não reprezentava elle um só individuo, porém uma classe, um partido, uma nacionalidade. Dispondo da primeira cadeira da municipalidade, tinha o seo voto uma expressão geral, a do povo. Intelligente e energico, soube tomar a dianteira em todos os negocios. Decidido e audaz conseguio com seo exemplo e sua palavra apressar a liberdade do paiz, que adoptava por seo. Principal personagem do dia do *Fico*, foi elle quem escolheo o dia 9 de Janeiro, e quem guiou e dispoz o modo da reprezentação do povo chegar ao Principe. Por esse acto iniciou elle a revolução da independencia. Foi elle a boca do povo, que falou em todos os acontecimentos grandiozos do anno de 1822.

Como prezidente da municipalidade empregou sempre linguagem nobre e elevada dirigindo-se ás côrtes portuguezas, e jamais deixou de pugnar pelos sentimentos patrioticos do Brazil. Si a sua palavra repercutio em todos os acontecimentos de 1822, tambem as suas forças, a sua actividade concorreram para os actos, para todas as providencias, para todos os factos, que abrilhantaram o anno de 1822. Jozé Clemente e Jozé Bonifacio, pertencentes á maçonaria, muito cooperaram para que essa associação servisse de club director do movimento libertador do Brazil. E foi na maçonaria, que appareceram as primeiras vozes em favor da independencia; ali reuniram-se os primeiros conjurados, ali brotaram as primeiras idéas, e forjaram-se os planos da conspiração da liberdade brazileira.

Assim solida é a gloria de Jozé Clemente Pereira na obra monumental da independencia do Brazil.

Gonçalves Ledo, conego Januario Cunha Barboza, frei Francisco de Sampaio, capitão-mór Jozé Joaquim da

Rocha, Luiz Pereira da Nobrega e outros Brazileiros prestaram seos esforços á liberdade da patria, e devem seos nomes ser assignalados e glorificados na grande efemeride da independencia do Brazil.

Pelejou na imprensa Gonçalves Ledo, e foi um dos benemeritos, que assignaladamente se empenharam na convocação da assembléa constituinte. Colaborando no periodico *Reverbero*, cooperou para a campanha redemptora da independencia; zelou os interesses da nação como procurador geral, e foi, além de libertador, denodado politico, contribuindo para a organização do paiz.

Dirigindo-se á provincia de Minas concorreo o conego Januario da Cunha Barboza, para que fosse acolhida com entuziasmo a aclamação de D. Pedro.

Trabalhou muito na imprensa pela liberdade do Brazil, e foi na maçonaria o arrimo defensor de toda idéa nobre e elevada a favor da glorioza jornada da libertação da patria.

Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho foi benemerito da patria e notavel politico e patriota no heroico periodo historico de 1822. Prestou relevantes serviços, ajudando a preparar a rezistencia, e armar populares contra os soldados revoltados de Jorge Avilez. Nomeado ministro interino da guerra, coube-lhe a gloria de referendar o decreto declarando inimigos, como taes devendo ser tratadas, as tropas que de Portugal ou de qualquer outra nação fossem enviadas ao Brazil sem consentimento prévio do principe regente. Seos serviços á cauza da independencia dão-lhe lugar de honra na historia patria.

Pelos seos escritos e pelos seos eloquentes discursos nos clubs concorreo muito frei Francisco de Sampaio para a independencia do Brazil; acompanhou o partido liberal de Jozé Bonifacio. Filiou-se á maçonaria persuadido ser essa associação poderoza alavanca para derribar a bastilha do absolutismo e firmar a liberdade nacional. A sua cella era o ponto de reunião dos mais ardentes libertadores, dos mais denodados paladinos da emancipação politica do Brazil. No *Diario Fluminense* e no

Regulador escreveo em prol da libertação de sua patria; e assim é imponente a sua figura na galeria dos heróes da independencia, como é grandioza na pleiade dos nossos famozos oradores sagrados.

O nome do capitão-mór Jozé Joaquim da Rocha está identificado com o dia 9 de Janeiro de 1822, que iniciou a magestoza revolução da independencia brazileira. Foi elle dos primeiros a cogitar na idéa da independencia do Brazil. Nos clubs politicos era um dos mais influentes e dos mais arrojados. Em sua caza se redigio, e receberam-se assignaturas para a reprezentação pedindo a D. Pedro que ficasse no Brazil, e encarregaram-se dois de seos filhos de pregar annuncios e convites nas esquinas das ruas indicando as cazas, onde o povo podia assignar aquelle documento. Tambem teve o mesmo capitão-mór a gloria de ver assestada contra sua caza uma peça dos soldados portuguezes, que combatiam o movimento emancipador do Brazil.

Mas não exerceram esses Brazileiros a influencia dos trez primeiros vultos que mencionámos; não foram os protogonistas d'essa santa cruzada emprehendida em 1822. A independencia do Brazil era o voto geral de todos os seos habitantes; tendo o paiz chegado á sua maioridade, era um facto previsto e certo. O Brazil já não podia mais viver sob as leis portuguezas; queria ter uma organização sua a despeito das afinidades de raça e de lingua e de religião. Já não queria ser da mesma nacionalidade de Portugal. Assim a sua independencia foi obra de todo o povo; mas si podem ser indicados alguns propugnadores, alguns personagens, como autores principaes d'essa redemptora e patriotica revolução, colocamos no primeiro plano, como patriarca, o principe D. Pedro de Alcantara, Jozé Bonifacio de Andrada Silva e Jozé Clemente Pereira.

D. Pedro incutio grande entuziasmo á cauza da independencia, e foi chefe activo do movimento. Jozé Bonifacio foi a cabeça directora dos acontecimentos d'essa glorioza época, e Jozé Clemente o braço executor dos factos, que cooperaram para o exito feliz da emancipação do Brazil.

Prestaram outros Brazileiros benemeritos serviços, porém os nomes d'aquelles trez primeiros vultos historicos ligam-se intimamente á cauza da liberdade nacional. Assim a gloria d'este acontecimento irradia sobre seos nomes os mais esplendidos e brilhantes raios da postedade.

Rio — 1895.

MOREIRA DE AZEVEDO

ESCLARECIMENTOS HISTORICOS

A leitura da recente importante obra *Memorias do meo tempo* do nosso illustre consocio honorario conselheiro João Manoel Pereira da Silva, cujo vigorozo talento com o caminhar dos annos mais refulge, suscita-me observações quanto a dois pontos.

O conselheiro Pereira da Silva diz inaugurado em 5 de Março de 1871 o ministerio prezidido pelo conselheiro d'estado e senador Jozé Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio-Branco.

Esse ministerio é conhecido na historia politica do Brazil como ministerio 7 de Março. Não obstante, ha exactidão nas palavras de Pereira da Silva.

O ministerio ficou organizado a 5, depois de uma reunião nocturna em caza do prezidente do conselho. Lavraram-se os decretos necessarios; mas tendo chegado a noticia do falecimento na Europa da serenissima princeza a Senhora D. Leopoldina, filha do Imperador, a qual teria de ser transmitida á nação pelos jornaes do dia 6, rezolveo-se, depois que me retirei da reunião, só publicar no dia 7 a nova organização ministerial. Dahi vem, que só o *Diario do Rio de Janeiro* do dia 6 deo noticia exacta d'essa organização, e ministrada por mim.

O redactor chefe do *Diario do Rio de Janeiro* era o illustrado conselheiro Dr. Antonio Ferreira Vianna, meo companheiro de estudos desde o collegio de Pedro Segundo, que morava perto de mim. Elle esperava-me na janela da

sua caza, e ao avistar-me, quiz ser, e foi, informado com precizão do que se rezolvêra. Acreditava eu, que as outras folhas dariam tambem a noticia. Vendo que me enganára, escrevi logo pela manhan ao prezidente do conselho, referindo que fôra eu quem communicára o ocorrido ao Dr. Ferreira Vianna.

Não me acudio então, que o duro golpe que ferira a familia imperial autorizaria o adiamento, que se verificou, da organização official do ministerio. Entretanto a noticia da prematura morte da virtuoza princeza, duqueza de Saxe, influio para a minha entrada para o gabinete. Insisti com o prezidente do conselho, até que d'ella tive conhecimento, para que me dispensasse do encargo.

Ainda referindo-se ao gabinete inaugurado em 5 de Março, escreve o conselheiro Pereira da Silva:

« Os oppozionistas lembravam no parlamento ao Visconde do Rio-Branco, que elle fôra ministro no gabinete prezidido pelo senador Rodrigues Torres (Visconde de Itaborahy), o qual recuzara ao Imperador tratar da questão do elemento servil. Acrescia ainda, que os ministros da justiça (Visconde de Niterohy), do imperio (conselheiro João Alfredo), da agricultura (conselheiro Theodoro Machado), e dos negocios estrangeiros (eu), haviam na sessão de 1870 votado contra projectos particulares a esse respeito, e apoiado o gabinete, que os rejeitava. Como em tão curto espaço de tempo haviam mudado de opinião ? »

E' certo, que apoiei o ministerio prezidido pelo muito honrado Visconde de Itaborahy, cujo acrizolado patriotismo foi sempre por mim devidamente apreciado, apoio mais que justificado pelos eminentes serviços prestados ao Brazil por esse ministerio ; mas não fui jamais contrario a projectos particulares relativos á questão do elemento servil.

Antes, de memoria o digo, fui autor, no tempo a que o escritor se refere, de projectos mandando proceder á matricula dos escravos, creando para donativos destinados á libertação o livro que depois se chamou o *livro de ouro*, e prohibindo a venda de escravos em leilão, providencia logo adoptada, aproveitando-se um projecto,

aprovado pelo senado, proposta do senador por Goiaz, Jozé Ignacio Silveira da Mota, projecto que fôra muito antes de 1869 remettido para a camara dos deputados.

Em conferencia que fiz a 10 de Novembro de 1895 na Escola Senador Correia sobre *educação dos maltrapilhos*, proferi estas palavras: « Tive a satisfação de cooperar com o meo voto, *que nunca vacillou*, para a abolição da escravidão. »

O meo juizo a esse respeito estava formado desde muito. Entrando para o parlamento, apressei-me em propor medidas preparatorias. O que, por motivos relevantes de ordem politica, não dezejava, era que se procedesse com precipitação; mas não me apartei nunca do propozito de concorrer para que chegasse o dia auspiciozo em que, como disse tambem na alludida conferencia, « não mais os assentamentos de obitos, lavrados sob o tecto dos santuarios, contivessem uma declaração, que propiciava o Céo para os captivos da terra. »

Si o meo testimunho puder concorrer para o esclarecimento historico de algum outro ponto tratado pelo conselheiro Pereira da Silva, procederei como ora faço.

Manoel Francisco Correia.

(Sessão ordinaria do Instituto Historico, de 22 de Agosto de 1897).

DESCRIPÇÃO GEOGRAFICA ABREVIADA

DA

CAPITANIA DO CEARÁ

PELO

Coronel de engenheiros A. J. da Silva Paulet

RECTIFICADA PELO

DR. LIBERATO DE CASTRO CARREIRA

---

§ 1. Não é uma constestação, que offereço á memoria publicada na Revista do Instituto Historico do 1° e 2° trimestre do corrente anno com o titulo *Descripção Geografica abreviada da capitania no Ceará*, sob o nome do coronel de engenheiro Antonio Jozé da Silva Paulet, dezejo apenas rectificar um erro de data, que me parece existir n'este trabalho, pelo qual não o torna um documento verdadeiramente historico.

Como muito bem diz o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, na nota com que encerra essa publicação, essa memoria parece, que foi dirigida ao rei de Portugal por funcionario encarregado da divizão territorial da capitania, e sem duvida, digo eu, em época muito anterior á chegada do coronel Silva Paulet em 1812 á capitania, na qualidade de ajudante de ordens do governador Manoel Ignacio de Sampaio.

N'essa época com certeza o estado da capitania do Ceará, embora ainda atrazado, não estava nas condições primitivas, em que é descrita, e isto justifica-se pelo conhecimento, que tenho de algumas localidades e publicações existentes, como pretendo demonstrar no correr

d'esta constestação ; porém antes permitta-se-me, que me occupe um pouco com as apreciações geraes, que faz das condições economicas e territoriaes da capitania.

Segundo a observação do coronel Silva Paulet, o terreno do Ceará é arido, improdutivo, quazi inhabitavel, onde a pobreza e a mizeria flagela a população pelas reiteradas sêcas, que ali existem ; que apenas em algumas serras se observa a cultura da mandioca e algodão, e raras frutas ; que no interior não ha peixe, e as vezes nem carne, e termina as suas tristes apreciações dizendo, que os annos escassos de chuva, além de muitas cauzas moraes, têm precipitado o paiz na ultima mizeria; no emtanto o governador Luiz Barba Alardo de Menezes em importante e documentado relatorio dirigido ao rei de Portugal em 1814 diz : « A capitania tem poucos rios navegaveis, porém infinitos ribeiros, numerozas serras de prodigioza produção de todos os generos, especialmente o algodão, excellentes aguas, saborozas frutas e os seos ares talvez os melhores d'este continente, como se prova com numerozas pessoas de avançada idade » ; e termina dizendo que o Ceará é digno de ser incluido na classe das capitanias de primeira ordem.

Como os factos destroem opiniões sem fundamento ! O estado do Ceará é um dos mais povoados do Brazil ; a fertliidade de seo sólo é incontestavel ; os terrenos são produtivos para toda a cultura, mesmo a parte do sertão occupada pela creação, a pastagem de seos campos é de uma superioridade, que não encontra competencia em parte alguma, dahi a superioridade da carne tão apreciada ; o vale do Cariri é de uma vegetação suprendente; a canna de assucar é quazi um bem de raiz; tal é sua duração.

A quantidade de peixe no interior é extraordinaria, por um facto, de que ainda não tive explicação : desde que ha chuva, e enchem-se as lagoas, o peixe aparece com abundancia, no emtanto estes lugares não recebem agua do rio, ou de qualquer procedencia onde exista o peixe, e agora com a construção dos açudes, se tem constituido um grande recurso para a população. Consta-me, que no açude do Quixadá ha uma tão extraordinaria abundancia de peixe, que não ha extração para elle.

O Ceará não tem rios correntes, os seos leitos são verdadeiros escoadores das aguas pluviaes; durante o inverno elles correm, alguns até caudalozamente, logo porém que cessam as chuvas secam e os seos leitos são aproveitados para a horticultura e outras pequenas lavouras.

Em épocas remotas, se diz, que as vertentes da serra do Araripe alimentavam a corrente do rio Salgado, que unindo-se ao Jaguaribe dava-lhe um curso de 90 leguas, que depois da sêca de 1792, que se chamou a grande sêca por ter durado trez annos, este curso ficou reduzido a 40; hoje estas vertentes se limitam á rega do vale do Cariri, nem o Salgado e nem o Jaguaribe têm curso de agua doce sinão no tempo de inverno.

O mesmo acontece com o Banabuiú, Acaracú e todos os chamados rios do Ceará, que não são sinão escoadores das aguas pluviaes para o mar, especialmente o Jaguaribe, que tem a sua foz no Aracatí, e Acaracú, que tem a sua barra em Camocim, todos os mais encontram-se n'estas duas grandes arterias de agua doce.

E' verdade, que o Ceará é flagelado pela terrivel calamidade da sêca, algumas das quaes lhe tem sido horrorozamente funestas, como a chamada grande sêca do seculo passado em 1792 e a d'este em 1877; mas nem por isto se póde considerar um paiz inhabitavel, pois que pelos seos recursos naturaes estas grandes calamidades são compensadas, e a sciencia tem os meios, sinão de as evitar, ao menos de metigar os seos effeitos.

As sêcas no Ceará são conhecidas desde 1625, 1677, 1691; no seculo XVIII apareceo em periodos notaveis de 1725, 1777, 1791, no actual seculo em identico periodo de 1825, 1877, porém felizmente não apareceo em 1891.

Estas se podem considerar as grandes sêcas, que produziram as maiores calamidades, calculada a sua aparição em periodo centenario; no entanto a chronica do estado faz menção das seguintes sêcas 1625, 1677, 1691; 1710, 1725 a 1727, 1736, 1744, 1777 a 1778, 1792 a 1794; 1810, 1816, 1825, 1844, 1877 a 1879.

Em 8 de Março de 1878 escrevia eu o seguinte em uma serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio*

sobre as sêcas do Ceará: «Em 185 annos, a contar de 1692 a 1877, registra a historia do Ceará treze grandes sêcas em periodos mais ou menos regulares. São 172 annos invernozos contra treze sêcas. »

Uma região d'estas não póde ser considerada inhabitavel, só por que em periodos mais ou menos longos são os seos habitantes flagelados pelos terriveis effeitos da sêca.

No correr dos seculos, e na repetição dos acontecimentos só um facto é invariavel, e vem a ser a descripção dos horrores da fome e da mizeria, contra as quaes a actividade do povo se emprega em preces e orações para abrandar a colera divina; e as graças ao Altissimo, quando no anno seguinte o sólo é regado pelas aguas do Céo.

Nem governo, nem povo até então cogitou, si era possivel, sinão evitar a sêca, ao menos minorar os seos effeitos. Terminada a catastrofe cada um reune os destroços, e principia a vida como póde.

A fertilidade dos campos em pouco tempo compensa de alguma sorte o infortunio, aparece a esperança e com ella o esquecimento do mal.

A sêca de 1877, cujos effeitos foram os mais desastrozos para a provincia, e que ainda horrivelmente actuam sobre os seos habitantes, chamou a attenção dos profissionaes, e uma discussão util e proveitoza para a sciencia e para a humanidade, foi levantada no seio do Instituto Polytechnico e na imprensa, da qual rezultou o esclarecimento da questão, chegando-se ao rezultado de que *era possivel, sinão evitar a sêca, ao menos minorar os seos effeitos.*

O governo interessado n'esta grande obra de humanidade, tratou de nomear uma commissão de engenheiros, que fez partir para a provincia com amplas instruções para estudar as suas necessidades. Com este passo deo a perceber, que seriamente cuidava no bem-estar do Ceará; já era tempo.

Não tenho a pretenção de dar largo desenvolvimento ás minhas idéas, acreditando que os effeitos da sêca podem ser modificados pelo trabalho do homem. Quanto a mim os meios capitaes, de que se devem lançar mão

para conjurar os effeitos da sêca, e que não são incompativeis com o estado do paiz, são :

Estradas de ferro

Açudes.

Com effeito fez-se alguma couza. A estrada de ferro de Baturité, para a qual sempre no senado conseguimos verba para seo prolongamento, como se póde ver em todos os orçamentos, está em Quixeramobim, a de Sobral no Ipú. Chegou a conhecer-se a vantagem dos pequenos açudes com a construção do de Acarape, São-Francisco e outros, porém tudo isto deixou de ter andamento, dando-se sómente incremento ao grande açude do Quixadá, quando com o dinheiro n'elle dispendido se teriam construido 20 ou 30, e assim beneficiado 20 ou 30 localidades, como se acha o Acarape, que só no dizimo do peixe tem a municipalidade um rendimento annual de 10:000$000. Quando aparece de novo a sêca, que sem duvida virá, gastar-se-ão milhares de contos de réis improdutivamente e as desgraças serão infaliveis.

---

§ 2. Voltemos á memoria do engenheiro coronel Antonio Jozé da Silva Paulet.

Si elle tivesse verdadeiro conhecimento da villa do Aracatí em 1812, não podia escrever o que disse na sua memoria, na qual apezar de reconhecer ser a mais opulenta e populoza da capitania, possuindo caza da camara e cadeia, era tão atrazada, que os advogados da terra eram dois rabulas, um alfaiate e outro dono de uma pequena venda; e haver apenas um mestre de escola, que não era pago.

A sua precaria opulencia, ainda diz elle, era devida a ser o ponto de embarque e desembarque de mercadorias, que vindo do Icó, São-Bernardo e outros lugares do centro se destinavam a Pernambuco, e dahi o movimento commercial que tinha, porém tendo um ruim porto, só era accessivel a pequenas sumacas, que as vezes levavam 2 e 3 mezes á espera da monsão de terral para sahirem, e por estas e outras difficuldades o commercio do centro

encaminhava-se directamente para Pernambuco, e por tanto tendia a desaparecer o motivo de sua opulencia.»

O Aracatí foi o berço do meo nascimento, que teve lugar em 1820. Desde que fui entrando no gozo do uzo da razão, fui apreciando o bem estar da familia; meo pae era medico, e si não era rico (os medicos n'aquelle tempo não enriqueciam) gozava do conforto da vida, e o mesmo eu observava em todos os meos parentes, que eram muitos e constituia a familia «Castro», que tinha ahi o seo berço.

Quando no correr dos tempos me foi dado a apreciação do mais, tive uma escola, onde aprendi as primeiras letras, depois passei para a aula de latim do padre Antonio Francisco Sampaio; estas aulas eram pagas pelo governo; depois aprendi o francez com um professor particular; tinha eu 17 annos de idade, e já sem pae, minha mãe tomou a rezolução de mandar-me para o Rio de Janeiro, aos cuidados dos meos tios Manoel do Nascimento Castro Silva e Vicente Ferreira de Castro Silva em 1838.

Em 1838, apenas decorriam 25 annos da época em que supõe-se terem sido escritas as condições materiaes e sociaes da villa do Aracatí. N'esta época, segundo minha perfeita reminiscencia, a cidade do Aracatí (já era então cidade) podia se dizer de grande importancia, quer encarada material, quer socialmente.

Havia uma rua de pequenas cazas antigas de taipa tambem cobertas de telhas chamada rua da Parada, onde morava a pobreza recolhida, pois que havia um outro bairro chamado Gambôa, onde habitava em cazas de palha a pobreza pedinte e outros; estas cazas não eram arruadas, especie de arraial, onde se podia contar aos centos estas habitações.

A rua central tem a extensão talvez de um kilometro, e por isso a dividiram em trez bairros, o do sul chamado Santo-Antonio, o do centro bairro do Commercio, por estar ahi concentrado o maior commercio e n'elle está edificada a praça do mercado, açougue e alfandega; e o bairro do Pelourinho, talvez por ter ahi existido o celebre pelourinho.

Esta rua em toda sua extensão tinha em 1837 58 sobrados, dos quaes quatro de dois andares, e doze de mais de quatro janélas de sacada, e que podiam fazer figura em qualquer rua das mais opulentas cidades, e as restantes de quatro, trez e duas janélas de excellente construção, sinão em architectura moderna, ao menos de solidez e elegancia.

As cazas terreas eram igualmente bem construidas, todas de tijolo, e algumas de largas proporções, e assim preenchiam todo o espaço da rua de um e outro lado sem intervallos de muros, ou terrenos desoccupados.

Na parte central da rua chamada Commercio estava a caza da camara municipal, sobrado elegante com escadaria externa de pedra em dois lances, direita e esquerda, e na parte terrea a cadeia dividida em dois compartimentos, um para os prezos detentos, e outro chamado *crime* para aquelles, que cumpriam sentença.

Mais adiante, depois do grande predio do coronel João Tiburcio Pamplona, achava-se a praça do mercado servida por dois grandes portões, um na frente da rua, e outro no lado opposto em frente ao porto do rio Jaguaribe. Este edificio tinha em seo interior um largo pateo, que era circundado de 30 a 40 compartimentos, onde se vendia frutas, verduras, louças e outros muitos objectos, que ahi se procuram, e duas bancas no centro para a venda do peixe.

Em seguida estava o açougue, espaçozo armazem, onde existiam dois córtes de carne.

Uma larga passagem dava n'esse lugar entrada para a cidade, a quem desembarcava no porto da ribeira (chamado), e fazia esquina com o açougue de um lado, e do opposto a caza da alfandega, vasto edificio com dez janelas de frente e duas largas portas, uma dando passagem para a rua, e outra, do lado opposto, dava entrada ás mercadorias, que dos navios desembarcavam no porto da ribeira.

No fim d'essa rua, na parte chamada Pelourinho, está a capella do Senhor do Bomfim, antigo e pequeno templo, que não tinha sido concluido na proporção do seo plano; o que só se realizou em 1850, como adiante direi. Esta

capella é o ponto terminal da principal rua, que aliás ainda não é tudo quanto reprezentava o Aracatí em 1837, vinte e cinco annos depois da descripção do coronel Silva Paulet.

Antes de proseguir devo dizer, que não tenho recordação de ter visto construção alguma nova, sinão a do magnifico predio do negociante Domingcs Jozé Pereira Pacheco e outro no Pelourinho.

A grande matriz da cidade, templo magestozo, com uma torre de 40 a 50 metros de altura, se acha colocada na parte E. da cidade, na direção do principio da grande rua, em uma distancia talvez de uns 300 metros, parecendo que a intenção dos seos fundadores era, que n'essa direção fosse construida a cidade, e tanto assim parece, que no mesmo alinhamento em direção do sul ha um começo de rua, a que dão o nome de *Piolho*, onde se acha o Rozario, templo antigo e de pequenas proporções, e dirigida pela irmandade dos pretos, e mais adiante a igreja dos Prazeres dirigida pela irmandade dos pardos, que embora não fosse edificada no meo tempo, pela sua architetura mostra ser uma edificação moderna pela sua elegancia e gosto, não sendo aliás de grande proporção.

Assim pois tinha o Aracatí quatro igrejas e uma pequena capella (nicho chamado dos Navegantes) na passagem da grande rua da cidade para a matriz, e que sem duvida não foram edificadas de 1812 a 1837, e no emtanto não mereceram ser notadas na descripção geografica, talvez por ser abreviada.

Ainda do relatorio do governador Alardo de Menezes transcrevo o seguinte topico, relativo ao Aracatí, que justifica o que tenho dito: « Tambem são dignas de attenção as cazas dos principaes negociantes por serem modernas, e como ficam todas na rua principal de grande extensão e largura, fazem uma perspectiva agradavel; estes negociantes em não pequeno numero não só são os mais ricos da capitania, como os mais polidos e educados. »

Isto é o que diz respeito a edificação dos predios, que constitue a cidade, passo agora a tratar de seo movimento commercial e social.

§ 3. Sinto não dispor de documentos officiaes da alfandega para demonstrar o movimento de importação e exportação do porto do Aracatí, como porém foi sempre minha intenção dizer o que foi por mim observado, a falta não é prejudicial, porque ahi vae o que observei.

Não falando de um não pequeno numero de negociantes, que faziam negocio a retalho ou a varejo, existiam as cazas de Lourenço da Costa Dourado, João Tiburcio Pamplona, João Francisco Sampaio, Manoel Francisco Ramos, Jozé Pereira da Graça, Eduardo Valente, Caminha & Irmão, Domingos Jozé Pereira Pacheco, e a caza ingleza, si me não falha a memoria, William & C., que faziam o grande commercio já para Pernambuco, já directamente para Europa.

O movimento commercial d'estas cazas era importantissimo, pois que não era raro ver-se no rio navios de alto-bordo, como galeras, brigues barcas, e brigues, sumacas de cabotagem de Pernambuco e outros lugares; estas eram frequentes, e pode-se dizer, que todos os mezes não deixavam de entrar no porto duas e mais.

Grande parte d'estes carregamentos eram destinados ao Icó, São-Bernardo, e outros lugares do centro, donde vinha igualmente o algodão, couro, sóla, a cêra de carnaúba, e outros artefactos d'esta planta, como chapéos, esteiras, palha, etc.; no tempo da safra do algodão, era frequente, si não diaria, a entrada de tropas de 20, 30 e 40 animaes carregados de algodão, e tenho bem lembrança de ser divertimento predilecto dos meninos, quando estas tropas chegavam depois das 2 horas da tarde, ou a alfandega estava com os armazens repletos, fazer com estas sacas castellos da altura de um sobrado, parecendo incrivel como creanças moviam sacas de 4 e 5 arrobas para as colocar em tal altura.

Do movimento social não posso dar grandes informações, pois que um rapaz de 17 annos, n'aquelle tempo, não se occupava d'estas observações; porém o que posso assegurar é, que, sendo a cidade habitada por familias tão importantes, e gozando todos de um bem-estar mais ou menos confortavel segundo as suas circunstancias,

cada um se entretinha no seio da familia, como melhor lhe convinha.

As festas principaes eram da religião, na igreja todos se reuniam com satisfação, nunca ouvi falar em bailes nem theatro, prezepios era a festa do Natal, passeio e reunião de familia na cidade ou fóra, eis a vida social em 1838.

A vida era farta e barata; o peixe, quer do mar, vindo da *Canoa-quebrada*, arraial de pescadores a uma legua de distancia, quer pescado no rio, em grande abundancia, e por preço baratissimo; camarão, serí, ostras, sururú e outros mariscos em profuzão, e de que a pobreza se alimentava, não tendo outro dispendio sinão o de ir colher no rio; a carne magnifica, custando de 80 a 120 réis o kilo, o carneiro e o porco da mesma maneira, a cabra e o bode era alimentação do pobre; uma galinha por 320 réis, quatro ovos por 20 réis; o melão, a melancia em tal abundancia, que entrava para o mercado ás carradas, o cajú a 12 por 20 réis, a manga, a sublime ata (fruta de conde), a goiaba, o côco da Bahia e outras muitas frutas, cada uma em seo tempo, regalavam aos seos apaixonados, e pelo preço o mais commodo possivel; era pois baratissima a vida no Aracatí.

---

§ 4. O Aracatí sempre honrou o nome *cearense*, dando filhos muito distintos, não só nas letras, como nas artes e officios; é da indole e caracter do Aracatíense a dedicação e o amor ao trabalho: se diz, que o general Pedro Labatut, quando foi ao Ceará em 1832, por ocazião da rebelião Pinto Madeira, contava com certa admiração, que em um dia de revista mandou, que o soldado, que tivesse um officio ou arte, désse um passo á frente, e admirou ver, que a quazi totalidade do contingente mandado do Aracatí sahio á frente.

Desde os tempos coloniaes elles aparecem figurando na historia politica e administrativa do Brazil; não remontando a esses tempos, que são a muito passados, não deixarei de o fazer em relação áquelles que occuparam pozição saliente no tempo do imperio, que é de

hontem, e no qual sempre se distinguiram os homens pelos seos verdadeiros merecimentos; não faço isto por orgulho pessoal, porém ainda em homenagem ao caracter do Aracatiense.

Não serei talvez inteiramente completo n'essa informação, por que não consultei documentos, e sim a faço de memoria, podendo haver esquecimento ou falta de conhecimento.

Relação dos Aracatienses que figuraram:

BISPOS

1 D. Manoel do Rego Medeiros.
2 D. Lino Deodato Rodrignes de Carvalho (que, si não é filho da cidade do Aracatí, tem o seo berço no territorio de São-Bernardo, que é annexo ao do Aracatí).

MINISTROS DE ESTADO

1 General Pedro Jozé da Costa Barros.
2 Manoel do Nascimento Castro Silva.
3 Dr. Jozé Liberato Barrozo.
4 Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe.

SENADORES DO IMPERIO

1 General Pedro Jozé da Costa Barros.
2 Manoel do Nascimento Castro Silva.
3 Visconde de Jaguaribe (Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe).
4 Dr. Liberato de Castro Carreira.

DEPUTADOS GERAES

1 Manoel do Nascimento Castro Silva.
2 Vicente Ferreira de Castro Silva.
3 Padre Jozé da Costa Barros.
4 Vigario Domingos Carlos de Saboia.

5 Dr. Frederico Augusto Pamplona.
6 Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães.
7 Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe (Visconde de Jaguaribe).
8 Conego Antonio Pinto de Mendonça.
9 Dr. Jozé Avelino Gurgel do Amaral.
10 Dr. Alvaro Caminha Tavares da Silva.
11 Dr. Jozé Pereira da Graça (Barão do Aracati).
12 Dr. Hipolito Cassiano Pamplona.
13 Dr. Jozé Liberato Barrozo.
14 Dr. Antonio Ferreira dos Santos Caminha.
15 Dr. Vicente Ferreira da Costa Piragibe.

MINISTRO PLENIPOTENCIARIO

Jozé Gurgel do Amaral Valente.

MINISTROS DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

1 Barão do Aracati (Jozé Pereira da Graça).
2 Conselheiro Manoel Eliziario de Castro Menezes.
3 Conselheiro Custodio Manoel da Silva Guimarães.

PREZIDENTES DE PROVINCIA

1 Manoel do Nascimento Castro Silva.
2 Dr. Frederico Augusto Pamplona.
3 Dr. Jozé Liberato Barrozo.

DEZEMBARGADORES

1 Dr. Jozé Pereira da Graça (Barão do Aracati).
2 Dr. Manoel Eliziario de Castro Menezes.
3 Dr. Hipolito Cassiano Pamplona.
4 Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe (Visconde de Jaguaribe).
5 Dr. Domingos Antonio Alves Ribeiro.
6 Dr. Joaquim Barboza Lima.
7 Dr. Jozé Antonio Rodrigues.

DOUTORES EM MEDICINA

1 Dr. Liberato de Castro Carreiro.
2 Dr. Jozé Lourenço de Castro Silva.
3 Dr. Antonio Manoel de Medeiros.
4 Dr. Domingos Jozé Pereira Pacheco.
5 Dr. Adrião Luiz Pereira da Silva.
6 Dr. Joaquim Antonio Alves Ribeiro.
7 Dr. Antonio da Costa Barros.
8 Dr. Antonio Gurgel do Amaral Nogueira.
9 Dr. Antonio Ferreira da Costa Lima.
10 Dr. Fabio Jozé da Costa Barros.
11 Dr. Raimundo Jacinto de Sampaio.
12 Dr. Epifanio Francisco de Sampaio.
13 Dr. Antonio Pacheco Mendes.
14 Dr. Ildefonso Pereira d'Azevedo.
15 Dr. Raimundo Justiniano d'Azevedo.
16 Dr. Artur de Azevedo.
17 Dr. Jozé d'Azevedo Tinoco.

DOUTORES EM DIREITO

1 Dr. Jozé Liberato Barrozo.
2 Dr. Jozé Avelino Gurgel do Amaral.
3 Dr. Augusto Gurgel do Amaral.

BACHAREIS FORMADOS EM DIREITO

1 Manoel Francisco Ramos.
2 Jozé Pareira da Graça.
3 Manoel Eliziario da Castro Menezes.
4 Frederico Augusto Pamplona.
5 Hipolito Cassiano Pamplona.
6 Henrique Graça.
7 Antonio Ferreira dos Santos Caminha.
8 Euclides Tertuliano de Albuquerque.
9 Joaquim Pacheco Mendes Guimarães.
10 Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe.

11 Bemvindo Gurgel do Amaral.
12 João Pinto de Mendonça.
13 Francisco de Sales Pereira Pacheco.
14 Pergentino da Costa Lobo.
15 Domingos Antonio Alves Ribeiro.
16 Theofilo Domingos Alves Ribeiro.
17 Jozé Antonio Rodrigues.
18 Leoncio Gurgel do Amaral.
19 Benjamim Antunes de Oliveira.
20 Joaquim Barboza Lima.
21 Antonio Pereira Pacheco.
22 Alvaro Caminha Tavares da Silva.
23 Bemvindo Gurgel do Amaral Valente.
24 Reinaldo da Silva Porto.
25 Vicente da Silva Porto.
26 Jozé Alexandre Pereira.
27 Francisco Augusto da Costa Barros.
28 Custodio Manoel da Silva Guimarães.
29 Aristides de Paula Dias Martins.
30 Marcos Fabio dos Reis Lima.
31 Antonio Jacinto de Sampaio.
32 Francisco Jacinto de Sampaio.
33 Antonio Saboia de Sá Leitão.
34 Jozé Alexandre d'Amorim Garcia.
35 Augusto Carlos de Amorim Garcia.
36 Zoroastro Augusto Pamplona.
37 Joaquim Antunes d'Oliveira Castro.
38 Antonio de Amorim Garcia.
39 Jozé de Castro Silva.

PADRES

1 D. Manoel do Rego Medeiros.
2 D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.
3 Monsenhor Hipolito Gomes Brazil.
4 Monsenhor João Aureliano Correia dos Santos.
5 Monsenhor Jozé Teixeira da Graça.
6 Vizitador Conego Antonio Pinto de Mendonça.
7 Conego Liberato Dionizio da Costa.
8 Conego Bueno Rodrigues de Figueiredo.

9 Conego Jozé Gurgel do Amaral Barboza.
10 Conego João Paulo Barboza.
11 Conego Vigario Joaquim Antunes de Oliveira.
12 Coronel Capellão Jozé Candido da Guerra Passos.
13 Vigario Domingos da Costa Barboza.
14 Vigario Mathias Pereira de Oliveira.
15 Vigario Modesto Theofilo Alves Ribeiro.
16 Vigario Jozé Antunes de Oliveira.
17 Vigario Manoel Jozé de Sena Martins.
18 Antonio Francisco Sampaio.
19 Tito Jozé de Castro Silva.
20 João Francisco Ramos.
22 Gliceiro da Costa Lobo.
23 Luiz Por Deos da Costa Lima.
24 Claudio de Oliveira.
25 Alexandre Jozé Pereira.
26 Jozé Pinto.
27 Francisco Jozé de Lima.
28 Israel Freire da Silva.
29 Graça Sobrinho.
30 Conego Antonio Nogueira de Braveza.
31 Conego Antonio de Oliveira Antunes.
32 Conego João Francisco Pinheiro.
33 Conego Joaquim de Aragão Ebla.
34 Conego Francisco Leite Barboza.
35 Vigario Francisco Correia de Carvalho Silva.
36 Vigario Miguel Francisco de Oliveira.
37 Vigario Jozé da Silva Matos.
38 Vigario João Urbano de Oliveira.
39 Vigario Manoel Antonio de Lemos Braga.
40 Vigario Domingos Carlos de Saboia.
41 Vigario Antonio Joaquim Rodrigues.
42 Vigario Celso Soares Monteiro.
43 Vigario Antonio Jozé Moreira.
44 Frei José de Santa Maria Cleofas.
45 João Rufo Tavares.
46 Manoel Severino Duarte.
47 João Dias Martins.
48 Jozé da Costa Barros.
49 Lourenço Correia de Sá.

50 Cincinato do Carmo Chaves.
51 Thomaz Maria da Fonseca.
52 Jozé Gregorio de Carvalho Silva.
53 Vicente Ferreira da Silva Guimarães.
54 Vicente Ferreira Muniz.
55 Francisco Jozé de Lima.
56 Manoel Jozé de Sena Martins.
57 João Baptista Rabelo.
58 Jozé Ferreira Caminha.
59 Alexandre Correia de Araujo Mello.
60 João Francisco da Silva Nenen.
61 Leoncio do Carmo Chaves.
62 Silverio Bezerra de Menezes.
63 Francisco de Olanda Cavalcante.
64 Manoel Carlos da Silva Barata.
65 João Vicente Ferreira Lima.
66 João Francisco de Oliveira.
67 João Leite de Oliveira.
68 Manoel Carlos de Saboia.
69 João Ferreira Perna.
70 Vicente Ferreira Perna.
71 João Florentino Cavalcante.
72 João Aureliano de Sampaio.
73 Irenio Modesto de Oliveira Rebouças.
74 Antonio Pereira da Graça Martins.
75 Antonio André Lino da Costa.

FARMACEUTICOS FORMADOS

1 Antonio Theodorico da Costa.
2 Deodato de Castro Silva.
3 Porfirio Antonio Alves Ribeiro.
4 João Luiz Tavares da Silva.
5 João Adolfo Gurgel do Amaral.
6 Carlos Filipe Ribeiro de Miranda.
7 João Facundo de Castro Menezes.
8 Temistocles Joaquim da Silva.
9 Joaquim Antunes da Costa Barros.
10 João Francisco Sampaio.

11 Vicente Maria Carlos de Saboia.
12 João Jacinto de Sampaio.
13 Jozé Gervazio d'Amorim Garcia.
14 Porfirio Theofilo Alves Ribeiro.

EXERCITO

1 General Pedro Jozé da Costa Barros.
2 Coronel de engenheiros Vicente Ferreira da Costa Piragibe.
3 Coronel Capellão Jozé Candido da Guerra Passos.
4 Tenente Coronel João da Guerra Passos.
5 Major de engenheiros Chrisolito Ferreira de Cas tro Chaves.
6 Major João Paulo Barboza de Lima.
7 Capitão Adolfo de Alencastro Graça.
8 Major Julio Cezar da Fonseca.
9 Major Firmino Ferreira da Costa Lima.
10 Alvaro Narbal Pamplona.
11 Teodoro G. da Costa Lima.

MARINHA

1 Capitão de mar e guerra Francisco Candido de Castro Menezes,

2 Capitão de fragata Augusto Cezar de Castro Menezes.

TITULARES

1 Barão de Aracatí (Jozé Pereira da Graça).

2 Visconde de Jaguaribe (Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe).

3 Visconde de Mecejana (Antonio Antunes de Oliveira).

JORNAES PUBLICADOS NO ARACATI'

Nomes	Redactores	Annos
Clarim da Liberdade...	Joaquim Ignacio Wanderley.....	1831
Coruja.....	Ignoro.....	1844
Aracati.....	Dr. Liberato e Hipolito Pamplona	1859
Epoca.....	Ignoro.....	1860
Gaspar da Terra.....	Francisco Chouin dos Santos....	1860
Lis.....	Estudantes de latim.....	1860
Lance.....	Ignoro.....	1860
Montanha.....	Ignoro.....	1863
Pudor.....	Ignoro.....	1863
Judas Escariotes.....	Diversos.....	1864
Tribuna do Povo.....	Julio Cezar.....	1869
Jornal de Aracati.....	Ignoro.....	1871
Voz da America.....	Ignoro.....	1872
Liberdade.....	Ignoro.....	1881
Colibri.....	Ignoro.....	1887
Jaguaribe.....	Gabinete Aracatiense.....	1887
Farol.....	Ignoro.....	1888

Esta estatistica, que á primeira vista parece de pouca importancia, tem valor significativo, sabendo-se que a cidade de Aracati apenas offerece a seos filhos, como meio de instrução, a escola de primeiras letras e a aula de latim. Nas grandes cidades, onde os recursos da instrução são faceis e abundantes, os seos filhos preparam-se nos cursos superiores sem grandes difficuldades e maiores sacrificios; quando porém para obter-se este rezultado se tem necessidade de empregar o sacrificio pecuniario e a separação da familia, que n'essa idade reclama tantos cuidados, só podem intentar aquelles, que dispõem de meios e a força de vontade, dedicação e genio intellectual, capaz de levar a effeito as suas aspirações.

---

§ 5. A capitania do Ceará estava ligada á de Pernambuco, e sendo o porto de Aracati, apezar de não ser franca a entrada e sahida dos navios em todos os tempos, todavia era o mais accessivel ao commercio da cidade e ao do centro, e por elle tinha lugar todo o movimento commercial. Era pois o Aracati a praça do commercio que primeiro se constituio.

Aventureiros portuguezes para ali afluiam por via de Pernambuco, sendo o ponto maritimo que se ligava aos fócos de maior população formados no interior, e enriquecidos pela industria, que se podia explorar n'essa época.

As margens do Jaguaribe eram caminhos que conduziam ao Icó, São-Matheos e Inhamuns ; as do Salgado a Lavras e Cariri, e as do Banabuiú a Quixeramobim.

Na bacia do Jaguaribe rapidamente progredia a criação do gado; já em 1719 individuos existiam, que possuiam mais de 4.000 rezes nas proximidades do Icó.

No Aracatí, antes da grande sêca de 1792 xarqueavam-se annualmente de 20 a 25.000 bois, e pelo seo porto sahiam de 25 a 30.000 couros salgados, e de 50 a 60.000 meios de sóla, de 30 a 35.000 couros de cabra, e de 2 a 3.000 pelles de camurça ; tudo isto dava para manter na praça uma importação de fazendas orçada em 400.000 cruzados. O mesmo acontecia com a cultura do algodão, que então se desenvolvia, de sorte que em 1794 foi avaliada de 16 a 18.000 arrobas.

Tambem era consideravel o commercio, que pelo interior fazia este sertão com as zonas assucareiras de Pernambuco e Bahia por meio de cavalgaduras.

Parece-me, que tenho com exuberancia provado, que em 1812 a villa do Aracatí não podia estar no estado rudimentario, que se acha descrito na memoria publicada sob o nome do engenheiro coronel Antonio Jozé da Silva Paulet, e isto se justifica no officio ou memoria de 18 de Abril de 1814, dirigido ao rei de Portugal, e já publicada no tomo 31 da Revista Trimensal d'este Instituto de 1871, pelo governador Luiz Barba Alardo de Menezes, que entrou no exercicio de suas funções a 21 de Janeiro de 1803, e entregou a seo sucessor Manoel Ignacio de Sampaio em 19 de Março de 1812.

---

§ 6. Depois de formado, em 1845 e bem assim em 1850, voltei ao Aracatí, quazi que não achei alteração ; si não tinha augmentado nas suas edificações, conservava regularmente o seo movimento commercial, não obstante terem

desaparecido algumas das cazas mais importantes ou por morte ou liquidação, porém haviam-se creado outras, como a de Theofilo Ribeiro & Irmão, que serve com commercio directo para a Europa, Antunes & Irmão (depois Visconde de Mecejana), Antonio Francisco da Silva Carriço, João Joaquim Paget, João Luiz Tavares, Azevedo e outros.

Era tão folgada a vida, e d'isto me apercebendo pela franqueza de seos habitantes, que animei-me a levar a effeito, por meio de uma subscripção, fazer a reconstrução e augmento da capella do Senhor do Bomfim; o que consegui realizar especialmente auxiliado pelo abastado negociante Domingos Jozé Pereira Pacheco, e é esse hoje um dos mais bellos templos do estado.

A cidade depois progredio extraordinariamente, como tive ocazião de verificar na vizita, que a ella fiz em 1884. A antiga e pequena rua do Piolho, na direção da matriz, se tinha transformado em uma grande avenida, onde se achava o magnifico mercado novo; cazas de architectura moderna e outros melhoramentos denotavam grande progresso, porém a cidade se achava em abatimento sensivel: aquelle grande movimento commercial, que observei em outros tempos, já não existia, os principaes negociantes tinham desapparecido, tudo se limitava ao pequeno commercio; tive o desprazer de ver cazas e não poucas sem moradores, os principaes edificios como o do Visconde de Mecejana, Dr. Almeida Castro, Theofilo e outros fexados, etc.

Qual o motivo d'esta decadencia?

Duas palavras o explicam.

A extinção da alfandega, transformada em uma meza de rendas.

A sêca de 1877, creou as estradas de ferro do norte, levando para a capital todo o movimento do centro, e por isso tem ella extraordinariamente progredido.

—

§ 7. O Icó tambem em 1812 não podia estar no atrazo, em que o descreve o engenheiro Silva Paulet, embora diga ser dos termos da capitania a villa mais povoada e de

maior commercio; porém, diz elle, as sêcas tendo tornado quazi dezertas as fazendas de gado, agora recorriam á plantação do algodão. Não dá descripção alguma da villa, no emtanto que o governador Alardo de Menezes diz ser a situação mais rica e agradavel do Ceará, suas rendas municipaes eram de 335$000, quando as da Fortaleza eram apenas de 154$000; a populaçãc de seo termo era de 17.698 individuos: além de boa caza de camara, haviam quatro igrejas, sendo a matriz uma das mais ricas da capitania.

Ora, os termos do Icó não ficavam a grande distancia das serras e brejos do Araripe, terrenos dos mais ferteis do paiz, que continuavam a atrair povoadores, e veio o plantio da canna de assucar para tornar permanente a emigração; foi ali, que começou para o Ceará a industria assucareira; acrescente-se a isto a excellencia dos campos para a criação do gado, e eis como já em 1810 existiam na bacia do Jaguaribe 59.628 pessoas, outros tantos consumidores e produtores para o commercio do Aracatí.

A criação do gado bovino se desenvolveo mui rapidamente na bacia do Jaguaribe pela excellencia do seo sólo; em 1719 já haviam criadores, que possuiam 4.000 rezes.

N'estas condições e outras de que já me tenho occupado, não é possivel, que o Icó e seo termo tenha caminhado para a decadencia de tal sorte que em 1812 não merecesse a sua villa menção digna de figurar na memoria descriptiva do coronel Silva Paulet.

—

§ 8. Mais do que tinha em intenção me tenho estendido nas sucintas reflexões, que pretendia fazer sobre a *Descripção Geografica* da capitania do Ceará publicada sob o nome do coronel de engenheiros Antonio Jozé da Silva Paulet; é precizo pôr termo a ellas com a apreciação dos seos serviços prestados á capital da capitania, hoje do Estado do Ceará.

Em 1800 a villa da Fortaleza, hoje cidade do mesmo nome, estava realmente em seo inicio; foi pois no actual

seculo, que ella tomou o desenvolvimento em que se acha.

Desligada a capitania por alvará de 17 de Janeiro de 1799 do governo de Pernambuco, foi nomeado seo governador o chefe de esquadra Bernardo Manoel de Vasconcellos, que por sua idade e pouco tempo nada fez, sendo substituido pelo governador Luiz Barba Alardo de Menezes em 23 de Janeiro de 1803. Foi por sua ordem levantada a primeira carta e estudado o seo porto. trabalho este, que foi repetido pelo governador Manoel Ignacio de Sampaio, seo sucessor. Em 1809 conseguio elle, que alguns negociantes mandassem a galera *Dous Amigos* a Londres com amostras de algodão, tucum e croatá e alguns outros produtos da terra; em 1811 estabeleceo-se a primeira caza estrangeira de commercio directo, sendo seo fundador o Irlandez William Wara; fundou uma fabrica de louça vidrada, e conseguio produtos tão bons como os da Bahia.

No anno de 1810 sahiram do porto da Fortaleza com destino a Pernambuco as sumacas *Triunfo do Mar*, *Galeão*, *Atlante*, *São-Romão*; com destino a Inglaterra brigue *Gavião*, escunas *Ligeira*, *Flor de Maio* e galera *Alardo de Menezes*, com o carregamento de 3.385 sacas de algodão, pezando 11.277 arrobas.

Teve ainda este governador a intenção de substituir o antigo fortim construido pelos Olandezes por uma fortaleza; para o que promoveo uma subscripção, obra esta que foi realizada pelo seo sucessor Manoel Ignacio de Sampaio, que a ella deo principio em 12 de Outubro de 1812 e a concluio em 17 de Agosto de 1818, sempre com donativos, que só em dinheiro prefizeram a somma de 16:103$207, e que é a actual fortaleza, que sendo feita a beira do mar, hoje se acha quazi no centro da cidade, onde está o magnifico passeio publico.

Em 1812 entrou no governo da capitania o governador Manoel Ignacio de Sampaio, que teve como seo ajudante de ordens o coronel de engenheiros Antonio Jozé da Silva Paulet, que alem de outros serviços prestados foi o autor da planta da actual cidade da Fortaleza,

sendo encarregado de sua execução o farmaceutico Bernardo Jozé Teixeira, e depois rigorozamente observado pelo farmaceutico Antonio Rodrigues Ferreira, um dos mais zelozos prezidentes da municipalidade, que teve o Ceará.

No principio teve-se em vista dar desenvolvimento á cidade no planalto *Oiteiro*, sitio aprezivel, com vista esplendida sobre o Oceano e bafejada de constante briza; n'este supposto o farmaceutico Bernardo Jozé Teixeira lançou os fundamentos da rua Sampaio, em honra ao governador, sendo a primeira em que se empregava sómente o tijolo, condemnando-se a taipa; não sendo porém facil obter-se agua, cujas jazidas, alem de mais distantes, eram pouco abundantes, não teve o desenvolvimento dezejado, sendo preferida a região occidental do Pajehú, e assim ficou a cidade dividida em trez bairros:

Bairro da Praia,
Bairro do Commercio,
Bairro do Oiteiro.

Não é minha intenção occupar-me do desenvolvimento da capital, da qual apenas darei uma abreviada descripção, dizendo o que era em 1838, quando por ali passei em caminho para o Rio de Janeiro.

Era já uma cidade regular, onde a edificação moderna distinguia perfeitamente o que havia de antigo; d'esta apenas restava a rua do Quartel, a rua de Baixo ou dos Mercadores, na qual já havia alguma edificação nova; a rua do Rozario em seguida a um templo antigo que servia de matriz, praça do Palacio, onde já tinha a thezouraria e outras cazas de construção moderna; a praça da Carolina, onde estava o mercado e se tinha edificado a feira, pequeninas lojas; rua do Monteiro a chegar a rua da Palma, que era toda de construção moderna; rua da Boa-Vista por detraz da do Quartel; a alfandega na rua da Praia, onde poucas cazas de telha existiam: o Oiteiro e Garrote eram bairros occupados por cazas de palha sem arruamento e habitação da pobreza.

Houve por algum tempo a crença erronea de que o terreno arenozo não suportava a construção de sobrado;

convencidos porém do erro, já quando passei havia o sobrado do coronel Jozè Antonio Machado e Manoel Caetano de Gouveia, e outros.

O desenvolvimento da capital do Ceará tem sido rapido, principalmente depois da sêca de 1877, e a construção da estrada de Baturité, encampada pelo governo n'esta época, e que a tem prolongado até Quixeramobim; e a de Sobral vae ao Ipú. No que tem sido infeliz, é justamente n'aquillo que mais precizão tinha: *melhoramento de seo porto.*

Teve sempre o governo o maior interesse em attender a esta palpitante necessidade; nomeando diversas commissões para seo estudo, até que, sem attender aos sacrificios, foi convidado o eminente engenheiro inglez John Hawkshaw para examinar e dizer a ultima palavra; ella foi dita, e para logo autorizou-se por decreto n. 8943 A de 12 de Maio de 1883 o contracto para sua construção, marcando-se a quantia de 2.500:000$, que já foram dispendidos, e o porto se acha em peiores condições!

---

§ 9. A memoria ou descripção geografica do Ceará publicada sob o nome do coronel de engenheiros Antonio Jozé da Silva Paulet, não traz data, no emtanto parece ter sido escrita por pessoa, que sob a impressão do que vio e observava, cumpria um dever de informação; o coronel Silva Paulet chegou á capitania em 1812 na qualidade de ajudante de ordens do governador Manoel Ignacio de Sampaio, e teve logo grandes afazeres a desempenhar, especialmente o estudo do porto, plano da cidade e a construção da fortaleza. Em 1814 o governador Alardo de Menezes informava por um circunstanciado officio ao rei de Portugal o verdadeiro estado da capitania; não parece provavel, que o coronel Silva Paulet, intelligente e illustrado como era, deixasse de ter conhecimento d'esse importante documento, para n'essa época ou depois escrever o contrario d'aquillo que estava dito, não só em documento official, como do que acabo de expor; pelo

que concluo, que d'esse trabalho foi encarregada pessoa, que muito antes do seculo actual percorreo a capitania para desempenhar o dever de funcionario encarregado da missão especial de dividir os distritos da capitania, e que sem duvida *alguem*, para lhe dar um cunho de autenticidade, inscreveo em seo frontespicio o nome do engenheiro distinto, que figura como seo autor de *visu*.

Sala das sessões do Instituto Historico em 19 de Setembro de 1897.

DR. CASTRO CARREIRA.

Inventario das peças de ouro e prata pertencentes á cathedral e capella imperial do Rio de Janeiro

(COPIA ANNOTADA PELO PADRE BELLARMINO JOZÉ DE SOUZA, SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO)

	Marcos	Oitavas	Valor	OBSERVAÇÕES
OURO *				
Uma custodia grande com varão de ferro no meio e dous vidros..	31	54	6:1148000	Na verificação do pezo achou-se faltar 17 oitavas.
Uma dita pequena de dous vidros.....	10	36	2:0288000	
Um copo e patena de calix, que serve com o pé da dita custodia..	2	53	5438000	
Um calix e patena	7	60	1:5248000	
Uma pixide	9	39	1:8458000	
Duas corôas, grande e pequena.....	4	13	8078000	Existe só a pequena.
Trez resplandores entre grandes e pequenos.....	5	58	1:7348000	Converteram-se em moeda.
Uma chave pequena.....	.....	9	278000	Idem.
	.....	.....	14:6228000	
PRATA **				
Uma banqueta grande com sete castiçaes e cruz do altar-mór....	348	.....	5:3458280	
Dous castiçaes pequenos irmãos da dita.....	29	.....	4458440	
Sessenta castiçaes de uma só face para o throno.....	173	48	8:8128800	
Vinte e quatro ditos antigos e desiguaes	278	16	4:2738920	
Quatro ditos muito pequenos.....	9	.....	1388240	
Dezaseis corôas entre grandes e pequenas.....	25	24	3898760	
Dezoito resplandores entre grandes e pequenos.....	19	2	2928320	Corôas que foram a desmanchar a 1 Rs.
Trez palmas de imagens.....	1	46	268000	
Um ramo de açucenas e cruz de Santo Antonio..... ..	1	56	288800	Só ficou a de Santa Luzia.
Um bastão com ramo de S. Jozé e com madeira.....	2	....	308720	
Transporte.	.....	.....	19:7838280	

* Deixo de dar a somma dos *marcos* e *oitavas* por não constar do livro d'este inventario, respeitando o original.

** Idem.

	Marcos	Oitavas	Valor	OBSERVAÇÕES
Transporte	.....	.....	19:783$280	
Uma cruz de S. João Baptista com madeira	4	48	728$960	
Um resplandor com cinco estrellas de pedras falsas	7	24	1138$280	
Quatro jarros e bacias	52	.....	7988$720	
Dous pratos redondos	6	24	978$920	
Trez salvas e uma d'estas está na mão de Santa Luzia	14	16	2188$880	
Um jogo de sacras com madeira	28	.....	4308$080	
Seis turibulos, cinco navetas e trez colheres	37	.....	5688$320	
Duas candellas	2	34	388$880	
Um resplandor do Senhor dos Passos	3	28	528$800	
Dez setas	2	16	348$560	
Duas caldeirinhas e hysopes	10	32	1618$280	
Duas bacias grandes	28	52	4428$560	Existem duas e uma ao ourives.
Trez lampadas de varios tamanhos com ferro	158	16	2:430$720	
Seis jarros e ramos com ferro e madeira	135	24	2:079$360	
Uma cruz pequena com ferro e madeira	7	16	1118$360	Existem duas.
Trez purificadores	2	20	358$520	
Um cofre pequeno lavrado	13	20	2048$480	
Uma cruz de procissão com madeira	30	.....	4608$800	Para o ourives.
Uma cruz com globo sem haste	11	.....	1688$960	
Uma dita com imagem	10	.....	1538$600	
Sete pratos de galhetas e oito tampas	7	43	1178$840	
Um par de galhetas	2	16	348$560	
Dous vazos de communhões	8	24	1288$640	
Duas caixas de hostias	3	52	588$560	
Uma dita com trez vazos para santos oleos	2	8	328$040	
Uma dita com um vazo e salva para unções	5	8	788$720	
Uma dita com dous ditos para os baptismos	1	12	188$240	
Trez arandelas	3	8	488$000	
Uma massa com madeira	10	16	1578$440	
Uma bacia pequena	2	16	348$560	
Um cone com cabo de madeira	.....	48	118$520	
Um vazo dourado	3	48	578$600	
Transporte	.....	.....	29:236$640	

	Marcos	Oitavas	Valor	OBSERVAÇÕES
Transporte.....	.....	.....	29:2368640	
Um funil.....	.....	56	138440	
Uma colher.....	.....	20	48800	
Um prato redondo pequeno.....	.....	56	288800	
Dez calices dourados e patenas.....	37	48	5798840	Destes um existe no Paço.
Trez vazos que servem a sagração dos santos oleos.....	77	.....	1:1828720	
Um frontal e banqueta.....	133	.....	2:0428880	
Seis pixides douradas entre grandes e pequenas.....	18	36	2858120	
Um ostensorio dourado com reliquia de S. Sebastião com ferro e vidros.....	10	32	1618280	
Um dito e dito do Santo Lenho com ferro e vidro.....	9	24	1448000	
Um dito pequeno.....	3	.....	468080	
Uma lamina de S. Francisco de Borja com madeira e vidro.....	4	30	688640	
Um ostensorio dourado com vidros.....	10	30	1608800	
Trez ditos com ferro e vidros.....	34	32	5298920	Um d'estes tinha o pé de cobre.
Dous calices muito antigos e patenas.....	7	40	1178120	
Dous ditos menos um pé por ser de cobre e trez patenas.....	3	48	578600	
Um prato dourado.....	.....	60	148400	
Trez chaves de sacrario e cofre de madeira.....	.....	48	118520	
Um bastão com bandeira de N. S. da Victoria.....	3	48	578600	
Trez azos de estanho para a sagração dos santos oleos.....	.....	.....	128000	
Doze diademas dos Apostolos.....	8	52	1358360	
Trez barras.....	63	.....	9678680	Foi para a Moeda.
Uma escrivaninha, vazo, sinete, canivete e tezoura com ferro..	12	28	1118040	
ARRECADAÇÃO DA CAZA DA MOEDA				
Uma cruz de procissão com ferro e madeira.....	32	16	4958360	
Uma fruteira.....	8	.....	1228880	
Trez pratos.....	9	56	1518680	
Dous turibulos e navetas uma aliás duas.....	20	40	3168800	
Duas estantes de missaes com ferro e madeira.....	32	32	4998200	
Um jogo de sacras com madeira e vidros.....	36	.....	5528960	
Quatro castiçaes pequenos e desmanchados.....	25	16	3878840	
Transporte.....	.....	.....	38:5968000	

	Marcos	Oitavas	Valor	OBSERVAÇÕES
Transporte	.....	.....	38:598$000	
Seis vazos de santos oleos	3	32	538$760	
Duas campainhas com m badalo de ferro	4	.....	618$440	
Cinco pratos de galhetas	5	48	888$320	
Uma caldeirinha e hysope	10	16	1:578$440	
Uma conxa	.....	62	148$880	
Um prato de galhetas dourado	3	16	498$920	
Um par de galhetas douradas	2	32	388$400	
Uma caixa de hostias	1	8	178$280	
O QUE FICOU NA CAPELLA COM O REGRESSO DO SENHOR D. JOÃO VI PARA LISBOA				
Uma pia dourada com tampa	91	58	2:352$800	
Um baptisterio com tampa dourada	83	.....	2:124$800	
Sete banquetas com cruzes	1243	32	19:100$160	
Uma banqueta e cruz de altar-mór	270	16	4:151$040	
Uma dita de altar do Santissimo Sacramento	202	.....	3:102$720	
Uma toxeira grande do cirio paschoal	254	.....	3:901$440	
Duas ditas menores	289	.....	4:439$040	
Seis colunatas	190	32	2:976$080	
Oito lanternas	250	24	3:845$760	
Quatro lampadas com ferro	159	.....	2:442$240	
Duas cruzes douradas para as procissões com ferro e madeira	65	32	1:006$080	
Uma dita pequena de pôr á porta do sacrario com ferro e madeira	7	32	115$200	Roubado do altar, dando-se pela falta em 27 de Setembro de 1836.
Uma cruz, e uma dita de acompanhar unções	10	.....	153$600	
Uma campainha	3	16	499$200	
Um fogareiro	33	48	518$400	
Um folle com madeira e couro	8	.....	122$880	
Uma cruz de procissão	25	48	395$520	
Dous ciriaes com hasteas	26	.....	399$360	
Um turibulo e naveta	12	32	192$600	
Transporte	.....	.....	91:660$360	

	Marcos	Oitavas	Valor	OBSERVAÇÕES
Transporte	.....	.....	91:666$360	
Uma caldeirinha e hysope	9	8	140$160	
Uma campainha grande	4	24	67$200	
Duas varas de Jezus com madeira e ferro	16	32	161$280	
Oito itas de pallio	76	.....	860$160	
Uma conxa	1	24	21$120	
Um porta-paz com salva dourada	5	32	84$480	
Duas cruzes peitoraes	.....	31	7$440	
Um purificador dourado	1	2	15$840	
Um reliquario do coração de Jezus dourado	13	24	205$440	
Uma lanterna de acompanhar unções	9	48	149$760	
Uma banqueta e cruz	100	32	1:543$680	
As peças do altar portatil	29	24	449$360	No Paço.
DO QUE PERTENCE A' CATHEDRAL E EXISTE NA IGREJA DO SACRAMENTO				
Trez calices e patenas douradas	12	.....	184$320	
Uma cruz de procissão com madeira e cobre	28	.....	430$080	
Uma caixa com trez vazos de santos oleos	1	48	26$880	
Duas pixides douradas	6	32	99$840	
Uma cruz grande toda chapeada com imagem de marfim	9	.....	138$240	
ARRECADAÇÃO DA IGREJA DOS BARBONOS				
Dous calices e patenas	3	30	54$240	
Um vazo de communhão	3	32	53$760	
Uma lampada, a qual existe na fazenda imperial de Santa-Cruz	.....	.....	8	
Um castiçal pequeno	3	32	53$760	
Uma pixide do altar de campanha	1	36	24$000	
Transporte	.....	.....	96:437$400	

	Marcos	Oitavas	Valor	OBSERVAÇÕES
Transporte.....	.....	.....	96:4378400	
Um habito de Christo pendente de brilhantes com falta de duas granadas.....	.....	.....	8008000	
Um dito, e dito de diamantes roza esmaltado da cathedral, e o de cima foi dado para a dita pelo Sr. D. João VI.....	.....	.....	1608000	
Dous resplandores de cobre dourados.....	.....	.....	608000	
Um globo com cruz, que serve na bazilica, de cobre dourado...	.....	.....	408000	
Uma pixide do altar de campanha.....	1	32	238040	
Total.....	.....	.....	97:5208440	

Em cumprimento da ordem do Exm. Senhor Bispo Capellão-Mór * recebi para pezar as peças de ouro e prata pertencentes á cathedral e capella imperial do Rio de Janeiro.

Certificamos os abaixo assignados, que se pezou e foram avaliadas pelos Avaliadores do juizo, que tambem assignaram, as peças declaradas n'este inventario, o que somma cento onze contos seiscentos vinte e nove mil cento e sessenta réis; e para constar passamos o prezente, que assignamos.

Cathedral e Capella Imperial 2 de Maio de 1831. Monsenhor *Fidalgo*, Fabriqueiro. *Antonio Joaquim do Sacramento Guedes*, Thezoureiro do Thezouro e Alfaias. *João Simoens da Fonseca*, Ajudante do Thezoureiro. *Antonio Vieira Pereira*, Contraste e Avaliador da prata. *Daniel Jozé Pereira*, Contraste do ouro e diamantes.

* D. Jozé Caetano da Silva Coutinho.

Termo de verificação dos objectos constantes d'este inventario

Aos dez dias do mez de Novembro de mil oitocentos e quarenta e nove, n'esta côrte do Rio de Janeiro, em a caza que serve de Thezouro da Santa Igreja Cathedral e Capella Imperial, prezentes o Illm. e Revm. Sr. Conego Francisco dos Santos Moreira, ex-Inspector e Fabriqueiro *, e os Illms. e Revms. Srs. Monsenhor Marciano, e Conego Pedro Nolasco de Amorim Valladares, que tinham sido nomeados por Sua Exa. Revm. o Sr. Bispo Conde Capellão-Mór **, para servirem de assistentes na verificação a que se procedeo por falecimento do Exm. Monsenhor Fidalgo, ex-Inspector e Fabriqueiro, procedi a uma nova verificação das peças de ouro e prata constantes d'este inventario, que foram achadas as mesmas, com excepção de algumas de prata, que abaixo se mencionam, e são as seguintes — Sete coroas, e sete resplandores, cujo pezo não foi mencionado. Duas palmas. Idem. Dous turibulos, e uma naveta. Idem. Uma lampada com vinte e sete marcos. Um purificador, cujo pezo não foi mencionado. Uma cruz com globo sem hastea com onze marcos. Uma dita com imagem com dez marcos. Sete pratos de galhetas, e oito tampas com sete marcos e quarenta e trez oitavas de pezo. Um par de galhetas pezando dous marcos e dezaseis oitavas. Trez arandelas com trez marcos e oito oitavas. Uma massa com madeira com dez marcos e dezaseis oitavas. Trez pixides douradas, cujo pezo não foi mencionado. Trez custodias com o pezo de trinta e quatro marcos e trinta e duas oitavas. Dous calices antigos e patenas, com

* E' o conego a que se referio, em 1846, o ministro da justiça, Dr. Jozé Joaquim Fernandes Torres em seo *Relatorio* á Assembléa Geral Legislativa, quando diz: « Estão vagas na capella imperial quatro cadeiras de monsenhores e oito de conegos, bem como o lugar de inspector, que se acha interinamente exercido por um conego, que ha annos fôra nomeado para servir nos impedimentos do ultimo inspector. »

** Conde de Irajá, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo.

sete marcos e quarenta oitavas. Dous ditos e trez patenas, cujo pezo de trez marcos e quarenta e oito oitavas. Uma cruz de procissão com ferro e madeira com o pezo de trinta e dous marcos e dezaseis oitavas. Uma estante, cujo pezo não foi mencionado. Um jogo de sacras com trinta e seis marcos. Quatro castiçaes pequenos, com vinte e cinco marcos e dezaseis oitavas. Seis vazos de santos oleos com trez marcos e trinta e duas oitavas. Um castiçal pequeno pé redondo com trez marcos e trinta e duas oitavas. Dous calices e patenas com trez marcos e trinta oitavas. Um vazo de communhão com trez marcos e trinta e duas oitavas. Uma pixide com um marco e trinta e seis oitavas. As quaes, disse o referido Illm. e Revm. Sr. Conego ex-Inspector, que tinham sido dadas em pagamento do feitio da banqueta pertencente ao altar do Santissimo Sacramento, e para suprir a *falta que faltasse*, digo, a prata que faltasse, para o que tinha sido autorizado pelos avizos da Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça de 17 de Fevereiro de 1847, e 16 de Março do mesmo anno. * E para constar fiz este termo que assignei com os referidos Illms. e Revms. Srs. ex-Inspector, Assistentes, e Thezoureiro das Alfaias, e seo Ajudante.

Monsenhor *Joaquim da Silveira*, Inspector, Fabriqueiro. Conego *Francisco dos Santos Moreira*. Monsenhor *Marciano*. Conego *Pedro Nolasco de Amorim Valladares*. *Antonio Joaquim do Sacramento Guedes*, Thezoureiro do Thezouro e Alfaias. *João Simoens da Fonseca*, Ajudante do Thezoureiro.

Declaro, que nos objectos, que se acharam nos mesmos notou-se uma falta, que deixei de mencionar, e é, que a cruz da banqueta do altar de S. Pedro d'Alcantara tem de menos a imagem do Salvador, que disse o Illm. e Revm. Sr. Conego ex-Inspector Francisco dos Santos Moreira fôra roubada no dia quatorze de Outubro do corrente

---

* Era ministro da justiça, n'aquelle anno, o conselheiro Caetano Maria Lopes Gama, Visconde de Maranguape, natural de Pernambuco, e senador pelo Rio de Janeiro, irmão do celebre religiozo beneditino Fr. Miguel, o Carapuceiro, depois secularizado Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, que foi director da Academia de Olinda.

anno. E para constar fiz esta declaração, que assignei com os mesmos Senhores acima.

Monsenhor *Joaquim da Silveira*, Inspector e Fabriqueiro. Conego *Francisco dos Santos Moreira*. Monsenhor *Marciano*. Conego *Pedro Nolasco de Amorim Valladares*. *Antonio Joaquim do Sacramento Guedes*, Thezoureiro do Thezouro e Alfaias. *João Simoens da Fonseca*, Ajudante do Thezoureiro.

Termo de verificação que se fez por dedução, do pezo dos objectos, que no termo á fls. 4 e 5 v se diz não ser mencionado.

Aos quinze dias do mez de Novembro de mil oito centos e quarenta e nove, n'esta corte do Rio de Janeiro, em a caza que serve de Thezouro da santa igreja cathedral e capella imperial, prezentes as mesmos pessoas constantes do termo á fs. 4, excepto o thezoureiro das alfaias, que por enfermo não poude comparecer, e o ourives Cezar Farani, procedeo-se a pezar os objectos constantes das adições d'este inventario, que estão notados no referido termo de fs. 4 por dedução dos que ainda ficaram, e que faziam parte das ditas adições, os quaes sendo todos pezados concluio-se, que, deduzindo-se do pezo geral que primitivamente se lhes deo, o que agora se lhes achou, deviam as coroas e resplandores, que sahiram em virtude dos avizos de 17 de Fevereiro e 16 de Março de 1847, ter oito marcos e quarenta e duas oitavas, as duas palmas sete onças e trez e meia oitavas, os dous turibulos e uma naveta, onze marcos e quarenta e quatro oitavas, o purificador cincoenta e seis oitavas, a estante dezaseis marcos e quatro onças, as trez pixides onze marcos e nove oitavas. E para constar fiz este termo, que assignamos.

Monsenhor *Joaquim da Silveira*, Inspector e Fabriqueiro. Conego *Francisco dos Santos Moreira*. Monsenhor *Marciano*. Conego *Pedro Nolasco de Amorim Valladares*. *João Simoens da Fonseca*, Ajudante do Thezoureiro. *Domingos Farani & Irmãos*.

Por avizo de 28 de Maio de 1850 * me foi ordenado, que mandasse á caza da moeda para cunhar os objectos de ouro, que existiam no thezouro d'esta imperial capella sem uzo; e em sua observancia ali fiz recolher uma corôa grande, e outra menor, trez resplandores, e uma pequena chave ; os quaes objectos sendo desmanchados na mesma caza da moeda, e tirados os parafuzos de latão, que uniam as junturas internas dos mesmos objectos, pezando, verificou-se, que tinham ao todo onze marcos quatro onças e sete oitavas, que depois de fundidos produziram uma barra de pezo identico com a lei de 20-2-0, que foi amoedada, e deo descontada a quantia de Rs.... vinte e sete mil seiscentos e noventa e quatro, que se pagou de porcentagem a quantia de Rs... dous contos setecentos quarenta e um mil seiscentos e setenta, que segundo o disposto no mesmo avizo tem de ser empregada em apolices inalienaveis para patrimonio da fabrica d'esta santa igreja cathedral e capella imperial.

Declaro, que ficou no thezouro d'esta imperial capella para uzo da imagem de S. Sebastião um resplandor de ouro com uma pedra de topazio branco no centro, vindo do Thezouro Publico Nacional, o que não está mencionado n'este inventario, pezando dous marcos trez oitavas e trinta e seis grãos de lei 20—2—0.

Rio de Janeiro 25 de Junho de 1850.

Monsenhor *Joaquim da Silveira*, Inspector. *João Simoens da Fonseca*, Thezoureiro do thezouro e alfaias.

---

* Pelo ministro de então conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattozo Camara, senador pela provincia do Rio de Janeiro.

PALAVRAS GUARANIS

Acá, cabeça
Aba, cabellos
Apenguá, nariz
Atacupê, costas
Apó, olhos
Anhan, diabo
Aguerá, guará
Angujá, rato
Auguá, pilão
Abati socá, mão de pilão
Abati, milho
Araçunum, trovão
Bujapé, pão
Buricá, buraco
Baé, o que é ?
Baixá panderêrá? Como se chama ?
Boi, cobra
Boi chinbé, cobra coral
Boi cascavel, cobra cascavel
Boi chini, cobra bôa
Baapó, cozer
Berú, mosca
Baipé, pirão
Camá, peitos, seios
Cuapé, unhas
Chipá, bolos feitos no rescaldo
Chavapi, cavallo
Cabará, cabra
Capié, capim
Cum, lingua
Chendivê, commigo
Caapiba, capivara
Caá, erva-mate
Cumandá, feijão
Carai, homem
Carai tujá, homem velho
Carai rai, homem moço
Carai guassú, homem grande
Carai michim, homem pequeno
Carai tubicha, homem grosso
Carai tubichaetê, homem muito grosso
Curai momendá, homem casado
Curai vindo, homem viuvo
Cheveque, irmão ou irmã
Cunhatai, mulher moça
Cunhan, mulher
Cunhá equirá, mulher gorda
Cunhan monendala, mulher cazada
Cunhan tujá, mulher velha
Cai, macaco
Caguipé, mato
Cambai, negro
Chaposequá, ouvidos
Coeramó, amanhan

Cambuchi, moringa, pote
Cururú, sapo
Cuapiá, papel
Dipori, não tenho ou não tem
Dajai, Ai ! ai !
Devaraten, cotovello
Daiquai, não sei
De entendei, não entendo
De, tu
Erguê, barriga
Erupé, peneira
Ecuvai, meretriz
Erú, me-dá ou dá-me
Eremerõ, salgado
Eguirá ou ieperá, páo
Guei, boi
Guiejá, rede
Iurú, beiço
Ipiraquem, rim
Ipiraqui, figado
Iapirá, pescoço
Iroqui, não fui
Iarei, avô
Iú, agulha
Inhandú, aranha
Iró, amargo
Iurupêtê, beijo
Ieté, batata
Iroqui, baile
Iporan, bonito
Iaguá, caxorro
Iatebú, carrapato
Imimbé, cama
Itapa, tezoura
Irá, mel
Iaque, dormir
Iaá, vamos
Ipé, pato
Itá, pedra
Itaipú, sino
Inqui, sal
Iquia, sujo
Jacy, lua
Jacu puaiú, lua nova
Jacu guassú, lua crescente
Jacu tubichá, lua cheia
Jacu michin, lua mingoante
Limeta, garrafa
Morotin, tronco
Momendá, cazar
Mandoi, amendoim
Mitá coinbaé, menino
Mitá cumbá, menina
Meron, melão
Mendaba, cazado ou cazada
Maicuren, gambá
Maracajam, gato
Nambi, orelhas
Nhanpuá, chicara
Nhadé, graixa
Naquinhá, garfo
Nhandú, avestruz
Oga, caza
Oquen, porta
On, lenço
Ometá, janella
Oriqueen, chuva
Ou, vem
Ossoró, roto, rasgado
Obué, verde
Origuassú, gallinha
Origuassurai, pinto
Petim, peito
Pêa, estomago
Pire, peixe
Pirê, pelle
Penerú, joelho
Pê, pé
Pó, mão
Puapuê, pulso
Pocú, largo
Pocú-pocú, muito largo
Pai, padre
Patên, fumo, tabaco
Puita, encarnado
Patein, um
Queguai, pente
Quaraem, sol
Quã, dedo
Quicé, faca
Quequê, tripas
Quê, piolho
Rú, mãe
Reça, olhos
Reluquá, anus
Saó, carne
Saóquirá, carne gorda
Será, testa
Sê, pae
Tendeba, barba
Tain, dentes

Tapitimburicá, coelho	Tiongué, defunto	Tungussú, pulga
Taiaú, couves	Teparatê, farinha	Têbuchá, vassoura
Tupã, Deos	Taguati, gavião	Umatin, espinhos
Tupãbaé, esmola	Tiputi, escremento	Vacá, vaca
Taitaguassú, avô	Tanimbú, cinza	Vacarai, terneiro
Tupaoga, igreja	Tatá, fogo	Y, agua
	Tonê, deixa	

Observação

A letra *j* no idioma guarani tem diversos sons; umas vezes do *i* portuguez, outras vezes do *j* espanhol, e ainda outras do *a* alemão, com ligeira modificação. Por isso as palavras, que levam um *a* no final, logo acima, o *j* é aspirado; um *h* entende-se pronunciado como espanhol, e finalmente um *p* quer dizer, que se deve pronunciar como no portuguez.

Benjamin Gonçalves da Cruz

(Rio Grande)

Extrahido do Almanak do Rio-Grande do Sul de 1897, por Alfredo Ferreira Rodrigues.

PAÇO MUNICIPAL

DA

Cidade do Rio de Janeiro

Com a vinda da familia real para o Brazil o senado da camara deixou seo paço para augmento da caza, que devia receber a mesma familia real, e foi para uma caza alugada a Domingos Francisco d'Araujo Rozo, cujo aluguel principiou em 26 de Janeiro de 1808, sito na Rua Direita, que hoje tem o n. 8.

Em vereação de 30 de Setembro de 1809 o procurador da camara declarou ao senado, que tinha arrendado a caza da irmandade do Rozario por 329$650 por anno principiando de 16 do dito mez, e a ultima vereança que n'ella fez foi a 6 de Junho de 1812.

Em vereação de 27 de Maio de 1812 ordenou o senado a seo procurador, que procurasse uma caza para vereança, visto que chovia na em que trabalhava, e em 10 de Junho do mesmo anno declarou o procurador, que tinha alugado uma caza na rua do Rozario, que hoje tem o n. 78, pertencente á Santa Caza da Mizericordia, pelo aluguel de 512$000, e para ella se passou o senado, fazendo ahi a sua primeira reunião no dito dia 10 de Junho.

D'esta ultima caza passou-se o senado de novo para o consistorio da igreja do Rozario em 17 de Maio de 1820, e ahi se conservou até 12 de Julho de 1825, quando se passou para o actual paço da camara.*

(Nota dada por Innocencio da Rocha Maciel, empregado na secretaria da camara municipal da côrte. 1852)

---

* Sito na Praça da Republica, anteriormente Campo d'Aclamação.

PARTICIPAÇÃO

DA

Morte do Duque de Cadaval sucedida na Bahia

Illm. e Exm. Sr. N. 6. Devo participar a V. Ex., affectado de um verdadeiro sentimento, que faleceo no dia 14 do prezente mez, pelas trez horas da manhan, o Duque de Cadaval, que ficára n'esta cidade, porque o adiantamento da sua molestia já então lhe não permittio o acompanhar S. A. R. o Principe Nosso Senhor, que houve por bem ordenar pelo regio officio de 23 de Fevereiro proximo passado, que a junta da fazenda suprisse com as despezas necessarias para sua sustentação, curativo, e quaesquer outros, o que assim cumpri, e julguei comprehender-se n'aquella regia determinação o transporte da sua desditoza familia, fazendo-lhe apromptar o navio mercante d'esta praça denominado *São Domingos* fornecido de mantimentos pelo arsenal real, e obrigando-se a fazenda ao reparo de suas avarias, e satisfação das soldadas, pois que de frete nada querem os seos proprietarios: ordenei acompanhasse a Duqueza o coronel ajudante das minhas ordens Jozé Antonio do Paço, que vae igualmente por mim encarregado das vias, que dirijo a V. Ex.

O Reverendo prefeito dos padres barbadinhos d'esta cidade, que confessou, administrou os sacramentos, e assistio a todos os mais actos religiozos, a que o Duque com a maior conformidade se prestou, sendo elle mesmo que d'elles se lembrava, me communicou, que tinha escrito, á força das repetidas e vivas instancias do Duque, o que sobre a sua familia elle o recommendara até ao momento de expirar, a qual carta junta com a que o Duque escrevera na Parahiba, quando adoeceo mortalmente, e que elle deo n'esta mesma occazião ao padre prefeito, eu

remetto com este para que V. Ex. as offereça á real consideração de V. A. R., segurando ao mesmo Senhor que a Duqueza com seos filhos e criados foram meos hospedes desde as sete horas da manhan do dia quatorze, e até hoje ao momento de embarcar se promoveram todos os meios possiveis de adoçar o sentimento de uma perda irreparavel.

O enterro, as exequias, e o efficio de corpo prezente no dia 15 foram feitos com a decencia devida, e com a magnificencia que o paiz permitte. Jaz no convento de São Francisco d'esta cidade. Deos guarde a V. Ex. Bahia 19 de Março de 1808. Illm. e Exm. Snr. Visconde de Anadia. *Conde da Ponte.*

Nota

Este documento foi extrahido da collecção de cartas para Sua Magestade, existente no Archivo Publico do Estado da Bahia.

NOTA SOBRE O DUQUE DE CADAVAL

D. Miguel Caetano Alvares Pereira de Mello, 5° Duque de Cadaval por carta de 15 de Maio de 1777, 7° Marquez de Ferreira, e 8° Conde de Tentugal; do conselho da rainha D. Maria I e Mordomo-mór da mesma Senhora, em 21 de Março de 1807, por nomeação do Principe Regente D. João; Grã-Cruz das ordens de Christo, e da Legião de Honra em França; Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, em 9 de Março de 1801, ficando desobrigado do commando do regimento de cavallaria de Mecklembourg.

. . . . . .

Tendo falecido o Principe D. Jozé, foi elle um dos fidalgos nomeados para pegarem nas argolas do caixão, e que, no domingo 14 de Setembro de 1788, acompanharam o seo real cadaver para o convento de S. Vicente de Fóra, estando ahi prezente á leitura da escritura da entrega do proprio corpo de Sua Alteza, e a ser encerrada na caza do depozito dos Reis d'estes reinos. Logo que

soube, por participação do Principe Regente, a rezolução em que estava de passar com toda familia real para o Brazil, não hezitou um só instante em o seguir, e apezar de lutar com uma gravissima enfermidade, fez os seos aprestes para ir na náo *Martinho de Freitas*, mas vio-se obrigado a embarcar na náo *D. João de Castro*, com sua mulher e filhos, pouco menos que á cortezia dos companheiros de viagem, por não ter tido tempo de mudar os provimentos de uma para outra, ou de novamente se abastecer; do porto de Lisboa sahio com toda a esquadra em 29 de Novembro de 1807, e sendo esta logo dispersada, foi izoladamente navegando com viagem cansada, trabalhoza e demorada, e por meado de Janeiro avistou a costa da Parahiba, onde fundeou por poucos dias para tomar refrescos, indo no fim d'esse mez arribado á Bahia, e crescendo o mal de hidropizia de peito, que soffria o Duque, morreo n'aquella cidade aos 14 de Março de 1808, e ahi jaz no convento de S. Salvador, da ordem de S. Francisco. *

Deixou elle uma viuva e quatro tenros orfãos, em terra estranha e fóra da patria, que não esperavam ver mais; mas a Providencia quiz, que a ella voltassem, para outra vez a deixarem, aquelles que ahi não ficaram sepultados.

Em 23 do mesmo mez embarcaram para o Rio de Janeiro, onde aportaram em meado de Abril, e n'essa côrte se conservaram até o anno de 1816, em que regressaram a Portugal, como dito fica.

Nota

Estes apontamentos encontram-se na obra «Memorias Historico-Genealogicas dos duques portuguezes», dos Srs. João Carlos Feo Cardozo de Castello Branco e Visconde de Sanches de Baêna.

(Diario da Bahia de 22 de Setembro de 1896).

---

* No convento de S. Francisco, segundo se lê no officio do Conde da Ponte.

OPINIÃO DE UM FRADE CAPUXINHO

SOBRE A

Escravidão no Brazil em 1794

Illm. e Exm. Sr. N. 4. O Arcebispo d'esta dioceze levado d'aquella vigilancia que sempre mostra em atalhar qualquer doutrina em materia espiritual, que possa perturbar a tranquillidade e socego d'esta capitania, ou oppôr-se ás leis e ordens de Sua Magestade, me fez saber, que o padre frei Jozé de Bolonha, missionario capuxinho italiano, tivera o desacordo e indiscreção de seguir uma opinião, a respeito da escravidão, a qual, si se propagasse e abraçasse, inquietaria as consciencias dos habitantes d'esta cidade, e traria comsigo para o futuro consequencias funestas á conservação e subsistencia d'esta colonia.

Depois d'este religiozo viver n'este paiz ha perto de quatorze annos com procedimento exemplar, cumprindo com as obrigações do seo ministerio, apezar de algumas imprudencias e extravagancias em que rompia, e de que se abstinha, quando d'ellas advertido pelos seos superioriores, merecendo o conceito de homem virtuozo, e zelozo pelo serviço de Deos, se persuadio ou o persuadiram de que a escravidão era illegitima e contraria á religião, ou ao menos, que sendo esta umas vezes legitima, outras illegitima, se devia fazer a distinção e diferença de escravos tomados em guerra justa ou injusta, chegando a tal ponto a sua persuasão, que, confessando pela festa do Espirito Santo a varias pessoas, poz em pratica esta doutrina, obrigando-as a que entrassem na indagação d'esta materia tão dificultoza, por não dizer impossivel de se averiguar, afim de se dar a liberdade a aquelles escravos que ou fossem furtados, ou reduzidos a uma escravidão injusta, sem refletir que quem compra escravos, os

compra regularmente a pessoas autorizadas para os venderem, debaixo dos olhos e consentimento do Principe, e que seria inaudito, e contra a tranquillidade da sociedade, exigir de um particular quando compra qualquer mercadoria a pessoa estabelecida para a vender, que primeiramente se informasse donde ella provém por averiguações, além de inuteis, capazes sem duvida de aniquillar toda e qualquer especie de commercio.

Examinada a origem d'esta opinião, que este padre por tanto tempo não seguira, se veio ao conhecimento de que algumas praticas que tivera com os padres italianos da missão de Gôa, transportados em a náo *Belêm* surta n'este porto, e hospedados no hospicio da Palma, deram cauza a que este religiozo se capacitasse d'esta doutrina, não tanto por malicia e dólo, como por falta de maiores talentos e conhecimentos theologicos, e em razão de uma consciencia summamente escrupuloza.

Para que uma doutrina tão pernicioza se não espalhasse, o Arcebispo immediatamente o mandou suspender de confessar, rogando-me o remettesse n'este navio que segue viagem, e que o mestre o não deixasse saltar para terra sem ordem pozitiva de V. Ex. ; e conferindo com o mesmo Arcebispo sobre esta materia, para se darem as mais providencias que parecessem acertadas, julguei conveniente chamar á minha prezença o reitor dos referidos missionarios de Gôa, estranhando-lhe vivamente a sua indiscreção, mostrando-lhe que esta materia era summamente delicada, melindroza, e que ao principe unicamente tocava providenciar sobre ella, si algum dia assim o julgasse conveniente, e que finalmente era grande inconsideraçáo e temeridade á vista de um prelado tão sabio e douto, e de todo o clero d'esta cidade suscitar similhante questão. Procurou justificar-se na minha prezença o reitor, referindo-me que o padre frei Jozé de Bolonha, perguntando-lhe o seo parecer sobre este ponto, lhe respondera, que havia a escravidão legitima e illegitima, mas que o não persuadira a que obrasse no confissionario o que obrou ; antes lhe dissera, que offerecendo-se duvida a devera communicar ao ordinario ; mas sem embargo d'esta defeza que me não satisfaz, por maior

cautela ordenei ao commandante da náo *Belém*, fizesse recolher para bordo aos ditos missionarios, e não os deixasse sahir para terra, sem ordem pozitiva minha. Deos guarde a V. Ex.

Bahia 18 de Junho de 1794. Illm. e Exm. Sr. Martinho de Mello Castro. *D. Fernando Jozé de Portugal.*

(Extrahido do Archivo Publico da Bahia, Liv. 3° de cartas para Sua Magestade).

LIBERTAÇÃO DE ESCRAVOS

POR OCAZIÃO DA

Guerra da independencia nacional

Tomando Sua Magestade o Imperador na sua particular consideração os serviços prestados pelos escravos dos habitantes da Bahia, que valorozamente pugnaram contra o exercito luzitano em todo o tempo, que este occupou e opprimio a capital d'aquella provincia, e não sendo conforme aos principios de justiça, nem aos sentimentos generozos e magnanimos de Sua Magestade Imperial consentir que aquelles mesmos, que tanto se distinguiram a favor da cauza sagrada da independencia d'este Imperio, e da liberdade e restauração de uma das suas mais importantes provincias, continuem a viver sujeitos ao jugo da escravidão, não participando do apetecido fruto da mesma liberdade, para que tanto concorreram: Manda o mesmo Augusto Senhor pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, que o Governo Provizorio da dita provincia, convocando os senhores dos subreditos escravos, lhes offereça um preço razoavel pela liberdade de cada um d'elles, afim de que, forros e livres, possam continuar a servir nos corpos militares, em que tiverem praça, ou a que forem agregados; cujo pagamento lhes será logo feito pela respectiva junta de fazenda, a quem serão expedidas as convenientes ordens pela competente Secretaria de Estado: esperando finalmente que os senhores dos mencionados escravos, identificando seos proprios sentimentos com os do seo augusto e magnanimo coração, não só se prestem de bom grado a conceder-lhes por esta maneira a liberdade, de que elles

se fizeram dignos; mas que ainda mais se distingam, concedendo-a gratuita, em attenção e respeito ao serviço publico. Palacio do Rio de Janeiro em 30 de Julho de 1823. *Jozé Joaquim Carneiro de Campos.*

Nota

Este documento encontra-se no Archivo Publico da Bahia.

INFORMAÇÕES

SOBRE A

Ilha de Fernando de Noronha

Illm. Exm. Sr. Em officio de 15 de Abril do anno passado me ordena V. Ex., que examine com tôda a individuação o que se propõe na nota que o acompanhou, e que torno a remetter acerca da ilha de Fernando de Noronha, um dos paizes mais ferteis da America, e dos motivos por que n'ella se não tem animado a povoação e toda a cultura.

Ninguem poderá informar a V. Ex. com mais miudeza e exacção sobre este ponto, do que o governador de Pernambuco, por não pertencer a ilha a esta capitania, mas áquella; porém para satisfazer a V. Ex. do modo possivel, segundo o que me consta, ocorre-me dizer, que para este prezidio se mandam annualmente varios degradados, já por conselhos de guerra, e já por sentenças dos magistrados competentes, aos quaes sendo paizanos se lhes assenta praça de indio, com o vencimento de vinte réis por dia, além da farinha com que Sua Magestade sustenta a todos os habitantes, remettida de Pernambuco, por ser muito pouca a que produz o paiz, em razão de ser summamente cheio de pedras e montanhas asperas, e das grandes secas que continuamente experimenta, como até reconhecem os autores estrangeiros que a descrevem, e porque o terreno alguma couza melhor, se acha plantado de hortaliças, melões, melancias, aboboras, e de algum feijão e milho, o gado é pouco por falta de pastos, de tal sorte que os habitantes só comem d'elle nas festas principaes do anno, segundo a repartição que faz o commandante do prezidio, sendo o seo principal sustento além da farinha com que a real fazenda os fornece a caça, especialmente rôlas, as tartarugas, os carangueijos

que ha em abundancia, apanhados em terra, algum peixe, de que se não aproveitam muito, por se não poderem afastar os pescadores da ilha pela correnteza das aguas, e falta de embarcações proprias que se não permittem, afim de se evitar a dezerção dos degradados. Não ha ali mulheres de que procede a maior frequencia dos vicios da fragilidade humana contrarios á natureza, entre as pessoas do sexo masculino, como se aponta na nota; os seos habitantes comtudo não vivem em tanta ociozidade quanta se supõe, pois o destacamento remettido de Pernambuco, composto de sessenta ou setenta homens, em que entram alguns soldados sentenciados, commandado por um capitão, se occupa em guardar, vigiar e conter os degradados, e estes se empregam na pequena cultura, que o paiz admitte.

Não me contentei com estas informações; examinei os livros da secretaria, em que encontrei as noticias seguintes:

Constando n'essa côrte por carta do Conde das Galveas, vice-rei e capitão general do estado do Brazil de governador de Pernambuco Duarte Sodré Pereira, que chegando em 29 de Maio de 1736 um navio portuguez obrigado dos ventos a esta ilha, situada ao sul da linha em 3 gr. e 50 m. lat., e de long. 350 gr., e 50 min., afastada da costa do Brazil quazi 59 leguas, achára n'ella arvorada uma bandeira branca, e no porto uma lanxa e um escaler encalhados, e em pouca distancia da praia algumas barracas armadas, hortas, roças e criação de varias aves e animaes, e que desembarcando em terra, levado da curiozidade por saber que estava despovoada, desde o tempo em que os Olandezes, occupando as costas de Pernambuco, tiraram d'ella os habitantes, encontrára doze homens que lhe disseram serem Francezes, e acharem-se ali, porque, fazendo viagem para a India, foram obrigados por fazer agua o navio encalhado n'aquella ilha, aonde estavam esperando outro para os transportar; o que se convencia de falso, não só pelos referidos signaes de estabelecimento, mas porque o capitão de outro navio portuguez, vindo da costa da Mina, atestava haverem-lhe dito na mesma costa dois capitães francezes, que a

companhia Oriental da sua nação a mandára occupar e povoar: foi Sua Magestade servida em attenção a estas participações nomear por governador e capitão-general da capitania de Pernambuco a Henrique Luiz Freire de Andrade, ordenando-lhe por carta régia de 26 de Maio de 1737 que remetto por copia n. 1 juntamente com relação do que achara o emissario mandado pelo vice-rei do estado, e informação de um piloto que ali tinha estado por varias vezes, que logo que chegasse procurasse sem a menor dilação fazer desalojar os ditos Francezes, e levantar no porto da dita ilha alguma fortificação para a sua defensa, pondo n'ella prezidio capaz de rezistir alguma invazão repentina, que poderá intentar-se, emquanto não rezolvia o modo porque devia ser povoada e fortificada mais regularmente, mandando-se para ajudar esta expedição duas fragatas com varios petrexos de guerra, recommendando-se-lhe que depois de restituida a ilha ao nosso dominio, remettesse para ella algumas vacas e touros, eguas, cavallos, gallinhas e mais animaes, e aves de criação, como tambem milho, legumes e outras sementes e plantas de mandiocas para se irem cultivando as terras e provendo do necessario para o sustento de seos habitantes. Em execução d'esta real ordem foram expulsos os Francezes da dita ilha sem menor rezistencia, de tal sorte que quando ali chegou depois D. Manoel Henriques com a náo *Nossa Senhora da Gloria* do seo commando para ajudar esta expedição, segundo as instruções que trazia da côrte, já os achou desalojados, e a construção das fortalezas adiantada, como se collige da carta que escrevera a essa secretaria o mesmo Conde das Galveas, vice-rei do estado em 22 de Julho de 1738, que remetto por copia n. 2, em que se referem as noticias que elle dera da dita ilha, e mais alguns officiaes e soldados da equipagem da náo, afirmando achar-se em bom estado de defeza por estarem adiantadas as suas fortificações e pelo prezidio que n'ella assistia composto de trezentos e sessenta homens entre soldados e pessoas de serviço; acrescentando ser o terreno capaz de toda a produção, posto que a mandioca não dava tão bem por chover ali muito pouco, e que entre as

torrentes de agua se encontrava uma despenhada de certa montanha, com o uzo da qual experimentavam alivio os que padeciam de escorbuto, chagas, molestias de nervos, e outros axaques, de que talvez nem nós, nem os Olandezes, nem ultimamente os Francezes tiveram noticia, quando a habitaram.

A' vista das informações antigas e modernas de que faço menção, poderá V. Ex. conhecer si terá lugar um novo plano sobre o melhoramento d'esta ilha, na fórma que se aponta na nota, ou com aquellas modificações que parecerem mais acertadas, devendo concluir que segundo a reflexão que faz aquelle vice-rei do estado o Conde das Galveas em outra carta tratando d'esta ilha, sómente a nação portugueza póde manter n'aquella paragem algum pequeno prezidio, pela vizinhança de Pernambuco, de onde póde receber o necessario para a subsistencia, suposta a sua situação, falta de lenhas, e o pouco que póde produzir; porque os montes de que ella se compõe, são todos infrutiferos, admittindo só alguma plantação nas quebradas d'elles em algumas pequenas vargens que se estendem por limitado espaço na vizinhança do porto, que não póde ser duravel, porque as terras do Brazil, em se não deixando descançar muitos mais annos que na Europa, não produzem couza alguma.

Deos guarde a V. Ex. Bahia 9 de Abril de 1779.

Illm. Exm. Sr. D. Rodrigo de Souza Coutinho. *D. Fernando Jozé de Portugal.*

(Está conforme ao original existente no Archivo Publico do estado da Bahia).

RESTITUIÇÃO

DA

Ilha da Trindade ao Brazil

TERMO E SIGNAL DE POSSE

Para completar os documentos relativos ao reconhecimento da soberania do Brazil sobre esta ilha, já publicados na *Revista Trimensal*, julgo dever offerecer ao Instituto Historico o que se lê a este respeito no relatorio aprezentado ao Prezidente da Republica em 14 de Maio ultimo pelo ministro de estado das relações exteriores general de brigada Dionizio Evangelista de Castro Cerqueira.

Relatorio

«No relatorio do anno proximo passado o meo antecessor (Dr. Carlos Augusto de Carvalho) referio o estado em que se achava a questão da occupação da Ilha da Trindade pelo governo britannico.

No prezente cabe-me a satisfação de registrar a feliz solução que ella teve pouco antes de passar-me o dito senhor a direção d'este ministerio.

Essa solução foi obtida pelo governo de Sua Magestade Fidelissima, cujos bons officios foram aceitos pelos dous interessados e que era o mais proprio para falar com justiça, pois sabia o que ao Brazil ficára pertencendo por occazião da sua independencia.

Como consta da correspondencia annexa a este relatorio, o encarregado de negocios de Portugal communicou a este ministerio em 6 de Agosto do anno proximo passado, que o governo britannico reconhecia a soberania do Brazil sobre a ilha da Trindade.

Essa communicação de um acto de justiça nobremente praticado foi poucos dias depois confirmada pela legação de Sua Magestade Britannica em nota que nos annunciou a partida do navio de guerra *Barracouta* para a ilha, com o fim de remover os signaes de ocupação ali deixados.

Effectuada a desocupação, firmou-se de novo o nosso direito por meio de um padrão provizorio levantado no dia 24 de Janeiro do corrente anno, como consta do termo de posse junto á correspondencia a que me referi.

Essa commissão foi desempenhada pelo cruzador *Benjamin Constant.*»

Termo de posse

« Aos vinte e quatro dias do mez de Janeiro do anno de mil oitocentos e noventa e sete, nono da Republica, sendo prezidente dos Estados Unidos do Brazil o Sr. Dr. Prudente Jozé de Moraes Barros, e vice-prezidente em exercicio o Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, e ministro da marinha o contra-almirante Manoel Jozé Alves Barbosa, na ilha da Trindade, no lugar denominado Forte da Rainha, cujas coordenadas são lat. 20°, 33', 00'' e long. 29°, 21', 00'' O. 20, collocou-se uma haste de bronze, tendo de comprimento dous metros e noventa centimetros e de diametro dezoito millimetros, e uma chapa de metal de um metro e cincoenta millimetros de comprimento sobre oitocentos e cincoenta millimetros de largura com a inscripção «Brazil», e junto uma caixa de madeira de cedro com as seguintes dimensões: comprimento trezentos e vinte cinco millimetros, largura duzentos e cincoenta millimetros e de altura um centimetro, dentro de uma outra de chumbo tendo de comprimento trezentos trinta e quatro millimetros, de largura duzentos e cincoenta millimetros, e de altura cento e dez millimetros, envolvida em cimento, tendo na parte superior uma chapa com a seguinte inscripção:

« Este marco foi collocado pelo cruzador *Benjamin Constant* sob o commando do capitão de fragata Rodrigues

Torres em viagem de instrução da turma de G. G. M. M. de 1896 — Janeiro de 1897 — em consequencia de não se poder erigir o marco-padrão, que trouxe este navio para ser collocado na referida ilha, devido isso a não possuir o navio uma jangada apropriada para o desembarque das peças do mesmo marco-padrão, em numero de doze, porquanto a enseada do lado de oéste, adequada para similhante fim, arrebenta continuadamente e é toda margeada de arrecifes, impossibilitando a approximação de qualquer embarcação, sob pena de virar, sacrificando todo o pessoal.

Não satisfazendo a pranxa que o navio trouxe para esse serviço, visto ser a praia rampada, improvizou-se a bordo uma jangada de cinco taboas com seis pipas, a qual só prestou-se, com bastante difficuldade, a passar um cabo de vai-vem em terra e transportar o signal acima mencionado, a fim de denotar que a referida ilha pertence á Republica dos Estados Unidos do Brazil, tendo assim cumprido fielmente as ordens do governo.

E para constar, lavrou-se o prezente termo, que vae assignado por todos os officiaes de bordo e commandante.

Bordo do *Benjamin Constant* na ilha da Trindade em 24 de Janeiro de 1897. *Joaquim Jozé Rodrigues Torres*, capitão de fragata, commandante. *Alfredo de Avila Menezes*, capitão-tenente, immediato. *Francisco Xavier Tinoco Junior*, capitão-tenente, instructor. *Arthur Pinheiro Hess*, capitão-tenente. *Henrique Boiteux*, capitão-tenente, instructor. *Francisco Augusto de Lima Franco*, commissario de 2ª classe, capitão-tenente, Dr. *Julião Freitas do Amaral*, cirurgião de 3ª classe, capitão-tenente. *Augusto Heleno Pereira*, 1° tenente. *Henrique Feijó Junior*, 1° tenente. *Paulo Paquet*, machinista naval de 3ª classe. *Raul Varella Quadros*, 1° tenente. *Bento de Barros Machado da Silva*, 1° tenente. *João Gomes da Silva*, machinista naval de 4ª classe. *Augusto Carlos de Souza Silva*, 2° tenente. *Conrado Luiz Heck*, 2° tenente. *Raphael Brusque*, 2° tenente. *Cicero Peçanha*, pharmaceutico. »

Sala das sessões do Instituto Historico em 21 de Novembro de 1897. *Manoel Francisco Correia.*

TELEGRAMAS SOBRE A ILHA DA TRINDADE

Uma folha lisbonense de 18 de Agosto publica estes dous telegramas de Londres:

«LONDRES, 14, m. — Camara dos communs. — Sir Edward Gourley, de Sunderland, perguntou ao sub-secretario de Estado parlamentar si a Ilha da Trindade tinha sido entregue ao governo brazileiro, e dado este cazo si foi em consequencia da Inglaterra ter tomado posse d'ella indevidamente, ou si a cedeo por a julgar inhabitavel ou impropria para a Companhia Telegraphica a que o governo tinha concedido o direito de estabelecer um cabo para a America do Sul.

O Sr. Curson, sub-secretario de Estado, respondeo fazendo a seguinte declaração: O governo britannico, tendo aceitado os bons officios do governo portuguez, que lhe foram voluntariamente offerecidos, e tendo o governo portuguez declarado que na sua opinião a Ilha da Trindade tinha sido transferida para o Brazil por Portugal em 1825, o governo britannico expressou a sua boa vontade em aceitar essa opinião, e por conseguinte retirou a pretenção á posse da Ilha da Trindade.»

«LONDRES, 14, m. — O *Times*, em artigo editorial, refere-se á questão da Trindade. Depois de expôr a situação chorographica da ilha e a recuza de uma arbitragem ou mediação pelo governo brazileiro, acrescenta: Concordou-se em que se aceitasse a mediação de Portugal, que como alliado tradiccional da Inglaterra e vinculado pelo sangue ao Brazil, dezejava ver mantidas as boas relações entre os dous paizes, e por isso offereceo os seos bons officios. Graças ao cuidado e zelo do rei de Portugal e do ministro dos negocios estrangeiros, Sr. Luiz Soveral, chegou-se á decizão de que a Ilha da Trindade é na verdade possessão brazileira, e a Gran-Bretanha retira por isso a pretenção de a occupar. E' muito agradavel, que não haja mais desintelligencias entre a Inglaterra e o Brazil, paiz que tem sido sempre nosso amigo, e que o governo portuguez pudesse concorrer para resolver a questão.

O *Times* termina assim: Tomamos uma ilha dezerta; o nosso direito é contestado; uma nação amiga, á qual a questão é submettida com o nosso assentimento, declara-nos, que estamos em erro, e nós immediatamente retiramos a nossa pretenção, posto que não houvesse perigo de ser sériamente ameaçada a nossa possessão; resta saber si as nações, que tanto gostam de criticar-nos procederiam de igual modo.»

O INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Desde a sua fundação até hoje

Memoria apresentada ao Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores

Pelo Presidente do Instituto

Dr. Olegario Herculano d'Aquino e Castro

Satisfazendo o pedido de uma Memoria ou noticia historica ácerca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro desde a sua fundação até hoje, começarei dizendo que é de todo impossivel resumir em uma simples noticia, como a que poderei agora dar, a vida inteira do Instituto Historico, distincta associação litteraria creada ha muitos annos nesta Capital pela iniciativa patriotica de eminentes Brazileiros, amigos das lettras e enthusiastas propugnadores do engrandecimento nacional; seria preciso escrever uma monographia, e no momento falta-me espaço e tempo para tanto; ser-me-ha, pois, relevado que pouco diga, reportando-me ao que com abundancia de esclarecimentos, correcção e verdade se acha escripto, entre outros, nos trabalhos publicados em 1887, 1889 e 1893 pelos dignos 1° Secretarios do Instituto, Coronel Fausto de Souza, general João Severiano e Henrique Raffard.

—

A 18 de agosto de 1838, em sessão do Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, apresentou o seu 1° Secretario Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, uma proposta, datada de 16 desse mez e tambem assignada pelo Secretario adjunto Conego

Januario da Cunha Barbosa, para que fosse creado um Instituto Historico e Geographico Brazileiro, filial da Sociedade Auxiliadora, pedindo-se á Assembléa geral da mesma Sociedade a necessaria approvação.

Foi a proposta aceita, reconhecendo-se desde logo a conveniencia da associação, que teria por fim colligir, coordenar e publicar os documentos historicos e geographicos de interesse para a historia do Brazil. Submettida á apreciação da Assembléa geral, foi a proposta unanimemente approvada em sessão de 19 desse mez e anno, inserindo-se na Acta respectiva um voto de louvor aos proponentes — pela idéa da creação de um Instituto, do qual grandes vantagens se deveriam esperar em prol da patria e para a gloria de seus membros.

A 21 de outubro seguinte, no salão do Museu Nacional, em que a Sociedade Auxiliadora costumava celebrar suas sessões, ás 11 horas da manhã, reunidos 27 cidadãos de reconhecido saber e elevada posição social, convidados para o acto, effectuou-se a installação, sob a presidencia do Marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim, Presidente da Auxiliadora.

Na mesma occasião procedeu-se á eleição de um Presidente e dous Secretarios, que teriam de servir interinamente nas sessões preparatorias até que fossem organisados e approvados os Estatutos. Foi eleito Presidente o Visconde de S. Leopoldo, 1° Secretario o Conego Januario e 2° o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

Ficaram encarregados da organisação dos Estatutos o mesmo Presidente, o 1° Secretario interino e o Marechal Cunha Mattos.

E' justo que, antes de proseguir, sejam aqui registrados os nomes dos 27 consocios presentes á installação do Instituto :

1 — Marechal de Campo Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim, depois Visconde de Jerumirim, Conselheiro de Estado ;

2 — José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, Conselheiro de Estado e Senador.

3 — Marechal de Campo Raymundo José da Cunha Mattos, vogal do Supremo Conselho Militar.

4 — Conego Januario da Cunha Barbosa, prégador imperial e chronista do imperio;

5 — Candido José de Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy, Senador e Conselheiro de Estado;

6 — Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, engenheiro;

7 — Pedro de Alcantara Bellegarde, Marechal de Campo e lente da Academia Militar.

8 — Dr. Joaquim Caetano da Silva, professor do Collegio de Pedro II;

9 — Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, professor do mesmo Collegio;

10 — Desembargador José Antonio da Silva Maia, procurador da Coroa, Soberania e Fazenda Nacional, Senador e Conselheiro de Estado;

11 — Caetano Maria Lopes Gama, Visconde de Maranguape, Senador e Conselheiro de Estado;

12 — José Clemente Pereira, Senador e Conselheiro de Estado;

13 — Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba, Senador;

14 — Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Desembargador;

15 — Francisco Gê Acayaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha, Senador e Conselheiro de Estado;

16 — Joaquim Francisco Vianna, Senador e Conselheiro;

17 — Bento da Silva Lisboa, Barão de Cayrú, Conselheiro;

18 — Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, Chefe da Secretaria dos Negocios do Imperio, Conselheiro;

19 — Alexandre Maria de Mariz Sarmento, Chefe da Contadoria Geral do Thesouro, Conselheiro;

20 — Ignacio Alves Pinto de Almeida, Secretario da Junta do Commercio;

21 — João Fernandes Tavares, Physico-mór, Visconde de Ponte Ferreira;

22 — José Antonio Lisboa, Deputado da Junta do Commercio, Conselheiro;

23 — Dr. José Lino de Moura, Contador da Caixa da Amortização ;

24 — Dr. José Marcelino da Rocha Cabral, Advogado ;

25 — Dr. Antonio Alves da Silva Pinto, Advogado ;

26 José Silvestre Rebello, Negociante.

27 — Thomé Maria da Fonseca, Administrador da Recebedoria do Municipio.

A 25 de novembro do anno já indicado foram lidos e approvados os Estatutos que deveriam desde logo reger a associação, só podendo ser modificados quando a experiencia accusasse algum defeito.

Procedendo-se á eleição dos socios que teriam de formar o conselho do Instituto, foram eleitos: Presidente, o Visconde de S. Leopoldo ; Vice-Presidente e Director da Secção de Geographia, o Marechal Cunha Mattos ; Vice-Presidente e Director da Secção da Historia, o Conselheiro Araujo Vianna ; 1° Secretario perpetuo e Director da commissão de estatutos, redacção da *Revista*, bibliotheca e archivo, o Conego Januario ; 2° Secretario, Dr. Silva Maia ; Orador, Dr. Pedro de Alcantara Bellegarde ; Thesoureiro e Director da commissão de fundos, Dr. José Lino de Moura.

Em seguida foram eleitos os demais membros das quatro commissões creadas : de historia, geographia, redacção e fundos.

Assim installado o Instituto, leu o seu 1° Secretario perpetuo um eloquente discurso inaugural, em que salientou a elevação da idéa e a utilidade da instituição, que, sob os auspicios da Sociedade Auxiliadora, se propunha a reunir e organisar os elementos para a historia e geographia do Brazil, esparsos pelas provincias e, por isso mesmo, só com difficuldade podendo ser colhidos por quem se dispuzesse a escrever com exactidão e discernimento a historia do Brazil.

« Eis-nos, dizia elle, congregados para encetarmos os trabalhos do proposto Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e dest'arte mostrarmos ás nações cultas

que tambem prezamos a gloria da patria, propondo-nos a concentrar em uma litteraria associação os diversos factos da nossa historia e os esclarecimentos geographicos do nosso paiz, para que possam ser offerecidos ao conhecimento do mundo purificados dos erros e inexactidões que os mancham em muitos impressos, tanto nacionaes como estrangeiros.»

« Desculpai-me, accrescentava o egregio orador, si na fraca exposição das vantagens que podem emanar da fundação do nosso Instituto, eu mais tive em vista a gloria nacional, que sempre faz bater o coração em peito brazileiro, do que a difficuldade da empreza a que nos endereçamos. Este magestoso edificio tem por fundamentos o amor da patria e o amor das lettras.»

Nos primitivos Estatutos foi nestes termos definido o fim e objecto do Instituto :—colligir, methodisar, publicar ou archivar os necessarios documentos para a historia e geographia do Brazil ; bem como promover os conhecimentos destes dous ramos philologicos por meio do ensino publico, logo que o seu cofre proporcione essa despeza. Procurará sustentar correspondencia com sociedades estrangeiras de igual natureza e se ramificará nas provincias do imperio para mais facil desempenho dos fins a que se propõe. Publicará de tres em tres mezes um folheto que tenha pelo menos oito folhas de impressão com o titulo seguinte :

Revista Trimensal de historia e geographia ou jornal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fundado no Rio de Janeiro sob os auspicios da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Nesta *Revista* se publicarão, além das actas e trabalhos do Instituto, as Memorias de seus membros que forem interessantes á historia e geographia do Brazil; e assim tambem as noticias ou extractos de historia e geographia das obras publicadas pelas outras sociedades e pessoas litteratas, estrangeiras ou nacionaes, precedendo a respeito dellas o relatorio de uma commissão do seu seio, para esse effeito nomeada.

Estes Estatutos foram refundidos e alterados pelos de 1 de junho de 1851, não em seus pontos essenciaes — organisação, fim e objecto — mas especialmente nos que

se referiam á administração, ordem e distribuição do serviço a cargo do Instituto.

Com relação ao objecto foi de novo declarado que o Instituto Historico do Brazil — tem por fim colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e geographia do Brazil — accrescentando-se : e á archeologia, ethnographia e linguas dos seus indigenas.

Quanto á *Revista*, já então separado o Instituto da Sociedade Auxiliadora, foi disposto que teria pelo menos 12 folhas de impressão, com o titulo seguinte : — *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fundado no Rio de Janeiro debaixo da immediata protecção de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.*

Nas mesmas condições foram os Estatutos additados em 1861, sendo as modificações introduzidas approvadas pelo Decr. n. 2842 de 2 de novembro desse anno; e, finalmente, reformados pelos que se acham em vigor, approvados em sessão de 1 de agosto de 1890.

—

Voltando, porém, aos primeiros passos da nascente instituição:

Em 1838 começaram os trabalhos regulares do Instituto.

A 1 de dezembro desse anno, constituida a mesa directora, foi celebrada a 1ª sessão ordinaria, sob a presidencia do Visconde de S. Leopoldo, sendo apresentadas diversas propostas e lido por um dos consocios fundadores interessante trabalho sobre assumptos geographicos.

Estava assim brilhantemente encetado o percurso de uma longa e laboriosa jornada.

A creação da nova sociedade havia sido bem recebida pela imprensa e pelos homens de lettras em geral.

Tinha-se fé no seu futuro, pelo fim util e louvavel a que se propunha e pela reconhecida habilitação dos seus fundadores.

Do Governo, pelo orgão do Ministro do Imperio, conselheiro Almeida Albuquerque, merecia a seguinte menção no Relatorio de 1839 :

« Uma associação de litteratos, debaixo do titulo de Instituto Historico e Geographico Brazileiro, se installou

nesta capital; ella póde prestar relevantes serviços, não só diffundindo o amor ás sciencias, como tambem corrigindo innumeraveis erros que a respeito do Brazil publicam na Europa escriptores mal informados ou desaffectos, e averiguando muitos pontos historicos e geographicos que convem dilucidar no interesse da administração e da diplomacia.»

Para perpetuar a memoria de sua fundação havia feito o Instituto cunhar medalhas com os disticos que ainda hoje são conservados, distribuindo-as na 2ª sessão anniversaria de 1840.

« A noticia do grande commettimento, dizia o coronel Fausto de Souza, annos depois, foi acolhida como um auspicioso advento pelos brazileiros amantes do seu paiz, bem como por todos os sabios do velho mundo, os quaes, por intermedio do Instituto, já podiam entrar em relações com os homens de lettras do Brazil.

As associações congeneres da Europa e da America saudaram jubilosas a chegada da nova companheira que, qual robusta indigena das florestas brazileiras, se apresentava garrida e bem disposta para a rude missão de trabalhar pelo engrandecimento de sua tribu.

Não lhe faltaram logo cortejos, animações e requestos para amigavel correspondencia, tomando a dianteira o Instituto Nacional de França, a Academia de Sciencias de Lisboa, as Sociedades de Geographia de Paris, dos Antiquarios da Dinamarca e as de Historia da Pensylvania e da Belgica; a todos os convites annuiu graciosamente.

E não só os corpos collectivos, mas individualmente os sabios e os cultores das lettras, vieram sem demora dar as boas festas á recem-vinda e, como em festival kermesse, trazer cada um o seu presente valioso, escolhendo uma joia preciosa do seu escrinio litterario; Lund, Martius, o Principe Maximiliano, Monglave, Pedro de Angelis, Saint-Hilaire, Netscher, van Lede, Ferdinand Dénis, entre os estrangeiros; S. Leopoldo, Magalhães, Baena, Porto-Alegre, Candido Baptista, Abreu Lima, Conrado Niemeyer, Balthazar Lisboa, Pereira da Silva, Joaquim Norberto, Varnhagen, Cayrú, Silva Pontes, Freire Allemão e muitos outros, entre os nacionaes, offertaram

perfumados fructos, sazonados ao calor de suas cultas intelligencias.

Outros ainda, que sem saberem manejar a alavanca intellectual, guardavam cuidadosos as riquezas litterarias de seus parentes ou amigos, as cederam gentilmente ao Instituto, que desse modo conseguiu estimadissimas memorias sobre quasi todas as provincias, as cartas dos jesuitas, relatorios dos capitães-generaes, roteiros de viagens, explorações de rios, muitas biographias de nossos antepassados illustres; de sorte que a *Revista Trimensal* foi sendo procurada como uma fonte abundante, capaz de desalterar todo o que tinha sêde de saber; e o historiador, o diplomata, o estadista, o engenheiro, o administrador, o geologo, o professor e o estudante, o douto e o curioso, acharam nella o pharol que os guiasse em suas pesquizas, dando-lhes as noções de que careciam, ou apontando-lhes os rumos onde as poderiam encontrar.»

Mas, para ser devidamente aproveitada tão grande somma de estudos subsidiarios; para chegar, depois de largo tempo, a esse resultado descripto pelo illustre consocio, e sem duvida muito lisonjeiro para o Instituto, que logrou firmar os creditos grangeados pela sua *Revista*, quanto trabalho intelligente e dispendioso, foi necessario empregar?

Quantos embaraços foram vencidos á custa de redobrados esforços e infatigavel solicitude?

Logo em começo, e na mesma sessão em que foram iniciados os serviços ordinarios do Instituto, entre outras medidas, resolveu-se, sob proposta do Conego Januario, pedir a S. M. I. que se dignasse de aceitar o titulo de protector do Instituto.

O intento da proposta — bem se comprehende — era não só dar uma prova de consideração e deferencia devida ao chefe da Nação, mas tambem procurar firme e valioso apoio para a arriscada empreza, que, como de ordinario, teria de encontrar em seu caminho multiplas e graves difficuldades.

E não se illudiam os que assim pensavam. Com o fallecimento dos prestimosos fundadores da Sociedade — do Marechal Cunha Mattos, poucos mezes depois da

installação, e mais tarde do Conego Januario — por mais de uma vez a nova instituição, posto que bem apreciada no meio litterario de então, sentiu-se enfraquecida, esmorecendo ante os obstaculos com que tinha de lutar.

Salvou-a, porém, a alta protecção que havia sido invocada. As esperanças do Instituto não foram felizmente frustradas; antes excedidas.

D. Pedro II, accedendo benevolo aos pedidos que lhe foram feitos, e correspondendo franca e nobremente aos desejos dos doutos associados, constituiu-se prestante auxiliar e generoso protector do Instituto.

Referindo-se a essa phase da vida da recente associação, escrevia o general João Severiano em 1888:

« Desde sua primeira sessão ordinaria uma idéa de maximo alcance appareceu no Instituto. Visava-se ao seu futuro; temia-se a adversidade nos exemplos dissolventes do passado; pretendia-se um arrimo, um amparo, uma garantia para o porvir.

Essa garantia era o monarcha; e aquella aspiração vós sabeis como foi correspondida.

Era elle então um menino... mas que revelava dotes extraordinarios de intelligencia e applicação. Seu mestre, Araujo Vianna, dava disso testemunho; sabia-o a maior parte dos socios.

Por proposta de Januario o Instituto solicitou e obteve a augusta protecção, e mais uma data memoravel ficou indelevel nos fastos da sua historia — 19 de março de 1839.

O que foi a protecção do menino Imperador todos o sabem: a immediata mudança de livros preciosos e preciosissimos manuscriptos da sua bibliotheca para a do Instituto; o prenuncio — nas suas forças — do que viria a ser, em futuro breve, o interesse, o amor, a dedicação pelas lettras e pelo Instituto, do homem esclarecido, hoje cidadão do mundo; elle, cujo cabedal de sabedoria o mundo inteiro respeita; elle, cujos dotes d'alma o mundo todo acata; elle, a unica magestade verdadeira que Victor Hugo encontrou.

O Imperador tornou-se a encarnação do Instituto e a vida deste prende-se toda á do seu protector.

Felizmente, senhores, todos confirmam essa verdade — sem peccado de lisonja.»

Proseguiram os favores dispensados ao Instituto: em 1839 foi franqueado o Paço da cidade para a primeira sessão anniversaria da installação, celebrada a 3 de novembro, com assistencia do socio honorario Pedro de Araujo Lima, Regente do Imperio, Ministros de Estado e do Corpo Diplomatico e mais pessoas distinctas, não comparecendo o Imperador por motivo attendivel communicado pelo seu tutor. Veio a ter assim, na phrase elegante de J. M. de Macedo, o Instituto, de poucos mezes formado, o seu berço de aguia nas magestosas alturas da hospedagem imperial.

Ahi continuaram a ser realizadas as seguintes sessões anniversarias, com grande solemnidade, presentes a familia imperial, Ministros de Estado, Corpo Diplomatico, officiaes superiores, funccionarios publicos e mais pessoas gradas, sempre faceis em dar testemunho do apreço em que tinham a illustrada associação litteraria.

Para os trabalhos das sessões ordinarias do Instituto foram cedidas em 1840 as necessarias accommodações no Paço Imperial; em 1848 novas salas, preparadas e guarnecidas com custosas alfaias foram abertas para a solemnidade da inauguração dos bustos dos socios fundadores, Marechal Cunha Mattos e Conego Januario, e annos depois os que ainda foram precisos para os archivos, museu e bibliotheca.

Nesses commodos, accrescentados pelos que foram obtidos por intermedio do prestante consocio Conselheiro Alencar Araripe, quando Ministro do Interior o Dr. João Barbalho, e destinados ao arranjo dos livros, mappas e mais objectos de novo adquiridos, tem continuado a funccionar o Instituto até hoje.

A bibliotheca e o archivo occupam a maior parte do edificio. A sala das sessões é adornada com os bustos do magnanimo protector e fundadores do Instituto, em lugar proeminente, rodeados pelos dos illustres consocios, Visconde da S. Leopoldo, Marquez de Sapucahy, Barão de Santo Angelo, Dr. J. M. de Macedo, Conego

Fernandes Pinheiro, Visconde de Porto Seguro e Dr. Gonçalves Dias. Por deliberação ulterior tem de ser ainda ahi collocado o busto em marmore do emerito presidente Visconde do Bom-Retiro.

Desde 1850 as sessões anniversarias têm sido celebradas a 15 de dezembro, por que foi nesse dia do anno de 1849 que pela primeira vez o monarcha honrou com a sua presença uma sessão ordinaria do Instituto, pronunciando como primeiro socio, que então declarou ser, e o mais interessado no progresso do Instituto, as animadoras phrases e avisados conceitos que se encontram no discurso publicado em fac-simile na *Revista* desse anno. Foi dahi em diante assiduo na presidencia das sessões, tomando parte activa em seus trabalhos, excitando o zelo dos consocios e por todos os modos concorrendo para o desenvolvimento e progresso dessa instituição que tanto mostrava prezar e á qual teve a amabilidade de dirigir em 1889 as honrosas palavras, sempre com prazer lembradas, proferidas em resposta ás felicitações pelo anniversario da gloriosa data de 13 de Maio do anno anterior:

« Agradeço muito ao Instituto, e nada mais digo porque o Instituto bem sabe que eu sou todo delle ».

Já em 1842 havia tido o Instituto uma prova evidente do particular interesse com que era acolhido pelo seu immediato protector.

« No intuito de animar as pessoas que se dedicam aos importantes trabalhos de que se occupa o Instituto, diz o Av. do Ministerio do Imperio de 11 de janeiro desse anno, houve por bem Sua Magestade estabelecer o premio de uma medalha de ouro á pessoa que sobre o Brazil ou alguma de suas provincias apresentar melhores trabalhos estatisticos; outra a quem melhores trabalhos historicos offerecer ao Instituto no corrente anno; e finalmente outra a quem apresentar a melhor geographia do Brazil ».

Estes tres premios, por Av. de 23 de novembro do mesmo anno, continuariam a ser publicados como assumptos fixos para todos os annos.

Pela sua parte, tambem o Instituto havia creado premios, no valor de 200$ em medalhas de ouro, a quem escrevesse a melhor Memoria sobre a historia da legislação

peculiar do Brazil durante o dominio da mãi patria; dita, sobre o melhor plano de se escrever a historia antiga e moderna do Brazil, organisada com tal systema que nella fossem comprehendidas as suas partes politica, civil, ecclesiastica e litteraria; dita, para quem melhor desenvolvesse um ponto de historia relativo a Diogo Alvares Correia e a celebre Paraguassú, levados á França no reinado de Henrique II, etc.

Posteriormente ainda outras medalhas de igual valor foram creadas, como incentivo á apresentação de trabalhos sobre assumptos historicos.

E não foram infructiferos tão nobres estimulos: em 1847, em sessão solemne do Instituto, foram conferidos premios aos consocios:

Dr. C. Fred. Martius — pelo seu trabalho sobre o plano de se escrever a historia do Brazil.

F. A. Varnhagen — sobre o ponto relativo a Diogo Alvares e Paraguassú.

Tenente-coronel J. J. Machado de Oliveira — pela noticia raciocinada sobre as aldeias dos Indios da provincia de S. Paulo.

Dr. Domingos J. G. de Magalhães — pela Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão.

Coronel Conrado de Niemeyer — pela Carta corographica do Imperio do Brazil.

Em 1852, ao consocio Joaquim Norberto de Souza e Silva — pela Memoria historica e documentada das Aldeias dos Indios da provincia do Rio de Janeiro.

Varios donativos de livros e documentos de valor historico por vezes foram feitos pelo Imperador ao Instituto. Com o Aviso de 12 de janeiro de 1842, foram recebidos 40 documentos, em parte referentes ao estabelecimento dos portuguezes na India, e mais tarde foi ainda a collecção de manuscriptos, originaes e por cópia, que o Instituto possue em numero avultadissimo (cerca de 3.000), augmentada com as numerosas cópias de documentos da maior importancia para a historia antiga do Brazil, mandadas extrahir por Sua Magestade dos archivos da Europa.

Mas dentre todos os favores desta ordem devidos á munificencia imperial, sobrelevam pelo seu grande valor

e consideravel merecimento as doações feitas em 1856 da Bibliotheca Americana do Dr. C. F. Martius, para esse fim adquirida pelo doador e composta de mais de 800 volumes, de preço superior a 10:000$, e em 1891, pouco antes do seu fallecimento, de boa parte de sua bibliotheca particular, consistente em mais de 10.000 volumes, 1.400 mappas, 200 estampas ou vistas, além de objectos raros e de estimação especial destinados ao Museu ou conservados em sala separada.

Por tão assignalados beneficios, ao receber a noticia da morte do seu inclyto protector, resolveu o Instituto cumprir o imperioso e sagrado dever de prestar homenagem á sua veneranda memoria, celebrando a 4 de março de 1892 uma sessão commemorativa de tão infausto acontecimento.

Em 1894 publicou-se o excellente e volumoso trabalho que o actual 1° Secretario Henrique Raffard foi incumbido de organisar, compilando todos os artigos e noticias da imprensa com relação ao grande brazileiro, desde o dia do seu fallecimento.

Foi o ultimo e expressivo testemunho de reconhecimento e gratidão dado solemnemente pelo Instituto a quem tanto o merecia.

—

Muitos outros trabalhos de reconhecida utilidade para os estudos historicos e geographicos de que se occupa o Instituto têm sido por este publicados durante a sua já dilatada e sempre proveitosa existencia; estão nesse numero os abundantes *Apontamentos* historicos e geographicos da provincia de S. Paulo, pelo major M. E. de Azevedo Marques, 2 vols. em grande formato, valiosa dadiva do sempre liberal protector do Instituto; a interessante *Chronica* de Fr. Antonio Jaboatão, 1ª e 2ª partes, 5 vols., e o indispensavel *Repertorio* das revistas do Instituto de 1839 até hoje, organizado pelo laborioso consocio Alencar Araripe. Mas de todos o mais importante é a *Revista Trimensal* — a *alma do Instituto*, — como a denominava um dos nossos illustrados escriptores, ininterrompidamente distribuida desde 1 de maio de 1839 no paiz e no estrangeiro, pelas repartições publicas,

estabelecimentos de instrucção, associações scientificas, bibliothecas, corporações e litteratos que procuram conhecer os assumptos nella contidos.

Os 60 volumes já editados constituem farto e precioso acervo de noticias, documentos, memorias, viagens, investigações, rectificações, biographias, estudos criticos e analyticos do maior interesse para a historia e geographia do Brazil.

Em suas paginas brilhantes não se encontra só a linguagem severa e grave do historiador, expondo ou restabelecendo a verdade na enunciação dos factos e apreciação do caracter e merecimento dos homens que nelles tomaram parte; acha-se ainda o bellissimo modelo de eloquencia máscula, vibrante, florida e encantadora que offerecem poetas artistas e oradores, como Porto Alegre ou Macedo, verdadeiras glorias da litteratura brazileira.

« Desafiam a malevolencia, dizia o Conego Fernandes Pinheiro, em um dos seus discursos, as paginas da *Revista*, o mais vasto e completo archivo historico que possue o idioma portuguez, e cada vez mais cubiçado pelas academias, sociedades e individuos de todas as nacionalidades ».

« O que ella é, accrescentava o general João Severiano, dil-o a opinião do mundo scientifico ; dil-o o afan com que é procurado esse valioso repositorio de noticias da patria. Desde os mais antigos documentos sobre a invenção do Brazil até factos hodiernos, é copioso o numero dos que ahi ficam archivados. »

« Os trabalhos impressos na *Revista*, concluia o 1° Secretario em 1887, ao lado dos notaveis discursos proferidos nas sessões magnas, dão á sua collecção o aspecto imponente de uma galeria esplendida de quadros Raphaelicos e de estatuas do mais fino ouro, cinzeladas por mãos de afamados mestres. »

A bibliotheca, o archivo e o museu têm sido de longa data enriquecidos com a acquisição de livros, brochuras, opusculos, documentos impressos ou manuscriptos e curiosos objectos, na maior parte graciosamente offerecidos, como já foi dito, pelo finado Imperador, e

tambem por consocios, associações e particulares amigos das lettras cultivadas no Instituto.

Com os livros removidos do Paço da Boa Vista, não incluidas as duplicatas em numero crescido, conta a bibliotheca mais 20.000 volumes, sobresahindo os que são concernentes a assumptos americanos e com especialidade brazileiros ; grande cópia de cartas geographicas e mappas importantes e raros, além de desenhos, retratos e pinturas de maior ou menor valia.

Os livros impressos ou manuscriptos, mappas, etc., acham-se devidamente arrolados e descriptos nos catalogos publicados em 1860, 1884, 1889 e 1893.

Resta publicar-se o catalogo dos livros e mappas trazidos do Paço em 1892 e das medalhas, moedas e mais objectos recolhidos ao museu.

Entre muitas outras preciosidades ahi conservadas e constantes da relação junta ao vol. 49 da *Revista*, acham-se o craneo e ossos fosseis humanos, que denotam uma antiguidade de seculos, descobertos, com outros objectos de éras antediluvianas, em Lagôa Santa, pelas investigações paleontologicas do sabio consocio Dr. Lund, e por este offerecidos ao Instituto e mais dous marcos de posse, feitos de marmore branco com as quinas Portuguezas esculpidas, collocados, segundo consta, por Martim Affonso de Souza, descobertos pelo consocio Barão de Capanema no littoral de Cananéa e d'ahi trazidos para o museu por deliberação do Instituto.

Pelas diligentes pesquizas de prestimosos e dedicados consocios, deve-se ainda ao Instituto o descobrimento em 1839 da sepultura de Pedro Alvares Cabral, na sacristia do convento da Graça em Santarém, por F. A. Varnhagen ; a certidão de obito de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor da navegação aérea, fallecido em Toledo, no Hospital da Misericordia, em 1754, além de numerosos documentos, noticias e esclarecimentos historicos colligidos nos archivos da Europa, entre outros, pelo mesmo Varnhagen, Vasconcellos Drummond, Gonçalves Dias, Joaquim Caetano, J. F. Lisboa, Porto Alegre e José Hygino.

Dos elementos bibliographicos de que dispõe o Instituto, documentos originaes ou por cópia, mappas e roteiros, para averiguação de factos e solução de duvidas occorrentes, tem por mais de uma vez se utilisado o Governo, sendo de prompto sempre attendido em suas requisições.

Nas recentes questões de limites do Brazil com as Guyanas Ingleza e Franceza, occupação da Ilha da Trindade, etc., foi de reconhecido proveito a consulta feita aos trabalhos e documentos pertencentes ao Instituto.

Ainda por Aviso de 16 de julho do anno passado e 22 de junho do corrente, foram pelo Governo pedidas por necessidade urgente, e como de costume fornecidas, as obras manuscriptas de subido valor, intituladas: *Resão do Estado do Brazil* no Governo do Norte, acompanhada de 22 mappas originaes em pergaminho, feitos em 1612; e a *Chronica* da missão da Companhia de Jesus em o Estado do Maranhão, pelo Padre J. Felippe Bettendorff.

De um trabalho de summa importancia tem se occupado ultimamente o Instituto, em cumprimento do art. 2° n. 37 da lei n. 191 B de 30 de setembro de 1893, que mandou crear uma commissão central encarregada de organisar e publicar a bibliographia nacional das sciencias geographicas.

A idéa partiu do Congresso Internacional de Geographia que se reuniu em Berna em 1891; foi então deliberado convidar todos os paizes civilizados para sob um plano uniforme organisarem e publicarem as respectivas bibliographias geographicas.

O congresso encarregou a commissão central geographica da Suissa de, por intermedio do Ministro das Relações Exteriores, dirigir convites aos outros paizes para adherirem a proposta.

Accedeu o Governo do Brazil, e foi confiada ao Instituto Historico a missão de executar na parte que nos diz respeito o plano traçado, sem duvida de elevado alcance e incontestavel proveito para a sciencia, mas de grande difficuldade na execução, como a pratica tem

demonstrado; trata-se de um serviço novo, arduo e de algum modo estranho ao fim e ás funcções peculiares do Instituto; é, demais, dependente (e ahi vai o maior embaraço) de esclarecimentos e dados estatisticos e topographicos que só podem ser ministrados por funccionarios e repartições estadoaes: e esses, posto que por mais de uma vez pedidos, não têm sido ainda sufficientemente prestados.

A commissão nomeada de entre os socios mais habilitados para o bom desempenho de tão complicada tarefa, tem procurado preencher o seu dever e alguns estudos preliminares já promptos acham-se publicados; pouco mais tem adiantado; é de esperar-se, entretanto, que em tempo, e logo que disponha dos meios que lhe faltam, dê a commissão pleno cumprimento ao pesado trabalho de que se encarregou.

Sua justa escusa é reconhecida nos seguintes termos do relatorio do Ministerio do Interior em 1896:

« Si mais rapido não tem sido o andamento dos serviços, é que de certo modo o embaraçam a propria difficuldade do assumpto, a falta de elementos seguros e indispensaveis e a necessidade de recorrer a informações e esclarecimentos de que se encarregaram commissões parciaes estabelecidas em varios Estados da União. »

—

O Instituto por diversas vezes tem com louvavel franqueza patenteado os sentimentos elevados e patrioticos que o animam, propondo significativas demonstrações de apreço e consideração devidas por dignidade nacional á memoria de grandes vultos que abrilhantam a nossa historia; suggerindo a adopção de medidas favoraveis ao desenvolvimento e realce das lettras, das sciencias e das artes entre nós; compartilhando os trabalhos nesse empenho tentados; commemorando em sessões solemnes factos gloriosos do passado, dignos de serem perpetuados na lembrança dos vindouros e por actos de inequivoca adhesão, associando-se ás manifestações de justo contentamento por successos que exaltam e ennobrecem o caracter nacional.

Assim, para só recordar alguns factos de mais recente data:

Em 1854, sobre proposta de Joaquim Norberto, resolveu representar á Assembléa Geral expondo a conveniencia e necessidade de levar-se a effeito a conclusão do monumento á independencia nacional no campo do Ypiranga; erigir-se um estatua equestre ao fundador do Imperio na praça da Constituição, nesta capital, e erguer-se uma cruz monumental em Porto Seguro, que restaurasse a que Pedro Alvares Cabral ahi plantára em 1 de maio de 1500.

A patriotica moção do Instituto é hoje em sua melhor parte uma realidade, e cabe-lhe a gloria de haver concorrido para tão grandioso emprehendimento.

Em 1856 dirigiu-se ao Governo Imperial pedindo que houvesse de nomear uma commissão de engenheiros e de naturalistas nacionaes, para explorar algumas das provincias menos conhecidas do Brazil, com a obrigação de formarem tambem para o Museu Nacional uma collecção de productos dos reinos organico e inorganico e de tudo quanto pudesse servir de prova do estado de civilização, industria, usos e costumes dos nossos indigenas.

Foi de prompto attendida a ajustada proposta, sendo convidado o Instituto a escolher e propôr as pessoas mais habilitadas para fazerem parte da commissão exploradora.

Ainda por deliberação não menos honrosa do Governo foi o Instituto encarregado de formular as bases para as instrucções, que seriam dadas á commissão, o que fez apresentando o minucioso trabalho que se acha publicado na *Revista* desse mesmo anno, assignado por illustrados consocios, detalhando o serviço a cargo de cada uma das secções: de botanica, geologia e mineralogia, zoologia, astronomia e geographia, ethnographia e narrativa de viagem.

Para a 1ª secção foi nomeado o Dr. Freire Allemão; para a 2ª o Dr. Capanema; para a 3ª o Dr. Ferreira Lagos; para a 4ª o Dr. Candido Baptista e para a 5ª M. de Araujo Porto Alegre. Os dous ultimos foram depois substituidos pelos Drs. Gabaglia e Gonçalves Dias.

Em 1859 seguiu a commissão scientifica exploradora em direcção ao Ceará a desempenhar o importante encargo que lhe fôra confiado, e que merecera as felicitações dirigidas á Nação e ao Instituto por Saint Hilaire, presidente do Instituto de França, e pelo sabio Dr. Martius.

Dous annos depois, na sessão de 26 de julho de 1861, communicava o conselheiro Dr. Freire Allemão, provecto botanico e director da commissão, ter esta regressado; devendo apresentar opportunamente os respectivos relatorios.

Se os trabalhos da commissão não corresponderam á espectativa geral e bem fundada nas notorias habilitações de seus membros, foi isso devido a causas de todo estranhas ao Instituto.

Em 1861, por iniciativa do Instituto, foi nomeada uma commissão especial incumbida de promover a elevação de uma estatua á José Bonifacio de Andrada e Silva, devendo ser o monumento feito á expensas do povo, por meio de subscripções populares, e erecto no lugar em que hoje se acha. Foi mais resolvido que se construisse um tumulo no lugar onde jaz sepultado o seu corpo, na cidade de Santos, e onde até então não havia uma pedra que assignalasse o seu jazigo.

A 9 de dezembro de 1872 participava o Visconde do Bom Retiro, presidente da commissão encarregada pelo Instituto de erigir a estatua, que achava-se cumprida a honrosa incumbencia e entregue o monumento á Illma. Camara Municipal.

Estava satisfeita uma divida de gratidão nacional para com o respeitavel ancião, patriarcha da independencia do Brazil.

Em 1862, sabendo que o Rev. Prefeito dos Missionarios Capuchinhos tencionava abrir o jazigo em que repousavam os restos mortaes de Estacio de Sá, o bravo capitão que primeiro governou e povoou o Rio de Janeiro, apressou-se o Instituto em se fazer representar no acto da exhumação, realizada a 16 de novembro, em presença de S. M. o Imperador. Verificada por exame scientifico e diligencias empregadas a authenticidade dos restos

encontrados, verdadeiras reliquias historicas que, por honra do paiz, deveriam ser religiosamente conservadas, deliberou o Instituto fazel-os recolher a um novo e conveniente jazigo, inaugurado com modesta ceremonia pela sua Directoria.

Assim consagrando tradições gloriosas, rendeu o Instituto preito de veneração devida á memoria do intrepido e mallogrado vencedor dos Tamoyos, martyr do dever e da lealdade, na cruenta luta travada em 1567 na magestosa bahia do Guanabara.

Em 1888, com a mais viva satisfação, congratulou-se o Instituto com os amigos da liberdade, que em toda a parte são os sustentaculos da justiça, pela promulgação da lei que declarou extincta a escravidão no Brazil, memoravel conquista da civilização sobre os erros e preconceitos do passado e o maior titulo de gloria para os que com tanto denodo lograram alcançal-a.

Entre outras expressivas manifestações de intimo regosijo por tão auspicioso acontecimento, resolveu o Instituto fazer cunhar medalhas commemorativas, trazendo gravadas a effigie da inclita Princeza Imperial, então na regencia do Imperio, e a data sempre celebre da lei que de todo apagou a negra mancha que desdourava a historia do Brazil. As bellas medalhas de ouro, prata e bronze, em numero avultado, foram profusamente distribuidas no paiz e no estrangeiro, para perduravel memoria de tão famoso successo.

Em 1889, tendo o Instituto em consideração a alta conveniencia que para os legitimos interesses nacionaes trazia o tratado que acabava de ser assignado, á 7 de setembro, entre o Brazil e a Republica Argentina, para que, a não ser possivel mutuo accôrdo, fosse de prompto resolvida a secular e porfiada questão de limites entre as duas Nações mediante arbitramento do Presidente dos Estados Unidos da America, deliberou mandar cunhar uma medalha commemorativa desse facto, conferindo ao mesmo tempo o titulo de Presidente honorario do Instituto ao Dr. M. J. Celman, Presidente d'aquella Republica, distincção pela primeira vez dada a um chefe de

Nação Americana e a mais honrosa e elevada de que dispõe o mesmo Instituto.

Foram igualmente nomeados socios honorarios os Ministros das Relações Exteriores e Plenipotenciarios Argentinos e Brazileiros que haviam firmado o tratado ou concorrido para a solução final e amigavel desta ponderosa questão. A respeito dizia o Ministro Argentino Quirno Costa, ao receber o titulo de sua nomeação de socio honorario:

« O tratado sobre Missões é e será sempre por todos considerado como um acto de patriotismo dos dous governos que o levaram a effeito; como um triumpho para o direito, pelo principio de arbitragem que estabelece, sendo uma nova demonstração de que para a manutenção da paz, da amizade sincera e do reciproco respeito que merecem ambos os paizes, não ha, nem haverá obstaculo que não possa ser digna e cordialmente removido.»

Accrescentava o Ministro Argentino H. Moreno, tambem socio honorario, ao tomar assento no Instituto:

« O antigo litigio territorial que os Brazileiros e Argentinos receberam em herança de suas respectivas Metropoles acaba de encontrar uma fórmula que faz desapparecer em um instante as asperezas do passado e nos vincula para o futuro de modo indestructivel. O Instituto robustece com este acto as convenções dos que hão dedicado a sua vida á trabalhar pela fraternidade Americana. »

Conhecida a decisão arbitral, como tributo de homenagem e demonstração de apreço, pela rectidão com que, na qualidade de juiz arbitro na questão de Missões, o Presidente dos Estados Unidos da America do Norte, Grover Cleveland, havia resolvido o pleito submettido ao seu juizo, assegurando os direitos do Brazil sobre o territorio contestado por uma Nação limitrophe, offereceu-lhe o Instituto, com as mais respeitosas congratulações, o titulo de Presidente honorario desta associação.

De igual modo procedeu o Instituto com relação ao Rei de Portugal D. Carlos I, pela sua benefica e proficua intervenção á bem do feliz desenlace da questão

da Ilha da Trindade, restituida ao Brazil, como era de rigorosa justiça.

O convenio sobre a propriedade litteraria e artistica entre Portugal e o Brazil, assignado a 9 de setembro de 1889, sendo do maior proveito para a litteratura de ambos os paizes, tambem levou o Instituto a congratular-se com o Ministro Brazileiro que o firmára e a conceder o diploma de socio honorario ao illustre Ministro Plenipotenciario Portuguez, conselheiro Nogueira Soares, recebido no Instituto com as mais lisongeiras expressões de estima e consideração pelo bom serviço prestado ás lettras e ás sciencias deste paiz.

« Duas litteraturas, como bem ponderava o Presidente do Instituto, na sessão em que se apresentou o novo consocio, tendo por origem a mesma lingua, ou, para melhor dizer, irmã uma da outra, não podiam deixar de se confundir em seus direitos, sem um tratado que os definisse.»

O acto official que attendeu e providenciou sobre o assumpto não podia passar despercebido ante o Instituto, sempre interessado no movimento da nossa vida litteraria.

A vinda de illustres officiaes da armada do Chile ao Brazil em 1889, á bordo do encouraçado *Almirante Cochrane*, proporcionou de novo ao Instituto azada occasião de affirmar o inteiro accôrdo em que estão sempre os seus votos com o sentimento nacional, quando, por motivo patriotico, se trata de dar publica demonstração da nobreza e generosidade do caracter brazileiro.

A 31 de outubro desse anno, no Paço Imperial, celebrou uma sessão solemne em homenagem á Nação Chilena, então aqui dignamente representada pelo respectivo Ministro Plenipotenciario, funccionarios da Legação, consulado e pela brilhante officialidade do dito encouraçado.

A manifestação tinha por fim não só dar uma prova de cordial sympathia e sincera affeição á Nação irmã e amiga, que tanto se tem elevado pelo seu engrandecimento moral, illustração e progresso no conceito dos povos civilizados, como ainda significar o mais profundo reconhecimento pela delicadeza e obsequiosidade com que por

mais de uma vez haviam sido os Brazileiros acolhidos e tratados pelo brioso povo chileno e, ainda por ultimo, os officiaes da marinha brazileira, quando em viagem de instrucção tinham visitado aquelle florescente paiz.

Foi de esplendor e magnificencia admiraveis a festa litteraria a que se associara de bom grado o augusto chefe do Estado, animando-a, dirigindo-a e concorrendo efficaz e grandiosamente para que estivesse na altura dos que obsequiavam e eram obsequiados.

Em sumptuoso salão, com assistencia da familia imperial, membros do Corpo Diplomatico, commissões da imprensa e de diversas corporações scientificas e numeroso concurso de senhoras e nobres cavalheiros, foi pelo presidente aberta a sessão.

Proferidos varios discursos, entre os quaes um do principe D. Pedro Augusto, sobre a riqueza mineralogica do Chile, e todos em honra e elogio da altiva e valorosa Nação, cujos fastos gloriosos nos deparam feitos da maior heroicidade, e dadas as respostas que eram de esperar-se da gentileza e illustração de tão distinctos hospedes, seguiu-se o que o presidente do Instituto lhes havia annunciado como agradavel surpreza — o inesperado encontro em terra estranha, mas junto a um povo irmão, da patria scientifica e litteraria — representada na opulenta e escolhida exposição, que nos salões proximos se achava preparada, de tudo quanto podia revelar a actividade intelligente e creadora do povo chileno, ostentando primorosos trabalhos scientificos e litterarios, obras raras, manuscriptos, cartas e mappas geographicos, retratos, quadros allegoricos, productos de adiantada industria e esmerado lavor, especimens variados de preciosos mineraes, etc.

A curiosa exposição ficou por dias franqueada ao publico.

Para ella concorreram o Instituto Historico, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, as Bibliothecas Nacional, Fluminense, da Marinha, do Exercito, das Escolas Militar e Polytechnica, o Ministerio da Agricultura, o principe D. Pedro Augusto e S. M. o Imperador.

De tudo quanto occorreu e foi observado nesta agradavel e soberba funcção deu o Instituto exacta descripção

em um interessante livro intitulado — *Chile e Brazil* — a que foram juntos trabalhos diversos de illustrados escriptores brazileiros sobre factos da historia do Chile, traços biographicos de litteratos e estadistas chilenos, socios do Instituto, e mais uma memoria chilena de Abel Rozales, aqui traduzida, sob o titulo — *Brazileiros e Chilenos*.

Além das sessões extraordinarias já referidas, outras foram pelo Instituto celebradas em commemoração de factos dignos de honrosa menção.

A' 21 de outubro de 1888 — Homenagem ao Quinquagenario da esclarecida associação, que pelos seus esforços tem sabido elevar bem alto o credito de que hoje gosa a nossa litteratura historica.

Da festiva solemnidade dá detalhada noticia o *Livro do Jubileu* — organisado de accôrdo com o programma formulado, contendo, além dos discursos então proferidos, differentes memorias, biographias, documentos, trabalhos ineditos, desenhos, mappas e 11 retratos de socios fallecidos, recommendaveis pela sua dedicação e serviços prestados ao Instituto.

A' 4 de julho de 1889 — Commemoração do centenario de Claudio Manuel da Costa ; justa consagração do nome do primeiro martyr, precursor da liberdade da patria. Os eruditos trabalhos lidos nessa solemne sessão, notas biographicas e bibliographicas, poesias do inditoso vate, peças historicas e mais documentos formam um volume, especial que acompanha a *Revista* de 1890.

A' 12 de outubro de 1892 — Quarto centenario da descoberta da America — Homenagem á memoria do famoso navegante Christovão Colombo ; sessão extraordinaria, revestida da maior solemnidade, e, como de costume, honrada com a presença de senhoras e cavalheiros da mais selecta sociedade, representantes da imprensa, associações scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras e avultado numero de socios.

Em discursos adequados á occasião foi feito o elogio historico do decantado heroe dos mares, e sublimado o portentoso acontecimento que veiu abrir as portas de um novo mundo á luz benefica e fecunda da civilização, assentando ahi o berço das grandes nacionalidades americanas.

Foram distribuidos nesta applaudida sessão dous livros publicados pelo Instituto, como feliz remate da aprazivel reunião : o poema — *Colombo* — do altiloquo poeta Porto-Alegre e as — *Conferencias* — do illustrado consocio conselheiro Pereira da Silva, sobre Colombo e o descobrimento da America.

Em volume especial foram reunidos os discursos e feita a exposição de tudo quanto engrandeceu a solemne commemoração dessa data notavel da nossa historia.

Tem-se feito representar o Instituto por commissões de seu gremio nos congressos : Archeologico e Historico de Antuerpia, em 1866 ; dos Americanistas de Luxemburgo, em 1876 ; de Veneza, onde primou pela sua escolhida collecção de mappas e obras geographicas, em 1881 ; na Exposição da Industria Nacional, em que foi distinguido com um diploma de honra, em 1881 ; bem como na Continental Sul Americana de Buenos Ayres, em 1882 ; na Exposição Pedagogica e no Congresso de Instrucção Publica, em 1883 ; na Exposição de Geographia Sul Americana, em 1888 ; na Universal de Paris, em que foi contemplado com duas medalhas de ouro, em 1889 ; no Congresso Italiano de Geographia em Genova, para commemoração do 4° centenario da descoberta da America, em 1892 ; na Exposição Colombiana de Chicago, em que foi honrosamente distinguido com um premio pelas publicações expostas, em 1893 ; no Congresso dos Orientalistas em Genebra, em 1894 ; no 6° Congresso Internacional de Geographia em Londres, em 1895 ; e, finalmente em todas as solemnidades publicas, entre nós, de caracter scientifico, historico ou patriotico.

E' grato relembrar estes factos honrosos para os Annaes do Instituto ; elles dão prova da actividade, illustração e patriotismo dos dignos consocios ; os louros já colhidos servirão por certo de nobre incentivo para que outros sejam disputados na vasta arena das lides litterarias.

—

Para os variados e dispendiosos encargos da associação não tem sido sempre bastantes os recursos pecuniarios de que dispõe ; dahi a difficuldade com que tem

por vezes lutado para poder satisfazer o trabalhoso fim a que se destina; basta ver que só lhe foi possivel nomear um bibliothecario-archivista quando ultimamente foi augmentada a verba com que para as suas despezas concorrem os cofres publicos. Para a indispensavel compra de livros, encadernações, impressões ou reimpressões, estantes, moveis, guarda e conservação dos objectos possuidos e mais serviços do estabelecimento, escasseiam meios cada vez mais precisos.

As contribuições e remissões dos socios, a venda das *Revistas* e publicações do Instituto, os donativos, os juros de alguns titulos da divida municipal, doados por socios benemeritos e por um dos nossos mais prestantes consocios honorarios, o conselheiro Correia, e mais os de 68 apolices da divida publica, custosamente adquiridas e zelosamente conservadas, formam a renda ordinaria do Instituto, insufficiente de todo para as despezas sempre crescentes, com especialidade no que respeita a impressões. Cumpre declarar que com a reimpressão de diversos volumes esgotados da *Revista* e impressão do *Repertorio* nenhuma despeza fez o Instituto. O Governo, acquiescendo aos pedidos que lhe foram dirigidos, mandou fazer gratuitamente esses trabalhos na Imprensa Nacional; relevante favor a que muito grato se tem mostrado o Instituto. Assim fosse elle estendido á publicação periodica das novas *Revistas*, como por vezes tem sido solicitado.

Ha ainda a subvenção fornecida pelo Thesouro Nacional, valioso auxilio sem o qual o Instituto não poderia subsistir.

Em 1839 foi-lhe concedida a subvenção annual de 1:000$000.

Na sessão de 4 de maio desse anno havia o secretario perpetuo, Conego Januario, proposto que o Instituto pedisse ao Corpo Legislativo um subsidio qualquer, dado em loteria, ou por outro qualquer meio, para ajuda das grandes despezas que tinha a fazer, afim de melhor preencher os importantes deveres que tinha a cumprir.

Approvado o requerimento, logo depois dirigido ao Corpo Legislativo, já no Relatorio apresentado na

1ª sessão anniversaria, a 3 de novembro seguinte, communicava o mesmo secretario que acabava de ser votado pela Assembléa geral legislativa um *não pequeno* subsidio pecuniario para as despezas indispensaveis do Instituto. Era ainda um beneficio devido á acertada iniciativa do zeloso e dedicado secretario perpetuo.

Em 1840 foi elevada a dotação a 2:000$, a 4, em 1856; a 5, em 1857; a 7, em 1865; em 1882 a 9:000$, sendo reduzida a 4:500$, em 1893; restabelecida em 1894; de novo elevada a 12:000$ em 1896 e a 14:000$ no corrente exercicio; é, porém, evidente que pelas condições economicas do paiz na actualidade, essa somma não corresponde ás que eram percebidas nos annos anteriores.

O Instituto confia na sabedoria e patriotismo dos poderes publicos, esperando que não concorrerão para que definhe e morra a associação, que bem tem servido as lettras patrias, na especialidade de que se occupa, e por ellas ainda muito poderá fazer, si de mais amplos recursos for-lhe dado dispôr.

—

Poucos são os actos officiaes que dizem respeito ao Instituto; afóra as disposições de leis orçamentarias relativas aos subsidios que tem recebido dos cofres publicos e á creação da commissão central de bibliographia de sciencias geographicas, de que trata a já citada lei de orçamento de 1893, art. 2º, n. 37; não mencionados diversos Avisos do Governo sobre materia de administração e serviços de expediente do Instituto, só ha a notar os actos de approvação de Estatutos, sendo o primeiro, expedido pela Regencia, em data de 4 de abril de 1839, e o decreto de 2 de Março de 1860, approvando o figurino que teria de servir de modelo aô uniforme dos membros do Instituto; figurino cuja modificação foi proposta em 1867, sem que fosse até hoje attendida pelo Governo.

—

A mesa directora do Instituto é constituida com o presidente, tres vice-presidentes (desde 1848, por haver sido creada a Secção de Ethnographia em 1847, tendo até então sómente dous vice-presidentes, chefes das secções de historia e geographia) quatro secretarios, sendo

dous effectivos e dous supplentes, um thesoureiro e um orador.

Ha 11 commissões, de tres membros cada uma, com o encargo de examinar e dar parecer sobre os assumptos sujeitos a deliberação do Instituto. Além das commissões ordinarias, indispensaveis á marcha do serviço, podem ser nomeadas outras para fins especiaes.

Desde a sua fundação até hoje tem tido o Instituto cinco presidentes effectivos:

1 — José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, de 1838 até 1847, data de seu fallecimento.

2 — Candido José de Araujo Vianna, Marquez de Sapucahy, de 1847 até fallecer em 1875.

3 — Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Visconde de Bom Retiro, de 1875 até á sua morte em 1886.

4 — Joaquim Norberto de Souza e Silva, de 1886 até 1891, quando falleceu.

5 — Olegario Herculano d'Aquino e Castro, de 1891 até hoje.

Os cargos de Vice-Presidentes têm sido occupados pelos consocios:

Marechal Cunha Mattos, e, por seu fallecimento a 2 de março de 1839, Araujo Vianna (Marquez de Sapucahy) e Aureliano Coutinho (Visconde de Sepetiba) 1° e 2° vice-presidentes — 1839 á 1846.

V. de Sepetiba, e Candido Baptista de Oliveira — 1847.

V. de Sepetiba, Candido Baptista e M. A. Porto Alegre, 1°, 2° e 3° vice-presidentes — 1848 a 1850.

V. de Sepetiba, Candido Baptista e Ferreira Lagos — 1851 a 1855.

Candido Baptista, Ferreira Lagos e Porto-Alegre — 1856.

Candido Baptista, Ferreira Lagos e J. M. de Macedo — 1857 a 1858.

Candido Baptista, Macedo e Joaquim Norberto — 1859 a 1865.

Visconde do Bom Retiro, Macedo e J. Norberto — 1866 a 1875.

Macedo, J. Norberto e Barão Homem de Mello — 1876 a 1882.

J. Norberto, Homem de Mello e Aquino e Castro— 1883 a 1886.

Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire e Joaquim Portella — 1887 a 1889.

Aquino e Castro, V. de Beaurepaire e Cesar Marques — 1890.

Aquino e Castro, V. de Beaurepaire e General João Severiano — 1891.

V. de Beaurepaire, João Severiano, e M. F. Correia — 1892 a 1893.

João Severiano, Correia e Marquez de Paranaguá— 1894 a 1897.

Tem exercido as funcções de 1° secretario, director da Secretaria, archivo, museu e bibliotheca os seguintes consocios:

1 — Conego Januario da Cunha Barboza, secretario perpetuo, eleito em 1838.

2 — Manoel Ferreira Lagos, tambem secretario perpetuo, em 1846.

3 — Francisco Adolpho Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, por dous annos, em 1851.

4 — Dr. Joaquim Manoel de Macedo, em 1852.

5 — Manoel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo, em 1856.

6 — Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, em 1859.

7 — Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, Visconde de Souza Fontes, em 1876.

8 — Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo em 1881.

9 — Dr. João Franklin da Silveira Tavora, em 1889.

10 — Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Barão Homem de Mello, em 1888.

11 — General João Severiano da Fonseca, em 1889.

12 — Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, em 1890.

13 — Henrique Raffard, em 1892. E' o 1° secretario actual.

O Instituto conta hoje em seu gremio 244 consocios, sendo 149 nacionaes e 95 estrangeiros. Os socios são

comprehendidos nas seguintes classes: effectivos, correspondentes, honorarios, e benemeritos.

Os socios effectivos são em numero de 70; os demais em numero indeterminado.

Para admissão dos primeiros é exigida pelos Estatutos a condição de residencia na Capital Federal e apresentação de trabalho proprio a cerca da historia, geographia ou ethnographia do Brazil, abonando a capacidade litteraria do autor; para os segundos a mesma condição de idoneidade litteraria, ou offerecimento de obra de valor sobre o Brazil ou sobre qualquer parte da America, ou de algum presente importante para o museu do Instituto, provada, nestes ultimos casos, a sufficiencia litteraria do candidato por qualquer trabalho que demonstre essa qualidade; para os terceiros a condição de idade provecta, consummado saber e distincta representação; distincção por serviços notaveis prestados ao Instituto, ou exercicio em qualquer lugar da Mesa administrativa por mais de 7 annos; para a classe de socios benemeritos são propostos os honorarios que têm sido effectivos e por novos serviços relevantes se tornam merecedores dessa distincção; ou pessoas que tem feito donativos de importancia superior a 2:000$ em dinheiro ou outros objectos de valor.

Ha ainda o titulo excepcional de Presidente honorario, só conferido ao chefe do Estado e aos chefes de outras nações.

O numero dos socios actuaes é assim distribuido:

Presidentes honorarios 8; socios effectivos 51; correspondentes 120; honorarios 44; benemeritos 21; total, 244.

—

Ao concluir, não será fóra de proposito lembrar: que o Instituto Historico é uma associação nacional meramente litteraria; não tem caracter official, posto que, em attenção á natureza e importancia do fim a que se propõe, tenha até hoje merecido ser auxiliada pelos poderes publicos; admitte em seu gremio os estudiosos cultores das sciencias historicas e geographicas, sem distincção de crenças politicas ou religiosas, só tendo em attenção as

condições moraes e habilitações litterarias do candidato; nasceu trabalhando e trabalhando tem vivido, com a constante e unica preoccupação de bem cumprir a sua grandiosa missão, que outra não é, como já tive occasião de dizer, sinão — a glorificação da patria pela revelação de sua historia.

Nos seus Annaes acharão em todo o tempo os futuros historiadores lançadas as solidas bases em que tem de assentar a grande obra que ainda ha de ser construida; ahi encontrarão seguros dados e copiosos subsidios, de longos annos accumulados pelos pacientes esforços dos seus modestos e laboriosos collaboradores, para que possa ser escripta com verdade, indefectivel rectidão, judiciosa critica e severa imparcialidade a brilhante e instructiva historia do Brazil.

Quanto aos actuaes membros do Instituto, conscios da grande responsabilidade que acompanha as posições que occupam, continuarão a empregar todas as forças de que possam dispôr em desempenho de seus arduos deveres; e transmittirão, sem duvida, aos seus successores, integras e puras, as honrosas tradições que ennobrecem a douta associação que tem sabido corresponder condignamente aos elevados intuitos dos seus sempre saudosos fundadores.

A um desses benemeritos do Instituto, cedo roubado á estima e respeito que o rodeavam, ao descer ao tumulo, em merecido elogio, referiam-se as seguintes palavras de um sabio contemporaneo, que serão hoje de novo repetidas:

« Nos homens que nos precederam procuremos colher exemplos para o futuro; inspiremo-nos em sua sabedoria e sirva-nos de lição a sua experiencia. Imital-os é reconhecer e recompensar a sua dedicação. Elles nos confiaram seus feitos e suas glorias; a nós cumpre zelar e defender tão rico e inestimavel thesouro ».

Rio, 12 de Outubro de 1897.

CONTA APRESENTADA A UM NOIVO

a 24 de Janeiro de 1807, em uma villa de Minas-Geraes

(A unidade é a oitava de ouro que valia rs. 1.200, dividida em 32 vintens)

O Sr. F. para o seo cazamento, deve:

2 3/4 covados de pano fino, escuro..	4	3/4	4	13	1/4	5
1 corte de calções de meia de seda asetinada.			»	9	3/4	»
3 covados de olanda crúa...,.....		1/4	1		3/4	3
1 vara de caça tapada.....		»			3/4	»
1 1/2 covados de setim côr de perola para jaleco.....	1	1/4	4	2	»	2
3 1/2 /8as de retroz escuro.....	»	»	3	»	1/4	3
1 1/2 dito de torçal.....	»	»	»	»	»	6
1 meada de linhas finas.....	»	»	»	»	»	4
2 peças de bretanha de Amburgo finas	3	1/2	2	7	»	4
2 varas 1/3.a de caça lavrada.....	1	1/4	4	3	»	7
1/2 vara de caça tapada.....	»	»	»	»	1/4	4
3 meadas de linha de pano de linho fino	»	»	4	»	1/4	4
8 varas de cadarço de linho, estreito.	»	»	1	»	1/4	»
1 meada de linhas finas de roris...	»	»	»	»	»	3
1 peça de ganga azul.....	»	»	»	4	»	6
1 par de meias cor de perola asetinado Antonio Pereira.....	»	»	»	4	1/4	»
1 par de luvas de seda branca de braço	»	»	»	2	1/4	»

$^1/_3$ª de setim perola para sapatos....	1	$^1/_4$	1	»	$^1/_4$	7
1 $^1/_2$ 8as de retroz azul.....	»	»	»	»	»	5
3 $^1/_2$ varas de fita asetinada roza...	»	»	6	»	$^1/_2$	5
$^1/_2$ covado de durante azul claro...	»	»	»	»	»	7
1 chapeo de pello de armar grande de pala.....	»	»	»	6	$^1/_2$	»
1 $^1/_2$ 8ª de retroz preto para o dito.	»	»	»	»	»	5
$^1/_2$ duzia azul ferrete pl. Thimotio..	»	»	»	»	»	2
1 $^1/_8$ª dito branco da Italia para o jaleco.....	»	»	»	»	»	4
2 varas de cadarço de seda preto para o chapéo.....	»	»	»	»	$^1/_4$	2
$^1/_2$ vara de fita preta asetinada.....	»	»	»	»	»	3
1 vara de dito cor de perola estreita asetinada.....	»	»	»	»	»	3
7 varas de fita roza viva imprensada.	»	$^1/_4$	2	2	»	6
6 varas de dito asetinada.....		$^1/_4$	»	1	$^1/_2$	»
1 $^1/_8$ª de retroz cor de roza.....	»	»	»	»	»	3
1 dito mais.....	»	»	»	»	»	3
1 xales de xita fino.....	»	»	»	2	$^3/_4$	4
$^1/_4$ de veludo cor de roza pintadinho em 27 de Março.....	»	»	»	»	$^3/_4$	6
Soma.....				66	»	4

(Offerecido ao 1° Secretario do Instituto Historico Henrique Raffard pelo senador Christiano B. Otoni).

NOTICIAS

DA

Expedição belga ao pólo antartico

DADAS PELA

IMPRENSA FLUMINENSE

Para que se conheça o modo benevolo, por que foram no Brazil recebidos os expedicionarios belgas do pólo antarctico, aqui transcrevemos os artigos noticiozos de diversos jornaes fluminenses por occazião da passagem por esta capital federal dos membros da expedição, de cujos rezultados muito se deve esperar relativamente á extensão dos conhecimentos geographicos da parte meridional do globo terraqueo, e fazemos mui sinceros votos pelo exito prospero de tão notavel emprehendimento. Eis os artigos :

Expedição Gerlarche

Noticiando ha tempos a proxima chegada do pequeno vapor *Belgica*, commandado pelo Sr. Adriano Gerlache, tivemos occazião de observar que mais de meio seculo passara depois da ultima expedição scientifica do pólo sul.

Essa expedição, composta dos dois navios *Erebus* e *Terror*, dirigidos pelo commandante James Ross, chegou depois de trez annos de circumnavegação, a 78°, 9', 30'', latitude que nunca até então havia sido attingida e que ainda não foi ultrapassada no hemispherio sul.

Certamente este brilhante feito desapparece ante as viagens mais recentes de Sir George Nares, do Dr. Peary,

Jackson e do Dr. Nansen nas regiões boreaes, onde este ultimo conseguio atravessar o 86°, a 444 kilometros do pólo norte. Mas cumpre attender ás condições absolutamente diversas de uma exploração antarctica para comprehender tudo que os esforços de Ross e seos antecessores tinham de arrojado e de heroico. E' precizo tambem recordar que todos estes audaciozos navegantes não dispunham nem do vapor, para penetrar, contra ventos e correntes, os meandros dos archipelagos glaciaes, nem de trenós, nem de *skis*, nem de cabanas portateis para effectuar reconhecimentos terrestres, nem dos numerozos aparelhos scientificos de que iam munídos os ultimos exploradores do pólo norte.

A expedição antarctica belga, que hontem entrou em nosso porto, partio de Antuerpia a 16 de Agosto ultimo, no meio das demonstrações de simpathia de toda a população apinhada no caes ou disseminada pelo rio em pequenas embarcações. A *Belgica*, o navio que a conduz, é uma baleeira a vapor especialmente examinada e inspeccionada pelo Dr. Nansen. O cavername de carvalho é de solidez a toda prova e disposto a não receber a pressão dos gelos externos sinão em angulos consideravelmente reduzidos em relação á pressão que soffreria o casco de um navio de construcção normal.

Além d'isso, o forno de cobre é substituido por um reforço de *green-heart*. O porão está completamente cheio de rezervatorios de folha de ferro que, á partida, servem para estivar o carvão e pela sua dispozição augmentam a rezistencia da ossatura do navio.

As baleeiras são navios geralmente armados de trez mastros; navegando bem á vela, só se servem das suas machinas nos tempos de calmaria ou vento contrario. A vapor, não deitam sinão uma velocidade muito moderada, de cerca de sete a oito nós, afim de economizar o combustivel. Sem esta precaução essencial, uma expedição a regiões onde não se póde fazer nova provizão tornar-se-ia impossivel.

O *Vega*, que, sob a direcção de Vorvenskiold, contornou todo o norte da Siberia, e o *Fram*, do Dr. Nansen, eram navios construidos em identicas condições.

O arsenal scientifico da *Belgica* comprehende, como principaes aparelhos, um sondador a vapor de 20.000 metros de fio de aço, dragas e redes de diversos tamanhos com 20.000 metros de cabo para recolher os especimens biologicos a qualquer profundidade, thermometros e barometros de toda precizão, bussolas de inclinação e declinação, pendulas para medir a intensidade do pezo, toda a variedade de instrumentos meteorologicos e astronomicos, electroscopos e lectrometros de novo modelo, aparelhos photographicos dos mais aperfeiçoados, emfim um material completo de caça marinha e terrestre e os materiaes necessarios á edificação de uma habitação de inverno no continente austral.

Além d'isso, um balão fabricado de material identico ao que foi recentemente construido pelo Sr. Andrée e deverá prestar grandes serviços para a confecção de cartas topographicas e para guiar os reconhecimentos.

A equipagem da *Belgica* é composta de quatorze homens. A commissão scientifica comprehende, além do commandante Adriano Gerlache, parente do illustre homem de Estado e historiador do mesmo nome, o 1° tenente de marinha Lecointe immediato, o tenente de artilharia Danco, encarregado das observações sobre a extensão do pendulo sobre o magnetismo e proposto aos aparelhos photographicos, o geologo Henry Aretowski, o biologista rumenio Georges Racowitza, o tenente Amundsen, o tenente Meelaerts e o Dr. Cook, que tomou parte na expedição polar do Dr. Peary. A *Belgica* leva, pois, a seo bordo 22 homens.

Eis aqui, tanto quanto é possivel prevêr as circunstancias, o itinerario da expedição Gerlache.

Será dividida em dois corsos, comprehendendo os verões antarcticos de 1897-98 e 1898-99. Cada corso comprehenderá a exploração de uma metade da zona polar. Assim a *Belgica*, depois de fazer escalas pelo Rio de Janeiro e Punta-Arenas, onde chegará em meiados de Novembro, zarpará para a costa oriental da Terra de Graham e entrará no mar de George IV, que remontará na direcção sul tanto quanto o permittir o estado dos gelos. Em seguida, viajando em rumo léste ao longo das costas

ou ilhas de gelos impenetraveis, chegará provavelmente em Abril proximo a um ponto immediatamente ao sul da Tasmania. Será pois na Australia, provavelmente, que a expedição invernará.

Logo que o permittir a estação a *Belgica* começará o seo segundo corso.

D'esta vez o seo objectivo será a região, cuja exploração tão brilhantemente iniciada foi por James Ross em 1841 e em 1842. Foi n'esta região que o celebre navegante descobrio dois vulcões, um dos quaes, em plena actividade, elevava-se a perto de 4.000 metros acima do nivel do mar. Viajar-se-á ao longo da costa da terra da Victoria, e inclinando um pouco para 153° de longitude oriental, procurar-se-á attingir o pólo magnetico. Si é possivel chegar a este rezultado não é provavel, em todo o cazo que seja por via maritima. De sorte que a expedição desembarcará no ponto em que as massas do gelo lhe cortarem o caminho navegavel. Levantará, no local mais propicio, uma habitação, para o que traz da Europa todo o material, e depois de ahi ter accumulado provizões para muitos mezes, emprehender-se-á uma série de reconhecimentos tanto para determinar os phenomenos magneticos como para adquirir novos dados geographicos. O Sr. de Gerlache empregará todos os seos esforços para attingir o pólo sul, mas faz questão que se saiba, que a sua expedição é, antes de tudo, uma expedição scientifica, e que elle sacrificará a realização de rezultados scientificos á van gloria de attingir um qualquer ponto determinado.

Afóra as descobertas geographicas esperam-se ainda outros rezultados da expedição da *Belgica*. Ao passo que nas regiões boreaes os gelos desaparecem em grande parte durante o periodo estival, a ponto de dar lugar á vegetação em latitudes elevadissimas, o mesmo não acontece no pólo sul, onde essas mesmas latitudes parecem votadas a um inverno perpetuo. A exacta delimitação da costa glacial sempre persistente, a sua espessura nos differentes pontos tocados pela expedição, a sua estructura geral e movimento serão outras tantas bazes para a apreciação da idade da terra e do valor do seo resfriamento secular.

Observou-se, que os gelos costeiros frequentemente contém lodo e pedregulho que arrastam a grandes distancias. Taes os fragmentos recolhidos em 1874, pelo *Challenger*, entre as terras de Enderby e Wilkes.

Até hoje esses materiaes têm sido os unicos a fornecer algumas indicações acerca da constituição geologica das regiões austraes. A expedição Gerlache conta desembarcar em differentes pontos onde poderá proceder a excavações do sólo. O capitão Larsen, do *Jason*, conseguio, é verdade, desembarcar na ilha Seymour em 1893 e o capitão Christensen do *Antarctic*, acompanhado do Sr. Borschgrevinck, poz igualmente pé em terra no cabo Adane, pelo 73° de latitude, em 1894, mas nenhum d'estes exploradores pôde recolher especimens mineralogicos. Suppõe-se geralmente, que o continente austral é de origem eruptiva e que a Terra de Graham não passa de um prolongamento da cordilheira dos Andes para além das depressões oceanicas do cabo Horn.

A observação tem mostrado, que a direcção da agulha magnetica soffre, em um mesmo ponto, variações quazi diarias. Procurando determinar o pólo magnetico, o Sr. de Gerlache buscará fixar as differenças d'essas variações. Mesmo que consiga attingir esse pólo, não é provavel, que chegue a elucidar a essencia do phenomeno magnetico, mas é possivel, que lhe seja dado fazer experiencias ineditas de concentração das correntes.

Outra questão interessando a physica do globo e a meteorologia é a da electricidade atmospherica, que se suppõe variar ao passar das regiões temperadas ás regiões polares e ter certa relação com o magnetismo terrestre. Esta questão será elucidada por meio de electroscopos muito sensiveis.

Estudar-se-á tambem a razão de ser d'essas estranhas illuminações polares chamadas auroras boreaes ou austraes, segundo o hemispherio em que se manifestam. Sabe-se já, que ellas estão em intima relação com a electricidade atmospherica. São talvez effuzivos provenientes da lenta recompozição da electricidade neutra.

A minucioza observação das oscillações do pendulo dará lugar a toda uma serie de experiencias. A

variabilidade da distancia no centro da terra affectando estas oscilações nas superficies planas do pólo nunca foi determinada nas regiões austraes.

Medir-se-á cuidadozamente a pressão atmospherica diaria, porque, sendo a massa principal da atmosphera terrestre projectada ao equador devido ao movimento centrifugo, dahi rezulta, que o barometro indica sempre no pólo pressões fracas, que importa observar afim de fazer uma idéa exacta da altura da atmosphera acima da superficie terrestre.

E' sabido, que os ventos aliseos partem das regiões polares e os contra-aliseos para ahi regressam passando por altitudes muito superiores ás dos primeiros.

Ha aqui toda uma mecanica de correntes aereas a estudar.

As correntes maritimas e a oceanographia estatica não serão tão pouco esquecidas. Os pontos submettidos á experiencia serão a compozição, a pressão, a temperatura, a illuminação e a profundidade das aguas oceanicas.

Finalmente a biologia, sobretudo a biologia marítima tão cheia de ensinamentos.

Sobre a evolução das especies serão objectadas constantes investigações do especialista Sr. Racowitza.

A expedição procurará igualmente obter noções exactas sobre o « habitat » das differentes especies da ordem dos « cetaceos ».

A especie dos balenopteros abunda no oceano antarctico. Este animal vende-se ainda no médio a 4.000 francos por cabeça, mas, sendo menos gordo que as outras especies, é mais agil e não fica boiando á tona d'agua depois de morto. Torna-se pois necessario empregar instrumentos especiaes para sua captura.

As expedições de pesca do *Active* e da *Diana*, em 1892, tendo a bordo os Drs. Donald e Bruce, bem como as campanhas do capitão Larsen, no *Jason*, em 1892 a 1894, e do Sr. Egebert Borschgrevinck no *Antarctic* em 1894-1895, não só concorreram para augmentar os nossos conhecimentos geographicos das regiões austraes, como tambem estabeleceram, que ali existem paragens de incomparavel riqueza de fauna cetacea. Si as viagens

d'estas «baleeiras» não remuneraram largamente os seus armadores é porque o córte e a depuração dos productos, pouco tempo depois da captura dos animaes, exigem estabelecimentos fixos, que ainda não existem em terras austraes.

O Sr. de Gerlache procurará estudar as migrações dos cetaceos e indicar os pontos mais favoraveis a similhantes installações.

Tudo que acima fica dito demonstra, que a commissão belga fará quanto d'ella depender para estender o campo dos nossos conhecimentos scientificos e dar igualmente um rezultado pratico ás suas descobertas. E' uma nobre e humanitaria missão, que ella se impoz, e a admiração que se sente por este grupo de sabios que, afrontando a morte, vão expor-se a mil perigos, augmentará ainda quando o publico souber, que elles offereceram a sua collaboração sem quererem aceitar remuneração de especie alguma.

Assignalando a passagem, no nosso porto, da expedição de Gerlache, cumpre tambem observar, que outras expedições antarcticas estão em via de preparação.

Uma d'ellas, organizada na Allemanha e na Austria, será confiada ao celebre Dr. Julius von Payer. Deverá sahir de Melbourne para ir invernar na terra Victoria, d'ali seguir em direcção do pólo magnetico, e si possivel, attingir o pólo effectivo terrestre.

Parece, que tambem a Sociedade de Geographia de Londres propõe-se a enviar uma commissão scientifica ás regiões austraes. Para esse fim já votou mesmo um subsidio de 125.000 francos.

O Sr. Egebert Borschgrevinck, que já se illustrou pela sua expedição de 1894-95, em companhia do capitão Christensen, commandando a baleeira *Antarctic*, projecta igualmente, ao que consta, proseguir nos seos trabalhos de biologia austral.

Finalmente altas personalidades scientificas dos Estados-Unidos já devem ter fretado duas baleeiras da Terra-Nova, cuja missão será de retraçar parte do itinerario de James Ross e penetrar os meandros glaciaes, que interceptaram a passagem dos simples navios de vela.

Seria temerario vaticinar o successo completo dos projectos do Sr. de Gerlache e a realização de todas as expedições que acabamos de assignalar. Todavia seria impossivel, que d'esta espontanea e nobre emulação, não rezultasse uma somma consideravel de novos ensinamentos.

Uma das vantagens da expedição belga, é que foi preparada com larga antecedencia, com um cuidado e uma previzão excepcionaes; o que nos dá o direito de fundarmos sobre ella as melhores esperanças. Exactamente no dia de sua partida, o Sr. de Gerlache recebia do illustre Dr. Nansen o seguinte telegramma:

« Que a felicidade vos acompanhe! Possa a vossa viagem produzir tão grandes rezultados scientificos quantos promette o meticulozo cuidado dos vossos preparativos, e projectar luz sobre a mais tenebroza região do globo! »

São esses os votos, que igualmente fazemos no dia em que nos cabe saudar a expedição belga, de passagem em nosso porto.

(*Jornal do Commercio* de 23 de Outubro de 1897)

Ao polo sul. A expedição Gerlache. Chegada dos expedicionarios.

Deo hontem entrada em nosso porto o navio *Belgica* sob a bandeira de S. M. o Rei dos Belgas, trazendo a seo bordo a expedição scientifica destinada a investigar o pólo sul, proseguindo os trabalhos iniciados pela expedição de Ross ao mesmo pólo.

E' chefe da expedição o commandante Adriano de Gerlache, joven de 30 annos, delgado, nervozo, official desde 1883 da marinha belga, mas que tem constantemente servido na marinha mercante. Interessado grandemente na investigação do pólo sul, attrahido pelos trabalhos de Cabot e Barentz, Cook e Kerguelen.

O primeiro official do *Belgica* é a Sr. Lecointe, da artilheria belga, de 28 annos de idade. Deixou o exercito

belga e foi servir na marinha franceza, na qual, no *Melpomene*, fez a campanha do Tonkin, recebendo a cruz da Legião de Honra. E' autor de uma obra sobre navegação e de um projecto de reforma da marinha belga.

O Dr. Henrique Aretowski é o sabio da expedição, conhecido meteorologista e oceanographo. E' polaco, estudou na Universidade de Liège e trez annos depois, no laboratorio da Sorbonne, em Pariz, dedicou-se a seos trabalhos.

Voltou depois a Liège, onde foi discipulo, de chimica, do celebre Spring. Escreveo muitas monographias na *Zeischrift fur Inorganische Chimie* na *Natural Science*, de Londres.

O encarregado dos estudos botanicos e zoologicos é o roumanico Dr. Rocowitza, formado em sciencias naturaes pela Faculdade de Pariz; trabalhou no laboratorio de Banyuls, de Roscoff e Villafranca.

Fez parte da commissão exploradora do golfo de Lyão e colaborou nos archivos de zoologia experimental.

O *Belgica* tem mais o tenente de artilheria Danco, encarregado das observações magneticas; os Sr. Amundsen e Meelaerts, officiaes do navio e os tripolantes.

Do Rio irão a La Plata, dahi ás Falkland ou ao Estreito de Magalhães, para tomar carvão.

Aproará então para a terra de Graham e penetrará no mar de George IV, até onde puder chegar.

Quando o navio, que aliás está construido para rezistir aos grandes gelos, fôr obrigado a parar, desembarcarão todos, e calçados com os enormes *skis* embarcarão em trenós e irão até o mais sul que lhes fôr possivel.

Em Março de 1898 voltarão todos para Melbourne, onde concertarão as avarias, reconstituirão as munições, petrexos e combustivel. Feito isso, retomarão o sul pela terra Victoria.

Daremos depois as mais informações que pudermos colher.

N'esta capital incorporar-se-á á expedição o companheiro do tenente Peary nas explorações do pólo do

norte, o Dr. Cook, que ha dias chegou dos Estados-Unidos no paquete *Coleridge*, e que está actualmente em Petropolis.

O *Jornal do Brazil* saúda a colonia belga por este grande emprehendimento.

(*Jornal do Brazil* de 23 de Outubro de 1897)

Ao polo sul. A expedição Gerlache. O «Belgica». O capitão Gerlache. O ministro da Belgica. O laboratorio. Vizita ao «Belgica». O plano da viagem. Brindes. Uma senhora generosa. Os aparelhos do «Belgica». Os expedicionarios.

O desconhecido é hoje a ambição da sciencia. Desvendar os segredos da natureza, penetrar no ignoto, eis a ambição do homem.

Hontem era Nansen, que no minusculo *Fram* arrostava os gelos do polo norte e alcançava um dos maiores triunfos para a sciencia, chegando a um ponto onde até então ninguem ouzara chegar.

Hoje é Gerlache, que procura rezolver um grande problema que interessará o mundo inteiro, pois trata, entre outras couzas, de demarcar o polo magnetico.

Quem é Gerlache?

Vamos dizel-o. E' um joven de 30 annos, estatura regular, barba curta e preta, ponteaguda, physionomia simpathica, em que se revelam traços de uma energia indomavel.

E' um joven belga, que, tendo feito estudos serios de engenharia, apaixonou-se pela navegação e conseguiu obter o titulo de capitão de longo curso.

Homem talhado para grandes emprehendimentos concebeo a idéa de explorar o pólo sul, e depois de serios estudos começou a publicar brochuras, artigos em jornaes, a fazer conferencias em prol da sua idéa; provocando ao mesmo tempo uma subscripção publica para levar a effeito o seo ouzado emprehendimento.

Recolheo cerca de 250.000 francos e pôz-se logo a tratar de organizar a sua expedição.

Comprou uma baleeira, que já tinha arrostado os gelos do polo norte e que muito se assemelhava ao *Fram* de Nansen. Esta baleeira navega ordinariamente á vela e eventualmente a vapor, para vencer as calmarias ou as correntes contrarias. Tem 263 toneladas de registro e a sua solida construcção permitte-lhe rezistir aos choques dos gelos.

Tal é o navio, que ante-hontem entrou no nosso porto, commandado pelo ouzado capitão Adriano Gerlache.

A 15 de Agosto o *Belgica* partio de Antuerpia com destino ao polo sul.

Gerlache no tombadilho agradecia commovido as acclamações de uma multidão enorme que o saudava, e uma lagrima de satisfação lhe corria pelas faces.

Gerlache vio n'aquelle momento rapidamente passar toda a sua vida. Vio-se simples estudante de engenharia, depois commandante de vapores entre Ostende e Dovers e depois pescador de balêas nos mares boreaes. Recordou-se, que foi ali que teve a idéa de emprehender a viagem que então encetava, e o sentio pulsar-lhe fortemente no peito o seo coração de marinheiro valente, de explorador audaz, que procura rezolver um grande problema scientifico.

*
* *

Demos hontem ligeira noticia da chegada do *Belgica* e dos seos ouzados tripolantes. Rezolvemos logo dar uma noticia minucioza d'essa grande expedição scientifica, que tem sobre si os olhos do mundo sabio.

Incumbimos dous dos nossos companheiros para irem cumprimentar os exploradores e trazerem para os nossos leitores uma descripção do pequeno navio, que vae ás regiões desconhecidas.

Por volta do meio-dia os nossos companheiros dirigiram-se ao *Belgica*, que está fundeado em frente ás Docas.

O *Belgica* é armado em barca e está pintado de amarello. A sua construcção é especialissima e bem mostra, que póde arrostar os maiores choques do gelo.

Na roda de prôa vê-se uma serie de xapas de ferro, reforçando-a contra os embates dos blocos do gelo.

Atracamos por boreste; e ao costado do *Belgica* estavam tambem atracados um escaler do brigue *Pirajá* e a lancha *Gario*, que tinha á prôa a bandeira da Belgica.

Fazendo-nos annunciar, ali fomos immediatamente recebidos.

Na camara dos officiaes achavam-se os Srs. ministro da Belgica, o Sr. L. Laureys Junior consul da Belgica, Dr. Rego Barros, reprezentante da Companhia do Gaz e o comité belga encarregado pela colonia de receber os ouzados expedicionarios.

Este comité é composto dos Srs. Léon Drugman, Victor Pecher, Gabriel Dart e François Lumay.

Tambem se achavam prezentes os Srs. capitão-tenente Jorge Aminthas e 1° tenente Carlos Agostinho de Castro, ambos do brigue nacional *Pirajá*.

Trocavam-se varios brindes.

O capitão Gerlache havia brindado a marinha brazileira e o Sr. capitão-tenente Jorge Aminthas correspondia a esse brinde, saudando os ouzados exploradores.

Minutos depois o Sr. ministro da Belgica, o consul e os membros do comité retiraram-se de bordo, levando em sua companhia o capitão Gerlache.

O ouzado explorador, antes de deixar o seu navio, agradeceu aos nossos companheiros a vizita, que lhe faziam e aprezentou-os ao capitão Lecointe seo immediato e um dos mais distinctos membros da expedição.

***

O Sr. Lecointe é 1° tenente da marinha belga e ultimamente servio durante trez annos na marinha franceza. Voltando ao seo paiz aprezentou ao governo um notavel trabalho, no qual se comprehendia um projecto

de defeza das costas da Belgica, trabalho que mereceo os mais francos elogios dos profissionaes.

O Sr. Lecointe é moço ainda, tem uma barba loura, physiônomia simpathica, e é de uma amabilidade extrema e captivante.

Com extraordinaria gentileza prestou-se a servir-nos de *cicerone* no seo navio, mostrando-nos tudo e tudo nos explicando, com uma minuciozidade cuidadoza e uma proficiencia notavel.

Na vizita ao navio acompanharam-nos os Srs. capitão tenente Jorge Aminthas e 1° tenente Carlos Agostinho de Castro.

Começou o Sr. Lecointe por nos explicar que a vinda do *Belgica* ao Rio de Janeiro tinha por fim receber provizões e regular os instrumentos de observação que trazia.

A um canto do navio alguns marinheiros, todos fortes e jovens, divertiam-se fazendo tocar um coelophone que traz grande quantidade de peças de muzica para amenizar as horas de lazer do tripolação.

Seguimos depois para o laboratorio, que está situado na tolda do navio.

A' entrada, em letras grandes, lê-se o seguinte lemma :

L'UNION FAIT LA FORCE

Aqui e ali vêm-se espalhados antenas e outros sobresalentes para o navio.

O laboratorio está a cargo do Dr. Aretowsky, que é o encarregado das observações oceanographicas, meteorologicas, physicas e chimicas, e do Sr. Racowitza encarregado dos trabalhos de chimica e physica.

Por toda a parte aparelhos para estes misteres, aparelhos estes os mais aperfeiçoados.

O que mais nos chamou a attenção foi um aquarium especial para observação da côr dos peixes, um thermometro para recolher a temperatura do Oceano simultaneamente em diversas profundidades, thermometro este em cuja confecção todos os expedicionarios cooperaram.

As sondagens são feitas por um aparelho aperfeiçoado, do modelo do que existe a bordo do *yacht Princesse Alice*, do principe de Monaco, e póde alcançar uma profundidade de 14.000 metros.

Em diversas prateleiras vêm-se aparelhos photographicos de diversos sistemas e autores, cartuchos metallicos e armas de caça.

Vimos depois um aparelho, que pescando o peixe registra a temperatura da agua em que foi apanhado, permittindo assim fazer-se um estudo sobre a natureza d'esse peixe.

***

Sahindo do laboratorio, vimos suspensas dos turcos quatro embarcações pequenas cheias de trenós, sapatos e outros objectos para se andar por sobre o gelo.

Tudo está colocado e acondicionado com muito methodo e ordem.

Passamos depois á cozinha.

E' pequena e feita especialmente para fornecer tambem o calor necessario aos tripolantes.

O *maitre d'hotel*, com o seo avental e bonet branco, saudou-nos amavelmente.

A' porta da cozinha estava um pequeno gato preto e branco.

O felino dormitava descuidadamente.

Passamos pela machina, que é de alta e baixa pressão, e póde desenvolver uma velocidade de 6 a 7 nós por hora.

Os expedicionarios pretendem uzal-a sómente como auxiliar contra os ventos e as correntes.

A um lado um grande mappa da região antarctica polar, demonstrava os pontos que os illustres viajantes pretendem attingir.

Antes porém de nos explicar o traçado de sua viagem o capitão Lecointe mostrou-nos o gyroscopio Fleuriais, aparelho que permitte tomar a altura dos astros, quando não ha horizonte.

Este curiozo aparelho foi muito apreciado pelos dignos profissionaes, que comnosco vizitavam o navio.

Disse-nos o Sr. Lecointe, que pretendiam ir directamente a Punta-Arenas. Só por motivo de força maior é que tocariam em Montevidéo.

Em Punta-Arenas o *Belgica* receberá carvão e provizões e seguirá para a ilha Zethland e dahi passará a explorar o mar Weddell.

Dizem viajantes inglezes, que esse mar não é livre. Gelos constantes impedem a navegação.

Os expedicionarios porém acreditam, que lhe será possivel transpor esse mar. Em todo o cazo, pretendem verificar o que ha de exacto a esse respeito.

Dahi irão directamente ao cabo Adane, onde pretendem chegar antes de Junho para invernarem.

Pretendem depois avançar pelo oéste e si o conseguirem terão deitado por terra todas as theorias que affirmam, que esse caminho é impraticavel.

A expedição ficará no cabo Adane e o capitão Lecointe seguirá no *Belgica* para Melbourne buscar provizões.

Tudo está previsto para o *Belgica* invernar tambem se ficar prezo pelos gelos.

Ha diversos projectos que só n'aquellas regiões se poderá ver si são exequiveis. Um d'elles é ir á ilha de Kergelelin, cuja travessia é terrivel, pois durante 4 mezes e meio reinam furiozos ventos contrarios. Pretendem tambem ir ás ilhas Campbell e Aukland, inabordaveis, na opinião dos Inglezes.

Todos os aparelhos perfeitamente regulados e todos os chronometros regulados pela hora de Greenwich permittirão, tanto aos expedicionarios que ficarem no cabo Adane, como ao capitão Lecointe, fazer observações, especialmente magneticas ás mesmas horas, verificando-se assim quaes as differenças que existem entre as diversas latitudes.

Durante a estadia do cabo Adane o capitão Gerlache e seos companheiros entregar-se-ão a excursões e observações scientificas de toda a ordem.

Passado o inverno o *Belgica* voltará ao cabo Adane afim de trazer os outros expedicionarios, que procurarão alcançar e demarcar o pólo magnetico.

A expedição durará pelo menos 18 mezez, e os ouzados exploradores regressarão pelo lado opposto áquelle que tiverem seguido para fazer a sua viagem de ida.

A bordo levam um balão captivo para observações e duas cazas, sendo uma para rezidencia e outra para observatorio.

***

Terminada esta explicação, entrámos na camara dos officiaes, um pequeno salão simplesmente mobiliado. A um canto uma duzia de carabinas Graz, em varias estantes a collecção completa dos romances de Alexandre Dumas, *Vertu de la Baronne* de Guy, *Voyageuses* de Bourget, o Theatro de Labiche, *Tartarin* de Daudet, *Cris du Cœur* de Xanrof; *Chansons* de Beranger, *Pole Sud* de Fonvielle, *Aux Etats Unis* de Lutand, varios volumes de Victor Tissot, *Creation de l Homme* de Cleuziou; o rezumo da viagem de Challenger, as viagens de Cook e outros livros de recreio.

A bibliotheca scientifica estava cuidadozamente guardada em outros compartimentos.

N'esse salão o capitão Lecointe offereceo-nos uma taça de champagne, saudando no *Jornal do Brazil* a imprensa brazileira.

O capitão Lecointe lembrou, que foi a imprensa quem propagou a idéa de Gerlache, e que lhe era sempre grato saudar a imprensa.

O nosso companheiro saudou os bravos expediccionarios, que tão abnegadamente se iam expor em beneficio da sciencia.

O capitão Lecointe saudou ainda a marinha brazileira, brinde que foi eloquentemente correspondido pelo Sr. capitão-tenente Jorge Aminthas, que brindou a marinha belga.

***

Foi-nos depois mostrado o gabinete photographico, que é dotado do que ha de mais aperfeiçoado em photographia.

Ha ali uma machina que por meio do magnesium tira photographias durante a noite.

Além d'esse, ha mais onze machinas photographicas.

Visitamos em seguida a camara do commandante. Está mobiliada com conforto e elegancia.

Pelas paredes vêm-se os retratos dos progenitores do capitão Gerlache e de seos irmãos.

Em lugar saliente vê-se o retrato de Mme. Osterrieth, uma generoza senhora, que offereceo a Gerlache 40.000 francos para auxiliar a expedição. Tambem vimos o retrato de Ivegaarc, um dos officiaes da *Vega*, que tanto se celebrizou no pólo norte, e o retrato do illustre Nansen com uma delicada dedicatoria.

Sobre uma estante cartas de todos os pontos, onde o *Belgica* deve ir, e relações de viagem e taboas nauticas de grande valor scientifico.

*
* *

A bordo seguem-se os regulamentos da marinha franceza.

Todos os marinheiros mostram grande satisfação e alegria por poderem colaborar em uma obra que grandes serviços deve prestar á sciencia.

Ao redor do navio ha varios instrumentos magneticos e barras de ferro para observar a influencia magnetica da terra.

O *Belgica* é dotado de um aparelho de fazer subir a helice, afim de impedir que o gelo a parta. Apezar d'isso, ha a bordo duas helice de sobresalente.

Quanto a agulhas ha-as em quantidade. Nada menos de 14, e todas de autores conhecidos. Isto afóra grande numero de theodolitos e outros instrumentos de observações astronomicas.

Ha tambem um aparelho para examinar a transparencia da agua e uma escala chromatica das côres da agua habilmente feita.

Ha ainda um aparelho de dragagem com 14.000 metros de fio, que peza nada menos de 15.000 kilos.

E' rara a expedição, que consegue salvar o fio da dragagem. Os expedicionarios esperam, com os aparelhos aperfeiçoados de que dispõe, salvar o seo.

A bordo ha dous canhões para lançar arpões e uma pequena metralhadora.

O alojamento dos marinheiros mereceo especial cuidado do capitão Gerlache.

Conseguio estabelecer confortavel alojamento para os seos companheiros, que o vão auxiliar no grandiozo emprehendimento.

N'este alojamento ha varios livros francezes e o retrato de Mme. Osterrieth, que os marinheiros lhe pediram como prova de gratidão pelo beneficio por ella prestado á expedição.

Entre os marinheiros ha um official da marinha belga M. Warzée, que trocou a farda pela bluza de marinheiro, só pela gloria de acompanhar o capitão Gerlache.

O navio comporta agua potavel para 40 dias, além d'isso, tem aparelho para, com 6 kilos de carvão, tornar a agua do mar potavel em quantidade sufficiente para o gasto de um dia.

Doze thermometros funccionam em diversos pontos do navio e são construidos propozitalmente para as regiões polares.

Ha varios psychrometros e um aparelho especial para registrar a quantidade de humidade existente na atmosphera.

O que tambem chama a attenção é uma agulha especial com a roza dos ventos luminoza á noite.

A illuminação é feita por um processo especial.

Consta-nos, que a bordo do nosso *Timbira* ha uma agulha similhante a esta.

O *Belgica* receberá em Punta-Arenas 100 toneladas de um carvão especial.

Devemos salientar que a comida é igual tanto para os officiaes como para os marinheiros.

A tripolação do navio é a seguinte: capitão Gerlache (belga), commandante da expedição; capitão Lecointe (belga), immediato; Amundsen (norueguez);

Meelaerts (belga); Danco (belga), encarregado das observações magneticas; Racowitza (roumaico), encarregado dos estudos de zoologia e botanica; Artowky (polaco), encarregado das observações oceanographicas e meteorologicas; Dr. Cook (norte-americano); trez machinistas, um cozinheiro, um maitre de hotel, um preparador do laboratorio e 10 marinheiros.

Eram quazi 3 horas da tarde, quando nos retiramos de bordo, summamente agradecidos.

(*Jornal do Brazil* de 24 de Outubro de 1897)

O « Belgique »

Vizitámos hontem o *Belgique*, o navio que traz a expedição que vae aos mares antarcticos explorar regiões ainda desconhecidas.

E' conhecido já o pessoal illustre, que faz parte dessa expedição scientifica. Daremos portanto apenas as impressões de uma vizita e o que de novo podemos colher.

O *Be'gique* é um simples navio de vela, armado a brigue-barca e dotado de uma machina auxiliar propulsora, que lhe póde dar a velocidade maxima, em bom tempo, de sete milhas por hora e deslocar cerca de 400 toneladas.

Occupava-se na pesca de phócas nos mares do norte e foi comprado especialmente para o fim a que ora se destina, pela commissão scientifica iniciadora da expedição, auxiliada por Sua Magestade o rei dos Belgas, que concorreo com a somma de 200.000 francos.

Possue 4 escaleres, de boa construcção, capazes de afrontar os embates das massas de gelo, e tem a prôa guarnecida de ferro, de modo a poder tambem cortar os blocos de gelo, que se interceptarem á sua marcha.

E' de construcção solida. A sua machina, muito economica, permitte que tenha armazenado carvão para trez mezes de consumo, e nos seos paióes existe a munição de boca necessaria para a reduzida guarnição por espaço de trez longos annos.

A sua helice póde ser levantada, de modo a navegar sómente á vela.

Vêm-se no convez linhas de sondagem e de pesca de 6 a 8.000 metros, aquellas das mais aperfeiçoadas e movidas por machinas, e um laboratorio em que existem aparelhos de chimica, physica, botanica, mineralogia, historia natural e astronomia e um *aquarium* em que devem ser coleccionadas as especies que puderem ser colhidas.

Não pudemos ver os principaes aparelhos destinados ás explorações scientificas da expedição, por se acharem no porão, de onde só sahirão no momento em que se tornarem necessarios.

O *Belgique*, deve tomar rumo do sul, com destino a Punta-Arenas; atravessará o Estreito de Magalhães e navegará para oeste.

Nos mares antarticos explorará regiões das quaes se aproximou a tempos uma expedição norueguense, que avistou, cobertos de neve e encobertos pela cerração, cumes de montanhas, que se estendiam por muitos gráos e que tanto podiam ser ilhas como um grande continente.

O navio norueguense chegou a 72 gráos e 9 minutos latitude sul, não podendo parar nem aportar n'uma angra que fica ao norte d'essa região em virtude da forte correnteza e por ser navio de vela.

O *Belgique*, auxiliado pela machina a vapor, poderá sem duvida aportar a essa angra e explorar a terra desconhecida, que, segundo todas as previzões, é um enorme continente coberto de neve eterna, sem vida alguma vegetal e animal.

A exploração noruegueza não encontrou vestigio nem de homem, nem de animal, nem mesmo do pessoas n'aquellas regiões, que parecem completamente estereis.

O *Belgique* navega sempre á vela e só uzará de machina em cazo de necessidade, para entrar n'um porto, para contornar massas de gelo ou afastal-as. Não se póde portanto avaliar o tempo que gastará para chegar a seo destino ignoto.

A expedição procurará penetrar tanto quanto possivel na região polar.

Em continuação da derrota, tomará o Mar Vermelho, atravessando o canal de Suez e voltando ao porto da partida, realizando d'este modo uma das mais importantes viagens de circumnavegação que se tem feito n'este seculo.

(*Noticia* de 25 de Outubro de 1897)

O pólo sul. O roteiro brazileiro. Partida do « Belgica ». Outras noticias.

Tem despertado grande interesse a publicação que pretendemos fazer, da organização de uma sociedade e de um roteiro de que ha tempos se cogitou no Brazil, para uma expedição ao pólo sul.

Além de vizitas e de consultas de illustres marinheiros, tivemos hontem o prazer de receber n'esta redação, o Sr. Lecointe, o bravo marinheiro belga, immediato da expedição Gerlache.

O simpathico explorador, depois de amavel palestra, agradecendo o que o *Jornal do Brazil* fez em relação aos expedicionarios, pedio-nos informações sobre a publicação que brevemente faremos.

Ficou surprendido o Sr. capitão Lecointe ao ver um velho documento tão bem conservado, e ao notar a coincidencia de que certas revelações misteriozas da Belgica tiveram aqui repercussão.

Não se trata de um facto natural, nem absolutamente technico, mas de um cazo um tanto misteriozo e que tem os seos amadores e até fanaticos.

Tivemos occazião tambem de observar um bello e grande mappa do pólo sul, que o Sr. Lecointe trazia comsigo, e no qual muito amavelmente e com a sua extraordinaria competencia nos indicou o projecto da viagem, e os varios roteiros que se podem fazer.

O *Belgica* parte sabado para Montevidéo, onde se demorará um dia, seguindo para Punta-Arenas, onde se

fornecerá de carvão e do que fôr necessario para a sua interessante viagem.

Hontem, ás 2 horas da tarde, foram cumprimentar os officiaes do *Belgica*, os directores e o pessoal da Companhia I. Reuse, sendo recebidos a bordo pelo official de serviço, Sr. Meelaerts, que teve a gentileza de fazer as honras do navio, mostrando todos os aparelhos destinados a essa excursão scientifica.

O commandante, Sr. Lecointe, chegado pouco depois, retribuio os cumprimentos feitos pelos reprezentantes d'esta sociedade belga, e depois de conversação amavel, os vizitantes retiraram-se penhoradissimos pelo modo por que foram recebidos, fazendo votos pela feliz viagem dos arrojados exploradores.

No Instituto Historico e Geographico Brazileiro realiza-se hoje, ás 2 1/2 horas da tarde, a recepção dos navegadores belgas em viagem ao pólo sul, sendo a sessão publica e devendo saudal-os o Dr. Alfredo Nascimento, orador do Instituto.

(*Jornal do Brazil* de 28 de Outubro de 1897)

O polo sul. Recepção da expedição no Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Por uma d'essas anomalias tão communs, mas sempre dignas de nota, o nosso Instituto Historico, consagrado em seos intuitos e praticas ao estudo das sciencias, tem em sua séde a concretização do passado, que é o repouzo, antitheze do movimento, que é progresso, o futuro.

Ali tudo é vetusto: a meza patriarcal, em torno da qual sentam-se os illustres membros da douta assembléa;

a cadeira de largo espaldar, que hoje orfan de seo occupante, o Sr. D. Pedro de Alcantara, quando presidia as sessões, ali se conserva como testimunho de respeito á sua memoria, as banquetas rezervadas para o auditorio, em summa, as pezadas estantes de madeira, que cobrem as paredes da vasta sala e entre as quaes ostentam-se retratos de Brazileiros, que illustraram seos nomes em todos os ramos das sciencias e das artes; e para emoldurar esse conjunto, temos ainda o velho edificio do antigo *Paço da cidade*, onde se acha a séde do Instituto.

Eram 3 horas da tarde, quando uma commissão da corporação conduzia á sala das sessões a expedição scientifica, que em demanda do pólo antarctico, ora temos a honra de hospedar.

Acompanharam os illustres exploradores o Sr. Conde W. van der Steen e o Sr. Dr. Cruls, director do nosso Observatorio Astronomico e outr'ora illustre official de engenheiros no exercito de sua patria, a Belgica.

A cerimonia a que iamos assistir revestia-se de um cunho pezado, neuhum ornamento especial, muzica, flores, o que quer que fosse, capaz de dar ali uma nota alegre, festiva.

Eram vinte ao todo os membros do Instituto que occupavam seos lugares ao longo da vasta meza, ficando nos primeiros lugares da fila da esquerda os Srs. de Steen e Gerlache, ministro e chefe da expedição, e na fila direita os Srs. conselheiro Correia e Raffard, prezidente e secretario do Instituto.

Juntamente com o auditorio, que era pequeno, ficaram os Srs. Lecointe, Dr. Cook e Aretowsky, dignos companheiros do Sr. Gerlache.

Abrio a sessão o seo illustre prezidente, que, em fraze singela, porém elegante, saudou os nossos hospedes, a quem aprezentou, em nome da sciencia cultivada em nossa patria, as felicitações e os votos pelo ouzado emprehendimento que tomaram sobre seos hombros.

Publicaremos depois na integra este bello discurso.

Foi após dada a palavra ao Dr. Alfredo Nascimento, que, se destaca como moço entre seos dignos

consocios, fica no mesmo plano em que elles se acham como provecto cultor da sciencia.

O illustre moço era o orador official, e sentimos que a falta absoluta de espaço nos prive de dar, ainda que em rezumo, a sua bella oração. Em seo exordio elle teve este bello pensamento: « Maintenant vous voilà arrivés à la balise meridional qui marque chaque année les bornes du parcours des radiations du soleil vers le sud.....

Mais ne craignez point; si le soleil est contraint de s'arreter ici, vous autres vous pouvez passer. »

Tomando em seguida para thema o assumpto, que se prende ao objectivo da expedição belga, historia as varias tentativas e os rezultados colhidos por ouzados navegantes para descortinarem os polos, que, por uma phantasia de romancista, são conquistados: o arctico pelo famoso *Hatteras* e o antarctico pelo capitão *Nemo*, que conduz ahi no *Nautílus* para o primeiro, plantar o seo pavilhão negro e ouro.

Termina incitando os ouzados exploradores a completarem aquillo que até bem pouco era uma phantasia: já temos o submarino, resta pois que os ouzados navegantes vão arrancar aquelle pavilhão de uma patria que não existe, para substituil-o pela de um povo que vive á luz meridiana que em lugar de *Nemo*, que significa *Ninguem*, grave-se o nome de Adrien Gerlache!

Todo o discurso foi lido em francez, e terminando-o foi o orador saudado por uma salva de palmas.

O Sr. Marquez de Paranaguá leo tambem algumas phrazes de saudação aos expedicionarios; o Sr. Castro Carreira fez suas as saudações do Marquez; chegou a vez do Sr. Barão Homem de Mello tomar a palavra.

O illustre geographo e professor limitou-se a lembrar, que ha oito annos o Instituto se havia occupado com o grande tentamen, que hoje conduz os passos d'aquelles que são actualmente nossos hospedes e que alguma couza que escreveo sobre tal assumpto será lido pelo Sr. Padre Belarmino.

Este faz a leitura de tal trabalho e com elle terminam as saudações dos illustres socios do Instituto.

Como testimunho da memoravel sessão e como attestado de merecimento pessoal, são recebidos socios honorarios os Srs. ministro da Belgica e o chefe da expedição polar.

Levanta-se este, e todos os prezentes devem ter notado, que o faz sob o influxo de forte commoção; seo agradecimento foi curto, porém delicado.

Lembrou, que aqui, n'esta formoza terra, tem sido alvo das attenções das autoridades, dos companheiros de classe e dos homens de sciencia: o Sr. Prezidente da Republica recebeo-os em audiencia especial, a marinha de guerra vizita-os, e por ultimo o Instituto Historico consagra-lhes a prezente sessão e honra-o a elle orador com o titulo de seo socio honorario.

Por todas essas attenções, como testimunho de sua gratidão, elle declara, que no pólo, onde quer que tenha de arvorar como conquista scientifica da sua expedição, o pavilhão de sua patria, dar-lhe-á como companheiro aquelle que tem como emblema a constelação, que traça a rota do seo navio o *Cruzeiro do Sul*, o pavilhão auriverde da Republica Brazileira!

Entre aplauzos geraes senta-se o Sr. Gerlache, e logo em seguida fez-se ouvir o Sr. ministro W. van der Steen.

Cobrindo-se de uma modestia excessiva declara, que a homenagem, que recebeo com o titulo que lhe concede, não o merece como homem de sciencia, mas que agradecido aceita como prova de estima que se quiz tributar á sua patria. Depois de outras considerações termina affirmando que é pelo congraçamento das sociedades scientificas, que um dia se ha de estabelecer a fraternidade universal, para impedir que os batalhões se lancem uns contra os outros, fazendo a mutua destruição.

Foram saudadas calorozamente essas ultimas palavras do digno diplomata.

Estava terminada a sessão, declarou o seo provecto prezidente, mas, disse antes de abandonar o seo lugar, não podia deixar de agradecer sensibilizado a magnanima promessa que ouvira do valente explorador o Sr. de

Gerlache, de que juntos plantaria para fluctuarem aos ventos do pólo antarctico os pavilhões da Belgica e de sua patria querida o Brazil!

Assim terminou essa ceremonia simples, porém memoravel por sua significação.

Estiveram prezentes, entre outros socios, os Srs. conselheiro Correia, Paranaguá, Doria, Castro Carreira, Homem de Mello, Garcez Palha, Martins Junior, Barões de Alencar e de Sant'Anna Neri, e outros.

Vimos tambem na sala os Srs. Dr. Cruls, capitão de mar e guerra Jozé Carlos, major Borges Fortes, e varios outros cidadãos, cujos nomes nos escaparam.

(*Jornal do Brazil* de 29 de Outubro de 1897)

Expedição Belga

Effectuou-se hontem, conforme noticiámos, no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a recepção dos temerarios exploradores do pólo sul, Gerlache e seos distintos companheiros.

O 2º andar do antigo convento do Carmo, onde hoje se acha instalada a sabia instituição, encheo-se de pessoas illustres, que dezejavam assistir á manifestação de apreço e demonstração de confiança dada pelo Instituto aos guapos marinheiros, que só pelo amor á sciencia iam afrontar os mares tenebrozos do polo antarctico.

Foi uma sessão plena.

A's 3 horas, prezente o commandante Gerlache e quatro dos seos companheiros, mais o Sr. ministro belga, Conde van der Steen de Jehay, o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia abrio a sessão, dando a palavra ao orador official Dr. Alfredo do Nascimento.

O bello discurso que o illustre professor leo em francez vae textualmente n'outro lugar d'esta folha.

Depois do Dr. Alfredo Nascimento, falaram o Sr. Marquez de Paranaguá pela Sociedade de Geographia e o Sr. Barão Homem de Mello, que, declarando não poder

ler o seo discurso por se achar enfermo dos olhos, pedio ao Rvmo. Padre Belarmino, que o lesse.

O commandante Gerlache proferio, em seguida, uma bonita allocução, e affirmou, que no seu livro de bordo ficaria designado sob o nome « Semana do Rio de Janeiro » o tempo aqui passado; e que á data de hontem, no anno proximo futuro, onde quer que se achasse o seo navio, faria içar ao mesmo tempo que o belga o pavilhão brazileiro.

Palmas e bravos estrepitozos cobriram estas palavras.

O Sr. ministro belga tambem proferio um expansivo discurso, respondendo-lhe enthuziasticamente, em bello improvizo, o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia, que levantou a sessão.

Eram 3 e meia da tarde.

—

Depois d'isto os expedicionarios percorreram todas as dependencias do Instituto Historico, entretendo-se a manuzear alguns livros de viagens de exploração, mappas, etc. O que mais lhes despertou a curiosidade de naturalistas foi o exame de um craneo fossil da Lagoa-Santa, que lhes foi mostrado.

—

Uma commissão do Instituto vae hoje, ás 4 horas da tarde, vizitar o *Belgique* a convite dos expedicionarios.

O *Belgique* só se fará de viagem amanhan.

—

O Instituto Historico e Geographico do Brazil recebeo hontem, ás 2 e meia horas da tarde, em sessão extraordinaria a visita dos marinheiros belgas, que se destinam ao pólo antarctico. Orou pelo Instituto o Dr. Alfredo do Nascimento.

Foi enorme a concurrencia, e entre as pessoas prezentes notámos os Srs. Jozé Carlos de Carvalho, major Borges Fortes, Pereira da Silva, Paranaguá, Dr. Cezar Marques, Jozé M. Pereira de Barros, Souza Ferreira, Luiz Alves, capitão de fragata Garcez Palha, deputados Paranhos Montenegro, Aristides Milton, Martins Junior, Franklin Doria, Sant'Anna Neri e Alencar.

O Collegio Militar, convidado pelo Dr. Homem de Mello, fez-se representar por uma commissão composta dos alumnos do 4° anno, Manoel Aranha, Americo Lassance Alves Branco, Cunha e Souza Reis.

(*Debate* de 29 de Outubro de 1897)

Expedição belga ao Polo Sul

Em seo discurso na sessão do Instituto Historico de ante-hontem, o illustre chefe d'esta expedição o Sr. Adrien Gerlache disse:

« On vous a dit, Messieurs, que trois de mes camarades et moi nous espérons pouvoir établir et occuper une station d'hinvernage sur le continent antarctique.

Il est bien modeste le matériel dont nous disposerions éventuellement; mais il est une chose dont nous ne manquerons pas de nous munir, c'est un mât de pavillon, qui nous permettra, les jours d'allégresse, de hisser les couleurs qui abritent notre expédition.

Eh bien, Messieurs, je désire consacrer le souvenir de notre séjour ici, et plus spécialement celui de cette séance, en hissent le 28 Octobre prochain, em même temps que le pavillon belge, celui de votre belle patrie. Ce jour là, plus que les autres encore, nous songerons a vous tous et nous formerons de vœux ardents pour la prospérité de votre Institut et pour la grandeur et la gloire des Etats Unis du Brésil. »

Os membros do Instituto Historico formaram logo o projecto de prezentear o commandante Gerlache com a bandeira brazileira que tem de ser içada em 28 de Outubro de 1898 no continente antarctico.

Essa bandeira que devia ser, como foi, offerecida por uma companhia de navegação nacional, o Lloyd Brazileiro, a commissão do Instituto que hontem vizitou o vapor *Belgica* entregou ao referido commandante.

(*Jornal do Commercio* de 30 de Outubro de 1897)

Polo Sul

Hontem, ás 3 horas da tarde, zarpou de nosso porto com destino a Montevidéo, o navio expedicionario *Belgica*.

Este navio seguirá depois para Punta-Arenas e dahi para o pólo sul.

As tripolações dos navios de guerra surtos em nosso porto assistiram das amuradas á sua sahida, dando vivas á Belgica e aos valentes expedicionarios.

O *Belgica* tinha hasteado o pavilhão brazileiro, quando transpoz as fortalezas da barra.

O seo commandante foi despedir-se do Sr. ministro da marinha, que mandou o seo ajudante de ordens retribuir esta fineza.

—

A bandeira que o *Belgica* levava no mastro de honra foi offertada por uma commissão de socios do Instituto Historico e gentilmente cedida pelo Lloyd Brazileiro.

(*Jornal do Brazil* de 31 de Outubro de 1897)

NOTAS

DE

João Guilherme Ratcliff

ESCRITAS NO LIVRO INTITULADO

Principes éternels de politique constitutionelle

Em 1824 apareceo no norte do Brazil o movimento revolucionario conhecido na historia patria sob a denominação de Confederação do Equador, destinado a proclamar no paiz o sistema republicano.

Levantado o movimento em Pernambuco, propagou-se pelas provincias da Parahiba, Rio-Grande do Norte e Ceará; mas dentro de poucos mezes foi suplantado pelas forças imperiaes, e os seos autores tiveram de sofrer a sorte dura dos vencidos, alguns dos quaes padeceram a pena do ultimo suplicio decretado por commissões militares creadas pelo governo central.

Entre os comprometidos n'esse movimento democratico vio-se envolvido João Guilherme Ratcliff, que foi prezo, processado e condemnado á morte pelo tribunal da Caza da Suplicação d'esta cidade do Rio de Janeiro.

Emquanto corriam os tramites do processo, foi o prezo recolhido á fortaleza de Santa-Cruz, onde para alivio dos rigores do encarceramento ocupava-se com a leitura

e meditação de alguns livros, que levára comsigo para sua distração. Um d'esses livros era a obra de direito politico de Desquiron de Saint-Agnan sob o titulo «Principes éternels de politique constitucionelle», em cujas margens escrevia elle em notas os pensamentos, que lhe sugeria a leitura, declarando que o fazia para doutrinação moral de seos filhos, visto não ter tempo para escrever uma obra destinada a esse fim.

Pareceo curiozo esse breve comentario, que, pela ocazião, em que foi escrito, e pela condição especial do comentador, é por certo merecedor de consideração.

Esse livro, depois da morte do anotador, veio parar ás mãos do illustre Visconde de Valdetaro, que o obteve da viuva de Epifanio Jozé Pedroza, o qual era pessoa importante na maçonaria brazileira, e com decidido empenho socorreo aquelle patriota nos seos dias de infortunio, conservando em seo poder o livro encontrado no espolio do finado amigo como precioza reliquia.

O illustre Visconde ofereceo o livro ao Instituto Historico, manifestando dezejos de que as supraditas notas se não perdessem; e em consequencia d'isso a commissão de redação rezolveo fazel-as publicar com o respectivo texto, considerando taes notas como documento de reconhecido valor para a exacta apreciação dos acontecimentos da época.

A essas notas acompanham o decreto de 10 de Setembro de 1824, que sujeitou o revolucionario a processo judicial, bem como a sentença condemnatoria, peças estas adequadas á exacta compreensão do facto d'esse julgamento politico, que terminou por uma execução capital.

T. de Alencar Araripe

Rio 29 de Julho de 1897.

Principes éternels de politique constitutionelle ou Manuel des peuples et des rois, par A. T. Desquiron de Saint-Agnan.

TEXTO

Dieu dit, et l'homme fut façonné à son image. Dieu voulut, et la femme respira.

D'abord le cœur de l'homme s'ouvrit à l'amour et à la reconnaissance; son premier regard embrassa les êtres creés; son premier mouvement le mit en possession de l'empire de l'univers.

NOTA

Voyez au sujet de ce préteudu empire, ce qui en dit l'auteur de l'ouvrage «Des erreurs et des préjugés répandus dans la Société» Mr. Dessalgues.

TEXTO

De la forme humaine.

Dans l'homme, tout marque la supériorité, tout annonce le maître de la terre. *

NOTA

Voyez ce que dit à ce sujet Mr. Virey dans son Histoire Naturelle du Genre Humain, 2 vol. in 8°.

TEXTO

Le joko, sans doute, a quelques rapports d'organisation avec l'homme; mais sa marche, sa stature, sa face, tout décèle en lui la grossièreté de sa nature antropoforme, tandis que l'homme annonce, même à l'extérieur, l'empire de son intelligence et la perfection de ses facultés.

NOTA

Lamétherie, naturaliste et moraliste français, dans l'introduction de son ouvrage «De l'Homme et de ses facultés» prétend, que l'homme dégéneré est une espèce — du singe! Du reste il définit bien l'homme et ses passions, et il en marque les degrés et en indique les correctifs.

---

* Buffon, Histoire natur.

TEXTO

De l'existence de l'âme.

Tout homme pense, donc il existe; cogito, ergo sum, dit René Descartes.

NOTA

Voyez ce qui en dit le célèbre Cabanis dans ses Rapports du physique et du moral de l'Homme.

TEXTO

Est-ce enfin dans le sang, comme l'enseignent de nos jours le docteur Gall et son disciple Spurzeim?

NOTA

Des dispositions innées de l'âme — 1 vol. in 8°.

TEXTO

J'ai déjà défini l'âme un feu électrique, qui anime et vivifie le corps de l'homme.

Ainsi, l'âme est l'éther de l'éther, c'est-à-dire un pur esprit.

NOTA

Chimiquement parlant, il n'y a pas éther de l'éther; mais je comprends ce que ça peut-être: c'est-à-dire, une quintessence de l'éther, un esprit très-volatil: mais comme il faut nécessairement que cet esprit ait une forme pour constituer un individu, une âme, je ne comprends pas quelle forme peut avoir une âme, ni comment un pur esprit peut jouir et souffrir. Il vaut mieux croire à l'immortalité de l'âme (foi du charbonier) que chercher à expliquer l'incompréhensible.

TEXTO

Rien ne sort du néant; tout les êtres croissent et se développent; les fossiles végètent, les plantes s'organisent et les animaux se multiplient.

NOTA

Ex nihilo nihil fit: c'est un axiome. Aussi *Bahra*, d'après les meilleurs interprètes, ne signifie-t-il créer, tirer du néant, mais bien débrouiller, donner une forme.

TEXTO

Epicure a pensé, que le feu céleste qui anime le corps de l'homme doit s'éteindre dans la tombe.

NOTA

On chantait sur le théâtre à Rome: Post mortem nihil, ipsaque mors nihil.

TEXTO

Ah! sans doute l'âme ne périt point; elle remonte vers son auteur : débarrassée de son enveloppe grossière, elle jouit près de lui de la vie éternelle.

NOTA

Oh ! oui, je le crois quant à l'âme des bons, de l'homme vertueux : mais les âmes des tyrans, des despotes, des féroces et impies, oppresseurs de l'espèce humaine, où vont elles? Et le supplice de l'âme d'un individu est-il une réparation proportionée des souffrances, des angoisses de tant de millions de victimes? Ou les âmes de ces monstres, qui se croyent les maîtres des autres hommes et les égaux de Dieu valent-elles aux yeux de la Divinité des millions d'âmes de leurs victimes? Je m'y perds, et laisse là mes réflexions, qui m'emportent, et me font dire des blasphèmes.

TEXTO

L'homme reçut l'empire de l'univers en ouvrant l'œil à la lumière; l'Eternel, en abandonnant son corps aux douleurs physiques et à la dissolution, lui dit : « Que tous les animaux de la terre et tous les oiseaux du ciel soient frappés de terreur et tremblent devant vous avec tout ce qui se meut sur le globe. J'ai mis entre vos mains tous les poissons de la mer. *».

NOTA

Je renvois le lecteur à l'ouvrage de Mr. Dessalgues : «Des erreurs et des préjugés répandus dans la société» 3 vol. in-8°.

TEXTO

De la nécessité d'une croyance.

Un sage Persan enseigne, que le premier sentiment de l'homme le porte à reconnaître, que sa tête est placée sous le joug de Dieu.

NOTA

S'il n'y avait point un Dieu, il faudrait le créer, a dit Voltaire, et je le répète avec lui.

TEXTO

La foi lui fait connaître enfin, que ce monde n'est q'un lieu d'exil, que l'homme y fait un court pélerinage, qu'il y est en proie aux besoins et à la douleur, et qu'il ne doit tourner ses espérances que vers une autre vie.

NOTA

Recommandez cette foi aux tyrans, aux oppresseurs de l'espèce humaine.

---

* Genèse, chap. 9, v. 12.

TEXTO

Quant au crédit populaire ou à la faveur des cours, ils sont sujets à trop de variations, ils sont trop aveuglément distribués pour rendre l'homme heureux par leur possession ; ils ne s'acquièrent pas sans tourment, ils ne se conservent pas sans inquiétude, ils ne se perdent pas sans laisser après eux de profondes douleurs.

NOTA

J'en ai joui (de la faveur et crédit populaires), j'ai rempli diverses et honorables fonctions, de son choix, savoir, celles de juge de fait, d'electeur de paroisse, de président des assemblées electorales de ma paroisse, de secrétaire du Sénat, de membre de deux commissions, de commandant d'une des compagnies de la Garde Nationale, de 1er sécretaire réélu de la Société littéraire patriotique, je n'ai pas eu de tourment pour les acquérir, je les ai conservé sans inquiétude et leur perte ne m'a laïssé quelque douleur sinon parce qu'elle a été la conséquence de l'esclavage de ma Patrie. Cependant l'assertion en général est vraie.

TEXTO

Ainsi, la religion adoucit les douleurs physiques, elle allège les peines de l'âme, elle console les adversités.

Ainsi, la religion augmente en nous le sentiment de nos jouissances, elle ajoute un prix infini à nos unions les plus douces, elle nous découvre enfin une éternelle perspective de bonheur dans la vie à venir. *

NOTA

Je souscris aussi du meilleur gré à cette doctrine consolante et salutaire, que j'ai cherché à insinuer dans l'esprit de quelques libertins.

TEXTO

Jean-Jacques Rousseau, toujours chagrin et morose dans la vie civile, voulut aussi, dans ses ouvrages, développer une idée qui n'était pas dans son cœur, il voulut en un mot, paraître avoir adopté l'optimisme.

NOTA

Cependant son esprit, son humeur, et son caractère, sombres, fantastiques, soupçonneux, semblent l'avoir porté à adopter le pessimisme. Voyez le «Candide» de Voltaire, et le «Pessimisme», dont j'ai oublié le nom de l'auteur, mais que j'ai dans ma bibliothèque à Lisbonne, ouvrage en 3 vol. in 12, et comparez les deux ouvrages.

---

* Du cult. pub. en général, prim. part.

TEXTO

Je finirai par une dernière réflexion : dans toute congrégation d'hommes, *celui qui prêche l'incrédulité est l'apôtre des méchants*, le législateur des pervers, et l'ennemi de tous les citoyens.

NOTA

D'accord : mais être incrédule n'est pas prêcher l'incrédulité. On peut ne pas croire, puis que, comme l'auteur le reconnaît ailleurs, cela ne depend pas de nous sans pretender faire des prosélytes.

TEXTO

De l'atheisme. On publie de toutes parts, que l'athéisme est une erreur : je me persuade, au contraire, que c'est un crime. L'athée, en effet, est un coupable volontaire, qui endurcit son cœur, qui ferme ses yeux, et qui veut néanmoins résoudre le problème de l'essence des choses.

NOTA

C'est le despotisme, c'est la tyrannie, qui portent les hommes à l'athéisme. En effet comment croire à la vertu et la voir presque généralement persécutée, opprimée, malheureuse, et le crime applaudi, triomphant : comment voir un despote, un tyran, qui veut me forcer à croire à sa religion, se jouer impunément de ce qu'il-y-a de plus respectable, de plus saint, de plus auguste pour les hommes, se jouer sacrilège et impiement de Dieu et des hommes, en parjurant deux, trois, cent fois, s'il lui convient, et employer tout genre de perfidie et de trahison, pour rendre esclave une nation entière en poursuivant à fer et à feu ceux d'entre elle qui ne veulent pas se laisser docile et humblement enchaîner, comment, dis-je, croire à l'existence d'un Dieu juste et puissant qui consent à tous ces attentats horribles, et laisse souffrir tant de millions de victimes, sans précipiter dans les enfers un pareil monstre !

TEXTO

L'athéisme étant un crime à mes yeux, je les considère (les athées) comme des monstres d'ingratitude, et je fuis à jamais leur présence contagieuse.

NOTA

Pater, parce illis, quia nesciunt quod faciunt.

TEXTO

L'histoire de l'idolâtrie formerait un livre à-la-fois curieux et utile : il serait propre à faire rougir l'humanité.

NOTA

On peut s'en faire une idée en lisant : l'Histoire de toutes les religions du Monde, II vol. in folio, Dictionnaire des cultes religieux

par Mr. De la Croix, 3 vol. in 12°, Dictionnaire des Hérésies par l'Abbé Pluquet, 2 vol. in 12°, Origine des Cultes par le citoyen Dupuis, 10 vol. in 8° et Atlas.

TEXTO

L'idolâtre, au contraire, est imbu du sentiment de sa faiblesse; il connaît le besoin qu'il a d'être protégé, secouru; il adore un être tout-puissant: seulement il se trompe dans l'objet.

NOTA

Je trouve cette matière très delicate et épineuse pour être traitée par un catholique, apostolique, romain. Laissons donc là les idolâtres.

TEXTO

L'athèisme, comme je l'ai déjà prouvé, n'a produit que des malheurs sur la terre, et le motif en est sensible, puis qu'il suffit de ne croire à rien pour se supposer le droit de s'abstenir de tous les droits sociaux.

NOTA

Le lecteur peut voir dans l'ouvrage ci-devant citée, «Pensées sur les Comètes», comment Bayle argumente en faveur. Dans une question polemique il faut entendre le pour et le contre, pour porter un jugement avec connaissance de cause.

TEXTO

Tel fut jadis le langage de l'idolâtrie; il avait pour objet de porter les peuples à craindre les dieux et à obéir aux chefs revêtus des hautes magistratures. Quel eut été celui de l'athéisme dans les circonstances semblables? Il n'est pas douteux, qu'il aurait eu por but de brûler les autels, de renverser les trônes, et d'assassiner les rois.

NOTA

Si l'on accorde à l'auteur la vérité des prémisses, il faut lui accorder les conclusions, qu'il en tire. Je la lui accorde quant aux gouvernemens, mais aucunement quant aux individus. Cependant il devrait nous dire ce qui arrive aux individus et aux nations, quand les rois, et leur gouvernement sont athées, comme l'histoire ancienne, et celle du jour même, nous prouvent, qu'ils le sont tous de fait? Je renvois le lecteur à la note insérée au bas des pages 74 et 75.

TEXTO

Ainsi Robespierre, Marat, Couthon et Mirabeau avaient foulé aux pieds la religion révélée, pour embrasser le théisme.

NOTA

Ils l'affichaient, mais ils ne le professaient pas. *Ex fructibus eorum cognocetis eos.*

TEXTO

Il faudrait avoir une triple taie sur les yeux pour ne pas appercevoir dans la conservation du peuple Israélite, après sa dispersion et son incorporation, une main invisible et puissante, qui montre à l'univers ces hôtes malheureux comme un monument terrible de sa colère.

NOTA

Il y avait beaucoup à dire là-dessus, mais je me tais. Cependant je ne puis pas laisser de faire une observation et c'est que l'auteur quelques fois se contredit et est inconséquent : il semble même fanatique. On tombe toujours dans l'erreur, quand on attribue à un système quelconque des faits qui ne peuvent pas y attacher.

TEXTO

La réponse est facile : la *superstition* dégrade les cultes les plus raisonnables ; elle abuse des dogmes les plus sublimes ; elle rompt enfin le joug qui attache l'homme à l'amitié, à la pudeur et à la reconnaissance.

NOTA

Oui, j'en conviens : la superstition est la cause de tous ces maux. Mais qu'elle est la cause de la superstition ? La réponse est plus facile encore : l'ignorance. Et le moyen de détruire l'ignorance, n'est ce pas d'éclairer le peuple ? Et comment les gouvernemens et les prêtres éclairent ils le peuple ? En leur enseignant que le pouvoir des rois leur vient de Dieu, dont ils font des images, les papes ses vicaires, les prêtres et les moines ses médiateurs (gare les dîmes, les offrandes, etc), les saints ses favoris intéressés ; que presque tout le genre humain a été créé par un Dieu infiniment bon, et infiniment juste, pour être damné ; qu'il-y-a des sorcières, des enchantemens, etc, et que les franc-maçons à leur reception font don de leur âme au diable, et ont juré l'extermination de toutes les religions, et le renversement de tous les trônes, et de tout gouvernement !!! Nourri de cette doctrine saine et surtout salutaire pour les despotes, les imposteurs, et les tyrans, on doit attendre un heureux résultat pour l'instruction du peuple ! Va-t-en voir s'ils viennent, Jean ! Pauvre genre humain !!!

TEXTO

Des oracles. Tous les peuples de la terre ont cru, que leurs dieux prédisaient l'avenir. Aussi accouraient-ils pour orner les temples de présens, et pour consulter leurs idoles sur les événements futurs.

NOTA

Voyez l'Histoire des Oracles par Mr. de Fontenelle.

TEXTO

Livrez-vous donc aux affections douces; aimez-vous, ne persécutez point vos frères; quels qu'ils soient, ils ont été créés à l'image de Dieu; dans le jour terrible des vengeances, ils seront vos égaux devant le tribunal suprême.

NOTA

Et cependant c'est le clergé catholique romain qui enseigne aux peuples, que les dissidens vont irrémissiblement en enfer!!! Que les franc-maçons sont ennemis de l'autel et du trône et doivent par conséquence être poursuivis et exterminés!!! Il faut dire avce Saint-Augustin: — Pudet me humani generis qui talia credere potuerunt! Pauvre peuple, il faut te plaindre!

TEXTO

Des Israelites. L'intolerance s'est élevée contre les enfants d'Israel, dans le dessein de rendre encore plus pesantes des chaines, que leurs faiblesse ne pouvait plus supporter...

Ceux de Francfort firent périr dans les flammes cent quatre-vingts chefs de famille.

Au commencement de ce siècle encore, l'Israélite, en passant les barrières de cette ville, etait soumis à payer le même droit qu'une bête de somme.

NOTA

Lisez sur ce sujet l'ouvrage de Mr. Dessalgues: « Des erreurs et des préjugés repandus dans la Société ».

TEXTO

Des Nègres. Que dirai-je de ces hommes, condamnés dès leur enfance à vivre dans la servitude, vendus à leurs bourreaux par leurs propres pères, livrés pour un peu d'or, ou échangés pour un baril de liqueur forte, ou pour de brillantes bagatelles?

Parlerai-je des tourments qu'ils endurent dans nos colonies? retracerai-je l'affreux tableau des persécutions qu'ils ont éprouvées? Non, sans doute. Je n'écris point l'histoire des malheurs des Nègres; il suffit de les signaler comme d'innocentes victimes, que des Européens avides ont voulu dégrader du rang des hommes, pour justifier leurs déprédations, leur tyrannie et leurs assassinats.

NOTA

J'ai entendu à Pernambouc de la bouche d'une dame cet insigne blasphème : Que les Nègres avaient été créés exprès pour être esclaves des blancs : qu'ils leur doivent jusqu'à l'âme !!! Ça n'a pas besoin de commentaire...

Il faut aller au Brésil et observer comment on y traite les Nègres pour se faire une idée de leurs souffrances ; et cependant ce n'est que l'ombre de ce qui a été jadis.

TEXTO

Des Sères. Leur loi, en défendant tout culte religieux, avait eu pour objet de donner à la divinité la nature toute entière pour temple ; pour autel, le cœur de tous les hommes ; pour victimes, leurs abstinences, et leurs vertus pour sacrificateurs.

Il est donc vrai de dire, que le législateur des Sères a reconnu l'existence de l'ordonnateur des mondes, et que, loin de prêcher l'athéisme, il s'est appliqué religieusement à épurer le culte qui devait lui être rendu.

NOTA

C'est ici la profession de foi de l'auteur, et de plusieurs honnêtes hommes, quoiqu'il en dise ailleurs.

TEXTO

Ainsi, les Chinois *ne connaissent point d'intermédiaire entre l'ordonnateur des mondes et la triste humanité ;* tandis que les Indiens, pour obtenir les faveurs de celui qu'ils appelent l'Eternel, *consacrent leur vie à se rendre favorables Brama, leur législateur.*

NOTA

La quelle des deux croyances sera la plus raisonnable, et la plus conforme aux attributs de l'Etre Eternel ? Je suis persuadé, que c'est la première. Je pense, et je me tais.

TEXTO

Je ne parlerai pas ici de Locke comme métaphysicien, mais comme législateur d'une portion du Nouveau Monde.

Locke, en effet, donna des lois à la Caroline... Le philosophe voulut le bonheur de la colonie naissante, aussi fit-il de la tolerance la base de son code. D'après cette règle, il permit à tout citoyen agé de 17 ans de choisir un culte.

NOTA

Je citerai ici un passage de son Traité sur le Gouvernement Civil qui prouve qu'il était capable d'être législateur. Le voici : « The end of government being the good of the community whatsoever alterations are made in it tending to that end, cannot be an encroachment on any body, since no body in government can have a remaining to any other end, and those only are encroachments which prejudice or hinder the public good. Those who say otherwise speak as if the princes had a distinct and separate interest from the good of the community and was not made for it, the root and source from which spring almost all those evils and disorders which happen in kingly governments. And indeed if that be so, the people under his government are no society of rational creatures entered into a community for their mutual good; they are not such as have set rulers over themselves to guard and promote that good, but are to be looked on as an herd of inferior creatures, under the dominion of a master who keeps them, and works them for his pleasure and profit.

TEXTO

C'est en vain qu'en 1545 le Concile de Trent prononça sur la réforme de Luther : c'est en vain que l'empereur d'Allemagne prit les armes pour forcer la nouvelle secte à se soumettre à cette décision suprême. Le sang des lutheriens a coulé, l'empire de la raison s'est étendu, mais la foi des réformés est toujours restée la même.

NOTA

Malgré la promesse [illegible] non [illegible] [illegible].

TEXTO

Le quaker fait consister sa philosophie à instruire les mœurs et à choisir les usages... Il suivait cette doctrine, les quakers sont heureux sans doute, mais ils vivent dans l'hérésie et dans l'erreur. Ils ne pouvaient en effet confondre les abus et la doctrine.

NOTA

Mais ils vivent contents et heureux [illegible] [illegible] [illegible]

TEXTO

Ainsi se perpétueront les fausses religions. Ainsi les peuples végéteront dans l'ignorance. Ainsi l'imposture l'emportera souvent sur la vérité.

NOTA

Malheureusement, c'est ce qui est arrivé, arrive et arrivera toujours ; parcequ'il-y-a un sans nombre d'imposteurs intéressés à ce que ces religions se propagent et perpétuent pour ce que les peuples croupissent dans la plus crasse ignorance, dans la superstition la plus absurde et dégradante, et alors par une conséquence nécessaire l'imposture doit l'emporter sur la vérité. Tant qu'il y aura des imposteurs, il y aura des tyrans orgueilleux et féroces, et des esclaves humbles, soumis et opprimés !

TEXTO

Un sentiment secret, que je ne puis définir, m'annonce que tous les hommes sont frères ; un cri sourd, qui s'échappe des entrailles de tout être pensant, annonce à l'univers cette vérité.

NOTA

Honneur, estime et respect au philosophe, à l'homme juste et sensible, qui professe de tels principes, et les énonce !

TEXTO

On a dégradé les Nègres du rang des hommes ; non seulement on a voulu prétendre, qu'ils étaient des hommes dégénérés, mais encore qu'ils n'avaient jamais appartenu a l'espèce humaine.

NOTA

Je renvois le lecteur à la note inserée à la suite du chap. sect. V. pag. 113. Malheureux Nègres! Le trafic infame et inhumain, que les Européens et autres nations font de vous pour entretenir leur oisivité, fournir à leur ambition, faire étalage de leur orgueil, aux dépens de vos larmes, de votre sueur et de votre sang, cessera un jour : vous redeviendrez des hommes ! Je fais des vœux avec toutes les âmes sensibles, avec tous les bienfaiteurs de l'humanité, pour ce que cette époque du triomphe de la raison, de la justice et de l'humanité arrive au plutôt ! J ai trouvé des censeurs pour vous avoir regardés comme des hommes, comme des semblables, et vous avoir traités en conséquence. Je les plaindrois, si en le faisant ils ne fournissoient pas par cela même une preuve de leur orgueil, de leur immoralité, et sur tout de leur mauvais cœur.

On peut consulter à ce sujet Mr. le Dr. Thornton dans son Politician's Creed, dans les publications de la Société Royale Africaine de Londres.

TEXTO

Toute fois, on peut avancer, que les Kalmouks sont les plus laids et les plus difformes des hommes qui sont sous le ciel *

NOTA

Virey, *Histoire Naturelle du Genre Humain*, 2 vol. in 8°.

TEXTO

Amitié sainte, j'ai connu tes transports; tu fis longtemps les délicés de mon cœur. Je retrouvai souvent dans l'esprit d'un ami la copie de mon esprit; je retrouvai souvent dans son âme l'image de la mienne. Hélas! une main toute-puissant m'a retiré bientôt le bien-fait que j'avais reçu de sa bonté! Il n'est plus, cet ami vertueux qui comptait chacun de ses jours par le bien qu'il faisait aux hommes; victime un instant d'une injustice, il s'est replié sur lui même, et, dégouté du breuvage de la vie, il a porté ses regards vers le ciel, qui l'appelait au milieu des justes!

NOTA

Reçois, cher Bertrand, digne et respectable ami, le tribut de mon extrême reconnaissance, de mon éternelle gratitude. Si mes fils, si la femme, que j'aime ne sont pas morts de faim et de misère, ce sera sans doute à toi que j'en aurai l'obligation. Je suis à 1.190 lieues de distance de toi, il-y-a bientôt une année que je n'ai pas reçu de tes nouvelles, cependant tes vertus et ton amitié me sont un sûr garant que tu prendras soin de mes infortunés enfants, des êtres que je porte avec toi et la Patrie dans mon cœur.

TEXTO

Du respect dû aux femmes.

L'homme doit son respect aux femmes, d'abord par le sentiment pris de leur faiblesse, et, en second lieu, par les avantages qui en résultent pour lui même.

Soumise, au contraire, à la puissance maritale, c'est une esclave qui s'asservit à son état; la sensibilité s'émousse, le sentiment reste muet; elle ne cherche plus

---

* Tavernier, Voyag. tom. 1; *Memoires des missions du Levant*, tom. 2; et Buffon, *Hist. nat.* tomo 3.

à plaire: la liberté est la mère de la coquetterie, l' esclavage en est le tombeau.

NOTA

Her sex, which alone made her amiable in your eyes makes her respectable in mine

Donc: Extremum utrumque fuge: medio tutissimus ibis. Quoi que avec les femmes il n'y a pas de sureté

TEXTO

Non seulement il doit le soulager (l'enfant), il faut qu'il le respecte encore; et ce respect consiste à ne rien faire, à ne rien dire en sa présence qui puisse nuire au developpement de ses facultés morales. C'est un bouton timide qu'il ne faut point exposer aux caresses brutales des frêlons.

NOTA

Bien rares sont ceux qui y font attention: parce que bien rares sont ceux qui entendent quelque chose à l'éducation

TEXTO

Tous les dangers assiégent l'homme à sa naissance, et chacune des pulsations de son cœur est marquée par un signe de défense et de protection de la part des auteurs de ses jours.

NOTA

Et moi, je me trouve loin de mes fils pour les protéger et les elever.

TEXTO

Puissent un jour mes fils, lorsque j'aurai cessé de vivre, déposer mon corps au milieu d'un épais bocage, arrosé par un ruisseau limpide! Qu'ils soient placés loin de ma tombe ces cyprès, ces urnes funéraires, ces saules languissants, ce lierre qui rampe et tapisse la terre, qu'un berceau de roses et de lilas couvre ma cendre refroidie! que toujours un peuple d'oiseaux l'habite, et fasse entendre, sur ces tiges odorantes, le chant gracieux de son bonheur.

Qu'ils viennent alors mes fils, près de mes tristes restes, qu'ils viennent au jour anniversaire de *ma naissance* (le

31 Octobre), pleurer ma mort, comme ils pleureront la chute de feuilles, et faire redire aux échos l'expression touchante de leurs regrets.

NOTA

Jean Guilherme Ratcliff junior né le 31 Janvier 1822. J'ig nore le sexe et l'age de l'autre qui n'etait pas encore né au moment où j'ai été forcé de m'en separer, et peut-être pour jamais ! Proh dolor!!!

C'est avec une profonde douleur que je fais un pareil vœu, si j'ai le bonheur de me trouver reuni à mes enfans, bons, sensibles, vertueux, oh! aprés la liberté de ma Patrie, c'est le vœu le plus ardent de mon cœur. Mais à 1.490 lieues d'eux, sans aucune nouvelle de leur sort e de celle de leur mère, depuis le 18 Novembre 1821, c'est à dire, depuis prèsqu'une année que j'ai été obligé par la plus insigne tyrannie de les abandonner, sans aucun moyen de subsistence, et moi même enfermé dans une forteresse, comme prisonnier d'Etat, à la disposition d'un despote jeune et vindicatif, puis-je me flatter que ce vœu será un jour exaucé! Je ne l'espère pas. Eh! et mon âme ne succombe pas! Non, non, elle ne succombera jamais; même quand je devrais tomber, victime du despotisme et de la tyrannie, en descendant au tombeau, j'emporterai avec moi chez les morts le consolant espoir que mes cendres seront vengées, que: gxoriare aliquis nostris ex ossibus ultor.

Santa-Cruz le 30 Octobre 1821. Jean Guillaume Ratcliff.

Le 8 de Septembre 1783, ou 82. (Ma naissance).

TEXTO

De l'etat republicain. Lorsque le peuple est souverain, il vit toujours dans un état de fluctuation; la connaissance qu'il a de ses droits nuit essentiellement à la connaissance, qu'il pourrait acquerir de ses devoirs

NOTA

Çà peut être vrai a l'égard de la democratie pure, où le peuple délibère par lui-même, et en tumulte comme il arrivoit à Athènes et dans les autres republique de la Grèce; mais non pas de même à l'ègard de la democratie representative, dont la bonté est prouvée par l'exemple frappant des Etats-Unis d'Amerique.

TEXTO

De l'etal aristocratique. Cet état de choses ne peut être que temporaire. Le peuple ouvre les yeux, le voile tombe; à travers leur morgue insolent, il aperçoit la faiblesse de ses tyrans; il se lève et les révolutions ensanglantent son territoire.

NOTA

Oh! le voile tombera un jour, et alors qui sait ce qu'arrivera.... L'homme juste et sensible fait des vœux pour ce que les chefs des gouvernemens, en respectant les droits sacrés des peuples et en se

contenant dans les justes bornes du pouvoir, qui leur a été délégué, ne provoquent pas ses sanglantes catastrophes, qui font frémir l'humanité...

TEXTO

De l'état monarchique. Il parle sans cesse de sa puissance, parce que sa volonté est toujours subordonnée à la puissance de la loi.

Un roi n'est qu'un homme; il devrait être un Dieu, puis qu'il est appelé à l'honneur de gouverner ses semblabes.

NOTA

Ce chapître renferme l'histoire de toutes les monarchies tant anciennes que modernes; mais surtout de celles de nos jours!

C'est au contraire, parce qu'il entend que sa volonté doit être la loi suprême. Sic volo sic jubeo, stat pro ratione voluntas: Car tel est notre plaisir, a été de tout temps la maxime favorite du despotisme. Ils n'osent l'afficher publiquement aujour d'hui, mais ils la suivent dans la pratique.

Malheureusement ils le sont, et de la plus mauvaise espèce, et ils se croyent des Dieux! Plus malheureusement encore, les peuples, embus de cete doctrine perfide et anti sociale par des imposteurs, qui trouvent leur compte à ce qu'elle soit repandue et accreditée, et sans lumières pour en connaître la fausseté, les affermissent dans cette croyance, en l'adoptant, ou en y tenant eux mèmes.

TEXTO

Un prince qui voudrait régner par les lois et selon les lois, n'aurait aucun besoin de s'environner des prestiges de la puissance. L'amour de ses citoyens, semblable a celui des enfans pour leur père, le suivrait partout et lui servirait de sauve-garde.

Titus, traversant le forum, pour aller au Capitole, était suivi par un concert universel de bénédictions.

NOTA

Et c'est parce qu'ils veulent être audessus des lois, et que leurs caprices soient aveuglement obéis comme lois suprèmes, qu'ils s'environnent, qu'ils entretiennent un intendent de police, une armée d'infames espions et delateurs, et qu'ils vous fourrent incommunicable et insortable dans une chambre à briquets d'une forteresse, si vous osez douter de la justesse et exactitude de cette doctrine, quand on ne vous fait pas assassiner même chez vous!!! Et vivent les despotes!

Mais pour un Titus, ou un Henri IV, combien de Nerons, de Louis XI, de Philippes II, etc. etc. etc!

TEXTO

Les talens sont méconnus, parce que l'éducation n'est plus necessaire; le merite, loin d'être honoré, est

banni de la cour ; les plaisirs futiles ont pris la place des devoirs. Le prince vit dans da mollesse, et les courtisans suivent ce dangereux exemple.

NOTA

Les hommes probes et éclairés, qui honorent leur Patrie, en illustrant, et qui ayant la conscience de leurs droits, et des dèvoirs du gouvernement, peuvent desabuser le peuple sur les machinations de ses oppresseurs, sont diffamés par devant lui, même dès la chaire, comme des conspirateurs, et des impies, pour les lui rendre haissables et pour pouvoir exercer contre eux impunement les plus horribles persécutions. Oh Portugal ! oh ma Patrie ! tu as fait une bien cruelle et terrible épreuve de ce système infernal d'iniquité et tyrannie. Tes meilleurs enfans, ceux qui n'aspiraient qu'à la douce satisfaction de te faire fleurir et prosperer, errent par ci, par là, sur un sol étranger, loin de toi, loin de leurs familles eplorées, et au sein de la misère, loin de leurs amis, de tous les objects enfin qui étaient chers à leurs cœurs et entourés de privations, et quelques ans exilés dans les climats pestiferes de la côte d'Afrique, ont terminé avec la vie leurs souffrances poignantes, pendant que tu gemis opprimée sous le poids des chaînes et de la misére, et que les parjures, les traitres les scelerats qui t'ont vendu à des étrangers, et t'ont reduit à un si déplorable ètat, se repaissent de ton sang !!!

TEXTO

Du gouvernement mixte. Placés par leurs trésors au-dessus de la multitude, ils se consoleront de leur dépendance ; et, devenus plus vils, à mesure que le prince aura vu s'affermir son pouvoir, ils exigeront d'eux mêmes leur bassesse en vertu.

NOTA

Ce chapitre demandoit une note très-etendue et très intéréssante, que je réserve pour les temps où des événemens que je prévois, sans être divin, m'auront fourni une preuve de plus à l'appui des argumens, que je prétends établir, et des conclusions que je veux en tirer.

Si je vis encore quelques années, j'aurai le loisir de rédiger une liste de noms de personages des deux hemisphères, qui sont dans les cas designè dans cet article, pour leur éternelle infamie!

TEXTO

Le comble du malheur pour un état, serait encore d'abandoner à la *populace armée* le soin de proclamer un prince.

On a vu, dans le Champ-de-Mars de Romains, les *gardes prétoriennes* mettre l'empire du monde à l'encan : les strelitz, chez les Moscovites, disposer à leur gré du trone, et menacer Pierre-le-Grand ; les *janissaires* enfin

à Constantinople, déposer Selim, couronner Mustapha, et remplacer celui-ci par Mohanmond, dans le cours d'une même année.

NOTA

Il semble, que l'auteur ait confondu les idées, en appelant *populace armée* à des soldats mercenaires. Si à Rome, à Constantinople et ailleurs, ils ont renversé des despotes pour leur en substituer d'autres, dans l'Europe moderne ils sont le plus ferme appui du despotisme contre leurs père, mère et concitoyens !!!

TEXTO

En Angleterre, si un citoyen a troublé l'ordre établie dans l'Etat, on lui nomme des juges équitables, qui, après avoir reconnu l'existence des faits par la déclaration des pairs de l'accusé, prêtent une oreille attentive à sa défense, et ne le livrent aux bourreaux qu'après avoir acquis la conviction intime de sa culpabilité.

NOTA

Et cependant sous les régnes des deux Charles et des deux Jacques ils ont trouvé des jurys infamemment complaisans pour condamner ceux dont la cour prétendoit victimes. Aussi est-il vrai que le 1er Charles a été decapité et le 2d Jacques expulsé pour toujours du trône.

TEXTO

En un mot, là où le peuple n'est compté pour rien, les citoyens gémissent sous le poids de la tyrannie ; là où le peuple est, au contraire, *quelque chose* dans la balance de l'autorité il est sagement gouverné.

NOTA

Voyez un pamphlet de Mr. l'Abbé de Siéyès, qui a pour titre: Qu'est ce que le Tiers état ?

TEXTO

Ainsi la saine raison reconnaît dans l'organisation sociale deux pouvoirs essentiellement distincts, l'un de droit et l'autre de fait.

Le premier doit appartenir exclusivement au prince, depositaire de la confiance du peuple.

Le seconde appartient exclusivement au corp de l'État ; seul il caractérise véritablement la souveraineté du peuple.

NOTA

Voyez «Théorie des lois sociales» par d'Auray de Brie, 1 vol. in 8°. Voyez ci après la note § 17.

TEXTO

S'élève-t-il alors, entre les citoyens, des discussions particulières? C'est au prince à les terminer.

Le prince, au contraire, s'abandonne-t-ilà des excès nuisibles à la prosperité du corps politique, propose-t-il des impots onereux, médite-t-il des guerres éloignées? C'est le moment où le peuple se lève pour faire parler ses droits, et rappeler au prince les justes bornes de son pouvoir.

NOTA

C'est ce qui est arrivé en France à Louis XVI, en Espagne à Ferdinand VII, à Naples à Charles IV, en Piemont à Victor Emanuel, en Portugal à Jean VI. Un temps viendra où j'espère avoir l'occasion de remplir le vide de cette note.

TEXTO

La seconde (sorte de lois) est dans la main du *souverain*, qui ne la montre à ses sujets qu'en faisant briller à leurs yeux *le glaive qui doit frapper* leur tête. Cette loi varie comme les goûts du prince: les rigueurs d'une belle esclave lui donnent tous les caractères de la barbarie; pendant quelques instans elle inspire au loin la terreur.

NOTA

Etats, où règne le despotisme dans toute l' étendue de son effroyable difformité, et de sa rage libertecide et carnivore: l'Espagne et le Portugal, Naples, le Piemont et l'Italie, la Russie, l'Allemagne, la Prusse, la Pologne, etc.

Cette terme est ici employé dans le sens de fait, la souveraineté de droit résidant dans la nation.

TEXTO

J'appele prince un premier magistrat choisi par le peuple, et reverter par lui d'une grande autorité.

Ce prince se nomme empereur, roi, dictateur, president, protecteur, selon les lieux, et la *volonté des Peuples*.

A proprement parler, c'est le pilote qui conduit le vaisseau politique à travers les ècueils de la vie.

Si un peuple est heureux, c'est, pour l'ordinaire, son prince qu'il en est redevable, parce qu'il a, dans ses cas, pour ses citoyens, la tendresse d'un père pour ses enfans.

NOTA

Ça ne peut pas être vrai que dans l'Etat, où le monarche sera absolu. Malheur au peuple, qui aura confié le soin de son bonheur aux caprices

d'un homme quel qui soit, et non a ses répresentans légitimement élus et qui ne l'aura pas assuré par l'expression de sa volonté consignée dans un code fundamental[1]

Voyez la note pag. 49.

TEXTO

Il faut qu'il (le peuple) opte desormais entre le désespoir, qui reverse tous les obstacles, ou l'esclavage, qui gemit sans se plaindre.

NOTA

C'est la position du Brésil.

Voyez l'Histoire de la Pologne par Rulhières et Mercier à la suite de l'an 2440.

TEXTO

Les médecins les plus célébres pensaint alors, que le dernier né de deux jumeaux était le premier conçu, et que, par suite, il avait seul droit au trône : mais le cardinaux Richelieu et Mazarin firent adopter au roi un systême tout contraire, et l'élévation du premier né fut résolue en même temps que la desgrâce de son frère.

Si je voulais distribuer ici des fadeurs ; s'il entrait dans mon plan de m'environner des suffrages de tout un sexe, j'embrasserais l'opinion de Montesquieu, je vanterais l'administration des Isabelle, des Catherine, des Elisabeth et des Marie-Thérèse.

NOTA

Les savans de nos jours enseignent encore le même doctrine. Celui qui entre le premier, reste au fond, et sort le dernier. C'est clair.

Voyez les Mémoirs secrets publiés par Soulavie.

Et Christine.

TEXTO

L'enfant royal, élevé aux dépens du peuple et par des juges choisis par le peuple, sera digne de régner. Devenu homme, il pourra pénétrer sans danger dans la cour de son père, et juger sainement, parce qu'il aura vu, de ce qu'on pourrait lui cacher un jour.

NOTA

Voyez ce que dit Mercier là dessus dans son An. 2440.

TEXTO

Le fils d'un artisan ne pourra, sans l'autorisation d'un conseil de famille, s'opposer a l'usurpation qu'on aurait faite de ses biens ; tandis qu'un roi enfant, au nom de l'utilité publique, pourrait, au gré de ses caprices, depouiller la veuve et l'orphelin !

NOTA

Et enfermer pour la vie, ou pour des années, dans des cachots et envoyer en exil, et à la potence, l'homme probe et courageux qui ayant reçu de la nature la conscience de ses droits, ne courbe pas docilement la tête au joug du despotisme et qui defend avec énergie la cause de la justice et de l'humanité!!! Si dans le Portugal le fils d'un dezembargador do Paço ou d'un conseiller du roi, pour l'ordinaire très mauvais sujet, et plus mauvais étudiant, est a peines fini le cours de ses études à l'Université de Coimbre nommé dezembargador de la Relation du Porto, pendant que tant d'autres qui se sont distingués par leur conduite, et leurs talents, mais qui n'on pas l'honneur d'avoir pour pères des conseillers etc., n'y parviennent qu'après douze, quinze et vingt années de service, comment les fils d'un..., qui est une image de la Divinité, n'aurait-il-pas même au soin de sa mère, la sagesse, la prudence, et l'experience nécessaires pour le métier du roi? Métier si facile, puis qu'il se reduit d'après la doctrine du clergé romain appuié par la Sainte Alliance à battre, tondre et quelques fois envoyer à la boucherie des troupeaux d'agneaux !

Gare au franc-maçon, au revolutionaire, au demagogue, à l'anarchiste!!!

TEXTO

L'un ne pourrait disposer de sa personne sans le consentement de son tuteur, tandis que l'autre pourrait lever un puissante armé, et disposer de la vie d'un million de soldats !

L'un sera placé sous la férule d'un pedagogue, tandis que l'autre, au sein des grandeurs, boirait le poison funeste de la flatterie, et distribuerait sans choix, d'après l'impulsion donnée par sa nourrice, les récompenses et les dignités !

NOTA

Les enfans communs s'amusent avec des soldats de grès et de plombe, les enfans-rois s'amuseront avec des hommes soldats: il n'y a pas de grande différence.

Ce sont des joujoux!

TEXTO

Du serment des rois. Lorsqu'un peuple vertueux se détermine à choisir dans son sein l'un de ses citoyens pour l'élever au dessus de tous, pour l'environner de

l'appareil de la puissance et placer dans ses mains le sceptre qui doit régir l'empire, il est naturel qu'il appele en témoignage du depôt volontaire qu'il fait d'une portion de sa liberté, son Dieu, ses prêtres, et le livre de sa croyance.

NOTA

Ils s'en mocquent impiement. Jamais on n'a fait que de nos jours une prostitution plus impie de la réligion du serment, un des actes les plus augustes et les plus solemnels qu'il y ait dans la société civile, où l'homme prend à témoin l'Etre Supreme de la sincerité de sa promesse, de sa bonne foi : aussi jamais on n'a vu, comme de nos jours, autant d'insignes parjures, autant d'infâmes sacrileges ! Et fiez vous aux sermens ! Je m'arrete ici par ce que je reserve pour un autre temps l'entiere expansion de mes sentimens. Quand même tous mes sentimens, quand même tous mes concitoyens se fussent souillés par de pareils attentats, moi seul, je chercherai à éffacer par la fermeté de mon caractère et par la regularité et austerité de ma conduite, la tâche repandue sur ma Nation. Je resterais tout seul fidéle à la Patrie, à l'honneur, à la liberté.

TEXTO

Qu'il n'approche pas surtout en triomphateur du temple de son Dieu ; qu'il dépouille tous les ornemens de la dignité souveraine ; qu'il revête une robe de lin, symbole de sa candeur, et que, dans la simplicité de son âme, il jure à Dieu, a ses citoyens, aux mânes de ses pères, qu'il *restera* fidèle au peuples, que, le premier, il donnera l'exemple de l'obéissance aux lois ; qu'il *maintiendra l'égalité des droits*, et qu'il ne gouvernera enfin que dans la seule vue de *l'intirêt, du bonheur et de la gloire de sa patrie.*

NOTA

Avec l'intention bien fèrme de parjurer au premier instant propice par une restriction mentale à la jesuitique.

Je dois ici un aveu à la justice et à la vérité, et c'est, que je suis persuadé que le roi Jean VI à été forcé par la Sainte Alliance à faire ce qui a fait. C'est sans dout la reine qui en a été l'instrument peut-être, même ait-on menacé la roi de la déposition, s'il ne s'y prêtait pas. Comment pourrait-il être autrement, lui qui en tout paraissait agir par conviction, et de plein gré ; lui qui a l'amour, la dévotion des Portugais à cause de son adhesion système constitutionel !

TEXTO

Saul et David furent sacrés par Samuel.

Les prêtres, dans la société, doivent avoir une existence indépendante ; et une certaine autorité qu'il doivent tenir de l'Etat.

Il ne faut pas, en effet, perdre de vue que leur pouvoir, *moderateur de sa nature*, n'a été établi que pour maintenir la plus parfaite harmonie entre tous les pouvoirs: et que, d'ailleurs, l'autorité est nécessaire pour commander la persuasion aux hommes.

NOTA

Le lecteur peut consulter là dessus l'intéréssant ouvrage de Mr. le Comte de Volney, qui a pour titre: Histoire de Samuel, auteur du sacre des rois.

Mais non pas faire un état dans l'état soumis à un chef étranger. Ouvrez l'histoire, et à chacune de ses pages vous trouverez des exemples frappans et funestes des innombrales maux, qui sont venus aux états de cette ingérence du sacerdoce dans le gouvernement.

Dieu nous préserve des pouvoirs moderateurs; ingénieuse invention de Mr. Benjamin Constant, qui absorvent à eux seuls tous les autres pouvoirs. Ils les dominent en les moderant.

TEXTO

Le ministère pastoral ne doit pas être un état d'opulence; les vanités, la gloire et les grandeurs sont incompatibles avec le service des autels.

Les fonctions de l'artiste sont libérales, celles de l'artisan sont mécaniques: voilá la ligne de démarcation.

Les laboureurs sont, dans un état, ce qu'est la sève nourriciére au palmiste.

NOTA

Voyez ce qu'en dit Mercier dans son An 2440.

Et cependant nous pouvons nous passer des premiers, pendant que les autres nous sont absolument indispensables. Celles-ci n'ont causé des maux à la société, quelques unes des autres en produisent tous les jours; je parle de la musique et de la danse.

Ce sont les pères nourriciers du genre humain. L'agriculture est le premier des arts, et leurs produits la première des richesses.

TEXTO

Des histrions. On peut considérer les histrions, dans la société, comme une classe d'hommes descendue de sa propre dignité, pour se placer d'elle-même au rang des singes.

NOTA

Je trouve l'opinion de l'auteur très-outrée et par cela même injuste, attendu qu'il n'admet point d'exception de classe, ni de personne. J'y adhère à l'égard des saltinbanques, des arlequins, des mimes, funambules, et même des danseurs: mais je suis loin d'y souscrire à l'egard des acteurs dramatiques et comiques, dont plusieurs ont honoré

la scène et l'humanité. N'ayant point de subsides à la main, je ne citerai que le nom de Mr. Le Kain, Molière, Baron etc. Pourquoi donc décrediter une classe qui a rendu, et peut rendre encore des services à la societé? Puisqu'il faut qu'il y ait des amusement, et que le théatre est un des plus innocens (quand il est bien monté) et des moins dispendieux, ne dérobons pas l'estime publique à ceux qui y excelleront, en y joignant du caractère et des mœurs.

TEXTO

De la représentation nationale, ou du sénat dirigeant. Il serait dangereux ,qu'on les nommât *à vie* (les magistrats).

NOTA

Pour le moins les consécutives, des cas très-rares exceptés. Washington, l'immortel Washington, le libérateur des Etats-Unis, en a été réélu président; Manuel Fernandes Thomaz, le régénérateur de ma patrie, quand on lui a proposé de le réélire deputé au Congrès National, s'y est constamment refusé, en protestant que si l'on le réélisoit, il n'accepteroit pas. La mort lui a épargné la douleur de voir son ouvrage détruit, et la Patrie replongée dans l'abysme du malheur et de l'esclavage, ses meilleurs enfans gissant ensevelis dans de profonds cachots, où errant à l'aventure dans les pays lointains, où traînant sur les plages inhospitalières et délétères de la brulante Afrique leur frêle existence sans la main amie d'une épouse, d'un fils, ou d'un être cher pour leur fermer les yeux !!! Quels horribles attentats contre Dieu et les hommes avoient cependant commis ces illustres victimes? Citez en un seul, si vous en êtes capables, monstres de perfidie, de perjure, de trahison et de toutes infamies qui avez enchainée, degradée et avilie ma malheureuse Nation, si ce n'est celui de vous avoir regardés comme des hommes, et protegés comme des frères et des amis, quand vous n'étiez que des animaux féroces et d'infames scélérats, enflés d'orgueil et d'ambition, sans caractère, sans morale, sans religion? Pamplona, atroce Pamplona, Souza, Sepulveda, Marinho, Pinto Guedes, Oliveira, Simon Silveira et tous vous autres qui avez trempé dans d'horribles conspiration contra la liberté et le bonheur des Portugais, j'eterniserai avec vos éxécrables noms l'horrible memoire de vos infâmes faits. Despotes, tyrans, fléaux de la triste humanité, je vous voue une eternelle haine! Vous pouvez me garroter le corps, le tenir enfermé dans une prison, lui faire infliger tous les tourmens, que votre fantaisie fertile, en cruautés, pourra vous suggérer, jamais pourrez asservir mon âme, qui ne respire que l'amour de la liberté, de la justice et de l'humanité et dont le dernier voeu sera encore pour elles, et pour ma chère et infortunée PATRIE. Sainte-Croix du Rio de Janeiro, le 25 Septembre 1824.

Pourquoi l'auteur ne manifeste-t-il la même crainte à l'egard de la noblesse?

Voyez ci aprés page 71 et suivantes.

TEXTO

Douze consuls, nommés tous les cinq par le peuple assemblé par centuries, me semblent propres à prevenir les actes arbitraires et tyranniques, que pourrait se permettre le prince.

Ces magistrats d'ailleurs seront chargés de veiller à la sûreté individuelle des citoyens, et à la liberté de la presse.

Les peuples libres doivent penser et écrire; les esclaves seuls, courbés sous le joug de la crainte, doivent s'interdire l'usage de leurs plus nobles facultés.

NOTA

Les constitutions du Portugal et de l'Espagne confient ces intéressantes et augustes fonctions à une députation permanente composée de sept membres élus par scrutin sécret d'entre les députés aux Cortes, avant leur séparation annuelle. Elle avoit en outre le pouvoir de convoquer des cortes extraordinaires dans les cas d'urgence designés, ou non prévus.

Je pense et j'ecris, moi, sous les fers du despotisme. Je suis prisonnier d'Etat, je ne peux prèsque remuer, mais je ne courbe pas la tête.

TEXTO

Ces généraux, au reste, recevront les ordres du prince, mais ils ne prêteront serment qu'au peuple. Ainsi la force publique ne sera jamais employée à donner des fers à la masse des citoyens.

NOTA

Malheureusement pour les peuples, elle n'a été prèsque toujours employée qu'à cet effet. Le soldat est par état un automate, ou bien un manequin, que la volonté de son officier fait agir; et cet officier en est lui même un autre qui se meut d'après la volonté de ses superieurs. De grade en grade ça monte jusqu'au prince, source d'où dans un Etat mal constitué, dimanent tous les ordres; et c'est pour cela et parce que les princes disposent à leur gré des deniers publics et accordent de même des distinctions, des décorations, et des honneurs, dont les officiers mercenaires par profession sont avides, que les soldats sont toujours les instrumens, dont se servent les tyrans pour en chainier les peuples et établir le despotisne. Les peuples les nourissent et les paient, pour en être les esclaves! Quels térribles exemples ne nous en offrent pas le malheureux Portugal, la miserable Espagne, Naples, Piemont, etc!!!

Aussi est ce la classe que les despotes favorisent le plus. Quand je parle ainsi des militaires, je n'entends pas qu'il n'y-en ait point qui font honneur à leur profession, à l'humanité. J'en connais dont l'amitié m'est chère et dont je prise les vertu.

TEXTO

Caton n'existait plus à Rome, depuis trois siècles, que sa memoire y était encore honorée, et qu'une action

déshonnéte y rappelait toujours le souvenir des vertus de ce grave censeur.

NOTA
Il n'y a plus de mœurs, il n y a donc pas plus de censeurs.
En n'est pas besoin de medecin, quand le malade est mort; et sans mœurs, point de liberté. Quid vanæ sine moribus leges proficiunt?

TEXTO
C'est pourquoi il est naturel, que le prince place près des tribunaux des mandataires de son choix, pour veiller à l'éxécution des actes judiciaires; il serait absurde et contraire à tous les principes, que les dispensateurs de la justice fussent également ministres du pouvoir executif.

NOTA
Oui, où il y auroit des principes.

TEXTO
De la déposition des rois. Demander si le peuple a le droit de déposer ses rois, ce serait mettre en question, si l'homme est libre de sa nature. Toutefois, il est dangereux qu'il use de ce pouvoir.

NOTA
Pourquoi, disent ceux qu'ils ont troublé dans leurs injustes jouissances, pourquoi ont-ils donné le signal de la guerre?
Porquoi! parce qu'il faut, que justice se fasse; parceque lorsque le present est insupportable, il est permis de se jetter dans l'avenir même incertain; parce qu'il faut, que l'homme redevienne homme même au prix des calamités et tel est le vœu de la nature, puis qu'elle lui a donné pour se developper la force et la temérité de briser tous les obstacles. Histoire de la Revolution Française par Thiers et Bodin, tom. 2°, pg. 8.

TEXTO
Un gouvernement tyrannique pressure les peuples, parce qu'il se crée des besoins imaginaires.

NOTA
Have you forgotten, Sir, or has your favourite conceabed from you that part of our history, when the unhappy Charles (and he too had private virtues) fled from the open avowed indignation of his English subjects, and surrendered hemself at discretion etc.

Junius's Letters
Lett. XXXV

Y inclus celui de l'asservir

TEXTO

On conçoit, que Sylla ait pu l'introduire chez les Romains (le droit de la confiscation) ; que Neron ait pu le maintenir, mais on se demande, depuis deux siécles, pourquoi toutes les nations de l'Europe ne se sont pas accordées pour l'effacer des tables de leurs lois.

La raison et l'équité se reunissent ici pour rappeler aux peuples, que seuls ils doivent succéder a ceux des cotoyens qui n'ont point laissé, après eux, d'héretiers légitimes, par ce que c'est en eux seuls que réside la souveraineté.

NOTA

Les constitutions espagnole et portugaise ont aboli cette peine marquée au coin autant de la barbarie et de l'injustice que de l'avidité. Le despotisme l'a retablie. La Liberté seule la réabolira, et ça arrivera plutôt qu'on ne le pense. *Vox clamantis in deserto.*

TEXTO

Tait Sung, empereur de la Chine, se promenant un jour dans une barque, avec ses enfants, leur adresse ces paroles mémorables: Cette barque, mes fils, c'est l'eau qui la porte et qui peut en même temps la submerger. N'oubliez jamais, que le peuple ressemble à cette eau et l'empereur à cette barque.

NOTA

Histoire de la Chine.

En Europe et ailleurs les monarches entendent et expliquent la metaphore à l'envers.

TEXTO

Lorsque chez les Grecs, le lois de Solon eurent été adoptées, on les grava sur des rouleaux de bois á plusieurs face, qui placés perpendiculairement dans un lieu public, tournaient au moindre effort, et présentaient ainsi à chaque citoyen la raison écrite, qui régissait sa patrie

NOTA

Je crois, que tous les arbres de l'Univers suffiraient a peine pour faire des rouleaux pour y graver la legislature extravagante du Portugal, l'extravagante seulement. *Stupete gentes !!!*

TEXTO

La loi *étant* l'expression de la volonté générale, doit frapper à la fois sur la masse entière des citoyens.

NOTA

Devant être il faut corriger. Il-y-a loin du droit au fait.

TEXTO

Selon Platon, les meilleurs lois sont celles que laissent le plus à l'arbitrage du juge. Aristote, au contraire, combat ce sentiment avec force : la meilleure des lois, dit-il, est celle que laisse le moins à l'arbitrage du juge.

Une cruelle expérience m'a appris, que l'opinion d'Aristot était préférable à celle de Platon.

NOTA

Que diroit Mr. de Saint-Agnan s'il connaissait les magistrats en Portugal et la manière dont on y administre la justice !

TEXTO

De la noblesse. Les honneurs, les distinctions, comme idées particulières dans la morale, correspondent à des faits physiques. Les hommes, en effet, quelque semblables qu'ils soient d'ailleurs, se distinguent par une diversité infini de talens, de facultés et de caractères.

NOTA

Nemo altero nobilior, nisi cui rectius ingenium artibus bonis aptus. Senec. de Benef. lib 3, cap 28.

Sola atque unica nobilitas virtus.

TEXTO

Dans un gouvernement mixte, les rois sont des graves magistrats, pères tendres de la patrie, et appliqués à faire son bonheur.

Tous ces tîtres doivent fixer, au près d'eux, une noblesse.

Ce corps illustre doit être composé de ces hommes vertueux, qui ont sacrifié à l'etat les avantages et les jouissances individuelles.

Ces guerriers genereux qui ont blanchi sous les drapeaux de la victoire.

Ce sages, enfin, dont les doctes veilles ont préparé les succès des generations futures.

Qu'ils soient grands les nobles, mais qu'ils le soient par leurs vertus !

Qu'ils soient orgueilleux, mais que ce soit de belles actions qu'ils auront faites!

Qu'ils soient riches, mais que ce soit de dons du prince, et non pas du fruit de leurs exactions !

NOTA

Porquoi?

Voyez ci devant pages 13, ce qu'il pense au sujet des dignités.

Où sont-ils, dans chacune de ces classes, tant de citoyens vertueux pour en composer un corps de noblesse, quand l'éxperience démontre tous les jours qu'il est rare d'en trouver un dans tout ensemble? D'ailleurs le pouvoir tendant toujours au despotisme, et ceux qui en approchent à se laisser éblouir, comment Mr. Saint-Agnan ne craint-il pas au sujet de ce corps les mêmes, ou encore de plus grands inconveniens que ceux qu'il a prevus au chap. II pag. 10?

Qu'ils soient tout ce qu'ils pourront, mais nobles seulement, tout qu'ils exerceront des emplois aux quels soit attachée cette distinction.

TEXTO

Qu'ils soient magnifiques enfin, mais que ce soit en portant des bienfaits dans la chaumière du pauvre!

NOTA

Tout de la Patrie et rien du prince: c'est plus glorieux, et il-y-a moins de danger pour la liberté

Je juge à propos de copier ici un sonet de Jean Xavier de Matos pour ceux qui entendront le portuguais, le voici:

Pobre ou rico, vassalo ou soberano
Iguaes são todos, todos são parentes.
Todos nasceram ramos descendentes
Do tronco antigo do primeiro humano.

Saiba quem de seos titulos ufano
Toma por qualidade os accidentes,
Que duas gerações ha só differentes
Virtude ou vicio, tudo o mais é engano.

Debalde intenta a van genealogia
Introduzir nas veias a nobreza
De melhor sangue do que Adão teria:

Não fará, desmentindo a natureza,
Que seja sem virtude a fidalguia
Mais que um vão fantasma da grandeza.

TEXTO

De l'hérédité de la noblesse. La noblesse est une récompense personelle ; il n'est pas juste qu'elle passe aux descendans.

NOTA

La transmission de la noblesse par l'hérédité ne prouve nullement le mérite dans ceux qu'elle atteint: elle est proprement le délit social de la distinction des classes par la naissance. Qui ne connait tous les abus anciens attachés à cette institution ! Voir: «Considérations etc.» par Mr. C. J. B. Bonin. Lisez ce qu'en dit Mr. de Saint-Real dans ses Discours sur l'Histoire, et l'Abregé de l'Histoire de France de Mably, par Thouret.

TEXTO

De la dégradation de la noblesse. La noblesse étant une dignité, doit assujetir à des devoirs rigoureux. Celui qui en est investi, doit donner au peuple l'exemple des bonnes mœurs et de la grandeur d'âme.

NOTA

La noblesse doit être seulement attachée aux emplois publics et par conséquent cesser pour le fonctionnaire dès le moment où par la nature même de l'emploi ou par quelqu'autre motif, il cesse de l'exercer. Le président des Etats-Unis de l'Amerique, ses augustes fonctions terminées, rentre dans la classe des citoyens.

TEXTO

C'est a ce tribunal suprême (conseil d'état) qu'il appartient de prononcer sur les plus grands intérêts; le juges qui le composent doivent être doués de tout les vertus pour résister aux puissantes amorces de la seduction.

Dans les cours de l'Asie, le conseilleurs du prince sont, pour l'ordinaire, les plus souples de ses courtisans, je veux dire, ceux qui le plus bassement savent flatter ses caprices.

NOTA

Dans le classe où les princes vont ordinairement les prendre, comment y en trouver de cette espèce? Et leur conviendraient-ils?

Il en arrive de même par tout ailleurs, parce que partout les rinces sont des Grands Seigneurs.

TEXTO

Du choix des ministres. Le ministre d'un roi doit être homme, puis qu'il doit administrer des hommes.

S'il est esclave des volontés de son maître, il se degrade, et on ne doit lui laisser que le conduite des bêtes. Un prince doit choisir ses ministre au sein de la mediocrité. Loin de lui, ces flatteurs habiles qui se consolent du malheur du peuple, en s'avançant dans la confiance du souverain.

NOTA

Sous le despotisme, les ministres seront de la façon du despote; ils peuvent être des monstres et ils le sont: sous le gouvernement constitucionel, où les rois, quoi que investis d'une magistrature auguste et impeccables, ne sont que des hommes, où les droits de ceux-ci et du citoyen sont réligieusement respectés, où les ministres et tous les fonctionnaires publics sont responsables, il n'y a rien à craindre de la complaisance des ministres envers le rois, si les représentans du peuple font leur devoir. L'attentat, s'il-y-en-a, est à peine commis dénoncé à la Nation et le coupable puni.

TEXTO

On vante Pombal, Sully, Ximenès, Amboise comme le modéle de ministres

NOTA

Pombal. Malgré sa profonde penetration, ses autres grandes qualités, et quelque services rendus à ma Patrie, sa memoire me sera toujours en éxécration, de même qu'à tous les amis de la justice et de l'humanité. C'est lui qui a anneanti jusqu'aux fondemens quelques restes des libertés publiques, en abolissant quelques institutions qui en avoient l'apparence et réduisant d'autres à une parfaite nullité. Il osa consacrer le despotisme, comme on le voit par la manière dont sont conçus les lois publiées pendant son ministère. Il poursuivit les fidalgos, et il fut Marquis et maria ses fils à des gens de cet ordre. Il n'avoit à son entrée dans le ministère que pour 2 á 3000 francs de revenu et à sa mort il en laissa pour 500.000 !! Il commit des actes atroces du plus barbare dispotisme, en faisant arrêter, exiler, cimenter entre deux murs, sans aucune formes de procès, d'innombrables citoyens, et condamner d'autres à la mort par de juges affidés. A l'avénement de Marie I au trône, il fut congédié et exilé dans la terre de son nome. Le peuple furieux le poursuivit dans son passage à coup de pierres, en vomissant contre lui d'horribles imprecations. Il brisa son buste en relief au dessous de la estatue du roi Joseph après l'avoir couvert de boue et de excrement.

Requiescat in pace.

TEXTO

Dans tous les cas, dans un état mixte, la remission des peines doit appartenir au peuple, puis que c'est en son nom qu'elles sont prononcées. Le prince mandataire

de ces citoyens, outre passerait ses pouvoirs en déclarant graciable un crime, dont le peuple aurait exigé la reparation.

NOTA

Il n'aura pas le pouvoir de faire grace, car ce serait mettre l'autorité du prince au-dessus de la puissance de la loi; ce serait empêcher son action necessaire et forcée sur tous indistinctement. Si ce droit peut, avec une grande discrétion dans son usage, temperer dans des cas rares la rigueur de la loi, il peut aussi n'être qu'une faveur por la puissance, la richesse et le crédit. Si un tel droit pouvait exister, ce serait à la nation qu'il appartiendrait la puissance legislative, pouvant seule arrêter l'effet des lois. Bonin: *Sur les constitutions*.

TEXTO

De la monnaie. La monnaie est la mesure relative et comparative de la valeur réciproque de toutes les choses destinées au besoin des hommes.

NOTA

J'ai remarqué, qu'au Brésil la monnaie de cuivre a cours au triple de sa valeur intrinsèque sans y comprendre le façon, ou main d'œuvre. C'est une faute très grave en ce qu'elle invite les étrangers à y introduire une immense quantité de cuivre monnaié, qui est échangé contre de la monnaie d'argent, quoique celle ci ait cours à 20 pour cent au dessus de sa valeur (on y gagne toujours 275, nêts de la commission d'échange) et partie emploié en des denrées du crû du pays. Il ne faut pas être grand economiste pour sentir le tort que cela fait à l'etat. L'or et l'argent y son rares. (275 pour cent.)

TEXTO

Mais lors qu'ils (les rescrits) ordonnent l'arrestation d'un ou de plusieurs citoyens, ils ne doivent avoir d'effet qu'autant qu'ils ont été approuvés par les consuls en exercice. Il est sensible toute fois, que cette dernière règle ne doit jamais s'étendre aux officiers du prince; les consuls sont incompetent pour tout ce qui regarde l'ordre interieur de la maison royale.

Les rescrits, enfim, portant creation de titres, de privilèges, et, en général, tous ceux qui ont pour object d'honorer ou de récompenser des citoyens, ne doivent être soumis à aucune sorte de communication; on doit, au contraire, les executer du jour qu'ils ont été legalment connus.

NOTA

Et lorsqu'il n'y a point de consuls, ni l'équivalent et que le prince est par lui même moderateur, alors il peut aussi par lui-même

déclarer une province rebelle et proclamer contre ses habitans la loi martiale en les faisant juger sur un procès très-sommaire et verbal!!! Vive l'invention de Mr. Benjamin Constant!

J'ignore ce que l'auteur entend par le mot, parce que étant pris dans l'acception vulgaire et genuine de loi particuliére, privata lex, exception de loi, comment concilier la contradiction entre privilége (et accordé par le prince!) et l'égalité de droits ou par devant la loi, dont il est si ardent protogniste!

TEXTO

Des droits et des devoirs des soldats. Le soldats sont des hommes; et comme tels, ils ont droit à la bienveillance de leurs chefs: ils sont de plus citoyens, et comme tels, ils ont droit aux plus justes égards.

De la police. Le prince est l'œil de l'Empire, il doit tout voir par lui même: *l'erreur des rois coûte trop cher*. Qu'une police active soit appelée à veiller sur la masse des citoyens, et à prévenir le besoin pour prévenir souvent le crime. Dans un état *où la justice regne, où le commerce fleurit, où les arts sont honorées, où le labourer ne déchire pas en vain une terre ingrate, où la liberté individuelle et la liberté de la presse sont respectées, on compte peu de délits contre les particuliers; on ne compte jamais de délicts publics.*

Dans l'heureuse Pensylvanie, le glaive des lois repose, tandis que la Prusse et l'Allemagne sont epouvantées par le spectacle des grands crimes. Louis XI voyait chaque jour une conspiration decouverte, et il salariait tout un peuple de delateurs. Marc Aurele n'avait point de police, et pendant tout son regne, il ne compta pas un seul ennemi.

NOTA

They know that their first duty, as citiyens, is paramount to all subsequent engagements nor will they prefer the discipline, or even the honours, of their profession to those sacred original rights which belonges to them before they were soldiers, and which they claim and posses as the birth right of Englishmen.

Junius 's Letters. Let. XI

Où l'homme et le citoyen n'a pas à se plaindre du gouvernement, parceque ses droits en sont inviolablement respectés, et qu'il y-jouit de tout le bonheur qu'il peut en attendre, il n'y a point de conspirateurs, ni de rebelles: ils ne trouveroient pas de complices. Partout où les lois ont la justice et l'humanité pour base et le bien de la société pour but, on ne commet prèsque point de crimes. Ce n'est pas seulement dans la Pensylvanie, mais d'après Ward, dans toute l'etendue de Etats-Unis, depuis que par la Révolution on y a

réformé la legislation criminelle, que les crimes ont diminué de 9 sur 10. En Angleterre au contraire ils augmentent journellement.
Description of the United States of America, etc. by Ward.

TEXTO

Des réglemens de policie. Les réglemens de police, dans un état, doivent être rédigés par le prince, et portés, tous les ans, à la connaissance des citoyens. Ainsi, la voierie dans les villes, *les inhumations*, *les marchés*, *les foires*, *l'éclairage*, *le pavage*, sont placés sous la surveillance speciale de certains officiers preposés pour veiller à la sureté publique. La portion d'autorité qui leur est confiée, ne doit jamais prendre les caractères de l'inquisition; mandataires du prince, ils doivent faire respecter leur dignité: mais ils doivent surtout ambitionner de meriter l'amour et la confiance du peuple.

NOTA

En Portugal pendant le régine constitutionel, ces reglemens étoient de l'attribution des municipalités, élues par le peuple. Et toujours, principalement à Lisbone, elles ont repondu à l'expectation de ses commettans.

TEXTO.

De l'obéissance du peuple aux ordres du prince. Dans l'état de nature, l'homme obéit a ses besoins; dans l'état de famille, il obéit a ceux dont il tient le jour; dans l'état de société, il obéit à sa raison.

NOTA.

Je trouve à propos de citer ici deux passages différentes d'un poete de ma nation, du XVI siècle, pour ce que le lecteur puisse juger par lui même de ce que pensoient les Portugais, à une époque si reculée, sur les matières qui font l'objet de ces chapitres.
Obras do Dr. Antonio Ferreira:

E de outras não grandezas, mas solturas,
Que reis tirannos livres costumavam
Em tempos infelizes e costumam
Pelo mundo ind'agora, em si somente
Os publicos tezouros consumindo.....
.....
Amor faz os bons reis, não medo: amor
Estados dá, e conserva: o que é temido
De muitos, muitos teme.....

1º livro das *Cartas*, Carta 1ª. Edição 1599.

Conforme e junto o povo n'ua vontade
N'um só, por bem commun, poz seos poderes,
Prouve obdiencia e lealdade;
Obrigaram suas vidas, seos haveres
Prometeo o bom rei justiça, e paz.
E remedio e socorros a seos misteres
Dali sujeito ao rei o povo faz.
Dali sujeito ao rei á boa razão
Da mesma lei que em si esta força traz.
A quem todos seos bens e vidas dão
Pelos livrar d'injuria, e de violencia
Si lh'as elle fizer, a quem s'irão?

Carta a el-rei D. Sebastião.

TEXTO.

De la pieté envers Dieu. Les peuples n'ont d'autre soutien que leurs armes; le rois n'ont d'autre soutien que leurs vertus.

NOTA

Au défaut de vertus qui prèsque genéralment leur manquent, ils cherchent à se soutenir par la force, par la ruse et par la corruption: aussi y réussissent-ils prèsque toujours. Tout calcul qui aura pour base l'ambition, la bassesse et les vices des hommes, peut être jugé infailible. Cependant j'aime à me bercer de l'esperance que le temps n'est pas loin, où ils seront forcés d'avoir des vertus. Serai-je assez heureux pour le voir ?

TEXTO.

De la protection due aux cultes. La loi des consciences est une loi sacrée, que les princes doivent respecter; ils ne sont pas établis juges entre Dieu et les hommes.

NOTA

Il semble incroyable qu'il y ait eu des hommes assez audacieux pour s' arroger un pouvoir supérieur à celui de l'Etre Supreme : cependant rien n'est plus vrai. Le père de tous les êtres, le Grand Architecte des mondes, a laissé aux hommes la liberté du choix entre le bien et le mal, le bon et le mauvais chemin, et un vil insecte, un homme comme moi, pretend à m'en dépouiller, et me forcer à voir par ses yeux, á penser comme lui, à croire à des choses incroyables, absurdes, par le fer, le feu, et les tourmens, en me disant pendant qu'il me torture, que c'est pour la plus grande gloire de Dieu, d'un Dieu de paix, de clemence et de miséricorde, et pour le salut de mon âme!!!

Et c'est pour la plus grande gloire de Dieu et pour le salut des âmes que douze millions d'individus ont disparu par le fer et le feu de dessus la surface du Nouveau Monde, et que l'Inquisition, et les guerres de religion en ont fait disparaître six ou sept autres millions!!! De quel droit les gouvernemens se mèlent-ils des affaires de croyance et de culte! Où sont-ils les pleins-pouvois que Dieu leur a commis pour cet effet? Que leur importe-t-il, si j'entends ou non

la mèsse, et si je vais à confesse, quand je remplis mes devoirs de citoyen, et que je leur offre um modèle de toutes les vertus civiles et domestiques? Je donnerai ailleurs plus d'étendue à mes idées.

TEXTO.

Les princes ne *connaissent jamais la verité*, quand ils ne voient que par les yeux de leurs ministres ou de leurs courtisans.

NOTA

Et ils ne désirent aucunement la connaître: au contraire, ils la évitent, parce qu'ils trouvent son aspect hideux; ils aiment à être trompés...

TEXTO.

De la liberté de conscience. J'ai déjà fait presentir, que les hommes n'apercevaient la verité que par une opération de l'esprit. En matiére de culte il faut à-la-fois conviction et persuation, parce qu'il s'agit de régler les rapports de la creature avec son Dieu.

NOTA

C'est le droit, dont les despotes sont le plus vigilans à empêcher l'exercice. Ils ont raison, parce que c'est la presse qui, en devoilant leurs abus et leurs excès, instruira les peuples de leurs droits, et les portera à les revindiquer. Gloire et reconnaissance éternelles à vous Jean Gutenberg, Jean Faust, et Jean Medinbach, pour votre heureuse et immortelle decouverte!

TEXTO.

De lá liberté de la presse. Il n'est aucune puissance, sur la terre, qui puisse priver un homme du droit d'exercer son jugement.

NOTA

Il est bien remarquable l'oubli de l'auteur au sujet de l'inviolabilité du secret de la poste, un des droits le plus sacrés des hommes en société, et par cela même l'un de ceux dont les despotes se moquent le plus. En Portugal il y avoit un officier major de secretairie preposé pour cet effet. Il avait les instrumens et cires necessaires pour l'operation de decacheter e racheter les letres!!! C'est vraiment une belle découverte! «Et contre la violation du secret de la poste l'une des plus absurdes, et des plus infames inventions du despotisme.» Discours du Comte de Clermont-Tonnerre à l'Assemblée Nationale, séance du 27 Juillet 1789.

TEXTO.

L'agriculture est un des plus pénibles travaux pour les hommes; et plus le climat le rend laborieux, plus aussi les lois doivent encourager le peuple.

NOTA

En Portugal le laboureur est le plus malheureux de tous les êtres. Aussi une partie en est elle encore en friche, et le Portugais est-il le plus pauvre des peuples.

TEXTO.

Un prince est il flatté de commander à des esclaves? Qu'il cache au fond de son palais le flambeau des sciences et des beau-arts. Ces citoyens, devenus ses sujets, seront toujours assez éclairés pour trembler au bruit de son nom et pour obéir à ses premières menaces.

NOTA.

The ignorance of the multitude is the bulwark of tiranny.

B. Heat. Malkin's Essays, pg. 13.

TEXTO.

Le luxe est un vice qui confond les conditions, qui corrompt les mœurs, et qui, au moment où ne connaît plus de limites, prépare, sous l'apparence d'une fausse prosperité, la ruine des états les plus solidement fondés. C'est un ulcère, qui ronge et détruit bientôt le corps le plus robuste.

NOTA

Avec des mœurs, il n'y aura point de luxe. On pretend suppléer par le second le defaut des premiers. La fille honnête, la femme vertueuse, l'homme probe et le bon citoyen se parent de leurs vertus: ils sont propres dans leurs maisons, personnes et habits, parce que la properté dans ces choses est l'indice de la purité des sentimens, mais ils n'étalent pas un vain luxe et ruineux, parce qu'ils connaissent la frivolité et les funestes effets.

TEXTO.

Il ne faut pas perdre de vue, que dans l'hypothése, pour obtenir des dispenses (pour le mariage de l'oncle et de la nièce, de la tante et du neveu), il faut des causes graves, c'est-à-dire, une grossesse.

NOTA

Il faut de l'argent: aussi ne verra-t-on accorder à des despenses pour ces unions scandaleuses immorales à des personnes pauvres. C'est aux riches qu'il est permis d'avoir des vices d'être immoraux. Avec de l'argent on obtient tout à Rome, même le salut éternel.

TEXTO.

La fortune de l'époux, alors livrée á sa dissipation, devient seule le gage de ses créanciers: celle de l'épouse reste pour assurer l'existence de ses enfans.

NOTA

Pourquoi pas ne lui nommer le conseil que l'auteur propose, après pag. 156? N'y-va-t-il de l'intérêt de la société? N'est-il pas juste, salutaire, necessaire même d'empêcher un furieux de courir à sa perte, d'opposer une digue a un torrent dévastateur?

TEXTO.

Ce moment est celui où les époux divisés se recherchent et se reunissent pour ne plus se séparer; l'un et l'autre se sont trouvés malheureux dans le monde; l'un et l'autre, ils ont été piqués par les épines de la société; et désormais dans leur ménages, il sauront fixer la paix et le bonheur.

NOTA

L'auteur a une imagination riante et un cœur extremement honnête et sensible. Ils lui font croire à des chimères. La plus grande partie du chapitre, en leur faisant infiniment d'honneur, montre qu'il a des individus et des choses des idées qui, si elles ne sont point du tout fausses, sont ailleurs bien peu exactes.

Je ne connais pas une de....

TEXTO.

Le divorce est contraire à la religion; il est contraire aux bonnes mœurs; il est muisible à la société.

NOTA

Cependant il faut l'admettre avec des restrictions à la verité, ou bien prendre de très grands precautions pour prévenir tant de mariages malheureux, et qui sont la source de bien de desordres, que l'on voit tous les jours dans la société; parce que je trouve l'opinion de l'auteur au sujet de la polygamie bisarre, extravagante comme étrange à nos mœurs.

Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas n'ella o sensual era o maior.

Camões CIII.
Est. XXXI.

TEXTO.

J'appele les secondes noces le honnête adultère et je qualifie de prostitution légale les troisièmes et quatrièmes noces. Mille inconvéniens résultent de ces unions

scandaleuses; le sort des enfans, le nom des familles, la conservation des fortunes, tout exige impérieusement qu'elles soient proscrites, ou, tout ou moins, qu'elles deviennent un objet de honte et de mépris pour la masse des citoyens.

NOTA

Ça n'arrivera plus, quand il y aura des mœurs. J'ai vu une dame portugaise qui a épousé jusqu'à quatre maris !!! Elle était agée de 48 ans, quand elle a épousé le dernier, qui en comptait à peine 22! Cette femme habilloit des Notre Dames et des Enfans Jesus et dota des filles de 12 et 14 ans pour entrer au convent et se faire réli gieuses!!!

TEXTO

L'honneur suit toujours cette carrière utile.

NOTA

Quand il y n'ya pas prostitution des talens et du savoir, comme il arrive beaucoup de fois.

TEXTO

Des peines. Le chevalier de Jacourt enseigne, qu'un dictionnaire des divers supplices pratiqués chez tous les peuples du monde, ferait frémir la nature. On verrait à Pekin, l'homme coupé en dix mille morceaux; à Londres, on verrait arracher le cœur au malhereux qu'a fletri la justice; ici, tombant sous la massue d'un bourreau; là, expirant dans les flammes ; plus loin, gémissant sous la dent homicide de la scie : voilà l' affreux spectacle offert par la barbarie à l'ami de l'humanité.

NOTA

Partout où regne le despotisme, les supplices sont barbares et effrayans, parce que les droits de l'homme y sont méconnus : par ce qu'ils y ont l'air d'être plutôt l'effet de la vengeance des despotes, que de l'animadversion de la société, qu'un exemple offert par elle pour dévier ceux qui seroient tentés de perpetrer un pareil crime. Les constitutions espagnole et portugaise, qui seules ont été calqués sur les droits de l'homme et du citoyen, et dans l'intérêt de la Société, par ce qu'elles ont été rédigées par des hommes choisis du sein même des respectives nations, et sont l'expression de la volonté génerale, ont aboli toutes les peines infamantes et atroces. Voyez la note ci-aprés.

TEXTO

Des peines infamantes.

NOTA

La constitution politique du Portugal a aboli ces peines. Gloire immortelle à leurs auteurs ! Quoique persecutés avec acharmement,

et proscrits par un gouvernement parjure, perfide et atrocement tyranique, les hommes sages de tous les pays et la postérité béniront leurs noms et memoire comme bienfaiteurs de l'humanité. Proscrit et persecuté moi-même, loin de mes enfans, et de la femme que j'adore, et confiné prisonnier d'état dans une petite chambre de la forteresse de Sainte-Croix de Rio de Janeiro dès le 5 Septembre 1824, je leur consacre les sentimens de la plus haute estime, et du plus profonds respect ! Ç'a été le 23 Octobre, aprés 49 jours de reclusion, qu'est venu le greffier du crime Gouvêa pour rediger l'acte de naturalité, habit tonsure, à fin de commencer mon procès ! ! ! Voyez le § VIII art. 179 du VIII titre du project de Constitution 49 ! ! !

TEXTO

De la sodomie. De l'adultère.

NOTA

La corruption des mœurs, le luxe et le défaut d'éducation rendent malheureusement ces deux crimes si communs, qu'ils ne provoquent prèsque plus néammoins la censure publique. Ils passent même en mode, et surtout dans les classes hautes et moyennes : dans celles justement qui devoient offrir à l'autre de bons exemples à suivre ! Ainsi va le monde, et il va très mal.

TEXTO

De l'adultère. Une nation vertueuse doit flétrir ce crime par l'opinion ; et comme l'époux seul est offensé, seul aussi il doit être intéressé à punir l'épouse infidèle.

NOTA

Chez nous les Portugais on en fait un jeu, on en rit !

TEXTO

De la bestialité. Le législateur rougit alors qu'il se voit contraint de porter ses regards sur certains crimes. Son indignation s'allume et sa main trace en caractères de feu *une sentence de mort* contre ceux qui s'en rendent coupables.

NOTA

Malgré le profond respect que je professe aux opinions de l'auteur, il me permettra cependant de ne reconaitre pas dans ce chapître l'esprit de justice, d'équité, de moderation et d'humanité qui a dicté prèsque tout son ouvrage. La mort pour crime de bestialité, où es-il la proportion entre le crime et la peine ? ! !

TEXTO

Du parricide. Il est un crime horrible qui épouvante la nature : inconnu pendant six siécles chez les

Romains, il a tardé long temps à trouver sa place dans les codes des nations civilisées: j' entends parler du parricide.

NOTA
Je crois avec quelques auteurs fondés sur des faits, que le parricide n'est pas un; c'est à dire, qu'il n'est pas le fils du père assassiné, si ce n'est pas la règle de droit, que: Pater est is quem justæ nuptiæ demonstrant.
Tant il me paraît atroce, impossible même!

TEXTO
De l' homicide. Un legiste célèbre enseigne, que l'homicide blesse à la fois Dieu, l' état, celui qui meurt, et sa famille.

NOTA
Je retrouve dans ce chapitre cet esprit de justice, de moderation et de sagesse, qui rend cet ouvrage estimable, et son auteur digne d'éloge.

TEXTO
De le régicide. Le régecide est un crime affreux dans certains pays : on peut le considerer comme action louable dans d'autres. Cromwel est bien évidemment un monstre, qui s'est soullié du sang de son roi. Cette assemblée d' Androgos qui naguère, aux yeux de l'Europe consternée, A PRONONCÉ UN ARRET DE MORT CONTRE *le plus sage et le plus vertueux des princes*, est bien à juste tître accusée du crime de régecide.

Mais le citoyen qui aurait tranché les jours du fougueux *Néron*, de l' infame *Tibère* et du lâche *Heliogabale* aurait été proclamé le père de la patrie, le vengeur des droits de la justice et de l' humanité.

NOTA
Charles the First live and died as hypocrit. Charles the Second was an hypocrit of another sort. Junius, Let. Oh! il l'est malgré que pendant son gouvernement il avait fait... Aussi est... rongé de remords et puni par des furies! Je suis persuadé, qu'il ne serais pas mort, si les gouvernements de l'Europe n'eussent pas donné l'alarme. Oui, Louis XVI a eté un prince vertueux; mais il a eté faible, et c'est la faiblesse, qui l'a perdu.

TEXTO
Du duel. La seule peine qu'on pourrait inspirer aux duellistes sans distinction de l'agresseur et de

l'offensé, serait de les déclarer incapables d'exercer desormais aucune fonction dans l'état.

NOTA
Il fallait auparavant abolir la coutume où l'on est, surtout en Portuga,de dégrader, comme lâche, l'officier qui étant provoqué en duel s'y est refusé, ou qui étant offensé par un autre par des injures, ou autrement, n'en tire pas satisfaction.

TEXTO
Du faux. Le faux est puni de mort en Angleterre. Je ne pense pas, que cette peine soit proportionée au delit ; il y a necessairement excès de rigueur.

NOTA
La législation pénale en Angleterre est atroce; elle se ressent de la barbarie des temps, où elle a eté promulguée, et c'est par cela même, que le caractère du peuple l'est aussi, et que les crimes y sont si fréquens.

TEXTO
Des incendiaires. Il est certain en effet, qu'on adopterait une mesure plus efficace en condamnant le coupable à rebatir la grange incendiée, et à veiller pendant toute sa vie, chargé de chaînes et de coups de fouet, à la sureté des granges du voisinage.

NOTA
Dans le cas en question, c'est un peu trop fort.

TEXTO
Des crimes d'état. J'appele crime d'état tous ceux qui attaquent l'intérêt général de la societé.

NOTA
L' auteur aurait bien fait pour l'intelligence de ce chapitre de nous donner la definition de ce qu'est—rebellion, insurrection etc,..
Mais puis qu'il ne les definit pas, je renvoie le lecteur aux chap. III, livr. V, pag. 91, VIII livr. L pag. 115, X livr. XVI pag. 213, et aux chap. II et III du liv. III pag. 48 et 49. Je trouve cepandant le jugement de l'auteur à ce sujet très conforme aux principes liberaux, et aux sentiments de la justice et de l'humanité, qui distinguent son ouvrage: pourquoi appliquer à la societé le péché d'Adam !
Pourquoi punir dans d'innocens enfans le crime de leurs pères?
Mr. de Saint-Agnan s'est oublié ici. *Quandoque bonus dormitat Homerus.*

TEXTO

Séduction. Proscrivez le célibat, bannissez les oisifs du sein des villes, et vous aurez peu de seducteurs. S'il se trouve encore des hommes assez depravés pour se faire jogue des pleurs de l'innocence et du desespoir des familles, qu'ils soient condamnés à une peine fiscale, qu'ils soint attachés au carcan et enfermés pour la vie dans une manufacture publique.

NOTA

Pour quoi n'appliquer pas a ce crime la modification que l'auteur propose dans le chapitre qui precède ?

TEXTO

Maquerellage. Je range dans la classe des crimes moraux le maquerellage, c'est-á-dire, la prostitution publique des femmes. A cet égard, on connait trois sortes de maquerellage.

NOTA

Je sévirais contre ce crime quelqu' en soit l' espéce. Malheureusement en Portugal, les criminels trouvent une foule de protecteurs, la loi d'ailleurs assez sevère, ne s'execute jamais. A l'exception d'une légère réclusion, qui beaucoup de fois n'a pas même lieu, le crime reste impuni.

TEXTO

Crimes contre l'honneur des citoyens. Ainsi, attaquer l' honneur d'un citoyen, c'est détruire son existence morale ; c'est lui faire um tort d'autant plus grand que l' honneur est inapreciable.

NOTA

Délit public.

TEXTO

De la calomnie. La fente des deux lèvres me semble le seul chatiment propre à réprimer les calomniateur.

NOTA

C'est barbare! Oubli de l'auteur.

TEXTO

Des paroles indiscrètes. Une réparation publique, *une peine fiscale* suffiront pour corriger les parleurs indiscrets.

NOTA

La seule, et le mépris.

TEXTO

De la conciliation. Il est sage, avant de s'engager dans une lutte judiciaire, d'essayer la voie de la conciliation. Que les parties elles-mêmes et jamais par procureurs, comparaissent dans le temple de la paix; qu'elles entendeut la voix d'un juge vénérable, qui, après avoir pris connaissance de leurs différends, proposera de les étouffer á leur naissance.

NOTA

C'est l'opinion d'un philosophe, d'un vrai philantrope.

TEXTO

Des preuves. Toutefois, les magistrats doivent porter, avant de se determiner, *une attention scrupuleuse* sur les mœurs, l'age et le caractère des temoins *produits par le ministère public.*

NOTA

Oh! la prévention, la méfiance même, surtout dans les procès politiques.

TEXTO

Des pairs de l'accusé. Tout accusé a le droit d'être jugé *par ses pairs*; seuls ils peuvent aprecier les faits, qui constituent le delit qu'on lui impute.

NOTA

Oh! et qu'ils ne soient pas aucunement sous l'influence du puvoir executif, du contraire, adieu liberté, sureté, etc! Je renvois le lecteur à la note inserée au bas de la page 14.

TEXTO

Ces debats (dans le jury) doivent être publics; tous les citoyens ont la faculté d'y assister et de juger, chacun selon sa conscience, des motifs qui ont determiné l'absolution ou la condamnation de l'accusé.

De l'accusation publique. Le ministére public est le représentant du prince, qui, mandataire lui même du peuple, est chargé du pouvoir executif.

De la défense. L'accusé tient du droit naturel la faculté de se defendre.

NOTA

J'en suis d'accord, quand la loi est l'expression de la volonté generale, comme elles doivent l'être toutes; mais quand elle a sa

source dans le caprice arbitraire d'un despote, qui, fort d'une armée mercenaire, a usurpé les pouvoirs, dont il n'est que simple délégué, et qu'on vous transporte de 240 lieues de distance sur un vaisseau de guerre, en vous y tenant inconmunicable, sans argent, sans linge, et que arrivé au port on vous enferme dans une petite chambre à briquets d'une forteresse, sans meubles, sans rien, en ayant éprouvé du gouvernement, non l'accueil dû même au plus grand scelerat en sa qualité d'homme, dû au malheur, mais un accueil des plus repousants, et qui on vous y laisse pourrir empeché par une sentinelle à vue de respirer un peu d'air libre dans l'enceinte des murailles de la forteresse, et prendre un peu d'exercice, sans procès, sans interrogatoire, et surtout avec le temoignage d'une conscience pure, et d'avoir toujours pratiqué, autant qu'il était en vous, des actes vertueux, des actes que la raison, la justice et les sens intimes de tous les hommes impartiaux ne desapprouvaient pas, fort enfin d'une conduite qui par tout ailleurs vous a acquis témoignage éclatant de l'estime et consideration publiques, qu'en penseriez vous? Que ça vous arrivait dans un pays, où disaient, qu'il y regnait une constitution la plus liberale du monde? Non pas certainement: au contraire vous croyeriez être sous l'empire du Grand Seigneur, ou du bey d'Alger, quoique vous ne vissiez pas des turbans, des caftens, des eunuques, des haiques et des taghans. Je le crois de même.

Je lègue cette note à mes fils pour leur instruction. *Ad æternam rei memoriam.* 20—9—1821.

TEXTO

Des confédérations. Il est une matière absolument neuve en politique, c'est celle des confédérations.

NOTA

Les actes de la Sainte Alliance manifestent assez quel est le but de ces confédérations, dont nous devons l'invention à Bonaparte.

TEXTO

Depuis deux siècles, les embassadeurs ne sont plus que des espions titrés, que ne craignent pas d'afficher que tout est légitime en politique.

NOTA

J'en pourrais citer des nombreux exemples; c'est encore la maxime adoptée par tous les gouvernemens, où il n'ya point de code fondamental; mais un jour viendra où ils apprendront, que la morale doit être inseparable de la politique, et que tout ce que n'aura la justice pour base périt. Faisons nos vœux pour que cet heureux evenement arrive au plus tot.

TEXTO

De la guerre. La guerre résulte, pour l'ordinaire, de la violation d'un traité. Je dis pour l'ordinaire, car j'appele brigandage l'invasion, que ferait un peuple du

territoire de ses voisins, sans autre motif que celui de changer de place ou de s'agrandir.

NOTA

Et j'y joins: Et plus encore, quand on va très loin envahir celui de peuple inconnus sous pretexte de leur faire embrasser sa religion, mais réelement pour s'en emparer après en avoir egorgé et grillé dix millions, violé leurs femmes et filles, et réduit le reste en esclavage! Et voilà cependant les faits de ces nations, qui se disent civilisées et sectaires d'une religion, qui n'inspire que paix, justice, charité et fraternité. Et les chefs visibles de cette réligion ont applaudi à ces actes atroces, barbares, infernaux!!!

TEXTO

Des hostilités quant aux biens. J'ai dit, que la guerre avait pour objet la reparation d'un tort.

NOTA

La Anglais en pensent autrement, d'après ce qu'ils ont pratiqué à Copenhague en 1810, en Washington en 1811, etc. Cependant c'est une nation très philantrope, qui plaide la cause des nègres. Ce sont des petites contradictions, qui est très facile de concilier; c'est qu'il y va de leurs interêt. Et quand l'interêt et la vengeance parlent, qu'y-a-t'il à faire la morale?

No fim da pagina final da obra anotada está a seguinte declaração:

Nous soussignés prisonniers d'état confinés à la forteresse de Santa-Cruz du Rio de Janeiro, ensemble avec Mr. Jean Guilhaume Ratcliff, attestons sous serment, que les notes, que l'on trouve dans cet ouvrage, non imprimées, ont été écrites de sa main pendant sa reclusion dans la sous dite forteresse; ce dont nous avons été des temoins oculaires, quoiqu'il se soit refusé a nous donner connaissance de leur contenu. En foi de quoi nous, par lui requis, signons le présent attestat, écrit aussi de sa main, après en avoir entendu le contenu, qu'il nous a traduit. Fait à la surdite forteresse le 30 Octobre 1824. *Jozé Joaquim da Fonseca. Joaquim da Silva Loureiro. Francisco de Souza Rangel.*

N. B. Au sujet de l'attestat pag. 216, je crois devoir declarer qu'on ne trouve que trois signatures, au lieu de quatre, parceque je n'ai pas voulu démander la quatrième qui était celle de Jean Metrowich, prisonnier d'état comme moi habitant ensemble la même chambre. C'est un aventurier Maltois, que se trouvais au service de la province de Pernambouc, et qui commandait le brick *Constitution ou Mort*, sur le compte du quel je reviendrai peut être une autre occasion, si mes soupçons à son égard se réalisent. Pour à présent je l'epargne et me tais encore, tant parceque la justice et la probité exigent, que j'aie acquis plus de preuves pour le condemner, comme parceque c'est un M.·., quoique de très mauvaise espèce. Je dis seulement que c'a été un des plus grands malheurs d'être obligé de vivre ensemble avec un pareil homme. *Juan Guillaume Ratcliff.*

OBSERVAÇÃO

Todas as notas aqui transcritas estão traduzidas em lingua vernacula, acompanhando a tradução que fiz da obra em cujas margens foram lançadas.

Rio 2 de julho de 1897. *T. Alencar Araripe.*

Summario a que mandou proceder o Dezembargador corregedor do crime da côrte e caza, etc., contra os aprezados no brigue «Constituição ou Morte» e escuna «Maria da Gloria» em observancia do decreto imperial de 10 de Setembro de 1824.

Anno de 1824 a 8 de Outubro do dito anno n'esta cidade do Rio de Janeiro em morada do Dezembargador Antonio Corrêa Picanço, corregedor do crime e caza, por elle me foi dito, que, ordenando Sua Magestade o Imperador por decreto imperial de 18 de Setembro do corrente anno, que se procedesse a summario contra os aprezados no brigue *Constituição ou Morte* e escuna *Maria da Gloria* pela corveta de guerra *Maria da Gloria* pelos factos constantes do mesmo decreto, officios e mais papeis, que servem de corpo de delicto e demonstram a existencia do crime de alta traição, queria elle ministro proceder a summario na fórma determinada no mencionado decreto, pelo que me ordenava, que fizesse auto, a que juntava copia do referido decreto imperial, e os mais papeis para servirem de corpo de delicto para por tudo serem inquiridas, perguntadas testimunhas summariantes, e se vir no conhecimento dos delinquentes afim de serem punidos na fórma da lei; o que eu Escrivão cumpri, lavrando o prezente auto, a que juntei o traslado do decreto imperial de 10 de Setembro do corrente anno com a portaria, officios e mais papeis, que me foram para isso entregues pelo dito ministro, que para constar assigna este auto, e eu Jozé Joaquim de Gouvêa, Escrivão, que escrevi e assignei. *Picanço. Jozé Joaquim de Gouvêa.*

Traslado do decreto imperial que se segue

Tendo o Prezidente da provincia da Bahia remettido prezos para esta côrte os réos pronunciados no summario incluzo, a que mandou proceder por ocazião da chegada do brigue *Guadiana* ao porto d'aquella cidade, dirigido pelo chefe dos rebeldes de Pernambuco Manoel de Carvalho Paes de Andrade com o fim de fazer espalhar infames proclamações e fazer emittir por meio de seos emissarios nos incautos animos dos cidadãos pacificos da

mesma provincia as suas perniciozas e perigozissimas doutrinas, bem como os commandantes da escuna *Maria da Gloria*, e do brigue *Constituição ou Morte*, e o segundo d'este João Guilherme Ratcliff, aprezados pela corveta de guerra *Maria da Gloria*, como tudo se manifesta no summario, officios do mesmo Prezidente, mais papeis dirigidos pela Secretaria de estado dos negocios da marinha; exigindo a segurança publica, a salvação do Imperio e sua integridade tão atrozmente ameaçadas por aquella execranda facção que réos de tanta gravidade sejam promptamente processados: Hei por bem ordenar, que os comprehendidos no summario e officios do Prezidente da provincia da Bahia e mais documentos que os acompanharam, sejam logo processados pela prova constante dos mesmos, procedendo igualmente o summario contra os mais aprezados nos sobreditos brigue e escuna para serem uns e outros breve e summarissimamente sentenciados sem outras algumas formalidades, na fórma em taes cazos e tão criticas circunstancias decretada pelo artigo cento e setenta e nove, titulo oitavo, paragrafo 35 da Constituição.

O Chanceller da Caza da Supplicação, que serve de Regedor o tenha assim entendido e faça executar.

Paço em 10 de Setembro de 1824, terceiro da Independencia e do Imperio. Com a rubrica de Sua Magestade imperante. *Clemente Ferreira França.*

Manda S. Magestade o Imperador, pela Secretaria de estado dos negocios da marinha, remetter ao ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça, os officios e documentos constantes da lista junta, relativos ao primiro commandante do brigue *Constituição ou Morte* e seo segundo João Guilherme Ratcliff, e ao commandante da escuna *Maria da Gloria*, aprezados aos rebeldes de Pernambuco pela corveta de guerra *Maria da Gloria*, afim de servirem de instrumento para o processo e julgamento dos sobreditos individuos, os quaes vieram remettidos da provincia da Bahia pelo respectivo Prezidente, e se acham prezos na fortaleza de Santa-Cruz d'esta cidade. Paço em 9 de Setembro de 1824. *Francisco Villela Barboza.*

Foram inquiridas e depuzeram no processo as seguintes testimunhas:

1.ª Testimunha. Manoel Gregorio da Silva.

2.ª Testimunha. Jozé Thomaz da Silva.

3.ª Testimunha. Manoel Claudio de Queiroz.

4.ª Testimunha. Joaquim Xavier Ferraz de Campos.

5.ª Testimunha. João da Silva Lisboa, 2º Tenente da marinha imperial, commandante da escuna *Maria da Gloria.*

6.ª Testimunha. Jeronimo Jozé do Valle Baptista, mestre da escuna *Maria da Gloria.*

7.ª Testimunha. Caetano Jozé Duarte, marinheiro a bordo da corveta de guerra *Maria da Gloria.*

8.ª Testimunha. João Baptista Lisboa.

9.ª Testimunha. Theodoro de Beaurepaire, Capitão de fragata, commandante da corveta *Maria da Gloria.*

10.ª Testimunha. Rafael Jozé e Carvalho, 1º Tenente da armada imperial.

11.ª Testimunha. Luiz Caetano de Almeida, 1º Tenente da armada.

12.ª Testimunha. Jozé Ferreira Guimarães, 2º Tenente da arma imperial.

13.ª Testimunha. Manoel Rodrigues, 2º Tenente do batalhão de artilharia da marinha.

14.ª Testimunha. Ernesto Frederico de Verna e Blistein, cadete de caçadores com serviço de voluntario a bordo da corveta.

15.ª Testimunha. Jozé Ignacio Maia, Capitão-tenente da armada.

16.ª Testimunha. Manoel Antonio Siqueira, commissario da corveta.

17.ª Testimunha. Francisco Felix Pereira da Costa, cirurgião da corveta.

18.ª Testimunha. Francisco Lopes de Freitas, com praça de mestre da corveta.

19.ª Testimunha. Roberto Mackinth, 2º Tenente da armada.

20.ª Testimunha. Francisco Pereira Martins, sargento do batalhão de artilharia da marinha.

21.ª Testimunha. Antonio Felix Corrêa de Mello, aspirante da corveta.

22.ª Testimunha. Francisco Larangeira, calafate da corveta.

23.ª Testimunha. Leonardo Severo, arvorado em guardião.

24.ª Testimunha. Jozé Guedes da Conceição, com praça de grumete.

25.ª Testimunha. Manoel Gonçalves, marinheiro da corveta.

26.ª Testimunha. Antonio Francisco, com praça de 2° marinheiro da corveta.

27.ª Testimunha. Luiz Antonio Pereira, praça de 1° grumete.

28.ª Testimunha. Manoel da Rocha, com praça de 2° machinista a bordo da corveta.

29.ª Testimunha. Antonio de Medeiros, com praça de grumete a bordo da corveta.

30.ª Testimunha. Luiz Francisco, com praça de grumete.

Acordão

Acórdão em Relação, etc. Que, além dos réos pronunciados a fl..., obrigam a prizão e livramento a Manoel de Carvalho Paes de Andrade, porque as provas dos autos provenientes do depoimento das testimunhas, e particularmente do documento a fl. . ., verificam ser elle o mandante e cauza primaria da rebelião, porque se procede contra os mais réos já pronunciados.

Com o parecer do seo Regedor suprem todas as solemnidades que faltarem e são supriveis na fórma da lei e imperial decreto, e fôrem estes autos summarios aos sobreditos réos pronunciados, e lhes assignam cinco dias para dizerem de facto e de direito, e nomeiam para seo curador e defensor ao advogado Ovidio Saraiva de Carvalho, e dão commissão ao escrivão para o juramento.

Visto porém ser constante a auzencia do sobredito réo Manoel de Carvalho Paes de Andrade, mandam, que se passe alvará de edictos na fórma da lei, e que, findos, prosiga o processo com elle os seos devidos termos separadamente, copiando-se para isso os prezentes autos, e

proseguindo este com os réos prezentes para prompto cumprimento da justiça, na fórma do já mencionado imperial decreto. Rio 10 de Fevereiro de 1825. *Cunha*, Regedor. *Garcez. Motta. Carneiro de Campos.* Dr. *Figueiredo. Leal. Evangelista.*

Acórdão em Relação, etc. Vistos estes autos, que em conformidade do decreto do mesmo Senhor, e com o parecer do seo Regedor se fizeram summarios aos réos João Guilherme Ratcliff, segundo commandante que fôra do brigue *Constituição ou Morte*, por nomeação do rebelde e infame Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e a João Metrowich, primeiro commandante do dito brigue pela mesma nomeação, e a Joaquim da Silva Loureiro, commandante da escuna *Maria da Gloria*, summario de testimunhas, a que se procedeo pela correição do crime da côrte e caza, perguntas feitas aos ditos réos e alegação offerecida em sua defeza pelo advogado, que se lhes nomeou:

Mostra-se, que, tendo Manoel de Carvalho Paes de Andrade arvorado na provincia de Pernambuco o estandarte da mais desatinada rebelião contra a constituição do Imperio e augusta pessoa do mesmo Senhor, ahi se fizera elle chefe de uma horrivel facção, com que pretendêra sacrilegamente debelar, destruir e aniquilar todos os principios fundamentaes do Imperio constitucional, abraçado e jurado geralmente, e que elle se abalançára, para melhor effeito sortir o seo extravagante e perfido projecto de destruir primeiro que tudo as forças ou tropas d'aquella mesma provincia, que haviam tomado a heroica e firme rezolução de se retirarem para longe d'aquelle partido insensato e horrivel, e se apoiavam em Barra-Grande, debaixo do commando do Morgado do Cabo.

Mostra-se, que este mesmo scelerato e infame Manoel de Carvalho, devorado do temerario espirito de rebelião, não poupára meios alguns para destruir pelo ferro e pela mais cruenta e abominavel guerra, aquella porção de tropa que valorozamente obstava ao progresso da revolução, que elle premeditava estender ás mais provincias vizinhas, para assim a poder generalizar em todo este Imperio, já pondo em acção e no campo da batalha a

tropa da sua facção, que havia alucinado até ao ponto de virem combater contra seos proprios concidadãos, irmãos, parentes e amigos, já enviando emissarios, que, com seos embustes, enganos e fraudes, corrompessem e desaprovassem o espirito são dos governos provinciaes, e não menos abalançando-se a pôr no mar embarcações que, infestando a costa, fizessem um barbaro e deshumano bloqueio áquelles fieis e valorozos soldados da Barra-Grande, para assim os reduzir pela fome e mizeria a abraçarem aquella sua injusta e impia cauza, em fazel-os victimas do mais nobre e honrozo sacrificio, e então mais a seo salvo manejar o faxo d'aquella revolução.

Mostra-se, que um dos agentes, e dos mais fervorozos e activos sequazes d'aquelle abominavel partido, e que aquelle chefe da rebelião elegeo para o auxiliar e poder levar mais avante seos detestaveis projectos, foram os réos João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro, sendo que aquelle primeiro réo, não só pela qualidade de estrangeiro, como pela de Portuguez, o que nas actuaes circunstancias politicas era n'aquella provincia mais que sufficiente para ser excluido de qualquer reprezentação publica, dá bem a ver quanto eram perniciozas suas intenções, e quanto em toda a amplitude da revolução se combinavam com os d'aquelle infame chefe Manoel de Carvalho, a ponto que este o escolhera com a maior confiança para aquella sua importantissima missão, qual a que consta das instruções a fl. 8, e da prova das testimunhas d'este summario, caracterizando-o com o titulo de segundo commandante do brigue *Constituição ou Morte*.

Mostra-se, que este dito réo João Guilherme Ratcliff, fugindo e abandonando a sua patria, Portugal, e chegando a Pernambuco n'aquella crize revolucionaria, ahi fôra um sectario ardentissimo de Manoel de Carvalho, e tomára, sendo estrangeiro aquelle decidido partido da rebelião, e como tal fôra enviado no brigue *Constituição ou Morte* para, de mãos dadas com o chefe da tropa rebelada, dirigir a do embarque do trem de guerra com que Manoel de Carvalho os mandára socorrer, e para bem assim tratar negociações com o governo das Alagôas, os

quaes tendiam sem duvida, que este prohibisse os auxilios, que de necessidade devia prestar áquellas fieis tropas estacionadas e fortificadas em Barra-Grande; o que bem se prova das instrucções a fl. 8, da proclamação a fl. 9, dos depoimentos das testimunhas d'este summario, por cujos factos elle dito réo se ha constituido complice do enorme crime de rebelião, associando-se espontanea e voluntariamente áquelle chefe Manoel de Carvalho, e pondo em acção todos os seos esforços, talento e habilidade, não só para auxiliar aquellas tropas rebeldes, como para por meio de sua influencia fazer rebelar aquelle governo das Alagôas e entrar no projecto da revolução.

Mostra-se, que elle réo se havia prestado a ajudar, auxiliar e sacrificar-se inteiramente pelo bom rezultado d'aquella revolução, porque o mesmo Manoel de Carvalho n'aquellas suas instrucções insinua, que o dito réo poderia ser encarregado de toda e qualquer commissão, em que o commandante da divizão rebelada entendesse, que seos serviços poderiam ser vantajozos aos seos planos, segundo as ordens que lhe haviam sido dirigidas; o que tudo elle réo ha realizado com o maior entuziasmo e furor, hostilizando aquella costa e aprezando as embarcações, que, carregadas de viveres, se dirigiam a levar algum socorro ás sobreditas tropas da Barra-Grande, por cuja maneira elle réo assim lhes fazia a guerra mais barbara e cruel, desempenhava e desenvolvia em toda a sua extensão o plano da rebelião do sobredito chefe Manoel de Carvalho.

Mostra-se, que o interesse e partido, que este réo havia tomado n'aquella rebelião, tendente a transtornar a constituição do Imperio, e dirigida principalmente contra a sagrada pessoa do mesmo Senhor, era tão frenetico e violento, que elle mesmo ha feito á guarnição do brigue *Constituição ou Morte*, na ocazião em que se avistou a corveta *Maria da Gloria*, sua proclamação persuasiva para que se puzessem em defeza hostil, querendo obrigar a referida guarnição a um similhante combate, com os ameaços de que lançaria fogo ao paiol da polvora, por cujo motivo o sargento de mar e guerra, fexando a

porta do dito paiol, lhe ha posto sentinelas para prevenir tão grave calamidade.

Mostra-se igualmente, que este malvado réo, no meio de seo furor e da sua raiva revolucionaria, se derramava em vociferações contra a augusta pessoa do mesmo Senhor, e em elogios a favor de Manoel de Carvalho, blazonando de que era o da bôa cauza, não havia de sucumbir, por cujos factos criminozos e horriveis, que todos se acham provados não só do officio a fl... e do depoimento das testimunhas, como principalmente dos de n. 10 até n. 30, se tem constituido elle réo incurso no crime de rebelião, sem que de modo algum o possam escuzar as coartadas que o mesmo réo dá em sua defeza, que elle de nada era mais encarregado que da conciliação das duas divizões de tropas, cuja coartada é inteiramente especioza, visto que elle réo não prova ter por qualquer maneira cooperado para esta dita conciliação, sendo aliás certo que esta de nada mais dependia do que prestar-se Manoel de Carvalho e os de seo partido obedientes e submissos ás ordens do governo do mesmo augusto Senhor, nem tambem lhe póde aproveitar em escuzar o réo do seo enorme crime e atentado o alegar ser Portuguez, e como tal estrangeiro, porquanto, apezar d'essa qualidade, segundo os principios do direito das gentes, pelo facto da entrada e domicilio d'elle réo n'este Imperio, tacitamente se ha submettido á sanção de todas as leis, que mantêm a segurança publica, e sem duvida é uma prerogativa e direito do soberano, que exerce o imperio, e das leis que elle faz executar, o ser tanto aquelle como estas extensivos a todas as pessoas, que habitam em todo o territorio da nação.

Quanto ao réo João Metrowich:

Mostra-se, que este rèo fora mandado pelo rebelde Manoel de Carvalho, como 1° commandande do brigue *Constituição ou Morte*, cuja commandancia elle aceitára, sendo-lhe incumbida a commissão de navegar para a Barra-Grande a conduzir trem de guerra, dinheiro e petrexos para socorrer as tropas rebeldes, que se achavam em frente, contra as tropas que não tinham querido adherir á facção de Manoel de Carvalho, e que eram commandadas pelo Morgado do Cabo.

Mostra-se, que este réo tem hostilizado aquella costa, e pôz em bloqueio aquelle dito exercito pacificador, aprezando um brigue, e as sumacas que se achavam carregadas de viveres em Porto de Pedras, impedindo por este modo hostil que o exercito pacificador pôdesse ser socorrido, para assim o reduzir por meio da mizeria e da fome, verificando-se não menos elogiar elle réo a conducta de Manoel de Carvalho, e entrar no conselho para se bater com a corveta *Maria da Gloria*, por cujos factos ha elle pertinasmente tratado como inimigas as tropas do Imperio, e se tem mostrado um declarado inimigo do mesmo augusto Senhor, e um fiel adherente do infame Manoel de Carvalho, e por isso se acha incurso n'aquelle horrivel crime de rebelião e alta traição.

Quanto ao réo Joaquim da Silva Loureiro, commandante da escuna *Maria da Gloria* :

Mostra-se, que este réo, como sectario da facção da rebeldia de Manoel de Carvalho, fora por este nomeado para commandante da mesma escuna n'aquella expedição, que hostilmente navegára Tamandaré, Barra-Grande e Porto das Pedras, cuja commissão fora por elle desempenhada, desembarcando os dinheiros e trens de guerra que Manoel de Carvalho mandára para socorrer as tropas rebeldes, aprezando e roubando as sumacas achadas em Porto das Pedras, que estavam carregadas de viveres, e sendo complice no combate e preza que se havia feito do brigue de guerra, e não menos elogiando com fervor a perfida e infame conducta de Manoel de Carvalho, cujos factos agora o caracterizam inimigo d'este Imperio e do mesmo augusto Senhor; e como estes crimes são de maior gravidade, pelo decidido auxilio prestado em favor d'aquelles rebeldes e contra as tropas que defendiam a integridade do Imperio e a soberania do mesmo Senhor, e bem assim por isso tambem este réo se acha incurso no crime de rebelião e alta traição.

Portanto condemnam aos réos João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro, a que, com baraço e pregão pelas ruas publicas, sejam levados ao lugar da forca, onde morram de morte natural para sempre, e cada um dos réos em duzentos

mil réis para as despezas da Relação e nas custas dos autos.

Rio 12 de Março de 1825. *Cunha*, Regedor. *Garcez. Motta. Campos. Leal. Carneiro de Campos. Dr. Figueiredo.*

Acórdão em Relação, etc. Sem embargo dos embargos, que não recebem, e como sua materia nada contém de relevante, e as coartadas n'elle deduzidas não podem diminuir a gravidade dos crimes dos réos e os meios empregados por estes como agentes do infame e perfido Manoel de Carvalho, os quaes tendiam assim a atrahir e conciliar os que honradamente dissidiam de seo malvado partido, para que o abraçassem, separando-se da boa cauza, pois que o pretender-se por parte dos rebeldes a reconciliação tão recommendada pelo mesmo Senhor, nenhuma precizão havia de empregarem-se outros factos mais que a absoluta obediencia ás ordens que anteriormente o mesmo Senhor havia expedido, e a pacifica submissão ás sobreditas ordens, contra as quaes havia muito que os rebeldes haviam opposto a rezistencia mais contumaz ; e todavia é tão claro e manifesto o animo hostil com que os réos tinham sido mandados fazer aquella expedição n'esta mesma intenção, e elles se haviam d'ella encarregado, que se lhes recommendou, que no tope da proa içassem a bandeira americana para que o commandante da divizão rebelada conhecesse, que o brigue de guerra não era inimigo, circunstancia esta que remove a alegação em que os réos querem figurar o seo animo pacificador, cujo pretexto especiozo é tambem desmentido pelos factos constantes, e que elles mesmos réos não negam, de apertarem o bloqueio das tropas imperiaes, e tomarem e aprezarem as embarcações corregadas de viveres, por cuja maneira elles réos promoviam e auxilíavam com todas as suas forças aquelle terrivel crime de rebelião.

Portanto subsista o acórdão em segundo por subsistirem os fundamentos do mesmo ; e paguem os embargantes as custas. Rio 15 de Março de 1825. *Garcez. Motta. Campos. Leal. V. Carneiro. Dr. Figueiredo.*

Acórdão em Relação, etc.: Sem embargo dos segundos embargos, que não recebem, cumpram-se os

acórdãos embargados, por subsistirem em seos fundamentos e paguem os embargantes as custas. Rio 15 de Março de 1825. *Garcez. Motta. Campos. Leal. V. Carneiro de Campos. Dr. Figueiredo.*

Os dezembargadores da Caza da Supplicação, que assignaram em rubrica os acórdãos acima transcritos, são os seguintes:

João Ignacio da *Cunha*, depois Visconde de Alcantara. Regedor.
Antonio *Garcez* Pinto de Madureira.
Joaquim Ignacio Silveira da *Motta*.
Francisco *Carneiro de Campos*.
Jozé Bernardo de *Figueiredo*.
Jozé Francisco *Leal*.
João *Evangelista* de Faria Lobato.
João Gomes de *Campos*.

O chefe da revolução Manoel de Carvalho Paes de Andrade, condemnado á morte pelos sobreditos acórdãos, havendo se refugiado nos Estados-Unidos, regressou ao Brazil em 1831; e tendo sido eleito e escolhido senador pela Parahiba em 1834, occupou a sua cadeira no Senado até 1855, em que faleceo.

BARÃO HOMEM DE MELLO.

Rio de Janeiro 11 de Dezembro de 1897.

SINGELOS

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

SOBRE O

Capitão de artilharia João Baptista Marques da Cruz

(O VAUVENARGUES BRAZILEIRO)

PELO

Visconde de Taunay

I

Nasceu João Baptista Marques da Cruz na aldêa de S. Pedro, perto da cidade de Cabo-Frio, provincia, hoje Estado, do Rio de Janeiro, no dia 28 de Fevereiro de 1843.

Filho legitimo do tenente-coronel da guarda nacional Joaquim Marques da Cruz e de D. Maria Benedicta da Conceição Cruz vio a luz cercado de todas as commodidades de familia que, sem o fausto da riqueza, gozava da invejavel e aurea mediocridade, de que falla o poeta venusino.

Sorrisos, pois, não lhe faltaram em derredor nos primeiros annos da vida. Desde a infancia, porém, era o seu genio melancolico, seu todo tristonho, seu brincar silencioso ; criança, patenteava já irresistivel tendencia para a reflexão, e o pensar intimo, desde pequeno, se lhe estampava no semblante meigo, sympathico e meditativo.

Frio em todas as manifestações da alegria, mostrava-se ardente no estudo e só se sentia feliz ao manusear os livros da meninice, em breve trocados pelos da instrucção secundaria.

Habilitado cedo nos principaes preparatorios e cedendo á vocação pela mathematica que, mais do que qualquer outro ramo de sciencias, lhe agradava ao espirito calmo e investigador, matriculou-se, em Fevereiro de 1859, na aula preparatoria da Escola Central, distinguindo-se logo por tal modo que, no meio de 160 alumnos, obteve, com mais dous collegas (1), nota distincta, grão 10; assim mesmo, elle á frente dos outros.

Tão bem encetada a carreira escolastica, conquistou, nos annos subsequentes do curso mathematico superior, os primeiros logares com tanta facilidade, quanto modestia e applauso.

A 20 de Março de 1860 assentou praça no 1° batalhão de artilharia e a 14 de Março de 1862 teve nomeação do posto de alferes-alumno, sendo, a 29 de Julho de 1864, confirmado no de 2° tenente daquella arma.

Em fins de 1864, concluido o curso dessa especialidade, teve ordem de marchar para a guerra e, havendo sido classificado no 2° batalhão de artilharia, estacionado em Matto-Grosso, naquella época invadido pelos paraguayos, seguio a reunir-se a esse corpo.

Nos ultimos dias de Maio de 1865, apresentou-se em Campinas (S. Paulo) ao commandante das forças expedicionarias coronel Manoel Pedro Drago e, desde então, fez parte daquella columna na qualidade de commandante da 1ª bateria do corpo do Amazonas, o qual, por verdadeiro capricho da sorte, fôra mandado do porto de Santos por terra até á provincia de Matto-Grosso. Dizimado, desde logo, pela variola esse minusculo contingente, delle só chegaram tres praças amazonenses á região brazileira, cuja defesa e reconquista ia ajudar, sendo os claros preenchidos, á medida que se iam dando, por soldados de outras procedencias.

---

(1) Um desses, permitta-se-me a referencia, fui eu.— V. de T.

Identificou-se, portanto, a existencia de João Baptista Marques da Cruz com a daquella infeliz e gloriosa expedição, cujos desastres e padecimentos tenho, por vezes, em varios livros tentado descrever. Na immensa travessia dos sertões e pantanaes, nas aventurosas marchas até á fronteira paraguaya e alem do Apa, nos horrores da *Retirada da Laguna* e em todos os seus dramaticos incidentes já registrados pela historia, João Baptista, promovido a 1° tenente de artilharia desde 18 de Fevereiro de 1865, foi official modelo na disciplina, resignação, coragem, boa vontade e igualdade de genio, dando preciosos exemplos nos transes mais arriscados, nas occasiões de maior conturbação e mais crueis angustias.

Elle, que sahira da vida facil e amena das cidades para de chofre se sujeitar a todos os incommodos e agruras das marchas pelo sertão, aggravados por constante penuria de viveres, aceitava todas as contrariedades com a paciencia e serenidade que lhe eram naturaes á indole. Por incessante aspiração da sua alma pelo desconhecido, não raro manifestava, sem jactancia alguma, senão preocupação de natureza meramente philosophica, desejos que os soffrimentos fossem a mais e mais requintando para delles colher a ufania de saber superal-os.

Satisfeito devêra ter ficado esse surto altivo e digno de heróe grego ou romano, pois a historia da expedição de Matto-Grosso constitue tal tecido de males, miserias e attribulações, que a sua narração parece, a cada instante, dever ser acoimada de exagerada e até inverosimil.

Franzino e adoentado no começo, rubustecera-se a saude de Marques da Cruz, que supportou todo o peso da descommunal campanha com a maior galhardia, merecendo, pelo modo por que sempre se aveio nos tremendos combates desde 6 de Maio até 11 de Junho de 1867 os mais assignalados elogios.

Tambem o governo imperial recompensou tão extraordinarios serviços, condecorando-o, a 7 de Agosto daquelle anno, com o habito do Cruzeiro, o premio dos benemeritos e condecoração de que o Sr. D. Pedro II se mostrava sempre muito avaro.

II

Finda a campanha do sul de Matto-Grosso pela concentração da columna expedicionaria em Cuyabá, a 26 de Outubro, Marques da Cruz, já promovido a capitão em data de 1° de Junho de 1867, pedio para voltar ao Rio de Janeiro, afim de continuar a prestar serviços de guerra e apresentou-se nesta capital a 27 de Março de 1868.

Aqui esteve apenas vinte dias, muito embora sentisse necessidade de descanso e tratamento após tamanhas fadigas e partio para o Paraguay, levando o presentimento de que breve para elle findaria a existencia.

Singular e oppressora previsão!

— Não me demorarei muito neste mundo, foram as palavras de despedida a quem consagra hoje estas ligeiras linhas de homenagem á sua bella memoria.

Reunido ao exercito em Humaytá, tomou, na vanguarda de Parecué, conta de uma bateria composta de 4 canhões Withworth 32 e dous grossos morteiros, nos dias em que terriveis e ininterrompidos bombardeios denunciavam os apuros da guarnição sitiada. A calma imperturbavel do guerreiro do Apa não se desmentio um instante sequer no meio do chuveiro de bombas e balas despejado pelo inimigo exasperado.

A 24 de Junho, furou-lhe um projectil a barraca. Tornavam-se mais directos os prenuncios da morte. Com a tranquillidade de todos os seus actos, preparou-se Marques da Cruz; fez testamento, recommendou ao governo do paiz a numerosa familia, então a braços com difficuldades economicas, despedio-se dos amigos e esperou sorridente que se tornassem effectivas as ameaças da sorte.

No dia 6 de Julho de 1868, á tarde, passava elle revista á sua bateria, quando os canhões de Humaytá começaram a troar furiosamente. Adiando por ordem superior aquella inspecção, foi logo responder ao fogo e dirigir as pontarias das peças. Soavam os derradeiros instantes da sua vida.

— Abaixe-se, Sr. capitão, bradaram-lhe os soldados acostumados aos bombardeios.

—Quem esteve em Matto-Grosso não se abaixa, respondeu elle com sobranceria.

Como, porém, vinha zunindo formidavel pelouro, acurvou-se um bocadinho.

— Agora já passou, disse endireitando o corpo.

Foi exactamente quando uma bala raza de 68 lhe tocou no hombro e, sem signal de maior estrago, o atirou morto a duas braças da banqueta em que se achava.

Tinha pouco mais de 25 annos de idade!

A consternação do exercito todo, o desespero, as lagrimas dos companheiros d'arma tornaram então bem patente quanto valia aquelle joven official e o muito que delle todos esperavam, camaradas, amigos, familia e patria!

Era o capitão João Baptista Marques da Cruz de estatura elevada e corpo delgado. Tinha o rosto sobre o comprido, tez bastante morena, fronte larga, cabellos castanhos e um tanto ondulantes, olhos muito apertados, labios finos, mento fortemente accentuado — signal de pertinacia e firmeza— pouca barba, bigode ralo. Da physionomia sobremaneira placida e affavel irradiava expressão branda e affectiva que lhe angariava de prompto muitas dedicações duraveis, cada vez mais fortalecidas pelo seu trato delicado e leal.

Quasi trinta annos decorreram já do dia da sua morte, e ainda vivamente delle se recordam quantos o conheceram e lhe apreciaram a elevação dos conceitos, a agudeza e vastidão do espirito e as notaveis virtudes militares, em que se alliava muita meiguice ao mais vehemente sentimento do dever.

Aquella brutal bala de 68 cortou em flor grandes esperanças...

III

Nos lazeres da campanha de Matto-Grosso, sobretudo nos acampamentos do Coxim e Nioac, escreveu Marques da Cruz um grosso volume de *Notas e Pensamentos*, de que me leu, por vezes, longos trechos. Não poucas sentenças pareceram-me, então, por tal fórma interessantes e humoristicas, que dellas tirei cópia.

Perdeu-se irremediavelmente o livro e tambem durante muito tempo julguei extraviada a resumida parte que delle eu quizera guardar para mim. Por felicidade, ha dias, achei esse meu manuscripto entre papeis, bem velhos já.

Breve, talvez, darei á estampa essas pitorescas, espirituosas e tão ponderadas reflexões, que, unidas a varios outros pontos de similitude, conferem a Marques da Cruz direito ao appellido de Vauvenargues brazileiro. (1)

Julgo, porém, de conveniencia, para desde já justificar tão honrosa approximação de nomes, incluir, nesta breve noticia, alguns excerptos daquelle bello, vasto e peregrino escrinio, cuja perda deve ser sempre lamentada, porquanto delle não ficou senão bem escasso e pallido reflexo.

NOTAS E PENSAMENTOS

« Abomino a guerra, tenho horror á effusão de sangue; mas quando aponto a minha peça de artilharia e faço fogo, abstraio de tudo e trato só de cumprir o meu dever, isto é, matar o maior numero de gente que puder.

---

(1) Como se sabe, Vauvenargues (Lucas de Clapiers, marquez de) é um dos mais estimados pensadores e moralistas francezes e autor sobretudo de um livro de Maximas sobremaneira apreciado. Nascido em 1715, morreu aos 32 annos de idade, no anno de 1747. Tendo entrado muito moço para o exercito, mostrou grande coragem e brilhantes qualidades militares, chegando ao posto de capitão. Voltaire tinha na mais alta conta os talentos de Vauvenargues. Os seus pensamentos, se não possuem a profundeza dos de Pascal deixam de ter a acrimonia e o scepticismo de La Rochefoucauld, achegando-se mais aos de La Bruyère.

« As guerras antigas, obrigando á lucta corpo a corpo, deixavam fundos rancores. Como que se formaram odios pessoaes que perduravam e tinham ancia de cevar-se ; com o movimento das massas, taes sentimentos são impossiveis.

« Os francezes, com o seu principio, aliás bem discutivel « *la batte est folle, la bayonnette est sage* » fazem retrogradar a civilização. A arma desta é a artilharia — destruir em distancia e scientificamente grandes massiços, impedil-os de chegarem ao entrevero, ao braço a braço.

« Na guerra moderna não ha odios, nem vinganças ; tudo é calculo, tudo consequencias de premissas rigorosamente assentadas. Dizia com razão Napoleão I : — Antes de agir, pensar demoradamente; uma vez resolvido, obrar-se com a maxima rapidez.

« A mulher é o maior encanto do homem e tambem a principal causa das suas preoccupações, tudo porque, de caso pensado, elle a tornou vassala e não companheira.

« Amor é o verdadeiro mediador plastico entre a alma e o corpo. Só o homem é que é capaz de amar. E' uma victoria da intelligencia sobre a natureza ; esta fez o appetite sensual ; o homem inventou o amor.

« Quanto mais elevada a indole de quem ama, tanto mais respeitadora e discreta a paixão pela mulher adorada. A ancia de possuir é propria das raças inferiores ; d'ahi tambem o ciume, negro como Othello.

« Quem se despede muitas vezes denuncia a sua falta de resolução. No melhor ponto de uma palestra de amigos, o Taunay levanta-se e vai-se embora. Commigo é o contrario.

« Não gosto de Augusto Comte, senão, na parte puramente mathematica. O tal altruismo dá em resultado feroz egoismo. Na sua egrejinha, ha muito de catholicismo e mahometismo, menos o paraizo das mulheres, que tambem dispenso perfeitamente.

« No fim de contas, affeiçoei-me á minha bateria de artilharia. Que valentes peças, estas La Hitte ! Acho um quê de feminino no mysterioso bôjo das peças. Entretanto, da mulher sahe a vida ; dellas só a morte !

« Que singular impressão deve sentir uma mulher formosa : conhecer-se o centro de irresistivel attracção, de immensos desejos, indiziveis ancias, poder, com um olhar, um gesto, contental-os, abrir-lhes o paraiso, ou fechar-lhes para sempre as esperanças, atirando-os n'um inferno de desesperos !..

« Desconfiai da mulher que sorri ao ouvir uma declaração de amor, cuja honestidade e leal expressão ella bem conhece. Tem em si alguma cousa de Dalila.

« Que bella previdencia do Creador ter dado á mocidade o desapêgo da vida e á velhice a avidez de viver. Sem aquelle desinteresse, fôra a morte demasiado horrorosa e cruel; sem essa ancia tornava-se ella por demais desejada. Quantos risos, encantos e illusões nas primeiras idades ! Quantos soffrimentos, quantos ridiculos, inferioridade e desenganos no declinio da existencia ! »

« Quanto é bom ter-se fé e crença ! Confiar em Deus é simplificar a vida. Dispensa-se assim um mundo de duvidas, perplexidades e mysterios eternos, impenetraveis, torturantes ! . .

« Muito gosto do proverbio oriental : « Por mais que o pó se levante, é sempre pó. » Nada define melhor quem sobe só pelo favor e bafejo da sorte. Qualquer chuvasinha transforma logo essa poeira, levada tão alto, em lama.

« Quanto deve ser cruel ao velho a consciencia de que lhe está para todo sempre vedado o amor como elle o conheceu na plenitude da mocidade !

« Immensa influencia tem em mim a mulher. Entretanto até agora posso dizer que ainda não amei. Sinto-me tão retrahido, acanhado em tudo, receioso do futuro ! »

Possuo ainda valioso documento todo do punho de João Baptista Marques da Cruz. E' uma carta datada do Parecûe (Paraguay) aos 30 de Junho de 1868, a ultima que me escreveu !

Após as primeiras effusões de amizade, dizia-me : « Tive a felicidade de ler, um dos primeiros, o manuscripto da *Retirada da Laguna*. Sei, pelo que Você me contou, que, depois de seu illustre pai, foi o Imperador quem teve em mão esse manuscripto e, com effeito, vi notas a lapis de principio a fim. Entre parenthesis, como é que elle tem tempo para tanta cousa? E' simplesmente incrivel! Cumpre, porém, que Você não se descuide da publicação daquelle livro. Ou eu me engano muito, ou grandes destinos lhe estão reservados. Em muitos pontos Você se levantou muito acima do que jamais pensei dos seus talentos e bem sabe a conta em que os tenho. Quem, aliás, fallaria mais e melhor dos nossos immensos soffrimentos do que esse livro? Não poucas vezes, parece inverosimil até, tal o tenebroso do caso. Pois bem, cabe-me grande alegria, enviando-lhe um jornal paraguayo que é a contraprova da verdade das scenas que Você tão bellamente descreve. Deram-m'o de presente, achado, como foi, nos montes de terra revolvidos das antigas fortificações da temerosa Curupaity, que nos custou tantas vidas. Não póde o longo artigo da primeira pagina da tal folha ter melhor lugar e applicação do que no final da nossa retirada, contada por um brazileiro. Uma narração confirma outra por modo irrecusavel. Veja como se expressa a parte official paraguaya acerca da nossa columna: « *Nuestra caballeria retirando todo recurso y cerrando los siempre por todas partes hacia acrescentar en ellos el padecimento del hambre y tuvo que recurrir á las tunas, á la rais y corazon de los árboles, y hasta comieron perros para alimento.* » E mais adiante: « *Siguió su destino vencida y resignada á la merced de nuestras armas.* »

« Porque, porém, não deram cabo de todos nós? E' que não puderam. E felizmente no meio dos sobreviventes ficou Você para relatar devidamente aquillo que fizemos e superámos, agitando-nos e movendo-nos num dos mais longinquos e desconhecidos recantos do Brazil.

« Foi providencial. Por amor de todos nós, Taunay, trate da publicação desse livro! »

Taes votos foram cumpridos, realizando-se os lisongeiros vaticinios daquelle meu precioso e inesquecivel

amigo, inseparavel companheiro dos aureos tempos da mocidade e sempre, sempre, pranteado camarada !

Publiquei, no mez de Outubro daquelle fatal anno de 1868, os traços biographicos de João Baptista Marques da Cruz na valiosa collecção dos *Heróes Brazileiros da Guerra do Paraguay*, dirigida por Eduardo de Sá Pereira de Castro. Vieram acompanhados de um retrato muito parecido, lithographado no Imperial estabelecimento de S. A. Sisson.

VISCONDE DE TAUNAY.

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1898

ACTAS DAS SESSÕES DE 1897

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE MARÇO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Aquino e Castro, General João Severiano, Conselheiro M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Barões de Loreto, de Alencar, Homem de Mello, de Capanema, Padre Bellarmino de Souza, Drs. Cesar Marques, Nunes Pires, Machado Portella e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Não houve leitura de acta.

EXPEDIENTE

Pelo 1° Secretario foram lidos os seguintes officios :

Do director da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro convidando o Instituto para assistir á collação do grau aos novos bacharelandos;

Do Monsenhor João Pires de Amorim convidando para assistir ás exequias do Rvd. Arcebispo D. João Esberard.

Foram nomeadas as commissões que deviam representar o Instituto.

Do Visconde de Cabo Frio (J. T. do Amaral) accusando o recebimento do officio que acompanhava os diplomas de presidentes honorarios conferidos ao rei de

Portugal e ao presidente dos Estados Unidos da America do Norte.

Do 1° Secretario do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo pedindo uma collecção da *Revista* e os numeros que se fôrem publicando.

Mandou-se satisfazer.

OFFERTAS

As que constam do Appendice e mais um trabalho do Sr. Conselheiro M. F. Correia, publicado por Carlos de Moraes.

O Sr. Presidente communicou nos seguintes termos o sentido fallecimento do illustre consocio Sr. Arcebispo D. João Esberard:

« Senhores — Sinto ter de communicar-vos officialmente a triste noticia, já publicada na imprensa, do fallecimento, nesta capital, a 22 de Janeiro passado, do nosso distincto e respeitavel consocio honorario, Sr. Arcebispo D. João Esberard.

Foi uma grande e lamentavel perda para o Instituto, para a sociedade e para a Igreja, de que era ornato e gloria, o infausto passamento deste conspicuo varão.

Pelo seu nobre caracter, reconhecida illustração e acrisoladas virtudes, manifestadas no exercicio do seu elevado ministerio, soube elle recommendar-se á estima, veneração e respeito de todos quantos presam o verdadeiro merito.

No serviço da Igreja, nas letras, na imprensa e na tribuna sagrada deixou luminosos traços do seu robusto talento e da vivida fé e afervorado zelo com que por muitas vezes sustentou e defendeu a santa religião que professava e engrandecia pelos seus preceitos, edificantes exemplos e proveitosos ensinamentos.

Do valoroso apostolo que infelizmente acaba de baixar ao tumulo, quando mais precisa se tornava a sua autoridade moral em favor das doutrinas catholicas, rudemente combatidas pela descrença e pela impiedade

dir-se-ha o que do insigne orador sagrado, padre Agostinho de Montefeltro, affirmavam seus admiradores:

Poude elle vêr o mundo muito de perto; poude conhecer-lhe as fraquezas, os vicios e as virtudes e no silencio do seu retiro, meditando, estudando e orando, soube resolver o problema da eloquencia sagrada, que é instruir, deleitar, persuadir e converter.

Na palavra do eminente prelado não havia sómente a grandeza da arte, mas havia ainda e nella dominava a grandeza do sentimento e a sublimidade da fé.

Na gratidão dos que em sua ineffavel bondade acharam sempre consolação e amparo, conforto e protecção perdurará o reconhecimento dos beneficios recebidos; e as bençãos dos beneficiados sagrarão em todo o tempo a memoria do generoso bemfeitor.

Quanto ao Instituto, não esquecerá jamais o alto apreço e lisongeiras phrases com que foi distinguido, na sessão de 20 de Novembro de 1891, quando teve o prazer de receber em seu gremio o tão modesto quão sabio e erudito escriptor da *Rosa de Ouro*, mimoso trabalho, ditado pelo coração, como elle o disse, em uma phase solemne da nossa historia nacional.

Sem que fosse preciso que os estatutos o determinassem, cumpriria o Instituto espontanea e cordialmente o rigoroso dever que hoje preenche, manifestando e inserindo na acta da presente sessão um voto de profundo pezar por se vêr para sempre privado da honrosa e apreciada assistencia de um dos seus mais dignos e illustrados consocios. »

O Sr. Conselheiro M. F. Correia communica que o Sr. Candido Gaffrée, nosso consocio, offereceu a quantia de 300$ para a compra de estantes de que necessita o Instituto. Agradeceu-se a obsequiosa offerta.

O Sr. 1° Secretario pede ao Instituto autorisação para completar os numeros da *Revista* que faltam á sociedade — Congresso Litterario Guarany, mantenedora do Lyceu de Artes e Officios de Nitherohy desde o anno de 1883 até agora. Concedeu-se.

O mesmo senhor pondera que ha dous presidentes fallecidos que não têm o busto na sala das sessões: — os

illustres Visconde de Bom Retiro e Joaquim Norberto de Souza e Silva. Razões especiaes tem retardado este acto de reconhecimento.

O Sr. Presidente informou que acerca do 1° já foi tomada em tempo deliberação especial pelo Instituto, como deve constar das Actas.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe, como Thesoureiro, concorda que, de accôrdo com os precedentes, se tenha em attenção a medida lembrada, mas convirá que se faça antes o orçamento da despeza, porque só depois de paga a que é devida pela publicação do numero ultimo da *Revista*, se poderá verificar qual o saldo disponivel. Em todo o caso um dos bustos poder-se-ha fazer brevemente.

A Mesa resolveu, á vista desta declaração, autorisar a secretaria a mandar fazer os bustos logo que os recursos da thesouraria o permittam.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe communicou estar reimpresso na Typographia Nacional o n. 18 da *Revista*; e que prosegue morosamente a impressão do *Repertorio* calculando que até Julho estará prompto.

Participou o Sr. 1° Secretario que o Sr. Conselheiro Araripe está reorganisando com os empregados da secretaria o archivo das *Revistas* e Mappas e logo que o haja concluido, fará o mesmo com o dos documentos.

O Sr. Presidente declara ser um serviço muito util e que a Mesa agradece.

O Sr. 1° Secretario informa ainda que o bibliothecario tem proseguido em seus trabalhos e está revendo os catalogos, achando-se adiantado o da sala D. Thereza Christina Maria.—Ficou a Mesa inteirada.

O Sr. Presidente convidou a Commissão de Bibliographia Nacional de Sciencias Geographicas a dar informações sobre o andamento dos trabalhos a seu cargo.

O Sr. Barão de Capanema declarou que dos Estados, poucos têm acudido ao pedido da commissão central e os vogaes desta não podem por si sós com o trabalho material, por haver muito a copiar e annotar; mesmo remunerando-se a quem quizesse encarregar-se dessas copias pouco se poderia fazer, pois a verba votada não comporta grande despeza; dos empregados das repartições poder-se-hia

obter alguma cousa, mas occupados com os deveres dos seus cargos não é provavel que se prestem a este trabalho; e esta indifferença é lamentavel em ponto de tanta importancia. Em relação aos archivos ha alguns que estão despidos. Não têm documentos. E' de justiça declarar que o unico que tem prestado serviços é o archivo publico de que é director o nosso consocio, Sr. Dr. Machado Portella.

Terminou pedindo que se marcasse uma sessão especial para a Commissão tratar do assumpto.

Designou-se o dia 16 do corrente, terça-feira.

ORDEM DO DIA

O Sr. Thesoureiro Alencar Araripe apresentou com as informações necessarias o balanço fechado em 31 de Dezembro ultimo demonstrando a receita de 19:216$000 e a despeza de 17:723$100, havendo o saldo de 1:492$900.

Foi enviado á commissão de fundos sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

Foram apresentadas as seguintes propostas:

1.ª—Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Tancredo do Amaral, brazileiro, professor pela Escola Normal de S. Paulo, servindo de titulo de admissão os seus trabalhos offerecidos ao mesmo Instituto, e intitulados: *A historia de S. Paulo ensinada pela biographia dos seus vultos mais notaveis* — *O Estado de S. Paulo* — *Analectos Paulistas* — e *Geographia Elementar*. Sala das sessões, 7 de Março de 1897.—*Nunes Pires.* —Padre *Bellarmino de Souza.*—*F. B. Marques Pinheiro.*—*Homem de Mello.*

A' Commissão de Historia, sendo relator o Sr Dr. Cesar Marques.

2.ª — Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o illustre General Sr. Jacinto Regino Pachano, autor de varios trabalhos litterarios de subido valor, servindo-lhe de titulo de admissão o livro que acaba de offerecer ao Instituto, e que se intitula—*Biographia del Mariscal Juan Crisostomo*

Falcon. Rio, 24 de Dezembro de 1896. — *Marquez de Paranaguá*. — *João Carlos de Souza Ferreira*.— *José Luiz Alves*.— *Henri Raffard*.

A' Commissão de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

O Sr. Dr. E. Nunes Pires inscreveu-se para, nas proximas sessões, continuar a leitura do *Elogio historico* do Dr. Ernesto Ferreira França, lente da Faculdade de Direito de S. Paulo.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2° Secretario.

2.ª SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE MARÇO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e M. F. Correia, H. Raffard, Conselheiro Souza Ferreira, Barões Homem de Mello e de Loreto, Drs. Nunes Pires, Velho da Silva, Castro Carreira, Machado Portella e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Foi pelo Sr. 1° Secretario lida a ultima acta e sem debate approvada.

Não houve expediente.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. 1° Secretario leu a seguinte declaração firmada por todos os membros da Mesa:

« O Instituto Historico soube com profunda magoa que falleceu hontem, nesta Capital, o glorioso almirante

Joaquim Marques Lisboa, Marquez de Tamandaré, cujo nome está honrosamente ligado á historia patria, desde a Independencia.

Sala das sessões, 21 de Março de 1897.— *Manoel Francisco Correia.—J. C. de Souza Ferreira.--O. H. d'Aquino e Castro.— Barão de Loreto.— J. M. Velho da Silva.— Henri Raffard.— J. P. Machado Portella.-- Homem de Mello.*— Dr. *Castro Carreira.* — Dr. *Nunes Pires.— F. B. Marques Pinheiro.*»

O Sr. 1° Secretario participa ter sido representado o Instituto por uma commissão nas solemnes exequias do finado consocio D. João Esberard, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Não tendo comparecido dois membros da Commissão de Historia foi nomeado em substituição interina o Sr. Dr. Velho da Silva.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1° Secretario leu o seguinte parecer da Commissão de Historia, opinando pela aceitação do Sr. José Pedro Xavier da Veiga:

Parecer da Commissão de Historia

« Hontem, 18 do corrente, recebeu esta Commissão um officio, assignado em dias deste mez pelo muito digno Sr. 1° Secretario, enviando-lhe a proposta, firmada em 6 de Dezembro do anno proximo findo, e um folheto a *Imprensa em Minas Geraes,* para servir de titulo de admissão ao Sr. José Pedro Xavier da Veiga na classe dos socios correspondentes.

Apressa-se esta Commissão a emittir seu humilde parecer.

O folheto, que temos á vista, é um trabalho de 72 paginas, em oitavo francez.

Principia fazendo o historico da imprensa no mundo desde 1450, conta como se estabeleceu a primeira officina

typographica no Brazil, passa a narrar detida e minuciosamente o que houve em Minas para ahi se estabelecer igual trabalho.

Com razão prodigalisa bem merecidos elogios ao Revd. padre José Joaquim Viegas de Menezes, o creador das officinas de *chalcographia* e da imprensa em sua terra natal e ao cidadão portuguez, chapelleiro e sirgueiro, Manoel José Barbosa, os quaes « unidos no pensamento generoso e proposito ousado crearam um estabelecimento typographico em Villa Rica », sendo este, como mecanico habil, o realizador das idéas do padre Viegas de Menezes.

Entretem seus leitores contando, sempre particularisando datas, como surgiram á luz diversos jornaes e periodicos nas vastas regiões de Minas.

Sente esta Commissão não poder resumir todas essas paginas.

Cada uma dellas é de subida importancia historica.

De cada uma dellas faisca um raio de luz do brilhante talento do seu autor, demonstrando ser a sua leitura amena e historica, instructiva e recreativa; provando ter talento cultivado, amor ás velhas cousas da patria e dedicação ao trabalho, qualidades estas, que constituem um cidadão benemerito, e, portanto, digno de fazer parte do nosso Instituto.

O assumpto leva-nos a perguntar o que até hoje tem feito Minas para perpetuar a memoria do padre Viegas de Menezes e do artista Manoel Barbosa, que tão importantes serviços lhe prestaram?

Nada; e não nos admiremos disto, porque em todo o o Brazil ainda os senhores de engenho não pagaram a divida de gratidão a Martim Affonso de Sousa, o introductor da canna d'assucar nas terras de Santa Cruz.

Ainda até hoje os fazendeiros não pagaram tambem o que devem ao Chanceller Castello Branco, que com muito cuidado trouxe do Pará algumas plantas de café, que aqui se propagaram, e hoje constituem grandes e fortissimas fontes de riqueza publica e particular.

Ainda estes dois cidadãos não tiveram uma estatua: não nos admiremos que o mesmo aconteça áquelles.

Diante de tão censuravel esquecimento, nós lhes paguemos aqui em palavras d'amor o que o Brazil lhes deve, já que não temos meios de o fazer por outra fórma.

Venha, portanto, o candidato José Pedro Xavier da Veiga unir-se a nós, se o Instituto, como é de esperar, acolher o nosso parecer humilde, porém sincero.

Rio de Janeiro, em 19 de Março de 1897.—O relator, Dr. *Cesar Augusto Marques.*—Dr. *José Maria Velho da Silva.*»

Sobre o parecer fez o Sr. 1° Secretario as seguintes ponderações:

Diz o parecer que a proposta foi firmada em 6 de Dezembro e só a 18 do corrente recebeu a Commissão de Historia o officio enviando-lh'a para consultar. Os factos assim succederam por esta razão. A ultima sessão ordinaria do Instituto foi no dia 6 de Dezembro ultimo, e nella apresentada a proposta de que se trata.

Tendo de effectuar-se, uns quinze dias mais tarde, a sessão especial para eleição geral de todos os membros da Mesa e das Commissões, por mais provavel que fosse a reeleição do Dr. Cesar Augusto Marques para a Commissão de Historia, ella podia não dar-se e ficar, portanto, este consocio impossibilitado de lhe servir de relator.

Era, pois, forçoso aguardar o resultado das eleições que tiveram lugar a 24 de Dezembro ultimo, havendo sido mantido o Sr. Dr. Cesar A. Marques na referida Commissão.

Em seguida, ainda quando o Instituto não tivesse ficado fechado até 7 de Janeiro, continuando as ferias até 7 do corrente mez de Março, estava a secretaria no seu direito de não dar andamento a proposta em questão o que, porém, não fez, por faltar-lhe o respectivo documento como outros muitos confiados a empreza impressora da nossa Revista para a sua devida inserção.

O estipulado no art. 7 § 2 dos nossos Estatutos só podia ser observado após o dia 9 do corrente e o foi a 18 por motivo qualquer, sem importancia alguma, e aliás sem prejuizo da proposta, cujo parecer só podia ser apresentado hoje como o foi.

O parecer depois de approvado é enviado á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Conselheiro Correia.

Tambem foi lido o seguinte parecer da Commissão de Historia sobre os trabalhos do Sr. Tancredo do Amaral:

Parecer da Commissão de Historia

« Foi designada por V. Ex. esta Commissão para emittir seu parecer a respeito do Sr. Tancredo do Amaral, proposto por diversos consocios para membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, servindo de titulo para a sua admissão os seus livros : *Educação Civica, ou a Historia de São Paulo, ensinada pela biographia dos seus vultos mais notaveis;* o *Ensino Civico,* o *Estado de São Paulo, livro destinado á leitura das classes primarias adiantadas; Analectos Paulistas para exercicios de leitura das classes primarias adiantadas das escolas publicas do Estado; e finalmente a sua Geographia Elementar.*

Esta Commissão sente muito prazer dizendo que todas estas obras revelam talento cultivado, estudo methodico, genio apropriado á classe de estudos, a que se dedica, e, sobretudo, o que mais nos agrada, é ser elle devotado cultor da Historia Patria, e com o innegavel talento, que possue, já se prevê, que será um distincto artista nas nossas officinas de trabalho.

Venha, pois, o illustre candidato; esta Commissão o apresenta ao Instituto Historico, que sem duvida de braços abertos o acolherá com prazer em seu gremio. Rio, 20 de Março de 1897. — O relator, Dr. *Cesar Augusto Marques.* — Dr. *José Maria Velho da Silva.* »

O parecer foi approvado e enviado á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

Estando a hora adiantada o Sr. Presidente declarou ficar inscripto o Sr. Dr. E. Nunes Pires para fazer a

leitura do seu trabalho sobre o consocio Dr. Ernesto Ferreira França.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2.º Secretario.

3.ª SESSÃO ORDINARIA EM 4 DE ABRIL DE 1897

Presidencia do Sr. General Dr. João Severiano da Fonseca

A' 1 hora da tarde, reunidos os Srs. General João Severiano, Conselheiro M. F. Correia, Drs. Marques Pinheiro e Nunes Pires, Conselheiro A. Araripe, Dr. Cesar Marques, Barão de Alencar, Conselheiro Souza Ferreira, Barão de Loreto e Padre Bellarmino de Souza, é aberta a sessão.

Sem observação é approvada a acta da precedente sessão.

Não havendo expediente é lida a lista das *Offertas*, que muitas são, para o archivo e bibliotheca do Instituto. Recebidas com agrado.

Offerece o Sr. Dr. Cesar Marques, para o museu da associação, duas moedas de cobre de 20 réis, cunhadas em 1895, entre nós. Agradece-se.

Os Srs. General J. Severiano, Dr. Cesar Marques e Padre Bellarmino justificam suas faltas á sessão ultima e significam que, se estivessem presentes, assignariam de boa mente a manifestação de pezar que pelo passamento do illustre almirante Marquez de Tamandaré foi feita pelos socios que assistiram á mesma sessão.

O Sr. Conselheiro Correia, lê e pede que seja transcripto na acta da presente reunião o seguinte *protesto*:

«Correia, diz, que um jornal ultra-partidario envolve este Instituto em censuras, provocadas por palavras, transcriptas na imprensa, que escreveu no final do livro que, com trabalhos seus, publicou o Sr. Carlos de Moraes;

do qual offereceu um exemplar á bibliotheca do mesmo Instituto.

E' exclusivamente sua, nem careceria dizel-o, a responsabilidade do escripto que motivou o iroso artigo a que se refere, no qual manifesta uma opinião, aliás estranha á politica, e em que persiste.

Aceitando para sua bibliotheca qualquer livro, o Instituto Historico honra ao autor, mas não se pronuncia sobre o que elle contém, como não se pronuncia a imprensa transcrevendo: isto é corrente.

A declaração que faz é determinada pelo legitimo desejo de que, por acto seu, seja elle sómente increpado.»

Ultimou a sessão lendo o Dr. Nunes Pires, e commentando (a proposito do *elogio-historico* que está fazendo, do socio do Instituto, o sabio Dr. Ernesto Ferreira França), duas interessantes *cartas* que sobre o illustre finado e seus mais proximos antepassados, lhe escreveu sua irmã a Exma. Sra. D. Gabriella de Jesus Ferreira França.

Prometteu o mesmo socio continuar, em proximas sessões, a leitura do seu alludido trabalho.

Em seguida levanta-se a sessão.

Dr. E. Nunes Pires,
servindo de 2° Secretario.

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 2 DE MAIO DE 1897.

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Aquino e Castro, H. Raffard. Drs. Cesar Marques, J. Nabuco, Nunes Pires. Padre Bellarmino de Souza e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

O Sr. 1.° Secretario leu e foi approvada a acta da sessão anterior.

Achando-se na sala immediata o Rvd. P. Raphael Galanti, o Sr. Presidente convidou os Srs. Secretarios a introduzil-o na sala das sessões. Recebido com as formalidades do estylo, tomou assento o novo consocio, a quem foram dirigidas pelo Sr. Presidente palavras congratulatorias, esperando que com a sua actividade e illustração muito concorra o Sr. Padre Raphael Galanti para o engrandecimento deste Instituto.

Respondeu o recipiendario agradecendo a honra da sua admissão, nos termos seguintes:

« Em verdade vos digo que não me acho disposto a fazer um discurso. Exporei apenas dois sentimentos que me agitam o espirito, neste momento, agradecendo desta arte aos Senhores socios do Instituto Historico a bondade com que se dignaram honrar-me, recebendo-me no gremio de tão illustre associação. Confesso-vos, pois, em primeiro lugar que me sinto acanhado e confuso ao tomar assento no meio de vós. Sobre ser estrangeiro de nascimento, embora brazileiro de coração, posso dizer, que venho do sertão de S. Paulo, onde passei a maior parte da minha vida ensinando a crianças. Não sei, portanto, falar a bella lingua de Camões com a elegancia e perfeição que é mister em um membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que, além de contar tantos annos de existencia gloriosa, é honrado por tantas sociedades litterarias e scientificas do mundo inteiro, e que tem sempre florescido por um grande numero de socios distinctos. Não digo isto para lisonjear-vos, não; digo-o com toda a convicção, por que conheço sufficientemente bem os 59 volumes de que consta a Revista do Instituto; volumes que fazem honra ao nosso paiz e que os posteros consultarão com assombro. Pois bem, Senhores, a leitura desses volumes tem-me persuadido de que é avultado o numero dos sabios, oradores e litteratos de que se póde com toda a razão gloriar o Instituto. E é isto o que me acanha ao considerar o pouco que valho no mundo das sciencias e das lettras.

Em contraposição, porém, não posso disfarçar o sentimento de alegria, de regosijo e de jubilo que me alvoroça o coração, porque creio que o Instituto na minha

humilde e insignificante pessoa entendeu honrar a Companhia de Jesus ou, por outra, o Instituto, consentindo que eu viesse fazer parte desta nobre associação, não attendeu ao merito do meu livro, porque esse merito é nullo, ou por certo muito pequeno; mas considerou o merito que desde os tempos coloniaes a Companhia de Jesus adquiriu por seus trabalhos scientificos, litterarios e sociaes neste tão abençoado paiz da Terra de Santa Cruz. Eu não preciso, Senhores, encarecer os antigos trabalhos da Companhia de Jesus no Brazil. Vós os conheceis melhor do que eu, e por isto os quizestes premiar. Ora digo que isto é para mim motivo de grande regosijo, não só, por que eu pertenço, ha muitos annos, á Companhia, como tambem porque ella em nossos dias deseja desvelar-se em beneficio do Brazil não menos do que o fez em outros tempos. Deseja a Companhia promover a boa educação da mocidade, por que a mocidade é a esperança da patria; deseja promover o progresso das lettras e das sciencias, porque dellas em grande parte depende a prosperidade da nação; deseja em particular promover o estudo da Historia patria afim de excitar os jovens a imitar as façanhas gloriosas de seus antepassados.

As glorias do Brazil, Senhores, são tantas, que eu creio poder sustentar a these seguinte: « Cœteris paribus, não ha nação na Europa antiga ou moderna, que leve vantagem ao Brazil.» Com effeito: que nação houve no mundo que desde qnasi o principio da sua existencia podesse gloriar-se de uma litteratura tão viçosa e brilhante como a do Brazil nos seculos XVII e XVIII? Ora o Brazil desde o seculo XVI póde citar com honra o pernambucano Bento Teixeira Pinto, Gandavo e Gabriel Soares. E logo no principio do seculo XVII, isto é, no II seculo apenas da sua existencia, gloria-se do fluminense Antonio de Souza, bem como dos bahianos Eusebio e Gregorio de Mattos, de frei Vicente do Salvador, de Botelho de Oliveira, de Ravasco, de Borges de Barros, de Rocha Pitta, de Jaboatão e do grande Antonio Vieira. Mas o que diremos do seculo XVIII em que floresceram tantos cultores da historia, da poesia, da oratoria e de toda a sorte de sciencias?

Deixo de registrar seus nomes unicamente por serem muito conhecidos. Citarei apenas o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão e Alexandre de Gusmão, ambos naturaes de Santos. O segundo, como todos sabem, foi grande estadista; ao primeiro cabe a gloria de ter inventado os aerostatos.

Si das glorias litterarias passarmos ás militares, encontraremos materia não para um ou muitos discursos, si não para numerosos volumes. Lançae, Senhores, um olhar sobre esta immensa bahia de Guanabara. E' difficil que nella acheis uma ilha, uma enseada, um rochedo que não revele alguma gloria dos brazileiros. Ide ao norte, e perguntae: quem explorou pela primeira vez o Amazonas remontando com trabalho herculeo o curso do grande rio? Foram dois filhos do Brazil: um natural de Pernambuco; outro, do Rio de Janeiro. Quem salvou a patria repellindo a invasão estrangeira no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia? Foram os filhos da Terra de Santa Cruz. Quem derramou o sangue pela patria no Monte das Tabocas, nas fortalezas de Nazareth e do Cabedelo, no Arraial do Bom Jesus, no Recife e em mil outros lugares? Foram os filhos deste paiz que á custa de tantos sacrificios quizeram conserval-o unido e independente.

Estas e infinitas outras são as glorias do Brazil. Vós bem o sabeis, Senhores, porém ellas não são assás conhecidas, porque o estudo da historia patria entre nós ainda está pouco generalisado. Cumpre, pois, revelar ao mundo essas glorias afim de que o estrangeiro aprenda a estimar e respeitar o nosso paiz, e a nova geração ache nas façanhas heroicas de seus antepassados um estimulo poderoso ao verdadeiro amor da patria.

Por isto é, Senhores, que eu, admirando vossos trabalhos, publicados na Revista trimensal, e o fim que o Instituto se propõe, resolvi entregar-me de um modo especial ao estudo da Historia do Brazil, ao qual consagrei desde moço toda a minha vida. Poucos são os meios de que disponho, fraca a minha intelligencia; porém farei o que me fôr possivel, e creio que assim poderei desvanecer-me de ter contribuido com meu tanto para a gloria da Terra de Santa Cruz, minha patria adoptiva.

Concluo fazendo votos para que o Instituto celebre este anno do melhor modo que puder o centenario de dois grandes luminares do Brazil. Falo dos padres José de Anchieta e Antonio Vieira: aquelle um dos fundadores da heroica cidade de S. Paulo; este, prodigio maravilhoso de eloquencia. Não tiveram elles, é verdade, a ventura de nascer neste abençoado torrão, mas podemos affirmar que foram mais brazileiros do que muitos daquelles que aqui viram a luz do mundo; por que elles escolheram livremente este paiz para theatro de seus trabalhos, porque nelle viveram mais tempo do que muitos brazileiros de nascimento, e tambem porque amaram heroicamente este paiz, ao qual dedicaram suas faculdades e sua vida.

Permitti, Senhores que manifeste mais uma idéa que neste instante me assoma na mente. Foi um acaso que na semana passada me trouxe a esta capital, e foi outra circumstancia fortuita que me proporcionou o ensejo de vir hoje a esta casa tomar posse da minha cadeira. As conjuncturas, no entretanto, são taes, que, si eu as tivesse cuidadosamente escolhido, ellas não poderiam ser mais favoraveis; porquanto, hontem, 1.° de Maio, occorreu o anniversario verdadeiro da posse que Cabral tomou da Terra de Santa Cruz; amanhã, como todos sabem, celebra-se o anniversario supposto dessa mesma posse. (1)

---

(1) Desde que no principio deste seculo se conheceu a carta de Pedro Vaz Caminha, os autores em geral, adoptando as datas desse documento, affirmaram que Cabral avistou a Terra de Santa Cruz no dia 22 de Abril e tomou posse no dia 1° de Maio; porém a generalidade dos autores precedentes opinaram que o descobrimento se realizou no dia 21 de Abril, e a posse no dia 3 de Maio. Ora, em nosso ver, os colonos, ao dia do descobrimento, para celebrarem o anniversario, preferiram o da posse que, segundo elles, occorreria a 3 de Maio.

Opinamos ser este o unico modo de explicar o porque de se celebrar desde tempo immemorial o anniversario no dia 3 de Maio. O recurso á emenda do calendario, quanto á nós, é impossivel, porque essa correcção, que por certo não foi retroactiva, é posterior. Além disto, parece-nos inutil, porque, pela suppressão de dez dias, iriamos ao dia 1° ou, quando muito, ao dia 2, não ao dia tres de Maio Por outro lado cremos, que esse recurso é desnecessario, porque a explicação acima dada é mais clara, mais facil, mais plausivel.

Vide o par. 38 do Compendio da Historia do Brazil que serviu de titulo para sermos admittido a este nobre Instituto.

Pois bem, Senhores, eu, hoje, dia 2 de Maio, collocado no meio destas duas datas: uma real, outra supposta, tomo posse da minha cadeira: cadeira com que os membros do Instituto, usando de uma condescendencia extraordinaria, quizeram honrar minha nullidade. Eu, portanto, agradecendo do fundo d'alma esta bondade, declaro que apezar de reconhecer minha incapacidade, hei de fazer os maiores esforços para corresponder aos desejos do Instituto revelando ao mundo as glorias do nosso querido paiz. »

O Rev. Sr. Padre Bellarmino foi pelo Sr. Presidente convidado para responder, na ausencia do Orador, e neste caracter, fez em honrosos conceitos o elogio do recipiendario como historiador e como professor; o que agradeceu o novo associado.

O Sr. 1° Secretario communicou que por doente não póde comparecer ás sessões, como tambem não tem vindo á secretaria.

O Sr. Thesoureiro Conselheiro Araripe tambem participou não poder comparecer por incommodo de saude.

EXPEDIENTE

Foram lidos pelo Sr. 1° Secretario os seguintes officios: Da Legação do Brazil em Lisboa, participando ter recebido o officio do Instituto, remettendo, para chegar ao seu destino, o diploma de presidente honorario conferido ao Rei de Portugal e bem assim o officio que o acompanhava, tendo sido entregues os mencionados titulos a Sua Magestade, e recebidos com especial agrado, como se vê na carta do Sr. Conde de Arnoso, enviada pela Legação.

A carta é nestes termos:

« Secretaria particular de S. M. El-Rei.

« Illm. Exm. Sr. Por ordem de Sua Magestade El-Rei, meu Augusto Amo, tenho a honra de significar a V. Ex.ª a grande satisfação com que O Mesmo Augusto Senhor recebeu o diploma de Presidente Honorario do «Instituto Historico e Geographico Brazileiro» e quão gratas são ao

coração de Sua Magestade as levantadas palavras do officio com que V. Ex.ª acompanhou aquelle honrosissimo diploma. Deus Guarde a V. Exª. Real Paço das Necessidades, 4 de Março de 1897.—Illmo. Exm. Sr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, Dignissimo Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Conde de Arnoso*, Secretario Particular de S. M. El-Rei. »

Officio da Commissão da Imprensa, convidando o Instituto para as solemnidades que tem de ser realizadas em honra da Esquadra Chilena.

O Sr. Presidente diz que tendo recebido a 22 de Abril este officio, nomeara uma commissão composta dos Srs. 1.º Secretario, H. Raffard, Barão Homem de Mello e Dr. E. Nunes Pires, para representar o Instituto.

E que tambem fôra nomeada uma commissão composta dos Srs. Barão de Alencar, Barão Homem de Mello e 1.º Secretario, para representar o Instituto na inauguração da estatua do illustrado José de Alencar.

Do Club Litterario, de Morretes, agradecendo a remessa de dous volumes da Revista do Instituto, correspondentes ao anno passado e pedindo outros que faltam para completar a Collecção, que possue, e constam da relação que envia. A' Secretaria para providenciar.

Do Director do Archivo publico Mineiro pedindo que sejam extrahidas para a dita repartição, copias de documentos pertencentes ao Instituto, e concedida autorisação para serem publicados na *Revista* do mesmo Archivo.

Resolveu-se conceder a autorisação pedida, sendo declarada na publicação a procedencia dos documentos, que poderão ser copiados na secretaria do Instituto por pessoa devidamente autorisada pelo Director do Archivo publico Mineiro.

Do Bibliothecario da Escola Polytechnica de São Paulo declarando querer adquirir uma Collecção completa das Revistas do Instituto e pedindo informações sobre o preço e respectivo pagamento. Mandou-se satisfazer.

Do Sr. Daniel Granada enviando a sua obra « Reseña Historica-descriptiva de Antiguas y Modernas Superstitiones del Rio de la Plata », para servir de titulo de admissão como socio correspondente.

A' Commissão de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

O Sr. 1.° Secretario communica que reuniu-se a Commissão de Bibliographia Geographica e deliberou ter uma conferencia com o Sr. Prefeito municipal. Recebida gentilmente pelo Sr. Dr. Furquim Werneck foi pelo mesmo Senhor nomeado o Sr. Medeiros e Albuquerque para juntamente com o mesmo Sr. 1° Secretario combinar sobre o modo de realizar o desejado intento, ficando um empregado do Instituto e outro da municipalidade incumbidos de iniciar os trabalhos sobre o Districto Federal. Inteirado.

O Sr. Dr. Cesar Marques pede informações sobre o andamento que tem tido dous pareceres da Commissão de Historia e que deveriam ter ido a Commissão de admissão de socios.

Deu as explicações convenientes o Sr. 1.° Secretario.

O Sr. Dr. Joaquim Nabuco pede para a Commissão de Estatutos interpor parecer sobre a proposta do Sr. Commendador José Luiz Alves relativa ao proximo centenario de Anchieta.

Resolveu-se officiar ao Relator sobre o assumpto.

Pelo Sr. 1.° Secretario foi lido o balancete apresentado pela Thesouraria do Instituto relativo aos mezes de Janeiro a Março deste anno, demonstrando a

Receita de.....		5:022$900
e a despeza de.....		2:234$000
Havendo o saldo de.....	Rs.	2:788$900

Observa, porém, o Sr. Thesoureiro, qne o saldo supra está sujeito ao pagamento da impressão da Revista Trimensal de 1896, que importa na quantia de 6:605$000.

Foi enviado a Commissão de fundos, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

ORDEM DO DIA

O Sr. Presidente communica ao Instituto que a Exma. Sra. D. Maria das Dores do Amaral Marques, viuva do Major Manoel Euphrazio de Azevedo Marques, autor dos «*Apontamentos Historicos e Geographicos da Provincia de S. Paulo*», pede na carta que apresenta, autorisação para tirar uma nova edição da dita obra, mediante as condições que o Instituto, que tem a propriedade do trabalho original, julgar conveniente estabelecer.

Diz o Sr. Presidente, que estando quasi esgotada a primeira edição, não vê inconveniente em attender-se ao pedido; e assim propõe que seja concedida a autorisação, como se fez em 1895, segundo consta da Acta de 17 de Novembro, com relação á «*Nobiliarchia Paulistana*» de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

E quanto as condições lembra as seguintes: fica resalvado o direito de propriedade do Instituto; na nova edição será declarada a autorisação para ella concedida pelo mesmo Instituto; não se fará no texto da obra alteração alguma; podendo, porém, ser feitas em appendice todos os accrescentamentos, rectificações, emendas ou observações, que pareçam necessarias para o aperfeiçoamento do trabalho original; e, finalmente, será a quarta parte da nova edição dada ao Instituto, que della poderá dispôr, como julgar conveniente.

Julgado objecto de deliberação o pedido feito, o Sr. 1.° Secretario propoz que o Sr. Presidente ficasse autorisado a resolver, como fosse melhor aos interesses do Instituto, conforme as condições pelo mesmo Senhor lembradas e assim a Mesa decidiu.

Estando a hora adiantada não houve leitura de trabalhos e o Sr. Presidente levantou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,

2° Secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA EM 16 DE MAIO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro T. de Alencar Araripe

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Alencar Araripe, H. Raffard, Drs. A. Milton e Castro Carreira, Barão de Loreto, Padre Bellarmino de Souza e Marques Pinheiro, o Sr. Conselheiro Araripe, na ausencia dos Srs. Presidente e Vice-presidentes e de conformidade com os Estatutos assumio a presidencia e abrio a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Sr. 1.º Secretario communicou á Mesa que achando-se fóra da capital o Sr. Presidente, Conselheiro Aquino e Castro, não podia comparecer a sessão. Bem assim os Srs. Drs. Cesar Marques e E. Nunes Pires, não puderam comparecer por doentes.

EXPEDIENTE

Foram lidos os seguintes officios:

Do Congresso Internacional Colonial pedindo a lista dos socios afim de serem convidados para o mesmo Congresso, que será em Bruxellas, por occasião da Exposição Internacional, em Agosto deste anno. Mandou-se satisfazer.

De Abraham de Silva y Molina, remettendo o seu trabalho *Observacion Historica sobre el Gobernador de Valparaiso D. Miguel Antonio Gomez de Silva*. Agradeceu-se.

Do Bureau Communal de Statistique de Budapest pedindo os numeros da *Revista* que faltam para completar a sua Collecção e são os tomos 48, 49, 50, 51, 52 e 53, parte 1ª. Mandou-se satisfazer.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

ORDEM DO DIA

Foi lido o parecer da commissão de fundos, relativo ás contas do ultimo anno financeiro, e submettido a discussão foi approvado.

O parecer é do teor seguinte:

« A commissão de fundos e orçamento, tendo examinado as contas da thesouraria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no anno de 1896, verificou que a receita arrecadada elevou-se a somma de 19:216$000, sendo proveniente de:

Subsidio do Governo Nacional.....	12:000$000
Juros de apolices da divida publica nacional.....	5:040$000
Juros do emprestimo Municipal.....	30$000
Prestações semestraes dos socios.....	816$000
Joias de entrada de socios.....	180$000
Venda de exemplares da *Revista Trimensal*.....	242$000
Donativos.....	200$000
	18:508$000
Saldo de 1895.....	708$000
	19:216$000

A despeza de 1896 foi de 17:723$100 assim classificada:

Publicações do Instituto:

Impressão, brochura, etc., da *Revista Trimensal*, tomo 57.....	4:414$500	
Emendas supplementares e mudança de typo, etc.....	380$000	4:794$500
Impressão, etc., da *Revista Trimensal*, tomo 58.....	4:791$000	
Emendas supplementares, etc.	470$000	5:261$000
		10:055$500

Transporte.....		10:055$500
Brochura da obra *Homenagem a D. Pedro II*.....		738$000
Impressão de balanços avulsos.....		35$000
		10:828$500
Encadernações.....	.....	14$000
Bibliothecario.....	2:672$000	
Escripturario.....	1:800$000	
Porteiro.....	1:200$000	
Cobrador (porcentagem)....	207$600	5:879$600
		16:722$100
Expediente		
Papel, pennas, tinta, etc..	247$000	
Impressão de diplomas.....	58$000	
Dita de etiquetas, etc.....	112$400	
Despezas miudas feitas pela Secretaria.....	418$600	836$000
Eventuaes		
Concertos, reparos, etc.....		165$000
		17:723$100

Toda a despeza está documentada e os documentos têm os requisitos legaes.

Da comparação da receita na importancia de 19:216$ com a despeza effectuada na de 17:723$100, resulta o saldo de 1:492$900, que em 31 de Dezembro de 1896 existia no cofre da thesouraria.

Existiam tambem em cofre 68 apolices da divida publica nacional no valor nominal de 67:200$ e cinco ditas de emprestimo Municipal no valor nominal de 1:000$000.

Nosso digno thesoureiro, o Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, juntou ao balanço de 1896 uma relação manuscripta dos socios fallecidos com debitos de

suas prestações semestraes de 1 de Janeiro de 1881 a 31 de Dezembro de 1896, submettendo-a a apreciação da commissão. Não tendo sido applicada opportunamente a disposição dos Estatutos (art. 43, § 2° de 1890 e art. 27 de 1851) sem duvida por motivos dignos de attenção, e não parecendo provavel agora a cobrança de qualquer parcella desse debito, pensa a commissão que de semelhante fonte não devemos esperar receita.

Em conclusão, a commissão é de parecer: 1°, que sejam approvadas as contas da thesouraria, no anno de 1896; 2°, que seja archivada na thesouraria a relação de debitos a que acima se refere.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 4 de Abril de 1896.—*João Carlos de Souza Ferreira.—Dr. L. de Castro Carreira.* »

Foram tambem lidos os pareceres da Commissão de Estatutos e redacção, consultando sobre as propostas do Sr. Commendador José Luiz Alves; e da Commissão de admissão de socios, opinando que seja aceito socio correspondente o Sr. José Pedro Xavier da Veiga.

Ficam sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

Os pareceres são concebidos nestes termos:

« A Commissão de Estatutos e redacção, incumbida de examinar a proposta do illustre consocio Commendador José Luiz Alves, apresentada em sessão de 27 de Setembro ultimo, para o fim de se deliberar sobre a commemoração de diversos centenarios, vem agora desempenhar a sua incumbencia.

Propõe o nosso consocio, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, commemore em sessões publicas feitas na fórma da sessão anniversaria, que celebramos no dia 15 de Dezembro de cada anno, o 3° centenario do passamento do padre José de Anchieta, no dia 7 de Junho proximo futuro; o 2° centenario da morte do padre Antonio Vieira, no dia 18 de Julho de 1897; o 1° centenario do nascimento do principe D. Pedro de Alcantara, no dia 12 de Outubro de 1898 e finalmente o 4° centenario do descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral, no dia 21 de Abril de 1900.

Pensa a commissão, emquanto aos dois primeiros centenarios, que será inadequada aos motivos da solemnidade a simples celebração de sessões constantes apenas de discursos encomiasticos referentes aos personagens, cuja memoria queremos recordar, como indica a proposta. Portanto, se o Instituto não póde por fórma mais significativa expressar a sua veneração por varões tão benemeritos e engrandecidos por serviços á religião christã e á nossa incipiente civilisação nos tempos coloniaes, convirá antes não realizar uma festividade deficiente, maxime quando em honra do padre José de Anchieta, no Estado de S. Paulo, theatro dos seus mais activos e proficuos trabalhos e em louvor do padre Antonio Vieira, no Estado da Bahia, onde mais fulgurou a eloquencia do insigne prégador sagrado, se annunciam esplendidas manifestações de apreço para glorificação desses dois egregios patriotas, que, além de discursos, terão em outros monumentos a consagração do seu merecimento.

Assim, ser-nos-hia pouco lisongeiro, que o nosso Instituto, a mais antiga e mais conhecida associação litteraria do Brazil, ficasse aquem das honras prestadas a esses varões apostolicos, por outras associações congeneres.

Emquanto á data natalicia do principe supra nomeado, parece que, sendo geral costume celebrar-se o centenario do fallecimento da pessoa a quem se pretende honorificar, e não o centenario do nascimento, devemos conformar-nos com esse uso, e esperar pela época vindoura do obito para então deliberar.

Sobre o centenario do descobrimento do Brazil, entende a commissão, que seria conveniente o Instituto ir preparando os elementos da commemoração desse acontecimento providencial, facto primario da nossa historia, e feliz origem da grande Nação americana, de que nos orgulhamos de fazer parte.

A Commissão de Estatutos e redacção, pois, lembra a necessidade da nomeação de uma commissão especial, que desde já procure estudar os meios de realizar essa commemoração, propondo qualquer providencia

conveniente, inclusive a intervenção dos altos poderes nacionaes em prol do patriotico intuito.

Eis como julga a commissão, que sujeita o seu alvitre ao illustrado criterio do Instituto. Sala das sessões, 16 de Maio de 1897. — *T. de Alencar Araripe.—Henri Raffard.*»

« A Commissão de admissão de socios reputa vantajosa ao Instituto Historico a entrada para o seu gremio, como socio correspondente, do Sr. José Pedro Xavier da Veiga, conhecido homem de letras, e infatigavel pesquisador da historia, especialmente do seu Estado, Minas Geraes, onde exerce com brilho o honroso cargo de director do Archivo Publico. Candidatos nas condições d'este, que promettem trazer contingente valioso á *Revista Trimensal*, o Instituto deve ter pressa em acolher.

Concordando com a illustrada Commissão de Historia, a de admissão de socios é de parecer que seja approvada a proposta do distincto Sr. José Pedro Xavier da Veiga para socio correspondente.

Sala das Sessões, 7 de Maio de 1897.—*Manoel Francisco Correia.—Barão de Alencar.* »

Eu, Secretario, li o trabalho intitulado—*A Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de N. S. da Candelaria* e o emprestimo decretado pelo Alvará de 13 de Março de 1797.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. presidente encerrou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2º Secretario.

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE MAIO DE 1897

Presidencia do Sr. Marquez de Paranaguá, 3º Vice-presidente

A' 1 hora da tarde, reunidos os Srs. Marquez de Paranaguá, Drs. Marques Pinheiro e Nunes Pires (servindo de 1º e 2º Secretarios), Conselheiros Alencar Araripe e Souza Ferreira, Padres Bellarmino de Souza e Raphael

Galanti, Drs. Cesar Marques, Castro Carreira e Aristides Milton, é aberta a sessão.

Participam não poderem comparecer á sessão os Srs. Conselheiro João Alfredo, General J. Severiano, Dr. J. Nabuco e H. Raffard.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente é lido o expediente, que consta das offertas mencionadas no Appendice. Recebidas com agradecimento.

A' Commissão de Estatutos e de redacção, sendo relator o Sr. Alencar Araripe, são remettidas as duas seguintes propostas:

1.ª — « Proponho, que quando os Srs. Secretarios se acharem doentes, ou impossibilitados de exercerem seus lugares por mais de cinco dias, participem ao Sr. Presidente para que este dê as necessarias providencias para serem substituidos.

2.ª — « Proponho que cinco dias depois de qualquer sessão sejam os respectivos papeis dirigidos ás commissões designadas pelo Sr. Presidente. Desde já.

Em 30 de Maio de 1897.—Dr. *Cesar Marques.* »

A' Commissão de admissão de socios, sendo relatores os Srs. Conselheiro Correia e Barão de Alencar as duas seguintes propostas para membros honorarios:

1.ª — « Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro D. Jeronymo Thomé da Silva, arcebispo da Bahia e primaz do Brazil.

A aptidão litteraria do proposto, os serviços prestados ao Estado e á Religião o tornam merecedor desta distincção. E' elle doutor em Philosophia e Theologia, e varios trabalhos litterarios divulgados pela imprensa abonam a sua illustração, tendo-se mostrado notavel e fluente pregador na tribuna sagrada.

O proposto é natural do Ceará, e tem 48 annos de idade.

Sala das sessões, em 30 de Maio de 1897 —*T. de Alencar Araripe.*—Padre *Bellarmino José de Souza.*—Padre *Raphael Maria Galanti.*—Dr. *Cesar Augusto Marques.*—*João Carlos de Souza Ferreira.*—*A. Milton.*—Dr. *E. Nunes Pires.*—*Marquez de Paranaguá.*—*F. B. Marques Pinheiro.*—Dr. *L. de Castro Carreira.* »

2.ª — « Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Sr. Bispo de Nictheroy, D. Francisco do Rego Maia, natural de Pernambuco, de 48 annos de idade, doutor em sciencias canonicas, varão preclaro por saber e virtudes, muito merecedor desta distincção.

O Instituto, que é em nossa Patria a voz dos factos e dos homens, cuja historia passa á posteridade, votando esta proposta faz justiça ao merito e rende culto á virtude.

Ahi estão os seus trabalhos apostolicos e as suas luminosas pastoraes como attestados que realçam os altos merecimentos de tão digno Prelado. Os serviços por elle feitos á sua Diocese são serviços feitos á nossa civilização; a somma de sacrificios neste nobre empenho é mais um titulo para merecer a honra que a nossa associação costuma offerecer aos benemeritos da Patria.

Sala das sessões, 30 de Maio de 1897. — Padre *Bellarmino José de Souza.* — General Dr. *João Severiano da Fonseca.* — *Marquez de Paranaguá.* — Dr. *Cesar Augusto Marques.* — *Barão de Alencar.* — *Joaquim Nabuco.* — *Francisco Baptista Marques Pinheiro.* — *Aristides Milton.* — *João Alfredo Corrêa d'Oliveira.* — Dr. *Evaristo Nunes Pires.* — *Pedro Paulino da Fonseca.* — *Tristão de Alencar Araripe.* — *João Carlos de Souza Ferreira.* — Padre *Raphael Maria Galanti.* — Dr. *Liberato de Castro Carreira.* — *Henri Raffard*, 1º Secretario. »

Fica sobre a mesa para ser votado na proxima sessão o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios, relativo ao Sr. Tancredo do Amaral:

« O parecer da Commissão de Historia sobre as obras do Sr. Tancredo do Amaral é por tal fórma approbatorio da proposta que o indica para socio correspondente do Instituto Historico, que não resta á Commissão de admissão de socios senão repetir, que julga a dita proposta digna de ser approvada.

Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1897. — *Barão de Alencar.* — *M. F. Correia.* »

E' approvado e proclamado socio correspondente do Instituto o Sr. José Pedro Xavier da Veiga, director do Archivo Publico de Ouro Preto.

Acerca da proposta do Sr. J. L. Alves, socio do Instituto, sobre a celebração de sessões solemnes á memoria do Padre José de Anchieta, Padre Antonio Vieira, Pedro Alvares Cabral e D. Pedro I, é lido o parecer da Commissão de Estatutos e redacção.

Fallam a respeito quasi todos os socios presentes; sendo resolvido, por indicação do Sr. Presidente, que, visto não poder o Instituto fazer a commemoração, como é justificado na discussão, relativamente aos dois primeiros vultos, sejam nomeadas commissões para que, em S. Paulo e na Bahia, onde, consta, esse facto se realizará, representem a nossa associação. Assim, são designados os Srs. General Couto Magalhães, Antonio de Toledo Piza e Padre Raphael Galanti, socios do Instituto, no primeiro d'aquelles Estados e no segundo os nossos consocios Dr. José Francisco da Silva Lima, Barão do Desterro e Dezembargador Paranhos Montenegro. Quanto aos dois ultimos vultos de que tratam a proposta e o parecer—após a discussão havida—é esta adiada para a proxima sessão, por indicação dos Srs. Dr. Nunes Pires e Conselheiro Araripe; resolvendo-se então definitivamente a respeito.

Attento achar-se adiantada a hora, não ha leitura de trabalhos; inscrevendo-se, porém, para tal realizarem nas sessões seguintes os Srs. Drs. Aristides Milton e Nunes Pires.

Levanta-se a sessão.

Dr. *E. Nunes Pires*,
Servindo de 2º Secretario.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE JUNHO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiro Aquino e Castro, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Drs. A. Milton, Paranhos Montenegro, Cesar Marques,

Barões de Loreto e de Alencar, Dr. Velho da Silva e Padre Bellarmino de Souza, o Sr. Presidente abrio a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

O Sr. 2º Secretario Dr. Marques Pinheiro, communicou que tendo de assistir neste dia a festa dos Lazaros deixa de comparecer a sessão, sendo convidado para occupar o seu lugar na mesa o Sr. Padre Bellarmino de Souza. A mesma communicação fez o Sr. Dr. Nunes Pires. Participaram igualmente não poder comparecer a sessão os Srs. Conselheiros Correia e Alencar Araripe, este por intermedio do Sr. Dr. Cesar Marques.

EXPEDIENTE

Officio do socio Dr. Antonio de Toledo Piza, communicando que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro foi representado no *Te-Deum* celebrado na Capital de São Paulo por occasião do tricentenario do Padre Anchieta, pela commissão para este fim nomeada e composta dos Srs. socios Dr. Antonio de Toledo Piza, General Couto Magalhães e Padre Raphael Maria Galanti. Inteirado.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

ORDEM DO DIA

Foi lido e votado o parecer da Commissão de admissão de socios, e acclamado socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Tancredo do Amaral.

Achando-se na sala immediata o Sr. André Werneck, o Sr. Presidente nomêa os Srs. 1º Secretario Henri Raffard e Padre Bellarmino de Souza para introduzil-o. Tomando assento o Sr. André Werneck, a quem foram

dirigidas pelo Sr. Presidente lisongeiras phrases de benevolo acolhimento, proferiu o novo consocio o seguinte discurso:

« Sr. Presidente, meus senhores:— A generosidade com que este Instituto procedeu para commigo, distinguindo-me com a honra de entrar para o seu seio, onde as mais altas individualidades de nosso paiz tem fulgurado com seus talentos e luzes, me obriga a continuar a trabalhar, para que possa não desmerecer um titulo por todos vós tão justamente acatado.

E' incontestavel que não ha meio mais positivo de fazer bons cidadãos, do que pela contemplação dos typos que crearam a nossa nacionalidade, despertar o desejo do conhecimento da historia patria, cultivando a veneração pelos que souberam,—com uma clarividencia verdadeiramente admiravel, com abnegação dos seus interesses de momento, sem esperarem recompensas, e ainda muitas vezes tendo a ingratidão dos seus contemporaneos, incapazes de comprehender as condições dos verdadeiros servidores da Patria, e que popularisam de preferencia os demagogos e utopistas, — crear e preparar elementos que futuramente seriam a base da nossa prosperidade e grandeza.

E', pois, condição preliminar para o julgamento dos grandes homens, a observação do meio em que viveram, e, portanto, dos recursos com que contaram para servir á Nação, aproveitando as forças existentes, creando outras, e muitas vezes, com material desequilibrado e heterogeneo, fazer obra duradoura e util, fortalecendo os laços que nos prendem uns aos outros, provocando a solidariedade dos habitantes do mesmo territorio, ainda que de nacionalidades differentes, solidariedade que deu origem ao amor da Patria.

Nós brazileiros, temos um longo passado, que desapparecerá se não procurarmos venerar, habituando toda a Nação a esse acto de aperfeiçoamento moral, aquelles que em tempos difficeis, em épocas para nós pouco conhecidas, porque não podemos nos compenetrar convenientemente das difficuldades com que tivemos de arcar; aquelles que conseguiram glorificar seus nomes, em datas que todas as

nações estavam conflagradas moral e materialmente, em que todos os paizes estavam no embryão de seus governos.

A nossa Patria, portanto, deve procurar symbolisar os servidores a que deve a sua grandeza, os que souberam impor a sua nacionalidade aos contemporaneos ambiciosos de dominios, os que, felizmente, usaram do poder para bem da liberdade e da industria, assim para a grandeza moral e material do paiz.

Em um lance de olhos pelo nosso passado historico, vemos sobresair os typos gloriosos de André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira, firmando de uma maneira immorredoura o caracteristico de uma nação: — territorio inconquistavel á força de armas, de dinheiro ou corrupção; vemos Pombal garantindo a liberdade dos indios, — mais brazileiros que todos nós, — fazendo a liberdade de industria, cogitando da liberdade dos escravos, pretendendo elevar o Brazil transportando para elle a capital portugueza, exterminando o elemento retrogrado que nos ameaçava de um dominio corruptor; destacamos D. João VI, forçado pelas circumstancias de momento, aportando a estas plagas, porém tendo a boa estrella de querer elevar este paiz, legislando sabiamente, de uma maneira bem intencionada, brazileiro, e persistindo com a mesma orientação até o ultimo momento, procurando bem servir ao Brazil com visivel prejuizo da mãi patria.

Meus senhores :

Só o passado póde julgar do valor dos grandes homens, porque só elle entra em acção com o animo desprevenido, abandonando pequenos senões que são communs da natureza humana.

Nós, neste momento, apreciando os feitos daquelles que nos precederam, daquelles que durante o periodo colonial, puderam sobresair pelas obras meritorias ao Brazil, fazemos a funcção de juizes, e representamos a Historia, sempre prompta a perdoar os erros, e disposta a medir os serviços com imparcialidade e firmeza.

Acerca dessas individualidades que aqui indiquei, sei que só póde haver divergencia entre os historiadores na apreciação dos serviços de D. João VI, porque alguns collocam-se no ponto de vista estreito de julgar os actos

desse grande benemerito de nossa patria, como consequencia forçada das circumstancias que o rodearam.

Esse modo de ver, porém, não é legitimo, porque para que o fosse seria preciso que a legislação desse tempo tivesse unicamente em vista os interesses de D. João, e que, terminada a invasão de Portugal, D. João abandonasse o nosso paiz, supprimindo essas regalias que teria concedido por seu interesse pessoal.

Assim, porém, não succedeu. A legislação que comprehende o periodo do governo de D. João VI, trata, com grande e notavel profundeza, com desejos evidentes de acertar, com rara actividade governamental, de todos os problemas que se prendiam á prosperidade do Brazil: legislando sobre agricultura, industrias em geral, direito civil, colonisação, sciencias, lettras, artes e todos os mais assumptos de interesse real ao progresso de nosso paiz.

Si nem todos os seus desejos foram satisfeitos, si nem todos os resultados foram proveitosos como deviam, não foi isso mais do que consequencia do momento historico.

Todos nós vemos que apezar dos recursos que actualmente existem, nem sempre as boas intenções dos governos são realisadas, ficando muitas vezes os seus desejos completamente burlados, por causas inteiramente fóra do seu alcance, por mais previdentes que sejam os homens.

E se hoje com os recursos de civilisação que possuimos assim succede, o que não poderemos tolerar nos governos d'aquelles tempos, em que os meios de acção eram embaraçados pelas difficuldades de toda ordem?

E porque, senhores, não devemos venerar a memoria de D. João VI, como o maior cooperador de nossa Independencia, quando a par da sua sabia legislação armou o paiz de elementos de progresso, agitando as actividades, abrindo fontes de riqueza, fazendo estudar o sertão do paiz, ainda em 1815 elevou o Brazil a Reino Unido, fazendo-o um estado federado e tornando-o quasi que um paiz livre?

Dizem alguns historiadores que esse acto foi signal de leviandade de D. João VI, que sem perceber abriu o caminho de nossa Independencia. E' porém, certo que da legislação do periodo do seu governo, se conclue, que

El-Rei tinha como auxiliares homens de elevado merito intellectual, que sabia de sua livre vontade escolher, e é incrivel que no meio de tantas provas de penetração deixadas pelos eminentes estadistas que o cercavam escapasse essa idéa e não a fizessem lembrar a El-Rei, caso della não tivesse cogitado.

O que, pois, se deprehende como consequencia natural dos precedentes, é que El-Rei ao elevar o Brazil a Reino Unido, o fez com plena consciencia de seu acto. E se sempre procedeu com provas de dedicação ao nosso paiz, ainda mais o fez, quando ao retirar-se deixou D. Pedro como principe regente e com poderes quasi que illimitados, e que foram base de reclamações das côrtes portuguezas.

Si mais precisassemos para demonstrar a consciencia que presidiu a todos os actos de D. João VI, bastaria lembrarmos as palavras com que despediu-se de D. Pedro, e que eram a previsão da sua obra calculadamente preparada e indicavam a seu filho o caminho a seguir. Si D. Pedro até essa occasião não pensasse em nossa Independencia, ficou nesse momento sciente do desejo e apoio de seu pai a esse acto, apparentemente de rebellião.

E' tempo, senhores, de monstrarmos a nação um dos seus maiores servidores, si não o maior, para quem no dizer do illustre 1° Secretario deste Instituto o Sr. H. Raffard, esta terra ainda não se tem mostrado devidamente agradecida.

Eu, abusando da benevolencia com que fui aceito neste Instituto, venho lembrar a conveniencia de ser agitada a idéa de um monumento á gratidão dos que, no regimen colonial, symbolisaram o nosso preparo para nação livre, monumento que deverá ter as figuras de André Vidal, Fernandes Vieira, Pombal, presididas pelo typo calmo e generoso de D. João VI. »

Respondeu a este discurso o Sr. Dr. Cesar Marques, para esse fim convidado pelo Sr. Presidente, na falta do orador do Instituto.

Foi lida uma proposta para socio honorario do Instituto.

Foi remettida a Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

O Sr. Dr. Cesar Marques apresentou a seguinte indicação com referencia a uma proposta anteriormente feita:

« Ao Instituto Historico e Geographico.

Na sessão passada submetti a vossa apreciação uma proposta, que foi julgada objecto de reforma dos Estatutos, e como tal enviada a commissão respectiva.

I

Julgo necessario expôr as rasões, que tive para isso.

Antes porém de o fazer, é necessario declarar, que o Sr. 1° Secretario é elemento componente dessa Commissão, e portanto suspeito neste caso por que trata-se delle, ou de seus actos irregulares e absolutos, como vou provar.

II

Desde que se fundou o Instituto, as propostas para socios eram apresentadas em Mesa, e dahi a 4 ou 5 dias seguiam o destino, que o Sr. Presidente, abraçado com o Regulamento, lhes indicava, e tudo corria com a devida presteza.

Por exemplo:

Supponhamos, que corre o mez de Março, e que o 1° Domingo cahio no 1° dia deste mez, e que houve sessão.

Imaginemos, que se apresentou uma proposta, e que o Sr. Presidente mandou-a para a Commissão de Historia.

No dia 5 essa Commissão recebia os livros, os manuscriptos, ou as provas de habilitação do candidato, estudava-as, e na seguinte sessão, que era no dia 15, apresentava seu parecer.

Approvado este parecer, era enviado á Commissão de admissão de socios, que na seguinte sessão, dia 30, apresentava seu juizo, o qual ficava sobre a Mesa e era votado no dia 15 de Abril.

III

Note bem a Commissão, a que me dirijo : em todo este percurso ou giro gastou-se só 45 dias, e tudo andou regularmente, sem delongas excusadas, e sem demoras inuteis e caprichosas.

IV

Esta praxe, este uso, ou este costume foi observado e seguido pelos Srs. 1os Secretarios, entre outros, Warnhagen, Porto-Alegre, Lagos, Joaquim Manoel de Macedo, Souza Fontes, Carlos Honorio, Fernandes Pinheiro, Moreira de Azevedo, etc., etc.

Nunca, como homens intelligentes, olharam obstaculos.

Nunca como homens sensatos e prudentes julgaram-se, sua sponte, com direito de alterar este uso.

V

Mal empossado o actual 1° Secretario foi seu primeiro cuidado alterar esta praxe, observada a tantos annos, e por tanto em pleno vigor, sem consultar o Instituto, sem as attenções, que devia ter com o seu superior, e com os seus collegas.

Houve nisto alguma vantagem ?

Vejamos.

VI

Supponhamos, que no dia 1° de Março houve sessão, e que nesse dia foi apresentada uma proposta, e que ella foi mandada para a Commissão de Historia.

Segundo o capricho do Sr. Raffard, elle só a fez seguir depois da sessão do dia 15.

Lá se vão 15 dias de demora.

Indo afinal para a dita Commissão de Historia ella apresenta seu parecer no dia 30 do mesmo mez de Março.

Approvado este parecer, devia seguir logo para a Commissão de admissão de socios.

O Sr. Raffard porém a prende em si, e só a faz seguir depois da sessão de 15 de Junho.

Mais dias perdidos!

A Commissão de admissão de socios deu seu parecer no dia 30 de Junho, o qual approvado fica sobre a mesa para ser votado no dia 15 de Julho.

Contem-se os dias: — 75 dias de longas demoras, quando outr'ora apenas eram 45 dias, isto é, mais um mez, mais 30 dias!

VII

Raciocinemos.

Qual é a vantagem desta alteração? nenhuma, absolutamente nenhuma.

Quem autorisou o Sr. Raffard a fazer esta alteração?

Se o Regulamento nada diz á tal respeito, tem a pratica antiga sempre observada, o uso velho sempre empregado, e o costume de tantos annos, sempre em vigor, e que elle devia acatar e respeitar.

Tinha elle, repita-se, no Regulamento algum poder para tal fazer?

As suas attribuições estão marcadas no art. 29 de nosso Regulamento.

Logo eu não faço senão propugnar a bem do Instituto.

Talvez soffra nova dose de insultos, como os que soffri no dia 20 de Março, achando-me ausente: que coragem!

Não estou porém disposto a continuar a ser martyr.

Felizmente no Brazil temos Tribunaes e Juizes.

Sala das Sessões, em 13 de Janeiro de 1897.— *Dr. Cesar Augusto Marques.* »

E' remettida á Commissão de Estatutos, sendo relator o Sr. Alencar Araripe.

O Sr. Barão de Alencar communica que a commissão nomeada para representar o Instituto na inauguração da

estatua de José de Alencar, em 1° de Maio de 1897, desempenhou o seu dever, tendo no acto proferido o seguinte discurso:

«Em nome do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, saudo a estatua de José de Alencar.

A homenagem da illustre Associação, — dil-o a escolha de minha pessoa para orgão da commissão encarregada de represental-a neste acto —, é profunda e sem restricções.

Com effeito, senhores, o Brazil sagra hoje a reputação do grande escriptor. Diante da apotheose do seu nome, — diante deste monumento levantado em honra sua, só cabe o applauso amplo e pleno á glorificação de sua penna. Que panegyrico maior que aquelle, que a consciencia nacional mandou gravar na linguagem lapidaria de estatuario? Que elogio poderiam dictar meus proprios sentimentos de irmão, que exprimisse mais do que significa uma estatua? — Um povo só perpetua no bronze a memoria de seus grandes homens, — a gloria dos homens immortaes.

Acham-se presentes a esta acclamação patria, — o Estado e a Nação: — a terra natal do illustre Cearense, — o municipio da nossa grande capital, — as lettras, as sciencias e as artes, — a sociedade e o povo —; em uma palavra — a *patria Brazileira*. A imprensa occupa o seo posto de honra, sempre a frente das manifestações triumphaes.

Para o Chile, que por uma feliz coincidencia, assiste a tão popular solemnidade, personificado nos officiaes de sua esquadra, o nome de José de Alencar já é conhecido desde muito. Um dos mais distinctos oradores e litteratos Chilenos, Carlos Walker Martinez, pranteou, ha quasi 20 annos, a perda do grande romancista Brazileiro. Igualmente, na Republica Argentina, no Uruguay e na Bolivia, os seus livros são lidos e tem sido traduzidos. Não ha pois exagero em affirmar, que a fama litteraria do seu nome é tambem Americana.

E' ao mesmo tempo Européa. Prova-o a versão de obras suas em inglez, allemão, francez, hespanhol e italiano. Attesta-o, sobretudo, a presença espontanea aqui do illustrado Ministro de Portugal, o Sr. Conselheiro Antonio

Ennes, que tanto representa a Nação como as lettras Portuguezas.

Uma tendencia natural, senhores, predispõe certos temperamentos a cultivar a imaginação; e a imaginação é a *alma parens* da litteratura e dos homens de lettras. José de Alencar foi um desses temperamentos. Sua alma de artista, — a imaginação fulgurante que coloria com igual primor as mimosas delicadezas da arte e as scenas magestosas da natureza Brazileira, era, como elle disse no prologo de um de seus dramas (MÃE), uma herança materna. Foi tambem no seio da mulher sem macula, que gerou-se a indole divina do redemptor da humanidade.

Outro traço saliente que o distinguia, era o caracter: — uma vontade independente e soberana que não obedecia senão a si propria e que fez delle a individualidade que foi, — nas lettras e na politica. Como a aguia no seu largo vôo, elle ia sempre só.

Essa, fôra a herança paterna, — a herança daquelle cujo nome honrou e que a Historia apresenta como um exemplo de probidade civica e inexcedivel patriotismo.

Devo recordar uma circumstancia. A idéa de levantar-se a estatua de José de Alencar surgiu e tomou corpo no tempo do Imperio. Ella mereceu portanto a sancção da geração a que elle pertenceo.

José de Alencar, senhores, não foi membro do Instituto Historico; mas pode-se dizer, que corresponde ao honroso diploma o alto conceito que elle merecia da conspicua Associação, o qual ficou registrado no discurso necrologico pronunciado na Sessão magna de 15 de Dezembro de 1888, na augusta presença de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II, que dirigia ainda os destinos do Brazil. Nesse applaudido discurso, tão brilhante e notavel pelo contexto, o illustrado orador do Instituto e seu interprete fiel e autorisado, fazendo o elogio dos socios fallecidos naquelle anno, referio-se largamente a incidentes da época em que escrevera José de Alencar e classificou-o « o maior vulto litterario de então ».

Nestas singelas, embora desalinhadas palavras, deixo consignada a representação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro na inauguração da estatua do

grande escriptor, restando-me apenas formular, em face della, um voto identico aos que se gravavam no pedestal dos antigos monumentos Romanos :— « *Esto perpetua.* »

Pelo Sr. Dr. Aristides Milton foi lida uma memoria intitulada — *A Republica e Federação no Brazil — Acontecimentos na Bahia.*

Pelo Sr. Padre Bellarmino de Souza foi offerecida uma cópia do inventario das peças de ouro e prata da Cathedral do Rio de Janeiro desde a sua fundação, do regresso do Sr. D. João VI para Lisboa, até 1850, acompanhada de algumas notas. Foi remettida a Commissão de Redacção.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão.

Padre Bellarmino de Souza,
Servindo de 2° Secretario

8.ª SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE JULHO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Barão Homem de Mello, Barão de Loreto, Souza Ferreira e Couto de Magalhães, Drs. Marques Pinheiro, A. Milton, Castro Carreira, Martins Junior, Velho da Silva e Padre Bellarmino de Souza, servindo de 2.° Secretario, á convite do Sr. Presidente, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do Sr. Ministro das Relações Exteriores, datados de 17 e 22 do mez proximo passado, pedindo no

primeiro, permissão para que o capitão Felinto Alcino Braga examine os mappas que indicar, e que por ventura existam na Bibliotheca do Instituto, referentes aos limites do Brazil com a Guyana Franceza; no segundo que se lhe confie o Livro 1.° da Chronica da Missão da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão, pelo Padre João Felippe Bettendorff (copia manuscripta pertencente ao Instituto) afim de serem extrahidas diversas cópias pedidas com urgencia pelo Sr. Rio Branco; e mais, sendo possivel, informação sobre o lugar em que se acha o original do mesmo documento.

Consultada a mesa, foram, por deliberação da mesma, dados ao Sr. Presidente amplos poderes para resolver sobre o caso, como fôr conveniente.

Do Sr. Ministro do Brazil, nos Estados Unidos, Dr. Salvador de Mendonça, communicando ter feito entrega, por intermedio do Secretario particular do Sr. Presidente dos Estados Unidos, do diploma de Presidente honorario deste Instituto, conferido ao Sr. Grover Cleveland, em data de 16 de Novembro do anno passado.

Do Bibliothecario da Academia Real de Stockholm (Suecia) propondo troca das publicações deste Instituto com as da Academia Real de bellas lettras, historia e antiguidades de Stockholm.

Foi aceita a proposta, e neste sentido foi respondido o officio de 28 de Maio passado.

Do Presidente do Instituto Geographico e Historico da Bahia, enviando a relação dos funccionarios do mesmo Instituto eleitos em Assembléa geral para o exercicio de 1897 á 1898. Agradeceu-se.

Do 1.° Secretario Sr. Henri Raffard, pedindo dispensa temporaria do exercicio desse cargo, por motivo de molestia de pessoa de sua familia e do serviço de illuminação publica de Nictheroy, de que se acha encarregado.

Foi attendido o pedido, sendo o Sr. 1.° Secretario substituido interinamente pelo Sr. Dr. 2.° Secretario, na fórma dos Estatutos.

Do socio Sr. José S. Soto, datado de Buenos-Ayres, accusando o recebimento do officio em que lhe foi communicada a nomeação de socio correspondente deste

Instituto, agradecendo a mesma nomeação e promettendo offerecer em breve ao Instituto um trabalho seu no qual consigna em fórma de Diccionario o maior numero de pseudonymos Europeus e Americanos recopilados durante alguns annos de trabalho e entre os quaes figuram autores brazileiros, em grande numero.

Por ultimo pede para a Associação de guerreiros do Paraguay, que publica a revista historica — *Album da Guerra do Paraguay* — e da qual já tem conhecimento o Instituto, uma collecção da nossa *Revista*, propondo se á remetter em troca as publicações de interesse historico e geographico. A' Secretaria para informar.

Do Club Naval, communicando que no dia 11 de Julho tomou posse e entrou em exercicio o novo conselho administrativo eleito para o exercicio de 1897 a 1898. Inteirado.

O Sr. Conselheiro Correia participa que por doente não póde comparecer.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Dr. Castro Carreira offerece ao Instituto os annaes do Senado e da Camara dos Deputados de 1880 á 1889. Agradeceu-se.

ORDEM DO DIA

Achando-se ausente o Sr. Affonso Celso, o Sr. Presidente nomeia o Sr. Barão Homem de Mello para servir interinamente como membro da Commissão de admissão de socios.

Foi feita a seguinte proposta :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico o Sr. Padre Joaquim Silverio de Souza, natural de Minas Geraes, servindo de titulo de admissão a sua obra — *Sitios e personagens*. — Sala das

Sessões, 11 de Julho de 1897.— *J. V. Couto Magalhães — João C. de Souza Ferreira.— A. Milton— J. M. Velho da Silva.* »

A' Commissão subsidiaria de Historia, sendo relator o Sr. Padre Bellarmino.

O Sr. Marques Pinheiro, propõe o seguinte :

« Proponho que o Instituto, ouvida a Commissão de fundos, segure em uma ou mais companhias a nossa bibliotheca, museu e mais haveres. Em 11 de Julho de 1897. —*Marques Pinheiro.* »

A' Commissão de fundos, sendo relator o Sr. Conselheiro Souza Ferreira.

São lidos os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios :

1.° — « A proposta relativa a admissão do Sr. D. Francisco do Rego Maia, Bispo de Nictheroy, para socio honorario do Instituto Historico, está assignada por quinze firmas e apresenta, como attestados dos altos merecimentos do illustrado e virtuoso Prelado, os seus trabalhos Apostolicos e luminosas pastoraes.

Cabe innegavelmente ao Sr. Bispo de Nictheroy uma das cadeiras vagas em nosso recinto pelo fallecimento dos illustres sacerdotes que as occupavam.

O digno Bispo pertence a categoria dos que o Papa Gregorio 7.° denominou em uma das suas epistolas — *Bispos legaes* ; — isto é, d'aquelles Bispos que, além de legitima e canonicamente eleitos, são eminentes em lettras e virtudes.

Achando-se, pois, o Sr. Bispo de Nictheroy, por sua reconhecida illustração e elevada representação Ecclesiastica, nas condições litteraes do § 1.° do art. 10 dos Estatutos, a Commissão de admissão de socios é de parecer, que seja elle reconhecido, nos termos da respectiva proposta, socio honorario do Instituto Historico e Geophico Brazileiro.

Rio, 11 de Julho de 1897.—*Barão de Alencar— Homem de Mello.* »

2.° — « As qualidades que exornam o reverendo Arcebispo da Bahia D. Jeronymo Thomé da Silva, seus notorios talentos, seus apreciaveis trabalhos litterarios,

e suas virtudes exemplares o tornam merecedor da distincção de figurar entre os socios honorarios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como propõem dez illustres consocios.

A Commissão de admissão de socios é de parecer que a proposta seja approvada. Rio, 11 de Julho de 1897.— *Manoel Francisco Correia—Homem de Mello.* »

Ficam sobre a mesa para serem votados na seguinte sessão.

O Sr. Padre Bellarmino de Souza lê um documento sobre a fundação da Capella de Nossa Senhora do Rosario da Cidade de Souza, na Parahyba do Norte.—Fundação da cidade — seus templos — sua posição geographica — seu clima.

Não havendo mais nada a tratar-se o Sr. Presidente levanta a sessão.

Padre *Bellarmino de Souza*,
Servindo de 2.° Secretario.

9.ª SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE JULHO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, achando-se presentes os socios Srs. Conselheiros Aquino e Castro, Marquez de Paranaguá, Barões Homem de Mello e de Alencar, Drs. Castro Carreira, Marques Pinheiro, A. Milton e Joaquim Nabuco, Visconde Rodrigues de Oliveira, Barão de Santa Anna Nery, e Padre Bellarmino de Souza, servindo de 2° Secretario, a convite do Sr. Presidente, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Conselho Municipal, offerecendo o primeiro volume (1892—1894) da *Collecção de leis Municipaes*

do Districto Federal ; do Club Euterpe, do Estado do Pará, pedindo copias de documentos e publicações referentes ao glorioso autor do *Guarany*, o maestro Carlos Gomes, cujo passamento, em seu primeiro anniversario a mesma sociedade, da qual foi socio o illustre morto, pretende commemorar em Setembro proximo. Satisfaça-se.

O Sr. Presidente communica á Mesa o resultado da commissão de que se incumbiu perante o Sr. Ministro das Relações Exteriores, quanto á obra manuscripta do Padre João Felippe Bettendorff.

Em seguida dá noticia do fallecimento de dois socios do Instituto, nos seguintes termos:

« Senhores: — O Instituto Historico acaba de perder mais dois dos seus dignos consocios; e, assim, vai tendo o pezar de ver, dia a dia, mais rareada a brilhante phalange dos seus esforçados lidadores.

O Commendador Antonio José Gomes Brandão, socio benemerito, recebido em nosso gremio em 1890, e fallecido ha pouco, em Pariz, pelo extremoso interesse que mostrava pelo Instituto, concorrendo com efficaz auxilio pecuniario para os encargos da Associação, frequentando com assiduidade as suas sessões e tomando parte activa em seus trabalhos, recommendou-se ao justo apreço e cordial estima, que sempre lhe foram tributados.

O Dr. Alfredo Piragibe, nosso antigo consocio effectivo, fallecido nesta capital a 13 deste mez, igualmente concorreu com as suas luzes e reconhecida aptidão para o desenvolvimento do Instituto, que o contava no numero dos seus mais illustrados consocios.

Não frequentava por ultimo as nossas sessões, como antes o fizera, por não lh'o permittirem, talvez, os trabalhos de que se occupava, e, entre esses o da direcção do Internato do Gymnasio Nacional, importante cargo que lhe fôra confiado, ha annos, e bem desempenhara até a data do seu fallecimento.

O Instituto Historico, fazendo inserir na acta da presente sessão, um voto de profundo pezar por tão

sentidas perdas, cumpre um triste e doloroso dever, que bem quizera não ter de desempenhar tantas vezes, quantas o destino infelizmente, nestes ultimos tempos, tem lhe imposto. »

OFFERTAS

As que constam de Appendice.

ORDEM DO DIA

Procedendo-se por escrutinio secreto á votação dos pareceres da Commissão de admissão de socios, relativos aos Revds. Srs. Arcebispo da Bahia e Primaz do Brazil, D. Jeronymo Thomé da Silva, e Bispo de Nictheroy, D. Francisco do Rego Maia, foram os mesmos senhores aceitos por unanimidade e proclamados socios honorarios do Instituto Historico.

Não havendo mais nada a tratar-se, o Sr. Presidente encerra a sessão.

Padre *Bellarmino de Souza*,
Servindo de 2° Secretario.

10.ª SESSÃO ORDINARIA EM 8 DE AGOSTO DE 1897

Presidencia do Sr. Marquez de Paranaguá

A' 1 hora da tarde, reunidos os Srs. socios Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Dr. Alfredo Nascimento, Barões Homem de Mello, de Capanema e de Loreto, Conselheiro Souza Ferreira, Drs. Marques Pinheiro, Velho da Silva, Sacramento Blake, Couto Magalhães, A. Milton, Paranhos Montenegro, Barão de Sant'Anna Nery, Dr. Castro Carreira, Visconde Rodrigues de Oliveira, Conselheiro Pereira de Barros e Padre Bellarmino de Souza, servindo de 2° Secretario, é aberta a sessão.

EXPEDIENTE

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1° Secretario declara não ter recebido officios e procede a leitura das offertas, que vão mencionadas no Appendice.

ORDEM DO DIA

Sobre a proposta do Sr. Marques Pinheiro « que se segure em uma ou mais Companhias a Bibliotheca, Museu e mais haveres do Instituto Historico », é lido e approvado o seguinte parecer da Commissão de fundos e orçamento:

« A' Commissão de fundos e orçamento foi enviada a proposta apresentada na sessão de 11 de Julho findo pelo nosso digno consocio Sr. Dr. Marques Pinheiro e concebida nos termos seguintes: « Proponho que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, ouvida a Commissão de fundos e orçamento, segure em uma ou mais Companhias a nossa bibliotheca, muzeu e mais haveres. »

Não ha compensação pecuniaria para a perda possivel dos mappas e manuscriptos originaes, dos livros unicos ou rarissimos, dos objectos insubstituiveis do nosso muzeu, constituindo tudo isto inestimavel thesouro, fructo de longos esforços e generosas contribuições.

Pensa, todavia, a Commissão que equivaleria ao aniquillamento da Associação tão util e patriotica como o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a destruição da nossa bibliotheca, muzeu e mais haveres, visto que é exiguo nosso patrimonio social: amparar esses bens é dever que não se póde adiar.

As companhias de seguro na praça do Rio de Janeiro não aceitam facilmente seguros de bibliothecas; mas a Commissão tem razões para acreditar que as denominadas « Argos Fluminense, Garantia » e talvez outras merecedoras de alta confiança, não se recusariam a aceitar uma proposta do Instituto.

Os parcos e precarios recursos de que dispomos mal chegam para attender aos serviços indispensaveis; entende,

porém, a Commissão que o nosso orçamento deverá supportar a despeza com o premio de seguro calculado sobre um valor razoavel, attendendo-se á importancia do assumpto.

Concluindo a Commissão é de parecer que merece a approvação do Instituto a citada proposta do Sr. Dr. Marques Pinheiro.

Rio de Janeiro, em 6 de Agosto de 1897. — *João Carlos de Souza Ferreira — José Luiz Alves — Dr. Castro Carreira.* »

O Sr. Sant'Anna Nery offerece ao Instituto uma cópia do compendio de doutrina christã em lingua Amazonia, que, por proposta do Sr. Barão Homem de Mello e depois de consultada a Mesa, é confiada ao Sr. Couto Magalhães para examinar e dar parecer.

O Sr. Dr. Alfredo Nascimento offerece o retrato do Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, ultimo Presidente do Instituto, e uma estampa do monumento em memoria da guerra do Paraguay, pelo Sr. Caminhoá. Agradeceu-se.

Os Srs. Paranhos Montenegro, Sant'Anna Nery e Barão Homem de Mello propõem que nenhum trabalho seja publicado na *Revista do Instituto Historico* sem prévia approvação da maioria da Commissão de Redacção e que seja restabelecida a orthographia classica de que sempre usou o Instituto. Foi approvado.

Pelo *Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros* foram pedidos os volumes 55—1ª Parte (1° e 2° trimestres -1893), 59—2ª Parte (3° e 4° trimestres—1896). e bem assim os volumes 6, 16, 17, 18, 19, 20 e 21 da *Revista do Instituto Historico* que lhe faltam para completar a collecção. A' Secretaria para providenciar.

Pelo Sr. Aristides Milton é offerecido um exemplar do projecto do novo Codigo Penal da Republica em discussão actualmente na Camara dos Deputados ; trazendo as assignaturas em original dos membros da commissão parlamentar, que o organizou. Agradeceu-se.

E' feita a seguinte proposta:

« Propomos que o Instituto continue a publicação das *Memorias do Instituto Historico e Geographico*

Brazileiro, interrompida desde 1839: devendo constituir o 2° tomo desta publicação a reimpressão da obra *Imago Mundi* de Pedro d'Ailly, um dos maiores monumentos scientificos do seculo XV e que tanta luz derrama sobre as questões historicas concernentes ao grande acontecimento do descobrimento da America. Sala das sessões do Instituto Historico, em 8 de Agosto de 1897.—*Homem de Mello.—Couto Magalhães.—Barão de Capanema.—João Carlos de Souza Ferreira. — José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.—J. M. Velho da Silva.—Padre Bellarmino José de Souza.— F. B. Marques Pinheiro. — Henri Raffard.* »

Approvada, vai a commissão de Redacção para o fim indicado.

Não havendo mais assumpto para a ordem do dia, o Sr. Presidente levanta a sessão.

Padre *Bellarmino de Souza*,
Servindo de 2° Secretario.

11.ª SESSÃO ORDINARIA EM 22 DE AGOSTO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia

A' 1 hora da tarde, reunidos os socios Srs. Conselheiros M. F. Correia, H. Raffard, Dr. Alfredo Nascimento, Conselheiro Alencar Araripe, Barão de Alencar, General Couto Magalhães, Barão Homem de Mello, Conselheiro Sousa Ferreira, Dr. Sacramento Blake, Dr. Nunes Pires, Desembargador Paranhos Montenegro, Barão de Sant'Anna Nery, Visconde Rodrigues de Oliveira, Dr. Aristides Milton, Dr. Cesar Marques e padre Bellarmino de Sousa, servindo de 2.° Secretario, o Sr. Conselheiro M. F. Correia declara aberta a sessão, communicando haver o Sr. Conselheiro Aquino e Castro participado não poder comparecer.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officio: — Da Companhia Typographica do Brazil em que diz que « em vista da grande baixa de cambio e consequente augmento do custo de todas as materias primas, vê-se, máu grado seu, na contingencia de augmentar o preço de suas obras; assim, pois, previne que o preço da *Revista do Instituto* para o anno de 1898 será de 60$000 por folha de 8° em vez de 52$000, como era até agora. » Vai á Commissão de Redacção.

Uma carta do socio correspondente, residente em Pariz, Sr. Aristide Marre, em que pede delegação para representar alli o Instituto Historico no decimo primeiro Congresso dos Orientalistas. Não tendo comparecido á sessão o Sr. Presidente Conselheiro Aquino e Castro, a quem foi remettida a carta, á elle compete resolver sobre o caso.

Uma extensa carta do socio correspondente Dr. Alfredo Ferreira Rodrigues, em que pede, por ter de publicar alguns trabalhos, além de outros documentos, o roteiro dos primeiros exploradores do Rio Grande, que faz parte da collecção recolhida pelo padre Diogo Soares, no seculo XVII, collecção que pertenceu a Varnhagen, e que existe hoje na Bibliotheca do Instituto. Vai á Commissão de Redacção.

Pelo socio honorario Sr. Bispo de Nictheroy, D. Francisco do Rego Maia, é remettido um exemplar da sua ultima Pastoral, publicando a Encyclica de Leão XIII sobre o Espirito-Santo. Este documento de Sua Santidade o Papa reinante, e que fica no archivo do Instituto, é, diz o Sr. padre Bellarmino (por intermedio de quem foi feita a entrega da referida Pastoral): « uma das provas do immenso saber theologico do actual Pontifice, do zelo apostolico com que elle pretende fechar este seculo expondo em largas bases toda a doutrina, que faz o obejecto da fé catholica. »

O Sr. Dr. Cesar Marques pede informações, que são dadas pelo Sr. Secretario, á respeito das commissões nomeadas para representar o Instituto nos centenarios do Padre Vieira na Bahia e Anchieta em S. Paulo.

O mesmo senhor dá explicações sobre o seu não comparecimento ás tres sessões passadas.

O Sr. Nunes Pires communica á Mesa que, por motivo justificavel, deixou de comparecer ás ultimas sessões.

O Sr. Sant'Anna Nery é nomeado membro *ad hoc* da Commissão subsidiaria de Historia, para pronunciar-se sobre um parecer da mesma commissão.

O Sr. Conselheiro Correia profere as palavras seguintes:

« Ao assumir interinamente esta cadeira tenho de cumprir o penoso dever de transmittir-vos a triste noticia do fallecimento do nosso venerando consocio, o Visconde de Valdetaro.

Senhores, entre as missões que ao cidadão cabem desempenhar nenhuma é superior á que toca ao magistrado digno deste nome.

Se, na politica, se póde chegar ao alto cargo de chefe de Estado, se nas casas do Congresso se póde muito propôr e votar a bem da Nação, é na magistratura que repousa a garantia efficaz dos direitos do cidadão. Nenhum attentado póde ser maior que o de conspirar contra a sua inteira independencia.

Ora, o nosso finado consocio figura como astro de primeira grandeza entre os magistrados que ornam e têm ornado a sua classe no Brazil.

A verdade de seus serviços nesta missão é mais um motivo de mór significação para que o Instituto, que perde tão illustrado consocio, lance na acta um voto de profundo pezar. »

O Sr. Souza Ferreira propõe que o Instituto se faça representar nos suffragios do illustre morto, sendo para este fim nomeados os Srs. Alfredo do Nascimento, Sousa Ferreira e Padre Bellarmino.

ORDEM DO DIA

E' feita a seguinte proposta :

« Sendo esperada brevemente nesta cidade a Commissão Scientifica que partiu de Antuerpia no dia 16 do corrente, composta dos Srs. Capitão Adrien Gerlache, Tenente Lecointe, Tenente Dares, Srs. Aretocoski, Racovitza e outros, a qual segue em viagem de exploração ás regiões do polo Antarctico, propomos que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro celebre uma sessão extraordinaria para recebel-a solemnemente, pondo ás suas ordens os documentos e obras existentes em seu archivo, que possam interessar aos fins de tão alto alcance para os progressos da sciencia.

Sala das sessões do Instituto Historico, em 22 de Agosto de 1897.—*Homem de Mello.—Couto Magalhães. — Sousa Ferreira. — T. Alencar Araripe. — Henri Raffard.*» E' approvada.

E' feita ainda a seguinte proposta :

« Propomos para socio correspondente deste Instituto o Reverendo Padre Julio Maria, outr'ora Julio Cesar de Moraes Carneiro, filho de Firmino Julio de Moraes Carneiro e D. Maria Angelica de Moraes Carneiro, nascido na cidade de Angra dos Reis a 20 de Agosto de 1850, e doutor em direito pela Faculdade de S. Paulo.

E' autor de varios livros philosophicos e historicos, como o que tem por titulo — *Pensamentos e Reflexões* (já em segunda edição) e *Questões politicas*. Serve-lhe de titulo para admissão: sua *Primeira conferencia*, de uma serie que encetou nesta cidade e tem por titulo — *A crise social e os preconceitos religiosos no Brazil*.

Rio, 22 de Agosto de 1897.— *Sacramento Blake.— Homem de Mello.— Henri Raffard. — Visconde Rodrigues de Oliveira.*»

Vai á Commissão de Historia, sendo Relator o Sr. Joaquim Nabuco.

E' lido e approvado o seguinte parecer da Commissão subsidiaria de Historia.

« A' Commissão subsidiaria de Historia foi entregue para dar parecer, o livro — *Sitios e Personagens* — de que é autor o Sr. Padre Joaquim Silverio de Souza, proposto para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro por cinco illustrados consocios.

Lido e examinado o livro do illustre sacerdote, filho da terra mineira, onde, como elle diz na sua citada obra á pag. 14 « é mais pronunciado, mais patriarchal, mais activo o sentimento catholico», a Commissão subsidiaria de Historia começa felicitando a tão prendado escriptor por tão util trabalho.

Não é simplesmente uma narração de factos e datas, é um verdadeiro livro philosophico-historico, embora de caracter local, onde o seu autor descreve factos, lugares e homens; uma collecção de tudo que se prende á nossa historia em espaço limitado, tendo para cada um dos acontecimentos uma surpresa historica, uma novidade, um conto, uma lenda, uma reflexão ou juizo circumstanciado e critico; é emfim, um trabalho de merecimento, cuja leitura desperta o gosto pelas nossas chronicas, muitas das quaes se acham esquecidas no interior do Brazil.

Além disto, *Sitios e Personagens* é um livro doutrinador, escripto em estylo classico, primoroso pela correcção, agradavel pela fórma.

Alli são citados alguns de nossos primeiros chronistas e historiadores, como os bem conhecidos autores da *Chorographia Brasilica* e das *Memorias Historicas do Rio de Janeiro*, os Srs. Padre Manuel Ayres de Casal e Monsenhor José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo.

Em muitos pontos das suas narrações e descobertas, o autor como que se esquece da chronica local e lança-se em cheio no dominio da historia geral da nossa Patria, dando aos factos o cunho religioso dos melhores tempos do Brazil.

De accôrdo com a doutrina dos conceitos, ahi exarados, considerando que o trabalho do Sr. Padre Joaquim Silverio de Sousa é um grande titulo para a sua entrada

em nossa associação, a Commissão subsidiaria de historia é de parecer que seja elle votado para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Sala das sessões, 22 de Agosto de 1897. — Padre *Bellarmino José de Sousa*. — *Sant'Anna Nery*.»

Vai á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

E' lido o seguinte parecer que deu o Sr. Couto Magalhães sobre o compendio de doutrina christã em lingua Amazonas, offerecido ao Instituto pelo Sr. Sant'Anna Nery:

«Senhores socios do Instituto Historico: O manuscripto em lingua dos indios de Manáos trazido de Pariz por um dos nossos illustres consocios, o Sr. Barão de Sant'Anna Nery, e que me foi entregue para eu o traduzir em portuguez, já foi impresso em Leipzig em 1853 na obra — *Christomatia da lingua brazilica* pelo Dr. Ernesto Ferreira França.

Nesta obra estão impressos tres exemplares desse manuscripto na pag. 162, sem traducção; outro á pag. 170 com traducção em portuguez; outro á pag. 188, tambem sem traducção, e neste ultimo identico aos outros na parte que está impressa, vem o titulo que nos indica o autor, que é o finado Padre Marcos Antonio, grande mestre da lingua.

Sou de parecer que o manuscripto seja impresso na *Revista do Instituto*, não só porque é mais completo ou mais extenso do que os que estão publicados, como porque o que está publicado tem numerosissimos erros na parte que está escripta na lingua *nheengatú ou tupi*, erros que em grande parte não existem no manuscripto.

São tão pouco numerosos os textos da lingua brazilica existentes hoje, que a publicação deste, correcto com a orthographia empregada hoje pelos linguistas para linguas não escriptas, é serviço relevante para as letras patrias.

Rio, 22 Agosto de 1897. — General *Couto Magalhães*.»

O Sr. Sant'Anna Nery agradece o parecer, e faz observações sobre o assumpto, de muito interesse para o Instituto.

O Sr. Padre Bellarmino lê um soneto que a tradição diz ser do Padre Feijó, offerta que lhe fez o velho vigario collado de Alfenas (Minas Geraes) e faz a respeito o discurso seguinte :

REFUGIUM PECCATORUM

(*Soneto do Padre Diogo Antonio Feijó*)

O coração que chora resignado,
Tendo perdido as illusões da vida,
Como passaro em busca de guarida,
Acolhe-se ao teu seio immaculado.

E's como um rio azul, rio sagrado,
Em cuja transparencia adormecida,
Transforma-se a vida pervertida
E se lavam as manchas do peccado.

Bemdita sejas tu, cuja bondade
Tem sorrisos de paz e redempção
Para os tristes que choram na orphandade.

E para a dôr que não tem consolação,
Bemdita sejas tu, que és — Piedade.
Conduzindo a miseria pela mão. (*)

« Senhores :—Todo o Brazil sabe que o Padre Diogo Antonio Feijó escreveu aquella celebre — *Demonstração da necessidade da abolição do celibato clerical pela Assembléa Geral do Brazil e da sua verdadeira e legitima competencia nesta materia* publicada no fim da 3.ª sessão legislativa a 20 de Setembro de 1827.

Contra as theorias do Padre Feijó (theorias jansenistas dos estadistas daquella época), divulgadas em folheto com aquelle titulo, sahiu-se em 1828 o erudito

(*) Este soneto foi recitado pelo velho vigario de Alfenas (Minas Geraes), dizendo que a tradição o tem como producção de Feijó. — Padre *Bellarmino de Sousa*.

Padre Luiz Gonçalves dos Santos com uma importante serie de 16 cartas, que elle intitulou-a *voz da verdade da Santa Igreja Catholica*, onde refutou uma a uma as proposições da referida *Demonstração*, estudando a questão sob todos os pontos de vista das necessidades, das conveniencias, da razão theologica, da natureza, da consciencia, da philosophia, da historia, e confundindo o seu adversario com argumentos irrespondiveis.

Foi uma discussão calorosa, terrivel entre os dous contendores, havendo mesmo troca de palavras escriptas mais vehementes do que caridosas. Na doutrina e na logica o Padre Luiz Gonçalves levou vantagem a Feijó, pelo seu admiravel fundo de saber e de erudição.

Senão fosse tomar tempo aos nossos trabalhos, eu reproduziria aqui alguns de seus argumentos; mas, não se tratando agora desta questão, mil vezes discutida e outras tantas refutada por autoridades de valor contra os anti-celibatarios, limito-me a dizer que o livro, hoje raro, do Padre Gonçalves dos Santos teve enorme aceitação no seu tempo e foi dedicado ao Episcopado Brazileiro, merecendo do sabio Arcebispo Marquez de Santa Cruz toda a sua approvação com um simples — *non prævalebunt*.

Bem merecia o diagnostico de *febre casamenteira* aquillo que atacou o espirito daquella época, quando tudo começava no Brazil, entre a sua independencia e a abdicação do primeiro imperador, no periodo dos ensaios, das experiencias, das discussões entre o jansenismo das escolas portuguezas transportado para o Brazil e o catholicismo prégado pelos jesuitas.

Temos prova disto no aviso de 28 de Agosto de 1824, dando instrucções a monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, Encarregado dos negocios de Brazil em Roma, pelo Sr. Luiz José de Carvalho e Mello, depois Visconde da Cachoeira, com quem Feijó vivia de perfeito accôrdo.

No pensar de muitos, a emancipação politica do Brazil devia ter seu complemento na emancipação religiosa do clero, e, por conseguinte, de toda a nação, não com a liberdade dos cultos, mas com o escandalo de uma igreja nacional ou scisma felizmente mallogrado.

Não sei como separar os juizos da historia dos acontecimentos politicos. Ha tão completa ligação entre aquelles e estes que não se póde escrever factos sem a critica que acompanha os mesmos e os desenvolve. Quanto á mim esta é a parte substancial da historia, sendo que tudo mais é accidental na vida de um povo.

O pensamento inspirador do movimento de 1817, embora desorientado pela desejada proclamação da Republica do Equador, com quebra da unidade da futura patria, foi o da independencia, que cinco annos mais tarde se fez, com applauso geral do norte e do sul.

Para este resultado o clero brazileiro concorreu com o seu patriotismo e o seu sangue.

Conforme um documento que existe publicado no *Brazil Historico* por Mello Moraes, o facto da independencia foi provavelmente aconselhado a Pedro I pelo Padre Belchior, que tinha as mesmas idéas dos outros como Alencar, Luiz José, Roma e Antonio Pereira, em 1817, pagando os dois ultimos com a vida a sua temeridade.

A faculdade de casar concedida pela Assembléa Legislativa, como em França, no periodo revolucionario, seria, talvez, um premio ao clero pelos serviços prestados á causa patriotica.

Seja como fôr, a Assembléa Legislativa crearia a ordem dos Bispos e Padres constitucionaes casados, e não acabaria com a disciplina ecclesiastica até hoje respeitada nos paizes catholicos pelo clero fiel.

O facto historico é, que em França a parte do clero *desligada da lei ecclesiastica do celibato pelo decreto civil da Assembléa*, vio-se na necessidade de exercer os mais baixos empregos; muitos gemeram em prisões, como os Bispos Gobel, Lamourette e Fauchet, outros comeram o pão amargo do desterro, como Panisset e Hamart, e outros, mais felizes, lançaram-se aos pés de Pio VI.

Foi um erro de Feijó pretender a suppressão da lei essencialmente moral do celibato. Se, como homem politico, elle é hoje elogiado por esta tentativa, como sacerdote, que se justificou depois, merece defeza, não pelo seu projecto absurdo, mas pelo seu procedimento posterior, correcto e louvavel.

Vencidos pela prova esmagadora dos argumentos produzidos pelos que, como o Padre Luiz Gonçalves, estiveram ao lado da boa disciplina, os anti-celibatarios tiveram que ceder diante da opposição tremenda da maioria do clero.

« Já os antigos, diz Gonçalves dos Santos, adoravam a santidade e faziam voto de castidade, ao menos temporariamente, emquanto eram empregados no culto. O poeta lyrico na sua Ode 2ª do Liv. I dá o epitheto de Santas ás Virgens—*Virgines Sanctæ*. O mesmo lyrico diz que as Sibylas tinham ordenado que virgens escolhidas e meninos castos entoassem o hymno aos Deuses Protectores de Roma. *Virgines lectas, puerosque castos Diis... dicere Carmen.* »

Rousseau pensa que todas essas pretendidas necessidades não têm a sua fonte na natureza, porém na voluntaria depravação dos sentidos.

Feller, philosopho catholico citado pelo contendor de Feijó, diz:

« Se o celibato é nocivo a certos temperamentos, que á elle não são destinados por Deus, que distribue a vocação aos homens, é na verdade muito vantajoso a outros, que perfeitamente ignoram não sei que *necessidade physica* imaginada nestes ultimos tempos por homens que confundem a corrupção com a natureza. »

Joviniano, porque igualou em merecimento o estado conjugal com o da virgindade e da continencia, foi desterrado pelos imperadores Theodosio e Honorio, depois de ser fortemente combatido por S. Jeronymo e S. Agostinho.

O sabio Orsini, autor da interessante obra — LA VIERGE, onde elle se se apresenta como — *membre d'l'Institut historique de France et du Brésil* — completa a historia da virgindade de Maria que um santo thaumaturgo chama — *fonte de luz e flor immaculada da vida* — nas tradições do Oriente, nos escriptos dos Santos Padres e na historia privada dos Hebreos.

Bella é a historia deste povo, cuja religião, embora exterior e figurativa, com um sacerdocio de familia como a de Aram, e com um ministerio de tribu como a de Levi,

ainda assim Deus lhe ordenou uma reserva de continencia, particularmente imposta aos sacerdotes durante a guarda do santuario.

Nesta obra de Orsini, que um critico hespanhol classificou de — *Uma das maiores epopêas deste seculo* — e que mereceu a benção papal de Gregorio XVI em carta escripta a seu autor em 1845, o espirito christão encontra os motivos por que a Igreja Catholica proclama o celibato para os funccionarios do culto.

A Igreja, que tem dado aos seculos milhares de virgens castas e santos heroicos, não póde ter a responsabilidade dos abusos da lei tão santa do celibato que ella creou para os que livremente se consagram ao serviço do Altar.

E' em virtude desta lei que os apostolos, sem affectos do coração e sem laços de familia, vão aos confins da terra convidar os povos para o Reino de Deus, instruil-os com a palavra e edifical-os com o exemplo. A' este devotamento apostolico dos primeiros missionarios do Brazil devemos os fructos da civilisação e da liberdade, que vieram attestar o immenso beneficio que o catholicismo nos fez.

Não é esta a occasião para discorrer sobre o assumpto; de martyres e santos, de confessores e virgens a Igreja está cheia.

Feijó, renunciando a regencia em 1837, renunciou tambem os seus erros; lembrou-se de seu sacerdocio, e não só publicou aquella retractação assignada de S. Paulo em 10 de Julho de 1838, tal qual se acha na *Revista do Instituto Historico*, como ainda, em seu retiro, escreveu esta *Supplica*, em verso, que entrego ao Instituto como mais uma prova da energia de seu caracter.

Guarde o Instituto esta bella inspiração do homem e do padre; do homem que foi para a sua patria o que como sacerdote foi para a sua igreja — um grande estadista e um grande arrependido—exemplo do filho prodigo voltando para a casa paterna.—Padre *Bellarmino José de Sousa.* »

O Sr. Castro Carreira inscreve-se para ler numa das sessões seguintes um trabalho seu.

O Sr. H. Raffard, 1° Secretario, propõe que se dê gratificação pecuniaria ou ordenado mensal á um auxiliar do Instituto que tem servido com assiduidade desde 17 de Janeiro deste anno corrente.

Vai á Commissão de Fundos e orçamento para dar parecer; relator o Sr. Conselheiro Sousa Ferreira.

O Sr. Conselheiro M. F. Correia lê um trabalho sobre a recente obra—*Memorias do meu tempo*—de que é autor o socio honorario Conselheiro João Manoel Pereira da Silva. Vai á Commissão de Redacção, relator o Sr. Conselheiro Araripe.

A's 3 horas da tarde, não havendo mais assumpto a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

Padre *Bellarmino de Sousa*,
2° Secretario interino.

12.ª SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE SETEMBRO de 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e M. F. Correia, H. Raffard, Conselheiros A. Araripe, Sousa Ferreira, Barão Homem de Mello, Barão de Loreto, Desembargador Paranhos Montenegro, Drs. A. Milton e Cesar Marques, Padre Bellarmino de Souza, Visconde Rodrigues de Oliveira e Marques Pinheiro, faltando com participação os Drs. Castro Carreira e Nunes Pires, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior, depois de uma reclamação do Sr. Dr. Cesar Marques quanto a omissão de um requerimento que fez sobre a commissão nomeada para representar o Instituto no centenario do Padre Vieira, na Bahia. O Sr. Dr. Marques Pinheiro informa á respeito que em tempo foram expedidas as necessarias communicações. O Sr. Desembargador Paranhos

Montenegro tambem dá noticia do que houve relativamente a representação do Instituto nas festas do centenario do Padre Antonio Vieira, celebradas na cidade de S. Salvador, pelo Instituto Historico da Bahia. A commissão, apezar de não ter recebido as communicações, representou o Instituto nessa solemnidade.

EXPEDIENTE

O Sr. 1º Secretario leu os seguintes officios:

Da Commissão da Colonia Hespanhola convidando o Instituto para assistir ás exequias de D. Antonio Canovas del Castillo, no dia 6 do corrente, em S. Francisco de Paula. O Sr. Presidente nomeou uma commissão para assistir ao acto, composta dos Srs. Barão Homem de Mello, Desembargador Paranhos Montenegro e Padre Bellarmino;

Do presidente do Estado de Goyaz, Sr. Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim, remettendo a «Mensagem» apresentada á Camara dos Deputados desse Estado. Agradeceu-se.

Da bibliotheca publica da Victoria pedindo diversos numeros da Revista. A' Secretaria para providenciar.

Da Commissão organisadora do «Congresso scientifico Latino Americano», em Buenos-Ayres. A' Commissão de Redacção.

Do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, agradecendo a offerta de livros e pedindo os numeros que faltam para completar a collecção da Revista. A' Secretaria para providenciar.

O Sr. Conselheiro Sousa Ferreira communica ter a Commissão nomeada, para assistir ás missas por alma do Sr. Visconde de Valdetaro, desempenhado este piedoso encargo, apresentando condolencias á familia do illustre morto, a qual agradeceu o attencioso acto do Instituto.

O Sr. Dr. Cesar Marques pediu informações sobre a resolução do Instituto relativa aos bustos dos presidentes Visconde de Bom Retiro e Joaquim Norberto. O Sr. Presidente declarou que já se havia providenciado á respeito.

Pediu mais informação sobre uma proposta, que ha tempos fez apresentando o Sr. Bispo D. Joaquim Arcoverde, para socio honorario do Instituto e a qual se não deu ainda andamento. Mandou-se proseguir nos termos dos Estatutos.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Dr. Moreira deAzevedo, por intermedio do Sr. Conselheiro A. Araripe, offereceu o retrato do historiador e poeta laureado R. Southey; e o Sr. Barão Homem de Mello, em nome do Sr. deputado Pedro Chermont, a obra illustrada, intitulada « L'Etat de Pará. » Agradeceu-se.

Foi lido o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios:

« A Commissão de admissão de socios nada tem a oppôr á proposta que indica o nome do illustrado Padre Rvmo. Joaquim Silverio de Souza para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, sendo portanto de parecer que seja a mesma approvada.

Sala das Sessões, 31 de Agosto de 1897.— *Barão de Alencar.* — *Manoel Francisco Correia.* — *Homem de Mello.* »

O parecer ficou sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão.

Foram apresentadas as seguintes propostas:

1.ª— « Propomos para socio benemerito, de conformidade com o art. 12 § 2º dos Estatutos, o Bacharel Commendador Antonio Manoel Airoza, maior de sessenta annos, capitalista e proprietario, recommendavel por suas distinctas qualidades.

Sala das Sessões do Instituto Historico, 5 de Setembro de 1897. — *O. H. d'Aquino e Castro.* — *Manoel Francisco Correia.* — *Henri Raffard.* — *F. B. Marques Pinheiro.* — *T. de Alencar Araripe.* »

A' Commissão de admissão de socios, relator o Sr. Barão de Alencar.

2.ª—« Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. General F. Raphael

de Mello Rego, natural de Pernambuco, com setenta e quatro annos de idade, servindo de titulo o seu trabalho — *Limites de Goyaz com Matto Grosso.*

Sala das Sessões, 5 de Setembro de 1897. — *Henri Raffard.* — *F. B. Marques Pinheiro.* — *Homem de Mello.* »

A' Commissão subsidiaria de Geographia, sendo relator o Sr. Contra-Almirante Guillobel.

ORDEM DO DIA

O Sr. Visconde Rodrigues de Oliveira fez a leitura do seu trabalho — *Projecto de reconstituição das finanças brazileiras.*

Concluida a leitura o Sr. Dr. Cesar Marques propoz que fosse offerecida uma copia ao *Jornal do Commercio*, para ser publicada, e assim o resolveu a Mesa.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2.° Secretario.

13.ª SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE SETEMBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, reunidos os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, A. Araripe e Sousa Ferreira, Barões de Loreto e Homem de Mello, Drs. Milton, Nunes Pires, Castro Carreira, Alfredo Nascimento, Paranhos Montenegro, Marques Pinheiro, Machado Portella e Cesar Marques, Barão de Sant'Anna Nery e Padre Bellarmino de Souza, servindo de 2° Secretario, abre-se a sessão.

No impedimento do Sr. H. Raffard, que communica não poder comparecer á sessão, o Sr. Marques Pinheiro passa a occupar o lugar de 1° Secretario e lê a acta da sessão anterior, que é approvada.

O Sr. Paranhos Montenegro communica que a commissão nomeada para assistir ás exequias do Sr. Canovas del Castillo, desempenhou o seu dever assistindo ás referidas exequias.

O Sr. Barão Homem de Mello lê uma carta do Sr. 1° Secretario, ausente, em que diz: «a commissão scientifica, que vai ao Polo Antarctico, e cuja chegada é aqui esperada, já sahio de Ostende á 24 do mez proximo passado, devendo aqui chegar no fim do corrente mez », o que communica á Mesa para os devidos fins já propostos.

O Sr. 1° Secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. E. Abreu, Secretario da commissão executiva (Lisboa), enviando o primeiro volume do relatorio (documentos) da mesma commissão, que tem por fim a Subscripção Nacional para a defeza do paiz. (Portugal). Agradeceu-se.

Do socio General Couto Magalhães restituindo ao Instituto o compendio de doutrina christã escripto em lingua Tupy, que lhe foi emprestado para extrahir uma copia.

Do Secretario *de la Sociedad Geografica* de Lima (Perú), remettendo um exemplar *de la Geografia Comercial de la America del Sud*. Agradeceu-se.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Conselheiro Sousa Ferreira apresenta a seguinte relação das obras do Dr. Amaro Cavalcanti as quaes nesta data offerece ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro: Resenha financeira do Brazil, 1 volume,

O meio circulante nacional, 2 volumes, A reforma monetaria, 1 volume, Elementos de finanças, 1 volume, Politica e finanças, 1 volume. Estas obras tem todas caracter historico e mereceram ser premiadas pelo jury da «Exposição de trabalhos juridicos », realizada nesta capital em 7 de Setembro de 1894, com excepção da que foi publicada em data posterior (1896). Agradeceu-se.

ORDEM DO DIA

São feitas as seguintes propostas :

1ª. — « Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, Bacharel em sciencias juridicas e sociaes, advogado nesta capital, membro do corpo docente da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro e 1° Secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros, servindo de titulo de admissão a sua memoria historica intitulada: *Cincoenta annos de existencia*, em que o autor desenvolve a historia e a vida social daquelle Instituto que em 1894 celebrou o seu jubileu. Sala das Sessões, 19 de Setembro de 1897.—Dr. *Alfredo Nascimento.—T. G. Paranhos Montenegro.—F. B. Marques Pinheiro.* »

A' Commissão de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

2ª. — « Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, natural do Rio Grande do Norte, advogado, de 48 annos de idade, e autor de numerosos trabalhos sobre finanças e de caracter historico, podendo servir de titulo para sua admissão a obra intitulada — *O Meio circulante nacional*. Sala das Sessões, em 19 de Setembro de 1897. — *A. Milton. —Padre Bellarmino de Souza.— T. G. Paranhos Montenegro.— F. B. Marques Pinheiro. — Dr. Alfredo Nascimento.—E. Nunes Pires.* »

A' Commissão subsidiaria de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Velho da Silva.

O Sr. Dr. Cesar Marques pede informação sobre o andamento dado á proposta que fez relativamente ao Sr. Lauro Sodré, e por motivo do fallecimento de Carlos Gomes no Estado do Pará. Informou o Sr. Presidente que a proposta tinha sido remettida a commissão competente, para dar parecer.

Procedendo-se á escrutinio secreto, foi unanimemente approvado e acclamado socio correspondente do Instituto o Sr. Padre Joaquim Silverio de Souza, autor do livro—*Sitios e Personagens.*

O Sr. Dr. Castro Carreira lê um trabalho seu refutando topicos da *Descripção Geographica abreviada da Capitania do Ceará pelo Coronel de Engenheiros A. J. da Silva Paulet*, já publicada na Revista do Instituto.

Não havendo mais assumpto á tratar, o Sr. Presidente levanta a sessão ás 2 1/2 horas da tarde.

Padre *Bellarmino de Souza*,
2º Secretario interino.

14.ª SESSÃO ORDINARIA EM 3 DE OUTUBRO de 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Conselheiros Alencar Araripe, Barões Homem de Mello, de Alencar, de Loreto, Souza Ferreira, Drs. A. Milton, Cesar Marques, Nunes Pires, L. Werneck, Padre Bellarmino de Sousa e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da ultima sessão.

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Ministro da Belgica, Conde de Wiener van den Steen de Jehay accusando o recebimento da

participação do Instituto de haver resolvido receber em sessão a Commissão Belga que é presidida pelo Sr. Adrien de Gerlache, quando tocar neste porto, em viagem para o Polo Antarctico e agradecendo esta prova de apreço aos seus concidadãos.

Do presidente do Estado da Parahyba, Dr. Antonio Alfredo da Gama e Mello enviando a « Mensagem » apresentada á Assembléa Legislativa desse Estado.

Do Dr. Antonio de Souto, residente em Havana, ilha de Cuba, offerecendo um trabalho de sua lavra, para titulo de admissão como socio correspondente do Instituto. — A' commissão de redacção.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Conselheiro Correia offereceu o seguinte documento: « Officio do Quartel general do primeiro Corpo do exercito libertador em Curityba, de 27 de Março de 1894, dirigido ao Presidente da Commissão do emprestimo de guerra, Barão de Serro Azul, convidando-o a reassumir o exercicio, por ter sido lançado novo emprestimo, reclamado pelas necessidades das forças em operações. »

E' remettido a Commissão de Redacção.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Thesoureiro A. Araripe, apresentou o balancete do 3º trimestre deste anno. — A' Commissão de fundos e orçamento, sendo relator o Sr. Conselheiro Sousa Ferreira.

Foram apresentadas as seguintes propostas:

1.ª — « Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Conselheiro Antonio Ennes de Souza, Ministro de S. M. Fidelissima na Republica dos Estados Unidos do Brazil, cujos trabalhos litterarios o conceituam um dos mais abalizados escriptores da lingua portugueza, sobresahindo entre elles o consciencioso estudo historico que fez sobre o Brazil e que foi encorporado na monumental historia universal de Cesar Cantú, tão elegantemente transladada para a nossa lingua pelo eminente litterato.

Sala das Sessões, 3 de Outubro de 1897. — *O. H. d'Aquino e Castro.* — *Henri Raffard.* — *João Carlos de Sousa Ferreira.* — *Manoel Francisco Correia.* — *T. Alencar Araripe.* — *José Luiz Alves.* — *F. B. Marques Pinheiro.* - *Marquez de Paranaguá.* — *Barão de Loreto* — *Dr. Cesar A. Marques.* »

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr Barão Homem de Mello.

2.ª — «Propomos para socio honorario o Illm. Exm. Sr. D. Joaquim d'Arco-Verde, sacerdote que muito se salienta pelo brilho de suas virtudes, pelo seu variado saber, e pelos importantes serviços prestados a Igreja Catholica Apostolica Romana, pelo que acha-se hoje elevado a Cadeira Archiepiscopal do Rio de Janeiro.

Sala das Sessões, 3 de Outubro de 1897. — *O. H. d'Aquino e Castro.* — *Manoel Francisco Correia.* — *Marquez de Paranaguá.* — *Henri Raffard.* — *F. B. Marques Pinheiro.* — *T. de Alencar Araripe.* — *Dr. Cesar Augusto Marques.* — *Barão de Loreto.* — *Padre Bellarmino de Souza.* — *Homem de Mello.* — *João Carlos de Sousa Ferreira.* — *E. Nunes Pires.* — *André P. L. Werneck.* — *A. Milton.* »

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

3.ª — « Propomos, para membro do Instituto Historico, o Sr. Dr. Laudelino de Oliveira Freire, natural de Sergipe, professor adjunto do Collegio Militar; servindo-lhe de titulo de admissão os trabalhos que ora apresenta — *Noticia geographica e historica do Estado de Sergipe* e a *Chorographia de Sergipe*, aquelle manuscripto, este publicado no *Jornal do Commercio.*

Sala das Sessões, em 3 de Outubro de 1897. — *E. Nunes Pires.* — Padre *Bellarmino de Souza.* — *João Carlos de Sousa Ferreira.* — *F. B. Marques Pinheiro.* »

A' Commissão de Geographia, sendo relator o Sr. Marquez de Paranaguá.

4.ª — « De conformidade com o art. 12 § 2° dos Estatutos, propomos para socios benemeritos os Srs. Commendador Luiz Alves da Silva Porto e Conselheiro Luiz Martins do Amaral, Directores do Banco da Republica

do Brazil. que notoriamente se recommendam por suas qualidades.

Sala das Sessões, 3 de Outubro de 1897. — *O. H. d'Aquino e Castro.—Manoel Francisco Correia.—Marquez de Paranaguá.—Henri Raffard.—F. B. Marques Pinheiro.—T. Alencar Araripe. — E. Nunes Pires.* »

A' Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão Homem de Mello.

Foi apresentado o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios:

« A Mesa, ao propôr para socio benemerito do Instituto o Sr. Commendador Bacharel Antonio Manoel Airosa, declara que o faz de conformidade com o art. 12 § 2.° dos Estatutos.

Concorrendo no Sr. Commendador Airosa as demais condições de idoneidade por suas distinctas qualidades pessoaes e posição social, a Commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a respectiva proposta da Mesa.

Sala das Sessões, em 3 de Outubro de 1897.—*Barão de Alencar.—Manoel Francisco Correia.—Homem de Mello.*»

Fica sobre a Mesa para ser votado em tempo.

O Sr. 1.° Secretario communica haver sido offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio Xavier de Simas um quadro a oleo com o retrato de D. Pedro 2.° em 1857, e que já está collocado no lugar competente.—Agradeceu-se.

O Sr. Dr. Cesar Marques pediu de novo informações sobre a proposta relativa ao Estado do Pará, por motivo dos serviços e honras tributadas ao maestro Carlos Gomes.

O Sr. 1.° Secretario ficou encarregado de verificar o que ha, e informará na proxima sessão.

ORDEM DO DIA

O Sr. Conselheiro Correia fez a leitura de um trabalho seu sobre os bispos de Chrysopolis e de Anemuria.

Nada mais havendo a tratar e estando a hora adiantada o Sr. Presidente encerrou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2.° Secretario.

15ª SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE OUTUBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e M. F. Correia, H. Raffard, Conselheiros Alencar Araripe, Barão Homem de Mello, Desembargador Paranhos Montenegro, Padre Bellarmino de Souza, Drs. Castro Carreira, Sacramento Blake, Velho da Silva, Nunes Pires, Cesar Marques e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Não houve expediente.

OFFERTAS

As que constam do Appendice. E mais pelo Sr. Conselheiro Correia um officio de Gumersindo Saraiva, commandante em chefe do 1º corpo do exercito em operações no Estado do Paraná, expedido em Curityba a 26 de Março de 1894, ao presidente da commissão do emprestimo de guerra.

Fazendo o offerecimento deste documento original, o Sr. Conselheiro Correia ponderou que, como brazileiro, não desejava a revolta de 6 de Setembro de 1893, e, como paranaense, não podia senão sentir a occupação do seu Estado pelas forças revolucionarias; mas que, uma vez dada a revolta e a occupação, o que cumpria era reduzir ao minimo o soffrimento da população do mesmo Estado. Esse foi o objectivo do commercio de Curytiba e da commissão por elle eleita.

Foi á Commissão de redacção e agradeceu-se.

O Sr. Dr. Cesar Marques propoz e a Mesa approvou que uma commissão nomeada pelo Sr. Presidente felicitasse em nome do Instituto o Chefe do Estado pela victoria de Canudos.

O Sr. Presidente nomeou para a commissão os Srs. Drs. Cesar Marques, A. Milton e Desembargador Paranhos Montenegro.

O Sr. Conselheiro Correia fundamentou a proposta, que vai adiante transcripta, dizendo: E' de manifesto interesse para a historia patria que se reunam desde já elementos seguros sobre as occurrencias que celebrisaram Canudos, no Estado da Bahia, tanto mais quanto, agora mesmo a legenda se vai apoderando do assumpto. Pensou em propôr ao Instituto que o Sr. Presidente nomeasse um dos nossos consocios para redigir e apresentar uma memoria sobre o assumpto.

Para levar a effeito a idéa era, porém, preciso que algum digno consocio aceitasse a pesada, embora gloriosa, incumbencia. Ninguem, no Instituto, desconhecerá, que se o nosso illustre consocio, o Sr. deputado Dr. Aristides Milton aceitasse a tarefa, estaria ella confiada a boas mãos.

Escreveu-lhe e depois fallou-lhe communicando o seu pensamento. Em resposta recebeu a carta que lê e offerece ao Instituto por ser digna de figurar na Acta :

« S. C., 13 de Outubro de 1897.

Exm. Am°. Sr. Conselheiro Correia :

Neste momento recebi a carta, que se dignou dirigir-me, em data de ante-hontem, consultando-me si por ventura aceitarei a honrosa incumbencia de escrever, para o Instituto Historico de que ambos nós fazemos parte, uma memoria imparcial e exacta sobre as occurrencias de Canudos, Estado da Bahia.

Amigo do trabalho, e sinceramente interessado pelo bom nome e manifesta utilidade daquella patriotica associação, me seria muito agradavel prestar-lhe mais um pequeno serviço.

Mas, á parte mesmo a incompetencia do escriptor, eu penso que é cedo ainda para se escrever aquella memoria com a exactidão e a imparcialidade que devem constituir —em todo caso—o objectivo e a gloria do historiador.

Si a memoria alludida não tivesse de ser lida logo no anno proximo futuro, talvez eu me encarregasse de redigil-a. Receio porém que o pouco espaço de tempo, que assim me deixam, venha prejudicar a verdade e a

justiça, com que precisa ser tratado assumpto de tamanha relevancia.

Me submetterei, comtudo, ao que fôr deliberado pelo Instituto, sob a indicação do illustrado consocio de quem me confesso Collega e Am°. Obr.— *Aristides A. Milton*. »

Julga, continuou S. Ex., estar portanto, autorisado para apresentar com utilidade a seguinte proposta :

« Proponho que, no manifesto interesse da historia patria, o Sr. Presidente nomeie um dos membros do Instituto para apresentar-lhe, e, sendo possivel, em sessão do anno futuro, uma memoria sobre as occurrencias de Canudos, Estado da Bahia.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em 17 de Outubro de 1897.—*Manoel Francisco Correia.* »

Approvada a proposta pela Mesa, o Sr. Presidente nomeou o Sr. Dr. A. Milton para escrever e apresentar a indicada memoria.

Foram lidos os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios :

1.° — « O art. 11 dos Estatutos dispõe :—« Para a admissão de socio honorario requer-se proposta assignada ao menos pela maioria dos membros da Mesa ».

Acha-se conforme com essa disposição a proposta concernente á admissão do Exm. Sr. D. Joaquim d'Arco Verde para socio honorario do Instituto.

E attentos os serviços prestados por tão virtuoso e illustrado sacerdote á Igreja Catholica, Apostolica Romana, tão salientes que mereceram de Sua Santidade o illustre Papa Leão XIII, a escolha de sua pessoa para Arcebispo da Capital do Brazil, a Commissão de admissão de socios é de parecer que seja approvada a dita proposta.

Sala das Sessões, 17 de Outubro de 1897.—*Barão de Alencar.—Manoel Francisco Correia.—Homem de Mello.* »

2.°—« A Commissão de admissão de socios, apreciando devidamente os procedentes motivos que justificam a proposta para socio honorario do Sr. Conselheiro Antonio Ennes de Souza, Ministro de S. M. Fidelissima na

Republica dos Estados Unidos do Brazil, é de parecer que a dita proposta da Mesa seja approvada.

Sala das Sessões, em 17 de Outubro de 1897. — *Homem de Mello.* — *Barão de Alencar.* — *Manoel Francisco Correia.* »

Ficaram sobre a mesa para serem votados na proxima sessão.

Foi apresentado o seguinte parecer da Commissão subsidiaria de Historia acerca da proposta do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti para socio do Instituto Historico Geographico Brazileiro :

« Os trabalhos litterarios em grande numero, como se vê da enumeração dos mesmos, e sobretudo os volumes em que trata especialmente das materias aridas e arduas, como sejam, os estudos historicos, na devida ordem chronologica, das diversas fórmas, condições e circumstancias, das rendas publicas com o indispensavel criterio, acompanhando todas as alternativas por que tem passado este importantissimo ramo da administração publica desde longos annos, tudo isto manifesta intelligencia illustrada, estudo aprofundado e paciente, e vasto conhecimento do systema fiscal da Fazenda publica, em que se cotejam datas, vantagens e desvantagens, manifestando-se neste judicioso processo notavel proficiencia.

Portanto o Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, candidato muito merecidamente apresentado para socio do Instituto Historico, receberá uma distincção que lhe é devida por todos os titulos e esta importante e utilissima instituição acolhe mais uma illustração em seu seio.

Sala das sessões, em 10 de Outubro de 1897.— Dr. *José Maria Velho da Silva*, relator da Commissão Subsidiaria de Historia. — Padre *Bellarmino José de Souza.* »

Foi approvado e remettido á Commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. Barão Homem de Mello.

Foi mais apresentado e lido o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios :

« A Commissão de admissão de socios, conformando-se inteiramente com a proposta da Mesa, é de parecer que sejam proclamados socios benemeritos os Srs

Commendador Luiz Alves da Silva Porto e Conselheiro Luiz Martins do Amaral.

Sala das sessões, 17 de Outubro de 1897.—*Homem de Mello.* — *Barão de Alencar.* — *Manoel Francisco Correia* ».

O Sr. Conselheiro Araripe, Thesoureiro, declarou haver recebido hoje dez apolices do valor de 200$ cada uma, do Sr. Conselheiro Amaral e dez do Sr. Commendador Porto.

A' vista desta declaração o Sr. Conselheiro Correia propoz a votação desde já do parecer apresentado, no que concordou a Mesa, correndo o escrutinio foram unanimemente eleitos e proclamados pelo Sr. Presidente, socios benemeritos do Instituto Historico os Srs. Conselheiro Luiz Martins do Amaral e Commendador Luiz Alves da Silva Porto.

O Sr. 1° Secretario prestou as informações pedidas pelo Sr. Dr. Cesar Marques e a que se refere a acta anterior; declarando que a indicação do mesmo consocio, segundo consta da acta de 25 de Outubro do anno passado, publicada no vol. 59, pag. 318 da *Revista*, foi enviada á Commissão de redacção para dar seu parecer a respeito.

O Sr. Presidente communicou á Mesa que o Sr. Ministro do Interior lhe pedira que apresentasse uma memoria ou noticia historica sobre o Instituto desde a sua fundação até hoje; e que havendo organisado esse trabalho, apresentava-o para ouvir o parecer dos Srs. consocios.

Lida a memoria, a Mesa attendendo á relevancia com que foi tratado o assumpto, resolveu, por proposta do Sr. Conselheiro Correia, que seja impressa na *Revista* e por additivo do Sr. 1° Secretario, H. Raffard, que seja publicada em avulso para com mais larga distribuição poder ser melhor conhecida a historia desta associação litteraria.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Castro Carreira continuou a leitura do seu trabalho refutando trechos da *Descripção geographica*

abreviada da Capitania do Ceará pelo Coronel de Engenheiros A. J. da Silva Paulet.

Nada mais havendo a tratar, e estando a hora adiantada, o Sr. Presidente encerrou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2° Secretario.

SESSÃO ESPECIAL EM 28 DE OUTUBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia

A's 2 horas da tarde, presentes os Sr. Conselheiros M. F. Correia e Marquez de Paranagüá, H. Raffard, Conselheiros Souza Ferreira e Pereira de Barros, Barões de Alencar, de Loreto, Homem de Mello e de Sant'Anna Nery, Drs. Alfredo Nascimento, A. Milton, Paranhos Montenegro, Cesar Marques, Machado Portella, Castro Carreira, Marques Pinheiro,Capitão de Fragata Garcez Palha, Commendador José Luiz Alves e Padre Bellarmino de Souza, servindo de 2.° Secretario, o Sr. Vice-Presidente Conselheiro Correia, na ausencia do Sr. Conselheiro Aquino e Castro, assume a presidencia e declara aberta a sessão.

Expõe em seguida que a reunião tem por fim resolver sobre os meios de render homenagem á Commissão Belga que sob a direcção do Sr. Adrien de Gerlache se dirige ao Polo Antarctico, visto ter a mesma solicitado dispensa de uma sessão solemne a qual não poderia assistir, não podendo se demorar no Rio de Janeiro, visto achar-se bastante atrazada, como ponderou o Sr. Consul Geral da Belgica na occasião em que veio transmittir os agradecimentos dos expedicionarios penhorados pelas attenções do Instituto.

O Sr. 1.°. Secretario Henri Raffard procedeu a leitura da seguinte proposta:

« A Mesa, considerando que é acto complementar da deliberação do Instituto resolvendo a sessão especial,

que se vae realizar hoje, em honra da Commissão Belga exploradora do Polo Antarctico, a concessão de distincção permittida pelos Estatutos ao chefe daquella expedição e ao representante diplomatico da nação em que a expedição se organisou, propõe que sejam conferidos diplomas de socios honorarios aos referidos representantes Conde Wiener van den Steen de Jehay e chefe Adrien de Gerlache.

Como esta deliberação terá outro effeito e alcance se della tiver noticia a commissão logo na sessão de hoje, a Mesa propõe tambem que, ouvida a Commissão de admissão de socios, seja logo votada, isto de accôrdo com o que se praticou em circumstancia identica, que raramente se poderá repetir.

Sala de Sessões, 28 de Outubro de 1897. — *Manoel Francisco Correia. — Marquez de Paranaguá. — Henri Raffard.— Dr. Cesar Augusto Marques. — Padre Bellarmino de Souza — Homem de Mello. — A. Milton. — Dr. Alfredo Nascimento. — Dr. Castro Carreira. — Barão de Alencar. — Dr. Martins Junior. — F. B. Marques Pinheiro. — Sant'Anna Nery. — L. Cruls. — T. G. Paranhos Montenegro. — Garcez Palha. — João Carlos de Sousa Ferreira.* »

Estando presente a Commissão de admissão de socios, a Mesa resolve que seja desde logo dado o respectivo parecer, no que concorda a Commissão, attenta a urgencia e a importancia do objecto que se discute, não ficando porém o caso servindo de precedente, á vista da lettra dos Estatutos.

E' apresentado o seguinte parecer:

« A Commissão de admissão de socios, concordando com as procedentes observações da Mesa, é de parecer que seja approvada na sessão extraordinaria de hoje, a sua proposta para que sejam conferidos diplomas de socios honorarios aos Srs. Ministro da Belgica, Conde Wiener van den Steen de Jehay e chefe da expedição exploradora do Polo Antarctico Adrien de Gerlache.

Sala das sessões, 28 de Outubro de 1897. — *Manoel Francisco Correia. — Barão de Alencar. — Homem de Mello.* »

E' este parecer unanimemente approvado e são acclamados socios honorarios do Instituto Historico o Sr. Conde Wiener van den Steen de Jehay e Adrien de Gerlache.

O Sr. Presidente pede aos Srs. socios que não se retirem, pois que, comparecendo os novos eleitos, como é provavel, havendo annunciado a sua visita, se realizará uma sessão extraordinaria para que possam tomar posse das suas cadeiras; em seguida levantou a sessão.

Padre *Bellarmino de Souza*,
2° Secretario.

PRIMEIRA SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 28 DE OUTUBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia

Presentes os Srs. Conselheiro M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Dr. Alfredo Nascimento, Barão Homem de Mello, Dr. Castro Carreira, Souza Ferreira, Dr. A. Milton, Barões de Loreto e Sant'Anna Nery, Drs. Marques Pinheiro, Paranhos Montenegro, Machado Portella, Cesar Marques, Garcez Palha, Pereira de Barros, Martins Junior, Barão de Alencar, José Luiz Alves, L. Cruls e padre Bellarmino, servindo de 2° Secretario, abre-se a sessão.

A's 2 1/2 horas chegou a commissão belga acompanhada do Sr. Ministro da Belgica, a qual é recebida pela commissão do Instituto e toma assento no recinto.

O Sr. Presidente Conselheiro Correia profere o seguinte discurso:

« Senhores — A louvavel ambição do homem de conhecer quanto possivel a estructura do planeta, que lhe foi dado em partilha no grandioso plano do universo, atira-o, temerario e resoluto, ás mais arrojadas emprezas.

Pesa-lhe ver arredio e escapo ás suas investigações pacientes qualquer ponto do globo.

Porque hão de os gelos embargar-lhe o caminho, se os oceanos em sua immensidade, ao envez da destinação separatista que lhes attribuia Strabão, converteram-se em rota rapida e segura para estreitar os laços da confraternidade humana e apertal-os ao aviso telegraphico de qualquer estorvo ou conflagração?

Ao gelo! ao gelo no norte e no sul, eis o brado que a sciencia dicta aos intrepidos navegadores, que corajosamente propõem-se a amontoar thesouros para patrimonio intellectual das gerações vindouras!

Cadã avanço nos conhecimentos humanos desperta e accende o desejo de empregal-o como elemento para nova conquista, em busca dessa babel altissima, illusão, quem sabe? que, pondo termo ao supplicio de Prometheu, collocará o marco derradeiro na estrada da civilisação.

Porque labuta o homem para alargar o ambito da sciencia electrista? Até onde irá ella na escala ascendente, se o horisonte já descortinado encanta e assombra?

Porque não cança o diuturno trabalho, presagio de triumpho, para que se estenda aos ares a dominação, não menos estupenda, exercida sobre os mares?

De tantos adiantamentos accumulados, que hão de enfeixar o brilhante remate deste seculo, cuja aurora foi assignalada por descobertas prenhes de beneficios, cada dia accrescentados,— quem póde antever desde agora a consequencia ultima?

Collocai-vos pela fantasia nos aureos tempos da civilisação antiga; poderieis então prever todas as maravilhas que actualmente nos deslumbram?

Não pára em seu curso o carro de Apollo, e os raios que tem de dardejar nos seculos envoltos nas dobras do futuro hão de illuminar meandros ainda ignotos para a perfectibilidade humana. Até onde irá o progresso? Só poderia dizel-o a sabedoria suprema que tudo predispoz. A nossa tarefa é não adormecer sobre os louros colhidos.

Da tarefa que nos toca, são representantes prestimosos os sabios abnegados que encarreiram o vapor *Belgica* para a região antarctica, varões illustres e destemidos a quem ora temos a fortuna de acolher com admiração e desvanecimento.

Novos Colombos, emprehendeis, senhores, e numa caravella só, o descobrimento de mundos occultos sob gelos seculares, que nos vireis declarar se tem de permanecer immutaveis, se hão de vencer-nos, ou se serão vencidos. Invejavel gloria vos está reservada, reatando estudos ha meio seculo interrompidos, e concorrendo para a solução verdadeira de um problema ingente que, a preço de sacrificio vosso e de vossos imitadores, será registrada afinal.

Os olhos do mundo estão fitos em vós. Deixastes a patria no meio de acclamações, que repercutem em todos os povos cultos, e a essas acclamações se reunem os votos sinceros e ardentes, que com as demais nações, faz o Brazil para que vossos projectos se realisem amplamente, e vossa nobre e alevantada resolução seja coroada de exito completo.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, acompanhando o sentimento nacional, só tem palavra para louvar-vos, e coração para vos applaudir.

Um presentimento lhe adverte que vossos esforços serão bem succedidos. Sejam, ou não, tereis em todo o caso merecido as bençãos da humanidade. »

Em seguida, o orador official, Dr. Alfredo Nascimento, disse o seguinte :

« Mr. le Président. — Messieurs.— Voilà que vient de jeter l'ancre dans les eaux de Guanabara, la *Belgica* qui porte à son bord, des marins hardis qui vont s'aventurer sur des mers inconnues.

Les voilà, devant vous, ces fils de l'ocean, qui s'arrêtent ici un moment à peine, pour partir demain vers le pôle antarctique ! Un si grand événement ne nous pouvait être indifférent, et il nous était impossible de laisser passer devant nous, sans la solemnelle consécration de notre hommage, ceux qui s'en vont ainsi par le chemin qui mène à la gloire !

Salut argonautes téméraires, vous qui allez à la conquête d'un nouveau monde !

Que les mers vous soient propices ; qu'elles ouvrent devant la proue de votre vaisseau la route sans traces, naguère encore vierge de l'assaut des quilles tranchantes !

Que les souffles de l'océan viennent baiser les voiles qui bravent les tempêtes ; que les brises chantent dans les cordages des mats les strophes des hymnes que la civilisation envoie vers les confins du monde ; que le drapeau, qui, plein de regret, s'éloigne de la patrie, tremble toujours sur des mers tranquilles, en offrant un calme éternel à ceux qui s'en vont du monde, s'égarer dans l'immensité sans bornes de l'inconnu !

Allez, nouveaux Colombs, allez traîner vos ancres sur les sables des mers antarctiques; allez, par la carcasse de votre machine flottante, terrifier les monstrueux corps des cétacés de ces plages; allez faire s'envoler de peur les essaims d'oiseaux, qui réveilleront les échos de ces mortes contrées, en voyant se lever à l'horison toujours vide, l'envergure des ailes immenses de ce monstre ailé, qui vous amène d'un monde qu'ils ne rêvaient point !

Allez, intrépides marins ! allez faire voir au pôle le roi de la création !

Plongé dans les ténèbres, enveloppé dans les glaces éternelles et recevant à peine, de loin en loin, un fugitif baiser des rayons obliques du soleil mourant, le pôle n'a pas encore contemplé l'homme, n'en a pas encore senti le poids, n'en a pas encore souffert le pouvoir dominateur; il éprouve seulement dans les trépidations de l'axe, qui y tourne éternellement, l'agitation de la vie qui pullule bouillonnante à l'équateur de la sphère. Rampent sur sa surface glacée, coupent son atmosphére brumeuse, nagent dans ses eaux froides, les tristes représentants suprêmes des époques il y a déjà longtemps disparues dans les abîmes du passé. Monde des phoques et des ours blancs, pâturage des rennes, hanté à peine des oiseaux de la mer et des géantes baleines, les contrées des pôles ne connaissent pas encore le type supérieur de l'animalité, ce demi-dieu conquérant et invincible que l'évolution de la vie a fait, enfin, sortir de la chrysalide animale, couvée par les siècles !

Allez et retournez vainqueurs. Ce ne sont plus les chants des sirènes qui vous séduiront; ce n'est plus la trompette de Triton qui vous sommera de ne pas aller plus loin ; ce n'est plus le trident de Neptune qui fera noyer

vos vaisseaux ; ce n'est plus le géant Adamastor qui vous barrera le chemin d'une rebutante menace d'anéantissement. Non, les mers se sont dépeupiées de ces monstres rêvés par l'imagination de l'homme effrayé devant l'immensité ; mais les voilà qui restent, comme des barrières infranchissables, pour veiller sur la blanche virginité du pôle, la rigueur invencible de l'hiver, la lame tranchante du froid glacial, les déserts et les montagnes de glace, les banquisses, les avalanches et les tempêtes de neige, bien plus affreuses que le brulant simoun des sablières du Sahara, soufflant impétueux au dessus d'un monde sépulchral !

Allez ! et revenez vainqueurs de ces mille obstacles, en rapportant au monde l'esquisse du paysage de ces mortes contrées, pour offrir l'image de ce qu'il deviendra plus tard, lorsque le cours des siècles aura glacé toute la planète !

Maintenant, vous voilà arrivés à la balise méridionale qui marque chaque année les bornes du parcours des radiations du soleil vers le sud. Ici, c'est le solstice de l'astre roi ; ici finit la zone torride, cette chaudière immense où vient se chauffer la veine fluide du *gulf-stream* qui va lécher de sa chaude lymphe les rebords glacés des plages polaires. Ci-gît, endormi, comme un gardien invincible, le géant de pierre dont le profil tranchant, fixant le ciel étoilé, ponte au soleil qui s'avance, le capricorne du zodiaque qui le fera revenir sur ses pas.

Mais, ne craignez point; si le soleil est contraint de s'arrêter ici, vous autres, vous pouvez passer. Vaincu par l'homme qui a franchi les frontières qu'il devait garder, le géant reçut le châtiment de sa faute; et, au dire du poète : la foudre en passant l'a foudroyé : l'aurore qui se lève ne le réveillera point !

Le gardien des frontières méridionales de l'Afrique a été métamorphosé en dur rocher, noire falaise en laquelle s'est changé le monstre Adamastor de la légende, qui a laissé ainsi le chemin ouvert aux quilles de l'immortel Vasco da Gama. Le géant qui avait sous sa garde le pays brésilien, lui aussi a été changé en bloc de granit; et dans le sommeil éternel de la mort,

veillé par la croix du sud, il a laissé Cabral franchir le seuil qu'il guettait et venir élever ici, dans la contrée qu'il gardait, un entrepôt de la civilisation envahissante.

Mais, messieurs, pourquoi l'homme veut-il encore aller au delà de ces bornes lointaines qu'il a déjà réussi à conquérir? Qu'est-ce qu'il cherche, dans ces explorations polaires? Pourquoi s'égare-t-il dans ces contrées inhospitalières d'où la vie elle-même semble fuir, et sur lesquelles le silence règne seul?

C'est l'avidité de savoir; c'est la découverte de la terre, il y a tant de siècles commencée, qu'il désire terminer; c'est la connaissance entière de la planète qu'il cherche; c'est l'émiettement qu'il lui faut faire de toutes les pièces de ce vaisseau fantastique sur lequel nous sommes tous emportés à travers l'espace, dans le tourbillon des mondes, vers l'infini, par des routes sans bornes, par des siècles sans fin!

Si le pôle nord, dans ce but, a été l'objectif de nombreuses entreprises de conquête, son antipode, au contraire, a été bien moins exploré. Par cela même il offre plus de mystères, il renferme plus de séductions, et il attire plus fort la curiosité de l'homme, toujours insatiable et investigateur. Les noms de La Roche, Bouvet, Kerguelen, Marion et Crozet, se trouvaient déjà inscrits parmi ceux des aventuriers de ces mers, lorsque, vers la fin du siècle dernier, le célèbre capitaine Cook, s'avança hardiment vers le pôle; mais ce voyage, loin d'être plein d'espoir en l'avenir, au contraire plongea tous les marins dans le découragement, car les dangers que l'on courait, dit-il dans sa relation, en voulant explorer ces mers terribles, sont tels, que personne, je pense, n'osera s'aventurer plus loin, et que les terres situées au sud du soixante-onzième parallèle, resteront éternellement vierges. Après lui sont venues les vaines enquêtes de Bellingausen, et les hardies internations de Weddel et Brisbane, conduisant le *Jane* et le *Beaufort* vers le soixante-quatorzième parallèle où personne n'était encore arrivé, en ouvrant le chemin par lequel bientôt Dumont-d'Urville cinglait, portant l'*Astrolabe* et la *Zèlée* jusqu'au bout franchissable de l'océan polaire.

Dans ce voyage remarquable, une des plus belles pages de l'histoire maritime, outre les terres nouvelles dont l'expédition enrichit la géographie, elle recueillit une abondante moisson d'observations scientifiques et fut l'avant-courière des trois célèbres expéditions de James Ross qui descendit jusqu'au soixante-dix-huitième degré de latitude, réalisant ainsi encore plus largement ce que le capitaine Cook tenait pour impossible.

Mais au-delà? Quels secrets garde encore cet éternel suaire de glace? Y a-t-il vraiment, au pôle antarctique, un continent, comme on a supposé? Dumont-d'Urville ne le croit pas, et James Ross non plus; mais voici les nouveaux éclaireurs qui y vont, pour suivre leurs traces, et plût à Dieu que, plus heureux que leurs prédécesseurs, puissent-ils descendre encore plus loin, pour lever le drapeau de leur patrie au-delà du pavillon français et de celui de l'Angleterre, en donnant aux contrées antarctiques, ou peut-être à ce continent inconnu, leurs noms glorifiés!

Mais, dira-t-on, à quoi bon tant de peine? Quel avantage portera à l'humanité le terrible combat contre tant d'obstacles? S'il n'y a pas d'avantages matériels, les sciences en profiteront beaucoup; et d'ailleurs, tout s'évanouit devant la volonté dominatrice de l'homme qui rencontre des raisons suffisantes pour ces luttes dans l'indomptable impulsion de marcher résolu vers tout ce qu'il ignore. Ces voyages sont des écoles d'héroisme. Dans les paroles de Charles Martin, ces héros de la paix élèvent le niveau intellectuel et moral d'une nation. Nul sentiment de regret ou de tristesse ne doit troubler les élans d'admiration et de respect qu'ils inspirent. Leur gloire est pure du sang et des douleurs de leurs semblables, et le génie de l'humanité n'a pas à gémir sur des triomphes dont la science et la morale recueilleront tous les fruits. Ce qui attire l'homme vers les hautes régions, dit encore Tschudi, c'est le sentiment de la puissance immense qui brille en lui et qui maintient son énergie devant les obstacles, parfois terribles, que la nature lui suscite; c'est la satisfaction de triompher par l'effort persévérant d'une volonté intelligente, de l'âpre

opposition de la matière; c'est l'ardent amour de l'éternelle science, le saint désir de découvrir les lois mystérieuses qui président à la vie universelle. C'est peut-être aussi la noble ambition du seigneur de la terre, qui, par un acte libre et hardi, veut graver en sa conscience, sur la dernière cime conquise et devant l'immensité du monde qu'il contemple, le sceau de sa parenté avec l'infini!

Allez, voyageurs! — Dans ses rêves fantastiques, l'imaginatif Jules Verne a posé sur le pôle nord le fameux *Hatteras*; e dans le *Nautilus* sousmarin il a fait arriver jusqu'au quatre-vingt-dixième degré de latitude méridionale le capitaine *Nemo*, pour planter sur le pôle antarctique son pavillon or et noir. — Eh-bien, messieurs, les progrès de la science ont dejà réalisé le fantastique *Nautilus*, et aujourd'hui les vaisseaux sousmarins ne sont plus des visions chimériques de l'imagination fantaisiste. Complétez maintenant la réalisation de la prophétie; allez arracher du pôle sud ce pavillon noir d'une patrie qui n'existe pas, et faites rester à sa place le drapeau d'un peuple qui vit à la lumière méridienne: effacez dans ce poste de conquête le nom du capitaine *Nemo*, qui signifie *Personne*, et faites y graver à sa place, celui d'Adrien Gerlache!»

E' dada a palavra ao Sr. Marquez de Paranaguá, que fallou pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, na qualidade de seu presidente, e dos outros socios presentes, Conselheiro Sousa Ferreira, Barão de Loreto, Castro Carreira e Barão Homem de Mello: eis o seu discurso:

«Senhores:— A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, não podendo, por falta de tempo, ter a honra que as circumstancias acabam de proporcionar ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de receber em seu seio tão distinctos hospedes, faz-se representar nesta solemnidade por seu presidente e mais tres dignos consocios (os Srs. Conselheiros Sousa Ferreira, Barão de Loreto, Castro Carreira e Barão Homem de Mello, membros do Instituto e daquella Sociedade), afim de saudar com effusão dos seus mais puros affectos a Expedição Scientifica Belga, que se dirige para mares ainda desconhecidos,

ao pólo do Sul, a essas regiões inhospitas, cobertas de gelos eternos!...

Tão arrojada empreza desperta na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro os mais vivos sentimentos de sympathia e de admiração para com aquelles que não duvidam sacrificar os seus commodos e quiçá, a propria vida por amor da sciencia, que é o mais bello titulo de gloria e o mais rico patrimonio da humanidade, na successão dos tempos.

Recebam, pois, os intrepidos exploradores do pólo antarctico, as saudações e as despedidas da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a qual faz votos a Deus pelo feliz resultado de tão grandioso commettimento. »

Tomando a palavra o Sr. Barão Homem de Mello, e não podendo, por motivo de molestia, lêr o seu discurso, pede ao Sr. Padre Bellarmino para o lêr, o que este faz nos seguintes termos:

« Aqui, na formosa capital do hemispherio austral, assentastes o marco primeiro de vossa expedição.

Nós vos agradecemos esta distincção, que ficará em nossos annaes como um testemunho desse grande acontecimento, e como uma prova do fervoroso ardor com que vimos ao vosso encontro.

. . . . . .

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento... (1)

. . . . . .

não ouvireis a voz aterradora do Adamastor. Em nossas aguas as ondas do Oceano se acamam em uma superficie tranquilla para vos receber. E nem tereis sobre vossas frontes a *nuvem que os ares escurece* (2)

Senhores é gloriosa a vossa missão.

O homem, tão altivo do poder de sua intelligencia, ainda não tomou posse do planeta que lhe coube em sorte!

(1) Camões, Os Luziadas, Canto V.

(2) Idem, idem.

Admirem outros as grandezas do progresso humano. A mim, acostumado a acompanhar a marcha da humanidade desde que ella começou o seu peregrinar ainda além dos horisontes da historia, o que mais me maravilha, devo dizer-vos, é a lentidão do progresso humano.

Pois que! ha milhares e milhares de annos, appareceu sobre a terra este homem tão altivo de seu poder, chamado a assenhorear-se della pelas energias de sua intelligencia; entretanto, as terras e os mares polares guardam ainda em seus *segredos escondidos* as forças latentes que alli desafiam o poder da sciencia!

Ha 8 annos, neste mesmo recinto, o orador que ora vos falla, occupada a mente com o tumultuar do grande problema, dirigia aos representantes de uma nação amiga estas palavras, que estão registradas em nossos annaes:

«Os grandes navegadores Smith, Bellingshausen, Weddell, John Biscoe, Kemp, Wilkes, Dumont d'Urville, James Ross, emprehenderam essas admiraveis expedições, que desvendaram aos olhos admiradores desta idade os contornos do continente mysterioso, que resguardam ainda os gelos do pólo antarctico.

Na peleja sem fim que o espirito humano sustenta dia por dia contra o desconhecido, essas regiões vedadas, em que a sciencia assiste cheia de interesse ao trabalho silencioso das grandes energias da natureza na formação de novas terras, terão ainda de solicitar o genio do homem. E então, á força expansiva de vossa civilisação, está por ventura reservado accrescentar á historia da sciencia uma nova pagina.

Alli, no extremo deste immenso continente, guardam-se as avenidas desse genesis de um mundo novo.» (1)

Este nosso voto, lançado ás aventuras do porvir, vós o viestes cumprir.

O Instituto Historico, que em nossa terra honrou sempre as altas aspirações da sciencia, sente-se feliz de associar-se por suas homenagens e por seus votos á grande empreza que ides realizar.

---

(1) Revista do Instituto Historico. Sessão de 31 de Outubro de 1889, no Supplemento Chile-Brazil, pag. 40.

Senhores, daqui, deste mesmo porto, ha 378 annos partio o grande nevegador Fernão de Magalhães, e seguio triumphante a quebrar para sempre os terminos impenetraveis que vedavam a avenida austral do Grande Oceano pacifico.

Ainda além vos chama o vosso destino e o vosso intemerato amor pela sciencia.

E' solemne a vossa missão como solemne é a grandeza que vos circunda. Sois a gloriosa legião deste seculo, que se atira resoluta sobre todos os grandes problemas que interessam á humanidade. Alenta-vos em vossa ardua empreza a fé, que glorifica os heróes. Na firmeza de vosso proposito, como na tempera de vosso caracter, está a garantia do exito que vos espera.

Em vossa volta a musa da Historia, grave e serena, escreverá nos annaes da sciencia esta pagina immortal:

«A commissão Belga arrancou á physica do globo os seus derradeiros segredos!»

Concluindo esta leitura, o Sr. padre Bellarmino dirige algumas palavras á illustre commissão, a qual pertence a uma nação catholica, desejando para ella todas as prosperidades de que é digna.

O Sr. Presidente, Conselheiro Correia, faz entrega dos diplomas de socios honorarios aos Srs. Conde de Wiener van den Steen de Jehay, Ministro Belga e Adrien de Gerlache, chefe da Commissão, o qual profere o discurso seguinte:

« Monsieur le Président — Messieurs - La séance à laquelle vous nous avez conviés, événement banal dans la vie de votre société, constitue pour nous une véritable solemnité.

Il y a prés de huit jours que la *Belgica* est mouillée dans la merveilleuse rade de Rio de Janeiro, et, depuis lors, cela a été pour son personnel tout entier, comme une fête continuelle.

Mis au courant des grandes lignes de notre entreprise par une presse éminemment sympathique, les autorités et la population de Rio nous ont fait, dés le premier jour, l'accueil le plus enthousiaste, le plus bienveillant. Monsieur le Président de la République a daigné nous

recevoir en audience privée, donnant ainsi une sanction officielle à ces témoignages de sympathie. De nombreux officiers de votre glorieuse marine ont bien voulu honorer d'une visite notre modeste petite *Belgica* ; les arsenaux de la marine se sont mis à notre entière disposition.

Aujourd'hui, Messieurs, mettant le comble à ces marques d'estime de vos compatriotes, vous nous recevez en séance spéciale et vous me faites l'insigne honneur de m'admettre dans les rangs de votre illustre institution. Et cependant, s'il est vrai que nous ayons mis notre vie au service des sciences géographiques, dont vous êtes ici les dignes représentants, s'il est vrai que nous soyons décidés à tout tenter pour en agrandir le domaine, il n'en est pas moins vrai, que, jusqu'ici, nous n'avons encore rien fait.

Notre expédition, sortant à peine du berceau n'a encore rien produit.

Durant son existence déjà longue, votre illustre société a eu maintes fois l'occasion d'acclamer des voyageurs fameux, dont elle recompensait ainsi les labeurs. Mais nous, que vous accueillez avec tant de sympathie, nous, à qui vous adressez ces paroles si élogieuses, que nous n'avons pas méritées, nous sommes vraiment confus de tant de bienveillance et nous ne savons comment vous en témoigner notre reconnaissance.

Je ne suis pas assez éloquent pour vous exprimer avec autant de chaleur que nous les ressentons, les sentiments de gratitude que nous inspire le grand intérêt que vous daignez porter à notre entreprise. Vous me permettrez donc, Messieurs, de vous dire trés-simplement, mais aussi trés-sincèrement que, mes compagnons et moi, nous sommes profondément touchés de tous ces témoignages de sympathie, et que c'est du fond du cœur que nous vous en remercions.

Lorsque la *Belgica* lévera l'ancre samedi matin, elle aura séjourné une semaine, dans ces parages enchanteurs. Cette semaine, croyez le bien, Messieurs, laissera dans nos cœurs un souvenir inéffaçable ; elle est marquée dans les annales de notre expédition ; cette semaine, nous l'appelerons désormais la semaine de Rio, et il en sera plus d'une fois question dans nos conversations à bord.

On vous a dit, Messieurs, que trois des mes camarades et moi nous espérons pouvoir établir et occuper une station d'hivernage sur le continent antarctique.

Il est bien modeste le matériel dont nous disposerions éventuellement ; mais il est une chose dont nous ne manquerons pas de nous munir. c'est un mât de pavillon, qui nous permettra, les jours d'allégresse, de hisser les couleurs qui abritent notre expédition.

Eh bien, Messieurs, je désire consacrer le souvenir de notre séjour ici et. plus spécialement, celui de cette séance, en hissant le 28 Octobre prochain, en même temps que le pavillon belge, celui de votre belle patrie. Ce jour là, plus que les autres encore, nous songerons à vous tous et nous formerons des vœux ardents pour la prospérité de votre Institut et pour la grandeur et la gloire des Etats Unis du Brésil. »

O Sr. Ministro da Belgica, em eloquentes palavras agradeceu ao Instituto a honra que lhe conferio, dizendo o seguinte :

« Monsieur le Président, Messieurs! —Permettez-moi de vous exprimer mes bien sincères remerciements de l'honneur que vous venez de me faire en me conférant le titre de membre honoraire de votre illustre Société.

Laissez-moi vous dire aussi combien j'apprècie cette insigne distinction : non pas que je l'attribue à mes mérites personnels mais à l'extrême courtoisie qui guide toujours les procédés de l'Institut d'Histoire et de Géographie Brésilien, courtoisie qui le porte à témoigner, au représentant d'une nation amie, la profonde sympathie que ressentent les uns pour les autres les esprits éclairés de deux pays qui, ainsi que le Brésil et la Belgique, ont le même culte pour la science et pour les lettres.

Je vous remercie donc et bien cordialement, Messieurs, non seulement du titre que vous m'avez décerné mais aussi de l'accueil si chaleureux que vous avez eu la bonté de faire à Mr. de Gerlache et à ses compagnons.

J'y vois la glorification de cette noble harmonie qui tend à s'établir entre les savants de toutes les nations et qui mènera l'humanité, de découvertes en découvertes,

vers l'apogée des connaissances humaines, vers l'unité et la communauté des doctrines scientifiques.

Je ne crois pas exagérer, Messieurs, en ajoutant que dans cette marche triomphale de la science vers « l'excelsior » de nos aspirations, il est réservé aux savants d'extirper tous les préjugés qui embarrassent encore notre civilisation. Ce sera à eux de demontrer que la même harmonie qui finira par exister entre les doctrines scientifiques, devra aussi règner entre les hommes. Ils nous feront voir que la sagesse des nations ne consiste pas á armer des bataillons pour se dominer les unes les autres par la force brutale, mais bien à s'organiser dans un but de paix universelle, par le respect de tous les droits légitimes et l'accomplissement des devoirs internationaux.»

As suas ultimas palavras foram recebidas com uma salva de palmas.

O Sr. Presidente levantou a sessão ás 3 1/2 horas da tarde.

Padre *Bellarmino de Souza*,
Servindo de 2º Secretario

16.ª SESSÃO ORDINARIA EM 31 DE OUTUBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, estando presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, M. F. Correia e Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Drs. Cesar Marques, A. Milton, Barões de Loreto e de Sant'Anna Nery, Padre Bellarmino de Souza e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

O Sr. 1º Secretario leu a ultima acta da sessão ordinaria, e tambem a da sessão especial e extraordinaria de 28 do corrente, em honra da expedição belga e postas em discussão foram successivamente approvadas.

Não houve expediente.

As offertas constam do Appendice.

O Sr. 1° Secretario disse que na ultima sessão promettera, em nome da Commissão de redacção, apresentar parecer sobre a indicação do Sr. Dr. C. Marques, relativa ás homenagens a Carlos Gomes; mas que não se tendo reunido os membros da mesma Commissão por motivo de força maior, em occasião opportuna seria dada a solução devida.—Ficou a Mesa inteirada.

O mesmo senhor propoz e a Mesa resolveu mandar reunir e publicar na *Revista* tudo o que se escreveu, na imprensa desta capital sobre a expedição belga ao pólo antarctico.

O Sr. Conselheiro Correia disse, e consta da acta da sessão especial de 28 deste mez, que o Sr. Adrien de Gerlache em seu discurso declarara, que, em qualquer parte do pólo, onde se achasse a expedição, no dia 28 de Outubro de 1898, junto com o pavilhão belga, tremularia tambem o pavilhão brazileiro, e o Instituto, por uma commissão de seus socios, querendo corresponder a esta gentileza, offereceu uma bandeira brazileira que foi içada no mastro grande no dia em que o *Belgique* partiu para o pólo antartico.—Ficou a Mesa inteirada deste honroso procedimento.

O Sr. Dr. A. Milton communicou que a commissão encarregada de felicitar o Sr. Presidente da Republica pela victoria alcançada em Canudos, na Bahia, desempenhara-se desta grata incumbencia, sendo gentilmente recebida por S. Ex. que aceitou as felicitações do Instituto com especial agrado.

ORDEM DO DIA

Foram lidos os pareceres da Commissão de admissão de socios, opinando pela admissão dos Srs. Conselheiro Antonio Ennes de Souza e Arcebispo do Rio de Janeiro como socios honorarios do Instituto.

Postos successivamente em votação foram approvados sendo pelo Sr. Presidente proclamados socios honorarios

do Instituto, os mesmos Srs. Conselheiro Antonio Ennes de Souza e D. Joaquim Arco Verde, Arcebispo do Rio de Janeiro.

Foi lida a seguinte proposta do Sr. Commendador José Luiz Alves :

« Ha 59 annos que tres illustres brazileiros abrazados pelo santo amor da Patria tomaram a peito crear um foco de luzes historicas e geographicas para que um dia fosse vasto repositorio da historia patria e alto brazão da Nação brazileira, certos de que a historia é a memoria da Nação, no dizer de um sabio e profundo philologo.

Ella é a mensageira fiel que guarda sem desbotar os factos que a antiguidade nos transmittiu, e de seu vastissimo deposito deriva-se a necessaria instrucção para se regularem no presente e penetrarem no futuro seguros em sua marcha. Convencidos dessa verdade o Conego Januario da Cunha Barbosa, orador e poeta, o Visconde de S. Leopoldo, litterato e historiador, e o Marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos, illustre na carreira das armas e na pugna das lettras, fundaram este Instituto a 21 de Outubro do anno de 1838.

Animados pela approvação geral de illustres brazileiros, começaram cheios de ardor e patriotismo a desembaraçar das trevas dos tempos idos a historia patria para que um dia adestradas pennas tracem a historia desta grande Nação, compulsando os valiosissimos documentos já purificados no cadinho da critica imparcial e justa para serem levados ao conhecimento de todas as Nações cultas e civilisadas.

A apparição desse foco de luz foi saudada pelas academias e sociedades scientificas do velho mundo como um estabelecimento que honra ao genio das lettras brazileiras e promove a gloria immorredoura da patria.

Os sabios mais illustres de todas as Nações ufanaram-se de pertencer a tão util e proveitosa instituição e a sua *Revista Trimensal* é lida com interesse, é procurada e solicitada com avidez, e sua bibliotheca é sem duvida a mais importante que a Nação possue pelo alto valor de obras rarissimas que ornamentam suas estantes, e tambem pelos innumeros manuscriptos de alto valor

historico. E esta instituição, que sem duvida é a mais notavel que o Brazil possue, não tem um edificio digno de sua importancia, e da fama que justamente goza na Europa e em ambas as Americas, onde possa abrigar da acção do tempo sua vasta riqueza historica e litteraria condemnada a ser devorada pelo cupim e pelas traças, a continuar a permanecer no velho edificio fundado no seculo XVII pela Ordem Carmelitana. Se aos illustres fundadores desta instituição fosse dado quebrar o sello da morte despedaçando as lapidas de suas sepulturas, reanimados pelo sopro de Deus, ficariam de certo tomados de admiração e assombro por verem que seus dignos successores, não tinham até hoje cogitado em angariar meios para crear um edificio proprio e digno de tão util e proveitosa instituição.

E' tempo pois de tratarmos do assumpto e por isso lembro que para facilmente conseguirmos o fim solicitemos da Intendencia do Districto Federal uma loteria de tres mil contos.

A Intendencia do Districto Federal não se recusará de certo a attender a tão justo pedido, e só assim o Instituto Historico terá um edificio digno de sua importancia e da Nação Brazileira, por que elle guarda com religioso cuidado e estremecido zelo em seu vasto archivo os fastos de sua historia.

Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1897. — *José Luiz Alves.* »

Posta em discussão a proposta, os Srs. 1° Secretario, Marquez de Paranaguá e Barão de Sant'Anna Nery fizeram ponderações sobre o assumpto, resolvendo-se que ficasse adiada para ser devidamente estudada.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente levantou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2° Secretario.

17.ª SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE NOVEMBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia, 2º Vice-Presidente

A' 1 hora da tarde, presentes os Srs. M. F. Correia, H. Raffard, Drs. Castro Carreira e A. Milton, Conselheiro Sousa Ferreira, Padre Bellarmino de Sousa e Marques Pinheiro, faltando com causa participada os Srs. Conselheiros Aquino e Castro, presidente e Barão Homem de Mello, o Sr. Vice-Presidente abriu a sessão.

Foi lida pelo Sr. 1.º Secretario e sem discussão approvada a ultima acta.

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Ministro da Justiça e Negocios interiores pedindo para lhe serem remettidas até ao dia 15 de Fevereiro do anno proximo vindouro as informações relativas a esta Instituição;

Da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro participando que se acham nesse estabelecimento 15 pacotes com livros enviados pela Smithsonian Institution para o Instituto;

Do socio, Sr. Tenente-Coronel Antonio Borges Sampaio, remettendo diversas alterações que devem ser feitas no exemplar do «Quadro das Observações meteorologicas» pelo mesmo Sr. registradas desde 1892 a 1896.

Do Sr. Ministro belga pedindo desculpa de não ter ainda podido vir agradecer ao Instituto (devido as suas occupações) a honrosa recepção que fizera aos seus compatriotas.

Ficou a Mesa inteirada.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

O Sr. Vice-Presidente fez á Mesa esta communicação:

« Cabe-me ainda uma vez a dolorosa incumbencia de trazer ao vosso conhecimento a lamentada perda de tres dos nossos dignos e distinctos consocios.

« Referir os seus nomes é avivar a nossa magoa.

« Quem não conhece os relevantes serviços, na paz e na guerra, do nosso 1.° Vice-Presidente, General Dr. João Severiano da Fonseca, cujo relatorio quando 1.° Secretario foi ainda recentemente citado no importante trabalho do nosso illustre presidente, tão interessante ao Instituto?

« Quem não acata no fundo do coração o respeito que merece o nobre e devotado procedimento do Conde de Motta Maia, typo de dedicação e honorabilidade, acompanhando até ao ultimo momento áquelle a quem o ligavam laços de profunda estima e gratidão, o Sr. D. Pedro II, constante protector do Instituto, em cuja adversidade mais sobresahia o sympathico vulto do nosso finado consocio?

« Quem póde lembrar-se sem grande tristeza da perda que a engenharia brazileira e a patria soffreram com o prematuro passamento do nosso socio effectivo, o operoso e incançavel Sr. Dr. Torquato Tapajoz?

« Creio interpretar fielmente os sentimentos do Instituto declarando que será lançada na acta um voto de vivo pezar pela morte dos tres benemeritos consocios. »

O Sr. 1.° Secretario communicou a Mesa, que o Sr. Presidente havia nomeado os Srs. Barão Homem de Mello e Drs. Machado Portella e Marques Pinheiro, para, em commissão, assistirem, representando o Instituto, á missa, por intenção do nosso consocio Sr. General Dr. João Severiano da Fonseca. E eu 2.° Secretario participei haver a commissão desempenhado este doloroso dever, apresentando pezames á familia. Inteirado.

O mesmo Sr. 1.° Secretario communicou mais haver a nossa bibliotheca recebido do Sr. Dr. Castro Carreira, a offerta de 132 volumes de « Annaes » das Camaras dos Deputados e Senado dos annos 1881 a 1889 e diversos relatorios.

O Sr. Vice-Presidente agradeceu tão valiosa offerta, recebida com muito agrado.

O Sr. Dr. A. Milton tendo pedido a palavra disse: que, sendo esta a vez primeira que o Instituto se reunia,

depois dos tristes acontecimentos occorridos, nesta Capital, a 5 do corrente, propunha — :

« Que se lançasse na acta de hoje um voto de congratulação pelo facto de ter o Sr. Presidente da Republica, Dr. Prudente José de Moraes Barros, que é tambem presidente honorario do mesmo Instituto, escapado illeso do attentado commettido naquelle dia contra sua illustre pessoa.

E bem assim, que fosse nomeada uma commissão de tres membros, a qual se encarregasse de apresentar as felicitações do Instituto a S. Ex. e as seguranças dos votos que este faz pela sua preciosa existencia; significando ao mesmo tempo o pezar que o accommetteu pelo assassinato de que foi victima o benemerito Marechal Carlos Machado Bittencourt. »

O Sr. Vice-presidente declarou que julgava bem interpretar os sentimentos do Instituto, dando como approvada a proposta, ao que a Mesa deu o seu assentimento unanime, sendo pelo mesmo senhor nomeada a commissão composta dos Srs. Dr. Milton, Marques Pinheiro e Padre Bellarmino, para dar cumprimento a esta resolução.

O Sr. Conselheiro Sousa Ferreira apresentou, na fórma dos Estatutos, o projecto de orçamento que será incluido na acta da seguinte sessão.

Posto em discussão o Sr. 1.° Secretario pediu que nas verbas da despeza fosse incluida uma gratificação de quatrocentos mil réis a um empregado auxiliar que, ha dez mezes, presta serviços ao Instituto, ficando o pagamento dependente dos recursos da Thesouraria. O Sr. Conselheiro Sousa Ferreira pediu o adiamento da discussão, visto não se achar presente o Sr. thesoureiro e assim se resolveu.

Foi lido o seguinte parecer da Commissão de admissão de socios opinando pela aceitação do Sr. Dr. Amaro Cavalcante como socio effectivo do Instituto.

« A' Commissão de admissão de socios foi presente a proposta feita para ser recebido como membro deste Instituto o Dr. Amaro Cavalcanti, autor de varios obras sobre litteratura, politica, administração e historia financeira do Brazil.

Sobre estas obras deu parecer em 10 de Outubro findo a illustrada Commissão subsidiaria de trabalhos historicos, parecer já approvado por esta associação.

Adoptando em todos os seus fundamentos este parecer, a Commissão de admissão de socios entende igualmente que os trabalhos exhibidos pelo Dr. Amaro Cavalcante, nome já vantajosamente conhecido em nossos annaes legislativos, na diplomacia e na alta governação do Estado, justificam plenamente a proposta acima alludida, como legitimo e honroso titulo de sua admissão para socio do Instituto Historico.

Nestes termos, a Commissão de admissão de socios é de parecer que o Dr. Amaro Cavalcanti seja recebido no gremio deste Instituto na qualidade de socio effectivo.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 20 de Novembro de 1897. — *Barão Homem de Mello*. — *Manoel Francisco Correia*. — *Barão de Alencar*. »

Ficou sobre a Mesa para ser votado na seguinte sessão.

ORDEM DO DIA

O Sr. Padre Bellarmino, pedindo a palavra, leu o seguinte trabalho:

« O nosso illustrado consocio Sr. Barão Homem de Mello pergunta o motivo por que não se conta a éra christã do dia do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, 25 de Dezembro, mas de 1° de Janeiro.

Sem tempo para apresentar um trabalho completo, no intuito de elucidar este ponto da chronologia religiosa, respondo com D. Bosco em seu compendio de *Historia Ecclesiastica*, 1ª pagina, nota, onde diz :

« Como se começaram a contar os annos do nascimento do Salvador tão sómente no sexto seculo, *desgraçadamente teve lugar um erro* de quatro annos, pouco mais ou menos, de modo que, comquanto o anno corrente (da publicação de seu compendio) seja de 1892 da éra christã, devia sel-o de 1896 do nascimento do Salvador. »

Para maior clareza do assumpto, é preciso ter conhecimento dos diversos calendarios até o sexto seculo.

O nosso consocio padre Galanti, em seu compendio de *Historia Universal* da pag. 393 á 397, falla dos calendarios então existentes e derrama abundante luz sobre a questão.

Esta parte da chronologia religiosa está intimamente ligada ou dependente do modo como se contavam outr'ora os dias, da questão sobre o movimento da terra á roda do sol, assumpto de que se occuparam os sabios daquella época, havendo a respeito sérias divergencias e até erros.

O padre Galanti falla com muita erudição sobre os calendarios então em vigor e conhecidos.

O seu livro encerra conhecimentos profundos da materia, e para um trabalho tão completo chamo a attenção do Instituto.

Nosso Senhor Jesus Christo, diz C. Cantú, *Tomos 3. e 4°, pag. 39, nota*, nasceu no anno 747 de Roma, 40 da éra juliana, 39 do reinado de Augusto, 25 depois da batalha de Actium; 35 depois que Herodes fôra declarado rei da Judéa; o segundo anno de CXCII.ª Olympiada; 4708 do periodo juliano; no tempo dos consules Antistius Veter e Decimus Lœtius Balbus; 5 annos, 9 mezes e 7 dias antes da éra christã; *mas as opiniões variam a este respeito*. O ultimo que tratou desta questão, foi Munter, *Der Stern der Weissen*. Crê que a estrella que appareceu aos magos era uma constellação formada pelo encontro de Jupiter e de Saturno no signo de Piscis, combinação reproduzida em 1609 e em 1827, o que daria o nascimento de Jesus Christo seis annos antes da éra christã.

A reforma gregoriana, em 1582, não restabeleceu a data precisa, continuando o erro até hoje.

Divulgados aquelles primeiros calendarios não se quiz reformar mais aquillo que estava conhecido sem prejuizo da verdadeira crença em um Deus Salvador. — Padre *Bellarmino José de Souza*. »

O Sr. Conselheiro Correia fez a leitura de um trabalho complementar dos documentos sobre a «Ilha da Trindade.»

Nada mais havendo a tratar, sendo 2 horas da tarde, o Sr. Vice-Presidente encerrou a sessão.

F. B. Marques Pinheiro,
2.º Secretario.

18.ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE DEZEMBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A's 2 e meia horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Conselheiros M. F. Correia, A. Araripe e Sousa Ferreira, Drs. Alfredo Nascimento, Nunes Pires, Paranhos Montenegro, Sacramento Blake, Barões de Alencar e Homem de Mello, Commendador J. Luiz Alves, Padre Bellarmino de Sousa, Drs. Cesar Marques, Castro Carreira, L. Cruls e Velho da Silva, abre-se a sessão.

O Sr. H. Raffard, 1.º Secretario lê a acta da ultima sessão, que é approvada e dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Da *Société Khediviale de Géographie*, do Cairo; da *Real Academia de Ciencias y Artes*, de Barcelona; do Sr. Luiz de Rezende, enviando da parte do autor, o Visconde de Sanches Baêna um exemplar da obra – *O descobridor do Brazil Pedro Alvares Cabral*. Agradeceu-se.

OFFERTAS

Diversas constantes do Appendice.

ORDEM DO DIA

O Sr. Luiz Alves pede a palavra para offerecer ao Instituto em nome do Sr. Commendador José Marcelino

Pereira de Moraes, um exemplar — edição Biel — dos *Luziadas*. Agradeceu-se a valiosa offerta.

O mesmo senhor lê sobre a naturalidade do Padre Manoel Ayres do Casal a nota seguinte:

«O Padre Manoel Ayres do Casal era natural da freguezia de S. João Baptista da Villa do Pedragão Pequeno, priorado do Crato, no Reino de Portugal, e filho legitimo de José Ayres do Casal e de Luiza Barata.

Entrou para irmão de S. Pedro em 4 de Julho de 1819, não declarando na occasião a sua idade, tendo servido cargos na mesma irmandade, e foi morrer em Lisboa no mez de Julho de 1834.»

O Sr. Sousa Ferreira lê o seguinte projecto de orçamento para o anno vindouro:

«A Commissão de fundos e orçamento, dando cumprimento ao disposto no art. 36 § 2.º dos Estatutos, submette a deliberação dos seus consocios o projecto de orçamento da receita e despeza do Instituto Historico e Geographico no anno de 1898, reservando-se o direito de apresentar algumas considerações por occasião de ser discutido o mesmo projecto, que é do teôr seguinte:

Orçamento para 1898

Art. 1.º A receita do anno de 1898 é orçada na somma de 18:548$000, que será arrecadada pelos titulos seguintes:

1.º Subsidio do Thesouro Nacional....	14:000$000
2.º Juros de apolices da divida publica nacional (no valor nominal de 67:200$000 conforme se vê do balanço de 1897)....	3:360$000
3.º Juros das apolices do Emprestimo Municipal.....	60$000
4.º Prestações semestraes dos socios.	1:128$000
5.º Joias de admissão de socios.....	$
6.º Remissão de socios.....	$
7.º Venda de exemplares da *Revista Trimensal*.....	$
8.º Venda de outras publicações do Instituto.....	$
9.º Donativos.....	$
	18:548$000

Art. 2.° A despeza do anno de 1898 é fixada na somma de 17:400$000 e será effectuada pelas verbas seguintes:

1.° Impressão da *Revista Trimensal*		8:000$000
2.° Empregados do Instituto, a saber:		
Bibliothecario	3:000$000	
Escripturario.....	1:800$000	
Porteiro.....	1:200$000	6:000$000
3.° Expediente.....		800$000
4.° Commissão de bibliographia brazileira		2:000$000
5.° Eventuaes.....		600$000
		17:400$000

Art. 3.° O saldo, que, por ventura se verificar no fim do anno, será applicado á acquisição de apolices da divida publica.

Sala das Sessões, em 21 de Novembro de 1897.— *João Carlos de Sousa Ferreira*, Relator. — *Dr. Castro Carreira.*»

Feitas diversas considerações pelos Srs. Relator, Paranhos Montenegro e Thesoureiro A. Araripe, sobre o estado financeiro e meios de attender as necessidades do serviço do Instituto, foi o projecto de orçamento approvado.

O Sr. A. Milton, como membro da commissão incumbida de apresentar ao Sr. Presidente da Republica as felicitações do Instituto, dá conta do desempenho da referida commissão, que dirigio ao Chefe do Estado palavras que foram já publicadas na imprensa.

O Sr. Dr. Cesar Marques faz a seguinte declaração:

«Um dia o notavel Jesuita Padre Antonio Vieira achando-se velho e doente fez uma circular a todos os seus amigos pedindo-lhes, que não lhe escrevessem mais para não o obrigarem ao desgosto de não responder as suas missivas.

Passados muitos annos, um homem notavel da Capitania do Maranhão, requereu a todos os Ministerios da Metropole, que não o nomeiassem para cousa alguma ou cargo mais ou menos importante, porque muito já elle tinha trabalhado, achava-se doente, e neste caso pedia, que o isentassem de todos os trabalhos.

Seguindo estes exemplos e agora que se vai tratar das eleições para os diversos cargos do anno vindouro, eu venho solicitar igual graça dos meus consocios.

Aqui virei a todas as sessões, e continuarei a ser o guarda constante e vigilante das disposições do regulamento, e da praxe seguida, e erguerei sempre a minha voz contra os infractores dos usos e das leis de tantos annos.

Ha muitos annos que sou membro do Instituto, graças a Deus, tenho boa memoria, recordo-me de tudo e fallarei não como um energumeno pelas costas, e sim com os argumentos proprios de quem tem vivido em boa sociedade, e que sempre confirmará, como tem sido de seu costume, o que disse uma vez.

Sala das Sessões do Instituto Historico, em 6 de Setembro de 1897. — *Dr. Cesar Augusto Marques.* »

Lido e posto á votos o parecer da commissão de admissão de socios relativo ao Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, é o mesmo approvado, sendo pelo Sr. Presidente proclamado socio effectivo do Instituto Historico, o Sr. Dr. Amaro Cavalcanti.

Sobre proposta do Sr. Dr. Nunes Pires, é marcada uma sessão extraordinaria, que terá lugar no dia 12 á 1 hora da tarde, para posse do novo consocio.

O mesmo Sr. Nunes Pires inscreve-se para continuar a leitura interrompida do elogio historico do Desembargador Ernesto Ferreira França, socio do Instituto, e o Sr. José Luiz Alves para ler as biographias do Bispo do Rio de Janeiro, D. Vicente da Gama Leal e do conego João José Ferreira de Aguiar, vigario collado que foi da cidade de Valença, Estado do Rio de Janeiro.

O Sr. Cruls apresenta a seguinte indicação:

« Proponho que de hoje em diante as sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro tenham lugar nas sextas-feiras as 7 horas da noite.

Rio de Janeiro, 6 de Dezembro de 1897. — *L. Cruls.* »

Vai a Commissão de Estatutos e de Redacção, sendo relator o Sr. Conselheiro Alencar Araripe.

São feitas as seguintes propostas:

1ª. — « Propomos para membro do Instituto Historico o Sr. Alfredo Varella, servindo de titulo para a sua admissão o 1.º volume da sua obra o — *Rio Grande do Sul.*

Sala das sessões, em 6 Dezembro de 1897. — *Dr. Cesar Augusto Marques.* — *T. Alencar Araripe.* — *José Luiz Alves* ».

A' Commissão subsidiaria de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Velho da Silva.

2.ª « Propomos para membro correspondente do Instituto Historico o Sr. Coronel José Bernardino Borman, servindo de titulo para a sua admissão o 1.º volume da sua — *Historia da Guerra do Paraguay*, impressa em Curityba.

Sala das Sessões, em 6 de Dezembro de 1897. — *Dr. Cesar Augusto Marques.* — *T. Alencar Araripe.* — *José Luiz Alves.* »

A' Commissão de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

3.ª « Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Miguel Archanjo Galvão, natural do Estado do Rio Grande do Norte, idade de 76 annos, director aposentado do Tribunal de Contas do Thesouro Nacional.

O proposto teve longa carreira de serviços prestados ao paiz em diversos empregos da fazenda, e foi sempre dedicado ás letras patrias, tendo varios trabalhos historicos ineditos.

Para titulo da sua admissão podem servir os trabalhos já publicados sob o titulo — *Reflexões sobre a historia e legislação da dizima da chancellaria* e — *Relação dos cidadãos que tomaram parte no governo do Brazil no*

periodo de 11 de Março de 1808 a 15 de Novembro de 1889 — por elle offerecidos ao Instituto.

Sala das Sessões, em 6 de Dezembro de 1897. — *T. Alencar Araripe.* — *Henri Raffard.* — *Dr. Cesar Augusto Marques.* — *Dr. Alfredo Nascimento.* — *Augusto Victorino A. Sacramento Blake.* — *Padre Bellarmino de Sousa.* — *T. G. Paranhos Montenegro.* — *A. Milton.* — *José Luiz Alves.*»

A' Commissão de Historia, sendo relator o Sr. Dr. Cesar Marques.

O Sr. Desembargador P. Montenegro pediu informações sobre os trabalhos á cargo do Bibliothecario; prestou-as o Sr. 1.° Secretario, communicando o que se acha feito e o que resta á fazer, e accrescentando que o funccionario que até agora tem servido pediu exoneração.

O Sr. Presidente fez lembrar que á 15 do corrente tem de ser celebrada a sessão anniversaria da installação do Instituto; e assim conviria que desde já deliberasse a Mesa o que tivesse por conveniente á respeito.

Resolveu-se que fosse a sessão effectuada ás 7 horas da noite de 15, com a solemnidade de costume.

Não havendo mais nada a tratar-se o Sr. Presidente levantou a sessão.

Padre *Bellarmino de Souza*,
Servindo de 2.° Secretario.

2.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 12 DE DEZEMBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

A' 1 hora da tarde, reunidos os Srs. Conselheiros Aquino e Castro e M. F. Correia, H. Raffard, Drs. Martins Junior, A. Milton, Velho da Silva, Barões Homem de Mello e de Loreto, Capitão de mar e guerra Calheiros da Graça, Conselheiro Souza Ferreira, Dr. L. Cruls, Desembargador Paranhos Montenegro, Dr. Nunes Pires,

Padre Bellarmino de Souza, Dr. Machado Portella e Marques Pinheiro, o Sr. Presidente abriu a sessão.

O Sr. 1.º Secretario communicou que o Sr. Dr. Cesar Marques participara não poder comparecer á esta sessão, por motivos imperiosos e independentes da sua vontade e o Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira por ter de presidir em Nictheroy á uma reunião do Asylo Santa Leopoldina, de que é Provedor.

EXPEDIENTE

Officios: Do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, communicando haver sido empossada a nova directoria.

Do Sr. Coronel Joaquim Costa Mattos pedindo a sua exoneração de bibliothecario.

OFFERTAS

As que constam do Appendice.

Achando-se na sala immediata o Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, o Sr. Presidente nomeou os Srs. Secretarios H. Raffard e Marques Pinheiro, para em commissão introduzil-o na salão das sessões.

Recebido com as formalidades do estylo e occupando a sua séde, o Sr. Presidente proferiu este discurso:

«Sr. Dr. Amaro Cavalcanti. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro com muita satisfação abre as suas portas ao distincto homem de lettras que vem hoje tomar parte em seus trabalhos; e praz-lhe acreditar que muito concorrerá o novo consocio com o valioso auxilio de suas luzes, infatigavel actividade e reconhecida influencia na sociedade em que occupa posição eminente, para o desenvolvimento e progresso desta laboriosa e util associação litteraria, que se preza de ter por fundamentos, na phrase conceituosa de um dos seus preclaros instituidores, — o sempre ardente amor da patria e o não menos intenso amor das letras.

Com legitimo orgulho relembrará o Instituto que, na esplendida e espaçosa galeria de seus dignos consocios

de longa data tem sido contemplados os vultos grandiosos de muitos desses que em toda a parte com brilho representam a supremacia da intelligencia e do verdadeiro merito nas relações da vida social; aqui tiveram assento reconhecidas illustrações deste paiz; homens notaveis que pelo seu honrado caracter, acrisolado patriotismo e relevantes serviços prestados as lettras e ás sciencias recommendaram seu nome a estima e respeito de seus concidadãos.

E' pois, de razão que ao gremio litterario, sempre franco ao talento e á idoneidade, venha hoje associar-se quem, pelos seus estudos e proficientes trabalhos sobre um dos mais difficeis e importantes ramos da sciencia administrativa, tem dado de sobejo provas de superior instrucção, capacidade e aprofundado saber.

Não é só nas altas e agitadas regiões da politica, nos vastos dominios da sciencia que ensina a governar os povos, que é dado manifestar-se a intelligencia em todo o seu fulgor e com efficacia exercer-se a actividade do homem que consagra suas forças ao serviço de sua patria; tambem na pacifica occupação das lettras, na serena mansão em que com desvello são cultivados os estudos historicos peculiares do Instituto, se abre largo espaço á livre expansão do pensamento, ás lucubrações do espirito preparado para os grandes commettimentos, para as investigações cuidadosas da verdade, para os ensinamentos que conduzem á perfeição moral que constitue a verdadeira civilisação. E' pelas proveitosas lições da historia que se educam os povos e organisam-se as grandes nacionalidades.

De tres condições depende — dizia um celebre escriptor inglez — a grandeza, o progresso e a felicidade de uma nação: — *paz, boas finanças e recta administração da justiça*.

Bem serve, portanto, á causa publica aquelle que, com especial attenção á um desses ponderosos factores, assignada em seus escriptos, como apreciavel subsidio para a historia, a marcha progressiva e o desenvolvimento moral e material do paiz; estuda os intrincados problemas da sciencia economica, de que depende o incremento da fortuna publica; e aponta os meios de facilitar a

producção e distribuir com acerto os fructos do trabalho, os abundantes recursos fornecidos pela natureza, pelo commercio e pela industria, fontes perennes e fecundas da riqueza da Nação.

São de nós conhecidos e geralmente apreciados os interessantes trabalhos do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti sobre litteratura, politica, administração e finanças do Brazil. Elles se prendem a assumptos de que se occupa o Instituto; desenvolvem um ponto essencial da historia politica do Brazil; e os elementos que trazem para que possa ser melhor conhecida a parte relativa ás finanças — mola real de toda a administração bem constituida — certo que para o historiador tanto valem, quanto os que poderia offerecer a exposição de um facto de ordem commum ou o exame de uma época qualquer da historia nacional.

Está assim demarcado o lugar que de direito compete nesta douta associação ao erudito escriptor, que tanto tem mostrado favorecer a instrucção e o adiantamento das lettras, que ainda muito terão á dever-lhe.

No modesto recinto do Instituto não virá encontrar as pomposas cerimonias, as magnificencias, ainda que ephemeras, deslumbrantes, que de ordinario rodeiam as altas representações do poder; nem é no caracter official de que se acha revestido como Ministro de Estado, que hoje entre nós se apresenta e é com agrado por todos acolhido; achará, porém, cordialidade e singeleza na fraterna união de estudiosos companheiros, só preoccupados com o interesse commum da instituição a cujo serviço se dedicam; collaboradores leaes que de bom grado coparticiparão dos seus esforços no elevado e constante empenho de honrar e engrandecer a patria, preparando a sua historia, que é a gloriosa historia de um povo livre, sempre animado dos mais nobres e generosos sentimentos.

Com as affectuosas saudações que em nome do Instituto são-lhe agora dirigidas, seja entre nós bem vindo o novo e muito digno consocio. »

Obtendo a palavra agradeceu o honrado Sr. Dr. Amaro Cavalcanti nestes termos:

« Senhores do Instituto Historico e Geographico Brazileiro — Quizestes, na vossa generosidade, que a

mim tambem coubesse a subida honra de occupar um lugar neste recinto, onde tem fulgurado o talento de tantos varões, illustres pelo saber, notaveis pelas virtudes civicas e merecidamente venerados pela grandeza e qualidade dos serviços prestados, não só, a causa das lettras, mas igualmente, ao bem estar e progresso de toda a Nação.

Honra, assás insigne, é sem duvida esta, que ora me conferis, e em vista della, confesso-me ligado a este sabio Instituto por um laço de inteira e imperecivel gratidão; ainda que, permitti que o diga, — consciente da pobreza de meus conhecimentos, acredito que na deliberação tomada foi maior a vossa benevolencia, do que inteira a vossa justiça.

Assim fallando, quero bem significar que não desconheço a importancia dos fins e labores do Instituto; em meu humilde entender, cada um dos membros desta tão elevada corporação devera ser um erudito, um verdadeiro sabio das cousas de nosso paiz, — e vós por certo não ignoraes, que eu estou bem longe de pretender tamanho merecimento.

Com effeito, que póde haver para o litterato, o scientista, o profissional dos diversos ramos, o estadista mesmo, que a historia e a geographia não comprehendam no todo, ou ao menos boa parte, em suas investigações e ensinamentos ?

Como marchar firme na immensidade sinuosa desse labyrintho — que se chama a vida humana, sem nenhuma indicação da geographia, e sem ao menos segurar uma pequena parte, minima do grande fio da historia cujas pontas, uma foi ligada pela mão cahotica do tempo nas regiões desconhecidas do passado, e a outra vai esconder-se nos cimos impenetraveis do futuro? — Mas, restringido esse conceito ao nosso ponto de vista limitado, — a geographia descreve o territorio na sua grandeza e limites, no seu aspecto, condições e elementos naturaes. que affirmam ou negam desde logo a prosperidade actual ou possivel de seus habitantes; ella descreve a indole e costumes dos mesmos, as suas aptidões physicas e intellectuaes, o gráo da sua educação e desenvolvimento — qualidades, segundo as quaes, é licito prever os resultados

do bem commum publico e privado; — ella descreve igualmente as tendencias caracteristicas do povo, manifestadas nas suas instituições e nos ramos diversos da actividade nacional; — ella nos dá a estatistica em suas especies numerosas, para bem conhecermos o que somos, e d'ahi avaliarmos com segurança o que devemos ou podemos pretender de bom e proveitoso na obra do presente e do futuro; ella descreve, finalmente, a organisação e fórma do governo nacional, condição indispensavel, para que a lei impere, a ordem exista, e o progresso se dê na paz e para o bem geral de todos os individuos e classes.

E emquanto a geographia enumera e ensina tudo isso, e muito mais do que isso — a historia, por sua vez, registra, authentica, compara e comprova os direitos de nosso territorio, os titulos das nossas fronteiras, explica as razões e fundamentos do caracter nacional e a marcha de nosso desenvolvimento na ordem material e moral; illustra as origens de nossas instituições e preferencias, investiga, considera e commenta os defeitos da vida commum; e offerecendo aos governos os documentos irrecusaveis de seus erros, os exemplos e normas de boa conducta, habilita-os dest'arte, para melhorar a sorte do povo e concorrer efficazmente para a realização da felicidade nacional.

Bastam estas poucas referencias para deixar vêr quanto é grande o computo de conhecimentos e estudos valiosos, que a historia e a geographia abrangem e illustram — e que as suas lições devem constituir *o saber primario, primordial* de todo o cidadão. Sem ellas nenhum cultor das lettras, nenhum homem de sciencia, nenhum homem de governo, se póde reputar condigno ou com a precisa capacidade para o completo desempenho de seus deveres e funcções, quer se trate da vida publica, quer da vida particular de cada um.

E é justamente por isso, que esta instituição, cujo objecto e fins é o estudo perseverante de taes assumptos, tem feito jus a ser considerada a primeira, entre tantas outras que, como ella, se dedicam ao progresso das letras e sciencias patrias.

Quanto a mim. Senhores já que assim entendestes, aqui me tendes para o desempenho da parte da tarefa que me reservaes.

Por tendencia natural de espirito, pelo meio da instrucção recebida, ou pelas circumstancias da propria vida, nunca seduzio-me o enlêvo de estudos puramente especulativos, — nunca escrevi trabalho algum, vizando a simples demonstração de theorias abstractas.

O pouco, que tenho produzido, tem mirado a um só fim: concorrer para a elucidação das cousas patrias. Onde quer que encontrardes um escripto meu, podeis ficar certo de que elle foi elaborado sobre factos do Brazil ou em vista dos interesses do Brazil. E pois, desta unica circumstancia, podeis logo bem avaliar da sinceridade de minha satisfação, vendo-me hoje ao lado dos mais dedicados e competentes cultores daquillo que sobremaneira interessa ao nosso paiz: a historia e a geographia patria.

Sou dos que tem fé inabalavel na futura grandeza desta enorme região que a Providencia nos reservou; e quaesquer que sejam as vicissitudes e transições tormentosas da vida nacional, — um dia, embora ainda distante de nós, a historia dos grandes povos ha de assignalar o nosso, como muito rico, muito culto, muito feliz! E estou certo, que então, o espirito da justiça, que não desfallece, nem muda com os tempos, não deixará em olvido o quinhão de merito que deva tocar ás instituições ora existentes, e que, como este Instituto, se devotarem ao engrandecimento da patria; porque, como sabeis, a grandeza real de um povo é, antes de tudo, a accumulação paciente e successiva dos trabalhos, saber e esforços das suas gerações.

Aqui tendes, Senhores, nestas breves palavras, singelas e despretenciosas, a expressão de meus sentimentos e da minha fé, ao penetrar os humbraes desta illustrada associação. »

Respondendo a convite do Sr. Presidente, o Sr. Dr. Martins Junior diz que na sentida falta do illustre orador effectivo do Instituto, vê-se na contingencia de dirigir a palavra ao distincto Dr. Amaro Cavalcanti no dia auspicioso da sua entrada no seio do Instituto.

Refere-se ás palavras do illustre Presidente, frizando que o recinto do Instituto é um remanso pacifico. De facto esta associação faz lembrar os *Templa serena*, do poeta Lucrecio. os altos cimos solemnes e serenos da sciencia.

Por isso mesmo deve ser agradavel ao illustre Dr. Amaro Cavalcanti vir repousar aqui, por instantes das fadigas da vida publica e das agitações politicas.

Por outro lado é agradavel ao Instituto poder contar com o prestigio official e politico do seu novo consocio, que, servindo-se desse prestigio ao mesmo tempo que de suas altas faculdades intellectuaes e de suas conhecidas energias moraes, está destinado a prestar os mais assignalados serviços á douta associação, de que vem fazer parte.

Sauda-o, portanto, em nome do Instituto, declarando que este tudo espera de seus meritos e de seu patriotismo.

Em seguida tratou o Instituto de assumptos de administração e serviços á seu cargo.

Sobre a exoneração pedida pelo Bibliothecario informou o Sr. 1.º Secretario, que molestia pessoal e em pessoa de familia motivou o pedido de demissão, havendo já feito trabalho valioso; e, por proposta do Sr. Conselheiro Souza Ferreira, ficou o Sr. Presidente autorisado a resolver sobre o assumpto e a fazer a nomeação de pessoa habilitada como fôr conveniente aos interesses do Instituto, trazendo á Mesa o resultado da sua deliberação.

O mesmo Sr. 1.º Secretario informou minuciosamente sobre os trabalhos da Commissão central de bibliographia nacional de sciencias geographicas, desde que o Instituto foi encarregado desse serviço pelo Sr. Dr. Gonçalves Ferreira, quando Ministro dos negocios do Interior. Ficou a Mesa inteirada.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão ás 2 e meia horas da tarde.

F. B. Marques Pinheiro,
2.º Secretario.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1897

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia

A 15 de Dezembro de 1897, 59° anniversario da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na sala das sessões do mesmo Instituto e de conformidade com os Estatutos foi celebrada a sessão magna anniversaria.

A's 8 horas da noite achando-se presentes os Srs. Conselheiros Manoel Francisco Correia, e Marquez de Paranaguá, Henri Raffard, Dr. Alfredo Nascimento, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Dr. Evaristo Nunes Pires, Dr. Amaro Cavalcanti, Barão de Loreto, Dr. Liberato de Castro Carreira, Barão Homem de Mello, Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, André Paulino de Lacerda Werneck, Commendador José Luiz Alves e Francisco Baptista Marques Pinheiro, 2° Secretario; faltando por motivo de incommodo de saude o Dr. Presidente Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, assumio a presidencia o Sr. Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia que declarou aberta a sessão e designou os Srs. Marquez de Paranaguá, 3° Vice-Presidente, Henri Raffard, 1° Secretario, F. B. Marques Pinheiro, 2° secretario e Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, thesoureiro, para introduzirem no recinto os Exms. Revms. Srs. D. Jeronymo Thomé da Silva, Arcebispo da Bahia e D. Francisco do Rego Maia, Bispo de Petropolis, que se achavam na ante-sala.

Recebidos com as formalidades do estylo os dous distinctos prelados tomaram assento e posse das suas cadeiras de socios honorarios.

Em seguida o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, proferio o discurso de abertura da sessão e deu a palavra ao Sr. Henri Raffard, 1° Secretario, que procedeu a leitura do relatorio dos trabalhos do anno e depois ao Sr. Dr. Alfredo Nascimento, orador, que fez o elogio historico dos nove consocios fallecidos durante o anno de 1897.

Concluidas as leituras, o Sr. Conselheiro Correia levantou a sessão ás 10 1/2 horas da noite. E eu 2° Secretario fiz lavrar a presente acta que assigno. — *Francisco Baptista Marques Pinheiro.*

DISCURSO

PROFERIDO NA

Sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1897

NO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

PELO VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Manoel Francisco Correia

« Senhores. A sciencia é cosmopolita, como se faz mister para que ella possa preencher sua missão, saliente nos destinos humanos.

Nem os continentes, nem os oceanos; nem as altitudes, nem os valles; nem o equador, nem os polos, têm que oppôr entraves ás suas conquistas: antes é sobre o conjuncto das cousas creadas que ella exerce, melhormente, a sua acção civilisadora.

Incompleto fôra o esforço scientifico, e por determinação da natureza, se houvesse de detel-o a circumstancia do frio ou do calor, da juventude ou da velhice; mas, ao contrario, o homem, instrumento e propulsor da sciencia, em todas as temperaturas se accommoda, e a idade, maior ou menor, não entorpece seus labores.

Entretanto, se a natureza alargou dest'arte o ambito concedido á sciencia, o homem, por erro ou por teimosia sectaria, procura estreital-o, limitando-o a phenomenos que direi de ordem externa; quando tão positiva é a sciencia adquirida por este methodo, como a que aprofunda as leis do pensamento e da sensibilidade mediante processo differente.

Em duas grandes categorias o saber humano se divide.

Se na primeira, que seja dominada de sciencias physicas, como a segunda, por contraposição, de sciencias moraes, resplendem, e são glorias da humanidade, Thales de Mileto, Pythagoras, Euclides, Copernico, Tycho-Brahe, Kepler, Newton, Laplace, Arago, Leverrier, Orfila, Dumas, Claude Bernard e Brown Sequard; não menos honrosamente se celebrisaram por investigações attinentes á segunda Aristoteles, Socrates, Platão, Bacon, Descartes, Malebranche, Locke, Kant, Victor Cousin e Jules Simon, sem fallar nos padres da igreja que chegaram até á subtileza sorprendente na dissecação dos actos peccaminosos, campo onde, permitta-se-me a afouteza, pouco haverá ainda que respigar.

Mutila, portanto, a sciencia, que é um todo harmonico, quem por um unico de seus aspectos a considera. Se as especialidades são necessarias para levar ao apuro qualquer ramo do saber, e a vida é curta para estender a vista por mui largos horisontes; a verdade superior, dominadora, escopo da sciencia, resulta da combinação acurada e perfeita das verdades parciaes: é o conhecimento da verdade o objectivo da sciencia, disse J. J. Rousseau.

—

Se nem as estações, nem este ou aquelle ponto temeroso do globo são obices, na ordem physica, para o alargamento da sciencia, affrontando o homem nesse intuito distancias e perigos: menos, na ordem politica, são-lhe empecilho as fórmas de governo: como nos templos sagrados, todas as opiniões politicas se agasalham nos asylos tranquillos, onde á porfia se labuta para accrescentamento do thesouro intellectual do mundo, patrimonio não desta ou daquella raça, deste ou daquelle povo, mas do genero humano.

Assim é que tanto floresce a sciencia sob o sceptro imperial na Allemanha e na Austria; sob o sceptro real na Inglaterra e na Italia, como sob as abobadas do Vaticano, ou sob a bandeira republicana na França e nos Estados Unidos.

A serenidade, que é o seu essencial attributo, não a offusca a agitação dos partidos que se gladiam na arena dos comicios e dos parlamentos.

As controversias dos sabios, se ás vezes se azedam, tal a humana fragilidade! não excitam prevenções, suspeitas, perseguições. Os sabios, como taes, não conspiram. Disputam preferencia para suas theorias, seus systemas, mas em região isenta de ambições subversivas; e, venturosamente, a scentelha que do choque escapa esclarece e firma um novo progresso.

—

A qual das duas categorias scientificas que esbocei pertence a historia?

Consenti que a classifique como sciencia mixta. Ella não prescinde da observação, do agrupamento dos factos que se succedem; mas tambem o seu principal merito está em penetrar, por operação invisivel do pensamento, no nexo logico que os prende, ou, em outros termos, em descobrir a marcha evolutiva da civilisação na confusão de acontecimentos que revoluteiam, tumultuam e se atropellam.

E' seu cunho distinctivo a imparcialidade. Com igual e inflexivel justiça exalta e abate imperios e republicas, aristocracias, theocracias, oligarchias: seu culto é o do bem e da virtude.

O historiador escrupuloso, que na verdade se inspira, dispõe do poder immenso de chamar sobre aquelles cujos labios emmudeceram para sempre a admiração ou o estigma da posteridade.

Elle levanta no ponto mais culminante da terra o labáro que aponta a senda dos benemeritos, incitando imitadores, e o patibulo em que são victimados os que deslustram a nossa especie.

Bem haja o que sabe desempenhar tão delicada tarefa!

Assim, se realça o merito de Alexandre Magno, não escurece as qualidades eminentes de Pericles, que ligou seu nome a um seculo.

Assim, não vê sómente virtudes e austeridade na Roma republicana, e só vicios e crimes na Roma

imperial: estuda com animo desafogado a grandeza e a decadencia dos romanos.

Assim tambem, historiadores monarchistas têm palavras de admiração enthusiastica para republicanos egregios como Washington ; e historiadores republicanos apostrophes de vehemente indignação para monstros como Rosas.

—

Se a historia aproveita mesmo quando se occupa com imperios, como os da Assyria e de Babylonia, sumidos na escuridão do tempo, onde mal chegam os recantos ultimos da memoria; se é mestra quando se emmaranha nas ameias feudaes da idade média; mais apreciavel se torna quando contempla acontecimentos que, por assim dizer, palpitam ainda. Taes são os do nosso continente; taes são os da nossa patria, que devemos ter constantemente diante dos olhos. A historia póde ser ahi mais fiel, mais minuciosa e joeirada. Os que para lograrem esse fim entregam-se com afan a pacientes pesquizas, são credores de estima, de respeito.

Não se deve regatear louvores a seus trabalhos, a seus escriptos.

Ah! sei quanto são duras algumas paginas, quanto buscaria apagal-as o historiador patriota se não tivesse de render á verdade afflictivo preito. Se escreve essas paginas com o coração transido de amargura, com que alacridade sacode o peso que o opprime para narrar jubiloso os aureos feitos que nos enchem de regosijo e consolo.

A historia, reflexo do mundo, não póde ter sorrisos sempre, ha de curtir tambem angustias, dores e lagrimas !

Por fortuna, após noites tormentosas surgem dias esplendidos e festivos !

—

Se a sciencia, em synthese, levanta as suas tendas e prosegue em suas lides proficuas sob qualquer fórma de governo ; a historia que, particularmente, a todas tem de aferir com igual desprendimento, mais arredada está de preoccupação semelhante.

As associações que se empenham nos estudos historicos não têm como laço de união nem a religião, nem a politica, nem a carreira que cada um dos membros abraça; mas a communhão de esforços para alcançar do melhor modo a meta cobiçada.

—

Seguindo esta orientação, o Instituto Historico não attende, para sua constituição, á differenças de religião, de nacionalidade, de profissões, de opiniões politicas; acolhe contente em seu gremio quem quer que demonstre applicação e boa vontade para a realização de seus propositos. Magistrados, bispos, advogados, engenheiros, medicos, clerigos, militares, funccionarios publicos, commerciantes, nacionaes, estrangeiros, catholicos, acatholicos, politicos deste ou daquelle partido, aqui se congregam em amistoso convivio.

O que vale o Instituto dizem-no a sua *Revista*, em tomos numerosos que tamanha luz derramam sobre a nossa historia; dizem-no a sua preciosa bibliotheca, os seus manuscriptos, a valiosa collecção de seus mappas, que de tanto proveito tem sido em pendencias internacionaes.

Que obstaculo haverá, pois, a que elle, tão acariciado entre os estranhos, seja collocado no numero das instituições nacionaes, dignas do apreço de todos os brazileiros?

Em seu recinto não entram dissensões politicas. Seus intuitos são nobres, seus serviços desinteressados. Em dezenas e dezenas de annos de labor não tem esfriado no zelo pela causa da patria. Trabalhamos todos por amor do Brazil, sem remuneração de qualidade alguma, sem outro incentivo que não o cumprimento rigoroso de um dever civico.

Os brazileiros de amanhã hão de seguir-nos o exemplo, como nós procuramos honrar os brazileiros de hontem.

Porque não ha de o favor publico cercar o Instituto no presente como no passado, no futuro como no presente?

Os resultados beneficos colhidos nos sessenta annos de sua existencia estão patentes, aureolando a memoria saudosa dos conspicuos fundadores e dos protectores

desvelados, um dos quaes, o mais illustre, manda a gratidão não seja esquecido.

Que desserviço foi jamais arguido ao Instituto?

Não o digo por vangloria, descabida em solemnidade como esta.

Não o digo tambem para captar a vossa benevolencia, que aliás nunca deixou de amparar as instituições de real utilidade.

Digo-o, senhores, como appello á vossa rectidão em prol das minhas palavras finaes.

Digo-o, senhores, no desejo e na esperança de que merecerá a vossa almejada approvação o conceito que até aqui tenho procurado justificar, e por isso reservei para remate do discurso com que vos tenho enfadado:

O desapparecimento do Instituto Historico seria um desdouro para os brazileiros. »

RELATORIO

DOS

Trabalhos do anno de 1897

LIDO NA SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DE 15 DE DEZEMBRO DE 1897

NO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

PELO

1.° Secretario

HENRIQUE RAFFARD

Sr. Presidente.—Meus Senhores:—No desempenho da obrigação que tem o 1° Secretario n'este dia 15 de Dezembro, de memoravel anniversario, venho apresentar aos meus illustrados consocios o relatorio das occurrencias do anno cadente.

Antes, porém, de realizal-o, creio dever recordar que o Instituto, na primeira reunião de seus membros após o attentado de 5 de Novembro ultimo, do que sahio illeso o Sr. Presidente da Republica e nosso Presidente honorario Dr. Prudente José de Moraes Barros, nomeou uma commissão que foi apresentar a S. Ex. as felicitações da nossa Associação.

Cumpre-me tambem lembrar que, por motivo de molestia grave em pessoa de minha familia e me achar, ao mesmo tempo, com a direcção do serviço da illuminação publica e particular de Nictheroy, não podendo frequentar o Instituto com a minha habitual assiduidade, solicitei temporaria dispensa das funcções de 1° Secretario, sendo substituido durante perto de um mez pelo

2º Secretario, Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, a quem agradeço não só este obsequio, como as palavras por demais benevolas que então me dirigio.

Grato sou, principalmente ao Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, nosso digno Presidente, pela confiança que me outorga, e mui captivo fico pela extrema gentileza do trato que me dispensam meus distinctos consocios.

*

No anno de 1897, realizaram-se 21 sessões, a saber: 18 ordinarias—a primeira a 7 de Março e a ultima a 6 do corrente—1 especial e 1 extraordinaria a 28 de Outubro, outra extraordinaria a 12 do corrente.

As duas sessões de 28 de Outubro sobresahiram sempre nos nossos annaes, e, não obstante os artigos assás detidos de varios orgãos da nossa imprensa, reproduzidos na *Revista* d'este Instituto, tenho de dar conta das mesmas, o que passo a fazer.

Sendo esperada n'esta Capital a Commissão Scientifica que seguia em viagem de exploração ás regiões do Pólo Antarctico, sob a direcção do Sr. Adrien de Gerlache, o Instituto, em 22 de Agosto, resolveu effectuar uma sessão solemne em honra dos membros da referida Commissão.

Aguardava-se no fim de Setembro a chegada de *La Belgica*, que a despeito de possuir machina a vapor, navegava só á vela e, fazendo escalas, tendo sahido de Antuerpia a 15 de Agosto, aportou no Rio de Janeiro a 22 de Outubro.

Espalhou-se a noticia no sabbado 23. Nada se podia arranjar no domingo 24. E no dia 25, a Secretaria foi informada pelo Sr. L. Laureys Junior, digno Consul Geral da Belgica, que a Commissão, penhorada pelas attenções do Instituto, muito lhe agradecia a sua boa vontade, mas, não podendo demorar-se aqui porque vinha atrazada, pedia de dispensar a sessão solemne.

Attendendo ás ponderações feitas, a Mesa do Instituto, de accôrdo com a Commissão que havia nomeado para tratar da sessão solemne, annunciou para a quarta-feira

27, ás 2 1/2 horas da tarde, uma sessão especial, na qual se pretendia distinguir os membros da Commissão com diplomas de socios. Havendo, porém, sido transferida a partida de *La Belgica*, ficou a sessão adiada para o dia 28, e, contando-se com a visita n'este dia de alguns membros da expedição, preveniu-se o Orador do Instituto, que estava preparado para fazer uma saudação em nome da collectividade.

No impedimento do Sr. Conselheiro Aquino e Castro, o Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia dirigiu os trabalhos da sessão, n'ella foram discutidos varios alvitres e depois acclamados socios honorarios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro: o chefe da expedição polar, Sr. Adrien de Gerlache, e o Sr. Conde Wiener van den Steen de Jehay que, além de ministro residente de S. M. o Rei dos Belgas, o augusto patrocinador da expedição ao Pólo Antarctico, era merecedor da referida distincção pelos seus estudos das cousas do Brazil, havendo mesmo permittido a publicação de curiosas annotações suas ácerca do Estado de S. Paulo.

N'esta sessão especial foi tambem resolvido, caso apparecessem os novos diplomados, visto ter sido annunciada a provavel visita d'elles, effectuar-se incontinente uma sessão extraordinaria, na qual tomariam posse das respectivas cadeiras,—sessão despida de solemnidade, como desejavam os membros da Commissão.

Effectivamente, passados alguns instantes, apresentaram-se o Sr. Conde W. van den Steen de Jehay, o Sr. Consul Geral da Belgica, o Sr. Adrien de Gerlache e o Sr. Tenente Lecointe, todos belgas, o geologo polaco Dr. Aretowsky e o medico norte-americano Dr. Cook, que tomou parte na expedição de Peary em 1892, ao Pólo Norte, e com o mesmo ardor veio incorporar-se aqui á que segue para o Pólo Sul.

A Exma. Sra. D. Edmée Cruls e seu pai, nosso consocio Commendador Luiz Cruls, director do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, outr'ora official de engenheiros no exercito da Belgica, acompanhavam os distinctos estrangeiros.

Tiveram então entrada na sala das sessões: uma commissão do collegio militar convidado pelos nossos consocios Barão Homem de Mello e Dr. Evaristo Nunes Pires, professores do dito collegio, e mais cavalheiros, quer a convite de socios ou em consequencia de uma noticia officiosa estampada em varios jornaes de ser solemne e publica a sessão especial annunciada, aliás de caracter essencialmente privado como já o fizemos ver. Esta noticia foi, entretanto, feliz, porque tornou mais imponente a demonstração de apreço feita aos arrojados expedicionarios na sessão extraordinaria.

A's 3 horas da tarde, presentes 20 membros do Iustituto, o Sr. Vice-Presidente Conselheiro Manoel Francisco Correia declarou aberta a sessão extraordinaria e depois « em phrase singela porém elegante, como bem disse o *Jornal do Brasil*, saudou os nossos hospedes a quem apresentou em nome da sciencia, cultivada em nossa patria, as nossas felicitações e os votos pelo ousado emprehendimento que tomaram sobre seus hombros. »

Dada a palavra ao Orador do Instituto, Dr. Alfredo do Nascimento Silva, nosso illustrado consocio leu seu discurso em francez, como o escrevera.

Teve em seu exordio este bello pensamento:

« Maintenant vous voilà arrivés à la balise méridionale, qui marque chaque année les bornes du parcours des radiations du soleil vers le Sud. »

. . . . . .

« Mais ne craignez point; si le soleil est contraint de s'arrêter ici, vous autres, vous pouvez passer. »

Tomando em seguida para thema o assumpto que se prende ao objectivo da expedição belga, historiou as varias tentativas e resultados colhidos por navegantes ousados para descortinarem os pólos que, por uma fantazia de romancista são conquistados: o Arctico pelo famoso *Hatteras* e o Antarctico pelo capitão *Nemo*, que conduz ahi o *Nautilus* para, o primeiro, plantar o seu pavilhão ouro e negro.

Termina incitando os ousados exploradores a completarem aquillo que até bem pouco era uma fantazia: já temos o submarino, resta pois que ousados navegantes

vão arrancar aquelle pavilhão de uma patria que não existe, para substituil-o pelo de um povo que vive á luz meridiana e que em lugar de *Nemo*, que significa Ninguem, grave-se o nome de *Adrien de Gerlache*.

Palmas e bravos cobriram as palavras do orador do Instituto.

O Sr. Marquez de Paranaguá saudou aos expedicionarios em nome da « Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro » de que é Presidente.

O Sr. Barão Homem de Mello lembrou que, ha oito annos, o Instituto se havia occupado com o grande tentamen que hoje conduz os passos da Commissão dirigida pelo Sr. A. de Gerlache, e que alguma cousa que escreveu sobre tal assumpto, isto é o discurso que proferio a 31 de Outubro de 1889, na sessão solemne do Instituto em homenagem á nação Chilena, seria, como foi, lido pelo Sr. Padre Bellarmino de Souza.

Limitar-me-hei a reproduzir os dous topicos seguintes:

« Os grandes navegadores Smith, Bellingshausen, Weddell, John Biscoe, Kemp, Wilkes, Dumont d'Urville, James Ross, emprehenderam essas admiraveis expedições, que desvendaram aos olhos admirados d'esta idade os contornos do continente mysterioso que resguardam ainda os gelos do Pólo Antarctico.

Na peleja sem fim que o espirito humano sustenta, dia por dia, contra o desconhecido, essas regiões vedadas, em que a sciencia assiste cheia de interesse ao trabalho silencioso das grandes energias da natureza, na formação de novas terras, terão ainda de solicitar o genio do homem. E então, á força expansiva de vossa civilisação está porventura reservado accrescentar á historia da sciencia uma nova pagina. »

O Sr. Padre Bellarmino, como sacerdote, concluindo a leitura, saudou a Belgica catholica representada na illustre Commissão que tão arrojada se mostra em seu emprehendimento scientifico, como deve ser nas fortes expansões da fé religiosa da sua nação.

O Sr. Presidente fez então entrega dos respectivos diplomas de socios honorarios aos Srs. Conde Wiener van den Steen de Jehay e Adrien de Gerlache.

Obtendo a palavra o chefe da Commissão belga agradeceu commovido e proferio phrases delicadas.

Lembrou S. S. ter sido alvo no Rio de Janeiro das attenções das autoridades, dos companheiros de classe e dos homens de sciencia. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro consagrou uma sessão extraordinaria aos membros da expedição, honrando a elle com o titulo de seu socio honorario. Affirmou que no seu livro de bordo ficaria designado sob o nome de « Semaine de Rio de Janeiro » o tempo ahi passado.

Depois tomou um compromisso de cavalheiro nas seguintes palavras :

« On vous a dit, Messieurs, que trois de mes camarades et moi nous espérons pouvoir établir et occuper une station d'hivernage sur le continent antarctique.

« Il est bien modeste le matériel dont nous disposerions éventuellement ; mais il est une chose dont nous ne manquerons pas de nous munir, c'est un mât de pavillon, qui nous permettra, les jours d'allégresse, de hisser les couleurs qui abritent notre expédition.

« Eh bien, Messieurs, je désire consacrer le souvenir de notre séjour ici, et plus spécialement celui de cette séance, en hissant le 28 Octobre prochain, en même temps que le pavillon belge, celui de votre belle patrie. »

O Sr. Adrien de Gerlache sentou-se entre applausos geraes, que cessaram, achando-se com a palavra o Sr. Ministro Conde Wiener van den Steen de Jehay.

Cobrindo-se de uma modestia excessiva, declarou S. Ex. que a homenagem que recebia com o titulo que lhe foi concedido, elle não a merecia como homem de sciencia, mas agradecido aceitava como prova de estima que se quiz tributar ao seu paiz. Fez mais considerações e terminou ponderando que é pelo congraçamento das sociedades scientificas que um dia se ha de estabelecer a fraternidade universal, para impedir que os batalhões se lancem uns contra os outros, fazendo a mutua destruição.

O Sr. Ministro foi calorosamente applaudido.

Replicou com enthusiasmo o Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia, que concluiu observando não poder

deixar de agradecer sensibllisado a magnanima promessa que ouvira do valente explorador, o Sr. Adrien de Gerlache, de que juntos plantaria, para fluctuarem aos ventos do Pôlo Antarctico, os pavilhões da Belgica e de sua patria querida — o Brazil!

« E, como disse o *Jornal do Brasil*, assim terminou essa ceremonia simples, porém memoravel por sua significação. »

Alguns membros do Instituto formaram logo o projecto de presentear o commandante A. de Gerlache com a bandeira brazileira que tem de ser içada a 28 de Outubro de 1898 no continente Antarctico.

Essa bandeira que devia ser, como foi, offerecida por uma companhia de navegação nacional, o Lloyd Brazileiro, uma commissão do Instituto a entregou, no dia 29, ao Sr. A. de Gerlache, a bordo do *La Belgica*.

A's 3 horas da tarde do dia 30 de Outubro, zarpou com destino a Montevidéo o navio expedicionario.

As tripolações dos vasos de guerra surtos em nosso porto assistiram das amuradas á sua sahida, dando «Vivas á Belgica» e aos valentes expedicionarios. A bandeira que *La Belgica* levava no mastro de honra era o pavilhão offertado pela commissão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

A commissão passou por Montevidéo, e já deixou Punta Arenas onde tomou a direcção do seu objectivo.

Os nossos votos, bem como os de todas as nações civilizadas, acompanham fervorosameute os novos argonautas em sua ousada empreza.

Aos exploradores do polo sul — nosso consocio Dr. Evaristo Nunes Pires dedicou os seguintes sonetos:

Que arrojo o vosso — quasi sobrehumano!
Explorar regiões 'té hoje ignotas,
em reconditas plagas... tão remotas!
Bravos! quão ides ter labor insano!

O mundo vos contempla pasmo... ufano,
tal como outr'ora — vendo as lusas frótas
indo mares além, traçando as rótas;
sulcando ellas — primeiras — o Oceano!

Denodados athletas das sciencias
e das explorações — hodiernas glorias,
Deus abençoe vossa empreza homerica!

Bradam-vos: Eia! Avante! — as *eminencias*
que deixaram de si altas memorias...
Salve! exclama toda Europa e America!

Prôa ao Sul! — já o Atlantico singrando
vão — da Belgica filhos — os ousados
exploradores, nautas avezados
aos perigos: o escopo seu mirando!

Só da sciencia em prol — tudo affrontando
« por mares dantes » raro navegados,
ás extremas regiões austraes chegados,
o pavilhão brazileo irão plantando!

A Patria sua, sobremodo, honrando,
esses novos « barões assignalados »
já do Orbe culto logram magnos preitos!

Da *immensidade* os páramos varando,
deixarão da Natura revelados
segredos e mysterios — divos feitos!

A proposito do Pólo Antarctico accrescentarei, por me parecer assás interessante, o que me contou o Sr. C. Wilhelmi, capitão da barca *J. W. Burmeister*, de Hamburgo, que acaba de seguir para Talcahuana, no Chile.

Disse-me este illustrado cavalheiro que, em uma das suas viagens, foi arrastado até aquellas regiões e, muito embora penetrasse pouco avante, alguma cousa conhece a respeito d'ellas, possuindo um exemplar do South Pacific Pilot, cujo autor, o celebre Maury, trata minuciosamente da respectiva zona.

Sabe, pois, que no fim do seculo passado essas paragens não eram só frequentadas, como activamente exploradas pelos norte-americanos, que de seis em seis mezes repatriavam as turmas, geralmente de cem homens alli deixadas para occupar-se da destruição quasi completa da especie dos poucos representantes da fauna local — as phocas, hoje ainda rarissimas.

Foi importante o commercio das pelles antarcticas, muito mais resistentes que as congeneres de outra procedencia e cujo preparo era monopolisado pelos Chinezes.

O Sr. Wilhelmi (endereço certo na Allemanha—Herborn Kbz Wiesbaden) que só vio albatrozes e pinguins, aliás na parte menos fria d'aquellas regiões, informou ter verificado a perfeita exactidão das observações sobre temperatura, chuvas, ventos e correntes, annotoadas pelos capitães norte-americanos e recolhidas no livro de Maury, publicação que tambem conhece o nosso consocio Luiz Cruls.

Nas sessões ordinarias do Instituto foram registrados os fallecimentos de 9 associados e inscriptos 12 novos auxiliares, que são:

José Pedro Xavier da Veiga, director do Archivo Publico Mineiro, em Ouro Preto, acclamado socio correspondente em 30 de Maio;

Tancredo Amaral, professor da Escola Normal em S. Paulo, acclamado socio correspondente a 13 de Junho;

Padre *Joaquim Silverio de Souza*, reitor do Recolhimento de Macahubas, em Minas Geraes, acclamado socio correspondente a 19 de Setembro;

Dr. *Amaro Cavalcanti*, Ministro da Justiça e Negocios Interiores do Brazil, acclamado socio effectivo a 6 de Dezembro corrente;

D. *Francisco do Rego Maia*, Bispo de Petropolis, acclamado socio honorario a 25 de Julho;

D. *Jeronymo Thomé da Silva*, Arcebispo da Bahia, acclamado socio honorario a 25 de Julho;

D. *Joaquim Arcoverde*, Arcebispo do Rio de Janeiro, acclamado socio honorario em 31 de Outubro;

Conselheiro *Antonio Ennes*, escriptor e historiador, ultimamente acreditado entre nós como Ministro de S. M. Fidelissima, acclamado socio honorario a 31 de Outubro:

Conde *Wiener van den Steen de Jehay*, ministro residente da Belgica, acclamado socio honorario em 28 de Outubro;

Adrien de Gerlache, official da marinha belga, chefe da expedição ao Pólo Antarctico, acclamado socio honorario em 28 de Outubro;

Conselheiro *Luiz Martins do Amaral*, director do Banco da Republica do Brazil, acclamado socio benemerito em 17 de Outubro;

Commendador *Luiz Alves da Silva Porto*, director do Banco da Republica do Brazil, acclamado socio benemerito em 17 de Outubro.

N'este anno tomaram posse das suas cadeiras no nosso Instituto, além dos socios honorarios, Conde Wiener van den Steen de Jehay e Adrien de Gerlache, na sessão de 28 de Outubro, os Srs.:

Socio correspondente, Padre Raphael Galanti, a 2 de Maio, professor emerito do collegio S. Luiz, em Itú, autor de compendios de Historia Universal e especialmente da Historia do Brazil, que, como temos ouvido de profissionaes, têm merecimento tal que abonam os seus conhecimentos do assumpto.

Socio correspondente, André Paulino de Lacerda Werneck, a 13 de Junho. Escreveu trabalhos sobre a lavoura brazileira, em que, como estudioso e pratico, tem-se accentuado a sua competencia, publicou tambem seu trabalho *D. Pedro I e a Independencia*, no qual—pela verdade historica — como elle mesmo assignala no frontespicio do fasciculo, honrou-se, rendendo preito á mesma verdade a proposito da pretendida demolição da estatua da praça de Tiradentes (palavras do distincto escriptor); pois sendo notorio quaes as suas idéas politicas ha muito conhecidas, entretanto não se deixou, nem se deixa levar pela corrente das idéas extremas, tão commummente contrarias á mesma verdade sob todos os pontos de vista considerada.

Evidencia-se esse seu modo de pensar, tendo sempre em mira a justiça das seguintes palavras do seu discurso aqui pronunciado:

« Não ha melhor meio de formar bons cidadãos do que pela contemplação dos typos que crearam a nossa nacionalidade. A' nossa Patria cumpre procurar symbolisar os servidores a quem deve a sua grandeza.

Em um lance de olhos pelo nosso passado vemos sobresahir André Vidal de Negreiros, João Fernandes

Vieira, Pombal e D. João VI. E, concluindo, lembrou o Sr. André Paulino de Lacerda Werneck a conveniencia de se agitar a idéa de um monumento á gratidão dos que no regimen colonial symbolisaram o nosso preparo para nação livre, monumento que deverá ter as figuras de André Vidal, Fernandes Vieira e Pombal, presididas pelo typo calmo e generoso de D. João VI ».

A 12 do corrente tomou posse o socio effectivo Sr. Dr. Amaro Cavalcanti. Dirigindo-se a S. Ex. o nosso Presidente declarou que o Instituto com muita satisfação abria as suas portas ao distincto homem de lettras e na sua desenvolvida allocução fez a seguinte ponderação :

« São de nós conhecidos e geralmente apreciados os interessantes trabalhos do Sr. Dr. Amaro Cavalcanti sobre litteratura, politica, administração e finanças do Brazil. Elles se prendem a assumptos de que se occupa o Instituto, desenvolvem um ponto essencial da historia politica do Brazil e os elementos que trazem para que possa ser melhor conhecida a parte relativa ás finanças—mola real de toda a administração bem constituida—certo que para o historiador tanto valem, quanto os que poderia offerecer a exposição de um facto de ordem commum ou o exame de uma época qualquer da historia nacional.

« Está assim demarcado o lugar que de direito compete n'esta douta Associação ao erudito escriptor que tanto tem mostrado favorecer a instrucção e o adiantamento das lettras, que ainda muito terão a dever-lhe ».

Fallou por sua vez o Exm. Sr. Dr. Amaro Cavalcanti que finalisou seu discurso dizendo :

« E é justamente por isso, que esta instituição, cujo objecto e fins são o estudo perseverante de taes assumptos, tem feito jus a ser considerada, a primeira, entre tantas outras, que, como ella, se dedicam ao progresso das lettras e sciencias patrias.

Quanto a mim, senhores, já que assim entendestes, aqui me tendes para o desempenho da parte da tarefa que me reservais.

Por tendencia natural de espirito, pelo meio da instrucção recebida, ou pelas circumstancias da propria vida, nunca me seduzio o enlevo de estudos puramente

especulativos—nunca escrevi trabalho algum, visando a simples demonstração de theorias abstractas.

O pouco que tenho produzido tem mirado a um só fim: concorrer para a elucidação das cousas patrias. Onde quer que encontrardes um escripto meu, podeis ficar certo de que elle foi elaborado sobre factos do Brazil ou em vista dos interesses do Brazil. E pois, d'esta unica circumstancia, podeis logo bem avaliar da sinceridade da minha satisfação, vendo-me hoje ao lado dos mais dedicados e competentes cultores d'aquillo que sobremaneira interessa ao nosso paiz: a historia e a geographia patrias.

Sou dos que têm fé inabalavel na futura grandeza d'esta enorme região que a Providencia nos reservou; e quaesquer que sejam as vicissitudes e transições tormentosas da vida nacional — um dia, embora ainda distante de nós, a historia dos grandes povos ha de assignalar o nosso, como muito rico, muito culto, muito feliz! E estou certo que, então, o espirito da justiça, que não desfallece, nem muda com os tempos, não deixará em olvido o quinhão de merito que deva tocar ás instituições ora existentes, e que, como este Instituto, se devotarem ao engrandecimento da patria; porque, como sabeis, a grandeza real de um povo é, antes de tudo, a accumulação paciente e successiva dos trabalhos, saber e esforços das suas gerações.

Aqui tendes, senhores, n'estas breves palavras, singelas e despretenciosas, a expressão de meus sentimentos e da minha fé, ao penetrar os humbraes d'esta illustre Associação.»

Respondendo a convite do Sr. Presidente, o Dr. Martins Junior diz que, « na sentida falta do illustre orador effectivo do Instituto, vê-se na contingencia de dirigir a palavra ao illustre Dr. Amaro Cavalcanti, no dia auspicioso de sua entrada no seio do Instituto.

Refere-se ás palavras do illustre Presidente, frizando que o recinto do Instituto é um remanso pacifico. De facto, essa Associação faz lembrar os *Templa serena* do poeta Lucrecio, os altos cimos solemnes e serenos da sciencia.

Por isso mesmo deve ser agradavel ao illustre Dr. Amaro Cavalcanti vir repousar aqui, por instantes, das fadigas da vida publica e das agitações politicas.

Por outro lado, é agradavel ao Instituto poder contar com o prestigio official e politico do seu novo consocio, que, servindo-se d'esse prestigio ao mesmo tempo que de suas altas faculdades intellectuaes e de suas conhecidas energias moraes, está destinado a prestar os mais assignalados serviços á douta Associação, de que vem fazer parte.

Saúda-o, portanto, em nome do Instituto, declarando que este tudo espera de seus meritos e de seu patriotismo.»

Achando-se de passagem n'esta capital—inesperadamente e desprevenidos — tomam posse n'este Instituto, abrilhantando tambem, com suas respeitaveis presenças, a sessão actual, os Exms. e Revms. Srs. Arcebispo da Bahia D. Jeronymo Thomé da Silva e Bispo de Petropolis, D. Francisco do Rego Maia, dignissimos membros honorarios d'esta Associação, que acolhendo-os em seu seio exalta-se, visto os reconhecidos meritos de tão illustres varões, aos quaes sauda com toda satisfação e respeito.

Vamos agora mencionar as offertas com as quaes alguns consocios favoreceram a nossa bibliotheca :

Recebemos de D. Bartholomêo Mitre, La Divina Comedia de Dante Alighieri, trabalho de sua lavra ; do Dr. Adolpho Saldias, Historia de la confederacion Argentina; Rosas y su época ; do Dr. Domingos Nogueira Jaguaribe, sua conferencia feita no Ceará sobre autonomia dos municipios e sua Chronica do paiz de Atlantide; do general Couto de Magalhães e do Dr. Brazilio Machado, suas conferencias em S. Paulo no Centenario de Anchieta ; do Conselheiro Thomaz Ribeiro, seu escripto—Mensageiro, Senhor, não ; do Dr. Martins Junior, varias biographias ; do Dr. João Barbosa Rodrigues, seu livro Plantas Novas cultivadas no Jardim Botanico; de Aristide Marre, Les Galibis; de Alfredo Ferreira Rodrigues, Estudo sobre o Rio Grande do Sul; de Damasceno Vieira, brinde a Olympio Lima; do

Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, Limites da Republica com a Guyana Ingleza; do Dr. Sacramento Blake, diversas publicações; do Dr. Alfredo Nascimento, Etiologia e Pathologia da Febre Amarella pelo professor S. Sannarelli; do Conselheiro Manoel Francisco Correia, o livro de Carlos de Moraes e mais trabalhos; do Padre Bellarmino de Souza, cópia annotada do Inventario do Ouro e da Prata da Cathedral do Rio de Janeiro; do Dr. Liberato de Castro Carreira, Annaes das duas Camaras antes de 1889; do Dr. Aristides A Milton, Annaes das duas Camaras depois de 1889 e mais livros; do Dr. Guilherme Studart, varios estudos seus ácerca do Ceará.

Longe iriamos, dando aqui relação de todos os trabalhos com que nos honraram associações nacionaes e estrangeiras e mesmo das offertas de illustres cavalheiros que nos obsequiaram com publicações geralmente de trabalho proprio; cital-os é, porém, um dever que cumprimos com a maior satisfacção:

Exma. Sra. D. Ibrantina Cardona e Exms. Srs. Visconde Sanches de Baena, Dr. Paulino José Soares de Souza Junior, D. Enrique Solano Lopez, D. Carlos R. Santos, D. Abraham da Silva y Molina, D. Manoel Laudota Rosales, Dr. W. Havelburg, Dr. Henrique Theberge, Mgr. Fergo O'Connor de Camargo Dauntre, Silvio Senior, Vice-almirante Arthur Jaceguay, B. Calixto, Padre Americo de Novaes, Dr. Vicente Grossi, Pedro Chermont, Dr. Frederico Katzer, Carlos P. Solas, Dr. Theodoro Sampaio, Dr. Augustin Apiazu, José Ramos Coelho, Coronel José Borman, Dr. Gustavo Estienne, Dr. Francisco Lobo Leite Pereira, D. Daniel Granada, Miguel A. Galvão, Alfredo de Carvalho, Commendador José Marcellino Pereira de Moraes, Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, José Bonifacio de Oliveira Coutinho, Amphilophio B. Freire de Carvalho, Dr. José A. Duarte, Pereira da Costa Filho.

Recebemos mais do socio Conselheiro Aquino e Castro um manuscripto antigo sobre limites entre Goyaz e Maranhão; do socio Conselheiro Manoel Francisco Correia um officio de Gumercindo Saraiva e outro do quartel general do exercito Libertador de Curityba em 1894;

do socio Coronel Antonio Borges Sampaio suas observações meteorologicas, sellos, amostras, documentos e noticias; do socio Arthur J. Montenegro varios retratos de notabilidades argentinas; do socio Dr. Evaristo Nunes Pires o retrato lithographado de seu finado mestre e nosso consocio Conselheiro Dr. Manoel do Valladão Pimentel (Barão de Petropolis), que foi honra e gloria de sua classe como medico e venerando membro da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: acompanhou a offerta do retrato uma carta na qual, em algumas linhas, o nosso consocio offertante rendeu respeitosa homenagem á memoria do varão que foi dos mais distinctos homens de sciencia do Brazil; do socio Dr. Alfredo Nascimento o retrato do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, que falleceu em Maio de 1891, sendo presidente da nossa associação; do Exm. Sr. Antonio Xavier de Simas um retrato a oleo de S. M. o Sr. D. Pedro II, com a farda de almirante, pintado em 1857 pelo artista nacional Poluceno; do Exm. Sr. Luiz de Carvalho uma medalha com a effigie do actor nacional Francisco Corrêa Vasques; dos socios Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro e Dr. Cesar A. Marques diversas moedas nacionaes; do socio Julius Meili sua nova publicação sobre Numismatica Brazileira, publicada em Zurich *Das brasilianische geldwesen — Die Münzen der Colonie Brasilien* 1645 *bis* 1822. Colleccionador apaixonado, reunio S. S. grande cópia de medalhas e moedas brazileiras, bem como exemplares do dinheiro cunhado para servir igualmente na metropole e na sua colonia sul-americana. Avido, porém, de saber, estudou o Sr. Meili para si e tambem para os outros, pois sem olhar ás despezas fez cinco livros com *fac-simile* admiraveis de perfeição.

A nossa bibliotheca enriqueceu-se, portanto, em 1897 como em todos os annos anteriores; sendo, porém, assás grande o numero de obras brazilicas ahi reunidas, bem sensivel é a falta de outras, que devemos nos esforçar de adquirir.

O Sr. general Joaquim Costa Mattos continuou a catalogação dos livros provenientes da generosa doação feita pelo Augusto Protector Immediato do Instituto, mas não a poude concluir. Fatal molestia em pessoa de sua

familia e posteriormente questões de interesse particular por vezes afastaram S.S. da capital, onde agora tem obrigações que o levaram a pedir sua exoneração do cargo de bibliothecario. Lastimamos sinceramente a renuncia do Sr. general Joaquim Costa Mattos; perdemos mais um prestimoso auxiliar. O Instituto delegou plenos poderes ao Exm. Sr. Presidente para resolver opportunamente sobre o preenchimento da vaga.

A catalogação systematica das publicações relativas ao Brazil, cuja direcção o Governo do paiz commetteu ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, foi confiada por nossa Associação a sete de seus membros que constituem á Commissão Central de Bibliographia Brazileira.

Escudado pela circular do Ministerio dos Negocios Interiores dirigida a 21 de Dezembro de 1894 aos governadores dos Estados temos pedido a creação de commissões incumbidas do trabalho dizendo respeito ao respectivo territorio.

Adheriram a idéa nove Estados e fazem 2 annos, nos constou achar-se funccionando a commissão da Bahia.

Considerando o Districto Federal como uma especie de Estado temos recorrido ao Sr. Prefeito Dr. Francisco Furquim Werneck de Almeida que, em 1896, designou as pessoas devendo formar a sua commissão, mas parece não se ter constituida, pois que n'este anno de 1897 S. Ex. em conferencia com a Commissão Central chamou o Sr. Dr. José de Medeiros e Albuquerque, director geral da Instrucção Publica, a quem incumbio de entender-se com a Secretaria do Instituto para a realização do fim almejado. Entretanto nada temos conseguido até hoje quer dos Estados, quer do Districto Federal, certificando o inicio de qualquer trabalho e temos de confessar, como no anno passado, que a Commissão Central ainda não tem podido dar grandes provas de sua actividade.

Trabalha-se no Perú, na Argentina e talvez em mais paizes sul-americanos, ora quando não fosse a propria conveniencia de possuirmos o catalogo das publicações relativas ao Brazil, seria a sua organisação um trabalho patriotico.

Aproveitando o benevolo offerecimento do nosso distincto consocio Dr. Amaro Cavalcanti, havemos de recorrer á valiosa intervenção de S. Ex. para na sua qualidade de Ministro da Justiça e Negocios Interiores manifestar aos Srs. Presidentes e Governadores dos Estados, assim como ao Sr. Prefeito do Districto Federal o empenho do Governo na creação de commissões que realizem o objecto em mira, de accordo com a Commissão Central de Bibliographia Brazileira do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Eis a relação succinta dos trabalhos lidos perante o Instituto durante o anno de 1897 :

O Dr. F. B. Marques Pinheiro, á 16 de Maio, leo o seo trabalho: *A Irmandade do S. S. Sacramento da Freguezia de N. S. da Candelaria e o emprestimo decretado pelo Alv. de 13 de Março de 1797.*

Apontamentos sobre o Padre Manoel Ayres de Casal, a 6 de Dezembro corrente, pelo Commendador José Luiz Alves;

Projecto de Reconstituição das Finanças Brazileiras, a 5 de Setembro, pelo autor Visconde Rodrigues de Oliveira que formulou um projecto de lei, precedido de considerandos justificativos;

Elogio-historico do finado lente cathedratico da Faculdade de Direito de S. Paulo, nosso finado consocio Dr. Ernesto Ferreira França—continuação da memoria lida em o anno proximo passado e que terá proseguimento no anno vindouro, na qual o autor, Dr. Evaristo Nunes Pires, nosso dedicado consocio, assignala os excepcionaes meritos daquelle homem de lettras e sciencias, em extremo amante de seu paiz;

A Republica, trabalho lido na sessão de 13 de Junho pelo autor Dr. Aristides Augusto Milton. Amigo do estudo e sinceramente interessado pelo bom nome e manifesta utilidade do nosso Instituto, S. S. aceitou o encargo de escrever uma memoria imparcial e exacta sobre as occurrencias de Canudos no Estado da Bahia, de que é filho e representante;

O venerando Dr. Liberato de Castro Carreira, na 15ª sessão a 19 de Setembro, leu o trabalho que escreveu no intuito de rectificar alguns trechos da Descripção Geographica Abreviada da Capitania do Ceará, feita pelo Coronel de Engenheiros Antonio José da Silva Paulet, que se acha na parte I do tomo LX da Revista, que tambem reproduzirá as *Rectificações* de S. Ex., baseadas em factos que pessoalmente observou no Ceará, sua terra natal, que representou no Senado do Imperio.

O Conselheiro Manoel Francisco Correia prendeu a nossa attenção a 22 de Agosto com as suas *Ponderações* ácerca do livro «Memorias de meu tempo» da lavra do nosso consocio Conselheiro João Manoel Pereira da Silva, a 3 de Outubro com as suas *Biographias dos Bispos de Anemuria e de Chrysopolis* dois personagens distinctos confundidos em uma mesma individualidade pelo autor das referidas « Memorias do meu tempo » e na sessão de 21 de Novembro com um *Trabalho completando os documentos relativos a ilha da Trindade*.

O Padre Bellarmino de Souza leu a 11 de Julho um *Documento sobre a fundação da Capella de Nossa Senhora do Rosario da Cidade de Souza* na Parahyba do Norte, a 22 de Agosto um *Soneto* attribuido ao padre Feijó e estendeu-se em interessantes considerações á respeito do mesmo sacerdote que, no anno de 1827, publicou sua celebre « Demonstração da necessidade da abolição do celibato clerical », a qual retractou por escripto em 1838, tendo deixado a Regencia do Imperio e depois então escreveu a supplica que acabava de ser entregue ao Instituto denominada « *Rifugium Peccatorum* ».

Finalmente o nosso benemerito Presidente Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, submetteu á consideração da mesa na 15ª sessão, em 17 de Outubro, o seu importante estudo intitulado « *Instituto Historico e Geographico Brazileiro desde a sua fundação até hoje. Memoria apresentada ao Sr. Ministro da Justiça e Negocios Interiores* ». O Sr. Conselheiro Aquino e Castro escreveu este valioso trabalho á pedido de S. Ex. o Sr. Ministro e attendendo a relevancia com que foi tratado o assumpto, resolveu o Instituto que fosse esta

Memoria impressa na sua Revista e em avulso para ser distribuida, afim de se tornar melhor conhecido.

A creação d'esta Associação em 1838; seus fins; seus meios; seus feitos; seus haveres e ricas collecções, que em uma das ultimas sessões se decidio garantir com apolices de uma ou mais companhias de seguros; sua real utilidade no presente, mais ainda que no seu passado de 60 annos; tudo se acha habilmente consubstanciado na excellente Memoria do Conselheiro Aquino e Castro.

— —

Em anteriores relatorios tivemos ensejo de salientar a utilidade do nosso Instituto, não é preciso remontar, além do que apresentamos no anno passado, onde lembravamos terem sahido d'esta Associação as provas irrefutaveis dos direitos do Brazil á manutenção da posse da Ilha da Trindade, cujas duvidas, resolvidas com a feliz intervenção do Governo de Portugal, nos levaram a offerecer ao Sr. D. Carlos I o diploma de Presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, titulo que o augusto senhor se dignou aceitar com satisfação, segundo nos communicou em carta de 4 de Março ultimo o Sr. Conde de Arnoso, Secretario particular de Sua Magestade.

Hoje mencionaremos que o Archivo Publico Mineiro nos pediu licença para extrahir cópias de diversos documentos pertencentes ao Instituto, afim de serem inseridos na *Revista* do dito Archivo, no que foi attendido.

Mencionaremos mais que monsenhor Guidi, o respeitavel Encarregado dos Negocios da Santa Sé, com a nossa permissão, mandou reproduzir a cópia que possuimos do trabalho *Conquista temporal e espiritual de Ceylão*, por Fernão de Queiroz, da Companhia de Jesus.

Mencionaremos ainda que o Sr. Ministro das Relações Exteriores pediu autorisação para mandar examinar varios mappas relativos á Guyana Franceza e fazer extractar alguns trechos do livro do Padre João Bettendorff, reclamados pelo nosso consocio Barão do Rio Branco para serviço de que se acha encarregado pelo Governo, e foi S. Ex. attendido.

O Instituto tem publicado com regularidade varios trabalhos de reconhecida utilidade e a sua *Revista* que já conta 60 tomos.

Referindo-se á nossa *Revista*, observou, em 1888, o finado consocio General Dr. João Severiano da Fonseca: « O que ella é, dil-o a opinião do mundo scientifico, dil-o o afan com que é procurado esse valioso repositorio de noticias da patria ».

N'este anno de 1897 o Instituto fez cessão de diversas collecções da sua *Revista*, com falta, porém, dos tomos esgotados, os quaes, pouco a pouco, vão sendo reimpressos graciosamente, como o foi ha dias o 18° em virtude de ordem do Governo. E devido á outra ordem benevola dada pelo nosso consocio Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, quando Ministro dos Negocios da Fazenda, podemos ainda informar que tambem graciosamente a Imprensa Nacional promptificou a publicação de um indice de toda a materia contida nos tomos, até hoje distribuidos, da nossa *Revista*. Este indice ou repertorio foi organizado pelo nosso Thesoureiro, o Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, a quem devemos mais este bom serviço.

Excessivo é o preço da impressão da *Revista*, já foi de 20$, chegou a 50$ e para o anno vindouro foi fixado a 60$ cada folha.

São, entretanto, escassos os recursos do Instituto. Os juros de suas 68 apolices geraes (66 de 1:000$ e 2 de 600$) com os juros de suas 25 apolices do emprestimo municipal (cada uma de 200$) prefazem 3:600$ que juntos á importancia cobravel das contribuições dos socios produzirão cerca de 4:200$, somma á qual se deve accrescentar, de quando em vez, algum donativo como o de 300$ feito este anno pelo socio benemerito Sr. Candido Gaffrée, que tornamos a agradecer.

Nem temos assim os recursos precisos para cobrir as despezas de Secretaria e sendo a consignação do Governo apenas sufficiente para enfrentar os gastos da impressão da *Revista*, nas condições actuaes, urge providenciar.

O Instituto Geographico e Historico da Bahia, com poucos annos de existencia, recebe auxilios da Camara Municipal, dos Congressos Estadoal e Federal, emquanto

que a nossa sexagenaria Associação é ainda tão sómente amparada pela subvenção do Congresso Federal, graças aos esforços dos nossos distinctos e bondosos consocios, Desembargador Thomaz Garcez Paranhos Montenegro e Dr. Aristides Augusto Milton, na Camara dos Srs. Deputados.

Voltemos a fallar da nossa *Revista*:

N'estes ultimos annos foram inseridos na *Revista* uns trabalhos que comprovavam o espirito de imparcialidade da maioria dos membros da Commissão de redacção; mas na parte 1ª do tomo LX, apresentada em Julho, foi publicado um artigo de cujo conteúdo não tomaram conhecimento dous dos membros da mencionada commissão, pelo que na sessão de 8 de Agosto foi suscitada a questão terminada após a resolução votada de que nenhum trabalho poderia ser publicado na *Revista* sem prévia approvação da maioria da Commissão.

Tem sido ponderado que as paginas da *Revista* deviam ser igualmente franqueadas aos artigos em louvor a outros personagens do Brazil, além do Sr. D. Pedro II, mas até hoje não me parece haver sido feito inserção de escripto que se possa dizer laudatorio ao finado Imperador, aliás constante protector do Instituto, e tão sómente alli se acha no genero laudatorio, o artigo da parte 1ª do tomo LX que pôz em desaccôrdo os membros da commissão de redacção e ao que já me referi.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro não é sectario de nenhum credo politico e com a devida venia passo a transcrever os trechos iniciaes do Relatorio apresentado a 15 de Dezembro de 1890 pelo então 1° Secretario interino da nossa Associação, o actual director da Bibliotheca Nacional, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello:

« Achamo-nos em um campo neutro, onde não entra a politica com as suas tergiversações e subtilezas. Lá fóra esbraveja de noite e de dia o ruido dos interesses desencontrados e antagonistas; o sorriso que mascara o rancor e o despeito; a phrase assucarada que encobre o

pensamento; o patriotismo, que é santo e nobre, encarado por prismas diversos. Aqui o silencio do que medita; a paz e a serenidade do animo do que se afadiga por honrar o renome nacional, zelando o renome de seus filhos illustres e archivando os factos memoraveis da historia patria. Lá fóra a paixão doudejante correndo atraz de fantasmas illusorios que a razão fria desvanece. Aqui a calma dos desambiciosos, que á tudo antepõe o conhecimento da verdade para transmittir intacta; que á porfia dos prolfaças materiaes de momento, aliás tão seductores, preferem á porfia incruenta e desinteressada da civilisação contra a barbaria e labutam pelo congraçamento da familia humana ».

Disse ainda o Dr. José Alexandre Teixeira de Mello:

« Seja-me permittido antes de tudo evocar a lembrança saudosa d'Aquelle que foi o desvelado protector da nossa associação e sem cujo paternal influxo não teria ella atravessado tão longa série de annos por entre a indifferença do maior numero e os apodos e remoques de muitos, que, sem procurarem conhecer da vida intima, que calumniavam por desfastio, nos julgavam meros discursadores de nonada, soporiferos de erudição sem alicerce e sem objectivo.

Não attentavam elles em que, a não serem a nossa diligencia e perseverança, se teriam perdido muitos documentos preciosos, sem os quaes difficil se tornará a tarefa dos que houverem de inventariar, á luz da verdade historica, os nossos progressos de povo civilisado pela senda da perfectibilidade humana.

Sem a constante animação do egregio protector do Instituto, teria elle, sem duvida, fraquejado na sua luta titanica e diuturna com o tempo e as injustiças e não dariamos ao mundo o exemplo da pertinacia no labor encetado em 1838, apresentando ao futuro narrador das cousas patrias tão farta cópia de materias preciosas armazenadas nos 53 (hoje 60) volumes da nossa *Revista*, todos os dias reclamada pelas associações sabias do mundo.

Frutos serodios serão, mas d'elles se aproveitará gostosa a mocidade futura.

Nós fomos os herdeiros da geração de 1838, que não desdenhamos do seu legado: augmentada a herança com o nosso modesto peculio, ahi a deixamos á geração feliz que tem de assistir o descambar de um seculo de grandes maravilhas em outro de maravilhas mais estupendas ainda.

Os iconoclastas de todos os tempos que tripudiem á vontade sobre uns despojos gloriosos de uma vida em commum, que não foi, portanto, inutil ».

O finado general Dr. João Severiano da Fonseca, a 29 de Novembro de 1889, proferiu aqui as palavras seguintes:

« Sr. Presidente. Srs. consocios: — Quaesquer que sejam os arroubos da alma por esta ou aquella idéa de liberdade, ha lugar, ha sempre lugar, senhores, para o são, o justo, o honesto, para o sentimento de hombridade e dignidade humana; sentimentos cuja ausencia é o indicio de que periclita a honorabilidade social; sentimento cuja ausencia bem se define na expressão conhecida — falta de sentimento.

Senhores. Sua Magestade o Sr. D. Pedro de Alcantara era o protector, o pai do Instituto. E eu levanto-me aqui solemnemente, para pedir ao Instituto, que, no meio dos seus arroubos pelos esplendores da mãi patria, não se esqueça da gratidão que deve Aquelle que foi seu protector e pai ».

Não ha duvida que por mais que possa fazer em beneficio do Instituto, nunca ninguem terá mais que o Sr. D. Pedro II direito ao tributo de honra que de coração aqui lhe prestamos, cumprindo o imperioso e sagrado dever de gratidão e de amor, de veneração e saudade, como já foi dito.

O Instituto, tendo sido conservado fechado em cada anno no dia anniversario do infausto passamento do seu Augusto Protector Immediato, não podia, a 5 do corrente, deixar de lhe prestar tão justa homenagem e por este motivo foi adiada para o dia seguinte a 18ª sessão, que se realisou com grande concurrencia de socios. Assim ficou satisfeito o voto emittido a 15 de Dezembro de 1892 e no conceito dos cidadãos sinceros o Instituto se eleva,

sem duvida, acatando a memoria do eminente patriota D. Pedro II.

Devo ainda relatar que o Instituto foi representado nas festas do padre Antonio Vieira, na Bahia, e José de Anchieta, em S. Paulo.

Nomeou uma commissão que assistiu aqui a inauguração da estatua de José de Alencar, o pranteado romancista brazileiro, cujo irmão nosso consocio Barão de Alencar orou n'essa occasião em nome da nossa Associação.

Delegou poderes a uma commissão que foi cumprimentar e felicitar o chefe do Estado pela conclusão da campanha de Canudos.

O Instituto se fez representar nas exequias do marechal Carlos Machado Bittencourt, victima accidental do attentado contra o Sr. Presidente da Republica.

A' convite de uma commissão da colonia Hespanhola d Rio de Janeiro, a nossa Associação assistio, no dia 6 doe Setembro, na igreja de S. Francisco de Paula, ás exequias de D. Canovas del Castillo, Presidente do Conselho dos ministros da Hespanha, nação aliás merecedora das sympathias do Instituto que conservou lembrança das honras prestadas ao prestito funebre do Sr. D. Pedro II na sua passagem no respectivo territorio.

Recebendo com profunda magua a noticia do fallecimento, n'esta capital, a 29 de Março, do glorioso Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquez de Tamandaré, cujo nome está honrosamente ligado a historia patria desde a Independencia, o Instituto fez inserir na acta da sessão effectuada no dia 21 do referido mez de Março uma declaração assignada por todos os socios presentes.

E' enorme e importantissimo o archivo deixado pelo Almirante Tamandaré e que por sua ordem foi entregue pela familia ao nosso consocio capitão de fragata José Egydio Garcez Palha, escriptor autorisado, mórmente nos assumptos da nossa marinha. Guardado com a mais escrupulosa ordem, contém não só todos os documentos pessoaes, como nomeações, promoções, elogios, attestados, etc., como tambem cópia de quasi todos os successos

em que tomou parte o illustre Almirante, cuja vida se póde dizer constitue a historia da nossa marinha de guerra.

Nomeado em 4 de Março de 1823 para servir a bordo da fragata *Nictheroy*, na qualidade de voluntario, percebendo apenas a ração, começou o finado Almirante sua gloriosa vida na guerra da Independencia, assistindo ao combate de 4 de Maio e depois a brilhante perseguição feita pela fragata, a cuja guarnição pertencia, á esquadra do chefe de divisão Felix de Campos, que conduzia tropa que evacuava a Bahia.

Mais tarde, de todas as nossas lutas civis e por ultimo da campanha do Paraguay, conservava o Almirante grande cópia de documentos que trarão luz a muitos factos até hoje inexplicaveis.

Existem tambem as cartas dirigidas pelo finado Imperador ao bravo Almirante depois de 15 de Novembro, documentos de alto valor, já pelo carinho e affecto que testemunham, já como uma prova de quanto amou o Brazil o saudoso e pranteado monarcha.

Referindo-me as provas de estima dadas ao Almirante Tamandaré por Sua Magestade o Sr. D. Pedro II occorre-me reproduzir aqui o que me foi communicado por pessoa fidedigna que ouvio narrar o caso pelo proprio Marquez de Tamandaré, nos termos da exposição por mim inserida em uma das publicações avulsas do nosso Instituto:

Quando o Imperador foi em 1859 visitar as provincias do Norte, a divisão naval que o transportava era commandada pelo chefe de esquadra Joaquim Marques Lisboa.

No regresso ao Rio de Janeiro fundeou a divisão no porto de Tamandaré, em Pernambuco. Ahi pedio licença Marques Lisboa ao Imperador para trazer em um dos navios os restos mortaes de seu irmão Manoel Marques Lisboa Pitanga, que se achavam enterrados no cemiterio de Tamandaré, afim de depositar-os no tumulo da familia no Cajú (Rio de Janeiro). Quiz o Imperador saber como tinha fallecido n'aquella pequena villa um irmão do chefe de esquadra Lisboa e referio-lhe este que Manoel Marques Lisboa Pitanga, depois de combater como voluntario na

guerra da Independencia, adherira a revolução de 1824, que pretendia fundar a Confederação do Equador. Ahi, em Tamandaré, commandava elle uma força revolucionaria que foi atacada e vencida por outra do Governo, depois de renhido combate em que Pitanga praticara actos de heroismo, preferindo deixar-se matar a entregar-se.

Ouvida essa revelação, ordenou o Imperador que a trasladação dos restos de Pitanga a bordo do navio que os devia levar fosse feita com todas as honras devidas a um militar valente e pundonoroso, por illegitima que fosse a causa que defendia.

Mais tarde quando o Imperador quiz distinguir o chefe de esquadra Marques Lisboa com um titulo, o ministro Paes Barreto propoz um titulo do Rio Grande do Sul provincia da qual era oriundo aquelle militar, mas o Imperador atalhou-o dizendo que queria que elle fosse Barão de Tamandaré, em recordação da gloriosa morte d'aquelle irmão.

E assim succede que o titulo de Barão depois Visconde e Marquez de Tamandaré tem uma origem republicana.

Penso haver recordado o mais essencial do que occorreu no Instituto Historico e Geographico Brazileiro n'este anno de 1897 e vou terminar, devendo mesmo fazel-o para que os meus illustres consocios não aguardem por mais tempo a audição do elogio-historico dos companheiros de labutação ceifados pela morte n'este mesmo anno a findar-se.

O nosso Orador, como sempre que falla da tribuna, em phrases brilhantes rememorará o que foram os membros da nossa Associação:

D. João Esberard, Arcebispo do Rio de Janeiro, Visconde de Carvalhaes, Commendador Antonio José Gomes Brandão, Visconde de Valdetaro, Dr. Alfredo Piragibe, Visconde de Nogueira da Gama, General Dr. João Severiano da Fonseca, Conde da Motta Maia, Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz...

Tenho concluido.

DISCURSO

PROFERIDO NA

Sessão Magna do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

A 15 DE DEZEMBRO DE 1897

PELO ORADOR

Dr. Alfredo Nascimento

Sr. Presidente. Meus Senhores. — Longinqua tradição dos gremios como este, consagra cada anno um momento dos seus lazeres á reverencia da magestade da morte, prestando uma ultima homenagem do nosso reconhecimento aos companheiros que se vão do mundo, summariando a historia da sua vida, em um adeus extremo de separação infinda.

Celebra-se n'este dia uma data sempre festiva para o Instituto : entôa-se o hymno do trabalho, inventariando os seus feitos no correr de mais um anno de existencia ; e em seguida abre-se o registro da morte para deletrear nas suas paginas tarjadas de negro, a fé de officio dos campeões das nossas lides que partiram d'este recinto pela porta tumular.

O orador a quem cabe esta missão suprema, não vos parece um arauto funereo a enlutar as galas d'esta festa, vindo repetir-vos epitaphios que o tempo vai roendo por sobre os mausoléos ? No meio dos hymnos da victoria, ao celebrar mais um triumpho nas lides d'esta vida, não vos lembra elle esse escravo romano, que junto ao triumphador, exaltado em soberba apotheose, lembrava a cada

passo que elle era um mortal? Quando vos enleva e glorifica a historia prasenteira da vida, não vos causa dissonante effeito a sua palavra rude semelhante a esse horripilante *memento* atirado ao triumphador de Roma?

Memento! Eis a palavra tetrica e funerea que occorre á mente pensante, cada vez que, abeirado á voragem do tumulo, onde um corpo se desfaz, o homem sente, no silencio da necropole, a interrogação perenne que se ergue, como assustador phantasma, ante a duvida tremenda da sua consciencia!

Memento! Quantas divagações philosophicas tem defluido d'essa fonte perpetua de interrogações!

De quantos modos tão varios, póde ser traduzido esse vocabulo singelo, prenhe de tantos mysterios! A quantas soluções contrarias e oppostas tem-se prestado o enigmatico problema que elle encerra!

Lembra-te, homem!... Mas lembra-te, de que? Como fiel espelho em que vai reflectir-se a propria consciencia, esse brado funereo desperta em cada um os sentimentos que lá jazem no fundo de sua personalidade, como resultantes, ás vezes inconscientes ou involuntarias, de mil elementos psychicos que ahi se tem accumulado.

O venturoso da terra, esse a quem tudo sorri, e cuja vida se escôa entre canticos festivos e ridentes devaneios, pensa apenas que alli terá, em um futuro, que sempre lhe parece assás remoto, o simples epilogo de uma vida, cujas horas, contadas por prazeres, não lhe permittem pensar nos mysterios da morte. No outro extremo da escala, o desherdado da fortuna, o filho bastardo da sorte, cujos dias passam entre miserias e agruras, pensa, ante a amara contemplação do tumulo, no descanço e na paz de quem ahi tomba, e afaga prasenteiro a esperança de poder tambem compartilhar um dia d'esse somno de que se não desperta mais!

Ao venturoso do mundo, esse *memento* é uma expressão funerea porque lembra o termo de um festim de jubilos; para o desgraçado, a quem corroem as dores physicas e os soffrimentos moraes, é uma expressão fagueira, uma recordação consoladora porque lhe aponta um termo ás agonias da vida!

Para o crente, para aquelle que ainda póde embalar-se no grato conforto de uma vida consciente além da morte, para aquelle para quem o tumulo é apenas o vestibulo de outro mundo, esse *memento* traduz-se em um extasis ou em um pavôr, na exaltação ou no desanimo, na tranquilidade serena ou no remorso aterrador!

Se no inventario da vida, rapidamente summariada em um lampejo de consciencia, pesam as virtudes sobre os vicios e os peccados, sobrepujam as benemerencias aos maleficios, e os amores aos odios; se no acervo do que recebeu do mundo figuram mais ingratidões do que recompensas, mais injustiças do que bemquerencias, mais soffrimentos do que prazeres, mais maguas do que deleites, mais lagrimas do que risos, o *memento* tumular traduz-se em visão fagueira, em que os esplendores da fé, côados através de uma consciencia limpida, vão pintar na imaginação tranquilla, as miragens de além tumulo, esboçando visões paradisiacas no seio das bemaventuranças, como recompensa, que não falta no Tribunal Supremo da divina justiça! — Mas se n'essa resenha da vida, o resultado fôr contrario; se o remorso do crime, a magua do peccado, o sentimento do maleficio toldar-lhe a consciencia, embaciando-lhe o brilho ou maculando-lhe a pureza, então os raios fulgentes da fé, soffrendo refracções, vão pintar-lhe para além do sepulchro os horrores das penas eternas, nas agonias cruciantes pintadas ao mundo nas estrophes candentes do poema dantesco! — E o tumulo lembra então o castigo, que apavora, como a pouco lembrava a recompensa, que enleva; e esse *memento* traduz-se em uma sentença horripilante, ou em uma risonha esperança, conforme o estado moral da consciencia, que reflecte ou refracta, deixa passar ou repelle as radiações da fé, que ainda possa alojar-se no coração do crente.

Finalmente, para quem traz o coração já minado pela descrença; para quem já desraigou do vergel dos sonhos e das fantasias, esses sentimentos mysticos ahi plantados pela imaginação hyperesthesiada do animal pensante; para quem, despindo a despeito seu, a roupagem enganadora com que a fantasia ataviou o mundo, baixa a vêr na realidade palpavel a nudez impudica da

verdade que se ostenta aos seus olhos observadores; para quem, despertado desse somno hibernante da mentalidade humana, reconhece aos clarões do dia que desponta, que era apenas um sonho os enlevos em que se arroubava; para esse não ha no tumulo esperanças nem temores; no fundo d'esse sorvedouro da vida nem vê elle a mansão dos justos nem o vortice infernal dos reprobos.

Elle sente alli a sede do aniquillamento, o abysmo destruidor de tudo, a voragem em que o corpo se desfaz, restituindo á terra, que o cobra com usura, o punhado de argila plastica a que é emprestado, por um momento apenas, o turbilhonamento da vida para que a materia do mundo possa ter consciencia de que existe!

Para esse o *memento* do tumulo tem a traducção litteral e precisa a que a imaginação do crente emprestou um sentido figurado, pelo horror que causára á sua consciencia cobarde e timida a idéa do aniquillamento.

Lembra-te homem que és pó! Assim lhe falla o silencio da necropole onde as gerações se superpõem, roidas pelos vermes, desfeitas pela terra, aniquilladas pela podridão. Assim lhe falla a vacuidade do tumulo onde desapparece para sempre o corpo que ahi tombou. Assim lhe falla a descarnada caveira, triste mausoléo de uma razão pensante, de uma mentalidade lucida, que reverteu ao nada com a podridão do cerebro. Assim lhe falla a natureza inteira, onde a vida ephemera lampeja oscillante, como chamma fugaz, surgindo a cada instante sobre os destroços da morte, para reverter em breve a alimentar com os espolios do corpo que animou, a matriz fecunda em que se gera. O cadaver que se desfaz, alimenta e dá vida á flôr que desabrocha sobre o tumulo; revive em suas petalas, tremúla e palpita de amor no osculo fecundador da anthera e do pistillo, e morre de novo ao desfolhar-se d'ella, quando volta a fecundar a terra com os despojos do seu ser!

E então, a sua alma de philosopho, que bem quizera antes poder sentir os extasis de um crente e os devaneios consoladores de um mystico sonhador, exclama, com o grande escriptor Oliveira Martins: A morte é totalmente final; a unica alma verdadeira é a nossa personalidade,

revelada na consciencia, orgão claro da vontade organica; a alma de cada um de nós é como a chamma produzida por uma combustão: essa combustão é a vida, e no seio de tudo está latente o fogo de que o aryano fez o medianeiro e de que nós nos servimos como comparação. O vento sopra, a chamma apaga-se, a alma foge, o homem morre: então, o pensamento e a vontade, que arderam em nós, voltam ao seio do inconsciente, não como alguma cousa tangivel, mas como o som de um instrumento partido! Esse pensamento inconsciente, alguma cousa semelhante ao lume que arde em chamma e se apaga, torna a arder, e é ubiquo, eterno em si e fugitivo nas suas apparições; esse pensamento inconsciente é o grande reservatorio da vida, de onde tudo nasce, onde tudo volta... será Deus, se tambem esta palavra se despir de todos os caracteres animistas e mythicos!

Eis a que extremos oppostos conduzem as cogitações do pensamento humano ante o problema eterno que encerra em si o fatidico *memento,* que atira ao mundo a fauce hiante da cova tumular. No momento supremo da vida, ao approximar-se d'ella, o moribundo, se póde ter consciencia de que o é, repassa na mente essas visões, e muitas vezes a conclusão a que se firma, dicta-lhe os actos extremos, colorindo de matiz caracteristico a derradeira pagina de sua vida.

Dentre os illustres companheiros, fallecidos este anno, dous nos servirão de exemplos bem frisantes d'esta asserção; ambos são crentes; ambos, fervorosos de fé, pensam na vida de além tumulo, e contemplam-na como objectivo final da existencia terrena. Mas um, que é um principe da igreja, vê chegar resignadamente a hora extrema, e passa da vida á morte com a beatica quietitude de quem se embala em um somno tranquillo, prelibando o gozo infindo de um sonhar ridente, e se esvae, amparado nas azas de uma esperança! O outro, mente esbrazeada de poeta, cerebro pensante de philosopho, vê no tumulo o remanço das tempestades da vida, o lenitivo do soffrer, o porto de salvamento onde póde ancorar por fim, e, em uma mescla de desesperos e esperanças, apressa a chegada a esse pouso derradeiro, desfechando o golpe suicida,

que de prompto o atira aos braços da morte, que lenta se encaminha.

Mas, é tempo de esmerilhar os detalhes desses dramas cujos desenlaces nos despertaram esse devanear.

Transpondo os humbraes da necropole, percorramos agora as tumbas ; vejamos quem ahi jaz.

—

Senhores — Qualquer que seja o motivo que imponha, com relação a alguem, um certo procedimento, emanado de circumstancias varias, que o justifiquem, elle deve cessar e totalmente desapparecer ante o esquife que baixa ao tumulo, encerrando os inanimados despojos daquelle de quem guardavamos algum resentimento.

Se esse procedimento, leal e nobre, tem sempre a sua opportunidade, e, ditado pela affectividade propria do coração humano, levanta-se como a bandeira da paz, a não deixar transpôr os humbraes d'essa porta mysteriosa da morte, os rancores que decorrem das fraquezas da vida, sobe de ponto o seu valor, impõe-se o seu cumprimento estricto quando aquelle que vai do mundo synthetisa, no momento da morte, a individualisação do infortunio, sentindo-se só e desamparado, a braços com os soffrimentos physicos e moraes, pobre de affectos, desligado dos laços affectivos que mitigam as horas da agonia, conduzido, emfim, ao desespero e á loucura, que fazem armar-se suicida um braço já moribundo, que levanta-se a pôr termo a uma vida atribulada, aos estridulos de uma gargalhada ironica que de ha muito a acompanhava!

Sendo assim, o Instituto me permittirá que, neste momento, tendo de fallar daquelles que foram riscados pela mão da morte dos nossos quadros sociaes, eu comece por prestar a homenagem de que sempre é credor o merito, a um illlustre morto, cujo nome, no emtanto, não está inscripto n'esses quadros. E' uma prova de abnegação e de superioridade moral que o Instituto patentea, reverenciando na memoria desse brazileiro illustre, a grandeza do seu talento, lendo o seu nome no lugar em que elle devia achar-se, na lista dos seus consocios. Esquecendo o passado, em uma occasião como esta, ao abrir essa

lista para dar baixa a quem tombou no tumulo, seja-me permittido n'ella inserir, para o tarjar de luto, o nome do Dr. Rozendo Muniz Barreto.

Dotado de um grande coração, favorecido da natureza, que lhe deu invejavel e brilhante talento, era no emtanto, um infeliz ; não foi comprehendido nem apreciado como tinha direito de o ser; não soube fazer amigos ; não soube identificar-se com o seu meio; não soube fazer-se parte integrante da sociedade em que vivia, e, movido e agitado por um temperamento morbido, irritavel e irascivel, divorciou-se de tudo e de todos, por não saber condescender com a sociedade. Esta, injusta em apreciar apenas uma face de seu caracter, a que mais se salientava e a magoava, julgou *a priori* de todo o seu merito; fez-se surda ás expansões do seu talento ; armou-lhe a guerra do ridiculo, sem duvida, o peior instrumento de morte social, e Rozendo Muniz não foi tomado a serio; vio-se estrangeiro em sua terra; evitado por seus concidadãos; alvo de sarcasmo e de ironias que lhe magoavam a alma e mais lhe irritavam o caracter.

Por que tudo isso? Unicamente porque era um doente moral. Dotado, por infelicidade sua, de uma irritabilidade excessiva, donde decorria a explosibilidade que era totalmente impotente para refrear, elle não tardava a romper acalorado com quem entretinha relações, transpondo não poucas vezes, nessas explosões, as raias das convenções sociaes. Cada uma d'essas crises trazia-lhe naturalmente um desaffecto em quem lhe poderia ser um amigo. Como todos os arrebatados de genio, elle era, no emtanto, no fundo, um coração bondoso e leal; e, passado o momento de impeto, era capaz de grandes dedicações e de prazenteira cordialidade ; mas não tardava que essas exacerbações de animo se multiplicassem, e o resentimento deixado por um primeiro traumatismo moral, ia crescendo e se accumulando, até transformar-se em hostilisação franca, que mais concorria para provocar de sua parte tempestuosas reacções.

De uma franqueza que se poderia dizer brutal, nunca soube manejar a arma da lisonja, ou ao menos, do recato prudente, que por vezes se impõe no trato social, onde

nem todas as verdades se podem dizer e nem todos os pensamentos se podem externar. Ignorando essas subtilezas da difficilima arte de saber viver, não lhe faltaram ensejos de assim angariar novos desaffectos!

Triste contingencia de um temperamento morbido, de um cerebro agitado, de um nevropatha, emfim, cuja razão se agita nas fronteiras limitrophes d'essas regiões psychicas, que confinam com a loucura!

Em um d'esses momentos de irreflectido impeto, nascido como quasi sempre de minimas futilidades, a que a hyperesthesia do seu caracter dava desmesurada amplitude, Rozendo Muniz, a 15 de Julho de 1892, resignava o seu lugar no Instituto, dizendo, em manifesta ironia, que, « tendo-se recolhido á vida particular, e sem a minima aspiração á gloria posthuma, era o primeiro a reconhecer que, por sua falta de comparecimento, indicio de tacita renuncia, ou de insanavel desidia, devia ser eliminado do Instituto. »

Correram-se os annos sobre esse acontecimento; e, como sempre, a reflexão trouxe ao espirito do arrebatado consocio o reconhecimento da injustiça do seu proceder; mas o que estava feito, estava feito, e não mais se fallou no incidente.

Cerca de seis mezes, no emtanto, antes da sua desastrada morte, procurou o Dr. Rozendo reconciliar-se com esta Associação, reconsiderando o seu acto; e, com instancias, solicitou-me, por mais de uma vez, para que eu aqui advogasse a sua causa, promovendo a annullação da sentença eliminatoria, que aliás elle mesmo lavrára.

Não tendo podido em vida sua concorrer para essa reintegração seja-me permittido fazel-o, agora que elle já não pede; agora que a morte tudo faz esquecer; e agora, quando o instituto, assim procedendo, não póde lisonjear a ninguem: nem ao morto que lá se foi, nem a alguem por elle, que de si não deixou descendencia; mas pratica certamente um acto de justiça, rehabilitando aqui o nome, que já lá se vai tambem a cahir no immenso sorvedouro do esquecimento humano.

O Dr. Rozendo Muniz Barreto nasceu na capital da Bahia a 1 de Março de 1845, e ahi cursava o 5° anno da

Faculdade de Medicina, quando, em 1866, a guerra do Paraguay levou-o dos bancos escolares ao theatro daquella campanha heroica. Como cirurgião militar fez Rozendo Muniz toda essa guerra; no exercito assistio aos mortiferos ataques de Curuzú e Curupaity, durante o ultimo dos quaes baixaram aos hospitaes de sangue mais de 3.000 brazileiros; e, transferido depois para a marinha, seguio a esquadra victoriosa de Riachuelo a Humaytá e de Humaytá a Assumpção. Soffrendo como soldado os horrores da guerra, lutava como medico com os horrores das molestias, dos ferimentos, e por fim do cholera-morbus assolador!

Com as honras de 1° cirurgião da armada, com o peito condecorado com a medalha de campanha, a que veio juntar-se em breve a venera de cavalleiro, e mais tarde a de official da Rosa, voltou do Paraguay com o exercito triumphador, e veio então receber da Faculdade do Rio de Janeiro o seu diploma de medico.

Presando ácima de tudo esse titulo, com que se honrava, nunca exerceu entretanto o Dr. Rozendo o tirocinio clinico; e logo em 1873, por decreto de 31 de Dezembro, era nomeado chefe de secção da Secretaria de Agricultura. Seu genio irrequieto não o deixou ahi parar, e proximamente em 1880, fazendo concurso, conquistava no externato do então Collegio de Pedro II a cadeira de philosophia, que passou a leccionar.

Foi ahi que o conheci; foi nessas aulas que, durante longa convivencia com elle, pude avaliar-lhe, ao mesmo tempo, o grande talento e a grande alma, o seu saber e a sua eloquencia como mestre, e a nimia irritabilidade do seu genio, a desmedida impaciencia, e a irascibilidade que o privavam totalmente dos requisitos fundamentaes de um pedagogo. Para essa funcção não basta, por certo, ser erudito; mas é indispensavel, sobretudo, ser affavel, docil e paciente, mórmente em se tratando de um professor de um curso secundario, lidando com crianças em cujo animo a ferocidade produz o effeito de um anesthesico intellectual, que diminue por demais a receptividade psychica do seu cerebro.

Isso era com elle tanto mais sensivel quando se tratava de uma disciplina difficil, abrindo diante do alumno

um campo novo e vastissimo, exigindo de seu intellecto, até então cultivado apenas com auxilio da memoria, a applicação de outras faculdades, a tactearem com as leis da logica, o mundo dos raciocinios.

A despeito d'esses embaraços, a despeito do cerceiamento horrivel das doutrinas philosophicas aos acanhados limites de um programma official, imbuido de um dogmatismo theologico, de um espiritualismo ferrenho e de uma obsoleta metaphysica, o estudo da philosophia, e principalmente da logica, produzia nas gerações de então, valorosos beneficios, preciosos fructos, que longe levariam seus resultados, se a liberalidade e a emancipação do pensamento, inherentes á nova situação politica do paiz, houvessem, alastrando-lhe os horizontes, expurgado da philosophia os preconceitos e erros que lhe eram impostos, e fizesse d'ella, não o ensinamento de doutrinas, mas sim o campo de cultivo para as faculdades mentaes.

Entretanto, ao envez de reformar o que era bom em si, e máo apenas na sua fórma, o espirito novo, que fundamentou a reorganisação do ensino em 1890, fez como um cirurgião imperito perante um membro lesado, isto é, amputou impiedoso todo o curso de philosophia, impondo, no emtanto, ao envez dessa liberdade pensante que se fazia mister, esse outro dogmatismo, ainda mais ferrenho e intolerante, defluente, por sua vez, de um systema philosophico, como o contismo, sobre que tudo se moldou, a despeito da sua manifesta incompatibilidade com as nossas tendencias, que o repellem, como já de toda parte o repelliram, as tendencias naturaes de toda a humanidade pensante, cuja actividade cerebral não cabe, certamente, em tão apertados limites.

Eliminada assim a cadeira de philosophia, o Dr. Rozendo Muniz não se poude conformar com a nova situação, que o fazia mestre apenas de moral contista; e, em acto continuo, se aposentou desse cargo, assim como deixou tambem a cadeira que occupava na escola de bellas artes, onde, com o enthusiasmo que sempre patenteava por quanto fosse esthetico, leccionava a anatomia das fórmas e a physiologia das paixões.

Emquanto n'esses cargos desempenhava o Dr. Rozendo as suas funcções publicas, dava completa expansão ao seu temperamento artistico, e salientava-se como litterato, que tem todo o direito de occupar lugar saliente na nossa litteratura. Como escriptor, como orador e como poeta, patenteou elle sempre um aprimorado estylo, uma fórma vibrante e altiloquente, um pensamento elevado e grandiloquo, ao lado de uma correcção de phrase, e de um burilado cuidadoso da estructura dos periodos. Como orador, é bello modelo d'esse genero de eloquencia, entre outros, o seu vibrante discurso, traçando o elogio historico do venerando Visconde do Rio Branco ; como poeta, de tal modo fogosa era a sua hyperesthesia da imaginação, alando-se fantasiosa ás mais arrojadas concepções, que, na Bahia, foi elle considerado por muito tempo, como digno rival de Castro Alves, o mais impetuoso e arrojado dos poetas brazileiros.

De mais, essa impetuosidade do seu estro, elle a tinha por herança, como filho, que era, do grande poeta bahiano, o famoso repentista Muniz Barreto, cuja memoria muito venerava e muito honrou, escrevendo longo trabalho, que corre impresso, sobre a vida d'esse vulto da poesia nacional.

Facil é de comprehender quanto devêra inspirar a um cerebro assim organisado, os feitos gloriosos do nosso exercito e da nossa marinha, a que elle assistio de perto, no theatro da guerra paraguaya. Com effeito, o seu estro deixou sobre esse thema bellos poemetos, entre os quaes o *Riachuelo* popularisou-se por aquella occasião, arrebatando de enthusiasmo, quando recitado por elle com a emphase que lhe era peculiar. Cantando as batalhas, cantando a historia da guerra, e exaltando, no poemeto intitulado *A mãi dos brazileiros*, os altos feitos heroicos de D. Anna Nery, Rozendo Muniz deu azas ao seu temperamento epico; e recentemente, publicando nas datas correspondentes, os fragmentos referentes aos varios episodios, sobre que versejára, preparava-se elle para reunir tudo em um volume, com o titulo de *Brazileidas*, como um ultimo tributo á patria, dizia elle, « antes de findar-se esta vida, que se esvae aos poucos ».

Com effeito estava quasi a morrer; a sclerose arterial minava-lhe o organismo; o coração, quasi exhausto, lutava impotente contra a morte, que avançava célere; e, bastava vel-o, magro, consumido, pallido e dispneico, ainda mais impaciente e irritavel com o soffrimento, para avaliar em bem pouco o que ainda lhe restava a viver, e que nem tempo lhe deu para realizar esse intento.

Foi com a apresentação d'essas poesias historicas que o Dr. Rozendo entrou para o Instituto em 22 de Julho de 1875.

Mas nem só n'esse genero, senão tambem como lyrico, produzio elle abundantemente, e já n'essa época corriam impressos um romance intitulado *Favos e travos* e dous volumes de poesias com os titulos de *Cantos da Aurora* e *Vôos Icarios*, a que veio juntar-se mais tarde a bella collecção dos *Tributos e Crenças*.

Talento, erudição e estro, nada lhe faltava; e no emtanto não recebeu dos seus contemporaneos o acolhimento a que fazia jus, e isso, sobretudo, porque todos o viam através do seu temperamento desastrado; mas agora que desappareceu o homem e fica apenas a obra, temos certeza plena de que o futuro lhe fará justiça, collocando-o no lugar que lhe compete. Por nossa parte temos cumprido um dever, começando aqui a instauração d'esse processo de rehabilitação litteraria.

Viajando pela Europa, em busca de lenitivo aos seus soffrimentos, o Dr. Rozendo recebera ultimamente em Portugal merecido preito aos seus meritos reaes; e, devidamente acolhido pela alta sociedade portugueza, que o applaudio, que o fez consocio das suas associações litterarias e scientificas, como da Real Academia de Sciencias de Lisboa, de lá voltou elle satisfeito e enthusiasmado, citando a cada passo, cheio de veneração, nomes illustres, como os de Maria Amalia Vaz de Carvalho, Souza Martins e tantos outros, com quem travára relações no velho mundo.

Esse benefico acolhimento por certo bem concorreu para accentuar, por manifesto contraste, a indifferença, ou a zombaria mordaz, com que era tratado em seu paiz;

e, de volta para elle, mais devera ter sentido o peso do dissabor que isso lhe causava.

Minado a mais e mais pelo soffrimento physico que o victimava, em breve prostrou-se exhausto o illustre litterato, preludiando, em uma longa agonia, o fim desastrado com que ia fechar sua existencia.

O padecimento atroz de um cardiaco, que morre, esgota a mais evangelica paciencia, e o infeliz, victimado e sem esperança, almeja apenas a morte como ultimo lenitivo. Em um temperamento como o de Rozendo Muniz, a negação completa da paciencia, era quasi de prever o desenlace do drama da sua vida ; nas agonias da dyspnéa asphyxiante, rompe comsigo mesmo, quer ir ao encontro da morte, que tarda em chegar, e, em um desespero supremo, buscando em vão um bisturi com que matar-se, ingere de uma vez todo o conteúdo de um frasco do medicamento de que estava em uso, e assim, envenenado por alta dóse de digitalina, momentos depois era cadaver, na noite de 18 de Fevereiro de 1897 !

—

A associação de idéas por contraste leva-nos a fallar agora do Dr. Alfredo Piragibe, que, em completo antagonismo de genio com o consocio de quem acabamos de nos occupar, era a affabilidade personificada, sempre cortez, sempre attencioso e captivante pelo seu trato cavalheiresco.

Com um interessante trabalho sobre a *Historia da legislação sanitaria do Imperio do Brazil*, dedicado ao Instituto, foi o Dr. Piragibe admittido a este gremio, na qualidade de socio correspondente, na sessão de 26 de Novembro de 1880, passando á de socio effectivo em Setembro de 1885.

Nascido no Rio de Janeiro, a 9 de Junho de 1847, distinguiu-se o Dr. Piragibe desde os bancos escolares, estudando com proveito o curso do externato do collegio de Pedro II, onde conquistou o titulo de bacharel em lettras em 1864, matriculando-se no anno seguinte na Faculdade de Medicina, onde doutorava-se seis annos depois.

Exercendo a profissão de medico, consagrou-se tambem o illustre consocio ás lides da imprensa; e, collaborando em varios periodicos desta Capital, fez-se por fim o redactor-chefe do *Diario de Noticias*, em época gloriosa da existencia dessa folha. Concorrendo com os seus escriptos para illustrar as revistas de varias associações scientificas, cujas reuniões animava com o seu assiduo e proveitoso comparecimento, fez-se socio do Instituto, membro titular da Academia Nacional de Medicina e consocio do Instituto dos Bachareis em Lettras, occupando em todas essas agremiações posição saliente e postos honorificos. No Instituto dos Bachareis em Lettras foi eleito Vice-Presidente, em uma das suas administrações; igual distincção mereceu por parte da Academia de Medicina, onde fôra tambem, por muito tempo, secretario geral, exercendo com muita dedicação e esmero esse cargo trabalhoso; e, emfim, por muitas vezes ahi subio á tribuna nas commemorações anniversarias da Academia, para fazer o elogio historico dos membros da corporação, arrebatados pela morte, durante o anno social. Varios trabalhos de sua lavra sobre assumptos medicos, figuram impressos nos annaes academicos, destacando-se entre elles, os referentes á topographia medica do Rio de Janeiro, á historia da vaccina no Brazil, á jurisprudencia medica e pharmaceutica no Brazil, etc.

Na qualidade de medico exerceu o Dr. Piragibe varios cargos publicos, como os de medico vaccinador e de delegado de hygiene, emquanto, como cidadão e politico, servia como delegado de policia da antiga côrte, era suffragado, em pleito eleitoral, para servir como vereador da antiga Camara Municipal durante o imperio, e, novamente, como intendente, na gestão do governo republicano.

Como intendente exercia o nosso consocio o cargo de membro da Commissão de Instrucção Municipal, quando, em 1891, foi convidado para assumir a direcção do Internato do Gymnasio Nacional, para que foi nomeado em Agosto d'esse anno.

Durante 6 annos o Dr. Alfredo Piragibe teve sob as suas vistas administrativas aquelle importante

estabelecimento de instrucção secundaria, em que se transformara o antigo collegio de Pedro II, de que elle fôra filho; e, com toda a dedicação, com que sempre soube desempenhar os seus encargos, não desmentio um só instante a confiança do governo, que n'esse posto o collocara; e ahi veio sorprendel-o a morte quasi subita, a 13 de Julho do corrente anno, roubando á patria um cidadão illustrado e valoroso; á sua familia um extremoso pai, e á sociedade um amigo affavel, que a todos sabia captivar.

—

Cortez, affavel e de cavalheiresco trato era tambem o illustre consocio, cujo nome vamos declinar agora. Fm viagem pela Europa, lá findou os seus dias respeitado e conhecido negociante d'esta praça o Commendador Antonio José Gomes Brandão; e seu corpo, de lá chegando embalsamado, foi inhumado no cemiterio de S. João Baptista, a 18 de Agosto do cadente anno.

Antes de assignalar do illustre morto qualquer outro merito, impõe-se logo, como implicito attributo do seu nome, a caridade desmedida que sempre exerceu, beneficiando desinteressadamente a quantos poude, e d'esse modo tirando o mais humanitario proveito da fortuna que, com o seu trabalho, ia accumulando. E' como benemerito que elle figura na lista dos nossos consocios, havendo feito ao Instituto valiosa doação pecuniaria; e esse titulo elle o foi colher em numerosos estabelecimentos de ensino e de caridade, de amparo aos doentes e aos desherdados da fortuna, engrandecendo, por infindas obras meritorias, o seu nome sempre honrado.

Nascido em Portugal, a 1° de Setembro de 1836, Antonio José Gomes Brandão veio para o Rio de Janeiro em 1849, fazendo d'este paiz a sua patria, aqui constituindo a sua familia, e devotando-se de corpo e alma a uma e outra, cujos interesses soube sempre harmonizar o seu magnanimo coração.

Dotado de bem esclarecida intelligencia, com esmero cultivada, o Commendador Brandão, que a isso alliava perseverante actividade e decidido amor ao trabalho, subiu rapidamente na escala social; subiu em prestigio,

subiu em estima, e, de dia a dia, mais se fazia credor do geral conceito, dos agradecimentos, das bençãos dos necessitados, pela expansibilidade crescente do seu accentuado altruismo.

Entre muitas associações de ensino e de caridade a que elle deixou ligado o seu nome, pelo muito que em prol lhes fez, sempre lhe guardarão saudosos e agradecidos a memoria: esse asylo grandioso da orphandade, que se chama a Sociedade Amante da Instrucção, e esses templos do ensino como o Lyceu Litterario Portuguez e o de Artes e Officios, manutenção da Sociedade Propagadora das Bellas Artes, em cuja gestão figurou tres vezes como Vice-Presidente, fazendo sempre a mais fecunda administração, rica em beneficios, que a cada passo promovia.

Presando altamente o titulo que conquistara n'este Instituto, o Commendador Brandão frequentava com assiduidade as suas sessões; fez parte muitas vezes de varias commissões e sempre as desempenhou com esmero e precisão, para o que não lhe faltavam, alliados á boa vontade, o tino e o cultivo intellectual.

Recebido em nosso gremio, a 10 de Outubro de 1890, o illustre consocio soube, aqui, como em toda parte, angariar amigos e affeiçoados, deixando por sua morte, sincera magoa e profunda saudade, de que n'este momento me faço interprete, ao declinar o seu nome na enumeração dos que tombaram inanimados na batalha da vida.

Deixemol-o em paz e vejamos agora esse esquife que passa.

—

Dous illustres titulares, companheiros n'este Instituto, igualados pelas gradações nobiliarchicas, irmanados pela idade, equiparados pela sua notavel e saliente posição social e associados na viagem da morte, fazem-se agora o alvo das nossas reverenciações. São elles o Visconde de Valdetaro e o Visconde de Nogueira da Gama.

Manoel de Jesus Valdetaro, fallecido a 16 de Agosto, repousava nos seus ultimos annos de longa vida,

desenrolada entre afanosas attribulações, confortado no grato sentimento de haver dignamente desempenhado o seu papel no drama da humanidade, aos applausos da propria consciencia julgadora. Na escala social, seguindo a carreira da magistratura, subiu successivamente até aposentar-se a 27 de Novembro de 1886, no alto cargo de ministro do Supremo Tribunal de Justiça, sempre respeitado e honrado pela rectidão de seus actos e pureza do seu caracter.

Todo absorvido pelas occupações da sua vida publica, o Visconde de Valdetaro não deixou traços de sua passagem por esta casa, comquanto o Instituto o contasse no numero dos seus mais respeitaveis veteranos, arregimentado ás suas fileiras, desde 23 de Janeiro de 1845. E' por certo de lamentar que durante mais de meio seculo o seu nome veneravel tenha figurado apenas nos nossos quadros, sem apparecer alguma vez trazendo á nossa obra patriotica uma parcella de subsidio que não lhe seria difficil ministrar, mas infelizmente assim foi, e ao tracejar aqui a sua vida, carecemos de deslocar d'este centro a nossa objectiva de historiador para focalizal-a sobre a sua vida de magistrado.

Desde 7 de Novembro de 1832 o vamos encontrar inaugurando a sua carreira, sendo nomeado auditor das tropas da Côrte e provincia, cargo que dous annos depois deixava, seguindo como juiz de direito da comarca de Cavalcante, e logo, no anno seguinte, da de Cantagallo. Durante cinco annos esteve o nosso consocio no exercicio d'essas suas novas attribuições juridicas n'esta localidade remota do Estado do Rio, até que em 1840 foi nomeado juiz de direito da 1ª vara criminal da Côrte, transferindo-se então para esta Capital, onde continuou rapida a sua ascensão hierarchica.

A 20 de Junho de 1844 era nomeado juiz dos feitos da Fazenda, e dahi a 3 annos o decreto de 23 de Janeiro de 1847 dava-lhe ingresso na Relação da Côrte, como desembargador.

No mesmo anno em que era investido desse novo e elevado cargo, foi o Visconde de Valdetaro chamado a outras funcções e o decreto de 24 de Janeiro fazia-o

mantenedor da ordem publica, collocando-o no difficil posto de chefe de policia d'esta Capital. Quatorze annos mais tarde o Desembargador Valdetaro era elevado á presidencia do Tribunal do Commercio da Côrte, e em 1864 era nomeado presidente do proprio Tribunal da Relação.

Pouco tempo esteve o nosso consocio n'este elevado posto de honra, porque diante d'elle havia ainda outros degráos para mais subir, e logo, em 1867, tocava-lhe a vez de passar d'este para o de ministro do Supremo Tribunal de Justiça, que occupou por espaço de 19 annos.

Para que nada lhe ficasse faltando na sua longa carreira de magistrado, o decreto de 14 de Junho de 1882 elevou-o a presidente d'esse tribunal por tres annos, findo os quaes, novo decreto o reconduziu. Corria então o anno de 1885; mais de meio seculo de magistratura tinha já exercido o Visconde de Valdetaro, e o direito de repouso que já lhe era devido, foi affirmado pelo decreto de 27 de Novembro de 1886, que de seus altos cargos o aposentou.

Mais 11 annos deixou-o a morte sobreviver, no grato remanso de uma vida bem aproveitada em beneficio do seu nome e em serviço da sua patria; mas emfim tocou-o por sua vez, aposentando-o tambem da vida, já orçando então por perto de 90 annos.

—

Cerca de 2 mezes depois do Visconde de Valdetaro, falleceu o Visconde de Nogueira da Gama, deixando o mundo a 18 de Outubro d'este anno, tambem em avançada idade. Se nos fallecem elementos para precisar a idade do Visconde de Valdetaro, que, entretanto, com acerto computamos em cerca de 90 annos, porquanto desde 1832 já era magistrado, o mesmo succede com relação ao Visconde de Nogueira Gama, cuja idade no emtanto devia montar a 95 annos, porquanto, como versa a tradição de familia, elle gabava-se de que em 1808, tendo 6 annos de idade, seu pai lhe comprara por dez mil cruzados o habito de Christo.

Nicolau Antonio Nogueira Valle da Gama, chamava-se este nosso consocio, e, do mesmo modo que aquelle, de que acabamos de nos referir, nenhum traço deixou de sua

passagem pelo Instituto comquanto remontasse a 1841 a sua admissão a este gremio. Filiado á nobre e illustre familia dos velhos tempos anteriores ao imperio, unico filho varão do Capitão-Mór José Joaquim da Costa Nogueira da Gama, e sobrinho do Marquez de Baependy, o nosso eminente consocio seguio desde muito moço uma vida palaciana junto aos nobres e imperantes do Brazil, a cujo lado, em posição sempre saliente e elevada, o vieram encontrar os grandes acontecimentos que se prendem á historia da monarchia brazileira.

Em 1819, quando o futuro imperador Pedro I, então Principe Real, foi a Minas pela primeira vez, Nogueira da Gama, já então alferes da guarda de honra, acompanhou-o nessa excursão, fazendo parte do regimento que seguia o principe sob o commando do Visconde de Itapagipe.

No serviço mais particular de D. Pedro I, depois da independencia, já era vereador do paço por occasião da chegada ao Rio de Janeiro da princeza D. Amelia, que vinha ser segunda esposa do imperador, em 1829. Subindo em postos e em posições sociaes na côrte do novo monarcha, achava-se Nogueira da Gama no posto de coronel commandante da guarda nacional de Baependy quando a revolução mineira, que preludiou a abdicação de 1831, o chamou ao campo da luta, sendo por esta occasião a sua cabeça posta a premio de 10:000$, offerecidos pelos insurrectos.

Iniciado o segundo reinado, continuou esse illustre brazileiro a sua vida palaciana, e era semanario por occasião da chegada da imperatriz Thereza Christina, em 1843. Agraciado successivamente com os titulos de barão e de visconde do seu nome, tinha elle ainda a commenda de Christo, o officialato da Rosa e grã-cruzes diversas, e varias vezes exerceu cargos politicos, tendo sido presidente da camara provincial de Ouro Preto, e deputado geral pela provincia de Minas Geraes.

Por occasião do advento da Republica, em 1889, o Visconde de Nogueira da Gama era mordomo do imperador, funcção que de ha muito exercia, e, facto digno de ser assignalado como uma nota dominante do seu caracter,

é que por esse serviço que valiosamente prestava, recusou-se sempre a receber os vencimentos a que tinha direito. Com o desmoronamento da casa imperial, elle que representava a tradição viva do regimen monarchico, a cuja fundação assistira e de que fôra participante, ficou naturalmente deslocado no meio da nova sociedade, e recolheu-se á vida privada, no seio da familia illustre a que acaba de roubal-o a morte.

—

Quando, como no caso dos dous consocios a que acabamos de nos referir, a morte chega como conclusão natural de uma longa existencia, que tendo attingido ao zenith, descreve depois a sua curva decadente a sumir-se no occaso, esse finalisar da vida, como que traz comsigo mesmo o balsamo curador das dôres moraes que acarreta; porém, quando ao em vez d'isso ella vem impiedosa colher ainda em flor uma existencia cheia de viço e cheia de esperanças, abatendo cerebros gigantes que desprendem a flux talento e erudição, impossivel se torna calar em nossos corações o grito pungente do desespero, do desanimo, e, quasi diremos, da colera contra a morte que assim se torna autora de um verdadeiro assassinato!

Tal é o sentimento que experimentámos ao receber a noticia do fallecimento do Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajóz.

Talento de primeira ordem, illustração profunda e variada, ornamento precioso da classe a que pertencia, fulgurando como astro de primeira grandeza no horisonte do nosso mundo scientifico, o Dr. Tapajóz, arrebatado da vida em plena virilidade, a meio da marcha triumphante da sua carreira profissional, deixou entre nós um vacuo profundo; e sua morte constitue uma verdadeira perda nacional. Entretanto, como tantas vezes sóe acontecer, fóra do circulo dos seus innumeros amigos e admiradores, o seu desapparecimento não provocou essa impressão a que tinha direito pelo muito que trabalhou pela sciencia e pela patria; e nem mesmo a imprensa, em geral tão solicita em prestar taes homenagens, abriu espaço em

suas columnas para esboçar n'esse momento o perfil biographico de tão preclaro brazileiro.

O illustre consocio, membro d'esta casa desde 5 de Julho de 1889, era filho do Estado do Amazonas; e formado em engenharia civil, exercia com a mais alta proficiencia a sua profissão, distinguindo-se sobretudo como engenheiro sanitario.

Talento vasto como a amplidão de sua terra, imaginação brilhante como o sol equatorial do seu torrão natal, o Dr. Tapajóz causava admiração e pasmo pelo seu extraordinario saber, largo, profundo e volumoso como esse rio magestoso em cujas margens veio á luz do mundo. Como o gigante caudal das Amazonas, seu talento recolhia de toda parte, como poderosos affluentes, contribuições scientificas ininterruptas que a mais e mais lhe avolumavam o saber; mas, como as aguas do grande rio, sem orgulho, sem ruido estrepitoso, com o recato modesto do verdadeiro sabio, corria-lhe serena dos labios ou da penna a massa volumosa de erudição, que só refluia impetuosa para elevar-se de subito, como as pororocas do grande rio, se vinha encontrar como elle, fazendo obstaculos a seu curso, a onda refluente da maré d'esse oceano de erros e de preconceito da multidão.

Esboçada assim summariamente e sem exagero, a grandeza do seu vulto, lamento profundamente não poder pintar-vos em detalhes sua vida afanosa e fecunda em meritosos serviços; mas, como justificativa da deficiencia de noções mais amplas e completas sobre sua preciosa existencia, seja-me permittido mais uma vez consignar, como tantas vezes o tenho já feito, o quanto é penoso e improficuo, no desempenho da minha missão de biographo, mendigar até á importunidade esclarecimentos, notas e informações sobre a vida de quem deve aqui merecer as nossas homenagens posthumas.

Como tenho declarado d'esta tribuna, é incrivel e inconcebivel o silencio que faz-se em breve sobre o tumulo de tantos mortos illustres; e realmente não se comprehende como, parentes e amigos, que devêram ser os primeiros a recorrer de motu-proprio a quem possa gravar nas paginas da historia os factos memoraveis da vida

d'esses que lhes foram caros, são ao contrario levados a negar informações, a esquivar-se a ministral-as, ou pelo menos a descurarem-se em fornecel-as a quem vai bater á sua porta, mendigando como esmola o que devera com expontaneidade receber. Pouco vos disse sobre os Viscondes de Valdetaro e de Nogueira da Gama, e pouco vos digo sobre o Dr. Tapajóz porque de seus feitos, silencio completo foi a resposta ás minhas investigações. Para todos elles, dirigi-me a quem com minucia m'as podia dar, mas para todos elles, como em geral para todos os outros, sobejam as promessas, mas falta em absoluto o cumprimento d'ellas. Ora, não ha boa vontade, esforço ou dedicação capazes de supprir n'um caso d'estes, os factos que não se inventam; pése, portanto, sobre tão egoistico procedimento, a responsabilidade das faltas que aqui se fazem sentir.

Pessoalmente conhecia o Dr. Tapajóz ha apenas cerca de tres annos, periodo por certo mais que bastante para admirar-lhe o talento e o saber, para avaliar o seu merito, para ajuizar do seu presente, mas positivamente insufficiente para investigar-lhe o passado, investigar-lhe os serviços, investigar-lhe as phases successivas da existencia, e fundamentar, emfim, um traçado biographico que pinte o seu perfil. Dos innumeros trabalhos que publicou, decorrem, no emtanto, muitos dos seus serviços, bem como se deduz a orientação principal do seu espirito.

Foi em primeiro lugar seu torrão natal o alvo das suas pesquizas e o campo da sua actividade. Em 1886 deu elle á publicidade uma monographia em que estudava o rio Purús, logo depois outra sobre as alfandegas de Manáos, a que seguiram-se successivamente varias memorias estudando a navegação directa do Amazonas, a climatologia d'esse valle, as correntes d'esse grande rio e o phenomeno das pororocas, e finalmente os apontamentos para o diccionario geographico do Brazil sobre o valle do Amazonas, bem como as cartas politicas sobre este Estado.

Em 1889, em uma conferencia na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a que pertencia, o Dr. Tapajóz discorreu notavelmente sobre o passado, o presente

e o futuro do seu Estado natal, com o brilho e a elevação com que o fazia em 1894, sobre a sua salubridade, em outra conferencia, na mesma associação, em presença do notavel geographo francez Elisée Reclus, de viagem então pelo Brazil.

Em 1893, o nosso laborioso consocio publicava seus estudos sobre o Macapá, Tabatinga e S. Joaquim, em viagem ao Amazonas, e bem assim uma memoria sobre as questões de limites entre este Estado e as possessões francezas, trabalho completado com ulterior publicação referente aos limites d'esse mesmo Estado do Amazonas, documentados com o levantamento de quatro cartas geographicas.

Apezar de ter vindo á luz quanto ahi fica exposto, isso não representa tudo o que a sua actividade produzio sobre esse territorio brazileiro, e dous escriptos ficaram ainda ineditos, sendo um sobre a historia e geographia do valle do Amazonas e outro tratando dos limites d'esse Estado com o de Matto-Grosso.

Deixando luminoso traço de sua passagem por toda parte, em breve o Dr. Tapajóz, alastrava a sua actividade, e como engenheiro sanitario, sempre com triumphos acclamado em seus trabalhos, firmava os seus altos meritos publicando notavel memoria sobre projecto de esgotos na cidade de Nitherohy, em 1890, como fizera sobre o mesmo assumpto com relação á Capital do Pará e á cidade de S. Paulo.

N'esta ultima capital veio á luz em 1894 importante monographia sobre o seu saneamento, obra semelhante em suas bases scientificas á que dous annos depois escrevia elle sobre o saneamento do Rio de Janeiro, analysando o projecto do engenheiro Revy, e discutindo com a proficiencia que todos então lhe admiraram, os trabalhos que por esta occasião faziam os illustres profissionaes constituintes da commissão municipal de saneamento.

Referentes a esse thema predilecto de seus estudos, o Dr. Tapajóz enviou em 1890 varias memorias á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, abordando com a sua provada competencia, assumptos da mais alta importancia sobre a hygiene publica. Em 1894, batia

elle ás portas da Academia Nacional de Medicina, levando-lhe de motu-proprio valiosissimo contingente do seu saber sobre importante questão que alli se discutia, estudando o valor da electrolyse da agua do mar pelo processo Hermite e suas applicações ás grandes rêdes de esgoto.

Uma empreza industrial montara em experiencia publica grandes apparelhos electricos destinados á decomposição dos chloruretos da agua do mar, que assim carregada de compostos oxygenados de chloro deviam ser lançadas aos esgotos para os desinfectar. Confundindo as propriedades descorantes do chloro com o seu poder microbicida, e bem assim generalisando erradamente á totalidade da massa liquida em circulação nos canaes dos esgotos, o que se verificava em pequena escala em fossas de estagnação, o povo, muitos profissionaes e autoridades batiam palmas enthusiasmados quando o Dr. Tapajóz vem a campo estudar a questão com um brilho e um conhecimento profundo, patenteando a nullidade do valor d'esse processo como meio sanitario, e demonstrando a impraticabilidade d'elle com referencia ao objectivo a que se propunha.

Tão brilhante e valioso era esse trabalho do eminente engenheiro que mereceu ser laureado pelo Instituto Polytechnico Brazileiro.

N'este mesmo anno de 1894, o Dr. Tapajóz, sobraçando volumoso manuscripto sobre o estado hygienico da cidade do Rio de Janeiro, voltou a bater ás portas daquella Academia, que, fazendo-o subir á sua tribuna, ouviu com a maior attenção e cheia de admiração crescente, a leitura, que, em uma serie de sessões, lhe fez o eminente profissional, discorrendo com talento, brilho e profundidade sobre os mais vastos problemas de hygiene publica da nossa Capital.

Encarregada de dar um parecer sobre esse trabalho, como lhe pedia o seu autor, uma commissão da Academia accentuava o seu merito, dizendo: o que o Dr. Tapajóz trouxe a esta corporação não foi uma simples memoria nem um projecto de saneamento; é um livro de sciencia, de hygiene applicada, dividido em tres grandes secções,

cada qual mais importante em sua especialisação ao meio cosmico em que vivemos, e ao magno problema da origem, desenvolvimento e extincção de males que datam de longo tempo; é uma obra verdadeiramente nacional... A demonstração de suas theses, que destoam completamente das idéas até agora geralmente admittidas em relação á genese morbida na terra que habitamos, constitue a originalidade do livro do Dr. Tapajóz, que parece ter sopesado devidamente a responsabilidade de tão categoricas affirmações; e a commissão limita-se a saliental-o, visto como teria de escrever volume igual ao do autor, se em estudo critico enveredasse pelos infinitos detalhes da argumentação com que espirito tão esclarecido desprende arrojado vôo em busca de novos horizontes.

D'este monumental trabalho do nosso malfadado consocio corre impresso o primeiro volume, restando ainda dous em via de publicação, o que se fará em breve na Imprensa Nacional, por conta do governo, de quem obteve a Academia esse favor. Era esse um tributo de reconhecimento que essa corporação devia ao preclaro scientista que lh'o offerecera; mas, além disso, de tal modo meritoso lhe pareceu elle, que, sendo embora um centro exclusivamente medico, abriu uma excepção unica, n'esse caso tambem excepcional e unanimemente acclamou o Dr. Tapajoz como um de seus membros honorarios. Ufano-me, na qualidade de membro titular daquella academia, em ter sido o redactor e primeiro signatario da proposta que naquella casa lhe deu ingresso, concebida nos seguintes termos, que muito o honravam e que aqui registro como documentação dos seus altos meritos firmados por aquella congregação medica:

« Baseados no § 1° do art. 5° dos Estatutos, diz a proposta, que autorisa a Academia a *premiar excepcionalmente* quem, a seu juizo, julgar merecedor d'essa distincção por algum *trabalho importante* ou alguma descoberta vantajosa para o progresso da medicina, da cirurgia, da pharmacia ou da *hygiene*, e bem assim no art. 19, que lhe permitte conferir o titulo de membro honorario a *profissionaes eminentes*, nacionaes ou estrangeiros, propomos para membro honorario da Academia ao

Dr. Torquato Tapajóz, considerando que, comquanto não seja medico, este distincto profissional tornou-se sobremaneira notavel como engenheiro sanitario, fazendo-se credor do reconhecimento da Academia pela gentileza com que lhe offereceu a sua importante obra sobre a hygiene do Rio de Janeiro, trabalho que foi lido d'esta tribuna e que vai sendo hoje publicado em nome da Academia. N'estas condições julgamos o Dr. Tapajóz nos casos de merecer a *distincção excepcional* a que se referem os Estatutos, e propomos que ella consista em dar-lhe assento n'este recinto entre os membros honorarios da secção de hygiene ».

A 26 de Novembro de 1896 o novo academico tomava posse do seu lugar naquella assembléa, pronunciando um brilhante discurso, confirmador do seu alto saber e que tempos depois era publicado; entretanto a fatalidade da morte não o deixou prestar os serviços que promettia, e a Academia teve-o em seu seio apenas um anno preciso, porquanto a data de seu fallecimento, em 1897, coincidiu justamente com a da sua eleição a academico, que teve lugar a 12 de Novembro do anno antecedente.

N'esse periodo tão curto, abriu-se diante da infatigavel actividade do Dr. Tapajoz uma nova e vastissima estrada por onde enveredou com o afan que o caracterisava. O Estado do Amazonas encarregara-o de grandes e importantes missões, sendo uma d'ellas na Europa, referente ao movimento colonisador daquella zona e outra no Alto Amazonas a verificar e definitivamente demarcar os limites d'esse Estado com o Pará e Matto Grosso.

Infelizmente esta ultima missão lhe foi fatal. Victimado por violenta infecção palustre ao internar-se n'essas zonas virgens do Brazil, veio elle a succumbir alguns mezes depois n'esta capital, após prolongados soffrimentos.

E assim eclipsou-se, em pleno fulgor das suas irradiações, esse astro de primeira grandeza do nosso firmamento scientifico. Tendo attingido ao zenith em pleno vigor do seu talento, antes de attingir ao meio seculo de existencia, era uma esperança viva para sua patria; infelizmente esta esquece-se muito cedo dos seus filhos

mais caros, e o Dr. Tapajóz lá jaz no seu tumulo aberto ainda hontem, mas collocado, segundo expressões suas, á margem do grande e safaro deserto que se chama a indifferença publica.

—

Baixa agora á sua ultima morada o corpo do Dr. Claudio Velho da Motta Maia, successivamente agraciado pelo imperador Pedro II com os titulos de visconde e conde da Motta Maia.

Essas remunerações graciosas do ex-monarcha nada valiam perante o alto merecimento d'esse illustre brazileiro, nas condições particulares em que elle as conquistou. A verdadeira recompensa elle a teve sempre na profunda e sincera amizade d'esse, que assim o glorificava, quando o podia fazer, e que mais o prezava como amigo, quando nada mais lhe podia dar senão o coração.

Na nossa historia o Conde da Motta Maia occupará sempre um lugar muito nobre, muito honroso e altamente meritoso ao seu caracter. Ahi figurará como o typo do amigo verdadeiro e leal, capaz de todos os sacrificios e abnegações, immolando como elle o fez, todos os seus interesses particulares e de familia, para seguir no infortunio áquelle a quem se achava ligado pelos laços da amizade, da dedicação e do reconhecimento.

Formado em medicina, e dedicando-se na carreira clinica á cirurgia, o Dr. Motta Maia conquistou na Faculdade do Rio de Janeiro a cadeira de professor de anatomia topographica e de operações, cadeira que acabava de ser deixada por esse gigante da cirurgia brazileira que se chamou o conselheiro Pertence. Viajando á Europa para aperfeiçoar-se em sua arte, e para estudar as organisações pedagogicas das escolas medicas do velho mundo, trouxe o illustre profissional o cabedal scientifico que patenteou em relatorio que sobre o assumpto apresentou ao governo; e exercia com dedicação suas funcções de mestre e sua profissão de clinico, quando foi honrado com a nomeação de medico do paço, começando assim a tratar na intimidade do imperante, a quem de coração se affeiçoou.

Achava-se o Dr. Motta Maia de semana no serviço medico do paço, quando um accidente determinou fractura de um braço da imperatriz; naturalmente offereceu-se assim propicio ensejo para exercer o cirurgião as suas funcções e patentear o amigo toda a dedicação e o affecto que tributava á virtuosa senhora.

Por esta occasião recebeu o Dr. Motta Maia o titulo de visconde; mas em breve punha-se á prova novamente a sua dedicação, ao enfermar o imperador em 1887. Durante essa longa e grave molestia, foi o illustre medico o mais esmerado assistente e o mais solicito curador, nem um só momento fraqueando na immensa campanha que então se travou com a morte, sob o peso aliás da responsabilidade tremenda, que sobre elle se fazia sentir.

Acompanhando o imperador partiu para a Europa, e está ainda na memoria de todos o que então por lá se passou. Profundamente doente, Pedro II, guiado pelo seu assistente, consultava as notabilidades medicas do velho mundo; aggravado de seus soffrimentos, passa muitos dias entre a vida e a morte, a que o vem roubar a sciencia de Charcot, de Semmola e de Giovanni, e por fim restabelecido volta ao Brazil a 22 de Agosto de 1888, sendo então o Dr. Motta Maia agraciado com o titulo de conde.

Até aqui as grandezas e a elevação; agora o reverso da medalha, a queda, e a dedicação de novo posta á prova, aferindo-se então por um padrão, a cujo toque bem poucas são capazes de resistir, mas donde a sua sahiu intacta, patenteando a pureza do seu caracter, a lealdade do seu coração e a sinceridade desinteressada do seu affecto. Os acontecimentos politicos de 1889 ruiram por terra a realeza, e dias depois, como um simples cidadão banido, o ex-monarcha sahia barra fóra, singrando no *Alagoas* para a terra do exilio. Na hora suprema da desventura do ancião que por meio seculo gerira estas vastas regiões da America, não faltou certamente quem desertasse do seu lado; quem esquecesse o homem, quando acabava o monarcha; quem se apressasse em voltar costas ao throno, que desabava, para contemplar o astro novo, que surgia

no horizonte da historia, esquecendo quanto devia ao cidadão que n'elle se assentara; mas entre os poucos amigos que o ampararam nessa queda, lá estava em primeiro plano o Conde da Motta Maia, que tudo deixando, tudo sacrificando, inclusive a clinica que abandonava e o lugar da Faculdade que perdia, tudo esquecendo lá seguiu o velho amigo ao seu desterro, banindo-se com elle ás aventuras do mundo. Firme sempre ao seu lado, acompanhou-o até o ultimo momento; e só depois de deixar o seu cadaver no tumulo de seus avós, foi que voltou o Dr. Motta Maia ao Brazil, a recomeçar como medico o exercicio de sua profissão.

Pertinaz enfermidade minava-lhe então por sua vez a existencia; debalde buscou allivio indo residir em Petropolis, seguindo depois para Minas; e por fim neste ultimo Estado findou os seus dias na cidade de Juiz de Fóra, a 7 de Novembro do corrente anno.

Reconhecendo o alto valor dos sacrificios que fez e da abnegação que manifestou junto ao imperador moribundo em 1888, o Instituto Historico quiz patentear ao Conde da Motta Maia a sua gratidão e o acclamou socio honorario a 25 de Outubro de 1889; e neste momento, quando elle se vai d'este mundo, rende á sua memoria a mais solemne homenagem, apontando-o como um exemplo nobre, como a personificação da lealdade, e a symbolisação do amigo sincero e verdadeiro.

—

Por uma singular coincidencia, no mesmo dia e quasi na mesma hora em que morria em Juiz de Fóra o conde da Motta Maia, fallecia nesta Capital outro illustre consocio de quem puderamos repetir quanto ahi fica dito com relação ao primeiro.

Condições totalmente outras collocaram-no perante a mesma questão em situação totalmente opposta; mas em tão extremas posições, um e outro manifestaram a mesma grandeza de caracter que tanto os nobilita.

Não mais é preciso dizer para que já tenhaes comprehendido que me refiro ao nosso illustre 1° Vice-Presidente, o General Dr. João Severiano da Fonseca, que

a morte nos roubou nesse mesmo dia 7 de Novembro do anno que vai findando.

Bem conhecidas são de todos as relações entretidas entre o Dr. João Severiano e o Imperador; e quando a 15 de Novembro de 1889 o rompimento politico que o derrubava do throno, deixava o Conde da Motta Maia ao seu lado, como seu amigo e seu medico, collocava no emtanto o Dr. João Severiano em situação diametralmente opposta como irmão que era do chefe da insurrecção, o General Deodoro da Fonseca. Entretanto, pondo em evidencia a nobreza dos seus sentimentos, foi elle mesmo quem em primeiro lugar aqui se levantou neste recinto a definir a posição do Instituto que tinha o dever moral de separar na individualidade de Pedro II o caracter de monarcha e o do protector e presidente d'esta corporação.

Na sessão de 29 de Novembro, a primeira que se celebrava após o advento da Republica, depois das palavras do presidente Joaquim Norberto sobre o occorrido, o Dr. João Severiano, propondo que aquella cadeira ficasse inoccupada, e justificando a bella moção que apresentou, affirmando a adhesão politica do Instituto e o seu sentimento de saudade pela perda do seu assiduo protector, concluia a sua allocução com estas palavras que muito o honravam: « Eu levanto-me aqui solemnemente, para pedir ao Instituto, que, no meio dos seus arroubos pelos esplendores da mãi-patria, não se esqueça da gratidão que deve áquelle que foi seu protector e pai. »

Estes sentimentos não impediram que o nosso honrado consocio servisse com dedicação e lealdade a Republica, como servira ao imperio, e sua brilhante carreira, em grande parte desenrolada neste, seguio com o mesmo brilho naquella, vindo elle a fallecer em elevado posto na hierarchia da classe a que pertencia, occupando o lugar de chefe do corpo de saude do exercito com a patente de General de Brigada.

Nasceu o Dr. João Severiano da Fonseca no Estado, então provincia de Alagôas, a 27 de Maio de 1835, e filho de um militar illustre, o Tenente-Coronel Manoel

Mendes da Fonseca, cuja prole seguio toda a carreira das armas, tambem elle para ahi foi attrahido, contornando no emtanto o caminho, pois formára-se primeiramente em medicina. Mesmo assim não parou a meio em sua ascensão hierarchica, tendo chegado ao maior posto possivel em sua classe, subindo ao generalato ao lado de tres de seus irmãos, o Barão de Alagôas, o Marechal Hermes da Fonseca e o Generalissimo Manoel Deodoro.

Doutorando-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, entrou em 1862 para o corpo de saude do exercito, como 2.° cirurgião tenente, e logo dous annos depois seguia com as nossas forças para a campanha do Estado Oriental, a que fez seguimento a guerra do Paraguay. Para esse theatro da luta, dos oito filhos varões dessa illustre familia alagoana, sete marcharam, estimulados pelo nobre incitamento do desmedido patriotismo de sua mãi, a grande brazileira D. Rosa Maria Paulina da Fonseca, que a legenda de sua terra cognominou, por isso, a mãi dos Machabeus. A' excepção do nosso consocio Pedro Paulino da Fonseca, já nesse tempo reformado, todos os seus filhos seguiram para a guerra; e successivamente desprenderam-se de seus braços, para atirarem-se aos braços da patria que os reclamava, o Dr. João Severiano, Hermes da Fonseca, Severiano Martins, Manoel Deodoro, Hyppolito Mendes, Eduardo Emiliano e Affonso Aurelio; e essa mãi spartana, que só vio voltar victoriosos quatro desses filhos, cheia de resignação e de patriotico devotamento, fazia illuminar, embandeirar e cobrir de flores as janellas de sua casa, á celebração de cada victoria de nossas armas, mesmo quando ella lhe custava a vida de dous filhos, como Hyppolito e Affonso, em 22 de Setembro de 1866, em Curupaity, e o sacrificio de mais tres, como Affonso Aurelio morto, e Deodoro e Hermes, gravemente feridos em Itororó, a 6 de Dezembro de 1868.

O illustre consocio, a quem aqui nos referimos, o Dr. João Severiano, com o seu irmão Pedro Paulino, eram ultimamente os unicos varões sobreviventes dessa heroica familia. Desde 1864 até fins de 1871 passou elle por

todas as vicissitudes e perigos dessa tremenda pugna, acompanhando o exercito e assistindo a numerosos combates, o que lhe foi fazendo conquistar, pelos seus altos meritos como medico e como militar, successivas promoções e recompensas honorificas.

De lá voltando em 1872, a conduzir doentes para esta capital, o Dr. João Severiano trazia os galões de capitão-primeiro cirurgião e acabava de deixar a enfermaria militar de Assumpção, a cuja frente estivera como director.

Passando a servir na guarnição da côrte, em 1875 seguia, commissionado pelo ministerio dos estrangeiros, á demarcação dos limites do Brazil com a Bolivia, reentrando tres annos depois no exercicio dos seus cargos medicos, onde foi successivamente promovido em 1881 a cirurgião-mór de brigada, por merecimento, e do mesmo modo a cirurgião-mór de divisão em 1885, sendo logo depois designado para substituir em suas faltas e impedimentos o chefe do corpo de saude.

De volta da sua viagem de inspecção aos estabelecimentos militares das provincias do norte, foi o illustre consocio nomeado em 1889 professor da cadeira de sciencias physicas e naturaes do Collegio Militar que acabava de ser fundado, e n'este posto o achou a Republica em Novembro d'esse anno.

Ao lado das honras militares que ia conquistando ao subir os postos hierarchicos, outras innumeras ia conquistando o seu merito. Ornavam-lhe a farda as medalhas da campanha do Uruguay e da guerra do Paraguay, sendo d'esta as medalhas brazileira, argentina e do Estado Oriental; passaram-lhe pelo peito successivamente as veneras de official e commendador da ordem da Rosa, e as de cavalleiro e official de S. Bento de Aviz, que lhe brilhavam ao lado da de cavalleiro de Christo e do Cruzeiro.

Já por essa occasião pertencia como membro titular e foi depois membro honorario da Academia de Medicina, para onde entrára em 1880, e bem assim a este Instituto, onde lhe dera ingresso a 1 de Outubro d'esse mesmo anno a interessante memoria inedita sobre *A gruta do*

inferno, na provincia de Matto Grosso, junto ao forte de Coimbra. N'esta corporação foi elle successivamente socio correspondente, effectivo e honorario, servindo como 2° e 1° secretario, e por fim como o 1° dos seus Vice-Presidentes.

Dotado de bello talento e erudição, o nosso consocio salientou-se tanto nas lettras quanto se elevava como soldado, como medico e como funccionario publico; e no meio de tantos affazeres de sua laboriosa carreira ainda lhe sobrava tempo para enriquecer a nossa litteratura com preciosos lavores de sua penna.

Nas numerosas viagens que teve que fazer no exercicio de suas funcções publicas, colleccionava o Dr. João Severiano valiosos dados sobre que depois com proficiencia laborava, produzindo o muito que de valor nos legou sobre assumptos brazileiros. Destaca-se em primeiro plano dentre os seus trabalhos n'este genero a sua muito conhecida obra, que corre impressa em dous grandes volumes illustrados, tendo por titulo *Viagem ao redor do Brazil*, em que, num roteiro do Rio do Janeiro ao Matto Grosso, discorre o autor com proficiencia, observação e talento sobre quanto lhe foi possivel archivar ao percorrer essas vastas zonas do nosso territorio. Producto d'essas viagens foi tambem a interessante memoria sobre a *gruta do inferno*, a que já nos referimos, dedicada ao Instituto, bem como muitas outras que aqui leu, como a memoria sobre *Os Indios do Guaporé*, *Os Palmellas*, *Os Brazões das cidades de Cuyabá e Matto-Grosso*, *as novas investigações sobre a provincia de Matto-Grosso* e o seu *Diccionario topographico* desse mesmo estado central do Brazil.

De 1889 em diante, não parou o nosso illustre consocio em sua brilhante carreira, e em 1890 era promovido ao posto de coronel-medico de 1ª classe e logo depois ao de general de brigada, ao mesmo tempo que o suffragio publico fazia sahir das urnas o seu nome como Deputado á Constituinte e como Senador por esta capital.

Exercia o alto cargo de chefe do corpo de saude do exercito quando por decreto de 7 de Abril de 1892 foi reformado pelo Vice-Presidente da Republica, o marechal Floriano, como signatario do manifesto dos 13 generaes a

esse representante do Poder Executivo; mas em 31 de Outubro de 1895, sendo revogado aquelle decreto por havel-o julgado illegal o accórdão do Supremo Tribunal Federal, voltou o Dr. João Severiano a reassumir o seu cargo administrativo, em cuja exercicio o veio ceifar a morte.

Se após have-lo considerado em sua vida publica, apreciarmos do illustre consocio o seu caracter particular e os seus sentimentos como homem, então mais vasto campo se abre ainda á nossa admiração, porque certamente não se podia ser mais affavel, mais cortez, mais affectuoso e mais nobre do que elle foi, captivando pelo seu grande coração a quem quer que com elle tratasse.

Mas se essa cortezia, se essa affectividade espontanea, que lhe deu tantos amigos, e essa nobreza de caracter que lhe deu tantos admiradores, era a feição observavel do seu fundamento moral, outra havia ainda, mais nobre, mais elevada, porém, mais occulta e recatada, e essa era a sua extrema caridade como medico, a sua nimia bondade para quem, de qualquer modo necessitado, recorresse a solicitar-lhe um serviço, um obulo, um beneficio ou um favor.

Se a primeira feição do seu caracter o elevava perante a sociedade, enaltecendo-lhe o nome respeitavel que deixou aos seus filhos, essa outra cimentou em muitos corações o mais grandioso monumento, ante que se extasia a propria consciencia, que é o monumento da gratidão.

Se o talento, a dedicação e o civismo fizeram-lhe admiradores; se a gentileza e a cortezia fizeram-lhe amigos; a extrema affectividade caridosa fez-lhe agradecidos que ora atiram sobre seu tumulo as bençãos e as saudades, entre as flores que ahi depositam seus amigos, ao troar do canhão que, por sua voz possante despede-se, pela Patria, do filho que a soube honrar!

— —

Abeiremo-nos agora desse outro sepulchro.

Por esse que aqui jaz não foi o canhão que troou, foi o dobre funereo do bronze dos campanarios que gemeu,

noutra linguagem sobre o seu corpo que tombou; ao passar do seu feretro não voltaram-se as armas em funeral, mas alçou-se a cruz do Christo, porque elle não vestia a farda, mas a sotaina do ecclesiastico, não cingia ao flanco uma espada, mas pendia-lhe sobre o peito a cruz de ouro, emblematica da dignidade archiepiscopal.

Estamos noutro recinto; não é a cidade dos mortos; eis-nos no alto do morro da Conceição, no recinto da capella do palacio do chefe da Igreja, e alli sobre aquella lapida, aos pés do altar da Virgem, lê-se o nome de D. João Esberard.

Quando menos se esperava que assim succedesse, do alto dos campanarios dos templos d'esta cidade cahiram pesadamente, sobre a população consternada, esses dobres funereos do bronze, noticiando o fallecimento de alto personagem da nossa sociedade.

Sabia-se que molestia grave minava sorrateira a existencia preciosa do illustre prelado, que occupava então o solio archiepiscopal do Rio de Janeiro; mas ninguem contava ainda com tão prompto desenlace d'esse drama mortifero, cujas scenas aos poucos se iam desenrolando. No emtanto, se os amigos que o circumdavam não previam tão breve terminação dos seus soffrimentos, o enfermo ao contrario, presentia a chegada da morte; e, com a natural resignação de um ministro da Igreja, altamente crente, como elle o sabia ser, preparava-se para o grande momento em que, ao abeirar-se do tumulo, elle via, nos explendores da sua fé immaculada, a porta por onde devera passar o seu espirito para os deslumbramentos da vida immaterial.

Pouco se lhe importava pensar que na voragem d'esse tumulo iriam desapparecer, entre os horrores da podridão, os despojos materiaes do corpo que ahi iria baixar. Pouco se lhe importava pensar n'esse milhão de duvidas que se levantam ante o mysterio da morte, e ante o enigma do anniquillamento. Pouco se lhe importava sentir, ainda a meio da jornada da vida, a fragilidade do corpo, que ameaçava ruina. Imbuido da mais ardente fé catholica; certo de que o esphacelamento do corpo seria apenas a libertação do espirito; convicto de que este, emancipado, iria

buscar na mansão dos justos a recompensa ás suas virtudés, até que aquella, no correr dos seculos, resurja do pó da terra, a que ia reverter, o venerando arcebispo só pudera, no seu momento extremo, patentear a serenidade fagueira, a beatitude suprema de uma conscieneia limpida, escudada na mais profunda convicção dos fundamentos dogmaticos da religião que professava.

Feliz quem póde emballar-se em tão ridente esperança! Feliz quem póde abeirar-se de um tumulo, sem pensar, sequer, que elle possa talvez ser apenas o abysmo supremo do anniquillamento!

Minado de ha muito pela arterio-sclerose, que já quasi de todo lhe extinguira a visão, D. João Esberard sentio por fim que os seus soffrimentos iam chegar a um termo: e dias antes de finar-se, visitando em minuciosa inspecção todos os recantos do seu palacio, a despedir-se de sua casa, como dizia então, apontou para o chão, junto ao altar da Virgem, dizendo simplesmente: Quero ser sepultado aqui.

Mais uns dias decorreram, e a 22 de Janeiro d'este anno, ás 7 1/2 horas da manhã, o illustre prelado succumbia, com a serenidade de um crente, com o recolhimento de um christão e com a magestade solemne de um principe da Igreja.

Nascido em Barcelona a 10 de Outubro de 1843, contava D. João Esberard apenas 54 annos de idade; e havia tres annos sómente que fôra empossado do alto cargo de arcebispo da Sé do Rio de Janeiro, que acabava de ser elevada a arcebispado.

Vindo para o Rio de Janeiro em muito tenra idade, aqui e em Campos passou elle a primeira phase de sua vida, patenteando, desde o seu desabrochar, a mais viva e robusta intelligencia, propensa desde cedo para o estado ecclesiastico, que se tornou mais tarde a sua vocação irresistivel. Vencendo difficuldades que se apresentavam, graças a solicitude de amigos da familia, poude, emfim, matricular-se em 1864 no Seminario episcopal de S. José, onde com desmedido brilhantismo, e causando admiração de mestres e condiscipulos, poude vencer em 5 annos o curso completo, que regularmente devera ser feito em 10,

e assim, a 24 de Agosto de 1869, recebia as ordens sacerdotaes, solemnemente conferidas pelo bispo de então D. Pedro Maria de Lacerda. Menos de um mez se havia passado, e o novo sacerdote, com toda a pompa, celebrava a sua primeira missa, a 8 de Setembro na igreja de S. Sebastião do Castello a convite de frei Caetano de Messina, que era o commissario dos Capuchinhos e superior do convento.

Ao seminario, de onde sahira com tanto brilhantismo, voltou o padre Esberard como docente, tendo tido occasião de assim, na regencia de varias cadeiras, pôr de novo em evidencia a sua vasta e profunda erudição, e bem assim, de patentear os altos dotes oratorios,que mais tarde soube com esmero cultivar, de modo a salientar-se, dominando o auditorio com a sua fluente eloquencia, sempre que tinha de fallar ao povo, no exercicio das suas funcções sacerdotaes.

Propicio ensejo para isso se lhe começou a deparar quando, nomeado capellão das freiras de Santa Thereza, para as dependencias d'esse convento transferio sua séde, consagrando-se todo inteiro, de espirito e coração, ao cargo modesto que lhe fôra confiado, mas a que elle soube dar alta importancia, fazendo da pequena ermida um templo magestoso pela grandeza da vida que lhe incutio, e impondo-se de tal modo pelos seus altos meritos, que, n'este posto em que qualquer, vegetaria desconhecido e modesto, subio elle na hierarchia ecclesiastica até ser monsenhor, e dahi sahio para sentar-se no solio episcopal.

Não ha talvez no Rio de Janeiro quem não tenha conhecido monsenhor Esberard, como capellão de Santa Thereza. Reunindo em si todos os dotes e requisitos de um verdadeiro sacerdote, fez-se elle o centro respeitado e venerado, para que convergiam, em perenne perigrinação, os representantes de todas as classes sociaes, que em romaria domingueira iam, ladeira acima, encher o pequeno templo onde elle officiava. Lá se encontrava de tudo : o crente fervoroso, que, contricto, ia beijar a mão do ministro de Deus, e delle receber a hostia da communhão; o peccador arrependido, que ia lançar-se aos pés do sacerdote, em cuja austeridade confiava, e que de lá se erguia com

a consciencia purificada pela santa uncção das suas palavras consoladoras; lá estavam as crianças que em enxame prazenteiro, festivo e pressuroso, corria a disputar a primazia de beijar-lhe a mão, e de receber, com carinhoso affecto paternal, um abraço amoroso, ou um osculo acariciador, em que se externava toda a affectibilidade do seu grande coração; osculos e amplexos confortadores da innocencia, por que partiam de um homem puro. Quem não o procurava como sacerdote, buscava-o como amigo, franco e leal, que o sabia ser; quem não lhe pedia a benção como ministro da Igreja, honrava-se em apertar-lhe a mão, porque o fazia a um homem de bem; e aquelles em cujo coração as suas palavras ungidas de theologismo e vibrantes de acrysolada fé, já não podiam fazer reviver os sentimentos que as descrenças do mundo tinham matado, mesmos esses compraziam-se em ouvil-o, e com attento respeito o faziam, porque elle mais que ninguem sabia impor-se, com a austeridade do seu porte, a magestade do seu ministerio, a gravidade sonora de sua voz, a eloquencia retumbante de suas phrases, e, acima de tudo, a lealdade e a franqueza com que deixava transparecer a inabalavel convicção e a arraigada crença naquillo que professava.

O sacerdote deve ser assim. A religião é poderosa força social de que não póde prescindir a complexa engrenagem da machina civil; e o christianismo catholico, que presidio á gestação embryonaria dos povos do occidente, na incubação secular dos periodos da idade média, se tem perdido o seu brilho fulgurante dos tempos aureos do seu poder, se tem declinado no seu dominio, como factor politico das grandes épocas, se tem sido abalado em muitos dos seus artigos de fé, pelas conquistas successivas da razão humana na sua evolução fatal, ainda assim tem seus alicerces bem firmes nas massas populares; ainda assim representa no mundo moral dos povos a potentosa alavanca do seu progresso, o freio inhibitorio dos seus desregramentos, das suas paixões, dos seus vicios e de seus crimes, o estimulo das suas virtudes, o balsamo do seu soffrer!

Loucura, insensatez, e grave erro social é certamente a campanha hostil do secularismo contra a Igreja; erro,

insensatez e loucura, comparavel apenas a campanha desta contra aquelle ! Como termos fataes de uma evolução, que nada póde sustar, o dominio da razão e as leis da natureza hão de fatalmente sobrepujar o dominio da imaginação da concepção da fé, e os dogmas indemonstraveis do subjectivismo imaginoso, tacteando a resolução de um problema, para além dos limites da percepção humana.

E' inutil e infecundo o guerrilhar nas fronteiras da religião e da sciencia. Quando o dominio desta, totalmente explanado, houver determinado a causalidade demonstravel de todos os phenomenos e de todas as cousas tangiveis, terá ella completado o seu cyclo, terá destruido e anniquilado innumeros erros, pela Igreja firmados como dogmas, quando não podia dispor de elementos para ap outro modo pensar; mas neste momento, traçados os limites de que é ciosa, deixará, para além, o infinito horisonte das cogitações da fé, o campo aberto das concepções religiosas, a vastidão incommensuravel, onde ella poderá architectar as mais phantasiosas crenças, baseadas na fé pura, e no fundo affectivo do coração do homem, que sente a necessidade de transpor os limites do tangivel, para ir buscar, no dominio da metaphysica, a solução do que constitue o *ignorabimus* ou o *incognoscivel* da sciencia, isto é, a essencia fundamental das cousas, a causalidade primaria dos phenomenos, e a finalidade das successões naturaes.

Na phrase expressiva de Spencer, as religiões, mesmo as mais diametralmente oppostas em seus dogmas officiaes são no emtanto perfeitamente accordes na convicção tacita de que a existencia do mundo, com tudo que contém e tudo que o rodeia, é um mysterio que espera ainda explicação ; mas são de uma fraqueza inexcusavel as soluções que ellas propõem. O mysterio que todas as religiões reconhecem torna-se mais transcendente do que qualquer dellas o suppõe : não é um mysterio relativo, é um mysterio absoluto ; e se a religião e a sciencia se podem reconciliar, é sobre esse facto, o mais profundo, o mais largo e o mais certo de todos, que o poder de que o universo é para nós a manifestação, é completamente impenetravel !

A sciencia não entra em conflicto com as religiões nesses dominios vagos a que ella não pretende, nem póde attingir, porquanto, reconhecida a necessaria relatividade dos seus reconhecimentos, consequente á contingencia da mentalidade humana, ella limita o seu problema; mas ahi, dentro desses limites do que é observavel, do que é passivel de experimentação, ella bate de dia a dia a concepção theologica da causalidade sobrenatural, pelo estabelecimento das leis, cada vez mais firmes, que ligam todas as manifestações phenomenaes, subordinando-as em uma relação mathematica de causa a effeito.

Nesses attritos continuos, na demarcação dos limites em que cada uma, de futuro, ha de fatalmente se encerrar, é improficua a luta, porque a propria evolução tudo encaminha para a harmonia precisa, no terreno proprio da concordia, em que os dous grandes factores sociaes terão de unir-se, para a cooperação da grandeza humana. —De facto, embora lentamente, a religião vai aceitando as verdades positivas e demonstradas da sciencia, em substituição a muitos dos seus dogmas, emanados apenas da razão pura; e a sciencia por sua vez, sobre os trophéos da victoria, hastêa o estandarte da paz sobre os limites do incogitavel, como balisa demarcadora do limiar do campo infindo, que para além se estende como dominio exclusivo das religiões, onde possa pairar a imaginação do homem, enlevada nos explendores da fé!

Mas não ha negar, quão longe nos achamos desse resultado ultimo a que fatalmente se encaminha esse vasto problema social!

Se no terreno pratico elle se agita nas altas espheras da mentalidade humana, totalmente inopportuna é, até mesmo a sua propria proposição, na massa bruta das populações. Se os sabios e os philosophos buscam o meio de applicar a um mesmo fim essas duas forças gigantescas do progresso; se um Pontifice como Leão XIII, busca, em uma politica conciliadora dar um passo progressista nesse caminho, de onde não póde fugir; se o clero protestante, violentamente desobrigado dos dogmas fundamentaes do catholicismo, liberalmente avança a desbastar, nessa direcção, o caminho que ha de ser, de

futuro, a estrada universal, ainda é cedo, por certo, pretender fazer, desde já, passar tudo por ahi; é extemporaneo, é insensatez, temeridade e loucura, hostilisar o clero em nome da sciencia, e vice-versa; elle tem na actualidade grande funcção a exercer, ainda mesmo como foi e como é, e não por certo, desde já como deverá ser.

O catholicismo, com todos os seus dogmas, com todas as roupagens com que surgio da idade média, é ainda, e o será por muito tempo, a unica religião possivel das massas populares, que trazem esse fundo moral arraigado pela herança fixadora de tantos seculos, e que só a lenta evolução do tempo poderá modificar, pela concomitante acção da herança progressiva, natural producto de uma adaptação evolutiva.

Para essa grossa phalange, alheia ao que se passa nas altas regiões da humanidade culta e pensadora, é inutil, e até perigoso, ir abalar a fé, que é um escudo; matar a esperança, que é um arrimo; destruir a caridade, que é um freio!

Não se exija desses, exclama o grande escriptor Oliveira Martins, não se exija desses que acompanhem os que vão á frente com passo largo: nem todas as aves têm a amplidão das azas da fragata! Não se lhes roubem os deuses, que são o seu consolo e a sua alegria; não se lhes destruam os altares a que se ajoelham; não se pretenda que galguem de um salto a distancia percorrida por outros. Cahiriam prostrados no embrutecimento, infelizmente mais commum do que devera ser. Mas não se applaudam tambem, tão pouco, os esforços corruptores dos que imaginam restaurar a religião, e regressar ao tempo em que os mythos viviam, desenterrando do passado os fetiches e os milagres, que parecem um escarneo, e fazem do sacerdote um charlatão! Cahirão igualmente em um côro de gargalhadas e desdens todos os que quizerem erguer novos idolos sobre altares novos; os que restam, e com motivo, servem para as phalanges retardatarias, que em toda a sociedade se alongam, como a esteira do um navio que passa, até se perderem nas nevoas das superstições remotas, pelas aldeias sósinhas, nos desvios das serras...

— Era como firme baluarte desse passado, que monsenhor Esberard se mostrava no meio do seu rebanho, repartindo sua actividade incançavel entre o altar, o confissionario e o pulpito, e aproveitando todas as opportunidades para doutrinar, alliando em um sublime consorcio, a mais austera severidade do sacerdote á mais carinhosa affectividade do homem, de modo a ser sempre tanto mais respeitado quanto mais se tornava querido e procurado por esse bando de fieis e de amigos, que quotidianamente attrahia a si, e com os quaes transformava nas mais bellas festas as simples missas domingueiras da ermida do seu convento.

A' requisição do bispo D. Lacerda, que mostrou-se necessitado de um coadjutor, o Summo Pontifice elevou o capellão de Santa Theresa á dignidade de bispo titular de Gerra, sendo pelo mesmo D. Lacerda solemnemente sagrado a 28 de Setembro de 1890, na capella do seminario episcopal do Rio Comprido. A 12 de Novembro do anno seguinte fallecia D. Pedro de Lacerda, e foi chamado a tomar a mitra do bispado desta Capital o bispo de Olinda, D. José Pereira da Silva Barros, Conde de Santo Agostinho, e para a séde episcopal que elle deixava vaga, foi nomeado o novo bispo de Gerra, que para Olinda partio em Janeiro de 1892.

Facil será comprehender-se o quanto saberia fazer nesse alto posto o homem que soubera impôr-se, e que tanto fizera, como simples capellão de um convento. Na verdade, está ainda na memoria de todos o que foi a sua curta gestão em Pernambuco; o povo idolatrou-o, procurou-o pressuroso, ouviu-o admirado, chegou-o a elle confiante, e em cada coração o bispo de Olinda conquistou um affecto; fez de cada cidadão um amigo, fosse adverso embora á Igreja que elle representava; fez de cada fiel um irmão; foi de cada qual um amparo; de cada infeliz um pai.

A imprensa, o livro e o pulpito foram os seus meios de doutrinamento, arrebatando pela fórma, enlevando pela eloquencia, convencendo os crentes pela persuasão dos seus argumentos, fazendo-se respeitar pelos adversarios doutrinarios, que lhe admiraram sempre a linguagem

rude e leal de um convencido, de um crente, de um sacerdote puro, e de um homem de bem.

No meio da mais grandiosa manifestação de apreço e de veneração do povo, deixava D. João Esberard a sua diocese de Olinda em Agosto de 1894, e vinha desembarcar nesta Capital a 23 do mesmo mez. Já não era o bispo de Olinda que aqui chegava; era o arcebispo do Rio de Janeiro, que vinha tomar posse da mitra do novo arcebispado, a que acabava de ser elevada a séde episcopal flumimense.

Victimado pela grave enfermidade, que a 22 de Janeiro deste anno o victimou, o illustre prelado não teve tempo de desempenhar a sua nova e alta missão, com o desvelo e a proficiencia que era de esperar, e que logo começou a patentear. Na sua gloriosa e rapida carreira ecclesiastica, que tão longe pudera ir, impulsionada pela virtude e pelo merito que lhe sobejavam, a morte veio colhel-o prematuramente, fazendo-o baixar ao tumulo entre as preces de um povo, as lagrimas de uma legião de amigos, e as bençãos de uma geração, porque ninguem mais do que elle fôra o exemplo vivo da virtude, da bondade e da caridade christãs.

Embalsamado, o corpo do venerando arcebispo foi solemnemente transladado, após as pomposas cerimonias do ritual, para o sepulchro, aberto, como elle pedira, junto ao altar da Virgem, na capella do seu palacio, no morro da Conceição, onde morreu; e ahi baixando desappareceu do mundo, fazendo-se gravar sobre a lapida o epitaphio que elle proprio compuzera dias antes:

« Ad pedes Beatæ Mariæ Virginis, expectat Joannes Esberard, primus archiepiscopus fluminis Januarii, resurrectionem mortuorum.»

Ahi se resume todo o seu sentimento religioso, firme e inabalavel, levando para além da morte uma esperança!

Ante tão magestosa apotheose de uma vida santificada pela mais acrysolada fé, ante tão beatifica passagem da vida para o anniquilamento, o meu espirito extasia-se perante tão elevado mysticismo; e,

dobrando-se reverente, ante o esquife desse homem superior, que soube morrer, sem que deixasse morrer-lhe no coração a esperança, extasia-se, invejoso talvez, a repetir consternado essas palavras tetricas de Herculano:

Feliz a intelligencia vulgar e rude, que segue os caminhos da vida com os olhos fitos na luz e na esperança postas pela religião além da morte, sem que um momento vacille, sem que um momento a luz se apague, ou a esperança se desvaneça! Não, o animo vulgar que nunca vacillou na fé, que nunca discutio o verbo, que nunca julgou o Christo, possuido do insensato orgulho da sciencia, esse não sabe a dolorosa oração do que pede a Deus o crêr; ignora quanto fel encerra a interrupção continua de cada phrase, de cada palavra daquelle tormentoso orar; ignora o que é atirar-se aos pés da cruz por um impulso quasi phrenetico do coração, sentir a voz gelida, pesada, cruel do entendimento dizer-lhe tranquillamente — *quem sabe*! — e cahir desanimado no lethargo da duvida!

Ahi tendes, Senhores, as tres grandes conclusões da philosophia humana — Ante o terrivel *memento* do sepulchro, o crente vê ahi a porta franqueada sobre a outra vida, e baixa a elle radiante de esperanças; o philosopho agita-se agonisante em titanicas lutas com a eterna duvida que o lança ao desespero profundo; o sceptico, o descrente, o despido das illusões e das esperanças, abeira-se delle sem sonhos, mas tambem sem temores e sem duvidas: vê alli apenas o abysmo supremo do anniquilamento, e, com resignação extrema, soletra sobre a lapida a legenda fatidica do Dante:

« Lasciate ogni speranza voi che'ntrate! »

SESSÃO DE ASSEMBLÉA GERAL PARA ELEIÇÕES

Presidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia

Aos vinte e um dias de Dezembro de 1897, ás 2 horas da tarde, reunidos os socios Conselheiro M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Capitão de Fragata Garcez Palha, Dr. Sacramento Blake, Barão de Alencar, Padre Bellarmino de Souza e Dr. Nunes Pires servindo de 2° Secretario, o Sr. Conselheiro M. F. Correia assume a presidencia e declara que não se achando presentes socios em numero fixado no art. 54 § 2° dos Estatutos, fica marcada nova reunião para o dia 23, ás 2 horas da tarde. Nada mais havendo a tratar eu 2° Secretario lavrei o presente termo que assigno.

Evaristo Nunes Pires.

SESSÃO DE ELEIÇÃO DA MESA E COMMISSÕES PARA O ANNO DE 1898

Presidencia do Sr. Conselheiro M. F. Correia

Aos 23 de Dezembro de 1897, ás 2 horas da tarde, presentes os Srs. Conselheiro M. F. Correia, Marquez de Paranaguá, H. Raffard, Conselheiro Alencar Araripe, Dr. Sacramento Blake, Conselheiro Pereira de Barros, Barão de Loreto, Padre Bellarmino de Souza, Conselheiro Souza Ferreira, Capitão de Fragata Garcez Palha, Dr. Velho da Silva, Barão de Alencar, Commendador J. Luiz Alves, Dr. Machado Portella e Dr. Nunes Pires, servindo de 2° Secretario, foi aberta a sessão pelo Sr. Vice Presidente Conselheiro M. F. Correia.

O Sr. 1º Secretario H. Raffard, fez leitura do termo lavrado aos 21 do corrente mez, por não terem comparecido socios em numero de 21, como fixa o art. 54 § 2º dos Estatutos e no qual se marcou para hoje a convocação de nova reunião de socios que, nos termos do § 3º do mesmo art. 54, deliberarão com o numero que houver, não sendo inferior a sete.

O Sr. Presidente em seguida annuncia que a presente sessão tem por fim a eleição da mesa e commissões para o anno de 1898.

Procedendo-se á votação foram eleitos:

PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro.

1º VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Manoel Francisco Correia.

2º VICE-PRESIDENTE

Marquez de Paranaguá.

3º VICE-PRESIDENTE

Barão Homem de Mello.

1º SECRETARIO

Henrique Raffard.

2º SECRETARIO

Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro.

1º SECRETARIO SUPPLENTE

Dr. Evaristo Nunes Pires.

2º SECRETARIO SUPPLENTE

Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha.

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

ORADOR

Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Conselheiro João Carlos de Souza Ferreira.
Dr. Liberato de Castro Carreira.
Commendador José Luiz Alves.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Barão de Alencar.
Barão de Loreto.
Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Capitão-Tenente Arthur Indio do Brazil.
José Verissimo de Mattos.

COMMISSÃO DE HISTORIA

Barão Homem de Mello.
Padre Bellarmino José de Souza.
Dr. Evaristo Nunes Pires.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.
Dr. José Maria Velho da Silva.
Dr. José Hygino Duarte Pereira.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Marquez de Paranaguá.
Barão de Capanema.
Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Dr. Amaro Cavalcanti.
Contra Almirante José Candido Guillobel.
Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Visconde de Assis Martins.
Dr. Luiz Cruls.
Dr. João Barbosa Rodrigues.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE BIOGRAPHIA

Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.
Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Barão de Alencar.
Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.

RELAÇÃO DAS OFFERTAS

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 7 DE MARÇO DE 1897

Pelo socio Dr. Guilherme Studart, *Datas e Factos para a historia do Ceará*, e *Relação* dos manuscriptos, originaes e copias sobre a historia do Ceará, 2° fasciculo; pela Bibliotheca Nacional da Capital Federal, *Annaes*; pelo Sr. Adolfo Saldias, *Historia da Confederacion Argentina*, Rosas y su epoca, em 5 tomos; pelo Sr. Aristides Marre, *Les Galibis*, seos costumes e vocabulario de sua lingua; pelo Dr. Adolfo Barbalho Uchôa Cavalcante, *Relatorio* que apresentou ao Exm. Sr. Conselheiro Governador do Estado acerca dos trabalhos da Escola Industrial Frei Caneca no Recife; pelo Dr. Solano Lopez, *Collecion Legislativa de la Republica del Paraguay* por Fernando Viera, *Chaco Paraguayo*, *La Republique du* Paraguay por Ernesto van Bruyssel, *Ligeras Observaciones al proyeto de reformas del Codigo Penal* por el D. Theodosio Gonzalez, *Metodo para aprender á ablar, leer y escribir debitamente el idioma inglés* de Rafael Lebran, e *Ley de papel sellado y estampillas con su regulamentacion*; pelo Sr. Louis Rousselet, *Nouveau Dictionaire de Geographie Universelle*. 5° fasciculo; pelo socio Sr. Jozé C. Soto, *Album de la Guerra del Paraguay* 1896, tomo II entrega 45; pelo Ministerio de fomento de Venezuela, *Documentos relativos a la vida publica del General Joaquim Crespo*, tomo III; pelo Externato do Gymnasio Mineiro em Ouro Preto, *Solemnidade do 6° anniversario*; pelo Sr. Jozé Candido Muricy,

A Foz do Iguassú ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*, tomo XXIX, quaderno V e VI e tomo XXX, quaderno I e II; pelaSociété de Geographie de Paris, *Bulletin*, 3° trimestre 96 ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim*, N° 9, 10, 21° anno ; pela Sociedad Geografica de Lima, *Boletin*, anno VI tomo VI ; pela Real Academia de ciencias y artes de Barcelona, *Boletin*, vol. I N. 13 ; pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino*, vol. IX, fasciculo XII e vol. X, fasciculo I ; pela Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*, N° 22, 23, 24 ; pela American Geographical Society, *Bulletin*, vol. XXVIII N. 4, 1896 ; pela Academia Nacional de Ciencias en Cordoba, Republica Argentina, *Boletin*, tomo XV, entrega I ; pela Alfandega do Rio de Janeiro, *Boletim* N. 22 ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal*, N° 11 ; pelo Observatorio Central del Estado de Vera Cruz Slave, *Boletin Mensual*, Agosto de 1896 ; pela Camara dos Srs. Deputados do Estado Federado da Bahia, *Annaes*, vol. I, II, III, IV ; pelo Museo Nacional de Montevidéo, *Anales*, VII ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*, Novembro de 1896 e Fevereiro 1897 ; pela Sociedad Cientifica Antonio Alzate, *Memorias y Revistas*, tomos VIII e IX ; pelo Pedagogium Brazileiro, *Memorias e documentos escolares*, fasciculo N° 12 e *Revista Pedagogica* N° 50; pelo Instituto Historico e Geografico Joaquim Suarez, *Anales*, N° 3; pela Academia delle Scienze fisiche e matematiche de Napoli, *Rendiconto*, fasc. 8 a 12 ; pela Manchester Literary Philosophical Society, *Memoirs and Proceedings and Complete List of the Members & Officiers*; pelo Ateneo Paraguayo, *Composiciones literarias*, 1° fasciculo, II e III Aniversario de su fundacion; pelo Instituto do Ceará, *Revista Trimensal*, 1° tomo, 97, I° XI; pelo Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, *Revista*, N° 49 ; pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, *Revista*, vol. I, fasc. II; pelo Instituto Paraguayo, *Revista*, año I, N° 4; pelo Instituto dos Advogados de S. Paulo, *Revista de Jurisprudencia*, anno III, N° 11, vol. III; pela Faculdade de Direito do Recife, *Revista Academica*, anno VI, 1896 ; pela Société

de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*, N° 17, 18, 19; pela Canja General de Informaciones del Paraguay, *Revista Mensual*, Novembro, Dezembro 1896 e Janeiro de 1897, N° 9, 10, 11; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine*, Dezembro de 1896 e Janeiro de 1897; pela Vereins für erdkunde zu Halle A. S., *Mitteilungen*, 1896; pelo Archivo do Districto Federal, *Revista*, Novembro e Dezembro de 1896 e Janeiro 1897; pela Oficina Nacional de Immigracion, *Estatistica y propaganda geographica*, decreto regulamentario que estabelece dicha oficina á La Paz; pelas respectivas redacções: *Revista da Commissão Technica Militar Consultiva*, Janeiro de 1897, *Revista Maritima*, Dezembro de 1896 e Janeiro e Fevereiro, 1897, *Revue Medico Chirurgicale*, N° 11, *Cenaculo*, 21 e 22 fasciculo, *Asociacion Rural del Uruguay*, N° 22 de 1896, N° 1° 2° de 1897, *Science* November, 1896; pelo Dr. Tancredo do Amaral, professor pela Escola Normal de S. Paulo, *A historia de S. Paulo*, ensinada pela biographia dos seos vultos mais notaveis, *Estado de S. Paulo*, *Analectos Paulistas* e *Geographia elementar*; pelo socio Dr. Brazilio Machado, *Joseph de Anchieta*, traços de sua vida, conferencia, trez exemplares; pelo Instituto Historico e Geographico de S. Paulo dous volumes publicados de sua *Revista*, e 1 exemplar dos respectivos estatutos; pelo Reverendo Monsenhor Fergo O' Connor de Camargo Dauntre, *Celtic Ireland*, *The last Monarch of Tara Ireland in '98*, *Lectures on the manuscript materiales of Ancient Irish History*, *The Jouthful Exploits Society for the preservation of the Irish Language*, *The History of Ireland*, 2 volumes por John Mitchel, *The Gaelic Journal*, diversos numeros avulsos, *Nobiliaire de Normandie*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Gazeta Commercial e financeira*, *Jornal do Recife*, *Brazil Historico*, *Diario Official do Amazonas*, *Diario Official de Sergipe*, *Diario Official de S. Paulo*, *Nouveau Monde*, *Congresso Academico*, *Club Curitibano*, *Luz*, *Oeste de Goiaz*, *El Investigador*, *Diario Popular*, *Ordem e Progresso*, *Italia e Brazile*, *Homenagem ao deputado bahiano João Augusto Neiva*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 21 DE MARÇO DE 1897

Pelo socio Alfredo F. Rodrigues, uma collecção de documentos para a historia do Brazil a saber : Maranhão, Rio-Grande do Norte, Santa Catharina, Piauhy, Pará, Exposição do Visconde do Rio-Branco, diversos ; pelo socio Dr. Domingos Jaguaribe, *Plantio da amoreira no Ceará* ; pelo socio Dr. J. Barboza Rodrigues, *Plantas Novas cultivadas no Jardim Botanico do Rio de Janeiro* ; pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Boletim*, ns. 5º e 6.º ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*, ns. 3 e 4 ; pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin*, 4.º trimestre, 1896 ; pela Société de Géographie, *Boletim* n. 12, anno VIII ; pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino*, fascicolo II, 1897 ; pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, vol. III, *Revista* ; pelo Archivo Publico Mineiro, *Revista*, anno I, fasc. IV ; pela Academia delle Science Fisiche e Matematische, *Rendiconto* ; pela Geographischen Gesellschaft (für thuringen) zu Iena *Mitteilungen* ; pela Asociacion Rural del Uruguay, *Revista* ; pelas respectivas redacções os seguintes jornaes : *Brazil Artistico*, *Club Curitibano*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Nouveau Monde*, *Diario Official de Sergipe*, *Diario Official do Amazonas*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular* ; pelo socio Dr. Antonio de Toledo Piza, *Relatorio* do anno de 1895 da Repartição de estatistica e Archivo de S. Paulo apresentado pelo Director ao Sr. Dr. Antonio Dino da Costa Bueno, Secretario dos negocios do interior do Estado de S. Paulo ; pelo socio Dr. Liberato de Castro Carreira, *Relatorio* da mesa administrativa do Asylo de Santa Leopoldina em 14 de Fevereiro de 1897 ; pelo socio Dr. Evaristo Nunes Pires, *Discurso* pronunciado pela diplomanda D. Esmeralda Masson na Escola Normal Livre do Districto Federal e *Discursos* proferidos por occasião da entrega dos diplomas da Escola Normal Livre do Districto Federal pelo paranympho Dr. Oscar Nerval de Gouvêa e pelo Dr. Vencesláo Bello.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 4 DE ABRIL DE 1897

Pelo Archivo do Estado de S. Paulo, *Publicação Official de Documentos Interessantes para a historia e costumes de S. Paulo*, vol. XI, 1896 ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletim* ; pela Société de Géographie de Marseille, *Bulletin* ; pelo Instituto Geografico Argentino *Boletim*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pela Sociedad Geografica de Lima, *Boletim* ; pela Academia Pontificia dei Nuovi Lincei, *Atti* ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales* ; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus* ; pela Sociedad Geografica de Madrid, *Revista* ; pelo Instituto Historico da Bahia, *Revista Trimensal* ; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas : *Revista di Storia Antica*, *Revista Maritima*, *Revue Medico Chirurgicale du Brésile*, *Oriente*, *Revista Technica Militar Consultiva*, *Asociacion Rural del Uruguay*, n. 4 e n. 5, *Revista de Geografia Commercial de Madrid* ; pelas redacções os seguintes jornaes : *Luz*, *Triangulo Mineiro*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas*, *Diario Official de Sergipe*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Nouveau Monde* ; pela National Geographic Society of Washington, *The National Geographic Magazine* ; pelo socio J. Arthur Montenegro os seguintes retratos de D. Bernardino Rivadavia, D. Juan Jozé Castelli, General Manuel Belgrano, General Jozé de S. Martin, Primeira Junta Revolucionaria, (25 de Maio de 1810).

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 2 DE MAIO DE 1897

Pelo Sr. Albuquerque de Mendonça, Administração do Dr. Lauro Sodré no Estado do Pará ; pela Sociedade Propagadora do Ensino do Estado do Pará, *Relatorio* ; pela Imprensa Nacional, *Histoire des Campagnes de l'Uruguay, de Mato-Grosso et du Paraguay*, 3.º vol, 1864 a

1870 ; pelo Sr. Carlos R. Santos, *La Republica del Paraguay* ; pela Faculdade de Direito do Recife, *Catalogo Geral da Bibliotheca* ; pela Faculdade Livre de Direito do Estado de Minas Geraes, *Revista* ; pelo Instituto Paraguayo, *Revista*; pela Université de Tolouse, *Rapport Annual du Conseil de l'Université et Annuaire pour l'armée de 1896 e 1897* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino* ; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto* ; pela Société Royale de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*, 1897 ; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas : *Revue Medico Chirurgicale du Brésil*, *Revista Mensual de la Republica del Paraguay*, ns. 12 e 13, *Archivo do Districto Federal*, Março e Abril de 1897 ; pelas redacções os seguintes jornaes : *Diario Popular*, *Nouveau Monde*, *Minas-Geraes*, *Triangulo Mineiro*, *Estado de Minas*, *Diario Official do Amazonas*, *Diario Official de Sergipe*, *Jornal do Recife*, *Gazeta Commercial e Financeira* ; pelo socio Raimundo Ciriaco Alves da Cunha, *Folha do Norte*, ns. 289 e 372 ; pelo Sr. 1° Secretario Henri Raffard, *La Republica del Paraguay* por Carlos R. Santos; pelo Sr. Abraham de Sylva y Moleira, *Observacion Historica* sobre el Governador de Valparaiso Don Miguel Antonio Gomez de Sylva ; pelo Sr. Louis Rousselet, *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle* ; pela Real Academia de la Historia, *Boletim* ; pela Academia Pontificia dei Nuovi Lincei de Roma, *Atti* ; pelo Archivo Publico Mineiro, *Revista* ; pela respectiva redacção, *Cenaculo* ; pelo Sr. D. Daniel Granada, *Reseña Historica, Descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de la Plata.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 16 DE MAIO DE 1897

Pela Société de Geographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Société Royale de Géographie d'Anvers, *Bulletin*; pela Società Geografica Italiana, *Bolletino*; pela Real Academia de ciencias y artes de Barcellona,

Boletin; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Société de Géographie de Paris, *Bulletin*; pela American Geographical Society, *Bulletin*; pela Sociedad Geografica Argentina, *Anales*; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Revista de la Asociacion Rural del Urugay*, *Revista Mensual del Paraguay*, *Archivo do Districto Federal*, *Revista do Instituto do Ceará*, *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, *Revista Pedagogica;* pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*; pelas redacções os seguintes jornaes : *Nouveau Monde*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular de S. Paulo*, *Club Curitibano*, *Diario Official de Sergipe*, *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Triangulo Mineiro*, *Luz*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 30 DE MAIO DE 1897

Pelo socio Dr. Aristides Augusto Milton para completar a collecção do Instituto Historico, os *Annaes* da Camara dos Srs. Deputados de 1887 a 1889 e os de de 1891 a 1896, bem como os do Congresso Nacional de 21 de Maio a 22 de Junho de 1894; pelo Sr. Manoel Landeta Rosales, *Gran Recopilacion Geografica Estadistica e Historica de Venezuela*, tomos I, II, III ; pela Secretaria do Senado Federal, *Relatorio* do Presidente do Senado para ser apresentado na sessão ordinaria de 1897; pelo Dr. W. Havelburg, *Estudos sobre a etiologia da febre amarella*; pelo Archivo do Estado de S. Paulo, *Documentos Interessantes para a historia e costumes de S. Paulo*, vols. XXI, XXII e XXIII; pela Société des Etudes Indo Chinoises de Saigon, *Bulletin*; pela American Geographical Society, *Bulletin* ; pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Boletim* ns. 7, 8, 9; pelo Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, *Relatorio* apresentado em Março de 1896 ; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux *Bulletin* ; pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino*;

pelas respectivas redacções as seguintes Revistas : *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revue Medico Chirurgicale*, *Revista Juridica* ; pelas redacções os seguintes jornaes : *Triangulo Mineiro*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Estado de Minas*, *Tuba*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario Official do Amazonas*. *Diario Official de Sergipe*, *Opinião*, *Reformador* ; pelo socio Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, *Movimento litterario de 1893* ; pelo Dr. Henrique Theberge, *Esboço historico da Provincia do Ceará* pelo Dr. Pedro Theberge.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 13 DE JUNHO DE 1897

Pelo socio Dr. Domingos Jaguaribe, *Chronicas do paiz de Atlantide*, S .Paulo ; pelo Sr. Vice-Almirante Arthur Jaceguay, *Dever do Momento*, carta á Joaquim Nabuco, *Organização Naval*; pelo Sr. Director Geral de Correos y Telegrafos de la Republica Argentina, C. Carlos, *Jurisprudencia Postal y Telegrafica*, 1895. vol. VIII ; pelo Sr. Silvio Senior, *Limites da Republica com a Guiana Ingleza* ; pela Revista Maritima Brazileira, *Necrologia do Almirante Marquez de Tamandaré* e *Revista* ; pela Secretaria do Governo do Estado do Pará, *Relatorio* apresentado pelo Secretario Manoel Baena ao Governador do Estado em Janeiro de 1897 ; pelo Sr. Louis Rousselet, *Nouveau Dictionairie de Géographie Universelle*, 8º fascicule ; pelo Canadian Institute *Transactions and proceedings ;* pela Real Academia de la Historia, *Boletim ;* pelo Museo Paranaense, *Boletim ;* pelaSociété de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales* ; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto* ; pela Academia Pontificia dei Nuovi Lincei, *Atti* ; pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, *Revista Trimensal* ; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas : *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revue Medico Chirurgicale du Brésil*, *Revista Industrial de Minas-Geraes*, n.º 24, *Archivo do Districto Federal*, *Revista de Agronomia de Asuncion* ; pelo socio Dr.

Augusto Victorino A. do Sacramento Blacke as seguintes obras, *Curso de Manobras do Navio* pelo Capitão Tenente Enéas Oscar de Faria Ramos, *Desinfecção publica no Rio de Janeiro* pelo Dr. Graça Couto, *Chorographia do Estado de Sergipe* por L. C. Silva Lisbôa, *Questão do Imposto do fumo* pelo Dr. Joaquim Ignacio Tosta, *Monographia sobre tarifas aduaneiras*; pelo Dr. João P. da Veiga Filho, *Proteccionismo e Estudo economico e financeiro sobre o Estado de S. Paulo*; pelo Sr. Leovigildo Filgueiras, *O Céo* (poezia), *Immigração Européa*, *Discurso* proferido na festa da inauguração da estrada de ferro de Nazareth a S. Antonio de Jesus; pelas redacções os seguintes jornaes: *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Tuba*, *Estado de Minas*, *Nouveau Monde*, *Triangulo Mineiro*, *Club Curitibano*; pelo socio Dr. Brazilio Machado, *Da Unificação do Direito privado*, lição inaugural do curso de Direito Commercial, na Faculdade de Direito de São Paulo; pelo socio Tenente Coronel Antonio Borges Sampaio uma caixa contendo avultado numero de estampilhas, e sellos inutilizados, pertencentes a diversas épocas para o museo do Instituto.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 11 DE JULHO DE 1897

Pela Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin*, n. 3; pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin*; pelo Sr. B. Calixto, *A villa de Itanhaen*, segunda povoação fundada por Martim Affonso de Souza, 1532; pela Real Academia de ciencias y artes de Barcellona, *Boletin*, n. 14; pelo Museo Nacional de Montividéo, *Anales*; pela Geographischen Gesellschaft in Hamburg, *Miltteilungen Band* XIII; pelo Congresso Legislativo do Estado de Pernambuco, *Mensagem* apresentada pelo governador; pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, *Annaes*; pela Societá Geografica Italiana de Roma, *Bolletino*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Seances*; pelas redacções

as Revistas : *Technica Militar e Consultiva*, *Asociacion Rural del Uruguay;* pelas redacções os seguintes jornaes : *Diario Popular*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Jornal do Recife*, *Brazil Artistico*, *Estado de Minas*, *Diario Official do Amazonas*, *Nouveau Monde*, *Diario Official de Sergipe*, *Congresso Academico*, *Diario Official do Estado de S. Paulo*, *Triangulo Mineiro* ; pelo Padre Americo de Novaes, *Conferencias Anchietanas*, quinta conferencia ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim* ; pela Real Academia de la Historia, *Boletin* ; pela Societá Geografica Italiana, *Memoria* ; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto* ; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas : *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista Nacional de Buenos Aires*, *Revue Medico Cherurgicale* ; pelo Circulo Naval de Valparaizo, *Revista de Marina* ; pelo socio Raimundo Ciriaco Alves da Cunha, *Folha do Norte*, trazendo um artigo seo ; pelo socio Dr. Martins Junior foi offerecido, *Biographias* de Joaquim Ignacio de Lima, Luiz Alves Pinto e Jozé Corrêa Picanço (1 vol.), Biographia de João do Rego Barros (1 vol.), Biographia de Jozé da Natividade Saldanha (1 vol.), Biographia de Gervazio Pires Ferreira e appensos á mesma (2 vols.) ; pelo socio Barão Homem de Mello a obra intitulada *Sitios e Personagens*, do Padre Joaquim Silverio de Souza, de Minas-Geraes.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 25 DE JULHO DE 1897

Pela Société de Géographie de Marseille, *Bulletin* ; pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino ;* pela Société Khediviale de Géographie, *Bulletin* ns. 9, 10, 11 ; pela Societé Royale de Geographie d'Anvers, *Bulletin* ; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim postal* ; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine* de Washington ; pelo Canadian Institute, *Procedings* ; por um official general da Armada, *Negocios da Marinha* ; pela Officina Central de

Estadistica de Santiago do Chile e de Valparaiso, *Sinopsis Estadistica i Geographica de 1896, Noticia preliminar del Censo General de 1895, Movimiento de poblacion de Republica de Chile en 1895*; pelo socio conselheiro Thomaz Ribeiro, *Mensageiro Senhor, Não!*; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances*, 1897; pela Faculdade Livre de Direito do Estado de Minas-Geraes, *Memoria Historica*; pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia, *Revista Trimensal*, Junho de 1897; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Revista Maritima, Revista Industrial de Minas-Geraes* ns. 22, 23, 24, 25; pelas redacções os seguintes jornaes: *Jornal do Recife, Diario Popular, Diario Official do Amazonas, Nouveau Monde, Gazeta Commercial e Financeira, Luz, Triangulo Mineiro, Estado de Minas, Tuba e Revista Juridica*; pela Secretaria do Conselho Municipal do Districto Federal, *Collecção de leis municipaes e vetos de 1892 a 1894.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 8 DE AGOSTO DE 1897

Pelo Dr. Vincenzo Grossi, *Nel Paese delle Amazoni*; pelo Dr. Ruy Barboza, *Discurso* pronunciado no Senado Federal em sessão de 13 de Outubro de 1896; pelo Public Museum, *Fourteenth annual report*, pela Officina Nacional de Immigracion Estadistica y Propaganda Geografica de La Paz, *Lemites de Bolivia con el Perú*; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche, *Rendiconto*; pela Société de Géographie de Genève, *Le Globe*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pelo Instituto Geografico Argentino, *Boletim*; pela Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin*; pelas respectivas redacções as Revistas seguintes: *Revista do Instituto Polytechnico Brazileiro, Revista da Escola Polytechnica* ns. 1, 2, 3, *Revista de Agronomia y de Ciencias Aplicadas de Asuncion*, Maio e Junho de 1897, *Revista de Educação e Ensino, Asociacion Rural del Uruguay, Revista Industrial de Minas-Geraes* n. 26, *Archivo do*

Districto Federal; pelas redacções os seguintes jornaes: *Nouveau Monde*, *Estado de Minas*, *Diario Popular*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas*, *Atlantico*, *Triangulo Mineiro*, *Congresso Academico*; pelo Dr. Aristides Milton um exemplar do projecto do novo Codigo Penal da Republica, em discussão actualmente na Camara dos Deputados federaes, trazendo as assignaturas em original dos membros da commissão parlamentar, que o organizou.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 22 DE AGOSTO DE 1897

Pelo Sr. Bartolomé Mitre, *La Divina Comedia de Dante Alighieri* ; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin* ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus des Séances* ; pela Societá Geografica Italiana de Roma, *Bolletino* ; pela American Geographical Society, *Bulletin* ; pela Sociedad Mexicana de Geografia y Estadistica, *Boletin*, tomo II ns. 11 y 12, tomo III ns. 1 a 11 ; pela Irmandade da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria, *Relatorio* ; pela Academia Pontificia dei Nuovi Lincei de Roma, *Atti*; pelo National Geographic Society, *The Magazine*; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Archivo do Districto Federal*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista Juridica*, *Revue Medico Chirurgicale du Brésil*, *Revista do Archivo Publico Mineiro*, *Revista Nacional de Buenos Aires*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Revista del Sud*, *Revista del Instituto Paraguayo*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Atlantico*, *Nouveau Monde*, *Club Curitibano*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular de São-Paulo*, *Triangulo Mineiro*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Tuba*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 5 DE SETEMBRO DE 1897

Pelo socio Damasceno Vieira a sua obra intitulada *Brinde a Olympio Lima*; por alguns bachareis em

letras um livrinho intitulado, *Os Bachareis em Letras;* pela Société de Géographie de Paris, *Bulletin*; pelo Bureau of American Republics, *Bulletin*; pela Societá Geografica de Roma, *Bolletino*; pela Société de Géographie de Genève, *Le Globe;* pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Cenaculo*, *Educação e Ensino*, *Revista Technica Militar Consultiva*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Hochschul Nachrichten*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Diario Official do Amazonas*, *Diario Popular de S. Paulo*, *Jornal do Recife*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Estado de Minas*, *Nouveau Monde*, *Congresso Academico*; pelo socio Dr. Francisco B. Marques Pinheiro, *A Irmandade do S. Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Candelaria e o emprestimo decretado pelo alvará de 13 de Março de 1797*; pelo Sr. general F. Rafael de Mello Rego, *Limites de Goiaz com Mato-Grosso*, pelo socio Alfredo F. Rodrigues, *Estudos Historicos sobre o Rio-Grande do Sul;* pelo Sr. Presidente Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim sua *Mensagem* apresentada em 24 de Maio de 1897; pelo Sr. Pedro Chermont a obra intitulada *L'Etat de Pará*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 19 DE SETEMBRO DE 1897

Pelo Dr. Friedrich Katzer as suas obras, *Das Wasser des Unteren Amazonas*, *Der Streitige Golddistrit von Brazilianische Guyana*; pelos Srs. Carlos B. Cisneros y Romulo E. Garcia, *Geografia Commercial de la America del Sud*; pela National Geographic Society of Washington, *The National Geographic Magazine*; pela Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim*; pela Bibliotheca del Instituto Nacional de Santiago de Chile, *Bibliotheca Peruana*, *Apuntes para um catalogo de impressos*, entrega 1ª e 2ª; pela Officina Nacional de Immigracion, Estadistica y Propaganda Geografica de La Paz, *Cuestion de limites entre Bolivia y el Perú sobre la region de Canpolican ó*

Apolobamba ; pelo Sr. E. Abreo, *Subscripção Nacional para a defeza do Paiz*, *Relatorio* da commissão executiva vol. I, Documentos; pelo Instituto do Ceará, *Revista Trimensal*, tomo XI ; pelo Archivo Publico Mineiro, *Revista* ; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Revista Industrial de Minas-Geraes*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Archivo do Districto Federal*, *Revista Juridica*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista Spirita do Brazil* ; pelas respectivas redacções os seguintes jornaes: *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Nouveau Monde*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario Official do Amazonas* ; pelo socio general J. V. Couto Magalhães, 7ª *Conferencia para o tricentenario de Anchieta* ; pelo Sr. Luiz Carvalho uma medalha com a effigie do actor Francisco Corrêa Vasques; pelo Dr. Alfredo do Nascimento foi entregue um trabalho intitulado: *Etiologia e pathogenia da febre amarella pelo professor J. Sanarelli* (Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro); pelo Dr. Cezar Marques, da parte do socio Tenente-Coronel Raimundo Ciriano Alves da Cunha, um trabalho com o titulo *Limites da Republica com a Guiana Ingleza*, memoria justificativa dos limites do Brazil.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 3 DE OUTUBRO DE 1897

Pelo socio conselheiro Manoel Francisco Correia, *Relatorio* apresentado ao Presidente da Republica pelo Dr. Amaro Cavalcante, ministro da justiça e negocios interiores em Março de 1897. *Organização judiciaria do Districto Federal*, Decreto n. 392 de 8 de Outubro de 1896, reorganisando o Tribunal de Contas e Decreto n. 2409 que approva o regulamento do mesmo Tribunal, *Estatutos* da Associação Promotora dos Homens do Mar, *Appellação 387* (Supremo Tribunal Federal) appellante a Fazenda Nacional, appellada a Comp. do Lloyd Brazileiro *Appellação 341* (Supremo Tribunal Federal) appellante a Comp. do Lloyd Brazileiro, appellada a União Federal, *Discursos* pronunciados na sessão de 1896,

por M. de Moraes Barros, senador por S. Paulo; pelo Monsenhor Fergo O' Connor Dauntre, *Rosas, Francia y Melgarejo*; pelo Dr. Domingos Jaguaribe, *Conferencia* em favor da autonomia dos municipios realizada na capital do Ceará em 8 de Agosto de 1897; pelo Dr. Antonio de Gordon y de Acosta, *Discurso* lido el dia 6 de Janeiro de 1897 en el acto de la apertura del Tecer Despensario para Niños Pobres de la Habana etc; pela Sociedade de Geographia de Lisbôa, *Boletim* ns. 10, 11, 12; pelo Observatorio Astronomico Nacional do Mexico (Tacubaya), *Boletin*; pela Real Academia de ciencias y artes de Barcelona, *Boletin*; pelo Museum of Science and Arts of the University of Penssylvania, Philadelphia U. S. A. *Bulletin* n. 1; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Revista Mensal del Paraguay* ns. 14, 15, 17, *Revue Medico Cherurgicale du Brezil*, *Revista del Instituto Paraguayo*, *Revista Nacional*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Educação* e *Ensino*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Nouveau Monde*, *Triangulo Mineiro*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario Official do Amazonas*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim*; pelo socio conselheiro Manoel Francisco Correia, *Relatorio* apresentado ao Presidente da Republica pelo Dr. Joaquim Murtinho, ministro da industria viação e obras publicas em Maio de 1897; pelo Dr. Antonio Alfredo da Gama e Mello, Presidente do Estado da Parahiba, *Mensagem* apresentada á Assemblea Legislativa em 2 de Setembro de 1897; pelo censocio Tenente Coronel Borges Sampaio os objectos constantes da relação junta:

Relação dos objectos remettidos n'esta data ao Instituto Historico e Geographico do Brazil

1. Collecção de minhas observações meteorologicas (maximas, minimas, médias e oscillações) mensaes, annuaes e quinquenaes, de 1892 a 1896, com officio de 8 d'este mez, relativo.

1. Impressos (retalho), com o artigo do Dr. Draenert, Director do Instituto Zootechnico de Uberaba, sobre o clima de Uberaba, 1897.

1. Lei municipal de Uberaba, n. 3 de 19 de Dezembro de 1892, creando o imposto do sello municipal, com as duas estampilhas, de 200 rs. e 2$000 réis, que empregava.

1. Breve noticia sobre o vigario de Uberaba, Padre Antonio Jozé da Silva, com a copia da—Proposta, decreto e carta de apresentação – de sua collação 1820—1830.

1. Amostra de um mineral que suppõe-se ser petroleo, achado em Goiaz, com a breve noticia dada por Jozé Severino Soares, sobre o lugar onde se achou.

Uberaba, 12 de Setembro de 1897. *Antonio Borges de Sampaio*, socio correspondente.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 17 DE OUTUBRO DE 1897

Pelo Sr. Carlos P. Solas, *Agriculture l'esclavage l'industrie et le commerce dans la Province de Buenos-Aires;* pelo Ministerio de Relaciones Esteriores e Culto do Chile, *Reclamaciones apresentadas al Tribunal Anglo-Chileno* (1894—1896) em 5 tomos; pelo Dr. Carlos Costa, *Quinto supplemento do Catalogo systematico da Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;* pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Academia Nacional de Ciencias en Cordoba, *Boletin*; pela Sociedad de Geografia de Madrid, *Boletin*; pela Societá Geografica Italiana, *Boletino*; pela Société des Etudes Indo Chinoises de Saigon, *Bulletin*; pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales;* de Julio, Agosto, Setembro de 1877; pela Asociacion Mexicana «Leopoldo Rio de la Loza» *Composiciones*; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Asociacion Rural del Uruguay, Revista Mensual da Republica del Paraguay, Revista Industrial de Minas-Geraes, Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano,*

Revista da Escola Polytechnica, *Revista Juridica*, *Revista Nacional de Buenos-Aires*; pelas redacções os seguintes jornaes : *Jornal do Recife*, *Nouveau Monde*, *Diario Popular*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario de Pernambuco*, *Diario Official do Amazonas*; pelo socio Dr. Aristides Augusto Milton, afim de completar a collecção do Instituto, os *Annaes* do Senado Brazileiro correspondentes aos annos de 1886 a 1888 e 1891 a 1895; pelo Sr. Presidente, um manuscripto antigo mais ainda legivel de 22 paginas, contendo o parecer dos commissarios da capitania do Maranhão, relativo á divizão de limites entre esta e a capitania de Goiaz, datado de 9 de Agosto de 1815, acompanhado do voto divergente do commissario por parte de Goiaz, contestação, resolução tomada por termo, e mais documentos relativos ao assumpto; pelo socio Dr. Antonio de Toledo Piza, os vols. 21, 22, 23, dos seus *Documentos para a historia de S. Paulo;* pelo Sr. Alvarenga Fonseca, director geral da secretaria do Conselho Municipal do Districto Federal, *Manual do Intendente*, 3ª edição de 1897; pela Directoria da Sociedade Lyceo de Artes e Officios de Petropolis, um fasciculo com o mesmo titulo.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 31 DE OUTUBRO DE 1897

Pelo Dr. Paulino de Souza Junior, dous folhetos, *Reintegração de Funccionarios Publicos*, *Discurso* pronunciado na sessão de 5 de Junho de 1895 pelo mesmo ; pelo Dr. Theodoro Sampaio, *Conferencias Anchieta*, *São Paulo no tempo de Anchieta*, um folheto ; pela National Geographic Society, *The National Geographic Magazine* ; pela Société de Géographie Commerciale du Havre, *Bulletin* ; pela Sociedad Geografica de La Paz (Bolivia), *Conferencias y escritos cientificos del Dr. Don Augustin Aspiazu* ; pelo Grande Oriente do Brazil, *Boletim* ; pela Sociedad Meteorologica Uruguaya, *Servicio Pluviometrico*, *Resumen de las Observaciones Pluviometricas* ; pela Société Imperiale des Naturalistes de Moscou, *Bulletin* n. 4 ; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas ;

El Investigador, *Educação e Ensino*, *Revista da Escola Polytechnica*, *Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia e Asociacion Rural del Uruguay*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Estado de Minas*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Diario Official do Amazonas*, *Club Curitibano*, *Nouveau Monde*, *Congresso Academico*; pelo coronel Jozé Bernardino Bormann, um exemplar do trabalho de sua lavra, *Historia da Guerra do Paraguay*; pelo socio Julius Meili, o seo novo trabalho sobre as moedas do Brazil *Das brazilianische Geldwesen*, *von* Julius Meili, I, Theil die Mungen ou Colonie Brasilien 1645—1822—1897.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 21 DE NOVEMBRO DE 1897

Pelo Sr. Jozé Ramos Coelho sua obra, *Cambiantes*, poezias; pelo Dr. Gustavo Estienne a sua obra *Estrada de Ferro Brazil*, *Pacifico ou transcontinental Sul Americana*; pelo socio conselheiro Manoel Francisco Correia, *Relatorio* apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo ministro d'estado das relações exteriores Dionizio Evangelista de Castro Cerqueira em Junho de 1897, *Supplemento* ao mesmo relatorio; pelo Muzeo Nacional de Buenos-Aires, *Anales*, Memoria correspondiente ao anno de 1894, 1895, 1896; pela Oficina Meteorologica Argentina, *Anales*; pela Sociedad Cientifica Argentina de Buenos-Aires, *Anales*; pela Asociação Rural del Uruguay, *Revista*; pela Société de Géographie de Marseille, *Bulletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Société Imperiale des Naturalistes de Moscou, *Bulletin*, anno de 1897, 1°; pela Societá Geografica Italiana de Roma, *Bolletino*; pelo Dr. Francisco Lobo Leite Pereira, um folheto *Em busca das Esmeraldas*; pela Real Academia de la Historia de Madrid, *Boletin*; pela Sociedad Geografica de Madrid, *Boletin*; pelas respectivas redacções as seguintes Revistas: *Revista Nacional de Buenos Aires*, *Revista Mensual*

da Republica del Paraguay, *Revista del Instituto Paraguayo*, *Revista do Archivo Publico Mineiro*, *Revista Technica Militar Consultiva*, *Archivo do Districto Federal*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Nouveau Monde*, *Gazeta Commercial e Financeira*. *Diario Popular*, *Club Curitibano*, *Minas-Geraes*, *Diario Official do Amazonas*, *Jornal do Recife*, *Bomba*.

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 6 DE DEZEMBRO DE 1897

Pelo Sr. Jozé Bonifacio de Oliveira Coutinho, *Orçamento permanente*; pelo Sr. Alfredo de Carvalho, *Diario de um soldado das Indias Occidentaes*, 1629, 1632; pelo Dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo, *Hydrologia Medica Brazileira das aguas mineraes em geral e especialmente do Brazil*; pelo Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo, *Factos historicos da politica republicana brazileira e a scisão do partido republicano federal*; pela Secretaria dos negocios da justiça do Estado de S. Paulo, *Regulamentos da força publica do Estado de S. Paulo*; pela Sra. D. Ibrantina Cardona, *Plectros* (poezias); pela Royal Geographical Society of Australasia, *Proceedings and Transactions*; pela Société de Géographie de Paris, *Bulletin*; pela Société de Géographie Commerciale de Bordeaux, *Bulletin*; pela Societá Geografica Italiana de Roma, *Memorie*; pela Sociedad Geografica de La Paz (Bolivia) *Question de limites entre Bolivia e el Perú*; pela National Geographic Society of Washington, *The National Geographic Magazine*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim* N°. 10, 11; pelas redacções as seguintes Revistas: *Revista da Escola Polytechnica*, *Asociacion Rural del Uruguay*, *Revista Maritima*, *Revue Medico Chirurgicale*, *Revista Mensual del Paraguay*, *Revista Industrial de Minas-Geraes*, *Educação e Ensino*; pelo Sr. Amphilochio B. Freire de Carvalho, *Unidade Nacional e Federação*; pelas redacções os seguintes jornaes: *Jornal do Recife*, *Diario Popular de S. Paulo*, *Gazeta Commercial e Financeira*, *Nouveau Monde*, *Diario Official*

do Amazonas, Triangulo Mineiro, Bomba, Club Curitibano, Congresso Academico, Estado de Minas; pelo Sr. Visconde de Sanches de Baena, por intermedio do Dr. Luiz de Rezende, um exemplar de sua obra intitulada, *O Descobridor do Brazil, Pedro Alvares Cabral,* memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisbôa; pelo Sr. Miguel A. Galvão, *Relação* dos cidadãos que tomaram parte no Governo do Brazil no periodo de Março de 1808 a 15 de Novembro de 1889, *Reflexões sobre a historia e legislação da dizima da chancellaria.*

APRESENTADAS EM SESSÃO DE 12 DE DEZEMBRO DE 1897

Pela Geological Survey of the State of NewYork, *Paleontology,* vol III ; pela United States Geological Survey Sixteenth 4 vol. 1894 a 95, Seventeenth 1895 a 96, *Annual Report ;* pela Smithsoniam Institution, *Annual Report of the Board of Regents,* 2 vols ; pela American Historical Association, *Annual Report;* pela Akademie der Wissenschaften, *Deukschriten,* 3 vols, *Litzungsberichte,* 22 vols. *Abandlungen,* 1 vol ; pela Gesellschaft fur Erdkunde zu Berlin *Verhandlungen,* de 1 a 10, *Zeitschrift,* de 1 a 6 ; pela Vereinsifur Erdkunde Mitteilungen 1894 a 95; pela Akademie der Wissenchaften *Archiv;* pela Geographischen Gesellschaft in Wien *Mitteilungen ;* pela Physikalisch-*Ohononischen Gesellschaft zu Konigsberg in Pr. Schriften,* pela Oberhissischen Gesellschaft, *fur Naturund Heilkund Einundreissigster Bericht;* pela Geographischen Gesellschaft von Bern, *Jahresbericht* ; pela Biblothek der Geographischen Gesellschaft un Munchen, *Katalog;* pelo Musée Taylor, *Archives,* 2 vols; pela Academy of Sciences of the California, *Proceedings;* pela Academy of Philadelphia, *Proceedings,* 1895 a 97 ; pela Historical Society of Pennsylvania, *The Magazine of History and Biography;* pela United States Geological Survey, *Bulletin;* pela Manchester Literary Philosophical Society, *Memoirs and proceedings;* pela American Association of Salem, *Proceedings ;* pela Academy of Sciences

of Chicago, *Annual Report*, the lichen flora; pela Minnesota Academy of Natural Sciences of Minneapolis, *Birds and manuals*, *Bulletin;* pela American Jervish Historical Society, *Publications;* pela Société Normande de Géographie, *Bulletin;* pela Société Royale Belge de Géographie, *Bulletin;* pela Société de Statistique de Marseille, *Repertoire des travaux;* pela Société des Sciences de l'Yonne, *Bulletin;* pela Academie de Stanislas, *Memoires;* pela Sociétá Reale di Napoli, *Atti;* pelo Dr. Jozé A. Duarte, *Memoria sobre Calabar;* pela Societá Geografica Italiana, *Bolletino;* pela Société de Géographie de Paris, *Comptes Rendus:* pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, *Revista;* pelas respectivas redacções os seguintes jornaes: *Diario Popular*, *Triangulo Mineiro*, *Jornal do Recife*, *Diario Official do Amazonas*, *Gazeta Commercial e Financeira*; pelo Sr. Pereira da Costa Filho, *O ultimo livro do Dr. Oliveira Lima*, *Republica;* pelo socio Julius Meili, *Das Brazilianische Geldenwsen*, 1 vol.

ERRATA

Na memoria sobre a *Missão especial do General Mitre* publicada no tomo LX parte 1ª da *Revista Trimensal*, ha que fazer as seguintes correcções :

Pag.	7	linha	11	em vez de		«o que importava quebra da alliança» — «o que não...»
Pag.	11	»	18	»	»	«a negociação publica de que se lhe seguio» — «a negociação publica que...»
Pag.	12	»	6	»	»	«careciamos de dar resposta ás ultimas notas» — «careciamos da resposta ás ultimas notas»
Pag.	12	»	17	»	»	«a receber seos comprimentos» — «ao receber seos comprimentos»
Pag.	14	»	39	»	»	«facção» — «fracção»
Pag.	15	»	8	»	»	«á raça oppressora como opprimida» — «á raça oppressora como á opprimida.»
Pag.	18	»	15	»	»	«dos negocios dos estrangeiros» — «dos negocios estrangeiros.»
Pag.	20	»	20	»	»	«que meio mais inconveniente» — «que meio menos inconveniente»
Pag.	21	»	3	»	»	«se estivessem tratando» — «se tivesse tratado»
Pag.	21	»	14	»	»	«se respondesse» — «se respondem»
Pag.	21	»	25	»	»	«contramemoranduns» — «contra-memorandum»
Pag.	26	»	29	»	»	«Informou V. Ex.» — Informou S. Ex.»
Pag.	27	»	34	»	»	«contrariar» — «contrarias»
Pag.	29	»	31	»	»	«illudir» — «alludir»
Pag.	32	»	13	»	»	«a pedido do do Brazil, — «ao pedido do do Brazil»
Pag.	35	»	33	»	»	«retirando em paz» — retirando-me em paz.»
Pag.	39	»	27	»	»	«poder-se inda empregar-se» — «poder-se ainda empregar»
Pag.	46	»	15	»	»	«mostra a justiça com que» — «mostra a justiça que»
Pag.	46	»	38	»	»	«no sentido em que me indica» — «no sentido que me indica»
Pag.	47	»	23	»	»	«como para sobre o que devo fazer» — «como para saber o que devo fazer»
Pag.	51	»	penultima	»	»	«offensa internacional» — «offensa intencional.»
Pag.	66	»	19	em vez de		«molestamente — «modestamente»
Pag.	72	»	3	»	»	«conhecidos» — «conhecidas»
Pag.	72	»	6	»	»	«assumindo ella» — assumindo elle»
Pag.	72	»	23	»	»	«tivesse» — «tivessem»
Pag.	72	»	33	»	»	«Pedia para isso» — «Pedia por isso.»

Socios admitidos em 1897

	NACIONAES	ADMISSÃO
1	Amaro Cavalcanti, effectivo	6 Dezembro 1897
2	D. Francisco do Rego Maia, honorario	25 Julho »
3	D. Jeronymo Thomé da Silva, honorario	25 Julho »
4	D. Joaquim Arcoverde, honorario	31 Outubro »
5	Joaquim Silverio de Souza (padre) correspondente,	19 Setembro »
6	José Pedro Xavier da Veiga, correspondente	3 Março »
7	Luiz Alves da Silva Porto, benemerito	17 Outubro »
8	Luiz Martins do Amaral, idem	17 Outubro »
9	Tancredo do Amaral, correspondente	30 Junho »
	—	—
	EXTRANGEIROS	
1	Adrien de Gerlache, honorario	28 Outubro 1897
2	Antonio Ennes de Souza, honorario	31 Outubro »
3	Conde Wiener van den Steen de Jehay, honorario.	31 Outubro »

Socios falecidos em 1897

		OBITO
1	Alfredo Piragibe	13 Julho 1897
2	Antonio José Gomes Brandão	10 Julho »
3	Cesario Motta Junior	24 Abril »
4	Conde de Motta Maia (Claudio Velho da Motta Maia)	7 Novembro »
5	D. João Esberard	22 Janeiro »
6	João Severiano da Fonseca	7 Novembro »
7	Torquato Xavier Monteiro Tapajós	12 Novembro »
8	Visconde de Carvalhaes (Antonio Homem Loureiro de Siqueira)	26 Julho »
9	Visconde de Nogueira da Gama (Nicolau Antonio Vale Nogueira da Gama)	18 Outubro »
10	Visconde de Valdetaro (Manoel de Jesus Valdetaro)	15 Agosto »

BALANÇO

da tesouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1897

RECEITA

Saldo conforme o balanço de 1896	1:492$900
Subsidio do Governo Nacional (quota das loterias de Janeiro a Dezembro de 1897)	14:000$000
Juros de apolices no 1º semestre de 1897	1:680$000
Juros de 5 ações do emprestimo municipal (2 semestres vencidos um em 31 de Março e outro em 31 de Outubro de 1897)	60$000
Joia de entrada de socios, nota n. 1	60$000
Prestações semestraes de socios, nota n. 2	624$000
Remissão de socios, nota n. 3	100$000
Venda da *Revista Trimensal*, de um exemplar da Cronica da Companhia de Jezus pelo padre Simão de Vasconcelos e um dos Apontamentos istoricos, geograficos e noticiozos por M. E. Azevedo Marques	28$000
	18:044$900

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal* de 1896, tomo 59, doc. n. 1	6:548$000
Idem idem de 1897, tomo 60 (parte 1ª) doc. n. 2	2:910$000
Idem da "Integração da Nacionalidade Brazileira" pelo Barão Homem de Mello, doc. n. 3	300$000
Impressão de diplomas de socios e balanços, doc. n. 4	33$000
Aluguel de cadeiras, lustres, serpentinas, ramilhetes e festões para a sessão anniversaria de 1896, doc. n. 5, 6, 7	301$000
Despezas de expediente da secretaria, papel, tinta, lapis, etc., doc. n. 8, 9, 10	247$000
Despezas miudas feitas pela secretaria, doc. n. 11, 12, 13, 14	374$000
	10:713$000

Transporte....	10:713$000
Folha dos empregados (Bibliotecario, Escripturario, e Porteiro) de Janeiro a Dezembro de 1897, doc. n. 15 a 26.....	5:750$000
Porcentagem ao Cobrador na razão de 15 por cento sobre importancia da cobrança, doc. n. 27.....	95$400
	16:558$400

REZUMO

Receita.....	18:044$900
Despeza.....	16:558$400
Saldo.....	1:486$500

OBSERVAÇÕES

O saldo supra está sugeito ao pagamento da impressão da 2ª parte da *Revista Trimensal* de 1897, cuja conta ainda não foi aprezentada.

Para as despezas futuras tem o Instituto a receber os juros de suas apolices do 2º semestre do anno proximo findo na importancia de 1:680$000, além dos juros das mesmas apolices, a vencer de 1º d'este mez em diante, juros das apolices do emprestimo municipal, a vencer de Outubro proximo passado em diante, e contribuições sociaes, que se arrecadarem, isto é, joias de entrada, prestações semestraes e remissão de socios.

O Instituto continúa a possuir as 68 apolices da divida publica constantes da nota n. 4, tendo adquirido mais 25 ações do emprestimo municipal do valor de 200$000 cada uma, as quaes vão mencionadas na nota n. 5.

Junto aqui a relação das prestações semestraes, que se devem arrecadar no corrente anno de 1898, e vão mencionadas na nota n. 6.

Por esta nota vê-se, que a importancia por arrecadar é superior a 4:000$000; mas a cobrança nem sempre corresponde á cifra das prestações devidas. Não havendo pontualidade no pagamento, sucede constantemente, que no fim de cada anno a importancia arrecadada é inferior ao total do valor dos recibos expedidos e entregues ao Cobrador para fazer a arrecadação. No anno proximo findo (1897) a cobrança das prestações semestraes produzio apenas 624$000.

Vae sob n. 7 a nota dos socios, que ainda não solicitaram os respectivos diplomas, satisfazendo a joia de entrada, e sob n. 8 a nota de emolumentos devidos por expedição de diplomas.

Sob o n. 9 está a nota dos socios falecidos desde 1881 até agora com debito social por atrazo no pagamento das suas contribuições semestraes. Por ella vê-se, que importa esse debito na quantia de Rs. 7:319$000. Não se publica essa nota, ficando em manuscrito junto ao balanço para conhecimento da commissão de contas.

Sob n. 10 vae a relação dos socios izentos do pagamento de prestações semestraes.

Sob o n. 11 vae a nota da distribuição da *Revista Trimensal* nos annos de 1895, 1896 e 1897, e sob o n. 12 a nota dos exemplares da mesma Revista existentes em 31 de Dezembro ultimo no nosso archivo, assim como sob n. 13 a nota das obras existentes no mesmo archivo impressas ou doadas ao Instituto e expostas á venda.

Rio 8 de Janeiro de 1898.

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE
Tezoureiro

NOTA

N. 1

Joias de entrada pagas em 1897.

André Peixoto de Lacerda Verneck	20$000
Barão de Loreto	20$000
Henrique Marques de Santa Roza	20$000
	60$000

N. 2

Prestações semestraes pagas em 1897

Alfredo Ferreira Rodrigues, 1° semestre de 1897	6$000
Alfredo do Nascimento Silva, 1897	12$000
André Peixoto de Lacerda Verneck, 2º semestre de 1896, 1897	18$000
Antonio Borges de Sampaio, 1897	12$000
Antonio Joaquim de Macedo Soares, 1897	12$000
Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, 1891 a 1897	84$000
Antonio de Toledo Piza, 1896 a 1899*	48$000
Aristides Augusto Milton, 1897	12$000
Artur Sauer, 1897	12$000
Barão de Loreto, 2° semestre de 1896, 1897	18$000
Barão de Miranda Reis, 1897	12$000
Barão do Tefé, 1897	12$000
Belarmino Jozé de Souza, 1897	12$000
Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1897	12$000
Cincinato Cezar da Silva Braga, 1897	12$000
Evaristo Nunes Pires, 1897	12$000
Francisco Baptista Marques Pinheiro, 1897	12$000
Francisco Calheiros da Graça, 1897	12$000
Guilherme Studart, 1896, 1897	24$000
Henrique Marques de Santa Roza, 1° semestre de 1896, 1897	18$000
João Barboza Rodrigues, 1897	12$000
João Capistrano d'Abreo, 1897	12$000
	396$000

* Pagou adiantadamente as prestações semestraes de 1898 e 1899.

Transporte.....	396$000
João Carlos de Souza Ferreira, 1897.....	12$000
João Damasceno Vieira Fernandes, 1896, 1897.....	24$000
Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 189.....	12$000
Jozé Izidoro Martins Junior, 1897.....	12$000
Jozé Luiz Alves, 1897.....	12$000
Jozé Maria Velho da Silva, 1897.....	12$000
Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1897.....	12$000
Jozé Verissimo de Matos, 1897.....	12$000
Liberato de Castro Carreira, 1897.....	12$000
Luiz Cruls, 1897.....	12$000
Luiz Rodolfo Cavalcante d'Albuquerque, 1897.....	12$000
Marquez de Paranaguá, 1897.....	12$000
Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, 1897.....	12$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1897.....	12$000
Rafael Maria Galanti, 1897.....	12$000
Tomaz Garcez Paranhos Montenegro, 1897.....	12$000
Tristão de Alencar Araripe Junior, 1897.....	12$000
Visconde de Sinimbú, 1897.....	12$000
	624$000

N.

Remissão de socios

Antonio Borges de Sampaio.....	50$000
Paulino Nogueira Borges da Fonseca.....	50$000
	100$000

N. 4

Apolices da divida publica pertencentes ao Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

VALOR	N.° DE ORDEM	N.° DAS APOLICES	QUANDO ADQUIRIDAS
1.000$	1	2.873	Em 1885.
»	2	2.874	» *
»	3	6.750	Antes de 1881
»	4	10.034	Em 9 de Maio de 1891.
»	5	10.035	»
»	6	11.448	Em 14 de Fevereiro de 1885.

* Estas duas apolices foram adquiridas por legado do socio Dr. Ricardo Jozé Gomes Jardim. Todas as demais foram adquiridas por compra.

VALOR	N.° DE ORDEM	N. DAS APOLICES	QUANDO ADQUIRIDAS
1:000$	7	28.053	Em 12 de Abril de 1891.
»	8	30.825	»
»	9	31.175	»
»	10	33.208	»
»	11	37.131	Antes de 1881.
»	12	40.252	»
»	13	41.952	Em 12 de Abril de 1891.
»	14	44.424	»
»	15	44.425	»
»	16	50.890	»
»	17	50.961	Antes de 1891.
»	18	51.190	Em 1 de Abril de 1892.
»	19	67.904	Em 12 de Abril de 1891.
»	20	71.984	»
»	21	72.687	»
»	22	73.484	»
»	23	73.485	»
»	24	73.486	»
»	25	73.487	»
»	26	73.488	»
»	27	75.319	Antes de 1881.
»	28	75.320	»
»	29	78.328	Em 29 de Maio de 1891.
»	30	81.517	Em 12 de Abril 1891.
»	31	81.518	»
»	32	90.113	»
»	33	90.114	»
»	34	97 787	Antes de 1891.
»	35	97.998	Em 12 de Abril de 1891.
»	36	111.825	»
»	37	111.846	Antes de 1881.
»	38	118.123	Em 12 Abril de 1891
»	39	118.124	»
»	40	118.125	»
»	41	120.111	Antes de 1881.
»	42	129.311	Em 12 de Abril de 1891.
»	43	129.312	»
»	44	131.945	Antes de 1881.
»	45	133.249	Em 18 de Agosto de 1892.
»	46	113.360	Em 12 de Abril de 1891.
»	47	144.534	Em 1 de Abril de 1892.
»	48	144.535	»
»	49	144.536	»
»	50	144.537	»
»	51	146.731	Em 12 de Abril de 1891.
»	52	146.732	»
»	53	159.125	Antes de 1881.
»	54	165.661	Em 4 de Julho de 1892.
»	55	165.662	»

VALOR	N.° DE ORDEM	N. DAS APOLICES	QUANDO ADQUIRIDAS
1:000$	56	172.837	Em 8 de Outubro de 1887.
»	57	172.838	»
»	58	180.107	Em 4 de Julho de 1892.
»	59	180 108	»
»	60	182.940	Antes de 1881.
»	61	230.612	Em 29 de Maio de 1891.
»	62	234.988	Em Agosto de 1883.
»	63	234.989	»
»	64	253.680	Em 4 de Julho de 1892.
»	65	269.556	»
»	66	284.456	Em 1 de Abril de 1892.
600$	67	490	Em 1882.
»	68	1.336	»

N. 5

Ações do emprestimo municipal pertencentes ao Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

5 Ações do valor de 200$000 de juros de 6 por cento ao anno, sob n. de 53.185 a 53.189 donativo do socio Manoel Francisco Correia, feito em 20 de Julho de 1896.

10 Ações de igual valor e juros, sob n. de 15.953 a 15.962. Donativo do socio Luiz Alves da Silva Porto, feito em 17 de Outubro de 1897.

10 Ações de igual valor e juros, sob ns. de 15.963 a 15.972. Donativo do socio Luiz Martins do Amaral, feito em 17 de Outubro de 1897.

Estas 25 acções rendem semestralmente 150$000, cobrando-se os juros em 31 de Março e 31 de Outubro de cada anno.

N. 6

Prestações semestraes, que se devem arrecadar em 1898

Afonso Celso de Assis Figueiredo Junior, 1897, 1898.....	24$000
Alfredo Ernesto Jacques Ourique, 1892 a 1898.....	84$000
Alfredo Ferreira Rodrigues, 2° semestre 1897, 1898..... ...	18$000
Alfredo do Nascimento Silva, 1898.....	12$000
Amaro Cavalcante, 1898 e joia*.....	32$000
André Peixoto de Lacerda Verneck, 1898.....	12$000
Antonio Joaquim de Macedo Soares, 1898.....	12$000
Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, 1898.....	12$000

* Depois de organisado este balanço satisfez a importancia da joia de entrada e das prestações semestraes de 1898, que deve entrar na receita do corrente anno.

Antonio Martins d'Azevedo Pimentel, 1896, 1897, 1898	36$000
Antonio Olinto dos Santos Pires, 1897, 1898	24$000
Antonio Ribeiro de Macedo, 1897, 1898	24$000
Argemiro Antonio da Silveira, 1895 a 1898	48$000
Aristides Augusto Milton, 1898	12$000
Artur Indio do Brazil, 1890 a 1898	108$000
Artur Sauer, 1898	12$000
Artur Vianna de Lima, 1892 a 1898 e joia	104$000
Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, 1897, 1898	24$000
Barão de Loreto, 1898	12$000
Barão de Miranda Reis, 1898	12$000
Barão de Penedo, 1891 a 1898	96$000
Barão de Ramiz, 1892 a 1898	84$000
Barão de Ribeiro d'Almeida. 1891 a 1898	96$000
Barão do Rio Branco, 1891 a 1894	48$000
Barão de Tefé, 1898	12$000
Belarmino Jozé de Souza, 1898	12$000
Bento Severiano da Luz, 2° semestre de 1895 a 1898	42$000
Bernardo Saturnino da Veiga, 1894 a 1898	60$000
Brazilio Augusto Maxado d'Oliveira, 1897, 1898	24$000
Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1898	12$000
D. Carlos d'Amour, Bispo de Cuiabá, 1895 a 1898	48$000
Cincinato Cezar da Silva Braga, 1897, 1898	24$000
Evaristo Afonso de Castro, 1892 a 1898 e joia	104$000
Evaristo Nunes Pires, 1898	12$000
Feliciano Pinheiro Bitencourt, 1895 a 1898	48$000
Felisbelo Firmo de Oliveira Freire, 1897, 1898	24$000
Francisco Augusto Pereira da Costa, 1887 a 1898	144$000
Francisco Baptista Marques Pinheiro, 1898	12$000
Francisco Calheiros da Graça, 1898	12$000
Frederico Jozé de Sant'Anna Neri, 1891 a 1898 e joia	116$000
Guilherme Studart, 1898	12$000
Henrique Marques de Santa Roza, 1898	12$000
Ireneo Ceciliano Pereira Jofeli, 1892 a 1898	84$000
João Baptista Marques Perdigão de Oliveira, 2° sem. 1893 a 1898	66$000
João Barboza Rodrigues, 1898	12$000
João Capistrano d'Abreo, 1898	12$000
João Carlos de Souza Ferreira, 1898	12$000
João Damasceno Vieira Fernandes, 1898	12$000
João Jozé Pinto Junior, 1896, 1897, 1898	36$000
Joao Lucio de Azevedo, 1897, 1898	24$000
João Manoel Pereira da Silva, ** 1865 a 1887	267$000
João Vicente Leite de Castro, 1890 a 1898	108$000
Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, 2.° semestre de 1896, 1897, 1898 e joia	50$000
Joaquim Floriano de Godoi, 1889 a 1898	126$000
Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto, 1897, 1898	24$000
Joaquim Pires Maxado Portela, 1896, 1897, 1898	36$000
Joaquim Silverio de Souza, 2.° semestre 1867, 1898 e joia	38$000
Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1898	12$000
Jozé Antonio de Azevedo Castro, 1891 a 1898 e joia	116$000
Jozé Artur Montenegro, 2.° semestre de 1896, 1897, 1898	30$000

* Passou a socio onorario em 1895, ficando assim izento de prestações semestraes.

** Passou a socio onorario em 1887, ficando por isso dispensado de continuar a pagar prestações semestraes.

Jozé Candido Guilhobel, 1897, 1898	24$000
Jozé Domingues Codeceira, 1894, 1898	60$000
Jozé Egidio Garcez Palha, 1896, 1897, 1898	36$000
Jozé Francisco da Silveira Lima, 1897, 1898	24$000
Jozé Higino Duarte Pereira, 2.° semestre de 1896, 1897, 1898	30$000
Jozé Izidoro Martins Junior, 1898	12$000
Jozé Joaquim Correia de Almeida, 1896, 1897, 1898	36$000
Jozé Luiz Alves, 1898	12$000
Jozé Maria Velho da Silva, 1898	12$000
Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1898	12$000
Jozé Ricardo Pires d'Almeida, 1890 a 1898 e joia	128$000
Jozé de Saldanha da Gama, 1883 a 1898	192$000
Jozé Virissimo de Matos, 1898	12$000
Lafaiéte de Toledo, 2.° semestre de 1893 a 1898	66$000
Liberato de Castro Carreira, 1898	12$000
Luiz Cruls, 1898	12$000
Luiz de França Almeida Sá, 1896, 1897, 1898	36$000
Luiz Francisco da Veiga, 1869 a 1898	360$000
Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque, 1898	12$000
Manoel Baena, 1897, 1898	24$000
Manoel de Oliveira Lima, 1896, 1897, 1898	36$000
Marquez de Paranaguá, 1898	12$000
Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, 1898	12$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1898	12$000
Rafael Maria Galanti, 1898	12$000
Raimundo Ciriaco Alves da Silva, 2° semestre de 1895 a 1898	42$000
Rodolfo Marcos Teofilo, 1897 a 1898	24$000
Tancredo do Amaral, 2.° semestre de 1897, 1898 e joia	38$000
Tomaz Garcez Paranhos Montenegro, 1898	12$000
Tristão de Alencar Araripe Junior, 1898	12$000
Vicente Chermont de Miranda, 2.° semestre de 1895 a 1898 e joia*	62$000
Virgilio Martins de Mello Franco, 1897, 1898	24$000
Visconde de Sinimbú, 1898	12$000

N. 7

Socios que ainda não solicitaram os respectivos diplomas

Amaro Cavalcante	Admitido em	6 de Dez. 1897
Artur Viana de Lima	»	12 de Agosto 1891
Barão do Penedo	»	12 de Agosto 1841
Evaristo Afonso de Castro	»	14 de Agosto 1891
Frederico Jozé de Sant'Anna Neri	»	13 de Nov. 1875
Joaquim Aurelio Nabuco d'Araujo	»	27 de Set. 1896
Joaquim Silverio de Souza	»	19 de Set. 1897
Jozé Antonio d'Azevedo Castro	»	24 de Julho 1880
Jozé Ricardo Pires d'Almeida	»	25 de Out. 1895
Tancredo do Amaral	»	30 de Jun. 1897
Vicente Chermont de Miranda	»	31 de Agosto 1896

* Depois de organizado este balanço satisfez a importancia da joia de entrada, e das prestações semestraes devidas de 1895 a 1897, a qual deve entrar na receita do corrente anno de 1898.

N. 8

Emolumento de diplomas por arrecadar em 1898

Luiz Alves da Silva Porto, pela expedição do diploma de socio benemerito	50$000
Luiz Martins do Amaral, idem	50$000
Visconde de Assis Martins, idem	50$000
Luiz Rodrigues de Oliveira, pelo diploma de socio onorario	20$000

N. 9

Socios falecidos com debito por atrazo no pagamento de suas contribuições sociaes desde 1881 até 1897

Esta nota inclue o nome de socios falecidos com debito, e por ella vê-se, que o total do debito importa na soma de 7:319$000.

Não vae impressa, ficando anexa em manuscrito ao balanço para conhecimento da commissão de contas.

N. 10

Socios izentos do pagamento de prestações semestraes

Socios onorarios

Barão de Alencar.
Barão de Capanema.
Barão Homem de Mello.
Cezar Augusto Marques.
D. Francisco do Rego Maia.
Henrique Raffard.
D. Jeronimo Tomé da Silva.
João Alfredo Correia de Oliveira.
Jozé Francisco Diana.
Luiz Rodrigues de Oliveira.
Manoel Duarte Moreira d'Azevedo.
Manoel Francisco Correia.
Olegario Herculano d'Aquino Castro.
D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo.
Tristão de Alencar Araripe.

Socios benemeritos

Antonio Jozé Dias de Castro.
Barão de Ibiapaba.
Barão de Mendes Tota.
Barão de Quartim.
Candido Gaffrée.
Conde de Figueiredo.
Conde de Leopoldina.

Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe.
Francisco de Paula Mairink.
Joaquim Jozé de França Junior.
Luiz Alves da Silva Porto.
Luiz Antonio da Silva Penedo.
Luiz Augusto d'Almeida.
Luiz Jozé Lecoq de Oliveira.
Luiz Martins do Amaral.
Luiz Ribeiro Gomes.
Manoel Jozé da Fonseca.
Manoel de Matos Gonçalves.
Manoel Vicente Lisboa.
Tobias Lauriano Figueira de Mello.
Urbano de Faria.
Visconde de Assis Martins.
Visconde de Moraes.

Socios remidos

Angelo Tomaz do Amaral.
Antonio Borges de Sampaio.
Barão do Desterro.
Barão de Guajará.
Barão do Ladario.
João Mendes de Almeida.
Jozé Vieira Couto de Magalhães.
Paulino Nogueira Borges da Fonseca.
Tito Franco de Almeida.
Visconde de Barbacena.
Visconde de Ibituruna.

N. 11

Distribuição da Revista Trimensal nos annos de 1895, 1896 e 1897

ANNOS	EXEMPLARES			
	NA CAPITAL FEDERAL	NOS ESTADOS	NO EXTERIOR	TOTAL
1895.....	126	94	130	350
1896.....	134	96	130	370
1897.....	136	102	130	368
	396	292	390	1.088

Sobre a distribuição anterior da *Revista Trimensal*, veja-se a nota n. 1 do balanço parcial de Janeiro a Março de 1895, que está junto ao balanço geral do mesmo anno.

Esta nota da distribuição é verificada pelo Escriturario Francisco Martins Guimarães.

N. 12

Exemplares da Revista Trimensal existentes no archivo em 31 de Dezembro de 1897

ANNOS	EXEMPLARES	ANNOS	EXEMPLARES	ANNOS	EXEMPLARES
1839.....	.....	1858.....	.....	1878.....	380
1840.....	21	1859.....	.....	1879.....	410
1841.....	340	1860.....	85	1880.....	534
1842.....	321	1861.....	170	1881.....	240
1843.....	810	1862.....	160	1882.....	310
1844.....	302	1863.....	48	1883.....	460
1845.....	141	1864.....	230	1884.....	420
1846.....	169	1865.....	93	1885.....	581
1847.....	205	1866.....	192	1886.....	429
1848*.....	220	1867.....	260	1887.....	501
1848.....	470	1868.....	259	1888.....	481
1849.....	265	1869.....	155*	1889.....	526
1850.....	260	1870.....	185	1890.....	347
1851.....	239	1871.....	250	1891.....	440
1852.....	410	1872.....	311	1892.....	489
1853.....	450	1873.....	320	1893.....	500
1854.....	374	1874.....	260	1894.....	529
1855.....	460	1875.....	350	1895.....	495
1856.....	.....	1876.....	370	1896.....	770
1857.....	.....	1877.....	350	1897.....	862*

Esta nota do depozito da *Revista Trimensal* é verificada pelo Escriturario Francisco Martins Guimarães.

* Parte 1ª.

N. 13

Obras impressas pelo Instituto Istorico e Geografico Brazileiro e obras a elle doadas existentes no archivo em 31 de Dezembro de 1897

Apontamentos istoricos, geograficos, biograficos e noticiozos da provincia de São-Paulo por M. E. d'Azevedo Marques..... 75

Breves anotações á Memoria do Visconde de São-Leopoldo... 230

Chile e Brazil. Sessão solemne do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro em homenagem á Nação chilena, e consagrada á oficialidade do *Almirante Cochrane*..... 1.200

Christovão Colombo e o descobrimento da America: conferencia pelo conselheiro João Manoel Pereira da Silva..... 478
Colombo: poema de Manoel de Araujo Porto-Alegre..... 358
Conferencia politico-moral, por Jozé Ferrari..... 25
Corografia Istorica etc., pelo Dr. A. J. de Mello Moraes (1° vol.)..... 4
Grammar and Vocabulary of tupi language, by John Luccock.. 53
Homenagem do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro ao Sr. D. Pedro II..... 700
Homenagem a S. M. o Imperador. Sessão extraordinaria em comemoração do seu falecimento..... 863
Juizo sobre a obra intitulada "Corografia Paraense, etc." por Jozé Joaquim Maxado de Oliveira..... 14
Novo Orbe Serafico Brazilico, por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão..... 200
Oblação do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro á memoria do seo prezidente onorario o Sr. D. Afonso, augusto primogenito de SS. MM. II ... .
L'Oyapoc et l'Amazone, por Joaquim Caetano da Silva (tom. 2) 5
Poezias de Francisco de Borja Garção Stokler..... 300
Quinquagenario do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro. Sessão imperial em 21 de Outubro de 1888 (supl. ao tom. 51).. 938
Sessão solemne a Christovão Colombo..... 896
Viagens pelo interior de Minas-Geraes, por Virgilio Martins de Mello Franco..... 170
Vida e feitos de Alexandre de Gusmão..... 113

Catalogos

Catalogo dos livros da biblioteca do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro..... 380
Catalogo dos manuscritos do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro..... 590
Catalogo dos manuscritos do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro. (2ª serie)..... 280
Catalogo das cartas geograficas, hidrograficas, atlas, planos, e vistas existentes na biblioteca do Instituto..... 580

Verificada esta nota pelo Escriturario Francisco Martins Guimarães

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LX

PARTE SEGUNDA

PAG.

A Republica e a Federação no Brazil. Memoria pelo dr. Aristides Augusto Milton 5

Extrangeiros illustres no Brazil. Doutor Couty, esboço biographico pelo visconde de Taunay..... 75

Augusto Leverger (Barão de Melgaço). Dados biographicos colligidos pelo visconde de Taunay..... 89

A Independencia no Brazil, pelo dr. Moreira d'Azevedo 97

Esclarecimentos historicos, pelo conselheiro Manoel Francisco Correia..... 105

Descripção geografica da capitania do Ceará, pelo coronel de engenheiros A. J. Silva Paulet, rectificada pelo dr. Liberato de Castro Carreira..... 109

Inventario das peças de ouro e prata pertencentes á cathedral e capella imperial do Rio de Janeiro (cópia anotada pelo padre Belarmino Jozé de Souza)..... 135

Palavras guaranis 145

Paço municipal da cidade do Rio de Janeiro..... 149

Participação da morte do Duque de Cadaval, sucedida na Bahia. 151

Opinião de um frade capuxinho sobre a escravidão no Brazil em 1791..... 156

Libertação de escravos por occasião da guerra da independencia nacional 159

Informações sobre a ilha de Fernando de Noronha..... 161

Restituição da ilha da Trindade ao Brazil..... 165

PAG.

O Instituto Historico e Geografico Brazileiro desde a sua fundação até hoje, pelo dr. Olegario Herculano d'Aquino e Castro..... 171
Conta apresentada a um noivo a 24 de Janeiro de 1807 em uma villa de Minas Geraes..... 203
Noticias da expedição belga ao pólo antartico dadas pela imprensa fluminense..... 205
Notas de João Guilherme Ratcliff escritas no livro intitulado Principes éternels de politique constitutionelle..... 235
Singelos apontamentos sobre o capitão d'artilharia João Baptista Marques da Cruz, pelo visconde de Taunay..... 279
Actas das sessões do anno de 1897..... 303
Sessão magna anniversaria do Instituto Historico e Geografico Brazileiro no dia 15 de Dezembro de 1897..... 416
Discurso de abertura pelo vice-presidente conselheiro Manoel Francisco Correia..... 417
Relatorio do 1.° secretario Henrique Raffard..... 423
Discurso do orador dr. Alfredo do Nascimento Silva..... 449
Eleição da meza administrativa para o anno de 1898..... 493
Relação das offertas..... 497
Errata..... 519
Socios admitidos em 1897..... 521
Socios falecidos em 1897..... 521

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06373 7228